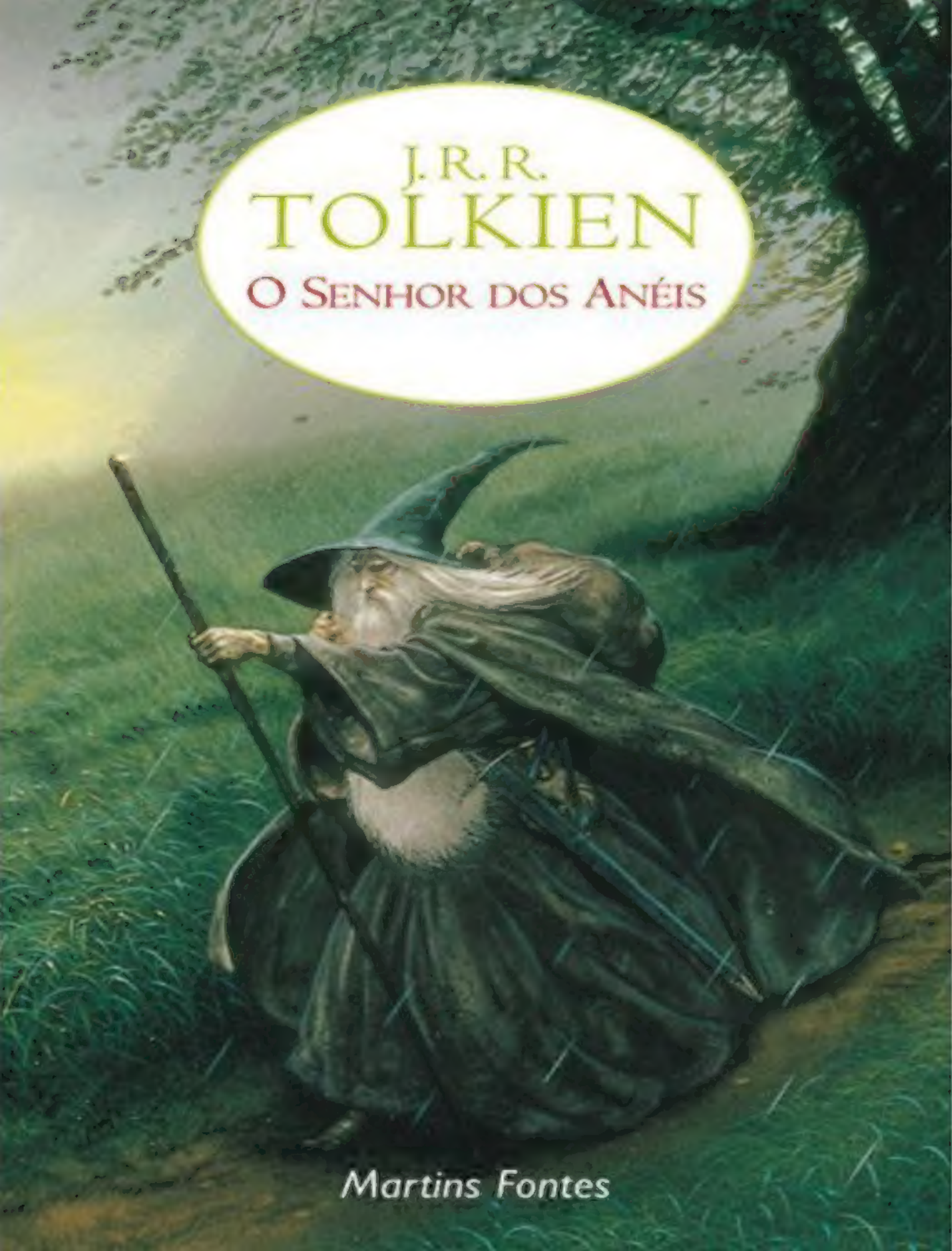

J. R. R.
TOLKIEN
O Senhor dos Anéis
Martins Fontes

J. R. R. TOLKIEN

O SENHOR DOS ANÉIS

VOLUME ÚNICO

TRADUÇÃO
LENITA MARIA RIMOLI ESTEVES
Mestre em Tradução pela Universidade de Campinas
ALMIRO PISETTA
Professor de Literatura de Língua Inglesa
da Universidade de São Paulo
REVISÃO TECNICA E CONSULTORIA
RONALD EDUARD KYRMSE
Membro da Tolkien Society e do grupo linguístico "Quendily"
COORDENAÇÃO
Luís Carlos Borges
-2001-
Editado no formato digital em 2011 por O Exilado de Marília

Esta obra foi publicada originalmente em inglês por Harper Collins Publishers Ltd com o título THE LORD OF THE RINGS.
O autor J. R. R. Tolkien, se outorga o direito moral de ser identificado como o autor desta obra.
-Tolkien, J. R. R, 1892-1973.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Esta nova tradução brasileira de O Senhor dos Anéis foi feita a parti da edição integral em um volume, *The Lord of the Rings*, Londres, *Harper Collins Publishers*, 1991, e submetida à apreciação de Frank Richarc Williamson e Christopher Reuel Tolkien, executores do espólio de Joh Ronald Reuel Tolkien.

A tradução ficou a cargo de Lenita Maria Rimoli Esteves, Mestre e Tradução pelo Instituto de Estudos Lingüísticos da UNICAMP. A revi do texto e a tradução dos poemas foram realizadas por Almiro Pisetta, Professor de Literatura de Língua Inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da USP.

Ronald Eduard Kyrmse, membro da *Tolkien Society* e de seu grupo de estudos lingüísticos, *"Quendily"*, especialista na obra de J. R. R. Tolkier encarregou-se da revisão final.

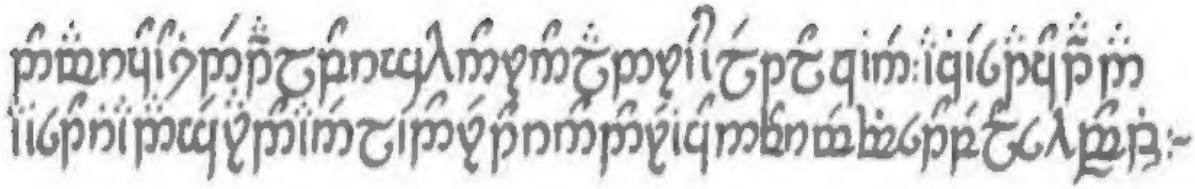
A tradução dos nomes próprios fundamentou-se nas diretrizes sugeridas em J. R. R. Tolkien, *Guide to the Names in The Lord of the Rings*, in Jarred Lobdeli (editor), *A Tolkien Compass, Baliantine Books*, Nova York, 1980, e Jim Allan, *"The Giving of Names", in Jim Allan (editor), An Introduction Elvish, Bran's Head Books, Hayes*, 1978.

As runas e os caracteres fëanorianos no frontispício deste livrc significam:

"The Lord of the Rings translated from the Red Book of Westmarch by John Rona Reuel Tolkien. Herein is set forth the history of The War of the Ring and the retur of the King as seen by the hobbits".

Se vertidas para o português, as inscrições assumiriam a seguinte forma:

O SENHOR DOS ANÉIS TRADUZIDO DO LIVRO VERMELHO



do Marco Ocidental por John Reuel Tolkien. Aqui está contada a história d
Guerra do Anel e do retorno do Rei conforme vista pelos hobbits.

De maneira similar, a última linha da inscrição no túmulo de Balin, p
339, vertida para o português, seria escrita da seguinte forma:

BALIN, FILHO DE FUNDIN, SENHOR DE MORIA

O EDITOR

Três Anéis para os Reis-Élficos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais, fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.
Um Anel para a todos governar,
Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.

PREFÁCIO

Esta história cresceu conforme foi sendo contada, até se tornar uma história da Grande Guerra do Anel, incluindo muitas passagens da histórias ainda mais antiga que a precedeu. O conto foi iniciado logo depois que *O Hobbit* foi escrito e antes de sua publicação, em 1937; mas não continuou nessa sequência, pois eu queria primeiro completar e colocar em ordem a mitologia e as lendas dos Dias Antigos, que já vinham tomando forma havia alguns anos. Quis fazer isso para minha própria satisfação, e tinha alguma esperança de que outras pessoas ficassem interessadas nesse trabalho, especialmente por ser ele fruto de uma inspiração primordialmente linguística, e por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo "histórico" necessário para as línguas élficas.

Quando aqueles a quem pedi opinião e aconselhamento corrigiram *alguma esperança por nenhuma esperança*, eu voltei à sequência, encorajado pelos leitores que solicitavam mais informações sobre os hobbits e suas aventuras. Mas a história foi levada irresistivelmente em direção ao mundo mais antigo e tornou-se, por assim dizer, um relato de seu fim e extinção, antes que o início e o meio tivessem sido contados. O processo havia começado enquanto eu estava escrevendo *O Hobbit*, no qual já havia algumas referências ao material mais antigo: Elrond, Gondolin, os Altos-Elfos e os orcs, além de passagens que surgiram espontaneamente e tratavam de coisas mais elevadas ou profundas ou obscuras do que poderiam parecer à primeira vista: Durin, Moria, Gandalf, o Necromante e o Anel. A descoberta da importância dessas passagens e de sua relação com as histórias antigas revelou a Terceira Era e seu apogeu na Guerra do Anel.

Aqueles que pediram por mais informações sobre os hobbits finalmente as conseguiram, mas tiveram de esperar um longo tempo, pois a composição de *O Senhor dos Anéis* aconteceu em intervalos entre os anos de 1936 e 1949, um período no qual eu tinha muitos deveres que não negligenciei, e muitos outros interesses como estudante e professor que frequentemente me absorviam. A demora, sem dúvida, aumentou com o estouro da guerra em 1939, e no final desse ano eu ainda não tinha

terminado o Livro I. Apesar da escuridão dos cinco anos seguintes, descobr que a história não podia ser inteiramente abandonada, e continuei de maneira árdua, principalmente à noite, até parar perante o túmulo de Balin em Moria. Ali fiz uma pausa prolongada. Já se passara quase um ano quando comecei de novo, e então cheguei a Lothlórien e ao Grande Rio, no final d 1941. No ano seguinte escrevi os primeiros rascunhos do material que agora representa o Livro III e os inícios dos Capítulos I e III do Livro V, e quando os faróis se iluminaram em Anórien e Théoden chegou ao Val Harg, eu parei. A previsão falhara e não havia tempo para reconsiderar.

Foi durante 1944 que, deixando as pontas soltas e as perplexidades de uma guerra que eu tinha por tarefa conduzir, ou ao menos reportar, eu me forcei a lidar com a viagem de Frodo a Mordor. Esses capítulos, qu finalmente se tornaram o Livro IV, foram escritos e enviados em forma d seriado ao meu filho, Christopher, que naquela época estava na África d Sul com a *Royal Air Force*. Todavia, passaram-se mais cinco anos até o cont chegar ao seu fim atual; nesse tempo, troquei de casa, de cargo e de universidade, e, embora os dias fossem menos sombrios, não eram menos árduos. Então, quando o "final" fora atingido, a história inteira precisava se revisada e, na verdade, em grande parte reescrita. E precisava se datilografada, e redatilografada, por mim; o custo do trabalho de um profissional que usava os dez dedos estava além das minhas possibilidades.

O Senhor dos Anéis foi lido por muitas pessoas desde que finalmente foi lançado na forma impressa, e eu gostaria de dizer algumas coisas aqui, com referência às muitas suposições ou opiniões, que obtive ou li, a respeito dos motivos e do significado da história.

O motivo principal foi o desejo de um contador de histórias de tenta fazer uma história realmente longa, que prendesse a atenção dos leitores, que os divertisse, que os deliciasse e às vezes, quem sabe, os excitasse ou emocionasse profundamente. Como parâmetro eu tinha apenas meus próprios sentimentos a respeito do que seria atraente ou comovente, e para muitos o parâmetro foi inevitavelmente uma falha constante. Algumas pessoas que leram o livro, ou que de qualquer forma fizeram uma crítica dele, acharam-no enfadonho, absurdo ou desprezível; e eu não tenho razões para reclamar, uma vez que tenho opiniões similares a respeito do trabalho

dessas pessoas, ou dos tipos de obras que elas evidentemente preferem. Mas, mesmo do ponto de vista de muitos que gostaram de minha história, há muita coisa que deixa a desejar. Talvez não seja possível numa história longa agradar a todos em todos os pontos, nem desagradar a todos nos mesmos pontos; pois, pelas cartas que recebi, percebo que as passagens ou capítulos que para alguns são uma lástima são especialmente aprovados por outros. O leitor mais crítico de todos, eu mesmo, agora encontra muitos defeitos, menores e maiores, mas, felizmente, não tendo a obrigação de criticar o livro ou escrevê-lo novamente, passará sobre eles em silêncio, com a exceção de um defeito que foi notado por alguns: o livro é curto demais.

Quanto a qualquer significado oculto ou "mensagem" na intenção do autor, estes não existem. O livro não é nem alegórico e nem se refere a fatos contemporâneos. Conforme a história se desenvolvia, foi criando raízes (no passado) e lançou ramos inesperados: mas seu tema principal foi definido no início pela inevitável escolha do Anel como o elo entre este livro e *O Hobbit*. O capítulo crucial, "A sombra do passado", é uma das partes mais antigas do conto. Foi escrito muito antes que o prenúncio de 1939 se tornasse uma ameaça de desastre inevitável, e desse ponto a história teria sido desenvolvida essencialmente na mesma linha, mesmo que o desastre tivesse sido evitado. Suas fontes são coisas que já estavam presentes na mente muito antes, ou em alguns casos já escritas, e pouco ou nada foi modificado pela guerra que começou em 1939 ou suas sequelas.

A verdadeira guerra não se assemelha à guerra lendária em seu processo ou em sua conclusão. Se ela houvesse inspirado ou conduzido o desenvolvimento da lenda, então certamente o Anel teria sido apreendido e usado contra Sauron; este não teria sido aniquilado, mas escravizado, e Barad-dûr não teria sido destruída, mas ocupada. Saruman, não conseguindo se apoderar do Anel, teria em meio à confusão e às traições da época, encontrado em Mordor as conexões perdidas em suas próprias pesquisas sobre a Tradição do Anel, e logo teria feito um Grande Anel para si próprio, com o qual poderia desafiar o pretenso soberano da Terra-média. Nesse conflito, ambos os lados teriam considerado os hobbits com ódio e desprezo: estes não teriam sobrevivido por muito tempo, nem mesmo como escravos.

Outros arranjos poderiam ser criados de acordo com os gostos ou as visões daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem "aplicabilidade" com "alegoria"; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.

É claro que um autor não consegue evitar ser afetado por sua própria experiência, mas os modos pelos quais os germes da história usam o solo da experiência são extremamente complexos, e as tentativas de definição do processo são, na melhor das hipóteses, suposições feitas a partir de evidências inadequadas e ambíguas. Também não é verdadeiro, embora seja naturalmente atraente, quando as vidas de um autor e de um crítico se justapõem, supor que os movimentos do pensamento e os eventos das épocas comuns a ambos tenham sido necessariamente as influências mais poderosas. Na verdade, é preciso estar pessoalmente sob a sombra da guerra para sentir totalmente sua opressão; mas, conforme os anos passam, parece que fica cada vez mais esquecido o fato de que ser apanhado na juventude por 1914 não foi uma experiência menos terrível do que ficar envolvido com 1939 e os anos seguintes. Em 1918, todos os meus amigos íntimos, com a exceção de um, estavam mortos. Ou, para falar de um assunto menos triste: algumas pessoas supuseram que "O expurgo do Condado" reflete a situação da Inglaterra na época em que eu terminava minha história. Isso não é verdade. Esse capítulo é uma parte essencial do enredo, previsto desde o início, embora neste episódio tenha sido modificado pelo modo como o caráter de Saruman se configura na história, sem, é preciso que eu diga, qualquer significado alegórico ou referência política de qualquer tipo. Ele tem de fato alguma base na experiência, embora pequena (a situação econômica era totalmente diferente), e muito anterior. O lugar em que vivi na infância estava sendo lamentavelmente destruído antes que eu completasse dez anos, numa época em que automóveis eram objetos raros (eu nunca tinha visto um) e os homens ainda estavam construindo

ferrovias suburbanas. Recentemente vi num jornal a fotografia da ruína do outrora próspero moinho de milho ao lado de seu lago que muito tempo atrás me parecia tão importante. Jamais gostei da aparência do Moleiro jovem, mas seu pai, o Moleiro velho, tinha uma barba preta, e seu nome não era Ruivão.

PRÓLOGO

A RESPEITO DE HOBBITS

Em grande parte, este livro trata de hobbits, e através de suas páginas o leitor pode descobrir muito da personalidade deles e um pouco de sua história. Informações adicionais podem ser obtidas na seleção feita a partir do Livro Vermelho do Marco Ocidental, já publicada sob o título de *O Hobbit*. Essa história originou-se dos primeiros capítulos do Livro Vermelho escritos pelo próprio Bilbo, o primeiro hobbit a se tornar famoso no mundo todo, e chamados por ele de *Lá e de Volta Outra Vez* porque relatavam a sua viagem para o Leste e sua volta: uma aventura que mais tarde envolveria todos os hobbits nos grandes acontecimentos daquela Era relatados aqui.

Entretanto, muitos podem desejar desde o início saber mais sobre esse povo notável, uma vez que alguns podem não possuir o primeiro livro. Para esses leitores, aqui vão algumas notas sobre os pontos mais importantes dos hobbits, e um rápido resumo da primeira aventura.

Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranquilidade e uma boa terra lavrada: uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito. Hoje, como no passado, não conseguem entender ou gostar de máquinas mais complicadas que um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual, embora sejam habilidosos com ferramentas. Mesmo nos tempos antigos, eles geralmente se sentiam intimidados pelas "Pessoas Grandes", que é como nos chamam, e atualmente nos evitam com pavor e estão se tornando difíceis de encontrar. Têm ouvidos agudos e olhos perspicazes, e, embora tenham tendência a acumular gordura na barriga e a não se apressar desnecessariamente, são ligeiros e ágeis em seus movimentos. Possuem, desde o início, a arte de desaparecer rápida e silenciosamente, quando pessoas grandes que não desejam encontrar aparecem pelos caminhos aos trambolhões; e desenvolveram essa arte a tal ponto que para os homens ela pode parecer magia. Mas os hobbits na verdade nunca estudaram qualquer tipo de magia, e sua habilidade para desaparecer se

deve somente a um talento profissional que a hereditariedade, a prática e uma relação íntima com a terra tornaram inimitáveis por raças maiores e mais desengonçadas.

São um povo pequeno, menores que os anões: menos robustos e troncudos, quer dizer, mesmo que na realidade não sejam muito mais altos, a sua altura é variável, indo de 60 centímetros a 1 metro e 20 centímetros em nossa medida. Raramente chegam a 1 metro e meio; mas eles diminuíram pelo que dizem, e em tempos antigos eram maiores. De acordo com o Livro Vermelho, Bandobras Túk (Urratouro), filho de Isengrim II, tinha 1 metro 33 centímetros de altura e conseguia montar um cavalo. Ele só foi superado em todos os recordes hobbitianos por dois personagens famosos de antigamente, mas essa interessante questão é tratada neste livro.

Quanto aos hobbits do Condado, enfocados nesses contos, nos tempos de paz e prosperidade eram um povo alegre. Vestiam-se com cores vivas gostando notadamente de verde e amarelo, mas raramente usavam sapatos uma vez que seus pés tinham solas grossas como couro e eram cobertos por pelos grossos e encaracolados, muito parecidos com os que tinham na cabeça, que eram geralmente castanhos. Dessa forma, o único ofício pouco praticado entre eles era a manufatura de sapatos, mas tinham dedos longos habilidosos e podiam fazer muitas outras coisas úteis e graciosas. Em geral seus rostos eram mais simpáticos que bonitos; largos, com olhos brilhantes, bochechas vermelhas e bocas prontas para rir e para comer e beber. Assim eles riam, comiam e bebiam, frequentemente e com entusiasmo, gostando de brincadeiras a qualquer hora, e também de cinco refeições por dia (quando podiam tê-las). Eram hospitaleiros e adoravam festas e presentes que ofereciam sem reservas e aceitavam com gosto.

É fato que, apesar de um estranhamento posterior, os hobbits são nossos parentes: muito mais próximos que os elfos, ou mesmo que os anões. Antigamente, falavam a língua dos homens, à sua própria maneira, e em grande parte gostavam e desgostavam das mesmas coisas que os homens.

Mas qual é exatamente nosso parentesco não se pode mais descobrir. A origem dos hobbits se situa nos Dias Antigos, agora perdidos e esquecidos Apenas os elfos preservam registros dessa época extinta, e suas tradições tratam quase que inteiramente de sua própria história, na qual os homens

aparecem raramente e os hobbits não são mencionados. Mas não há dúvida de que os hobbits, de fato, viveram sossegadamente na Terra-média por muitos anos antes que qualquer outro povo tomasse conhecimento deles. E estando o mundo afinal de contas cheio de inumeráveis criaturas estranhas, esse pequeno povo parecia ter muito pouca importância. Mas na época de Bilbo e de Frodo, seu herdeiro, eles repentinamente se tornaram, sem que c desejassem, tanto importantes quanto renomados, e atrapalharam as deliberações dos Sábios e dos Grandes.

Aqueles dias, a Terceira Era da Terra-média, já se passaram há muitc tempo, e o formato de todas as terras foi mudado; mas as regiões habitadas pelos hobbits dessa época são sem dúvida as mesmas onde eles ainda permanecem: o Noroeste do Velho Mundo, a Leste do Mar. De sua terr natal, os hobbits da época de Bilbo não preservavam nenhum conhecimento. O amor por aprender coisas novas (que não fossem registros genealógicos) estava longe de ser comum entre eles, mas ainda restavam alguns nas famílias mais antigas que estudavam seus próprios livros, e até reuniam relatos de tempos antigos e terras distantes feitos por elfos, anões e homens. Seus próprios registros começaram apenas depois da fundação dc Condado, e suas lendas mais antigas raramente são anteriores aos seus Dias Errantes. Entretanto, está claro, a partir dessas lendas e das evidências de suas palavras e hábitos peculiares, que os hobbits, como muitos outros povos, se dirigiram para o Oeste no passado. Suas histórias mais antigas parecem ser de um tempo em que eles moravam nos vales superiores de Anduin, entre a orla da Grande Floresta Verde e as Montanhas Sombrias. Já não se conhec com certeza a razão pela qual empreenderam a tarefa árdua e perigosa de atravessar as montanhas e chegar até Eriador. Seus próprios depoimentos falam da multiplicação dos homens na terra, e de uma sombra que desceu sobre a floresta, de modo que esta ficou escura e seu nome passou a ser Floresta das Trevas.

Antes de atravessar as montanhas, os hobbits já se haviam divididc em três raças relativamente diferentes: Pés-peludos, Grados e Cascalvas. O Péspeludos tinham a pele mais escura, eram menores e mais baixos, nãc tinham barbas ou botas; suas mãos e pés eram destros e ágeis e eles preferiam as regiões serranas e as encostas de montanhas. Os Grados tinham uma

constituição mais encorpada e pesada: suas mãos e pés eram maiores, e preferiam planícies e regiões banhadas por rios. Os Cascalvas tinham a pele e o cabelo mais claros, eram mais altos e esguios que os outros e eram amantes de árvores e florestas.

Os Pés-peludos tinham muito a ver com os anões em épocas antigas e viveram por muito tempo nos pés das montanhas. Migraram cedo em direção ao oeste, e vagaram até Eriador chegando ao Topo do Vento enquanto os outros ainda estavam nas Terras Ermas. Eram a variedade mais comum e representativa de hobbits, e sem dúvida a mais numerosa. Eram os mais inclinados a se acomodar em um único lugar, e preservaram por mais tempo o hábito ancestral de viver em túneis e tocas.

Os Grados permaneceram por mais tempo ao longo das margens do Grande rio Anduin, e eram menos reservados em relação aos homens. Migraram, para o Oeste depois dos Pés-peludos e seguiram o curso do Ruidoságua em direção ao sul, e ali muitos deles moraram por um longo tempo entre Tharbad e os limites da Terra Parda, antes de rumar para o Norte novamente.

Os Cascalvas, os menos numerosos, eram um ramo do Norte. Tinham um contato mais amigável com os elfos do que os outros hobbits, e tinham mais habilidade com línguas e música do que com trabalhos manuais. E desde antigamente preferiam caçar a lavrar a terra. Eles cruzaram as montanhas ao norte de Valfenda e desceram o rio Fontegris. Em Eriador rapidamente se mesclaram com os outros tipos que os haviam precedido, mas, sendo relativamente maiores e mais aventureiros, eram frequentemente tidos como líderes ou chefes entre os clãs de Pés-peludos ou de Grados. Mesmo no tempo de Bilbo, ainda se podiam notar os fortes traços de Cascalvas entre as famílias maiores, como os Túks e os Mestres da Terra dos Buques.

Na região oeste de Eriador, entre as Montanhas Sombrias e as Montanhas de Lún, os hobbits encontraram tanto homens quanto elfos. Na verdade, ainda morava lá um remanescente dos Dúnedain, os reis dos homens que chegaram do Ponente pelo Mar; mas eles estavam desaparecendo rapidamente, e as terras de seu Reino do Norte estavam se deteriorando por toda a região. Havia espaço de sobra para os que

chegavam, e logo os hobbits começaram a se assentar em comunidades organizadas. Muitas de suas comunidades mais antigas tinham desaparecido e caído em total esquecimento na época de Bilbo; mas uma das primeiras a se tornar importante ainda permanecia, embora reduzida em tamanho; situava-se em Bri e na Floresta Chet que ficava nas redondezas, a umas quarenta milhas do Condado.

Foi nesses tempos primordiais, sem dúvida, que os hobbits aprenderam suas letras e começaram a escrever na maneira dos Dúnedain [1], que por sua vez tinham aprendido a arte muito antes com os elfos. E nessa época eles também esqueceram todas as línguas usadas anteriormente, e depois disso sempre falaram a Língua Geral, o Westron, que era como a chamavam nas terras dos reis desde Arnor até Gondor, e em toda a costa marítima desde Belfalas até Lúri. Mesmo assim, eles ainda preservavam do passado algumas palavras próprias, bem como seus próprios nomes de meses e dia e uma grande quantidade de nomes de pessoas.

Por volta dessa época, as lendas entre os hobbits se tornaram pela primeira vez história, com uma contagem de anos. Pois foi no ano 1601 da Terceira Era que os irmãos Cascalvas, Marcho e Blanco, partiram de Bri, tendo obtido permissão do rei em Fornost, cruzaram o escuro rio Barandum acompanhados de muitos hobbits. Atravessaram a Ponte dos Arcos de Pedra, construída na época de poder do Reinado do Norte, e tomaram toda terra além dela para ali morar, entre o rio e as Colinas Distantes. Tudo que se exigia deles era que fizessem a manutenção da Grande Ponte e de todas as outras pontes e estradas, que facilitassem a passagem dos mensageiros do rei e que reconhecessem seu poder.

Assim teve início o *Registro do Condado*, pois o ano em que cruzaram o rio Brandevin (assim rebatizado pelos hobbits) se tornou o Ano Um do Condado, e todas as datas posteriores se baseiam nessa[2]. Imediatamente os hobbits do Oeste se apaixonaram por sua nova terra e lá permaneceram, e assim rapidamente mais uma vez desapareceram da história dos homens e dos elfos. Enquanto ainda havia um rei, eram seus súditos nominais; mas na verdade eram governados por seus próprios líderes e não se misturavam de modo algum com os acontecimentos do mundo lá fora. Na última batalha em Fornost contra o Rei dos Bruxos de Angmar, enviaram alguns arqueiro

para ajudar o rei, ou pelo menos assim afirmavam, embora nenhuma história dos homens confirme a informação. Mas com aquela guerra o Reinado do Norte acabou; e então os hobbits tomaram a terra para si próprios, e escolheram entre seus próprios chefes um Thain para ocupar o lugar de autoridade do rei que havia partido. Ali, por mil anos, tiveram poucos problemas com guerras, e prosperaram e se multiplicaram depois da Peste Negra (R.C. 37) até o desastre do Inverno Longo e a penúria que o seguiu. Milhares pereceram nessa época, mas os Dias de Privação já estavam distantes na época desta história, e os hobbits tinham se acostumado novamente com a fartura. A terra era rica e boa, e, embora já estivesse abandonada por muito tempo quando lá chegaram, fora bem cultivada antes, e ali o rei possuíra muitas fazendas, plantações de milho, vinhedos e bosques.

A terra se estendia por 120 milhas desde as Colinas Distantes até a Ponte do Brandevin, e por 150 milhas dos pântanos do norte até os charcos do sul. Os hobbits a chamaram de Condado, sendo a região de autoridade de seu Thain e um distrito de negócios bem-organizados; e ali, naquele canto agradável do mundo, exerceram sua bem organizada atividade de viver e prestavam cada vez menos atenção ao mundo de fora, onde coisas obscuras aconteciam, chegando a pensar que paz e fartura fossem a regra na Terra-média e o direito de todas as pessoas sensatas. Esqueceram ou ignoravam o pouco que sabiam dos Guardiões e dos trabalhos daqueles que possibilitavam a paz prolongada do Condado. Na verdade, eles estavam protegidos, mas deixaram de se lembrar disso.

Em tempo algum, hobbits de qualquer tipo foram amantes da guerra, e nunca guerrearam entre si. Em tempos antigos, é claro, viram-se frequentemente obrigados a lutar para se manterem num mundo difícil; mas na época de Bilbo esta já era uma história muito antiga. A última batalha antes de esta história começar, e na verdade a única que aconteceu dentro dos limites do Condado, estava além da memória viva: a Batalha dos Campos Verdes, R.C. 1147, na qual Bandobras Túk expulsou os orcs que tinham invadido a região. Até mesmo o clima ficara mais ameno, e os lobos que uma vez chegavam famintos fugindo do Norte, durante amargos invernos brancos, eram apenas uma história contada pelos avós. Dessa

forma, embora ainda houvesse um pequeno estoque de armas no Condado, estas eram usadas geralmente como troféus, penduradas sobre lareiras ou nas paredes, ou reunidas no museu em Grã Cava. A Casa-mathom, er como se chamava; pois qualquer coisa que os hobbits não fossem utilizar imediatamente, mas que não quisessem jogar fora, eles chamavam de *mathom*. Suas moradias podiam vir a ficar cheias de *mathoms*, e muitos dos presentes que passavam de mão em mão eram desse tipo.

Entretanto, a paz e a tranquilidade tinham tornado este povc curiosamente resistente. Se a situação exigisse, eram difíceis de intimidar ou matar e eram, talvez, tão incansavelmente afeiçoados às coisas boas quanto, quando necessário, capazes de passar sem elas, e podiam sobreviver à ação rude da tristeza, do clima ou do inimigo de um modo que surpreendia aqueles que não os conheciam direito e não enxergavam além de suas barrigas e de seus rostos bem-alimentados. Embora demorassem para discutir e não matassem nenhum ser vivente por esporte, eram valentes quando em apuros, se fosse preciso sabiam ainda manejar armas. Atiravam bem com o arco pois seus olhos eram perspicazes e certeiros no alvo. Não apenas com arco e flechas. Se qualquer hobbit se abaixasse para pegar uma pedra era bom logo se proteger, como bem sabiam todos os animais transgressores.

Todos os hobbits viviam originalmente em tocas no chão, ou assim acreditavam, e nesse tipo de moradia ainda se sentiam mais à vontade; mas com o passar do tempo foram obrigados a adotar outros tipos de habitação. Na verdade, no Condado da época de Bilbo, geralmente apenas os mai ricos e os mais pobres mantinham o antigo hábito. Os mais pobres foram viver em tocas do tipo mais primitivo, na verdade meros buracos com apenas uma ou nenhuma janela, enquanto os abastados ainda construíam versões mais luxuosas das escavações simples de antigamente. Mas locais adequados para esses tipos de túneis grandes e ramificados (ou *smials*, como os chamavam) não se encontravam em qualquer lugar, e nas planícies e nos distritos baixos os hobbits, conforme se multiplicavam, começaram a construir acima do solo. Na verdade, mesmo nas regiões montanhosas das aldeias mais antigas, como a Vila dos Hobbits ou Tuqueburgo, ou no distrito principal do Condado, que se chamava Grã Cava e ficava sobre as Colina Brancas, havia agora muitas casas de madeira, tijolo ou pedra. Estas eran

especialmente preferidas por mineiros, ferreiros, cordoeiros e carreteiros e outros profissionais do tipo, pois mesmo na época em que tinham tocas onde morar, os hobbits já estavam havia muito tempo acostumados a construir oficinas e barracões.

Afirmava-se que o hábito de construir celeiros e casas-grandes teve início entre os habitantes do Pântano, na região do rio Brandevin. Os hobbit dessa região, a Quarta Leste, eram bastante grandes e tinham pernas volumosas, e usavam botas de anões quando o tempo estava úmido e havia lama no chão. Mas eram conhecidos por ter uma boa quantidade de sangue Grado, como de fato se demonstrou pela penugem que muitos deles tinham no queixo. Nenhum dos Pés-peludos ou dos Cascalvas tinha qualquer sina de barba. Na verdade, o pessoal do Pântano, e da Terra dos Buques, a leste do Rio, que eles ocuparam posteriormente, vieram em sua maior parte para o Condado mais tarde, procedendo do Sul; e ainda tinham muitos nomes peculiares e usavam palavras estranhas não encontradas em nenhuma outra região do Condado.

É provável que o ofício da construção, além de muitos outros ofícios, tenha sido copiado dos Dúnedain. Mas os hobbits podem ter aprendido diretamente com os elfos, os professores dos homens quando jovens. Pois os elfos da Alta Linhagem ainda não haviam abandonado a Terra-média e naquela época ainda moravam nos Portos Cinzentos, no longínquo Oeste, e em outros lugares dentro dos domínios do Condado. Três torres élficas de tempos imemoriais ainda podiam ser vistas nas Colinas das Torres, além das fronteiras do Oeste. Brilhavam de longe à luz da lua. A mais alta ficava mai distante, erguendo-se solitária sobre uma colina verde. Os hobbits da Quarta Oeste diziam que se podia ver o Mar do alto daquela torre; mas jamais se soube de um hobbit que tivesse estado lá. Na verdade, poucos hobbits já tinham visto o Mar ou navegado nele, e menos ainda retornaram para contar o que fizeram. A maioria dos hobbits encarava mesmo os rios e pequenos barcos com grande apreensão, e poucos sabiam nadar. E conforme os dias do Condado se alongavam, eles falavam cada vez menos com os elfos, e se tornaram receosos deles, e desconfiados daqueles que tinham relações com eles; o Mar se tornou uma palavra ameaçadora e um sinônimo de morte, e deram as costas para as colinas e o Oeste.

O oficio da construção pode ter vindo dos elfos ou dos homens, mas os hobbits o usavam a sua própria maneira. Não gostavam de torres. Suas casas eram geralmente compridas, baixas e confortáveis. Os tipos mais antigos eram, na verdade, nada mais que imitações construídas de *smials*, cobertas com grama seca ou palha ou turfa, e com paredes de certo modo arqueadas. Esse estágio, entretanto, pertenceu aos primeiros tempos do Condado, e as construções dos hobbits tinham sido alteradas havia muito, aprimoradas por métodos aprendidos com os anões ou desenvolvidos por eles próprios. Uma preferência por janelas e mesmo por portas redondas era a peculiaridade mais importante da arquitetura hobbit.

As casas e tocas dos hobbits do Condado eram sempre grandes, e habitadas por grandes famílias. (Bilbo e Frodo Bolseiro, sendo solteiros, eram muito incomuns, como eram também em muitos outros pontos, (como por exemplo em sua amizade com os elfos). Algumas vezes, como no caso de Túks de Grandes Smials, ou os Brandebuques da Sede do Brandevin, muitas gerações de parentes viviam em (relativa) paz, juntos numa mansão ancestral e de muitos túneis. Todos os hobbits, de qualquer modo tinham tendência a viver em clãs, e tratavam seus parentes com muita atenção e cuidado. Desenhavam grandes e elaboradas árvores genealógicas com ramos inumeráveis. Em se tratando de hobbits é importante lembrar quem é parente de quem, e em que grau. Seria impossível neste livro esboçar uma árvore genealógica que incluísse mesmo apenas os mais importantes membros das famílias mais importantes da época da qual esses contos trataram. As árvores genealógicas no final do Livro Vermelho do Marco Ocidental são em si um pequeno volume, e todos, com a exceção dos hobbits, as considerariam excessivamente enfadonhas.

Os hobbits se deliciavam com esse tipo de coisas, quando eram precisas: gostavam de ter os livros repletos de coisas que já conheciam, colocadas preto no branco, sem contradições.

A RESPEITO DA ERVA-DE-FUMO

Existe uma outra coisa a respeito dos hobbits que deve ser mencionada, um hábito surpreendente: eles inspiravam ou inalavam, através de um tubo de barro ou madeira, a fumaça derivada da queima de

folhas de uma erva que chamavam de *erva-de-fumo* ou *folha*, provavelmente uma variedade *Nicotiana*. Um mistério enorme envolve a origem desse hábito peculiar, "arte", como os hobbits preferiam chamá-lo. Tudo o que se pôde descobrir sobre isso na antiguidade foi recolhido por Meriadoc Brandebuque (depois Mestre da Terra dos Buques), e, uma vez que ele e o tabaco da Quarta Sul têm um papel na história que se segue, suas observações na introdução de seu *Registro das Ervas do Condado* merecem transcrição:

"Esta", diz ele, "é uma arte que se pode certamente descrever como uma invenção nossa. Quando os hobbits começaram a fumar não se sabe, nenhuma lenda ou história familiar questiona o assunto; por muito tempo as pessoas do Condado fumaram várias ervas, algumas mais fortes, outras mais suaves. Mas todos os registros concordam com o fato de que Tobo Corneteiro, do Vale Comprido, na Quarta Sul, cultivou pela primeira vez verdadeira erva-de-fumo em seus jardins na época de Isengrim II, por volta do ano 1070 do Registro do Condado. As melhores ervas de cultivo doméstico ainda vêm desse distrito, especialmente as variedades hoje conhecidas como Folha do Vale Comprido, Velho Toby e Estrela do Sul.

"Como o Velho Toby encontrou a planta não está registrado, pois até o dia de sua morte não o disse a ninguém. Sabia muito sobre ervas, mas não era um viajante. Comenta-se que em sua juventude ele sempre ia a Bri embora certamente nunca tenha ido além desse ponto. Dessa forma, é muito possível que tenha conhecido essa planta em Bri, onde atualmente, de qualquer modo, ela cresce muito bem nas encostas da colina voltadas para o Sul. Os hobbits de Bri dizem ter sido os primeiros a realmente fumar a erva-de-fumo. Eles dizem, é claro, que fizeram tudo antes das pessoas do Condado, a quem se referem como "colonos"; mas neste caso acredito que o que dizem é correto. E certamente foi de Bri que a arte de fumar a erva genuína se espalhou nos séculos recentes entre anões e outros povos semelhantes, guardiões, magos, ou andarilhos, que ainda passavam indo e vindo por aquela encruzilhada antiga. O reduto e o centro da arte podem desse modo ser encontrados na velha hospedaria de Bri, *O Pônei Saltitante*, conservada pela família de Carrapicho desde tempos imemoriais."

"Mesmo assim, as observações que fiz em minhas viagens para o Su

me convenceram de que a erva não é nativa da nossa parte do mundo, mas veio do norte do Anduin inferior, e até ali foi trazida, suspeito eu, originalmente do outro lado do Mar por homens de Ponente. Ela cresce de forma abundante em Gondor, e ali é mais rica e maior que no Norte, onde nunca é encontrada na forma selvagem e floresce apenas em lugares cobertos e aquecidos como o Vale Comprido. Os homens de Gondor a chamam de doce galenas, e a estimam somente pela fragrância de suas flores. Dessa terra ela deve ter sido levada através do Caminho Verde durante os longos séculos entre a vinda de Elendil e os dias atuais. Mas mesmo os Dúnedam de Gondor nos dão este crédito: os hobbits pela primeira vez colocaram a erva em cachimbos. Nem mesmo os magos pensaram nisso antes que nós. Apesar de um mago que eu conheço ter aderido à arte há muito tempo, tornando-se habilidoso nela como em qualquer outra coisa em que se mete."

SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO CONDADO

O Condado se dividia em quatro partes, as Quartas já citadas, Norte Sul, Leste e Oeste; e estas por sua vez novamente se dividiam em vário povoados, que ainda levam os nomes de algumas das famílias mais importantes, embora no tempo desta história esses nomes não fossem mais encontrados apenas em seus próprios povoados. Quase todos os Túks ainda viviam na Terra dos Túks, mas não se pode dizer o mesmo de muitas outras famílias, como os Bolseiros e os Boffins. Para além das Quartas ficavam o Marcos Leste e Oeste: a Terra dos Buques (p. 102); e o Marco Ocident adicionado ao Condado em R.C. 1462.

Nessa época o Condado mal tinha um "governo". Na maioria da vezes as famílias cuidavam de seus próprios negócios. Cultivar comida e comê-la ocupava a maior parte de seu tempo. Em outros assuntos eles eram em geral, generosos e não gananciosos, mas satisfeitos e moderados, de modo que terras, fazendas, oficinas e pequenos comércios tendiam a permanecer inalterados por gerações.

Permanecia, é claro, a antiga tradição, acerca do Alto Rei de Fornost ou Cidadela do Norte, como chamavam o lugar ao norte do Condado. Ma não tinha havido um rei por mais de mil anos, e mesmo as ruínas do Rei da

Cidadela do norte estavam cobertas pelo mato. Mas os hobbits ainda comentavam sobre povos selvagens e coisas perversas (como trolls) que não tinham ouvido falar do rei. Pois eles atribuíam ao rei de outrora todas as suas regras essenciais; e geralmente mantinham as leis do livre-arbítrio, pois estas eram As Regras (como diziam), tão antigas quanto justas.

É verdade que a família Túk tinha se destacado havia muito tempo pois o ofício de Thain tinha passado a eles (dos Velhobuques) alguns séculos antes, e o chefe Túk levava o título desde essa época. O Thain era o mestre do Tribunal do Condado, e capitão das Tropas do Condado e dos Hobbit em armas, mas como tribunais e exércitos só eram organizados em tempo de emergência, que não ocorriam mais, o título de Thain não era agora mais que uma honraria. A família Túk ainda era, na verdade, tratada com um respeito especial, pois permanecia numerosa e extremamente rica, e tinha habilidades de produzir em cada geração grandes personalidades de hábitos peculiares e até de temperamento aventureiro. Esta última qualidade entretanto, era atualmente mais tolerada (nos ricos) do que propriamente aprovada. Permaneceu o costume, entretanto, de se referir ao chefe da família como O Túk, e de se adicionar ao seu nome, se necessário, um numero: como Isengrim II, por exemplo.

O único cargo oficial no Condado nessa época era o de Prefeito Grã Cava (e do Condado), que era eleito a cada sete anos na Feira Livre na Colinas Brancas no Lithe, isto é, no Solstício de Verão. Como Prefeito, quase seu único dever era presidir banquetes, oferecidos nos feriados do Condado, que ocorriam a intervalos frequentes. Mas os cargos de Agente Postal e do Primeiro Condestável foram acrescentados ao de Prefeito, de modo que este gerenciava tanto o Serviço de Mensagens como a Patrulha. Estes eram os únicos funcionários do Condado, e os Mensageiros eram os mais numerosos e os mais ocupados dos dois. Os hobbits não eram, de modo algum, todos letrados, mas os que eram escreviam constantemente para todos os seus amigos (e para alguns de seus parentes) que viviam em lugares mais distantes do que uma caminhada vespertina podia alcançar.

"Condestáveis" foi o nome que os hobbits deram à sua polícia, ou ao seu equivalente mais próximo. Eles não tinham, obviamente, uniformes (essas coisas eram desconhecidas por eles), só uma pena em seus chapéus; e

na prática estavam mais para pastores que para policiais, mais envolvidos com animais perdidos que com pessoas. Havia apenas doze deles em todo o Condado, três em cada Quarta, para Trabalho Interno. Uma corporação bem maior, que variava em tamanho conforme a necessidade, estava encarregada de "bater as fronteiras" e cuidar que os forasteiros de qualquer tipo, grandes ou pequenos, não se transformassem num incômodo.

Na época em que esta história começa, os Fronteiros, como eram chamados, tinham aumentado bastante. Havia muitos relatos e reclamações de pessoas e criaturas estranhas rondando as fronteiras, ou a região delas: o primeiro sinal de que nem tudo estava como deveria estar, e sempre havia estado, a não ser nas histórias e lendas de antigamente. Poucos perceberam o sinal, e até mesmo Bilbo não tinha qualquer noção do que isso representava. Sessenta anos haviam se passado desde que partira em sua memorável viagem, e estava velho mesmo em se tratando de hobbits, que geralmente chegavam aos cem anos; mas ele evidentemente ainda conservava a riqueza considerável que havia trazido. A quantidade nunca fora revelada a ninguém, nem mesmo a Frodo, seu "sobrinho" favorito. E ainda guardava em segredo o Anel que havia achado.

SOBRE O ACHADO DO ANEL

Como se narra em O Hobbit, um dia chegou à porta de Bilbo o grande mago, Gandalf, o Cinzento, e treze anões junto com ele: na realidade ninguém mais que Thorin Escudo de Carvalho, descendente de reis, e seus doze companheiros de exílio. Com eles partiu, para sua grande surpresa, numa manhã de abril, no ano de 1341, de acordo com o Registro do Condado, na busca de grandes riquezas, o tesouro acumulado pelos anões e pertencente aos Reis sob a Montanha abaixo de Erebor em Valle, no extremo Leste. A busca foi bem-sucedida e o dragão que guardava o tesouro foi destruído. Mas, embora antes que tudo estivesse terminado, a Batalha dos Cinco Exércitos tenha sido travada e Thorin tenha sido morto, e muitos feitos importantes tenham acontecido, o assunto não teria sido de muito interesse para a história posterior, ou merecido mais que uma nota nos longos anais da Terceira Era, se não fosse por um "acidente". O grupo foi assaltado por orcs numa passagem nas Montanhas Sombrias enquanto ia

para as Terras Ermas; e então aconteceu que Bilbo ficou perdido por um tempo nas escuras minas dos orcs sob as montanhas, e ali, quando tateava em vão no escuro, ele pôs a mão sobre um anel que estava no chão de um túnel. Colocou-o no bolso. Na hora, isso pareceu mera sorte.

Tentando achar a saída, Bilbo desceu até as raízes das montanhas, até que não pudesse ir adiante. No chão do túnel ficava um lago frio, longe da luz, e numa ilha de pedra sobre a água vivia Gollum. Era uma criatura repugnante: remava um pequeno barco com seus grandes pés chatos, e escrutando com olhos pálidos e luminosos e pegando peixes cegos com longos dedos e comendo-os crus. Comia qualquer coisa viva, até mesmo orcs, se pudesse capturá-los e estrangulá-los sem esforço. Possuía um tesouro secreto, que tinha chegado até ele muito tempo atrás, quando ainda vivia na luz: um anel de ouro que fazia com que quem o usasse se tornasse invisível. Era a única coisa que amava, seu "precioso", e conversava com o mesmo quando não o tinha consigo. Guardava-o seguro num esconderijo, um buraco em sua ilha, a não ser quando estava caçando ou espionando orcs das minas.

Talvez ele tivesse atacado Bilbo imediatamente se estivesse com o anel quando se encontraram; mas não estava, e o hobbit segurava uma faca branca, que lhe servia de espada. Então, para ganhar tempo, Gollum desafiou Bilbo para um jogo de charadas, dizendo que, se propusesse uma charada que Bilbo não conseguisse adivinhar, poderia matá-lo e comê-lo. Por outro lado, se Gollum fosse derrotado, faria o ordenado por Bilbo: conduzi-lo a saída dos túneis.

Já que estava perdido no escuro e sem esperanças, não podendo ir adiante e nem voltar, Bilbo aceitou o desafio e eles propuseram um ao outro muitas charadas. No final Bilbo ganhou o jogo, mais por sorte ao que parece do que por esperteza; pois tinha ficado em apuros sem ter nenhuma charada a propor, e gritou, quando sua mão alcançou o anel que tinha apanhado e esquecido: O que eu tenho no meu bolso? Isso Gollum não conseguiu responder, embora tivesse exigido três chances. As Autoridades, é verdade, discordam quanto a essa última pergunta ser uma mera "pergunta" ou uma "charada", de acordo com as regras estritas do Jogo; mas todos concordam que, depois de aceitá-la e tentar acertar a resposta, Gollum

se obrigava a cumprir sua promessa. E Bilbo o pressionou a manter sua palavra, pois lhe ocorreu que essa criatura gosmenta poderia voltar atrás, embora essas promessas fossem consideradas sagradas, e desde antigamente apenas as criaturas mais perversas não temiam quebrá-las. Mas depois de muito tempo sozinho no escuro, Gollum coração negro, e a traição morava nele, escapou e voltou à sua ilha, da qual Bilbo não sabia coisa alguma, não muito distante na água escura. Ali, pensou, estava seu anel. Estava faminto agora, e raivoso, e se o seu "precioso" estivesse com ele, não temeria qualquer tipo de arma.

Mas o anel não estava na ilha; ele o havia perdido, sumira. Seu chiado causou arrepios em Bilbo, embora ele ainda não tivesse entendido o que havia acontecido. Mas Gollum tinha descoberto a resposta, tarde demais. *O que ele tem nos ssseus bolssssos?*, gritou ele. A luz em seus olhos era como uma chama verde, e ele correu de volta para matar o hobbit e recuperar seu "precioso". Bilbo percebeu o perigo em tempo, e fugiu cegamente pela passagem para longe da água; e mais uma vez foi salvo por sua sorte. Pois enquanto corria colocou a mão no bolso, e o anel escorregou-lhe no dedo. Foi assim que Gollum passou por ele sem vê-lo, e seguiu em frente para guardar a saída, para que o "ladrão" não fugisse. Cuidadosamente, Bilbo o seguiu, conforme ele ia em frente, xingando e conversando consigo mesmo sobre seu "precioso"; dessa conversa Bilbo finalmente descobriu a verdade, e recuperou a esperança na escuridão: ele próprio tinha encontrado o anel e uma chance de escapar dos orcs e de Gollum.

Finalmente pararam perante uma abertura escondida, que levava até os portões inferiores das minas, no lado leste das montanhas. Ali Gollum se agachou, farejando e escutando, e Bilbo se sentiu tentado a matá-lo com sua espada. Mas teve pena, e embora mantivesse o anel, no qual estava sua única esperança, não o usaria como um recurso para matar a criatura ignóbil em desvantagem. No final, juntando toda sua coragem, pulou por cima de Gollum no escuro, e fugiu pela passagem, seguido pelos gritos de ódio e desespero de seu inimigo: *Ladrão, ladrão! Bolseiro! Nós odeia ele para sempre!*

É curioso o fato de que essa não é a história que Bilbo contou inicialmente a seus companheiros. Para estes, disse que Gollum havia

prometido dar-lhe um *presente* se ele ganhasse o jogo; mas quando Gollum foi pegá-lo em sua ilha descobriu que o presente havia sumido: um anel mágico, que lhe tinha sido dado em seu aniversário havia muito tempo. Bilbo adivinhou que era exatamente esse anel que ele havia encontrado, e como tinha ganhado o Jogo, o anel já era seu por direito. Mas, estando numa situação difícil, não disse nada, e obrigou Gollum a mostrar-lhe a saída como recompensa em vez do presente. Esse relato Bilbo colocou em suas memórias e parece nunca tê-lo alterado, nem mesmo depois do Conselho de Elrond. Evidentemente isso ainda constava no Livro Vermelho original, da mesma forma que em varias cópias e resumos. Mas muitas cópias contém a história verdadeira (como uma alternativa), derivada sem dúvida das notas de Frodo ou Samwise; ambos souberam a verdade, embora não parecessem dispostos a apagar qualquer coisa já escrita pelo velho hobbit.

Gandalf, entretanto, desacreditou da primeira história de Bilbo assim que a escutou e continuou muito curioso a respeito do anel. Finalmente conseguiu saber da verdadeira história pelo próprio Bilbo, depois de muitos questionamentos, que por um tempo estremeceram sua amizade; mas o sábio parecia considerar a verdade importante. Embora não dissesse isso a Bilbo, ele também achava importante, e perturbador, o fato de o bom hobbit não ter contado a verdade desde o começo, o que era contrário aos seus hábitos. A ideia de um "presente" não era uma mera invenção do hobbit, de qualquer forma. Ela lhe foi sugerida, como o próprio Bilbo confessou, pela conversa de Gollum que ele por acaso ouvira; porque Gollum, na verdade chamou o anel de seu "presente de aniversário" muitas vezes. Este fato Gandalf também considerou estranho e suspeito, mas só descobriu a verdade sobre ele depois de muitos anos, como se verá neste livro.

Sobre as aventuras posteriores de Bilbo é preciso dizer pouca coisa mais. Com a ajuda do anel ele escapou dos guardas-orcs no portão e reencontrou seus companheiros. Usou o anel muitas vezes nessa viagem, principalmente para ajudar seus amigos; mas o manteve em segredo o quanto pôde. Depois de sua volta, nunca mais falou dele para qualquer pessoa, a não ser Gandalf e Frodo, e ninguém mais no Condado sabia de sua existência, ou assim ele pensava. Apenas a Frodo mostrou o relato de sua Viagem que estava escrevendo.

Sua espada, Ferroada, Bilbo pendurou sobre a lareira, e seu maravilhoso casaco de malha de metal, presente que os anões lhe deram e que fazia parte do tesouro do dragão, foi doado a um museu, na verdade à Casa-mathom em Grã Cava. Mas ele mantinha numa gaveta em Bolsão velha capa e o capuz que havia usado em suas viagens; e o anel, pendurado numa corrente fina, era mantido em seu bolso.

Ele voltou para sua casa em Bolsão em 22 de junho, no seu qüinquagésimo segundo aniversário (R.C. 1342), e nada de muito notáve aconteceu no Condado até que o Sr. Bolseiro começou os preparativos par a comemoração de seu centésimo décimo primeiro aniversário (R.C. 1401) Nesse ponto esta História começa.

NOTA SOBRE OS REGISTROS DO CONDADO

No final da Terceira Era, o papel desempenhado pelos hobbits no grandes eventos que levaram à inclusão do Condado no Reino Reunid despertou neles um interesse muito mais amplo por sua própria história, e muitas de suas tradições, até então na sua maioria orais, foram coletadas e escritas. As famílias maiores também estavam interessadas pelos eventos nc Reinado em geral, e muitos de seus membros estudavam suas histórias e lendas antigas. No final do primeiro século da Quarta Era já se podian encontrar no Condado várias bibliotecas com muitos livros e registros históricos.

As maiores dessas coleções ficavam provavelmente em Sob-as-torres em Grandes Smials, e na Sede do Brandevin. Este relato sobre o final d Terceira Era é retirado principalmente do Livro Vermelho do Marc Ocidental. Esta fonte importantíssima para a história da Guerra do Anel er chamada assim porque foi preservada por muito tempo em Sob-as-torres, c lar dos Lindofilhos, Administradores do Marco Ocidental. Originalment este livro era o diário pessoal de Bilbo, levado por ele a Valfenda. Frodo c trouxe de volta para o Condado, juntamente com muitas folhas soltas de anotações e durante R.C. 1420-1 ele quase encheu todas as paginas com seu relato sobre a Guerra. Mas anexados a este e preservados juntamente con ele, provavelmente num único estojo vermelho, estavam os três grandes volumes, encapados com couro vermelho, que Bilbo lhe deu como um

presente de despedida. A esses quatro volumes foi acrescentado no Marco Ocidental um quinto contendo comentários, genealogias e vários outros materiais relacionados aos membros hobbits da Sociedade.

O Livro Vermelho original não foi preservado, mas muitas cópias foram feitas, especialmente do primeiro volume, para o uso dos descendentes dos filhos de Mestre Samwise. A cópia mais importante entretanto, tem uma história diferente. Foi guardada em Grandes Smials mas escrita em Gondor, provavelmente a pedido do bisneto de Peregrin, e terminada em R.C. 1592 (Q.E. 172). Seu escriba acrescentou esta nota: Findegil, Escriba do Rei, terminou este trabalho em IV 172. Ele é uma cópia exata em todos os detalhes do Livro do Thain de Minas Tirith. Esse livro era uma cópia, feita a pedido do Rei Elessar, do Livro Vermelho dos Periannath e foi trazido a ele pelo Thain Peregrin quando este se retirou para Gondor em IV 64.

O Livro do Thain foi, desse modo, a primeira cópia do Livro Vermelho, e continha muitos dados que foram omitidos ou perdidos. Em Minas Tirith ele recebeu muitas anotações e muitas correções especialmente nos nomes, palavras e citações das línguas élficas; e foi acrescentada uma versão abreviada daquelas partes do *Conto de Aragorn e Arwen*, que ficam de fora do relato da Guerra. Afirma-se que o conto completo foi escrito por Barahir, neto do Intendente Faramir, algum tempo depois da morte do Rei. Mas a característica mais importante da cópia de Findegil é que somente ela contém todas as "Traduções do Élfico" feitas por Bilbo. Esses três volumes foram considerados um trabalho de grande habilidade e erudição durante o qual, entre 1403 e 1418, ele usou todas as fontes disponíveis em Valfenda, tanto vivas quanto escritas. Mas como elas foram pouco usadas por Frodo, por se tratar quase que inteiramente dos Dias Antigos, não serão mais comentadas aqui.

Sendo que Meriadoc e Peregrin se tornaram os chefes de suas grandes famílias, e ao mesmo tempo mantiveram suas relações com Rohan e Gondor, as bibliotecas de Buqueburgo e Tuqueburgo continham muitas coisas que não apareciam no Livro Vermelho. Na Sede do Brandevin havia muitas obras que tratavam de Eriador e da história de Rohan. Algumas delas foram escritas ou iniciadas pelo próprio Meriadoc, embora no Condado ele

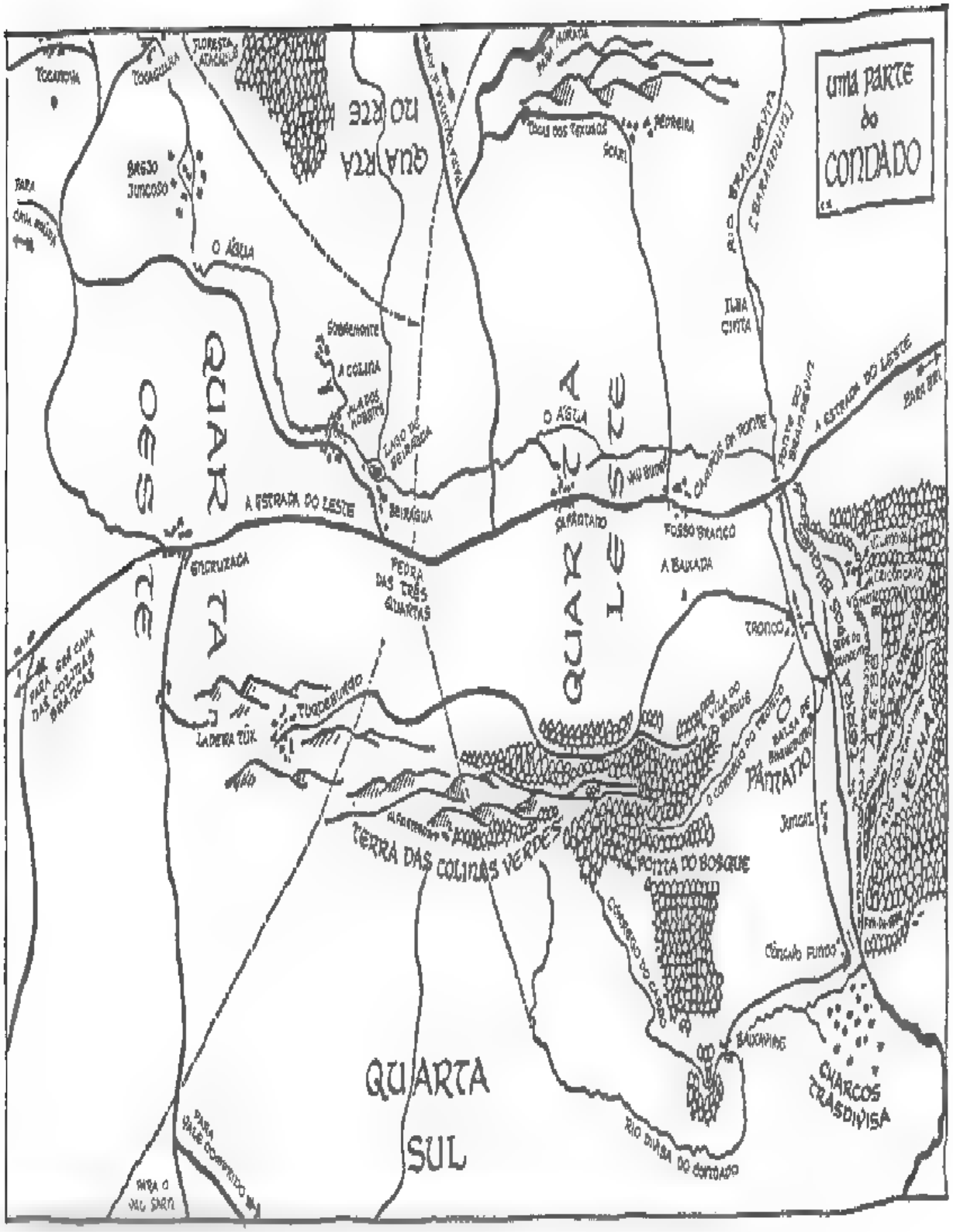
fosse lembrado principalmente pelo seu *Registro das Ervas do Condado*, e pelo seu *Registro dos Anos* no qual ele discutia a relação entre os calendários do Condado e de Bri com os de Valfenda, Gondor e Rohan. Ele também escreveu um pequeno tratado sobre *Palavras e Nomes Antigos em Rohan* mostrando um interesse especial em descobrir o parentesco entre a língua dos Rohirrim e certas "palavras do Condado" como *mathom* e partículas antigas e nomes de lugares.

Em Grandes Smials os livros eram de menor interesse para o povo do Condado, embora fossem da maior importância para a história mais abrangente. Nenhum deles foi escrito por Peregrin, mas ele e seus sucessores coletaram muitos manuscritos feitos por escribas de Gondor: em sua maioria cópias ou resumos de histórias ou lendas relacionadas com Elendil e seus herdeiros. Apenas aqui no Condado era possível encontrar materiais abundantes para a história de Númenor e a ascensão de Sauron. Foi provavelmente em Grandes Smials que *O Conto dos Anos*[3] foi organizado, com a ajuda do material coletado por Meriadoc. Embora as datas fornecidas sejam frequentemente conjecturais, principalmente para a Segunda Era elas merecem atenção. É provável que Meriadoc tenha obtido ajuda e informações em Valfenda, lugar que visitou mais de uma vez. Ali, embora Elrond tivesse partido, seus filhos permaneceram durante muito tempo, juntamente com alguns elementos do povo dos Altos-elfos. Afirma-se que Celeborn tinha ido morar lá depois da partida de Galadriel, mas não há registros do dia em que ele finalmente se dirigiu aos Portos Cinzentos, e com ele partiu a última memória viva dos Dias Antigos da Terra-média.

A SOCIEDADE DO ANEL

A PRIMEIRA PARTE DE
O SENHOR DOS ANÉIS

PRIMEIRA PARTE


uma parte do CONDADO
QUARTA NORTE
QUARTA OESTE
QUARTA LESTE
QUARTA SUL
A ESTRADA DO LESTE
O ÁGUA
BEIRÁGUA
PEDRA DAS TRÊS QUARTAS
FOSSO BRANCO
A BAIXADA
TRONCO
PANTATO
TERRA DAS COLINAS VERDES
POTTA DO BOSQUE
QUARCOS TRASDIVISA
RIO DIVISA DO CONDADO
BAIXAPINE
Cêncalo Fundo
O ÁGUA
A COLINA
TUQUEBURGO
LADEIRA TÚR
GROUNZADA
O ÁGUA
ILHA CINTA
BARGO JUNCOSO
TOCAGUIA
TOCAUTIVA
PEDREIRA
SOARI

CAPÍTULO I: UMA FESTA MUITO ESPERADA

Quando o Sr. Bilbo Bolseiro de Bolsão anunciou que em breve celebraria se onzentésimo primeiro aniversário com uma festa de especial grandeza, houve muito comentário e agitação na Vila dos Hobbits.

Bilbo era muito rico e muito peculiar, e tinha sido a atração dc Condado por sessenta anos, desde seu notável desaparecimento e inesperado retorno. As riquezas trazidas de suas viagens tinham agora se transformado numa lenda local, e popularmente se acreditava que a Colina em Bolsão estava cheia de túneis recheados com tesouros.

E se isso não fosse o suficiente para se ter fama, havia também seu vigor prolongado que maravilhava as pessoas.

O tempo passava, mas parecia ter pouco efeito sobre o Sr. Bolseirc Aos noventa anos, parecia ter cinquenta. Aos noventa e nove, começaram a chamá-lo de bem-conservado; mas inalterado ficaria mais próximo da realidade.

Havia pessoas que balançavam a cabeça e pensavam que isso era bom demais; parecia injusto que qualquer pessoa possuísse (aparentemente) a juventude perpétua, além de (supostamente) uma riqueza inexaurível.

— Isso terá seu preço — diziam eles. — Não é natural e trara problemas.

Mas até agora os problemas não haviam chegado, e como o Sr Bolseiro era generoso com seu dinheiro, a maioria das pessoas estava disposta a perdoar suas esquisitices e sua boa sorte. Continuou se relacionando em termos de cortesia com sua família (com exceção, é claro, dos Sacola-bolseiros), e tinha muitos admiradores devotados entre os hobbits de famílias pobres e sem importância. Mas não tinha amigos íntimos, até que seus primos mais jovens começaram a crescer.

O mais velho deles, e favorito de Bilbo, era o jovem Frodo Bolseiro.

Quando Bilbo tinha noventa e nove anos, adotou Frodo como seu herdeiro, e o trouxe para viver em Bolsão, e os Sacola-bolseiros finalmente perderam as esperanças. Por acaso, Bilbo e Frodo faziam aniversário no mesmo dia, 22 de setembro.

— Seria melhor que você viesse morar aqui, Frodo, meu rapaz! — disse Bilbo um dia —, e então poderemos comemorar nossos aniversários juntos e com mais conforto. Nessa época Frodo ainda estava na vintolescência, que é como os hobbits chamavam os anos irresponsáveis entre a infância e a maioridade aos trinta e três anos.

Mais doze anos se passaram. Todo ano os Bolseiros davam animadas festas duplas de aniversário em Bolsão; mas agora se entendia que alguma coisa muito excepcional estava sendo planejada para aquele outono, Bilbo ia fazer onzenta e um anos, 111, um número bastante curioso, e uma idade muito respeitável para um hobbit (mesmo o Velho Túk só havia chegado a 130); e Frodo ia fazer trinta e três, 33, um número importante: o ano em que se tornaria um adulto.

As línguas começaram a se agitar na Vila dos Hobbits e em Beirágua rumores do evento que se aproximava viajaram por todo o Condado. A história e a personalidade do Sr. Bilbo Bolseiro se tornaram novamente o assunto principal das conversas, e as pessoas mais velhas repentinamente encontraram grande receptividade para suas lembranças.

Ninguém tinha uma plateia mais atenta que o velho Ham Gamgi geralmente conhecido como Feitor. Ele contava histórias no Ramo de Hera uma pequena hospedaria na estrada de Beirágua, e falava com certa autoridade, pois tinha cuidado do jardim de Bolsão por quarenta anos, e tinha ajudado o velho Holman no mesmo serviço antes disso. Agora que ele estava ficando velho e com as juntas endurecidas, o serviço era feito principalmente por seu filho Gamgi. Tanto pai quanto filho tinham relações muito boas com Bilbo e Frodo.

Moravam na própria Colina, no número 3 da rua do Bolsinho, logo abaixo de Bolsão.

— O Sr. Bilbo é um hobbit muito cavalheiro e gentil, como eu sempre disse — declarava o Feitor. E dizia a mais perfeita verdade: Bilbo era gentil com ele, chamando-o de Mestre Hamfast, e constantemente o consultando sobre o cultivo de legumes — em se tratando de "raízes", especialmente batatas, o Feitor era considerado por todos na vizinhança (inclusive ele próprio) a autoridade mais importante.

— Mas e esse Frodo que mora com ele? — perguntou o Velho Noque

Beirágua.

— O seu nome é Bolseiro, mas ele tem muito dos Brandebuque pel que dizem.

— Eu não entendo o motivo pelo qual um Bolseiro da Vila de Hobbit vai procurar uma esposa lá na Terra dos Buques, onde as pessoas são tão estranhas.

— Não é de admirar que sejam estranhas — acrescentava Papai Doi (o vizinho de lado do Feitor) —, pois eles moram do lado errado d Grandevin e bem perto da Floresta Velha. Aquele é um lugar escuro e ruim se metade das histórias for verdade.

— Você está certo, Pai — disse o Feitor, — Não é que c Brandebuques da Terra dos Buques morem na Floresta Velha; mas eles sã uma raça estranha, ao que parece. Vivem para cima e para baixo de barc naquele rio grande — e isso não é natural. Não é de espantar que surjam problemas. Mas, seja como for, o Sr. Frodo é um jovem hobbit tão genti quanto se poderia desejar, exatamente como o Sr. Bolseiro. Afinal de contas seu pai era um Bolseiro. Um hobbit decente e respeitável, o Sr. Drog Bolseiro, nunca houve o que dizer dele, até que morreu afogado.

— Afogado? — disseram várias vozes. Já tinham ouvido este e outro rumores mais sombrios antes, é claro; mas os hobbits têm uma paixão por histórias familiares e estavam prontos para ouvir esta de novo.

— Bem, é o que dizem — disse o Feitor. — Veja você: o Sr. Drogo s casou com a pobre Sra. Prímula Brandebuque. Ela era prima em primeir grau do nosso Sr. Bilbo por parte de mãe (a mãe dela era a filha mais joven do Velho Túk); e o Sr. Drogo era primo dele em segundo grau. Desse modo, Sr. Frodo é filho dos primos do Sr. Bilbo em primeiro e segundo grau, e se primo com o intervalo de uma geração, você me entende? E o Sr. Drog morava na Sede do Brandevin com o sogro, o velho Mestre Gorbadoc, com sempre fez depois de seu casamento (tinha um fraco por comida e o Velho Gorbadoc mantinha uma mesa bastante generosa); e saíram para andar de barco no rio Brandevin, e ele e sua esposa morreram afogados; e o pobre Sr Frodo era apenas uma criança na época.

— Ouvi dizer que eles foram para a água depois do jantar e sob o luar — disse o Velho Noques —, e que foi o peso de Drogo que afundou o barco.

— E eu ouvi que ela o empurrou, e ele a puxou para dentro da água depois que ele tinha caído — disse Ruivão, o moleiro da Vila dos Hobbits.

— Você não deveria dar ouvidos a tudo o que falam, Ruivão — disse o Feitor, que não gostava muito do moleiro. — Não tem sentido ficar falando sobre empurrar e puxar. Os barcos são muito traiçoeiros até para aqueles que se sentam quietinhos sem procurar problemas. De qualquer jeito: foi assim que o Sr. Frodo se tornou um órfão e ficou perdido, como se pode dizer, em meio àquele estranho povo da Terra dos Buques e foi criado na Sede do Brandevin. Aquilo geralmente já é um formigueiro de tão cheio. O velho Mestre Gorbadoe nunca teve menos do que duzentos parentes nas redondezas. O Sr. Bilbo não poderia ter feito coisa melhor do que trazer o menino para morar entre gente decente.

— Mas acho que esse foi um golpe duro para aqueles Sacola-bolseiros. Eles acharam que iam ficar com Bolsão na época em que ele foi embora e foi considerado morto. E então ele volta e os manda sair, e continua vivendo e vivendo, e nem parecendo um dia mais velho, puxa vida! E de repente arranja um herdeiro, e arruma toda a documentação necessária. Os Sacola-bolseiros nunca vão entrar em Bolsão depois disso, ou pelo menos se espera que não.

— Tem um monte de dinheiro enfiado lá dentro, ouvi dizer — disse um estranho, um visitante que estava a negócios vindo de Grã Cava, na Quarta Oeste. — Todo o topo de vossa colina está cheio de túneis recheados de baús de Ouro e prata, e joias, pelo que ouvi dizer.

— Então você ouviu mais do que eu posso discutir — respondeu o Feitor. — Não sei de nada sobre joias. O Sr. Bilbo não faz muita economia com seu dinheiro, e parece que não há falta dele; mas não sei nada sobre túneis. Vi o Sr. Bilbo quando voltou, mais ou menos sessenta anos atrás quando eu era um menino. Não fazia muito tempo que eu era um aprendiz do velho Holman (ele era primo do meu pai), mas mesmo assim me pediu que fosse a Bolsão para ajudá-lo a evitar que as pessoas pisoteassem a grama e ficassem andando pelo jardim quando a toca estava à venda. E em meio a tudo isso o Sr. Bilbo vem subindo a colina com um pônei, alguns sacos bem grandes e uns baús. Não duvido que estivessem em sua maioria cheios de tesouros que ele apanhou em lugares distantes, onde há montanhas de ouro,

dizem por aí; mas não havia o bastante para encher túneis. Mas o meu menino Sam deve saber mais sobre isso. Ele vive entrando e saindo de Bolsão. É louco por histórias de antigamente, isso ele é, e escuta todas as histórias do Sr. Bilbo. O Sr. Bilbo ensinou-lhe suas letras — sem querer causar maldade, veja bem, e espero que nenhuma maldade venha disso.

— *Elfos e Dragões!*, digo eu pra ele. *Repolho com batatas é melhor para você e para mim. Não vá se misturar com os negócios que não são para o seu bico, ou você vai arranjar problemas muito grandes para você*, digo eu pra ele. E posso dizer para outros — acrescentou ele, olhando para o estranho e para o moleiro.

Mas o Feitor não convenceu sua plateia A lenda sobre a riqueza de Bilbo estava fixada de maneira muito firme nas mentes das gerações mais jovens de hobbits.

— Ah! Mas ele pode muito bem ter juntado mais ao que trouxe no inicio — argumentou o moleiro, representando a opinião geral. — Ele está sempre longe de casa. E reparem nas pessoas bizarras que vêm visitá-lo: anões que chegam à noite, e aquele velho mágico andarilho, Gandalf, e todo o resto. Você pode dizer o que quiser, Feitor, mas Bolsão é um lugar estranho, e as pessoas de lá são mais estranhas ainda.

— Você pode dizer o que quiser sobre coisas que não conhece melhor do que a história do barco, senhor Ruivão — retorquiu o Feitor, apreciando ainda menos o moleiro do que de costume. — Se isso é ser estranho, então poderíamos ter mais estranheza por aqui. Tem gente não muito longe daqui que não ofereceria uma caneca de cerveja a um amigo, nem se vivesse numa toca com paredes de ouro. Mas em Bolsão eles fazem as coisas direito O nosso Sam disse que *todo mundo* vai ser convidado para a festa, e vai haver presentes, vejam bem, presentes para todos — neste mesmo mês.

Aquele mesmo mês era setembro, e estava agradável como se poderia desejar. Um ou dois dias depois se espalhou um rumor (provavelmente começado pelo informado Sam) de que iria haver fogos de artifício — fogos de artifício, além do mais, como não se via no Condado há mais de um século; na verdade, desde que o Velho Túk havia morrido.

Os dias se passaram e o Dia se aproximava. Uma carroça de aparência estranha, carregada de pacotes de aparência estranha, rodou numa noite

até a Vila dos Hobbits e foi subindo a Colina até chegar a Bolsão. Os hobbit assustados espiavam de portas iluminadas com lamparinas para ver, embasbacados. Era conduzida por pessoas bizarras, que cantavam canções estranhas: anões com barbas longas e capuzes fundos. Alguns deles ficaram em Bolsão. No final da segunda semana de setembro uma charrete passou por Beirágua vinda da Ponte do Brandevin em plena luz do dia. Ur homem a conduzia, sozinho. Usava um chapéu azul, alto e pontudo, uma longa capa cinza e um cachecol prateado. Tinha uma longa barba branca e sobrancelhas densas que sobressaíam da borda de seu chapéu. Crianças hobbit seguiram a charrete pelas ruas da Vila dos Hobbits e colina acima. Er um carregamento de fogos de artifício, como eles muito bem adivinharam. Na porta da frente de Bilbo, o homem começou a descarregar: havi grandes pacotes de fogos de artifício de todos os tipos e formatos, cada um rotulado com um G grande e vermelho e com a runa élfica, .

Seu ofício real era muito mais difícil e perigoso, mas o pessoal dc Condado não sabia nada sobre isso. Para eles, ele era apenas uma da "atrações" da festa. Por isso a excitação das crianças hobbit. "G de Grande" gritavam elas, e o velho sorria.

Conheciam-no de vista, embora ele aparecesse na Vila dos Hobbits de vez em quando e nunca ficasse por muito tempo. Mas nem eles, nem os mais velhos dentre os velhos tinham visto uma de suas exibições de fogos de artifício — elas agora pertenciam a um passado lendário.

Quando o velho, ajudado por Bilbo e alguns anões, terminou de descarregar, Bilbo distribuiu uns trocados; mas não houve nem um busca-pé ou bombinha, para a decepção dos observadores.

— Saiam agora! — disse Gandalf. — Vocês vão ver bastante quando hora chegar. — Depois desapareceu para dentro com Bilbo, e a porta fo fechada. Os jovens hobbits ficaram olhando em vão para a porta por um tempo, e então foram embora, sentindo que o dia da festa nunca chegaria.

Dentro de Bolsão, Bilbo e Gandalf estavam sentados perto da janel aberta de uma pequena sala que dava para o oeste, sobre o jardim.

O fim de tarde estava claro e quieto. As flores brilhavam, vermelhas e douradas: bocas-de-leão e girassóis e nastúrcios que subiam pelas paredes

verdes e espiavam pelas janelas redondas.

— Como o seu jardim está bonito! — disse Gandalf.

— É — disse Bilbo. — Eu gosto muito dele, e de todo o velho e querido Condado, mas acho que preciso de férias.

— Quer dizer então que você pretende continuar com seu plano?

— Pretendo. Tomei a decisão há alguns meses, e não mudei de ideia.

— Muito bem. É melhor não dizer mais nada. Continue com seu plano — seu plano completo, veja bem — e espero que tudo saia da melhor maneira possível, para você e para todos nós.

— Espero que sim. De qualquer forma, quero me divertir na quinta-feira, e fazer minha brincadeirinha.

— Me pergunto quem vai rir... — disse Gandalf, balançando a cabeça.

— Veremos — disse Bilbo.

No dia seguinte, charretes e mais charretes subiram a Colina. Pode ter havido alguma reclamação sobre "negócios locais", mas nessa mesma semana Bolsão começou a desovar encomendas de todo tipo de provisão, mercadoria ou artigo de luxo que se pudesse conseguir na Vila dos Hobbits ou em Beirágua, ou em qualquer outro lugar nas redondezas. As pessoas ficaram entusiasmadas e começaram a marcar os dias no calendário, e vigiavam o carteiro com ansiedade, esperando convites.

Em breve os convites começaram a se espalhar, e o correio da Vila dos Hobbits ficou entupido, e choveram cartas no correio de Beirágua, e carteiros auxiliares voluntários foram requisitados. Em fluxo constante subiam a Colina, carregando centenas de variações polidas de Agradeço o convite e confirmo minha presença.

Um aviso apareceu no portão de Bolsão: *É PROIBIDA A ENTRADA DE PESSOAS QUE NÃO VENHAM TRATAR DOS PREPARATIVOS DA FESTA.* Mesmo a entrada daqueles que estavam, ou fingiam estar, tratando dos preparativos da festa era raramente permitida. Bilbo estava ocupado: escrevendo convites, checando respostas, embrulhando presentes e fazendo alguns preparativos particulares. Desde a chegada de Gandalf ele havia sumido de vista.

Um dia de manhã os hobbits acordaram e viram o grande campo, ac

sul da porta de frente de Bilbo, cheio de cordas e paus para barracas e pavilhões. Uma entrada especial foi aberta na ladeira que levava até a estrada, e degraus largos e um grande portão branco foram construídos ali. As três famílias hobbit da rua do Bolsinho, vizinha ao campo, ficaram extremamente interessadas e em geral sentiram inveja.

O velho Feitor Gamgi até parou de fingir que trabalhava em seu jardim.

As barracas começaram a ser levantadas. Havia um pavilhão especialmente grande, tão grande que a árvore que crescia no campo cabia direitinho dentro dele, e se erguia altaneira próxima a um canto, na cabeceira da mesa principal. Lanternas foram penduradas em todos os seus galhos. Mais promissor ainda (para as mentes dos hobbits): uma enorme cozinha a céu aberto foi construída no canto norte do campo.

Um batalhão de cozinheiros, de todas as hospedarias e restaurantes num raio de milhas, chegou para ajudar os anões e outras pessoas estranhas que estavam aquarteladas em Bolsão. A agitação chegou ao máximo.

Então o céu ficou cheio de nuvens. Foi na quarta-feira, véspera da Festa.

A ansiedade era grande. A quinta-feira, 22 de setembro, finalmente chegou. O sol se levantou, as nuvens desapareceram, bandeiras foram desfraldadas e a diversão começou.

Bilbo Bolseiro chamava aquilo de festa, mas na verdade era uma variedade de entretenimentos reunidos num só. Praticamente todos os que moravam ali por perto foram convidados. Muito poucos foram esquecidos por acidente, mas, como vieram de qualquer jeito, não se importaram. Muitas pessoas de outras partes do Condado também foram convidadas; e houve até algumas que vieram de regiões fora dos limites. Bilbo recebeu em pessoa os convidados (e agregados) no novo portão branco. Distribuiu presentes para todos e mais alguns — estes eram aqueles que saíam por uma porta lateral e entravam de novo pelo portão. Os hobbits dão presentes para outras pessoas em seus aniversários. Em geral não muito caros, e não tão generosos como nesta ocasião; mas esse sistema não era ruim. Na verdade, na Vila dos Hobbits e em Beirágua quase todos os dias alguém fazia aniversário, de modo que todos os hobbits tinham uma grande chance de

ganhar no mínimo um presente, pelo menos uma vez por semana.

Mas nunca se cansavam de presentes.

Nessa ocasião, os presentes foram inusitadamente bons. As crianças hobbit estavam tão excitadas que por um tempo quase se esqueceram de comer. Havia brinquedos que eles nunca tinham visto antes, todos lindos e alguns obviamente mágicos. Muitos deles, na verdade, encomendados um ano antes, tinham percorrido todo o caminho vindo da Montanha e de Valle, e eram produtos genuínos feitos por anões.

Quando todos os convidados tinham recebido as boas-vindas e estavam finalmente do lado de dentro, houve canções, danças, música, jogos e, é claro, comida e bebida. Houve três refeições oficiais: almoço, chá e jantar (ou ceia). Mas o almoço e o chá foram marcados pelo fato de que nesses momentos todos estavam sentados e comendo juntos. Em outros momentos havia simplesmente montes de pessoas comendo e bebendo — continuamente, das onze até as seis e meia, quando os fogos de artifício começaram.

Os fogos eram de Gandalf — não foram apenas trazidos por ele, mas projetados e fabricados por ele; e os efeitos especiais, cenários e foguetes era ele quem controlava.

Mas também houve farta distribuição de busca-pés, bombinhas, fósforos coloridos, tochas, velas-de-anões, fontes-élficas, fogos-de-orcs e rojões. Era tudo soberbo.

A arte de Gandalf havia se aperfeiçoado com o passar dos anos Havia foguetes imitando o vôo de pássaros cintilantes cantando com vozes doces. Havia árvores verdes com troncos de fumaça escura: suas folhas se abriam como uma primavera inteira que florescesse num segundo, e seus ramos brilhantes derrubavam flores de luz sobre os hobbits atônitos, desaparecendo com um cheiro doce um pouco antes que pudessem tocar seus rostos voltados para o céu. Havia montes de borboletas que voavam por entre as árvores; havia pilares de fogos coloridos que subiam e se transformavam em águias, em caravelas, ou numa falange de cisnes voadores; havia uma tempestade vermelha e uma chuva de gotas amarelas; houve uma floresta de lanças de prata que surgiram repentinamente no céu com um grito como um exército em batalha, e caíram no Água com um

chiado como uma centena de cobras incandescentes. E houve também uma última surpresa em homenagem a Bilbo, que assustou os hobbits além da conta, como era a intenção de Gandalf As luzes se apagaram. Uma grande fumaça subiu. Tomou a forma de uma montanha vista à distância, e começou a brilhar no topo. Soltava chamas verdes e vermelhas. Lá de dentro saiu um dragão de um vermelho dourado — não do tamanho de um dragão real, mas terrivelmente parecido com um dragão real: saía fogo de suas mandíbulas e os olhos penetrantes olhavam para baixo; houve um rugido, e por três vezes ele zuniu sobre as cabeças da multidão. Todos se inclinaram e muitos caíram de cara no chão.

O dragão passou como um trem expresso, virou uma cambalhota, e explodiu sobre Beirágua com um estrondo ensurdecedor.

— Este é o sinal para a ceia! — disse Bilbo. O sofrimento e o medo desapareceram imediatamente, e os hobbits prostrados se levantaram num segundo. Havia uma ceia esplêndida para todos; para todos, quer dizer, com a exceção daqueles convidados para o jantar especial em família. Este aconteceu no grande pavilhão onde estava a árvore.

Os convites foram limitados a doze dúzias (um número também chamado de uma Grosa, embora a palavra fosse considerada inadequada para se referir a pessoas); e os convidados foram selecionados de todas as famílias com as quais Bilbo e Frodo tinham parentesco, havendo mais uns poucos amigos que não eram parentes (como Gandalf). Muitos hobbits jovens foram incluídos, e estavam presentes com a permissão dos pais; pois os hobbits eram liberais com suas crianças em se tratando de ficar acordado até tarde, especialmente quando havia uma chance de conseguir para elas uma refeição de graça. Criar hobbits era muito dispendioso.

Havia muitos Bolseiros e Boffins, e também muitos Túks e Brandebuques; havia vários Fossadores (parentes da avó de Bilbo Bolseiro), vários Roliços (relacionados ao seu avô Tûk) e uma seleção de Covas Bolgers, Justa-correias, Texugos, Boncorpos, Corneteiros e Pé-soberbo Alguns desses tinham apenas uma ligação distante com Bilbo, e outros raramente tinham visitado a Vila dos Hobbits antes, pois moravam em cantos remotos do Condado. Os Sacola-bolseiros não foram esquecidos. Oth e sua esposa Lobélia estavam presentes. Não gostavam de Bilbo e

detestavam Frodo, mas o convite era tão magnífico, escrito em tinta dourada, que eles acharam impossível recusar.

Além disso, Bilbo, seu primo, viera se especializando em comida por muitos anos, e sua mesa gozava de alta reputação.

Todos os cento e quarenta e quatro convidados esperavam por um banquete agradável, embora estivessem com certo medo do discurso pós-ceia de seu anfitrião (um quesito inevitável). Era provável que ele inoportunamente começasse a recitar trechos do que chamava de poesia e quem sabe, depois de um ou dois copos, pudesse aludir às absurdas aventuras de sua misteriosa viagem. Os hóspedes não ficaram decepcionados: tiveram um banquete muito agradável, na verdade um entretenimento interessante: lauto, abundante, variado e prolongado. As compras de provisões caíram quase a zero em todo o distrito nas semanas seguintes; mas como as provisões de Bilbo exauriram os estoques das lojas, adegas e armazéns num raio de várias milhas, isso não teve muita importância.

Depois do banquete (mais ou menos) veio o Discurso. A maioria dos convidados estava, entretanto, numa disposição tolerante, e naquele estágio delicioso que eles chamavam de "encher os cantos". Estavam bebendo suas bebidas favoritas, e mordiscando suas iguarias preferidas, e seus receios foram esquecidos. Estavam preparados para ouvir qualquer coisa, e aplaudir a cada ponto final.

Queridos convidados, — começou Bilbo, levantando de sua cadeira. "Escutem! Escutem! Escutem!" — gritaram eles, e continuaram repetindo isso em coro, parecendo relutantes em seguir seu próprio conselho. Bilbo saiu de seu lugar e subiu numa cadeira perto da árvore iluminada. A luz das lanternas caía-lhe sobre o rosto radiante; os botões dourados brilhavam sobre o colete bordado. Todos podiam vê-lo em pé, acenando uma mão no ar, e com a outra no bolso da calça.

Meus queridos Bolseiros e Boffins — começou de novo — *e meus queridos Tüks e Brandebuques e Fossadores e Roliços e Covas e Corneteiros e Bolgers, Just correias, Boncorpos, Texugos e Pé-soberbos.* "Pé-soberbos!" — gritou um hobbit velho do fundo do pavilhão. O seu nome, é claro, era Pé-soberbo. E merecido: seus pés eram grandes, excepcionalmente peludos, e ambos

estavam sobre a mesa.

Pé-soberbos —, repetiu Bilbo. — *E também meus bons Sacola-bolseiros, a quem finalmente dou boas-vindas novamente em Bolsão. Hoje é meu centésimo décimo primeiro aniversário. — hoje chego aos onzenta e um!* "Viva! Viva! Que essa data se repita por muitos anos!" — gritaram todos, e bateram nas mesas alegremente. Isso era o tipo de coisa de que eles gostavam. Curto e óbvio.

Espero que estejam se divertindo tanto quanto eu. Aplausos ensurdecedores. Gritos de *Sim* (e *Não*). Ruídos de trombetas e cornetas, apitos e flautas. Havia, como foi dito, muitos hobbits jovens presentes. Centenas de estojos musicais tinham sido distribuídos. A maioria deles levava a marca VALLE; o que não agradava à maioria dos hobbits, mas todos eles concordavam que eram maravilhosos. Continham instrumentos, pequenos, mas de fabricação perfeita e de tons encantadores.

Na verdade, em um canto alguns dos Túks e Brandebuques jovens supondo que o Tio Bilbo tivesse terminado (uma vez que já tinha dito tudo o que era necessário), agora improvisavam uma orquestra, e começavam a tocar uma toada alegre e dançante. Mestre Everard Túk e a Srta. Melilot Brandebuque subiram numa mesa e com sinos nas mãos começaram a dançar a Ciranda do Pulo: uma dança bonita, mas bastante vigorosa.

Mas Bilbo não tinha terminado. Pegando uma corneta de uma criança ao seu lado, soprou forte três vezes. O barulho silenciou. *Eu não vou me demorar muito* — gritou ele. Aplausos de toda a plateia. — *Chamei todos vocês por um motivo.* Alguma coisa no jeito como ele disse isso causou uma certa impressão. Fez-se quase silêncio, e um ou dois Túks aguçaram os ouvidos.

Na verdade, por Três Motivos! Primeiramente, para dizer a vocês que gosto imensamente de todos, e que onzenta e um anos é um tempo curto demais para viver entre hobbits tão excelentes e admiráveis. Tremenda explosão de aprovação.

Eu não conheço metade de vocês como gostaria e gosto de menos da metade de vocês a metade do que vocês merecem.

Isso foi inesperado e muito difícil. Houve alguns aplausos esparsos mas a maioria deles estava tentando descobrir se aquilo era um elogio.

Em segundo lugar. Para comemorar meu aniversário. Aplausos novamente. *Devo dizer NOSSO aniversário. Pois hoje, é claro, é o aniversário*

meu herdeiro e sobrinho Frodo. Ele se torna maior de idade e passa a ter acesso à herança hoje. Alguns aplausos perfunctórios dos mais velhos, e alguns gritos de "Frodo! Frodo! Felizardo!" dos mais novos. Os Sacola-bolseiros franziram testa e se perguntaram o que ele queria dizer com "ter acesso à herança".

Juntos perfazemos cento e quarenta e quatro anos. O número dos convidados foi escolhido para combinar com esse total notável. — Uma Grosa. Se me permitem usar a expressão. Nenhum aplauso. Aquilo era ridículo. Muito dos convidados, especialmente os Sacola-bolseiros, sentiram-se insultados, entendendo que tinham sido convidados apenas para completar o número necessário, como mercadorias num pacote. "Uma Grosa! Que expressão vulgar!"

Hoje também é, se me permitem que me refira à história antiga, o aniversário de minha chegada de barril a Esgaroth, no Lago Comprido, embora o fato de seu meu aniversário tenha escapado de minha memória na ocasião. Eu tinha apenas cinqüenta e um anos naquele tempo, e os aniversários não pareciam tão importantes. O banquete foi esplêndido, entretanto, embora eu estivesse com uma forte gripe, posso me lembrar e pudesse apenas dizer "buito obrigado". Agora eu repito a frase mais corretamente: Muito obrigado por virem à minha festinha. Silêncio obstinado. Todos sentiram que alguma canção ou poesia era iminente; e eles estavam ficando enfadados. Por que não parava de falar e os deixava beber à sua saúde? Mas Bilbo não cantou nem recitou. Ele parou por um momento.

Em terceiro lugar e finalmente, — disse ele, — quero fazer um COMUNICADO. Disse esta palavra tão alto e de repente que todo mundo se sentou ereto na cadeira (os que ainda conseguiam). *Sinto informá-los de que, embora, como eu disse, onzenta e um anos seja muito pouco tempo para passar ao lado de vocês, o FIM chegou. Estou indo embora. JÁ. ADEUS!*

Desceu da cadeira e desapareceu. Houve um clarão de luz de cegar os olhos e todos os convidados piscaram. Quando abriram os olhos, Bilbo não estava em lugar algum.

Cento e quarenta e quatro hobbits pasmos se encostaram nas cadeiras sem dizer nada.

O velho Odo Pé-soberbo retirou seus pés da mesa e pisou com força no chão. Então caíram num silêncio mortal até que, depois de vários

suspiros, todos os Bolseiros, Boffins, Túks, Brandebuques, Fossadores, Roliço Covas, Bolgers, Justa-correias, Texugos, Boncorpos, Corneteiros e P soberbos começaram a falar ao mesmo tempo.

A opinião geral era de que a brincadeira tinha sido de muito mau gosto, e foi necessário trazer mais comida e bebida para curar os convidados do choque e do desconforto.

"Sempre disse que ele era louco" foi provavelmente o comentário mais comum. Mesmo os Túks (com umas poucas exceções) acharam o comportamento de Bilbo absurdo. Naquele momento a maioria deles ficou achando que o seu desaparecimento não passava de mais uma traquinagem ridícula. Mas o velho Rory Brandebuque não tinha certeza. Nem a idad nem aquele enorme jantar tinham anublado suas faculdades mentais, e ele disse à sua nora Esmeralda:

— Tem algo suspeito aí, querida! Acho que o louco do Bolseiro partiu novamente. Velho bobo. Mas por que nos preocuparmos? Ele não levou as provisões com ele. — E gritou para Frodo mandar mais uma rodada de vinho.

Frodo era o único presente que não dizia nada. Por um tempo ficou sentado em silêncio ao lado da cadeira vazia de Bilbo e ignorou todos os comentários e perguntas. Tinha gostado da brincadeira, é claro, mesmo já estando a par de tudo. Teve dificuldades para segurar o riso diante da surpresa indignada dos convidados. Mas ao mesmo tempo sentia-se numa encrenca: percebeu de repente que adorava o velho hobbit. A maioria dos convidados continuou comendo e bebendo e discutindo as esquisitices de Bilbo Bolseiro, passadas e atuais; mas os Sacola-bolseiros já tinham ido embora furiosos. Frodo não queria mais ficar na festa. Deu ordens para que mais vinho fosse servido; então se levantou e esvaziou seu próprio copo em silêncio à saúde de Bilbo e se esgueirou para fora do pavilhão.

Quanto a Bilbo Bolseiro, mesmo durante o discurso ficara tateando o anel de ouro em seu bolso: o anel mágico que guardara em segredo por tantos anos. Conforme desceu da cadeira, colocou o anel no dedo e nunca mais foi visto por nenhum hobbit na Vila dos Hobbits novamente.

Foi rapidamente de volta para sua toca e ficou por um momento ouvindo com um sorriso os rumores no pavilhão e os sons de pessoas se

divertindo em outras partes do campo. Depois entrou em casa. Tirou a roupa de festa, dobrou e embrulhou em papel crepom seu colete de seda bordado e o guardou. Aí vestiu rapidamente uns trajes velhos e desalinhados, e apertou em volta da cintura um velho cinto de couro. Nele pendurou uma pequena espada que estava numa bainha de couro preta e gasta. De uma gaveta trancada, cheirando a naftalina, retirou uma velha capa e um capuz. Eles tinham sido guardados ali como se fossem muito preciosos, mas estavam tão remendados e manchados que mal se podia adivinhar a cor original: provavelmente verde-escuro. Eram grandes demais para ele. Então Bilbo entrou no escritório e de uma grande caixa-forte tirou um fardo embrulhado em panos velhos e um manuscrito com capa de couro; e também um envelope bastante volumoso.

O livro e o fardo ele colocou em um saco pesado que estava ali, já quase cheio. No envelope colocou o anel de ouro, e sua fina corrente, e então o selou e endereçou a Frodo. Primeiro colocou-o sobre a lareira, mas de repente retirou-o dali e o enfiou no bolso. Naquele momento a porta se abriu e Gandalf entrou depressa.

— Alô! — disse Bilbo. — Estava pensando se você ia aparecer.

— Fico feliz em encontrá-lo visível — respondeu o mago, sentando-se numa cadeira. — Queria pegar você aqui ainda e falar umas últimas coisas. Suponho que você esteja sentindo que tudo saiu de modo esplêndido e de acordo com seus planos...

— Sim — disse Bilbo. — Embora o clarão tenha sido uma surpresa: se eu fiquei assustado, imagine os outros. Um acréscimo seu, suponho.

— Foi. Você guardou sabiamente o anel em segredo todos esses anos e me pareceu necessário dar aos seus convidados alguma coisa a mais que parecesse explicar o seu súbito desaparecimento.

— E você quase estragou minha brincadeira. Você é um velho intrometido! — disse Bilbo rindo. — Mas acho que você é mais esperto, como sempre.

— Eu sou, quando sei das coisas. Mas não tenho muita certeza sobre essa história toda. Chegamos ao ponto final. Você fez sua brincadeira, e alarmou e ofendeu a maioria de seus parentes, e deu ao Condado assunto para mais nove anos, ou mais noventa e nove, é mais provável. Você vai

continuar?

— Vou. Sinto que preciso de umas férias, bem longas, como já disse antes. Provavelmente férias permanentes: não tenho expectativas de voltar. Na verdade, não quero voltar, e já fiz todos os preparativos. Estou velho, Gandalf. Não parece, mas estou começando a sentir isso no fundo de meu coração. Bem conservado, ora bolas! — bufou ele. — Estou me sentindo todo fino, como se estivesse esticado, se você sabe do que estou falando: como manteiga que foi espalhada num pedaço muito grande de pão. Isso não pode estar certo. Preciso de uma mudança, ou coisa assim.

Gandalf fitou-o de perto, curioso.

— Não, não parece certo — disse ele sensatamente. — Não, afinal de contas acho que seu plano é provavelmente o melhor.

— Bem, de qualquer modo eu já me decidi. Quero ver montanhas de novo, Gandalf — montanhas; e depois encontrar algum lugar onde possa descansar. Em paz e silêncio, sem um monte de parentes se intrometendo e uma fila de malditos visitantes na porta. Preciso encontrar um lugar onde possa terminar meu livro. Pensei num bom final para ele: e ele viveu feliz para sempre.

Gandalf riu.

— Espero que ele viva. Mas ninguém vai ler o livro, não importa como seja o final.

— Olhe, eles podem ler, nos anos futuros. Frodo já leu um pedaço, até onde eu escrevi. Você vai ficar de olho em Frodo, não vai?

— Vou!, com os dois olhos, sempre que eu puder.

— É claro que ele viria comigo se eu pedisse. Na verdade se ofereceu uma vez, um pouco antes da festa. Mas não quer realmente, ainda. Eu quero ver o campo selvagem antes de morrer, e as Montanhas; mas ele ainda está apaixonado pelo Condado, com florestas e campos e pequenos rios. Sente-se confortável aqui. Estou deixando tudo para ele, é claro, com a exceção de algumas bagatelas. Espero que seja feliz, quando estiver acostumado a viver sozinho. Já é tempo de ele ser dono do próprio nariz.

— Tudo? — perguntou Gandalf — O anel também? Você concordou com isso, lembra?

— Bem, sim, acho que sim — gaguejou Bilbo.

— Onde está ele?

— Num envelope, se quer saber — disse Bilbo impacientemente. — Ali na lareira. Não! Aqui no meu bolso. — Ele hesitou. — Não é estranho isso, agora? — disse calmamente para si mesmo. — Afinal de contas, por que não? Por que ele não deveria ficar ali?

Gandalf olhou mais uma vez atentamente para Bilbo, e havia um brilho em seus olhos.

— Eu acho, Bilbo — disse ele baixinho —, que você deveria deixá-lo para trás. Você não quer?

— Bem, quero — e não quero. Agora que chegou a hora, não gosto nem um pouco da ideia de me separar dele. E não vejo por que deveria. Por que você quer que eu faça isso? — perguntou ele, e a sua voz se alterou de um modo estranho. Estava carregada de suspeita e contrariedade. — Você vive me chantageando com meu anel, mas nunca me importunou com as outras coisas que consegui na minha viagem.

— Não, mas eu tinha que chantagear você — disse Gandalf. — Eu queria a verdade. Era importante. Anéis mágicos são... bem, são mágicos e são raros e curiosos. Eu estava profissionalmente interessado no seu anel, pode-se dizer, e ainda estou. Quero saber onde ele está, se você for embora por aí de novo. Também acho que você o teve por tempo suficiente. Você não vai mais precisar dele, Bilbo, a não ser que eu esteja muito enganado.

Bilbo ficou vermelho, e havia um brilho furioso em seu olhar. A expressão amigável se fez tensa.

— Por que não? — gritou ele. — E que negócio é esse de você saber o que eu faço com minhas próprias coisas? O anel é meu. Eu o achei. Ele veio até mim.

— Sim, sim — disse Gandalf — Mas você não precisa ficar furioso.

— Se estou furioso, a culpa é sua — disse Bilbo. — Ele é meu, estou dizendo. Meu. Meu precioso. Sim, meu precioso.

O rosto do mago permaneceu grave e atento, e apenas uma faísca nos olhos profundos demonstrou que ele estava assustado e na verdade alarmado.

— Ele já foi chamado assim antes — disse ele. — Mas não por você.

— Mas eu estou dizendo isso agora. E por que não? Até mesmo

Gollum disse a mesma coisa uma vez. Agora o anel não é dele, é meu. E devo dizer que vou ficar com ele.

Gandalf se levantou. Falou de modo ríspido.

— Você vai ser um tolo se fizer isso, Bilbo — disse ele. — Você torna isso claro a cada palavra que diz. O anel se apoderou de você e isso foi longe demais. Largue dele! E então você poderá ir também, e ser livre.

— Eu vou fazer como quiser e irei como desejar — disse Bilbo obstinadamente.

— Agora, meu querido hobbit! — disse Gandalf. — Por toda sua longa existência nós fomos amigos, e você me deve alguma coisa. Vamos lá! Faça como prometeu: desista dele!

— Bem, se você quer o anel para você, diga logo! — gritou Bilbo. — Mas você não vai tê-lo. Eu não vou dar o meu precioso para ninguém. — Sua mão buscou o punho da pequena espada.

Os olhos de Gandalf brilharam.

— Logo será a minha vez de ficar furioso — disse ele. — Se você disser isso de novo, eu fico. Aí você verá Gandalf, o Cinzento, se revelar. — Deu uns passos em direção ao hobbit, e parecia ficar cada vez mais alto e ameaçador; sua sombra enchia toda a sala.

Bilbo recuou para a parede, resfolegando, a mão agarrada ao seu bolso.

Ficaram por um tempo olhando um para o outro, e o ar da sala zunia. Os olhos de Gandalf continuavam em cima do hobbit. Lentamente sua mãos relaxaram e ele começou a tremer.

— Não sei o que aconteceu com você, Gandalf. — disse ele. — Você nunca foi assim antes. O que está acontecendo? Ele é meu, não é? Eu o achei, e Gollum teria me matado se eu não o tivesse guardado. Não sou um ladrão, não importa o que ele tenha dito.

— Eu nunca chamei você de ladrão — respondeu Gandalf — E também não sou ladrão. Não estou tentando roubar você, mas ajudá-lo. Eu queria que você confiasse em mim como confiava. — Ele se virou e a sombra sumiu. Ele pareceu diminuir, e voltou a ser um velho grisalho, curvado e preocupado.

Bilbo passou a mão sobre os olhos.

— Sinto muito! — disse ele. — Mas me senti tão estranho. E apesa disso seria de certo modo um alívio não ter mais de me preocupar com ele. Ele cresceu na minha mente nos últimos tempos. Às vezes eu sentia que ele era um olho me vigiando. Estou sempre sentindo vontade de colocá-lo e desaparecer, sabe... E me perguntando se ele está a salvo, e tocando nele para ter certeza. Tentei trancá-lo, mas descobri que não podia descansar sem ele no bolso. Não sei por quê. Parece que não consigo me decidir.

— Então, confie em mim — disse Gandalf. — Já está decidido. V embora e deixe-o aqui. Deixe de possuí-lo. Dê-o a Frodo e eu tomarei cont dele.

Bilbo ficou parado por um momento, tenso e indeciso. Depoi suspirou.

— Está bem — disse ele com um esforço. — Eu vou! — Entã encolheu os ombros e sorriu com certa aflição. — Afinal de contas, todo esse negócio de festa foi por causa disso: distribuir um monte de presentes de aniversário, e de alguma forma facilitar as coisas para também dar o anel. No final das contas, as coisas não ficaram mais fáceis, mas seria uma pena desperdiçar todos os meus preparativos. Estragaria a brincadeira.

— Na verdade, destruiria o único motivo que eu via na coisa toda — disse Gandalf.

— Muito bem! — disse Bilbo. — Ele vai para Frodo, com todo o rest Ele respirou fundo. — E agora devo ir, ou alguém vai me pegar. Eu diss adeus, e não aguentaria fazer tudo de novo. — Apanhou seu saco e se dirigiu para a porta.

— Você ainda está com o anel no bolso — disse o mago.

— É mesmo! — gritou Bilbo. — E o meu testamento e todos os outro documentos também. É melhor você pegá-lo e entregá-lo em meu lugar. Será mais seguro.

— Não, não dê o anel para mim — disse Gandalf. — Coloque-o sobr a lareira. Estará a salvo lá até que Frodo venha. Eu esperarei por ele.

Bilbo tirou o envelope, mas, no momento em que ia colocá-lo ao lad do relógio, sua mão deu um arranco para trás e o pacote caiu no chão. Antes que Bilbo pudesse apanhá-lo, o mago pulou e o agarrou, colocando-o em seu lugar. Um espasmo de raiva passou de leve sobre o rosto do hobbit outra vez.

De repente o espasmo deu lugar a uma aparência de alívio, com uma risada.

— Bem, é isso — disse ele. — Agora vou indo! Eles foram para o corredor. Bilbo escolheu sua bengala favorita e assobiou. Três anões saíram de salas diferentes, onde tinham estado ocupados.

— Está tudo pronto? — perguntou Bilbo. — Tudo empacotado e etiquetado? Bem, então vamos! — Ele saiu pela porta da frente.

A noite estava agradável, e o céu preto ponteado de estrelas. Ele olhou para cima, sentindo o ar.

— Que bom! Que bom estar partindo novamente, partindo na Estrada com os anões! É isso que eu realmente quis, por muitos anos! Adeus — disse ele, olhando para sua velha casa e inclinando-se para a porta. — Adeus, Gandalf.

— Adeus por enquanto, Bilbo. Cuide-se bem! Você tem idade suficiente, e talvez também sabedoria.

— Cuide-se! Eu não me preocupo. Não se preocupe comigo. Estou mais feliz que nunca, e isso significa muita felicidade. Mas chegou a hora. Meus pés estão sendo impulsionados de novo, finalmente — acrescentou; e então, numa voz baixinha, como se fosse para si mesmo, cantou suavemente no escuro:

A Estrada em frente vai seguindo
Deixando a porta onde começa.
Agora longe já vai indo,
Devo seguir, nada me impeça;
Em seu encalço vão meus pés,
Até a junção com a grande estrada,
De muitas sendas através.
Que vem depois? Não sei mais nada.

Parou por um momento, silencioso. Então, sem mais uma palavra deu as costas às luzes e vozes nos campos e barracas e, seguido por seus três companheiros, deu a volta entrando no jardim e foi descendo rápido o longo caminho. Pulou a cerca-viva numa parte onde era mais baixa e chegou às

campinas, passando através da noite como o farfalhar do vento na relva.

Gandalf ficou por um tempo olhando para ele, que sumia na noite.

— Adeus, meu querido Bilbo, até nosso próximo encontro! — disse ele suavemente, e entrou na casa.

Frodo entrou logo depois, e o encontrou sentado no escuro, mergulhado em pensamentos.

— Ele se foi? — perguntou ele.

— Sim — respondeu Gandalf — Finalmente ele se foi.

— Tomara, quero dizer, eu esperava até esta noite que tudo fosse apenas uma brincadeira — disse Frodo. — Mas no fundo eu sabia que ele realmente queria ir. Queria ter entrado um pouco antes, apenas para vê-lo partir.

— Acho realmente que ele preferia escapulir despercebido no final — disse Gandalf. — Não se preocupe muito. Ele ficará bem — agora. El deixou um pacote para você. Ali está!

Frodo pegou o envelope da lareira e olhou-o, mas não o abriu.

— Nele você encontrará o testamento e todos os outros documentos, eu acho — disse o mago. — Você é o dono de Bolsão. E também, eu achc você vai encontrar um anel de ouro.

— O anel! — exclamou Frodo. — Ele me deixou o anel? Gostaria d saber por quê! Mas ele ainda pode ser útil.

— Pode ser e pode não ser — disse Gandalf — Eu não faria uso dele se fosse você. Mas guarde-o em segredo, e a salvo! Agora vou dormir.

Como dono de Bolsão, Frodo sentiu que era seu doloroso dever dize adeus a todos os convidados. Rumores sobre acontecimentos estranhos tinham agora se espalhado em todo o campo, mas Frodo apenas dizia *não há dúvidas de que tudo será esclarecido de manhã*. Por volta da meia-noite, vieram carruagens para as pessoas importantes.

Uma a uma, elas foram rolando colina abaixo, lotadas de hobbits saciados, mas muito insatisfeitos. Vieram jardineiros, e removeram com carrinhos de mão aqueles que tinham inadvertidamente ficado para trás.

A noite passou lentamente. O sol nasceu. Os hobbits acordaram muito mais tarde. A manhã passou. Pessoas vieram e começaram (por ordem de alguém) a retirar os pavilhões e as mesas e cadeiras, e as colheres e facas e

garrafas e pratos, e as lanternas, e os arranjos de flores em caixas, e os restos de papel de bombinhas, e bolsas e luvas e lenços esquecidos, e a comida que não tinha sido consumida (um item muito pequeno). Então várias outras pessoas vieram (por ordem de ninguém): Bolseiros e Boffins, e Bolgers, e Túks e outros convidados que moravam ou estavam hospedados em lugares próximos. Por volta do meio-dia, quando até os mais bem alimentados estavam a todo vapor novamente, havia uma grande multidão em Bolsão; não convidada, mas não inesperada.

Frodo estava esperando no degrau, sorrindo, mas com uma aparência bastante cansada e preocupada. Deu boas-vindas a todos os visitantes, mas não tinha muito mais para dizer além do que já tinha dito antes. Sua resposta a todas as indagações era simplesmente: "O Sr. Bilbo Bolseiro foi embora; pelo que sei, para sempre." Alguns visitantes ele convidou para entrar, pois Bilbo tinha deixado "mensagens" para eles.

Dentro do corredor estava empilhada uma grande variedade de pacotes e embrulhos e pequenas peças de mobília. Em cada item havia uma etiqueta.

Havia várias etiquetas deste tipo:

Para Adelard Túk, e SOMENTE PARA ELE, de Bilbo; em um gua chuva.

Adelard tinha dado cabo de muitos guarda-chuvas não etiquetados.

Para DORA BOLSEIRO em memória de uma LONGA correspond com amor. De Bilbo; num grande cesto de lixo. Dora era a irmã de Drogo e a mulher mais velha entre os parentes vivos de Bilbo e Frodo; tinha noventa e nove anos e escrevera resmas de bons conselhos durante mais de meio século.

Para MILO COVAS, esperando que seja de utilidade, de Bilbo; uma can de ouro e um vidro de tinta. Milo nunca respondia cartas.

Para o uso de ANGÉLICA, do tio Bilbo; num espelho redondo e conve. Ela era uma jovem Bolseiro, e obviamente considerava seu rosto bem proporcionado.

Para a coleção de HUGO JUSTA-CORREIA, de um doador; uma es (vazia). Hugo era ótimo para pedir livros emprestados, e péssimo para devolvê-los.

Para LOBÉLIA SACOLA-BOLSEIRO, como um PRESENTE; um colheres de prata. Bilbo achava que ela se apropriara de grande quantidade de suas colheres enquanto ele estava longe, na primeira viagem. Lobélia sabia muito bem disso. Quando chegou mais tarde naquele dia, pegou a ideia imediatamente, mas também pegou as colheres.

Essa é apenas uma pequena seleção dos presentes. A residência de Bilbo ficara realmente entulhada de coisas no curso de sua longa existência. Era uma tendência das tocas de hobbits ficarem entulhadas: pela qual c costume de distribuir tantos presentes de aniversário foi grandemente responsável.

Não que, é claro, os presentes de aniversários fossem sempre novos; havia um ou outro velho mathom de utilidade esquecida que tinha circulado por todo o distrito; mas Bilbo geralmente dava presentes novos, e guardava os que recebia. A velha toca estava sendo agora um pouco desentulhada.

Cada um dos vários presentes de despedida tinha uma etiqueta, escrita pessoalmente por Bilbo, e muitos tinham alguma finalidade especial ou alguma brincadeira. Mas é claro que a maioria das coisas foi dada para pessoas que as desejavam e as receberiam bem. Os hobbits mais pobres, e especialmente aqueles da Rua do Bolsinho, se saíram muito bem. O velho Feitor Gamgi ficou com dois sacos de batatas, uma pá nova, um colete de lã e uma garrafa de ungüento para as juntas enferrujadas.

O velho Rory Brandebuque, em recompensa por sua grande hospitalidade, ficou com uma dúzia de garrafas de Velhos Vinhedos: um vinho tinto forte que vinha da Quarta Sul, e agora já maduro, pois tinha sido guardado pelo pai de Bilbo. Rory desculpou Bilbo, e depois da primeira garrafa jurou que ele era um bom camarada.

Uma grande quantidade de tudo ficou para Frodo. E, é claro, todos os tesouros mais importantes, bem como os livros, quadros, e mobília mais que suficiente. Tudo isso foi deixado para ele. Não houve, entretanto, qualquer sinal ou menção a dinheiro ou joias: nem um trocado ou uma conta de vidro

foram doados.

Frodo teve uma tarde bastante penosa. Um falso rumor de que todos os pertences da casa estavam sendo distribuídos gratuitamente se espalhou como fogo selvagem, e logo o lugar estava atulhado de pessoas que não tinham nada a fazer lá, mas que não podiam ser impedidas de entrar. As etiquetas se rasgaram e foram misturadas, e surgiram brigas. Algumas pessoas tentaram permutas e negociatas no corredor; e outros tentaram fugir com itens menores que não eram destinados a eles, ou com qualquer outra coisa que aparentemente ninguém quisesse ou protegesse. A estrada que dava para o portão ficou lotada de carrinhos de mão e carriolas.

No meio da confusão chegaram os Sacola-bolseiros. Frodo tinha se recolhido por uns momentos e havia deixado seu amigo Merry Brandebuque de olho nas coisas. Quando Otho pediu para ver Frodo, Merry se inclinou educadamente,

— Ele está indisposto — disse ele. — Está descansando.

— Você quer dizer escondido — disse Lobélia. — De qualquer modo queremos vê-lo. Vá agora e diga isso a ele!

Merry os deixou esperando longamente no corredor, e eles tiveram tempo para descobrir seu presente de despedida, que era o conjunto de colheres.

Isto não melhorou os ânimos. Finalmente foram conduzidos até o escritório. Frodo estava sentado à mesa com um monte de papéis em sua frente. Parecia indisposto — pelo menos para encontrar-se com os Sacola-bolseiros — e se levantou, bulindo com alguma coisa que estava em seu bolso. Mas conversou com eles de modo educado.

Os Sacola-bolseiros foram bastante agressivos. Começaram oferecendo preços de barganha (como se fosse entre amigos) por várias coisas valiosas e sem etiquetas. Quando Frodo respondeu que apenas as coisas especialmente endereçadas por Bilbo estavam sendo doadas, disseram que tudo era suspeito.

— Somente uma coisa está clara para mim — disse Otho. — Que você está se saindo muito bem nessa história. Insisto em ver o testamento.

Otho teria sido herdeiro de Bilbo, se não fosse pela adoção de Frodo. Ele leu o testamento com muito cuidado e bufou. Estava tudo, infelizmente,

muito claro e correto (de acordo com os costumes legais dos hobbits que exigem, entre outras coisas, sete assinaturas de testemunhas em tinta vermelha).

— Derrotados novamente — disse ele à sua mulher. — Depois de esperar sessenta anos. Colheres? Ninharia! — Fez um gesto de desprezo e saiu queimando o chão. Mas não foi tão fácil se livrar de Lobélia. Um pouco mais tarde, Frodo saiu do escritório para ver como as coisas estavam indo e ainda a encontrou por ali, investigando cantos e frestas e dando tapas no assoalho. Ele a conduziu com firmeza até a saída, depois de a ter livrado de vários artigos pequenos (mas bastante valiosos) que tinham de algum modo caído dentro de seu guarda-chuva. A julgar pelo rosto, parecia que ela estava tendo espasmos de tanto pensar numa resposta realmente contundente; mas tudo o que conseguiu encontrar para dizer, virando-se no degrau, foi:

— Você viverá para se arrepender disso, rapaz! Por que você também não foi? Você não faz parte deste lugar; você não é um Bolseiro, você é um Brandebuque!

— Você ouviu isso, Merry? Isso foi um insulto, eu acho — disse Frodo fechando a porta na cara dela.

— Foi um elogio — disse Merry Brandebuque. — Mas é claro que que ela disse não é verdade.

Depois eles deram a volta na toca e expulsaram três jovens hobbits (dois Boffins e um Bolger) que estavam fazendo furos nas paredes de uma das adegas. Frodo também teve uma contenda com o jovem Sancho Pé-soberbo (neto do velho Odo Pé-soberbo), que tinha iniciado uma escavação na despensa maior, onde ele pensou ouvir um eco.

A lenda do ouro de Bilbo excitava tanto a curiosidade quanto a esperança; pois o ouro lendário (obtido de modo misterioso, se não positivamente por meios ilícitos) é, como todos sabem, daquele que o encontrar — a não ser que a busca seja interrompida. Quando tinha dominado Sancho, colocando-o para fora, Frodo desabou numa cadeira no salão.

— Está na hora de fechar a loja, Merry — disse ele. Tranque a porta e não abra para ninguém hoje, mesmo que alguém traga um aríete. — Depois

foi se recompor com uma já protelada xícara de chá.

Mal tinha se sentado quando ouviu uma batida leve na porta da frente.

"Lobélia de novo, com toda certeza", pensou ele. "Deve ter pensado em algo realmente desagradável, e voltou para dizê-lo. Ela pode esperar."

Continuou tomando seu chá. A batida se repetiu, bem mais alto, mas ele não tomou conhecimento. De repente a cabeça do mago apareceu na janela.

— Se não me deixar entrar, Frodo, eu arranco essa porta e jogo lá embaixo — disse ele.

— Meu querido Gandalf! Um minutinho! — gritou Frodo, correndo até a porta. — Entre! Entre! Pensei que fosse Lobélia.

— Então eu perdôo você. Mas eu a vi agora há pouco numa charrete em direção a Beirágua, com uma cara de azedar leite fresco.

— Ela já tinha quase me azedado. Honestamente, eu quase experimentei o anel de Bilbo. Queria sumir.

— Não faça isso — disse Gandalf, sentando-se. — Tome cuidado com esse anel, Frodo! Na verdade, foi em parte por isso que eu vim para dizer uma única palavra.

— Sobre o quê?

— O que você já sabe?

— Só sei o que Bilbo me disse. Ouvi a história dele: Como o encontrou e como o usou: quero dizer, na sua viagem.

— Eu me pergunto qual história.

— Não aquela que ele contou para os anões e colocou em seu livro disse Frodo. — Ele me contou a história verdadeira depois que eu vim morar aqui. Disse que você o importunou até que contasse a verdade, e por isso era melhor que eu soubesse também. "Sem segredos entre você e mim, Frodo" disse ele; "mas isso deve ficar entre nós. O anel é meu, de qualquer forma."

— Interessante! — disse Gandalf. — E o que você achou de tudo isso?

— Se você quer dizer sobre a invenção de ter ganhado um "presente", bem, achei que a história real era muito mais provável, e não entendi o motivo da alteração. Não é muito do feitio de Bilbo fazer isso, e eu

achei muito estranho.

— Eu também. Mas coisas estranhas podem acontecer com pessoas que possuem esse tipo de tesouro — se elas o usarem. Que isso fique como um aviso para você, para que tome muito cuidado com ele. Esse anel pode ter mais poderes do que simplesmente fazer você desaparecer quando desejar.

— Não entendo — disse Frodo.

— Eu também não — respondeu o mago. — Simplesmente comecei a pensar no anel, especialmente depois da noite passada. Não é preciso se preocupar. Mas se você seguir meu conselho, vai usá-lo muito raramente, ou nem irá usá-lo. Pelo menos eu peço que você não o use de qualquer maneira que possa causar comentários ou levantar suspeitas. Digo de novo: guarde-o a salvo, e em segredo!

— Você é muito misterioso. Está com medo de quê?

— Não tenho certeza, por isso não vou dizer mais nada. Pode ser que eu tenha alguma coisa para dizer quando voltar. Vou partir imediatamente: então é adeus por enquanto. — Ele se levantou.

— Imediatamente?! — gritou Frodo. — Achei que você ia ficar no mínimo por mais uma semana. Estava ansioso por sua ajuda.

— Eu realmente queria ajudar você, mas tive de mudar meus planos. Posso ficar longe por um bom tempo, mas volto para ver você de novo assim que puder. Quando você menos esperar, eu vou aparecer! Chegarei em silêncio. Eu não devo mais visitar o Condado abertamente com frequência. Acho que me tornei muito impopular. Dizem que sou um incômodo e que perturbo a paz. Algumas pessoas estão me acusando de realmente ter feito Bilbo desaparecer, ou coisa pior. Se você quer saber, estão dizendo que existe um plano armado por nós dois para tomar posse da riqueza dele.

— Algumas pessoas! — exclamou Frodo. — Você quer dizer Otho Lobélia. Que abominável! Eu lhes daria Bolsão e todo o resto, se pudesse ter Bilbo de volta e ir com ele vagueando pelos campos. Eu amo o Condado. Mas de alguma forma começo a sentir que gostaria de ter ido embora também. Fico pensando se poderei vê-lo novamente.

— Eu também — disse Gandalf — E fico pensando em muitas outras coisas. Agora adeus! Cuide-se bem! Espere por mim, especialmente na

horas mais improváveis. Adeus.

Frodo o acompanhou até a porta. Ele acenou pela última vez e começou a andar num passo surpreendente; mas Frodo achou que o velho mago parecia mais curvado que o normal, quase como se estivesse carregando um grande peso. A noite estava chegando, e o seu vulto com a capa rapidamente desapareceu no crepúsculo.

Frodo não o viu novamente por um longo tempo.

CAPÍTULO II: A SOMBRA DO PASSADO

O comentário não se extinguiu dentro de 9 nem de 99 dias. C segundo desaparecimento do Sr. Bilbo Bolseiro foi discutido na Vila dc Hobbits, e na verdade em todo o Condado, ao longo de todo o ano, sendc relembrado por muito mais tempo.

Tornou-se uma fábula para os pequenos hobbits, e finalmente c Louco Bolseiro, que costumava desaparecer num lampejo com um estrondc e reaparecer com sacos de joias e ouro, robusto e vigoroso recém-saído da vintolescência. "A sorte vem para poucos", eles diziam; mas foi somente quando Frodo chegou à idade geralmente mais sóbria de cinqüenta que começaram a achar aquilo estranho.

Frodo, depois do primeiro choque, descobriu que ser dono do seu próprio nariz e o Sr. Bolseiro de Bolsão era bastante agradável. Por algun anos foi muito feliz e não se preocupou demais com o futuro. Mas, sem que se desse conta disso, sentia um arrependimento cada vez maior por não ter partido com Bilbo. Às vezes se pegava pensando, especialmente no outono, em terras selvagens, e estranhas imagens de montanhas que nunca havia visto apareciam em seus sonhos.

Começou a dizer para si mesmo: "Talvez eu também cruze o Ric algum dia." Ao que a outra metade de sua mente sempre respondia: "Ainda não." As coisas continuaram assim até Frodo chegar ao fim dos quarenta e estar próximo de seu qüinquagésimo aniversário: cinqüenta era um número que considerava de alguma forma significativo (ou agourento); de qualquer modo, foi com essa idade que a aventura repentinamente sobreveio a Bilbo. Começou a se sentir inquieto, e as velhas trilhas pareciam marcadas demais. Olhava mapas e se perguntava sobre o que estaria além das suas bordas: a maior parte dos mapas feitos no Condado mostrava espaços em branco além de seus limites. Pegou o costume de vagar até mais longe, na maioria das vezes sozinho, e Merry e seus outros amigos o vigiavam com ansiedade. Frequentemente era visto andando e conversando com os estranhos andarilhos que tinham começado a aparecer no Condado nessa época.

Havia rumores sobre coisas estranhas acontecendo no mundo lá fora,

e como Gandalf não tinha até aquele momento aparecido ou enviado recados já por vários anos, Frodo recolhia todas as notícias que conseguia. Os elfos, que raramente entravam no Condado, podiam agora ser vistos passando em direção ao Oeste através dos bosques à noite, passando e não retornando; mas eles estavam abandonando a Terra-média e não estavam mais preocupados com os problemas do lugar. Havia, entretanto, anões na estrada em quantidade incomum. A velha estrada Leste-Oeste passava pelo Condado, indo acabar nos Portos Cinzentos, e os anões sempre a tinham usado para chegar até suas minas nas Montanhas Azuis. Eram a principal fonte de notícias de partes distantes que os hobbits possuíam — se é que desejavam qualquer notícia: geralmente os anões diziam pouco e os hobbits perguntavam menos ainda.

Mas agora Frodo sempre encontrava anões estranhos de países distantes, procurando refúgio no Oeste. Estavam preocupados, e alguns deles falavam aos sussurros sobre o Inimigo e a Terra de Mordor.

Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escuro, como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor. A Torre Escura tinha sido reconstruída, dizia-se. Dali o poder estava se espalhando em todas as direções, e lá no extremo oriente e ao sul havia guerras e o medo crescia. Os orcs se multiplicavam de novo nas montanhas. Os trolls estavam longe de suas terras e tinham deixado de ser estúpidos; eram astutos e tinham armas terríveis. E havia murmúrios sobre criaturas ainda mais horríveis que todas essas, mas que não tinham nome.

É claro que nada disso chegou aos ouvidos dos hobbits comuns. Mas mesmo os mais surdos e os que menos saíam de casa começaram a ouvir histórias estranhas, e aqueles que tinham negócios nas fronteiras começaram a ver coisas esquisitas. As conversas no Dragão Verde em Beirágua, numa noite na primavera do qüinquagésimo aniversário de Frodo, demonstravam que mesmo no confortável coração do Condado rumores foram ouvidos, embora a maioria dos hobbits ainda risse deles.

Sam Gamgi estava sentado em um canto perto do fogo, e à sua frente

estava Ted Ruivão, o filho do moleiro; havia também vários outros hobbits rústicos escutando sua conversa.

— A gente anda escutando coisas estranhas ultimamente — disse Sam.

— Ah! — disse Ted. — A gente escuta se der ouvidos. Mas eu posso escutar histórias agradáveis e contos infantis em casa, se quiser.

— Não há dúvida que sim — retorquiu Sam. — E eu digo que há mais verdade em algumas delas do que você possa imaginar. Então, quem inventou as histórias? Veja os dragões, por exemplo...

— Não, 'brigado — disse Ted. — Não vejo nada. Ouvi falar dele quando era rapaz, mas não preciso acreditar nisso hoje em dia. Só existe um dragão em Beirágua, que é o Verde — disse ele, provocando o riso geral.

— Tudo bem — disse Sam, rindo com os outros. — Mas e esses homens-árvores, esses que podemos chamar de gigantes? Dizem que um homem maior que uma árvore foi visto indo para os Pântanos do Norte há pouco tempo.

— Quem disse isso?

— Meu primo Hal é um. Ele trabalha para o Sr. Boffin em Sobremonte e sobe até a Quarta Norte para caçar. Ele viu um.

— Disse que viu, talvez. Esse seu primo vive dizendo que viu coisas e pode ser que ele veja coisas que não estão lá.

— Mas esse era grande como um olmo, e estava andando — avançava sete jardas a cada passo, como se fosse uma polegada.

— Então aposto que não era uma polegada. O que ele viu era um olmo, é bem possível.

— Mas esse estava andando, eu te digo e não existe olmo nos Pântanos do Norte.

— Então Hal não pode ter visto um — disse Ted. Houve risos e aplausos: a platéia parecia achar que Ted tinha marcado um ponto.

— Mesmo assim — disse Sam —, você não pode negar que outros além do nosso Halfast, viram pessoas esquisitas atravessando o Condado atravessando, imagine você: existe mais gente que foi barrada nas fronteiras. Os Fronteiros nunca estiveram tão ocupados. E ouvi dizer que os elfos estão indo para o Oeste. Dizem que estão indo para os portos, muito além das

Torres Brancas. — Sam acenou o braço vagamente: nem ele nem qualque um ali sabia a que distância ficava o Mar, além das velhas torres para lá da fronteira Oeste do Condado. Mas existia uma velha tradição de que lá long ficavam os Portos Cinzentos, dos quais às vezes navios de elfos partiam para nunca mais voltar.

— Eles estão navegando, navegando pelo Mar. Estão indo para Oeste e nos deixando — disse Sam, meio que cantando as palavras balançando a cabeça triste e solenemente.

Mas Ted riu.

— Bem, isso não é nenhuma novidade, se você acredita nas velhas histórias. E não consigo ver que importância isso pode ter para mim ou para você. Deixe-os navegar! Mas eu garanto que você não os viu navegando nem qualquer outra pessoa do Condado.

— Bem, eu não sei — disse Sam pensativo. Ele acreditava ter vist um elfo uma vez nos bosques, e ainda esperava ver mais deles algum dia. Dentre todas as lendas que tinha ouvido em sua infância, esses fragmentos de contos e histórias semiesquecidas sobre os elfos, que os hobbits contavam, sempre o tocavam profundamente.

— Existem alguns, mesmo por essas partes — disse ele. — Tem o Sr Bolseiro, para quem eu trabalho. Ele me disse que estavam navegando, e el sabe um pouco sobre os elfos. E o velho Sr. Bilbo sabia mais: tive muita conversas com ele quando era garotinho.

— Nenhum dos dois regula bem — disse Ted. — Pelo menos o velh Bilbo era louco, e Frodo está ficando. Se é daí que você recolheu sua informações, não precisa inventar mais nada. Bem, amigos, vou para casa. À sua saúde! — Esvaziou sua caneca e saiu fazendo barulho.

Sam ficou sentado em silêncio e não falou mais. Tinha muito em que pensar. Em primeiro lugar, havia muito trabalho a fazer no jardim de Bolsão e o dia seguinte seria cheio, se o tempo melhorasse. A grama estava crescendo rápido. Mas tinha outras coisas na cabeça além da jardinagem. Depois de uns momentos suspirou, levantou-se e saiu.

Era o começo de abril e o céu estava clareando depois de uma chuva pesada.

O sol tinha se posto e um entardecer pálido e fresco morria dentro da

noite. Ele caminhou sob as primeiras estrelas através da Vila dos Hobbits e Colina acima, assobiando doce e pensativamente.

Foi bem nessa época que Gandalf reapareceu depois de uma longa ausência.

Tinha estado fora por três anos depois da Festa. Então fez uma visita rápida a Frodo e, depois de ter dado uma boa olhada nele, partiu novamente. Durante um ou dois anos consecutivos havia aparecido com bastante frequência, chegando sem ser esperado depois do anoitecer e indo embora sem avisar antes do nascer do sol. Não discutia seus próprios assuntos e viagens, e parecia principalmente interessado em pequenas notícias sobre a saúde e os afazeres de Frodo.

Depois, de repente, suas visitas cessaram. Já fazia mais de nove anos que Frodo não o via ou tinha notícias dele, e começou a pensar que o mago nunca mais voltaria e tinha perdido completamente o interesse por hobbits. Mas naquela noite, enquanto Sam estava indo para casa e anoitecia, veio a já conhecida batida na janela do escritório.

Frodo recebeu seu velho amigo com surpresa e grande prazer. Eles olharam bem um para o outro.

— Ora, ora... — disse Gandalf — Você parece o mesmo de sempre Frodo!

— Você também — replicou este; mas em segredo pensou que Gandalf parecia mais velho e desgastado. Quis saber notícias suas e do mundo lá fora, e logo os dois estavam numa conversa animada, que durou até tarde da noite.

Na manhã seguinte, depois de um desjejum tardio, o mago e Frodo estavam sentados perto da janela do escritório. Havia um fogo forte na lareira, mas o sol estava quente, e o vento vinha do sul. Tudo estava muito viçoso, e o verde novo da primavera brilhava nos campos e nas pontas dos dedos das árvores.

Gandalf estava pensando numa primavera, quase 80 anos atrás, quando Bilbo saíra de Bolsão sem levar um lenço. Seu cabelo talvez estivesse agora mais branco, e sua barba e sobrancelhas mais longas, e seu rosto mais marcado pela preocupação e pela sabedoria; mas os olhos brilhavam como sempre, e ele fumava e soprava anéis de fumaça com o mesmo vigor e

prazer.

Agora fumava em silêncio, pois Frodo estava quieto, perdido em pensamentos. Mesmo na luz do dia ele sentia a sombra escura das notícias trazidas por Gandalf. Finalmente quebrou o silêncio.

— Ontem à noite você começou a dizer coisas estranhas sobre o meu anel, Gandalf — disse ele. — E aí parou, porque disse que era melhor conversar esses assuntos de dia. Não acha que devia terminar agora? Você diz que o Anel é perigoso, muito mais perigoso do que eu imagino. De que maneira?

— De muitas maneiras — respondeu o mago. — Ele é muito mais poderoso do que jamais ousei pensar no início, tão poderoso que no final poderia literalmente dominar qualquer um da raça dos mortais que o possuísse. O Anel o possuiria.

— Em Eregion, há muito tempo, muitos anéis élficos foram feitos anéis mágicos, como se diz. E eram, é claro, de muitos tipos: alguns mais poderosos, outros menos. Os anéis menos importantes foram apenas ensaios no oficio, que ainda não estava totalmente desenvolvido, e para os ourives élficos eram insignificantes – embora eu os considere um risco para os mortais. Mas os Grandes Anéis, os Anéis de Poder, esses eram perigosos.

— Um mortal, Frodo, que possuir um dos Grandes Anéis não morre mas também não se desenvolve ou obtém mais vida; simplesmente continua, até que no final cada minuto é puro cansaço. E se usar o Anel com frequência para se tornar invisível, ele desaparece: torna-se no fim invisível permanentemente, e anda no crepúsculo sob o olhar do poder escuro que governa os Anéis. Sim, mais cedo ou mais tarde — mais tarde se essa pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força e nem bons propósitos durarão —, mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-la.

— Que assustador! — disse Frodo. Houve outro longo silêncio. O som de Sam Gamgi cortando a grama vinha do jardim.

— Há quanto tempo você sabe dessas coisas? — perguntou Frodo finalmente. — E o que é que Bilbo sabia disso?

— Bilbo não sabia mais do que contou a você, tenho certeza — disse Gandalf — Certamente não lhe passaria nada que considerasse perigoso mesmo que eu tenha prometido cuidar de você. Achava que o Anel era

muito bonito e muito útil, e que se alguma coisa estava errada ou esquisita, o problema era com ele. Disse que o Anel estava "crescendo em sua mente" sendo constantemente objeto de sua preocupação; mas nunca suspeitou que a causa fosse o próprio anel. Embora tenha descoberto que a coisa precisava de cuidado: nunca parecia ser do mesmo tamanho e peso; encolhia ou se expandia de um modo estranho, e podia de repente escapar de um dedo em que coubesse justo.

— É, ele me avisou disso em sua última carta — disse Frodo. — Po isso sempre o mantive na corrente.

— Muito sábio — disse Gandalf — Mas quanto à sua vida longa, Bilb nunca a relacionou ao anel. Considerou que os méritos eram dele mesmo, e tinha muito orgulho disso. Mas estava ficando inquieto e impaciente. Fino e esticado, dizia. Um sinal de que o anel estava tomando controle.

— Há quanto tempo você sabe de tudo isso? — perguntou Frodo de novo.

— Sei? — disse Gandalf — Sei de muitas coisas que apenas os Sábic sabem, Frodo. Mas se quer dizer "sei sobre este anel", bem, ainda não sei pode-se dizer. Há um último teste para ser feito. Mas não duvido mais de que já suponho.

— Quando foi que comecei a supor? — continuou ele cismando, em busca da resposta em sua memória. — Deixe-me ver — foi no ano em que c Conselho Branco expulsou o poder escuro da Floresta das Trevas, um pouc antes da Batalha dos Cinco Exércitos, quando Bilbo encontrou seu ane Uma sombra cobriu meu coração, embora eu ainda não soubesse o que temia. Sempre me perguntava como Gollum tinha achado um Grande Anel, poi aquele era um Grande Anel — isso ao menos estava claro desde o início. A escutei a história estranha de Bilbo, de como o tinha "ganhado", e não pude acreditar nela. Quando finalmente consegui que contasse a verdade, percebi na hora que ele estava tentando colocar seu direito sobre o anel acima de qualquer dúvida. Muito parecido com Gollum e seu "presente de aniversário". As mentiras eram muito semelhantes para que eu ficasse tranquilo. Ficou evidente que o anel tinha um poder pernicioso que começava a repercutir sobre seu dono imediatamente. Este foi o primeirc indício verdadeiro que tive de que não estava tudo bem. Disse a Bilbo que

era melhor não usar esse tipo de anel, mas ele se ressentiu e logo ficou furioso. Não havia quase mais nada que eu pudesse fazer. Não poderia tomá-lo sem causar um grande mal, e não conseguiria fazê-lo, de qualquer forma. Eu só podia observar e esperar. Talvez pudesse ter consultado Saruman, o Branco, mas alguma coisa sempre me impedia.

— Quem é Saruman? — perguntou Frodo. — Nunca ouvi falar nele antes.

— Talvez não — respondeu Gandalf — Ele não se preocupa, ou não se preocupava, com hobbits. Apesar disso, é um dos grandes entre os Sábios. É o chefe da minha ordem e o presidente do Conselho. Seu conhecimento é profundo, mas seu orgulho cresceu na mesma proporção, e ele se ofende se alguém se intrometer. A história dos anéis élficos, grandes ou pequenos, é da sua alçada. Estudou-a por muito tempo, procurando os segredos perdidos de sua feitura; mas quando os Anéis foram debatidos no Conselho, tudo o que nos revelou sobre seu estudo se mostrou contra meus receios. Então minha dúvida adormeceu — de modo inquieto. Ainda observei e esperei.

— E tudo parecia estar bem com Bilbo. E os anos passaram. Sim, passaram, e pareciam não afetá-lo. Ele não demonstrava sinais de envelhecimento. A sombra cobriu meu coração novamente. Mas disse a mim mesmo: "Afinal de contas, ele vem de uma família de grande longevidade, por parte de mãe. Ainda há tempo. Espere!"

— E esperei. Até aquela noite em que deixou esta casa. Ele disse e fez coisas que me encheram de um medo que nenhuma palavra de Saruman poderia conter. Finalmente soube que algo escuro e mortal estava em ação. Passei a maioria dos anos desde essa época descobrindo a verdade sobre isso.

— Não havia nenhum mal permanente já feito, havia? — perguntou Frodo ansiosamente. — Ele ficaria bem com o tempo, não ficaria? Quero dizer, ele poderia descansar em paz?

— Sentiu-se melhor imediatamente — disse Gandalf. — Mas só existe um poder neste mundo que sabe tudo sobre os Anéis e seus efeitos; e pelo que sei, não há nenhum poder no mundo que saiba tudo sobre hobbits. Entre os Sábios, eu sou o único que sabe sobre a tradição hobbit: um ramo de conhecimento obscuro, mas cheio de surpresas. Podem ser moles como manteiga, porém às vezes duros como velhas raízes de árvores. Acho

provável que alguns possam resistir aos Anéis por muito mais tempo do que os Sábios imaginam. Acho que não há necessidade de se preocupar com Bilbo.

— É claro que ele possuiu o anel por muitos anos, e o usou; de modo que pode demorar muito até que a influência se acabe — até que rever o anel não represente um perigo para ele, por exemplo. Se isso não acontecer, ele pode viver muito, bastante feliz: apenas continuando como estava quando se separou do anel. No fim das contas, desistiu dele por sua própria vontade: um ponto importante. Não, eu não estava mais preocupado com Bilbo, uma vez que ele tinha se livrado da coisa. É por você que me sinto responsável.

— Desde que Bilbo partiu, ando muito preocupado com você, e com todos esses hobbits encantadores, absurdos e desamparados. Seria um triste golpe para o mundo se o Poder Escuro dominasse o Condado; se todo vocês, estúpidos e alegres Bolgers, Corneteiros, Boffins, Justa-correias e o resto, para não falar dos ridículos Bolseiros, fossem todos escravizados.

Frodo estremeceu.

— Mas por que isso deveria acontecer? — perguntou ele. — E por que ele iria querer escravos assim?

— Para falar a verdade — replicou Gandalf —, acredito que até agora, até agora, veja bem — ele ignorou totalmente a existência dos hobbits. Você deve ficar agradecido. Mas a sua segurança passou. Ele não precisa de vocês — tem muitos servidores úteis — mas não se esquecerá de vocês novamente. E hobbits miseravelmente escravizados seriam muito mais do agrado dele do que hobbits felizes e livres. Existem coisas assim, como malícia e vingança.

— Vingança? — disse Frodo. — Vingança por quê? Ainda não entendo o que tudo isso tem a ver com Bilbo, comigo e com nosso anel.

— Tem tudo a ver — disse Gandalf — Você ainda não sabe do perigo real; mas saberá. Eu não sabia ao certo da última vez que vim aqui; mas chegou a hora de falar. Dê-me o anel por um momento.

Frodo retirou-o do bolso das calças, onde estava preso numa corrente pendurada ao cinto. Soltou-o e o entregou lentamente ao mago. Sentiu que estava muito pesado, como se o anel ou o próprio Frodo estivessem

relutantes em permitir que Gandalf o tocasse.

Gandalf ergueu-o no ar. Parecia ser feito de ouro puro e maciço.

— Você consegue ver essas marcas nele? — perguntou o mago.

— Não — disse Frodo. — Não vejo nada. O anel é liso, e nunc mostra sinais de arranhões ou de uso.

— Então olhe! — Para assombro e aflição de Frodo, o mago jogou (anel de repente bem no meio de um canto aceso da lareira. Frodo deu um grito e estendeu a mão tentando pegar as tenazes, mas Gandalf o segurou.

— Espere — disse ele numa voz imperativa, lançando de suas sobrancelhas eriçadas um olhar rápido sobre Frodo.

O anel não mostrou nenhuma alteração aparente. Depois de un tempo Gandalf se levantou, fechou as folhas da janela e a cortina. A sala ficou escura e silenciosa, embora o barulho das tesouras de Sam, agora mais próximo da janela, ainda chegasse abafado do jardim. Por um momentc Gandalf ficou olhando para o fogo; depois se abaixou e tirou o anel da lareira com as tenazes, e imediatamente o segurou.

Frodo ficou boquiaberto.

— Está frio — disse Gandalf. — Pegue-o! — Gandalf o colocou n palma da mão do outro, que estava tremendo: parecia que o anel tinha ficado mais espesso e pesado que nunca.

— Erga-o! — disse Gandalf. — E olhe de perto!

Fazendo isso, Frodo enxergou as linhas finas, mais finas que o mais fino traço de pena, que corriam ao longo do anel, na parte interna e na externa: linhas de fogo que pareciam formar as letras de uma caligrafia contínua. Brilhavam com uma luz penetrante e contudo remota, como se emanasse de grande profundidade.

— Não consigo ler as letras de fogo — disse Frodo numa voz trêmula.

— Não — disse Gandalf —, mas eu consigo. Essas letras são élfico, de uma modalidade arcaica, mas a língua é a de Mordor, a qual não vou pronunciar aqui. Mas isto em Língua Comum quer dizer, aproximadamente: Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los

— São apenas duas linhas de versos conhecidos há muito tempo na tradição élfica:

Três Anéis para os Reis Elfos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.
Um Anel para a todos governar,
Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.

Parou, e então disse lentamente, numa voz profunda:

— Este é o Anel-Mestre, o Um Anel para a todos governar. Este é Um Anel que ele perdeu há muito tempo, o que causou um grande

enfraquecimento de seu poder. Ele o deseja muito — mas não deve obtê-lo.

Frodo estava sentado em silêncio e paralisado. Parecia que o medo estava estendendo uma mão enorme, como uma nuvem escura que nascia no Leste e avançava para envolvê-lo.

— Este anel! — gaguejou. — Como, como veio parar nas minhas mãos?

— Ah! — disse Gandalf. — Essa é uma longa história. Seu início remonta aos Anos Negros, agora apenas lembrados pelos mestres conhecedores das tradições. Se eu tivesse de lhe contar tudo, ficaríamos aqui sentados até o inverno chegar.

— Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro. Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu, deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor. Até vocês hobbits já ouviram esse nome, como uma sombra rondando os limites das velhas histórias. Sempre, depois de uma derrota e uma pausa, a Sombra toma outra forma e cresce novamente.

— Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época — disse Frodo.

— Eu também — disse Gandalf. — Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado. E, Frodo, nosso tempo já está começando a ficar negro. O Inimigo está se tornando muito forte. Seus planos ainda não estão amadurecidos, eu acho, mas estão amadurecendo. Será muito difícil para nós. Já seria, mesmo se não fosse por esse acaso terrível.

— Para o Inimigo falta ainda uma coisa que lhe dê força e sabedoria para derrotar todas as resistências, quebrar todas as defesas e cobrir todas as terras com uma segunda escuridão. Ele precisa do Um Anel.

— Os Três, os mais bonitos de todos, foram escondidos dele pelos Reis-Elfos, e suas mãos nunca os tocaram ou macularam. Sete os Senhores Anões possuíam, mas ele recuperou três, e os outros foram consumidos pelos dragões. Nove ele deu a Homens Mortais, orgulhosos e poderosos, e dessa modo os seduziu. Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, sombras sob sua grande Sombra, seus mais terríveis servidores. Há muito tempo. Faz muitos anos que os Nove foram

levados para longe. Mas, quem sabe? Conforme as sombras cresçam novamente, estes também podem retornar. Mas deixa para lá! Não devemos falar dessas coisas nem numa manhã do Condado.

— A situação agora é esta: os Nove foram reunidos por ele; os Sete também, ou então foram destruídos. Os Três ainda estão escondidos. Ma não o preocupam mais. Precisa apenas do Um, pois este foi feito por ele mesmo, pertence a ele, que permitiu que uma grande parte de seu antigo poder passasse para o anel, de modo que pudesse governar todos os outros. Se o recuperar, poderá comandar a todos novamente, onde quer que estejam, até mesmo os Três, e tudo o que foi feito com eles não terá mais efeito, e ele ficará mais forte que nunca.

— E este é o acaso terrível, Frodo. Ele acreditava que o Um estav desaparecido, que havia sido destruído pelos elfos, como deveria ter acontecido. Mas agora sabe que ele não desapareceu, que foi encontrado. Então está procurando, procurando, e todo o seu pensamento está concentrado nisso. É sua grande esperança e nosso grande receio

— Por que, por que não foi destruído? — gritou Frodo. — E com aconteceu ao Inimigo perdê-lo, se era tão forte e o considerava tão precioso?

Apertou o Anel em sua mão, como se já enxergasse dedos escuros se estendendo para tentar tomá-lo.

— Foi tomado dele — disse Gandalf. — Antigamente a força de resistência dos elfos contra ele era maior; e homens e elfos não eram tão estranhos uns aos outros. Os homens de Ponente vieram ajudá-los. Este é um capítulo da antiga história que merece ser recordado; naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão. Um dia, talvez, eu lhe conte toda a história, ou quem sabe você a escute de alguém que a conhece melhor.

— Mas por enquanto, já que acima de tudo você precisa saber como essa coisa veio parar em suas mãos, e isso já dá uma história bem longa, vou me limitar a essa parte. Foi Gil-galad, Rei-Elfo, que juntamente com Elend do Ponente, derrotou Sauron, embora os dois tenham sucumbido nessa empresa; Isildur, filho de Elendil, cortou o Anel da mão de Sauron e tomou-o para si. Dessa forma Sauron foi subjugado e seu espírito fugiu e ficou

escondido por muitos anos, até que sua sombra tomou forma novamente na Floresta das Trevas.

— Mas o anel foi perdido. Caiu no Grande Rio, Anduin, e sumiu Isildur estava marchando para o Norte ao longo da margem leste do Ric perto dos Campos de Lis, foi assaltado pelos orcs das Montanhas, e quas todo o seu povo foi assassinado. Ele pulou nas águas do Rio, mas o Ane escorregou de seu dedo enquanto nadava, e então os orcs o viram e o mataram com flechas. — Gandalf parou.

— E ali, nos lagos escuros dos Campos de Lis — disse ele — , o Ane sumiu do conhecimento e das lendas; e até mesmo esta parte de sua história é conhecida apenas por poucas pessoas, e o Conselho dos Sábios não conseguiu descobrir mais. Mas finalmente acho que posso continuar a história.

— Muito depois, mas ainda há muito tempo, vivia nas margens do Grande Rio, na borda das Terras Ermas, um pequeno povo de mãos ágeis e pés silenciosos. Acho que eram semelhantes aos hobbits; parentes dos pais dos pais dos Grados, pois amavam o Rio e sempre nadavam nele, ou fazian pequenos barcos de junco.

Havia entre eles uma família muito considerada, pois era maior e mais rica que a maioria, que era governada pela avó, senhora austera e conhecedora da história antiga de seu povo. O elemento mais curioso e mais ávido de conhecimento dessa família se chamava Sméagol. Ele se interessava por raízes e origens; mergulhava em lagos fundos, fazia escavações embaixo de árvores e plantas novas, abria túneis em colinas verdes; com o tempo, deixou de olhar os topos das colinas, as folhas nas árvores, e as flores se abrindo no ar: sua cabeça e olhos só se dirigiam para baixo.

— Tinha um amigo chamado Déagol, parecido com ele, de olhos mais penetrantes mas não tão rápido ou forte. Uma vez pegaram um barco e desceram para os Campos de Lis, onde havia grandes canteiros de íris e juncos em flor. Ali Sméagol desceu e foi fuçar as margens, mas Déagol ficou sentado no barco pescando. De repente um grande peixe mordeu a isca, e antes que soubesse onde estava, ele foi arrastado para fora do barco e dentro da água, até o fundo. Então soltou a linha, pois julgou ver alguma coisa

brilhando no leito do rio, e prendendo a respiração conseguiu apanhá-la.

— Depois subiu soltando bolhas, com plantas em seu cabelo e um monte de lama na mão, e nadou até a margem. E veja só! Quando limpou a lama, viu em sua mão um lindo anel de ouro, que brilhava e resplandecia ao sol. Seu coração se alegrou. Mas Sméagol tinha ficado vigiando de trás de uma árvore, e enquanto Déagol se regozijava com o anel, Sméagol chegou devagar por trás dele, "Dê isso para nós, Déagol, meu querido", disse Sméagol sobre o ombro do amigo.

"Por quê?", perguntou Déagol.

"Porque é meu aniversário, meu querido, e eu quero isso", disse Sméagol.

"Eu não ligo", disse Déagol. "Eu já lhe dei um presente de aniversário, que foi mais do que eu podia. Eu encontrei isso, e vou ficar com ele." "Vai mesmo, meu querido?" disse Sméagol; e segurou Déagol pela garganta e o estrangulou, porque o ouro era tão brilhante e bonito. Depois pôs o anel em seu dedo.

— Jamais se descobriu o que tinha acontecido com Déagol; foi assassinado longe de casa, e seu corpo foi habilmente escondido. Mas Sméagol voltou sozinho, e descobriu que ninguém de sua família podia vê-lo quando estava usando o anel. Ficou muito satisfeito com essa descoberta e a ocultou. Usava-a para descobrir segredos, e se aproveitava de seus conhecimentos em feitos desonestos e maliciosos. Ficou com olhos perspicazes e ouvidos aguçados para tudo que fosse pernicioso. O anel tinha lhe dado poderes de acordo com sua estatura. Não é de admirar que tenha se tornado muito impopular e que fosse evitado (quando visível) por todos os seus parentes. Estes o chutavam, e ele mordia seus pés. Começou a roubar e a andar por aí resmungando para si mesmo, gorgolejando. Por isso chamavam-no de Gollum e o amaldiçoavam, e lhe diziam para ir embora; sua avó, querendo paz, expulsou-o da família e o pôs para fora de sua toca.

— Vagou sozinho, chorando um pouco pela dureza do mundo, e viajou rio acima, até chegar a um riacho que descia das montanhas, seguindo esse caminho. Capturava peixes em lagos fundos com dedos invisíveis e os comia crus. Num dia muito quente, quando se inclinava sobre um lago, sentiu algo queimando na sua nuca, e uma luz ofuscante que

vinha da água doeu em seus olhos molhados. Surpreendeu-se com isso, pois havia quase se esquecido da existência do sol. Então, pela última vez, olhou para cima e o desafiou com o punho fechado.

— Mas quando abaixou os olhos, viu à sua frente, distantes, os topos das Montanhas Sombrias, de onde vinha o riacho. E de repente pensou "Debaixo daquelas montanhas deve ser um lugar fresco e de muita sombra. O sol não poderia me olhar ali. As raízes dessas montanhas devem ser raízes de verdade; deve haver grandes segredos enterrados lá que não foram descobertos desde o início.

— Então viajou de noite pelas montanhas, e encontrou uma pequena caverna, da qual corria o riacho escuro; e fez o caminho rastejando, como uma larva entrando no coração das montanhas; e sumiu de todo o conhecimento. O Anel entrou nas sombras com ele, e nem mesmo quem o fez, quando seu poder começou a crescer novamente, pôde saber qualquer coisa sobre o assunto.

— Gollum! — gritou Frodo. — Gollum? Quer dizer que esta justamente a criatura-Gollum que Bilbo encontrou? Que asqueroso!

— Acho que esta é uma história triste — disse o mago — e que poderia ter acontecido com outras pessoas, até mesmo com hobbits que eu conheci.

— Não posso acreditar que Gollum tenha algum parentesco com os hobbits, por mais distante que seja — disse Frodo acaloradamente. — Que ideia abominável!

— Mas mesmo assim verdadeira — replicou Gandalf. — De qualquer maneira, sei mais das origens dos hobbits do que eles próprios. E até a história de Bilbo sugere o parentesco. Havia muita coisa no fundo de suas mentes e memórias que era similar. Eles se entenderam notavelmente bem, muito melhor do que um hobbit entenderia, vamos dizer, um anão, ou um orc, ou mesmo um elfo. Pense nas charadas que ambos sabiam, para dar um exemplo.

— Sim — disse Frodo. — Mas outros povos além dos hobbits propõem charadas e muitas delas do mesmo tipo. E os hobbits não trapaceiam. Gollum queria trapacear o tempo todo. Estava só tentando pegar Bilbo desprevenido. E vou mais além: sua maldade se divertiu propondo um jogo

que poderia acabar lhe dando uma vítima fácil, mas que não o prejudicaria se perdesse.

— Receio que isso seja a pura verdade — disse Gandalf. — Mas havi algo mais nisso tudo, eu acho, que você ainda não pode ver. Até mesmo Gollum não estava totalmente arruinado. Provou ser mais resistente até d que um dos Sábios poderia imaginar — como também pode acontecer com um hobbit. Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a luz entrou por ele, como através de uma fenda no escuro: uma luz que vinha do passado. Penso que na verdade deve ter sido bom para ele ouvi uma voz agradável novamente, trazendo lembranças do vento, das árvores, e do sol na grama, e coisas desse tipo que estavam esquecidas.

— Mas é óbvio que isso só iria fazer com que a sua parte má ficasse mais furiosa no fim — a não ser que pudesse ser conquistada. A não ser que pudesse ser curada. — Gandalf suspirou. — Infelizmente, há pouca chances. Mas ainda há esperança. Sim, pois embora ele tivesse possuído Anel por um período tão longo, incluindo quase todo o espaço de que possa se lembrar, já fazia tempo que não o usava muito: na negra escuridão era quase desnecessário. Certamente Gollum nunca "desapareceu". Está magr e ainda resistente. Mas a coisa estava devorando sua mente, é claro, e tormento já era quase insuportável.

— Todos os "grandes segredos" sob as montanhas acabaram se transformando apenas numa noite vazia: não havia mais nada para descobrir, nada que valesse a pena fazer, apenas comer coisas nojentas furtivamente e remoer ressentimentos. Odiava a escuridão, e ainda mais a luz: odiava tudo, e acima de tudo o Anel.

— O que quer dizer? — perguntou Frodo. — Certamente o Anel era o seu precioso e a única coisa com que se preocupava. Mas se o odiava, po que não se livrou dele, ou não foi embora e o deixou?

— Você precisa começar a entender, Frodo, depois de tudo o qu ouviu — disse Gandalf. — Ele o odiava e o amava, da mesma forma com odiava e amava a si mesmo. Não podia se livrar dele. Nessa questão, nã tinha mais vontade própria.

— Um anel de poder toma conta de si próprio, Frodo. Ele pod escapar traiçoeiramente, mas quem o possui nunca o abandona. No máxim

brinca com a ideia de entregá-lo aos cuidados de alguma outra pessoa — e isso apenas num estágio inicial, quando ele começa a se apoderar. Mas até onde sei, somente Bilbo em toda a história foi além de brincar, e realmente c entregou. Precisou de toda a minha ajuda, também. E mesmo assim ele nunca teria simplesmente abandonado o anel, ou colocado de lado. Não foi Gollum, Frodo, mas o próprio anel que decidiu as coisas. O anel o deixou.

— Ali, e bem em tempo de encontrar Bilbo? — disse Frodo. — Um or não teria sido mais adequado?

— Isso não é brincadeira — disse Gandalf — Não para você. Esse foi o acontecimento mais estranho em toda a história do Anel até agora: a chegada de Bilbo exatamente naquela hora, e o fato de ter colocado a mãc sobre ele, cegamente, no escuro.

— Havia mais que um poder em ação, Frodo. O anel estava tentand voltar para seu mestre. Tinha escorregado da mão de Isildur e o traíra depois, quando houve uma chance, pegou o pobre Déagol, e este foi assassinado; e depois disso Gollum, e o Anel o devorou. Não podia mais fazer uso dele: Gollum era pequeno e mesquinho demais, e enquantc permanecesse com ele o anel jamais deixaria o lago escuro.

Então nesse momento, quando seu mestre estava novamente acordado e enviando seu pensamento escuro da Floresta das Trevas, ele abandonou Gollum. Para ser apanhado pela pessoa mais improvável que se poderia imaginar: Bilbo, do Condado.

— Por trás disso havia algo mais em ação, além de qualquer desígnic de quem fez o Anel. Não posso dizer de modo mais direto: Bilbo estav designado a encontrar o Anel, e não por quem o fez. Nesse caso você também estava designado a possuí-lo. E este pode ser um pensamentc encorajador.

— Mas não é — disse Frodo. — Embora eu não tenha certeza de qu entendi o que me contou. Mas como você soube tudo isso sobre o Anel, e sobre Gollum? Você realmente sabe de tudo isso, ou ainda está se adivinhando?

Gandalf olhou para Frodo, e seus olhos brilharam.

— Eu sabia muito, e aprendi muito — respondeu ele. — Mas não vou prestar contas de tudo o que fiz para você. A história de Elendil e Isildur e

do Um Anel é conhecida por todos os Sábios. E ficou demonstrado, apena pelas letras de fogo, que o seu anel é o Um, mesmo deixando de lado outras evidências.

— E quando você descobriu isto? — perguntou Frodo interrompendo.

— Agora há pouco, nesta sala, é claro — respondeu o mago secamente. — Mas já esperava fazer essa descoberta. Voltei de escuras jornadas e de uma longa procura para fazer o teste final. É a última prova e as coisas agora estão muito claras. Descobrir a parte de Gollum, e ajustá-la à lacuna da história exigiu alguma reflexão. Posso ter começado com suposições a respeito de Gollum, mas não estou supondo agora. Eu sei. Eu o encontrei!

— Você encontrou Gollum? — exclamou Frodo, surpreso.

— Sim, a coisa mais óbvia a fazer, é claro, se fosse possível. Já estava tentando havia muito tempo, mas finalmente consegui.

— Então o que aconteceu depois que Bilbo escapou dele? Você sabe?

— Não claramente. O que você ouviu foi o que Gollum estava disposto a contar — embora, é claro, não do modo que relatei. Por exemplo, ele chamava o Anel de seu "presente de aniversário", e não abria mão disso. Disse que veio de sua avó, que tinha montes de coisas bonitas daquele tipo. Uma história ridícula. Não duvido de que a avó de Sméagol fosse uma matriarca, uma grande pessoa à sua maneira, mas dizer que ela possuía muitos Anéis-Élficos era absurdo, e quanto a doá-los, isso era mentira. Mas uma mentira com um fundo de verdade.

— O assassinato de Déagol assombrava Gollum, e ele inventou uma defesa, repetindo-a ao seu "precioso" muitas vezes, enquanto roia ossos no escuro, até quase acreditar no que dizia. Era seu aniversário, Déagol devia ter-lhe dado o anel. Para ele era óbvio que o anel tinha aparecido daquele modo porque era um presente. Era seu presente de aniversário, e tudo o mais...

— Eu o suportei o quanto pude, mas a verdade era desesperadamente importante, e no final precisei ser rude. Amedrontei-o com fogo e arranquei dele a verdadeira história, pouco a pouco, junto com muito rosnar e resmungar. Considerou-se mal interpretado e usado. Mas

quando finalmente me contou a história, até o final do jogo de charadas e a fuga de Bilbo, não disse mais nada, a não ser na forma de pistas obscuras. Alguma outra coisa o amedrontava mais que eu. Resmungava que iria ter de volta o que era seu. As pessoas iriam ver se ele suportaria ser chutado, expulso de uma toca e depois roubado. Gollum tinha agora bons amigos, bons e muito fortes. Eles o ajudariam. Bolseiro iria pagar por isso. Esse era seu principal pensamento. Odiava Bilbo e amaldiçoava seu nome. E mais: sabia de onde ele tinha vindo.

— Mas como descobriu? — perguntou Frodo.

— Bem, quanto ao nome, o próprio Bilbo o disse, muito ingenuamente; e depois disso seria fácil descobrir de onde vinha, já que Gollum tinha saído de sua ilha. Ah, sim, ele saiu. O desejo pelo anel provou ser mais forte que seu medo dos orcs, e até da luz. Depois de um ou dois anos ele deixou as montanhas. Veja você, embora ainda preso ao desejo pelo anel, Gollum não estava mais sendo devorado por ele; começou a reviver um pouco. Sentiu-se velho, terrivelmente velho, embora menos tímido, e estava mortalmente faminto.

— A luz, do sol e da lua, ainda eram odiadas por ele, e sempre serão, eu acho; mas ele foi esperto. Descobriu que podia se esconder da luz do dia e do luar, e fazer seu caminho rápida e suavemente na calada da noite com seus olhos pálidos e frios, e capturar coisas amedrontadas ou imprudentes. Ficou mais forte e corajoso com nova comida e ar. Conseguiu achar o caminho da Floresta das Trevas, como se poderia esperar.

— Foi ali que você o encontrou? — perguntou Frodo.

— Eu o vi lá — respondeu Gandalf — Mas antes disso ele vagara por lugares distantes, seguindo o rastro de Bilbo. Não tenha dúvida de que foi difícil arrancar qualquer informação dele, pois sua conversa era sempre interrompida por maldições e ameaças.

"O que ele tinha em ssseus bolssos?", dizia ele, "eu não sabia, não, precioso. Trapaça barata. Não foi uma pergunta honesta. Ele enganou primeiro, enganou sim. Quebrou as regras. Deveríamos ter espremido ele sim, precioso. E nós vamos, precioso!"

— Esta é uma amostra de sua conversa. Suponho que você não queira mais. Tive de aguentar isso por vários dias. Mas através das pistas que

escapavam com aquele rosnar, descobri que seus pés silenciosos o tinham conduzido finalmente a Esgaroth e até as ruas de Valle, escutando secretamente e espiando. Bem, a notícia dos grandes acontecimentos estava espalhada pelas Terras Ermas, e muitos tinham ouvido o nome de Bilbo e sabiam de onde vinha. Nós não fizemos segredo de nossa viagem de volta até sua casa no Oeste. Os ouvidos atentos de Gollum logo escutariam o que desejavam.

— Então, por que ele não seguiu o rastro de Bilbo por mais tempo? — Perguntou Frodo. — Por que não veio até o Condado?

— Ah! — exclamou Gandalf. — Agora chegamos ao ponto. Acho que Gollum tentou. Partiu e se dirigiu ao Oeste, até o Grande Rio. Mas aí mudou a direção. A distância não o intimidou, disso tenho certeza. Não, alguma outra coisa o afastou. Assim pensam meus amigos, os que o caçaram para mim.

— Os elfos da Floresta o procuraram primeiro, uma tarefa fácil para eles, pois seu rastro ainda era recente nessa época. Seguiram-no através da Floresta das Trevas e de volta novamente, embora não tenham conseguido capturá-lo. A Floresta estava cheia de rumores sobre ele, contos terríveis mesmo para animais e pássaros. Os homens da Floresta disseram que havia algo diferente e terrível, um fantasma que bebia sangue. Subia nas árvores para procurar ninhos; se arrastava dentro de tocas para encontrar filhotes; escorregava através das janelas para procurar berços.

— Mas na borda oeste da Floresta das Trevas o rastro mudou de rumo. Desviou para o sul, fugiu do alcance da visão dos elfos da Floresta e foi perdido. E então cometi um grande erro. Sim, Frodo, e não o primeiro embora receie que possa ter sido o mais grave. Deixei as coisas acontecerem. Deixei-o escapar, pois tinha muito em que pensar naquela época, e ainda confiava nos estudos de Saruman.

— Bem, isso foi anos atrás. Paguei por isso com muitos dias escuros e perigosos. Já fazia muito tempo que o rastro era antigo quando comecei a segui-lo novamente, depois da partida de Bilbo. E minha busca teria sido em vão, se não fosse pela ajuda que tive de um amigo: Aragorn, o maior viajante e caçador do mundo nesta era. Juntos procuramos Gollum em toda a extensão das Terras Ermas, sem esperança e sem sucesso. Mas finalmente

quando eu tinha desistido da busca e me voltava para outras coisas, Gollum foi encontrado. Meu amigo retornou, depois de passar por grandes perigos, trazendo a miserável criatura.

— O que Gollum estivera fazendo não dizia. Apenas chorava e no chamava de cruéis, com muitos gollums de sua garganta: e quando o pressionamos, lamentou-se e nos adulou, e esfregou as longas mãos, lambendo os dedos como se doessem, como se estivesse lembrando de alguma tortura antiga. Mas receio que não há sombra de dúvida: ele tinha feito um percurso longo e furtivo, passo a passo, milha a milha, até finalmente chegar à Terra de Mordor.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. Frodo podia ouvir as batidas de seu coração. Mesmo lá fora tudo parecia quieto. Nenhum som da tesoura de Sam podia ser ouvido.

— Sim, a Mordor — disse Gandalf — Infelizmente, Mordor atr. todas as coisas malignas, e o Poder Escuro estava usando todas as forças para reuni-las ali. O Anel do Inimigo também cumpriria seu papel, fazend Gollum ficar atento aos chamados. E todas as pessoas estavam na époc sussurrando sobre a nova Sombra no Sul, e sobre seu ódio pelo Oeste. A estavam seus novos e bons amigos, que o ajudariam em sua vingança.

— Idiota infame! Naquela terra poderia aprender muito, demais par que pudesse continuar tranquilo. E mais cedo ou mais tarde, enquant espreitava e vigiava nas fronteiras, ele seria capturado e levado — para exame. Foi assim que aconteceu, receio. Já tinha permanecido ali por un longo tempo quando foi encontrado, fazendo o caminho de volta. Em alguma missão maldosa. Mas isso não importa agora. Seu maior dano estav feito.

— Sim, infelizmente! Através dele o Inimigo ficara sabendo que o Un tinha sido encontrado novamente. Ele sabe onde Isildur morreu. Sabe ond Gollum encontrou seu anel. Sabe que este é um dos Grandes Anéis, poi garantiu vida longa. Sabe que não é um dos Três Anéis, pois estes nunc foram perdidos. Sabe que não é nenhum dos Sete ou dos Nove, pois se paradeiro é conhecido. Sabe que este é o Um. E finalmente ouviu falar d hobbits e do Condado.

— É provável que esteja procurando o Condado atualmente, se é que

ainda não descobriu onde fica. Na verdade, Frodo, receio até que o nome Bolseiro, que por muito tempo passou despercebido, tenha se tornado importante para ele.

— Mas isso é terrível — gritou Frodo. — Muito pior do que o pior que eu havia imaginado a partir de suas insinuações e advertências. Ó Gandalf, meu melhor amigo, que devo fazer? Pois agora estou realmente com medo. Que devo fazer? É uma pena que Bilbo não tenha apunhalado aquela criatura vil, quando teve a chance!

— Pena? Foi justamente pena que ele teve. Pena e Misericórdia: não atacar sem necessidade. E foi bem recompensado, Frodo. Tenha certeza de que ele foi tão pouco molestado pelo mal, e no final escapou, porque começou a possuir o Anel desse modo. Com pena.

— Sinto muito — disse Frodo. — Mas estou com medo; e não sinto nenhuma pena de Gollum.

— Você não o viu — Gandalf interrompeu.

— Não vi e não quero ver — disse Frodo. Não consigo entender você. Quer dizer que você e os elfos deixaram-no viver depois de todas as coisas horríveis que fez? Agora, de qualquer modo, ele é tão mau quanto um orc, e um inimigo. Merece a morte.

— Merece! Ouso dizer que sim. Muitos que vivem merecem a morte. E alguns que morrem merecem viver. Você pode dar-lhes vida? Então não seja tão ávido para julgar e condenar alguém à morte. Pois mesmo os muito sábios não conseguem ver os dois lados. Não tenho muita esperança de que Gollum possa se curar antes de morrer, mas existe uma chance. E ele está ligado ao destino do Anel. Meu coração me diz que ele tem ainda algum tipo de função a desempenhar, para o bem ou para o mal, antes do fim; e quando a hora chegar, a pena de Bilbo pode governar o destino de muitos — e o seu também. De qualquer forma não o matamos: está muito velho e infeliz. Os elfos da Floresta o mantêm preso, mas o tratam com toda a gentileza que têm em seus sábios corações.

— Mesmo assim — disse Frodo. — Mesmo que Bilbo não pudesse matar Gollum, gostaria que não tivesse ficado com o Anel. Gostaria que nunca o tivesse encontrado, e que eu não o possuísse agora! Por que permitiu que eu ficasse com ele? Por que não me obrigou a jogá-lo fora, ou a

destruí-lo?

— Permitir? Obrigar? — disse o mago. — Você não prestou atenção em tudo o que eu disse? Você não sabe o que está dizendo. Mas quanto a jogá-lo fora, isto seria obviamente errado. Esses Anéis têm um modo de ser encontrados. Em mãos perversas, este poderia ter causado um grande mal. Pior de tudo, poderia ter caído nas mãos do Inimigo. Na verdade certamente cairia; pois este é o Um, e ele está exercendo todo seu poder para encontrá-lo ou atraí-lo para si.

— É claro, querido Frodo, foi perigoso para você, e isto me preocupou muito. Mas havia tantas coisas em questão que precisei correr alguns riscos — embora não tenha havido um só dia durante minha ausência em que o Condado não estivesse guardado por olhos atentos. Contanto que você não o usasse, eu não achava que o Anel poderia ter algum efeito duradouro em você; não para o mal, e de qualquer forma não por um longo tempo. E lembre-se de que há nove anos, quando o vi pela última vez, eu tinha certeza de muito pouca coisa.

— Mas por que não destruí-lo, como você já deveria ter feito há muito tempo? — gritou Frodo novamente. — Se tivesse me avisado, ou mesmo mandado um recado, eu o teria destruído.

— Teria? Como faria isso? Você já tentou?

— Não. Mas acho que ele poderia ser destruído a marteladas, ou derretido.

— Tente! — disse Gandalf. — Tente agora.

Frodo retirou o Anel de seu bolso novamente e olhou para ele. Agora parecia liso e plano, sem qualquer marca visível.

O ouro tinha uma aparência muito bela e pura, e Frodo pensou como sua cor era bonita e rica, como era perfeitamente redondo. Era uma coisa admirável e preciosa. Quando o tirou do bolso, pretendia atirá-lo exatamente na parte mais quente do fogo. Mas percebia agora que não podia fazê-lo, não sem um grande esforço. Sentiu o peso do Anel em sua mão, hesitando, e se forçando a lembrar de tudo o que Gandalf tinha lhe contado; então, com um grande esforço de vontade fez um movimento, como para atirá-lo longe — mas percebeu que o havia colocado de volta no bolso.

Gandalf riu de modo severo.

— Está vendo? Também você, Frodo, já não consegue se livrar dele ou danificá-lo. E eu não poderia "obrigar" você — a não ser usando de força, o que quebraria sua vontade. Mas quanto a destruir o Anel, a força é inútil Mesmo que você o pegasse e o martelasse com uma marreta pesada, nenhum vestígio apareceria nele. Suas mãos não podem desfazê-lo, nem as minhas.

— Seu pequeno fogo, é claro, não derreteria nem ouro comum. Este Anel já passou por ele incólume, e nem foi aquecido. Mas não há forja de ferreiro neste Condado que possa alterá-lo de forma alguma. Nem mesmo as bigornas e os fornos dos anões poderiam fazer isso. Alguém disse que o fogo dos dragões poderia derreter e consumir os Anéis de Poder, mas hoje em dia não sobrou nenhum dragão na terra cujo velho fogo seja quente o suficiente; nem nunca houve qualquer dragão, nem mesmo Ancalagon, o Negro, que pudesse danificar o Um Anel, o Anel Governante, pois ele foi feito pel próprio Sauron.

— Só existe uma maneira: encontrar as Fendas da Perdição na profundezas de Orodruin, a Montanha de Fogo, e atirar o Anel ali, se voc realmente quer destruí-lo, colocá-lo fora do alcance do Inimigo para sempre.

— É claro que quero destruí-lo! — gritou Frodo. — Ou, bem.... fazer com que ele seja destruído. Não sou talhado para buscas perigosas. Gostaria de nunca ter visto o Anel! Por que veio a mim? Por que fui escolhido?

— Perguntas desse tipo não se podem responder — disse Gandalf Pode ter certeza de que não foi por méritos que outros não tenham: pelo menos não por poder ou sabedoria. Mas você foi escolhido, e portanto deve usar toda força, coração e esperteza que tiver.

— Mas tenho tão pouco dessas coisas! Você é sábio e poderoso. Você não ficaria com o Anel?

— Não! — gritou Gandalf, levantando-se de repente. — Com esse poder eu teria um poder grande e terrível demais. E comigo o Anel ganharia uma força ainda maior e mais fatal. — Seus olhos brilharam e seu rosto se acendeu como se estivesse iluminado por dentro. — Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro. Mas o caminho do Anel até meu coração é através da piedade, piedade pela fraqueza e pelo desejo

de ter forças para fazer o bem. Não me tente! Não ouso tomá-lo, nem mesmo para mantê-lo a salvo, sem uso. O desejo de controlá-lo seria grande demais para minhas forças. E vou precisar delas. Grandes perigos me esperam.

Foi até a janela, correu a cortina e abriu as venezianas. A luz do so afluiu para dentro da sala novamente. Sam passou ao longo do caminho dc lado de fora, assobiando.

— E agora — disse o mago, voltando-se para Frodo —, a decisão é sua! Mas sempre ajudarei você. — Colocou a mão no ombro de Frodo. – Ajudarei você a carregar este fardo, enquanto precisar carregá-lo. Mas precisamos fazer alguma coisa logo. O Inimigo está se aproximando.

Houve um longo silêncio. Gandalf sentou-se novamente e tirava baforadas de seu cachimbo, como se estivesse perdido em pensamentos. Seus olhos pareciam fechados, mas sob as pálpebras estavam vigiando Frodc atentamente. Frodo olhou fixamente para as brasas vermelhas na lareira, até que elas encheram toda a sua visão, e ele parecia estar olhando no interior de profundos poços de fogo. Estava pensando nas lendárias Fendas da Perdição, e no terror da Montanha de Fogo.

— Bem — disse Gandalf finalmente. — Em que está pensando? J decidiu o que fazer?

— Não! — respondeu Frodo, saindo da escuridão e voltando a si surpreso ao descobrir que não estava escuro, e que da janela podia ver o jardim iluminado pelo sol.

— Ou, talvez, sim. Pelo que entendi do que você disse, suponho que devo manter o Anel e guardá-lo, pelo menos por agora, não importa o que isso me acarrete.

— O que quer que aconteça, será lento, lento para o mal, se guardá-lc com esse propósito.

— Espero que sim — disse Frodo. — Mas espero que possa encontra logo algum outro guardião melhor. Mas por enquanto parece que representc um perigo, um perigo para todos os que vivem perto de mim. Não possc guardar o Anel e ficar aqui. Devo deixar Bolsão, o Condado, deixar tudo e i embora. — Ele suspirou.

— Gostaria de salvar o Condado, se pudesse — embora tenha havidc

ocasiões em que pensei não ter palavras para descrever a estupidez e idiotice dos habitantes daqui, e senti que o bom para eles seria um terremoto ou uma invasão de dragões. Mas não sinto assim agora. Sinto que enquanto o Condado permanecer a salvo e tranquilo atrás de mim, a minha andança será mais suportável: saberei que em algum lugar existe um chão seguro, mesmo que meus pés não possam pisá-lo de novo.

— É claro que às vezes pensei em ir embora, mas imaginava isso como um tipo de férias, uma série de aventuras como as de Bilbo ou ainda melhores, terminando em paz. Mas isto agora significa o exílio, fugir de um perigo para cair em outro, levando o perigo por onde quer que eu vá. E suponho que devo ir só, se estou fazendo isto para salvar o Condado. Mas sinto-me muito pequeno, e extirpado de minhas raízes e — bem — desesperado. O Inimigo é tão forte e terrível!

Não disse a Gandalf, mas enquanto falava um grande desejo de seguir Bilbo queimava em seu coração — seguir Bilbo, e talvez até encontrá-lo novamente. Um desejo tão forte que superou o medo: quase poderia correr para fora e depois para a estrada sem seu chapéu, como Bilbo tinha feito numa manhã parecida, há muito tempo.

— Meu querido Frodo! — exclamou Gandalf. — Os hobbits são de fato criaturas surpreendentes, como já disse antes. Pode-se aprender tudo o que há para saber sobre eles num mês, e apesar disso ainda podem depois de cem anos surpreendê-lo numa emergência. Mal esperava por uma resposta dessas, nem mesmo vinda de você. Mas Bilbo não errou quando escolheu seu herdeiro, embora quase não imaginasse a importância desse fato. Receio que esteja certo. O Anel não poderá ficar escondido no Condado por muito mais tempo; e para o seu próprio bem, e também dos outros, você deve ir, e deixar o nome Bolseiro para trás. Não será seguro ter este nome, fora do Condado ou nas Terras Ermas. Agora vou dar a você um nome de viagem. Quando partir, vá como o Sr. Monteiro.

— Mas não acho que você precise ir só. Não se conhecer alguém em quem confia, e que esteja disposto a ir ao seu lado — e que você esteja disposto a levar a perigos desconhecidos. Mas se procurar um companheiro, seja cuidadoso na escolha! E tenha cuidado com o que disser —, mesmo para os amigos mais íntimos! O Inimigo tem muitos espiões e muitas maneiras de

escutar.

De repente parou, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Frodo percebeu que tudo estava quieto, dentro e fora. Gandalf esgueirou-se para um dos lados da janela.

Então, num movimento brusco, pulou sobre o parapeito e esticou o braço longo para fora e para baixo. Alguém grasnou e a cabeça encaracolada de Sam Gamgi, pendurada por uma orelha, apareceu na janela.

— Ora, ora, pelas minhas barbas! — disse Gandalf — Sam Gamgi hein? Agora, o que você pode estar fazendo aí?

— Abençoado seja, Sr. Gandalf, senhor! — disse Sam. — Nada! Nada demais! Estava só cortando a beira da grama embaixo da janela, se o senhor me entende.

Pegou a tesoura e a exibiu como prova.

— Não entendo — disse Gandalf, sério. — Já faz um tempo que parei de ouvir o som de sua tesoura. Há quanto tempo você está espionando?

— Espionando, senhor? Perdão, mas não estou entendendo. Não há segredos em Bolsão, disso eu não duvido.

— Não seja tolo! O que você ouviu, e por que ficou escutando? — Os olhos de Gandalf flamejaram e suas sobrancelhas se eriçaram como cerdas.

— Sr. Frodo, senhor! — gritou Sam trêmulo. — Não deixe que ele me machuque, senhor! Não deixe que ele me transforme em alguma coisa apavorante. Meu velho pai ficaria tão magoado. Eu não queria fazer mal palavra de honra, senhor!

— Ele não vai machucar você — disse Frodo, mal podendo conter o riso, embora ele mesmo estivesse assustado, e bastante surpreso. — Ele sabe tanto quanto eu que você não queria fazer mal a ninguém. Mas venha até aqui e responda as suas perguntas diretamente.

— Bem, senhor — disse Sam, tremendo um pouco ainda. — Escutei um bocado que não entendi direito, sobre um inimigo, e anéis, e o Sr. Bilbo senhor, e dragões, e uma montanha de fogo, e — elfos, senhor. Escutei porque não pude me segurar, se entende o que quero dizer. Perdoe, senhor, mas adoro histórias desse tipo. E acredito nelas também, não importa o que Ted possa dizer. Elfos, senhor! Eu adoraria vê-los. O senhor não poderia me levar junto para ver os elfos quando for?

De repente Gandalf riu.

— Entre! — gritou ele, e colocando para fora os dois braços levantou o atônito Sam, a tesoura e pedaços de grama cortada e tudo o mais, exatamente através da janela, colocando-o no chão. — Levá-lo para ver os elfos, hein? — disse ele, olhando Sam de perto, mas com um sorriso brilhando em seu rosto. — Então você escutou que o Sr. Frodo está indo embora?

— Escutei, senhor, e é por isso que eu engasguei: e ao que parece o senhor ouviu. Tentei não engasgar, senhor, mas aquilo explodiu: fiquei tão atordoado...

— Não posso evitar, Sam — disse Frodo com tristeza. De repente percebeu que fugir do Condado implicaria despedidas muito mais dolorosas do que simplesmente dizer adeus aos confortos conhecidos de Bolsão. Preciso ir. Mas... — e aqui olhou firme para Sam — se realmente gosta de mim, manterá isso em segredo absoluto. Entende? Se não fizer isso, se você soltar uma só palavra do que escutou aqui, então quero que Gandalf o transforme num sapo pintado e encha o jardim de cobras.

Sam caiu de joelhos, tremendo.

— Levante-se, Sam — disse Gandalf — Pensei em algo melhor que isso. Algo para fechar sua boca, e puni-lo de modo exemplar por ter ficado escutando a conversa. Você irá embora com o Sr. Frodo!

— Eu, senhor? — gritou Sam, pulando como um cachorro que é convidado para um passeio. — Eu ir e ver elfos e tudo o mais? Viva! — gritou ele, rompendo em lágrimas.

CAPÍTULO III: TRÊS NÃO É DEMAIS

— Você deve partir sem que ninguém saiba, e logo — disse Gandalf. Dua ou três semanas haviam passado, e nada de Frodo se aprontar para ir.

— Eu sei, mas as duas coisas são difíceis — objetou ele. — Se eu simplesmente desaparecer como Bilbo, essa história nunca estará encerrada no Condado.

— É claro que você não deve desaparecer! — disse Gandalf — De nada adiantaria! Eu disse logo, não instantaneamente. Se puder pensar num modo de escapar do Condado sem que todo mundo fique sabendo, vale a pena esperar um pouco. Mas você não deve demorar demais.

— Que tal no outono, ou depois do Nosso Aniversário? — perguntou Frodo. — Acho que provavelmente até lá posso organizar alguma coisa.

Para falar a verdade, Frodo relutava em partir, agora que o momento chegara. Bolsão parecia uma residência muito mais desejável do que fora por muitos anos, e ele desejava aproveitar ao máximo o seu último verão no Condado. Sabia que, quando o outono chegasse, pelo menos uma parte de seu coração consideraria com mais carinho a ideia de viajar, como sempre acontecia nessa estação. Na realidade, decidira ir em seu qüinquagésimo aniversário: o centésimo vigésimo oitavo de Bilbo. Esse parecia, de alguma forma, ser o dia adequado para partir e segui-lo. A possibilidade de seguir Bilbo predominava em sua mente, sendo a única coisa que tornava suportável a ideia de ir embora. Pensava o mínimo possível no Anel e a que lugares este poderia acabar por levá-lo. Mas não revelava todos os seus pensamentos a Gandalf. O que o mago adivinhava era difícil dizer.

Gandalf olhou Frodo e sorriu.

— Muito bem — disse ele. — Acho que assim está bom — mas não pode ser nem um pouco depois. Estou ficando muito ansioso. Enquanto isso cuide-se, e não dê qualquer pista do seu destino! E cuide para que Sam Gamgi não fale nada. Se ele der com a língua nos dentes, vou realmente transformá-lo num sapo.

— Quanto ao meu destino — disse Frodo —, seria difícil eu me trair e revelá-lo a alguém, pois não tenho ainda uma ideia clara.

— Não seja ridículo — disse Gandalf — Não o estou prevenindo par que não deixe seu endereço no correio! Mas você está deixando o Condado e ninguém deve saber disso, até que esteja bem longe. E você vai ter de ir, ou pelo menos partir, em direção ao Norte, Sul, Leste ou Oeste — certamente ninguém deve saber a direção.

— Tenho estado tão ocupado pensando em deixar Bolsão e dizer adeus, que nunca nem cogitei qual direção tomar — disse Frodo. — Para onde devo ir? E pelo que devo me guiar? Qual será minha busca? Bilbo fo procurar um tesouro, lá e de volta outra vez; mas eu vou perder um tesouro, e não voltarei, pelo que estou entendendo.

— Mas você ainda não está conseguindo enxergar muito longe — disse Gandalf — Nem eu. Sua tarefa pode ser encontrar as Fendas d Perdição; mas essa busca pode estar destinada a outros. Eu não sei. De qualquer modo, você ainda não está pronto para aquela longa estrada.

— Não mesmo! — disse Frodo. — Mas enquanto isso, que caminho devo tomar?

— Em direção ao perigo; mas sem precipitação demasiada, e não direto demais — respondeu o mago. — Se quer um conselho, vá para Valfenda. Essa viagem não deve ser muito perigosa, embora a estrada esteja menos fácil do que antes, e ficará pior até o fim do ano.

— Valfenda — disse Frodo. — Muito bom: vou para o leste, com destino a Valfenda. Levarei Sam para visitar os elfos; ficará encantado. — Ele falava de modo suave, mas seu coração de repente foi tomado pelo desejo de ver a casa de Elrond Semi-elfo e respirar o ar daquele vale profundo, onde grande parte do Belo Povo ainda vivia em paz.

Numa noite de verão, uma notícia espantosa chegou ao Ramo de Hera e ao Dragão Verde. Gigantes e outros prodígios nas fronteiras do Condado foram esquecidos para dar lugar a assuntos mais importantes: o Sr Frodo estava vendendo Bolsão, na verdade já tinha vendido — para os Sacola-bolseiros!

— E por uma boa quantia — diziam uns.

— Por uma bagatela — diziam outros.

— E isso é mais provável, visto que a Sra. Lobélia é a compradora (Otho falecera alguns anos antes, na madura mas frustrante idade de 102

anos.) A razão pela qual o Sr. Frodo estava vendendo sua bonita toca gerav. ainda mais discussões que o preço. Alguns tinham a teoria — apoiada pelos acenos de cabeça e insinuações do próprio Sr. Bolseiro — de que o dinheiro de Frodo estava acabando: ele ia deixar a Vila dos Hobbits e vive modestamente, com o que recebesse pela venda, lá em Terra dos Buques, entre seus parentes Brandebuques. — O mais longe possível dos Sacola bolseiros — alguns acrescentavam. Mas a ideia da riqueza incomensurável dos Bolseiros de Bolsão estava tão cristalizada, que essa suposição parecia inverossímil, mais ainda do que qualquer outra razão ou desrazão que a imaginação deles pudesse sugerir: para a maior parte, tudo sugeria um plano obscuro e ainda oculto de Gandalf. Embora se mantivesse quieto e não saísse à luz do dia, todos sabiam que o mago "estava escondido em Bolsão". Mas mesmo que não se entendesse como a mudança podia se encaixar nos desígnios de sua magia, não restava dúvida sobre um ponto: Frodo Bolseiro estava retornando para a Terra dos Buques.

— Sim, estarei de mudança neste outono — dizia ele. — Merry Brandebuque está procurando uma toca confortável, ou talvez uma pequena casa. Na verdade, com a ajuda de Merry, ele já tinha escolhido e comprado uma casinha em Cricôncavo, no campo além de Buqueburgo. Fingia para todos, com a exceção de Sam, que pretendia ficar por lá permanentemente.

A decisão de partir em direção ao leste havia lhe sugerido isto; a Terra dos Buques ficava na fronteira leste do Condado, e, como passara sua infância ali, seu retorno parecia no mínimo digno de crédito.

Gandalf permaneceu no Condado por mais de dois meses. Então numa manhã no final de junho, logo após o plano de Frodo estar finalmente pronto, de repente anunciou que estava partindo de novo no dia seguinte.

— Só por pouco tempo, espero — disse ele. — Mas vou descer além das fronteiras do sul para conseguir mais notícias, se puder. Descansei mais do que devia.

Falava de modo calmo, mas Frodo teve a impressão de que estava bastante preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele.

— Bem, não; mas escutei umas coisas que me deixaram ansioso e

precisam ser averiguadas. Se, no fim das contas, julgar necessário que você parta com urgência, voltarei imediatamente, ou pelo menos mandarei um recado. Enquanto isso, continue com seu plano; mas tenha mais cuidado do que nunca, especialmente com o Anel. Vou frisar mais uma vez: não o use.

Partiu ao amanhecer.

— Posso voltar qualquer dia desses — disse ele. Devo estar de volta o mais tardar para sua festa de despedida. Afinal de contas, acho que você pode precisar da minha companhia na estrada.

No início, Frodo ficou bastante perturbado, e sempre se perguntava o que Gandalf teria ouvido; mas a ansiedade se acalmou, e naquele clima agradável esqueceu os problemas por uns tempos. Raramente o Condado tinha visto um verão mais bonito, ou um outono mais pródigo: as árvores carregadas de maçãs, o mel pingando dos favos, as espigas de trigo altas e cheias.

O outono já avançava, e Frodo não tinha voltado a se preocupar com Gandalf outra vez. Setembro estava passando, e ainda nenhuma notícia dele.

O Aniversário, e a mudança, se aproximavam, e mesmo assim ele não veio nem enviou recado. Bolsão começou a ficar movimentada. Alguns amigos de Frodo vieram para ficar e ajudá-lo com a bagagem: Fredegar Bolger e Folco Boffin e, é claro, seus amigos especiais Pippin Túk e Merri Brandebuque. Só estes quatro viraram todo o lugar de ponta-cabeça.

Em 20 de setembro, duas carroças cobertas saíram carregadas em direção à Terra dos Buques, levando para a casa nova, através da Ponte do Brandevin, a mobília e os mantimentos que Frodo não tinha vendido. No dia seguinte Frodo ficou realmente ansioso, sempre esperando que Gandalf aparecesse. Quinta-feira, a manhã de seu aniversário, surgiu linda e clara, exatamente como tinha sido no aniversário de Bilbo. Gandalf ainda não aparecera. À noite Frodo deu sua festa de despedida: bem modesta, apenas um jantar para ele e seus quatro ajudantes; estava preocupado e não sentia ânimo para festas. Pesava-lhe o coração pensar que em breve teria de se separar dos jovens amigos.

Buscava um modo de dizer isso a eles.

Entretanto, os quatro hobbits mais jovens estavam alegres, e a festa

logo ficou bastante animada apesar da ausência de Gandalf. A sala de janta estava vazia, a não ser por uma mesa com cadeiras, mas a comida estava boa, e o vinho também: o vinho de Frodo não fora incluído na venda para os Sacola-bolseiros.

— Não importa o que aconteça com o resto das minhas coisas, quando os Sacola-Bolseiros lhes puserem as garras em cima; pelo meno encontrei um bom lugar para isto! — disse Frodo, enquanto esvaziava c copo. Era a última gota de Velhos Vinhedos.

Depois de muitas canções, e conversar sobre muitas coisas que tinham feito juntos, fizeram um brinde ao aniversário de Bilbo, e entãc beberam à saúde dele e de Frodo juntos, de acordo com o hábito de Bilbo Então saíram para arejar um pouco e olhar as estrelas, e depois foram dormir. A festa de Frodo tinha acabado, e Gandalf não aparecera.

Na manhã seguinte ficaram ocupados carregando outra carroça com o resto da bagagem. Merry tomou conta disso, e partiu com Fatty (isto é, Fredegar Bolger) .

— Alguém precisa estar lá e aquecer a casa antes da sua chegada — disse Merry. — Bem, vejo vocês depois, depois de amanhã, se não dormiren no caminho.

Folco foi para casa depois do almoço, mas Pippin ainda ficou. Frod estava inquieto e ansioso, tentando em vão captar algum sinal de Gandalf.

Decidiu esperar até o começo da noite. Depois disso, se Gandal precisasse vê-lo com urgência, iria até Cricôncavo, e poderia até chegar lá antes, pois Frodo ia a pé. Seu plano — pelo prazer de dar uma última olhada no Condado, mais do que por qualquer outro motivo — era caminhar da Vila dos Hobbits até a balsa de Buqueburgo, com bastante calma.

— Devo treinar um pouco também — disse ele, olhando-se num espelho empoeirado no salão quase vazio.

Havia muito não fazia caminhadas cansativas, e achou que o reflexc estava um tanto balofo.

Depois do almoço, para a irritação de Frodo, apareceram os Sacola bolseiros, Lobélia e o filho ruivo, Lotho.

— Finalmente nossa! — disse Lobélia entrando na casa. Isso não er correto, nem estritamente verdadeiro, pois a venda de Bolsão não teria

efeito antes de meia-noite. Mas pode ser que Lobélia tenha esquecido: fora obrigada a esperar por Bolsão cerca de setenta e sete anos mais do que imaginara a princípio, e estava agora com cem anos. De qualquer modo, tinha vindo para se certificar de que nada do que tinha comprado fora levado embora; e queria as chaves. Demorou muito para ficar satisfeita, pois tinha trazido um longo inventário, do qual verificou item por item. Ao fim de tudo, partiu com Lotho e a chave sobressalente, e com a promessa de que a outra chave ficaria com os Gamgis na rua do Bolsinho. Bufou e demonstrou de modo cabal que achava os Gamgis capazes de saquear tudo durante a noite. Frodo não lhe ofereceu chá.

Tomou o seu com Pippin e Sam Gamgi na cozinha. Fora anunciado oficialmente que Sam ia para a Terra dos Buques "para ajudar o Sr. Frodo cuidar de seu pequeno jardim"; esse arranjo foi aprovado pelo Feitor, embora não o consolasse diante da perspectiva de ter Lobélia como vizinha.

— Nossa última refeição em Bolsão! — disse Frodo, empurrando para trás sua cadeira. Deixaram a louça para Lobélia. Pippin e Sam amarraram suas três mochilas e as empilharam na varanda. Pippin saiu para um último passeio no jardim. Sam desapareceu.

O sol se pôs. Bolsão parecia triste, um lugar melancólico e desarrumado.

Frodo andou pelas conhecidas salas, e viu a luz do pôr-do-sol desmaiar nas paredes, e sombras que vinham dos cantos já se insinuando. O interior da casa escureceu lentamente. Saiu e desceu pelo caminho que conduzia até o portão de entrada, indo em seguida por uma passagem estreita até a Estrada da Colina. Tinha uma certa esperança de ver Gandalf subindo a passos largos em meio ao crepúsculo.

O céu estava claro e as estrelas ficavam cada vez mais brilhantes.

— Teremos uma noite agradável — disse ele em voz alta. — Isso é um bom começo. Tenho vontade de caminhar. Não aguento esperar mais. Vou partir, e Gandalf deve me seguir. — Virou-se para voltar, e então parou ouvindo vozes logo ali, do outro lado da esquina da rua do Bolsinho. Uma delas certamente era do velho Feitor; a outra era estranha, e de certo modo desagradável. Não conseguia entender o que dizia, mas ouviu as respostas do Feitor, que tinha uma voz bem aguda. O velho parecia desconcertado.

— Não, o Sr. Bolseiro foi embora. Hoje cedo, e o meu Sam foi junto: de qualquer jeito, as coisas dele não estão mais aí. Sim, foram vendidas e levadas, digo ao senhor. Por quê? Isso não é da minha conta. Ele se mudou para Buqueburgo ou algum lugar por ali, lá para as bandas de baixo. Sim o caminho é bom. Nunca fui até lá; o pessoal da Terra dos Buques é esquisito Não, não posso dar nenhum recado. Boa-noite para o senhor!

Passos desceram a Colina. Frodo tentava vagamente descobrir o motivo de seu alívio quando percebeu que os passos não tinham subido a Colina.

"Acho que estou farto de perguntas e curiosidade sobre o que faço", pensou ele. "Que bando de intrometidos!" Fez menção de ir perguntar ao Feitor quem estava pedindo as informações; mas pensou melhor (ou pior) virou-se e andou rápido de volta a Bolsão.

Pippin estava sentado sobre sua mochila na varanda. Sam não estava lá.

Frodo entrou na sala escura.

— Sam! — chamou ele. — Sam, está na hora!

— Estou indo, senhor — veio uma resposta lá de dentro, rapidamente seguida pelo próprio Sam, que limpava a boca. Estivera dizendo adeus ao barril de cerveja na adega.

— Todos a bordo, Sam? — disse Frodo.

— Sim, senhor. Agora posso aguentar bastante, senhor.

Frodo fechou e trancou a porta redonda, dando a chave para Sam.

— Corra até sua casa com isto, Sam! — disse ele. — Depois corte a estrada e junte-se a nós no portão da alameda além das campinas, o mais rápido possível. Não vamos passar pela vila esta noite. Muitas orelhas em pé e olhos espionando. — Sam correu a toda velocidade.

— Bem, finalmente estamos indo! — disse Frodo.

Puseram suas mochilas nos ombros e pegaram suas bengalas, dobrando a esquina em direção ao lado oeste de Bolsão.

— Adeus! — disse Frodo, olhando para as janelas escuras e fechadas.

Acenou a mão, voltou-se e (seguindo os passos de Bilbo, sem saber apressou-se atrás de Peregrin, descendo o caminho do jardim. Pularam sobre a parte baixa da cerca-viva lá embaixo e entraram nos campos, passando

pela escuridão como um farfalhar na grama.

No pé da Colina, do lado oeste, chegaram até o portão que se abria para uma alameda estreita. Ali pararam e ajustaram as correias de suas mochilas. Imediatamente Sam apareceu, andando rápido e respirando com dificuldade, sua pesada mochila na altura dos ombros, e sobre a cabeça um saco sem formato definido, ao qual dava o nome de chapéu. No escuro lembrava muito um anão.

— Tenho certeza de que me deram as coisas mais pesadas — disse Frodo.

— Tenho pena dos caramujos, que carregam suas casas nas costas.

— Consigo carregar bem mais, senhor. Minha mochila está bem leve — disse Sam, resoluto e insincero.

— Não, não consegue, Sam! — disse Pippin. — Está bom assim para ele. Não há nada nas mochilas além do que nos mandou colocar. Esteve indolente nos últimos tempos, e sentirá menos o peso da mochila quando tiver perdido um pouco do seu.

— Tenha pena de um pobre e velho hobbit — riu Frodo. — Estarei fino como uma vara de salgueiro quando chegar à Terra dos Buques, com certeza. Mas eu estava falando besteira. Suponho que esteja levando mais que a sua parte, Sam, e vou verificar isso na próxima vez que empacotarmos as coisas. — Pegou novamente a bengala. — Bem, todos nós gostamos de andar no escuro — disse ele. — Então, vamos deixar algumas milhas para trás antes de dormir.

Por um breve trecho, seguiram a alameda em direção ao oeste. Depois, abandonando-a, viraram à esquerda e entraram silenciosamente nos campos de novo. Foram em fila indiana ao longo de cercas-vivas e das orlas dos matagais, e a noite escura caiu sobre eles. Em suas capas escuras, ficavam invisíveis como se todos tivessem um anel mágico. Já que eram todos hobbits, e estavam tentando ser silenciosos, não fizeram qualquer barulho que mesmo um hobbit pudesse ouvir. Os próprios seres selvagens dos campos e florestas mal notaram sua passagem.

Depois de algum tempo cruzaram o Água, a oeste da Vila dos Hobbits, por uma pinguela estreita.

O rio ali não era mais que uma sinuosa fita negra, ladeada por

amieiros inclinados. Uma ou duas milhas à frente, atravessaram rapidamente a grande estrada que vinha da Ponte do Brandevin; estavam agora na Terra dos Túks e, virando em direção ao sudeste, dirigiram-se para a Terra das Colinas Verdes. Depois de começar a subir as primeiras ladeiras voltaram-se e viram as luzes da Vila dos Hobbits piscando ao longe, no suave vale do Água, que rapidamente desapareceu nas dobras da terra escurecida, seguido por Beirágua ao lado de seu lago cinzento. Quando a luz do último sítio já estava bem distante, espiando por entre as árvores, Frodo se virou e acenou um adeus.

— Fico pensando se verei este vale outra vez — disse ele calmamente.

Depois de andar cerca de três horas, pararam para descansar. A noite estava clara, fresca e estrelada, mas feixes de névoa semelhantes a fumaça estavam avançando, subindo as encostas das colinas, vindo das correntes de água e das várzeas profundas. Bétulas delgadas, que um leve vento balançava sobre suas cabeças, desenhavam uma rede negra contra o céu pálido. Fizeram uma ceia bastante frugal (para hobbits), e depois continuaram. Logo toparam com uma estrada estreita que, subindo e descendo, desaparecia cinzenta na escuridão à frente. Era a estrada para a Vila do Bosque, para Tronco, e para a balsa de Buqueburgo, que subia da estrada principal no Vale do Água, descrevendo curvas nos arredores das Colinas Verdes em direção à Ponta do Bosque, um canto selvagem da Quarta Leste.

Depois de um tempo, mergulharam num caminho que desenhava uma fenda profunda entre altas árvores, cujas folhas secas farfalhavam na noite.

Estava muito escuro. No começo conversaram, ou cantarolaram uma melodia suave juntos, agora que estavam longe de ouvidos curiosos. Depois continuaram a marcha em silêncio, e Pippin começou a ficar para trás. Finalmente, quando começaram a subir uma ladeira íngreme, ele parou e bocejou.

— Estou com tanto sono — disse ele — que logo vou cair na estrada. Vocês vão dormir em pé? Já é quase meia-noite!

— Pensei que gostasse de andar no escuro — disse Frodo. — Mas não

há tanta pressa. Merry nos espera a qualquer hora depois de amanhã. Vamos parar no próximo ponto adequado.

— O vento está soprando do Oeste — disse Sam. — Se chegarmos a outro lado desta colina, encontraremos um local bem protegido e confortável, senhor. Existe um pinheiral seco logo ali adiante, se estou bem lembrado. — Sam conhecia bem a terra num raio de vinte milhas da Vila dos Hobbits, mas este era o limite de sua geografia.

Bem no topo da colina encontraram o pinheiral. Deixando a estrada entraram na escuridão das árvores, que tinha um cheiro profundo de resina, e recolheram galhos e pinhas secas para fazer uma fogueira. Logo tinham um alegre crepitar de chamas ao pé de um pinheiro grande, e se sentaram em volta do fogo por um tempo, até começarem a cochilar. Então, cada um num canto das raízes da grande árvore, enrolaram-se em suas capas e cobertores, e logo estavam num sono pesado. Não montaram guarda; nem Frodo receava qualquer perigo por enquanto, pois eles ainda estavam no coração do Condado. Algumas criaturas vieram olhá-los quando o fogo tinha se apagado.

Uma raposa que passava através da floresta cuidando de seus próprios negócios parou por vários minutos, farejando.

"Hobbits!", pensou ela. "O que vem depois? Ouvi falar sobre coisas estranhas nesta terra, mas nunca soube de hobbits dormindo ao relento sob as árvores. Três deles! Tem alguma coisa muito estranha por trás disso." Estava muito certa, mas nunca soube disso.

A manhã chegou, pálida, fria e úmida. Frodo acordou primeiro, e descobriu que a raiz da árvore tinha feito um buraco em suas costas, e seu pescoço estava duro. "Caminhar por prazer! Por que não vim com uma condução?", pensou ele, como sempre fazia no início de uma expedição. "E todos os meus ótimos acolchoados de pena vendidos para os Sacola-bolseiros! Essas raízes de árvore fariam bem a eles." Espreguiçou-se.

— Acordem, hobbits! — gritou ele. — Está uma linda manhã.

— O que tem de bonito nisso? — disse Pippin, espiando com um só olho da beira de seu cobertor. — Sam, apronte o desjejum para as nove e meia! Já esquentou a água do banho?

De um salto Sam se pôs de pé, ainda com muito sono.

— Não, senhor, ainda não! — disse ele.

Frodo arrancou os cobertores de Pippin e o fez rolar no chão; depois caminhou até a beira da floresta. Ao leste, bem distante, o sol vermelho surgia da névoa que pairava espessa sobre o mundo. Tingidas de dourado e vermelho, as árvores do outono pareciam estar navegando sem raízes num mar de sombras. Um pouco abaixo dele, à esquerda, a estrada descia íngreme por um desfiladeiro e desaparecia.

Quando voltou, Sam e Pippin estavam fazendo uma boa fogueira.

— Água — gritou Pippin. — Cadê a água?

— Não carrego água no bolso — disse Frodo.

— Pensamos que tivesse ido buscar — disse Pippin, arrumando a comida e as xícaras. — É melhor ir agora.

— Vocês também podem vir — disse Frodo —, e tragam todas as garrafas de água. — Havia um riacho no pé da colina.

Encheram as garrafas e a pequena chaleira de acampamento numa pequena cascata, onde a água caía de uma altura de mais ou menos um metro sobre uma saliência rochosa cinzenta. Estava quase congelada, e eles bufaram e resfolegaram ao lavar o rosto e as mãos.

Já eram mais de dez horas quando terminaram o desjejum e de arrumar as mochilas, e o dia começava a ficar quente e agradável. Desceram a ladeira, e atravessaram o riozinho no ponto em que ele mergulhava sob a estrada, e galgaram a próxima ladeira, e então subiram e desceram outra saliência das colinas, após o que suas capas, cobertores, água, comida e outros equipamentos já pareciam um fardo pesado.

A marcha do dia prometia ser quente e cansativa. Entretanto, depois de algumas milhas a estrada não tinha mais tantos altos e baixos: subia ziguezagueando até o topo de uma encosta íngreme, e então se preparava para descer pela última vez. À frente eles viram as terras mais baixas, ponteadas com pequenos grupos de árvores que na distância se desfaziam em névoa escura. Olhavam através da Ponta do Bosque em direção ao rio Brandevin. A estrada dava voltas diante deles como um pedaço de fio.

— A estrada vai seguindo sempre em frente — disse Pippin —, mas não consigo continuar sem um descanso. Já está mais que na hora de almoçarmos. — Sentou-se no barranco à beira da estrada e olhou na

distância em direção ao leste, dentro da névoa, além da qual ficava o Rio e o fim do Condado onde tinha passado toda sua vida. Sam estava perto dele os olhos redondos bem abertos — pois estava olhando, através de terras que nunca tinha visto, para um novo horizonte.

— Os elfos moram nesses bosques? — perguntou ele.

— Não que eu saiba — disse Pippin.

Frodo estava em silêncio. Também ele olhava ao longo da estrada em direção ao leste, como se nunca tivesse visto aquilo antes. De repente falou, em voz alta, mas como se fosse para si mesmo, dizendo devagar:

A Estrada em frente vai seguindo
Deixando a porta onde começa.
Agora longe já vai indo,
Devo seguir, nada me impeça;
Por seus percalços vão meus pés,
Até a junção com a grande estrada,
De muitas sendas através.
Que vem depois? Não sei mais nada.

— Isso é parecido com um trecho dos versos do velho Bilbo — disse Pippin.

— Ou é uma das suas imitações? Não parece muito encorajador.

— Não sei — disse Frodo. — Ocorreu-me, como se eu estivesse compondo; mas posso ter escutado há muito tempo. Certamente me lembra muito Bilbo nos últimos anos, antes de ir embora. Ele costumava sempre dizer que só havia uma Estrada, que se assemelhava a um grande rio: suas nascentes estavam em todas as portas, e todos os caminhos eram seus afluentes. "É perigoso sair porta afora, Frodo", ele costumava dizer. "Você pisa na Estrada, e, se não controlar seus pés, não há como saber até onde você pode ser levado. Você percebe que é exatamente esse o caminho que atravessa a Floresta das Trevas, e que, se você deixar, poderá levar você até a Montanha Solitária e muito mais além, e para lugares piores?" Costumava dizer isso no caminho que passava pela porta de Bolsão, principalmente depois de ter feito uma longa caminhada.

— Bem, a Estrada não vai me arrastar a lugar nenhum, pelo meno pela próxima hora — disse Pippin, desafivelando sua mochila.

Os outros seguiram o exemplo, colocando as suas no barranco e esticando as pernas sobre a estrada. Depois de descansar, almoçaram bem, e então descansaram mais.

O sol estava começando a abaixar e a luz da tarde estava sobre a paisagem quando desceram a colina. Até agora não tinham encontrado vivalma na estrada. Esse caminho não era muito usado, sendo pouc adequado para carroças, e havia pouco trânsito na Ponta do Bosque. J estavam andando havia uma hora ou mais quando Sam parou por um momento, como se escutasse algo. Estavam agora em terreno plano, e a estrada, depois de muitas curvas, estendia-se em linha reta através de um capinzal salpicado de árvores altas, sentinelas avançadas das florestas que se aproximavam.

— Ouço um pônei ou um cavalo vindo pela estrada — disse Sam Olharam para trás, mas uma curva os impedia de enxergar muito além.

— Imagino se não é Gandalf, vindo atrás de nós — disse Frodo; ma enquanto falava, teve um pressentimento de que não era, e se sentiu dominado por um desejo repentino de sumir da vista do cavaleiro.

— Pode não fazer muita diferença — disse ele se desculpando —, mas prefiro não ser visto na estrada — por ninguém. Estou cansado de comentários sobre o que faço.

— E se for Gandalf — acrescentou ele, completando o pensamento — podemos fazer-lhe uma pequena surpresa, puni-lo por estar tão atrasado. Vamos nos esconder!

Os outros dois correram para a esquerda e desceram até uma pequena concavidade não muito distante da estrada. Deitaram-se no solo. Frodo hesitou por um momento: a curiosidade ou algum outro sentimento lutava contra seu desejo de se esconder.

O som de cascos se aproximou. Bem na hora, ele se jogou numa moita alta atrás de uma árvore que cobria a estrada de sombra. Então levantou a cabeça e espiou cuidadosamente por cima de uma das raízes grandes.

Pela curva vinha um cavalo negro, não um pônei de hobbit, mas um cavalo grande: montado por um homem grande, que parecia abaixado na

sela, envolto numa grande capa e num capuz preto, de modo que só se viam as botas nos estribos altos.

O rosto, coberto por uma sombra, era invisível.

Quando chegou à árvore onde estava Frodo, o cavalo parou. A figur do cavaleiro permanecia imóvel com a cabeça abaixada, como que tentando escutar algo. De dentro do capuz veio um ruído, como se alguém tentasse farejar um cheiro indefinível; a cabeça se virava para os dois lados da estrada.

Um medo repentino e insensato de ser descoberto tomou conta de Frodo, que pensou no Anel. Mal ousava respirar, e mesmo assim a vontad de retirá-lo do bolso se tornou tão forte que sua mão começou lentamente a se mover. Sentia que era só colocá-lo, e ficaria a salvo.

O conselho de Gandalf parecia absurdo. Bilbo tinha usado o Anel.

"E ainda estou no Condado", pensava ele, no momento em que sua mão alcançou a corrente em que estava o Anel. Nesse momento o cavaleir sentou-se ereto e sacudiu as rédeas.

O cavalo avançou, primeiro andando devagar, para depois romper num trote rápido. Frodo se arrastou até a beira da estrada e ficou olhando c cavaleiro, até que desapareceu na distância. Não podia ter certeza, mas teve a impressão de que, de repente, antes que sumisse de vista, o cavalo tinha virado para o lado e entrado no mato à direita.

— Bem, acho isso estranho, e na verdade perturbador — falou Frod consigo mesmo, enquanto andava em direção aos companheiros. Pippin e Sam permaneciam deitados no chão, e não tinham visto nada; então Frod descreveu o cavaleiro e seu comportamento estranho.

— Não sei por que, mas tive certeza de que estava me procurando ou me farejando; e também tive certeza de que eu não queria que me descobrisse. Nunca vi ou senti algo assim no Condado antes.

— Mas o que teria umas das pessoas grandes a ver conosco? — disse Pippin.

— E o que estaria fazendo nesta parte do mundo? — Existem alguns homens por aí — disse Frodo. — Lá embaixo, na Quarta Sul, andaram tend problemas com as pessoas grandes, eu acho. Mas nunca soube de nada como este cavaleiro. Fico imaginando de onde veio.

— Desculpe — interrompeu Sam. — Eu sei de onde ele vem. É d Vila dos Hobbits que este cavaleiro vem, a não ser que exista mais de um. F sei para onde vai.

— O que quer dizer? — disse Frodo abruptamente, olhando para ele assombrado. — Por que não falou nada antes?

— Só lembrei agora, senhor. Foi assim: quando volto para a nossa toca ontem à noite com a chave, meu pai diz para mim: Oi, Sam, diz ele. Ache que tinha ido embora com o Sr. Frodo hoje cedo. Passou por aqui um camarada estranho perguntando pelo Sr. Bolseiro de Bolsão, e ele acabou de sair. Mandei-o para Buqueburgo. Não que tenha gostado do jeito dele Parecia muito furioso quando eu disse que o Sr. Bolseiro tinha deixado su velha casa para sempre. Chiou na minha cara! Me deu um arrepio. Que tipo de pessoa pode ser?, digo eu para o Feitor. Eu não sei, diz ele; mas não era um hobbit. Ele era alto e parecia negro, e se inclinava em cima de mim. Acho que era uma das pessoas grandes, dos lugares distantes. Ele falava esquisito.

— Não pude ficar para ouvir mais, já que o senhor estava à minha espera; e não dei muita atenção a isso. O Feitor está ficando velho, e bem cego, e devia estar quase escuro quando esse camarada subiu a Colina e c encontrou tomando ar no fim de nossa rua. Espero que ele não tenha feitc nenhum mal, senhor, nem eu.

— De qualquer jeito, a culpa não é dele — disse Frodo. — Para falar verdade, eu o escutei conversando com um estranho, que parecia perguntar por mim, e quase fui até lá saber quem era. Gostaria de ter ido, ou que você tivesse me contado isso antes. Devia ter tomado mais cuidado na estrada.

— Ainda assim, pode não haver ligação alguma entre o sujeitc estranho do Feitor e este cavaleiro — disse Pippin. — Saímos da Vila dc Hobbits em segredo, e eu não vejo como ele possa nos ter seguido.

— Devia ter esperado Gandalf — murmurou Frodo. — Mas talve isso só piorasse as coisas.

— Então você sabe ou imagina alguma coisa sobre este cavaleiro? Disse Pippin, que escutara essas últimas palavras.

— Não sei, e preferia não adivinhar — disse Frodo.

— Tudo bem, primo Frodo! Pode guardar o seu segredo por agora, se quiser fazer mistério. Mas enquanto isso, que vamos fazer? Gostaria de beliscar alguma coisa, mas algo me diz que devemos sair daqui. Essa conversa de cavaleiro farejador com nariz invisível me deixou inquieto.

— É, acho que vamos agora — disse Frodo — mas não pela estrada como prevenção, caso aquele cavaleiro volte, ou outro o siga. Temos muito chão pela frente hoje. A Terra dos Buques ainda está a milhas daqui.

As árvores lançavam sombras altas e esguias sobre o mato quando partiram novamente. Agora se mantinham a certa distância da estrada, do lado esquerdo, e escondidos o máximo possível. Mas isso os atrasou, pois o mato era espesso e cheio de moitas, e o solo irregular, as árvores já começando a se agrupar em feixes.

O sol já baixava, vermelho, além das montanhas atrás deles, e a tarde já avançava quando voltaram para a estrada, no final de um longo trecho plano e reto que se estendera por algumas milhas. Naquele ponto descrevia uma curva e descia para as terras da Baixada, seguindo para Tronco; mas havia uma ramificação à direita, que desenhava curvas e entrava numa floresta de velhos carvalhos, em direção à Vila do Bosque.

— Este é o nosso caminho — disse Frodo.

Não muito distante da bifurcação, encontraram o tronco de uma enorme árvore: ainda estava viva e tinha folhas nos pequenos ramos crescidos em volta dos tocos quebrados de seus galhos caídos havia muito; mas era oca, e podia-se entrar nela através de uma grande fissura no lado oposto à estrada. Os hobbits se arrastaram para dentro, e lá sentaram sobre o chão de folhas velhas e madeira podre. Descansaram e fizeram uma refeição leve, conversando baixo e parando para escutar de tempo em tempo.

Já os envolvia o crepúsculo quando se puseram a caminho. O vento Oeste suspirava nos galhos. As folhas sussurravam. Logo a estrada começou a mergulhar de leve, mas continuamente, no lusco-fusco. Uma estrela surgiu sobre as árvores no Leste que escurecia diante deles. Caminhavam lado a lado no mesmo passo, para manter o ânimo.

Depois de um tempo, à medida que as estrelas aumentavam em número e brilho, a inquietação os deixou, e eles pararam de prestar atenção ao som de cascos. Começaram a cantar baixinho, como os hobbits fazem ao

caminhar juntos, especialmente quando se aproximam dos lares à noite. Para a maioria dos hobbits, é uma cantiga de ceia ou de dormir; mas para esses hobbits era uma cantiga de caminhar (embora não deixasse, é claro, de mencionar a ceia e a cama). Bilbo Bolseiro tinha feito a letra para uma melodia antiga como as colinas, e ensinou-a a Frodo quando caminhavam nas ladeiras do vale do Água, e conversavam sobre Aventura.

Sobre a lareira arde a chama,
E sob o teto há uma cama;
Mas nossos pés vão mais andar,
Ali na esquina pode estar
Árvore alta ou rochedo frio
Que ninguém sabe ninguém viu.
Folha e relva, árvore e flor
Deixa passar aonde for!
Água e monte vão chegando,
Vai passando! Vai passando!
Talvez te espere noutra esquina
Porta secreta ou nova sina.
E se hoje nós passarmos por elas,
Amanhã podemos revê-las
E seguir a senda secreta
Que o Sol e a Lua têm por meta.
Maçã e espinho, noz e ameixa,
Deixa passar! Deixa, deixa!
Pedra e areia, lagoa e vargem,
Boa viagem! Boa viagem!
Lá atrás a casa, em frente o mundo,
Muitas trilhas ao vagabundo,
Pelas sombras do anoitecer,
Té a última estrela aparecer.
Agora o mundo já não chama,
Voltemos pra casa e para a cama.
Nuvem, sombra, dúbia neblina,

Deixa a retina, deixa a retina!
Água e comida, luz e chama,
E já pra cama! Já pra cama!
A cantiga terminou.

— E agora pra cama! Agora pra cama! — cantou Pippin bem alto.

— Quieto! — disse Frodo. — Acho que ouvi cascos de novo.

Pararam de repente e ficaram quietos como sombras de árvores, escutando.

Havia um som de cascos no caminho, um pouco atrás, mas que se aproximava devagar. Saíram do caminho rápida e silenciosamente, correndo para a sombra mais profunda embaixo dos carvalhos.

— Não vamos muito longe! — disse Frodo. — Não quero ser visto mas quero ver se é outro Cavaleiro Negro.

— Muito bem! — disse Pippin. — Mas não esqueça que ele fareja!

Os cascos se aproximaram. Não tinham tempo para encontrar um esconderijo melhor que a escuridão geral sob as árvores; Sam e Pippin se agacharam atrás de um tronco, enquanto Frodo se arrastava alguns metros em direção ao caminho, que se mostrava cinzento e pálido, uma linha de luz sumindo através da floresta.

Acima, o céu claro estava coalhado de estrelas, mas não havia luar.

O barulho de cascos parou. Olhando, Frodo viu alguma coisa escura atravessar o espaço mais claro entre duas árvores, e depois parar.

Parecia a sombra negra de um cavalo, conduzida por uma sombra negra menor. A sombra ficou parada perto do ponto onde tinham abandonado o caminho, e se se virava de um lado para outro. Frodo pensou ouvir o som de alguém farejando. A sombra se abaixou até o solo, e começou a avançar em direção a ele.

Mais uma vez, o desejo de colocar o Anel se apossou de Frodo; agora mais forte que antes. Tão forte que, sem perceber o que estava fazendo, sua mão já tateava o bolso. Mas neste momento veio um som semelhante ao de música e risadas misturadas. Som de vozes perfeitamente audíveis, mais altas e depois mais baixas, através do ar iluminado pela luz das estrelas. A sombra negra se endireitou e se afastou. Montou a sombra do cavalo e

pareceu desaparecer através do caminho, dentro da escuridão do outro lado. Frodo pôde respirar novamente.

— Elfos! — exclamou Sam num sussurro rouco. — Elfos, senhor! – Poderia ter se jogado à frente das árvores e corrido na direção das vozes, se os outros não o tivessem segurado.

— Sim, são elfos — disse Frodo. — Pode-se encontrá-los de vez en quando na Ponta do Bosque. Não moram no Condado, mas vagueiam pc aqui na primavera e no outono, vindos de suas terras além das Colinas das Torres. Ainda bem que fazem isso! Vocês não viram, mas aquele Cavaleir Negro parou bem aqui, e estava realmente vindo em nossa direção quando a música começou. Assim que escutou as vozes, ele fugiu.

— E os elfos? — disse Sam, entusiasmado demais para se preocupa com o cavaleiro. — Podemos ir até lá para vê-los?

— Escutem! Estão vindo para cá — disse Frodo. — Temos só d esperar.

A cantoria chegou mais perto. Uma das vozes podia agora ser ouvid acima das outras. Cantava na bela língua dos elfos, que Frodo entendia un pouco, e os outros não conheciam. Apesar disso, na imaginação deles, o som combinado com a melodia parecia tomar a forma de palavras que entendiam só em parte. Frodo escutou a canção assim:

Branca-de-Neve! Clara Senhora!
Reinas além dos Mares Poentes!
És nossa Luz aqui nesta hora
No mundo das arvores onipresentes!
Ó Gilthoniel! Ó Elbereth!
De hálito puro e claro olhar!
Branca-de-Neve, a ti nossa voz
Em longes terras, além do Mar.
Estrelas que, no Ano sem Sol,
Pela sua mão fostes semeadas,
Em campos de vento, em claro arrebol,
Agora sois flores prateadas.
ó Elbereth, ó Gilthoniel!

Inda lembramos, nós que moramos
Nesta lonjura, em matas silentes,
A luz dos astros nos Mares Poentes.

A canção terminou.

— Estes são Altos-elfos! Falaram o nome de Elbereth! — disse Frod surpreso. — Esse belo povo raramente é visto no Condado. Poucos aind permanecem na Terra-média, a leste do Grande Mar. De fato, um acas estranho!

Os hobbits se sentaram na sombra ao lado do caminho. Logo os elfo desceram por ele em direção ao vale. Passaram devagar, e os hobbit puderam ver a luz das estrelas brilhando nos olhos e cabelos deles. Nãc levavam qualquer luz, e mesmo assim, conforme caminhavam, um clarão, como a luz da lua que aparece sobre a borda das montanhas anunciando sua chegada, parecia iluminar seus pés. Agora estavam em silêncio, e o últimc elfo, ao passar, se voltou e olhou em direção aos hobbits, rindo.

— Salve, Frodo — gritou ele. — Você está fora de casa tarde da noite Ou será que está perdido? — Então gritou pelos outros, e todo o grupo parou e se juntou em volta deles.

— Isto é realmente maravilhoso! — disseram eles. — Três hobbit numa floresta à noite. Não vemos uma coisa dessas desde que Bilbo fo embora. Que significa isto?

— Isto simplesmente significa, belo povo, que parece que estamo indo pelo mesmo caminho que vocês. Gosto de andar sob as estrelas. Mas a sua companhia seria bem-vinda.

— Mas não precisamos de outra companhia, e os hobbits são tãc enfadonhos — riram eles. — E como você sabe que estamos indo pelc mesmo caminho que vocês, já que não sabem onde estamos indo?

— E como você sabe meu nome? — perguntou Frodo.

— Sabemos de muitas coisas — disseram eles. — Já o vimos ante muitas vezes com Bilbo, embora vocês possam não nos ter visto.

— Quem são vocês, e quem é o seu senhor?

— Sou Gildor — respondeu o líder, o elfo que o tinha chamad primeiro.

— Gildor Inglorion da Casa de Finrod. Somos Exilados, e a maioria c nossos parentes partiu há muito tempo, e também nós vamos permanecer aqui apenas um pouco, antes de nosso retorno pelo Grande Mar. Mas alguns de nosso povo ainda moram em paz em Valfenda. Agora vamos, Frodo conte-nos o que está fazendo. Pois vemos uma sombra de medo em você.

— Ó Povo Sábio! — interrompeu Pippin ansiosamente. — Contem nos sobre os Cavaleiros Negros!

— Cavaleiros Negros? — disseram em voz baixa. — Por que estã perguntando sobre Cavaleiros Negros?

— Porque dois Cavaleiros Negros passaram por nós hoje, ou um dele duas vezes — disse Pippin. — Agora há pouco fugiu, quando vocês s aproximaram.

Os elfos não responderam imediatamente, mas conversaram entre si num tom baixo, em sua própria língua. Finalmente Gildor voltou-se para o hobbits.

— Não vamos falar disso aqui — disse ele. — Achamos que é melho virem conosco. Não é nosso hábito, mas desta vez levaremos vocês pela nossa estrada, e vocês vão se hospedar conosco esta noite, se quiserem.

— Ó Belo Povo, isto é boa sorte além do que esperava — disse Pippin Sam estava mudo.

— Agradeço-lhe muito, Gildor Inglorion — disse Frodo, fazendo um reverência. — *Elen síla lúmenn omentielvo,* uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro — acrescentou ele, na língua dos Altos-elfos.

— Tenham cuidado, amigos — gritou Gildor rindo. — Não digan segredos! Aqui está um estudioso da Língua Antiga. Bilbo foi um bor mestre. Salve, amigo-dos-elfos! — disse ele fazendo uma reverência a Frodo — Venha agora com seus amigos e junte-se ao nosso grupo! É melhor andarem no meio, para não se perderem. Podem ficar cansados antes de pararmos.

— Por quê? Aonde vamos? — perguntou Frodo.

— Por hoje vamos para a floresta nas colinas sobre a Vila do Bosque Fica a algumas milhas, mas vão ter de descansar no final, e isto encurtará a sua viagem amanhã.

Agora continuavam a marcha em silêncio, e passavam como sombras

e luzes fracas: os elfos (mais ainda que os hobbits) sabiam andar sem fazer nenhum ruído, se desejassem.

Pippin começou logo a ficar sonolento e cambaleou uma ou duas vezes; sempre um elfo ao seu lado estendia o braço, evitando que caísse. Sam andava ao lado de Frodo, como se sonhasse, com uma expressão no rosto que misturava medo e uma alegria atônita.

A floresta em ambos os lados se tornou mais densa; as árvores agora eram mais jovens e espessas; e conforme o caminho descia, entrando numa dobra das montanhas, havia profundas moitas de aveleiras nas ladeiras dos dois lados.

Finalmente os elfos deixaram o caminho virando à direita. Uma trilha verde quase invisível passava pelas moitas; e por ela seguiram, através de curvas que voltavam a subir as ladeiras, até o topo de uma saliência das colinas, que altiva se projetava sobre a parte mais baixa do vale do rio. De repente saíram da sombra das árvores, e diante deles estava um espaço grande de capim baixo, cinzento no escuro da noite. De três lados, a floresta avançava por cima dele, mas ao leste o solo descia vertiginosamente, e as copas das árvores escuras que cresciam no fundo da ladeira ficavam abaixo de seus pés. Mais além, as terras baixas se estendiam escuras e planas sob as estrelas. Mais próximas, algumas luzes brilhavam na aldeia da Vila do Bosque.

Os elfos sentaram-se no capim e conversaram em voz baixa; pareciam não tomar mais conhecimento dos hobbits. Frodo e seus companheiros se embrulharam em capas e cobertores, tomados pelo sono. A noite avançou, e as luzes no vale se apagaram. Pippin adormeceu, com a cabeça apoiada num outeiro verde.

Lá em cima no Leste oscilavam Remmirath, as Estrelas Enredadas, lenta acima da névoa a vermelha Borgil se levantava, brilhando como uma joia de fogo. Então, por alguma mudança de ar, toda a névoa foi retirada como um véu; e ali subia, como se escalasse a borda do mundo, o Espadachim do Céu, Menelvagor com seu cinto brilhante.

Todos os elfos começaram a cantar. De repente, sob as árvores, uma fogueira se acendeu com uma luz vermelha.

— Venham! — disseram os elfos chamando os hobbits. Agora é hora

de conversar e de se divertir!

Pippin se sentou, esfregando os olhos. Tremeu.

— Há um fogo no salão, e comida para convidados famintos — disse um elfo parado diante dele. Na ponta sul do gramado havia uma abertura. Ali o solo verde entrava na floresta, e formava um amplo espaço como um salão, coberto pelos ramos das árvores. Os grandes troncos se alinhavam como pilares em cada um dos lados. No meio ficava uma fogueira, e nas árvores-pilares, tochas com luzes de ouro e prata queimavam continuamente. Os elfos se sentaram em volta da fogueira, sobre a grama ou sobre rodelas serradas de velhos troncos. Alguns iam e vinham carregando taças e servindo bebidas; outros traziam comida em montes de pratos e bandejas.

— É uma refeição modesta — disseram eles aos hobbits — pois estamos alojados na floresta, longe de nossos salões. Se alguma vez forem à nossa casa, serão mais bem tratados.

— A mim parece bom o suficiente para uma festa de aniversário — disse Frodo.

Mais tarde, Pippin se lembraria muito pouco da comida e da bebida pois sua mente estava tomada pela luz nos rostos dos elfos, e pelos sons de vozes, tão variadas e bonitas que o faziam sentir-se como se estivesse sonhando acordado. Mas saberia dizer que houve pão, cujo sabor superava o de uma bela bengala de pão branco para alguém que está morrendo de fome; e frutas doces como pomos silvestres e mais saborosas que as cultivadas em jardins; ele esvaziou um copo cheio de uma bebida aromática, fresca e transparente como água de fonte, dourada como uma tarde de verão.

Sam jamais poderia descrever em palavras, nem representar de modo claro para si mesmo, o que sentiu ou pensou naquela noite que, apesar disso, ficou-lhe gravada na memória como um dos acontecimentos mais importantes da sua vida. O mais próximo disso a que conseguiu chegar foi dizer:

— Bem, senhor, se eu pudesse cultivar maçãs assim, diria que sou um hortelão. Mas foram as canções que tocaram meu coração, se entende o que quero dizer.

Frodo estava sentado, comendo, bebendo e conversando com prazer; mas sua mente se concentrava nas palavras ditas. Sabia um pouco da língua élfica, e escutava atento.

De vez em quando falava com aqueles que o serviam, e lhes agradecia na língua deles. Em contrapartida, sorriam e diziam:

— Aqui está uma joia rara entre os hobbits.

Depois de um tempo Pippin adormeceu profundamente, e fo levantado e levado para um abrigo sob as árvores; ali o deitaram num leito macio onde dormiu o resto da noite. Sam se recusou a deixar seu mestre. Quando Pippin tinha ido, ele veio e se sentou encolhido perto de Frodc onde finalmente pendeu de sono e fechou os olhos.

Frodo permaneceu por muito tempo acordado, conversando com Gildor.

Falaram de muitas coisas, velhas e novas, e Frodo perguntou muitc sobre os acontecimentos no vasto mundo fora do Condado. As novidades eram na maioria tristes e agourentas: uma escuridão que crescia, as guerras dos homens e a fuga dos elfos. Finalmente Frodo fez a pergunta que calava mais fundo em seu coração.

— Diga-me, Gildor, você viu Bilbo depois que ele nos deixou?

Gildor sorriu.

— Sim — respondeu ele. — Duas vezes. Disse-me adeus aqui mesmc Mas o vi uma outra vez, longe daqui.

Não disse mais nada sobre Bilbo, e Frodo ficou em silêncio.

— Você não me pergunta ou fala muito sobre as coisas que c preocupam, Frodo — disse Gildor. — Mas eu já sei um pouco, e posso le mais em seu rosto e no pensamento por trás de suas perguntas. Você está deixando o Condado, e ainda assim duvida se poderá encontrar o que procura, ou conseguir o que pretende, ou se algum dia retornará. Não é isso?

— É sim — disse Frodo —, mas pensei que minha partida fosse um segredo conhecido apenas por Gandalf e meu fiel Sam. — Olhou para Sam que roncava baixinho.

— O segredo não chegará ao Inimigo por nosso intermédio — disse Gildor.

— O Inimigo? — disse Frodo. — Então você sabe por que estou

deixando o Condado?

— Não sei por que motivo o Inimigo está perseguindo você — respondeu Gildor —, mas percebo que está — embora isso me pareça muito estranho. E faço uma advertência: o perigo agora está adiante e também atrás de você, e dos dois lados.

— Quer dizer os Cavaleiros? Receava que fossem servidores do Inimigo. O que são os Cavaleiros Negros?

— Gandalf não lhe disse nada?

— Sobre essas criaturas, nada.

— Então acho que não cabe a mim dizer mais — para evitar que o terror o impeça de continuar a viagem. Pois a mim parece que você partiu em cima da hora, se é que já não está atrasado. Deve se apressar, e não ficar e nem voltar; o Condado não oferece proteção a você.

— Não consigo imaginar que informação possa ser mais terrível que suas insinuações e advertências — exclamou Frodo. — É claro que sabia que havia perigo à minha frente, mas não esperava encontrá-lo no nosso próprio Condado. Um hobbit não pode caminhar do Água até o Rio em paz?

— Mas não é o seu próprio Condado — disse Gildor. — Outros moraram aqui antes dos hobbits; e outros virão quando os hobbits não estiverem mais aqui. O vasto mundo está em volta de vocês. Podem se trancar aqui dentro, mas não trancá-lo lá fora.

— Eu sei — e apesar disso o Condado sempre me pareceu tão seguro e familiar. Que posso fazer agora? Meu plano era sair do Condado em segredo, e ir até Valfenda; mas agora meus passos estão sendo seguidos, antes mesmo de chegar à Terra dos Buques.

— Acho que ainda deve seguir esse plano — disse Gildor. — Não acho que a Estrada será dura demais para sua coragem. Mas se desejar um conselho mais direto, deve pedi-lo a Gandalf. Não sei o motivo de sua fuga e por isso não sei por que meios seus perseguidores vão atacá-lo. Isso Gandalf deve saber. Suponho que deve encontrá-lo antes de deixar o Condado?

— Espero que sim. Mas esta é outra coisa que me deixa ansioso. Tenho esperado Gandalf há muitos dias. Ele deveria ter chegado à Vila dos Hobbits no máximo há duas noites; mas não apareceu. Agora fico imaginando o que pode ter acontecido. Será que devo esperá-lo?

Gildor ficou em silêncio por um momento.

— Não gosto dessa notícia — disse ele finalmente. — O atraso de Gandalf não é um bom presságio. Mas dizem por aí: Não se meta nas coisas dos magos, pois eles são sensíveis e ficam facilmente irritados. A escolha é sua: ir ou esperar.

— E também dizem por aí: Não peça conselhos aos elfos, pois eles dirão ao mesmo tempo não e sim.

— É mesmo? — riu Gildor. — Os elfos raramente dão conselhos imprudentes, pois o conselho é uma dádiva perigosa, mesmo dos sábios para os sábios, e tudo pode dar errado. Mas e você? Se não me contou sobre tudo o que o preocupa, como posso fazer uma escolha melhor que a sua? Mas se quer um conselho, vou dá-lo em nome de nossa amizade. Acho que deve partir imediatamente, sem demora; e se Gandalf não chegar antes de sua partida, então também aconselho o seguinte: não vá sozinho. Leve amigos, que sejam confiáveis e prestativos. Agora, deve me agradecer, pois não dou este conselho com tranqüilidade. Os elfos têm suas próprias dores e seus próprios labores, e não se preocupam muito com os assuntos dos hobbits, ou de qualquer outra criatura sobre a terra. Nossos caminhos se cruzam raramente, por acaso ou de propósito. Neste nosso encontro, pode haver algo mais que o acaso; mas o propósito não está claro para mim, e temo falar demais.

— Fico imensamente grato — disse Frodo — mas queria que dissesse de modo direto o que são os Cavaleiros Negros. Se seguir seu conselho, posso não encontrar Gandalf por um longo tempo, e preciso saber qual é o perigo que me persegue.

— Não basta saber que são servidores do Inimigo? — respondeu Gildor. — Fuja deles! Não fale com eles! São letais. Não me pergunte mais nada! Mas meu coração pressente que, antes que tudo se acabe, você, Frodo, filho de Drogo, saberá mais sobre essas coisas terríveis que Gildor Inglorion. Que Elbereth o proteja!

— Mas onde buscarei coragem? — perguntou Frodo. — É disso que eu mais preciso.

— A coragem pode ser encontrada em lugares improváveis — disse Gildor. — Tenha esperança! Durma agora! Pela manhã deveremos te

partido, mas enviaremos nossas mensagens por todo lugar. Os Grupos Errantes vão saber de sua viagem, e aqueles que têm poder para o bem estarão vigiando. Nomeio-o amigo-dos-elfos, e que as estrelas brilhem sobre o final de seu caminho! Raramente tivemos tanto prazer na companhia de estranhos, e é bonito escutar palavras da Língua Antiga dos lábios de outros andarilhos do mundo.

Frodo sentiu-se sonolento, ainda enquanto Gildor terminava de falar.

— Vou dormir agora — disse ele, e o elfo o conduziu a um abrigo ao lado de Pippin, e ele se jogou sobre um leito, caindo imediatamente num sono sem sonhos.

CAPÍTULO IV: ATALHO ATÉ COGUMELOS

Na manhã seguinte, Frodo acordou descansado. Estava deitado n abrigo de uma árvore viva, com ramos entrelaçados que desciam até o chão; o leito era de grama e samambaias, fundo, macio e com um cheiro exótico.

O sol brilhava através das folhas que se agitavam, ainda verdes, nc topo da árvore. Pulou de pé e saiu.

Sam estava sentado na grama perto da borda da floresta. Pippin, em pé, estudava o céu e o tempo. Nenhum sinal dos elfos.

— Deixaram frutas e bebida, e pão — disse Pippin. — Venha comer O pão está quase tão bom como ontem à noite. Eu não queria deixa nenhum para você, mas Sam insistiu.

Frodo se sentou ao lado de Sam e começou a comer.

— Quais são os planos para hoje? — perguntou Pippin.

— Chegar a Buqueburgo o mais rápido possível — respondeu Frodc voltando a atenção para a comida.

— Você acha que veremos algum sinal daqueles Cavaleiros? — perguntou Pippin animado. Sob o sol da manhã, a perspectiva de encontra uma tropa inteira deles não lhe parecia muito alarmante.

— Provavelmente sim — disse Frodo, não apreciando muito lembrete.

— Mas espero atravessar o Rio sem que nos vejam. Gildor lhe revelou alguma coisa sobre eles?

— Não muito — apenas insinuou coisas com frases enigmáticas — respondeu Frodo evasivamente.

— Você perguntou alguma coisa sobre eles farejarem?

— Não discutimos isso — disse Frodo, com a boca cheia.

— Deveriam ter discutido. Tenho certeza de que é muito importante.

— Nesse caso estou certo de que Gildor se recusaria a explicar — disse Frodo secamente. — E agora me deixe um pouco em paz! Não quer responder uma lista de perguntas enquanto como. Quero pensar!

— Puxa vida! — disse Pippin. — Durante o desjejum? — E andou em direção à borda da floresta.

Da mente de Frodo, aquela manhã clara — traiçoeiramente clara pensava ele — não tinha expulsado o medo da perseguição, e ele ponderava as palavras de Gildor. A voz alegre de Pippin chegou-lhe aos ouvidos Estava correndo sobre a grama verde e cantando.

"Não! Eu não poderia!" disse ele consigo mesmo. "Uma coisa é leva meus jovens amigos para passear pelo Condado, até ficarmos famintos e cansados, quando temos boa cama e comida. Levá-los para o exílio, onde a fome e o cansaço podem não ter cura, é bem diferente — mesmo que se julguem dispostos a vir. A herança é só minha. Nem Sam acho que dev levar". Olhou para Sam Gamgi, e percebeu que ele o observava.

— Bem, Sam! — disse ele. — Que acha disso? Vou deixar o Condad o mais rápido que puder, tomei a decisão de não esperar nem um dia em Cricôncavo, se isso puder ser evitado.

— Muito bom, senhor!

— Você ainda quer vir comigo?

— Quero.

— Vai ser muito perigoso, Sam. Já está perigoso. Existem grande chances de nenhum de nós voltar vivo.

— Se o senhor não voltar, então certamente também não voltarei, isto é certo. Não o deixe! disseram para mim. Deixá-lo!, eu disse. Nunca pense nisso. Vou com ele, mesmo que suba até a Lua; e se qualquer um daquele Cavaleiros Negros tentar impedi-lo, terão que se ver com Sam Gamgi, e disse. Eles riram.

— Quem são eles, e de que está falando?

— Os elfos, senhor. Conversaram comigo ontem à noite, e pareciam saber que o senhor estava indo embora, então não vi motivo para negar isso. Que povo maravilhoso, os elfos, senhor! Maravilhoso!

— São mesmo — disse Frodo. — Você continua gostando deles, agor que os viu mais de perto?

— Eles parecem estar um pouco acima do meu gostar ou desgostar, por assim dizer — respondeu Sam devagar. — Parece que não tem muit importância o que acho deles. São muito diferentes do que esperava — tão velhos e jovens, e tão alegres e tristes, de certo modo...

Frodo riu de Sam, bastante surpreso, como quem esperasse enxerga

algum sinal externo da estranha mudança que se operara nele. Não parecia a voz do velho Sam Gamgi que julgava conhecer. Mas era o mesmo Sam Gamgi ali sentado, a não ser por sua expressão extraordinariamente pensativa.

— Você acha necessário deixar o Condado agora — agora que seu desejo de vê-los já se realizou? — perguntou ele.

— Sim, senhor. Não sei como dizer isto, mas depois de ontem à noite me sinto diferente. Parece que enxergo mais longe, de certa maneira. Sei que vamos pegar uma estrada muito longa, para dentro da escuridão; mas sei também que não posso voltar. O que quero agora não é ver os elfos, nem dragões e nem montanhas, não sei direito o que quero: mas tenho alguma coisa para fazer antes do fim, e ela está lá na frente, longe do Condado. Preciso passar por isso, se é que o senhor me entende.

— Não entendo muito bem. Mas percebo que Gandalf escolheu para mim um bom companheiro. Estou contente. Nós vamos juntos.

Frodo terminou de comer em silêncio. Então, levantando-se examinou a região diante dele, e chamou Pippin.

— Todos prontos para partir? — disse ele enquanto Pippin subia correndo. — Precisamos ir imediatamente. Dormimos até tarde, e temos muitas milhas pela frente.

— Você dormiu até tarde — disse Pippin. — Já estou acordado há muito tempo; e estamos só esperando você terminar de comer e de pensar.

— Já terminei as duas coisas. E vou partir para a balsa de Buqueburgo o mais rápido possível. Mas se for pela estrada que deixamos ontem à noite vamos ficar dando voltas: vou sair daqui, cortando caminho pelo campo.

— Então você vai voar — disse Pippin. — Você não vai encontrar atalhos em lugar algum neste trecho.

— Mas de qualquer modo podemos fazer um percurso mais curto que a estrada — respondeu Frodo. — A balsa fica a leste da Vila do Bosque, mas a estrada grande faz uma curva para a esquerda — dá para ver um cotovelo ali ao norte. Ela contorna o extremo norte do Pântano, a fim de encontrar o caminho que vem da Ponte sobre Tronco. São muitas milhas fora do rumo. Poderíamos economizar um quarto da distância se fôssemos em linha reta daqui onde estamos até a balsa.

— Todo atalho dá trabalho — argumentou Pippin. — O campo é acidentado por essas bandas, e existem atoleiros e todo tipo de dificuldade lá embaixo no Pântano, conheço a região naquelas partes. E se está preocupado com os Cavaleiros Negros, não vejo por que encontrá-los na estrada seja pior do que numa floresta ou num campo.

— É menos fácil encontrar pessoas nas florestas e campos — respondeu Frodo. — E se a expectativa é de que você esteja na estrada existe mais chance de ser procurado na estrada, e não fora dela.

— Muito bem! — disse Pippin. — Seguirei você por todos os atoleiros e valas. Mas o caminho é difícil! Contava em passar pelo Perca Dourada em Tronco antes do pôr-do-sol. Lá servem a melhor cerveja da Quarta Leste, ou pelo menos serviam: faz muito tempo que não experimento.

— Isso resolve o assunto! — disse Frodo. — Todo atalho dá trabalho mas hospedarias dão mais ainda. A todo custo temos de nos manter longe do Perca Dourada. Queremos chegar a Buqueburgo antes de escurecer. O que me diz, Sam?

— Vou junto com o senhor, Sr. Frodo — disse Sam (mesmo tendo um pressentimento oculto e sentindo um grande pesar por perder a melhor cerveja da Quarta Leste).

— Então, se temos de nos embrenhar por atoleiros e urzes, vamos já! — disse Pippin.

O calor já estava quase igual ao do dia anterior, mas nuvens começavam a chegar do Oeste. Parecia que ia chover. Os hobbits desceram aos tropeços por uma ladeira verde e íngreme e se enfiaram entre densas árvores lá embaixo. A direção escolhida deixava a Vila do Bosque à esquerda e cortava num plano inclinado através dos maciços de árvores que se estendiam na face leste da colina, até que alcançassem as planícies à frente. Então poderiam ir direto para a balsa pelo campo que era aberto, a não ser por algumas valas e cercas. Frodo calculava que teriam de caminhar dezoito milhas, indo em linha reta.

Logo descobriu que a floresta era mais densa e emaranhada do que parecera à primeira vista. Não havia trilhas na vegetação baixa, e eles não podiam avançar muito rápido. Quando alcançaram o final da ladeira, encontraram um riacho que vinha das colinas lá atrás e corria sobre um leito

profundo, do qual subiam margens íngremes e escorregadias, cobertas por arbustos espinhosos. Muito inconvenientemente, o riacho cortava a linha que tinham escolhido. Não podiam saltar por sobre ele e nem atravessá-lo sem ficar molhados, arranhados e enlameados. Pararam, imaginando o que fazer.

— Primeiro obstáculo — disse Pippin, com um sorriso melancólico.

Sam Gamgi olhou para trás. Por uma abertura nas árvores, passou o olhos pelo topo da ladeira pela qual tinha descido.

— Olhem — disse ele, agarrando o braço de Frodo. Todos olharam e na encosta, de pé, contra o céu, viram bem acima deles um cavalo. Ao lado, uma figura negra, Imediatamente desistiram da ideia de voltar. Frodo foi à frente, e se enfiou rapidamente pelos densos arbustos que ladeavam o riacho.

— Ufa! Disse ele a Pippin. — Nós dois estávamos certos! O atalho j deixou de ser em linha reta, mas conseguimos um esconderijo bem na hora. Você tem bons ouvidos, Sam. Consegue escutar alguma coisa vindo?

Ficaram todos quietos, quase prendendo a respiração para escutar; mas não havia nenhum ruído indicando que estavam sendo perseguidos.

— Não acho que ele tentaria trazer o cavalo ladeira abaixo — disse Sam. — Mas acho que sabe que viemos por aqui. É melhor irmos andando.

Ir indo não foi nem um pouco fácil. Tinham mochilas para carregar e os arbustos e espinheiros relutavam em deixá-los passar. Impedido pelo maciço de colinas atrás deles, o vento deixara de soprar, e o ar estava parado e abafado . Quando finalmente forçaram o caminho em direção ao terreno mais aberto, estavam com muito calor, cansados e arranhados, e também não sabiam ao certo em que direção caminhavam. Na planície as margens afundavam, e o riacho ficava mais largo e mais raso, indo em direção ao Pântano e ao rio.

— Mas este é o Córrego de Tronco! — disse Pippin. — Se é que vamos tentar voltar para nosso caminho, temos imediatamente de atravessar e ir à direita.

Foram atravessando o riacho, e se apressaram em direção a um espaço aberto amplo, coberto de juncos e sem árvores, na margem oposta. Mais além encontraram um cinturão de árvores: em sua maioria altos

carvalhos, entremeados aqui e ali com olmos e freixos.

O solo era bastante plano e havia pouca vegetação rasteira; mas as árvores estavam muito próximas para que eles pudessem enxergar muito longe.

Súbitas rajadas de vento levavam as folhas pelos ares, e gotas de chuva começaram a cair do céu carregado. Então o vento foi parando e a chuva começou a cair forte.

Avançavam com dificuldade, o mais rápido que conseguiam, em meio a tufos de grama e montes de folhas mortas que boiavam na água, enquanto a chuva tamborilava e escorria por toda a sua volta. Não conversavam, mas olhavam para trás e para os lados.

Depois de meia hora, Pippin disse:

— Espero que não tenhamos virado muito em direção ao sul e que não estejamos andando ao longo da floresta! O cinturão não é muito largo — diria que não ultrapassa uma milha e já deveríamos tê-lo atravessado.

— Não adianta irmos em ziguezague — disse Frodo. — Isso não va consertar as coisas. Vamos continuar por aqui! Nem sei se já quero sair para o espaço aberto.

Continuaram talvez por mais algumas milhas. Então o sol brilhou através de nuvens rasgadas e a chuva diminuiu, Agora já passava do meio-dia, e sentiram que já estava mais que na hora de almoçar. Pararam sob um olmo: as folhas, embora estivessem rapidamente amarelecendo, ainda eram espessas, e o solo embaixo estava razoavelmente seco e bem protegido. Quando começaram a fazer a refeição, descobriram que os elfos tinham enchido suas garrafas com uma bebida clara, de um dourado pálido: tinha o aroma de um mel feito de muitas flores e era maravilhosamente reconfortante. Logo estavam rindo e desprezando a chuva e os Cavaleiros Negros. Sentiam que logo deixariam para trás as últimas milhas.

Frodo encostou-se no tronco da árvore, fechando os olhos. Sam e Pippin se sentaram perto e começaram a cantar baixinho:

Eh! Eli! Eli! O que eu quero é beber,
Matar minha dor e o meu mal esquecer
Pode ventar também pode chover

E muita estrada sobrar pra vencer,
Ao pé deste olmo eu quero deitar
E olhar para a nuvem que vai devagar
Eh! Eli! Eh!, começaram de novo, mais alto.

Pararam de repente. Frodo pulou de pé. Um gemido longo veio com o vento, como o choro de alguma criatura solitária e má. Ficou mais alto e depois mais baixo, e então terminou num tom muito agudo e penetrante. Eles ficaram escutando, como que petrificados, e o lamento foi respondido por um outro grito, mais fraco e distante, embora não desse menos arrepios na espinha. Depois tudo silenciou, a não ser pelo som do vento nas árvores.

— O que acham que foi isso? — perguntou Pippin finalmente tentando dar um tom tranquilo à sua voz, que apesar disso estava meio trêmula. — Se foi um pássaro, este eu nunca ouvi no Condado antes.

— Não foi pássaro nem animal — disse Frodo. — Foi um chamado ou sinal, havia palavras naquele grito, embora eu não tenha conseguido entendê-las. Mas nenhum hobbit tem uma voz assim.

Não se falou mais nada sobre o assunto. Estavam todos pensando nos Cavaleiros, mas ninguém falava neles. Agora relutavam, em partir e em ficar; mas mais cedo ou mais tarde teriam de atravessar o campo aberto até a balsa, e era melhor ir mais cedo e durante o dia. Em poucos minutos tinham colocado as mochilas nos ombros e seguiam novamente.

Logo a floresta terminou de modo abrupto. Uma região ampla coberta por gramíneas se estendia à frente deles. Agora percebiam que, de fato, tinham ido muito para o sul. Adiante, sobre as planícies, visualizavam a colina baixa de Buqueburgo do outro lado do Rio, mas agora ela estava à esquerda. Saindo cuidadosamente da borda da floresta, começaram a atravessar o espaço aberto o mais rápido possível.

No início sentiram receio por estarem longe do abrigo da floresta. O lugar onde tinham feito o desjejum já ficara muito para trás. Frodo tinha expectativas de ver a pequena figura distante de um cavaleiro sobre as colinas, agora escuras contra o céu; mas não havia nem sinal deles.

O sol, que afundava nas colinas atrás deles, brilhava novamente, fugindo das nuvens que se desfaziam. O medo os abandonou, embora ainda

se sentissem inquietos. Mas rapidamente o terreno foi ficando menos intratável e irregular. Logo entraram em campos e prados bem tratados: havia cercas-vivas, portões e valas para drenagem. Tudo parecia quieto e pacífico, apenas um canto comum do Condado. A cada passo sentiam-se mais alegres. A linha do Rio se aproximava, e os Cavaleiros Negros começaram a parecer fantasmas da floresta deixada para trás.

Passaram ao longo da borda de uma grande plantação de nabos, e depararam com um portão maciço, além do qual se estendia uma alameda batida entre duas cercas-vivas baixas e bem podadas, indo em direção a um arvoredo. Pippin parou.

— Conheço estes campos e este portão! — disse ele. — É Glebafava, a terra do velho Magote. A fazenda dele fica ali naquelas árvores.

— É problema atrás de problema! — disse Frodo, que parecia quase tão alarmado como se Pippin tivesse dito que a trilha conduzia à caverna de um dragão. Os outros olharam surpresos.

— Qual é o problema com o velho Magote? — perguntou Pippin. — Ele tem amizade com todos os Brandebuques. É claro que é o terror dos invasores, e cria cachorros ferozes, mas também, as pessoas aqui estão perto da fronteira, e devem se precaver.

— Eu sei — disse Frodo. — Mas mesmo assim — acrescentou ele com um sorriso envergonhado — tenho pavor dele e dos cachorros. Desviei desta fazenda por anos a fio. Ele me pegou várias vezes invadindo o lugar, atrás de cogumelos, quando era um rapazola na Sede do Brandevin. Na última vez me bateu e me levou até os cachorros.

— "Vejam, meninos", disse ele, — da próxima vez que esse pequeno verme botar os pés nas minhas terras, vocês podem devorá-lo. Agora levem-no para fora!" Eles me perseguiram por todo o caminho até a balsa. Nunca me livrei do medo — mas me atrevo a dizer que os animais sabiam o que estavam fazendo, e não teriam me atacado de verdade.

Pippin riu.

— Bem, já é hora de fazerem as pazes. Principalmente se você está de volta para morar na Terra dos Buques. O velho Magote é um sujeito de bem, se você deixar os cogumelos em paz. Vamos entrar pela alameda, e então não estaremos invadindo. Se o encontrarmos, eu falo com ele. É amigo

de Merry; houve uma época em que costumávamos vir muito aqui juntos.

Foram ao longo da alameda, até avistarem os telhados de sapé de uma grande casa e de outros barracões da fazenda, que começavam a aparecer em meio as árvores. Os Magotes e os Poçapés de Tronco, como maioria dos habitantes do Pântano, moravam em casas; esta casa era de construção sólida, feita de tijolos, e cercada por um grande muro em toda a volta, Um amplo portão de madeira se abria para a alameda.

De repente, conforme se aproximavam, latidos estrondosos irromperam, seguidos por uma voz alta que gritava:

— Garra! Presa! Lobo! Venham, meninos!

Frodo e Sam ficaram como estátuas, mas Pippin avançou mais algun passos.

O portão se abriu e três cachorros enormes saíram, disparando pela alameda em direção aos viajantes, latindo ferozmente. Não tomaram conhecimento de Pippin, mas Sam se encolheu contra a parede, enquant dois cachorros que mais pareciam lobos o farejavam desconfiados, e rosnavam quando se movia. O maior e mais feroz dos três parou na frente de Frodo, rosnando e com os pêlos em pé.

Através do portão vinha agora um hobbit corpulento, de rosto redondo e vermelho.

— Olá, Olá. E quem são vocês e o que querem? — perguntou ele.

— Boa tarde, Sr. Magote — disse Pippin.

O fazendeiro olhou-o de perto.

— Ora, ora, vejam só! Mestre Pippin ou melhor, o Sr. Peregrin Túk - gritou ele, e sua expressão zangada se abriu num sorriso. — Faz muito tempc que não o vejo por essas bandas. Sorte sua que o reconheci. Já ia soltar meu cachorro em cima dos forasteiros. Hoje estão acontecendo coisas estranhas. É claro que às vezes pegamos um pessoal esquisito vagando por aqui. É muito perto do Rio — disse ele, balançando a cabeça. — Mas esse sujeito é o mais esquisito que já vi. Ele não vai atravessar minhas terras e depois escapar de novo, não se eu puder impedi-lo.

— De que sujeito está falando? — perguntou Pippin.

— Então vocês não viram? — disse o fazendeiro. — Ele subiu a alameda em direção à estrada agora há pouco. Era um camarada estranho,

fazendo perguntas estranhas. Mas é melhor entrarem. Assim poderemos ficar mais bem acomodados e contar as novidades. Tenho um gole de boa cerveja na adega, se o senhor e seus amigos quiserem, Sr. Túk.

Parecia certo que o fazendeiro falaria mais, se lhe permitissem fazer isso em seu próprio passo e maneira, de modo que todos aceitaram o convite.

— E os cachorros? — perguntou Frodo ansioso.

O fazendeiro riu.

— Não vão fazer mal nenhum, a não ser que eu ordene. Aqui, Garra Presa! Quietos — gritou ele. — Quieto, Lobo! — Para o alívio de Frodo e Sam os cachorros foram embora e deixaram-nos passar.

Pippin apresentou os outros dois ao fazendeiro .

— Este é o Sr. Frodo Bolseiro — disse ele. — Pode não se lembrar, mas ele morou na Sede do Branvin. — Ao escutar o nome Bolseiro, o fazendeiro ficou surpreso, e olhou Frodo com olhos atentos. Por um momento, Frodo pensou que a lembrança dos cogumelos roubados tinha despertado, e que os cachorros receberiam ordem de expulsá-lo. Mas Magote pegou-o pelo braço.

— Ora, ora, mas isto não é o mais esquisito de tudo — exclamou ele. — Sr. Bolseiro, não é? Entre! Precisamos ter uma conversa.

Entraram na cozinha do fazendeiro, e sentaram-se perto da grande lareira.

A Sra. Magote trouxe cerveja numa jarra enorme, enchendo quatro canecas grandes. Era de boa qualidade, e Pippin se sentiu mais que recompensado por ter perdido a chance de ir ao Perca Dourada. Sam bebeu sua cerveja desconfiado. Sempre desconfiava de habitantes de outras partes do Condado , e também não estava disposto a ficar logo amigo de alguém que tivesse batido em seu patrão, não importava há quanto tempo.

Depois de falar um pouco sobre o tempo e sobre as perspectivas da lavoura (que não eram piores do que o normal), o fazendeiro Magote abaixou sua caneca, olhando para cada um deles.

— Agora, Sr. Peregrin — disse ele. — De onde estão vindo, e para onde vão? Estavam vindo me visitar? Porque, se for isto, passaram pelo meu portão sem que eu os tivesse visto.

— Bem... não — respondeu Pippin. — Para falar a verdade, já que adivinhou, entramos pela alameda do outro lado: viemos pelas plantações,

mas foi por acaso. Nós nos perdemos na floresta lá atrás, perto da Vila do Bosque, tentando cortar caminho até a balsa.

— Se tinham pressa, a estrada seria melhor — disse o fazendeiro. — Mas eu não estava preocupado com isso. Dou-lhe permissão para passar pelas minhas terras se desejar, Sr. Peregrin. E ao senhor também, Sr. Bolseiro mas aposto que ainda gosta de cogumelos. — Ele riu. — Sim, reconheci o nome. Lembro-me do tempo em que o jovem Frodo Bolseiro era um dos piores fedelhos da Terra dos Buques. Mas eu não estava pensando nos cogumelos. Tinha acabado de ouvir o nome Bolseiro quando apareceram. O que acham que esse sujeito esquisito me perguntou? — Todos esperavam ansiosamente que ele continuasse. — Bem — continuou o fazendeiro, chegando ao ponto com um prazer vagaroso. — Ele veio montado num grande cavalo preto pelo portão, que por acaso estava aberto, e chegou até minha porta. Era todo preto, também, com uma capa e um capuz, como se não quisesse ser reconhecido.

— "Ora, que diabos ele pode estar querendo aqui no Condado?" pensei comigo. Não encontramos muitas pessoas grandes na fronteira; e de qualquer jeito nunca ouvi falar de alguém semelhante a esse sujeito preto. — "Bom dia para o senhor!", digo eu, indo até ele. "Esta alameda não leva a lugar nenhum, e aonde quer que esteja indo, o melhor caminho é pela estrada." Não gostei da aparência dele; e quando o Garra saiu, começou a farejar e soltou um ganido, como se tivesse levado uma ferroada: depois pôs o rabo entre as pernas e saiu correndo como um raio, uivando, O sujeito preto ficou parado, imóvel, "Venho de longe", disse ele, devagar e d'um jeito seco, apontando lá para o oeste, por cima das minhas plantações, vejam só! — "Viu Bolseiro por aí?", perguntou ele com uma voz estranha curvando-se sobre mim. Não pude ver o rosto, totalmente coberto pelo capuz, e senti um arrepio na espinha, mas não consegui entender porque ele vinha vindo pela minha alameda desse jeito atrevido.

— "Vá embora!", eu disse. "Aqui não tem nenhum Bolseiro. Está na parte errada do Condado. É melhor voltar para o oeste, para a Vila dos Hobbits. — mas desta vez vá pela estrada."

— "Bolseiro, partiu", respondeu ele num sussurro. "Ele está chegando. Não está longe. Quero encontrá-lo. Pode me avisar se ele passa

por aqui? Voltarei com ouro." — "Não, não vai voltar", eu disse. "Vai voltar para o lugar de onde veio, rapidinho. Dou-lhe um minuto antes de chamar meus cachorros."

— Ele soltou uma espécie de silvo. Poderia ser uma risada, e poderia não ser. Daí meteu as esporas no seu cavalo grande, que avançou sobre mim, e eu pulei de lado bem na hora. Chamei os cachorros, mas ele fez meia-volta, e cavalgou através do portão e pela alameda em direção à estrada, rápido como um raio. Que acham disso?

Frodo ficou imóvel por um momento, olhando o fogo, mas só pensava em como conseguiriam chegar até a balsa.

— Não sei o que pensar — disse ele finalmente.

— Então vou dizer o que penso — disse Magote, — O senhor nunca deveria ter se misturado com gente da Vila dos Hobbits, Sr. Frodo. O pessoal lá é esquisito. — Sam se mexeu na cadeira, e lançou para o fazendeiro um olhar nada amigável. — Mas o senhor sempre foi um menino descuidado. Quando soube que tinha deixado os Brandebuques para morar com o Sr. Bilbo, disse que iria encontrar problemas. Ouça o que digo, tudo isso vem das atividades estranhas do Sr. Bilbo. O dinheiro dele foi conseguido de um modo estranho em lugares distantes, dizem por aí. Será que alguém não está querendo saber o que foi feito do ouro e das joias que ele enterrou na colina da Vila dos Hobbits, como ouvi dizer?

Frodo não dizia nada: a perspicácia das conjecturas do fazendeiro era bastante desconcertante.

— Bem, Sr. Frodo — continuou Magote —, folgo em saber que o senhor tenha tido o juízo de voltar para a Terra dos Buques. Meu conselho é o seguinte: fique aqui! E não se misture com esse pessoal de fora. Terá amigos nestas partes. Se algum desses sujeitos pretos vier atrás do senhor de novo, eu cuido deles. Direi que está morto, ou que deixou o Condado, ou qualquer coisa que desejar. E não estarei mentindo, pois parece que é do velho Sr. Bilbo que eles querem notícias.

— Talvez tenha razão — disse Frodo, evitando o olhar do fazendeiro e olhando para o fogo.

Magote olhou para ele pensativo.

— Bem, vejo que tem suas próprias ideias — disse ele. — Está na cara

que não foi nenhum acaso que trouxe o senhor e aquele cavaleiro aqui na mesma tarde; e pode ser que minhas novidades não tenham sido tão novidade assim para o senhor, no final das contas. Não estou pedindo que me conte nada que deseje guardar para si; mas vejo que está metido em algum tipo de problema. Talvez esteja achando que não vai ser tão fácil chegar até a balsa sem ser capturado...

— Estava pensando nisso — disse Frodo. — Mas temos que tenta chegar até lá; e isso não se faz sentando e pensando. Então, receio que devemos ir. Somos imensamente gratos por sua gentileza! Tive pavor d senhor e de seus cachorros por mais de trinta anos, Sr. Magote, apesar de senhor poder rir do que digo. É uma pena. Perdi um grande amigo. E agora sinto em partir tão depressa. Mas voltarei, quem sabe, um dia — se tiver uma chance.

— Será bem-vindo quando vier — disse Magote. — Mas agora tiv uma ideia. Já está quase no fim do dia, e nós vamos cear, pois nos deitamos logo depois do sol. Se o senhor e o Sr. Peregrin e os outros pudessem ficar comer alguma coisa conosco, ficaríamos satisfeitos.

— Nós também ficaríamos — disse Frodo. — Mas temo que devamo partir imediatamente. Mesmo assim estará escuro antes de chegarmos à balsa.

— Ah! Mas esperem um minuto! Eu ia dizer: depois de uma pequen ceia, eu pego uma carroça e levo vocês todos até a balsa. Isso vai poupar uma boa caminhada, e também pode poupá-los de problemas de outro tipo.

Frodo agora aceitou o convite agradecido, para o alivio de Pippin Sam— o sol já estava atrás das colinas do oeste, e a luz ia enfraquecendo. Dois dos filhos de Magote e as três filhas entraram, e uma ceia generosa fo posta sobre a grande mesa. A cozinha foi iluminada com velas e o fogo foi reativado.

A Sra. Magote entrava e saía, alvoroçada. Um ou dois hobbits qu também eram da casa apareceram.

Logo catorze pessoas se sentaram para comer. Havia cerveja em quantidade, e um grande prato de cogumelos com bacon foi servido, além de muitos outros produtos da própria fazenda. Os cachorros estavam deitados ao lado do fogo, mordendo restos de carne e roendo ossos.

Quando terminaram, o fazendeiro e seus filhos foram com uma lamparina aprontar a carroça. Estava escuro na varanda quando os convidados saíram, Jogaram suas mochilas na carroça e subiram. O fazendeiro se sentou no lugar do condutor e chicoteou os dois fortes pôneis. Sua esposa ficou parada na luz que vinha da porta aberta.

— Tome cuidado, Magote! — disse ela. — Não vá discutir com nenhum estranho, e volte direto para casa!

— Está bem! — disse ele, conduzindo a carroça para fora do portão. Agora não havia nem sinal de vento soprando; a noite estava tranqüila e quieta, o ar levemente frio. Seguiram sem luzes e devagar. Depois de uma ou duas milhas, a alameda terminou, cruzando uma vala profunda, e subindo uma ladeira curta até a estrada, que ficava num nível mais alto que a propriedade.

Magote desceu e deu uma boa olhada dos dois lados, para o norte e para o sul, mas não se via nada na escuridão, e nenhum som cortava o ar parado.

Tênues manchas de neblina pairavam sobre as valas, e avançavam sobre as plantações.

— A neblina vai ficar densa, mas não vou acender minhas lamparinas até que esteja voltando para casa. Nesta noite, poderemos ouvir qualquer coisa na estrada muito antes de encontrá-la.

A alameda de Magote ficava a cinco milhas ou mais da balsa. O hobbits se agasalharam mas ficaram de ouvidos bem atentos a qualquer som mais alto que o rangido das rodas e o lento clope-clope dos cascos dos pôneis. Para Frodo, a carroça parecia mais lenta que um caramujo. Ao lado dele Pippin cabeceava de sono; mas Sam olhava atentamente em direção à neblina que subia.

Finalmente chegaram à entrada do caminho que conduzia à balsa. Ali havia como marco dois postes altos e brancos que logo assomaram à direita deles. Magote puxou as rédeas e a carroça rangeu uma última vez. Bem na hora em que estavam descarregando as mochilas e descendo, ouviram o que todos tinham receado: cascos na estrada adiante. O som vinha em direção a eles.

Magote pulou para fora e ficou segurando as cabeças dos pôneis,

tentando enxergar à frente na escuridão.

O cavaleiro se aproximava, clipe-clope, clipe-clope. O ruído do cascos parecia alto naquele ar parado, em meio ao nevoeiro.

— É melhor se esconder, Sr. Frodo — disse Sam ansioso. — Entre n carroça e se cubra com os cobertores, e nós vamos enviar esse cavaleiro para o lugar de onde nunca deveria ter saído! — Sam desceu e ficou ao lado dc fazendeiro. Os Cavaleiros Negros só se aproximariam da carroça s passassem por cima dele.

Clope-clope, clope-clope. O cavaleiro já estava quase chegando ate eles.

— Alô, quem vem aí? — chamou Magote.

Os cascos que avançavam pararam imediatamente. Eles tiveram a impressão de estar enxergando uma forma escura envolta por uma capa na névoa, um ou dois metros adiante.

— Agora! — disse o fazendeiro, jogando as rédeas para Sam e avançando com passos largos. — Não se aproxime nem mais um passo! C que você quer, e para onde vai?

— Estou procurando o Sr. Bolseiro. O senhor o viu? — disse uma vo abafada — mas a voz era de Merry Brandebuque. Uma lamparina escura fc descoberta, e sua luz caiu sobre o rosto atônito do fazendeiro.

— Sr. Merry! — gritou ele.

— Sim, claro! Quem pensou que era? — disse Merry se aproximandc e saindo da névoa que o envolvia.

O receio de todos desvaneceu, e o tamanho de Merry pareceu diminuir até chegar à estatura de um hobbit comum. Estava montando um pônei, e um cachecol envolvia seu pescoço, cobrindo até acima do queixo, como proteção contra a neblina.

Frodo pulou da carroça para cumprimentá-lo.

— Então, finalmente chegaram! — disse Merry. — Estav. começando a me perguntar se chegariam ainda hoje, e já estava voltando para cear. Quando a neblina aumentou, atravessei a balsa e cavalguei em direção a Tronco para ver se não tinham caído em nenhum fosso. Mas estou pasmo de ver por onde vieram. Onde os encontrou, Sr. Magote? Na lago dos patos?

— Não, peguei-os invadindo minhas terras — disse o fazendeiro. — E quase lhes soltei os cachorros em cima; mas eles vão contar toda a história, sem dúvida. Agora, se me desculpam, Sr. Merry, Sr. Frodo e todos, é melhc eu voltar para casa. A Sra. Magote fica aflita depois que escurece.

Ele recuou a carroça até a alameda e a virou. — Bem, boa noite a todos! — disse ele. — Tivemos um dia esquisito, sem dúvida. Mas bem está c que bem acaba; embora talvez não devamos dizer isto antes de chegar a nossas próprias casas.

Não posso negar que ficarei feliz ao chegar. — Acendeu as lamparinas, e subiu na carroça. De repente tirou uma grande cesta de baixc de seu assento. — Estava quase esquecendo — disse ele. — A Sra. Magot arrumou isto para o Sr. Bolseiro, com seus cumprimentos. — Entregou a cesta e partiu, seguido por um coro de "obrigados", que se misturava a várias saudações de "boa-noite".

Ficaram olhando os pálidos anéis de luz ao redor das lamparinas, que iam desaparecendo dentro da neblina da noite. De repente, Frodo riu: da cesta coberta que segurava, subia o aroma de cogumelos.

CAPÍTULO V: CONSPIRAÇÃO DESMASCARADA

— Agora é melhor irmos para casa também — disse Merry. — Ess história está meio esquisita, mas vai ter de esperar até chegarmos lá.

Desceram a alameda da balsa, que era reta e bem-cuidada, ladeada por grandes pedras caiadas. Cerca de cem metros dali, ficava a margem dc rio, onde havia um largo ancoradouro de madeira. Uma balsa grande e rasa estava atracada. Os tocos em que eram amarradas as embarcações, próximos à beira da água, brilhavam na luz de duas lamparinas suspensas em postes altos. Atrás deles a neblina, subindo do solo plano, já cobria as cercas-vivas; mas a água à frente era escura, com apenas alguns chumaços de névoa que se enrolavam como vapor por entre os juncos na margem. Parecia haver menos neblina no outro lado.

Merry conduziu o pônei até a balsa por um passadiço, e os outros c seguiram. Então, Merry empurrou a balsa com uma vara comprida afastando— a vagarosamente do ancoradouro.

O Brandevin fluía lento e largo diante deles. A margem oposta er íngreme, e por ela subia uma trilha sinuosa que começava no outro ancoradouro. Ali havia luzes piscando. Atrás se erguia a Colina Buque, ond brilhavam muitas janelas redondas, verdes e amarelas, por entre tufos perdidos de neblina. Eram as janelas da Sede do Brandevin, antig residência dos Brandebuques.

Muito tempo atrás, Gorbendad Velhobuque, chefe da família Velhobuque, uma das pessoas mais velhas do Pântano e mesmo dc Condado, tinha atravessado o rio, que era a fronteira original do lado leste. Ele construiu (e escavou) a Sede do Brandevin, mudando seu nome par Brandebuque, e por ali ficou, vindo a se tornar senhor do que era virtualmente um país independente. A família cresceu mais e mais, e depois de sua época continuou crescendo, e a Sede do Brandevin passou a ocupa toda a parte baixa da colina, com três grandes portas de entrada, muitas portas laterais e cerca de cem janelas. Os Brandebuques, e sua numerosa prole, começaram a fazer tocas, e mais tarde casas, por todo o lugar. Esta foi a origem da Terra dos Buques, uma faixa densamente habitada entre o rio e

a Floresta Velha, um tipo de colônia do Condado. Sua aldeia principal er Buqueburgo, que se amontoava nas encostas e ladeiras atrás da Sede d Brandevin.

O povo do Pântano tinha boas relações com os moradores da Terr dos Buques, e a autoridade do Senhor da Sede (como era chamado o chef da família Brandebuque) ainda era reconhecida pelos fazendeiros da regiã entre Tronco e Juncal. Mas a maioria das pessoas do velho Condado achav os moradores da Terra dos Buques peculiares, meio estrangeiros, por assim dizer. Embora, na realidade, eles não fossem muito diferentes dos outro hobbits das quatro Quartas. A não ser por uma coisa: gostavam de barcos alguns sabiam nadar.

Originalmente, essa terra não era protegida do lado leste, mas al providenciaram uma cerca-viva: a Sebe Alta. Plantada há muitas gerações estava agora alta e espessa, pois era constantemente cuidada. Estendia-se desde a Ponte do Brandevin, descrevendo um grande arco que se afastav do rio, até Fim-da-Sebe (onde corria o Voltavime vindo da floresta par desaguar no Brandevin): eram cerca de vinte milhas de ponta a ponta. Ma é claro que a proteção não era completa. A floresta se aproximava da cerca em muitos pontos. Os moradores da Terra dos Buques mantinham as porta trancadas depois de escurecer, e isso também não era comum no Condado.

A balsa ia lentamente através da água. O porto da Terra dos Buque se aproximou, Sam era o único do grupo que nunca tinha estado do outr lado do rio. Foi tomado por um sentimento estranho, ao observar a corrente que borbulhava ao passar: sua vida antiga lá atrás, envolta pela neblina; à sua frente, sombrias aventuras. Coçou a cabeça, e por um momento desejou que o Sr. Frodo pudesse ter continuado a viver tranqüilamente em Bolsão.

Os quatro hobbits desceram da balsa. Merry estava amarrando a balsa, e Pippin já ia conduzindo o pônei pela trilha, quando Sam (que tinha ficad olhando para trás, como a dizer adeus ao Condado) disse num suspir rouco:

— Olhe para trás, Sr. Frodo! Vê alguma coisa? No ancoradour distante, sob as luzes longínquas, conseguiam apenas adivinhar uma figura: parecia um escuro fardo preto que tinha ficado para trás. Mas quand olharam melhor, parecia que a figura se movia de um lado para o outro,

como se examinasse no chão. Depois foi se arrastando, se agachando de volta para a escuridão além das lamparinas.

— Que raios pode ser aquilo? — exclamou Merry.

— Alguma coisa que está nos seguindo — disse Frodo. — Mas nã pergunte mais nada agora! Vamos sair daqui imediatamente! — Apressaram-se pela trilha até o topo da margem, mas quando olharam para trás novamente, o outro ancoradouro estava coberto pela neblina, e não se podia ver nada.

— Ainda bem que vocês não mantêm barcos na margem oeste! — disse Frodo. — Cavalos conseguem atravessar este rio?

— Poderiam avançar umas vinte milhas ao norte, até a Ponte d Brandevin — ou poderiam nadar — respondeu Merry. — Embora eu nunc tenha ouvido falar de cavalos cruzando este rio a nado. Mas o que o cavalos têm a ver com isso?

— Depois eu lhe conto, Vamos entrar em casa e assim poderemos conversar.

— Tudo bem! Você e Pippin sabem o caminho; então vou corri pônei na frente, dizer a Fatty Bolger que vocês estão chegando. Vamos preparar a ceia e as outras coisas.

— Já ceamos mais cedo, com o Sr. Magote — disse Frodo, — M poderíamos cear de novo.

— Então, vamos lá! Me dê essa cesta! — disse Merry, cavalgand para dentro da escuridão.

O Brandevin ficava a uma certa distância da nova casa de Frodo en Cricôncavo. Passaram pela Colina Buque e a Sede do Brandevin à s esquerda, e nos arrabaldes de Buqueburgo pegaram a estrada principal da Terra dos Buques que ia da Ponte em direção ao Sul. Depois de caminharer meia milha nessa estrada rumo ao norte, encontraram uma alameda que se abria à direita. Seguiram por ela algumas milhas, subindo e descendo em direção ao campo.

Finalmente depararam com uma cerca-viva e um portão estreito. N escuridão, não se via nada da casa, que ficava afastada da alameda, no meio de um amplo círculo coberto de grama e circundado por uma faixa de árvores baixas no interior da cerca externa. Frodo tinha escolhido esse lugar

por que ficava num ponto do campo onde não passava muita gente, e não havia outras habitações por perto, Podia-se entrar e sair sem ser notado. A casa tinha sido construída muito tempo atrás pelos Brandebuques, para c uso de convidados, ou de membros da família que desejassem escapar da vida agitada da Sede do Brandevin por uns tempos. Era antiga e com jeit de casa de campo, o mais parecida possível com uma toca hobbit: comprida e baixa, sem pavimentos superiores; e tinha um telhado de turfa, janelas redondas e uma grande porta, também redonda.

Andando pelo caminho verde que conduzia do portão até a casa, não se podia ver nenhuma luz; as janelas estavam escuras e fechadas. Frodc bateu na porta e Fatty Bolger abriu. Uma luz amistosa projetou-se para fora Entraram rápido e se trancaram por dentro junto com a luz. Estavam agora numa sala ampla, com portas dos dois lados; à frente, um corredor conduzia ao centro da casa.

— Bem, o que acha? — perguntou Merry, vindo pelo corredor. — Nesse curto espaço de tempo, fizemos o possível para que a casa parecesse um lar.

Afinal de contas, Fatty e eu só chegamos aqui com a última carroça de bagagem ontem.

Frodo olhou em volta. A aparência era de um lar. Muitas de sua coisas favoritas — ou das coisas favoritas de Bilbo (que nesse novo ambiente faziam lembrar muito dele) — estavam arrumadas do modo mais semelhante possível à sua antiga disposição em Bolsão. Era um lugar agradável, confortável, acolhedor; e Frodo se viu desejando que realmente estivesse chegando para se acomodar num retiro tranquilo. Parecia-lhe injusto fazer com que os amigos tivessem todo esse trabalho; e ele começou de novo a imaginar como poderia dizer que devia partir tão breve, na verdade, imediatamente. Mas isso teria de ser feito naquela mesma noite, antes de irem dormir.

— Está encantador! — disse ele com esforço. — Mal percebo que me mudei.

Os viajantes penduraram suas capas, e empilharam as mochilas nc chão.

Merry os conduziu pelo corredor e escancarou a última porta. A luz

do fogo, e uma onda de vapor, vinham lá de dentro.

— Um banho! — gritou Pippin. — Ó magnífico Meriadoc!

— Em que ordem vamos tomar banho? — perguntou Frodo. — Mai velhos primeiro, ou mais rápidos primeiro? De qualquer modo, você vai ficar por último, Mestre Peregrin.

— Deixem que eu arranjo as coisas de um modo melhor! — disse Merry.

— Não podemos começar a vida aqui em Cricôncavo com uma discussão sobre banhos. Naquela sala, há três banheiras e um caldeirão cheio de água fervendo. Também há toalhas, tapetes e sabão. Entrem e sejam rápidos! Merry e Fatty entraram na cozinha do outro lado do corredor, e se ocuparam com os preparativos finais para a ceia. Pedaços de canções concorrentes vinham do banheiro, misturados com o ruído dos hobbits espirrando água para todo lado. De repente a voz de Pippin ficou mais alta que as outras, cantando uma das canções de banho favoritas de Bilbo.

Cantemos o banho do fim do dia que da sujeira nos alivia!
Tonto é quem cantar não tente.—
Ah! Coisa nobre é Água Quente.
Doce é o som da chuva que cai,
e do riacho que saltando vai;
melhor que chuva ou riacho ondulante é
Água Quente e vaporizante.
Água,fria podemos mandar
goela abaixo e nos alegrar,-
melhor é Cerveja no copo da gente e lombo abaixo
Água bem Quente.
Bela é a Água do alto a saltar
em fonte limpa suspensa no ar,
mas nunca,fonte, tão doce és como
Água Quente debaixo dos pés.

Um grito de oooh! Houve um barulho estrondoso de água espirrando e como se Frodo estivesse parando um cavalo. A banheira de Pippin mai

parecia uma fonte com água jorrando para o alto.

Merry apareceu na porta:

— Que tal uma ceia e cerveja no gogó? — chamou ele.

Frodo saiu, secando o cabelo.

— Tem tanta água no ar que vou terminar isto na cozinha — disse ele.

— Caramba! — disse Merry. O chão de pedra estava uma poça. — Vai ter de passar um esfregão em tudo antes de tocar na comida, Peregrin — disse ele. — Rápido! — Ou não esperaremos você.

Cearam na cozinha, numa mesa perto do fogo.

— Suponho que não vão querer repetir de novo? — disse Fredegar sem muitas esperanças.

— Claro que vamos! — gritou Pippin.

— Os cogumelos são meus! — disse Frodo. — Dados a mim pela Sra Magote, a rainha das mulheres de fazendeiros. Tire as mãos gulosas daí, que eu sirvo.

Os hobbits têm uma paixão por cogumelos, que ultrapassa mesmo o desejo mais voraz de uma pessoa grande. Um fato que explica em parte as longas expedições do jovem Frodo às renomadas plantações do Pântano, e a ira do injuriado Magote.

Nesta ocasião, havia o suficiente para todos, mesmo dentro dos padrões dos hobbits. Também havia muitas outras coisas, e, quando terminaram, até mesmo Fatty Bolger soltou um suspiro de satisfação. Empurraram a mesa e aproximaram as cadeiras do fogo.

— Arrumamos tudo depois — disse Merry. — Agora, contem-me tudo! Suponho que estiveram metidos em aventuras, o que não foi justo sem minha presença. Quero um relatório completo; e acima de tudo quero saber qual foi o problema com o velho Magote, e por que ele falou comigo daquele jeito. Até parecia que estava com medo, se é que isto é possível.

— Todos nós tivemos medo — disse Pippin, depois de uma pausa durante a qual Frodo ficou olhando para o fogo, sem dizer nada. — Você também teria, se tivesse Cavaleiros Negros no seu encalço por dois dias.

— E que são eles?

— Figuras negras montando cavalos negros — respondeu Pippin. —

Se Frodo não quiser falar, eu lhe conto a história toda desde o começo. — Fez então um relatório completo da viagem, desde que deixaram Vila dos Hobbits. Sam fez vários sinais afirmativos com a cabeça, e soltou exclamações apoiando Pippin. Frodo permanecia em silêncio.

— Eu pensaria que estão inventando tudo isso — disse Merry —, se não tivesse visto aquela figura negra no ancoradouro — e ouvido o tom estranho na voz de Magote. O que acha de tudo isso, Frodo?

— O primo Frodo tem estado muito fechado — disse Pippin. — Ma chegou a hora de se abrir. Até agora, não nos foi oferecida nenhuma informação, a não ser a suposição de Magote: de que isso tem a ver com c tesouro do velho Bilbo.

— Aquilo foi só suposição — disse Frodo de repente. — Magote nã sabe de nada.

— O velho Magote é um sujeito astuto — disse Merry. — Há muit coisa escondida que aquele rosto redondo não deixa transparecer quando fala. Ouvi dizer que numa época costumava ir à Floresta Velha, e ele tem a reputação de conhecer muitas coisas estranhas. Mas pelo menos, Frodo você pode nos dizer se a suposição dele é ou não infundada.

— Eu acho — respondeu Frodo devagar — que a suposição tem fundamento, pelo menos até onde chega. Existe uma ligação com as antigas aventuras de Bilbo, e os Cavaleiros estão empreendendo uma busca, ou talvez deva dizer perseguição, tentando pôr as mãos em cima dele, ou de mim. Também acho, se querem saber, que isto não é nenhuma brincadeira; e que não estou a salvo nem aqui e nem em qualquer outro lugar.

— Frodo olhou à sua volta,para as janelas e paredes, como receando que de repente tudo desabasse. Os outros olhavam-no em silêncio, também trocando olhares significativos entre si.

— Acho que agora ele vai falar — cochichou Pippin para Merry Merry concordou, balançando a cabeça.

— Bem! — disse Frodo finalmente, endireitando-se na cadeira, como se tivesse tomado uma decisão. — Não posso esconder isto por mais tempo. Tenho uma coisa para dizer a todos vocês. Mas não sei por onde começar.

— Acho que posso ajudá-lo — disse Merry calmamente —, contando uma parte eu mesmo.

— Que quer dizer? — perguntou Frodo, olhando-o ansiosamente.

— Apenas isto, meu querido e velho Frodo: você está desolado porque não sabe como dizer adeus. Você pretendia,deixar o Condado, é claro. Mas o perigo lhe sobreveio antes do que esperava, e agora está se decidindo a partir imediatamente. E não quer fazê-lo. Sentimos muito por você.

Frodo abriu a boca, e a fechou novamente. Sua cara de surpresa era tão cômica que todos riram.

— Querido e velho Frodo! — disse Pippin. — Você realmente achou que tinha jogado poeira em nossos olhos? Não foi cuidadoso ou esperto o suficiente para isso! É óbvio que vem planejando partir e dizer adeus a tudo e a todos desde abril. Nós o vimos constantemente resmungando: "Será que um dia verei aquele vale novamente?", e coisas assim.

E fingindo que começava a ficar sem dinheiro, e realmente vendendo seu adorado lar, Bolsão, para aqueles Sacola-bolseiros. E toda aquelas conversas secretas com Gandalf.

— Céus! — disse Frodo. — Pensei que tinha sido cuidadoso e esperto. Não sei o que Gandalf diria. Então, todo o Condado está comentando minha partida?

— Ah, não! — disse Merry. — Não se preocupe com isso. É claro que o segredo não vai durar muito; mas no momento só é conhecido por nós, conspiradores, eu acho. Afinal de contas, deve se lembrar que o conhecemos bem, e sempre estamos com você. Geralmente conseguimos adivinhar o que está pensando. Eu também conhecia Bilbo. Para falar a verdade, tenho ficado de olho em você desde que ele partiu. Achei que iria atrás dele, mais cedo ou mais tarde, e ultimamente temos estado muito ansiosos. Tínhamos pavor que nos pudesse passar a perna, e ir embora de repente sozinho, como ele fez. Desde a primavera, estamos de olhos abertos, e fazendo muitos planos por nossa própria conta. Você não vai escapar tão facilmente!

— Mas preciso ir — disse Frodo. — Isso não pode ser evitado, queridos amigos. É terrível para todos nós, mas não adianta ficarem tentando me impedir. Já que adivinharam tanta coisa, por favor me ajudem, e não me atrasem.

— Você não está entendendo — disse Pippin. — Você precisa ir –

portanto nós precisamos ir também. Merry e eu vamos com você. Sam é um sujeito excelente, e pularia dentro da garganta de um dragão para salvá-lo, se não tropeçasse nos próprios pés; mas você precisará de mais de um companheiro nessa aventura perigosa.

— Meus queridos e idolatrados hobbits! — disse Frodo profundamente emocionado. — Não posso permitir que façam isso. Tomei a decisão há muito tempo, também. Vocês falam de perigos, mas não entendem. Isso não é nenhuma caça ao tesouro, nenhuma viagem de lá-e-de-volta. Estou fugindo de um perigo mortal, em direção a outro perigo mortal.

— Claro que entendemos — disse Merry firmemente. — É por isso que decidimos ir. Sabemos que o Anel não é brincadeira; mas faremos o possível para ajudá-lo contra o Inimigo.

— O Anel! — disse Frodo, agora completamente aturdido.

— Sim, o Anel — disse Merry. — Meu querido e velho hobbit, você não leva em consideração a curiosidade dos amigos. Sei da existência do Anel há muitos anos – desde antes de Bilbo partir, na verdade; mas já que ele obviamente considerava isso um segredo, guardei para mim o que sabia, até que formamos nossa conspiração. É claro que não conhecia Bilbo como conheço você; eu era muito jovem, e também ele era mais cauteloso — mas não o suficiente. Se quiser saber como descobri, eu lhe conto.

— Continue! — disse Frodo baixinho.

— A armadilha foram os Sacola-bolseiros, como já se poderia esperar. Um dia, um ano antes da Festa, eu por acaso estava caminhando pela estrada, quando vi Bilbo mais adiante, De repente, na distância, os Sacola-bolseiros surgiram, vindo em nossa direção. Bilbo diminuiu o passo, e então de súbito desapareceu. Fiquei tão assustado que não tive capacidade de me esconder de um modo mais usual; mas entrei na cerca-viva e caminhei ao longo do campo, do lado de dentro. Estava espiando a estrada, depois que os Sacola-bolseiros tinham passado, e olhando direto para Bilbo quando ele reapareceu. Pude ver o reflexo de um objeto de ouro quando ele colocou alguma coisa de volta no bolso da calça.

— Depois disso, mantive os olhos abertos — continuou Merry. — Na verdade, confesso que espionei. Mas deve admitir que a coisa era muito

intrigante, e eu era apenas um adolescente. Devo ser o único no Condado além de você, Frodo, que já leu o livro secreto do velho camarada.

— Você leu o livro! — gritou Frodo. — Puxa vida! Então nada pod ser guardado a salvo?

— Não perfeitamente a salvo, eu acho — disse Merry. — Mas eu s dei uma olhada rápida, e isso já foi difícil. Ele nunca deixava o livro jogadc por aí. Fico imaginando o que foi feito dele. Gostaria de dar mais uma olhada. Você está com ele, Frodo?

— Não, não estava em Bolsão. Bilbo deve tê-lo levado.

— Bem, como ia dizendo — continuou Merry —, guardei para mim c que sabia, até esta primavera, quando as coisas ficaram séria s. Entãc formamos nossa conspiração; e como também estávamos levando isso a sério, e falávamos a sério, não fomos escrupulosos demais. Você é um osso duro de roer, e Gandalf é ainda pior. Mas se quiser conhecer nosso investigador-chefe, posso apresentá-lo.

— Onde está ele? — perguntou Frodo olhando ao redor, como se esperasse que uma figura mascarada e sinistra saísse de dentro do armário.

— Um passo à frente, Sam! — disse Merry, e Sam se levantou com rosto vermelho até as orelhas. — Aqui está nosso coletor de informações! E ele coletou muitas, posso lhe garantir, antes de ser finalmente pego. Depois do que, posso dizer, pareceu julgar que estava comprometido com sua palavra de honra, e simplesmente ficou mudo.

— Sam! — gritou Frodo, sentindo que a surpresa não poderia se maior, e não podendo decidir se estava zangado, aliviado, achando graça ou simplesmente fazendo papel de bobo.

— Sim, senhor! — disse Sam. — Peço desculpas, senhor! Mas não qui lhe fazer mal, Sr. Frodo, nem ao Sr. Gandalf, falando nisso. Ele é sensat veja bem, e quando o senhor disse ir sozinho, ele disse não! Leve alguém em quem possa confiar.

— Mas isso não quer dizer que eu possa confiar em qualquer um — disse Frodo.

Sam lançou-lhe um olhar triste.

— Tudo depende do que você deseja — interrompeu Merry. — Pode confiar em nós para ficarmos juntos com você nos bons e maus momentos —

até o mais amargo fim. E pode confiar também que guardaremos qualquer um de seus segredos — melhor ainda do que você os guarda para si. Mas não pode confiar que deixaremos que enfrente problemas sozinho, e que vá embora sem dizer uma palavra. Somos seus amigos, Frodo. De qualquer modo, é isto: sabemos a maior parte do que Gandalf lhe disse. Sabemos muito sobre o Anel. Estamos com um medo terrível — mas iremos ao seu lado seguiremos você como cães.

— E, afinal de contas, senhor — acrescentou Sam —, o senhor deveria seguir o conselho dos elfos. Gildor lhe disse que deveria levar pessoas que estivessem dispostas. E nós estamos, isso não se pode negar.

— Eu não nego — disse Frodo olhando para Sam, que agora sorria. — Não nego, mas nunca mais vou acreditar que está dormindo, quer você ronque ou não. Vou dar-lhe um chute forte para ter certeza.

— Bando de patifes enganadores! — disse ele, virando-se para os outros.

— Mas ainda bem que tenho vocês! — disse rindo, levantando-se e acenando os braços. — Desisto. Vou seguir o conselho de Gildor. Se o perigo não fosse tão grande dançaria de alegria. Mas mesmo assim, não consigo evitar a felicidade que sinto; felicidade que há muito não sentia. Temia muito por esta noite.

— Bom! Está combinado! Três brindes para o Capitão Frodo companhia! — gritaram eles, dançando em volta de Frodo. Merry e Pippin começaram uma canção, que aparentemente tinham aprontado para a ocasião. Foi feita seguindo o modelo da canção dos anões que lançou Bilbo em sua aventura muito tempo atrás, e ia na mesma melodia:

Adeus vamos dar à casa e ao lar!
Pode chover e pode ventar,
Vamos embora antes da aurora,
Mata e montanha atrás vão ficar.
A Valfenda vamos onde elfos achamos
Em descampados e por entre ramos;
Por trechos desertos seguimos espertos,
O que vem depois nós não divisamos.

Na frente o inimigo, atrás o perigo.
Dormindo ao relento, o céu por abrigo.
Até que por sina a dureza termina,
Finda a jornada, cumprido o castigo.
Vamos embora! Vamos embora! Vamos partir antes da aurora!

— Muito bem! — disse Frodo. — Mas neste caso há muito o que faze antes de irmos dormir — sob um teto, pelo menos por hoje.

— Oh! Aquilo era poesia! — disse Pippin. — Você realmente que partir antes do dia raiar?

— Não sei — respondeu Frodo. — Tenho medo daqueles Cavaleiro Negros, e tenho certeza de que não é seguro ficar num só lugar por muitc tempo, principalmente num lugar para onde se sabe que eu estava indo. Também, Gildor me aconselhou a não esperar. Mas eu gostaria muito de ve Gandalf. Pude perceber que até Gildor ficou perturbado quando soube qu Gandalf não tinha aparecido. Depende de duas coisas. Em quanto tempo o Cavaleiros conseguiriam chegar a Buqueburgo? E em quanto temp poderíamos partir? Temos muitos preparativos a fazer.

— A resposta para a segunda pergunta — disse Merry — é que poderíamos partir dentro de uma hora. Já preparei praticamente tudo. Ha seis pôneis num estábulo do outro lado do campo; os mantimentos e equipamentos estão todos embalados, com a exceção de roupas extras e da comida perecível.

— Parece que a conspiração foi muito eficiente — disse Frodo. — Mas e os Cavaleiros Negros? Seria seguro esperar Gandalf mais um dia?

— Tudo isso depende do que você acha que os Cavaleiros fariam, se o encontrassem aqui — respondeu Merry. — Eles poderiam já ter chegado ate aqui, é claro, se não tivessem parado no Portão Norte, onde a Cerca desc até a margem do rio, exatamente deste lado da Ponte. Os guardas do portão não os deixariam entrar à noite, embora eles pudessem forçar a entrada. Mesmo durante o dia, tentariam mantê-los fora daqui, eu acho, pelo menos até conseguirem enviar uma mensagem para o Senhor da Sede — pois não iriam gostar da aparência dos Cavaleiros, e certamente teriam medo deles. Mas, é claro, a Terra dos Buques não pode resistir a um ataque determinado

por longo tempo. E é possível que, de manhã, até mesmo a um Cavaleir Negro que subisse e perguntasse pelo Sr. Bolseiro fosse permitido entrar Muita gente sabe que você está vindo morar em Cricôncavo.

Frodo ficou sentado por um tempo, pensando.

— Já me decidi — disse ele finalmente. — Parto amanhã, assim que dia nascer. Mas não vou pela estrada: seria ainda menos seguro do que esperar aqui. Se for através do Portão Norte, minha partida da Terra do Buques será imediatamente do conhecimento de todos, em vez de ser um segredo por vários dias no mínimo, como deve acontecer. Além do mais, a Ponte e a Estrada Leste perto da fronteira serão certamente vigiadas, que algum Cavaleiro entre na Terra dos Buques quer não. Não sabemos quanto são; mas há pelo menos dois, e possivelmente mais. A única coisa a fazer é partir numa direção totalmente inesperada.

— Mas isso só pode significar que o caminho é o da Floresta Velha! — disse Fredegar horrorizado. — Não pode estar pensando em fazer isso. A Floresta é quase tão perigosa quanto os Cavaleiros Negros.

— Nem tanto — disse Merry. — Parece uma atitude desesperada mas acho que Frodo tem razão. É o único jeito de partirmos sem sermos seguidos imediatamente. Com sorte, poderemos conseguir uma boa vantagem.

— Mas vocês não vão ter sorte na Floresta Velha — objetou Fredegar —Ninguém tem sorte ali. Vão se perder. As pessoas não entram lá.

— Entram sim! — disse Merry — Os Brandebuques entram - ocasionalmente, quando lhes dá na telha. Temos uma entrada particular. Frodo entrou uma vez, há muito tempo. Já estive lá várias vezes geralmente de dia, é claro, quando as árvores estão com sono e bastante tranqüilas.

— Bem, faça como achar melhor! — disse Fredegar. — Tenho mais medo da Floresta Velha do que de qualquer outra coisa que conheço: as histórias que contam são um pesadelo; mas meu voto conta pouco, pois não vou nessa viagem. Mesmo assim, fico feliz em pensar que alguém vai ficar para trás, alguém que possa contar a Gandalf o que fizeram, quando ele aparecer, como tenho certeza de que fará logo.

Apesar de gostar muito de Frodo, Fatty Bolger não tinha vontade de

deixar o Condado, nem de ver o que havia fora de lá. Sua família era da Quarta Leste, do Vau Budge, nos Campos da Ponte, na verdade. Mas nunca atravessara a Ponte do Brandevin. A tarefa que lhe cabia, segundo o plano original dos conspiradores, era ficar e dar conta dos curiosos, mantendo a farsa de que o Sr. Bolseiro ainda morava em Cricôncavo o máximo possível. Tinha até trazido algumas roupas velhas de Frodo para tornar mais real a encenação. Eles nem imaginavam o perigo que essa encenação acabaria representando.

— Excelente! — disse Frodo, quando entendeu o plano, — De outro modo, não poderíamos deixar qualquer mensagem para Gandalf. É claro que não sei se esses cavaleiros sabem ler ou não, mas não ousaria deixar uma mensagem escrita, pois poderiam entrar e revistar a casa. Mas se Fatty está disposto a ficar na retaguarda, posso ter certeza de que Gandalf saberá por onde fomos, e isso decide o assunto. A primeira coisa a fazer amanhã é entrar na Floresta Velha.

— Bem, então é isso — disse Pippin. — Somando tudo, prefiro nossa tarefa à de Fatty — esperar aqui até que os Cavaleiros Negros cheguem.

— Espere até ter avançado bastante na floresta — disse Fredegar. — Vão desejar estar de volta aqui comigo antes de 24 horas.

— Não adianta ficar discutindo isso — disse Merry. — Ainda temos de arrumar umas coisas e terminar de empacotar tudo antes de dormir. Chamo vocês antes do dia nascer.

Quando finalmente se deitou, Frodo não conseguiu dormir por um tempo. As pernas lhe doíam. Sentia-se feliz em pensar que iriam cavalgando no dia seguinte. Finalmente caiu num sonho vago, no qual parecia estar olhando por uma janela alta sobre um mar escuro de árvores emaranhadas. Lá embaixo, entre as raízes, ouvia-se o som de criaturas se arrastando e farejando. Sabia que mais cedo ou mais tarde sentiriam seu cheiro.

Depois escutou um ruído distante. A princípio, pensou ser um vento forte vindo sobre as folhas da floresta. Então percebeu que não era o vento, mas o som do Mar ao longe; um som que nunca ouvira quando acordado, embora com frequência lhe perturbasse os sonhos. De repente descobriu que estava fora de casa, ao relento. Não havia árvore alguma no fim das contas. Estava numa charneca escura, sentindo no ar um estranho cheiro salgado.

Olhando para cima, viu uma torre branca e alta, que se erguia solitária sobre um penhasco. Sentiu um enorme desejo de subir na torre e ver o Mar Começou a subir com dificuldade: mas de repente um raio cruzou o céu, e houve um barulho de trovão.

CAPÍTULO VI: A FLORESTA VELHA

Frodo acordou de súbito. Ainda estava escuro no quarto. Merr estava ali, com uma vela numa mão, enquanto a outra espancava a porta.

— Já vai! O que foi? — perguntou Frodo, ainda assustado e confuso.

— O que foi? — gritou Merry. — Está na hora de acordar. São quatr e meia e há muita neblina. Vamos! Sam já está aprontando o desjejum. Até Pippin já se levantou. Só vou selar os pôneis e carregar a bagagem. Acord aquele preguiçoso do Fatty! Ele pelo menos tem de se levantar para se despedir.

Logo após as seis horas, os cinco hobbits estavam prontos para partir.

Fatty Bolger ainda bocejava. Saíram da casa em silêncio. Merry foi n frente, conduzindo um pônei carregado, por um caminho que atravessava um matagal atrás da casa, passando por várias plantações. As folhas das árvores reluziam, e todos os galhos gotejavam, o orvalho gelado tornava a grama cinzenta. No silêncio reinante, ruídos distantes pareciam próximos e claros: pássaros tagarelando num quintal, alguém fechando a porta de uma casa ao longe.

No barracão encontraram os pôneis; pequenos animais robustos, dc tipo apreciado pelos hobbits: não velozes, mas bons para um longo dia de trabalho.

Montaram, e logo foram em direção à névoa, que parecia relutante em dar-lhes passagem, e se fechava proibitivamente atrás deles. Depois de uma hora de viagem, devagar e sem conversarem, viram de repente a Cerca surgir adiante. Era alta e estava coberta por uma rede de teias de aranha prateadas.

— Como vão conseguir atravessar a Cerca? — perguntou Fredegar.

— Sigam-me e verão! — disse Merry. Dobrou à esquerda ao longo d Cerca, e logo chegaram a um ponto onde ela se inclinava para dentro, acompanhando a beira de uma valeta. A alguma distância da Cerca, um corte havia sido feito no solo, que descia suavemente e entrava na terra. Nas laterais, paredes de tijolo se erguiam em linha reta, para depois descreverem um arco, formando um túnel que mergulhava embaixo da

Cerca e saía do outro lado da valeta.

Neste ponto Fatty Bolger parou.

— Adeus, Frodo! — disse ele. — Gostaria que não estivessem ind pela Floresta. Só espero que não precisem ser resgatados antes do fim do dia Mas boa sorte para vocês — hoje e sempre!

— Se à nossa frente não existirem coisas piores que a Floresta Velha serei uma pessoa de sorte — disse Frodo. — Diga a Gandalf para se apressa através da Estrada Leste: logo voltaremos para ela, avançando o mais rápid possível. — Adeus! — gritaram todos, descendo pela valeta e desaparecendo dentro do túnel.

O interior era escuro e úmido. A outra extremidade era fechada po um portão feito de grossas barras de ferro. Merry desceu do pônei e destrancou o portão, e, quando todos tinham passado, fechou-o novamente. Houve uma pancada e o trinco travou com um clique.

O som era agourento.

— Pronto! — disse Merry. — Vocês deixaram o Condado, e agor estão do lado de fora, na borda da Floresta Velha.

— As histórias que contam sobre este lugar são verdadeiras? — perguntou Pippin.

— Não sei a que histórias se refere — respondeu Merry. — Se estive falando das histórias de medo que as babás de Fatty lhe contavam, sobre orcs, lobos e coisas assim, diria que não. Pelo menos eu não acredito nelas. Mas a Floresta é esquisita. Tudo nela é muito mais vivo, mais ciente do que está acontecendo, por assim dizer, do que são as coisas no Condado. E as árvores não gostam de forasteiros. Elas vigiam as pessoas. Geralmente, ficam satisfeitas somente em vigiar, enquanto dura a luz do dia, e não fazem muita coisa. De vez em quando, uma árvore mais hostil pode derrubar um galho, ou levantar uma raiz, ou agarrar você com um ramo longo, Mas à noite as coisas podem ser mais alarmantes, pelo que ouvi dizer, Estive lá depois do anoitecer apenas uma ou duas vezes, e só perto da Cerca. Tive a impressão de que todas as árvores estavam cochichando entre si, passando notícias e planos numa língua ininteligível; e os galhos balançavam e se mexiam sem qualquer vento. Na verdade, dizem que as árvores se locomovem, e podem cercar forasteiros e prendê-los. Há muito tempo, elas

de fato atacaram a Cerca: vieram e se plantaram bem próximas, curvando-se sobre ela. Mas vieram os hobbits e cortaram centenas de árvores; depois fizeram uma grande fogueira na Floresta, queimando todo o solo numa longa faixa a leste da Cerca. Depois disso as árvores desistiram de atacar, mas se tornaram muito hostis. Ainda existe o lugar, um espaço amplo e escalvado não muito distante, onde a fogueira foi feita.

— Só as árvores é que são perigosas? — perguntou Pippin.

— Existem várias coisas esquisitas morando dentro da Floresta, e do lado de lá — disse Merry. — Ou pelo menos assim ouvi dizer; eu nunca vi nenhuma delas. Mas alguma coisa deixa trilhas. Toda vez que se entra lá pode-se encontrar trilhas abertas; elas parecem mudar de tempo em tempo, de modo singular. Não muito longe deste túnel há, ou houve por um longo tempo, o início de uma trilha bem larga conduzindo à Clareira da Fogueira, e continuando mais ou menos na direção que pretendemos seguir, para o leste e um pouco ao norte. É essa trilha que vou tentar encontrar.

Agora os hobbits tinham deixado o portão do túnel e seguiam pela ampla cavidade.

Do outro lado havia uma trilha que subia até o solo da Floresta, cem metros ou mais além da Cerca; mas desaparecia logo ao atingir o pé das árvores.

Olhando para trás, eles podiam ver a escura linha da Cerca através dos galhos das árvores, que já se emaranhavam ao redor. A frente, só conseguiam enxergar troncos de árvores de tamanhos e formas inumeráveis: retos ou inclinados, torcidos, curvados, grossos ou delgados, lisos ou nodosos e cheios de galhos; e todos os galhos eram verdes ou, quando cobertos por musgo ou lodo, cinzentos.

Só Merry parecia bastante alegre.

— É melhor você ir na frente e encontrar a trilha — disse Frodo a ele. — Não vamos nos dispersar, e é importante sempre ter a Cerca como ponto de referência.

Fizeram o caminho por entre as árvores, e os pôneis pisavam cuidadosamente, evitando as muitas raízes torcidas e emaranhadas. Não havia vegetação rasteira. O solo descrevia uma subida, e, conforme avançavam, parecia que as árvores se tornavam mais altas, mais escuras .e a

Floresta mais fechada. Não se ouvia qualquer ruído, a não ser um ocasiona gotejar de umidade caindo das folhas paradas. Até agora, não se escutava qualquer sussurro ou movimento entre os galhos; mas todos os hobbits tinham a desagradável sensação de que estavam sendo observados com desaprovação. Logo essa desaprovação se intensificou, passando a antipatia e até inimizade.

A sensação foi ficando cada vez mais forte, até que se viram olhando rápido para cima, ou para trás por sobre os ombros, como se esperassem um golpe repentino.

Ainda não havia nenhum sinal da trilha, e cada vez mais as árvores pareciam barrar a passagem. De repente, Pippin sentiu que não podia suportar isso por mais tempo, e sem avisar ninguém soltou um grito alto:

— Ei! Ei! Não vou fazer mal nenhum. Apenas me deixem passar, est bem? — Os outros pararam, assustados; mas o grito foi sumindo, como se tivesse sido abafado por uma cortina pesada. Não houve eco ou resposta, mas a Floresta pareceu ficar mais fechada e mais atenta que antes.

— Eu não gritaria, se fosse você — disse Merry. — Isso pode prejudicar mais que ajudar.

Frodo começou a se perguntar se realmente era possível encontrar uma trilha, e se tinha feito a coisa certa, trazendo os outros para aquela abominável Floresta.

Merry olhava de um lado para o outro, e parecia já não ter certeza da direção a seguir. Pippin percebeu isso.

— Não demorou muito para nos perdermos — disse ele.

Mas nesse momento Merry deu um suspiro de alívio, e apontou para frente.

— Bem, bem — disse ele. — Estas árvores realmente mudam de lugar. Lá está a Clareira da Fogueira à nossa frente (pelo menos espero que seja), mas a trilha que levava a ela parece ter saído do lugar!

Conforme avançavam, a floresta ficava mais bem iluminada. De repente, saíram do meio das árvores, e se viram num amplo espaço circular. Podia se ver o céu acima, limpo e azul; o que surpreendeu a todos, pois sob o teto da Floresta não puderam ver o dia nascendo, nem a neblina se desvanecer. Entretanto, o sol ainda não estava alto o suficiente para emitir

raios que atingissem o centro da clareira, embora sua luz alcançasse as copas das árvores. Na borda da clareira, todas as folhas eram mais densas e verdes, cercando o lugar com uma parede quase sólida. Nenhuma árvore crescia ali, apenas um mato grosso e muitas plantas altas: cicutas e salsas-do-mato de talo comprido e amarelado, ervas-de-fogo que se abriam em penugens cinzentas, urtigas e cardos exuberantes. Um lugar triste, mas que comparado à densa Floresta parecia um jardim alegre e encantador.

Os hobbits se sentiram encorajados, olhando cheios de esperança para a luz do dia que se espalhava no céu. Do outro lado da clareira, havia uma falha na parede de árvores, e além dela uma trilha bem desenhada. Podia-se ver que a trilha entrava na Floresta e que em alguns pontos era larga e descoberta, embora de vez em quando as árvores se aproximassem e a cobrissem com a sombra de seus galhos escuros. Foram por ali. Continuavam a subir suavemente, mas agora com muito mais rapidez e com os corações mais leves, parecia que a Floresta estava mais branda, e que afinal iria deixá-los passar sem grandes dificuldades.

Mas depois de uns momentos o ar ficou quente e abafado. As árvores começaram a se aproximar dos dois lados da trilha , e não se conseguia enxergar muito à frente.

Agora sentiam novamente, e mais forte que nunca, a má disposição da Floresta exercendo pressão sobre eles.

O silêncio era tão grande que o ruído dos cascos dos pôneis, farfalhando nas folhas mortas e ocasionalmente tropeçando em raízes escondidas, parecia um estrondo aos ouvidos. Frodo tentou cantar alguma coisa para encorajá-los, mas sua voz não passava de um murmúrio:

Ó vós que vagais pela terra sombria confiai!
Porque, embora negra se estenda,
termina a floresta algures algum dia,
o sol que se abre penetra sua tenda;
sol que levanta, o sol que anoitece,
dia que termina, o dia que começa.
Pois a leste e a oeste a floresta perece...

Perece — logo após ter dito a palavra, sua voz desapareceu. O ar

parecia pesado, fazendo com que pronunciar palavras ficasse muito cansativo. Logo atrás deles, um grande ramo caiu de uma velha árvore, quebrando-se com um estalo no solo.

As árvores pareciam se fechar à frente deles.

— Elas não gostam dessa coisa de terminar e perecer — disse Merry — Eu não cantaria mais nada agora. Espere até chegarmos à borda, e então nos viraremos para elas, cantando num coro bem alto!

Falava de modo alegre, e embora pudesse estar bastante ansioso, não o deixava transparecer. Os outros não responderam. Estavam deprimidos Um grande peso se instalava no coração de Frodo, que a cada passo se arrependia de ter desafiado a ameaça que as árvores representavam. Estava de fato quase parando e propondo que voltassem (se ainda era possível), quando as coisas mudaram de rumo. A trilha, antes inclinada, ficou quase plana. As escuras árvores se afastaram para os lados, e à frente podia-se ver a trilha seguindo quase em linha reta. Diante deles, mas ainda a certa distância, surgia o topo verde de uma colina, sem árvores, erguendo-se como uma cabeça calva acima da Floresta ao redor. A trilha parecia ir direto para lá.

Agora avançavam rápido novamente, deliciados com a ideia de subir acima do nível do teto da Floresta por uns momentos. A trilha desceu, e depois começou a subir de novo, conduzindo-os finalmente ao pé da encosta íngreme da colina. Ali abandonava as árvores e sumia dentro da turfa. A mata se erguia em toda a volta da colina, como uma cabeleira espessa que terminava abruptamente num círculo em volta de uma coroa raspada.

Os hobbits conduziram os pôneis colina acima, descrevendo voltas e mais voltas até alcançarem o topo. Ali pararam e olharam tudo ao seu redor.

Com a luz do sol, o ar brilhava, embora ainda envolvido pela névoa, que os impedia de enxergar longe. Perto de onde estavam a névoa já tinha se dissipado quase totalmente; embora aqui e acolá ainda se depositasse em depressões na vegetação, e ao sul ainda subisse como vapor ou mechas de fumaça branca.

— Aquela — disse Merry apontando com a mão —, aquela é a linha do Voltavime. Ele desce das Colinas e corre em direção ao sudoeste pelo

meio da Floresta, para se juntar ao Brandevin abaixo de Fim da Sebe. Nã devemos ir por ali! O vale do Voltavime é tido como a parte mais estranha de toda a mata — é como se fosse o centro de onde as coisas estranhas vêm.

Os outros olharam na direção em que Merry apontava, mas não conseguiram ver quase nada além da névoa cobrindo o vale úmido e profundo; além desse ponto, a parte sul da Floresta sumia de vista.

O sol no topo da colina agora ficava quente. Deveria ser por volta de onze horas, mas a cerração do outono ainda os impedia de enxergar muita coisa nas outras direções.

No lado oeste, não conseguiam enxergar nem a Cerca nem o vale do Brandevin além dela. Ao norte, para onde olhavam com mais esperanças não enxergavam nada que pudesse ser a linha da grande Estrada Leste para a qual se dirigiam. Estavam ilhados num mar de árvores, e o horizonte parecia coberto por um véu.

No lado sudeste, o solo descia íngreme, como se as encostas da colina mergulhassem por baixo das árvores; pareciam encostas de uma ilha, que na verdade é uma montanha que se ergue de águas profundas. Sentaram-se na borda verde e olharam para a mata abaixo deles, enquanto comiam sua refeição do meio-dia. À medida que o sol ia subindo e passava do meio-dia, puderam ver na distância ao leste as linhas verde-acinzentadas das Colinas que ficavam além da Floresta Velha daquele lado.

Aquilo os animou muito, pois era bom ver o sinal de qualquer coisa além dos limites da mata, embora sua intenção não fosse ir por ali, se pudessem evitar: as Colinas dos Túmulos tinham nas lendas dos hobbits uma reputação tão sinistra quanto a própria Floresta.

Finalmente decidiram continuar a viagem. A trilha que os trouxera até a colina reapareceu do lado norte; mas depois de segui-la por certo tempo perceberam que ela se curvava cada vez mais para a direita. Logo começaram a descer rapidamente, e imaginaram que a trilha devia realmente conduzi-los para o vale do Voltavime: não era em hipótese alguma a direção que desejavam tomar. Depois de discutirem o assunto, resolveram abandonar essa trilha enganosa e rumar para o norte; pois, embora não tivessem conseguido enxergar nada quando estavam na colina, a Estrada devia ficar daquele lado, e não poderia estar a muitas milhas de

distância. Além disso, do lado norte e à esquerda da trilha, o terreno parecia mais seco e mais aberto, subindo encostas onde a mata era mais rala, e pinheiros e outras árvores coníferas tomavam o lugar dos carvalhos e freixos e outras árvores estranhas e sem nome da mata mais densa.

Num primeiro momento, pareceu que tinham feito uma boa escolha: avançaram numa velocidade razoável, mas toda vez que vislumbravam o sol em alguma clareira, tinham a inexplicável sensação de estarem enveredando para o leste. Entretanto, depois de um tempo, as árvores começaram a se fechar de novo, exatamente nos pontos em que à distância tinham parecido menos densas e entrelaçadas. Então, de repente, surgiram no solo grandes dobras, que pareciam marcas feitas por rodas de carroças gigantescas; eram sulcos largos como estradas afundadas, há muito sem uso e sufocadas por espinheiros. Essas dobras geralmente cruzavam o caminho que desejavam fazer, e eles só Podiam atravessá-las descendo e depois subindo de novo, o que era problemático e difícil para os pôneis. Cada vez que desciam, encontravam a depressão cheia de arbustos densos e de um mato emaranhado, que de alguma forma não davam passagem à esquerda, e só se abriam quando eles viravam para a direita.

Além disso, era preciso caminhar um tanto no fundo, até conseguirem encontrar uma passagem para a outra margem. Cada vez que saíam do sulco, as árvores pareciam mais profundas e escuras, e era sempre mais difícil achar passagens à esquerda e para cima, o que Os forçava a ir para a direita e para baixo.

Depois de uma ou duas horas, tinham perdido completamente o senso de direção, embora soubessem muito bem que tinham deixado de rumar para o Norte havia muito tempo.

Estavam sendo conduzidos, simplesmente seguindo um curso escolhido para eles — em direção ao leste e ao sul, para dentro do coração da Floresta, e não o contrário.

A tarde já terminava quando atingiram aos trancos e barrancos uma vala mais larga e profunda que todas que já tinham encontrado. O declive era tão acentuado e o mato tão denso que ficou impossível sair dali, de qualquer um dos lados, sem que deixassem para trás os pôneis e a bagagem. Tudo o que podiam fazer era seguir caminho pela própria vala — para baixo.

O solo ficou fofo, e em alguns pontos lamacento; nascentes de água apareceram nas margens, e logo eles se viram seguindo um riacho que corria e murmurava através do leito coberto de mato. Então o solo começou a descer rapidamente, e o riacho ficou mais caudaloso e a correnteza mais forte, fluindo e pulando colina abaixo. Estavam agora num fosso fundo, escuro e coberto por árvores que formavam um arco muito acima de suas cabeças.

Depois de avançarem aos tropeços por algum tempo ao longo da corrente de água, de repente saíram da escuridão, como se através de um portão vissem a luz do sol diante deles. Passando pela abertura, descobriram que tinham, através de uma fissura, descido uma ladeira alta e íngreme, quase um penhasco. Na base dela se estendia uma ampla área coberta por gramíneas e juncos, e ao longe podia-se ver outra ladeira, quase tão íngreme quanto a primeira. Uma tarde dourada de sol tardio se deitava morna e sonolenta sobre a terra escondida entre as duas ladeiras. Bem no meio, um rio de águas escuras descrevia curvas lentas, ladeado por salgueiros antigos, coberto por um arco de ramos de salgueiro, bloqueado por salgueiros caídos e salpicado de milhares de folhas de salgueiro amarelecidas.

O ar estava cheio delas, caindo amarelecidas de seus galhos; de fato havia uma brisa morna e suave soprando de leve no vale, e os juncos farfalhavam, e os ramos de salgueiro estalavam.

— Bem, agora pelo menos tenho uma noção de onde estamos! — disse Merry — Viemos em direção quase oposta ao que pretendíamos. Este é o rio Voltavime! Vou avançar um pouco e explorar o lugar.

Passou à frente, entrando na região iluminada pelo sol, e desapareceu dentro do mato alto. Depois de um tempo reapareceu, e disse que o solo era razoavelmente sólido entre o pé do penhasco e o rio; alguns trechos eram cobertos por turfa firme até a beira da água.

— Além disso — disse ele —, parece existir algo parecido com uma trilha sinuosa ao longo deste lado do rio. Se virarmos à esquerda e seguirmos por ela, podemos acabar chegando ao lado leste da Floresta.

— Acho que sim! — disse Pippin. — Quer dizer, se a trilha continua até lá, e não nos levar simplesmente para um brejo sem saída. Quem você acha que fez essa trilha, e por quê? Tenho certeza de que não foi para nos

ajudar. Estou ficando muito desconfiado desta Floresta e de tudo dentro dela, e começo a acreditar em todas as histórias que contam. E você tem alguma ideia da distância que teremos de percorrer rumo ao leste?

— Nenhuma — disse Merry. — Não sei nem em que altura do Voltavime estamos, e quem viria aqui com frequência suficiente para fazer uma trilha. Mas não consigo pensar em outra saída.

Não havendo mais nada a fazer, seguiram em fila, Merry indo na frente pela trilha há pouco descoberta. Por toda a volta os juncos e o mato eram altos e exuberantes, em alguns trechos subindo muito acima de suas cabeças; mas, uma vez encontrada a trilha, foi fácil seguir por ela, pois fazia curvas e dava voltas como se escolhesse o solo mais seguro por entre os brejos e poças. Aqui e ali passava sobre outros córregos, que desciam dos pontos mais altos da mata através de sulcos, para desaguar no Voltavime. Nesses trechos, troncos de árvores ou feixes de lenha tinham sido cuidadosamente colocados para possibilitar a passagem.

Agora os hobbits começavam a sentir muito calor. Exércitos de moscas de todos os tipos zumbiam-lhes nas orelhas, e o sol da tarde queimava suas costas. Finalmente chegaram a uma tênue sombra, projetada por ramos longos e cinzentos que chegavam até a trilha. Cada passo que davam era mais difícil que o anterior. Parecia que uma moleza brotava do solo e subia-lhes pelas pernas, e também caía mansa pelo ar sobre suas cabeças e olhos.

Frodo sentiu o queixo caindo e a cabeça pendendo. Logo à frente Pippin caiu de joelhos. Frodo parou.

— Não adianta — ele ouviu Merry dizendo. — Não consigo dar mais um passo sem descansar. Preciso dormir. Está fresco embaixo dos salgueiros Menos moscas!

Frodo não gostou do modo como soava a voz de Merry.

— Vamos! — gritou ele.

— Não podemos descansar ainda. Temos primeiro de sair desta Floresta.

— Mas os outros estavam meio inconscientes e não prestaram atenção. Bem ao seu lado Sam parou, bocejando e piscando, quase sem dar conta de si.

De repente o próprio Frodo sentiu que o sono lhe tomava conta do

corpo. A cabeça rodava. Agora parecia não haver ruído algum no ar. A moscas tinham parado de zumbir.

Apenas um som baixinho, no limite da audição, um farfalhar suave como de uma canção meio sussurrada, parecia agitar os galhos acima. Frodc levantou os olhos pesados e viu um grande salgueiro, velho e esbranquiçado, a se debruçar sobre ele. Parecia enorme, os galhos esticados para cima, erguendo-se como braços com muitas mãos de dedos longos, o tronco nodoso e retorcido se abrindo em largas fendas que estalavam baixinho quando os galhos se moviam. As folhas agitadas contra o céu brilhante lhe ofuscaram a visão, e ele tombou para frente, ficando deitado e imóvel sobre o mato, no mesmo lugar onde tinha caído.

Merry e Pippin se arrastaram um pouco mais para frente, deitandc com as costas apoiadas no tronco do salgueiro. Atrás dele s as grandes fendas se abriram, como que para recebê-los, enquanto a árvore balançava e estalava. Olharam para cima, para as folhas amarelas e cinzentas, que se moviam suavemente contra a luz e cantavam.

Fecharam os olhos, e então pareceu-lhes que quase podiam escutar palavras, palavras apaziguadoras, dizendo algo sobre água e sono. Cederam ao encanto e caíram em sono profundo ao pé do grande salgueiro esbranquiçado.

Frodo ficou por uns momentos deitado, lutando contra o sono que c dominava; então, com um enorme esforço, ficou em pé novamente. Sentia um implacável desejo de água fresca.

— Espere aqui, Sam — gaguejou ele. Lavar os pés um pouquinho.

Quase sonâmbulo, foi cambaleando até o lado da árvore que dava para o rio, onde grandes raízes arcadas cresciam dentro da água, como pequenos dragões encaroçados esticando o corpo para beber água, Sentou-se sobre uma dessas e começou a bater os pés quentes na água fresca e escura; ali mesmo adormeceu de repente, com as costas apoiadas na árvore.

Sam sentou-se e coçou a cabeça, a boca se abrindo num bocejo comc uma caverna. Estava preocupado. A tarde avançava e essa sonolência nãc parecia normal.

— Existe mais por trás disto do que apenas sol e ar quente — murmurou ele para si mesmo. — Não gosto desta árvore grande. Não confic

nela. Ainda por cima cantando coisas sobre sono! Isso não pode estar certo!

Pôs-se de pé e foi cambaleando ver o que tinha acontecido com os pôneis.

Descobriu que dois deles tinham avançado uma boa distância pela trilha.

Estava trazendo-os de volta para junto dos outros quando ouviu dois ruídos; um alto, e outro baixo, mas muito claro.

O primeiro foi o som de algo pesado caindo na água; o outro era um barulho parecido com o que um trinco faz quando se tranca uma porta com cuidado.

Voltou correndo à margem. Frodo estava na água, perto da beira, e uma grande raiz da árvore parecia estar por cima dele, impulsionando-o para baixo, mas ele não lutava contra isso. Sam agarrou-o pelo casaco, arrastando-o para longe do alcance da raiz; depois, com dificuldade, trouxe-o até a margem. Frodo acordou quase imediatamente, tossindo e engasgado.

— Sabe de uma coisa, Sam — disse ele finalmente. — Esta árvore abominável me atirou na água! Eu senti! Aquela raiz grande virou e simplesmente me derrubou na água!

— O senhor estava sonhando, eu acho, Sr. Frodo — disse Sam. — Não devia ter sentado num lugar desses, se estava com tanto sono.

— E os outros? — perguntou Frodo. — Fico pensando que tipo de sonhos estarão tendo.

Os dois deram a volta, chegando ao outro lado da árvore, e então Sam entendeu o clique que tinha escutado. Pippin desaparecera. A fenda da árvore perto da qual se deitara tinha se fechado, de modo que não se via mais nem sinal dela.

Merry estava preso: uma outra fenda tinha se fechado na altura da sua cintura, deixando as pernas de fora, mas o resto do corpo estava dentro de uma abertura escura, cujas bordas o prensavam como uma pinça.

Primeiro, Frodo e Sam bateram no tronco da árvore onde Pippin tinha deitado. Depois tentaram com todas as forças abrir a mandíbula da fenda que prendia o pobre Merry.

Nada disso adiantou.

— Que coisa horrível! — gritou Frodo desesperado. — Por que fomos

entrar nesta Floresta terrível? Queria que tivéssemos voltado para Cricôncavo!

Chutou a árvore com toda a força, sem se importar com os próprios pés. Um tremor quase imperceptível percorreu toda a árvore, do caule até os galhos; as folhas farfalharam e sussurraram, mas agora produzindo um som que parecia uma risada distante e fraca.

— Suponho que não temos um machado na bagagem, Sr. Frodo? – perguntou Sam.

— Eu trouxe uma pequena machadinha para cortar lenha — disse Frodo.

— Não ajudaria muito.

— Espere um pouco! — gritou Sam, agitado por uma ideia sugerida pela palavra lenha". — Podemos fazer alguma coisa com fogo!

— Sim, podemos — disse Frodo cheio de dúvidas. — Mas também podemos assar Pippin vivo lá dentro.

— Para começar, podemos tentar ferir ou amedrontar esta árvore — disse Sam, furioso. — Se isto não os libertar, eu derrubo a árvore, nem que seja a dentadas. — Correu até os pôneis e logo depois voltou com duas caixas de pederneiras e uma machadinha.

Rapidamente juntaram capim e folhas secas, e pedaços de casca de árvore; fizeram uma pilha de gravetos e galhos cortados. Amontoaram tudo contra o tronco, no lado da árvore oposto àquele onde estavam os prisioneiros. Logo que Sam lançou uma faísca, o capim seco começou a queimar, e uma lufada de chamas e fumaça subiu. Os gravetos estalavam. Pequenas línguas de fogo lambiam a casca sulcada da velha árvore, chamuscando-a. Um tremor percorreu todo o salgueiro. As folhas pareciam sibilar sobre as cabeças deles com um ruído de dor e raiva. Um berro agudo veio de Merry, e de dentro da árvore escutaram Pippin dar um grito abafado.

— Apague isso! Apague! — gritou Merry. — Ele vai me partir em dois se você não apagar. Ele está dizendo!

— Quem? O quê? — berrou Frodo, dando a volta rápido até o outro lado da árvore.

— Apague isso! Apague o fogo! — implorou Merry, Os galhos d

salgueiro começaram a balançar violentamente. Um ruído como o do vento começou a subir e a se espalhar pelos galhos de todas as outras árvores em volta, como se tivessem derrubado uma pedra no sono quieto do vale, provocando ondas de fúria que se alastravam por toda a Floresta. Sam começou a chutar a pequena fogueira e a pisar nas faíscas. Mas Frodo, sem ter uma ideia clara do motivo pelo qual fazia isto, ou do que esperava conseguir, correu ao longo da trilha gritando socorro! Socorro! Socorro! Tinha a impressão de mal poder ouvir o som agudo da própria voz, carregada para longe pelo vento do salgueiro e sufocada pelo clamor das folhas, assim que as palavras saíam de sua boca. Sentiu-se desesperado: perdido e estúpido.

De repente parou. Ouviu uma resposta, ou pelo menos pensou ter ouvido — parecia que vinha de trás, da parte baixa da trilha, dentro da Floresta.

Voltou-se e escutou, e logo não teve mais dúvidas: alguém entoava uma canção — uma voz grave e alegre cantava, despreocupada e alegre, mas as palavras não faziam sentido:

Ei boneca! Feliz neneca!
Dingue-dongue dilo!
Dingue-clongue! Não delongue!
Largue logo aquilo! Tom Bom,.jovial
Tom, Tom Bombadillo.

Meio esperançosos e meio amedrontados por algum possível novo perigo, Frodo e Sam ficaram paralisados. De repente, saindo de uma longa cadeia de palavras sem sentido (ou pelo menos assim parecia), a voz ficou mais alta e clara, explodindo nesta canção:

Vem, linda boneca! Bela neneca!
Querida minha! Leve é o vento e leve é a pluma da andorinha.
Lá embaixo sob a Montanha, ao sol brilhando,
À luz da lua, na soleira já esperando,
Minha linda senhora está,
filha da mulher do Rio,

Mais clara do que a água, esbelta qual ramo esguio.
O velho Tom Bombadil, nenúfares carregando,
Salta de volta pra casa. Podes ouvi-lo cantando?
Vem, linda boneca, bela neneca! feliz e bela,
Fruta d'Ouro, Fruta d'Ouro, linda amora amarela!
Pobre e velho salgueiro, esconde tuas raízes!
Tom tem pressa agora. Há noites e dias felizes.
Tom de volta de novo, nenúfares carregando.
Vem, linda boneca, bela neneca!
Podes ouvir-me cantando?

Frodo e Sam pareciam enfeitiçados. O vento foi abrandando. A folhas não se agitavam mais nos galhos paralisados. Houve nova explosão de música, e então, de repente, saltando e dançando pela trilha, apareceu por cima dos juncos um velho chapéu gasto, de copa alta e com uma pena azul comprida presa à fita. Com mais um salto e um pulo, apareceu um homem, ou pelo menos assim parecia. De qualquer modo, era grande e pesadc demais para ser um hobbit, embora não alto o suficiente para ser uma pessoa grande; mas o barulho que fazia era digno de uma delas, pisando forte com grandes botas amarelas que lhe cobriam as pernas grossas, e avançando pelo capinzal.

E por entre os juncos como uma vaca que desce para beber água. Vestia um casaco azul e tinha uma longa barba castanha; os olhos eram claros e azuis, o rosto vermelho como uma maçã madura, mas que se franzia em inúmeras rugas provocadas pela sua risada. Trazia nas mãos uma enorme folha, à guisa de bandeja, que sustentava um pequeno ramalhete de nenúfares brancos.

— Socorro! — gritaram Frodo e Sam, correndo em direção a ele com os braços estendidos.

— Ooh! Ooh! Quietos aí! — gritou o velho, levantando uma mão, a que eles pararam imediatamente, como se tivessem sido paralisados. — Agora, meus pequenos camaradas, aonde vão assim, bufando como foles? Qual é o problema aqui? Sabem quem eu sou? Meu nome é Tom Bombadi Contem-me seu problema! Tom está com pressa. Não amassem meu

nenúfares!

— Meus amigos estão presos no salgueiro — gritou Frodo, quase sem fôlego.

— O Sr. Merry está sendo esmagado numa fenda — berrou Sam.

— O quê? — gritou Tom Bombadil, dando um salto no ar. — O Velho Salgueiro-homem? Nada pior que isso? Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem! Aninhando cuidadosamente os nenúfares no chão correu até a árvore. Ali viu os pés de Merry ainda de fora — o resto já tinha sido tragado pela árvore. Tom colocou a boca perto da fenda e começou a cantar dentro dela em voz baixa. Os hobbits não conseguiam entender as palavras, mas ficou evidente que Merry estava acordando.

Suas pernas começaram a chutar. Tom pulou para trás, e quebrando um galho que pendia começou a golpear a árvore com ele.

— Deixe-os sair, Velho Salgueiro-homem! — disse ele. — O que está pensando? Não deveria estar acordado. Coma terra! Cave fundo! Beba água! Vá dormir! Bombadil está falando! — Então agarrou os pés de Merry e o puxou da fenda que se abriu de repente.

Houve um estalo violento e a outra fenda se abriu, e dela Pippin pulou, como se tivesse sido chutado, Então, com um estalido ruidoso, as duas fendas se fecharam novamente. A árvore tremeu desde a raiz até a copa, depois do que fez-se absoluto silêncio.

— Obrigado! — disseram os hobbits, um após o outro.

Tom Bombadil desatou a rir.

— Bem, meus pequenos camaradas! — Disse ele, abaixando-se para poder enxergar melhor os rostos deles. — Vocês vêm para casa comigo! A mesa está posta com creme amarelo, favos de mel e pão branco com manteiga. Fruta d'Ouro está esperando. Teremos tempo para perguntas enquanto comermos. Sigam-me o mais rápido que conseguirem! — Com isso apanhou os nenúfares, e então com um aceno de mão foi pulando e dançando pela trilha em direção ao leste, ainda cantando alto uma canção que não fazia sentido.

Surpresos e aliviados demais para poderem conversar, os hobbits c seguiram o mais rápido que puderam. Mas isso não era rápido o suficiente.

Tom logo desapareceu na frente deles, e o som de sua música ficou mais fraco e distante. De repente sua voz voltou, flutuando num alto

Olá! Saltando, meus amiguinhos, vamos o Rio vencer!
Tom chegará na frente, e velas irá acender.
A oeste desce o sol: logo a treva cairá,
Quando a noite se abater, então a porta se abrirá,
Nas janelas vai brilhar da luz o bruxuleio.
Não temer o negro amieiro! Não ouvir o velho salgueiro!
Não temer ramo ou raiz. Tom lá estará na certa. Salve,
feliz neneca! Esperemos de porta aberta!

Depois disso os hobbits não ouviram mais nada. Quase imediatamente, o sol começou a afundar nas árvores atrás deles. Pensaram na luz oblíqua da noite brilhando no rio Brandevin, e nas janelas de Buqueburgo começando a se iluminar com centenas de lamparinas. Sombras enormes cruzaram o caminho; troncos e galhos de árvores pendiam escuros e ameaçadores sobre a trilha. Uma névoa branca começou a subir em espirais na superfície do rio, espalhando-se pelas raízes das árvores sobre as margens.

Do solo bem debaixo de seus pés, um vapor sombrio subia e se misturava no crepúsculo que caía rapidamente.

Ficou difícil seguir a trilha, pois estavam muito cansados. Sentiam as pernas como chumbo. Ruídos estranhos e furtivos percorriam os arbustos e juncos dos dois lados; se olhavam para o céu claro, viam rostos retorcidos e deformados, que projetavam sombras escuras contra o crepúsculo, olhando de soslaio para eles, dos altos barrancos e das bordas da floresta.

Eles começaram a sentir que toda aquela terra era irreal, e que estavam caminhando num sonho agourento, do qual nunca acordavam.

No momento em que perceberam que os pés não poderiam mais seguir adiante, notaram que o solo subia suavemente. A água começou a murmurar. No escuro, enxergaram um reluzir branco de espuma, no ponto onde o rio corria sobre uma pequena cascata. Então, de repente, as árvores

acabaram e a névoa ficou para trás. Saíram da Floresta, encontrando um grande espaço gramado à sua frente. O rio, agora pequeno e rápido, descia num salto alegre para recebê-los, brilhando aqui e ali com o reflexo das estrelas, que já iluminavam o céu.

A grama sob seus pés era macia e curta, como se tivesse sido podada. Os limites da Floresta atrás deles estavam desbastados e aparados como uma cerca-viva. A trilha agora se estendia plana à frente, bem cuidada e ladeada por pedras. Ia fazendo curvas até o topo de um rochedo coberto de grama, agora pintado de cinza pela luz das estrelas; e lá adiante, ainda acima, no topo de um outro barranco, viram as luzes de uma casa piscando. A trilha desceu mais uma vez, e subiu de novo, ao longo de uma encosta suave coberta de turfa, em direção às luzes. De repente, um largo facho de luz amarela fluiu brilhante de dentro de uma porta que se abria. Ali, à sua frente, estava a casa de Tom Bombadil, acima, abaixo, sob a colina.

Atrás da casa havia uma saliência íngreme do solo, cinzenta e nua, e além dela as formas escuras das Colinas dos Túmulos sumiam a leste dentro da noite.

Todos correram naquela direção, hobbits e pôneis. Metade do cansaço e metade do medo já tinham ficado para trás.

Vem, feliz neneca! Rolava a canção para saudá-los.
Vem, feliz neneca! Vamos dançando, queridos!
Hobbits e pôneis todos! Somos por festa caídos.
Agora a alegria começa! Vamos juntos cantar!

Então uma outra voz limpa, jovem e velha como a Primavera, como a canção da água que flui alegre noite adentro, vinda de uma clara manhã nas colinas, veio descendo sobre eles como uma chuva de prata:

Entoe-se agora a canção! Vamos juntos cantar
O sol e a estrela, a lua e a neblina, a chuva e nuvem no ar,
A luz sobre o botão, sobre a pluma o orvalho,
O vento no campo aberto, a flor no arbusto vário,
À sombra do lado o junco, nemfares sobre o Rio:
A bela Filha das Águas e o velho Tom Bombadil.

E com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta, e foram então cobertos por uma luz dourada.

CAPITULO VII: NA CASA DE TOM BOMBADIL

Os quatro hobbits atravessaram a ampla soleira de pedra e depois pararam, piscando. Estavam numa sala comprida e baixa, iluminada por lamparinas penduradas às vigas do teto; sobre a mesa de madeira escura e polida queimavam muitas velas, altas e amarelas, emitindo uma luz forte.

Numa cadeira, do lado oposto à porta de entrada, estava uma mulher. Os longos cabelos loiros caíam em cachos sobre seus ombros; o vestido era verde, verde como juncos novos, salpicado de prata como gotas de orvalho; o cinto de ouro parecia uma corrente de lírios-roxos, presa por botões azuis de miosótis.

Rodeando-lhe os pés, em grandes vasilhas de cerâmica verde e azul, boiavam nenúfares brancos, e ela parecia estar num trono no centro de um lago.

— Entrem, caros convidados! — disse ela. Ao ouvi-la falar, os hobbits reconheceram a voz cristalina que tinham ouvido cantando. Deram alguns passos tímidos adiante, e começaram a fazer reverências, sentindo-se estranhamente surpresos e desajeitados, como pessoas que, batendo à porta de uma choupana para pedir um copo de água, tivessem sido atendidas por uma jovem e bela rainha-élfica toda coberta de flores. Mas antes que pudessem dizer qualquer coisa, ela pulou por sobre os nenúfares e correu na direção deles, rindo; enquanto corria, seu vestido fazia um ruído suave, como o do vento agitando as flores à margem de um rio.

— Venham, meus queridos! — disse ela, pegando Frodo pela mão. — Vamos rir e nos divertir! Sou Fruta d'Ouro, Filha do Rio. — Então passou ligeiramente por eles para fechar a porta, dando depois as costas para a entrada, com os braços brancos abertos. — Vamos trancar a noite lá fora, pois talvez ainda estejam com medo, da neblina, das sombras das árvores, das águas profundas e das coisas hostis. Nada temam! Pois esta noite estão sob o teto de Tom Bombadil.

Os hobbits olhavam-na maravilhados; ela olhou para cada um deles, sorrindo.

— Bela senhora Fruta d'Ouro — disse Frodo finalmente, sentindo se

coração se encher de uma alegria que não conseguia entender. Estava maravilhado como já tinha ficado em outras ocasiões, ao ouvir belas vozes élficas; mas o encanto que agora tomava conta dele era diferente: menos agudo e grandioso, mas mais profundo e próximo dos corações mortais, maravilhoso, mas não estranho. — Bela senhora Fruta d'Ouro — disse ele de novo. — Agora a alegria escondida nas canções que escutamos se revela diante de mim.

Mais clara do que a água, esbelta qual ramo esguio!
Junco na fonte viva, linda Filha do Rio!
Na primavera e verão, na primavera prolongada!
O canto da cascata, das folhas a risada!

De repente parou, gaguejando, tomado pela surpresa de se ver dizendo essas coisas. Mas Fruta d'Ouro riu.

— Bem-vindos! — disse ela. — Nunca ouvi dizer que as pessoas do Condado pudessem dizer coisas tão doces. Mas vejo que é um amigo-dos-elfos; posso ver isso na luz dos seus olhos e no tom da sua voz. Este é um feliz encontro! Sentem-se agora, e esperem pelo Senhor da casa. Ele não vai demorar. Está cuidando de seus animais cansados.

Os hobbits, alegres, sentaram-se em cadeiras baixas de junco, enquanto Fruta d'Ouro se ocupava em pôr a mesa; os olhos deles a seguiam pois a graça esguia de seus movimentos os enchia de um prazer sereno. De algum ponto atrás da casa, vinha o som de cantoria. Entre muitos lindas bonecas e belas nenecas e dingue-dongues não delongues, ouviam-se, repetidas vezes, as seguintes palavras: O velho Tom Bombadil é mesmo bom camarada; Azul-claro é sua jaqueta, a bota é amarelada.

— Linda senhora! — disse Frodo novamente, depois de um tempo Diga-me, se minha pergunta não parece tola, quem é Tom Bombadil?

— Ele é — disse ela, cessando seus movimentos rápidos e sorrindo. Frodo olhou para ela curioso. — Ele é, como já viram — disse ela em resposta ao olhar de Frodo. — Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas.

— Então toda esta região estranha lhe pertence?

— Na verdade não! — respondeu ela, e o sorriso que tinha no rosto

desapareceu. — Isso seria um fardo pesado demais — acrescentou ela em voz baixa, como se falasse consigo mesma. — As árvores e o capim e todas as coisas que crescem ou vivem neste lugar só pertencem a si mesmas. Tom Bombadil é o Senhor. Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando el caminhava pela floresta, atravessava as águas, ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. Tom Bombadil é o Senhor.

Uma porta se abriu e por ela entrou Tom Bombadil. Agora estava ser chapéu, e uma coroa de folhas do outono adornava seu cabelo castanho e espesso. Riu e, dirigindo-se até Fruta d'Ouro, tomou sua mão.

— Aqui está minha bela senhora — disse ele, fazendo uma reverência diante dos hobbits. — Aqui está minha Fruta d'Ouro, toda vestida de verde prata e com flores no cinto! A mesa está posta? Vejo creme amarelo e favos de mel, e pão branco com manteiga; leite, queijo e ervas verdes e frutas maduras. É o suficiente para nós? A ceia está pronta?

— A ceia está — disse Fruta d'Ouro —, mas talvez os convidados não estejam.

Tom gritou, batendo palmas: — Tom, Tom! Seus convidados estã cansados, e você quase tinha esquecido! Venham agora, meus alegres amigos, e Tom cuidará para que se refresquem. Vão limpar as mãos encardidas, lavar os rostos cansados, tirar as capas enlameadas e pentear os cabelos embaraçados! Tom abriu a porta e eles o seguiram por um corredor curto que virava bruscamente. Chegaram a um quarto baixo, com teto inclinado (um puxado, ao que parecia, construído do lado norte da casa). As paredes eram de pedra lisa, mas na maior parte cobertas por cortinas e tapetes verdes e amarelos.

O chão também era de pedra, coberto com juncos verdes e novos. Havia quatro colchões macios, ao lado dos quais ficava uma pilha de cobertores brancos, colocados sobre o chão. Contra a parede oposta estava um banco comprido, cheio de grandes vasilhas de barro, e perto dele ficavam jarros cor de terra, alguns com água fria, outros com água fumegante. Ao lado de cada cama, chinelos fofos e verdes, prontos para serem usados.

Logo depois, de banho tomado e reconfortados, os hobbits estavam

sentados à mesa, dois de cada lado, e nas pontas sentaram-se Fruta d'Ouro e o Senhor. Foi uma refeição longa e alegre. Embora os hobbits tenham comido como só os hobbits mais famintos sabem comer, não faltou nada. A bebida em suas vasilhas parecia água fresca e cristalina, mas entrava-lhes nos corações como vinho, libertando suas vozes. De repente, os convidados perceberam que estavam cantando alegremente, como se cantar fosse mais fácil e natural que conversar.

Finalmente Tom e Fruta d'Ouro se levantaram e tiraram a mesa rapidamente.

Ordenaram aos convidados que sentassem quietos, o que fizeram em poltronas acompanhadas de banquinhos para os pés cansados. O fogo na ampla lareira diante deles queimava com um cheiro doce, como se fosse alimentado de troncos de macieiras. Quando tudo estava em ordem, apagaram-se todas as luzes da sala, com a exceção de uma lamparina e de um par de velas, colocadas em cada um dos lados da guarda da chaminé. Então Fruta d'Ouro se aproximou deles, segurando uma vela; desejou-lhe boa noite e um sono profundo.

— Fiquem em paz agora — disse ela — até que amanheça! Não tenham medo dos ruídos noturnos! Pois nada atravessa portas ou janelas aqui, a não ser o luar e a luz das estrelas, e o vento que sopra da colina. Boa noite! Enquanto atravessava a sala, seu vestido brilhava e farfalhava.

O som de seus passos era como o de um riacho caindo suavemente colina abaixo, sobre pedras frescas na quietude da noite.

Tom ficou por um tempo sentado em silêncio ao lado deles, enquanto cada um tentava criar coragem para fazer alguma das muitas perguntas que queriam ter feito durante a ceia. O sono congestionava-lhes as pálpebras. Finalmente Frodo falou:

— Escutou meu chamado, Senhor, ou foi só o acaso que o trouxe naquele momento?

Tom se agitou, como se tivesse sido acordado de um sonho agradável.

— O quê? — disse ele. — Se ouvi seu chamado? Não, não ouvi. Estava ocupado, cantando. Foi só o acaso que me levou até lá, se você chama isso de acaso. Não estava nos meus planos, embora eu estivesse esperando vocês. Tivemos notícias suas, e soubemos que estavam vagando

pela região. Supusemos que logo desceriam até a água: todas as trilhas conduzem a esse destino, descendo até o Voltavime. O Velho Salgueiro homem canta alto; escapar de suas garras hábeis é difícil para as pessoas pequenas.

Mas Tom tinha uma missão a cumprir, da qual não podia se esquivar — Tom abaixou a cabeça, como se o sono estivesse novamente tomando conta dele ; mas continuou, numa voz suave, cantando:

Tinha um serviço a fazer— nenúfares recolher,
folhas verdes e flores brancas, pra agradar minha senhora,
os últimos deste ano, antes de o inverno chegar,
para enfeitar seus pés, até o derreter das neves.
No fim de cada verão, eu vou buscá-los pra ela,
num lago largo, lindo e claro, nas margens do Voltavime;
onde cedo na primavera e tarde abrem no verão.
À beira do lago há muitos anos, achei a Filha do Rio,
a linda e jovem Fruta d'Ouro, sentada por entre os juncos.
Docemente então cantava e o coração batia!

Abriu os olhos e olhou para eles com um súbito brilho azul.

— E isso foi bom pra vocês; porque não mais hei de ir nas águas afundar, no meio desta floresta, durante este ano velho. Nem pretendo passar pela casa do Velho Salgueiro, no início da primavera, não até a estação feliz, quando a Filha do Rio dançando pelos caminhos vai nas águas se banhar.

Ficou em silêncio de novo; mas Frodo não conseguiu deixar de fazer mais uma pergunta: a que mais desejava ver respondida. — Conte-nos, Senhor, sobre o Salgueiro-homem. O que é ele? Já ouvi alguma coisa respeito antes.

— Está certo — disse o velho. — Agora está na hora de descansar Não é bom ouvir certas coisas quando as sombras caem sobre o mundo. Durmam até amanhã cedo. Descansem sobre os travesseiros! Não temam o ruídos da noite! Não tenham medo de nenhum salgueiro cinzento! — Com isso pegou a lamparina e a apagou, e, segurando uma vela em cada mão,

conduziu os hobbits até seu aposento.

Os colchões e travesseiros eram macios e fundos, e os cobertores de lã branca. Mal se deitaram nas camas fofas, puxando as leves cobertas, e já estavam dormindo.

Na calada da noite, Frodo teve um sonho sem luz. Via agora a lu. nova nascendo; sob sua luz tênue aparecia diante dele uma parede negra de pedra, perfurada por um arco escuro que parecia um portão. Frodo tinha a impressão de estar sendo erguido, e passando pelo arco descobriu que a parede de pedra era um círculo de colinas, e que no centro dele ficava uma planície, no meio da qual se levantava um pináculo de pedra, semelhante a uma enorme torre, mas obra da natureza.

No topo estava a figura de um homem. A lua, galgando o céu pareceu parar por um momento sobre a cabeça deste homem, reluzindo nos cabelos brancos que o vento agitava. Subindo da planície escura vinha c grito de vozes cruéis, e o uivo de muitos lobos. De repente, uma sombra, na forma de grandes asas, passou cobrindo a lua. A figura levantou os braços e uma luz emanou do cajado que segurava. Uma águia enorme d eu um vôo rasante e a carregou para longe. As vozes gemeram e os lobos uivaram se lamentando.

Um som, como de ventania, trouxe o ruído de cascos, galopando, galopando, galopando, vindo do Leste. "Cavaleiros Negros!", pensou Frod enquanto acordava, ainda com o som de cascos ecoando em sua cabeça. Perguntou-se então se teria coragem de abandonar a segurança daquelas paredes de pedra. Permaneceu imóvel, ainda escutando; mas tudo agora estava no mais absoluto silêncio, e finalmente ele se virou e adormeceu novamente, ou vagou em algum outro sonho do qual não se recordou depois.

Ao lado, Pippin sonhava tranquilo; mas algo mudou em seus sonhos e ele começou a se agitar e a resmungar. De repente acordou, ou pensou ter acordado; mas mesmo assim ainda escutava na escuridão o som que perturbara seus sonhos: tipe-tape, esquique: o som era como o de vento agitando galhos, dedos de árvores arranhando parede e janela: crique, crique, crique. Ficou imaginando se havia salgueiros perto da casa; e então de repente teve a terrível impressão de não estar numa casa comum, mas

dentro do salgueiro e escutando aquela horrível voz chiada, rindo dele novamente. Sentou-se, e sentiu as mãos afundando nos travesseiros fofos, e então se deitou de novo, aliviado. Teve a impressão de escutar o eco das palavras: "Nada tema! Fique em paz até amanhã cedo! Não tenha medo dos ruídos noturnos!" Então adormeceu novamente.

Foi o barulho da água que Merry escutou em seu sono tranquilo: água fluindo suave, e depois se espalhando irresistivelmente por toda a volta da casa, num lago escuro e sem margens. Borbulhava sob as paredes e subia, devagar mas de um modo que não deixava dúvidas. "Vou me afogar!", pensou ele. "A água vai penetrar as paredes e invadir a casa, e então vou me afogar." Pareceu-lhe que estava deitado sobre um brejo lodoso, e ao se levantar colocou o pé no canto de uma pedra fria e dura que revestia o chão. Então lembrou onde estava e deitou-se novamente. Teve a impressão de escutar ou de se lembrar das palavras: "Nada atravessa estas portas e janelas a não ser o luar e a luz das estrelas, e o vento que sopra da colina." Um pequeno sopro doce de ar moveu a cortina. Merry respirou fundo e adormeceu de novo.

Pelo que pôde se lembrar, Sam dormiu toda a noite completamente feliz , se é que as pedras ficam felizes.

Acordaram, todos os quatro de uma vez, com a luz do dia. Tom andava pelo quarto de um lado para o outro, assobiando como um passarinho. Quando os ouviu se movimentando, bateu palmas e gritou: — Bela boneca, feliz neneca! Venham, meus queridos! — Afastou as cortinas amarelas, e os hobbits puderam então ver que elas cobriam duas janelas, dos dois lados do quarto, uma se abrindo para o leste, e a outra para o oeste.

Levantaram-se reanimados. Frodo correu para a janela leste, e se viu olhando para uma horta coberta de orvalho. De certa maneira, tinha esperado ver um terreno coberto de turfa estendendo-se até as paredes, turfa toda marcada por cascos. Na verdade, sua visão era mediada por um canteiro de pés de feijão altos, apoiados em estacas; mas acima e adiante o topo cinzento da colina assomava contra a luz do sol nascente. A manhã estava clara: a leste, atrás de compridas nuvens que pareciam fios de lã com as pontas manchadas de vermelho, brilhava uma tonalidade profunda de amarelo.

O céu anunciava chuva, mas a luz se espalhava rapidamente, e as flores vermelhas dos pés de feijão começaram a brilhar, contrastando com as folhas verdes e úmidas.

Pippin olhava, através da janela oeste, para um lago de névoa. A Floresta se escondia sob a neblina. Era como um teto de nuvens visto de cima.

Havia uma vala ou canal, onde a névoa se partia em muitas ondas de plumas; o vale do Voltavime.

O córrego descia pelo lado esquerdo da colina, e mergulhava nas sombras brancas. Bem próximo ficava um canteiro de flores e uma cerca-viva podada e enredada em prata; atrás da cerca via-se um gramado bem cortado, que a névoa coloria de um cinza-claro.

Não se via nenhum salgueiro.

— Bom dia, alegres amigos! — gritou Tom, abrindo totalmente a janela leste. Uma brisa fresca entrou, com um cheiro de chuva. — O sol não vai mostrar sua cara hoje, eu acho. Estive andando por aí, pulando nos topos das colinas, desde o início desta aurora cinzenta, sentindo o cheiro do vento e do tempo, com capim molhado sob os pés, céu molhado sobre a cabeça. Para acordar Fruta d'Ouro, cantei embaixo da janela; mas nada acorda os hobbits de manhã cedinho. Durante a noite, as pessoas pequenas acordam em meio à escuridão, mas depois que a luz chega, continuam dormindo! Dingue-dongue não delongue! Acordem agora, meus alegres amigos! Esqueçam os ruídos noturnos. Dingue-dongue-dilo, meus queridos Se vierem logo, encontrarão a mesa do desjejum posta. Se demorarem, se terão capim molhado e água de chuva.

Não precisou falar duas vezes — embora a ameaça de Tom não soasse muito séria — os hobbits se apressaram, e só deixaram a mesa depois de um tempo razoável, quando ela começava a parecer vazia. Nem Tom nem Fruta d'Ouro estiveram presentes. Podia-se ouvir Tom pela casa, fazendo barulho na cozinha, e subindo e descendo a escada, cantando dentro e fora. A sala dava para o oeste, debruçando-se sobre o vale coberto de névoa, e a janela estava aberta. Gotas de água pingavam dos beirais de sapé acima deles. Antes que tivessem terminado o desjejum, um teto inteiriço de nuvens se formou, e uma chuva vertical cinzenta começou a cair suave e

continuamente.

Atrás dessa cortina de chuva, a Floresta ficava completamente oculta.

Ao olharem pela janela, os hobbits ouviram descendo pelo ar, como se acompanhasse a chuva vinda do céu, a voz cristalina de Fruta d'Ouro cantando no pavimento acima deles. Quase não conseguiam entender as palavras, mas parecia claro que era uma canção de chuva, doce como o cair da água sobre topos de colinas secas; a canção contava a história de um rio, desde que minava nas montanhas até chegar ao Mar bem abaixo. Os hobbits escutavam deliciados; Frodo sentia alegria no coração, agradecendo ao tempo camarada que atrasava sua partida. A ideia de partir tinha-lhe pesado no coração desde a hora que acordara, mas agora supunha que não iriam naquele dia.

O vento alto se acalmou no oeste, e nuvens mais espessas e úmidas se formaram, para derramar sua carga de chuva nas cabeças calvas das Colinas. Não se via nada em volta da casa a não ser água caindo. Frodo parou perto da porta aberta e ficou observando a trilha caiada se transformar num pequeno rio de leite, e depois correr borbulhando até o vale. Tom Bombadil veio aos pulinhos do canto da casa, acenando com os braços como se estivesse mandando a chuva embora — e de fato, quando pulou sobre a soleira, parecia estar seco, com exceção de suas botas. Estas ele tirou e colocou no canto da chaminé. Então sentou-se na maior poltrona, chamando os hobbits para se reunirem à sua volta.

— Hoje é o dia de Fruta d'Ouro lavar tudo — disse ele. — O dia da limpeza do outono. Molhado demais para hobbits, que eles descansem enquanto podem. É um bom dia para histórias longas, e para perguntas e respostas, por isso Tom vai começar a conversa.

Contou-lhes então muitas histórias notáveis, às vezes quase como se as estivesse contando para si mesmo, outras vezes olhando-os de repente com um brilho azul no olhar, debaixo das grossas sobrancelhas. Frequentemente sua voz virava uma canção, e ele se levantava da poltrona para dançar pela sala. Contou— lhes histórias de abelhas e flores, do jeito de ser das árvores e das estranhas criaturas da Floresta, sobre coisas más e coisas boas, coisas amigas e hostis, coisas cruéis e gentis, e sobre segredos escondidos

sob os arbustos espinhosos.

Conforme escutavam, os hobbits passaram a entender a vida da Floresta, separada deles; na realidade, até começaram a se sentir estranhos, num lugar onde todos os outros elementos estavam em casa. Entrando e saindo da conversa, sempre estava o Velho Salgueiro-homem, e Frodo pôde aprender o suficiente para satisfazer sua curiosidade, na verdade mais que suficiente, pois o assunto não era fácil. As palavras de Tom desnudavam o coração e o pensamento das árvores, que sempre eram obscuros e estranhos, cheios de um ódio pelas coisas que circulam livres sobre a terra, roendo, mordendo, quebrando, cortando, queimando: destruidores e usurpadores. A Floresta Velha tinha esse nome não sem motivo, pois era realmente antiga, sobrevivente de florestas vastas já esquecidas; e nela ainda viviam, com a idade das próprias colinas, os pais dos pais das árvores, relembrando o tempo em que eram senhores.

Os anos incontáveis tinham-nos enchido de orgulho e sabedoria arraigada, e também de malícia.

Mas nenhum deles era mais perigoso que o Grande Salgueiro: este tinha o coração apodrecido, mas a força ainda era verde; era habilidoso, senhor dos ventos, e sua canção e pensamento corriam a floresta dos dois lados do rio. Seu sedento espírito cinza retirou da terra o poder, que se espalhou como raízes finas no solo, e invisíveis dedos-ramos no ar, chegando a dominar quase todas as árvores da Floresta, da Cerca até as Colinas.

De repente a conversa de Tom abandonou a floresta e foi pulando subindo pelo jovem córrego, sobre cascatas borbulhantes, sobre seixos e pedras gastas, e por entre pequenas flores no capim fechado e gretas molhadas, vagando finalmente até as Colinas. Ouviram então sobre os Grandes Túmulos e os morros verdes e os anéis de pedra sobre as colinas e nas baixadas entre as colinas. Rebanhos de ovelhas baliam. Paredes verdes e brancas se ergueram. Havia fortalezas nas alturas. Reis de pequenos reinados lutaram entre si, e o Sol jovem brilhava como fogo no metal vermelho de suas espadas novas e gananciosas. Houve vitória e derrota; torres caíram, fortalezas foram queimadas, e as chamas subiram pelo céu. Empilhou-se ouro nos ataúdes dos reis e rainhas mortos; e a terra os cobriu, e as portas de pedra se fecharam; o capim cresceu e cobriu tudo. Por um

tempo, as ovelhas circularam, comendo o capim, mas logo as colinas estavam de novo desertas. Uma sombra veio de lugares distantes e escuros, e os ossos se mexeram dentro dos túmulos. Criaturas Tumulares andavam pelas cavidades com um tilintar de anéis em dedos frios e correntes de ouro ao vento. Os anéis de pedra sorriam no chão como dentes quebrados ao luar.

Os hobbits tremeram. Até no Condado, os rumores sobre as Criatura Tumulares das Colinas dos Túmulos além da Floresta já tinham sido ouvidos. Mas essa história nenhum hobbit gostava de escutar, mesmo num lugar confortável ao lado do fogo, e bem distante. Esses quatro de repente lembraram-se das coisas que a alegria daquela casa tinha afastado de suas mentes: a casa de Tom Bombadil se aninhava bem ali, em meio àquelas terríveis colinas. Perderam o fio da história e se agitaram inquietos, olhando uns para os outros, Quando voltaram a acompanhar as palavras de Tom perceberam que ele tinha enveredado por estranhas regiões além de suas memórias e de seu pensamento consciente, para tempos em que o mundo era mais vasto, e os mares fluíam direto para a Praia do ocidente; Tom ainda se movia de um lado para o outro, cantando luzes de estrelas antigas, de uma época em que apenas os ancestrais dos elfos estavam acordados. Então, de repente, parou, e eles viram que sua cabeça caía, como se estivesse adormecendo.

Os hobbits continuaram quietos diante dele , encantados; parecia que, como se sob o encanto de suas palavras, o vento tivesse ido embora e as nuvens tivessem secado, o dia se retirava, com a escuridão vinda do leste e do oeste, e todo o céu ficou repleto da luz de estrelas brancas.

Frodo não sabia dizer se havia passado ali a manhã e a tarde de um dia ou de muitos dias. Não se sentia faminto ou cansado, apenas maravilhado. As estrelas brilhavam através da janela e o silêncio do céu parecia estar por toda a sua volta.

Finalmente falou, saindo de seu encantamento, com um medo repentino daquele silêncio.

— Quem é o Senhor? — perguntou ele.

— O quê? — disse Tom, ajeitando-se na poltrona, os olhos brilhando na escuridão. — Ainda não sabe meu nome? Esta é a única resposta. Diga me, quem é você, sozinho e sem nome? Mas você e jovem e eu sou velho.

Mais ancião, é o que sou. Vejam bem, meus amigos: Tom Bombadil já estav aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. Fez trilhas antes das pessoas grandes, e viu c povo pequeno chegando. Já estava aqui antes dos Reis e dos túmulos e da Criaturas Tumulares.

Quando os elfos passaram para o oeste, Tom já estava, antes de o mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando nãc havia medo — antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora.

Uma sombra pareceu passar pela janela, e os hobbits olharam rapidamente naquela direção. Quando se viraram de novo, Fruta d'Our estava na porta atrás deles, emoldurada de luz. Segurava uma vela, protegendo a chama com a mão contra a corrente de ar, e a luz fluía através dela, como flui a luz do sol através de uma concha branca.

— A chuva passou — disse ela — e novas águas correm colina abaixo, sob as estrelas. Vamos rir e nos alegrar.

— E vamos comer e beber! — gritou Tom. — Histórias compridas sã sedentas, e escutá-las é um trabalho que dá fome, de manhã, à tarde e à noite!

— Com isso pulou da poltrona, e com um movimento do corpo pegou uma vela da guarda da chaminé, acendendo-a na chama que Fruta d'Our segurava; então dançou em volta da mesa. De repente, atravessou a porta pulando e desapareceu.

Logo voltou, trazendo uma bandeja grande e carregada. Tom e Frut d'Ouro puseram a mesa; os hobbits ficaram sentados, ao mesmo tempc encantados e rindo: pela extrema beleza e graça de Fruta d'Ouro e pel alegria e esquisitice das cabriolagens de Tom. Contudo, parecia que d alguma maneira eles dançavam a mesma dança, nenhum atrapalhando o outro, os dois entrando e saindo e circulando em volta da mesa; rapidamente, comida, vasilhas e luzes foram colocadas em ordem. A madeira refletia a luz das velas, brancas e amarelas. Tom fez uma reverência diante dos convidados.

— A ceia está pronta! — disse Fruta d'Ouro; e os hobbits entã puderam ver que ela estava vestida de prateado, com um cinto branco, e seus sapatos pareciam de escama de peixe. Mas Tom estava todo de azul-

claro, o azul de miosótis recém-banhados pela chuva, e usava meias verdes.

A ceia foi ainda melhor que a anterior. Os hobbits, sob o encantamento das palavras de Tom, poderiam ter perdido uma ou muitas refeições, mas com a comida diante deles parecia que não comiam havia pelo menos uma semana. Não cantaram e nem falaram por um período, prestando muita atenção ao que estavam fazendo. Mas depois de algum tempo, seus corações e espíritos se elevaram novamente, e suas vozes soaram com jovialidade e alegria.

Depois de comerem, Fruta d'Ouro cantou varias canções para eles canções que começavam alegremente nas colinas e desciam suaves até o silêncio; e durante o silêncio, eles viam em suas mentes lagos e águas mais amplos do que jamais tinham visto, e olhando para esses lagos viam o céu sob seus pés, e as estrelas como joias nas profundezas. Então, ela desejou-lhes boa-noite mais uma vez, deixando-os perto da lareira. Mas agora Tom parecia totalmente acordado, e os cobriu de perguntas.

Parecia já saber muito sobre eles e suas famílias, e na verdade também sobre toda a história e afazeres do Condado, desde os tempos que os próprios hobbits mal lembravam.

Isso não os surpreendeu, mas Tom não escondeu que seu conhecimento se devia, em grande parte, ao velho Magote, aparentemente mais importante do que eles tinham imaginado.

— Há terra sob seus velhos pés, e barro em seus dedos; sabedoria nos ossos, e ele tem os dois olhos abertos — disse Tom. Também ficou claro que Tom tinha relações com os elfos, e parecia que, de algum modo, notícias da fuga de Frodo tinham chegado até ele através de Gildor.

E de fato, tanto sabia Tom, e tão habilidosas eram suas perguntas, que Frodo se viu contando a ele mais sobre Bilbo, e suas próprias esperanças e temores do que jamais contara a alguém, até mesmo a Gandalf.

— Mostre-me o precioso Anel! — disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa, puxou a corrente do bolso, e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom.

O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu. Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul

brilhando através do círculo de ouro. Depois Tom colocou o Anel na pont de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.

Tom riu de novo, e jogou o Anel para os ares — e ele sumiu num clarão. Frodo soltou um grito — e Tom se inclinou para frente, devolvendo o Anel com um sorriso.

Frodo examinou-o de perto, com grande suspeita (como alguém que tivesse emprestado uma joia a um ilusionista). Era o mesmo Anel, ou parecia ser o mesmo, com o mesmo peso: pois Frodo sempre tivera a impressão de que aquele Anel pesava na mão de modo estranho. Mas algo o forçava a se certificar. Talvez estivesse um pouquinho zangado com Tom, por dar tão pouca importância ao que até Gandalf considerava tão perigosamente importante. Esperou pela oportunidade, quando a conversa continuava, e Tom estava contando uma história absurda sobre os texugos e seus estranhos hábitos — nesse momento, colocou o Anel.

Merry virou-se para ele para dizer alguma coisa e levou um susto, contendo uma exclamação. Frodo estava deliciado (de certo modo): era mesmo o seu Anel, pois Merry olhava estupefato para a poltrona, e obviamente não conseguia enxergá-lo. Frodo se levantou e andou em silêncio, da lareira até a porta de entrada.

— Você aí! — gritou Tom, olhando em direção a ele com um olhar de quem enxerga perfeitamente: — Ei! Venha, Frodo! Aonde você está indo? O velho Tom Bombadil ainda não está tão cego assim. Tire seu Anel de ouro. Sua mão fica mais bonita sem ele. Volte! Largue dessa brincadeira e sente-se de novo ao meu lado! Temos de conversar um pouco mais, e pensar sobre amanhã cedo. Tom precisa lhe ensinar a estrada certa, para evitar que se perca.

Frodo riu (tentando se sentir satisfeito), e tirando o Anel voltou e se sentou de novo. Tom agora dizia que achava provável que o sol aparecesse no dia seguinte, e que a manhã seria alegre, e que poderiam ter boas esperanças ao partir.

Mas deviam ir cedo; pois o tempo naquela região era uma coisa sobre a qual nem mesmo Tom tinha certeza, e algumas vezes mudava antes que

ele pudesse trocar de jaqueta. — Não sou o senhor do tempo — disse ele bem como não o é nenhum ser de duas pernas.

Seguindo seus conselhos, decidiram rumar o máximo possível para o norte saindo da casa, sobre as encostas mais baixas do lado oeste das Colinas: dessa forma, poderiam ter esperanças de alcançar a Estrada Leste num dia de viagem, e evitar os Túmulos. Tom disse que não tivessem medo mas que cuidassem de suas próprias obrigações.

— Não saiam do capim verde. Não vão se misturar com pedras velhas ou com as Criaturas geladas, nem se intrometer em suas casas, a não ser que sejam pessoas fortes, com corações que nada temem! — Disse isso mais de uma vez e aconselhou-os a passar pelos Túmulos do lado oeste, se por acaso se aproximassem de um deles. Então ensinou-lhes uma rima para cantar, se por azar ficassem em perigo ou n'algum tipo de dificuldade no dia seguinte.

Ei! Tom Bombadillo, Tom Bombadil!
Na mata ou na colina ou junto à margem do rio,
No fogo, ao sol e à lua, ouve agora nossa voz!
Vem, Tom Bombadil, que no aperto estamos sós!

Depois de cantarem isso juntos, Tom deu tapinhas nos ombros de cada um deles com um sorriso, e levando as velas conduziu-os de volta para o quarto.

CAPÍTULO VIII: NEBLINA SOBRE AS COLINAS DOS TÚMULOS

Naquela noite não escutaram ruídos. Frodo porém não podia dizer com certeza se foi em sonhos ou acordado, que ouviu uma doce voz cantando em sua mente: uma canção que vinha como uma luz pálida atrás de uma cortina de chuva cinzenta, a voz crescendo até transformar aquele véu chuvoso em cristal e prata, para depois se distanciar, revelando aos olhos um campo muito verde sob a luz do sol.

A visão se desmanchou com o despertar, e ali estava Tom, assobiando como um bando de pássaros; o sol já subia atrás da colina, emitindo luz através da janela. Lá fora, a paisagem estava verde e dourada.

Depois do desjejum, que novamente tomaram sozinhos, os hobbits se prepararam para dizer adeus, sentindo nos corações o peso que permitia uma manhã como aquela: fresca, clara e limpa sob um céu lavado de outono, de um azul tênue. Uma brisa fresca soprava do noroeste. Os tranquilos pôneis já estavam quase ariscos, farejando e se mexendo inquietos. Tom saiu da casa e acenou com o chapéu, depois dançou na porta de entrada, dizendo que os hobbits deveriam se levantar e partir, e em boa velocidade.

Saíram cavalgando ao longo de uma trilha sinuosa que vinha de trás da casa, inclinando-se numa subida em direção ao topo da colina no lado norte, onde desaparecia.

Tinham acabado de descer dos pôneis para conduzi-los pela última ladeira íngreme, quando de repente Frodo parou.

— Fruta d'Ouro — gritou ele. — Minha linda senhora, toda vestida de verde-prata! Não lhe dissemos adeus, nem a vimos desde ontem à noite! Estava tão perturbado que já ia voltando; mas naquele momento um chamado, uma voz cristalina, desceu ondulando colina abaixo. Ali, no topo, estava ela, acenando para eles: os cabelos esvoaçavam soltos, e, conforme captavam a luz do sol, brilhavam e reluziam. Uma luz como o brilho da água sobre a grama orvalhada vinha de seus pés, enquanto dançava.

Os hobbits correram ladeira acima, e pararam sem fôlego ao lado dela.

Fizeram reverências, mas, com um aceno de braço, ela pediu que

olhassem em volta; ali, no topo da colina, puderam ver a paisagem sob a luz da manhã. Agora tudo estava claro e podia-se enxergar longe. Na vinda quando tinham parado no outeiro da Floresta, quase não puderam enxergar nada, por causa da névoa que lhes velava a visão, mas agora o outeiro aparecia, erguendo-se claro e verde por entre as árvores escuras do oeste.

Naquela direção, o terreno coberto de vegetação se levantava em cordilheiras verdes, amarelas, avermelhadas sob o sol. Atrás delas se escondia o vale do Brandevin. Ao sul, sobre a linha do Voltavime, havia um brilho distante, como de vidro claro, no ponto em que o rio Brandevin fazia uma grande curva no terreno mais baixo, para depois correr para regiões desconhecidas dos hobbits. Ao norte, além das colinas que iam sumindo, a terra fugia em espaços planos e protuberâncias cinzentas, verdes e cor de terra, até desaparecer na distância sombria e sem forma. Ao leste, as Colinas dos Túmulos se erguiam, topo atrás de topo dentro da manhã, sumindo da visão numa conjectura: não passava de uma conjectura azul, com pontos de um branco remoto, que se misturava ao céu no horizonte, mas que mesmo assim falava-lhes das montanhas altas e distantes, presentes na memória de antigas histórias.

Encheram os pulmões de ar, sentindo que um salto e alguns passos largos os levariam aonde quisessem. Parecia fraqueza d e espírito irem andando em direção à estrada ao longo das bordas enrugadas das montanhas, quando na verdade deveriam ir aos pulos, com o mesmo vigor de Tom, sobre os degraus de pedra das colinas, diretamente até as Montanhas.

Fruta d'Ouro dirigiu-lhes a palavra, chamando sobre si seus olhares e pensamentos.

— Apressem-se agora, belos convidados! — disse ela. — E continuem firmes em seus propósitos! Rumo ao norte com o vento no olho esquerdo, e sorte em seus passos! Apressem-se enquanto o sol brilha. — E para Frodo, ela disse: — Adeus, amigo-dos-elfos, foi um encontro feliz!

Mas Frodo não teve palavras para responder. Fez uma grande reverência, montou o pônei e, seguido pelos amigos, avançou lentamente, pela descida suave atrás da colina. Perderam de vista a casa de Tom Bombadil e o vale, e depois a Floresta.

O ar ficou mais quente entre as paredes verdes formadas pelas encostas das colinas; o cheiro da turfa subia forte e doce. Voltando-se, ao atingirem o fundo do vale verde, viram Fruta d'Ouro, agora pequena e esguia como uma flor ensolarada contra o céu: ainda estava ali, olhando-os, com as mãos estendidas na direção deles. No momento em que olharam, saudou-os com a voz cristalina, e levantando a mão virou-se e sumiu atrás da colina.

O caminho se estendia sinuoso ao longo do fundo do vale, volteando a base verde de uma colina íngreme, para depois chegar a outro vale mais amplo e mais fundo, continuando através das saliências de outras colinas, descendo pelas bordas longas, subindo de novo pelas encostas suaves, chegando a novos topos e descendo outros vales. Não se via árvore ou qualquer sinal de água: o território era de capim e turfa curta e macia; tudo era silêncio, a não ser pelo sussurro do ar e por gritos agudos e solitários de aves estranhas. Conforme continuavam, o sol subia e o calor aumentava. Cada vez que atingiam um topo, tinham a impressão de que a brisa diminuía. Quando olhavam em direção ao oeste, a Floresta distante parecia estar fumegando, como se a chuva que caíra estivesse subindo vaporizada, das folhas, raízes e do solo.

Agora uma sombra envolvia o horizonte, uma névoa escura sobre a qual o céu parecia um chapéu azul, quente e pesado.

Por volta de meio-dia, chegaram a uma colina cujo topo era amplo e achatado, como um prato raso com uma borda verde e elevada. Ali dentro o ar estava parado, e parecia que o céu estava perto de suas cabeças. Atravessaram o topo para olhar para o norte. Então os corações se alegraram, pois parecia óbvio que já tinham avançado mais do que esperavam. Sabiam que as distâncias agora ficavam nebulosas e incertas, mas não havia dúvida de que as Colinas estavam chegando ao fim.

Um vale comprido se estendia lá embaixo, descrevendo curvas em direção ao norte, até chegar a uma abertura entre duas encostas íngremes. Adiante, parecia não haver mais colinas. Ao norte mal se podia enxergar uma linha longa e escura. — Aquela é uma fileira de árvores — disse Merry — que deve estar demarcando a Estrada.

Ao longo dela, por muitas léguas a leste da ponte, há árvores

crescendo. Dizem que foram plantadas antigamente.

— Esplêndido! — disse Frodo. — Se conseguirmos avançar bastante esta tarde como fizemos de manhã, já teremos deixado as Colinas antes de o sol se pôr, e então poderemos caminhar à procura de um lugar para acampar. Mas no momento em que falava, olhou para o leste, e percebeu que daquele lado as colinas eram mais altas, e olhavam-nos de cima; e todas aquelas colinas estavam cobertas por montículos verdes, alguns deles com pedras fincadas, que apontavam para o céu como dentes afiados em gengivas verdes.

A paisagem tinha algo de perturbador, por isso eles se viraram e desceram para dentro do círculo côncavo. No meio dele ficava uma única pedra, que se erguia sob o sol, e que naquela hora não projetava sombras. Não tinha um formato definido, mas parecia ter um significado: como um marco, ou um dedo guardião ou, mais ainda, um aviso. Mas eles estavam famintos, e ainda era meio-dia, hora que espanta os temores; resolveram se encostar na pedra, do lado leste. Era fria, como se o sol não tivesse o poder de aquecê-la; mas naquele momento isso pareceu agradável.

Ali comeram e beberam; fizeram a melhor refeição ao ar livre que se poderia desejar, pois a comida vinha de "lá de baixo da Colina". Tom tinha arranjado o suficiente para passarem bem o dia. Os pôneis, descarregados, passeavam pela grama.

A cavalgada sobre as Colinas e a refeição pesada, o sol morno, o cheiro da turfa, o longo tempo que ficaram deitados, esticando as pernas e olhando o céu lá em cima: talvez essas coisas sejam o suficiente para explicar o que aconteceu. De qualquer modo, foi assim que aconteceu: acordaram de súbito e perturbados de um sono que não estivera em seus planos. A pedra fincada estava fria, projetando uma sombra comprida e pálida, que se estendia ao leste sobre suas cabeças.

O sol, de um amarelo claro e aguado, brilhava através da névoa logo acima da encosta oeste da concavidade em que estavam deitados; ao norte, ao sul e ao leste, além da encosta, a neblina estava espessa, fria e branca.

O ar estava quieto, pesado e gelado. Os pôneis se encostavam uns nos outros, com as cabeças para baixo.

Os hobbits pularam de pé, alarmados, e correram até a borda oeste.

Descobriram que estavam numa ilha em meio à neblina. Quando olharam tristes para o sol que se punha, viram-no afundar diante de seus olhos num mar branco, e uma sombra fria e cinzenta se espalhava no leste atrás deles. A neblina subia pelas encostas, ultrapassando a altura de suas cabeças, até se tornar um telhado: estavam enclausurados num recinto de neblina cujo ponto central era a pedra fincada.

Tiveram a impressão de que estavam sendo aprisionados numa armadilha, mas mesmo assim não se desesperaram. Ainda podiam lembrar-se da visão que os enchera de esperanças, da linha da Estrada, que ainda sabiam em que direção ficava. De qualquer modo, sentiam agora tamanha repugnância por aquele lugar côncavo em volta da pedra, que mal podiam pensar em ficar lá por mais tempo. Arrumaram as mochilas tão rápido quanto os dedos gelados permitiram.

Logo estavam conduzindo os pôneis em fila indiana sobre a borda e pela longa encosta norte da colina, mergulhando num mar de neblina. Conforme desciam, a névoa ficava mais úmida e fria, e os cabelos lhes caíam murchos sobre a testa, gotejando. Quando chegaram ao fundo do vale, estava tão frio que pararam e tiraram das mochilas capas e capuzes, que em pouco tempo ficaram cobertos de gotas cinzentas.

Depois, montados nos pôneis, continuaram lentamente, adivinhando o caminho pelas subidas e descidas do solo. Pelo que podiam imaginar, estavam rumando para a abertura em forma de portão, na extremidade norte do longo vale, que tinham visto pela manhã.

Uma vez atravessada a abertura, só teriam de se manter em linha reta o máximo possível, e no final era bem provável que atingissem a Estrada.

Não conseguiam pensar em mais nada além disso, mas tinham uma vaga esperança de que talvez, além das Colinas, não houvesse neblina.

Avançavam muito devagar. Para evitar que se separassem e vagassem em direções distintas, continuavam em fila indiana, e Frodo ia à frente. Sam estava logo atrás, depois do qual vinha Pippin, seguido por Merry. O vale parecia não ter fim. De repente Frodo viu um sinal auspicioso. Dos dois lados à frente, uma escuridão .assomava por entre a névoa, e ele supôs que finalmente estavam se aproximando da abertura nas colinas, o

portão norte das Colinas dos Túmulos. Se passassem por ali, estariam livres.

— Venham! Sigam-me! — gritou ele por sobre os ombros, e avançando rapidamente. Mas sua esperança logo se transformou em preocupação e pânico. As manchas escuras ficaram mais escuras, mas se encolheram; de repente viu, erguendo-se agourentas diante dele e se inclinando levemente uma em direção à outra como os batentes de uma porta sem trave, duas enormes pedras fincadas. Frodo não se lembrava de ter visto nenhum sinal delas no vale, quando tinha olhado da colina Pela manhã. Antes que percebesse já tinha passado entre elas: e no mesmo momento em que fez isso, foi envolvido pela escuridão.

O pônei se afastou bufando e Frodo caiu. Quando olhou para trás descobriu que estava sozinho. Os outros não o tinham seguido.

— Sam! — gritou ele. — Pippin, Merry! Venham! Por que não me acompanham? Não houve resposta. Foi tomado pelo medo e correu para trás, atravessando as duas pedras e gritando, desesperado: — Sam! Sam Merry! Pippin!

— O pônei disparou dentro da névoa e desapareceu. A certa distância, ou pelo menos assim parecia, Frodo pensou ter escutado um grito: — Ei! Frodo! Ei! — A voz parecia vir do leste, à sua esquerda. Ele estava parado, ao lado das grandes pedras, fazendo um enorme esforço para enxergar na escuridão. Mergulhou em direção ao chamado, e percebeu que estava subindo uma encosta íngreme.

Avançando com esforço, ele chamou de novo, e continuou chamando cada vez mais freneticamente, mas ficou sem resposta por um tempo; depois começou a ouvir um chamado fraco, que parecia distante e bem acima de onde estava:

— Frodo! Ei! — gritavam vozes sumidas dentro da névoa: e então um grito, como socorro, socorro! Várias vezes repetido, terminando num último socorro! Se perdeu, como um longo lamento interrompido. Frodo avançou aos tropeços, com toda a velocidade que conseguia, em direção aos gritos; mas a luz do dia se extinguira, e a noite se fechou ao seu redor, o que tornava impossível ter certeza de qualquer direção. Tinha a impressão de estar sempre subindo.

Apenas a mudança no nível do solo a seus pés lhe avisou quando

finalmente chegou ao topo de uma encosta ou colina. Estava cansado e suado, e apesar disso gelado.

A escuridão era total.

— Onde estão vocês? — gritou ele arrasado.

Não houve resposta. Ficou quieto, escutando. De repente percebeu que estava ficando muito frio, e que no ponto alto em que se encontrava o vento começava a soprar, frio como gelo. Uma mudança se operava no tempo. A névoa passava por ele agora, em trapos e farrapos. Sua respiração produzia fumaça, e a escuridão estava menos próxima e densa. Olhou para cima e viu, surpreso, que estrelas apagadas apareciam no céu, por entre chumaços apressados de nuvem e neblina.

O vento começou a chiar sobre o capim.

De repente imaginou ter ouvido um grito abafado, e foi em direção a ele; enquanto avançava, a névoa começou a subir e a se desvanecer, descobrindo o céu estrelado.

Um olhar rápido revelou que estava agora olhando para o sul, e sobre o topo redondo de uma colina, a qual provavelmente subira vindo do norte. À sua direita, erguia-se contra as estrelas do oeste uma figura escura. Ali estava um grande túmulo.

— Onde vocês estão? — gritou ele novamente, com raiva e medo.

— Aqui! — disse uma voz, profunda e fria, que parecia vir do solo. — Estou esperando você!

— Não! — disse Frodo, mas não fugiu. Os joelhos enfraqueceram, e ele caiu no chão. Nada aconteceu, e não houve nenhum ruído. Tremendo Frodo olhou para cima, em tempo de ver uma figura alta e escura, como uma sombra contra as estrelas, se inclinando sobre ele. Pensou ter visto dois olhos, muito frios, embora iluminados por uma luz pálida, que parecia vir de alguma distância remota. Então alguma coisa o prendeu, mais forte e mais fria que ferro.

O toque frio congelou seus ossos, e ele perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, por um momento não podia lembrar de nada, a não ser de uma sensação de terror. Então, de repente, percebeu que estava aprisionado, irremediavelmente preso; estava num túmulo. Tinha sido pego por uma das Criaturas Tumulares, e já estava provavelmente subjugado aos

terríveis encantamentos daquelas criaturas descritas em histórias sussurradas. Não ousou se mexer, e ficou como estava quando acordou: deitado de costas sobre uma pedra fria, com as mãos sobre o peito.

Mas, embora o medo fosse tão grande que parecia ser parte da própria escuridão que o envolvia, Frodo se viu pensando em Bilbo Bolseiro e suas histórias, nas caminhadas que faziam pelas alamedas do Condado, conversando sobre estradas e aventuras. Há uma semente de coragem escondida (bem no fundo, é verdade) no coração do hobbit mais gordo e mais tímido, aguardando algum perigo definitivo e desesperador que a faça germinar. Frodo não era muito gordo, nem muito tímido; na verdade, embora não soubesse disso, Bilbo (e Gandalf) o consideravam o melhor hobbit do Condado. Pensou que tivesse chegado ao fim de sua aventura um fim terrível, mas esse pensamento renovou suas forças. Percebeu seus músculos se contraindo, como para um salto final; deixara de se sentir frágil como uma vítima indefesa.

Enquanto estava ali deitado, pensando e tentando se controlar, percebeu que a escuridão cedia aos poucos: uma luz pálida e esverdeada crescia à sua volta.

Num primeiro momento não pôde ver em que tipo de lugar estava, pois a luz parecia emanar dele próprio, e do chão ao redor, e ainda não tinha atingido o teto ou a parede. Virou-se, e na fria escuridão viu, deitados ao lado, Sam, Pippin e Merry. Estavam de costas, com as faces totalmente pálidas, e vestidos de branco. Ao redor deles estavam muitos tesouros, talvez de ouro, embora naquela luz tivessem uma aparência fria e desagradável. Diademas adornavam-lhes a cabeça, correntes de ouro cobriam-lhes a cintura, e nos dedos tinham vários anéis. Havia espadas perto deles, e escudos aos seus pés. Mas, atravessada sobre os três pescoços, estava uma longa espada desembainhada.

De repente, começou a soar uma canção: um murmúrio frio, que subia e descia de tom. A voz parecia distante e infinitamente lúgubre, algumas vezes num tom alto e agudo subindo pelo ar, outras como um gemido grave vindo do solo. Naquela cadeia disforme de sons tristes e horríveis, seqüências de palavras tomavam forma uma vez ou outra: tristes, duras, frias palavras, impiedosas e desprezíveis. A noite blasfemava contra a

manhã que lhe fora roubada, e o frio amaldiçoava o calor pelo qual ansiava. Frodo estava congelado até os ossos. Depois de um tempo, a canção ficou mais clara aos ouvidos, e, com o coração tomado de pavor, ele percebeu que a música tinha se transformado num encantamento.

Frio haja nas mãos, no coração e na espinha,
e frio seja o sono sobre a pedra daninha:

o fim de cque nunca despertem de seu pétreo leito,
nunca, até a Lua morta, até o Sol desfeito.
Ao soprar negro dos ventos os astros vão morrer.
E eles sobre o ouro ainda irão Jazer,
até que o lorde escuro sua mão soerga
sobre o mar morto e sobre a terra negra.

Atrás de sua cabeça, Frodo escutou o ruído de algo rangendo e arranhando, Levantando-se sobre um dos braços, olhou e agora pôde ver na luz pálida que estavam num tipo de corredor, que formava uma esquina atrás deles. Vindo da esquina, um longo braço tateava, se aproximando, caminhando sobre os próprios dedos em direção a Sam, que estava mais próximo, e em direção ao cabo da espada que estava sobre ele.

Num primeiro momento, Frodo sentiu que de fato o encantamento o transformara em pedra. Depois, teve um desejo alucinado de fugir. Imaginava se, colocando o Anel, poderia escapar da Criatura Tumular e achar uma saída. Pensou em si mesmo correndo livre sobre o capim, chorando por Merry, Sam e Pippin, mas livre e vivo. Até Gandalf admitiria que não havia mais nada a ser feito.

Mas a coragem despertada ficava cada vez mais forte: não poderia abandonar seus amigos tão facilmente. Hesitou, tateando o bolso, e lutou contra si mesmo de novo; enquanto isso acontecia, o braço chegava mais perto. Subitamente, seu senso de determinação ficou mais apurado, e ele agarrou uma pequena espada que jazia ao lado, e ficando de joelhos agachou-se sobre os corpos dos companheiros. Com toda força que tinha, golpeou o braço rastejante na região do pulso, e a mão caiu decepada: mas

nesse mesmo momento, a espada se estilhaçou até o punho. Houve um grito agudo e a luz desapareceu. No escuro, ouvia-se o ruído de algo rosnando.

Frodo caiu para frente sobre Merry, sentindo seu rosto gelado.

Imediatamente voltou à sua mente, de onde tinha se ausentado logo que a neblina começara, a memória da casa lá embaixo da Colina, e de Tom cantando. Lembrou-se da rima que Tom tinha lhe ensinado. Numa voz fraca e desesperada, começou: Ei, Tom Bombadillo! E, ao pronunciar aquel nome, a voz pareceu ficar mais forte: produzia agora um som forte e vigoroso, e a câmara escura parecia ecoar tambores e cornetas.

Ei! Tom Bombadillo, Tom Bombadil!
Na mata ou na colina ou junto à margem do rio,
No jogo, ao sol e à lua, ouve agora nossa voz!
Vem, Tom Bombadil, que no aperto estamos sós!

Fez-se um silêncio súbito e profundo, durante o qual Frodo podia escutar seu coração batendo. Depois de um momento longo e lento, escutou claramente, embora distante, como se viesse de baixo da terra ou através de espessas paredes, uma voz que, respondendo, cantava:

O velho Tom Bombadil é mesmo um bom camarada;
Azul-claro é sua jaqueta e sua bota é amarelada.
Ninguém jamais o apanha porque Tom é mais sabido;
Sua canção tem mais
poder e seu pé é mais rápido.

Houve um som retumbante, como de pedras rolando e caindo, e de repente a câmara foi iluminada, por uma luz real, a luz do dia. Uma pequena abertura semelhante a uma porta apareceu na extremidade da câmara além dos pés de Frodo; e ali estava a cabeça de Tom (com chapéu pena e tudo o mais) recortada pela luz do sol que nascia vermelho atrás dela. A luz atingiu o solo e os rostos dos três hobbits deitados ao lado de Frodo. Eles não se mexeram, mas a tonalidade doentia desapareceu de suas faces. Agora parecia que estavam apenas dormindo profundamente.

Tom se abaixou, retirando o chapéu, e entrou na câmara escura,

cantando:

Sai daí, velha Criatura! Desaparece à luz do dia!
Esvai-te como a neblina, como o vento choraminga,
Pelas terras mais estéreis, além dos longes montes!
Não voltes nunca mais! Deixa o túmulo vazio!
Perdido e esquecido sejas, mais negro que o negror
Onde portões jamais se abrem, até que o mundo se conserte.

Com essas palavras, ouviu-se um grito e uma parte da extremidade interna da câmara caiu com um estrondo. Então ouviu-se um guinchc agudo blasfemando, desaparecendo numa distância inimaginável; depois disso, silêncio.

— Venha, amigo Frodo — disse Tom. — Vamos sair para o terrenc limpo Preciso de sua ajuda para levá-los.

Juntos, carregaram Merry, Pippin e Sam para fora. Quando saiu d túmulo pela última vez, Frodo teve a impressão de ter visto uma mãc decepada ainda se contorcendo, como uma aranha ferida, num amontoado de terra caída. Tom ainda entrou mais uma vez, e ouviu-se o ruído de muita pancada e pisoteio. Quando saiu, carregava nos braços uma boa parte dc tesouro: coisas de ouro e prata, cobre e bronze: muitas pedras e correntes e joias ornamentais. Subiu a colina verde e depositou-os no topo, ao sol.

Ficou ali, com o chapéu na mão e o vento nos cabelos, olhando os três hobbits, que tinham sido colocados de costas sobre o capim no lado oeste do montículo. Levantando o braço direito, disse numa voz clara e imponente: Acordem, meus camaradas! Acordem à minha voz! Coração e corpc quentes! A pedra fria a sós! A porta escura, aberta; o braço morto, quebrado A Noite já noutra Noite; o portão escancarado.

Para a alegria de Frodo, os hobbits começaram a se mexer espreguiçando-se e esfregando os olhos, e então de repente se levantaram. Olharam em volta assustados, primeiro para Frodo e depois para Tom grande como a vida, no topo da colina acima deles; e então olharam para si próprios, naqueles farrapos brancos e finos, coroados e adornados com ouro

pálido, tilintando com o som das joias.

— Que raio? — começou Merry, sentindo o diadema de ouro caindo-lhe sobre um olho. Então parou, e uma sombra cobriu-lhe o rosto, e ele fechou os olhos. — É claro, eu me lembro! — disse ele. — Os homens de Carn Dum nos alcançaram durante a noite, e fomos vencidos. Ah! A lanç no meu coração! — Agarrou o próprio peito. — Não! Não! — disse ele abrindo os olhos. — O que estou dizendo? Estive sonhando. Onde voc estava, Frodo?

— Pensei que estava perdido — disse Frodo. — Mas não quero fala sobre isso. Vamos pensar no que vamos fazer agora! Vamos embora!

— Vestidos assim, senhor? — disse Sam. — Onde estão minha roupas?

— Jogou seu diadema, o cinto e os anéis no chão, olhando em volta desesperado, como se esperasse achar sua capa, jaqueta e calças, e outras vestimentas de hobbits caídas em algum lugar ali perto.

— Você não vai mais achar suas roupas — disse Tom, pulando d túmulo e rindo enquanto dançava em volta deles à luz do sol. Podia-se pensar que nada terrível ou perigoso tinha acontecido, e na verdade o terror desapareceu de seus corações quando olharam para ele, vendo o brilho alegre daqueles olhos.

— O que está querendo dizer? — perguntou Pippin, olhando para ele, meio intrigado e meio entretido. — Por que não?

Mas Tom balançou a cabeça, e disse:

— Vocês conseguiram sair de uma grande enrascada. Roupas sã uma perda mínima, se você escapa de se afogar. Fiquem felizes, e deixem que a luz quente do sol aqueça agora coração e corpo! Tirem esses farrapo velhos. Corram nus sobre o capim, enquanto Tom vai caçar! Desceu a colin aos pulos, assobiando e cantando. Olhando para baixo em direção a ele, Frodo viu-o correndo para longe e em direção ao sul, ao longo da depressã verde entre aquela colina e a próxima, ainda assobiando e chamando:

Ei, amigos! Vamos logo! Onde se meteram?
Em cima, embaixo, perto ou longe, os pôneis se perderam?
Fuça-Fuça, Espanador, e Trombadinha!
Meia-branca, Bolo-fofo e Orelhinha!

Assim ele cantava, correndo muito, jogando o chapéu para cima e apanhando-o em seguida, até sumir numa dobra do solo: mas por algum tempo, o seu Ei, amigos! Vamos logo! Continuou chegando até eles flutuando no vento, que tinha mudado de curso e soprava do sul.

O ar estava ficando quente de novo. Os hobbits corriam sobre a grama, como Tom tinha dito. Depois, ficaram deitados, tomando banho de sol, com o deleite daqueles que foram levados de repente de um inverno rigoroso para um clima ameno, ou pessoas que, depois de ficarem muito tempo adoentadas ou de cama, um belo dia acordam e descobrem que estão inesperadamente boas, e que a nova manhã vem cheia de promessas.

Na hora que Tom voltou, já estavam se sentindo fortes (e famintos) Ele reapareceu, primeiro o chapéu, sobre a saliência da colina, e atrás dele vinham numa fila obediente seis pôneis: cinco que eram dos hobbits e mais um. Este último era justamente o Bolo-fofo: maior, mais forte, mais gordo (e mais velho) que os outros cinco. Merry, que era dono dos outros, nunca os chamara assim, mas eles passaram a atender pelos novos nomes que Tom lhes dera, até o fim de suas vidas. Tom os chamou um por um, e eles subiram a colina, ficando em fila. Depois ele fez uma reverência para os hobbits.

— Aqui estão seus pôneis, agora! — disse ele. — Eles têm mais senso (de certo modo) que vocês, hobbits errantes — mais senso nas suas narinas. Pois à distância já farejam o perigo ao qual vocês se atiram; e se correm para se salvar, então correm para o lado certo. Devem perdoá-los, pois, embora tenham corações fiéis, não foram feitos para enfrentar o terror das Criaturas Tumulares. Vejam, aqui estão eles de volta, trazendo todos os fardos!

Merry, Sam e Pippin se vestiram com roupas de reserva que tinham trazido nas mochilas; logo começaram a sentir muito calor, pois foram obrigados a colocar algumas das coisas mais grossas e quentes que haviam trazido para se proteger do inverno que chegava.

— De onde vem esse animal velho, esse Bolo-fofo? — perguntou Frodo.

— Ele é meu — disse Tom. — Meu amigo de quatro pernas, embora raramente o monte; fica por aí, livre nas encostas das colinas. Quando seus

pôneis ficaram comigo, conheceram o meu Bolo, e durante esta noite procuraram-no farejando, correndo logo para encontrá-lo. Achei que Bolo os procuraria e, com suas palavras de sabedoria, espantaria todo o medo que os dominava. Mas agora, meu alegre Bolo-fofo, o velho Tom vai montar. P Tom vai com vocês, vai levá-los até a estrada, e para isso precisa de um pônei. Pois não é fácil conversar com hobbits montados, se você for a pé, tentando correr ao lado deles.

Os hobbits ouviram aquilo deliciados, e agradeceram a Tom muitas vezes; mas ele riu, dizendo que eram tão bons em se perder, que não ficaria satisfeito até que os visse sãos e salvos além dos limites de suas terras.

— Tenho coisas a fazer — disse ele — meus afazeres e minhas cantorias, minhas conversas e caminhadas, e preciso cuidar de minhas terras. Tom não pode estar sempre por perto, para abrir portas e fendas de salgueiros. Tom tem sua casa para cuidar, e Fruta d'Ouro está esperando.

Pelo sol, podia-se ver que era de manhã, entre nove e dez horas, e os hobbits começaram a pensar em comida. A última refeição tinha sido o almoço ao lado da pedra fincada, no dia anterior. Agora comiam os restos das provisões oferecidas por Tom, com acréscimos que ele mesmo trouxera consigo. Não foi uma grande refeição (levando em consideração os hobbits e as circunstâncias) mas assim mesmo (graças a ela) se sentiram muito melhor. Enquanto comiam, Tom subiu até o túmulo e examinou os tesouros. A maioria das peças foram arrumadas numa pilha que brilhava no capim. Ordenou-lhes que ficassem ali, "à disposição de qualquer um que as achasse, aves, animais, elfos ou homens, e todas as criaturas gentis", pois assim o encanto do túmulo seria quebrado e espalhado, e nenhuma criatura voltaria àquele lugar. Escolheu para si um pequeno broche, adornado com pedras azuis que tinham muitas nuances, como flores de seda ou como as asas de borboletas azuis. Olhou longamente para a joia, como se tocado por alguma lembrança, balançando a cabeça, e finalmente dizendo:

— Aqui está um brinquedo bonito para Tom e sua bela senhora. Bela era aquela que usou isto há muito tempo sobre o ombro. Agora Fruta d'Ouro vai usá-lo e não a esqueceremos!

Para cada um dos hobbits escolheu um punhal , longo, em forma de folha e afiado, de um artesanato maravilhoso, trabalhado com formas de

serpentes vermelhas e douradas.

Os punhais brilharam quando foram retirados das bainhas pretas; eram forjados em algum tipo estranho de metal, leve e resistente, e adornado com muitas pedras que faiscavam. Seja por alguma virtude das bainhas, seja pelo encantamento do túmulo, as lâminas, sem ferrugem, afiadas, reluzentes ao sol, pareciam não ter sido alteradas pelo tempo.

— Facas velhas são longas o bastante para serem usadas como espadas pelos hobbits — disse ele. — É bom ter lâminas afiadas, se pessoas do Condado forem caminhando para o leste, para o sul, ou em direção ao perigo sombrio e distante. — Então Tom disse que aquelas lâminas tinham sido forjadas muitos anos atrás pelos homens de Ponente: eram inimigos do Senhor do Escuro, mas foram derrotados pelo maldoso rei de Carn Dum na Terra de Angmar.

— Poucos agora se recordam deles — murmurou Tom. — Mesmo assim, alguns ainda vagueiam, filhos de reis esquecidos, caminhando solitários, protegendo os incautos das coisas malignas.

Os hobbits não entenderam aquelas palavras, mas, enquanto Tom falava, tiveram uma visão que parecia muito antiga, uma planície ampla e sombria, sobre a qual caminhavam figuras de homens, altos e severos, com espadas brilhantes, e por último vinha um com uma estrela na testa. Então a visão desapareceu, e voltaram para o mundo ensolarado.

Era hora de partir novamente. Aprontaram-se, arrumando as mochilas e carregando os pôneis. As novas armas foram penduradas nos cintos de couro , embaixo dos casacos; os hobbits se sentiam muito desajeitados com elas, e imaginavam se algum dia seriam úteis. Lutar nunca tinha antes passado por suas cabeças, nem mesmo como uma das aventuras a que aquela fuga poderia conduzi-los.

Finalmente partiram, conduzindo os pôneis colina abaixo; depois, num trote rápido, seguiram ao longo do vale. Quando olharam para trás, viram o topo do velho túmulo na colina, onde a luz do sol, reluzindo sobre o ouro, subia como uma chama amarela. Depois contornaram uma saliência das colinas, e não o viram mais.

Embora Frodo olhasse em volta e para todos os lados, não viu nem sinal das duas pedras grandes, fincadas como um portão; logo chegaram à

fenda norte, passando por ela rapidamente, e a região estendeu-se diante de seus olhos. Foi uma viagem alegre, com Tom Bombadil trotando contente ao lado deles, ou à frente, montado em Bolo-fofo, que ia bem mais rápido do que prometia a sua barrigueira. Tom cantava a maior parte do tempo, mas quase tudo o que saía de seus lábios não fazia sentido, ou talvez fosse alguma língua estranha, desconhecida dos hobbits, uma língua antiga cujas palavras eram principalmente de felicidade e prazer.

Avançavam mantendo o ritmo, mas logo perceberam que a Estrada ficava muito mais à frente do que tinham imaginado. Mesmo sem neblina, o sono do meio-dia teria evitado que chegassem até ela antes de anoitecer no dia anterior. A linha escura que tinham visto não era uma fileira de árvores, mas arbustos crescendo à beira de um fosso profundo, com barrancos íngremes dos dois lados. Tom disse que, em certa época, aquele fosso tinha sido a divisa de um reino, muitos anos atrás.

Parecia se lembrar de alguma coisa triste relacionada a essa história, e não falava muito.

Desceram um barranco e subiram do lado oposto, passando através de uma fissura que havia ali, e então Tom virou-se para o norte, pois até aquele ponto tinham rumado um pouco em direção ao oeste. O terreno agora era aberto e bastante plano, de modo que apertaram o passo; mas o sol já estava bem baixo quando finalmente viram à frente uma fileira de árvores altas, e agora sabiam que tinham voltado para a Estrada, depois de muitas aventuras inesperadas. Fizeram a galope este último trecho, parando sob as sombras compridas das árvores. Estavam no alto de um outro barranco íngreme, e a Estrada, agora apagada pelo cair da noite, se estendia em curvas abaixo deles. Naquele ponto, ia quase do sudoeste para o nordeste, e à direita descia abruptamente numa depressão larga.

O solo estava acidentado, com muitos vestígios da forte chuva recém-caída; havia poças e buracos cheios de água.

Desceram o barranco, olhando para baixo e para cima. Não se via nada.

— Bem, finalmente estamos aqui de novo! — disse Frodo. — Suponho que não perdemos mais que dois dias no meu atalho através da Floresta. — Mas talvez o atraso tenha sido útil, pode tê-los feito perder nossa trilha.

Os outros olharam-no. Subitamente a sombra do medo dos Cavaleiro Negros tomou conta deles de novo. Desde que entraram na Floresta, . principal coisa que tinham em mente era voltar para a Estrada ; só agora, quando estavam diante dela, é que se lembraram do perigo que os perseguia, e que muito provavelmente os estaria esperando na própria Estrada. Olharam com ansiedade para trás, na direção do sol poente, mas a Estrada se apresentava escura e vazia .

— O senhor acha — perguntou Pippin com hesitação —, o senho acha que seremos perseguidos esta noite?

— Não, espero que não esta noite — respondeu Tom Bombadil. – Talvez nem amanhã. Mas não confiem em minhas suposições; pois nãc posso dizer nada com certeza. Para o leste, meu conhecimento falha. Tom não é o senhor dos Cavaleiros da Terra Negra, que fica distante de sua região.

Mesmo assim, os hobbits gostariam que os acompanhasse. Sentiam que ele saberia lidar com os Cavaleiros Negros, se é que alguém podia lidar com eles. Logo estariam avançando em terras completamente estranhas, além de todas as lendas do Condado, com exceção apenas das mais distantes e remotas; no crepúsculo que se formava, sentiram saudade de casa. Sentiam-se profundamente solitários e perdidos. Ficaram em silêncio relutando em se despedir pela última vez. Demorou para que percebessem que Tom estava lhes desejando boa viagem, e dizendo que mantivessem a coragem e continuassem cavalgando sem parar até anoitecer.

— Tom dará um conselho, enquanto durar este dia (depois do que serão guiados e acompanhados pela própria sorte): a quatro milhas daqui, indo pela Estrada, encontrarão uma aldeia, Bri, sob a Colina Bri, com porta viradas para o oeste. Ali vão ver uma velha estalagem chamada O Pônei Saltitante. Cevado Carrapicho é o dono, um homem respeitável. Ali poder passar a noite, e depois a manhã favorecerá vocês no seu caminho. Sejam corajosos, mas tenham cuidado! Mantenham a alegria nos corações, e partam ao encontro de seu destino!

Imploraram para que fosse pelo menos até a estalagem, e que ali bebessem juntos mais uma vez; mas Tom riu e recusou o convite, dizendo:

— Aqui termina a terra de Tom: os confins ele não passa Tem sua

casa pra cuidar, e a sua espera Fruta d'Ouro.

Depois se virou, jogou o chapéu para cima, pulou no lombo de Bolo, e foi subindo o barranco, cantando no crepúsculo. Os hobbits subiram também, e ficaram olhando até que ele desapareceu de vista.

— Fico triste por ter de me despedir do Senhor Bombadil — disse Sam. - É uma pessoa extraordinária, disso não há dúvida. Acho que podemos avançar bastante e não ver ninguém melhor, nem mais estranho. Mas não nego que ficarei feliz ao ver esse Pônei Saltitante que mencionou. Espero que seja igual ao Dragão Verde, perto de nossa casa! Que tipo de gente existe em Bri?

— Há hobbits em Bri — disse Merry —, além de pessoas grandes. Arrisco dizer que será bem parecido com nossa terra. O Pônei é uma boa estalagem, Pelo que dizem. Meu pessoal vai lá de vez em quando.

— Pode ser tudo o que desejamos — disse Frodo. — Mas de qualquer forma é longe do Condado. Não se sintam muito em casa! Por favor lembrem-se — todos vocês — de que o nome Bolseiro NÃO deve ser mencionado. Sou o Sr. Monteiro, se for preciso dar algum nome.

Montaram os pôneis e cavalgaram em silêncio dentro da noite. A escuridão foi descendo rápido, enquanto iam avançando lentamente, descendo a colina e subindo de novo, até que finalmente viram luzes piscando a certa distância.

Diante deles erguia-se a Colina Bri, barrando o caminho, uma massa escura contra estrelas sombrias; em seu flanco oeste se aninhava uma grande aldeia. Agora se apressavam em direção a ela, desejando apenas encontrar uma lareira, e uma porta que os separasse da noite.

CAPÍTULO IX: NO PÔNEI SALTITANTE

Bri era a aldeia mais importante daquela região, que era pequena e pouco habitada, semelhante a uma ilha cercada por terras desertas. Além da própria aldeia de Bri, havia Estrado do outro lado da colina; Valão, num vale profundo um pouco mais a leste, e Archet, na beirada da Floresta Chet. A redor da colina de Bri e das aldeias, havia um pequeno campo de plantações e de matas exploradas, cuja largura era de apenas algumas milhas.

Os homens de Bri tinham cabelos castanhos, eram troncudos e baixos alegres e independentes: não pertenciam a ninguém além de si próprios, mas eram mais amigáveis e chegados aos hobbits, anões, elfos, e outros habitantes do mundo em volta deles do que eram (ou são) em geral as pessoas grandes. Segundo suas próprias histórias, foram os habitantes originais e eram descendentes dos próprios homens que ocuparam o Oeste do mundo-médio. Poucos tinham sobrevivido aos tumultos dos Dias Antigos; mas quando os Reis retornaram de novo através do Grande Mar ainda encontraram os homens de Bri no mesmo lugar, onde permaneciam até aquela época, em que a memória dos velhos Reis tinha desaparecido por completo.

Naqueles dias, não havia outros homens que tivessem fixado residência em ponto tão extremo do Oeste. Mas nas regiões selvagens além de Bri havia viajantes misteriosos.

O povo de Bri os chamava de guardiões, e nada se sabia de sua origem. Eram mais altos, e tinham a pele mais escura que os homens de Bri acreditava-se que possuíam estranhos poderes de audição e visão, e que entendiam a linguagem das aves e dos animais. Vagavam à vontade para o lado do sul e para o leste, chegando até as Montanhas Sombrias; agora, no entanto, estavam reduzidos em número e raramente eram vistos. Quando apareciam, traziam notícias do mundo distante, e contavam histórias estranhas e já esquecidas que eram ouvidas com muito interesse; apesar disso, o povo de Bri não fazia amizade com eles.

Havia também muitas famílias de hobbits em Bri, e*eles* diziam ser o assentamento hobbit mais antigo do mundo, fundado antes que o rio

Brandevin fosse atravessado e o Condado colonizado. A maioria deles vivi em Estrado, embora houvesse alguns em Bri, especialmente nas encosta mais altas da colina, acima das casas dos homens. As pessoas grandes e as pessoas pequenas (como se chamavam uns aos outros) conviviam em termos amigáveis, cuidando de seus próprios afazeres e interesses, mas cada grupo se considerando acertadamente como parte necessária do povo de Bri. Em nenhum outro lugar do mundo seria possível encontrar um arranj peculiar (mas excelente) como esse.

As pessoas de Bri, grandes e pequenas, não viajavam muito e o acontecimentos nas quatro aldeias ocupavam a maior parte de seu tempo.

Uma vez ou outra, os hobbits de Bri iam até a Terra dos Buques, ou Quarta Leste; mas embora sua pequena terra não distanciasse muito mai que um dia de viagem a cavalo, partindo da Ponte do Brandevin rumando para o leste, os hobbits do Condado raramente visitavam o lugar, nos últimos tempos. Eventualmente, um morador da Terra dos Buques ou um Túk aventureiro vinha até o Pônei Saltitante, para passar uma ou dua noites, mas até isso estava ficando cada vez menos comum. Os hobbits d Condado se referiam aos de Bri, e a quaisquer outros que moravam além da fronteiras, como os de Fora, e pouco se interessavam por eles, por considerá-los enfadonhos e rudes.

Provavelmente, era muito maior o número dos de Fora espalhado pelo oeste do Mundo naqueles tempos do que o povo do Condado pudess imaginar. Alguns, sem dúvida, não passavam de vagabundos, prontos para cavar um buraco em qualquer barranco e ficar apenas o tempo que lhes aprouvesse. Mas, de qualquer modo, em Bri os hobbits eram decentes prósperos, não sendo mais rústicos que a maioria de seus parentes distantes de Dentro. Ainda não havia sido esquecida a época dos grande intercâmbios entre Bri e o Condado.

Sabia-se que havia sangue de Bri correndo nas veias do Brandebuques.

A aldeia de Bri tinha algumas centenas de casas de pedra qu pertenciam às pessoas grandes, a maioria acima da Estrada, aninhando-se nas encostas das colinas, com janelas voltadas para o oeste. Naquele lado, descrevendo mais que um semicírculo, partindo da colina e voltando a ela,

havia um fosso profundo, com uma cerca-viva espessa no lado interno. A Estrada cruzava esse fosso através de um passadiço, mas no ponto onde atingia a cerca-viva era barrada por um grande portal. Havia outro portal no canto sul, onde a Estrada saía da aldeia. Os portões eram fechados ao cai da noite; mas logo na entrada havia pequenos alojamentos para os porteiros.

Descendo a estrada, no ponto onde ela virava para a direita, contornando o pé da colina, havia uma grande estalagem. Fora construída havia muito tempo, quando o comércio nas estradas era bem mais intenso. Bri ficava num velho entroncamento de caminhos; uma outra estrada antiga cruzava a Estrada Leste, logo que saía do fosso na extremidade oest da aldeia, e nos primeiros tempos homens e outras pessoas de vários tipos tinham viajado muito por ela. Ainda existia, na Quarta Leste, o dito popular: Estranho como as notícias que vêm de Bri, que descendia daqueles dias quando as novidades do norte, sul, e leste podiam ser ouvidas na estalagem, e quando os hobbits do Condado costumavam comparecer com mais frequência para ouvi-las. Mas as Terras do Norte tinham sido havia muit abandonadas e a Estrada Norte raramente era usada: estava coberta d mato e o povo de Bri a chamava de Caminho Verde.

Entretanto, a estalagem de Bri ainda estava lá, e o dono era um pessoa importante. Sua casa era um ponto de encontro para o desocupados, conversadores e curiosos, grandes e pequenos, habitantes das quatro aldeias. Também era um refúgio para Guardiões e outras pessoas errantes, e para os viajantes (principalmente anões) que ainda viajavam pela Estrada Leste, indo e vindo das Montanhas.

Estava escuro, e estrelas brancas brilhavam, quando Frodo e seu companheiros finalmente alcançaram o entroncamento com o Caminh Verde, perto da aldeia.

Chegaram ao portão oeste e encontraram-no fechado, mas na porta de alojamento, logo adiante, estava sentado um homem, que pulou de pé e pegou uma lanterna, olhando-os através do portão, surpreso.

— O que querem, e de onde vêm? — perguntou ele de forma grosseira.

— Queremos ir até a estalagem — respondeu Frodo. — Estamos ind para o leste, e não podemos continuar a viagem esta noite.

— Hobbits! Quatro hobbits! E ainda por cima, do Condado, pelo jeit como falam — disse o porteiro, baixinho como se falasse consigo mesmo. Lançou-lhes um olhar sombrio e depois abriu o portão devagar, deixando-os entrar.

— Não é sempre que vemos pessoas do Condado viajando com pôneis pela Estrada à noite — continuou ele, quando os hobbits pararam um momento diante de sua porta. — Perdoem a minha curiosidade em saber que tipo de negócio os leva para o leste, além de Bri! Quais são seus nomes se me permitem a pergunta?

— Nossos nomes e negócios só dizem respeito a nós mesmos, e este não parece um bom lugar para discuti-los — disse Frodo, não gostando da aparência do homem e do tom de sua voz.

— Seus negócios só lhes dizem respeito, sem dúvida — disse o homem. Mas o meu trabalho é fazer perguntas depois do anoitecer, e isso me diz respeito.

— Somos hobbits da Terra dos Buques, e queríamos viajar e nos hospedar na estalagem aqui — acrescentou Merry. — Sou o Sr Brandebuque. Isso é suficiente? O povo de Bri costumava receber melhor os viajantes, ou pelo menos foi isso que ouvi falar.

— Está bem! Está bem! — disse o homem. — Não foi minha intenção ofende-los. Mas talvez mais pessoas, além do velho porteiro Harry, venham a lhes fazer perguntas. Há pessoas estranhas por aqui. Se forem ao Pônei verão que não são os únicos hóspedes.

Desejou-lhes boa noite, e os hobbits não disseram mais nada, mas Frodo podia ver pela luz da lanterna que o homem ainda estava olhando para eles, cheio de curiosidade.

Perguntava-se o que teria deixado o porteiro tão desconfiado, e se alguém estivera indagando sobre um grupo de hobbits. Poderia ter sido Gandalf. Era provável que ele tivesse chegado, durante o tempo em que ficaram na Floresta e nas Colinas. Mas algo na aparência e na voz do porteiro o deixava inquieto.

O homem ficou observando os hobbits por um momento, e então entrou na casa. Logo que virou as costas, uma figura escura rapidamente pulou por sobre o portão, desaparecendo nas sombras da rua da aldeia.

Os hobbits subiram uma ladeira suave, passando por algumas casas isoladas, e pararam na frente da estalagem. As casas tinham uma aparência grande e estranha para eles. Sam contemplou a estalagem com seus três andares e muitas janelas, e sentiu seu coração apertado. De vez em quando, durante a viagem, imaginara encontrar gigantes mais altos que árvores, e outras criaturas ainda mais aterrorizantes, mas naquele momento estava achando que a primeira vista dos homens e de suas casas altas já era o suficiente, para não dizer demais, para o final escuro de um dia cansativo. Começava a pensar em cavalos negros, todos já selados, nas sombras do pátio da estalagem, e em Cavaleiros Negros espiando das escuras janelas de cima.

— É claro que não vamos passar a noite aqui, não é, senhor? — exclamou ele. — Se existem hobbits por essas bandas, por que não procuramos algum que esteja disposto a nos hospedar? Poderíamos nos sentir mais à vontade.

— Qual é o problema com a estalagem? — perguntou Frodo. — Tom Bombadil a recomendou. Espero que seja bastante aconchegante lá dentro.

Mesmo vista de fora, a estalagem parecia uma casa agradável aos olhos de quem a conhecia. A parte da frente dava para a Estrada, e dois pavilhões estendiam-se para os fundos, construídos em terrenos parcialmente cortados das encostas mais baixas da colina, de modo que, na parte posterior, as janelas do segundo andar ficavam ao nível do solo. Havia um grande arco pelo qual se chegava ao pátio entre os dois pavilhões e à esquerda sob o arco havia um grande saguão de entrada, precedido de alguns degraus largos. A porta estava aberta, deixando escapar a luz do interior. Sobre o arco havia uma lamparina e embaixo dela estava pendurada uma grande tabuleta que trazia o desenho de um pônei branco e roliço, empinado sobre as patas traseiras. Sobre a porta estava pintado, em letras brancas:

O Pônei Saltitante de Cevado Carrapicho

Muitas das janelas mais baixas mostravam luz por trás de grossas cortinas.

Enquanto hesitavam lá fora no escuro, alguém começou a cantar algc alegre do lado de dentro, e várias vozes animadas acompanharam, cantando alto o refrão. Ficaram escutando esses sons animados por alguns momentos e então desceram dos pôneis. A canção acabou numa explosão de aplausos e risadas.

Os hobbits conduziram os pôneis sob o arco, e após deixá-los no pátic subiram os degraus. Frodo foi na frente e quase trombou com um homem gordo e baixo, careca e de rosto vermelho. Usava um avental branco, e saía alvoroçado por uma porta para entrar por outra, carregando uma bandeja repleta de canecas cheias.

— Será que... — começou Frodo.

— Um instantinho, por favor! — gritou o homem por sobre os ombros, desaparecendo naquela babei de vozes, em meio a uma nuvem de fumaça. Mais um momento e já aparecia de novo, limpando as mãos no avental.

— Boa noite, pequeno senhor! — disse ele, com uma reverência que fez com que sua cabeça quase tocasse o chão. — Em que posso ajudá-lo? . — Queremos cama para quatro pessoas, e lugares no estábulo para cincc pôneis, se isso puder ser arranjado. É o Sr. Carrapicho?

— Está certo! Cevado é meu nome. Cevado Carrapicho às sua ordens! São do Condado, hein? — disse ele, e então de repente bateu a mãc na testa, como se tentasse lembrar alguma coisa. — Hobbits — gritou ele. — De que isso me faz lembrar? Posso perguntar seus nomes, senhor?

— Sr. Túk e Sr. Brandebuque — disse Frodo. — E este é Sam Gam Meu nome é Monteiro.

— Veja só — disse o Sr. Carrapicho, estalando os dedos. — Fugiu-me da cabeça de novo! Mas vai voltar, quando eu tiver tempo para pensar. Nem consigo acompanhar minhas pernas, mas vou ver o que posso fazer para ajudá-los. Atualmente é bem raro termos aqui um grupo vindo do Condado, e eu ficaria triste se não pudesse recebê-los. Mas a quantidade de pessoas aqui hoje ultrapassou o habitual. Desgraça pouca é bobagem, comc se costuma dizer em Bri. Ei, Nob — gritou ele. — Onde está, seu trapalhã de pés peludos? Nob?

— Estou indo, senhor! Estou indo! — Um hobbit de aparência alegre surgiu por uma porta, e, vendo os viajantes, parou de repente, olhando-os

com grande interesse.

— Onde está Bob? — perguntou o proprietário. — Você não sabe' Bem, encontre-o! Rapidinho! Não tenho seis pernas, nem seis olhos! Diga Bob que há cinco pôneis para acomodar no estábulo. Ele tem de achar espaço de algum jeito. — Nob saiu pisando duro, com um sorriso e piscando um olho.

— Bem, agora, o que eu ia dizendo? — disse o Sr. Carrapicho batendo na testa. — Uma coisa faz esquecer a outra, por assim dizer. Estou tão ocupado hoje que minha cabeça está girando. Há um grupo que veio do Sul e chegou pelo Caminho Verde a noite passada — e isso já foi esquisito o suficiente, para começar. Depois apareceu hoje uma comitiva de anões indo para o Oeste. E agora vocês. Se não fossem hobbits, duvido que poderíamos acomodá-los. Mas temos um ou dois quartos no pavilhão norte que foram feitos especialmente para hobbits, quando este lugar foi construído. No andar térreo, como geralmente preferem, com janelas redondas e tudo o que gostam. Espero que fiquem bem acomodados. Estão querendo cear, sem dúvida. Logo que for possível. Agora, por aqui! Conduziu-os por alguns metros de um corredor e abriu uma porta. Aqui está uma boa salinha! — disse ele. — Espero que gostem. Agora desculpem-me por estar tão ocupado. Não há tempo para conversas. Devo ir andando. É um trabalho duro para duas pernas, mas nem assim eu emagreço. Passarei por aqui mais tarde. Se quiserem qualquer coisa, toquem a campainha, e Nob virá até aqui . Se não vier, toquem de novo e gritem!

Saiu finalmente, e deixou-os com a sensação de estarem sem fôlego.

Parecia capaz de falar sem parar, e não importava o quão ocupado estivesse. Viram-se numa sala pequena e confortável. Havia um belo fogo queimando n a lareira, em frente do qual ficavam algumas poltronas baixas e confortáveis. Havia uma mesa redonda, já coberta com uma toalha branca, e sobre ela uma grande campainha, Mas Nob, o empregado hobbit, veio esbaforido antes que eles pensassem em tocá-la. Trouxe velas e uma bandeja cheia de pratos.

— Querem alguma coisa para beber, senhores? — perguntou ele. — Gostariam que lhes mostrasse os quartos, enquanto a ceia está sendo preparada? Já tinham tomado banho e estavam em meio a muitas canecas

de cerveja quando o Sr. Carrapicho e Nob vieram de novo. Num piscar d olhos, a mesa estava posta. Havia sopa quente, carnes frias, uma torta de amoras, pães frescos, nacos de manteiga, e meio queijo curado: comida boa e simples, boa como a do Condado, e suficientemente semelhante à de casa para afastar os últimos receios de Sam (já bastante diminuídos pela excelência da cerveja).

O proprietário ficou por ali uns momentos e depois se propôs a ir embora.

— Não sei se gostariam de se juntar ao grupo, depois de cearem — disse ele parando na porta.

— Talvez prefiram ir para suas camas. Mas mesmo assim o grupo ficaria muito satisfeito em recebê-los, se quisessem isso. Não recebemos visitantes de Fora – quer dizer, viajantes do Condado, é melhor que eu diga me desculpem — com frequência, e gostaríamos de ouvir alguma novidade, ou alguma história ou canção de que se lembrem. Mas, como quiserem! Toquem a campainha se faltar alguma coisa.

Sentiam-se tão reconfortados e encorajados ao final da ceia (que durou cerca de três quartos de hora ininterruptos, e sem conversa jogada fora) que Frodo, Pippin e Sam decidiram juntar-se ao grupo. Merry disse que lá estaria muito abafado. — Vou ficar aqui quieto, perto do fogo por um tempo, e talvez depois eu saia para respirar ar puro. Cuidado com o que vão dizer, e não esqueçam que nosso plano é fugir em segredo, e ainda estamos na estrada alta não muito longe do Condado.

— Está certo! — disse Pippin. — Cuide-se! Não se perca e não se esqueça de que já fora é menos seguro que aqui dentro! O grupo estava na grande sala de estar da estalagem. Havia um grande número de pessoas, e de todos os tipos, como descobriu Frodo depois que seus olhos se acostumaram à luz. A iluminação vinha principalmente de um fogo alimentado por achas de lenha, pois as três lamparinas penduradas às vigas emitiam uma luz fraca, meio velada pela fumaça. Cevado Carrapicho estava em pé perto do fogo, conversando com alguns anões e com um ou dois homens de aparência estranha. Nos bancos sentavam-se vários tipos de pessoas: homens de Bri, um grupo de hobbits nativos (sentados, conversando), mais alguns anões e outras figuras vagas, difíceis de distinguir

nas sombras e cantos.

Assim que os hobbits do Condado chegaram, ouviu-se um coro de boas-vindas, que vinha dos habitantes de Bri. Os estranhos, especialmente aqueles que tinham vindo pelo Caminho Verde, olharam-nos curiosos. O proprietário apresentou os recém — chegados às pessoas de Bri tão rapidamente que, embora tenham escutado muitos nomes, mal podiam ter certeza sobre quem tinha que nome. Os homens de Bri pareciam ter nomes bastante botânicos (e para o povo do Condado, bastante esquisitos) como Junco, Barba-de-Bode, Urzal, Macieira, Cardo e Samambaia (para não falar em Carrapicho). Alguns dos hobbits tinham nomes similares. Os Artemisas, por exemplo, pareciam ser numerosos. Mas a maioria deles tinha nomes naturais, como Ladeira, Texugo, Buraqueiro, Areias e Tuneloso, muitos dos quais eram usados no Condado, Havia vários Monteiros de Estrado, e com estes não podiam conceber a ideia de ter o mesmo nome de alguém de quem não fossem parentes, acolheram Frodo como um primo que estivera longe muito tempo.

Os hobbits de Bri eram, na verdade, simpáticos e curiosos, e Frodo logo descobriu que teria de dar alguma explicação sobre o motivo que o trazia ali. Justificou que estava interessado em história e geografia (ao que várias cabeças balançaram em sinal de aprovação, embora nenhuma dessas duas palavras fosse muito usada no dialeto de Bri). Frodo disse que estava pensando em escrever um livro (ao que se fez um silêncio atônito), e que ele e seus amigos queriam coletar informações sobre os hobbits que moravam fora do Condado, especialmente nas terras do Leste.

Depois que falou isso, um coro de vozes irrompeu. Se Frodo realmente quisesse escrever um livro, e se tivesse muitas orelhas, teria coletado o suficiente para sete capítulos em poucos minutos. E, como se isso não bastasse, foi feita uma lista, começando com "o velho Carrapicho aqui", de nomes de pessoas a quem poderia recorrer se precisasse de informações mais detalhadas. Mas, depois de um tempo, como Frodo não fizesse menção de escrever um livro ali mesmo, os hobbits voltaram às suas perguntas sobre as coisas do Condado. Frodo não se mostrou muito comunicativo, e logo se viu sentado num canto, sozinho, ouvindo e olhando ao redor.

Os homens e anões falavam a maior parte do tempo sobre

acontecimentos distantes, trazendo novidades de um tipo que já estava ficando bem comum.

Havia problemas no Sul, e parecia que os homens que tinham vindo pelo Caminho Verde estavam de mudança, procurando terras onde pudessem encontrar um pouco de paz.

O povo de Bri se mostrava solidário, mas não parecia muito preparado para receber um grande número de forasteiros em sua pequena região. Um dos viajantes, camarada vesgo e de aparência desagradável, estava prevendo que mais e mais pessoas viriam para o Norte num futuro próximo. — Se não providenciarem lugares para eles, eles mesmos farão isso, pois têm direito de viver, como as outras pessoas — disse ele em voz alta. Os habitantes locais não pareciam contentes diante da perspectiva.

Os hobbits não prestavam muita atenção a tudo isso, e parecia que aquele assunto não lhes dizia respeito, pelo menos por enquanto, Em termos práticos, as pessoas grandes não poderiam mendigar acomodações em tocas de hobbits. Por isso estavam mais interessados em Sam e Pippin, que agora se sentiam perfeitamente à vontade, e conversavam alegremente sobre os acontecimentos do Condado. Pippin estava provocando uma onda de risos ao fazer um relatório sobre a queda do telhado da Toca Municipal em Gra Cava: Will Pealvo, o prefeito e o hobbit mais gordo da Quarta Oeste, ficou coberto de cal, e saiu de lá como um bolinho coberto de farinha. Mas muitas das perguntas feitas deixaram Frodo um pouco inquieto. Um dos habitantes de Bri, que parecia ter estado no Condado muitas vezes , queria saber onde os Monteiros moravam e de quem eram parentes.

De repente Frodo percebeu que um homem de aparência estranha e marcada pelos anos, sentado num canto escuro, também estava escutando a conversa dos hobbits com muita atenção. Tinha uma caneca alta à sua frente, e fumava um cachimbo de haste longa, talhado de forma curiosa. As pernas estavam esticadas, mostrando botas altas de couro macio que lhe serviam bem, mas já bastante surradas e agora cobertas de lama. Uma capa cheia de marcas de viagem, feita de um tecido verde-escuro, o cobria quase por completo, e apesar do calor da sala, ele usava um capuz que lhe ocultava o rosto em sombras; mas podia-se ver o brilho em seus olhos enquanto observava os hobbits.

— Quem é aquele? — perguntou Frodo, quando teve uma chance de cochichar para o Sr. Carrapicho. — Acho que não fomos apresentados.

— Aquele? — disse o proprietário, cochichando uma resposta, erguendo a sobrancelha sem voltar a cabeça. — Não sei ao certo. É um dos errantes, os guardiões, como os chamamos. Raramente fala: no máximo conta uma história diferente, quando lhe dá na cabeça. Desaparece por um mês, um ano, e então aparece de novo. Chegou e partiu com bastante frequência na última primavera: mas não t em vindo muito aqui nos últimos tempos. Nunca ouvi o seu verdadeiro nome, mas é conhecido como Passolargo. Suas pernas longas andam numa velocidade muito grande; mas ele não conta a ninguém o motivo de tanta pressa. Mas não dá para explicar o leste e o oeste, como dizemos aqui em Bri, referindo-nos às excentricidades dos guardiões e do pessoal do Condado, sem querer ofender o senhor. É interessante que tenha perguntado sobre ele.

Mas nesse momento o senhor Carrapicho foi chamado por alguém pedindo mais cerveja, e aquela última observação ficou sem explicação.

Frodo percebeu que Passolargo olhava agora para ele, como se tivesse ouvido ou adivinhado tudo o que se conversou. Naquele mesmo momento, com um aceno de mão e um sinal de cabeça, convidou Frodo a sentar-se com ele. Quando Frodo se aproximou, Passolargo jogou o capuz para trás deixando à vista uma cabeça despenteada, coberta de cabelos escuros com mechas grisalhas, e num rosto austero e pálido um par de olhos cinzentos e penetrantes.

— Chamam-me Passolargo — disse ele numa voz baixa. — Estou muito satisfeito em conhecê-lo, senhor Monteiro, se o velho Carrapicho me disse o nome certo.

— Disse sim — respondeu Frodo secamente. Estava longe de se senti à vontade, sob o efeito daqueles olhos penetrantes.

— Bem, senhor Monteiro — disse Passolargo. — Se fosse o senhor, não deixaria seus jovens amigos falarem demais. Bebida, lareira e encontros casuais são bastante agradáveis, mas, bem, aqui não é o Condado. Existem pessoas estranhas por aqui. Apesar de que provavelmente o senhor esteja achando que não tenho o direito de dizer isso — acrescentou ele com um sorriso oblíquo, vendo o olhar de Frodo. — E viajantes ainda mais estranhos

já passaram aqui por Bri ultimamente — continuou ele, atento ao rosto de Frodo.

Frodo retribuiu o olhar mas não disse nada; Passolargo não fez mais nenhum sinal. Parecia ter fixado a atenção em Pippin. Alarmado, Frodo percebeu que o ridículo jovem Túk, encorajado pelo sucesso obtido com a história do prefeito de Grã Cava, fazia agora um relato cômico da festa de despedida de Bilbo. Já estava começando a imitar o Discurso, quase atingindo o ponto do surpreendente Desaparecimento.

Frodo estava zangado. A história era bastante inofensiva para a maioria dos hobbits do lugar: apenas uma história divertida sobre aquelas pessoas engraçadas que moravam do outro lado do Rio; mas certas pessoas (o velho Carrapicho, por exemplo) sabiam uma coisa ou outra, e provavelmente tinham ouvido rumores sobre o desaparecimento de Bilbo, muito tempo atrás. Isso traria o nome Bolseiro às suas mentes, especialmente se em Bri alguém tivesse perguntado sobre ele.

Frodo se impacientava, tentando decidir o que fazer. Pippin evidentemente estava apreciando muito a atenção da platéia, e tinha se esquecido do perigo que corriam.

Frodo de repente receou que, naquela disposição, Pippin pudesse mencionar o Anel, o que provavelmente seria desastroso.

— É melhor fazer algo logo! — cochichou Passolargo em sua orelha. Frodo pulou, ficando em pé numa mesa, e começou a falar. A atenção da platéia de Pippin foi desviada.

Alguns dos hobbits olharam para Frodo e riram, batendo palmas pensando que o Sr. Monteiro tinha tomado toda a cerveja a que tinha direito.

Frodo de repente se sentiu muito tolo, e se viu (como era seu hábito quando fazia um discurso) tateando as coisas que tinha no bolso. Sentiu o Anel na corrente, e quase sem perceber foi tomado pelo desejo de colocá-lo e desaparecer daquela situação imbecil. Tinha a impressão de que, de alguma maneira, a sugestão o alcançava vinda de fora, de alguém ou alguma coisa na sala. Resistiu firmemente à tentação, e fechou o Anel na mão, como se para mantê-lo sob controle e evitar que escapasse ou o enganasse. De qualquer modo, o Anel não lhe trouxe inspiração.

Pronunciou "algumas palavras adequadas", como teriam dito no Condado: Estamos todos muito agradecidos pela gentileza de sua recepção e me aventuro a ter esperanças de que minha breve visita ajude a renovar os velhos laços de amizade entre o Condado e Bri; depois disso, hesitou e tossiu. Todos na sala agora olhavam para ele.

— Uma canção — gritou um dos hobbits.

— Uma canção! Uma canção! — gritaram todos os outros. — Vamos lá, agora, senhor, cante alguma coisa que nunca ouvimos antes.

Por um instante, Frodo parou embasbacado. Então, desesperado começou uma canção ridícula muito apreciada por Bilbo (e da qual na verdade se orgulhava muito, pois ele mesmo tinha feito a letra). Era sobre uma estalagem, e talvez por isso tenha vindo à mente de Frodo exatamente naquele momento. Aqui está a canção completa. Hoje em dia, geralmente apenas algumas palavras dela são lembradas.

Existe um lugar, alegre e antigo,
ao pé da colina rara;
Lá tem cerveja tão escura
Que o Homem da Lua veio à procura uma noite e encheu a cara.
O dono tem um gato alcoólatra que sabe tocar violino;
Sobe e desce o arco suave,
Em cima agudo, embaixo grave, no meio serrote fino.
O dono tem um vira-lata que adora ouvir piadas;
Quando o povo está animado,
Empina a orelha concentrado e ria bandeiras despregadas.
Tem também vaca chifruda orgulhosa como rainha;
Ela gosta de música à beça,
Rebola o rabo e arremessa dançando solta sozinha.
Ai! os lindos pratos de prata e os talheres em quantidade!
Há aos domingos um par convidado,
E tudo é polido e cuidado ao sábado pela tarde.
O Homem da Lua vai bebendo, o gato toca com bossa;
Prato e garfo dançam na hora,
Rebola a vaca lá,fora, e o vira-lata o rabo coça.
O Homem da Lua pede mais uma, sob a mesa depois cai;

Dorme e sonha com mais cerveja,
Vai-se a noite benfazeja e a aurora chegando vai.
Diz o dono ao gato alto.
Os cavalos brancos da Lua Rinchando mordem o freio;
Mas seu dono dorme feio e o sol já se insinua.
O gato então de novo ataca num som de acordar finado:
Vai serrando enquanto pode o dono o Homem sacode:
— São mais de três — diz o coitado.
Homem levam para a colina e o enrolam na própria Lua,
Os cavalos atrás galopando,
Qual veado a vaca saltando, e um prato pula pra rua.
Mais depressa toca o violino; o vira-lata põe-se a ladrar,
Cavalo e vaca de bananeira;
Querer dormir é brincadeira: todos voltam a dançar.
Pingue! Pongue! As cordas se partem!
A vaca pula pra Lua, O vira-lata põe-se a rir,
Um prato ameaça fugir com colher que não é sua.
A Lua redonda foi embora, e o sol que agora vai surgir
Não acredita no que vê,
Porque, apesar do amanhecer, agora todos vão dormir.

Houve um aplauso longo e alto. Frodo tinha uma boa voz, e a canção tinha provocado a imaginação deles.

— Onde está o velho Cevado? — gritavam eles. — Ele tem de ouvi esta. Bob tinha de ensinar o gato dele a tocar violino, e então teríamos um baile. — Pediram mais cerveja e começaram a gritar: — Cante de novo senhor! Vamos! Mais uma vez!

Fizeram Frodo tomar mais uma caneca e começar a canção de novo enquanto muitos o acompanhavam, pois a melodia era bem conhecida, e eles eram rápidos para pegar a letra. Agora era a vez de Frodo se sentir ben consigo mesmo. Fazia cabriolagens em cima da mesa, e no momento em que ia cantar a vaca pula pra Lua, deu um salto no ar. Vigoroso demais, pois ele caiu, bateu numa bandeja cheia de canecas, escorregou e rolou da mesa para cair no chão com um estrondo de pancada, talheres tinindo e depois o

golpe de algo batendo no chão. A platéia toda abriu a boca preparando uma risada, mas ficou boquiaberta num silêncio atônito: o cantor desaparecera. Simplesmente desvanecera, como se tivesse escapado através do assoalho sem deixar buraco!

Os hobbits do lugar ficaram olhando assustados; depois puseram-se de pé e chamaram Carrapicho. Todo o grupo se afastou de Sam e Pippin que se viram deixados de lado num canto, passando a ser observados com olhos sombrios e desconfiados, a certa distância. Agora ficava claro que muitas pessoas os consideravam como acompanhantes de um mágico itinerante, cujos poderes e propósitos não eram conhecidos.

Mas havia um habitante de Bri de pele escura, que ficou olhando para eles como quem sabia das coisas, e com um ar zombeteiro que os deixava pouco à vontade. Depois escapou pela porta, sendo seguido pelo sulista vesgo: os dois tinham estado cochichando juntos por um bom tempo durante a noite. Harry, o porteiro, também saiu logo após eles.

Frodo se sentiu um perfeito idiota. Não sabendo mais o que fazer, foi se arrastando por baixo das mesas até o canto escuro onde estava Passolargo que, sentado sem mover um dedo, não demonstrava o que pensava. Frodo se encostou na parede e tirou o Anel. Como tinha vindo parar em seu dedo ele não sabia. Só podia supor que estivera mexendo no bolso enquanto cantava, e que de alguma forma o Anel escorregara em seu dedo, no momento em que tinha feito um movimento brusco para amortecer a queda.

Por um instante, chegou a se perguntar se o próprio Anel não lhe tinha pregado uma peça; talvez tivesse tentado se revelar em resposta a algum desejo ou ordem que foi sentida na sala. Frodo não tinha gostado da cara dos homens que tinham saído.

— Bem... — disse Passolargo, quando Frodo reapareceu. — Por que fez aquilo? Foi pior do que qualquer coisa que seus amigos pudessem dizer. Você atolou o pé na...Ou será que deveria dizer, atolou o dedo?

— Não sei o que quer dizer — disse Frodo, perturbado e alarmado.

— Ah, você sabe sim! — respondeu Passolargo. — Mas é melhor esperarmos até o tumulto acabar. Depois, por favor, Sr. Bolseiro, eu gostaria de trocar umas palavras com o senhor em particular.

— Sobre o quê? — perguntou Frodo, ignorando o uso repentino de seu nome.

— Um assunto de certa importância, para nós dois — respondeu Passolargo, olhando nos olhos de Frodo. — Você pode ouvir alguma coisa de seu interesse.

— Muito bem — disse Frodo, tentando parecer despreocupado. — Conversaremos mais tarde.

Enquanto isso, a discussão continuava ao lado da lareira. O Sr Carrapicho tinha chegado pisando firme, e agora tentava escutar vários relatos dispares sobre o evento, tudo ao mesmo tempo.

— Eu o vi, Sr. Carrapicho — disse um hobbit —, ou pelo menos não vi, se entende o que quero dizer. Ele simplesmente desapareceu no ar, por assim dizer.

— Não me diga, Sr. Artemisa — exclamou o proprietário, parecendo intrigado.

— Digo sim! — respondeu Artemisa. — E ainda por cima sei do que estou falando.

— Existe alguma coisa errada — disse Carrapicho, balançando a cabeça. — Aquele Monteiro era grande demais para se desfazer assim em puro ar, ou em ar impuro, como é mais provável aqui nesta sala.

— Bem, onde ele está agora? — gritaram várias vozes.

— Como é que posso saber? Ele pode ir para onde quiser, contanto que pague a conta amanhã cedo. Temos aí o Sr. Túk. Ele não desapareceu.

— Bem, eu vi o que vi, e vi o que não vi — disse Artemisa obstinadamente.

— E eu insisto que deve haver algo errado — repetiu Carrapicho apanhando a bandeja e recolhendo os cacos.

— É claro que há algo errado! — disse Frodo. — Eu não desapareci Aqui estou! Estava só trocando umas palavrinhas com o Sr. Passolargo aqu no canto.

Avançou até a luz da lareira, mas a maioria do grupo se afastou, ainda mais perturbada que antes. Não estavam nem um pouco satisfeitos com a explicação de que Frodo tinha se arrastado rapidamente sob as mesas depois de sua queda. A maioria dos hobbits e homens de Bri saiu dal

ofendida, sem ânimo para mais divertimento naquela noite. Um ou dois deles olharam feio para Frodo e foram embora resmungando entre si. Os anões e os dois ou três homens estranhos que ainda permaneciam se levantaram e disseram boa noite ao proprietário, mas não a Frodo e seus amigos. Logo todo mundo tinha saído, com a exceção de Passolargo, que continuava sentado, despercebido, perto da parede.

O Sr. Carrapicho não parecia muito desconcertado. Achava provavelmente, que seu estabelecimento ficaria cheio de novo nas próximas noites, até que o mistério atual tivesse sido completamente debatido. — Agora, o que andou fazendo, Sr. Monteiro? — perguntou ele. — Amedrontando meus clientes e quebrando minhas canecas com suas acrobacias?

— Sinto muito por ter causado problemas — disse Frodo. — Não tive a intenção, pode ter certeza. Foi um terrível acidente.

— Está bem, Sr. Monteiro! Mas se o senhor for fazer mais algum acrobacia, ou feitiçaria, ou o que quer que seja, é melhor que avise as pessoas com antecedência — e me avise. O pessoal daqui é meio desconfiado de qualquer coisa que não seja normal — esquisita, se o senhor me entende, e nós não nos acostumamos de uma hora para outra.

— Não farei mais nada assim de novo, Sr. Carrapicho, eu lhe prometo. E agora acho que vou dormir. Amanhã devemos acordar cedo Será que pode providenciar para que nossos pôneis estejam prontos por volta das oito horas?

— Muito bem, mas antes que parta, Sr. Monteiro, eu gostaria de trocar uma palavra com o senhor em particular. Uma coisa acabou de voltar à minha memória, e eu preciso lhe contar. Espero que não leve a mal. Preciso cuidar de umas coisas, e depois vou até o seu quarto, se o senhor permitir.

— Certamente! — disse Frodo, mas seu coração ficou gelado Perguntava-se quantas conversas em particular teria antes de dormir, e o que elas revelariam. Estariam todas aquelas pessoas unidas contra ele? Frodo começou até a desconfiar que o rosto gordo de Carrapicho escondia desígnios obscuros.

CAPÍTULO X: PASSOLARGO

Frodo, Sam e Pippin voltaram para a pequena sala. Estava tud escuro.

Merry ainda não tinha chegado e o fogo já quase se extinguira. Foi s quando reavivaram as brasas e jogaram mais gravetos na lareira que descobriram que Passolargo os tinha acompanhado. Ali estava ele calmamente sentado numa poltrona perto da porta.

— Olá! — disse Pippin. — Quem é o senhor, e o que deseja?

— Chamam-me Passolargo — respondeu ele. — E embora possa te esquecido, seu amigo prometeu conversar comigo em particular.

— O senhor disse que poderia me dizer algo do meu interesse — disse Frodo. — O que é?

— Várias coisas — respondeu Passolargo. — Mas, é claro, tenho meu preço.

— Que quer dizer? — perguntou Frodo secamente.

— Não se assuste! E só isto: Direi o que sei, e darei bons conselhos a senhor — mas vou querer uma recompensa.

— E qual será ela? eu pergunto — disse Frodo. Suspeitava agora qu tinha caído nas mãos de um chantagista, e lembrava com certo desconforto que tinha trazido apenas uma pequena quantia em dinheiro. Tudo o que tinha mal satisfaria um patife daqueles, e ao mesmo tempo não era dinheiro que pudesse jogar fora.

— Nada que não esteja ao seu alcance — respondeu Passolargo com um sorriso lento, como se adivinhasse o pensamento de Frodo. — Apenas isto: deve me levar junto com o senhor, até que eu queira abandoná-lo.

— Ah, é?! — retorquiu Frodo surpreso, mas não muito aliviado. — Mesmo que precisasse de mais um companheiro, eu não concordaria com uma coisa dessas, não antes de saber mais sobre o senhor e suas atividades.

— Excelente! — exclamou Passolargo, cruzando as pernas e se recostando na cadeira. — Parece que o senhor está voltando ao normal de novo, e isso é ótimo. Até agora foi descuidado demais. Muito bem! Direi que sei, e deixarei a recompensa por sua conta. Ficará feliz em garanti-la,

depois de me ouvir.

— Então prossiga! — disse Frodo. — O que o senhor sabe?

— Muito; muitas coisas obscuras — disse Passolargo com uma voz triste. — Mas em relação ao seu negócio... — ele se levantou e dirigiu-se até a porta, abrindo-a e olhando para fora rapidamente. Depois fechou-a sem fazer ruído e sentou-se de novo. — Tenho ouvidos atentos — continuou ele, abaixando a voz. — E, embora eu não possa desaparecer, já cacei muitas coisas ferozes e espertas, e geralmente posso evitar que me vejam, se desejar. Agora, eu estava atrás da cerca-viva esta noite, na Estrada a oeste de Bri quando quatro hobbits apareceram, vindo da região das colinas. Não preciso repetir tudo o que disseram ao velho Tom Bombadil, ou o que conversaram entre si, mas uma coisa me interessou. Por favor. Lembrem-se, disse um deles, de que o nome Bolseiro não deve ser mencionado. Sou o Sr. Monteiro Se for preciso dar algum nome. Isso me interessou tanto que eu os segui até aqui. Pulei o portão logo atrás deles. Talvez o Sr. Bolseiro tenha um motivo honesto que o faça deixar para trás o próprio nome; mas se for assim, devo pedir que ele e seus amigos sejam mais cautelosos.

— Não vejo por que meu nome possa despertar interesse em Bri — disse Frodo furioso. — E ainda preciso saber o motivo do seu interesse. O Sr Passolargo pode ter um motivo honesto para ficar espionando; mas se for assim, devo pedir que se explique.

— Boa resposta — disse Passolargo rindo. — Mas a explicação é simples: eu estava procurando um hobbit chamado Frodo Bolseiro. Queria encontrá-lo rápido. Sabia que ele estava levando do Condado, bem, um segredo que interessa a mim e a meus amigos.

— Agora, não me leve a mal! — gritou ele, logo que Frodo levantou-se da poltrona e Sam ficou em pé com esgares no rosto. — Cuidarei melhor do segredo do que vocês. E é preciso muita cautela! — Inclinou-se para frente e olhou nos olhos dos hobbits. — Vigiem cada sombra! — disse ele em voz baixa. — Cavaleiros Negros passaram por Bri. Na segunda-feira, um desceu pelo Caminho Verde, pelo que dizem; e um outro apareceu mais tarde, subindo o Caminho Verde vindo do Sul.

Fez-se silêncio. Finalmente Frodo falou para Pippin e Sam:

— Deveria ter adivinhado pelo jeito com que o porteiro nos

cumprimentou — disse ele.

— E o proprietário da estalagem parece ter ouvido alguma coisa. Po que fez pressão para que nos juntássemos ao grupo? E por que raios nos comportamos como perfeitos idiotas? Deveríamos ter ficado aqui, quietos.

— Teria sido melhor — disse Passolargo. — Eu teria evitado que tivessem ido para a sala de estar, se pudesse; mas o estalajadeiro não permitiu que eu os encontrasse, e se recusou a dar qualquer recado.

— Você acha que ele... — começou Frodo.

— Não, não acho que o velho Carrapicho tenha más intenções. É so que ele não gosta nem um pouco de vagabundos misteriosos como eu. — Frodo olhou para ele intrigado.

— Bem, tenho aparência de patife, não tenho? Disse Passolargo crispando o lábio e com um brilho estranho nos olhos. Mas espero que possamos nos conhecer melhor. Quando isso acontecer, quero que me explique o que aconteceu no final da sua canção, pois aquela pequena travessura...

— Foi puro acidente! — interrompeu Frodo.

— Imagino — disse Passolargo. — Acidente, então! Aquele acidente colocou numa situação perigosa.

— Não muito mais perigosa do que já era — disse Frodo. — Eu sabia que esses cavaleiros estavam me perseguindo; mas agora, de qualquer forma, parece que perderam meu rastro e foram embora.

— Não deve contar com isso! — disse Passolargo categoricamente. — Eles voltarão. E mais estão a caminho. Há outros. Sei quantos são. Conheço esses Cavaleiros. — Parou, e seus olhos ficaram frios e duros. — E há algumas pessoas em Bri que não merecem confiança — continuou ele. Bill Samambaia, por exemplo. Ele tem o nome sujo na região de Bri, e pessoas estranhas o visitam. Devem tê-lo notado em meio ao grupo: um sujeito moreno e sarcástico. Estava bastante íntimo de um dos estranhos do Sul, e eles se esgueiraram para fora logo depois do seu "acidente". Nem todos esses sulistas têm boas intenções; e quanto a Bill Samambaia, este venderia qualquer coisa a qualquer pessoa e seria capaz de fazer maldades só par a se divertir.

— O que Samambaia vai vender, e o que o meu acidente tem a ve

com ele? — perguntou Frodo, ainda determinado a não entender as alusões de Passolargo.

— Informações sobre você, é claro — respondeu Passolargo. — Um relatório da sua façanha seria de grande interesse para certas pessoas. Depois disso nem precisariam saber seu nome verdadeiro. Parece-me muito provável que saberão de tudo antes do fim da noite. Já é o bastante? Pode fazer o que bem entender a respeito da minha recompensa: levar-me como guia ou não. Mas devo dizer que conheço todas as terras entre o Condado e as Montanhas Sombrias, pois andei por elas durante muitos anos. Sou mais velho do que pareço. Posso ser útil. Terão que abandonar a estrada aberta depois do que aconteceu esta noite; os cavaleiros estarão vigiando noite e dia. Vocês podem escapar de Bri, e conseguir avançar enquanto o sol estiver alto, mas não vão chegar muito longe. Eles vão alcançá-los num local deserto, em algum lugar escuro onde não possam conseguir socorro. Querem que os encontrem? Eles são terríveis!

Os hobbits o olhavam, e viam surpresos que seu rosto estava contorcido, como se estivesse sentindo dores, e as mãos agarravam os braços da poltrona. A sala estava muito quieta e a luz parecia ter diminuído. Por um tempo, Passolargo ficou parado, com os olhos distantes, como se vagasse em lembranças longínquas, ou escutasse ruídos da noite ao longe.

— É isso! — exclamou ele depois de uns momentos, passando a mão sobre a testa. — Talvez eu saiba mais do que vocês sobre esses perseguidores. Vocês os temem, mas não os temem o suficiente, ainda. Amanhã terão que escapar, se puderem. Passolargo pode levar vocês por caminhos que raramente são usados. Vão deixar que os acompanhe?

Houve um silêncio pesado. Frodo não respondeu; tinha a mente confusa, com medo e dúvidas. Sam franziu a testa, olhou para seu mestre e finalmente falou:

— Com sua permissão, Sr. Frodo, eu diria não! Esse Passolargo, ele nos previne e recomenda cuidado, e com isso concordo e digo sim; podemos começar por ele. Ele vem de lugares ermos, e nunca ouvi falar bem de pessoas desse tipo. Ele sabe alguma coisa, isto é óbvio, e sabe mais do que eu gostaria; mas isso não é motivo para permitirmos que nos conduza a algum lugar sombrio, onde não haverá socorro, como diz.

Pippin se agitava e parecia inquieto. Passolargo não respondeu a Sam, mas dirigiu o olhar penetrante para Frodo, que desviou os olhos.

— Não — disse ele devagar. — Não concordo. Eu acho, eu acho que você não é exatamente o que deseja aparentar. Começou falando comigo como se fosse um habitante de Bri, mas sua voz mudou. Sam parece estar certo nesse ponto: não vejo por que deva nos prevenir para que tenhamos cuidado, e mesmo assim pedir que o levemos, sem garantia nenhuma. Por que o disfarce? Quem é você? O que realmente sabe sobre... sobre meus negócios, e como ficou sabendo?

— A lição de cautela foi bem aprendida — disse Passolargo, com um sorriso austero. — Mas ter cautela é uma coisa e vacilar é outra. Nunca chegarão a Valfenda, sozinhos, e a única chance que têm é confiar em mim. Devem se decidir. Responderei algumas de suas perguntas, se isso ajudar na decisão. Mas por que acreditariam em minha história, se ainda não confiam em mim? Mesmo assim, vou lhes contar..

Naquele momento ouviu-se uma batida na porta. O Sr. Carrapicho tinha chegado com velas, e atrás vinha Nob com canecas de água quente.

Passolargo se retirou para um canto.

— Vim desejar-lhes boa noite — disse o estalajadeiro, colocando as velas nas mesas. — Nob, leve a água para os quartos! — Carrapicho entrou e fechou a porta.

— É o seguinte — começou ele, hesitando e com uma aparência preocupada. — Se lhes causei algum dano, sinto muito. Mas uma coisa vai embora com outra, como devem admitir, e sou um homem ocupado. Mas primeiro uma coisa, e depois outra nesta semana sacudiram minha memória, como se diz por aí; e espero que não seja tarde demais. Vejam vocês, alguém me pediu que eu ficasse de olho nuns hobbits do Condado, especialmente um de nome Bolseiro.

— E o que isso tem a ver comigo? — perguntou Frodo.

— Ah, sabe melhor do que eu! — disse o proprietário com astúcia. — Não vou dar com a língua nos dentes, mas me disseram que esse tal de Bolseiro usaria o nome de Monteiro, e me deram uma descrição que se encaixa multo bem com o senhor, se me permite dizer.

— É mesmo? Então quero ouvi-la! — disse Frodo, interrompendo de

modo insensato.

— Um sujeitinho troncudo com bochechas vermelhas — disse o Sr Carrapicho solenemente. Pippin mal segurava a risada, mas Sam pareci indignado. — Essa descrição não vai ajudar muito, pois corresponde à maioria dos hobbits.

— Cevado, diz ele para mim — continuou o Sr. Carrapicho, olhand para Pippin. — Mas esse é mais alto que alguns e mais claro que a maioria, e tem uma covinha no queixo: um camarada empertigado com olhos brilhantes. Peço desculpas, mas quem disse foi ele, não eu.

— Ele disse? E quem é ele? — perguntou Frodo ansioso.

— Ah, foi Gandalf, se sabe de quem estou falando. Dizem que é un mago, mas é um grande amigo meu, mago ou não mago. Mas agora já não sei o que ele vai ter para me dizer, se nos encontrarmos de novo: azedar toda a minha cerveja ou me transformar num toco de madeira, eu acho. Ele é um pouco precipitado. Mesmo assim, o que está feito está feito.

— Bem, o que o senhor fez? — disse Frodo, já ficando impaciente com a lenta elucidação dos pensamentos de Carrapicho.

— Onde eu estava? — disse o proprietário, parando e estalando os dedos. — Ah, sim! O velho Gandalf Há três meses ele entrou direto no meu quarto sem bater. Cevado, diz ele, vou partir pela manhã. Você poderia fazer -me um favor? É só pedir, disse eu. Estou compressa, disse ele, e não tenho tempo, mas quero que um recado seja levado até o Condado. Você tem alguém que Pudesse enviar alguém de confiança? Posso encontrar alguém, disse eu. Amanhã, talvez, ou depois de amanhã. Faça isso amanhã disse ele, e então me deu uma carta.

— O endereço está bem legível — disse o Sr. Carrapicho, tirando uma carta do bolso, e lendo o endereço lenta e orgulhosamente (dava valor à sua reputação de homem letrado):

Sr. FRODO BOLSEIRO, BOLSÃO, VILA DOS HOBBI CONDADO.

— Uma carta de Gandalf. Para mim! — gritou Frodo.

— Ah! — disse o Sr. Carrapicho. — Então seu nome correto

Bolseiro?

— É — disse Frodo — e é melhor o senhor entregá-la imediatamente, e explicar por que nunca a enviou. Acho que é isso que veio me dizer, suponho, embora tenha demorado tanto para chegar ao ponto.

O pobre Sr. Carrapicho parecia embaraçado.

— Está certo, senhor — disse ele. — E peço desculpas. Tenho um medo mortal do que Gandalf vai dizer, se meu esquecimento causou algum mal. Mas eu não a segurei comigo de propósito. Guardei-a a salvo. Depoi não consegui encontrar ninguém disposto a ir até o Condado no dia seguinte, nem no outro dia, e não podia dispensar nenhum dos meus empregados; e então uma coisa atrás da outra afastaram a carta da minha cabeça. Sou um homem ocupado. Vou fazer o que for possível para ajeitar as coisas; se houver algo a meu alcance, é só dizer.

— Deixando a carta de lado, não prometi menos a Gandalf. Cevadc diz ele para mim, esse meu amigo do Condado, ele pode passar por aqui logo, junto com um outro. Virá dizendo que seu nome é Monteiro. Não se esqueça disso! Mas você não precisa perguntar nada. E se eu não estive com ele, pode ser que ele esteja em apuros, e precisando de ajuda. Faça por ele o que puder, e eu ficarei grato, diz ele. E aqui está o senhor, e o apurc parece que não está muito longe.

— Que quer dizer? — perguntou Frodo.

— Esses homens negros — disse o proprietário abaixando a voz. — Estão procurando Bolseiro, e se as intenções deles são boas, então sou um hobbit. Foi na segunda-feira, todos os cachorros estavam uivando e os gansos, berrando. Achei estranho. Nob veio e me disse que dois homens negros estavam na porta perguntando por um hobbit chamado Bolseiro. C cabelo de Nob estava em pé. E aquele Guardião, Passolargo, também andou fazendo perguntas. Tentou entrar aqui para vê-lo, antes mesmo que comessem qualquer coisa.

— Fez isso mesmo — disse Passolargo de repente, dando uns passos à frente e aparecendo na luz. — E muitos problemas teriam sido evitados se tivesse permitido sua entrada, Carrapicho.

O estalajadeiro pulou surpreso.

— Você! — gritou ele. — Você está sempre aparecendo de repente. O

que quer agora?

— Ele está aqui com a minha permissão — disse Frodo. — Veio para oferecer ajuda.

— Bem, talvez o senhor saiba o que está fazendo — disse o Sr Carrapicho, olhando desconfiado para Passolargo. — Mas se estivesse na sua pele, não me envolveria com um Guardião.

— Então, ia se envolver com quem? — perguntou Passolargo. — Com um estalajadeiro gordo que só lembra o próprio nome porque as pessoas o gritam o dia todo? Eles não podem ficar no Pônei para sempre. Você iria com eles, evitando os homens negros?

— Eu? Deixar Bri? Não faria isso por dinheiro algum — disse o S Carrapicho, parecendo realmente amedrontado. — Por que o senhor não pode ficar aqui quietinho por uns tempos, Sr. Monteiro? Que coisa estranhas são estas que estão acontecendo? O que esses homens negros querem, e de onde vêm? Gostaria de saber.

— Sinto muito, mas não posso explicar tudo — respondeu Frodo. — Estou cansado e muito preocupado, E é uma longa história. Mas se quer me ajudar, devo avisá-lo que estará correndo perigo enquanto eu estiver hospedado em sua casa. Esses Cavaleiros Negros: não tenho certeza, ma receio que venham de...

— Eles vêm de Mordor — disse Passolargo em voz baixa. — De Mordor, Carrapicho, se isto quer dizer alguma coisa para você.

— Socorro! — gritou o Sr. Carrapicho, ficando pálido Evidentemente, conhecia o nome. — Esta é a pior notícia que já chegou a Bri desde que me conheço por gente.

— É — disse Frodo. — O senhor ainda está disposto a me ajudar?

— Estou — disse o Sr. Carrapicho. — Mais que nunca. Embora nã saiba o que uma pessoa como eu possa fazer contra, contra... — sua voz falhou.

— Contra a sombra do Leste — disse Passolargo baixinho. — Você não pode muito, Carrapicho, mas uma coisa pequena já é de grande ajuda. Você pode permitir que o Sr. Monteiro fique aqui esta noite, sob esse nome, e pode esquecer o nome Bolseiro até que ele esteja bem longe.

— Farei isso — disse Carrapicho. — Mas eles não vão precisar de

minha ajuda para descobrir que ele está aqui. É uma pena que o Sr. Bolseir tenha atraído a atenção das pessoas esta noite, para não dizer mais nada. A história sobre a partida daquele Sr. Bilbo já tinha sido comentada esta noit em Bri. Até mesmo o nosso Nob ficou fazendo suposições naquele cérebr lento; e outras pessoas em Bri demoram menos para compreender as coisas.

— Bem, só podemos esperar que os Cavaleiros não voltem tão cedo — disse Frodo.

— Espero mesmo que não — disse Carrapicho. — Mas sejam ele assombrações ou não, não vão entrar no Pônei tão facilmente. Não se preocupem até amanhã cedo. Nob não vai dizer nada. Os homens pretos s vão entrar aqui por cima de meu cadáver. Eu e meu pessoal vamos montar guarda esta noite; mas é melhor que vocês durmam, se conseguirem.

— De qualquer modo, deve nos chamar ao amanhecer — disse Frodo — Devemos partir o mais cedo possível. Sirva o desjejum às seis e meia, po favor.

— Certo! Cuidarei de tudo — disse o proprietário. — Boa noite, S Bolseiro, deveria dizer, Monteiro. Boa noite agora! Onde está o S Brandebuque?

— Não sei — disse Frodo numa ansiedade repentina. Tinhan esquecido Merry, e estava ficando tarde. — Receio que esteja lá fora. El tinha dito algo sobre sair para tomar ar.

— Bem, não há dúvida de que precisam que cuidemos de vocês: seu grupo se comporta como se estivesse de férias! — disse Carrapicho. — Preciso ir e trancar as portas rápido, mas cuidarei para que seu amig consiga entrar quando voltar. É melhor mandar Nob procurá-lo. Boa noit para todos!

— Finalmente o Sr. Carrapicho saiu, não sem antes lançar outro olha desconfiado para Passolargo, balançando a cabeça. Seus passos se retiraran pelo corredor.

— E então? — disse Passolargo. — Quando é que vai abrir essa carta Frodo olhou cuidadosamente o lacre antes de rompê-lo. Certamente, a cart parecia ser de Gandalf Dentro vinha a seguinte mensagem, na sua letr forte, mas elegante:

—

PÔNEI SALTITANTE, BRI. Dia do Meio do Ano, Ano do Condado 1418.

Caro Frodo

Recebi uma notícia ruim aqui, e preciso partir imediatamente. É melhor que deixe Bolsão logo, e saia do Condado o mais tardar antes do final de julho. Voltare logo que puder e seguirei você, se souber que já partiu. Deixe um recado para mim aqui, se passar por Bri. Pode confiar no estalajadeiro (Carrapicho).

Você pode encontrar um amigo meu na Estrada: um homem, esbelto moreno, alto, que alguns chamam de Passolargo. Ele está por dentro de nossos assuntos e ajudará você. Vá para Valfenda. Lá espero encontrar você de novo. Se ei não for para lá, Elrond poderá aconselhá-lo.

Um abraço apressado,

GANDALF

P.S. Não o use novamente, por motivo nenhum! Não viaje à noite!

P.P.S. Certifique-se de que se trata do verdadeiro Passolargo. Há muito homens estranhos na estrada. Seu nome verdadeiro é Aragorn.

Nem tudo que é ouro fulgura,
Nem todo o vagante é vadio;
O velho que é forte perdura,
Raiz funda não sofre o frio.
Das cinzas um figo há de vir.
Das sombras a luz vai jorrar;
A espada há de nova, luzir,
O sem-coroa há de reinar

PPPS. Espero que Carrapicho envie esta logo. Ele é um homem confiáv

mas tem uma memória que parece um quarto de despejo: nunca encontramos o que precisamos. Se ele esquecer, vou fazer churrasquinho dele.

Até a vista!

Frodo leu a carta e depois passou-a para Pippin e Sam.

— Realmente, o velho Carrapicho fez uma grande confusão! — disse ele. — Merece virar churrasquinho. Se eu tivesse recebido a carta imediatamente, já poderíamos estar a salvo em Valfenda agora. Mas o que pode ter acontecido a Gandalf? Ele escreve como se estivesse indo na direção de um grande perigo.

— Há muitos anos que ele faz isso — disse Passolargo.

Frodo se virou e olhou para ele pensativamente, lembrando-se do segundo P.S. de Gandalf.

— Por que não me disse logo que era amigo de Gandalf — perguntou ele. — Teríamos economizado tempo.

— Será mesmo? Será que vocês teriam acreditado em mim antes deste momento? — disse Passolargo. — Eu não sabia nada a respeito dessa carta. Tudo o que sabia era que teria de persuadi-los a confiar em mim sem nenhuma prova, se quisesse ajudá-los. De qualquer modo, eu não pretendia contar tudo sobre mim de uma só vez, tinha que observar vocês primeiro, e ter certeza de que realmente se tratava de vocês. O Inimigo já preparou armadilhas para mim antes. Logo que tomei uma decisão, estava disposto a contar-lhes tudo o que quisessem saber. Mas devo admitir... — acrescentou ele com um sorriso estranho. — Esperava que gostassem de mim por mim mesmo. Um homem procurado às vezes se cansa da desconfiança e deseja amizade, mas, nesse ponto, acredito que minha aparência não ajude em nada.

— Não ajuda mesmo, pelo menos à primeira vista — riu Pippin com um alívio repentino, após ter lido a carta de Gandalf — Mas beleza não põe mesa, como se diz no Condado; além disso, arrisco dizer que vamos ficar

bem parecidos com você depois de passarmos dias deitados em cercas-vivas e valas.

— Seriam necessários mais que alguns dias, ou semanas ou anos, vagando pelas Terras Ermas, para que vocês ficassem parecidos com Passolargo — respondeu ele. — E morreriam primeiro, a não ser que sejam feitos de uma matéria mais resistente do que aparentam.

Pippin ficou quieto, mas Sam não se intimidara e ainda olhava Passolargo com desconfiança.

— Como podemos saber que você é o Passolargo de que Gandalf fala? — perguntou ele. — Você nunca mencionou Gandalf, até essa carta aparecer. Deve ser um espião nos enganando, pelo que vejo, tentando nos convencer a ir com você. Você deve ter matado o verdadeiro Passolargo e tomado as roupas dele. Que tem a dizer sobre isso?

— Que você é um sujeito corajoso — respondeu Passolargo. — Mas receio que minha única resposta para você, Sam Gamgi, seja esta: Se eu tivesse matado o verdadeiro Passolargo, poderia matar vocês. E já teria matado vocês, sem tanto lero-lero. Se eu estivesse atrás do Anel, já poderia estar de posse dele — AGORA!

Ficou de pé, e de repente pareceu mais alto. Brilhava em seus olhos uma luz, aguda e imperiosa. Jogando para trás a capa, colocou a mão no cabo de uma espada que estava escondida, pendurada ao longo de seu corpo. Eles não ousaram se mexer. Sam ficou parado, de boca aberta olhando para ele com ar abobalhado.

— Mas eu sou o verdadeiro Passolargo, felizmente — disse ele olhando para baixo na direção deles, suavizando a expressão de seu rosto com um sorriso repentino. — Sou Aragorn, filho de Arathorn, e se em nome da vida ou da morte puder salvá-los, assim o farei.

Houve um longo silêncio. Finalmente Frodo falou, hesitando.

— Acreditei que era amigo antes de a carta chegar — disse ele — ou pelo menos desejei acreditar. Você me assustou várias vezes esta noite, mas nunca da maneira que os servidores do Inimigo teriam feito, ou pelo menos assim imagino. Acho que um dos espiões dele teria — bem — uma aparência melhor e causaria uma sensação pior, se é que me entende.

— Entendo — riu Passolargo. — Tenho uma aparência feia e causo

uma sensação boa, não é isso? Nem tudo o que é ouro fulgura, nem todo c vagante é vadio.

— Então os versos se aplicavam a você? — perguntou Frodo. — Eu não estava entendendo o que queriam dizer. Mas como sabia que estava escrito isso na carta de Gandalf?

— Eu não sabia — respondeu ele. — Mas sou Aragon, filho de Arathorn, e esses versos acompanham meu nome. — Retirou sua espada da bainha, e todos viram que a lâmina estava de fato quebrada, trinta centímetros abaixo do cabo. — Não tem muita utilidade, não é Sam? — disse Passolargo. Mas em breve ela será novamente forjada, e há de novo, luzir.

Sam não dizia nada.

— Bem — disse Passolargo — com a permissão de Sam, está tudo combinado. Passolargo será o seu guia. Pegaremos uma estrada difíci amanhã. Mesmo que consigamos deixar Bri sem dificuldades, não é de esperar que possamos sair sem sermos notados. Mas tentarei fazer com que nos percam de vista o m ais cedo possível. Conheço um ou dois caminhos que saem desta região sem passar pela estrada principal. Assim que dispersarmos os perseguidores, iremos em direção ao Topo do Vento.

— Topo do Vento? — disse Sam. — O que é isso?

— É uma colina, ao norte da Estrada, mais ou menos a meio caminho entre Valfenda e Bri. De lá se pode ter uma boa vista de toda a região, e teremos uma chance de olhar à nossa volta. Gandalf vai naquela direção, se for atrás de nós. Depois do Topo do Vento, nossa viagem vai ficar mais difícil, e teremos de escolher, entre vários perigos, quais iremos enfrentar.

— Quando viu Gandalf pela última vez? — perguntou Frodo. — Sabe onde ele está ou o que está fazendo?

Passolargo ficou com a expressão séria.

— Eu não sei — disse ele. — Vim com ele para o Oeste na primavera Frequentemente eu ficava vigiando os limites do Condado nesses últimos anos, quando ele estava ocupado em algum outro lugar. Raramente ele permitia que o Condado ficasse sem proteção. Vimo-nos pela última vez em primeiro de maio: no Vau Sarn, no Brandevin. Ele me disse que os negócio com você tinham corrido bem, e que você estaria partindo para Valfenda na primeira semana de setembro. Como sabia que ele estava ao seu lado, fiz

uma viagem por conta própria. E a coisa não saiu bem; não há dúvida de que ele recebeu alguma notícia, e eu não estava perto para ajudá-lo.

— Estou preocupado pela primeira vez desde que o conheci. Deveríamos ter recebido recados, mesmo que ele não pudesse vir em pessoa. Quando voltei, muitos dias atrás, escutei a notícia ruim. Fiquei sabendo que Gandalf tinha sumido, e que os cavaleiros tinham sido vistos. Foi o povo élfico de Gildor que me contou; e mais tarde me disseram que você tinha deixado sua casa, mas não soube de notícia alguma sobre sua partida da Terra dos Buques. Estive de olho na Estrada Leste, ansioso.

— Você acha que os Cavaleiros Negros têm algo a ver com isso – quero dizer, com o desaparecimento de Gandalf — perguntou Frodo.

— Não sei de mais nada que possa tê-lo atrasado, exceto o próprio inimigo — disse Passolargo. — Mas não perca as esperanças! Gandalf é maior do que vocês, pessoas do Condado, imaginam — geralmente, conseguem enxergar apenas as piadas e os brinquedos dele. Mas esse nosso negócio será sua maior tarefa.

Pippin bocejou.

— Sinto muito — disse ele. — Mas estou morto de cansaço. Apesar de todo perigo e preocupação, preciso ir para a cama, ou vou dormir sentado aqui mesmo. Cadê aquele tolo do Merry? Seria a gota d'água, se tivéssemos de sair no escuro para procurá-lo.

Naquele momento, escutaram uma porta bater; depois, passos vieram correndo ao longo do corredor. Merry entrou como um raio, seguido de Nob.

Fechou a porta num segundo e depois se encostou nela. Estava sem fôlego. Todos olharam-no alarmados por um momento; depois ele disse, ofegante: — Eu os vi, Frodo! Eu os vi! Os Cavaleiros Negros!

— Os Cavaleiros Negros? Onde?

— Aqui, na aldeia. Fiquei aqui dentro por uma hora. Então, como vocês não voltavam, saí para dar um passeio. Tinha acabado de voltar e estava parado fora do alcance da luz da lamparina, para ver as estrelas. De repente, comecei a tremer e senti que alguma coisa horrível se aproximava sorrateiramente: havia um tipo de sombra mais profunda entre as sombras na estrada, bem atrás da área iluminada pela lamparina. Essa sombra sumiu na escuridão imediatamente, sem fazer um ruído. Não vi cavalos.

— Para que lado essa coisa foi? — perguntou Passolargo, repentina e abruptamente.

Merry se assustou, ao notar o estranho pela prime ira vez. — Continue — disse Frodo. — Este é um amigo de Gandalf. Depois eu explico.

— Parece que ela subiu a Estrada, em direção ao leste — continuou Merry.

— Tentei ir atrás. Mas é claro que desapareceu quase imediatamente; mesmo assim, contornei a esquina e continuei até a última casa da Estrada.

Passolargo olhou para Merry admirado.

— Você tem um coração valente — disse ele. — Mas foi tolice sua!

— Eu não sei — disse Merry. — Não foi coragem nem tolice, eu achc Mal pude me controlar. Parecia que eu estava sendo arrastado para algun lugar. De qualquer modo fui, e de repente ouvi vozes perto da cerca-viva. Uma delas murmurava; a outra cochichava, ou chiava. Não pude entende nada do que falaram. Não me aproximei mais, porque meu corpo inteirc começou a tremer. Então fiquei apavorado, e voltei, e já ia fugir para casa quando alguma coisa veio atrás de mim e eu...eu caí.

— Eu o encontrei, senhor — acrescentou Nob. — O Sr. Carrapich me mandou com uma lanterna. Desci até o Portal Oeste, e depois subi d novo até o Portal Sul. Bem na altura da casa de Bill Samambaia, tive impressão de ver alguma coisa na Estrada. Não poderia jurar, mas m pareceu que dois homens estavam se agachando sobre alguma coisa, para levantá-la. Dei um grito, mas quando cheguei ao lugar, não vi sinal deles; vi apenas o Sr. Brandebuque, deitado à margem da Estrada. Parecia esta dormindo. "Pensei que estivesse numa enrascada", disse-me ele, quando c sacudi. Estava muito esquisito, e assim que o despertei, ficou de pé e correu para cá como uma lebre.

— Receio que seja isso — disse Merry. — Mas não tenho ideia do qu falei. Tive um sonho feio, do qual não me recordo. Fiquei em frangalhos. Não sei o que aconteceu comigo.

— Eu sei — disse Passolargo. — O Hálito Negro. Os Cavaleiros deve ter deixado os cavalos do lado de fora, Passando pelo Portal Sul em segredc Agora vão saber tudo o que aconteceu, pois visitaram Bill Samambaia; provavelmente aquele sulista também era um espião. Pode ser que aconteça

alguma coisa, antes que deixemos Bri.

— O que vai acontecer? — disse Merry. — Eles vão atacar a estalagem?

— Não, acho que não — disse Passolargo. — Ainda não estão todos aqui. E, de qualquer modo, não é assim que eles agem. Na solidão e no escuro são mais fortes; não vão abertamente atacar uma casa onde haja luzes e muitas pessoas — pelo menos até que estejam desesperados. Não enquanto tivermos todas as longas milhas até Eriador à nossa frente. Mas o poder deles está no terror, e alguns aqui em Bri já estão sob as suas garras. Eles vão obrigar esses infelizes a fazer algum serviço maldoso: Samambaia, alguns daqueles estranhos, e talvez o porteiro também. Eles trocaram palavras com Harry no Portal Oeste, na segunda— feira. Eu estava vigiando. Harry estava pálido e tremia quando o deixaram.

— Parece que temos inimigos por todo lado — disse Frodo. — Que devemos fazer?

— Fiquem aqui, e não vão para seus quartos! É certeza que eles já sabem onde vocês devem dormir. Os quartos de hobbits têm janelas voltadas para o norte, e ficam junto ao solo. Vamos ficar todos juntos, e bloquear essa janela e a porta. Mas primeiro Nob e eu vamos trazer sua bagagem.

Enquanto Passolargo fazia isso, Frodo contou rapidamente a Merry tudo o que tinha acontecido desde a ceia. Merry ainda estava lendo a carta de Gandalf e pensando quando Passolargo e Nob voltaram.

— Bem, senhores — disse Nob. — Amassei os lençóis e coloquei uma almofada deitada em cada cama. E fiz uma bela imitação de sua cabeça com um tapete de lã marrom, Sr. Bol — Monteiro — acrescentou ele, sorrindo.

Pippin riu.

— O disfarce parece perfeito! — disse ele. — Mas o que vai acontecer quando eles descobrirem tudo?

— Vamos ver — disse Passolargo. — Espero que consigamos defender nossa fortaleza até amanhã.

— Boa noite a todos — disse Nob, e saiu para fazer seu turno na guarda das portas. As mochilas e o resto da bagagem foram empilhados no chão da sala.

Empurraram uma poltrona baixa contra a porta e fecharam a janela.

Espiando lá fora, Frodo viu que a noite ainda estava clara. A Foice[4] pendia clara sobre as encostas da Colina de Bri. Então ele fechou e bloqueou as pesadas folhas interiores da janela, cerrando depois a cortina. Passolargo reavivou o fogo e apagou as velas.

Os hobbits deitaram em seus cobertores com os pés virados para a lareira; Passolargo se acomodou na poltrona em frente à porta. Conversaram um pouco, pois Merry tinha ainda muitas perguntas a fazer.

— A vaca pula pra Lua! — disse Merry sufocando a risada, e se enrolando no cobertor. — Isso foi ridículo, Frodo! Mas eu queria estar lá para ver. As pessoas ilustres de Bri ainda vão estar comentando isso daqui a cem anos.

— Espero que sim — disse Passolargo. Depois todos ficaram quietos, e os hobbits, um por um, adormeceram.

CAPÍTULO XI: UMA FACA NO ESCURO

Enquanto na estalagem em Bri eles se preparavam para dormir, a escuridão cobria a Terra dos Buques; uma névoa se espalhava pelos vales estreitos e nas margens do rio. A casa em Cricôncavo permanecia em silêncio. Fatty Bolger abriu a porta com cuidado e espiou lá fora. Durante todo o dia, um sentimento de pavor estivera crescendo dentro dele, o que o impedia de descansar ou dormir: havia uma ameaça crescente no ar parado da noite. Olhando através da escuridão, viu uma sombra negra se mover sob as árvores; teve a impressão de que o portão se abriu sozinho e se fechou de novo sem fazer barulho algum. Foi tomado de pânico. Recuou e por um momento ficou parado no salão, tremendo. Depois fechou e trancou a porta.

A noite ficou mais escura. Um ruído suave de cavalos furtivamente conduzidos vinha da alameda. Pararam do lado de fora do portão, e três figuras negras entraram, como sombras noturnas se arrastando pelo chão. Uma delas se dirigiu à porta, e as outras foram uma para cada canto da casa, ficando as três ali, paradas como sombras de pedras, enquanto a noite passava lentamente. A casa e as árvores quietas pareciam estar à espera, ansiosas.

As folhas se moviam muito levemente, e um galo cantou na distância. A hora fria que antecipa a aurora estava passando. A figura perto da porta se mexeu. Na escuridão sem lua ou estrela uma lâmina brilhou, como se uma luz gelada tivesse sido desembainhada. Houve uma batida, surda mas pesada, e a porta tremeu.

— Abra, em nome de Mordor! — disse uma voz aguda e ameaçadora. Ao segundo golpe, a porta cedeu, caindo para trás com os batentes destruídos e a fechadura quebrada.

As figuras negras entraram rápido.

Naquele exato momento, por entre as árvores na redondeza, uma corneta soou. Rasgou a noite como o fogo no topo de uma colina.

— ACORDEM! FACA! FOGO! FÚRIA! ACORDEM! Fatty Bolger tinha ficado parado. Assim que viu as formas escuras saindo sorrateiras do jardim, percebeu que devia fugir correndo, ou então morreria. E de fato

correu, saindo pela porta traseira, indo através do jardim e atravessando as plantações. Quando atingiu a casa mais próxima, a mais de uma milha, caiu na porta de entrada. — Não, não, não! — gritava ele. Não, eu não! Não est. comigo! — Demorou um tempo até alguém entender o que ele estava balbuciando. Finalmente perceberam que havia inimigos na Terra dos Buques, alguma estranha invasão que vinha da Floresta Velha. E então nã perderam tempo.

— FACA! FOGO! FÚRIA!

Os Brandebuques estavam soando o toque de corneta da Terra do Buques, que não se ouvia havia mais de um século, desde a invasão dos lobos brancos durante o Inverno Mortal, quando o Brandevin ficou congelado.

— ACORDEM! ACORDEM!

Na distância, cornetas soavam em resposta. O alarme estava se espalhando.

As figuras negras fugiram da casa. Uma delas deixou cair uma capa de hobbit na escada, ao sair correndo. Na alameda, irrompeu o ruído de cascos, que se apressavam num galope, martelando o chão e se distanciando no escuro. Por toda a volta de Cricôncavo ouvia-se o ruído de cornetas tocando, e vozes gritando e pés correndo.

Mas os Cavaleiros Negros correram como o vento para o Portã Norte.

Podiam deixar os pequenos tocando as cornetas! Sauron cuidaria deles mais tarde. Por enquanto, tinham outra missão: sabiam que a casa estava vazia e o Anel tinha desaparecido. Atropelaram os guardas do portão e desapareceram do Condado.

Pouco tempo depois de se deitar, Frodo despertou de um sono profundo, de repente, como se algum ruído ou presença o tivesse perturbado. Viu que Passolargo estava sentado, alerta, em sua cadeira: os olhos brilhavam à luz do fogo que, reavivado, queimava forte; mas ele não fez qualquer sinal ou movimento.

Frodo logo adormeceu de novo, mas seus sonhos foram mais uma vez perturbados pelo ruído de vento e de cascos que galopavam.

O vento parecia envolver a casa e sacudi-la; na distância ele ouviu

uma corneta tocando freneticamente. Abriu os olhos, e ouviu um galo cantando alto no pátio da estalagem. Passolargo abrira a cortina e empurrara as folhas das janelas ruidosamente. A primeira luz do dia, cinzenta, penetrou na sala, e um ar frio entrou pela janela aberta.

Logo que Passolargo tinha acordado a todos, levou-os até seus quartos.

Quando os viram, sentiram-se felizes por terem seguido o conselho do Guardião: as janelas tinham sido forçadas, e as folhas abertas estavam batendo, as cortinas esvoaçavam; as camas tinham sido reviradas e as almofadas, rasgadas e jogadas no chão; o tapete marrom estava estraçalhado.

Passolargo foi imediatamente chamar o estalajadeiro. O pobre Sr Carrapicho parecia estar sonolento e amedrontado. Mal tinha cerrado os olhos durante toda a noite (pelo menos assim afirmava), mas não ouvira barulho algum.

— Jamais uma coisa assim aconteceu na minha vida! — gritava ele, levantando as mãos horrorizado. — Hóspedes que não podem dormir em seus quartos, e boas almofadas completamente estragadas! Que tempos são estes?

— Tempos sombrios — disse Passolargo. — Mas por enquanto você pode ficar em paz, depois que tiver se livrado de nós. Vamos partir imediatamente. Não se incomode com o desjejum: um gole e um lambisco, em pé, vão ser o suficiente. Temos poucos minutos para aprontar a bagagem.

O Sr. Carrapicho se apressou para providenciar que os pôneis ficassem prontos e para trazer-lhes um "lambisco". Mas logo voltou desanimado. Os pôneis tinham desaparecido! As portas do estábulo tinham todas sido arrombadas durante a noite, e eles não estavam mais lá: não apenas os pôneis de Merry, mas todos os outros cavalos ou animais do lugar.

Frodo ficou arrasado com a notícia. Como podiam ter esperanças de chegar a Valfenda a pé, perseguidos por inimigos a cavalo? Era melhor partirem para a Lua! Passolargo ficou sentado quieto por um tempo olhando os hobbits, como se medisse a força e a coragem deles.

— Pôneis não nos ajudariam a escapar de homens montados em

cavalos — disse ele finalmente, pensativo, como se adivinhasse o que Frodo estava pensando. — Não levaríamos muito mais tempo a pé, não nas estradas que pretendo tomar. De qualquer modo, eu ia caminhar. A comida e as provisões é que são o problema. Não podemos contar com a possibilidade de comer qualquer coisa antes de chegarmos a Valfenda, a não ser o que levarmos conosco; devemos levar mais do que achamos que vamos precisar, pois podemos nos atrasar, ou ser forçados a fazer um trajeto maior, saindo do caminho direto. Quanto podem carregar nas costas?

— O tanto que precisarmos — disse Pippin com o coração pesado mas tentando mostrar que era mais forte do que parecia (ou sentia) ser.

— Posso carregar o suficiente para dois — disse Sam em desafio. Não se pode fazer alguma coisa, Sr. Carrapicho? — perguntou Frodo.

— Não podemos conseguir uns dois pôneis na aldeia, ou pelo menos um, para levar a bagagem? Não acho que possamos alugá-los, mas acho que podemos comprá-los — acrescentou sem certeza, pensando se poderia pagar o preço pedido.

— Duvido — disse o proprietário tristemente. — Os dois ou três pôneis de montar que havia em Bri estavam no meu estábulo, e eles se foram. Quanto a outros animais, cavalos ou pôneis, o que quer que seja, há muito poucos deles em Bri, e não estarão à venda. Mas farei o que puder. Vou tirar Bob da cama e mandá-lo por aí o mais rápido possível.

— Sim — disse Passolargo, relutante. — É melhor fazer isso. Acho que devemos tentar levar pelo menos um pônei. Mas, por outro lado, perdemos toda a esperança de partir cedo, e escapar em segredo! Era melhor tocar uma corneta para anunciar nossa partida. Isso foi parte do plano deles, sem dúvida.

— Há uma migalha de conforto — disse Merry. — E mais que uma migalha, eu espero: podemos tomar o desjejum enquanto esperamos — e sentados. Vamos chamar o Nob.

No fim, foram mais de três horas de atraso. Bob veio com a notícia de que não havia cavalo ou pônei de jeito nenhum na vizinhança — com a exceção de um: Bill Samambaia tinha um pônei que poderia vender.

— Um pobre animal, meio morto de fome — disse Bob. — Ma Samambaia não vai se separar dele por menos do triplo de seu valor,

sabendo da sua situação; não se o conheço de verdade.

— Bill Samambaia — disse Frodo. — Será que isso é algum truque Será que o animal não fugiria de volta para ele com todas as nossas coisas, ou poderia ajudá-lo a nos seguir, ou alguma coisa do tipo?

— Fico pensando — disse Passolargo. — Mas não posso imagina qualquer animal correndo de volta para casa, para o encontro dele, uma vez que tivesse fugido. Acho que é só malícia do senhor Samambaia: apenas un jeito de aumentar os lucros com essa história toda. O maior perigo é que c pobre animal esteja quase morrendo. Mas parece que não há outra escolha. Quanto ele quer pelo pônei?

O preço que Bill Samambaia deu foi doze moedas de prata; isso realmente pelo menos o triplo do valor de um pônei naquelas partes. Era um animal magro, mal-alimentado e abatido, mas não tinha jeito de quem ia morrer logo. O próprio Sr. Carrapicho pagou pelo animal, e ofereceu a Merr mais dezoito moedas, para de certo modo compensar a perda dos pôneis. Era um homem honesto, e rico para os parâmetros de Bri; mas trinta moeda de prata foram um golpe para ele, e ser trapaceado por Samambaia tornava tudo ainda mais difícil de aguentar.

Para falar a verdade, no final ele levou a melhor. Descobriu-se que apenas um cavalo fora realmente roubado. Os outros tinham sidc afugentados, ou tinham fugido apavorados, e foram encontrados, vagando em diferentes lugares da região.

Os pôneis de Merry tinham escapado juntos, e finalmente (tend uma boa dose de bom senso) foram em direção às Colinas, à procura de Bolo-fofo. Por isso, ficaram aos cuidados de Tom Bombadil por uns tempos, estavam em ótimas condições. Mas quando a notícia dos acontecimentos em Bri chegou aos ouvidos de Tom, ele os enviou para o Sr. Carrapicho, qu agora tinha adquirido cinco bons animais a um ótimo preço.

Em Bri eles tinham de trabalhar mais, mas Bob tratava bem dele somando tudo, tiveram sorte: perderam uma viagem escura e perigosa. Mas jamais chegaram a Valfenda.

Entretanto, nesse meio tempo, o Sr. Carrapicho ficou achando qu seu dinheiro tinha-se ido de verdade, e que talvez tivesse feito um mau negócio. E ele teve outros problemas. Pois houve uma grande agitação, log

que os outros hóspedes acordaram e souberam da notícia do ataque à estalagem. Os viajantes do Sul tinham perdido muitos cavalos, e punham a culpa no proprietário em voz alta, até que ficaram sabendo que uma pessoa de seu próprio grupo também tinha desaparecido, justamente o companheiro vesgo de Bill Samambaia. A suspeita recaiu imediatamente sobre ele.

— Se vocês pegam um ladrão de cavalos, e o trazem para minha casa — disse Carrapicho furioso —, vocês mesmos têm de pagar por todos os prejuízos, e não vir gritando em cima de mim. Vão perguntar a Samambaia onde o seu belo amigo está! — Mas, ao que parecia, o fugitivo não era amigo de ninguém, e nenhum deles podia se lembrar de quando se juntara ao grupo.

Depois do desjejum os hobbits tiveram de rearrumar as mochilas e juntar mais suprimentos para a viagem mais longa que agora estavam esperando.

Eram quase dez horas quando conseguiram partir. Nessa hora, toda a Bri fervilhava, excitada.

O truque de desaparecimento de Frodo, o aparecimento dos cavaleiros negros; o assalto aos estábulos, e mais ainda a notícia de que Passolargo, o Guardião, tinha se juntado aos misteriosos hobbits, deram uma história e tanto, que iria durar por muitos anos enfadonhos. A maioria dos habitantes de Bri e Estrado, e muitos até de Valão e Archet, se acotovelavam na estrada para ver a partida dos viajantes. Os outros hóspedes da estalagem estavam nas portas ou pendurados nas janelas.

Passolargo tinha mudado de ideia, e decidira deixar Bri pela Estrada Principal. Qualquer tentativa de atravessar o campo imediatamente se pioraria as coisas: metade dos habitantes os seguiria, para ver o que iriam fazer, e impedir que invadissem suas terras.

Disseram adeus a Nob e Bob, e se despediram do Sr. Carrapicho com muitos agradecimentos.

— Espero que possamos nos encontrar de novo algum dia, quando as coisas estiverem bem outra vez — disse Frodo. — Nada seria melhor para mim do que ficar em sua casa por uns tempos, em paz.

Foram pisando firme, ansiosos e melancólicos, sob os olhos da

multidão.

Nem todos os rostos eram amigáveis, muito menos as palavras gritadas. Mas Passolargo parecia ser respeitado pela maioria dos habitantes de Bri, e aqueles para quem ele olhava fechavam as bocas e se afastavam. Ele ia na frente com Frodo; depois vinham Merry e Pippin, e por último Sam trazendo o pônei, carregado com toda a bagagem que tiveram a coragem de colocar em seu lombo; mesmo assim, o animal já parecia menos abatido, como se aprovasse a mudança em sua sorte. Sam mastigava uma maçã pensativamente. Trazia muitas no bolso: um presente de despedida de Nob e Bob.

— Maçãs para caminhar e cachimbo para descansar — disse ele. — Mas acho que logo sentirei falta das duas coisas.

Conforme iam passando, os hobbits não tomavam conhecimento das cabeças curiosas que espiavam das portas, ou surgiam sobre muros ou cercas. Mas chegando perto do outro portal, Frodo viu uma casa escura e malcuidada atrás de uma cerca-viva espessa: a última casa da aldeia. Em uma das janelas, viu de relance um rosto amarelento, com olhos furtivos, vesgos; o rosto desapareceu imediatamente.

"Então é aí que o sulista está escondido!", pensou ele. "Ele se parece muito com um orc."

Sobre a cerca-viva, um outro homem os encarava com atrevimento. Tinha sobrancelhas negras e grossas, e olhos escuros e desdenhosos; sua grande boca se crispou numa expressão zombeteira. Estava fumando um cachimbo preto e curto. Quando se aproximaram, tirou-o da boca e cuspiu.

— Dia, Perna Comprida! — disse ele. — Já de saída? Finalmente encontrou alguns amigos? — Passolargo fez um sinal afirmativo com a cabeça, mas não respondeu.

— Dia, meus amiguinhos! — disse ele aos outros. — Suponho que sabem com quem estão se metendo? Com Passolargo, o Destemido! Mas eu já ouvi outros nomes não tão bonitos, Cuidado esta noite! E você, Sammie não trate mal meu pobre e velho pônei — completou ele, cuspindo mais uma vez.

Sam se voltou rápido.

— E você, Samambaia — disse ele —, tire sua cara feia da frente, ou

ela vai ficar quebrada. — Num golpe repentino, rápido como um raio, uma maçã deixou sua mão, para bater no meio do nariz de Bill. Ele se abaixou tarde demais, e pragas vieram de trás da cerca. — Desperdicei uma boa maçã — disse Sam arrependido, e continuou andando.

Finalmente deixaram a aldeia para trás. A escolta de crianças e vagabundos que os tinha seguido se cansou e virou as costas, ao chegar no Portão Sul. Passando por ele, continuaram na Estrada por algumas milhas. Ela fazia uma curva para a esquerda, dobrando-se sobre si mesma em direção ao leste, conforme contornava o sopé da Colina Bri, e depois começava a descer suavemente em direção a uma região de florestas. À esquerda, ainda podiam ver algumas casas e tocas de hobbits de Estrado, nas encostas mais suaves, do lado sudoeste da colina; abaixo, num vale profundo ao norte da Estrada, havia fios de fumaça subindo, indicando a localização de Valão; Archet estava escondida pelas árvores adiante.

Depois de descerem pela estrada determinado trecho, e deixarem a Colina Bri, erguendo-se alta e escura lá atrás, chegaram a uma trilha estreita que conduzia em direção ao Norte.

— É aqui que vamos deixar o espaço aberto e procurar abrigo — disse Passolargo.

— Nenhum "atalho", suponho! — disse Pippin. — Nosso último atalho pela floresta quase acabou em desastre.

— Ah, mas eu não estava com vocês — riu Passolargo. — Meu caminhos, atalhos ou não, não dão errado. — Olhou a Estrada de cima a baixo. Não se via ninguém; ele foi na frente apressado, indicando o caminho em direção ao vale cheio de árvores.

Seu plano, pelo que os outros podiam entender sem conhecer a região, era ir em direção a Archet primeiro, mas manter a direita e passar pela aldeia do lado leste, e então atravessar o mais diretamente possível as terras selvagens, até chegar ao Topo do Vento. Fazendo esse caminho, se tudo corresse bem, provavelmente evitariam uma grande volta que a Estrada dava em direção ao Sul, para desviar do Pântano dos Mosquitos. Mas, é claro, eles não aguentariam passar pelo pântano sozinhos, e a descrição feita por Passolargo não era nada encorajadora.

Entretanto, nesse meio tempo, caminhar não era desagradável. Na

verdade, se não fosse pelos acontecimentos incômodos da noite anterior, eles teriam apreciado mais essa parte da viagem do que qualquer outra até aquele momento. O sol brilhava, claro mas não quente demais. As florestas no vale ainda estavam cheias de folhas e de cores, e pareciam pacíficas e benéficas. Passolargo os conduzia confiante, entre várias trilhas que se entrecruzavam. Se estivessem sozinhos, logo perderiam a noção do caminho e ficariam perdidos. Ele os levava num curso errante, com muitas vira-voltas, para enganar qualquer um que os perseguisse.

— Bill Samambaia certamente viu em que ponto deixamos a Estrada, disse ele. — Mas não acho que nos seguirá em pessoa. Ele conhece a região por aqui o suficiente, mas sabe também que não é páreo para mim numa floresta. É do que ele pode contar a outros que tenho medo. Não acho que estejam muito longe. Se estão pensando que fomos para Archet, tanto melhor.

Talvez por causa da habilidade de Passolargo, ou talvez por outro motivo, eles não viram sinal ou ouviram ruído algum de qualquer outra coisa viva por todo aquele dia: nenhum ser de duas pernas, com a exceção de pássaros, nem seres de quatro pernas, a não ser uma raposa e alguns esquilos. No dia seguinte começaram a rumar por um caminho que conduzia sempre em direção ao leste; e ainda assim tudo estava quieto e pacífico. No terceiro dia fora de Bri, saíram da Floresta Chet.

O terreno descera continuamente, desde que saíram da Estrada, e agora entravam numa região ampla e plana, muito mais difícil de atravessar. Estavam muito além das fronteiras da região de Bri, num lugar deserto e sem trilhas, e se aproximavam do Pântano dos Mosquitos.

Agora o solo se tornava úmido, e em alguns lugares lamacento, formando poças aqui e ali, e eles deparavam com grandes trechos de juncos, cheios do trinar de pequenos pássaros escondidos. Tinham de escolher cuidadosamente onde pisavam, para manterem os pés secos e não se desviarem do caminho. No início fizeram um bom progresso, mas à medida que continuavam, sua passagem foi ficando mais lenta e perigosa.

O pântano era enganador e traiçoeiro, e não havia trilha permanente, nem mesmo para os Guardiões, porque os charcos sempre mudavam de lugar. As moscas começavam a atormentá-los, e o ar se enchia de nuvens de

pequenos mosquitos que lhes subiam pelas mangas e lhes entravam nos cabelos.

— Estou sendo devorado vivo! — gritou Pippin. — Pântano do Mosquitos! Aqui tem mais mosquito que pântano!

— O que comem para sobreviver quando não conseguem pegar um hobbit? — disse Sam, coçando o pescoço.

Passaram um dia miserável naquele local solitário e desagradável. C lugar onde acamparam era úmido, frio e desconfortável; os insetos picadores não os deixavam dormir.

Também havia criaturas abomináveis assombrando os juncos e moitas que, pelo ruído que produziam, eram parentes malignos do grilo. Havia milhares delas, chiando por toda a parte, crique-craque, crique-craque, sem parar, toda a noite, deixando os hobbits quase malucos.

O dia seguinte, o quarto, foi um pouco melhor, e a noite quase tão desconfortável. Embora os Crique-craques (como Sam os chamava) tivessem sido deixados para trás, os mosquitos ainda os perseguiam.

Frodo, que estava deitado, mas era incapaz de fechar os olhos, teve a impressão de que na distância havia uma luz no céu do Leste: piscando e sumindo várias vezes.

Não era a aurora, pois ainda faltavam algumas horas.

— Que é essa luz? — disse ele a Passolargo, que tinha se levantado e estava parado, olhando para frente, dentro da noite.

— Não sei — respondeu Passolargo. — Está longe demais para que se possa distinguir. É como um raio que saí pulando do topo das colinas. Frodo se deitou de novo, mas por um bom tempo ainda pôde ver os clarões brancos, e contra eles a figura alta e escura de Passolargo, parado quieto e atento. Finalmente adormeceu e entrou num sono agitado.

Não tinham avançado muito no quinto dia quando deixaram as últimas poças e juncos dos pântanos para trás. A região diante deles começou a subir continuamente. Agora, no horizonte ao leste, podiam ver uma fileira de colinas. A mais alta delas ficava à direita e um pouco separada das outras. Tinha um topo em forma de cone, levemente aplainado na parte mais alta.

— Aquele é o Topo do Vento — disse Passolargo. — A Estrada Velh

que deixamos lá atrás à nossa direita, passa ao sul dele perto de sua base. Chegaremos lá amanhã por volta do meio-dia, se formos reto naquela direção. Suponho que seja o melhor a fazer.

— O que está querendo dizer? — perguntou Frodo.

— Quero dizer: quando chegarmos lá, não há certeza do que podemos encontrar. O Topo fica perto da Estrada.

— Mas certamente estávamos com esperanças de encontrar Gandal lá.

— Sim, mas a esperança é pequena. Se é que ele está vindo para cá pode ser que não passe por Bri, e assim não saberá o que estamos fazendo. E de qualquer forma, a não ser que por sorte cheguemos lá quase juntos, não nos encontraremos; não será seguro para ele ou para nós permanecer ali esperando por muito tempo. Se os Cavaleiros não conseguirem no encontrar na região deserta, é provável que também se dirijam para o Topo do Vento. De lá se tem uma vista completa. Na verdade, há muitos pássaro e animais nessa região que poderiam nos ver aqui onde estamos, de lá da colina. Nem todos os pássaros são confiáveis, e existem outros espiões mais maldosos do que esses.

Os hobbits olhavam as colinas distantes cheios de ansiedade. San olhou para o céu claro, receando ver falcões ou águias sobrevoando suas cabeças, com olhos brilhantes e hostis.

— Você realmente faz com que eu me sinta mal e solitário, Passolargo! — disse ele.

— O que nos aconselha a fazer? — perguntou Frodo.

— Eu acho — respondeu Passolargo devagar, como se não tivess muita certeza. — Eu acho que a melhor coisa a fazer é ir direto para o leste saindo daqui, o mais direto que pudermos, andando na direção das colinas, e não do Topo do Vento. Ali poderemos pegar uma trilha que passa pelo sope das colinas; ela nos levará ao Topo do Vento pelo lado norte, e não tão abertamente. Ali decidiremos o que fazer.

Avançaram durante todo o dia, até que a noite fria começou a cair precocemente.

O solo ficou mais seco e estéril, mas havia névoa e vapor depositados sobre os pântanos atrás deles, Alguns pássaros melancólicos piavam choros

os, até que o sol redondo e vermelho se afundou lentamente nas sombras do oeste; depois dominou o silêncio vazio. Os hobbits, pensaram na luz suave do pôr-do-sol brilhando através das janelas alegres lá longe, em Bolsão.

No fim do dia depararam com uma corrente de água que descia das colinas para se perder no charco estagnado, e subiram ao longo de suas margens enquanto havia luz.

Já era noite quando finalmente pararam e montaram acampamento sob alguns armeiros raquíticos próximos à beira da água. À frente , soerguiam-se sobre o céu crepuscular as encostas das montanhas, desertas e nuas. Naquela noite montaram guarda, e Passolargo, ao que tudo indica, não dormiu nem um pouco. Estavam na lua crescente e, nas primeiras horas da noite, uma luz fria e cinzenta se deitou sobre a terra.

Na manhã seguinte partiram novamente, logo após o nascer do sol. O ar estava gelado e o céu ostentava um azul claro e pálido. Os hobbits se sentiam reconfortados, como se tivessem tido uma noite de sono contínuo. Já estavam se acostumando a fazer longas caminhadas sem muitas provisões . provisões bem menos generosas do que aquelas que no Condado teriam Julgado estritamente suficientes para manter um hobbit em pé. Pippin declarou que Frodo atualmente era duas vezes o hobbit de outrora.

— Muito estranho — disse Frodo, apertando o cinto. — Considerando que na verdade há uma porção muito menor de mim. Espero que o processo de emagrecimento não perdure indefinidamente, senão me transformarei num espectro.

— Não fique falando nessas coisas! — disse Passolargo de modo rápido, com um ar surpreendentemente sério.

As montanhas se aproximaram. Formavam uma cordilheira ondulada, sempre subindo a uma altura de quase 300 metros, para depois cair, aqui e acolá, formando fendas baixas ou passagens que levavam para a terra do Leste, mais além. Ao longo da crista da cordilheira, os hobbits podiam ver o que parecia ser o resto de muralhas e fossos cobertos de mato, e nas fendas ainda existiam ruínas de velhas construções de pedra. Ao anoitecer já tinham atingido o pé das encostas oeste, e ali acamparam. Era a noite do dia cinco de outubro, e já fazia seis dias que tinham saído de Bri.

De manhã encontraram, pela primeira vez desde que deixaram a

Floresta Chet, uma trilha bem visível. Viraram para a direita e seguiram po ela, em direção ao sul.

A trilha parecia ter sido feita com grande habilidade, descrevendc uma linha que parecia escolher os pontos menos expostos e mais ocultos, tanto para alguém que olhasse do topo de alguma colina como para quem olhasse das planícies do Oeste. Mergulhava em vales estreitos, abraçava barrancos íngremes; quando atravessava trechos mais planos e abertos, viam-se de seus dois lados fileiras de grandes seixos e pedras cortadas, que protegiam os viajantes quase como uma cerca-viva.

— Fico pensando quem teria feito esta trilha, e por que motivo — disse Merry, enquanto caminhavam por uma dessas avenidas, onde as pedras eram estranhamente grandes e colocadas bem próximas umas das outras. Não tenho certeza se gosto dela: ela tem... bem, uma aparência tumulesca. Existe algum túmulo no Topo do Vento?

— Não, não há túmulo nenhum no Topo do Vento, nem nas outras colinas — respondeu Passolargo. — Os homens do Oeste não viveram aqui embora nos seus últimos dias tenham defendido as colinas por um período, contra o mal que vinha de Angmar. Esta trilha foi feita para servir os fortes ao longo das muralhas. Mas muito antes, nos dias do Reinado do Norte construíram uma grande torre de observação no Topo do Vento, que chamavam de Amon Sul. Ela foi queimada e destruída, e nada mais rest. agora, a não ser um círculo em ruínas, como uma coroa grosseira sobre a cabeça da velha colina. Apesar disso, já foi alta e bonita. Conta-se que Elendil ficava ali olhando, à espera de Gil-galad que vinha do Oeste, no dias da última Aliança.

Os hobbits olharam para Passolargo. Parecia que ele sabia tanto de história antiga quanto dos caminhos pelos lugares ermos. — Quem foi Gil-galad? — perguntou Merry — Mas Passolargo não respondeu, e pareci. estar perdido em pensamentos. De repente, uma voz baixa murmurou:

Gil-galad foi um Elfo-rei que ao som das harpas cantarei:
foi o último livre a reinar entre essas Montanhas e o Mar.
Longa sua espada, a lança esguia, seu elmo ao longe resplandecia;
milhões de estrelas lá no céu refletiam-se em seu broquel.

Há muito tempo, foi-se embora, e ninguém sabe onde ele mora;
sua estrela, na escuridão, em Mordor onde as sombras vão.

Os outros se viraram surpresos, pois a voz era de Sam.

— Não pare! — disse Merry.

— É tudo o que sei — gaguejou Sam, corando. -Aprendi com o Sr Bilbo, quando era menino. Ele costumava me contar histórias como essa sabendo que eu sempre estava pronto para ouvir falar sobre elfos. Foi ele que me ensinou a ler. Era muito sabido nessas coisas de livros, o velho e querido Sr. Bilbo. E ele escrevia poesia. Escreveu o que acabei de recitar.

— Ele não escreveu isso — disse Passolargo. — o que você cantou é parte da balada que se chama A Queda de Gil-galad, escrita numa língua antiga. Bilbo deve tê-la traduzido. Eu não sabia disso.

— Havia mais um bom pedaço — disse Sam. — Tudo sobre Mordor Eu não aprendi essa parte, pois me dava calafrios. Nunca pensei que eu mesmo iria para lá!

— Ir para Mordor! — gritou Pippin. — Espero que não cheguemos isso!

— Não falem esse nome tão alto! — disse Passolargo.

Já era meio-dia quando se aproximaram da extremidade sul da trilha e viram adiante, na pálida luz do céu de outubro, um barranco cinza — esverdeado, que subia a encosta norte da colina como uma ponte. Decidiram ir para o topo imediatamente, enquanto a luz do dia ainda era intensa. Não era mais possível se esconderem, e só podiam esperar que nenhum espião ou inimigo os estivesse observando. Não se via nada em movimento na colina. Se Gandalf estivesse nas redondezas, não dava sinais disso.

No flanco oeste do Topo do Vento encontraram uma reentrância coberta, em cuja parte inferior havia um pequeno vale côncavo, com as encostas cobertas de capim. Ali deixaram Sam e Pippin e o pônei e todas a mochilas e bagagens. Depois de meia hora de escalada dificultosa, Passolargo atingiu a coroa da colina; Frodo e Merry o seguiam, cansados e sem fôlego. A última subida era íngreme e pedregosa.

No topo encontraram, como Passolargo tinha dito, um grande círculo,

de uma construção antiga de pedra, agora ruindo, ou coberta pelo mato havia muito tempo. Mas no centro um monte de pedras quebradas tinham sido empilhadas, fazendo lembrar uma construção tumular. Estavam enegrecidas, como se pela ação do fogo. Em volta dessas pedras, a turfa estava queimada até as raízes e em todo o interior do círculo o mato estava chamuscado e murcho, como se chamas tivessem varrido o topo da colina: mas não havia sinal de qualquer coisa viva.

Em pé, sobre a borda do círculo em ruínas, puderam ter uma boa visão de toda a região em volta, pois a maior parte das terras era vazia e sem acidentes, com a exceção de trechos de florestas distantes, na direção sul, além dos quais via-se, aqui e ali, o brilho de águas distantes. Abaixo de Onde estavam, nesse lado sul, a Velha Estrada se estendia como uma fita, vindo do oeste e descrevendo curvas que subiam e desciam, até desaparecer atrás de uma serra escura no leste. Nada se movia nela.

Seguindo com os olhos a linha da Estrada em direção ao leste, viram as Montanhas: os sopés mais próximos eram escuros e sombrios; atrás deles se erguiam formas cinzentas mais altas, e atrás destas, por sua vez, ficavam altos picos brancos, luzindo contra as nuvens.

— Bem, aqui estamos! — disse Merry. -A aparência do lugar é triste e nem um pouco convidativa! Não há água nem abrigo, E nem sinal de Gandalf Mas não o culpo por não ter nos esperado — se é que passou por aqui.

— Também gostaria de saber — disse Passolargo, olhando em volta, pensativo.

— Mesmo que ele tivesse chegado a Bri um ou dois dias depois de nossa partida, poderia ter chegado aqui primeiro. Ele pode cavalgar muito rápido quando há necessidade. — De repente se abaixou e olhou a pedra no topo da pilha; era mais chata que as outras e mais branca, como se tivesse escapado do fogo.

Passolargo a apanhou e examinou, virando-a entre seus dedos.

— Alguém tocou nesta pedra recentemente — disse ele. — O que acha destas marcas?

Na parte inferior da pedra, que era plana, Frodo viu alguns riscos:

— Parece um traço, um ponto, e mais três traços — disse ele. — o

traço à esquerda pode ser uma runa correspondente à letra G, com os ramos bem mais finos — disse Passolargo. — Pode ser um sinal deixado por Gandalf, embora seja impossível ter certeza. Os riscos são perfeitos e certamente parecem recentes. Mas as marcas podem significar alguma coisa muito diferente e não ter nada a ver conosco. Os Guardiões usam runas, e algumas vezes passam por aqui.

— O que poderiam significar, se Gandalf os tivesse feito? — perguntou Merry.

— Diria que representam G3 — respondeu Passolargo — e que significam que Gandalf esteve aqui no dia 3 de outubro: quer dizer, há três dias. Também podem significar que ele estava com pressa e que havia perigo por perto, de modo que ele não teve tempo ou não arriscou escrever nada mais longo ou direto. Se isto for verdade, devemos tomar cuidado.

— Gostaria que pudéssemos ter certeza de que foi ele quem deixou as marcas, qualquer que seja o significado delas — disse Frodo. — Seria um grande conforto saber que ele está no caminho, na nossa frente ou atrás de nós.

— Talvez — disse Passolargo. — Tenho comigo que ele esteve aqui, e em perigo. Há marcas de fogo aqui, e agora a luz que vimos há três noites no céu do leste volta à minha mente. Acho que foi atacado no topo da colina, mas qual foi o resultado disso não posso dizer. Ele não está mais aqui, e precisamos cuidar de nós mesmos e fazer nosso caminho para Valfenda, da melhor maneira possível.

— A que distância fica Valfenda? — perguntou Merry, olhando ao redor com cansaço.

O mundo era selvagem e grande, visto do Topo do Vento.

— Não sei se a Estrada já foi medida em milhas, além da Estalagem Abandonada, que fica a um dia de viagem de Bri — respondeu Passolargo.

Alguns dizem que a distância é uma, outros dizem que é outra. É uma estrada estranha, e as pessoas se sentem infelizes quando chegam ao fim dela, não importa se o tempo de viagem for muito ou pouco. Mas eu sei quanto eu demoraria indo sozinho, com tempo bom e sorte: doze dias daqui até o Vau de Brunem, onde a Estrada cruza o rio Ruidoságua, que vem de Valfenda. Temos no mínimo quinze dias de viagem à frente, pois não acho

que poderemos usar a Estrada.

— Quinze dias! — disse Frodo. — Muita coisa pode acontecer nesse tempo.

— Muita coisa — disse Passolargo.

Ficaram uns instantes quietos no topo da colina, perto de sua borda sul.

Naquele lugar solitário, Frodo percebeu, pela primeira vez de forma clara e completa, como estava longe de casa e o perigo que corria. Teve um desejo amargo de que sua sorte o tivesse deixado ficar no pacífico e amado Condado. Olhou para baixo, para a estrada odiosa, que levava de volta para o Oeste — para o seu lar. De repente percebeu que duas manchas negras se moviam lentamente ao longo dela, indo para o oeste, e olhando de novo ele viu que outras três estavam se arrastando em direção ao leste, vindo ao encontro das duas.

— Olhem — disse ele, apontando para baixo.

Imediatamente, Passolargo se jogou no chão atrás do círculo em ruínas, puxando Frodo junto com ele. Merry se jogou do lado.

— O que é? — cochichou ele.

— Não sei, mas temo o pior — respondeu Passolargo.

Subiram devagar até a borda do círculo de novo, e espiaram através de uma fenda entre duas pedras cortadas. A luz já não estava tão forte, pois a luminosidade matinal tinha diminuído, e nuvens que vinham do leste haviam coberto o sol, que agora começava a se pôr. Todos viram as manchas negras, mas nem Frodo nem Merry puderam adivinhar-lhes o formato com certeza; mesmo assim, alguma coisa lhes dizia que lá, na distância, estavam Cavaleiros Negros se encontrando na Estrada além do sopé da colina.

— Sim — disse Passolargo, que enxergava melhor e não tinha mais dúvidas. — O Inimigo está aqui!

Rapidamente se arrastaram e escorregaram pelo lado norte da colina, para encontrar os companheiros.

Sam e Peregrin não tinham ficado à toa. Exploraram o pequeno vale e as encostas à sua volta. Não muito distante, encontraram uma fonte de água clara no flanco da colina, e perto dela pegadas que não tinham mais que um ou dois dias. No próprio valezinho, encontraram vestígios recentes

de uma fogueira, e outros de um acampamento apressado. Havia algumas pedras caídas na borda do vale que ficava mais próxima da colina. Atrás dessas pedras Sam encontrou um pequeno estoque de lenha cuidadosamente empilhada.

— Pergunto-me se o velho Gandalf não passou por aqui — disse ele a Pippin. — Quem quer que tenha colocado essas coisas aqui pretendia voltar ao que parece.

Passolargo ficou muito interessado nessas descobertas.

— Deveria ter esperado e explorado eu mesmo o solo desta parte — disse ele, apressando-se em direção à fonte para examinar as pegadas.

— É exatamente como eu temia — disse ele quando voltou. — Sam e Pippin pisaram na terra fofa e as marcas estão adulteradas ou confusas. Guardiões passaram por aqui recentemente. Foram eles que deixaram a lenha. Mas também existem várias pegadas mais novas que não foram deixadas pelos Guardiões. Pelo menos, um conjunto delas foi feito por botas pesadas, um ou dois dias atrás. Pelo menos um. Não Posso ter certeza agora mas acho que muitos pés calçados com botas estiveram aqui. — Parou quieto, numa reflexão ansiosa.

Cada um dos hobbits teve uma visão dos Cavaleiros, de capa e botas Se essas criaturas já tivessem encontrado o valezinho, quanto mais rápido Passolargo os levasse para algum outro lugar, melhor. Sam olhava a reentrância com grande desagrado, agora que tinha tido notícia dos inimigos na Estrada, apenas a algumas milhas dali.

— Não é melhor desocupar a área logo, Sr. Passolargo? — perguntou ele impaciente. — Está ficando tarde e eu não gosto deste buraco: por algum motivo, aqui meu coração fica pesado.

— Sim, certamente precisamos decidir o que fazer imediatamente - respondeu Passolargo, olhando para cima e considerando o tempo e o clima. — Bem, Sam — disse ele finalmente —, também não gosto daqui, mas não consigo pensar em nenhum lugar melhor que pudéssemos alcançar antes do cair da noite. Pelo menos aqui estamos escondidos por enquanto, e se sairmos é muito mais provável que sejamos vistos por espiões. A única coisa possível seria sair de nosso caminho, de volta para o norte deste lado das colinas, onde o terreno é muito parecido com o daqui. A Estrada está sendo

vigiada, e poderíamos ter de cruzá-la, se tentássemos nos esconder nas moitas do lado sul. Do lado norte da Estrada, além das colinas, o terreno é descampado e plano por várias milhas.

— Os Cavaleiros podem enxergar? — perguntou Merry. — Quer dizer, eles parecem geralmente ter usado mais os narizes que os olhos, farejando-nos, se farejando é a palavra correta, pelo menos à luz do dia. Mas você nos obrigou a deitar no chão quando os viu lá embaixo, e agora fala em sermos vistos, caso saiamos daqui.

— Fui muito descuidado no topo da colina — respondeu Passolargo — Estava muito ansioso por encontrar algum sinal de Gandalf, mas foi um erro nós três ficarmos lá em cima tanto tempo. Pois os cavalos negros podem ver, e os Cavaleiros podem usar homens e outras criaturas como espiões, como vimos lá em Bri. Eles próprios não conseguem enxergar o mundo da luz como nós, mas nossas formas lançam sombras em suas mentes, que apenas o sol do meio-dia pode destruir; e no escuro eles percebem muitos sinais e formas que ficam escondidos de nós: nessas ocasiões é que devemos receá-los mais. E a qualquer hora, sentem o cheiro do sangue de criaturas vivas, desejando-o e odiando-o. Sentidos também, existem outros além da visão e do olfato. Podemos sentir a presença deles — preocupa nossos corações desde que chegamos aqui, e antes que os víssemos; eles sentem a nossa presença de forma mais aguda. Além disso — acrescentou ele, e nesse momento sua voz se reduziu a um sussurro —, o Anel os atrai.

— Então não há saída — disse Frodo, olhando à sua volta furioso. — Se sair daqui, serei visto e caçado! Se ficar, vou atraí-los para mim! Passolargo colocou a mão no ombro dele. — Ainda há esperança — disse ele. — Você não está sozinho. Vamos considerar como um sinal esta lenha que está colocada aqui, pronta para uma fogueira. Aqui não há muito abrigo ou defesa, mas o fogo deverá servir como ambos. Sauron pode usar o fogo em seus desígnios maléficos, como pode usar todas as coisas, mas esses Cavaleiros não apreciam muito o fogo, e temem os que se defendem com ele. O fogo é nosso amigo em lugares ermos.

— Pode ser — murmurou Sam. — Também não consigo pensar numa maneira melhor de dizer "ei, estamos aqui!", sem gritar. Aliás, acho que é a mesma coisa.

No canto mais baixo e mais bem protegido do valezinho, acenderam uma fogueira, e prepararam uma refeição. As sombras da noite começaram a cair, e ficou mais frio.

De repente perceberam que estavam com muita fome, pois não tinham comido nada desde o desjejum; mesmo assim não ousaram fazer mais que uma ceia frugal. As regiões à frente eram vazias, a não ser por pássaros e animais, lugares inóspitos abandonados por todas as raças do mundo. Às vezes Guardiões passavam além das colinas, mas eram poucos e não ficavam. Outros viajantes eram raros, e tinham propósitos maldosos: trolls poderiam vir de vez em quando dos vales ao norte das Montanhas Sombrias. Somente na Estrada era possível encontrar viajantes, em sua maioria anões, correndo atrás de seus próprios negócios, sem ajuda ou palavra para oferecer a estranhos.

— Não posso pensar num modo de fazer nossa comida durar — disse Frodo. — Fomos cautelosos o bastante nos últimos dias, e esta ceia não é nenhum banquete. Mesmo assim usamos mais do que deveríamos, se ainda temos duas semanas à frente, talvez mais ainda.

— Há comida na floresta — disse Passolargo — amoras, raízes e ervas e tenho alguma habilidade como caçador se for necessário. Não precisam ter medo de passar fome antes de o inverno chegar. Mas colher e apanhar comida é um trabalho longo e cansativo, e precisamos nos apressar. Por isso, apertem os cintos e pensem com esperança nas mesas da casa de Elrond!

O frio aumentou com o cair da noite. Olhando da borda do valezinho eles não conseguiam enxergar nada, a não ser um terreno cinzento que agora desaparecia rapidamente na sombra. O céu ficou limpo de novo e lentamente se encheu de estrelas piscando. Frodo e seus companheiros se aconchegaram em volta do fogo, embrulhados em todas as roupas e cobertores que tinham; mas Passolargo parecia satisfeito com uma única capa, e se sentou um pouco separado, fumando seu cachimbo, pensativo.

À medida que a noite caía e o fogo brilhava mais forte, ele começou a contar-lhes histórias para afugentar o medo de seus corações. Sabia muitas histórias e lendas de antigamente, de elfos e homens e dos feitos bons e malignos dos Dias Antigos. Os hobbits ficaram imaginando qual se ria a idade dele, e onde ele tinha aprendido toda aquela tradição.

— Conte-nos sobre Gil-galad — disse Merry de repente, quand Passolargo fez uma pausa ao fim de uma história sobre os Reinados Élficos Você sabe mais algum pedaço daquela balada da qual falou?

— Sei sim — respondeu Passolargo. — E Frodo também sabe, pois el nos diz respeito. — Merry e Pippin olharam para Frodo que dirigia seu olha para o fogo.

— Só sei o pouco que Gandalf me contou — disse Frodo devagar. – Gil-galad foi o último dos Reis-elfos da Terra-média. Gil-galad quer dizer Luz nas Estrelas na língua deles. Junto com Elendil, o Amigo-dos-elfos, ele f para a terra de...

— Não! — disse Passolargo. — Não acho que a história deva se contada agora, com os servidores do Inimigo por perto. Se conseguirmo chegar à casa de Elrond, poderão ouvir ali a história inteira.

— Então nos conte alguma outra história de antigamente — pediu Sam. — Uma história sobre os elfos antes que começassem a desaparecer Gostaria muito de escutar mais sobre os elfos; a escuridão está caindo sobre nós com tanta força...

— Vou contar-lhes a história de Tinuviel — disse Passolargo. – Resumida, pois essa é uma longa história da qual não se sabe o fim; e ninguém atualmente, com exceção de Elrond, pode lembrá-la exatamente como era contada há tempos. É uma bela história, embora triste, como todas as histórias da Terra-média; mesmo assim ela pode animar seus corações. — Então ele começou, não a falar, mas a cantar suavemente:

As folhas longas, verde a grama,
Esguia é da cicuta a umbela;
No prado há luz que se derrama
De um céu de estrelas a,fulgir,
Tinúviel dançando bela,
Ao som que flauta oculta inflama;
Há estrelas nos cabelos dela
E no seu manto a reluzir
E Beren vem dos montes frios,
Perdido esteve entre a ramagem,

Seguindo o som de élficos rios,
Andou sozinho em seu sofrer
Por entre as falhas da folhagem
Vê flores de ouro de atavios
Que ela traz sobre a roupagem
E no cabelo há anoitecer
Seus pés curados por magia
De seu cansaço da jornada;
E forte e lépido seguia
Pegando raios de luar
E leve em fuga baila a fada
Por bosques, de elfos moradia;
De novo só na caminhada,
Ele em silêncio a espreitar
Ouvia o som da fugitiva
Com pés de tília por leveza;
Do chão saía música viva,
Do chão saía música viva,
De valos fundos um trilar
Já a cicuta perde a beleza
E uma a uma pensativas
Da faia as folhas com tristeza
No chão do inverno vão rolar
Seguindo sempre, longe andou,
Dos anos folhas viu caindo;
Com lua e estrela ele avançou,
O céu gelado viu bramir
O manto dela á luz luzindo,
Quando num topo ela parou
Dançando e assim com seu pé lindo
Névoa de prata fez fremir
No fim do inverno ela retorna,
Sua voz desata a primavera
Qual cotovia ou chuva morna,

Qual água nova a borbulhar
Viu ele flores de elfos e era
O pé da ninfa; em nova forma,
Com ela quis dançar quisera
Por sobre a grama namorar
Mas ela vai, quando ele vem.
Tinúviel! Tinúviel!
Com o nome dela ele a detém,
Pois ela pára para ouvir
A voz prende Tinúviel, Beren avança,
Beren vem, Sobre ela a sina então desceu!
Nos braços dele vai cair.
Seus olhos fitam seu olhar
Por entre a sombra dos cabelos;
A luz que treme do luar
Viu dentro dela reluzir
Tinúviel detém apelos,
Imortal fiada de encantar;
Envolve o amor com seus cabelos
E braços brancos de luzir
Foi longa a estrada de sua sorte,
Por pedras, frio e meia-luz;
Em férreos halls com porta forte,
Em mata escura e sem aurora.
O Mar que afasta se introduz,
Mais uma vez sorri a sorte
Na mata canta o par, só luz,
Que há muitos anos foi-se embora.

Passolargo suspirou e fez uma pausa, antes de começar a falar de novo.

— Essa é uma canção — disse ele — no estilo chamado annthennath entre os elfos, mas é difícil reproduzi-la na Língua Geral, e o que cantei é apenas um eco rude dela. Fala sobre o encontro de Beren, filho de Barahir, e

Lúthien Tinúviel. Beren era um homem mortal, mas Lúthien era a filha d Thingol, um Rei Élfico da Terra -média na época em que o mundo era jovem. Ela era a mais bonita entre todas as donzelas daquele mundo. Sua graciosidade se comparava à das estrelas sobre a névoa das terras do Norte, e em seu rosto brilhava uma luz. Naqueles dias, o Grande Inimigo, de quem Sauron de Mordor era apenas um servidor, morava em Angband no Norte e os elfos do Oeste, voltando à Terra-média, guerrearam contra ele para reaver as Silmarils que ele havia roubado, e os pais dos homens ajudaram os elfos. Mas o Inimigo foi vitorioso e Barahir foi assassinado. Beren, escapand de grandes perigos, veio pelas Montanhas do Terror e chegou até o escondido Reino de Thingol na floresta de Neldoreth. Ali viu Lúthien cantando e dançando numa clareira ao lado do rio encantado Esgalduin; ele a chamou de Tinúviel, que quer dizer Rouxinol na língua antiga. Muitas coisas tristes aconteceram a eles depois disso, e ficaram separados por muito tempo. Tinúviel resgatou Beren dos calabouços de Sauron e juntos ele passaram por grandes perigos, até mesmo destronando o Grande Inimigo e pegando de sua coroa de ferro uma das três Silmarils, as mais brilhantes das joias, para usá-la como dote de Lúthien a ser pago a seu pai, Thingol. Mas no fim Beren foi assassinado pelo Lobo que veio dos portões de Angband, e morreu nos braços de Tinúviel. Mas ela escolheu a mortalidade, aceitando desaparecer do mundo, para poder segui-lo; conta-se que eles se encontraram de novo além dos Mares Divisores, e depois de andarem juntos e vivos outra vez nas florestas verdes, por um curto período, juntos passaram, há muito tempo, para além dos confins deste mundo. Desse modo, Lúthien Tinúviel foi a única, de todo o povo Élfico, a realmente morrer e deixar o mundo, e eles perderam a que mais amavam. Mas, a partir dela, a linhagem dos Elfos -senhores de antigamente teve uma descendência entre os homens. Ainda vivem aqueles de quem Lúthien fo ancestral, e afirma-se que essa linhagem nunca vai terminar. Elrond de Valfenda faz parte dela. Pois de Beren e Lúthien nasceu o herdeiro de Dic Thingol, e dele nasceu Elwing, a Branca, que se casou com Earendil, aquel que conduziu seu navio das névoas do mundo para dentro dos mares do céu com a Silmaril em sua testa. E de Earendil nasceram os Reis d Númenor, quer dizer, de Ponente.

Conforme Passolargo ia falando, os hobbits observavam seu rosto estranho e intenso, pouco iluminado pelo brilho vermelho do fogo. Os olhos brilhavam e a voz era cheia e profunda. Sobre ele, um céu negro e estrelado . De repente, uma luz pálida apareceu sobre a coroa do Topo do Vento atrás dele. A lua crescente subia lentamente sobre a colina que projetava sua sombra sobre eles, e as estrelas acima do topo da colina desapareceram.

A história terminou. Os hobbits se mexeram e espreguiçaram.

— Olhem! — disse Merry. — A Lua está subindo: deve estar ficando tarde.

Os outros olharam para cima. No mesmo momento em que fizeram isso, viram no topo da colina algo pequeno e escuro contra o brilho do luar. Talvez fosse apenas uma pedra grande, ou alguma rocha saliente evidenciada pela luz fraca.

Sam e Merry se levantaram e andaram para longe do fogo. Frodo e Pippin permaneceram sentados em silêncio. Passolargo estava observando atentamente o luar sobre o topo da colina. Tudo parecia silencioso e quieto, mas Frodo sentiu um terror gelado tomando conta de seu coração, e agora Passolargo não falava mais. Aconchegou-se mais perto do fogo. Nesse momento Sam veio correndo da borda do valezinho.

— Não sei o que é — disse ele mas de repente senti medo, Não saio deste vale por nenhum dinheiro do mundo; senti que alguma coisa estava subindo a encosta.

— Você viu alguma coisa? — perguntou Frodo, ficando de pé.

— Não, senhor. Não vi nada, mas não parei para olhar.

— Eu vi algo — disse Merry. — Ou pensei que vi — lá adiante, do lado oeste, onde o luar estava caindo sobre as planícies além da sombra dos topos das colinas. Pensei ter visto duas ou três formas negras. Pareciam se mover para cá.

— Fiquem perto do fogo, com seus rostos virados para fora! — gritou Passolargo. — Peguem alguns dos paus mais longos e fiquem prontos para atacar.

Por um período em que nem respiraram ficaram ali, em silêncio e alerta, com as costas voltadas para a fogueira, cada um olhando as sombras que os envolviam.

Nada aconteceu. Não havia som ou movimento na noite. Frodo se mexeu, sentindo que deveria quebrar o silêncio: queria gritar bem alto.

— Psssiu! — sussurrou Passolargo. — O que é aquilo? — disse Merry no mesmo momento, todo assustado.

Sobre a saliência do pequeno vale, do lado oposto ao da colina, sentiram, mais propriamente do que viram, uma sombra se levantar, uma sombra ou mais de uma. Forçaram os olhos, e as sombras pareciam crescer. Logo não havia mais dúvida: três ou quatro figuras negras e altas estavam ali, na encosta, olhando para baixo em direção a eles: tão escuras eram que pareciam buracos negros na escuridão que os envolvia. Frodo pensou ter ouvido um chiado fraco, como um sopro venenoso, e sentiu um frio fino e cortante. Depois as figuras avançaram lentamente.

Pippin e Merry, tomados de terror, jogaram-se no chão. Sam se encolheu ao lado de Frodo. Frodo estava quase tão apavorado quanto seus companheiros; tremia como se sentisse um frio intenso, mas seu medo foi engolido por uma tentação repentina de colocar o Anel. O desejo de fazer isso tomou conta de sua mente, que não lhe permitia pensar em mais nada. Não esquecera o Túmulo, nem a mensagem de Gandalf —, mas alguma coisa parecia forçá-lo a desconsiderar todas as advertências, e ele desejava ceder. Não com a esperança de escapar, ou de fazer qualquer coisa, boa ou má: simplesmente sentia que deveria pegar o Anel e colocá-lo no dedo. Não podia falar. Sentia que Sam o olhava, como se soubesse que seu patrão estava com algum problema bem grande, mas Frodo não conseguia olhar na direção dele.

Fechou os olhos e lutou por uns minutos, mas a resistência se tornou insuportável, e finalmente tirou a corrente devagar e colocou o Anel no dedo indicador da mão esquerda.

Imediatamente, embora tudo continuasse como antes, escuro e sombrio, as figuras se tornaram terrivelmente claras. Frodo podia ver através de suas roupas pretas. Havia cinco figuras altas: duas em pé, na saliência do valezinho, três avançando. Nos seus rostos brancos brilhavam olhos agudos e impiedosos; sob as capas havia grandes túnicas cinzentas; sobre os cabelos cinzentos, elmos de prata; nas mãos magras, espadas de aço. Seus olhos caíram sobre ele e o penetraram enquanto corriam na sua direção.

Desesperado, Frodo puxou sua espada, tendo a impressão de que dela emanava um brilho vermelho, como se estivesse em brasa. Duas das figuras pararam. A terceira era maior que as outras: o cabelo era longo e brilhante, e sobre seu elmo estava uma coroa. Numa mão segurava uma longa espada, e na outra uma faca; tanto a faca quanto a mão que a segurava brilhavam com uma luz fraca. Ele pulou para frente e avançou sobre Frodo.

Naquele instante, Frodo se jogou para frente em direção ao chão, e ouviu sua própria voz gritando alto: ó Elbereth! Gilthoniel! Ao mesmo tempo, golpeou os pés do inimigo. Um grito agudo cortou a noite, e ele sentiu uma dor, como se um dardo envenenado tivesse penetrado seu ombro esquerdo. Ao desmaiar viu de relance, como se por entre um turbilhão de névoa, Passolargo saltando da escuridão com um pedaço de lenha em chamas em cada mão. Num último esforço, deixando cair a espada, Frodo tirou o Anel do dedo e o apertou na mão direita.

CAPÍTULO XII: FUGA PARA O VAU

Quando Frodo voltou a si, ainda apertava o Anel desesperadamente na mão. Estava deitado perto da fogueira, que agora estava alta e produzia uma chama forte. Os três companheiros se debruçavam sobre ele.

— O que aconteceu? Onde está o rei pálido? — perguntou ele ansiosamente.

Os amigos, ao ouvi-lo falar, por alguns momentos ficaram tão enlevados que não conseguiram responder, nem tampouco entenderam a pergunta. Finalmente Frodo soube através de Sam que eles não tinham visto nada além das formas sombrias vindo na direção deles. De repente, para seu pavor, Sam descobrira que seu patrão tinha desaparecido; naquele momento, a figura negra passou correndo por ele, que caiu. Sam escutara a voz de Frodo, mas parecera-lhe que ela vinha de um ponto muito distante, ou de baixo da terra, gritando palavras estranhas. Nenhum deles pôde ver mais nada, até que tropeçaram no corpo de Frodo, que parecia morto, com o rosto virado no capim e caído sobre a espada. Passolargo ordenou que o carregassem até perto do fogo, e depois desapareceu. Isso já fazia algum tempo.

Sam estava ficando visivelmente desconfiado de Passolargo outra vez; enquanto conversavam ele voltou, surgindo de repente das sombras.

Assustaram-se, e Sam, empunhando a espada, ficou de pé protegendo Frodo; mas Passolargo se ajoelhou rapidamente ao lado dele.

— Não sou nenhum Cavaleiro Negro, Sam — disse ele suavemente. Nem sou aliado deles. Estive tentando descobrir alguma coisa através de seus movimentos, mas não percebi nada. Não consigo entender por que foram embora, e por que não atacam de novo. Mas não senti a presença deles em nenhum ponto aqui por perto.

Passolargo ficou muito preocupado ao escutar o que Frodo tinha a dizer, balançou a cabeça e suspirou. Então pediu a Pippin e Merry que aquecessem a maior quantidade possível de água em suas pequenas chaleiras, e que banhassem o ferimento de Frodo.

— Mantenham o fogo bem forte, e mantenham Frodo aquecido! —

disse ele. Depois se levantou e se afastou, chamando Sam. — Acho que posso entender melhor as coisas agora — disse ele em voz baixa. — Parece que só havia cinco inimigos. Por que não estavam todos aqui, não sei; mas não acho que esperavam encontrar resistência. Retiraram-se por enquanto. Mas receio que não estejam longe. Voltarão quando chegar outra noite, se não conseguirmos escapar. Estão apenas esperando, porque acham que seu propósito está quase realizado, e que o Anel não pode ir muito mais longe. Receio, Sam, que acreditam que seu patrão tem um ferimento mortal, que fará com que se submeta à vontade deles. Veremos!

Sam sufocou as lágrimas.

— Não se desespere! — disse Passolargo. — Agora deve confiar em mim. O seu Frodo é feito de uma fibra mais resistente do que eu havia imaginado, embora Gandalf tivesse me prevenido. Ele não foi assassinado, e acho que resistirá ao poder maligno do ferimento por mais tempo do que o inimigo espera. Farei o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo e curá-lo. Protejam-no bem enquanto eu estiver fora!

Saiu apressado e desapareceu de novo na escuridão.

Frodo cochilava, embora a dor causada pelo ferimento crescesse lentamente, e um frio mortal começasse a se espalhar pelo seu corpo, partindo do ombro e atingindo o braço e o flanco. Os amigos cuidavam dele, aquecendo-lhe o corpo e banhando o ferimento. A noite passou, lenta e cansativa. A aurora começava a crescer no céu, e o valezinho se enchia de uma luz cinzenta, quando Passolargo finalmente retornou.

— Olhem! — gritou ele, abaixando-se e pegando do chão uma capa preta que tinha ficado ali, escondida pela escuridão. Cerca de trinta centímetros acima da bainha inferior havia um rasgo. — Isto foi o golpe da espada de Frodo — disse ele. — Receio que tenha sido o único ferimento que fez no inimigo; pois não está danificada, mas todas as espadas que perfuram esse terrível Rei são destruídas. Mais terrível para ele foi ouvir o nome de Elbereth. E mais fatal para Frodo foi isto!

Abaixou-se de novo e levantou uma faca comprida e fina, que emitia um brilho frio. Conforme Passolargo a ergueu, eles viram que a lâmina estava chanfrada perto da extremidade, e que a ponta estava quebrada. Mas nesse mesmo momento, enquanto a faca era erguida perante a luz

crescente, eles observaram atônitos: a lâmina pareceu derreter, e sumiu como fumaça no ar, deixando apenas o cabo na mão de Passolargo.

— Infelizmente — disse ele — foi essa maldita faca que causou o ferimento em Frodo. Atualmente, poucos têm o poder de cura capaz de fazer frente a armas tão malignas. Mas farei o que puder.

Sentou-se no chão, e tomando o cabo do punhal, colocou-o sobre os joelhos, e cantou uma canção lenta, numa língua estranha. Depois, pondo-o de lado, voltou-se para Frodo e, num tom suave, pronunciou palavras que os outros não conseguiram entender. Da bolsa acoplada ao seu cinto, retirou as folhas longas de uma planta.

— Essas folhas — disse ele —, caminhei muito para encontrá-las, pois esta planta não nasce nas colinas sem vegetação. Mas nas moitas que ficam lá adiante, ao sul da Estrada, consegui encontrá-la pelo cheiro das folhas. Esmagou uma folha nos dedos, e ela emanou uma fragrância doce e pungente. — Foi sorte tê-la encontrado, pois esta é uma planta medicinal que os homens do Oeste trouxeram para a Terra-média. Athelas é o nome que lhe davam, e atualmente alguns pés crescem esparsos, perto dos lugares onde eles moraram ou acamparam antigamente. A planta não é conhecida no Norte, a não ser por alguns daqueles que vagam pelas Terras Ermas. Tem grandes poderes, mas sobre um ferimento como esse sua eficácia pode ser pequena.

Jogou as folhas na água fervente e banhou o ombro de Frodo. A fragrância do vapor era reconfortante, e os que não estavam feridos sentiram suas mentes acalmadas e lúcidas. A erva também teve certo poder sobre o ferimento, pois Frodo sentiu que a dor e também a sensação de frio cediam; mas a vida não voltou ao seu braço, e ele não podia movê-lo ou levantar a mão. Arrependia-se amargamente de sua tolice, reprovando sua pouca determinação. Agora percebia que, tendo colocado o Anel, havia obedecido não apenas ao seu próprio desejo, mas também à vontade imperativa dos inimigos.

Perguntava-se se ficaria mutilado para o resto da vida, e como conseguiriam prosseguir a viagem agora. Sentia-se fraco demais para ficar em pé.

Os outros estavam discutindo justamente essa questão. Logo

decidiram deixar o Topo do Vento o mais rápido possível.

— Agora acho — disse Passolargo — que o Inimigo esteve vigiand este lugar já por alguns dias. Se Gandalf passou por aqui, foi forçado a i embora, e não voltará mais. De qualquer forma, corremos grande perig depois do escurecer, desde o ataque da noite passada, e dificilmente encontraremos um perigo maior, onde quer que estejamos.

Logo que o dia raiou por completo, comeram algo rapidamente e embalaram a bagagem. Para Frodo era impossível caminhar; então ele dividiram a maior parte da bagagem entre os quatro, colocando-o montado no pônei. Nos últimos dias, o pobre animal tinha melhorado, de forma inesperada; já parecia mais gordo e forte, e tinha começado a demonstrar afeição pelos novos donos, especialmente por Sam. O tratamento de Bil Samambaia devia ter sido muito duro, para que a viagem por esse luga deserto lhe parecesse tão melhor que sua vida anterior.

Partiram em direção ao sul. Isso significaria atravessar a Estrada, ma era o caminho mais curto até a região mais arborizada. E eles precisavam de lenha. Passolargo tinha recomendado que Frodo fosse mantido aquecido especialmente à noite, e além disso o fogo representaria alguma proteção para todos eles. Diminuir o trajeto cortando caminho, atalhando uma outra grande volta da Estrada, também estava nos planos dele: a leste do Topo d Vento a Estrada mudava de rumo e fazia uma grande curva para o norte.

Prosseguiram lenta e cuidadosamente, contornando a encosta sul da colina, e em pouco tempo estavam na borda da Estrada. Não havia sinal do Cavaleiros. Mas no momento em que a atravessaram correndo, escutaran dois gritos: uma voz fria chamando, e uma voz fria respondendo. Tremendo, jogaram-se para frente, dirigindo-se para as moitas que ficavam adiante. A região à frente descia em direção ao sul, mas era deserta e sem trilhas: arbustos e árvores raquíticas cresciam em trechos densos, com grandes espaços vazios entre eles. O capim era ralo, áspero e cinzento; as folhas nas moitas estavam amareladas e caindo. Era uma região triste, e a viagem era lenta e melancólica. Falavam pouco enquanto avançavam. C coração de Frodo estava penalizado ao ver os outros andando ao seu lado, cabisbaixos, com as costas curvadas sob o peso da bagagem. Até mesmo Passolargo parecia cansado e triste.

Antes que o primeiro dia de viagem terminasse, a dor de Frodo começou a aumentar de novo, mas ele não mencionou o fato por um bom tempo. Quatro dias se passaram, sem que o chão ou a paisagem mudassem de modo significativo, a não ser pelo Topo do Vento, que sumia lentamente atrás deles, e pelas montanhas distantes, que ficavam um pouco mais próximas. Mas, desde aquele grito distante, não tinham visto ou ouvido sinais de que o inimigo estivesse vigiando ou seguindo seus passos. As horas escuras eram as mais temidas, e eles montavam guarda, revezando pares durante a noite, esperando ver, a qualquer momento, figuras negras surgindo na noite cinzenta, mal iluminada pela lua velada de nuvens. Apesar disso, nada viram, nada escutaram, exceto o suspiro das folhas esbranquiçadas e do capim. Nenhuma vez sentiram a presença maligna que os tinha rondado antes do ataque no valezinho.

Parecia bom demais esperar que os Cavaleiros já tivessem perdido sua trilha. Quem sabe se não estavam esperando, preparando alguma emboscada, nalguma passagem estreita?

Ao final do quinto dia, o solo começou de novo a subir, lentamente, saindo do vasto e raso vale no qual tinham descido. Passolargo a gora mudara o curso outra vez, dirigindo-se para o nordeste, e no fim do sexto dia tinham chegado ao topo de uma ladeira de subida difícil, vendo à frente um amontoado de colinas cobertas por florestas; à direita, um rio cinzento brilhava pálido na fraca luz do sol. Na distância, entretanto, vislumbravam um outro rio, num vale pedregoso, meio velado pela névoa.

— Receio que devemos voltar para a Estrada neste ponto, e continuar nela por mais um trecho — disse Passolargo. — Chegamos ao rio Fontegris, que os elfos chamam de Mitheithel. Ele corre da Charneca Etten os morros dos trolls ao norte de Valfenda, e se junta ao Ruidoságua mais para o Sul. Alguns o chamam de rio Cinzento depois desse ponto. É um grande volume de água, no trecho anterior ao seu encontro com o Mar. Não há como atravessá-lo abaixo de suas cabeceiras na Charneca Etten, a não ser utilizando a última Ponte, pela qual a Estrada atravessa.

— O que é aquele outro rio que estamos vendo lá adiante? — perguntou Merry.

— Aquele é o Ruidoságua, o Brunem de Valfenda — respondeu

Passolargo. — A Estrada vai acompanhando a borda das colinas por muita milhas, desde a Ponte até o Vau do Brunem. Mas ainda não pensei em como o atravessaremos. Um rio de cada vez! Teremos sorte se não encontrarmos a última Ponte tomada pelo inimigo.

No dia seguinte pela manhã, atingiram de novo a beira da Estrada Sam e Passolargo foram na frente, mas não havia sinal de viajantes ou cavaleiros. Naquele ponto, sob a sombra das colinas, tinha chovido. Passolargo julgou que a chuva tinha caído dois dias antes, e que tinha apagado as pegadas. Nenhum cavaleiro tinha passado por ali desde então, pelo que podia ver.

Apressaram-se pela Estrada o mais rápido que conseguiram e, depois de uma ou duas milhas, depararam com a última Ponte, na base de uma ladeira curta e íngreme. Tinham receado encontrar figuras negras esperando ali, mas não viram nenhuma.

Passolargo fez com que eles se abrigassem numa moita ao lado da Estrada, enquanto foi na frente explorar a região. Logo ele voltou correndo.

— Não vejo sinal do inimigo — disse ele. — E gostaria muito de saber o que isso significa. Mas encontrei algo muito estranho.

Estendeu a mão, mostrando uma pedra singular, de um verde-claro.

— Encontrei-a na lama, no meio da Ponte — disse ele. — É um berilo uma pedra élfica. Se foi colocada lá, ou se caiu por acaso, não posso dizer; mas me traz esperança. Tomarei a pedra como um sinal de que podemos atravessar a Ponte; mas depois dela não devemos nos arriscar a continuar na Estrada, sem algum outro sinal mais evidente.

Mais uma vez prosseguiram. Atravessaram a Ponte a salvo, não escutando nenhum ruído, a não ser o da água em torvelinho contra seus três grandes arcos. Uma milha mais adiante encontraram um desfiladeiro estreito que conduzia para o norte, através das terras íngremes à esquerda da Estrada. Neste ponto, Passolargo deixou a Estrada, e logo estavam todo perdidos num lugar sombrio, de árvores escuras distribuídas entre os pés de colinas taciturnas.

Os hobbits ficaram contentes por deixar a região melancólica e a perigosa Estrada para trás, mas esse novo trecho parecia hostil e ameaçador.

Conforme avançavam, as colinas à frente ficavam cada vez mais

altas. Aqui e ali, sobre topos e cordilheiras, podiam ver os restos de antigas muralhas de pedra, e ruínas de torres: tinham uma aparência agourenta. Frodo, que não estava andando, tinha tempo para olhar à frente e pensar. Lembrava-se do relato que Bilbo fizera de sua viagem, e das torres ameaçadoras sobre as colinas ao norte da Estrada, na região próxima à floresta dos trolls, onde sua primeira aventura séria tinha ocorrido. Frodo supunha estar agora na mesma região, e imaginava se por acaso passariam pelo mesmo ponto.

— Quem mora por aqui? — perguntou ele. — E quem construiu essas torres? Essa região pertence aos trolls?

— Não — disse Passolargo. — Os trolls não constroem nada. Ninguém mora aqui. Os homens moraram numa certa época, eras atrás; mas ninguém permanece agora. Tornaram-se um povo mau, dizem as lendas, pois foram dominados pela sombra de Anginar. Mas todos foram destruídos na guerra que exterminou o Reino do Norte. Mas tudo isso faz muito tempo, e a colinas os esqueceram, embora uma sombra ainda cubra a região.

— Onde você aprendeu essas histórias, se toda a região está vazia e esquecida? — perguntou Peregrin. — Aves e animais não contam histórias desse tipo.

— Os herdeiros de Elendil não esquecem todas as coisas passadas disse Passolargo. — E muitas outras coisas que posso contar são relembradas em Valfenda.

— Você esteve muitas vezes em Valfenda? — perguntou Frodo.

— Estive — disse Passolargo. — Morei lá uma época, e ainda volto quando posso. Ali está meu coração; mas meu destino não é me acomodar em paz, mesmo na bela casa de Elrond.

As colinas agora começavam a enclausurá-los. Atrás, a Estrada continuava seu caminho em direção ao rio Brunem, mas ambos agora estavam escondidos. Os viajantes chegaram a um vale comprido; estreito, profundo, escuro e silencioso.

Árvores com raízes velhas e retorcidas se debruçavam sobre abismos, e se amontoavam em ladeiras íngremes cobertas de pinheiros.

Os hobbits ficaram muito cansados. Avançavam devagar, pois tinham de fazer seu caminho em meio a uma região sem trilhas, cheia de

árvores e rochas caídas. Evitavam ao máximo escalar as encostas, por causa de Frodo, e também porque era realmente difícil achar algum caminho que os tirasse dos vales estreitos.

Já estavam havia dois dias nessa região quando o clima se tornou úmido. O vento começou a soprar continuamente do oeste, derramando a água dos mares distantes sobre as cabeças pretas das colinas, na forma de uma chuva fina que alagava tudo. Ao cair da noite estavam todos ensopados, e o acampamento que fizeram não tinha conforto, pois não conseguiram acender fogueira alguma. No dia seguinte, as colinas à frente ficaram ainda mais altas e íngremes, o que os forçou a mudar de rumo, indo para o norte. Passolargo parecia estar ficando ansioso: já estavam a quase dez dias do Topo do Vento, e a reserva de provisões estava começando a ficar escassa.

Continuava a chover.

Naquela noite, acamparam numa saliência rochosa com uma muralha de pedra atrás deles, na qual havia uma caverna não muito profunda, uma simples concavidade na encosta.

Frodo estava inquieto. O frio e a umidade faziam com que seu ferimento doesse mais que nunca, e a dor e o sentimento de frio mortal impediam que dormisse. Ficava deitado, virando-se de um lado para o outro e escutando, cheio de terror, os furtivos ruídos da noite: vento nas fendas das rochas, água gotejando, um estalo, a queda repentina e estrepitosa de uma rocha desprendida. Sentiu que figuras negras se aproximavam para sufocá-lo, mas, quando se sentou, não viu nada além das costas de Passolargo, sentado e arqueado para frente, fumando seu cachimbo, vigiando. Deitou-se de novo e entrou num sonho agitado, no qual ele caminhava sobre a grama de seu jardim no Condado, mas a imagem parecia apagada e fraca, menos nítida que as sombras altas e negras que olhavam sobre a cerca-viva.

De manhã, acordou e viu que a chuva tinha parado. As nuvens ainda estavam densas, mas iam se desfazendo, e pálidas faixas azuis apareciam por entre elas.

O vento estava mudando de novo. Não partiram cedo Imediatamente após um desjejum frio e pouco reconfortante, Passolargo

saiu sozinho, dizendo aos outros que ficassem sob o abrigo da encosta até que ele voltasse. Ia escalar, se pudesse, para dar uma olhada na configuração do terreno. Quando voltou, não estava confiante.

— Desviamos demais para o norte — disse ele. — E temos de achar um caminho para voltar outra vez em direção ao sul. Se continuarmos por onde estamos indo, acabaremos chegando nos Vales Etten, muito ao norte de Valfenda. Ali é região de trolls, que eu conheço pouco. Talvez pudéssemos achar um caminho e chegar a Valfenda pelo norte, mas isso levaria muito tempo, pois não sei o caminho, e nossa comida não seria suficiente. De uma maneira Ou de outra, temos de achar o Vau do Brunem.

Pelo resto daquele dia, avançaram aos tropeços sobre o solo pedregoso.

Encontraram uma passagem entre duas colinas, que os conduziu a um vale que ia do sul para o leste, a direção que queriam tomar; mas no fim do dia descobriram que seu caminho estava novamente bloqueado por uma cordilheira; os topos escuros, contrastando com o céu, quebravam-se em muitas pontas nuas, como os dentes de um serrote cego. Podiam escolher entre voltar ou escalar.

Decidiram tentar a escalada, que resultou em muita dificuldade. Logo Frodo foi obrigado a descer do pônei e caminhar, o que fazia à custa de muito esforço. Mesmo assim, várias vezes quase perderam as esperanças de conseguir levar o pônei colina acima, ou até de achar uma trilha para eles mesmos, carregados de coisas como estavam. A luz já tinha quase se extinguido, e estavam exaustos, quando finalmente atingiram o topo. Tinham escalado até um passo estreito entre dois pontos mais altos, e o terreno descia íngreme novamente, apenas um pouco à frente. Frodo se jogou no chão e ficou deitado, tremendo. Seu braço esquerdo estava paralisado, e sentia como se garras de gelo segurassem seu ombro e flanco. As árvores e rochas ao redor pareciam sombrias e escuras.

— Não podemos continuar — disse Merry a Passolargo. — Receio que isso tenha sido demais para Frodo. Estou terrivelmente aflito por ele. Que devemos fazer? Você acha que poderão curá-lo em Valfenda, se chegarmos lá?

— Veremos — respondeu Passolargo. — Não há mais nada que eu

possa fazer nesta região deserta; e é principalmente por causa do ferimento dele que estou tão ansioso por continuar. Mas concordo que não podemos prosseguir esta noite.

— Qual é o problema com meu patrão? — perguntou Sam em voz baixa, olhando desesperado para Passolargo. — O ferimento foi pequeno, e já está fechado. Não se vê nada a não ser uma marca fria e branca em seu ombro.

— Frodo foi tocado pelas armas do Inimigo — disse Passolargo. — E há algum veneno ou malefício em ação, que está além da minha habilidade de expulsar. Mas não perca a esperança, Sam!

A noite era fria sobre o alto desfiladeiro. Acenderam uma pequena fogueira sob as raízes retorcidas de um velho pinheiro, que se curvava sobre uma cavidade rasa: parecia que uma pedra tinha sido extraída dali. Sentaram-se, uns aconchegados aos outros.

O vento soprava frio através da passagem, e eles escutaram as copas das árvores abaixo gemendo e suspirando. Frodo entrara numa espécie de delírio, imaginando que asas escuras e infinitas pairavam sobre ele, e que montando as asas estavam perseguidores que o procuravam em todas as concavidades das colinas.

O dia amanheceu claro e bonito; o ar estava limpo, e a luz era pálida no céu recentemente lavado pela chuva. Os corações se sentiram mais fortes, mas eles queriam que o sol aquecesse suas pernas e braços, que estavam enregelados e duros. Assim que ficou claro, Passolargo foi olhar a região do ponto que ficava ao leste da passagem, levando Merry consigo. O sol tinha se levantado, e brilhava forte, quando voltou com notícias mais animadoras. Estavam agora indo mais ou menos na direção correta.

Se continuassem pela encosta da cordilheira, teriam as Montanhas à sua esquerda. Alguma distância à frente, Passolargo tinha visto um trecho do Ruidoságua de novo, e sabia que, embora estivesse escondida, a Estrada para o Vau não estava longe do Rio, e ficava na margem mais próxima do ponto onde estavam.

— Devemos voltar para a Estrada de novo — disse ele. — Não há esperança de acharmos uma trilha através destas colinas. Apesar de todo o perigo que correremos ali, a Estrada é o único caminho para o Vau.

Logo após comerem, partiram novamente. Desceram devagar a encosta sul da cordilheira; mas o caminho foi bem mais fácil do que esperavam, pois a descida era muito menos íngreme desse lado, e logo Frodo pôde montar de novo. O pobre e velho pônei de Bill Samambaia estava desenvolvendo um talento inesperado para achar uma trilha, e para evitar ao máximo qualquer solavanco que pudesse perturbar seu montador. Os ânimos do grupo se elevaram de novo. Até Frodo se sentia muito melhor na luz da manhã, mas de quando em quando uma névoa parecia obscurecer sua visão, e ele passava as mãos sobre os olhos.

Pippin estava um pouco à frente dos outros. De repente, voltou-se e gritou:

— Há uma trilha aqui!

Quando os outros o alcançaram, viram que não tinha si do engano: via-se claramente o início de uma trilha, que subia com muitas curvas, saindo da floresta abaixo, e desaparecia no topo da colina atrás deles. Em alguns pontos, estava agora apagada e coberta de vegetação, ou sufocada por árvores e pedras caídas; mas parecia ter sido muito usada em alguma época. Era uma trilha feita por braços fortes e pés pesados. Aqui e ali velhas árvores tinham sido cortadas ou arrancadas, e grandes rochas cortadas ou colocadas de lado para abrir caminho.

Seguiram a trilha por um tempo, pois ela oferecia o caminho mais fácil até lá embaixo, mas iam com cuidado, e a ansiedade aumentou quando chegaram na floresta escura, e a trilha ficou mais plana e larga. De súbito, saindo de uma faixa de pinheiros, viram uma ladeira íngreme que descia, e virava para a esquerda num ângulo fechado, contornando uma saliência rochosa da colina. Quando atingiram a curva, viram que a trilha continuava numa faixa plana sob a parede de um rochedo baixo coberto de árvores. Na muralha de pedra havia uma porta entreaberta, que pendia torta e aberta, presa por uma grande dobradiça.

Do lado de fora da porta, pararam. Havia uma caverna semelhante a uma câmara de pedra atrás dela, mas na escuridão não se via nada. Passolargo, Sam e Merry, empurrando com toda a força que tinham conseguiram abrir a porta um pouco mais, e então Passolargo e Merry entraram. Não foram muito longe, pois no chão havia muitos ossos velhos, e

nada mais se via perto da porta, a não ser algumas vasilhas grandes e vazias, e potes quebrados.

— Certamente, esta é uma toca de trolls, se é que isso existe! — disse Pippin. — Venham, vocês dois, e vamos sair daqui. Agora sabemos quem fez a trilha, e é melhor irmos embora rápido.

— Não vejo necessidade, eu acho — disse Passolargo, saindo. — Certamente, esta é uma toca de trolls, mas parece abandonada há muito tempo. Não acho que precisamos ficar com medo. Mas vamos descer com cuidado, e veremos.

A trilha continuava de novo depois da porta e, virando mais uma vez para a direita através do espaço plano, mergulhava numa ladeira coberta por vegetação densa.

Pippin, não querendo demonstrar a Passolargo que ainda sentia medo, foi à frente com Merry. Sam e Passolargo vieram atrás, um de cada lado do pônei de Frodo, pois agora a trilha era larga o suficiente para permitir que quatro ou cinco hobbits andassem lado a lado. Mas não tinham ido muito longe quando Pippin voltou correndo, seguido por Merry. Os dois pareciam apavorados.

— Há trolls! — ofegou Pippin. — Ali embaixo, numa clareira na floresta, não muito distante. Vimo-los de relance entre os troncos de árvores. São muito grandes!

— Vamos lá dar uma olhada — disse Passolargo, pegando um pau. Frodo não disse nada, mas Sam parecia amedrontado.

Agora o sol estava alto, brilhando através dos ramos seminus das árvores, iluminando a clareira com raios de luz intensa. Pararam de repente na borda, e espiaram através dos troncos das árvores, segurando a respiração. Ali estavam os trolls: três grandes trolls. Um estava agachado enquanto os outros dois o observavam.

Passolargo avançou indiferente.

— Levante, pedra velha! — disse ele, arrebentando o pau no troll agachado.

Nada aconteceu. Pasmos, os hobbits ficaram de boca aberta, e depois até Frodo riu.

— Bem! — disse ele. — Estamos esquecendo a história de nossa

família! Estes devem ser exatamente aqueles três que foram capturados por Gandalf, e que estavam discutindo sobre a melhor maneira de se cozinhar treze anões e um hobbit.

— Não tinha ideia de que estivéssemos perto do lugar! — disse Pippin, que conhecia bem a história. Bilbo e Frodo sempre a contavam, mas na verdade ele nunca acreditara nela completamente. Mesmo agora, olhava para os trolls de pedra com suspeita, imaginando se algum tipo de mágica não os traria de volta à vida novamente.

— Vocês estão esquecendo não só a história da família, mas também tudo o que sabiam sobre trolls — disse Passolargo. — Estamos em plena luz do dia, com o sol brilhando, e vocês voltam tentando me assustar com uma história de trolls vivos esperando por nós na clareira! De qualquer forma, poderiam ter notado que um deles tem um velho ninho de passarinho atrás da orelha. Esse é um enfeite muito singular para um troll vivo.

Todos riram. Frodo sentiu seu ânimo renascer: a lembrança da primeira aventura bem-sucedida de Bilbo era encorajadora. O sol, também estava quente e reconfortante, e a névoa que cobria seus olhos parecia estar se desvanecendo um pouco. Descansaram por um tempo na clareira, e fizeram a refeição do meio-dia bem embaixo da sombra das grandes pernas dos trolls.

— Alguém não poderia cantar uma canção, nessa hora em que o sol está tão alto? — disse Merry, quando tinham terminado de comer. — Não escutamos uma canção ou história há dias.

— Desde o Topo do Vento — disse Frodo. Os outros olharam para ele. Não se preocupem comigo! — acrescentou. — Sinto-me muito melhor, mas não acho que poderia cantar.

Talvez Sam consiga cavar alguma coisa em sua memória.

— Vamos lá, Sam! — disse Merry. — Existem mais coisas armazenadas na sua memória do que você dá a conhecer.

— Não sei nada disso — disse Sam. — Mas será que esta cairia bem? Não é exatamente o que eu chamaria de poesia, se é que me entendem: apenas um pouco de besteira. Mas essas imagens antigas daqui me fizeram lembrar. — Em pé, com as mãos atrás das costas, como se estivesse na escola, começou a cantar uma melodia antiga.

Troll no calabouço, só sem alvoroço,
Sentado resmunga, roendo um velho osso;
Por anos sem conta, roia a mesma ponta,
Pois carne jamais encontrava.
Rosnava! Chiava!
Sentado, sozinho, em seu calabouço,
E carne jamais encontrava.
Surge Tom agora de bota e de espora.
E já vai dizendo: — O que você devora?
Parece, isso sim, a canela do tio Tim,
Que devia estar em sua sepultura.
Dura! Escura!
Já faz um tempão que meu tio foi embora,
E eu achava que estava em sua sepultura.
— Bem, diz o safado, o osso foi roubado.
Mas pra que é que serve um osso enterrado?
Já estava bem frio, feito gelo, o titio,
Antes de eu pegar sua canela.
Bela! Gela!
E ele a quis dar para um velho coitado,
Já que não precisava mais dela.
Diz Tom: — Não consigo entender como o amigo,
Sem ter permissão, vai e leva consigo
Chanca ou canela de minha parentela.
Então me dá logo esse osso! Grosso! Insosso!
É dele, eu te digo, o que tinha consigo.
Então me dá logo esse osso!
— Por uma bagatela, diz Troll tagarela,
Também como você e rôo sua canela.
Essa carne macia, que gostosa seria!
Deixa eu dar uma mordida. Urdida! Ardida!
Já cansei de roer esta velha canela.
Tô afim de você por comida.

Mas quando Troll julgava que o jantar agarrava,
Percebeu que sua mão nada mais segurava.
Rápido, num zás, Tom passou para trás
E meteu-lhe a botina. Sina! Atina!
Um bom chute no assento, Tom pensava,
E agora vai ver que ele atina!
Mas dura qual caroço é a carne com osso
De um troll instala do em seu calabouço,
Melhor é chutar uma pedra tumular
Porque assento de troll nada sente.
Mente? Tente! Riu Troll quando Tom gemeu em alvoroço,
Sabendo o que um dedão sente.
E Tom hoje anda coxo, depois que voltou mocho
Seu pé sem botina está sempre meio roxo.
Mas Troll numa boa, continua sempre à toa,
Roendo seu osso roubado.
Dado! Fado! Sentado, só, velho e chocho,
Roendo seu osso roubado!

— Bem, isso é um aviso para todos nós — riu Merry. — Foi bom que você usou um pau, e não a mão, Passolargo!

— De onde você desenterrou essa, Sam? — perguntou Pippin. — Nunca escutei essa letra antes.

Sam murmurou algo inaudível.

— Da própria cabeça dele, é claro — disse Frodo. — Estou aprendendo muito sobre Sam Gamgi nesta viagem. Primeiro era um conspirador, agora um bufão. Vai acabar se revelando um mago — ou um guerreiro!

— Espero que não — disse Sam. — Não quero ser nenhum dos dois. De tarde, avançaram, descendo pela floresta. Provavelmente estavam seguindo a mesma trilha que Gandalf, Bilbo e os anões tinham usado havia muitos anos. Depois de algumas milhas, saíram no topo de um barranco alto sobre a Estrada. Nesse ponto, a Estrada já tinha deixado o Fontegris bem atrás em seu vale estreito, e agora se prendia ao sopé das colinas, rolando e

ziguezagueando em direção ao leste, entre florestas e encostas cobertas por urzais, seguindo para o Vau e as Montanhas. Não muito abaixo do barranco Passolargo apontou para uma rocha sobre o capim. Nela estavam entalhadas, de forma rude e agora bem gastas, runas de anões e marcas secretas.

— Vejam! — disse Merry. - Aquela deve ser a pedra que marcava o lugar onde o ouro dos trolls estava escondido. Quanto você acha que restou da parte de Bilbo, Frodo?

Frodo olhou a pedra, desejando que Bilbo não tivesse trazido para casa nenhum tesouro mais perigoso, nem mais difícil de abandonar.

— Nada! — Disse ele. — Bilbo doou tudo. Disse-me que não senti que o tesouro era realmente dele, uma vez que vinha de ladrões.

A Estrada se estendia quieta, sob as sombras compridas do início da noite. Não se via qualquer sinal de viajantes. Como agora não havia outro caminho que pudessem tomar, desceram o barranco, e virando à esquerda avançaram o mais rápido possível. Logo uma saliência nas colinas bloqueou a luz do sol que se deitava rápido no oeste. Um vento frio descia ao seu encontro, vindo das montanhas à frente.

Estavam começando a procurar um lugar fora da Estrada, onde pudessem acampar durante a noite, quando ouviram um som que trouxe um pavor repentino de volta aos seus corações: o ruído de cascos atrás deles. Olharam para trás, mas não podiam enxergar muito longe por causa das várias curvas da Estrada. Com a máxima velocidade possível, deixaram aos tropeços o caminho batido, penetrando na densa vegetação de urzais e mirtilos que cobria as encostas acima, até que chegaram num pequeno trecho coberto por densas aveleiras. Ao espiarem por entre os arbustos, puderam ver a Estrada, apagada e cinzenta sob a luz que enfraquecia, cerca de dez metros abaixo de onde estavam. O som dos cascos se aproximou. Avançavam rápido, com um suave clipete-clipete-clipe. Então ouviram baixinho, como que carregado pela brisa, um som suave, como se pequenos sinos estivessem tocando.

— Esse não parece um cavalo dos Cavaleiros Negros! — disse Frodo escutando atentamente. Os outros hobbits concordaram esperançosos mas todos permaneceram cheios de suspeitas. Tinham sentido medo de

perseguições por tanto tempo que qualquer som atrás deles parecia agourento e hostil. Mas Passolargo agora se curvava para frente, e abaixando-se até o chão, com uma mão sobre a orelha, fez uma expressão de alegria.

A luz desaparecia, e as folhas e arbustos farfalhavam suavemente. Os sinos agora soavam alto e mais perto; clipete -clipe, vinham as patas em trote rápido. De repente apareceu, lá embaixo, um cavalo branco, reluzindo nas sombras, correndo muito. No crepúsculo, a testeira brilhava e reluzia, como se estivesse adornada com pedras que pareciam estrelas. A capa do cavaleiro flutuava nas suas costas, e o capuz estava jogado para trás; o cabelo dourado esvoaçava brilhante no vento veloz. Frodo teve a impressão de que uma luz branca brilhava através da figura e das vestes do cavaleiro, como se viesse através de um véu tênue.

Passolargo pulou do esconderijo e correu em direção à Estrada saltando com um grito através do urzal; mas antes mesmo que tivesse se movido ou gritado, o cavaleiro puxou as rédeas e parou, olhando para cima em direção à moita onde estavam. Quando viu Passolargo, desceu do cavalo e correu para encontrá-lo, gritando:

- Ai na vedui Dúnadan! Alae govannen!

A fala e a voz clara, musical, não deixavam dúvidas nos corações: o cavaleiro era do povo élfico. Nenhuma outra criatura habitante do vasto mundo tinha uma voz tão bela e agradável de escutar. Mas parecia haver um tom de aflição naquele chamado, e eles viram que agora ele falava com Passolargo cheio de ansiedade e urgência.

Logo Passolargo fez um sinal, e os hobbits saíram dos arbustos correndo para a Estrada.

— Este é Glorfindel, que mora na casa de Elrond - disse ele.

— Salve, que bom que finalmente os encontrei! — disse o Senhor élfico a Frodo. — Fui enviado de Valfenda para encontrá-los. Temíamos que estivessem correndo perigo na estrada.

— Então Gandalf chegou a Valfenda — gritou Frodo cheio de alegria.

— Não. Ainda não tinha chegado quando parti, mas isso já faz muitos dias — respondeu Glorfindel. — Elrond recebeu uma notícia que o preocupou. Alguns de meu povo, viajando por sua terra além do

Baranduin, souberam que as coisas deram errado, e enviaram mensagens c mais rápido possível. Disseram que os Nove estavam espalhados, e que vocês estavam perdidos, carregando um fardo pesado, sem orientação, pois Gandalf não tinha voltado. Até mesmo em Valfenda existem poucas pessoas que podem cavalgar abertamente contra os Nove; mas do jeito que as coisas estavam, Elrond enviou mensageiros para o Norte, Oeste e Sul. Pensou -s que vocês poderiam ter mudado de direção para evitar os perseguidores, e perdido o rumo nesse lugar deserto.

— A parte designada a mim foi pegar a Estrada, e eu cheguei até a Ponte de Mitheithel, deixando ali um sinal, há sete dias. Três dos servidore de Sauron estiveram na Ponte, mas retiraram-se e os persegui em direção ao norte. Também encontrei outros dois, mas eles rumaram para o sul. Desde então tenho procurado sua trilha. Há dois dias a encontrei, e a segui através da Ponte; hoje observei o ponto por onde voltaram e desceram das colinas de novo. Mas venham! Não há tempo para mais notícias. Já que estão aqui devemos correr o perigo da Estrada e ir. Há cinco deles atrás de nós, e quando encontrarem suas pegadas na Estrada, virão atrás de vocês como o vento. E não são todos. Onde estão os outros, eu não sei. Receio que o Vau já esteja tomado pelos inimigos.

Enquanto Glorfindel falava, as sombras da noite aumentaram. Frodo sentiu um grande cansaço tomando conta de seu corpo. Desde que o sol começara a se pôr, a névoa sobre seus olhos tinha ficado mais densa, e ele sentia que uma sombra começava a se instalar entre ele e os rostos dos amigos. Agora a dor o acometia, e ele sentia frio. Estava zonzo, e se agarrava ao braço de Sam.

— Meu patrão está doente e ferido — disse Sam furioso. — Ele não pode continuar montando depois do cair da noite. Precisa descansar.

Glorfindel segurou Frodo, que quase caía ao chão, e tomando-o gentilmente nos braços, olhou seu rosto com grande ansiedade.

Rapidamente, Passolargo contou-lhe sobre o ataque ao acampamento no Topo do Vento, e da faca mortal. Pegou o cabo, que tinha guardado estendendo— o ao elfo. Glorfindel tremeu ao pegá-lo, mas continuou observando-o com grande atenção.

— Há coisas maléficas escritas neste cabo — disse ele. — Apesar de

seus olhos não poderem vê-las. Guarde-o, Aragorn, até que cheguemos à casa de Elrond! Mas tenha cuidado, e toque-o o menos possível Infelizmente, os ferimentos causados por esta faca estão além de meu poder de cura. Farei o que puder, mas o que acho mais necessário agora é partir sem descanso.

Ele procurou o ferimento no ombro de Frodo com os dedos, e seu rosto ficou mais sério, como se o que tivesse concluído o preocupasse. Mas Frodo sentiu que o frio diminuía em seu flanco e braço; um pequeno calor se espalhava do ombro para a mão, e a dor ficou mais suportável. A escuridão do início da noite parecia ficar menos densa, como se uma nuvem tivesse sido retirada. Via de novo os rostos dos amigos mais claramente, e retornou a seu coração um bocado de nova esperança e força.

— Você montará meu cavalo — disse Glorfindel. — Vou encurtar o estribo até a aba da sela, e você deve sentar-se o mais firme que conseguir. Mas não precisa ter medo: meu cavalo não deixa cair nenhum cavaleiro que eu ordene que ele conduza. Seu passo é leve e suave; se o perigo chegar perto demais, ele o levará para longe com uma velocidade que nem os cavalos do inimigo podem alcançar.

— Não, ele não deve fazer isso! — disse Frodo. — Não vou montá-lo se ele me levar para Valfenda ou qualquer outro lugar, deixando meus amigos para trás e em perigo.

Glorfindel sorriu.

— Duvido muito que seus amigos fiquem em perigo se não estiverem com você — disse ele. — A perseguição continuaria atrás de você, deixando-nos em paz. É você, Frodo, e o que você carrega, que nos traz todo o perigo.

Frodo não teve resposta para aquilo, e foi persuadido a montar o cavalo branco de Glorfindel.

O pônei foi então carregado com a maioria dos fardos dos outros, de modo que agora todos marcharam mais facilmente, e por um período avançaram com boa velocidade; mas os hobbits começaram a ter dificuldade em acompanhar o ritmo dos pés rápidos e descansados do elfo. E adiante ele os conduziu, para dentro da escuridão, e continuou em frente, sob as nuvens densas da noite. Não havia lua nem estrelas.

Só quando viram a aurora cinzenta é que permitiu que parassem. Sam, Merry e Pippin estavam naquela hora quase dormindo sobre as perna cambaleantes; e até mesmo Passolargo dava sinais de cansaço, que se manifestava em seus ombros curvados. Frodo montava o cavalo num sonhc escuro.

Abrigaram-se sob o urzal que ficava a alguns metros da borda da estrada, e adormeceram imediatamente. Parecia-lhes que mal tinham fechado os olhos, quando Glorfindel, que tinha montado guarda enquantc dormiam, acordou -os de novo. O sol já tinha subido bastante no céu, e as nuvens e a névoa da noite tinham se dissipado.

— Bebam isso — disse a eles Glorfindel, derramando para um de cada vez um pouco de uma bebida, de um frasco de couro adornado de prata.

O líquido era transparente como água, não tinha gosto, e ao contatc com a boca não era nem frio nem quente; mas parecia que força e vigor fluíam-lhes para os braços e as pernas ao beberem dele. Depois disso, comer o pão velho e as frutas secas (que era tudo o que restava agora) parecia satisfazer-lhes a fome mais do que os melhores desjejuns do Condado.

Tinham descansado menos que cinco horas quando pegaram a Estrada de novo.

Glorfindel ainda forçou a viagem, e só permitiu duas paradas rápidas durante todo o dia de marcha. Desse jeito, cobriram quase vinte milhas antes do cair da noite, e chegaram a um ponto onde a Estrada fazia uma curva à direita, e descia em direção ao fundo do vale, indo direto para o Brunem. Até agora, não tinha havido sinais ou ruídos da perseguição, mas frequentemente Glorfindel parava para escutar por uns momentos, quandc eles ficavam para trás, e uma expressão ansiosa cobria seu rosto. Uma ou duas vezes, dirigiu-se a Passolargo na língua élfica.

Mas por mais ansiosos que os guias estivessem, era ponto pacífico que os hobbits não podiam mais prosseguir aquela noite. Iam tropeçando, zonzos e cansados. A dor de Frodo tinha redobrado, e durante o dia as coisas à sua volta tinham se embaçado em sombras de um cinza fantasmagórico. Ele quase recebeu com alegria a chegada da noite, pois então o mundo parecia menos pálido e vazio.

Os hobbits ainda estavam cansados quando partiram de novo, no dia

seguinte bem cedo. Ainda havia muitas milhas a percorrer até o Vau, e eles avançavam mancando, no melhor ritmo possível.

— Nosso perigo ficará maior um pouco antes de atingirmos o rio — disse Glorfindel. — Meu coração me adverte que os perseguidores estão vindo rápido atrás de nós, e outros perigos podem estar à espera no Vau.

A Estrada ainda descia a colina íngreme, e agora em alguns pontos havia bastante capim dos dois lados, no qual os hobbits iam pisando quando podiam, para aliviar o cansaço dos pés. No fim da tarde, chegaram a um lugar onde a Estrada entrava abruptamente embaixo da sombra escura de pinheiros altos, e então mergulhava num valo profundo, com paredes íngremes e úmidas de pedra vermelha. Ecos reverberavam à medida que avançavam com pressa e parecia haver o ruído de muitos passos, seguindo os passos deles. De repente, como se por um portão de luz, a Estrada saiu novamente da extremidade do túnel para o espaço aberto. Ali, na base de uma subida íngreme, viram adiante um trecho comprido e plano, e além dele o Vau de Valfenda.

Na margem oposta, havia um barranco inclinado e escuro, marcado por uma trilha tortuosa; mais além, as montanhas altas subiam, saliência após saliência, e pico além de pico, para dentro do céu que se apagava.

Ainda se ouvia um som como o de pés perseguindo-os no valo; um ruído que se apressava, como se um vento se levantasse, derramando-se através dos ramos dos pinheiros. Num momento, Glorfindel se virou para escutar, e então jogou-se para frente com um grito:

— Fujam! — gritou ele. — Fujam! O inimigo está nos alcançando!

O cavalo branco saltou para frente. Os hobbits correram, descendo a ladeira. Glorfindel e Passolargo seguiam na retaguarda. Tinham atravessado apenas metade daquele espaço plano, quando de repente escutaram o galope de cavalos. Saindo por entre as árvores que tinham deixado havia pouco, viram um Cavaleiro Negro a galope. Puxou as rédeas de seu cavalo e parou, oscilando na sela. Um outro o seguiu, e depois outro, e mais dois ainda.

— Vá embora! Galope! — gritou Glorfindel para Frodo.

Ele não obedeceu imediatamente, pois uma estranha relutância o segurava.

Fazendo o cavalo andar, voltou-se e olhou para trás. Os Cavaleiro pareciam montar seus grandes cavalos como estátuas ameaçadoras sobre uma colina, enquanto toda a floresta e as terras à sua volta se retraíam dentro de uma espécie de névoa. De repente, percebeu que eles, em silêncio, ordenavam que esperasse. Então, de imediato, o medo e o ódic acordaram dentro dele. Sua mão abandonou a rédea e empunhou a espada, e com um clarão vermelho a desembainhou.

— Galope! Galope! — gritou Glorfindel, e então, alto e bom som gritou para o cavalo na língua élfica: — *noro lim, noro lim, Asfaloth*!

Imediatamente, o cavalo saltou e correu como o vento ao longo dc último trecho da Estrada. No mesmo momento, os cavalos negros vieran descendo a colina em perseguição, e dos Cavaleiros vinha um grito terrível, como aquele que Frodo escutara enchendo a floresta de terror na Quarta Leste, lá longe.

Houve resposta e para a infelicidade de Frodo e seus amigos, das árvores e rochas à sua esquerda, quatro outros Cavaleiros saíram em disparada. Dois vinham na direção de Frodo; dois galopavan alucinadamente para o Vau, para impedir sua fuga. Frodo tinha a impressãc de que corriam como o vento, ficando rapidamente maiores e mais escuros, à medida que o trajeto que faziam convergia com o dele.

Frodo por um instante olho para trás, por sobre os ombros. Nãc conseguia mais ver os amigos. Os Cavaleiros estavam ficando para trás: nem mesmo seus grandes animais eram páreo em velocidade para o cavalo branco de Glorfindel. Olhou para frente de novo, e perdeu as esperanças Parecia não haver chance de atingir o Vau antes de ser interceptado pelos outros, que esperavam numa emboscada. Agora podia vê-los com nitidez: parecia que tinham deixado de lado os capuzes e as capas pretas, e estavam vestidos de branco e cinza. As espadas estavam nuas nas mãos pálidas, elmos cobriam suas cabeças. Os olhos frios brilhavam, e eles o chamavam com vozes cruéis.

Agora o medo havia tomado conta da mente de Frodo. Não pensou mais em sua espada. Nenhum grito partiu dele. Fechou os olhos e agarrou-se à crina do cavalo. O vento assobiava em seus ouvidos, e os sinos dos arreios tilintavam frenética e estriduladamente. Um sopro de frio mortal c

atravessou como uma lança quando, num último esforço, semelhante a um clarão de fogo branco, o cavalo élfico, como se estivesse voando, passou bem diante do rosto do Cavaleiro que ia na frente.

Frodo ouviu a água espirrar, espumando sob seus pés. Sentiu -a avançar e depois se afastar, quando o cavalo deixava o rio e se esforçava para subir o caminho de pedra. Estava subindo o barranco inclinado. Tinha atravessado o Vau.

Mas os perseguidores vinham logo atrás. No topo do barranco, o cavalo parou e se voltou, relinchando furiosamente. Havia Nove Cavaleiros na beira da água lá embaixo, e o ânimo de Frodo fraquejou diante da ameaça daqueles rostos voltados para cima. Não conseguia pensar em nada que pudesse impedir que eles atravessassem o Vau com a rapidez com que ele o fizera, e sentia que era inútil tentar escapar pelo caminho comprido e incerto que ia do Vau até o limite de Valfenda, se os Cavaleiros chegassem a atravessar. De qualquer maneira, sentiu -se forçado a parar. O ódio mais uma vez se agitava nele, mas não tinha mais força para se recusar.

De repente, o Cavaleiro mais próximo esporeou seu cavalo, forçando-o a avançar. O cavalo refreou ao toque da água, empinando nas patas traseiras. Com grande esforço, Frodo sentou-se ereto e brandiu a espada.

— Voltem! — gritou ele. — Voltem para a Terra de Mordor, e não me sigam mais! — Sua voz soava fina e trêmula aos seus próprios ouvidos. Os Cavaleiros pararam, mas Frodo não tinha o poder de Tom Bombadil. Seus inimigos riam dele, com um riso rude e arrepiante.

— Volte! Volte! — gritavam eles. — Vamos levá-lo para Mordor!

— Voltem! — sussurrou ele.

— O Anel! O Anel! — gritavam eles com vozes mortais, imediatamente o líder forçou o cavalo para dentro da água, seguido de perto por outros dois.

— Por Elbereth e Lúthien, a Bela — disse Frodo num último esforço levantando a espada. — Vocês não terão nem o Anel, nem a mim!

Então o líder, que já tinha atravessado o Vau até a metade, levantou-se nos estribos, ameaçador, e ergueu a mão. Frodo foi tomado por uma espécie de adormecimento. Sentia a língua aderindo à boca, e o coração batendo com dificuldade. Sua espada quebrou e caiu da mão trêmula.

O cavalo élfico empinou, bufando. O cavalo negro que vinha à frente já tinha quase saído da água.

Naquele momento, houve um trovão e um estrondo: um ruído enorme de águas fazendo rolar muitas pedras. Com a visão embaçada, Frodo conseguiu distinguir o movimento do rio embaixo dele se levantando, e descendo seu curso veio uma cavalaria emplumada de ondas brancas. Parecia a Frodo que chamas brancas piscavam nas cristas das ondas, e ele imaginou enxergar no meio da água cavaleiros brancos sobre cavalos brancos, com crinas espumantes. Os três Cavaleiros que ainda estavam na água sucumbiram: desapareceram, subitamente cobertos pela espuma furiosa. Os que estavam atrás recuaram, com medo.

Com os sentidos já bem fracos, Frodo escutou gritos, e teve a impressão de ver, atrás dos Cavaleiros que hesitavam na beira da água, uma figura brilhante de luz branca; e atrás dela corriam pequenas formas sombrias, acenando com chamas, que brilhavam na névoa cinzenta que caía sobre o mundo.

Os cavalos negros ficaram alucinados, e, pulando para frente, apavorados, conduziram os cavaleiros para dentro da enchente que avançava. Seus gritos agudos foram afogados no ruído do rio, que os carregava para longe. Então Frodo sentiu que estava caindo, e o ruído e a confusão pareceram aumentar e engoli-lo, juntamente com os inimigos. Não escutou nem viu mais nada.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I: MUITOS ENCONTROS

Ao acordar, Frodo se viu deitado numa cama. Num primeir momento, pensou ter perdido a hora, depois de um sonho desagradável que ainda pairava no limiar de sua memória, Ou, quem sabe, estivera doente? Mas o teto parecia estranho; era plano, com vigas esplendidamente entalhadas. Ficou deitado por mais um tempo, olhando para a luz do sol projetada na parede, e escutando o som de uma cachoeira.

— Onde estou, e que horas são? — disse ele em voz alta para o teto.

— Na Casa de Elrond, e são dez da manhã — disse uma voz. – Estamos na manhã do dia 24 de outubro, se quiser saber.

— Gandalf. — gritou Frodo, sentando-se. Ali estava o velho magc sentado numa poltrona próxima à janela aberta.

— Sim — disse ele. — E você tem sorte por estar aqui, também depois de todas as coisas absurdas que fez desde que saiu de casa.

Frodo se deitou de novo. Sentia-se bem demais para discutir, e de qualquer forma não julgava que levaria a melhor numa discussão. Estava inteiramente acordado agora, e a lembrança da viagem retornava à sua mente: o "atalho" desastroso através da Floresta Velha, o "acidente" nc Pônei Saltitante, e a loucura de colocar o Anel naquele valezinho embaixc do Topo do Vento. Enquanto pensava em todas essas coisas e tentava em vão recordar sua chegada a Valfenda, houve um longo silêncio, apenas quebrado pelas suaves baforadas do cachimbo de Gandalf, que soprava anéis de fumaça branca para fora da janela.

— Onde está Sam? — perguntou Frodo finalmente. — Tudo ben com os outros?

— Sim, estão sãos e salvos — respondeu Gandalf. — Sam ficou aqu até que o mandei descansar um pouco, cerca de uma hora atrás.

— O que aconteceu no Vau? — perguntou Frodo. — Parece que tudo estava de alguma forma tão embaçado; e ainda está.

— De fato. Você estava começando a desaparecer — respondeu Gandalf.

— O ferimento estava finalmente vencendo-o. Mais algumas horas e

não poderíamos mais ajudá-lo. Mas existe uma certa força em você, meu querido hobbit! Demonstrou isso no Túmulo. Aquilo foi muito arriscado talvez o momento mais perigoso de todos. Eu gostaria que tivesse resistido no Topo do Vento.

— Parece que você já sabe de muita coisa — disse Frodo. — Não comentei com os outros sobre o Túmulo. Em primeiro lugar, foi horrível demais, e em segundo, havia outras coisas para pensar. Como é que você sabe sobre isso?

— Conversamos longamente durante seu sono, Frodo — disse Gandalf suavemente. — Não foi difícil para mim ler sua mente e sua memória. Não se preocupe! Embora eu tenha dito "coisas absurdas" agora há pouco, não foi essa a minha intenção. Tenho você em alta conta — e os outros também. Não foi pouca coisa chegar até aqui, passando por tantos perigos, e ainda trazendo o Anel.

— Jamais teria conseguido sem Passolargo — disse Frodo. — Ma precisávamos de você. Eu não sabia o que fazer sem sua ajuda.

— Eu me atrasei — disse Gandalf. — E isso quase foi nossa ruína Mas, mesmo assim, não tenho certeza. Talvez tenha sido melhor assim.

— Gostaria que me contasse o que aconteceu.

— Tudo a seu tempo! Você não deve falar e se preocupar com nada hoje. São ordens de Elrond.

— Mas conversar me faria parar de pensar e imaginar, que são coisas muito cansativas — disse Frodo. — Estou plenamente acordado agora, e lembro muitas coisas que precisam ser explicadas. Por que você se atrasou? Tem de me contar pelo menos isso.

— Logo vai ouvir o que quer saber — disse Gandalf. — Vamos ter um Conselho, logo que você estiver restabelecido. Por agora, só direi que fu mantido prisioneiro.

— Você? — gritou Frodo.

— Sim, eu, Gandalf, o Cinzento — disse o mago solenemente. — H muitos poderes no mundo, trabalhando para o bem e para o mal. Alguns são maiores que eu. Contra alguns, minhas forças ainda não foram medidas. Mas minha hora está chegando. O senhor de Morgul e seus Cavaleiro Negros se manifestaram. A guerra está se formando!

— Então você já sabia dos Cavaleiros — antes que eu os encontrasse?

— Sim, sabia da existência deles. Na verdade, mencionei-os uma vez a você, pois os Cavaleiros Negros são os Espectros do Anel, os Nov Servidores do Senhor dos Anéis. Mas não sabia que eles tinham novament se levantado, ou teria fugido com você de imediato. Só tive notícias deles depois que o deixei em junho; mas essa história deve esperar. Por enquanto, fomos salvos do desastre, por Aragorn.

— Sim — disse Frodo. — Foi Passolargo quem nos salvou. No entant tive medo dele no começo. Sam nunca confiou de verdade nele, eu acho. De qualquer forma, não até que encontramos Glorfindel.

Gandalf sorriu.

— Já soube tudo sobre Sam — disse ele. — Agora não restam mai dúvidas.

— Fico contente — disse Frodo. — Pois me afeiçoei muito Passolargo. Bem, afeiçoei não é bem a palavra. Quero dizer que ele me muito caro, embora seja estranho, e às vezes austero. Na verdade, ele sempre me faz lembrar você. Não sabia que uma das pessoas grandes podia ser assim. Eu pensava, bem, eu pensava que eles eram só grandes, e bastante estúpidos: gentis e estúpidos como Carrapicho, ou estúpidos e maldosos como Bill Samambaia. Mas também não sabemos muito sobre os homens n Condado, a não ser talvez sobre os moradores de Bri.

— Nem sobre esses você sabe muita coisa, se você acha que o velho Cevado é estúpido — disse Gandalf — Ele é muito sábio em seu próprio terreno. Pensa menos do que fala, e mais devagar; no entanto, ele é capaz de enxergar através de uma parede de tijolos em tempo (como dizem em Bri). Mas restam poucos na Terra-média como Aragorn, filho de Arathorn. A raça dos Reis que vieram do outro lado do Mar está quase no fim. Pode se que esta Guerra do Anel seja a última aventura deles.

— Quer mesmo dizer que Passolargo faz parte do povo dos antigos Reis? — disse Frodo surpreso. — Pensei que tivessem todos desaparecido h muito tempo, pensei que ele fosse apenas um guardião.

— Apenas um guardião! — gritou Gandalf — Meu querido Frodo, exatamente isso que os guardiões são: os últimos remanescentes no Norte desse grande povo, os homens do Oeste. Já me ajudaram antes; e vou

precisar da ajuda deles no futuro; agora chegamos a Valfenda, mas o Anel ainda não está a salvo.

— Acho que não — disse Frodo. — Mas, até agora, meu único pensamento foi chegar até aqui, e espero que não precise ir mais além. É muito agradável apenas descansar. Tive um mês de exílio e aventura, e acho que para mim chega. — Ficou quieto e fechou os olhos. Depois de uns momentos, falou de novo. — Estive calculando — disse ele — e a soma dos dias não bate com a data de 24 de outubro. Deveria ser dia 21. Devemos ter chegado ao Vau no dia 20.

— Você falou e pensou mais do que devia — disse Gandalf. — Como estão seu braço e flanco?

— Não sei — respondeu Frodo. — Não sinto nada: o que é uma melhora, mas — ele fez um esforço — posso mexer um pouco o braço de novo. Sim, sinto-o voltar à vida. Não está gelado — acrescentou ele, tocando a mão esquerda com a direita.

— Ótimo — disse Gandalf. — Está se recuperando depressa. Logo estará bom. Elrond o curou: cuidou de você vários dias, desde que foi trazido para cá.

— Dias?

— Bem, quatro noites e três dias, para ser exato. Os elfos o trouxeram do Vau na noite do dia 20, e foi aí que você perdeu a conta. Estivemos terrivelmente ansiosos, e Sam quase não deixou o seu lado, dia ou noite, a não ser para levar recados. Elrond é um mestre das curas, mas as armas do Inimigo são mortais. Para lhe dizer a verdade, eu tinha muito pouca esperança, pois suspeitava que havia ainda algum fragmento da lâmina no ferimento cicatrizado. Mas não foi encontrado até ontem à noite. Então Elrond removeu um estilhaço. Estava enterrado bem fundo, e estava afundando cada vez mais.

Frodo tremeu, lembrando a faca cruel com a lâmina manchada, que desaparecera nas mãos de Passolargo.

— Não se assuste! — disse Gandalf.

— Já passou. O estilhaço foi derretido. E parece que os hobbits relutam em desaparecer. Conheço fortes guerreiros entre as pessoas grandes que teriam rapidamente sido vencidos por aquele estilhaço, que você

carregou consigo por dezessete dias.

— Que mal queriam me causar? — perguntou Frodo. — o que os Cavaleiros estavam tentando fazer?

— Tentaram perfurar seu coração com uma faca de Morgul, que permanece no ferimento. Se tivessem conseguido, você teria ficado como eles, apenas mais fraco e sob o seu comando. Teria se transformado num espectro sob o domínio do Senhor do Escuro, que o torturaria por tentar reter o Anel, se é que existe algum tormento maior do que ser roubado e vê-lo passando às mãos do Inimigo.

— Ainda bem que não percebi esse perigo terrível! — disse Frodo em voz baixa. — É claro que estava mortalmente apavorado, mas, se soubesse mais, não teria ousado nem me mover. É incrível eu ter escapado!

— Sim, a sorte ou o destino o ajudaram — disse Gandalf —, para não falar na coragem. Seu coração não foi atingido, e apenas o ombro foi perfurado, e isso foi porque você resistiu até o último momento. Mas você escapou por um fio, como se diz. O perigo maior que correu foi no momento em que colocou o Anel, pois então estava metade no mundo dos espectros, e eles poderiam tê-lo agarrado. Você conseguia vê-los, e eles conseguiam ver você.

— Eu sei — disse Frodo. — Foi terrível olhar para eles! Mas por que todos nós conseguíamos enxergar os cavalos?

— Porque os cavalos são reais; assim como os mantos negros são roupas reais que eles usam para dar forma à sua própria inexistência, quando têm de lidar com os vivos.

— Então por que esses cavalos negros agüentam tais cavaleiros? Todos os outros animais se apavoram quando eles se aproximam, até mesmo o cavalo élfico de Glorfindel. Cachorros uivam e gansos berram na presença deles.

— Porque esses cavalos nascem e são criados a serviço do Senhor do Escuro em Mordor. Nem todos os seus servidores e empregados são espectros! Há orcs e trolls, há wargs e lobisomens; houve e ainda há muitos homens, guerreiros e reis, que andam vivos sob o sol, e mesmo assim estão sob seu domínio. E o número desses homens cresce dia a dia.

— Que me diz de Valfenda e dos elfos? Valfenda é um lugar seguro?

— Sim, atualmente, até que todo o resto tenha sido conquistado. Os elfos podem temer o Senhor do Escuro, e podem fugir de sua presença, mas nunca mais irão escutá-lo ou servi-lo. E aqui em Valfenda ainda vivem alguns dos maiores inimigos dele: os Sábios élficos, senhores de Eldar, de além dos mares mais distantes. Estes não temem os Espectros do Anel, pois os que moraram no Reino Abençoado vivem ao mesmo tempo nos dois mundos, e têm grande poder contra os Visíveis e os Invisíveis.

— Pensei ter visto uma figura branca que brilhava e não se apagava como as outras. Então era Glorfindel?

— Sim. Por um momento você o viu como ele é do outro lado: um dos poderosos entre os Primogênitos. Ele é um senhor élfico de uma casa de príncipes. Na verdade, existe um poder em Valfenda capaz de resistir à força de Mordor, por um tempo: e em outros lugares ainda moram outros poderes. Existe poder, também, de um outro tipo no Condado. Mas todos esses lugares logo vão se transformar em ilhas sob um cerco, se as coisas continuarem a se encaminhar desse modo. O Senhor do Escuro está lançando toda sua força.

— Mesmo assim... — disse ele, levantando-se de repente e empinando o queixo para frente, o que fez com que sua barba acompanhasse o movimento, reta e dura, como arame eriçado. — Mesmo assim, devemos conservar a coragem. Logo você estará bem, se eu não exaurir suas forças com tantas conversas. Você está em Valfenda, e não precisa se preocupar com nada no momento.

— Não tenho coragem alguma para conservar — disse Frodo. — Ma não estou preocupado no momento. Apenas me dê notícias de meus amigos, e me conte o fim do episódio no Vau, como já pedi várias vezes, e vou ficar satisfeito por enquanto. Depois disso vou dormir mais um pouco, eu acho; mas não conseguirei fechar os olhos antes que você me conte a história até o fim.

Gandalf levou a poltrona até o lado da cama, e olhou Frodo demoradamente.

A cor voltara às suas faces, e os olhos estavam claros, plenamente acordados e atentos. Estava sorrindo, e parecia que quase tudo ia bem com ele. Mas, aos olhos do mago, uma leve mudança se operara, como se o

envolvesse um toque de transparência, especialmente notável na mão esquerda, que estava para fora do cobertor.

"Até isso deve esperar", disse Gandalf para si mesmo. "Ele ainda nãc está nem a meio caminho da recuperação total, e como ficará no fim nem mesmo Elrond pode dizer. Nenhuma transformação para o mal, eu acho Pode ser que se transforme num vidro cheio de luz clara, para os olhos que puderem enxergar.

— Sua aparência está esplêndida — disse ele em voz alta. — Vou arriscar uma história curta sem consultar Elrond. Mas bem curta, veja bem e então você deve dormir de novo. Foi isto que aconteceu, pelo que pude entender: os Cavaleiros vieram direto na sua direção, assim que você fugiu. Não precisavam mais dos cavalos como guias: você tinha se tornado visível aos seus olhos, já estando no limiar do mundo deles. E também o Anel o atraía. Seus amigos pularam de lado, para fora da estrada, ou teriam sidc pisoteados pelos cavalos. Sabia m que nada poderia salvá-lo, se o cavalc branco não pudesse fazê-lo. Os Cavaleiros eram rápidos demais para serem alcançados, e estavam em número muito grande para serem enfrentados. A pé, nem mesmo Glorfindel e Aragorn juntos poderiam resistir aos Nove d uma vez.

— Quando os Espectros do Anel passaram, nossos amigos correran atrás deles. Perto do Vau existe uma pequena reentrância ao lado da estrada, coberta por algumas árvores raquíticas. Lá acenderam rapidamente uma fogueira, pois Glorfindel sabia que uma enchente desceria, se os Cavaleiros tentassem atravessar, e então ele teria de lidar com qualquer um que tivesse ficado do lado do rio onde estava. O momento da enchente chegou; ele saiu correndo, seguido por Aragorn e os outros, com tochas flamejantes. Presos entre fogo e água, e vendo o senhor élfico se revelar em sua ira, os Cavaleiros se intimidaram, e os cavalos ficaram alucinados. Três foram levados pelo primeiro assalto da enchente; os outros foram arremessados para dentro da água pelos próprios cavalos, e vencidos.

— E este foi o fim dos Cavaleiros Negros? — perguntou Frodo.

— Não! — disse Gandalf. — Os cavalos devem ter sucumbido, e sen os animais os Cavaleiros ficam aleijados. Mas os Espectros do Anel não sã assim tão facilmente destruídos. Entretanto, não há mais nada a temer por

enquanto. Seus amigos atravessaram depois que a enchente passou, e encontraram você deitado, com o rosto virado para baixo, no topo da margem, e em cima de uma espada quebrada. O cavalo estava montando guarda ao lado. Você estava pálido e frio; recearam que estivesse morto, ou coisa pior. O pessoal de Elrond encontrou-os carregando-o lentamente até Valfenda.

— Quem fez a enchente? — perguntou Frodo.

— Elrond a comandou — respondeu Gandalf. — O rio sob este vale está sob seu domínio, e pode se levantar em ira quando há uma grande necessidade de barrar o Vau. Assim que o capitão dos Espectros do Anel cavalgou para dentro da água, a enchente foi lançada. Se é que posso dizer isso, acrescentei uns toques próprios: você pode não ter notado, mas algumas das ondas tomaram a forma de grandes cavalos brancos com cavaleiros brancos e brilhantes, e havia muitas pedras que rolavam e se esfacelavam. Por um momento, pensei termos liberado uma ira muito intensa, e que poderíamos perder o controle da enchente, que os carregaria para longe. Existe uma grande força nas águas formadas pela neve das Montanhas Sombrias.

— Sim, agora tudo volta a minha mente — disse Frodo. — O rugido tremendo. Pensei que estivesse me afogando, com meus amigos, inimigos e tudo mais. Mas agora estamos salvos!

Gandalf olhou rápido para Frodo, que agora fechara os olhos.

— Sim, estão todos a salvo por enquanto. Logo haverá uma festa e divertimento para comemorar a vitória no Vau do Brunem, e todos vocês estarão lá, em lugares de honra.

— Esplêndido! — disse Frodo. — É maravilhoso que Elrond Glorfindel e esses grandes senhores, para não mencionar Passolargo prestem-se a tanto trabalho e demonstrem tamanha gentileza.

— Bem, existem muitas razões para isso — disse Gandalf, sorrindo. Eu sou uma boa razão. O Anel é outra: você é o Portador do Anel. E você é herdeiro de Bilbo, aquele que o encontrou.

— Meu querido Bilbo! — disse Frodo sonolento. — Pergunto-me onde estará. Gostaria que estivesse aqui e pudesse saber de tudo que aconteceu. Iria rir de tudo. A vaca pula pra Lua! E o pobre e velho troll! — Com isso

adormeceu profundamente.

Frodo agora estava a salvo, na última Casa Amiga a Leste do Ma Essa casa era, como Bilbo tinha dito muitas vezes, "uma casa perfeita, para quem gosta de comer ou dormir, de contar histórias ou de cantar, ou apenas de se sentar e pensar nas coisas, ou ainda para quem gosta de uma mistura agradável de tudo isso". A simples estada ali representava uma cura para c cansaço, o medo ou a tristeza.

Quando a noite ia chegando, Frodo acordou de novo, e percebeu que não sentia mais necessidade de dormir ou descansar, mas que ria comida e bebida, e provavelmente um pouco de cantoria e histórias depois. Saiu da cama e descobriu que quase podia usar o braço como sempre fizera. Encontrou, estendidas à sua espera, roupas limpas de tecido verde, que lhe caíam de modo perfeito. Olhando no espelho, assustou-se ao ver uma imagem de si mesmo muito mais magra do que a que recordava: a imagem era notavelmente parecida com aquela do jovem sobrinho de Bilbo, que costumava passear com o tio no Condado, mas os olhos o observavam pensativamente.

— Sim, você viu uma ou duas coisas desde que espiou através de um espelho pela última vez — disse ele para seu reflexo. — Mas, desta vez, c encontro foi feliz! — Espreguiçou-se e assobiou uma melodia.

Nesse momento, ouviu uma batida na porta, e Sam entrou. Correu em direção a Frodo e pegou sua mão esquerda, desajeitado e tímido. Tocou-a suavemente, e depois corou, virando-se depressa para o outro lado.

— Oi, Sam! — disse Frodo.

— Está quente! — disse Sam. — Quero dizer, sua mão, Sr. Frod Esteve fria durante as longas noites. Mas soem as trombetas! — gritou ele voltando-se de novo com um brilho nos olhos, dançando pelo quarto. — É bom vê-lo novo em folha outra vez, senhor! Gandalf me pediu que viesse ver se já estava pronto para descer, e eu pensei que ele estava brincando.

— Estou pronto — disse Frodo. — Vamos procurar o resto do grupo!

— Posso levá-lo até eles, senhor — disse Sam. — A casa é grande, muito peculiar. Sempre há mais alguma coisa para descobrir, e nunca se sabe o que está depois da curva de um corredor. E elfos, senhor! Elfos aqui, elfos ali! Alguns parecidos com reis, terríveis e esplêndidos; outros alegres comc

crianças. E a música e a cantoria — não que eu tenha tido muito tempo ou ânimo para escutar desde que chegamos aqui. Mas já estou começando a conhecer alguma coisa do lugar.

— Sei o que esteve fazendo, Sam — disse Frodo, pegando o braço de outro.

— Mas hoje vai se divertir, e ouvir música para alegrar seu coração. Venha! Leve-me pelos corredores!

Sam o conduziu por vários corredores e desceram muitos degraus, chegando a um jardim alto sobre a margem íngreme do rio. Frodo encontrou os amigos sentados num alpendre, no lado da casa que dava para o Leste. Sombras já cobriam o vale lá embaixo, mas ainda havia luz nas encostas das montanhas acima.

O ar estava quente. O som da água correndo e caindo era alto, e a noite se enchia do aroma suave de árvores e flores, como se o verão ainda permanecesse nos jardins de Elrond.

— Salve! — gritou Pippin, pulando de pé. — Aí vem nosso nobre primo! Abram alas para Frodo, Senhor do Anel!

— Pssiu! — fez Gandalf, que estava entre as sombras na parte de trás do alpendre. — Coisas maléficas não entram neste vale, mas mesmo assim não devemos nomeá-las. O Senhor do Anel não é Frodo, mas o Senhor da Torre Escura de Mordor, cujo poder está de novo se espalhando pelo mundo! Estamos numa fortaleza. Lá fora está ficando escuro.

— Gandalf tem dito muitas coisas alegres como essa — disse Pippin — Acha que preciso me comportar. Mas de certo modo parece impossível sentir-se triste ou deprimido num lugar como este. Sinto que poderia cantar — se soubesse a canção certa para a ocasião.

— Eu mesmo sinto vontade de cantar — riu Frodo. — Apesar de que agora sinto mais vontade de comer e beber.

— Tudo isso vai ser sanado logo — disse Pippin. — Você está demonstrando sua costumeira habilidade de acordar bem na hora da refeição!

— Mais que refeição! Um banquete! — disse Merry. — Assim que Gandalf contou que você estava recuperado, os preparativos começaram. — Mal tinha acabado de falar, e o badalar de muitos sinos chamou todos

para o salão.

O salão da casa de Elrond estava cheio de pessoas: elfos na maioria embora houvesse alguns convidados diferentes. Elrond, como era de costume, sentou-se numa cadeira grande na cabeceira de uma mesa comprida sobre o tablado; perto dele, de um lado sentou-se Glorfindel, e do outro, Gandalf.

Frodo olhou-os admirado, pois nunca tinha visto pessoalmente Elrond, celebrado em muitas histórias. Sentados à direita e à esquerda Glorfindel, e até mesmo Gandalf, que julgava conhecer tão bem, revelaram-se senhores de dignidade e poder.

Gandalf era mais baixo que os outros dois, mas seus longos cabelos brancos, a vasta barba prateada e os ombros largos conferiam-lhe a aparência de algum rei sábio de antigas lendas. Em seu rosto envelhecido, adornado por grossas sobrancelhas brancas, os olhos escuros pareciam ser feitos de carvão, prontos a se acender em chamas a qualquer momento.

Glorfindel era alto e ereto; o cabelo de um dourado brilhante, o rosto belo e jovem, temerário e cheio de alegria; os olhos eram brilhantes e agudos, a voz parecia música; em sua fronte se alojava a sabedoria; na mão, a força.

O rosto de Elrond parecia eterno, nem velho nem jovem, embora nele se inscrevesse a memória de muitas coisas, alegres e tristes. Os cabelos eram escuros como as sombras da noite, e sobre a cabeça via-se um diadema de prata; os olhos eram cinzentos como uma noite clara, e neles havia uma luz como a das estrelas. Parecia venerável, como um rei coroado com muitos invernos, e ao mesmo tempo vigoroso como um guerreiro experiente, no auge da força. Era o Senhor de Valfenda, poderoso entre elfos e homens.

No meio da mesa, diante de tapeçarias tecidas penduradas na parede, havia uma cadeira sob um dossel, e ali se sentava uma mulher bonita de se olhar, que era tão parecida com Elrond em suas formas femininas que Frodo adivinhou que ela era uma parente próxima dele. Era jovem, e ao mesmo tempo não era. As tranças de seu cabelo escuro não tinham sido tocadas pela neve, e os braços brancos e o rosto claro eram perfeitos e suaves, e a luz das estrelas estava em seus olhos brilhantes, cinzentos como uma noite de céu limpo; apesar disso, parecia -se com uma rainha, e seu olhar era cheio de ponderação e sabedoria, como o olhar de

alguém que conhece muitas coisas que os anos trazem. Na altura da fronte, a cabeça estava coberta com uma touca de renda prateada, enredada com pequenas pedras, de um brilho branco; mas o traje, de um cinza pálido, não tinha qualquer ornamento, a não ser um cinto de folhas lavradas em prata.

Foi assim que Frodo viu aquela que poucos mortais viram: Arwen, a filha de Elrond, através da qual, dizia-se, a figura de Lúthien tinha voltado à terra de novo. E ela era chamada de Undomiel, pois era a Estrela Vespertina de seu povo. Tinha permanecido muito tempo na terra dos parentes de sua mãe, em Lórien, além das montanhas, e só recentemente retomara a Valfenda, à casa de seu pai. Mas os irmãos, Elladan e Elrohir estavam fora, vagando pelo mundo: frequentemente iam para longe com os guardiões do Norte, nunca se esquecendo do tormento de sua mãe nos covis dos orcs.

Frodo nunca tinha visto uma criatura tão adorável, nem imaginado em sua mente; ficou surpreso e embaraçado ao ver que tinha um lugar reservado à mesa de Elrond, entre todas essas pessoas, tão importantes e belas. Embora tivesse uma cadeira adequada, e estivesse erguido por várias almofadas, sentiu -se muito pequeno, e fora de lugar, mas esse sentimento logo passou. O banquete foi animado, e a comida, tudo o que sua fome poderia desejar. Demorou um pouco até olhar em volta de novo, ou simplesmente se virar para os vizinhos.

Primeiro, procurou os amigos. Sam implorara permissão para servir seu patrão, mas disseram-lhe que dessa vez ele era um convidado de honra. Frodo agora podia vê-lo, sentado com Pippin e Merry na extremidade de uma das mesas laterais, que ficava perto do estrado. Mas não se via sinal de Passolargo.

À direita de Frodo estava um anão de aparência importante, luxuosamente vestido. A barba, muito comprida e em forma de forquilha, era branca, quase tão branca quanto o branco níveo de suas roupas. Usava um cinto de prata, e em volta do pescoço uma corrente de prata com diamantes. Frodo parou de comer para olhá-lo.

— Bem-vindo seja! — disse o anão, virando-se na direção dele. Depois realmente levantou-se da cadeira e fez uma reverência. — Glóin às suas ordens — disse ele, e fez uma reverência ainda maior.

— Frodo Bolseiro, às suas ordens e de sua família — disse Frodo corretamente, levantando-se surpreso e espalhando suas almofadas pelo chão. Estaria eu certo em supor que o senhor é aquele Glóin, um dos doze companheiros do grande Thorin Escudo de Carvalho?

— Perfeitamente certo — respondeu o anão, recolhendo as almofadas e educadamente ajudando Frodo a se ajeitar de novo na cadeira. — E eu não pergunto, pois já me disseram que você é o parente e herdeiro adotado de nosso amigo Bilbo, o renomado. Permita-me felicitá-lo por sua recuperação.

— Muito obrigado — disse Frodo.

— Ouvi dizer que passou por estranhas aventuras — disse Glóin. — Tenho pensado muito no motivo que traria quatro hobbits numa viagem tão longa. Nada assim aconteceu desde que Bilbo veio conosco. Mas talvez eu não deva perguntar tantas coisas, uma vez que Elrond e Gandalf não parecem dispostos a falar sobre o assunto.

— Acho que não falaremos disso, pelo menos por enquanto — disse Frodo educadamente. Percebeu que, mesmo na casa de Elrond, o assunto do Anel não era objeto de conversas casuais; de qualquer modo, queria esquecer seus problemas por um tempo. — Mas estou igualmente curioso — acrescentou ele — em saber o que traz um anão tão importante a um lugar tão distante da Montanha Solitária.

Glóin olhou para ele. — Se não ouviu sobre isso, acho que também não falaremos do assunto por enquanto. Mestre Elrond vai nos reunir a todos em breve, eu acredito, e então ouviremos muitas coisas. Mas há muitas outras histórias que podem ser contadas.

Conversaram durante todo o resto do banquete, mas Frodo ouviu mais do que falou; as notícias sobre o Condado, exceto pelo Anel, pareciam pequenas, distantes e sem importância, enquanto Glóin tinha muito a contar sobre os acontecimentos da região Norte das Terras Ermas. Frodo soube que Grimbeorn, o Velho, filho de Beorn, era agora senhor de muitos homens vigorosos, e em suas terras, entre as Montanhas e a Floresta das Trevas, nem orcs nem lobos ousavam entrar.

— Na verdade — disse Glóin —, se não fosse pelos beomings, a passagem de Valle até Valfenda teria há muito tempo se tornado impossível.

São homens valorosos, e mantêm aberto o Passo Alto e o Vau de Carroc
Mas cobram muito caro — acrescentou ele, balançando a cabeça. — E, com
Beorn, o Velho, eles não morrem de amores pelos anões. Ainda assim, sã
confiáveis, o que Já é muito nos dias de hoje. Em nenhum outro luga
existem homens tão amigáveis conosco como os homens de Valle. São um
povo bom, os bardings. O neto de Bard, o Arqueiro, os governa: Brand filh
de Bain, filho de Bard. É um rei forte , e seu reino agora alcança regiões a
extremo Sul e Leste de Esgaroth.

— E o que tem a contar sobre seu próprio povo? — perguntou Frodo.

— Há muito o que contar, coisas boas e -ruins — disse Glóin. — Mas
maioria é boa: até agora tivemos sorte, mas não escapamos da sombra desta
época. Se realmente deseja escutar sobre nós, terei prazer em contar
acontecimentos. Mas me interrompa quando ficar cansado! As línguas do
anões não param quando falam de seus assuntos, como dizem por aí.

E, com isso, Glóin embarcou num longo relato dos feitos do Reinad
dos Anões. Estava deliciado por ter encontrado um ouvinte tão educado
Frodo não mostrava sinais de cansaço, e não tentou mudar de assunto,
embora na verdade tenha ficado bastante perdido em meio àqueles nomes
estranhos de pessoas e lugares de que nunca tinha ouvido falar antes.
Entretanto, ficou interessado ao ouvir que Dain ainda era rei sob
Montanha, e estava agora velho (tendo ultrapassado seu ducentésim
qüinquagésimo aniversário), sendo venerável e fabulosamente rico. Dos dez
companheiros que tinham sobrevivido à Batalha dos Cinco Exércitos, set
ainda estavam com ele: Dwalin, Glóin, Dori, Nori, Bifúr, Bofur e Bomb
Bombur agora estava tão gordo que não podia sair da cama sozinho, e
precisava de cinco anões jovens para levantá-lo.

— E o que aconteceu com Balin, Ori e Óin? — perguntou Frodo.

Uma sombra cobriu o rosto de Glóin.

— Não sabemos — respondeu ele.

— Foi principalmente por causa de Balin que eu vim até aqui busca
o aconselhamento dos que moram em Valfenda. Mas vamos falar de coisa
mais alegres nesta noite.

Glóin começou então a falar dos trabalhos de seu povo, contando a
Frodo sobre suas grandes realizações em Valle e sob a Montanha.

— Trabalhamos bem — disse ele. — Mas no trabalho com metal não podemos nos comparar a nossos pais, dos quais vários segredos se perderam. Fazemos boas armaduras e espadas afiadas, mas não podemos reproduzir malhas ou lâminas como aquelas feitas antes de o dragão chegar. Superamos os dias antigos apenas na mineração e na construção. Você precisava ver os aquedutos de Valle, Frodo, e as fontes e os lagos! Deveria ver as estradas pavimentadas com pedras de várias cores! E os salões e ruas feitas em cavernas sob a terra, com arcos entalhados como árvores; e os terraços e torres sobre as encostas da Montanha! Então veria que não ficamos de braços cruzados!

— Irei até lá para ver tudo, se puder — disse Frodo. — Bilbo ficaria muito surpreso ao saber das transformações na Desolação de Smaug.

Glóin olhou para Frodo e sorriu.

— Você gostava muito de Bilbo, não é? — perguntou ele.

— Sim — respondeu Frodo. — Encontrá-lo de novo me traria mais alegria do que ver todas as torres e palácios do mundo.

Finalmente o banquete chegou ao fim. Elrond e Arwen se levantaram e se afastaram pelo salão, e o grupo os seguiu na devida ordem. As portas foram abertas, e todos seguiram através de um corredor largo, passando por outras portas, chegando a um outro salão. Nesse lugar não havia mesas, mas uma fogueira bem acesa queimava numa grande lareira, em meio a dois pilares entalhados.

Frodo se viu andando ao lado de Gandalf.

— Este é o Salão do Fogo — disse o mago. — Aqui poderá escutar muitas canções e histórias, se conseguir ficar acordado. Mas, a não ser em dias importantes, o salão fica vazio e quieto, e aqui vêm pessoas que desejam ter paz e refletir. O fogo fica sempre aceso, durante todo o ano, mas quase não há outra fonte de luz.

Quando Elrond entrava e se encaminhava para o lugar preparado para ele, os menestréis élficos começaram a executar uma música suave. Lentamente o salão se encheu, e Frodo olhava com prazer os muitos rostos bonitos que se reuniam; a luz dourada do fogo brincava naquelas faces e dançava em seus cabelos. De repente notou, num ponto não muito distante do lado oposto ao fogo, uma pequena figura escura, sentada num banco,

com as costas apoiadas num pilar. Ao seu lado, no chão, estava uma taça de bebida e um pouco de pão.

Frodo se perguntou se estaria doente (se é que alguém ficava doente em Valfenda) e por isso não pudera comparecer ao banquete. A cabeça parecia caída sobre o peito, num sono profundo, e uma dobra da capa escura cobria-lhe o rosto.

Elrond foi na frente e parou diante da figura silenciosa.

— Acorde pequeno mestre! — disse ele com um sorriso. Então voltando-se, fez um sinal para Frodo. — Finalmente é chegada a hora que você esperou com tanta ansiedade, Frodo — disse ele.

— Aqui está o amigo de quem sente tanta saudade.

A figura escura levantou a cabeça, descobrindo o rosto.

— Bilbo! — gritou Frodo, reconhecendo-o de repente, e pulando em direção a ele.

— Olá, Frodo, meu rapaz! — disse Bilbo. — Então finalmente chegou até aqui. Eu esperava que conseguisse. Bem, bem! Então toda essa festa é em sua homenagem, pelo que ouvi. Espero que tenha se divertido.

— Por que você não estava lá? — gritou Frodo. — E por que não me deixaram vê-lo antes?

— Porque você estava dormindo. Eu vi você muitas vezes. Fiquei ao seu lado todos os dias, junto com Sam. Mas, quanto ao banquete, não costumo freqüentar eventos desse tipo ultimamente. E eu tinha outra coisa para fazer.

— O que estava fazendo?

— Bem, estava sentado, pensando. Faço muito isso nos últimos tempos, e aqui é o melhor lugar para fazê-lo, geralmente.

— Acordar, hein? — disse ele, piscando um olho para Elrond. Havia um brilho vivo naquele olhar, e nenhum sinal de sonolência ou cansaço que Frodo pudesse ver. — Acordar! Eu não estava dormindo, Mestre Elrond. E se quiser saber, vocês todos saíram da festa muito cedo, e me atrapalharam... bem no meio de uma canção que estava fazendo. Enrosquei em um ou dois versos, e estava pensando neles; mas agora suponho que nunca mais vou conseguir compô-los direito. Haverá tanta cantoria que as ideias serão

varridas da minha mente. Terei de pedir ao meu amigo, o Dúnadain, para me ajudar. Onde ele está?

Elrond riu.

— Será encontrado — disse ele. — E daí você se recolhe num canto e termina a tarefa, e então vamos ouvi-la e julgá-la antes do fim de nossas comemorações.

— Mensageiros foram enviados para encontrar o amigo de Bilbo embora ninguém soubesse onde ele estava, e por que não tinha participado da festa.

Enquanto isso, Bilbo e Frodo sentaram-se lado a lado, e Sam veio log para perto deles. Conversaram em voz baixa, esquecidos da alegria e da música no salão ao redor. Bilbo não tinha muito a falar de si mesmo.

Quando partiu da Vila dos Hobbits, vagou sem destino, ao longo d Estrada, ou pelos campos que a margeiam; mas de alguma forma tinha sempre se dirigido para Valfenda.

— Cheguei aqui sem muitas aventuras — disse ele. — Depois de un descanso, fui com os anões até Valle: minha última viagem. Não devo viajar mais. O velho Balin foi embora. Depois voltei para cá, e aqui tenh permanecido. E, é claro, componho umas canções. De vez em quando ele as cantam, só para me satisfazer, eu acho. Na verdade, não estão à altura de Valfenda. E escuto e penso. O tempo parece não passar aqui: apenas é Somando tudo, um lugar notável.

— Aqui escuto todo tipo de notícia, de além das Montanhas, e do Sul, mas quase nada do Condado. Ouvi sobre o Anel, é claro. Gandal frequentemente vem aqui. Não que tenha me contado muita coisa, ficou mais reservado que nunca nestes últimos anos. O Dúnadan me contou mais Imagine, aquele meu anel causando tanta confusão! É uma pena que Gandalf não tenha descoberto mais coisas antes, eu mesmo poderia ter trazido o Anel há muito tempo, sem tantos problemas. Pensei várias veze em voltar para a Vila dos Hobbits para fazer isso; mas estou ficando velho, e eles não deixariam: quero dizer, Gandalf e Elrond. Parece que eles achavan que o Inimigo estava me procurando em toda parte, e faria picadinho de mim, se me pegasse cambaleando pelas Terras Ermas. — E Gandalf disse: "O Anel passou para outras mãos, Bilbo. Não seria bom, para você ou par

outros, tentar se meter com ele outra vez." Uma observação estranha, bem ao estilo de Gandalf. Mas ele disse que estava cuidando de você, então deixei as coisas acontecerem. Estou tremendamente feliz em vê-lo são e salvo. — Parou e olhou para Frodo, desconfiado. — Você está com ele? – perguntou num sussurro. — Não posso deixar de ficar curioso, você sabe, depois de tudo que ouvi. Gostaria muito de apenas dar uma espiadinha nele de novo.

— Sim, está comigo — respondeu Frodo, sentindo uma estranha relutância. — O Anel é o mesmo de sempre.

— Gostaria de vê-lo só um segundo — disse Bilbo.

Quando se vestia, Frodo descobriu que, enquanto estivera dormindo o Anel tinha sido pendurado em seu pescoço numa nova corrente, leve mas forte.

Lentamente o retirou.

Bilbo estendeu a mão. Mas Frodo rapidamente afastou o Anel. Para sua tristeza e espanto, viu que não olhava mais para Bilbo; uma sombra parecia ter caído entre os dois, e através dela Frodo passou a ver uma criatura pequena e enrugada, com um rosto faminto e mãos ossudas e ávidas. Sentiu um desejo de bater nela.

A música e a cantoria ao redor pareceram sumir, e um silêncio caiu. Bilbo olhou rápido para o rosto de Frodo, e passou a mão sobre seus olhos.

— Entendo agora — disse ele. — Guarde-o! Sinto muito: sinto por você ter entrado nessa história para carregar um fardo tão pesado: sinto por tudo.

— As aventuras nunca acabam? Acho que não. Outra pessoa sempre tem de continuar a história. Bem, isso não pode ser evitado. Penso se adianta alguma coisa eu tentar terminar meu livro. Mas não vamos nos preocupar com isso agora... passemos para algumas Notícias de verdade. Conte-me tudo sobre o Condado!

Frodo escondeu o Anel, e a sombra passou, mal deixando um leve traço de memória. A luz e a música de Valfenda o envolviam de novo. Bilbo sorriu e deu alegres gargalhadas.

Todos os itens das notícias sobre o Condado que Frodo pôde contar – ajudado e corrigido de vez em quando por Sam — eram de seu maior

interesse, desde a derrubada da menor árvore, até as travessuras da criança mais jovem da Vila dos Hobbits. Estavam tão envolvidos com o acontecimentos das Quatro Quartas que nem perceberam a chegada de um homem vestido de verde-escuro. Por vários minutos, ficou olhando para baixo em direção a eles, com um sorriso.

De repente, Bilbo olhou para cima.

— Ah! Finalmente você está aí, Dúnadan! — gritou ele.

— Passolargo! — disse Frodo. — Parece que você tem um monte de nomes.

— Bem, Passolargo é um que nunca escutei — disse Bilbo. — Por qu o chama assim?

— Chamam-me desse modo em Bri — disse Passolargo rindo. — E fo assim que fui apresentado a ele.

— E por que você o chama de Dúnadan? — perguntou Frodo.

— O Dúnadan — disse Bilbo. — Sempre o chamam por esse nom aqui. Mas pensei que soubesse a língua élfica o suficiente para conhecer a expressão dún-adan: homem do Oeste, de Númenor. Mas este não é o momento para aulas? — Voltou-se para Passolargo — Onde esteve, meu amigo? Por que não participou do banquete? A Senhora Arwen estava lá.

Passolargo olhou para Bilbo com um ar sério.

— Eu sei — disse ele. — Mas sempre preciso colocar a diversão de lado. Elladan e Elroffir retornaram das Terras Ermas sem ser esperados e tinham novidades que eu queria ouvir imediatamente.

— Bem, meu querido companheiro — disse Bilbo. — Agora que ouvi as notícias, não pode me ceder uns minutos? Quero sua ajuda numa coisa urgente. Elrond disse que essa minha canção precisa ser terminada antes do fim da noite, e eu me enrosquei num pedaço. Vamos até um cantinho, para dar os retoques finais.

Passolargo sorriu.

— Então venha, deixe-me ouvi-la!

Frodo ficou sozinho por uns momentos, pois Sam tinha adormecido Estava solitário e se sentia bastante abandonado, embora em sua volta o pessoal de Valfenda estivesse reunido. Mas as pessoas próximas a ele estavam em silêncio, prestando atenção à música das vozes e dos

instrumentos, e não se davam conta de mais nada. Frodo começou a escutar.

Num primeiro momento, a beleza das melodias e das palavras misturadas nas línguas élficas, embora pudesse entendê-las bem pouco, envolveram-no numa espécie de encanto, logo que começou a prestar atenção nelas. Parecia quase que as palavras tomavam forma, e visões de terras distantes e de coisas brilhantes que ele nunca sequer imaginara se abriram diante dele; o salão iluminado pela fogueira se tornou semelhante a uma névoa dourada sobre mares de espuma que suspiravam sobre as margens do mundo.

Então, o encantamento ficou cada vez mais semelhante a um sonho, até que Frodo sentiu que um rio interminável de ouro e prata passava por ele, múltiplo demais para ser compreendido; tornara-se parte do ar que pulsava ao redor, e o encharcava e afogava. Rapidamente afundou sob aquele peso brilhante, entrando num mundo profundo de sonho.

Ali vagou por muito tempo num sonho de música que se transformava em água corrente, e depois, de súbito, numa voz. Parecia ser a voz de Bilbo cantando versos. Indistinta no início, mas depois as palavras corriam nítidas.

Edrendil foi um marinheiro
que veio em Arvernien morar:
cortou madeira de Nimbrethil,
fez um navio para viajar;
teceu as velas com fios de prata,
também de prata é a iluminação;
qual cisne a proa foi esculpida,
e a luz dá vida a seu pavilhão.

Com armadura de antigos reis,
malha de anéis, qual manto real,
broquel brilhante de runas cheio,
vai protegê-lo de todo mal;
pro arco um chifre deu-lhe um dragão,
de ébano bom as flechas que tinha;

de fio de prata era o gibão,
de calcedônia era a bainha;
valente espada de aço fino,
e adamantino elmo o respalda;
pena de águia traz por enfeite,
e sobre o peito linda esmeralda.
Sob o luar e sob as estrelas,
viajava pelas praias do Norte;
como encantado, confuso ia
além dos dias da terra da morte
Quer do rangido do Gelo Estreito,
das sombras leito em campo gelado,
quer do calor e da lava ardente,
rápido sempre saía por um lado;
por águas negras longe trafega,
até que navega em Noite do Nada
e vai passando sem encontrar
praia brilhante ou luz desejada.
Vêm procurá-lo os ventos da ira
e cego gira em mar sem promessa;
de Oeste a Leste, tudo impreciso,
e sem aviso à casa regressa.

Voando chega até ele Elwing
e há chama enfim na treva a queimar;
mais que diamante brilha e resplende
o fogo ardente de seu colar.
Com a Silmaril ela o ataviou
e o coroou com a luz vivente;
sem medo então, com fogo no olhar,
vai navegar; e na noite quente
lá do Outro mundo além do Mar
surge o troar de forte tormenta
em Tarmenel, um vento poder;

por rota incerta, rara e agourenta,
leva seu barco num sopro mordaz,
poder feroz de morte no ar
e mares tristes e abandonados
de lado a lado ele viu passar.

Por Noite terna reconduzido,
em atro estampido de ondas que vão
por mar sem luz de costas profundas
mortas no fundo desde a criação;
foi lá que ouviu em praias de pérolas,
onde da terra a música cessa,
onde na espuma há ondas rolando d
e ouro amarelo e joias à beça.

Viu a Montanha subindo calada,
na tarde sentada sobre os joelhos
de Valinor, enquanto Eldamar
olhava o mar além dos escolhos.
Errante em fuga da noite sai
e a um porto vai enfim atracar;
na Casadelfos verde e bonita,
o ar palpita e, cor de luar,
sob a Colina de Ilmarin,
brilham num vale diafanizadas,
iluminadas torres de Tírion
no Lago Sombra sempre espelhadas.

Lá descansou das duras andanças,
música e dança por lá aprendeu,
mil maravilhas foram contadas
e harpas douradas alguém lhe deu.
De branco élfico foi revestido
e, precedido por luzes sete,

passando por Calacirian
na terra arcana e vazia se mete.
Viu salões imemoriais
com os anais de anos sem conta,
do Antigo Rei viu reinos sem fim
em Ilmarin do Monte na ponta;
novas palavras então aprende
de homens grandes e elfos matreiros,
além do mundo onde há visões
que só se expõem aos forasteiros.
Foi construído novo navio
todo mithril e aí cristalino,
proa brilhante, mas ninguém rema
ou vela treme em mastro argentino:
a Silmaril, sua única luz,
que ele conduz qual flâmula em chama
para brilhar junto a Elbereth
que reaparece e logo derrama
imortais asas para o transporte,
traça-lhe a sorte sempre sua,
zarpar por céus sem litoral
por trás do Sol e da luz da Lua.

Das Sempriguais, colinas pacatas,
onde cascatas tecem sua rede,
levam-no as asas,farol errante,
além do grande Monte Parede.
Do Fim-do-Mundo ele desvia
e gostaria de achar a trilha
do lar, por entre sombras vagando,
sempre queimando qual astro em ilha
sobrevoando a névoa ele vem,
chama do além que ao Sol é clarão,
é maravilha de um novo dia

onde águas cinza do Norte vão.
Por sobre a Terra-média passou
e ali soou a voz de quem chora,
donzelas élficas e mulheres
dos Dias Antigos, de anos de outrora.
Mas sobre si levava sua sorte,
da Lua até a morte, estrela fadada
a ir queimando sem se deter
para rever sua terra amada;
pra todo o sempre nesta missão,
sem que descanso tenha à frente,
longe levar da lâmpada a flama
qual Porta -chama do Ponente.

O canto parou. Frodo abriu os olhos e viu que Bilbo estava sentado em seu banco, em meio a um círculo de ouvintes, que sorriam e aplaudiam.

— Agora é melhor escutarmos de novo — disse um elfo.

Bilbo se levantou, fazendo uma reverência.

— Estou lisonjeado, Lindir — disse ele. — Mas seria muito cansativo repetir tudo.

— Não cansativo demais para você — responderam os elfos, rindo. — Sabemos que nunca se cansa de repetir seus próprios versos. Mas, falando serio, não podemos responder sua pergunta ouvindo só uma vez!

— O quê? — gritou Bilbo. — Vocês não sabem que partes são minhas e quais sãos as do Dúnadan?

— Não é fácil diferenciar entre dois mortais — disse o elfo.

— Bobagem, Lindir — retrucou Bilbo. — Se você não consegue fazer distinção entre um homem e um hobbit, então seu discernimento é mais pobre do que eu imaginava. São diferentes como ervilhas e maçãs.

— Talvez. Para uma ovelha, as outras ovelhas são diferentes — riu Lindir. — Ou para os pastores. Mas os mortais não são objeto de nosso estudo. Temos outras preocupações.

— Não vou discutir com você — disse Bilbo. — Estou com sono depois de tanta música e cantoria. Vou deixar que adivinhem, se quiserem.

Levantou-se e veio em direção a Frodo. — Bem, terminou — disse el em voz baixa. — Saiu melhor do que eu imaginava. Não é sempre que me pedem para cantar de novo. O que achou?

— Não vou tentar adivinhar — disse Frodo sorrindo.

— Não precisa — disse Bilbo. — Na verdade, a canção é toda minha Exceto pela insistência de Aragorn em colocar uma pedra verde. Parece qu ele achava importante. Não sei por quê. Por outro lado, ele obviamente considerou toda a coisa acima de minhas capacidades, e disse que se eu tinha o topete de fazer versos sobre Earendil na casa de Elrond, o problema era meu. Acho que estava certo.

— Não sei — disse Frodo. — Pareceu-me adequado, de algum forma, embora não consiga explicar. Estava meio adormecido quando começou, e parecia que os versos fluíam de algum elemento que fazia parte dos meus sonhos. Só no final percebi que era realmente você falando.

— É difícil permanecer acordado aqui, até que se acostume — disse Bilbo.

— Não que eu ache que os hobbits possam jamais adquirir o apetite que os elfos têm pela música, pela poesia e pelas histórias. Parece que gostam dessas coisas tanto quanto de comida, ou mais. Ainda vão continuar por um longo tempo . Que acha de sairmos de fininho, para ter uma conversa mais reservada?

— Podemos fazer isso?

— Claro! Isto aqui é diversão, não coisa séria. Vá e venha como ben entender, contanto que não faça barulho.

Levantaram-se e se retiraram em silêncio para as sombras. Deixaram Sam para trás, profundamente adormecido e ainda com um sorriso nos lábios.

Apesar do prazer da companhia de Bilbo, Frodo sentiu uma ponta de pesar por não permanecer no Salão do Fogo. No momento em que saíam da sala, uma única voz limpa se levantou, cantando.

A Elbereth Gilthoniel,
silivren penna míriel
o menel aglar elenath!
Na-chaered palan-díriel

o galadhremmin ennorath,
Fanuilos, le linnathon
nef aear. Sí nef aearon!

Frodo parou por um momento, olhando para trás. Elrond estava em sua cadeira, e o fogo brilhava em seu rosto como a luz do sol sobre as árvores. Perto dele estava sentada a Senhora Arwen. Para sua surpresa, Frodo vi que Aragorn estava ao lado dela; sua escura capa estava jogada para trás, e parecia vestido numa malha élfica, com uma estrela brilhando em seu peito. Os dois conversavam, e de repente pareceu a Frodo que Arwen virou-se na sua direção, e a luz daqueles olhos caiu sobre ele, e, mesmo vindo de longe, penetrou seu coração.

Parou ainda encantado, enquanto as sílabas doces da canção élfica caíam como joias cristalinas, numa fusão de palavra e melodia.

— É uma canção para Elbereth – disse Bilbo. — Cantarão esta, e muitas outras canções do Reino Abençoado, muitas vezes esta noite. Venha!

Levou Frodo de volta até seu próprio quarto, que se abria para os jardins e dava para o Sul, através do desfiladeiro do Brunem. Ali ficaram sentados por um tempo, olhando pela janela as claras estrelas, sobre as florestas nas encostas íngremes, e conversaram em voz baixa. Não falaram mais das pequenas coisas do Condado lá longe, nem das sombras escuras e dos perigos que os ameaçavam, mas das belas coisas que juntos tinham visto pelo mundo, dos elfos, das estrelas e do outono suave daquele brilhante ano nas florestas.

Finalmente ouviu-se uma batida na porta.

— Com sua licença, senhor — disse Sam, colocando para dentro a cabeça. — Estava pensando se precisavam de alguma coisa.

— Também peço licença, Sam Gamgi — respondeu Bilbo. — Acho que sua intenção é dizer que está na hora de seu patrão ir para a cama.

— Bem, senhor, haverá um Conselho amanhã cedo, pelo que ouvi, e hoje foi a primeira vez que ele se levantou.

— Certíssimo, Sam — riu Bilbo. — Você pode ir correndo dizer Gandalf que Frodo já foi dormir. Boa noite, Frodo! Puxa vida, como foi bom vê-lo outra vez. No final das contas, não há pessoas que se comparem aos hobbits numa boa conversa. Estou ficando muito velho, e começo a pensar

se viverei para ler os seus capítulos da nossa história. Boa noite! Acho que vou fazer uma caminhada, e olhar as estrelas de Elbereth no jardim. Durma bem!

CAPÍTULO II: O CONSELHO DE ELROND

No dia seguinte, Frodo acordou cedo, sentindo-se bem e descansado.

Caminhou ao longo dos terraços debruçados sobre as águas ruidosas do Brunem, e assistiu ao sol pálido, fresco, erguer-se acima das montanhas distantes e emitir sobre o mundo seus raios, que se inclinavam através da fina névoa de prata; o orvalho luzia nas folhas amareladas, e teias entrelaçadas cintilavam em todos os arbustos.

Sam ia ao lado dele, sem dizer nada, mas apreciando o ar, e olhando uma vez ou outra para as altas montanhas do Leste, com uma expressão maravilhada nos olhos. A neve era branca sobre os picos.

Num assento talhado na pedra ao lado de uma curva do caminho, encontraram Gandalf e Bilbo numa conversa compenetrada.

— Olá! Bom dia! — disse Bilbo. — Sente-se preparado para o grande Conselho? Sinto-me preparado para qualquer coisa — respondeu Frodo. — Mas a coisa que eu mais queria era fazer hoje uma caminhada para explorar o vale. Gostaria de entrar naquelas florestas de pinheiros lá em cima. — Apontou para uma encosta muito distante, bem acima de Valfenda, ao Norte.

— Você pode ter uma oportunidade mais tarde — disse Gandalf — Mas ainda não podemos fazer nenhum plano. Há muitas coisas para ouvir e decidir hoje.

De repente, enquanto conversavam, um sino tocou.

— Esse é o sino de chamada para o Conselho de Elrond — disse Gandalf — Venham agora! Tanto você quanto Bilbo foram requisitados.

Frodo e Bilbo seguiram o mago rapidamente ao longo do caminho cheio de curvas, de volta para a casa; atrás deles, não convidado e pelo momento esquecido, ia Sam.

Gandalf os conduziu até o alpendre onde Frodo tinha encontrado os amigos na noite anterior. A luz da clara manhã de outono brilhava agora no vale.

O ruído das águas borbulhantes vinha do leito espumante do rio. Pássaros cantavam, e uma paz benfazeja se deitava sobre a terra. Para

Frodo, sua fuga perigosa e os rumores da escuridão crescendo no mundo lá fora já pareciam apenas lembranças de um sonho ruim; mas os rostos que se voltaram para eles quando entraram estavam sérios.

Elrond estava ali, e muitos outros se sentavam em silêncio em torno dele.

Frodo viu Glorfindel e Glóin, e num canto, sozinho, estava Passolargo, vestido outra vez em suas surradas roupas de viagem. Elrond chamou Frodo para se sentar ao seu lado, e o apresentou ao grupo, dizendo:

— Aqui, meus amigos, está o hobbit, Frodo, filho de Drogo. Pouco chegaram aqui, passando por perigos maiores, ou em missão mais urgente.

Então apontou e nomeou aqueles que Frodo ainda não tinha encontrado.

Havia um anão mais jovem ao lado de Glóin: seu filho Gimli. Ao lado de Glorfindel estavam vários outros conselheiros da casa de Elrond, de quem Ereston era o chefe; com ele estava Galdor, um elfo dos Portos Cinzentos, que tinha vindo numa missão a pedido de Círdan, o fabricante de embarcações. Havia também um elfo estranho, vestido de verde e marrom, Legolas, mensageiro de seu pai, Thranduil, o Rei dos Elfos do Norte da Floresta das Trevas. E, sentado um pouco à parte, estava um homem de rosto belo e nobre, de cabelos escuros e olhos cinzentos, altivo e de olhar severo.

Estava com capa e botas, como se fosse fazer uma viagem a cavalo; na verdade, apesar de suas vestes serem luxuosas, e a capa revestida de pele, estavam manchadas por uma longa viagem. Tinha um colar de prata no qual havia uma única pedra; os cabelos cacheados estavam cortados à altura dos ombros. Num cinturão, trazia uma grande corneta com ornatos de prata, que agora colocara sobre os joelhos. Olhou para Frodo e Bilbo com súbita surpresa.

— Aqui — disse Elrond, voltando-se para Gandalf —, aqui está Boromir, um homem do Sul. Chegou no início da manhã, e procura aconselhamento. Pedi a ele que estivesse presente, pois aqui as perguntas que tem a fazer serão respondidas. Nem tudo o que foi falado e debatido no Conselho precisa ser contado aqui. Muito se falou a respeito dos acontecimentos no mundo lá fora, especialmente no Sul, e nas amplas

regiões a Leste das Montanhas.

Dessas coisas, Frodo já tinha escutado muitos rumores; mas a histórias de Glóin era nova para ele, e quando o anão falou, escutou com atenção. Parecia que em meio ao esplendor de seus trabalhos manuais, os corações dos anões da Montanha Solitária estavam preocupados.

— Agora já faz muitos anos — disse Glóin —, que uma sombra de inquietude caiu sobre nosso povo. De onde vinha, não percebemos a princípio. As palavras começaram a ser sussurradas em segredo: dizia-se que estávamos presos num lugar pequeno, e que riquezas e esplendores maiores seriam encontrados num mundo mais vasto. Alguns falavam de Moria: as grandes construções de nossos pais, que em nossa língua são chamadas de Khazad-dûm; e declarava -se que agora, finalmente, tínhamos a força e o número de pessoas para retornar.

Glóin suspirou.

— Moria! Moria! Maravilha do Mundo do Norte. Cavamos muito fundo ali, e acordamos o medo inominável. Por muito tempo, aquelas vastas mansões tinham permanecido vazias, desde que os filhos de Durin fugiram. Mas agora falávamos de tudo aquilo com saudade outra vez e, apesar disso, com medo. Nenhum anão tinha ousado ultrapassar as portas de Khazad-dûm durante a vida de vários reis, a não ser Thror, e ele pereceu. Finalmente, entretanto, Balin escutou os rumores e resolveu ir; e embora Dain relutasse em consenti-lo, Balin levou consigo Ori e Óin, e muitos outros de nosso povo, rumando para o Sul — isso foi há mais de trinta anos. Por um tempo, tivemos notícias e tudo parecia bem: mensagens contavam que eles haviam entrado em Moria, e uma grande obra começava lá. Depois, fez-se silêncio, e nenhuma palavra veio de Moria desde então.

— Depois, cerca de um ano atrás, um mensageiro veio até Dain, mas não de Moria... de Mordor: um cavaleiro chegou à noite, chamando Dain até o portão. O Senhor Sauron, o Grande, dizia ele, desejava nossa amizade. Em troca daria anéis, assim como tinha dado aos antigos. E o mensageiro queria muito saber a respeito de hobbits, de como eles eram, e onde moravam. "Pois Sauron sabe", dizia ele, "que um deles foi conhecido de vocês em certa época."

— Ao ouvirmos isso, ficamos muito preocupados, e não demos

resposta, E então sua voz maléfica ficou mais baixa, e ele a teria suavizado, se pudesse. "Apenas como um pequeno sinal de sua amizade, Sauron pede isto", disse ele: "que encontrem esse ladrão", foi essa a palavra que usou, e consigam dele, quer queira ou não, um pequeno anel, o mais ínfimo dos anéis, que certa vez ele roubou. É um capricho de Sauron, e uma prova da boa vontade de vocês. Encontrem-no, e três anéis que os anões antepassados usaram lhes serão devolvidos, e poderão tomar posse de Moria para sempre. Encontrem apenas notícias do ladrão, se ainda está vivo e onde, e terão grande recompensa e a eterna amizade do Senhor. Recusem a oferta, e as coisas não vão ficar muito bem. Recusam -se? Com isso sentimos seu hálito, semelhante ao silvo das serpentes, e todos os que estavam ali tremeram, mas Dain disse: "Não digo sim nem não".

Preciso pensar na mensagem, e no que está por trás desse belo disfarce.

— "Pense bem, mas não por muito tempo", disse ele.

— "Levo o tempo que precisar com meu pensamento", respondeu Dain.

— "Por enquanto", disse ele, e cavalgou para dentro da escuridão.

— Os corações de nossos líderes ficaram pesados desde aquela noite. Não precisávamos da voz maligna do mensageiro para nos avisar que as palavras dele continham ameaça e engano, pois já sabíamos que o poder que outra vez invadira Mordor não tinha mudado, e que esse poder sempre havia nos traído outrora.

O mensageiro voltou duas vezes, e se foi sem resposta. "A terceira e última vez", dizia ele, "está por chegar, antes do fim do ano."

— E então fui enviado finalmente por Dain, para avisar Bilbo que ele está na mira do Inimigo, e para saber, se for possível, por que ele deseja esse anel, o mais ínfimo dos anéis. Também pedimos o conselho de Elrond. Pois a Sombra cresce e se aproxima. Descobrimos que os mensageiros também foram enviados ao rei Brand, em Valle, e que ele está com medo. Tememos que possa ceder. A guerra já está se formando na fronteira Leste. Se não dermos resposta, o Inimigo poderá enviar os homens sob seu comando para atacar o rei Brand, e também Dain.

— Fez bem em ter vindo — disse Elrond. — Hoje você ouvirá tudo o

que precisa para entender os propósitos do Inimigo. Não há nada que possa fazer, a não ser resistir, com ou sem esperança. Mas você não está só. Saberá que seu problema é apenas parte do problema de todo o mundo ocidental. O Anel! Que devemos fazer com o Anel, o mais ínfimo dos anéis, a ninharia que Sauron cobiça? É isso que devemos considerar.

— Este é o propósito de todos terem sido chamados aqui. Chamados eu digo, embora eu não tenha chamado vocês até mim, estrangeiros de terras distantes. Vocês vieram e estão aqui reunidos, neste exato momento, por acaso, como pode parecer. Mas não é assim. Acreditem que foi ordenado que nós, que estamos aqui sentados, e ninguém mais, encontremos uma solução para o perigo do mundo.

— Agora, portanto, as coisas que foram até este dia ocultadas de todos, por alguns, devem ser mencionadas abertamente. E começando, para que todos possam entender qual é o perigo, a História do Anel será contada desde o início até o momento presente. E eu devo começar, embora outros possam terminá-la.

Então todos escutaram, enquanto Elrond, com sua voz clara, falava de Sauron e dos Anéis de Poder, e de sua forjadura na Segunda Era do mundo, há muito tempo. Uma parte da história era conhecida por alguns ali, mas a história completa ninguém conhecia, e muitos olhos se voltavam para Elrond com medo e surpresa, enquanto ele contava sobre os ourives élficos de Eregion, e de sua amizade com Moria, e de sua avidez de conhecimento, através da qual Sauron os seduziu. Pois, naquela época ainda não era declaradamente mau, e eles aceitaram sua ajuda, tornando-se hábeis, enquanto Sauron aprendia todos os segredos, e os traía, forjando secretamente, na Montanha do Fogo, o Um Anel para dominar todos os outros. Mas Celebrimbor sabia das verdadeiras intenções de Sauron, e escondeu os Três que tinha feito; então houve guerra, e a terra foi arrasada, e o portão de Moria foi fechado.

Depois disso, através de todos os anos que se seguiram, Sauron procurou o Anel; mas já que essa história é recontada em outro lugar, pois o próprio Elrond a registrou em seus livros de estudo, não será recordada aqui. Pois é uma longa história, cheia de feitos grandiosos e terríveis, e embora Elrond falasse de modo breve, o sol subiu no céu, e a manhã já estava no fim

quando ele terminou.

Falou de Númenor, de sua glória e queda, e do retorno dos Reis do Homens à Terra-média, vindos das profundezas do mar, carregados pelas asas da tempestade. Então Elendil, o Alto, e seus poderosos filhos, Isildur Anárion, tornaram-se grandes senhores, e fundaram o Reino do Norte em Amor, e o Reino do Sul em Gondor, sobre a foz do Anduin. Mas Sauron c Mordor os atacou, e eles fizeram a última Aliança de Elfos e Homens, e a tropas de Gil-galad e Elendil foram reunidas em Amor.

Nesse momento, Elrond parou um pouco e suspirou.

— Lembro-me bem do esplendor de suas flâmulas — disse ele. — Fazia-me recordar da glória dos Dias Antigos e das tropas de Beleriand, na quais tantos príncipes importantes e capitães foram reunidos. E, mesmc assim, nem tantos, e nem tão belos como na ocasião em que Thangorodrim foi quebrada, e os elfos pensaram que o mal tinha acabado para sempre; mas isso não era verdade.

— O senhor se lembra? — disse Frodo, pensando alto em sua surpresa. — Mas eu pensei — gaguejou, no momento em que Elrond se voltava para ele —, pensei que a queda de Gil-galad tinha sido há muitc tempo.

— E de fato foi — respondeu Elrond com gravidade. — Mas minh. memória alcança até os Dias Antigos. Earendil foi meu pai, e nasce u em Gondolin antes da queda; e minha mãe era Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Já vi três eras do Oeste do Mundo, e muitas derrotas, muitas vitórias infrutíferas.

— Fui o arauto de Gil-galad, e marchei com sua tropa. Estive n. Batalha de Dagorlad diante do Portão Negro de Mordor, onde vencemo pois à Lança de Gil-galad, e à Espada de Elendil, Aiglos e Narsil, ninguém podia resistir. Eu vi o último combate nas encostas de Orodruíri, onde Gil galad morreu, e Elendil caiu, e Narsil se quebrou sob seu corpo. Mas Sauron foi vencido, e Isildur cortou o Anel de sua mão com o fragmento do punhc da espada do pai, e pegou -o para si.

Ao ouvir isso, o estrangeiro, Boromir, interrompeu-o. — Então foi isso que aconteceu com o Anel! — gritou ele. — Se alguma vez essa história fo contada no Sul, já foi há muito esquecida. Ouvi falar do Grande Ane

daquele que não nomeamos, mas acreditávamos que tinha desaparecido do mundo nas ruínas do primeiro reinado. Isildur o pegou! Isso realmente é novidade.

— Infelizmente, sim — disse Elrond. — Isildur o pegou, e isso não deveria ter acontecido. O Anel deveria ter sido jogado no fogo de Orodruin exatamente onde foi confeccionado. Mas poucos perceberam o que Isildur fez. Ele tinha ficado sozinho ao lado do pai no confronto final; e ao lado de Gil-galad apenas Círdan ficou, e eu. Mas Isildur não deu ouvidos ao nosso conselho.

— "Levo isto como compensação pela morte de meu pai e de meu irmão", disse ele; portanto, sem se importar com o que pensávamos, tom ou o Anel para guardá-lo. Mas logo foi traído por ele, o que causou sua morte por isso é chamado no Norte de A Ruína de Isildur. Mesmo assim, a morte ainda foi melhor do que aquilo que poderia ter-lhe acontecido.

— Essas informações só vieram para o Norte, e apenas para alguns Não é de admirar que você não saiba de nada, Boromir. Da ruína do Campos de Lis, onde Isildur sucumbiu, apenas três homens voltaram pela montanhas, depois de muito vagarem. Um destes foi Olitar, o escudeiro de Isildur, que trazia os pedaços da espada de Elendil; e ele os trouxe para Valandil, herdeiro de Isildur, que, por ser apenas uma criança, tinha ficado aqui em Valfenda. Mas Narsil estava quebrada e sua luz se extinguira, e ainda não tinha sido forjada novamente.

— Chamei de infrutífera a vitória da última Aliança? Não inteiramente, embora não tenha alcançado seus objetivos. O poder de Sauron diminuiu, mas não foi destruído. O Anel estava perdido, mas não desfeito. A Torre Escura foi quebrada, mas os alicerces não foram removidos pois haviam sido feitos com o poder do Anel, e enquanto este permanecer os alicerces vão durar. Muitos elfos e muitos homens poderosos, e muitos de seus amigos, morreram na guerra. Anárion foi morto, e Isildur foi morto; Gil galad e Elendil não existiam mais. Nunca mais haverá uma aliança semelhante entre homens e elfos, pois os homens se multiplicam, e os Primogênitos estão se extinguindo, e os dois povos estão ficando cada vez mais distantes. E desde aquele dia, a raça de Númenor vem decaindo, e o tempo que vivem diminui.

— No Norte, depois da guerra e do massacre dos Campos de Lis, c homens do Ponente diminuíram em número, e sua cidade de Annúminas ao lado do lago Vesperturvo ficou em ruínas; os herdeiros de Valandil se mudaram e fora m morar em Fornost, nas altas Colinas do Norte, e ess também é uma região desolada atualmente. Os homens a chamam de Fosso dos Mortos, e temem pisá-lo. O povo de Arnor diminuiu, e foi devorad pelos inimigos, e seu reinado passou, deixando apenas túmulos verdes nas colinas cobertas de capim.

— No Sul, o Reinado de Gondor durou muito tempo; por um períod seu esplendor cresceu, lembrando de alguma forma a força de Númenor, antes de cair. Altas torres aquele povo construiu, e lugares resistentes, e portos d e muitos navios, e a coroa alada dos Reis dos Homens era respeitada e temida por povos de várias línguas.

A cidade principal era Osgiliath, Cidadela das Estrelas, no meio d qual o rio corria. E construíram Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, c lado Leste, sobre uma saliência das Montanhas da Sombra; a Oeste, aos pé das Montanhas Brancas, construíram Minas Anor, a Torre do Sol Poent Ali, nos pátios do Rei nasceu uma árvore branca, da semente que Isildu trouxe através das águas profundas, e a semente dessa árvore tinha antes vindo de Eressêa, e antes ainda do Extremo Oeste, no Dia antes dos dia quando o mundo era jovem.

— Mas com o rápido passar dos anos na Terra -média a linhagem de Meneldil, filho de Anárion, acabou, e a Árvore enfraqueceu, e o sangue dos habitantes de Númenor se misturou com o de homens menores. Então, a guarda sobre as muralhas de Mordor adormeceu, e seres escuros se esgueiraram de volta para Gorgoroth. E em certa época seres maléficos avançaram, tomando Minas Ithil e ali permanecendo, transformando-a num lugar de terror; agora é chamada de Minas Morgul, a Torre d Bruxaria. Então Minas Anor foi chamada por outro nome, Minas Tirith, Torre da Guarda; essas duas cidades estavam sempre em guerra, mas Osgiliath, que ficava n o meio delas, foi abandonada e nas suas ruínas as sombras andavam.

— Foi assim por multas vidas de homens. Mas os Senhores de Mina Tirith ainda lutam, desafiando nossos inimigos, mantendo a passagem do Rio

desde Argonath até o Mar. E agora a parte da história que devo conta chega a um fim. Pois nos dias de Isildur o Anel Governante sumiu de todo conhecimento, e os Três foram libertados do seu domínio. Mas agora, neste últimos dias, estão em perigo novamente, pois, para nossa tristeza, o Um foi encontrado. Outros devem falar do achado, pois neste ponto tive um papel pequeno.

Ele parou, mas imediatamente Boromir se levantou, alto e imponente diante deles.

— Dê-me permissão, Mestre Elrond — disse ele —, primeiro para dizer mais sobre Gondor, pois exatamente de lá eu venho. E seria bom para todos saber o que se passa ali. Poucos sabem, pelo que vejo, de nossos feitos, e portanto adivinham pouca coisa do perigo que os ameaça, se viéssemos a falhar.

— Não creiam que na terra de Gondor o sangue de Númenor esteja dissipado, nem que toda sua dignidade e esplendor foram esquecidos. Por nossos esforços, o povo selvagem do Leste ainda não avançou, e o terror de Morgul é mantido sob controle; só assim são mantidas a paz e a liberdade nas terras atrás de nós, que somos o baluarte do Oeste. Mas se as passagens do Rio fossem tomadas, o que aconteceria?

— Mas talvez essa hora não esteja longe. O Inimigo Inominável se levanta outra vez. A fumaça sobe de novo de Orodruin, que chamamos de Montanha da Perdição. O poder da Terra Negra cresce, e estamos sendo duramente acossados. Quando o Inimigo voltou, nosso povo foi expulso de Ithilien, nosso belo domínio a Leste do Rio, embora tenhamos mantido lá um Ponto de apoio e força de armas. Mas neste mesmo ano, nos dias de junho uma guerra repentina nos sobreveio de Mordor, e fomos expulsos de vez. Estávamos em menor número, pois Mordor se aliou aos Orientais e aos cruéis Haradrim; mas não foi pelo número que fomos derrotados. Havia ali um poder que nunca sentíramos antes.

— Alguns diziam que era visível, na forma de um grande cavaleiro negro, uma sombra escura sob a lua. Onde quer que ele aparecesse, nossos inimigos ficavam furiosos, enquanto o medo dominava nossos guerreiros mais corajosos, de modo que homens e cavalos cediam e fugiam. Apenas uma parte restante de nossa força no Leste voltou, destruindo a última

ponte que ainda resistia entre as ruínas de Osgiliath.

— Eu estava nesse grupo que ocupava a ponte, até que ela foi destruída atrás de nós. Apenas quatro se salvaram nadando: meu irmão, eu, e outros dois. Mas continuamos lutando, mantendo o domínio das praias a Oeste do Anduin; aqueles que se abrigam atrás de nós nos elogiam: elogiam muito mas não ajudam em nada. Atualmente, apenas de Rohan viria algum homem quando pedíssemos socorro.

— Nesta hora maligna, eu vim numa missão, atravessando muitas milhas perigosas, até Elrond: cento e dez dias viajei completamente sozinho. Mas não procuro aliados para a guerra. O poder de Elrond está em sua sabedoria, não n as armas, como se diz. Vim pedir aconselhamento e ajuda para desvendar palavras duras. Pois na véspera do ataque súbito, meu irmão teve um sonho durante um sono agitado; e depois disso tinha frequentemente um sonho semelhante, e uma vez eu também tive.

— Nesse sonho, vi o céu do Leste ficar cinza-escuro, e havia um trovão crescente, mas no Oeste uma luz pálida permanecia, e vindo dela eu escutava uma voz, remota mas clara, gritando: — Procure a Espada que foi quebrada.— Em Imladris ela está; Mais fortes que de Morgul encantos Conselhos lhe darão lá. E lá um sinal vai ser revelado Do Fim que está por vir E a Ruína de Isildur já acorda, E o Pequeno já vai surgir. Dessas palavras pudemos entender pouca coisa, e falamos com nosso pai, Denethor, Senhor de Minas Tirith, sábio na tradição de Gondor. Ele só disse que Iraladris foi, há muito tempo, o nome usado pelos elfos para um vale no extremo Norte, onde Elrond, o Meio-elfo, morava, o maior dos eruditos na tradição Portanto, meu irmão, vendo o desespero de nossa necessidade, estava ansioso para atender ao que dizia o sonho, e procurar Imladris; mas, já que o caminho era cheio de dúvidas e perigos, encarreguei-me da viagem. Meu pai relutou em dar permissão para minha partida, e muito vaguei por estradas abandonadas, procurando a casa de Elrond, da qual muitos tinham ouvido falar, mas poucos sabiam onde ficava.

— E aqui, na casa de Elrond, mais coisas lhe serão esclarecidas — disse Aragorn, levantando-se. Colocou sua espada sobre a mesa diante de Elrond, e a lâmina ainda estava partida em dois pedaços. — Aqui está a Espada que foi Quebrada! — disse ele.

— E quem é você, e o que tem a ver com Minas Tirith? — perguntou Boromir, olhando surpreso para o rosto magro do guardião e para sua capa surrada.

— Ele é Aragorn, filho de Arathorn — disse Elrond —, e descende através de muitas gerações, de Isildur, filho de Elendil, de Minas Ithil. É o chefe dos dúnedain no Norte; poucos restam agora desse povo.

— Então ele pertence a você e não a mim! — gritou Frodo surpreso levantando-se, como se esperasse que alguém pedisse o Anel imediatamente.

— Ele não pertence a nenhum de nós — disse Aragorn. — Mas foi ordenado que você o guardasse por um período.

— Traga o Anel, Frodo! — disse Gandalf solenemente. — A hora chegou. Mostre-o, e então Boromir entenderá o restante do enigma.

Fez-se silêncio e todos voltaram os olhos para Frodo. Ele foi tomado de repente pela vergonha e pelo medo, sentindo uma grande relutância em revelar o Anel, e uma aversão de tocá-lo. Desejou estar bem longe. O Anel brilhou e cintilou, conforme o erguia diante deles, com a mão trêmula.

— Veja a Ruína de Isildur! — disse Elrond.

Os olhos de Boromir reluziram quando olharam para o objeto de ouro.

— O Pequeno! — gaguejou ele. — Então o fim de Minas Tirith finalmente chegou? Mas por que então devíamos procurar uma espada quebrada?

— As palavras não eram o fim de Minas Tirith — disse Aragorn. — Mas o fim e grandes feitos se aproximam realmente. Pois a Espada que foi Quebrada é a Espada de Elendil, que se partiu quando ele caiu por cima dela. Foi guardada por herdeiros, quando todo o resto da herança foi perdido; disseram-nos que seria refeita quando o Anel, a Ruína de Isildur, fosse encontrado. Agora que você viu a espada que procurava, o que dirá? Deseja que a Casa de Elendil retorne à Terra de Gondor?

— Não fui enviado para implorar nenhum favor, mas apenas para procurar o significado de um enigma — respondeu Boromir orgulhosamente. Mas estamos sendo fortemente pressionados, e a Espada de Elendil seria uma ajuda além de nossas expectativas... se uma coisa dessas pudesse realmente voltar das sombras do passado. — Olhou de novo

para Aragorn, cheio de dúvidas.

Frodo sentiu Bilbo se mexer impacientemente ao seu lado Evidentemente estava zangado por seu amigo. Levantando-se de súbito, ele falou numa explosão: Nem tudo o que é ouro fulgura, Nem todo o vagante é vadio; O velho que é forte perdura, Raiz funda não sofre o frio. Das cinza um fogo há de vir Das sombras a luz vai jorrar; A espada há de, nova, luzir O sem-coroa há de reinar

— Talvez não muito bom, mas perfeito para o momento — se e que você precisa de algo mais além da palavra de Elrond. Se ela vale uma viagem de cento e dez dias, é melhor escutá-la com mais atenção. — Sentou-se furioso.

— Eu mesmo compus isso — cochichou ele para Frodo. — Para o Dúnadan, há muito tempo, quando me contou coisas sobre sua história pela primeira vez. Quase começo a desejar que minhas aventuras não tivessem terminado, e que pudesse acompanhá-lo quando o dia chegar.

Aragorn sorriu para ele; depois voltou-se outra vez para Boromir.

— De minha parte, perdôo sua dúvida — disse ele. — Sou pouco semelhante às figuras de Elendil e Isildur que estão entalhadas em sua majestade nos salões de Denethor. Sou apenas um herdeiro de Isildur, não Isildur em pessoa. Tive uma vida dura e longa; e as milhas que se estendem entre este lugar e Gondor são uma pequena fração na soma de minhas viagens. Atravessei muitas montanhas e muitos rios, e pisei em muitas planícies, chegando até mesmo às regiões distantes de Rhûn e Harad, onde as estrelas são estranhas. Mas minha casa, a meu ver, fica no Norte. Pois aqui os herdeiros de Valandil sempre viveram, numa longa linhagem contínua de pai para filho por muitas gerações. Nossos dias escureceram e diminuímos em número; mas sempre a espada era passada para um novo guardião. E isto direi a você, Boromir, antes de terminar. Somos homens solitários, guardiões das Terras Ermas, caçadores — mas sempre caçamos os servidores do Inimigo; pois estes podem ser encontrados em muitos lugares, e não apenas em Mordor.

— Se Gondor, Boromir, tem sido uma torre robusta, nós tivemos outra função. Existem muitas coisas más que nossas muralhas fortes e espadas brilhantes não agüentam. Você sabe pouco sobre as terras além de suas

fronteiras. Paz e liberdade, você diz? O Norte mal saberia o que são essa coisas se não fosse por nós. O medo destruiria a todos. Mas quando os sere escuros vêm das colinas desabitadas, ou se esgueiram por florestas sem sol, fogem de nós. Que estradas qualquer um ousaria pisar, que segurança haveria nos lugares pacíficos, ou nas casas dos homens simples à noite, se os dúnedain estivessem dormindo, ou tivessem todos ido para o túmulo?

— Mesmo assim, recebemos menos agradecimentos que vocês. O viajantes nos desprezam, e os homens do campo nos dão nomes pejorativos. Sou "Passolargo" para um homem gordo que vive num lugar a apenas un dia de marcha de inimigos que congelariam seu coração, ou deixariam sua pequena cidade em ruínas, se não fosse guardado continuamente. Mesmo assim, não aceitaríamos outro tipo de vida. Se as pessoas estão livres do medo e da preocupação, é porque são simples, e devemos mantê-las assim em segredo. Essa tem sido a tarefa de meu povo, enquanto os anos vão se alongando e o capim vai crescendo.

— Mas agora o mundo está mudando outra vez. Uma nova hora se aproxima. A Ruína de Isildur foi encontrada. A Batalha está chegando. Espada será reforjada. Irei a Minas Tirith.

— Você diz que a Ruína de Isildur foi encontrada — disse Boromir. — Vi um anel brilhante na mão do Pequeno; mas Isildur morreu antes de est era do mundo começar. Como os Sábios podem saber que esse anel é o dele? E como ele passou todos esses anos, até ser trazido aqui por um mensageiro tão estranho?

— Isso será contado — disse Elrond.

— Mas ainda não, eu peço, Mestre — disse Bilbo. — O sol já est chegando ao meio-dia, e sinto necessidade de algo para me fortalecer.

— Não tinha nomeado você — disse Elrond. — Mas faço isso agora Venha! Conte-nos sua história. E se ainda não a transformou em versos você pode contá-la em palavras simples. Quanto mais rápido for, mais depressa será alimentado.

— Muito bem — disse Bilbo. — Farei como pede. Mas vou contar história verdadeira, e se alguém aqui já me ouviu contando -a de outra maneira — olhou de lado para Glóin —, peço que esqueçam e me perdoem. Naquela época, desejava apenas afirmar que o tesouro pertencia só a mim, e

me livrar da pecha de ladrão que me havia sido lançada. Mas talvez eu tenha um entendimento melhor das coisas agora. De qualquer forma, foi isto o que aconteceu.

Para alguns ali, a história de Bilbo era inteiramente nova, e eles ouviam surpresos, enquanto o velho hobbit, na verdade não totalmente contrariado, recontava sua aventura com Gollum, do começo ao fim. Não omitiu uma charada sequer. Teria também feito um relato de sua festa e do desaparecimento do Condado, se lhe fosse permitido, mas Elrond levantou a mão.

— Bem contado, meu amigo — disse ele. — Mas isso é o suficiente por enquanto. Para o momento, basta sabermos que o Anel passou às mãos de Frodo, seu herdeiro. Deixe-o falar agora!

Então, menos disposto que Bilbo, Frodo contou todas as suas façanhas com o Anel, desde o dia em que a guarda lhe fora confiada. Cada passo de sua viagem da Vila dos Hobbits até o Vau do Bruinen foi questionado e ponderado, e tudo o que ele pôde lembrar a respeito dos Cavaleiros Negros foi examinado.

Finalmente, sentou-se de novo.

— Nada mau — disse-lhe Bilbo. — Você teria contado uma boa história, se não ficassem interrompendo a todo momento. Tentei anotar umas coisas, mas vamos ter de repassar toda a história juntos numa outra ocasião, se é que vou escrevê-la. Há capítulos inteiros sobre eventos anteriores à sua chegada aqui!

— É, fiz uma longa história — respondeu Frodo. — Mas ainda me parece que não está completa. Ainda quero saber muita coisa, especialmente sobre Gandalf. Galdor dos Portos, sentado ao lado, escutou o que diziam. — Você também fala por mim — disse ele; e voltando-se para Elrond, falou: — Os sábios podem ter bons motivos para considerar que o tesouro do Pequeno é realmente o Grande Anel tão debatido, embora isso pareça improvável para aqueles que sabem menos. Mas não podemos ouvir as provas? E eu também perguntaria o seguinte: E Saruman? Ele é erudito nos estudos sobre os Anéis, e apesar disso não está entre nós. O que diria, se soubesse das coisas que ouvimos?

— As perguntas que faz, Galdor, estão entrelaçadas — disse Elrond

Não as negligenciei, e elas serão respondidas. Mas essas coisas compete a Gandalf esclarecer, e eu o chamo por último, pois esse é o lugar de honra, e em toda essa questão ele tem sido o chefe.

— Alguns, Galdor — disse Gandalf —, pensariam que as notícias de Glóin e a perseguição de Frodo são provas suficientes de que o tesouro do Pequeno é uma coisa de grande valor para o Inimigo. Apesar disso, é apenas um anel. E então? Os Nove estão em poder dos Nazgul. Os Sete foram levados ou estão destruídos. — Com isso Glóin se mexeu na cadeira, mas nada falou. — Dos Três nós sabemos. O que então seria este Um, que el tanto deseja?

— Na verdade, existe um grande lapso de tempo entre o Rio e a Montanha, entre a perda e o achado. Mas a falha no conhecimento dos Sábios foi sanada finalmente. Mas muito devagar. Pois o Inimigo vinha logo atrás, mais próximo até do que eu temia. E é bom que só tenha conhecido a verdade inteira neste último ano; ao que parece, neste verão.

— Alguns aqui poderão recordar que, muitos anos atrás, eu mesmo ousei atravessar as portas do Necromante em Dol Guldur, e explorei em segredo suas práticas, e assim descobri que nossos temores eram fundados: ele não era ninguém menos que o próprio Sauron, nosso antigo Inimigo finalmente tornando forma e recuperando o poder outra vez. Alguns também poderão lembrar que Saruman tentou nos dissuadir de fazer algo abertamente contra ele, e por muito tempo apenas o vigiamos. Mas finalmente, à medida que as sombras cresciam, Saruman cedeu, e o Conselho reuniu suas forças e expulsou o mal da Floresta das Trevas — e aquele foi exatamente o ano em que o Anel foi encontrado: estranho acaso, se é que foi um acaso.

— Mas estávamos muito atrasados, como Elrond previra. Sauron também estivera nos vigiando, e se preparava havia muito tempo para nosso golpe, governando Mordor à distância, de Minas Morgul, onde seus Nove servidores estavam morando, até que tudo estivesse pronto. Então ele se rendeu diante de nós, mas apenas fingiu partir em fuga, e logo depois chegou à Torre Escura, e declarou -se abertamente.

Então, pela última vez, o Conselho se reuniu, pois nesse momento soubemos que ele procurava o Um Anel mais desesperadamente que nunca

Tememos na época que e le soubesse alguma coisa que ainda ignorávamos. Mas Saruman disse que não, e repetiu o que já tinha nos dito antes: que o Anel jamais seria encontrado outra vez na Terra-média.

— "Na pior das hipóteses", dizia ele, "nosso Inimigo sabe que não estamos com o Anel, pois ainda está perdido. Mas acha que o que foi perdido pode ser reencontrado. Nada temam! A esperança que tem vai traí-lo. Então eu não estudei essa questão minuciosamente? O Anel caiu no Grande Rio Anduin; e há muito tempo, enquanto Sauron dormia, foi rolando pelo Rio até o Mar. Deixemo-lo ficar ali até o Fim.

Gandalf ficou quieto, olhando para o Leste através do alpendre, examinando os picos distantes das Montanhas Sombrias, em cujas grandes raízes o perigo do mundo por tanto tempo se ocultara. Ele suspirou.

— Nesse ponto, falhei — disse ele. — Fui ludibriado pelas palavras de Saruman, o Sábio; deveria ter procurado a verdade antes, e agora nosso perigo seria menor.

— Todos nós falhamos — disse Elrond. — E se não fosse por sua vigilância, talvez a Escuridão já tivesse caído sobre nós. Mas continue!

— Desde o início, meu coração pressentia o que contrariava toda a razão que eu conhecia — disse Gandalf — E eu desejava saber como essa coisa chegou até Gollum e por quanto tempo estivera em seu poder. Então comecei a procurá-lo, supondo que logo apareceria para procurar seu tesouro, E de fato apareceu, mas escapou e não foi encontrado. E então infelizmente, deixei o assunto descansar, apenas vigiando e esperando, como fizemos muitas vezes.

— O tempo passou, com muitas apreensões, até que minhas dúvidas despertaram de novo, transformando-se num medo repentino. De onde vinha o anel do hobbit? O que, se minhas dúvidas fossem fundadas, deveríamos fazer com ele? Essas coisas eu tinha de decidir. Mas não falei a ninguém de meus temores, sabendo do perigo de uma menção inoportuna, caso chegasse aos ouvidos errados. Em todas as longas guerras contra a Torre Escura, a traição sempre foi nosso maior inimigo.

— Isso foi há dezessete anos. Logo soube que espiões de toda sorte, até animais e pássaros, reuniam-se em torno do Condado, e meu medo cresceu. Pedi o auxílio dos dúnedain, que redobraram sua vigilância; abri

meu coração para Aragorn, o herdeiro de Isildur.

— E eu — disse Aragorn —, achei melhor procurarmos Gollum embora parecesse muito tarde. E, uma vez que parecia adequado que o herdeiro de Isildur tentasse reparar a falta de seu antepassado, empreendi com Gandalf uma busca longa e infrutífera.

Então Gandalf contou que tinham explorado to da a região das Terras Ermas, chegando até mesmo às Montanhas da Sombra e às fronteiras de Mordor.

— Ali escutamos rumores sobre ele, e supusemos que tinha morado por longo tempo lá, nas colinas escuras; mas não o encontramos, e finalmente perdi as esperanças. Então pensei outra vez num teste que poderia dispensar a localização de Gollum. O próprio anel poderia me dizer se era o Um Anel. A lembrança das palavras pronunciadas no Conselho voltou à minha memória: palavras de Saruman, semi-ocultas na ocasião. Agora eu as escutava claramente em meu coração.

— "Os Nove, os Sete e os Três", dizia ele, "todos tinham uma pedra própria. Mas não o Um Anel, que era redondo e sem adornos, como se fosse o menos importante dos anéis; mas quem o fez desenhou nele marcas que os habilidosos, talvez, ainda poderiam ver e ler."

— Quais eram essas marcas ele não dizia. Quem poderia saber agora? Quem o fez. E Saruman? Embora seu conhecimento pudesse ser muito grande, devia se originar de alguma fonte. Que outra mão, fora a de Sauron teria segurado esse objeto, antes que fosse perdido? Apenas a mão de Isildur.

— Pensando nisso, abandonei a busca, e fui rapidamente para Gondor. Nos primeiros tempos, os membros de minha ordem eram bem recebidos lá, mas Saruman sempre merecia as honras maiores. Frequentemente ficava ali, como hóspede dos Senhores da Cidade. Não fui tão bem recebido pelo Senhor Denethor dessa vez como antigamente e com má vontade ele permitiu que eu vasculhasse entre os livros e pergaminhos que guardava como relíquias.

— "Se é verdade que você só está procurando registros dos tempos antigos e das origens da Cidade, como diz, vá em frente!", — disse ele, — "pois, para mim, o que passou foi menos sombrio do que o que está por vir, e essa é minha preocupação. Mas, a não ser que você tenha mais habilidade

que o próprio Saruman, que estudou aqui muito tempo, não achará nada que não seja bem conhecido por mim, que sou um mestre nas tradições da Cidade."

— Assim falou Denethor. E mesmo assim, em sua posse há muito registros que agora apenas alguns conseguem ler, até mesmo entre os mestres nas tradições, pois suas escritas e línguas se tornaram obscuras para os homens que vieram depois. E, Boromir, acho que ainda existe em Mina Tirith um manuscrito que não foi lido por ninguém, a não ser por Saruman e por mim, feito pelo próprio Isildur. Porque Isildur não se retirou imediatamente da guerra de Mordor, como contaram alguns.

— Alguns no Norte, talvez — interrompeu Boromir. — Todos em Gondor sabem que primeiro ele foi para Minas Anor e morou ali por um tempo com o sobrinho, Meneldil, instruindo-o, antes de confiar a ele o governo do Reino do Sul. Nessa época, plantou ali a última muda da Árvore Branca, em memória do irmão.

— Mas nessa época ele também fez esse manuscrito — disse Gandalf — E isso não é lembrado em Gondor, ao que parece. Pois esse manuscrito se refere ao Anel, e assim Isildur escreveu: O Grande Anel deve agora se transformar em parte da herança do Reino do Norte; mas registros dele serão deixados em Gondor onde também moram os herdeiros de Elendil para evitar que venha um tempo em que a memória dessas questões importantes seja obscurecida. E depois dessas palavras Isildur descreveu o Anel, tal como o encontrou: Estava quente no primeiro momento em que o peguei, quente como brasa, e minha mão se queimou, de tal modo que duvidei que algum dia pudesse me ver livre da dor causada pela queimadura. Apesar disso, no momento em que escrevo, está frio, e parece que encolheu, embora sem ter perdido a beleza ou a forma. A escrita que há nele, que no início estava visível como uma chama vermelha, já desapareceu, e mal pode ser lida. As letras são de uma caligrafia élfica de Eregion, pois não há em Mordor letras para um trabalho tão sutil; mas a língua me é desconhecida. Suponho que seja uma língua da Terra Negra uma vez que é desagradável e rústica. Que maldade está aqui impressa eu não sei dizer; traço uma cópia, para evitar que desapareça e nunca mais seja recuperada. Talvez o Anel sinta falta do calor da mão de Sauron, que era

negra e mesmo assim queimava como fogo, e assim Gil-galad foi destruído; e talvez, se o ouro for reaquecido, a inscrição fique visível outra vez. Mas, de minha parte, não arriscarei danificar uma coisa dessas: de todos os trabalhos de Sauron, o único belo. É precioso para mim, embora o tenha adquirido à custa de muito sofrimento.

— Quando li essas palavras, minha busca terminou. Pois a caligrafia da inscrição estava de fato, como Isildur supusera, na língua de Mordor e dos servidores da Torre. E o que dizia já era conhecido. Pois no dia em que Sauron colocou o Um Anel pela primeira vez, Celebrimbor, que havia feito os Três, estava consciente dele, e de longe escutou-o pronunciar essas palavras, e assim seus propósitos maléficos foram revelados.

— Imediatamente, despedi-me de Denethor, mas no mesmo momento em que me dirigia para o Norte mensagens chegavam até mim vindas de Lórien, dizendo que Aragorn tinha passado por ali, e que tinha encontrado a criatura chamada Gollum. Portanto, fui primeiro encontrá-lo e ouvir sua história. Por quais perigos tinha ele passado sozinho, eu não ousava imaginar.

— Não há necessidade de comentá-los — disse Aragorn. — Se um homem precisar passar à vista do Portão Negro, ou pisar nas flores mortais do Vale Morgul, perigos encontrará. Eu, também, fiquei desesperado no final, e comecei minha viagem de volta para casa. Então, por sorte, finalmente encontrei o que procurava: a marca de pés fofos numa poça lamacenta. Eram pegadas novas e rápidas, conduzindo não a Mordor, mas para longe dali. Ao longo das margens dos Pântanos Mortos as segui, e então o encontrei. Espreitando perto de um brejo estagnado, olhando a água quando a noite escura caía, peguei-o, Gollum. Estava coberto de musgo esverdeado. Receio que nunca gostará de mim, pois me mordeu, e não foi nem um pouco gentil. Nada mais consegui daquela boca além de marcas de dentes. Considerei essa a pior parte de toda a minha viagem, a estrada de volta, vigiando-o dia e noite, forçando-o a andar na minha frente com uma coleira no pescoço, amordaçado, enquanto não fosse domado pela falta de comida e bebida, conduzindo-o sempre para a Floresta das Trevas. Levei-o até lá finalmente, e o entreguei para os elfos, pois tínhamos combinado que isso seria feito; fiquei feliz em me livrar de sua companhia, pois fedia. De

minha parte, espero nunca mais ter de olhar para ele outra vez; mas Gandalf chegou e suportou uma longa conversa com ele.

— Sim, longa e cansativa — disse Gandalf — Mas não sem resultados. Em primeiro lugar, a história que contou, de como havia perdido o Anel batia com a que Bilbo acabou de contar abertamente pela primeira vez; mas isso pouco importava, uma vez que já tinha adivinhado. Mas então descobri, primeiro, que o anel de Gollum vinha do Grande Rio perto do Campos de Lis. E descobri também que ele o tinha possuído por longo tempo. Por muitas vidas de sua reduzida espécie. O poder do anel tinha alongado seus anos de vida muito além da média; mas esse poder é concedido apenas pelos Grandes Anéis.

— Mas se isso ainda não for prova suficiente, Galdor, ainda há o outro teste que mencionei. Nesse mesmo Anel que acabaram de ver exibido redondo e sem adornos, as letras que Isildur mencionou ainda podem ser lidas, se alguém tiver a força de vontade de colocar o Anel no fogo por uns momentos. Fiz isso e li o seguinte:

Ash nazg dupbatulûk, ash nazg gimbatul,
ash nazg thrakatulûk agh burzum — ishi krimpatul.

A mudança na voz do mago era assombrosa. De repente ficou ameaçadora, poderosa, dura como pedra. Uma sombra pareceu passar sobre o sol alto, e o alpendre ficou escurecido por uns momentos. Todos tremeram, e os elfos tamparam os ouvidos.

— Nunca antes uma voz ousou pronunciar palavras nessa língua em Imladris, Gandalf, o Cinzento — disse Elrond, quando a sombra passou e grupo pôde respirar outra vez.

— E esperemos que ninguém jamais fale essa língua aqui de novo — respondeu Gandalf. — Não obstante isso, não peço suas desculpas, Mestre Elrond. Pois se essa língua não estiver prestes a ser ouvida em todos os cantos do Oeste, então que todos deixem de lado a dúvida de que esse objeto é realmente o que os Sábios declararam: o tesouro do Inimigo carregado de toda a sua malícia; e nele está uma grande parte de sua força de antigamente. Vêm dos Anos Negros as palavras que os Ourives de

Eregion escutaram, sabendo assim que tinham sido traídos: Um Anel para todos governar Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer. na Escuridão aprisioná-los.

— Saibam ainda, meus amigos, que soube de mais coisas conversando com Gollum. Ele relutava em falar e a história que contava era obscura, mas está fora de qualquer dúvida que ele foi até Mordor, e ali tudo o que sabia lhe foi arrancado à força. Desse modo, o Inimigo sabe que o Anel fo encontrado, que ficou muito tempo no Condado; e já que seus servidores o Perseguiram quase até nossa porta, logo saberá, e já pode estar sabendo, neste momento em que falo, que o temos aqui.

Todos ficaram em silêncio por um tempo, até que finalmente Boromir falou.

— Ele é uma coisa pequena, você diz, esse Gollum? Pequeno, ma grande na maldade. O que aconteceu com ele? Que destino lhe foi imposto?

— Está preso, mas nada além disso — disse Aragorn. — Já tinha sofrido muito. Não há dúvida de que foi atormentado, e o medo de Sauron está cravado, negro, em seu coração. Mesmo assim, pessoalmente sinto-me feliz em saber que ele está sendo vigiado pelos olhos atentos dos elfos da Floresta das Trevas. Tem uma grande malícia, que lhe dá uma força difícil de se acreditar numa criatura tão magra e maltratada. Ainda poderia operar muitas maldades, se estivesse livre. E não duvido de que obteve permissão para deixar Mordor em alguma missão maligna.

— Infelizmente! — gritou Legolas, e em seu belo rosto élfico via-se uma grande perturbação. — As notícias que fui encarregado de trazer precisam agora ser dadas. Não são boas, mas só aqui percebi quão péssimas elas podem ser para este grupo. Sméagol, que agora é chamado de Gollum escapou.

— Escapou? — gritou Aragorn. — Essa notícia é realmente péssima Receio que todos vamos lamentá-la amargamente. Como aconteceu de o povo de Thranduil falhar na confiança nele depositada?

— Não foi por falta de vigilância — disse Legolas. — Mas talvez po demasiada gentileza. E receamos que o prisioneiro tenha recebido ajuda de outros, e que se saiba mais de nossos feitos do que poderíamos desejar. Guardamos essa criatura, dia e noite, a pedido de Gandalf, embora nos

cansássemos muito com tal tarefa. Mas Gandalf pediu que ainda tivéssemos esperanças em relação à cura dele, e não tivemos coragem de mantê-lo constantemente em masmorras sob a terra, onde ele poderia de novo alimentar seus pensamentos negros.

— Vocês foram menos gentis comigo — disse Glóin com um brilho nos olhos, conforme se agitavam em sua mente as recordações de sua prisão nas profundezas dos salões do rei élfico.

— Ora vamos! — disse Gandalf — Peço que não interrompa, meu bom Glóin. Aquilo foi um engano lamentável, há muito desfeito. Se todas as mágoas que separam os anões dos elfos forem trazidas à tona aqui, é melhor abandonarmos este Conselho.

Glóin se levantou e fez uma reverência. Legolas continuou.

— Nos dias de tempo bom, levávamos Gollum pela floresta, e havia ali uma árvore alta, distante das outras, na qual gostava de subir. Sempre o deixávamos subir até os galhos mais altos, até que sentisse o vento livre; mas fazíamos guarda no pé da árvore. Um dia, recusou-se a descer, e os guardas não quiseram subir atrás dele: Gollum tinha aprendido o truque de se pendurar nos galhos pelos pés tão bem quanto pelas mãos; então sentaram-se ao lado da árvore até noite alta.

— Foi exatamente naquela noite de verão, apesar de não ter lua nem estrelas, que os orcs nos atacaram de surpresa. Expulsamo-los depois de algum tempo; eram ferozes e estavam em grande número, mas vinham das montanhas e não estavam acostumados às florestas. Quando a batalha terminou, descobrimos que Gollum tinha fugido, e seus guardas foram assassinados ou capturados. Então ficou claro que o ataque tinha sido feito para resgatá-lo, e que ele já sabia de antemão o que estava por acontecer. Como isso foi armado, não podemos saber; mas Gollum é esperto, e os espiões do Inimigo são muitos. As criaturas escuras que tinham sido expulsas no ano da queda do Dragão voltaram em grande número, e a Floresta das Trevas é agora um lugar maligno, exceto onde nosso reinado está sendo mantido.

— Não conseguimos recapturar Gollum. Encontramos suas pegadas entre as de muitos orcs, e elas mergulharam fundo para dentro da Floresta, em direção ao Sul. Mas logo ultrapassaram nossa habilidade, e não ousamos continuar a caçada, pois estávamos chegando muito perto de Dol Guldur, e

aquele ainda é um lugar muito mau; não enveredamos por aqueles lados.

— Bem, bem, ele se foi — disse Gandalf — E não temos tempo par procurá-lo outra vez. Que faça o que quiser. Mas pode ser que ainda tenha um papel que nem ele nem Sauron previram.

— E agora responderei às outras perguntas de Galdor. E Saruman Que diria ele nesta hora? Essa história preciso contar inteira, pois apenas Elrond a conhece, e resumida, mas ela terá conseqüências em tudo o que decidirmos. É o último capítulo da História do Anel, até o presente momento.

— No fim de junho eu estava no Condado, mas uma nuvem de ansiedade cobria minha mente, e eu fui até a fronteira Sul da pequena terra; pois tinha pressentimento de algum perigo, ainda oculto, mas que se aproximava. Ali, mensagens chegaram até mim, contando sobre guerra e derrota em Gondor, e quando ouvi sobre a Sombra Negra, senti um frio no coração. Mas nada encontrei, a não ser alguns fugitivos do Sul; mesmo assim tive a impressão de que sentiam um medo que não mencionavam. Fui então em direção ao Leste e ao Norte, e viajei ao longo do Caminho Verde; não muito longe de Bri, encontrei um viajante sentado num barranco à beira da estrada, e seu cavalo pastando atrás dele. Era Radagast, o Castanho, que numa época morou em Rhosgobel, perto das fronteiras da Floresta das Trevas. Ele faz parte de minha ordem, e eu não o via fazia muitos anos.

— "Gandalf!", disse ele. "Estava procurando você. Mas sou um estranho nestas partes. Tudo o que sabia é que você poderia ser encontrado numa região selvagem, com o nome esquisito de Condado."

— "Sua informação estava certa", disse eu. "Mas não fale assim, se encontrar algum habitante de lá. Você está perto da fronteira do Condado agora. E o que quer comigo? Deve ser importante. Você nunca foi um viajante, a não ser por grande necessidade."

— "Tenho uma missão urgente", disse ele. "Minha notícia é má." Então olhou ao redor, como se as cercas-vivas tivessem ouvidos. "Nazgúl" sussurrou ele. "Os Nove estão de novo à solta. Atravessaram o Rio em segredo e estão indo par a o Oeste. Tomaram a forma de cavaleiros vestidos de preto."

— Soube então do que temia sem saber.

— "O Inimigo deve ter alguma necessidade ou propósito importante", disse Radagast; "mas o que o faz olhar em direção a estas partes distantes e desoladas, não posso adivinhar."

— "O que está querendo dizer?", disse eu.

— "Disseram-me que, aonde quer que cheguem, os Cavaleiros pedem notícias de uma terra chamada Condado."

— "O Condado", disse eu, mas meu coração ficou pesado. Poi mesmo os Sábios podem ter medo de enfrentar os Nove, quando estão reunidos e sob o comando de seu líder mortal. Antigamente, ele foi um grande rei e feiticeiro, e agora emana um pavor mortal. "Quem lhe disse isso, e quem o enviou?", perguntei.

— "Saruman, o Branco", respondeu Radagast . "E me recomendou que dissesse a você que pode ajudá-lo se precisar; mas que você deve procurar sua ajuda imediatamente, ou será tarde demais."

— E essa mensagem me trouxe esperança. Pois Saruman, o Branco, o maior de minha ordem. Radagast, claro, é um mago valoroso, um mestre das formas e das mudanças de cores; tem muito conhecimento das ervas e dos animais, e os pássaros em especial são seus amigos. Mas Saruman vem estudando há muito tempo as artes do Inimigo, e desse modo conseguimos muitas vezes antecipar-nos. Foi pelos métodos de Saruman que expulsamos o Inimigo de Dol Guldur. Podia ser que ele tivesse descoberto armas para rechaçar os Nove.

— "Irei até Saruman", disse eu.

— "Então deve ir agora", disse Radagast, "pois perdi tempo procurando você, e os dias estão se acabando. Recomendou -me que o encontrasse antes do Solstício de Verão, e esse dia está chegando. Mesmo que você parta daqui, será difícil alcançá-lo antes que os Nove descubram a terra que procuram. Quanto a mim, voltarei imediatamente." E com isso montou no cavalo e teria partido naquele instante.

— "Espere um minuto", disse eu. "Vamos Precisar de sua ajuda, e da ajuda de todos os seres que possam cooperar. Envie mensagens a todos os animais e pássaros que são seus amigos. Diga-lhes para trazerem notícias de tudo o que se relacione a esse assunto de Saruman e Gandalf Envie mensagens a Orthanc."

— "Farei isso", disse ele, e partiu como se os Nove estivessem em seu encalço.

— Não pude segui-lo naquele momento e daquele lugar. Já tinha cavalgado muito longe naquele dia, e estava tão cansado quanto meu cavalo, e precisava pensar nas coisas. Passei a noite em Bri, e decidi que não tinha tempo para voltar até o Condado. Nunca cometi um erro tão grande!

— Entretanto, escrevi uma mensagem para Frodo, e confiei-a ao meu amigo, o estalajadeiro, para enviá-la. Parti na manhã do dia seguinte; e finalmente cheguei à moradia de Saruman, Fica no extremo Sul de Isengard, no fim das Montanhas Sombrias, não distante do Desfiladeiro de Rohan. Boromir dirá a vocês que é um grande vale aberto que fica entre as Montanhas Sombrias e os contrafortes mais setentrionais de Ered Nimrais, as Montanhas Brancas de sua terra. Mas Isengard é um círculo de rocha íngremes que envolvem o vale como uma mura lha, e no meio desse vale há uma torre de pedra chamada Orthanc. Não foi construída por Saruman mas pelos homens de Númenor há muito tempo; é muito alta e encerra muitos segredos; mesmo assim, não parece ser um trabalho de construtores. Não se pode alcançá-la, a não ser passando pelo círculo de Isengard, e naquele círculo só há um portão.

— Uma noite, bem tarde, cheguei a esse portão, semelhante a um grande arco na muralha de rochas. Estava fortemente guardado. Mas os guardas estavam vigiando, à minha espera, e me disseram que Saruman me aguardava. Passei por baixo do arco, e o portão se fechou silenciosamente atrás de mim; de repente senti medo, embora não conhecesse motivo para isso.

— "Então, você veio, Gandalf ", disse-me ele num tom grave; mas em seus olhos parecia haver uma luz branca, como se um riso frio estivesse em seu coração.

— "Sim, eu vim", disse eu. "Vim pedir sua ajuda, Saruman, o Branco." Esse título pareceu enraivecê-lo.

— "É mesmo, Gandalf, o Cinzento?", zombou ele. "Ajuda? É raro se ouvir que Gandalf, o Cinzento, pediu ajuda a alguém, uma pessoa tão inteligente e sábia, vagando pelas terras e se intrometendo em todas as coisas, quer lhe digam respeito ou não."

— Olhei para ele, surpreso. "Mas se não estou enganado", disse eu "estão acontecendo coisas que irão requerer a união de todas as nossas forças."

— "Pode ser", disse ele, "mas esse pensamento lhe ocorreu tarde demais. Pergunto-me por quanto tempo escondeu de mim, o chefe do Conselho, um assunto da maior importância. O que o traz aqui agora, vindo de seu ponto de espreita no Condado?"

— "Os Nove avançaram de novo", respondi. "Atravessaram o Rio Assim me disse Radagast."

— "Radagast, o Castanho!", riu Saruman, não mais escondendo o desprezo que sentia. "Radagast, o Domador de Pássaros! Radagast, Simplório! Radagast, o Tolo! Mas pelo menos teve a capacidade de desempenhar a função que lhe designei. Você veio, e esse foi o propósito de minha mensagem. E aqui você permanecerá, Gandalf, o Cinzento, para descansar das viagens. Pois sou Saruman, o Sábio, Saruman, o Fazedor de Anéis, Saruman de Muitas Cores!"

— Olhei então e vi que as roupas que vestia, que tinham parecido brancas, não eram dessa cor, mas de todas as cores, e se ele se mexia, mudavam de tonalidade e brilhavam, de modo que os olhos ficavam confusos.

— "Eu gostava mais do branco", disse eu.

— "Branco!", zombou ele. "Serve para começar. O pano branco pode ser tingido. Pode-se escrever sobre a página em branco; a luz branca pode ser decomposta."

— "E nesse caso deixa de ser branca", disse eu. "E aquele que quebra uma coisa para descobrir o que ela é deixou o caminho da sabedoria."

— "Não precisa falar comigo do modo como se dirige aos tolos que tem por amigos", disse ele. "Não o trouxe até aqui para receber instruções suas, mas para lhe dar uma escolha.— Pôs-se de pé e então começou a declamar, como se estivesse fazendo um discurso longamente ensaiado. "Os Dias Antigos se foram. Os Dias Médios estão passando. Os Dias Mais Jove estão começando. A época dos elfos se acabou, mas nosso tempo está chegando: o mundo dos homens, que devemos governar. Mas precisamos de poder, poder para ordenar todas as coisas como queremos, para o bem

que apenas os Sábios podem enxergar."

— "E ouça bem, Gandalf, meu velho amigo e ajudante!", disse ele vindo em minha direção e falando agora com uma voz mais suave. "Eu disse nós, pois poderá ser nós, se quiser se unir a mim. Um novo Poder se levanta. Contra ele, as velhas alianças e políticas não nos ajudarão em nada. Não há mais esperança nos elfos ou na agonizante Númenor. Esta então é uma escolha diante de você, diante de nós. Podemos nos unir a esse Poder. Seria uma sábia decisão, Gandalf. Existe esperança por esse caminho. A vitória dele se aproxima, e haverá grandes recompensas para aqueles que o ajudarem. Enquanto o Poder crescer, os que se mostrarem seus amigos também crescerão; e os Sábios, como você e eu, poderão, com paciência, vir finalmente a governar seus rumos, e a controlá-lo. Podemos esperar nossa hora, podemos guardar o que pensamos em nossos corações, talvez deplorando as maldades feitas incidentalmente, mas aprovando o propósito final e mais alto: Conhecimento, Liderança, Ordem; todas as coisas que até agora lutamos em vão para conseguir, mais atrapalhados que ajudados por nossos amigos fracos e inúteis. Não precisaria haver, e não haveria, qualquer mudança em nossos propósitos, só em nossos meios.". "Saruman", disse eu. "Já escutei discursos desse tipo antes, mas apenas das bocas dos emissários enviados de Mordor para enganar os ignorantes. Não Posso crer que tenha me trazido de tão longe só para cansar meus ouvidos."

— Lançou-me um olhar oblíquo, e parou um pouco, pensando. "Bem, vejo que este caminho sábio não funciona no seu caso", disse ele. "Ainda não? Não se uma maneira melhor puder ser criada?"

— Aproximou-se e colocou a mão longa sobre meu braço. "E por que não, Gandalf?", sussurrou ele. "Por que não? O Anel Governante? Se pudéssemos dominá-lo, então o Poder passaria para nós. Foi por isso, na verdade, que o trouxe até aqui. Pois tenho muitos olhos trabalhando para mim, e acredito que você sabe agora onde esse objeto precioso está. Não é verdade? Ou então, por que os Nove querem saber sobre o Condado, e qual é o interesse que você tem lá?" E enquanto dizia isso, um desejo ardente que ele não podia ocultar brilhava em seus olhos. "Saruman", disse eu, afastando-me dele, "só uma mão de cada vez pode governar o Anel, e você sabe disso muito bem; então não se preocupe em dizer nós! Mas eu não c

daria a você, nunca! Não daria nem notícias dele, agora que sei o que se passa na sua cabeça. Você foi chefe do Conselho, mas desmascarou a s mesmo finalmente. Bem, as opções são, ao que parece, submeter-me a Sauron ou a você. Não escolho nenhuma das duas. Não tem outras par oferecer? — Agora ele estava frio e perigoso. "Sim", disse ele. "Não esperav que demonstrasse sabedoria, mesmo para sua própria vantagem; mas dei-lhe a chance de me ajudar por bem, e de se poupar de muitos problemas e sofrimentos. A terceira opção é ficar aqui, até o fim."

— "Até o fim?"

— "Até que me revele onde o Um Anel pode ser encontrado. Posso procurar meios de persuadi-lo. Ou até que seja encontrado à sua revelia, e o Governante possa se voltar para questões mais leves: encontrar, vamos dizer, uma recompensa adequada para a falta de colaboração e a insolência de Gandalf, o Cinzento."

— "Essa pode acabar não sendo uma das questões mais leves", disse eu. Ele riu de mim, pois minhas palavras eram vazias, e ele sabia disso.

— Levaram-me e me colocaram no pináculo de Orthanc, no lugar onde Saruman costumava olhar as estrelas. Não há por onde descer, a não ser por uma escada estreita de muitos milhares de degraus, e o vale lá embaixo parece muito distante. Olhei para ele e vi que, embora já tivesse sido verde e belo, estava agora cheio de poços e forjas. Lobos e orcs estavam alojados em Isengard, pois Saruman estava reunindo uma grande força por sua própria conta, rivalizando com Sauron, e não ainda aos serviços dele. Sobre todas as suas construções, uma fumaça escura pairava e se adensava em torno das paredes de Orthanc. Fiquei sozinho, numa ilha em meio as nuvens; não tinha chance de escapar, e meus dias foram amargos. O frio me atravessava os ossos, e eu só tinha um pequeno espaço para andar de um lado para o outro, pensando na chegada dos Cavaleiros ao Norte.

— De que os Nove tinham de fato se levantado, eu tinha certeza mesmo sem as palavras de Saruman, que poderiam ser mentirosas. Muito antes de chegar a Isengard eu tinha escutado notícias que não poderiam ser falsas. O medo pelos meus amigos do Condado era constante em meu coração; mas eu ainda tinha alguma esperança. Tinha esperança de que Frodo tivesse partido imediatamente, como minha carta pedia, e que tivesse

chegado a Valfenda antes que a perseguição fatal começasse. E tanto meu medo quanto minha esperança acabaram se mostrando infundados. Pois minha esperança se fundava num homem gordo de Bri, e meu medo na esperteza de Sauron. Mas homens gordos que vendem cerveja têm muitos pedidos para atender, e o poder de Sauron ainda é menor do que o medo nos faz crer. Porém, no círculo de Isengard, preso e solitário, seria difícil pensar que os caçadores, diante dos quais todos fugiram ou caíram, falhariam no distante Condado.

— Eu vi você! — gritou Frodo. — Estava andando de um lado para o outro. A lua brilhava em seu cabelo.

Gandalf parou atônito, e olhou para ele.

— Foi apenas um sonho — disse Frodo. — Mas que de repente volta à minha mente. Tinha me esqueci do. Veio há algum tempo; depois que parti do Condado, eu acho.

— Então demorou a chegar — disse Gandalf. — Como você vai ver. Eu estava numa situação péssima. E os que me conhecem concordarão que raramente fiquei numa situação de tanta necessidade, e que não suporto bem um infortúnio desses. Gandalf, o Cinzento, preso como uma mosca na teia traiçoeira de uma aranha! Mas mesmo as aranhas mais caprichosas podem deixar um fio frouxo.

— Primeiro pensei, como Saruman sem dúvida pretendia, que Radagast também fosse um traidor. Mas não tinha percebido nada de errado em sua voz ou em seus olhos quando nos encontramos. Se tivesse, jamais teria ido a Isengard, ou teria sido mais cauteloso. Assim Saruman supunha, e tinha escondido seus pensamentos e enganado o mensageiro. Teria sido inútil, de qualquer forma, tentar convencer o honesto Radagast a se aliar a um projeto de maldade e traição. Procurou-me de boa-fé, e assim me convenceu.

— Essa foi a ruína do plano de Saruman. Pois Radagast não viu motivos para não fazer o que eu pedira, e cavalgou até a Floresta das Trevas, onde tinha muitos amigos antigos. E as Águias das Montanhas se espalharam, e viram muitas coisas: o ajuntamento dos lobos e os orcs se agrupando; os Nove Cavaleiros indo de cá para lá nos muitos lugares. Também escutaram notícias sobre a fuga de Gollum. E enviaram um

mensageiro para me trazer as novas.

— Foi assim que, quando o verão terminava, veio uma noite enluarada, e Gwaihir, o Senhor do Vento, a mais rápida entre as Grande Águias, chegou inesperadamente a Orthanc, encontrando-me no pináculo. Então falei com ele, que me carregou embora, antes que Saruman soubesse Eu já estava longe de Isengard, quando os lobos e os orcs saíram pelo portão à minha procura.

— Até onde pode me levar?", perguntei a Gwaihir.

— "Por muitas milhas", disse ele, "mas não até o fim do mundo. Fu enviado para transportar notícias, não fardos."

— "Então vou precisar de um cavalo quando pousarmos", disse eu. "E um cavalo extraordinariamente rápido, pois nunca precisei tanto da velocidade antes."

— "Se é assim, vou levá-lo a Edoras, onde o Senhor de Rohan fica er seus palácios", disse ele, "pois esse lugar não fica longe daqui." E fiquei contente, pois em Rohan, a Terra dos Cavaleiros, os Rohirrim, Senhores dc Cavalos, moram, e não há cavalos como aqueles que são criados no grande vale entre as Montanhas Sombrias e as Brancas.

— "Acha que ainda se pode confiar nos Homens de Rohan?" perguntei a Gwaihir, pois a traição de Saruman abalara minha fé.

— "Eles pagam um tributo em cavalos", respondeu ele, "e enviam muitos a Mordor anualmente; pelo menos é o que se diz; mas não estão submetidos àquele jugo. Mas se Saruman se tornou mau, como me diz, então a desgraça deles não pode ser postergada por muito tempo."

— Deixou-me na terra de Rohan antes do amanhecer; e agora me alonguei demais na minha história. O resto será mais breve. Em Rohan, j encontrei o mal em ação: as mentiras de Saruman; o rei daquela região não deu ouvidos às minhas advertências. Disse-me que pegasse um cavalo e fosse embora, e escolhi um bem ao meu gosto, mas nada ao gosto dele. Peguei o melhor cavalo que havia, e nunca vi outro igual.

— Então deve ser um animal realmente nobre — disse Aragorn. — E me entristece, muito mais que outras notícias que possam parecer piores, saber que Sauron arrecada tal tributo. Não era assim quando estive por lá.

— Nem é agora, posso jurar — disse Boromir. — Essa é uma mentir.

que vem do Inimigo. Conheço os homens de Rohan, verdadeiros e destemidos, nossos aliados, que ainda moram nas terras que ofertamos a eles há muito tempo.

— A sombra de Mordor alcança terras distantes — respondeu Aragorn.

— Saruman foi subjugado por ela. Rohan está cercada. Quem sabe o que você poderá encontrar lá, se algum dia voltar?

— Pelo menos, isso não — disse Boromir. — Que compram as vidas com cavalos. Aquele povo ama seus animais quase como a seus familiares. E não sem razão, pois os cavalos da Terra dos Cavaleiros vêm dos campos do Norte, distantes da Sombra, e sua raça, como a de seus donos, descende dos dias livres de antigamente.

— Isso é verdade! — disse Gandalf — E há um entre eles que poderia ter nascido na aurora do mundo. Os cavalos dos Nove não podem disputar com ele; incansável, rápido como o vento. Chamavam-no de Scadufax. Durante o dia, seus pêlos brilham como prata, e de noite ficam como sombra, e ele passa sem ser visto. Cavalga levemente! Nunca antes havia sido montado por qualquer homem, mas peguei-o e o domei, e tão rápido me levou, que cheguei ao Condado quando Frodo estava nas Colinas dos Túmulos, embora eu tenha partido de Rohan apenas quando ele deixava o Condado.

— Mas o medo crescia em mim à medida que avançava com o cavalo. Logo que cheguei ao Norte, ouvi notícias dos Cavaleiros, e, embora me aproximasse deles dia após dia, estavam sempre na minha frente. Soube que tinham dividido suas forças: alguns permaneciam na fronteira Leste, não muito distante do Caminho Verde, e alguns invadiram o Condado partindo do Sul. Cheguei à Vila dos Hobbits e Frodo tinha partido; mas conversei com o velho Gamgi. Muitas palavras, e poucas que me interessavam. Ele tinha muito a dizer sobre os defeitos dos novos proprietários de Bolsão.

— "Não posso suportar mudanças", dizia ele, "não na minha idade,

muito menos mudanças para pior." "Mudanças para pior", repetia ele muitas vezes.

— "Pior é uma palavra ruim", disse-lhe eu. "E espero que não viva para ver o que é pior." Mas em meio a toda a conversa, descobri finalmente que Frodo tinha deixado a Vila dos Hobbits menos de uma semana antes, e que um cavaleiro negro tinha vindo até a Colina na mesma noite. Então parti apavorado. Cheguei à Terra dos Buques e encontrei o lugar em tumulto, as pessoas agitadas como formigas que tiveram seu formigueiro remexido por uma bengala. Fui à casa em Cricôncavo e a encontrei aberta e vazia. Mas na entrada havia uma capa que pertencera a Frodo. Então, por uns momentos, perdi as esperanças, e não esperei para saber mais coisas, ou teria sido consolado. Cavalguei seguindo a trilha dos Cavaleiros. Era difícil fazê-lo, pois as pegadas iam por muitos caminhos, e fiquei perdido. Mas me pareceu que um ou dois tinham ido na direção de Bri; e por ali fui, pois pensava em palavras que poderiam ser ditas ao estalajadeiro.

— "Chamam-no Carrapicho", pensava eu. "Se essa demora foi culpa dele, vou espetá-lo com todos os carrapichos do mundo. Vou assar o velho idiota em fogo brando." Ele não esperava menos, e quando viu meu rosto caiu duro, e começou a derreter ali mesmo.

— Que fez com ele? — perguntou Frodo alarmado. — Foi muito gentil conosco, e fez tudo o que pôde.

Gandalf riu.

— Não tenha medo! — disse ele. — Não mordi, e lati muito pouco. Fiquei tão contente com as notícias que me deu quando parou de tremer, que abracei o velho camarada. Como isso aconteceu, não pude adivinhar naquela hora, mas soube que você estivera em Bri na noite anterior, e tinha partido naquela manhã com Passolargo.

— "Passolargo! —, gritei de alegria.

— "Sim, senhor. Receio que sim, senhor", disse Carrapicho, não me compreendendo. "Ele os abordou, apesar de tudo o que fiz, e foram todos juntos. Comportaram-se de modo muito estranho durante todo o tempo em que estiveram aqui: teimosos, pode-se dizer."

— "Idiota! Tolo! Três vezes valoroso e querido Cevado!", disse eu. "Esta é a melhor notícia que ouço desde o solstício de verão: vale pelo menos

uma moeda de ouro. Que sua cerveja fique sob um encantamento de extraordinária qualidade por sete anos!", disse eu. "Agora posso ter uma noite de descanso, a primeira desde já me esqueci quando."

— Então passei ali a noite, pensando muito no que teria acontecido aos Cavaleiros; pois ali em Bri só havia notícia de dois deles, ao que parecia. Mas durante a noite ouvimos mais. Pelo menos cinco vieram do Oeste, derrubaram os portões e passaram por Bri como um vento avassalador; e o povo de Bri ainda está tremendo, esperando o fim do mundo. Levantei-me antes de amanhecer e fui atrás deles.

— Não tenho certeza, mas me parece óbvio que foi isto que aconteceu: o Capitão deles permaneceu em segredo, ao Sul de Bri, enquanto dois avançaram através da aldeia, e outros quatro invadiram o Condado. Mas quando estes não tiveram êxito em Bri e em Cricôncavo, voltaram para encontrar o Capitão e lhe dar notícias, deixando assim a Estrada livre por um período, a não ser pela presença dos espiões. O Capitão enviou alguns em direção ao Leste, atravessando diretamente o campo, e ele próprio, juntamente com o resto, cavalgou ao longo da Estrada cheio de ira.

— Galopei até o Topo do Vento como um raio, e cheguei antes do pôr-do-sol do meu segundo dia de viagem depois de Bri, e eles estavam ali, na Minha frente. Afastaram-se de mim, pois sentiram meu ódio crescer, e não ousaram enfrentá-lo à luz do dia. Mas se aproximaram de noite, e fui acuado no topo da colina, no velho círculo de Amon Sul. Mas foi difícil me enfrentar: tamanhas luzes e chamas não foram vistas no Topo do Vento desde Os faróis de guerra de antigamente.

— Com o nascer do dia, escapei e fugi para o Norte. Não podia ter esperanças de fazer mais nada. Era impossível encontrar você, Frodo naquele lugar desolado, e teria sido tolice tentar com todos os Nove em meus calcanhares. Então tive de confiar em Aragorn. Esperava despistar alguns deles, e ainda chegar a Valfenda na frente de vocês e enviar ajuda. Quatro Cavaleiros realmente me seguiram, mas deram as costas depois de um tempo, dirigindo-se para o Vau, ao que parece. Isso ajudou um pouco, pois havia apenas cinco, e não nove, quando o acampamento foi atacado.

— Finalmente, cheguei aqui por uma estrada longa e difícil, subindo o Fontegris e atravessando a Charneca Etten, e depois descendo do Norte

Levou quase catorze dias do Topo do Vento até aqui, pois não pude ir a cavalo entre as rochas e os outeiros dos trolls, e Scadufax se foi. Enviei-o de volta ao dono, mas uma grande amizade nasceu entre nós, e se precisar ele virá ao meu chamado. Mas foi assim que cheguei a Valfenda só três dias antes do Anel, quando notícias dos perigos que corria já tinham chegado aqui — por sinal verdadeiras.

— E este, Frodo, é o fim de meu relato. Que Elrond e os outro desculpem o tempo que tomei. Mas nada assim tinha acontecido antes, de Gandalf faltar a um compromisso e não chegar no momento prometido. Acho que o Portador do Anel merecia um relato de um acontecimento tão estranho.

— Bem, agora a História foi contada, do início ao fim. Aqui estamo todos, e aqui está o Anel, mas ainda não chegamos nem perto de nosso propósito. Que faremos com ele?

Fez-se silêncio. Finalmente, Elrond tomou de novo a palavra.

— Essa notícia sobre Saruman é muito triste — disse ele. — Confiávamos nele, e sempre demos atenção especial aos seus conselhos. É perigoso aprofundar-se demais nas artes do Inimigo, para o bem ou para o mal. Mas quedas e traições desse tipo, infelizmente, já ocorreram antes. Das histórias que foram contadas aqui hoje, a de Frodo foi a mais estranha para mim. Conheci alguns hobbits além de Bilbo aqui, e me parece que talvez ele não seja tão solitário e singular como eu tinha pensado. O mundo mudou muito desde que estive pela última vez nas estradas que conduzem ao Oeste.

— Conhecemos as Criaturas Tumulares por muitos nomes; e a respeito da Floresta Velha muitas histórias foram contadas: tudo o que resta agora é apenas um remanescente da sua borda setentrional. Houve um tempo em que um esquilo podia ir, de árvore em árvore, da região que agora é o Condado até a Terra Parda, a Oeste de Isengard. Viajei por aquelas terras uma vez, e conheci muitas coisas estranhas e selvagens. Mas tinha me esquecido de Bombadil, se é que esse é o mesmo que caminhava nas florestas e colinas há muito tempo, e mesmo naquela época ele era mais velho que os velhos. Nesse tempo, tinha outro nome. Chamavam -no de Iarwain Ben adar, o mais antigo e sem pai. Mas outros nomes lhe foram dados por vários

povos: Forn pelos anões, Orald pelos homens do Norte, e outros nomes além desses. É uma criatura estranha, mas talvez devesse tê-lo chamado para o Conselho.

— Não teria vindo — disse Gandalf.

— Não poderíamos, mesmo assim, enviar mensagens a ele e pedir sua ajuda? — perguntou Erestor. — Parece que tem poder até sobre o Anel.

— Não, eu não colocaria as coisas dessa forma — disse Gandalf — É melhor dizer que o Anel não tem poder sobre ele. Ele é seu próprio senhor. Mas não pode alterar o próprio Anel, nem desfazer o poder deste sobre os outros. E agora se retirou para uma região pequena, dentro de limites que ele mesmo fixou, embora ninguém consiga enxergá-los, talvez esperando uma mudança dos dias, e não sai dali.

— Mas, dentro desses limites, nada parece afetá-lo — disse Erestor. Ele não poderia pegar o Anel e guardá-lo ali, mantendo-o para sempre inofensivo?

— Não — disse Gandalf. — Não estaria disposto a isso. Poderia fazê-lo, se todos os povos livres do mundo lhe pedissem, mas não entenderia a necessidade. E se recebesse o Anel, logo o esqueceria, ou mais provavelmente iria jogá-lo fora. Essas coisas não têm lugar em sua mente. Seria um guardião arriscado, e isso já é resposta suficiente.

— Mas, de qualquer forma — disse Glorfindel —, enviar-lhe o Anel seria apenas postergar o dia do mal. Ele está distante. Não poderíamos levar-lhe o Anel sem que isso fosse objeto de suspeita ou observação de algum espião. E, mesmo que pudéssemos, mais cedo ou mais tarde o Senhor dos Anéis saberia do esconderijo, e avançaria com todo o seu poder naquela direção. Poderia esse poder ser desafiado por Bombadil sozinho? Acho que não. Acho que, no fim, se todo o resto for conquistado, Bombadil sucumbirá, vindo a ser o último, da mesma forma como foi o Primeiro; e então a Noite virá.

— Sei pouco sobre Iarwain além do nome — disse Galdor. — Mas acho que Glorfindel está certo. O poder para desafiar o Inimigo não está nele, a não ser que esteja na própria terra. E, mesmo assim, podemos ver que Sauron tem o poder de torturar e destruir as próprias colinas. O poder que ainda resta está conosco, aqui em Imladris, ou com Círdan nos Portos, ou em

Lórien. Mas será que eles têm a força; será que nós aqui temos a força para resistir ao Inimigo, à última investida de Sauron, quando todo o resto estiver destruído?

— Eu não tenho a força — disse Elrond. — Nem eles.

— Então, se não se pode evitar que ele se apodere do Anel, nem pela força — disse Glorfindel —, restam apenas duas coisas a fazer: enviá-lo por sobre o Mar, ou destruí-lo.

— Mas Gandalf nos revelou que não se pode destruí-lo com nenhum poder que possuamos — disse Elrond. — E aqueles que moram além do Mar não o receberiam: para o bem ou para o mal, o Anel pertence à Terra-média; nós, que ainda moramos aqui, é que devemos lidar com ele.

— Então — disse Glorfindel —, vamos jogá-lo nas profundezas, e assim, transformar as mentiras de Saruman em verdades. Pois agora está claro que, mesmo quando ele ainda fazia parte do Conselho, seus pés trilhavam um caminho tortuoso. Sabia que o Anel não estava perdido para sempre, mas queria que pensássemos assim, pois começou a desejá-lo para si. Mas muitas vezes a verdade se esconde nas mentiras: no Mar, o Anel estaria a salvo.

— Não para sempre — disse Gandalf. — Existem muitos seres nas águas profundas, e os mares e as terras podem se alterar. Não é nossa função aqui fazer planos que só durem uma estação, ou algumas vidas dos homens, ou uma era passageira do mundo. Devemos buscar um fim definitivo para essa ameaça, mesmo que não tenhamos esperança de alcançar tal objetivo.

— E essa esperança não poderemos encontrar nas estradas que vão para o Mar — disse Galdor. — Se o retorno a Iarwain foi considerado perigoso demais, então a fuga para o Mar está agora repleta dos perigos mais graves. Meu coração me diz que Sauron vai esperar que tomemos o caminho do Oeste, quando souber o que aconteceu. Logo saberá. Os Nove realmente estão sem cavalos, mas isso é apenas momentâneo, até que encontrem novos cavalos, ainda mais velozes. Apenas o poder enfraquecido de Gondor está entre ele e uma força em marcha ao longo da costa, dirigindo-se para o Norte; se ele vier e atacar as Torres Brancas e os Portos, depois disso os elfos não terão escapatória das sombras que se estendem sobre a Terra-média.

— Mas essa marcha vai ser atrasada por um bom tempo — disse

Boromir. — Você disse que Gondor está perdendo as forças. Mas Gondo ainda está d e pé, e mesmo o fim de sua força ainda é muito forte.

— Então — disse Erestor —, só há dois caminhos, como já declarou Glorfindel: esconder o Anel para sempre, ou desfazê-lo. Mas ambas as coisa estão além de nosso poder. Quem nos poderia desvendar esse enigma?

— Ninguém aqui pode — disse Elrond, com uma voz grave. — Pelo menos, ninguém pode predizer o que virá a acontecer, se tomarmos esta ou aquela estrada. A estrada em direção ao Oeste parece mais fácil. Portanto deve ser descartada. Será vigiada. Os elfos fugiram por ali muitas vezes Agora, no mínimo, devemos tomar uma estrada difícil, uma estrada imprevista. Ali está nossa esperança, se é que chega a ser uma esperança. Caminhar em direção ao perigo — para Mordor. Precisamos enviar o Ane para o Fogo.

Novamente se fez silêncio. Frodo, mesmo naquela bela casa, que dava para um vale iluminado pelo sol, cheio do ruído de águas límpidas, sentia uma escuridão mortal tomar-lhe o coração. Boromir se mexeu na cadeira, e Frodo olhou para ele. Estava mexendo em sua grande corneta com os dedos de cenho franzido. Finalmente falou.

— Não entendo tudo isso — disse ele. — Saruman é um traidor, mas será que não teve um lance de sabedoria? Por que vocês só falam em esconder ou destruir? Por que não considerar que o Grande Anel chegou à nossas mãos para nos servir exatamente nesta hora de necessidade? Controlando-o, os Senhores Livres dos Livres podem certamente derrotar Inimigo. Considero que isso é o que ele mais teme.

— Os homens de Gondor são valorosos, e nunca vão se submeter; mas podem ser derrotados. O valor precisa, em primeiro lugar, de força, e depois de uma arma. Deixem que o Anel seja nossa arma, se tem tanto poder como dizem. Vamos tomá-lo e avançar para a vitória!

— Infelizmente não — disse Elrond. — Não podemos usar o Ane Governante. Disso sabemos muito bem. Ele pertence a Sauron e foi feit exclusivamente por ele, e é totalmente maligno. A força que tem, Boromir, é grande demais para qualquer um controlar por sua própria vontade, com exceção apenas daqueles que já têm um grande poder próprio. Mas, para estes, o Anel representa um perigo ainda mais fatal. Apenas desejá-lo já

corrompe o coração. Considere Saruman. Se algum dos Sábios derrotass com esse Anel o Senhor de Mordor, usando as próprias artes, então se colocaria no trono de Sauron, e um outro Senhor do Escuro surgiria. E esta outra razão pela qual o Anel deve ser destruído: enquanto permanecer no mundo, representará um perigo mesmo para os Sábios. Pois nada é mau no início. Até mesmo Sauron não era. Tenho medo de tomar o Anel para escondê-lo. E não vou tomá-lo para fazer uso dele.

— Nem eu — disse Gandalf.

Boromir olhou para eles com dúvidas, mas abaixou a cabeça.

— Que assim seja! — disse ele. — Então, em Gondor, teremos de confiar nas armas que temos. E no mínimo, enquanto os sábios guardam o Anel, continuaremos lutando. Talvez a Espada-que-foi-Quebrada possa lutar contra a maré — se a mão que a empunha não tiver obtido apenas uma herança, mas a fibra dos Reis dos Homens.

— Quem poderá dizer? — disse Aragorn. — Mas vamos testá-la um dia.

— Que o dia não demore muito — disse Boromir. — Pois, embora eu não esteja pedindo ajuda, precisamos dela. Seria um consolo saber que outros também lutaram com todos os meios que possuem.

— Então sinta-se consolado — disse Elrond. — Pois existem outros poderes e reinos que não conhece, ocultos de seu conhecimento. O Grande Rio Andum passa por muitos lugares, antes de chegar até Argonath e os Portões de Gondor.

— Mesmo assim, seria melhor para todos — disse Glóin, o anão — se todas essas forças fossem reunidas, e os poderes de cada um fossem usados em aliança. Talvez haja outros anéis, menos traiçoeiros, que possam ser usados em nossa necessidade. Os Sete foram perdidos por nós — se Balin não encontrou o Anel de Thror, que era o último; nada se sabe dele desde que Thror sucumbiu em Moria. Na verdade, posso agora revelar que tinha uma certa esperança de encontrar aquele anel que Balin foi procurar.

— Balin não vai achar anel nenhum em Moria — disse Gandalf — Thror o deu a Thráin, seu filho, mas Thráin não o deu a Thorin. Entregou - mediante tortura nos calabouços de Dol Guldur. Cheguei tarde demais.

— Que infelicidade! — disse Glóin. — Quando chegará o dia de nossa

vingança? Mas ainda há os Três. Onde estão os Três Anéis dos elfos? Ané muito poderosos, pelo que se diz. Os Senhores Élficos não os guardam? Ma esses também foram feitos pelo Senhor do Escuro há muitos anos. Serian inúteis? Vejo Senhores Élficos aqui. Eles não vão se pronunciar?

Os elfos não responderam.

— Você não ouviu o que eu disse, Glóin? — disse Elrond. — Os Tré não foram feitos por Sauron, que nunca sequer os tocou. Mas sobre eles nãc se permite falar. Não são inúteis. Mas não foram feitos para serem usado como armas de guerra ou conquista: não é esse o poder que têm. Aqueles que os fizeram não desejavam força, ou dominação, ou acúmulo de riquezas; mas entendimento, ações e curas, para preservar todas as coisas imaculadas. Essas coisas os elfos da Terra-média ganharam em certa medida, mas com sofrimento, Mas tudo o que foi realizado por aqueles que usam os Três sera desfeito, e suas mentes e corações serão revelados a Sauron, se este recuperar o Um Anel. Seria melhor que os Três nunca tivessem existido. Este foi o propósito dele.

— Mas então o que aconteceria, se o Anel Governante foss destruído, como desejamos? — perguntou Glóin.

— Não sabemos ao certo — respondeu Elrond com tristeza. — Alguns têm esperança de que os Três, jamais tocados por Sauron, seriam entãc libertados, e seus governantes poderiam então curar as feridas do mundo, criadas por ele. Mas pode ser que quando o Um Anel for destruído, os Trê percam sua força, e muitas coisas belas desapareçam e sejam esquecidas. É nisso que acredito.

— Mesmo assim, todos os elfos estão dispostos a arriscar essa possibilidade — disse Glorfindel —, se através dela o poder de Sauron pude ser desfeito, e o terror de seu domínio puder ser banido para sempre.

— Então voltamos novamente à destruição do Anel — disse Erestor — E mesmo assim, ainda estamos onde começamos. Que força possuímo para encontrar o Fogo no qual foi feito? Esse é o caminho do desespero. D tolice, eu diria, se a longa sabedoria de Elrond não me proibisse.

— Desespero, ou tolice? — disse Gandalf — Desespero não, pois desespero e para aqueles que enxergam o fim como fato consumado. Não, não. É sábio reconhecer a necessidade, quando todas as outras soluções já

foram ponderadas, embora possa parecer tolice para aqueles que têm falsas esperanças. Bem, que a tolice seja nosso disfarce, um véu diante dos olhos do Inimigo! Pois ele é muito sábio, e pondera todas as coisas com exatidão Nas balanças de sua malícia. Mas a única medida que conhece é o desejo desejo de poder; e assim julga que são todos os corações. Seu coração não cogita a possibilidade de qualquer um recusá-lo; de que, tendo o Anel em mãos, vamos procurar destruí-lo. Se tentarmos fazer isso, vamos despistá-lo.

— Pelo menos por um tempo — disse Elrond. — A estrada deve ser percorrida, mas será muito difícil. E nem a força nem a sabedoria nos levarão muito longe, caminhando por ela. Essa busca deve ser empreendida pelos fracos com a mesma esperança dos fortes. Mas é sempre assim o curso dos fatos que movem as rodas do mundo: as mãos pequenas os realizam porque precisam, enquanto os olhos dos grandes estão voltados para outros lugares.

— Muito bem, muito bem, Mestre Elrond! — disse Bilbo de repente — Não precisa dizer mais nada! Está claro que e para mim que está apontando. Bilbo, o tolo hobbit, começou este caso, e é melhor Bilbo dar cabo dele, ou de si mesmo. Eu estava muito bem aqui, continuando meu livro. Se quiser saber, eu estava escrevendo um fim para ele. Pensei em colocar: e ele viveu feliz para sempre até o fim de seus dias. É um ótimo fim, e não faz mal que já tenha sido usado antes. Agora terei de alterá-lo: não é provável que se torne verdade; e, de qualquer forma, é evidente que terei de acrescentar muitos outros capítulos, se viver para escrevê-los. É um trabalho terrível. Quando devo partir?

Boromir olhou com surpresa para Bilbo, mas o riso morreu-lhe nos lábios quando viu que todos os outros olhavam o velho hobbit com grande respeito. Apenas Glóin sorriu, mas o sorriso veio de antigas lembranças.

— É claro, querido Bilbo — disse Gandalf — Se você realmente tivesse começado este caso, seria de esperar que o terminasse. Mas você sabe muito bem que esse início é reivindicação demais para uma só pessoa, e que um herói só tem um papel pequeno nos grandes feitos. Não precisa fazer reverência! Embora a intenção do elogio seja verdadeira, e não duvidemos que, Por trás dessa galhofa, você esteja fazendo uma oferta valiosa. Mas uma Oferta além de suas forças, Bilbo. Você não pode pegar esse objeto de volta. Ele passou a outras mãos. Se continua querendo meus conselhos, diria

que sua parte terminou, a não ser como escritor dos registros. Termine seu livro, e não mude o fim! Existem esperanças de que ele aconteça. Mas prepare-se para escrever uma seqüência, quando eles voltarem.

Bilbo riu. — Nunca vi você me dar um conselho agradável antes, disse ele.

— Como todos os seus conselhos desagradáveis foram bons para mim, penso se este último não será mau. Mesmo assim, não acho que tenha forças ou sorte para lidar com o Anel. Ele cresceu, e eu não. Mas, diga-me: o que quer dizer com eles?

— Os mensageiros que serão enviados com o Anel.

— Exatamente! E quem são eles? Parece-me que é isto que este Conselho precisa decidir; aliás, é tudo o que precisa decidir. Os elfos podem se alimentar apenas de palavras, e os anões suportam grandes cansaços; mas eu sou apenas um velho hobbit, e preciso comer ao meio-dia. Não pode propor alguns nomes agora? Ou adiar a decisão até depois do almoço?

Ninguém respondeu. O sino do meio-dia tocou. Mesmo assim ninguém falava nada. Frodo olhou para todos os rostos, mas eles não estavam voltados para ele. Todo o Conselho se sentava com os olhos para baixo, pensando profundamente. Um grande pavor o dominou, como se estivesse aguardando o pronunciamento de alguma sentença que ele tinha previsto havia muito tempo, e esperado em vão que afinal de contas nunca fosse pronunciada. Um desejo incontrolável de descansar e permanecer em paz ao lado de Bilbo em Valfenda encheu-lhe o coração. Finalmente, com um esforço, falou, e ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras, como se alguma outra vontade estivesse usando sua pequena voz.

— Levarei o Anel — disse ele. — Embora não conheça o caminho.

Elrond levantou os olhos e olhou para ele, e Frodo sentiu o coração devassado pela agudeza daquele olhar.

— Se entendo bem tudo o que foi dito — disse ele —, penso que essa tarefa é destinada a você, Frodo e que, se você não achar o caminho, ninguém saberá. É chegada a hora do povo do Condado, quando deve se levantar de seus campos pacíficos para abalar as torres e as deliberações dos Grandes. Quem, entre todos os Sábios, poderia prever isto? Ou, se são mesmo sábios, por que deveriam esperar sabê-lo, até que a hora chegasse?

Mas o fardo é pesado. Tão pesado que ninguém poderia impô-lo a outra pessoa. Não o imponho a você. Mas se o toma livremente, direi que sua escolha foi acertada e se todos os poderosos amigos-dos-elfos de antigamente, Hador, e Húrin, e Túrin, e o próprio Beren, estivesser reunidos, haveria um lugar para você entre eles.

— Mas certamente o senhor não o enviará sozinho, Mestre? — gritou Sam, incapaz de se conter por mais tempo, e pulando do canto onde tinha estado sentado, quieto, sobre o chão.

— Realmente não! — disse Elrond, voltando-se para ele com um sorriso. — pelo menos você deve ir com ele. É quase impossível separá-lo de Frodo, até mesmo quando ele é convocado para um conselho secreto, e você não.

Sam se sentou, corando e gaguejando.

— Que boa enrascada esta em que nos metemos, Sr. Frodo — disse ele, balançando a cabeça.

CAPÍTULO III: O ANEL VAI PARA O SUL

Mais tarde naquele dia, os hobbits fizeram uma reunião no quarto de Bilbo. Merry e Pippin ficaram indignados ao saber que Sam tinha se esgueirado para dentro da sala do Conselho sem ser visto, e fora escolhido como acompanhante de Frodo.

— É a coisa mais injusta que já ouvi — disse Pippin. — Em vez de expulsa-lo e acorrentá-lo, Elrond vai e o recompensa por esse descaramento!

— Recompensa! — disse Frodo. — Não posso imaginar uma punição pior. Você não sabe o que está dizendo: condenado a ir nessa viagem inútil, uma recompensa? Ontem sonhei que minha tarefa tinha sido cumprida, e que eu podia descansar aqui por um bom tempo, talvez para sempre.

— Não me admira — disse Merry. — Gostaria que você pudesse. Mas estamos com inveja de Sam, não de você. Se precisa ir, então será uma punição para qualquer um de nós ser deixado para trás, mesmo aqui em Valfenda. Viemos com você por uma longa estrada, e passamos maus pedaços. Queremos prosseguir.

— É isso que eu quis dizer — disse Pippin. — Nós hobbits devemos

permanecer juntos. E vamos permanecer. Irei, a não ser que me acorrentem. Deve haver alguém inteligente no grupo.

— Então certamente você não será escolhido, Peregrin Túk! — disse Gandalf, que olhava através da janela próxima ao solo. — Mas todos vocês estão se preocupando sem necessidade. Nada está decidido ainda.

— Nada decidido! — gritou Pippin. — Então o que todos vocês estiveram fazendo? Ficaram trancados por horas.

— Conversando — disse Bilbo. — Houve muita conversa, e cada um descobriu um fato revelador. Até o velho Gandalf Acho que a notícia de Legolas sobre Golhim o pegou despreparado, embora ele tenha disfarçado bem.

— Você se enganou — disse Gandalf. — Não estava prestando atenção. Eu já sabia do fato, por meio de Gwaihir. Se quiser saber, o único fato revelador, como você diz, deveu-se a você e Frodo; e eu fui o único que não se surpreendeu.

— Bem, de qualquer jeito — disse Bilbo —, nada foi decidido a não ser a escolha dos pobres Frodo e Sam. Eu tinha receio todo o tempo de que isso Pudesse acabar acontecendo, se eu ficasse livre. Mas, se quiserem saber Elrond vai enviar um bom número de pessoas, quando os relatórios chegarem. Eles já partiram, Gandalf.

— Sim — disse o mago. — Alguns patrulheiros já foram enviados Outros partirão amanhã. Elrond está enviando elfos, que vão entrar em contato com os guardiões, e talvez com o povo de Thranduil na Floresta das Trevas. E Aragorn partiu com os filhos de Elrond. Devemos fazer uma varredura por todas as terras da região, num raio de várias e várias milhas, antes de qualquer outra coisa. Então alegre-se, Frodo! Provavelmente, sua estada aqui será longa.

— Ah! — disse Sam, melancólico. — Vamos só esperar que o inverno chegue.

— Isso não se pode evitar — disse Bilbo. — Em parte a culpa foi sua Frodo, meu rapaz: insistir em esperar pelo meu aniversário. Um jeito curioso de homenagear a data, não posso deixar de pensar. Não o jeito que eu teria escolhido para permitir que os S-B's tomassem conta de Bolsão. Mas é isso agora você não pode esperar até a primavera, e não pode partir até que as

notícias cheguem.

Assim que o inverno chega e arrocha
E à noite o gelo quebra a rocha,
É negro o lago e nua a floresta,
No Ermo então vagar não presta.

— Mas receio que esse seja exatamente o seu destino.

— Acho que será — disse Gandalf. — Não podemos partir at sabermos o que aconteceu com os Cavaleiros.

— Pensei que tivessem todos sido destruídos na enchente — disse Merry.

— Não se pode destruir os Espectros do Anel tão facilmente — diss Gandalf — Eles carregam o poder daquele a quem servem , e sua queda ou resistência depende dele. Esperamos que tenham todos ficado sem cavalos e sem máscaras, e dessa forma tenham se tornado menos perigosos por um tempo; mas precisamos ter certeza. Enquanto isso, você deve tentar esquecer os problemas, Frodo. Não sei se posso fazer alguma coisa para ajudá-lo, mas vou dizer isto aos seus ouvidos: alguém disse que o grupo precisará de inteligência. Essa pessoa estava certa. Acho que vou com você.

A alegria de Frodo ao ouvir isso foi tão grande que Gandalf deixou batente da janela, onde estava sentado, tirou o chapéu e fez uma reverência.

— Eu só disse que acho que irei. Não conte com nada ainda. Sobr isso, Elrond terá muito a dizer, e também seu amigo, o Passolargo. O que m faz lembrar que quero ver Elrond. Preciso sair.

— Quanto tempo você acha que ficarei aqui? — perguntou Frodo Bilbo depois que Gandalf saiu.

— Ah, eu não sei! Não consigo contar os dias em Valfenda — diss Bilbo. — Mas acho que um bom tempo. Podemos conversar bastante. Qu tal me ajudar com meu livro, e começar o próximo? Já pensou num final?

— Sim, pensei em vários, e todos são sombrios e desagradáveis — disse Frodo.

— Ah, esses não vão servir — disse Bilbo. — Livros precisam ter final

felizes. Que tal este: e todos eles se acomodaram e viveram juntos, felizes para sempre?

— É um bom final, se algum dia chegar a acontecer — disse Frodo.

— Ah — disse Sam. — E onde eles vão viver? É nisso que sempre penso.

Por um tempo, os hobbits continuaram a conversar e a pensar na viagem passada e nos perigos que estavam à frente, mas a virtude da terra de Valfenda era tal, que logo todos os medos e ansiedades foram expulsos de suas mentes. O futuro, bom ou mau, não foi esquecido, mas deixou de ter qualquer poder sobre o presente. A saúde e a esperança cresceram nos hobbits, que ficavam felizes com a chegada de cada novo dia, apreciando cada refeição, cada palavra e cada canção.

Assim os dias passaram, com cada manhã surgindo bela e reluzente, e cada noite seguindo-a fresca e clara. Mas o outono estava se esvaindo rápido.

Lentamente, a luz dourada se apagou num prata pálido, e as últimas folhas caíram das árvores nuas. Um vento frio começou a soprar das Montanhas Sombrias em direção ao Leste. A Lua do Caçador se exibe redonda no céu noturno, fazendo inveja a todas as estrelas menores. Mas abaixo, no Sul, uma estrela brilhava vermelha. A cada noite, conforme a lua minguava de novo, ela brilhava mais e mais. Frodo podia vê-la de sua janela, profunda no céu, queimando como um olho atento que resplendia sobre as árvores na beira do vale.

Os hobbits já estavam havia quase dois meses na casa de Elrond novembro tinha passado, levando os últimos resquícios do outono, e dezembro estava passando, quando os patrulheiros começaram a retornar. Alguns tinham ido para o Norte, além das cabeceiras do Fontegris, entrando na Charneca Etten; outros tinham ido para o Oeste, e com o auxílio de Aragorn e dos guardiões vasculharam as terras descendo o rio Cinzento e chegando a Tharbad, no ponto onde a antiga Estrada Norte atravessava o rio contornando as ruínas de uma cidade. Muitos tinham ido para o Leste e para o Sul; alguns desses tinham transposto as Montanhas e entrado na Floresta das Trevas, enquanto outros tinham subido pela passagem na nascente do Rio de Lis, descendo pelas Terras Ermas e chegando até o

Campos de Lis, finalmente atingindo o antigo lar de Radagast em Rhosgobe Radagast não estava lá, e eles voltaram pela passagem elevada que era chamada de Escada do Riacho Escuro. Os filhos de Elrond, Elladan e Elrohir, foram os últimos a retornar; tinham feito uma longa viagem, passando pelo Veio de Prata e entrando numa região estranha, mas só falaram sobre sua missão com Elrond.

Em parte alguma os mensageiros descobriram sinais ou notícias dos Cavaleiros ou de outros servidores do Inimigo. Nem as Águias da Montanhas Sombrias tinham notícias novas. Nada se ouviu ou viu sobre Gollum, mas os lobos selvagens ainda estavam se reunindo, outra vez empreendendo caçadas, chegando até a região do Grande Rio.

Três dos cavalos negros foram encontrados imediatamente, afogados na enchente do Vau. Nas pedras da correnteza mais abaixo, foram descobertos os cadáveres de mais cinco, e também um longo manto negro, furado e rasgado. Não se viu qualquer outro sinal dos Cavaleiros Negros, e em lugar algum sua presença foi sentida. Pareciam ter desaparecido do Norte.

— Dentre os Nove, podemos saber o que aconteceu com oito, pelo menos — disse Gandalf. — É arriscado ficarmos confiantes demais, mas acho que agora podemos ter esperanças de que os Espectros do Anel tenham sido dispersados, e obrigados a voltar, como puderam, ao seu Mestre em Mordor, vazios e sem forma.

— Se isso for verdade, levará algum tempo até que consigam recomeçar a caçada. É claro que o Inimigo tem outros servidores, mas estes terão de viajar todo o percurso até as fronteiras de Valfenda antes de poder pegar nossa trilha. E se formos precavidos, será difícil encontrá-la. Mas não podemos demorar mais.

Elrond chamou os hobbits. Olhou gravemente para Frodo. — Chegou a hora — disse ele. — Se o Anel deve partir, é preciso que vá agora. Mas o que o acompanham não devem confiar em que sua missão seja facilitada por alguma guerra ou força. Devem entrar no domínio do Inimigo sem ajuda. Você ainda mantém sua palavra, Frodo, de que será o Portador do Anel?

— Sim — disse Frodo. — Irei com Sam.

— Então não posso ajudá-lo em muita coisa, nem mesmo com

conselhos — disse Elrond. — Consigo prever muito pouco do seu caminho, e como sua tarefa deve ser desempenhada eu não sei. A Sombra agora ja chegou aos pés das Montanhas, e avança até a região próxima ao ric Cinzento; sob a Sombra tudo fica escuro aos meus olhos. Você vai depara com muitos inimigos, alguns declarados, alguns disfarçados; e poderá encontrar amigos em seu caminho, quando menos esperar. Enviarei mensagens, quantas puder, para todos os que conheço pelo mundo afora; mas as terras hoje em dia se tornaram tão perigosas que algumas podem muito bem se extraviar, ou chegar depois de você.

— E escolherei pessoas para acompanhá-lo, até onde estejam dispostos ou até onde a sorte de cada um permita. O número deve ser pequeno, já que sua esperança repousa na velocidade e no segredo. Mesmo que eu tivesse uma horda de elfos providos com armaduras, como nos Dias Antigos, isso de Pouco valeria, a não ser para acordar o poder de Mordor.

— A Comitiva do Anel deverá ser composta de Nove e os Nov Andantes devem ser colocados contra os Nove Cavaleiros, que são maus Com você e seu fiel servidor, Gandalf deve partir, pois esta será sua maio tarefa, e talvez o fim de seus trabalhos.

— Quanto aos restantes, devem representar os Povos Livres d Mundo: elfos, anões e homens. Legolas irá representando os elfos, e Gimli filho de Glóin, representará os anões. Estão dispostos a ir no mínimo até as passagens das Montanhas, e talvez mais além. Representando os homens você terá Aragorn, filho de Arathorn, pois o Anel de Isildur é de grand interesse para ele.

— Passolargo! — disse Frodo.

— Sim — disse ele com um sorriso. — Peço novamente permissão para ser seu companheiro, Frodo.

— Eu teria implorado que viesse comigo — disse Frodo —, mas pense que você iria para Minas Tirith com Boromir .

— E irei — disse Aragorn. — E a Espada-que-foi-Quebrada deverá ser reforjada antes que eu parta para a guerra. Mas sua estrada e a nossa serão a mesma por multas centenas de milhas. Portanto, Boromir também estará na Comitiva. É um homem valoroso.

— Restam mais dois — disse Elrond. — Nesses ainda vou pensar. Er

minha própria casa poderei encontrar alguém que me agrade.

— Mas assim não restará lugar para nós! — gritou Pippin desanimado.

— Não queremos ficar para trás. Queremos ir com Frodo.

— Isso porque vocês não entendem e não imaginam o que os espera pela frente — disse Elrond.

— Nem Frodo — disse Gandalf, inesperadamente apoiando Pippin — Nem qualquer um de nós pode enxergar claramente. É verdade que se esses hobbits entendessem o perigo não ousariam ir. Mas ainda assim desejariam ir, ou desejariam ousar, ficando envergonhados e infelizes. Eu acho, Elrond. Que nessa questão seria bom confiar mais na grande amizade deles do que na grande sabedoria. Mesmo que escolha para nós um senhor élfico, como Glorfindel , ele não poderia abalar a Torre Escura, nem abrir a estrada que conduz ao Fogo, por meio dos poderes que tem.

— Você fala sério — disse Elrond —, mas estou em dúvida. O Condado, pelo que pressinto, não está livre de perigo e pensei em mandar estes dois de volta como mensageiros, para fazer o que pudessem, de acordo com as maneiras de sua terra, para advertir as pessoas sobre o perigo que correm. De qualquer modo, julgo que o mais jovem dos dois, Peregrin Túk deve permanecer. Meu coração é contra sua partida.

— Então, Mestre Elrond, o senhor terá de me acorrentar num prisão, ou me mandar para casa amarrado num saco — disse Pippin. — Pois de outro modo, seguirei a Comitiva.

— Então, que seja assim. Você irá — disse Elrond, e suspirou. – Agora a conta dos Nove está completa. Em sete dias, a Comitiva dev partir.

A Espada de Elendil foi reforjada por ferreiros élficos, e na lâmina fo inscrito o desenho de sete estrelas, colocadas entre a lua crescente e o sol raiado; em volta delas foram escritas várias runas, pois Aragorn, filho de Arathorn, ia guerrear nas fronteiras de Mordor. Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada; nela a luz do sol reluzia vermelha, e a luz da lua brilhava fria, e seu gume era resistente e afiado. E Aragorn lhe deu um novo nome, chamando-a de Andúril, Chama do Oeste.

Aragorn e Gandalf andavam juntos ou se sentavam, conversando

sobre a estrada e os perigos que encontrariam, e ponderando os mapas relatados e desenhados, e os livros de estudo que havia na casa de Elrond. Algumas vezes, Frodo ficava junto, mas estava satisfeito em apenas confiar na liderança deles, e passava o maior tempo possível com Bilbo.

Nesses últimos dias, os hobbits se sentavam juntos, à noite, no Salão do Fogo, e entre várias outras histórias ouviram a balada completa de Berer e Lúthien e da conquista da Grande Joia. Mas durante o dia, enquant Merry e Pippin estavam dando voltas pelo lugar, Frodo e Sam podiam se encontrados com Bilbo, em seu pequeno quarto. Nesses momentos, Bilbo li passagens de seu livro (que ainda parecia bastante incompleto), ou rascunhos de seus versos, ou tomava nota das aventuras de Frodo.

Na manhã do último dia, Frodo estava sozinho com Bilbo, e o velh hobbit puxou uma caixa de madeira de debaixo da cama. Levantou a tampa e vasculhou dentro.

— Aqui está sua espada — disse ele. — Mas ela foi quebrada, você sabe.

— Peguei-a para guardá-la a salvo, e me esqueci de perguntar se os ferreiros podiam consertá-la. Agora não há tempo. Então pensei que talvez gostasse de levar esta, o que acha? Tirou da caixa uma pequena espada, que estava dentro de uma bainha de couro velha e desgastada. Então puxou-a, e a lâmina polida e bem cuidada reluziu de repente, fria e clara. — Esta é Ferroada — disse ele, e enterrou-a fundo numa viga de madeira quase sem nenhum esforço. — Leve-a, se quiser. Não vou precisar dela outra vez espero.

Frodo aceitou agradecido.

— Também há isto! — disse Bilbo, trazendo um pacote que parecia muito pesado em relação ao tamanho. Desenrolou várias camadas de tecido velho e ergueu uma pequena camisa de malha metálica, tecida com muitos anéis bem próximos uns dos outros, quase tão flexível como o linho, fria como gelo, e mais resistente que o aço. Brilhava como a prata iluminada pela lua, e estava adornada com pedras brancas, Com ela havia um cinto de pérolas e cristal.

— É bonita, não é? — disse Bilbo, erguendo-a contra a luz. — E útil. É a malha dos anões que Thorin me deu. Peguei -a de volta em Grã Cav

antes de partir, e a coloquei na bagagem. Trouxe comigo todas as lembranças de minha Viagem, com exceção do Anel. Mas não esperava usar esta, e não preciso dela agora, a não ser para olhá-la algumas vezes. Você mal sente o peso quando a veste.

— Vou ficar.. bem, acho que vou ficar estranho usando isso — disse Frodo.

— Exatamente o que eu disse para mim mesmo — disse Bilbo. — Mas não se importe com as aparências. Você pode usá-la embaixo da roupa. Vamos lá! Você tem de partilhar este segredo comigo. Não diga para mais ninguém! Mas eu ficaria feliz em saber que você a está usando. Imagino que ela entortaria até as espadas dos Cavaleiros Negros — concluiu ele em voz baixa.

— Muito bem, vou levá-la — disse Frodo. Bilbo o vestiu com a malha e prendeu Ferroada no cinto reluzente; então Frodo vestiu suas surradas calças, a túnica e o casaco.

— Você parece um simples hobbit — disse Bilbo. — Mas agora existe algo mais em você do que aparece na superfície. Boa sorte! — Voltou-se e olhou pela janela, tentando entoar uma melodia.

— Não sei como agradecer, Bilbo, por isso, e por toda a gentileza de sempre — disse Frodo.

— Não tente! — disse o velho hobbit, voltando-se e dando um tapinha nas costas de Frodo. — Ai! — gritou ele. — Agora você está muito rígido para esses tapinhas! Mas é isto: os hobbits devem permanecer juntos, principalmente os Bolseiros. Tudo o que peço em retribuição é isto: cuide-se o máximo que puder, e traga todas as notícias que conseguir. Farei o possível para terminar meu livro antes que volte. Gostaria de escrever o segundo livro, se puder. — Interrompeu o que dizia e voltou-se de novo para a janela, cantando baixinho.

Sentado ao pé do fogo
eu penso em tudo o que já vi,
flores do prado e borboletas,
verões que já vivi;
As teias e as folhas amarelas

de outonos de outros dias,
com névoa e sol pela manhã,
no rosto as auras frias.
Sentado ao pé do fogo eu penso
no mundo que há de ser com invernos
em primavera que um dia hei de ver
Porque há tanta coisa ainda
que nunca vi de frente:
em cada bosque, em cada fonte
há um verde diferente.
Sentado ao pé do fogo eu penso
em gente que se desfez,
e em gente que vai ver o mundo
que não verei de vez.
Mas enquanto sentado penso
em tanta coisa morta,
atento espero pés voltando
e vozes junto à porta.

Era uma manhã fria perto do final de dezembro. O Vento Leste soprava através dos ramos nus das árvores, agitando os escuros pinheiros sobre as montanhas. Nuvens desmanchadas corriam no céu, altas e baixas. Quando as sombras soturnas da noite começaram a cair, a Comitiva estava pronta para partir. Deviam começar a viagem com a chegada do Crepúsculo, pois Elrond os havia aconselhado a seguir sob a proteção da noite sempre que pudessem, até estarem longe de Valfenda.

— Vocês devem temer os muitos olhos dos servidores de Sauron — disse ele.

— Não duvido de que a notícia do desbaratamento dos Cavaleiros já tenha chegado até ele, que deve estar tomado de ira. Em breve seus espiões estarão espalhados nas terras do Norte, a pé e voando. Vocês devem se precaver até do céu que os cobre enquanto avançam no caminho.

A Comitiva levou poucos equipamentos de guerra, pois a esperança que tinha estava depositada no segredo, não na batalha. Aragorn levou

Andúril, e nenhuma outra arma, e seguiu vestindo apenas suas surradas roupas verdes e marrons, como um guardião das terras ermas. Boromir tinha uma espada longa, semelhante à de Aragorn, mas de linhagem inferior, levando também um escudo e sua corneta de guerra.

— Ela soa alto e claro nos vales das colinas — disse ele — e assim faz com que todos os inimigos de Gondor fujam! — Colocando-a nos lábios emitiu um clangor, cujos ecos reverberaram de pedra em pedra, e todos que escutaram aquela voz em Valfenda saltaram de pé.

— Você deve evitar tocar essa corneta novamente, Boromir — disse Elrond — , até que esteja nas fronteiras da sua terra, e seja forçado por uma terrível necessidade.

— Talvez — disse Boromir. — Mas sempre toquei minha corneta antes de partir, e embora daqui para frente devamos andar protegidos pelas sombras, não partirei como um ladrão no meio da noite.

Apenas Gimli, o anão, vestia abertamente uma camisa curta de anéis de aço, pois os anões não se importavam em carregar peso; no seu cinto estava um machado de lâmina larga. Legolas levava um arco e uma aljava, e no cinto uma faca comprida e branca. Os hobbits mais jovens levavam as espadas que tinham trazido do túmulo, mas Frodo só levou Ferroada; o casaco de malha metálica, conforme o desejo de Bilbo, permaneceu escondido. Gandalf carregava seu cajado, mas amarrada ao longo de seu corpo estava a espada élfica, Glamdring, companheira de Orcrist, que estava agora depositada sobre o peito de Thorin, embaixo da Montanha Solitária.

Elrond forneceu a todos roupas grossas e pesadas, e eles levavam também casacos e mantos revestidos de pele. Roupas e mantimentos sobressalentes, juntamente com cobertores e outros artigos necessários, seriam carregados por um pônei, exatamente o pobre animal que tinham trazido de Bri.

A estada em Valfenda tinha operado uma mudança admirável nele: estava agora lustroso, e parecia ter recuperado o vigor da juventude. Foi Sam quem insistiu que o animal fosse o escolhido, declarando que Bill (como o chamava) pereceria se fosse deixado para trás.

— Aquele animal quase consegue falar — disse ele —, e falaria, se

permanecesse aqui por mais tempo. Lançou -me um olhar tão significativo quanto as palavras do Sr. Pippin: se não me deixar ir com você, Sam, vou segui-lo por minha própria conta. — Desse modo, Bill estava indo como animal de carga, e apesar disso era o único membro da Comitiva que não demonstrava sinais de depressão.

As despedidas foram feitas no grande salão perto da lareira, e agora eles estavam apenas esperando Gandalf, que ainda não tinha saído da casa.

O brilho do fogo das tochas vinha das portas abertas, e luzes suaves que brilhavam nas várias janelas. Bilbo, embrulhado numa capa, estava quieto na Soleira da porta ao lado de Frodo. Aragorn estava sentado com a cabeça tombada sobre os joelhos; apenas Elrond entendia completamente o que aquela hora significava para ele. Os outros podiam ser vistos como sombras cinzentas na escuridão.

Sam esperava ao lado do pônei, chupando os dentes e olhando taciturno para o escuro onde o rio rugia sobre as pedras abaixo; seu desejo de aventura nunca estivera em maré tão baixa.

— Bill, meu rapaz — disse ele —, você não precisava nos acompanhar. Podia ter ficado aqui comendo o melhor feno até a grama nova nascer. Bill abanou o rabo e não respondeu nada.

Sam ajeitou nos ombros o peso da mochila, relembrando ansiosamente todas as coisas que tinha colocado nela, tentando pensar se tinha esquecido algo: o tesouro mais precioso que carregava, seu equipamento de cozinhar, a pequena caixa com sal que ele sempre carregava e enchia toda vez que podia, um bom suprimento de erva-de-fumo (mas não o suficiente, eu garanto); pederneiras e material para alimentar o fogo, meias de lã, roupas de baixo, vários pequenos pertences de seu patrão que este esquecera e Sam tinha colocado na mochila para exibi-los em triunfo quando fossem requisitados. Checou todos os itens.

— Corda! — murmurou ele. — Não está levando corda! E ontem à noite você disse a si mesmo: "Sam, que tal um pedaço de corda? Você vai precisar, se não levar nenhum consigo." Bem, vou precisar. Posso conseguir um pedaço agora.

Nesse momento, Elrond saiu com Gandalf, e chamou a Comitiva até ele.

— Esta é minha última palavra — disse ele em voz baixa. — C Portador do Anel está partindo na Demanda da Montanha da Perdiçã Apenas sobre ele recaem exigências: de não se desfazer do Anel, nem entregá-lo a qualquer servidor do Inimigo, nem sequer deixar que qualquer pessoa o toque, com a exceção de membros da Comitiva e do Conselho, e mesmo assim apenas em caso de extrema necessidade. Os outros partem com ele como companheiros livres, para ajudá-lo no caminho. A vocês é permitido permanecer em algum ponto, ou voltar, ou desviar por outros caminhos, como o destino permitir. Quanto mais avançarem, mais difícil será recuar; apesar disso não lhes e impingido qualquer juramento ou compromisso de continuar além do que estiverem dispostos. Pois vocês ainda não conhecem a força dos próprios corações, e não podem prever o que cada um vai encontrar na estrada.

— Desonesto é aquele que diz adeus quando a estrada escurece — disse Gimli.

— Talvez — disse Elrond —, mas não jure que caminhará no escurc aquele que não viu o cair da noite.

— Ainda assim, o juramento feito pode fortalecer o coração que treme — disse Gimli.

— Ou destruí-lo — disse Elrond. — Não olhem muito à frente! Ma partam agora com coragem nos corações! Adeus, e que a bênção dos elfos e dos homens e de todos os Povos Livres os acompanhe. Que as estrela brilhem em seus rostos!

— Boa...boa sorte! — gritou Bilbo, tiritando de frio. — Não suponh que você consiga escrever um diário, Frodo, meu rapaz, mas vou estar esperando um relatório completo quando você voltar. E não demore muito! Boa viagem!

Muitos outros habitantes da casa de Elrond estavam nas sombras, e assistiam à partida da Comitiva, dando-lhes adeus em voz baixa. Não houve riso, nem canção ou musica. Finalmente, fizeram uma curva e desapareceram, silenciosamente no crepúsculo.

Atravessaram a ponte e foram seguindo devagar ao longo dos caminhos íngremes que conduziam para fora do profundo vale de Valfenda. Finalmente atingiram o pântano alto, onde o vento chiava

atravessando o urzal. Então, com um derradeiro olhar em direção à última Casa Amiga que piscava no escuro, caminharam para dentro da noite.

No Vau do Bruinen, deixaram a Estrada e, rumando para o Su continuaram por uma passagem estreita que cortava as dobras do solo.

O propósito deles era continuar nesse caminho a Oeste das Montanhas por muitas milhas e dias.

A região era muito mais árida e deserta, comparada ao vale dc Grande Rio que ficava nas Terras Ermas, do outro lado da cordilheira, e a caminhada seria lenta; mas assim esperavam escapar da observação de olhos hostis. Os espiões de Sauron raramente tinham sido vistos até aquele momento nessa região vazia, e os caminhos eram pouco conhecidos, a não ser pelo povo de Valfenda.

Gandalf ia na frente, acompanhado por Aragorn, que conhecia a região até mesmo no escuro. Os outros iam atrás em fila, e Legolas, que enxergava muito bem, ia na retaguarda. A primeira parte da viagem foi dura e melancólica, e Frodo se lembraria muito pouco dela, a não ser pelc vento. Por muitos dias sem sol, um vento gelado soprou das Montanhas nc Leste, e nenhuma roupa parecia capaz de impedir a penetração de seus dedos ávidos. Embora a Comitiva estivesse bem agasalhada, raramente se sentiam aquecidos, seja em movimento seja descansando. Dormiam mal acomodados no meio do dia, em alguma cavidade do terreno, ou escondidos embaixo do emaranhado de arbustos espinhosos que cresciam em moitas em vários lugares. No fim da tarde, eram acordados pelo vigia, e faziam sua refeição principal: geralmente fria e triste, pois raramente arriscavam acender uma fogueira. De noite, prosseguiam novamente, escolhendc sempre o caminho que conduzisse a um ponto mais próximo do Sul.

Num primeiro momento, os hobbits tiveram a impressão — de que, embora caminhassem e tropeçassem até se sentirem exaustos, estavam se arrastando como lesmas, sem chegar a lugar algum. A cada novo dia, a região parecia ser a mesma do dia anterior. Mesmo assim, as montanhas chegavam cada vez mais perto. Ao Sul de Valfenda, elas se erguiam cada vez mais altas, e estendiam-se para o Oeste; e perto do pé da cordilheira principal expandia-se uma região cada vez mais ampla de colinas desoladas, e de vales profundos cheios de águas turbulentas. As trilhas eram raras e

tortuosas, frequentemente conduzindo-os apenas até a beira de alguma cascata íngreme, ou a pântanos traiçoeiros.

Já estavam havia duas semanas na estrada, quando o tempo mudou. O vento de repente abrandou e tomou o rumo do Sul. As nuvens que passavam rápido subiram e se desmancharam; o sol apareceu, pálido e límpido. Alvoreceu um dia frio e claro, ao final de uma longa e difícil marcha noturna. Os viajantes atingiram uma cordilheira baixa, coroada por antigos azevinhos cujos troncos, de um verde acinzentado, pareciam ser feitos da mesma rocha das colinas. As folha s escuras brilhavam, e os frutos vermelhos resplandeciam à luz do sol nascente.

Mais adiante, ao Sul, Frodo podia ver as formas apagadas de montanhas imponentes, que pareciam agora obstruir o caminho que a Comitiva estava tomando. À esquerda dessas montanhas altas assomavam três picos; o mais alto e mais próximo deles se erguia como um dente coberto de neve; a encosta Norte, grande e deserta, ainda estava em sua maior parte coberta pelas sombras, mas nos pontos em que o sol já podia atingi-la via-se um brilho vermelho.

Gandalf parou ao lado de Frodo e olhou em volta, com a mão na testa.

— Saímo-nos bem — disse ele. — Chegamos aos limites da região que os homens chamam de Azevim; muitos elfos viveram aqui em dias mais felizes, quando o nome deste lugar era Eregion. Em linha reta, percorremos quarenta e cinco léguas, embora nossos pés tenham percorrido muitas milhas mais. A região e o clima ficarão agora mais amenos, mas talvez bem mais perigosos.

— Perigoso ou não, um nascer de sol de verdade é mais que bem-vindo — disse Frodo, jogando para trás o capuz e permitindo que a luz da manhã batesse em seu rosto.

— Mas as montanhas estão na nossa frente — disse Pippin. — Devemos ter rumado para o Leste durante a noite.

— Não — disse Gandalf — Mas você enxerga mais longe na luz do dia. Depois desses picos, a cordilheira faz uma curva em direção ao Sudoeste. Há muitos mapas na casa de Elrond, mas acho que você nunca se deu ao trabalho de dar uma olhada neles.

— Fiz isso algumas vezes — disse Pippin. — Mas não me lembro de quase nada. Frodo tem uma cabeça melhor para esse tipo de coisa.

— Não preciso de mapas — disse Gimli, que tinha alcançado Legolas e estava olhando ao redor com um brilho estranho nos olhos profundos. — Ali está a região em que nossos pais trabalharam antigamente, e nós gravamos a figura dessas montanhas em muitos trabalhos de metal e pedra, e em muitas canções e histórias. As três montanhas se erguem altaneiras em nossos sonhos: Baraz, Zirak, Shathúr.

— Vi-as apenas uma vez, de longe, quando estava acordado, mas conheço as montanhas e seus nomes, pois sob elas está Khazad-dûm, a Mina dos Anões, que agora é chamada de Abismo Negro, Moria na língua dc elfos. Mais além fica Baraziribar, o Chifre Vermelho, o cruel Caradhras, além dele ficam o Pico de Prata e o Cabeça de Nuvem: Celebdil, o Branco, Fanuidhol, o Cinzento, que nós chamamos de Zirakzigil e Bundushathúr.

— Ali as Montanhas Sombrias se dividem, e entre seus braços fica o vale sombrio e profundo que não conseguimos esquecer: Azanu Ibizar, o Vale do Riacho Escuro, que os elfos chamam de Nanduhirion.

— É para o Vale do Riacho Escuro que estamos indo — disse Gandalf.

— Se subirmos pela passagem que chamamos de Passo do Chifre Vermelho, sob a encosta mais distante de Caradhras, desce remos através da Escada do Riacho Escuro, chegando ao vale dos Anões. Ali fica o Lago espelho, e naquele ponto o Veio de Prata jorra em suas nascentes congeladas.

— Escuras são as águas de Kheled-zâram — disse Gimli —, e frias são as nascentes de Kibil-nâla. Meu coração estremece quando penso que posso vê-los em breve.

— Que você se alegre com a vista, meu bom anão! — disse Gandalf — Mas não importa o que você faça, de modo algum podemos permanecer naquele vale. Precisamos descer o Veio de Prata e penetrar nas florestas secretas, seguindo então para o Grande Rio, e depois...

Ele parou.

— Sim, e depois? — perguntou Merry.

— Para o fim da viagem... finalmente — disse Gandalf — Não podemos contemplar um futuro muito distante. Vamos nos contentar em

pensar que o primeiro estágio foi concluído com segurança. Acho que vamos descansar aqui, não só durante o dia, mas também de noite. Existe um ar benfazejo em Azevim. Muita maldade precisa ocorrer numa região antes que ela se esqueça dos elfos, se alguma vez foi habitada por eles.

— Isso é verdade — disse Legolas. — Mas os elfos dessa região eram de uma raça estranha a nós, o povo da floresta, e as árvores e o capim não se recordam deles agora. Só escuto as pedras lamentando por eles: escavaram-nos das profundezas, moldaram-nos em formas belas, construíram-nos em edifícios altos, mas se foram. Eles se foram. Partiram em busca dos Portos há muito tempo.

Naquela manhã, acenderam uma fogueira num fosso profundo, encoberto por grandes ramos de azevinheiros, e a ceia matinal que fizeram foi mais animada do que qualquer refeição desde que tinham partido.

E não tinham a intenção de continuar antes da noite do dia seguinte.

Apenas Aragorn estava inquieto e não dizia nada. Depois de um momentos, abandonou a Comitiva e caminhou até a crista; ali parou à sombra de uma árvore, olhando para o Sul e para o Oeste, a cabeça numa postura de quem tentava escutar algo.

Depois voltou até a beirada do fosso, e olhou para baixo em direção aos outros, que estavam rindo e conversando.

— Qual é o problema, Passolargo? — perguntou Merry. — O que est procurando? Está sentindo falta do Vento Leste?

— Na verdade não — respondeu ele. — Mas sinto falta de alguma coisa. Já estive em Azevim muitas vezes. Nenhum povo habita esta região atualmente, mas sempre houve muitas outras criaturas, especialmente pássaros. No entanto, tudo está em silêncio agora, com a exceção de vocês. Posso sentir. Não se escuta nenhum som por milhas à nossa volta, e as suas vozes parecem fazer o chão ecoar. Não entendo.

Gandalf olhou para cima, num súbito interesse.

— Mas qual você acha que é o motivo?? — perguntou ele. — Existe alguma coisa além da surpresa de ver quatro hobbits, para não mencionar o resto de nós, onde pessoas são tão raramente vistas ou ouvidas?

— Espero que seja só isso — respondeu Aragorn. — Mas sinto como se estivéssemos sendo vigiados, e tenho uma sensação de medo que nunca

senti aqui antes.

— Então devemos ter cuidado — disse Gandalf. Se você traz un guardião numa viagem, é melhor prestar atenção ao que ele diz, especialmente se esse guardião é Aragorn. Devemos parar de conversar em voz alta, descansar em silêncio e montar guarda.

Naquele dia, Sam foi o encarregado do primeiro turno da guarda, mas Aragorn o acompanhou. Os outros adormeceram. Então o silênci aumentou, a ponto de o próprio Sam senti-lo. A respiração dos que dormian podia ser claramente ouvida. A cauda do pônei se agitando, e seus pés se movimentando ocasionalmente, produziam altos ruídos. Sam podia escutar as próprias juntas rangendo quando se mexia. Um silêncio mortal o envolvia, e sobre tudo estava um céu limpo e azul, à medida que o sol subia do Leste. Ao Sul, na distância, uma mancha escura apareceu, e cresceu, dirigindo-se para o Norte como fumaça levada pelo vento.

— O que é aquilo, Passolargo? Não parece uma nuvem — disse Sam Aragorn num sussurro. Este não respondeu; estava olhando para o céu con grande atenção. Mas logo Sam pôde percebe r por si mesmo o que se aproximava.

Bandos de pássaros, voando em grande velocidade, davam reviravoltas e descreviam círculos, atravessando toda a região como se procurassem alguma coisa; chegavam cada vez mais perto.

— Fique deitado e quieto! — sussurrou Aragorn, puxando Sam para abrigo da sombra de um azevinheiro, um regimento inteiro de pássaros tinha de repente se separado do resto do batalhão e vinha, voando baixo, direto para a crista. Sam pensou que era uma espécie de corvo de tamanho grande. Quando passaram por cima deles, numa multidão tão densa que sua sombra os seguia escura sobre o chão, ouviu-se um grasnado estridente.

Aragorn não se levantou antes que os pássaros tivessem desaparecido na distância, ao Norte e ao Oeste, e o céu estivesse limpo outra vez. Então pulou de pé e foi acordar Gandalf.

— Regimentos de corvos negros estão sobrevoando toda a região entre as Montanhas e o rio Cinzento — disse ele. — Passaram sobre Azevin Não são nativos desta região são crebain originários de Fangorn e da Terra Parda, Não sei o que fazem aqui: talvez haja algum problema no Sul do qua

estão fugindo, mas acho que estão espionando a região. Acho que devemos partir outra vez esta noite. Azevim não é mais um lugar seguro para nós: está sendo vigiado.

— E nesse caso, o Passo do Chifre Vermelho também estará sendo observado

— disse Gandalf. — E não imagino como poderemos atravessá-lo sem sermos vistos. Mas vamos pensar nisso quando chegar a hora. Quanto a partirmos ao escurecer, receio que esteja certo.

— Ainda bem que nossa fogueira fez pouca fumaça, e o fogo ficou fraco antes que os crebain viessem — disse Aragorn. — Devemos apagá-la Não podemos acender mais fogo algum.

— Ora, ora, tinha que aparecer essa praga! — disse Pippin, que recebeu a notícia — nada de fogo, e a partida ao cair da noite — assim que acordou no final da tarde.

— Tudo por causa de um bando de corvos! Eu estava ansioso por uma refeição noturna de verdade: algo quente.

— Bem, pode continuar ansioso — disse Gandalf. — Pode haver muitos banquetes inesperados à sua frente. Quanto a mim, queria um cachimbo para fumar tranquilo, e aquecer os pés. Mas, de qualquer forma, podemos ter certeza de uma coisa: o clima vai ficar mais quente conforme nos aproximarmos do Sul.

— Quente demais, imagino — murmurou Sam para Frodo. — Ma estou começando a achar que já era hora de vermos aquela Montanha de Fogo, e o fim da Estrada, por assim dizer. Primeiro pensei que esse Chifr Vermelho aqui, ou qualquer que seja seu nome, poderia ser a Montanha de Fogo, — sei o que fazem aqui: talvez haja algum problema no Sul do qua

estão fugindo, mas acho que estão espionando a região. Acho que devemos partir outra vez esta noite. Azevirn não é mais um lugar seguro para nós: está sendo vigiado.

— E nesse caso, o Passo do Chifre Vermelho também estará sendo observado — disse Gandalf. — E não imagino como poderemos atravessá-lo sem sermos vistos, Mas vamos pensar nisso quando chegar a hora. Quanto a partirmos ao escurecer, receio que esteja certo.

— Ainda bem que nossa fogueira fez pouca fumaça, e o fogo ficou

fraco antes que os crebain viessem — disse Aragorn. — Devemos apagá-la Não podemos acender mais fogo algum.

— Ora, ora, tinha que aparecer essa praga! — disse Pippin, que recebeu a notícia — nada de fogo, e a partida ao cair da noite — assim que acordou no final da tarde.

— Tudo por causa de um bando de corvos! Eu estava ansioso por uma refeição noturna de verdade: algo quente.

— Bem, pode continuar ansioso — disse Gandalf. — Pode have muitos banquetes inesperados à sua frente, Quanto a mim, queria um cachimbo Para fumar tranquilo, e aquecer os pés. Mas, de qualquer forma podemos ter certeza de urna coisa: o clima vai ficar mais quente conforme nos aproximarmos do Sul.

— Quente demais, imagino — murmurou Sam para Frodo. — Ma estou começando a achar que já era hora de vermos aquela Montanha de Fogo, e o fim da estrada, por assim dizer. Primeiro pensei que esse Chifre Vermelho aqui, ou qualquer que seja seu nome, poderia ser a Montanha de Fogo, até que Gimli fez aquele discurso. Essa língua dos anões deve ser un belo quebra-queixo! — Os mapas não significavam nada para a mente de Sam, e todas as distâncias naquelas terras estranhas pareciam tão vastas que ele não tinha a menor noção do que dizia.

Durante todo o dia, a Comitiva permaneceu escondida. Os pássaro negros sobrevoaram o lugar onde estavam várias e várias vezes, mas, à medida que o sol descia no Oeste e se avermelhava, desapareceram em direção ao Sul. Ao cair da noite, a Comitiva partiu e, rumando um pouc mais para o Leste, dirigiram-se para Caradhras, que ao longe ainda brilhava com um vermelho apagado, na última luz do sol que desaparecia. Uma a uma, estrelas brancas irrompiam no céu que se apagava.

Guiados por Aragorn, descobriram uma boa trilha. Frodo teve a impressão de que era o que restava de uma estrada antiga, que havia sido larga e bem planejada, conduzindo de Azevim até a passagem da montanha. A lua, agora cheia, subiu sobre as montanhas, lançando uma luz pálida, sob a qual as sombras das rochas ficaram negras. Muitas delas pareciam ter sido construídas a mão, embora agora estivessem decadentes e arruinadas, numa região desolada.

Era aquela hora fria que antecede os primeiros sinais da aurora e a lua estava baixa. Frodo olhou para o céu. De repente, viu ou sentiu uma sombra passando sobre as estrelas altas, como se por um instante elas se apagassem e depois brilhassem de novo. Um tremor percorreu-lhe o corpo.

— Você viu alguma coisa passando? — sussurrou ele para Gandalf que ia logo à frente.

— Não, mas senti algo, seja lá o que for — respondeu ele. — Pode ser apenas uma nuvenzinha fina.

— Então essa nuvem passou bem rápido — murmurou Aragorn. — E não foi o vento que a carregou.

Nada mais aconteceu naquela noite. A manhã seguinte surgiu ainda mais clara que a anterior. Mas o ar estava frio de novo; o vento já estava voltando em direção ao leste. Por mais duas noites, continuaram a marcha, subindo sem parar, mas cada vez mais lentamente. Conforme a estrada galgava a montanha descrevendo curvas, e as montanhas assomavam, cada vez mais próximas. Na terceira manhã, Caradhras se erguia diante deles um pico enorme, coberto de neve branca como a prata, mas com encostas nuas e íngremes, de UM vermelho apagado, como se estivessem manchadas de sangue.

O céu tinha uma aparência sombria, e o sol estava pálido. O vento tinha mudado de rumo, soprando agora do Nordeste. Gandalf sentiu o ar e olhou para trás.

— O inverno avança às nossas costas — disse ele em voz baixa para Aragorn. — As Montanhas no Norte estão mais brancas que antes; a neve já desce pelas suas encostas. Esta noite devemos nos dirigir para cima, para o passo do Chifre Vermelho. É possível que sejamos vistos por vigias naquela passagem estreita, e algum perigo pode estar nos esperando; mas o clima pode acabar sendo um inimigo mais fatal que qualquer outro. Que caminho acha que devemos tomar agora, Aragorn?

Frodo ouviu essas palavras, e percebeu que Gandalf e Aragorn estavam continuando alguma discussão que havia começado muito antes. Continuou escutando, ansiosamente.

— Não posso ver nada de bom em nosso caminho, Gandalf, do início ao fim, como você bem sabe — respondeu Aragorn. — E os perigos

conhecidos e desconhecidos, vão aumentar conforme prosseguirmos. Mas precisamos continuar, e não será bom adiar a passagem pelas montanhas. Mais para o Sul, não há passagens, até se chegar ao Desfiladeiro de Rohan. Não confio naquele caminho, desde que você trouxe a notícia sobre Saruman.

Quem pode dizer agora a que lado os oficiais dos Senhores dos Cavalos estão servindo?

— É verdade, ninguém pode saber! — disse Gandalf — Mas há outro caminho, que não é pela passagem de Caradhras: o caminho escuro e secreto, do qual já falamos.

— Mas não vamos falar nele outra vez! Não por enquanto. Não diga nada aos outros, eu lhe peço, não até que fique claro que não há outra saída. Precisamos decidir antes de continuar — respondeu Gandalf.

— Então vamos ponderar o assunto em nossas mentes, enquanto os outros descansam e dormem — disse Aragorn.

No fim da tarde, enquanto os outros terminavam seu desjejum, Gandalf e Aragorn foram juntos para um lado, e ficaram olhando para Caradhras. As encostas estavam escuras e sombrias, e o pico se escondia em meio a nuvens cinzentas.

Frodo os observava, tentando adivinhar para qual lado a discussão penderia. Quando voltaram, Gandalf falou, e assim Frodo soube que a decisão fora enfrentar o clima e a passagem alta. Ficou aliviado. Não podia adivinhar qual era o outro caminho secreto e escuro, mas a simples menção dele parecera causar grande consternação a Aragorn, e Frodo ficou feliz que tal caminho tivesse sido abandonado.

— Pelos sinais que temos visto ultimamente — disse Gandalf — receio que o Passo do Chifre Vermelho possa estar sendo vigiado, também tenho dúvidas sobre o clima que está vindo atrás de nós. Pode nevar. Devemos ir a toda velocidade possível. Mesmo assim, serão duas marchas até podermos atingir o topo da passagem. Vai escurecer cedo esta noite. Devemos partir assim que se aprontarem.

— Vou acrescentar um conselho, se me for permitido — disse Boromir. — Eu nasci sob as sombras das Montanhas Brancas, e sei alguma coisa sobre viagens em lugares altos. Vamos deparar com um frio rigoroso, se

não com coisas piores, antes de descermos do outro lado. De nada vai adiantar viajarmos tão secretamente e morrermos congelados. Quando deixarmos este lugar, onde ainda existem algumas árvores e arbustos, cada um de nós deve levar um feixe de lenha, o maior que puder carregar.

— E Bill poderia levar mais um pouco, não poderia, rapaz? — disse Sam.

O pônei lançou-lhe um olhar pesaroso.

— Muito bem — disse Gandalf. — Mas não devemos usar a lenha — a não ser que tenhamos de escolher entre o fogo e a morte.

A Comitiva partiu de novo, em boa velocidade no início, mas logo o caminho ficou íngreme e difícil. Em alguns pontos, a estrada tortuosa e inclinada tinha quase desaparecido, e estava bloqueada por muitas pedras caídas. A noite ficou totalmente escura sob grandes nuvens. Um vento forte fazia rodamoinhos por entre as rochas.

Por volta de meia-noite, eles tinham alcançado a parte mais baixa das grandes montanhas. A trilha estreita agora se torcia sob uma parede inclinada de encostas à esquerda, sobre as quais os flancos austeros de Caradhras se erguiam, invisíveis na escuridão; à direita ficava um abismo de escuridão, no qual a própria terra caia para dentro de um precipício fundo.

Com muito esforço, subiram a encosta angulosa, e pararam por uns minutos no topo. Frodo sentiu um toque suave em seu rosto. Estendeu a mão e viu os flocos de neve, de um branco apagado, caindo-lhe sobre a manga da roupa.

Continuaram. Mas logo a neve começou a cair mais densa, enchendo todo o ar, rodando perante os olhos de Frodo. As figuras escuras e curvadas de Gandalf e Aragorn, apenas um ou dois passos à frente, mal podiam ser vistas.

— Não gosto disso nem um pouco — disse Sam ofegante, logo atrás dele. — Tudo bem termos neve numa manhã agradável, mas gosto de ficar na cama enquanto ela está caindo. Gostaria que esta aqui fosse para Vila dos Hobbits! As pessoas poderiam gostar de neve lá. — A não ser nos pântanos altos da Quarta Norte, era raro cair uma grande quantidade de neve no Condado, e quando isso acontecia o fato era considerado agradável, e era uma oportunidade de diversão. Nenhum hobbit vivo (exceto Bilbo)

conseguia se lembrar do Inverno Mortal de 1311, quando os lobos branco invadiram o Condado através do Brandevin congelado.

Gandalf parou. A neve se espessava sobre seu capuz e ombros; a botas afundavam nela até a altura dos tornozelos.

— Era isto que eu temia — disse ele. — Que me diz agora, Aragorn?

— Que também temia isto — respondeu ele —, mas temia menos que outras coisas. Eu sabia do risco da neve, embora ela raramente caia assim tão pesada aqui no Sul, a não ser nas montanhas altas. Mas ainda não subimo muito, ainda estamos bem embaixo, onde as trilhas geralmente ficam abertas durante todo o inverno.

— Pergunto se isso não é um artifício do Inimigo — disse Boromir Dizem na minha terra que ele pode governar tempestades nas Montanha da Sombra, que ficam nas fronteiras de Mordor. Tem poderes estranhos e muitos aliados.

— O braço dele realmente cresceu — disse Gimli —, se ele pode trazer a neve do Norte para nos atrapalhar aqui, a trezentas léguas de distância.

— O braço dele cresceu — disse Gandalf.

Enquanto estavam ali parados, o vento cessou, e a neve fo diminuindo, até quase parar. Continuaram aos tropeços. Mas não tinham avançado mais que duzentos metros quando a tempestade retornou, com fúria renovada. O vento assobiava, e a tempestade se transformou numa nevasca que não permitia ver nada. Logo, até mesmo Boromir começou a encontrar dificuldades para prosseguir. Os hobbits, curvados quase até o chão, avançavam a duras penas atrás dos maiores, mas ficava cada vez mais claro que não poderiam ir muito mais além se a neve continuasse. Os pés de Frodo pesavam como chumbo. Pippin se arrastava atrás. Até mesmo Gimli robusto como um anão costuma resmungava ao caminhar penosamente.

A Comitiva parou de repente, como se tivesse chegado a um acordo se m dizer qualquer palavra. Ouviram ruídos sinistros na escuridão que os envolvia. Podia ter sido apenas um truque do vento nas rachaduras e fendas da parede rochosa, mas o som era semelhante ao de gritos agudos e gargalhadas alucinadas. Pedras começaram a cair da encosta da montanha, zunindo sobre suas cabeças, ou batendo contra a trilha ao lado deles. De

tempo em tempo, ouviam um rumor abafado, e uma enorme pedra descia rolando das alturas ocultas acima deles.

— Não podemos continuar esta noite — disse Boromir. — Quen quiser chamar isto de vento que chame, mas há vozes fatais no ar, e essas pedras estão sendo arremessadas em nossa direção.

— Eu chamo de vento — disse Aragorn. — Mas isso não invalida (que você disse. Há muitos seres malignos e hostis no mundo, que têm pouc amor por aqueles que andam sobre duas pernas, e mesmo assim não são al aliados de Sauron, mas têm os próprios propósitos. Alguns estão no mund há mais tempo que ele.

— Caradhras foi chamado de o Cruel, e tinha um nome maligno — disse Gimli —, há muitos anos, quando rumores sobre Sauron ainda nã tinham sido Ouvidos por estas terras.

— Pouco importa quem seja o inimigo, se não pudermos vencer seu ataque — disse Gandalf.

— Mas que podemos fazer? — gritou Pippin arrasado. Apoiava-se em Merry e Frodo, e tremia.

— Ou parar onde estamos, ou voltar — disse Gandalf. — Não adianta continuar.

Um pouco mais acima, se me recordo direito, esta trilha abandona a encosta e penetra num valo raso e largo, ao pé de uma ladeira longa e difícil. Ali não teremos abrigo da neve, ou das pedras — ou de qualquer outra coisa.

— E não adianta irmos em frente enquanto a tempestade persistir disse Aragorn. — Não passamos por lugar algum nesta subida que oferecess mais abrigo que a parede deste penhasco, sob o qual estamos.

— Abrigo! — murmurou Sam. — Se isto for abrigo, então uma pared e nenhum telhado fazem uma casa.

A Comitiva agora se mantinha o mais perto possível do penhasco. C penhasco dava para o Sul, e perto da base se inclinava um pouco para fora, de modo que assim esperavam ter alguma proteção do vento Norte e das pedras que caíam. Mas rajadas formavam rodamoinhos por toda a volta, e a neve caía em nuvens ainda mais densas.

Aconchegaram-se uns aos outros, com as costas contra a parede. Bill o pônei, ficou parado na frente dos hobbits, paciente, mas desanimado,

protegendo-os um pouco.

Mas logo a neve já lhe cobria os jarretes, e subia cada vez mais. Se não tivessem companheiros maiores, os hobbits seriam logo inteiramente enterrados.

Uma grande sonolência tomou conta de Frodo, que se sentia afundar rapidamente num sonho quente e nebuloso. Imaginava que um fogo lhe aquecia os pés, e das sombras do outro lado da lareira vinha a voz de Bilbo falando. Esperava coisa melhor de seu diário, dizia ele. Nevasca no dia 12 de Janeiro: não precisava voltar para contar isso!

— Mas eu precisava descansar e dormir, Bilbo, respondeu Frodo com esforço, quando sentiu que alguém o sacudia, e acordando a contragosto. Boromir o havia desenterrado de um monte de neve.

— Isto será a morte dos pequenos, Gandalf — disse Boromir. — É inútil permanecermos aqui até que a neve cubra nossas cabeças. Precisamos fazer alguma coisa que nos salve!

— Dê-lhes isto — disse Gandalf, remexendo em sua mochila e retirando um odre de couro. — Apenas um gole para cada um, cada um de nós. É muito precioso. É miruvor, o licor de Imladris. Recebi de Elrond quando nos despedimos. Passe uma rodada.

Logo que Frodo engoliu um pouco da bebida quente e aromática sentiu nova coragem, e a sonolência pesada abandonou seus braços e pernas. Os outros também se reanimaram e sentiram renovada esperança e vigor. Mas a neve não abrandou. Caía ao redor, mais espessa que nunca, e o vento soprava mais forte.

— Que me diz de fogo? — perguntou Boromir de súbito. — A escolha agora parece ser entre o fogo e a morte, Gandalf Sem dúvida estaremos escondidos de todos os olhos hostis quando a neve nos cobrir, mas isso não nos ajudará em nada.

— Você pode fazer uma fogueira, se conseguir — respondeu Gandalf. — Se houver espiões que agüentem esta tempestade, então eles poderão nos ver, com ou sem fogo.

Mas embora tivessem trazido lenha e gravetos a conselho de Boromir estava além das habilidades dos elfos, e até mesmo dos anões, acender uma chama que pudesse vingar em meio àquele turbilhão de vento, e que

pudesse acender o combustível molhado. Finalmente, com relutância, o próprio Gandalf deu uma ajuda.

Pegando um feixe de lenha, segurou-o no alto por um momento, e então com um comando *naur an edraith ammen*! Empurrou a ponta do cajado no meio da lenha. Imediatamente, grandes chamas verdes e azuis se precipitaram numa fogueira, e a lenha flamejou e estalou.

Se houver alguém para ver, então pelo menos eu me revelei a eles disse ele. — Escrevi Gandalf está aqui em sinais que podem ser lidos desde Valfenda até a foz do Anduin.

Mas a Comitiva não se preocupava mais com espiões ou olhos hostis Seus corações estavam deliciados em ver a luz do fogo. A lenha queimava alegremente, e embora por toda a volta a neve chiasse, e poças de gelo derretido se formassem sob seus pés, eles conseguiam aquecer as mãos na chama com prazer. Ali ficaram, agachados num círculo em volta das pequenas labaredas dançantes e reluzentes. Uma luz brilhava nos rostos cansados e ansiosos; atrás deles, a noite era como uma parede negra.

Mas a lenha queimava rápido, e a neve ainda caía.

A fogueira foi diminuindo, e o último feixe foi jogado nela.

— A noite está acabando — disse Aragorn. — A aurora não tarda a chegar.

— Isso se alguma aurora conseguir romper essas nuvens — disse Gimli.

Boromir afastou-se do círculo e olhou para a escuridão.

— A neve está enfraquecendo – disse ele — e o vento está abrandando.

Frodo olhou com cansaço para os flocos que ainda caíam da escuridão, para se revelarem brancos por um momento à luz do fogo que se extinguia, mas por um bom tempo não pôde ver qualquer sinal de que diminuíam. Então, de repente, ao sentir o sono começar a dominá-lo outra vez, teve consciência de que o vento estava realmente abrandando, e de que os flocos estavam maiores e mais raros. Muito devagar, uma luz fraca começou a crescer. Finalmente, a neve parou de cair completamente.

A medida que ficava mais forte, a luz revelava um mundo silencioso e encoberto. Abaixo do refúgio onde estavam, havia cúpulas e montes

brancos e profundezas informes abaixo dos quais a trilha que tinham pisado estava totalmente perdida; mas os picos acima deles estavam ocultos em grandes nuvens, ainda pesadas com a ameaça de neve.

Gimli olhou para cima e balançou a cabeça.

— Caradhras não nos perdoou — disse ele. — Ele ainda tem mais neve para lançar sobre nós, se prosseguirmos. Quanto mais rápido descermos e voltarmos, melhor.

Com isso todos concordaram, mas a retirada agora era difícil. Podia muito bem ser impossível. A apenas alguns passos das cinzas da fogueira, a neve subia a uma altura significativa, além das cabeças dos hobbits; em alguns pontos, tinha sido carregada e empilhada pelo vento em montes contra o penhasco.

— Se Gandalf se dispusesse a ir à frente com uma chama forte Poderia derreter a neve e fazer uma trilha para vocês — disse Legolas. A tempestade quase não o incomodara, e só ele de toda a Comitiva ainda permanecia tranquilo.

— Se os elfos pudessem voar sobre montanhas, poderiam trazer o sol para nos salvar — respondeu Gandalf. — Mas preciso de algum materia para trabalhar. Não posso queimar a neve.

— Bem disse Boromir, quando cabeças estão perdidas, corpos devem servir, como dizemos em minha terra. O mais forte de nós deve procurar um caminho. Vejam! Apesar de tudo agora estar coberto de neve, nossa trilha, quando subimos, fez uma curva naquela saliência rochosa lá embaixo. Foi ali que a neve começou a pesar demais. Se pudéssemos chegar àquele ponto, talvez ficasse mais fácil prosseguir. Não fica a mais de duzentos metros de distância, eu acho.

— Então vamos forçar uma trilha até ali, você e eu — disse Aragorn.

Aragorn era o mais alto da Comitiva, mas Boromir, pouco mais baixo era mais atarracado e tinha uma constituição mais forte. Ele foi na frente, seguido por Aragorn.

Lentamente foram indo, e logo estavam andando com bastante dificuldade. Em alguns lugares, a neve subia à altura dos ombros, e frequentemente Boromir parecia estar nadando ou cavando com os braços, em vez de andar.

Legolas os observou por uns momentos com um sorriso nos lábios, e então voltou-se para os outros.

— Os mais fortes devem procurar um caminho, vocês dizem? Mas eu digo: deixe um lavrador arar, mas escolha uma lontra para nadar, e para correr leve sobre capim e folha ou sobre a neve — um elfo.

Com isso, pulou para frente com agilidade, e então Frodo notou pela primeira vez, embora soubesse disso há muito tempo, que o elfo não estava usando botas, mas apenas sapatos leves, como sempre fazia, e que seus pés quase não deixavam marcas na neve.

— Até a volta! — disse ele a Gandalf — Vou encontrar o sol! — Então, rápido como um corredor sobre terra firme, ele disparou, e logo alcançando os homens que se arrastavam, com um aceno de mão os ultrapassou, e correu na distância, desaparecendo atrás da curva rochosa.

Os outros esperaram aconchegados uns aos outros, observando até que Boromir e Aragorn foram se transformando em manchas negras naquela brancura. Finalmente, eles também desapareceram de vista. O tempo passava lentamente. As nuvens desceram e agora alguns flocos de neve começaram a cair rodopiando novamente.

Uma hora, talvez, tenha se passado, embora parecesse muito mais, e então finalmente viram Legolas voltando. Ao mesmo tempo, Boromir e Aragorn reapareceram na curva muito atrás dele, e subiram a ladeira com esforço.

— Bem — disse Legolas, enquanto subia correndo —, eu não trouxe o sol. Ele está andando nos campos azuis do Sul, e uma pequena coroa de neve nesse montinho do Chifre Vermelho não o preocupa nem um pouco. Mas eu trouxe de volta uma chama de esperança para aqueles que se destinam a andar a pé. Logo após a curva, há o maior monte de neve que o vento pôde acumular. Ali nossos Homens Fortes quase foram soterrados Ficaram desesperados, até que voltei e lhes disse que o monte era pouco mais espesso que uma parede. E do outro lado a neve diminui de repente, e mais abaixo não passa de uma coberta branca para refrescar os pés dos hobbits.

— É como eu falei — disse Gimli. — Não foi uma tempestade comum, É a má vontade de Caradhras. Ele não gosta de elfos e anões, e

aquela neve foi acumulada para impedir que escapássemos.

— Mas, felizmente, seu Caradhras esqueceu que você tem Homen por companhia — disse Boromir, que chegava naquele instante. — F homens fortes, se me permite dizer; embora homens mais fracos com pás talvez fossem mais úteis. Mesmo assim, cavamos um caminho por entre c monte de neve, e por isso podem ficar agradecidos todos aqui que não podem correr com a leveza dos elfos.

— Mas como desceremos até lá, mesmo que vocês tenham feito um caminho no meio da neve? — disse Pippin, expressando o pensamento de todos os hobbits.

— Tenham esperança! — disse Boromir. — Estou cansado, mas ainda me resta alguma força, e a Aragorn também. Carregaremos os pequenos. O outros, sem dúvida, podem se arranjar pisando na trilha atrás de nós. Venha, Mestre Peregrin! Começo com você.

Ele levantou o hobbit.

— Pendure-se nas minhas costas! Vou precisar de meus braços — disse ele avançando. Aragorn e Merry foram atrás. Pippin ficou maravilhado com a força de Boromir, vendo a passagem que tinha aberto apenas com seus braços e pernas. Mesmo agora, carregado como estava, ia alargando a trilha para os que vinham atrás, jogando para os lados a neve enquanto prosseguia.

Finalmente chegaram ao grande monte de neve. Fora arremessado sobre a trilha da montanha como uma parede abrupta e íngreme, e seu topo, agudo como se apontado por facas, tinha duas vezes a altura de Boromir; mas no meio uma passagem tinha sido aberta, subindo e descendo como uma ponte. Do outro lado Merry e Pippin foram colocados no chão, e al esperaram com Legolas que o resto da Comitiva chegasse.

Depois de um tempo, Boromir voltou carregando Sam. Atrás, n trilha estreita, mas agora bem marcada, veio Gandalf, conduzindo Bill com Gimli empoleirado na bagagem.

Por último veio Aragorn carregando Frodo. Atravessaram a passagem, mas Frodo mal tinha colocado os pés no chão quando, com um rumor profundo, desabou um monte de pedras e uma porção de neve, que subiu pulverizada e cegou parcialmente a Comitiva por uns momentos. Eles se

agacharam contra o penhasco, e, quando o ar ficou limpo novamente, viram que a passagem atrás deles estava bloqueada.

— Basta! Basta! — gritou Gimli. — Estamos indo embora o mais rápido possível! — E de fato, com aquele último golpe, a malícia da montanha pareceu se esgotar, como se Caradhras estivesse satisfeito com a derrota dos invasores e em saber que não iriam retornar. A ameaça da neve sumiu no céu; as nuvens começaram a se abrir e a luz ficou mais intensa.

Como Legolas tinha dito, eles viram que a neve ficava cada vez mais baixa conforme desciam, de modo que até os hobbits podiam caminhar novamente.

Logo todos eles pisavam mais uma vez na saliência rochosa plana que ficava no alto da ladeira íngreme, onde tinham sentido os primeiros flocos de neve na noite anterior.

A manhã agora já avançava. Daquele lugar alto, olharam para trás em direção ao Oeste, por sobre as regiões mais baixas. Na distância, no trecho de terra que ficava no pé da montanha, estava o valezinho do qual tinham saído para subir pela trilha.

As pernas de Frodo doíam. Estava congelado até os ossos e faminto sua cabeça rodava ao pensar na marcha longa e dolorosa colina abaixo. Manchas negras flutuavam diante de seus olhos. Esfregou-os, mas as manchas negras persistiam. Na distância abaixo dele, mas ainda bem acima das bases das colinas mais baixas, pontos pretos faziam círculos no ar.

— Os pássaros outra vez — disse Aragorn, apontando para baixo.

— Não podemos evitar agora — disse Gandalf — Quer sejam bons ou maus, ou quer não tenham nada a ver conosco, devemos descer imediatamente. Nem mesmo nas partes mais baixas de Caradhras devemos esperar outra noite cair! Um vento frio soprava atrás deles, enquanto davam as costas para o Passo do Chifre Vermelho, e iam aos tropeços ladeira abaixo.

Caradhras os derrotara.

CAPÍTULO IV : UMA JORNADA NO ESCURO

A tarde já terminava, e a luz cinza outra vez se apagava rápido, quando pararam para descansar. Sentiam-se muito cansados. As montanhas estavam veladas pelo crepúsculo cada vez mais escuro. Gandalf permitiu que tomassem mais um pouco do miruvor de Valfenda. Depois de comerem alguma coisa, ele convocou uma reunião.

— É claro que não podemos continuar esta noite — disse ele. — O ataque no Passo do Chifre Vermelho nos deixou exaustos, e precisamos descansar um pouco aqui.

— Então, que devemos fazer?

— Ainda temos a viagem e nossa missão pela frente — respondeu Gandalf.

— Não temos outra escolha a não ser prosseguir, ou voltar para Valfenda.

O rosto de Pippin se iluminou visivelmente à simples menção do retorno a Valfenda. Merry e Sam levantaram os olhos, cheios de esperança. Mas Aragorn e Boromir não fizeram nenhum sinal. Frodo parecia confuso.

— Gostaria de voltar para lá — disse ele. — Mas como posso voltar sem me sentir envergonhado — a não ser que realmente não haja outra saída, e já estejamos derrotados?

— Você está certo, Frodo — disse Gandalf — Voltar seria admitir derrota, e enfrentar uma derrota ainda maior. Se voltarmos agora, o Anel deverá permanecer lá: não poderemos partir outra vez. Então, mais cedo ou mais tarde, Valfenda seria cercada, e depois de um tempo curto e amargo, destruída. Os Espectros do Anel são inimigos mortais, mas são ainda apenas sombras em comparação ao poder e terror que possuiriam se o Anel Governante caísse outra vez nas mãos de seu mestre.

— Então devemos prosseguir — disse Frodo com um suspiro. Sam mergulhou num enorme desânimo.

— Existe um caminho que podemos tentar — disse Gandalf— Desde o inicio.

Quando comecei a considerar esta viagem, pensei que deveríamos

tentá-lo. Mas não é um caminho agradável, e não o mencionei à Comitiva antes. Aragorn era contra, até que a passagem através das montanhas fosse pelo menos tentada.

— Se é uma estrada ainda pior que o Passo do Chifre Vermelho então é realmente maligna — disse Merry — Mas é melhor que você fale dela, e nos Permita conhecer o pior imediatamente.

— A estrada de que falo conduz às Minas de Moria — disse Gandalf. Apenas Gimli levantou a cabeça, com fogo nos olhos. Um terror tomou conta dos outros, à menção daquele nome. Até mesmo para os hobbits, Moria era uma lenda que trazia um vago medo.

— A estrada pode conduzir a Moria, mas como podemos saber se nos conduzirá através de Moria? — disse Aragorn com uma expressão sombria.

— Este não é um nome de bom agouro — disse Boromir. — Nem vejo a necessidade de irmos para lá. Se não podemos atravessar as montanhas, vamos viajar para o Sul, até atingirmos o Desfiladeiro de Rohan, onde os homens são amigos de meu povo, e depois podemos pegar a estrada pela qual cheguei até aqui. Ou podemos ir além e atravessar o Isengard chegando à Praia Comprida e Lebermin, e dessa forma chegar a Gondor pelas regiões próximas ao mar.

— As coisas mudaram desde que você veio do Norte, Boromir — respondeu Gandalf. — Não ouviu o que eu contei sobre Saruman? Com ele tenho coisas a resolver antes que tudo esteja acabado. Mas o Anel não deve chegar perto de Isengard. Se de alguma forma isso puder ser evitado.

O Desfiladeiro de Rohan está fechado para nós, enquanto acompanharmos o Portador.

— Quanto à estrada mais longa, não dispomos de tempo. Poderíamos passar um ano viajando, e teríamos de passar por muitas regiões que estão desertas e não possuem portos. Mesmo assim, não seriam seguras. Os olhos atentos de Saruman e do Inimigo estarão espreitando. Quando você veio para o Norte, Boromir, aos olhos do Inimigo pareceu apenas um viajante perdido vindo do Sul, e um assunto de pouca importância para ele: sua mente estava ocupada em procurar o Anel. Mas agora você retorna como um membro da Comitiva do Anel, e correrá perigo enquanto permanecer conosco. O perigo crescerá a cada légua que nos aproximarmos do Sul sob o

céu aberto.

— Desde nossa tentativa declarada na passagem da montanha, nossa situação ficou mais desesperadora, eu receio. Agora vejo poucas esperanças, se logo não desaparecermos de vista por um período, ou cobrirmos nossa trilha. Portanto, aconselho que não sigamos nem através das montanhas, e que nem as contornemos. Essa estrada de que falo é, pelo menos, a que o Inimigo menos espera que tomemos.

— Não sabemos o que ele espera — disse Boromir. — Pode esta vigiando todas as estradas, as prováveis e as improváveis. De qualquer forma, entrar em Moria seria andar para dentro de uma armadilha, pouco melhor que bater nos portões da própria Torre Escura. O nome de Moria negro.

— Você está falando do que não sabe, quando compara Moria à fortaleza de Sauron — respondeu Gandalf. — Só eu aqui já estive na masmorras do Senhor do Escuro, e mesmo assim, apenas na sua antiga moradia em Dol Guldur. Aqueles que atravessam os portões de Baraddû não retornam. Mas eu não os conduziria a Moria a não ser que houvesse esperança de sairmos de lá. Se houver orcs, é claro que podemos nos dar mal. Mas a maioria dos orcs das Montanhas Sombrias foi destruída na Batalha dos Cinco Exércitos. As Águias relatam que os orcs estão se reunindo de novo, vindos de longe, mas existe a esperança de que Moria ainda esteja livre.

— É até possível que os anões estejam lá, e que em algum salão profundo de seus pais possamos encontrar Balin, filho de Fundin. O que quer que aconteça, é preciso trilhar o caminho escolhido pela necessidade!

— Vou trilhar o caminho ao seu lado, Gandalf. — disse Gimli. — Vou procurar nos salões de Durin, não importa o que esteja esperando lá — se você conseguir encontrar as portas que estão fechadas.

— Muito bom, Gimli — disse Gandalf. — Você me encoraja. Vamos encontrar juntos as portas trancadas. E vamos atravessá-las. Nas ruínas dos anões, a cabeça de um anão tem menos chance de se confundir do que as dos elfos, homens ou hobbits. Não será a minha primeira visita a Moria. Por um longo tempo, estive lá procurando Thráin, filho de Thror, depois que ele desapareceu. Atravessei as Minas, e saí outra vez, vivo.

— Eu também atravessei o Portão do Riacho Escuro certa vez — disse Aragorn em voz baixa. — Mas, embora também tenha saído vivo, as lembranças são muito maléficas. Não gostaria de entrar em Moria uma segunda vez.

— E eu não gostaria de entrar lá nem uma vez — disse Pippin.

— Nem eu — murmurou Sam.

— É claro que não — disse Gandalf. — E quem gostaria? Mas a pergunta é a seguinte: quem vai me seguir, se eu for para lá?

— Eu vou — disse Gimli cheio de vontade.

— Eu vou — disse Aragorn numa voz pesada. — Você seguiu minha liderança na neve, que quase acabou em desastre, e não teve uma palavra para me reprovar. Seguirei agora a sua liderança — se este último aviso não o demover. Não é no Anel, nem em nós aqui que estou pensando agora, mas em você, Gandalf. E digo a você: se passar pelas portas de Moria, tome cuidado!

— Eu não vou — disse Boromir. — A não ser que o voto de toda a Comitiva esteja contra mim. Que dizem Legolas e as pessoas pequenas? É evidente que a voz do Portador do Anel deve ser ouvida.

— Não quero ir para Moria — disse Legolas.

Os hobbits não disseram nada. Sam olhou para Frodo. Finalmente Frodo falou.

— Não quero ir — disse ele. — Mas também não quero recusar o conselho de Gandalf. Peço que não haja votação, antes que tenhamos dormido um pouco. Será mais fácil votar na luz da manhã do que nessa escuridão fria. Como os ventos uivam!

Ao ouvir essas palavras, todos caíram num silêncio profundo. Escutavam o vento chiar por entre os rochedos e árvores, e havia uivos e lamentos ao redor deles, nos espaços vazios da noite.

De repente, Aragorn se pôs de pé.

— Como os ventos uivam — gritou ele. — Uivam como o uivar dos lobos. Os wargs se deslocaram para o Oeste das Montanhas!

— Então precisamos esperar pela manhã — disse Gandalf — É como eu digo. A caçada está em ação! Mesmo que vivamos para ver a aurora quem agora gostaria de viajar para o Sul de noite, com os lobos selvagens

atrás de nós?

— A que distância fica Moria? — perguntou Boromir.

— Havia uma porta, a Sudoeste de Caradhras, a cerca de quinze milhas num vôo de pássaro, e talvez vinte numa corrida de lobos — disse Gandalf austero.

— Então vamos partir logo que a luz apareça amanhã , se pudermos — disse Boromir. — O lobo que se escuta é pior que o orc que se teme.

— É verdade — disse Aragorn, soltando a espada na bainha. — Mas onde o warg uiva, os orcs também rondam.

— Gostaria de ter obedecido o conselho de Elrond — murmurou Pippin para Sam. — Afinal de contas, não sou bom o suficiente. Não há em mim muito do sangue, de Bandobras, o Urratouro: esses uivos congelam meu sangue. Não me lembro de ter -me sentido tão desgraçado.

— Meu coração já está nos pés, Sr. Pippin — disse Sam. — Mas aind não fomos devorados, e existem algumas pessoas fortes aqui conosco. O que quer que esteja reservado para o velho Gandalf, aposto que não é a barriga de um lobo.

Como defesa durante a noite, a Comitiva subiu ao topo da pequena colina sob a qual estiveram abrigados. Estava coberto por um emaranhado de árvores velhas e retorcidas, ao redor das quais ficava um círculo interrompido, feito de pedras. No centro fizeram uma fogueira, já que não havia esperanças de que a escuridão e o silêncio impedissem que sua trilha fosse descoberta por bandos de animais caçadores. Sentaram-se ao redor da fogueira, e os que não estavam de guarda cochilaram inquietos.

O pobre pônei, Bill, de pé, tremia e suava. Os uivos dos lobos agora estavam por toda a volta, algumas vezes mais próximos, outras mais distantes. Na calada da noite, muitos olhos brilhantes foram vistos espiando sobre a saliência da colina.

Alguns avançaram quase até o círculo de pedras. Numa falha do círculo podia-se ver uma forma grande e escura de lobo, parada , observando-os. Soltou um uivo de arrepiar, como se fosse um capitão chamando sua tropa para o assalto.

Gandalf levantou-se e avançou, segurando seu cajado no alto.

— Escute, Cão de Sauron! — gritou ele. — Gandalf está aqui. Fuja, s

der valor à sua pele asquerosa! Vou murchar você do rabo até o focinho, se ousar pôr as patas neste círculo.

O lobo rosnou e avançou em direção a eles com um grande salto. Nesse momento, ouviu-se um zunido agudo. Legolas tinha disparado seu arco.

Houve um grito medonho, e a figura que saltava caiu no chão com um som abafado; a flecha élfica tinha-lhe perfurado a garganta. Os olhos que espiavam desapareceram de repente. Gandalf e Aragorn andaram mais à frente, mas a colina fora abandonada; o bando de animais caçadores tinha fugido. Em toda a volta, a escuridão ficou silenciosa, e nenhum grito foi trazido no suspirar do vento.

A noite já estava terminando, e no Oeste a lua minguante descia brilhando vacilante por entre as nuvens que se desmanchavam. De repente, Frodo despertou de seu sono. Sem avisar, uma tempestade de uivos soou, feroz e alucinada, por toda a volta do acampamento. Um grande bando de wargs tinha-se reunido em silencio, e agora os atacava por todos os lados de uma vez.

— Joguem lenha na fogueira — gritou Gandalf para os hobbits. — Peguem suas espadas e fiquem uns de costas para os outros.

Na luz trêmula, quando a lenha nova se acendeu num clarão, Frodo viu muitas formas cinzentas pularem por sobre o círculo de pedras. Muitas outras as seguiram. Na garganta de um líder corpulento, Aragorn enterrou sua espada; com um grande impulso, Boromir decepou a cabeça de um outro. Ao lado deles, Gimli se postava com as robustas pernas abertas brandindo seu machado de anão. O arco de Legolas cantava.

Na luz inconstante do fogo, Gandalf pareceu crescer de repente ergueu-se, numa grande figura ameaçadora, como o monumento de algum rei antigo de pedra, colocado sobre uma colina. Agachando-se como uma nuvem, ele levantou um feixe em chamas e caminhou em direção aos lobos, que recuaram. Jogou o feixe flamejante no ar a uma grande altura, A lenha fulgurou numa radiação súbita e branca, semelhante a um raio, e ouviu-se sua voz, estrondosa como um trovão.

— *Naua an edraith ammen! Naur dan i ngaurhoth!* — gritou ele. Houve um estrondo e um estalo, e a árvore sobre ele explodiu em folhas e botões de

fogo que cegavam os olhos. O fogo atingiu, uma a uma, as copas das árvores. Toda a colina estava coroada por uma luz ofuscante. As espadas e facas do defensores brilhavam e faiscavam.

A última flecha de Legolas se acendeu em chamas quando cruzou (ar, e queimando atingiu o coração de um grande chefe dos lobos. Todos os outros fugiram.

Lentamente, o fogo foi se extinguindo, até não sobrar nada além de cinzas e brasas; uma fumaça amarga se enrolava sobre os troncos das árvores, subindo da colina, escura, enquanto a primeira luz da aurora aparecia pálida no céu. Os inimigos tinham sido expulsos e não retornaram.

— O que eu disse ao senhor, Sr. Pippin? — disse Sam, embainhand sua espada. — Os lobos não vão pegar o Sr. Gandalf. Aquilo foi um avis sem dúvida! Quase chamuscou meu cabelo!

Quando a luz da manhã apareceu completamente, não se viam sinais dos lobos, e eles procuraram em vão os corpos dos mortos. Nenhum vestígic da fuga permanecia, a não ser pelas árvores carbonizadas e as flechas de Legolas espalhadas pelo topo da colina. Todas estavam perfeitas, excet uma, da qual só sobrara a ponta.

— É como eu temia — disse Gandalf. — Estes não eram lobo comuns, caçando comida no ermo. Vamos comer rápido e partir! Naquele dia, o tempo mudou de novo, quase como se estivesse sob o comando de um poder que não via mais utilidade na neve, já que a Comitiva tinha — se retirado da passagem, um poder que desejava agora uma luz clara, na qual os seres que se movessem nas terras desertas pudessem ser vistos de longe.

O vento estivera mudando seu curso de Norte para Noroest durante a noite, e agora tinha parado. As nuvens desapareceram em direção ao Sul, O Céu se abria, alto e azul. Quando pararam na encosta d colina, prontos para partir, a luz pálida do sol reluzia sobre os topos das montanhas,

— Temos de chegar às portas antes do pôr-do-sol — disse Gandalf —, ou receio que não possamos chegar até elas de forma alguma. Não é longe, mas nosso caminho pode ser cheio de curvas, pois nesta região Aragorn nãc pode nos guiar, raramente ele andou por aqui, e apenas uma vez eu estive sob a parede Oeste de Moria, e isso foi há muito tempo.

— Ali está a estrada — disse ele, apontando para o Sudeste, onde as encostas das montanhas desciam íngremes até a sombra de seus pés. Na distância, via-se uma fileira apagada de penhascos nus, e no meio deles, mais alta que o resto, uma grande parede cinzenta. — Quando deixamos a passagem, levei vocês na direção Sul, e não de volta ao ponto de partida, como alguns de vocês podem ter notado. Foi bom que fiz isso, pois agora temos muito menos milhas a atravessar, e estamos com pressa. Vamos!

— Não sei o que desejar — disse Boromir, austero, — Que Gandal encontre o que procura, ou que chegando ao penhasco encontremos os portões perdidos para sempre. Todas as escolhas parecem ruins, e sermos capturados entre os lobos e a parede parece a chance mais provável. Vá na frente! Gimli agora caminhava ao lado do mago. De tão ansioso que estava por chegar em Moria, Juntos conduziam a Comitiva de volta, em direção à montanhas . A comprida estrada que antigamente conduzia a Moria vindo do Oeste se estendia ao longo do curso de um rio, o Sirannon, que saía da base dos penhascos, perto de onde ficavam as portas. Mas, ou Gandal estava perdido ou então o terreno tinha mudado nos últimos anos, pois ele não atingiu o rio onde esperava encontrá-lo, apenas a algumas milhas de onde tinham partido.

A manhã já avançava em direção ao meio-dia, e ainda a Comitiva vagava aos tropeços num terreno deserto de pedras vermelhas. Em nenhum lugar puderam ver qualquer brilho de água ou ouvir o som dela. E tudo estava desolado e seco.

Sobreveio o desânimo. Não viam nenhum ser vivo, e não havia sequer um pássaro no céu; mas o que a noite traria, se os pegasse naquela terra perdida, nenhum deles queria pensar.

De repente, Gimli, que se tinha apressado à frente dos outros, voltou-se, chamando-os, Estava em pé sobre um rochedo, e apontava para a direita.

Subindo depressa, eles viram lá embaixo um canal fundo e estreito. Estava vazio e silencioso, e apenas um fio de água corria entre as pedras do leito, manchadas de vermelho e marrom; mas na margem mais próxima havia uma trilha, bastante obstruída e estragada, que seguia seu caminho desenhando curvas, por entre as paredes e as pedras que pavimentavam

uma antiga estrada.

— Ah! Aqui está finalmente! — disse Gandalf. — É aqui que o ri corria. Sirannon, o Riacho do Portão, costumavam chamá-lo. Mas o qu aconteceu à água, não posso imaginar, costumava ser veloz e ruidosa. Venham! Precisamos nos apressar! Estamos atrasados.

A Comitiva tinha os pés doloridos e todos estavam cansados; ma foram caminhando com dificuldade ao longo da trilha acidentada e tortuosa por muitas milhas.

O sol já descia em direção ao Oeste. Depois de uma parada rápida uma refeição apressada, partiram novamente. Diante deles, as montanhas se erguiam severas, mas a trilha pela qual seguiam se estendia sobre um vaio fundo, e eles só conseguiam ver as saliências mais altas, e os picos distantes ao Leste.

Finalmente, atingiram uma curva fechada. Ali a estrada, que ante estivera desviando seu curso para o Sul, entre a borda do canal e uma queda abrupta do terreno a esquerda, virava e voltava a rumar para o Leste. Contornando a curva, eles viram adiante um penhasco baixo, de uns dez metros de altura, com o topo quebrado em várias pontas, Por ele um fio de água escoava aos pingos, através de uma fenda larga que parecia ter sido formada por uma cachoeira que havia sido antes forte e caudalosa.

— De fato, as coisas mudaram! — disse Gandalf — Mas não h duvida quanto ao lugar. Ali está tudo o que sobrou da Cachoeira da Escada Se me lembro bem, havia um lance de degraus cortados na rocha ao lado, mas a estrada principal contornava pela esquerda e subia dando várias voltas até a Planície no topo.

Havia um vale raso além da cachoeira, que conduzia direto para as Muralhas de Moria, e o Sirannon corria ao lado, acompanhado pela estrada Vamos ver como as coisas estão agora! Encontraram os degraus de pedra sem dificuldade, e Gimli os subiu rapidamente, seguido por Gandalf e Frodo. Quando chegaram ao topo, perceberam que não poderiam continuar por ali, e a razão para a extinção do riacho foi revelada.

Atrás deles, o sol que se punha enchia o frio céu do Oeste de ourc reluzente. À frente, se espalhava um lago escuro e parado. Nem o céu, nem o pôr-do-sol refletiam-se em sua superfície sombria.

O Sirannon tinha sido represado, e suas águas enchiam agora todo o vale.

Além da água agourenta erguiam-se vastos penhascos, cujas encostas austeras estavam pálidas na luz minguante: impossíveis de se atravessar.

Frodo não pôde ver qualquer sinal de portão ou entrada, nem uma fissura ou fenda na rocha hostil.

— Ali estão as Muralhas de Moria — disse Gandalf, apontando em direção à outra margem da água. — E ali ficava o Portão, outrora, a Porta Élfica no final da estrada que vinha de Azevim, pela qual viemos. Mas este caminho está bloqueado. Ninguém da Comitiva, eu acho, estaria disposto a nadar nessa água sombria no fim do dia. Tem uma aparência maligna.

— Devemos achar uma passagem contornando a encosta Norte — disse Gimli. — A primeira coisa que a Comitiva tem a fazer é escalar pelo caminho principal e ver aonde ele nos conduzirá. Mesmo que não houvesse o lago, não poderíamos levar nosso pônei com as bagagens por esta escada.

— Mas de qualquer modo, não podemos levar o pobre animal para dentro das Minas — disse Gandalf. — O caminho sob as montanhas é um caminho escuro, e há lugares estreitos e íngremes pelos quais ele não poderá passar, mesmo que nós consigamos.

— Pobre Bill — disse Frodo. — Não tinha pensado nisso. E pobre Sam. Fico pensando no que ele vai dizer.

— Sinto muito — disse Gandalf — O pobre Bill tem sido um companheiro útil, e corta meu coração pensar que devemos soltá-lo agora. Eu preferia ter viajado com menos bagagens e não ter trazido animal algum, e menos ainda este, do qual Sam gosta tanto, se tivesse podido escolher. Durante todo o tempo receei que teríamos de tomar esta estrada.

O dia chegava ao fim, e estrelas frias cintilavam no céu acima do sol poente, quando a Comitiva, na maior velocidade possível, subia as encostas e atingia a margem do lago. Sua largura parecia não ultrapassar quatrocentos ou seiscentos metros no ponto mais amplo. A que distância ele se estendia em direção ao Sul não podiam ver na luz que se apagava, mas a extremidade Norte não ficava a mais de meia milha de onde estavam, e entre as bordas rochosas que envolviam o vale e a beira da água havia um trecho de chão aberto. Todos se apressaram, pois tinham ainda uma ou duas

milhas para caminhar antes de chegarem ao ponto na margem oposta, para o qual Gandalf se dirigia; depois disso, ele ainda teria de encontrar as portas.

Quando chegaram ao ponto mais distante do lado Norte do lago encontraram um riacho estreito que lhes barrava o caminho. Era verde e estagnado, estendido como um braço limboso em direção às colinas que cercavam o lugar. Gimli foi à frente sem medo, e descobriu que a água era rasa, chegando apenas à altura dos tornozelos na beirada. Atrás dele, foram todos em fila, pisando com cuidado, pois sob as poças cobertas de vegetação havia pedras escorregadias e pisar ali era perigoso. Frodo estremeceu enojado, ao sentir o toque da água suja em seus pés.

No momento em que Sam, o último da Comitiva, conduzia o pône para o terreno seco do outro lado, houve um ruído baixo: um zunido, seguido de outro barulho, como se algo tivesse caído na água, ou como se um peixe tivesse perturbado a superfície parada da água. Voltando-se rápido, viram ondas, negras sob a luz que enfraquecia: grandes círculos se expandiam a partir de um ponto distante dentro do lago. Houve um barulho de bolhas, e depois silêncio. A escuridão aumentava, e os últimos brilhos do sol foram velados por nuvens.

Gandalf agora forçava um passo rápido, e os outros o seguiam o mais rápido que conseguiam. Alcançaram a tira de terra seca entre o lago e os penhascos: era estreita, geralmente de uma largura que não chegava a doze metros, e cheia de rochas e pedras caídas; mas eles encontraram um caminho, agarrando-se ao penhasco, e mantendo a maior distância possível da água escura. Uma milha mais ao Sul ao longo da praia, encontraram azevinhos. Tocos e ramos mortos apodreciam nas partes mais rasas; ao que parecia, restos de antigas moitas, ou de uma cerca-viva que certa vez teria emoldurado a estrada através do vale submerso. Mas próximas ao penhasco ainda havia, fortes e vivas, duas árvores altas, mais altas que qualquer azevinheiro que Frodo jamais tinha visto ou imaginado. As grandes raízes se espalhavam da rocha até a água. Sob os imponentes penhascos, tinham parecido meros arbustos, quando vistas à distância, do topo da Escada. Mas agora se erguiam acima das cabeças, rígidas, escuras e silenciosas, jogando profundas sombras noturnas em volta de seus pés, eretas como pilares feito sentinelas no final da estrada.

— Bem, finalmente estamos aqui — disse Gandalf. — Aqui termina o Caminho dos Elfos de Azevim. O Azevinho era o símbolo do povo daquel terra, e eles o plantaram aqui para marcar o fim de seu domínio, pois a Porta Oeste foi feita principalmente para ser usada por eles em seu comércio com os Senhores de Moria. Aqueles foram dias mais felizes, quando havia aind uma forte amizade entre povos de raças diferentes, até mesmo entre anões e elfos.

— Não foi por culpa dos anões que a amizade acabou — disse Gimli.

— Nunca soube que tenha sido culpa dos elfos — disse Legolas.

— Ouvi as duas coisas — disse Gandalf —, e não vou fazer um julgamento agora. Mas peço a vocês dois, Legolas e Gimli, que pelo meno sejam amigos, e que me ajudem. Preciso de ambos. As portas estão fechadas e escondidas, e quanto mais rápido as encontrarmos, melhor. A noite está chegando.

Voltando-se para os outros, ele disse:

— Enquanto procuro, vocês poderiam se aprontar para entrar nas Minas? Pois aqui receio que devamos dizer adeus ao nosso bom animal de carga. Devem deixar de lado a maior parte das coisas que trouxemos contra o clima mais rigoroso: não vão precisar delas lá dentro, e nem, espero, quando tivermos atravessado e avançarmos para o Sul. No lugar dessa bagagem, cada um de vocês deve pegar uma parte do que o pônei vinha carregando, especialmente a comida e os frascos de água.

— Mas não podemos deixar o pobre e velho Bill para trás neste lugar abandonado, Sr. Gandalf. — gritou Sam, furioso e aflito. — Não vou permitir isso, e ponto final! Depois de ele ter vindo até aqui e tudo mais!

— Sinto muito, Sam — disse o mago. — Mas quando a Porta se abri acho que você não vai conseguir puxar o seu Bill para dentro. Terá de escolher entre Bill e seu patrão. Ele seguiria o Sr. Frodo até dentro d caverna de um dragão, se eu permitisse — protestou Sam. — Não faria nenhuma diferença matá-lo ou soltá-lo aqui, com todos esses lobos rondando.

— Espero que faça alguma diferença — disse Gandalf, colocando a mão sobre a cabeça do pônei, e falando em voz baixa. — Vá e leve consigo palavras de proteção e orientação — disse ele. — Você é um animal sábio, e

aprendeu muito em Valfenda. Faça seu caminho por lugares onde possa achar capim, e desse modo chegue em tempo à casa de Elrond, ou a qualquer lugar aonde deseje ir.

— Olhe, Sam! Ele vai ter exatamente a mesma chance que nós de escapar dos lobos e chegar em casa.

Sam ficou parado obstinadamente ao lado do pônei, sem responder nada.

Bill, parecendo entender bem o que estava acontecendo, aproximou-se dele, colocando o focinho perto da orelha de Sam. Sam rompeu em lágrimas, soltando as correias e descarregando todas as mochilas do pônei, jogando -as no chão. Os outros escolheram as coisas, fazendo uma pilha de tudo o que poderia ser deixado para trás, e dividindo o resto entre si.

Quando terminaram de fazer isso, voltaram-se para Gandalf. Ele parecia não ter feito nada. Estava parado entre as duas árvores, olhando fixamente a parede lisa do penhasco, como se fosse perfurá-la com os olhos. Gimli andava de um lado para o outro, batendo na pedra aqui e ali com seu machado.

Legolas se encostava contra a parede, como se tentasse escutar alguma coisa.

— Bem, aqui estamos nós, todos prontos — disse Merry. — Mas onde estão as Portas? Não vejo qualquer sinal delas.

— As Portas dos Anões não são feitas para ficarem visíveis quando fechadas — disse Gimli. — São invisíveis, e nem mesmo seus donos podem encontrá-las ou abri-las, se seu segredo for esquecido.

— Mas esta Porta não foi feita para ser um segredo conhecido apenas pelos anões — disse Gandalf, de repente voltando ao normal e virando -se para os outros. — A não ser que as coisas estejam completamente mudadas, olhos que sabem o que procurar podem encontrar os sinais.

Andou para frente, em direção à parede. Exatamente no meio da sombra das árvores havia uma superfície lisa, sobre a qual ele passou suas mãos de um lado para o outro, murmurando palavras num tom baixo. Então recuou outra vez.

— Olhem! — disse ele. — Podem ver alguma coisa agora? A lua agora brilhava sobre a face cinza da pedra; mas os outros não puderam ver mais

nada por um tempo. Então, lentamente, sobre a superfície, onde as mãos dc mago tinham passado, linhas claras apareceram, como veias finas de prata correndo na pedra. No início, não passavam de uma teia de prata, tão fina que apenas piscava oscilante nos pontos onde a luz da lua batia, mas gradativamente as linhas ficavam mais largas e visíveis, até que se pôde adivinhar o desenho que formavam.

Na parte superior, numa altura que o braço de Gandalf podia alcançar, via-se um arco de letras entrelaçadas, letras que pertenciam à língua dos elfos. Abaixo, embora as linhas estivessem em alguns pontos borradas e quebradas, podia-se ver o contorno de uma bigorna e um martelo, abaixo de uma coroa com sete estrelas. Abaixo destas estavam duas árvores, cada uma carregando luas crescentes, Mais nítida que todo o resto brilhava, bem no meio da porta, uma única estrela com muitas pontas.

— Lá estão os emblemas de Durin! — gritou Gimli.

— E ali está a Árvore dos Altos-elfos! — disse Legolas.

— E a Estrela da Casa de Fëanor — disse Gandalf — Estão gravados em ithildin, que reflete apenas a luz do sol e a da lua, e fica adormecido até que seja tocado por uma pessoa que pronuncie palavras há muito esquecidas na Terra -média. Faz tempo que as ouvi, e tive de pensar muito antes de trazê-las de volta à mente.

— Que diz a inscrição? — perguntou Frodo, que tentava decifrar a inscrição no arco, — Pensei conhecer as letras dos elfos, mas não consigo ler estas.

— As palavras estão na língua élfica do Oeste da Terra -média dos Dias Antigos — respondeu Gandalf. — Mas não dizem nada de importante para nós. Dizem apenas: As Portas de Durin, Senhor de Moria. Fale, amigo, entre. E abaixo está escrito, em letras pequenas e apagadas: Eu, Narvi, as fiz Celebribor de Azevim desenhou estes sinais.

— Que quer dizer a frase fale, amigo, e entre? — perguntou Merry.

— Exatamente isso! — disse Gimli. — Se você é amigo, pronuncie a palavra secreta, e as portas se abrirão, e você poderá entrar.

— Sim — disse Gandalf —, estas portas provavelmente são comandadas por palavras. Alguns dos portões dos anões só se abrem em ocasiões especiais, apenas para pessoas determinadas, e alguns ainda têm fechaduras e chaves que são indispensáveis, mesmo quando as ocasiões e as palavras necessárias são conhecidas. Estas portas não têm chave. Nos dias de Durin, não eram secretas. Geralmente ficavam abertas, e guardas ficavam aqui a postos. Mas se estivessem fechadas, qualquer um que conhecesse a palavra correta poderia pronunciá-la e entrar. Pelo menos assim registrou a história, não é, Gimli?

— É sim — disse o anão. — Mas ninguém se lembra da palavra. Narvi, seu ofício e todo seu povo desapareceram da terra.

— Mas você sabe a palavra, Gandalf? — perguntou Boromi surpreso.

— Não! — disse o mago.

Os outros olharam desolados; apenas Aragorn, que conhecia ben Gandalf, permaneceu em silêncio e imóvel.

— Então, de que adiantou nos trazer até este ponto maldito? — gritou Boromir, voltando-se para olhar a água com um calafrio. — Disse-no que uma vez tinha passado através das Minas. Como pode ser, se você nãc sabia como entrar?

— A resposta à sua primeira questão, Boromir — disse o mago —, e que eu não sei a palavra, ainda. Mas logo veremos. E — acrescentou ele con um brilho nos olhos sob as sobrancelhas grossas — você pode perguntar qual a utilidade de meus feitos quando eles demonstram ser inúteis. Quanto à sua segunda pergunta: duvida do que contei? Ou não lhe sobra nenhuma inteligência? Eu não entrei por aqui. Vim pelo Leste.

— Se quiser saber, vou dizer que essas portas se abrem para fora. De dentro, pode-se abri-las com as mãos. De fora, nada poderá movê-las, a não ser o encanto de comando. Não se pode forçá-las para dentro.

— Que vai fazer então? — perguntou Pippin, não se assustando con as sobrancelhas grossas do mago.

— Bata nas portas com a cabeça, Peregrin Túk — disse Gandalf - Mas se isso não as abalar, e se me permitirem um pouco de paz, sem perguntas tolas, procurarei as palavras para abri-la.

— Certa vez eu sabia todos os encantamentos em todas as línguas, de elfos, homens ou orcs, que eram usados para esse propósito. Ainda possc lembrar um grande número desses encantamentos sem ter de vasculhar minha mente. Mas serão necessárias apenas algumas tentativas, eu acho, e não precisarei chamar Gimli para lhe perguntar as palavras secretas dos anões que eles não ensinam a ninguém. As palavras secretas eram élficas, como a inscrição no arco: isso parece certo.

Voltou-se para o rochedo outra vez, e tocou de leve com o cajado a estrela de prata que ficava no meio, abaixo do sinal da bigorna.

— *Annon edhellen, edro hi ammen! Fennas nogothrim, lasto beth lammen!*, — disse ele numa voz de comando. As linhas de prata desapareceram, mas a pedra cinzenta não se moveu.

Muitas vezes repetiu essas palavras em ordem diferente, ou variando-as.

Então tentou outros encantamentos, um após o outro, falando algumas vezes mais rápido e alto, outras vezes baixo e devagar. Depois pronunciou muitas palavras isoladas, da língua dos elfos. Nada aconteceu.

O penhasco se erguia na escuridão, as incontáveis estrelas estavam acesas, o vento soprava frio, e as portas continuavam cerradas.

Mais uma vez, Gandalf se aproximou da parede rochosa, e levantando a voz falou em tons de comando e ira crescente.

— Edro, edro! — Gritava ele, e batia na pedra com o cajado. —Abra abra!

Berrou, e pronunciou o mesmo comando em todas as línguas que já tinha falado no Oeste da Terra-média. Depois jogou o cajado no chão e sentou-se em silêncio.

Naquele momento, o vento começou a trazer, de um ponto distante, até seus ouvidos atentos, o uivo de lobos. Bill, o pônei, teve um sobressalto, e Sam pulou para perto dele, sussurrando baixinho aos seus ouvidos.

— Não o deixe fugir! — disse Boromir. — Parece que vamos precisar dele ainda, se os lobos não nos acharem. Como eu odeio esse lago nojento! Abaixou-se e, pegando uma pedra grande, jogou-a longe para dentro da água escura.

A pedra desapareceu com um ruído abafado, mas, no mesmo instante, ouviu-se um zunido e água borbulhando. A superfície da água se encrespou em grandes círculos, que se originavam no ponto onde a pedra havia caído, e que se aproximavam lentamente do pé do penhasco.

— Por que fez isso, Boromir? — perguntou Frodo. — Também odeio este lugar, e estou com medo. Não sei do quê: não é dos lobos, ou do escuro que nos espera atrás das portas, mas de alguma outra coisa. Tenho medo do lago. Não o incomode!

— Gostaria que pudéssemos sair deste lugar — disse Merry.

— Por que Gandalf não faz alguma coisa logo? — disse Pippin

Gandalf não prestava atenção neles. Estava sentado, com a cabeça curvada. Ou em desespero ou num pensamento ansioso. Ouviu-se outra vez o uivo lamentoso dos lobos. Os círculos na água cresciam e chegavam mais perto; alguns já batiam contra a margem.

Num rompante, assustando a todos, o mago pulou de pé. Estava rindo!

— Consegui! — gritou ele. — É claro, é claro! Absurdamente simples como a maioria dos enigmas quando você descobre a resposta.

Pegando o cajado, parou diante da porta e disse numa voz clara: Mellon! A estrela brilhou por uns instantes e desapareceu outra vez. Então silenciosamente, surgiu o contorno de um grande portal, embora nenhuma fenda ou fissura estivesse visível antes. Dividiu-se ao meio e se abriu para fora, pouco a pouco, até que ambas as portas se encostaram contra a parede rochosa. Através da abertura, podia-se ver uma escada sombria, subindo inclinada; mas além dos degraus mais baixos, a escuridão era mais profunda que a noite. A Comitiva observava, estupefata.

— No fim, eu estava errado — disse Gandalf. — E Gimli também Merry, quem diria, estava na pista certa. A palavra secreta estava inscrita no arco o tempo todo! A tradução correta era: Diga "Amigo" e entre. Eu só tinha de pronunciar a palavra élfica correspondente a amigo e as portas se abririam. Simples demais para um erudito mestre nas tradições nestes dias suspeitos. Aqueles eram tempos mais felizes. Agora vamos!

Foi na frente, e colocou o pé no primeiro degrau. Mas, nesse momento, várias coisas aconteceram. Frodo sentiu algo agarrá-lo pelo tornozelo, e caiu com um grito.

Bill, o pônei, soltou um relincho alucinado de medo e, virando-se, disparou margeando o lago, para dentro da escuridão. Sam se atirou no encalço dele e então, ouvindo o grito de Frodo, correu de volta, gritando e praguejando. Os outros se voltaram e viram as águas do lago fervilhando, como se um exército de serpentes viesse nadando da extremidade sul.

Um longo e sinuoso tentáculo tinha saído da água; era de um verde-claro, luminoso e úmido. A extremidade em forma de dedos prendera o pé de Frodo, e agora o arrastava para dentro da água. Sam, de joelhos, golpeava a garra com uma faca.

O braço soltou Frodo, e Sam o puxou para fora, gritando por socorro.

Vinte outros braços apareceram, avançando na direção dele e se agitando.

A água escura fervia, e um cheiro medonho se espalhava no ar.

— Para dentro! Subam a escada! Rápido! — gritou Gandalf, puland para trás. Despertando-os do terror que parecia ter aprisionado ao solo os pés de todos, com a exceção de Sam, conduziu-os adiante.

Quase não deu tempo. Sam e Frodo tinham subido apenas algun degraus, e Gandalf mal começava a subir a escada, quando os tentáculos ávidos serpentearam em direção à margem estreita e tatearam a parede do rochedo e as portas. Um deles chegou meneando até a entrada da passagem, reluzindo à luz das estrelas.

Gandalf se voltou e parou. Se estava pensando numa palavra para fechar a porta outra vez, de dentro, não havia necessidade. Muitos braços sinuosos se agarraram às portas dos dois lados, e com uma força terrível as empurraram. Com um eco ensurdecedor elas se fecharam, e perdeu-se toda a luminosidade. Através da rocha sólida ouvia-se o ruído de algo se quebrando, ou sendo rasgado.

Sam, pendurado ao braço de Frodo, tropeçou num degrau devido à escuridão negra.

— Pobre Bill — disse Sam numa voz sufocada. — Pobre Bill, lobos serpentes! Mas as serpentes foram demais para ele. Tive de escolher, Sr Frodo. Tinha de vir com o senhor.

Escutaram Gandalf voltar descendo os degraus, e bater nas portas com o cajado. Houve um tremor na pedra e a escada oscilou, mas as portas não se abriram.

— Muito bem! — disse o mago. — A passagem atrás de nós está bloqueada agora, e só existe uma saída do outro lado das montanhas. Receio, pelos ecos, que haja um monte de pedras contra o portão e que as árvores tenham sido arrancadas e atravessadas diante dele. Sinto muito, pois eram bonitas e estavam ali havia muito tempo.

— Senti que algo horrível estava próximo desde o primeiro momento em que meu pé tocou a água — disse Frodo. — O que era aquela coisa, ou havia muitas delas?

— Não sei — respondeu Gandalf —, mas os braços estavam todos sendo guiados por um único propósito. Alguma coisa se arrastou, ou foi trazida para fora das águas escuras sob as montanhas. Existem seres mais velhos e repugnantes que os orcs nos lugares profundos do mundo. — Não falou em voz alta o que estava pensando: que qualquer que fosse a criatura habitante daquele lago, ela tinha agarrado Frodo antes de qualquer outro.

Boromir murmurou em voz baixa, mas o eco da rocha amplificou o som para um sussurro alto que todos puderam escutar:

— Nos lugares profundos do mundo! E para ali estamos indo, contra minha vontade. Quem agora vai nos guiar nessa escuridão mortal?

— Eu — disse Gandalf —, e Gimli deve caminhar ao meu lado. Sigam meu cajado! Quando o mago avançou subindo os degraus largos, ergueu seu cajado, de cuja ponta emanou uma irradiação fraca. A ampla escada era segura e não estava danificada. Contaram duzentos degraus, largos e rasos; no topo encontraram uma passagem em arco, sobre um chão plano conduzindo para dentro da escuridão.

— Vamos nos sentar para descansar e comer alguma coisa, aqui neste patamar, já que não achamos uma sala de jantar — disse Frodo, que agora parava de tremer do susto provocado pelo braço que o agarrara, e subitamente sentiu uma fome enorme.

A proposta foi bem recebida por todos; sentaram-se nos degraus mais altos, figuras apagadas na escuridão. Depois de comerem, Gandalf deu a todos um terceiro gole do miruvor de Valfenda.

— Receio que não dure por muito mais tempo — disse ele. — Mas acho que precisamos de um pouco, depois do pavor que passamos na entrada. E, a não ser que tenhamos muita sorte, vamos precisar de todo o resto antes de atingirmos o outro lado! Tenham cuidado com a água também! Há muitos riachos e poços nas Minas, mas não devem ser tocados. É possível que não tenhamos oportunidade de encher nossos frascos e garrafas até descermos para o Vale do Riacho Escuro.

— Quanto tempo vai demorar para chegarmos lá?

— Não posso dizer — disse Gandalf. — Depende de muitas coisas. Mas indo em linha reta, sem errar o caminho, pode levar três ou quatro marchas, eu acho. Não deve haver menos de quarenta milhas entre o

Portão Oeste e o Portão Leste, em linha reta, e a estrada pode ter muita curvas.

Logo depois de um breve descanso, começaram a caminhar outra vez. Todos estavam ansiosos para terminar a viagem o mais rápido possível, e dispostos, cansados como estavam, a continuar a marcha ainda por várias horas. Gandalf ia na frente como antes. Na mão esquerda segurava o cajado reluzente, cuja luz mostrava apenas o chão diante de seus pés. Na mão direita carregava a espada Glamdring. Atrás vinha Gimlli, com os olhos faiscando na luz fraca, enquanto virava a cabeça de um lado para outro. Atrás do anão caminhava Frodo, que tinha retirado da bainha sua espada, Ferroada. Nenhum brilho emanava das lâminas de Ferroada e Glamdring, isso já era algum consolo, pois, sendo o trabalho de ferreiros élficos dos Dias Antigos, essas espadas brilhariam com uma luminosidade fria, se algum orc estivesse próximo.

Atrás de Frodo ia Sam, e depois deste Legolas, e os jovens hobbits, e Boromir. Na escuridão atrás destes, austero e silencioso, caminhava Aragorn.

A passagem fez algumas curvas, e depois começou a descer. Continuou constantemente para baixo por um tempo, antes de ficar plana de novo.

O ar ficou quente e abafado, mas não era desagradável, e algumas vezes eles sentiam no rosto correntes de ar mais fresco, que vinham de aberturas semi-ocultas nas paredes. Havia muitas dessas aberturas. No raio pálido do cajado do mago, Frodo via de relance escadas e arcos, além de outras passagens e túneis, que se dirigiam para cima, ou desciam abruptamente, ou se abriam numa escuridão vazia de ambos os lados. Qualquer u m ficaria desnorteado. Gimli era de pouca ajuda para Gandalf, e não ser por sua vigorosa coragem. Pelo menos não se incomodava, ao contrário dos outros, com a escuridão em si.

Frequentemente, o mago o consultava em pontos onde a escolha de caminhos era duvidosa, mas era sempre Gandalf quem dizia a última palavra. As Minas de Moria eram vastas e intrincadas, mais do que podia conceber a imaginação de Gimli, filho de Glóin, embora fosse um anão da raça das montanhas. Para Gandalf, as lembranças de uma viagem realizada há muito tempo eram agora de pouca ajuda, mas mesmo na escuridão, e

apesar de todas as curvas da estrada, ele sabia aonde desejava ir, e não vacilou, enquanto havia um caminho que conduzia na direção de seu objetivo.

— Não tenham medo — disse Aragorn. Estavam fazendo uma paus mais longa do que costumavam, e Gandalf e Gimli conversavam em voz baixa; os outros estavam reunidos mais atrás, esperando ansiosos. — Não tenham medo! Estive com ele em muitas viagens, apesar de nunca ter participado de uma jornada tão escura; há histórias em Valfenda que contam coisas que ele fez, maiores que quaisquer outras que já vi. Ele não vai se perder, se houver um caminho para se encontrar. Trouxe-nos aqui contra nossos temores, mas nos conduzirá para fora, a qualquer preço que precise pagar. É mais provável ele encontrar o caminho de casa numa noite cega do que os gatos de Rainha Berúthiel.

Para a Comitiva, era bom ter um guia assim. Eles não tinham combustível, nem qualquer jeito de acender tochas; na fuga desesperada pela passagem, muitas coisas tinham sido abandonadas. Mas sem qualquer luz, logo teriam fracassado. Não só havia muitas estradas para escolher, mas também em muitos pontos havia buracos e alçapões, e poços escuros ao lado do seu caminho, nos quais seus pés ecoavam conforme iam passando. Havia fissuras e rachaduras nas paredes e no chão, e de quando em quando uma fenda se abria bem diante de seus pés. A mais larga delas tinha Mais de dois metros de largura, e demorou muito até que Pippin conseguisse criar coragem para saltar sobre aquele vazio aterrorizante. O barulho da água se agitando subia lá debaixo, como se alguma roda de moinho estivesse virando nas profundezas.

— Corda! — murmurou Sam. — Sabia que ia me arrepender se não a trouxesse.

À medida que esses perigos ficavam mais freqüentes, a marcha tornava-se mais lenta. Já lhes parecia que estavam andando sempre em frete, num caminho sem fim que conduzia às raízes da montanha. Estavam mais que cansados, e mesmo assim não parecia haver consolo na ideia de pararem em qualquer lugar.

O ânimo de Frodo se elevara um pouco depois da escapada, e depois de comer algo e tomar um gole da bebida; mas agora uma forte inquietude,

que chegava às raias do medo, tomava conta dele outra vez. Embora em Valfenda tivesse sido curado do golpe de faca, esse ferimento cruel não deixara de ter efeitos. Os sentidos de Frodo estavam mais aguçados e sensíveis a coisas que não se podiam ver. Um sinal de mudança de que logo teve consciência foi o fato de poder enxergar mais no escuro que qualquer um de seus companheiros, talvez com exceção de Gandalf. E, de qualquer forma, ele era o Portador do Anel: estava pendurado na corrente que lhe pendia do pescoço, e às vezes parecia um fardo pesado. Frodo tinha certeza do perigo que o esperava à frente, e do perigo que o seguia, mas não dizia nada. Segurou mais firme no punho de sua espada e foi em frente, obstinado.

A Comitiva atrás dele raramente falava, e mesmo assim em sussurros apressados. Não havia ruído além do ruído de seus próprios pés; os passos pesados e monótonos das botas de anão de Gimli; o pisar forte de Boromir, os passos leves de Legolas; as batidas suaves, quase inaudíveis dos pés dos hobbits, e atrás os pés lentos e firmes de Aragorn, com seu passo largo. Quando paravam por uns instantes, não se ouvia nada, a não ser ocasionalmente o ruído distante de água correndo ou gotejando, invisível. Mesmo assim, Frodo começou a ouvir, ou a imaginar que ouvia, alguma outra coisa: semelhante a passos de pés macios e descalços.

O som nunca estava alto o suficiente, nem próximo o suficiente, para que Frodo tivesse certeza do que escutava; mas, uma vez começado, nunca cessava, enquanto a Comitiva estivesse em movimento.

Mas não era um eco, pois quando paravam o som dos passos continuava por uns instantes, sozinho, e então silenciava.

Já era noite quando haviam entrado nas Minas. Tinham caminhado por várias horas, fazendo apenas paradas rápidas, quando Gandalf deparou COM seu primeiro grande teste.

Diante dele estava um arco amplo e escuro, que se abria para três passagens: todas conduziam mais ou menos para a mesma direção, o Leste, mas a passagem à esquerda descia vertiginosamente, enquanto a da direita subia, e o caminho do meio parecia continuar, suave e plano, mas muito estreito.

— Não me lembro de modo algum deste lugar! — disse Gandalf

parando indeciso sob o arco. Levantou o cajado na esperança de haver alguma marca ou inscrição que pudesse ajudá-lo em sua escolha, mas nada disso apareceu. — Estou cansado demais para decidir — disse ele, balançando a cabeça. — E suponho que todos vocês estejam tão cansados quanto eu, ou ainda mais cansados. É melhor pararmos aqui pelo resto da noite. Sabem o que quero dizer! Aqui está sempre escuro, mas lá fora a lua tardia já se dirige para o Oeste, e a meia-noite já passou.

— Pobre Bill! — disse Sam. — Fico imaginando onde estará. Espero que aqueles lobos ainda não o tenham capturado.

À esquerda do grande arco, encontraram uma porta de pedra: estava parcialmente fechada, mas se abriu facilmente a um leve empurrão. Atrás dela parecia haver um quarto, cortado na rocha.

— Calma! Calma! — gritou Gandalf, quando Merry e Pippin empurraram a porta para frente, felizes por encontrar um lugar onde poderiam descansar com pelo menos um pouco mais de sensação de abrigo do que na passagem aberta. — Calma! Vocês ainda não sabem o que está a dentro. Vou na frente.

Entrou com cuidado, e os outros fizeram uma fila atrás.

— Aí está! — Disse ele apontando com o cajado para um ponto no meio do chão. Diante deles, viram um buraco grande e redondo, como a boca de um poço. Correntes quebradas e enferrujadas estavam caídas sobre a borda, e desciam pelo poço negro. Ao redor estavam fragmentos de pedra.

— Um de vocês poderia ter caído, e agora ainda estaria imaginando quando iria chegar ao fundo — disse Aragorn para Merry. — Deixem que o guia vá na frente, enquanto vocês ainda têm um.

— Este lugar parece ter sido uma guarita, feita para que as três passagens fossem vigiadas — disse Gimli. — É fácil perceber que aquele buraco foi um poço para o uso dos guardas, coberto com uma tampa de pedra. Mas a tampa está quebrada, e todos nós devemos nos precaver no escuro.

Pippin se sentiu curiosamente atraído pelo poço. Enquanto os outros estavam desenrolando cobertores e preparando leitos próximos às paredes da sala, o mais longe possível do buraco no chão, ele se arrastou até a borda e espiou lá dentro.

Um ar frio pareceu bater em seu rosto, subindo de profundezas invisíveis.

Movido por um súbito impulso, ele tateou o chão procurando uma pedra solta, deixando-a cair no poço. Sentiu o coração bater moitas vezes antes que se ouvisse qualquer som. Então, lá embaixo, como se a pedra tivesse caído em águas profundas, nalgum lugar cavernoso, ouviu-se um ruído bem distante, mas amplificado e repetido no poço oco.

— Que foi isso? — perguntou Gandalf. Ficou aliviado quando Pippin confessou o que tinha feito; mas ficou furioso, e Pippin pôde ver seus olhos faiscando.

— Seu Túk tolo! — rosnou ele. — Esta é uma viagem séria, não um piquenique de hobbits. Atire-se da próxima vez, e então não vai mais atrapalhar. Agora, fique quieto!

Nada mais se ouviu por vários minutos; mas depois, das profundezas, vieram batidas fracas: tum-tá, tá-tum. Pararam, e quando os ecos silenciaram, as batidas se repetiram: tá-tum, tum-tá, tá-tá, tum, Soavam como sinais de algum tipo, e provocaram inquietação em todos; mas depois de um tempo as batidas silenciaram e não se ouviram de novo.

— Aquilo foi o som de um martelo, ou eu nunca ouvi um martelo — disse Gimli.

— Sim — disse Gandalf —, e eu não gosto disso. Pode não ter nada a ver com a pedra tola de Peregrin, mas provavelmente alguma coisa foi incomodada, e seria melhor tê-la deixado quieta. Por favor, não façam nada assim outra vez! Vamos tentar descansar um pouco sem mais problemas. Você, pippin, pode fazer o primeiro turno de guarda, como recompensa — rosnou ele, enquanto se enrolava num cobertor.

Pippin se sentou arrasado perto da porta, naquela escuridão total; mas de quando em quando se voltava, com medo de que alguma coisa desconhecida se arrastasse para fora do poço. Queria cobrir o buraco, mesmo que fosse só com um cobertor, mas não ousou mexer ou se aproximar dele, apesar de Gandalf parecer adormecido.

Na verdade, Gandalf não estava dormindo, embora estivesse deitado imóvel e em silêncio. Estava mergulhado em pensamentos, tentando relembrar cada detalhe de sua primeira viagem nas Minas, e considerando

ansiosamente o próximo caminho que deveriam tomar; uma escolha errada naquele momento poderia ser desastrosa. Depois de uma hora, levantou-se e se aproximou de Pippin.

— Vá para um canto e durma um pouco, meu rapaz — disse ele num tom gentil. — Suponho que você precisa dormir. Não consigo pegar no sono então é melhor eu fazer a guarda.

— Sei qual é o problema comigo — murmurou ele, enquanto se sentava perto da porta. — Preciso fumar! Não fumo desde aquela manhã antes da tempestade de neve.

A última coisa que Pippin viu, antes de adormecer, foi a figura escura do velho mago agachado no chão, protegendo com as mãos nodosas uma chama entre os joelhos. A centelha mostrou por um momento seu nariz pontudo, e a baforada de fumaça.

Foi Gandalf quem acordou todos os outros. Tinha ficado sentado fazendo a guarda sozinho por seis horas, deixando que os outros descansassem.

— E durante a guarda tomei minha decisão — disse ele. — Não tenho vontade de ir pelo caminho do meio, e não gostei do cheiro do caminho à esquerda: há um ar pestilento lá embaixo, ou então não sou um guia. Escolhi a passagem da direita. Está na hora de começarmos a subir outra vez.

Por oito horas escuras, sem contar duas breves paradas, marcharam adiante; não encontraram perigos, nem escutaram nada, e não viram nada a não ser o brilho apagado da luz do mago, brilhando como fogo-fátuo na frente deles. O corredor que tinham escolhido ia cada vez mais para cima.

Pelo que podiam julgar, subia em grandes curvas, e conforme ,iam subindo, a passagem ficava mais alta e larga. Agora não havia outras aberturas para Outras galerias ou túneis dos dois lados, e o chão era plano e seguro, sem poços ou rachaduras.

Evidentemente, tinham tomado o que certa vez tinha sido uma estrada importante, e avançavam mais rápido agora que na primeira marcha.

Assim foram adiante cerca de quinze milhas, medidas numa linha direta na direção Leste, embora na realidade devam ter caminhado Vinte

milhas ou mais. Conforme a estrada subia, o ânimo de Frodo aumentou um pouco, mas ele ainda se sentia oprimido, e ainda ouvia algumas vezes, ou pensava ouvir, bem atrás da Comitiva e distante do som dos passos do grupo, passadas que os seguiam, e que não eram um eco.

Tinham andado o máximo que os hobbits podiam aguentar sem descanso, e estavam todos pensando num lugar onde pudessem dormir, quando de repente as paredes à direita e à esquerda desapareceram. Pareciam ter passado através de algum arco, entrando num espaço negro e vazio. Atrás deles vinha uma forte corrente de ar mais quente, e na frente sentiam a escuridão fria sobre Seus rostos. Pararam e se juntaram, cheios de ansiedade.

Gandalf parecia satisfeito.

— Escolhi o caminho certo — disse ele. — Finalmente estamos chegando às partes habitáveis, e acho que não estamos longe do lado Leste. Mas estamos num ponto muito elevado, bem acima do Portão do Riacho Escuro, a não ser que eu esteja enganado. Pelo ar que estou sentindo, diria que estamos num salão amplo. Agora vou arriscar um pouco de luz de verdade.

Levantou o cajado, e por um breve instante houve um clarão, como um relâmpago. Sombras grandes saltaram e fugiram, e por um segundo eles viram um teto amplo acima de suas cabeças, apoiado em muitos pilares feitos de pedra. Adiante, e dos dois lados, se espalhava um enorme salão vazio; as paredes negras, polidas e lisas como vidro, brilhavam e faiscavam. Enxergaram outras três entradas, arcos negros e escuros: um diretamente à frente, rumando para o Leste, e um de cada lado. Depois disso, a luz se apagou.

— Isso é tudo que Vou arriscar por enquanto — disse Gandalf. – Costumava haver grandes janelas na encosta da montanha, e aberturas conduzindo para a luz, nos pontos mais altos das Minas. Acho que as atingimos agora, mas lá fora é noite outra vez, e não podemos ter certeza até amanhã cedo. Se estou certo, amanhã poderemos realmente ver o dia nascendo, espiando aqui dentro. Mas enquanto isso é melhor não avançarmos mais. Vamos descansar, se pudermos. As coisas estão indo bem até agora, e a maior parte da estrada escura já passou. Mas ainda não

atravessamos as Minas, e há um bom caminho até os Portões que lá embaixo se abrem para o mundo.

Os membros da Comitiva passaram a noite no grande salão cavernoso, encolhidos num canto para escapar da corrente de vento: parecia haver um fluxo constante de ar frio vindo através do arco Leste. Por toda a volta, pairava a escuridão, vazia e imensa, e eles se sentiam oprimidos pelo abandono e pela vastidão das paredes de pedra, e pelas escadarias e corredores que s e ramificavam interminavelmente. As fantasias mais alucinadas que os boatos mais obscuros jamais tinham sugerido aos hobbits ficaram insignificantes perto do terror e da surpresa que sentiram em Moria.

— Deve ter havido uma multidão de anões por aqui nalguma época — disse Sam - e cada um deles mais ocupado que um texugo por mais de quinhentos anos para construir tudo isto, e quase tudo em rocha dura! Para que fizeram isto? Certamente eles não viviam nesses buracos escuros?

— Não são buracos — disse Gimli. — Este é o grande reino e a cidade da Mina dos Anões. E antigamente não era escuro, mas cheio de luz e esplendor, como ainda lembram as canções.

Levantou-se e, parado no escuro, começou a cantar numa voz grave, enquanto os ecos se espalhavam em direção ao teto.

O mundo jovem, verde o monte,
E limpa era da lua a fronte;
Sem peia pedra e rio então,
Vagava Durin na solidão.
A monte e vale nomes deu,
De fonte nova ele bebeu,-
No Lago-espelho, foi se mirar
E viu um diadema estelar,
Gemas em linha prateada,
Sobre a fronte ensombreada.
O mundo belo, os montes altos,
Nos Dias antigos sem sobressaltos
Em Gondolin e Nargothrond,

Dos fortes reis que agora vão
No Mar do Oeste além do dia:
Belo o mundo que Durin via.
Rei era ele em trono entalhado,
Salão de pedra encolunado,
No teto ouro, prata no chão,
E as fortes runas no portão.
A luz da lua, de estrela e sol
Presa em lâmpada de cristal,
Por noite ou nuvem não tolhida,
Brilhava bela toda a vida.
Lá martelava-se a bigorna,
Lá se esculpia a letra que orna;
Lá se forjavam punho e espada,
Abria-se a mina, erguia-se a casa.
Perola, berilo e opala bela,
Metal plasmado feito tela,
Broquel, couraça, punhal, machado,
Lança em monte, tudo guardado.
O povo então não se cansava;
Toda a montanha retumbava
Ao som de harpas e canções
E trombetas junto aos portões.
O mundo é cinza, velho o monte,
Da forja o fogo em cinza insonte;
Sem som de harpa ou martelada:
No lar de Durin, sombra e nada.
Sobre a tumba raio nenhum
Em Moria, em Khazad-dúm.
Mas inda há estrela que reluz
No Lago-espelho, sem vento e luz.
A sua coroa no lago fundo
E Durin dorme sono profundo.

— Gostei! — disse Sam. — Gostaria de aprendê-la. Em Moria, er Khazad-dûm! Mas parece que com essa canção a escuridão fica mai pesada, pensando em todas aquelas luzes. Existem ainda montes de joias e ouro espalhados por aqui? Gimli ficou em silêncio. Tendo cantado sua canção, não restava mais nada a dizer?

— Montes de joias? — disse Gandalf — Não. Os orcs sempr saqueavam Moria; não existe mais nada nos salões superiores. E desde que os anões fugiram, ninguém mais ousa procurar as passagens e as tesourarias nos lugares mais fundos: agora estão cobertas pela água — ou por uma sombra de medo.

— Então por que os anões querem voltar? — perguntou Sam.

— Por causa do mithril — disse Gandalf. — A riqueza de Moria nã estava no ouro ou nas pedras preciosas: estes eram brinquedos para os anões; nem no ferro, seu servo. Essas coisas se encontram aqui, sem dúvida, especialmente o ferro; mas não precisavam escavar para encontrá-las: todas as coisas que desejavam podiam ser obtidas através do comércio. Pois aqui é o único lugar do mundo onde existia a prata de Moria, ou a prata verdadeira, como alguns a chamaram: mithril é o nome élfico. Os anões têm um nome que não revelam. O valor desse metal era dez vezes maior que c do ouro, e agora é incalculável: pois resta muito pouco mithril acima do solo, e nem mesmo os orcs ousam escavar aqui à procura dele. Os veios vão em direção ao Norte e a Caradhras, e descem para a escuridão. Os anões nã dizem nada, mas do mesmo modo que o mithril foi a base de sua riqueza, também foi a sua destruição: escavaram com muita ganância, e muito fundo, e descobriram aquilo de que fugiam, a Ruína de Durin. Do metal qu trouxeram à luz, os orcs levaram quase tudo, entregando-o em tributo a Sauron, que o cobiça.

— Mithril! Todos os povos o desejavam. Podia ser moldado como cobre, e polido como o vidro; os anões podiam transformá-lo num metal leve, e no entanto mais resistente que aço temperado. Sua beleza era semelhante à da prata comum, mas a beleza do mithril não se o pacificava ou perdia o brilho. Os elfos o adoravam, e entre muitos outros usos fizeram com ele o ithildin, a lua-estrela, que vocês viram sobre as portas. Bilbo tinha um colete de anéis de mithril que Thorin deu a ele. Fico imaginando o qu

aconteceu com esse colete. Suponho que ainda esteja acumulando poeira na Casa mathom de Grã Cava.

— O quê? — gritou Gimli, despertando do silêncio em que se encontrava, — Um colete de prata de Moria? Foi um presente de rei! Frod não disse nada, mas colocou a mão embaixo da túnica e tocou os anéis de seu colete de malha. Sentiu uma vertigem ao pensar que carregava o valor de todo o Condado embaixo do próprio casaco. Será que Bilbo sabia" Nã tinha dúvidas de que Bilbo sabia muito bem. Era realmente um presente de rei.

Mas nesse momento seus pensamentos foram levados das Minas escuras para Valfenda, para Bilbo, e para Bolsão na época em que Bilbo ainda estava lá, Desejou com toda a força de seu coração estar de volta ac lar, e naqueles dias, cortando a grama, ou lidando com as flores, e nunca ter ouvido sobre Moria, ou mithril — ou o Anel.

Fez-se um silêncio profundo. Um a um, os outros adormeceram Frodo fazia a guarda. Como um ar que vinha através de portas invisíveis, de lugares profundos, o medo o dominou. Sentia as mãos frias e a cabeça pesada. Tinha Os ouvidos atentos. Toda sua mente esteve concentrada en escutar e nada mais, por duas horas arrastadas; mas não escutou nenhum ruído, nem mesmo o eco imaginado de passos.

Seu turno na guarda estava quase no fim quando, mais além dc ponto onde supunha estar o arco Oeste, Frodo imaginou ter visto dois pontos de luz clara, quase semelhantes a olhos luminosos. Teve um sobressalto. Seus olhos tinham se fechado.

"Acho que quase adormeci durante a guarda", pensou ele. "Estava à beira de um sonho." Levantou-se e esfregou os olhos, e permaneceu em pé, olhando para a escuridão, até que foi dispensado por Legolas.

Quando se deitou, logo adormeceu, mas teve a impressão de que c sonho continuava: ouviu sussurros, e viu os dois pontos de luz clara se aproximando, lentamente.

Acordou e viu que os outros estavam falando em voz baixa pertc dele, e que uma luz fraca lhe batia no rosto. Lá de cima, sobre o arco Leste através de uma passagem de ar próxima ao teto, vinha um raio longo e claro; atravessando o salão em direção do arco Norte, a luz também avançava,

fraca e distante. Frodo se sentou.

— Bom dia! — disse Gandalf. — Pois dia se faz outra vez, finalmente Eu estava certo, como vê. Estamos num ponto alto do lado Leste de Moria Antes do dia acabar, deveremos encontrar os Grandes Portões e ver as águas do Lago-espelho sobre o Vale do Riacho Escuro.

— Ficarei feliz — disse Gimli. — Olhei Moria, que é realmente muit grande, mas se tornou escura e temível, e não encontramos qualquer sinal de meu povo. Agora duvido que Balin tenha chegado até aqui.

Depois de tomarem o desjejum, Gandalf decidiu continuar a marcha imediatamente.

— Estamos cansados, mas poderemos descansar melhor quando sairmos daqui – disse ele. — Acho que nenhum de nós deseja passar mais uma noite em Moria.

— De jeito nenhum! — disse Boromir. — Que caminho vamos tomar? Continuamos pelo arco Leste?

— Talvez — disse Gandalf. — Mas ainda não sei exatamente onde estamos. — A não ser que esteja redondamente enganado, suponho que estejamos acima e ao Norte dos Grandes Portões, e pode não ser fáci encontrar a estrada certa que desce até eles. Provavelmente, o arco Leste será o caminho que devemos tomar, mas antes de decidir temos de dar uma examinada no local. Vamos em direção àquela luz na porta Norte. Se pudéssemos encontrar uma janela, isso ajudaria bastante, mas receio que a luz só chegue aqui através das passagens de ar.

Seguindo-o, a Comitiva passou por baixo do arco Norte. Viram -s num corredor largo. À medida que avançavam por ele, a luz ia ficando mais forte, e perceberam que ela vinha através de uma entrada à direita. Era alta e quadrada, e a porta de pedra ainda estava no lugar, semi-aberta. Além dela via-se um grande cômodo quadrado.

Estava fracamente iluminado, mas aos olhos deles, depois de tanto tempo na escuridão, parecia de uma luminosidade ofuscante; o s olhos piscaram repetidas vezes no momento em que entraram.

Os pés pisaram uma grande camada de poeira sobre o chão, e tropeçaram em coisas que estavam na passagem, cujas formas eles não puderam distinguir num primeiro momento.

O cômodo era iluminado por uma grande abertura na parede Leste mais à frente.

A luz batia diretamente numa mesa no meio da sala: um único bloc retangular, de cerca de sessenta centímetros de altura, sobre o qual fora assentada uma grande laje de pedra branca.

— Parece um túmulo — murmurou Frodo, inclinando-se para olha mais de perto, com uma estranha sensação de mau presságio. Gandalf veic rapidamente para o lado dele.

Na laje havia runas, gravadas a fundo:

— Estas são Runas de Daeron, como as que eram usadas antigamente em Moria — disse Gandalf — Aqui está escrito, nas línguas dos homens e anões: *BALIN, FILHO DE FUNDIN, SENHOR DE MORIA.*

— Então ele está morto — disse Frodo. — Receava que fosse verdade. Gimli cobriu o rosto com o capuz.

CAPÍTULO V: A PONTE DE KHAZAD-DUM

A comitiva do Anel parou diante do túmulo de Balin, em silêncic Frodo pensou em Bilbo, em sua longa amizade com o anão, e na visita de Balin ao Condado há muito tempo. Naquele salão empoeirado na montanhas, essas coisas pareciam ter sido há mil anos, e do outro lado do mundo.

Finalmente se mexeram e olharam para cima, começando a procurar alguma coisa que desse pistas do destino de Balin, ou mostrasse o que acontecera ao seu povo. Havia uma outra porta menor do outro lado dc salão, embaixo de uma passagem de ar. Perto das duas portas viam-se agora muitos ossos, entre os quais havia espadas quebradas e martelos sem cabo, além de cimos e escudos partidos. Algumas das espadas eram tortas: cimitarras de orcs com lâminas enegrecidas.

Havia várias reentrâncias cortadas na rocha das paredes, e nelas estavam grandes arcas de madeira com braçadeiras de ferro. Todas tinham sido quebradas e saqueadas, mas ao lado da tampa despedaçada de uma da s arcas estavam os restos de um livro. Tinha sido perfurado e rasgado, e parcialmente queimado, e estava tão manchado com marcas negras e outras semelhantes a sangue envelhecido, que pouca coisa podia ser lida. Gandalf o ergueu com cuidado, mas as folhas estalaram e se partiram quando o mago o colocou sobre a laje. Estudou o livro por um tempo sem dizer nada. Parados ao lado dele, Frodo e Gimli puderam ver, enquanto Gandalf virav cuidadosamente as folhas, que o livro tinha sido escrito por varias mãos diferentes, em runas, tanto de Moria quanto de Valle, e alguns trechos com inscrições élficas. Finalmente, Gandalf desviou os olhos do livro.

— Parece ser um registro do destino do povo de Balin — disse ele. — Acho que o livro começava com a chegada deles ao Vale do Riacho Escurc cerca de trinta anos atrás: as Páginas parecem ter números referentes às datas de sua chegada. A primeira Página está marcada com um-três, o que mostra que devem faltar pelo menos duas no início. Escutem isto!

— Expulsamos os orcs do grande portão e do posto de... eu acho; a próxima palavra está borrada e queimada: provavelmente guarda, matamos

Vários deles à luz – eu acho — do sol no vale. Flói foi morto por uma flecha Ele matou o grande. Depois há um borrão seguido de Flói sob a relva pert do Lago-espelho. As próximas duas linhas estão ilegíveis. Depois ven Tomamos o vigésimo primeiro salão da extremidade Norte para morar Há...não consigo ler o quê. Uma passagem de ar é mencionada. Depois Bali fixou seu assento na Câmara de Mazarbul.

— A Câmara dos Registros — disse Gimli. — Acho que é ond estamos agora.

— Bem, não consigo mais ler por um bom trecho — disse Gandalf — com a exceção de ouro, e Machado de Durin e alguma coisa elmo. Depoi Balin e agora Senhor de Moria. Com isso, o capítulo parece terminar. Depo de algumas estrelas, outra caligrafia começa, e posso ler encontramos prata verdadeira, e depois as palavras bem forjada, e depois uma outra coisa. Consegui! Mithril, e as últimas duas linhas são Óin procurar os arsenai superiores da Terceira Profundidade, alguma coisa ir para o Leste, un borrão, para o portão de Azevim.

Gandalf parou e virou algumas páginas.

— Há muitas páginas desse tipo, escritas com pressa e muit danificadas — disse ele —, mas mal posso lê-las nesta luz. Agora deve haver algumas páginas faltando, pois elas começam a ser numeradas com cinco, o quinto ano da colônia, eu suponho. Deixe -me ver! Não, estão muit danificadas e manchadas; não consigo lê-las. Podemos conseguir mais à luz do sol. Esperem! Tem alguma coisa aqui: letras grandes, usando uma letra élfica.

— Poderia ser a letra de Ori — disse Gimli, olhando por sobre o braç do mago. — Ele sabia escrever bem e rápido, e frequentemente usava as letras élficas.

— Receio que tinha más notícias para reportar com sua letra bonita — disse Gandalf — A primeira palavra legível é tristeza, mas o resto da linh foi perdido, a não ser que termine em tem. Sim, deve ser ontem, seguido de dia dez de novembro Balin, Senhor de Moria, pereceu no Vale do Riacho F curo. Foi sozinho olhar o Lago-espelho. Um orc atirou nele de trás de um pedra. Matamos o orc, mas muitos outros... do Leste subindo o Veio d Prata. O resto da página está tão borrado que não consigo ler quase nada

mas acho que está escrito bloqueamos nossos portões, e depois impedi-los de entrar por muito tempo se, e depois talvez horrível e sofrer. Pobre Balin! A que parece, não desfrutou do título que conquistou por mais de cinco anos. Fico imaginando o que aconteceu depois, mas não há tempo para decifrar as últimas páginas agora. Aqui está a última de todas. — Ele parou e suspirou.

— É uma leitura triste — disse ele. — Receio que o fim deles tenha sido cruel. Escutem! Não podemos sair. Não podemos sair, eles tomaram Ponte e o segundo salão. Frár e Lóni e Náli sucumbiram ali. Depois há ma quatro linhas ilegíveis, e eu só consigo entender, foi há cinco dias. As últimas linhas são o lago está na altura da muralha no Portão Oeste. O Vigia na Águ levou Óin. Não podemos sair, e depois tambores, tambores nas profundezas. Pergunto-me o que isso significa. A última coisa escrita está numa carreira de garranchos em caracteres élficos: eles estão chegando. Não há mais nada. — Gandalf parou e ficou pensando em silêncio.

Um súbito medo e horror daquele quarto tomou conta da Comitiva.

— Não podemos sair – murmurou Gimli. — Foi bom para nós que lago tivesse abaixado um pouco, e que o vigia estivesse dormindo na ponta Sul.

Gandalf levantou a cabeça e olhou em volta.

— Parece que eles tentaram resistir pela última vez junto às duas portas — disse ele. — Mas restavam poucos naquela época. Assim terminou a tentativa de reconquistar Moria! Foi um ato corajoso, mas tolo. A hor ainda não chegou. Agora, receio que devamos dizer adeus a Balin, filho de Fundin. Aqui ele deve permanecer, nos salões de seus antepassados. Vamos levar este livro, o Livro de Mazarbul, e examiná-lo com mais atenção depois É melhor você guardá-lo, Gimli, e levá-lo de volta a Dain, se tiver uma oportunidade. Vai interessá-lo mas também vai entristecê-lo muito. Vamos embora! A manhã está passando.

— Em que direção iremos? — perguntou Boromir.

— De volta ao salão — respondeu Gandalf. — Mas nossa visita a est sala não foi em vão. Agora sei onde estamos. Esta deve ser, como disse Gimli a Câmara de Mazarbul, e o salão deve ser o vigésimo primeiro do lado Norte. Portanto devemos sair pelo arco Leste do salão, e nos dirigir para a direita para o Sul, e descer. O Vigésimo Primeiro Salão deve ser no Sétim

Pavimento, que fica seis acima do pavimento dos Portões. Venham agora De volta para o salão!

Gandalf mal tinha dito essas palavras, quando chegou a eles um enorme barulho: um estrondoso Bum que parecia vir das profundezas, fazendo tremer a rocha aos pés deles. Correram em direção à porta assustados. Dum, dum, retumbou o barulho outra vez, como se mãos gigantescas estivessem transformando as próprias cavernas de Moria num enorme tambor. Então veio uma rajada reverberando: uma grande corneta soou no salão, e em resposta ouviram -se cornetas e gritos dissonantes vindos de algum ponto distante. Ouviu-se o tropel apressado de muitos pés.

— Eles estão vindo! — gritou Legolas.

— Não podemos sair — disse Gimli.

— Presos! — disse Gandalf. — Por que demorei? Aqui estamos presos, exatamente como eles antes. Mas eu não estava aqui daquela vez. Vamos ver o que...

Dum, dum, vinha a batida dos tambores, estremecendo as paredes.

— Batam as portas e coloquem calços! — gritou Aragorn. — E segurem suas mochilas o máximo que conseguirem: ainda podemos ter uma chance de escapar.

— Não! — disse Gandalf. — Não devemos ficar trancados aqu dentro. Mantenham a porta Leste entreaberta! Iremos por ali, se houve uma possibilidade.

Um outro chamado estridente de corneta e guinchos agudos soou. Pés se aproximavam pelo corredor. Ouviu-se um tinido e um tropel no momento em que a Comitiva desembainhava as espadas. Glamdring emanou um brilho claro, e o gume de Ferroada faiscou. Boromir empurrou a porta Oeste com os ombros.

— Espere um momento. Não feche ainda — disse Gandalf, pulando para o lado de Boromir, e aprumando-se ao máximo.

— Quem vem aqui para perturbar o descanso de Balin, Senhor de Moria? — gritou ele com uma voz cheia.

Houve uma torrente de gargalhadas roucas, semelhante a pedras caindo num poço; em meio ao clamor, uma voz grave se ergueu em comando. Dum, blim, dum, faziam os tambores nas profundezas. Num

movimento rápido, Gandalf avançou para a fresta da porta aberta, colocando à frente seu cajado. Fez-se um clarão ofuscante, que iluminou a sala e o corredor.

Por um instante, o mago olhou para fora. Flechas zuniram e assobiaram pelo corredor, e ele pulou para trás.

— Orcs, muitos deles — disse ele. — E alguns são grandes e perigosos Uruks negros de Mordor. Por enquanto estão parados, mas tem algum outra coisa lá. Acho que é um grande troll das cavernas, ou mais de um. Não há esperança de escaparmos por ali.

— E não haverá esperança de nada, se eles vierem p ela outra porta também — disse Boromir.

— Não se ouve nada deste lado ainda — disse Aragorn, que estava parado próximo à porta Leste, escutando. — A passagem deste lado desce direto por uma escada: é certeza que não conduz de volta ao salão. Mas não é bom fugir cegamente por aqui, com o inimigo bem atrás. Não podemos bloquear a porta. Não há mais chave, a fechadura está quebrada e a porta se abre para dentro. Temos de fazer alguma coisa para atrasar os orcs primeiro. Vamos fazer com que sintam medo da Câmara de Mazarbul! — disse ele com austeridade, tocando o gume de sua espada, Andúril.

Ouviram-se passos pesados no corredor. Boromir se jogou contra a porta e a fechou com o peso de seu corpo; então calçou -a com lâminas de espadas quebradas e lascas de madeira. A Comitiva recuou para o outro lado da câmara. Mas ainda não tinham a possibilidade de fugir. Um golpe fez tremer a porta que lentamente começou a se abrir, rangendo e forçando os calços. Um braço e um ombro enormes, de pele escura coberta de escamas esverdeadas, lançaram-se através da fresta que se alargava. Depois um pé grande, chato e sem dedos forçou a parte de baixo, abrindo-a. Havia um silêncio mortal do lado de fora.

Boromir pulou para frente e golpeou o braço com toda a força, mas a espada rangeu, resvalou e caiu de sua mão trêmula. A lâmina estava quebrada. De repente, e para sua própria surpresa, Frodo sentiu uma ira feroz se acender em seu coração.

— O Condado! — gritou ele e, avançando num salto para o lado de Boromir, abaixou-se e apunhalou com Ferroada o pé asqueroso. Ouviu-se um

urro, e o pé recuou de sopetão, quase arrancando Ferroada do braço de Frodo. Gotas negras pingaram da lâmina, e caíram no chão fumegando.

Boromir arremessou-se contra a porta, fechando-a de novo.

— Um para o Condado! — gritou Aragorn. — A mordida do hobbi vai fundo! Você tem uma boa lâmina, Frodo, filho de Drogo! Ouviu-se um pancada na porta, seguida de pancadas e mais pancadas.

Aríetes e martelos batiam contra ela. A porta se partiu e foi recuand e a fresta ficou subitamente larga. Flechas entraram assobiando, mas atingiram a parede Norte, caindo no chão sem ferir ninguém. Um clango de corneta ecoou e ouviu-se um tropel de passos, e orcs, um após o outro, pularam para dentro da câmara.

Quantos eram, a Comitiva não pôde contar. A luta foi violenta, ma os orcs se assustaram perante a ferocidade da defesa. Legolas atingiu dois na garganta.

Gimli cortou as pernas de um outro que tinha subido no túmulo de Balin.

Boromir e Aragorn mataram vários. Quando trinta tinham caído, restante deles fugiu tremendo, deixando os defensores ilesos, com a exceção de Sam, que tinha um corte na cabeça. Uma esquiva rápida o salvara, e ele tinha derrubado seu orc: um golpe vigoroso com sua espada do Túmulo. Queimava em seus olhos castanhos um fogo que teria feito Ted Ruivã recuar, se ele tivesse visto.

— Chegou a hora! — gritou Gandalf. — Vamos, antes que o trol retorne!

Mas no momento em que se retiravam, antes que Pippin e Merr tivessem alcançado a escada do lado de fora, um enorme líder dos orcs, quase da altura de um humano, vestido da cabeça aos pés numa malha metálica preta, pulou para dentro da câmara; atrás dele seus seguidores se amontoavam na entrada. O rosto largo e chato era escuro, os olhos comc carvão, e a língua era vermelha; brandia uma grande lança. Com um golpe de seu enorme escudo de couro, afastou a espada de Boromir e o empurrou para trás, derrubando-o no chão. Abaixando-se para se defender de um golpe de Aragorn, e com a rapidez de uma serpente em seu bote, ele atacou a Comitiva e investiu com a lança na direção de Frodo.

O golpe o atingiu no flanco direito, e Frodo foi jogado contra a parede, ficando espetado pela lança. Sam, com um grito, golpeou a haste da lança, que se quebrou. Mas justo no momento em que o orc soltou a lança e desembainhou sua cimitarra, Andúril atingiu seu elmo. Fez-se um clarão como fogo, e o elmo se abriu em dois. O orc caiu com a cabeça partida. Seus seguidores fugiram uivando, quando Boromir e Aragorn pularam para cima deles.

Dum, dum, continuavam os tambores nas profundezas. A voz poderosa fez-se ouvir outra vez, num estrondo.

— Agora! — gritou Gandalf. — Esta é a última chance. Corram!

Aragorn levantou Frodo, que estava caído perto da parede, e dirigiu-se para a escada, empurrando Merry e Pippin na frente dele. Os outros o seguiram, mas Gimli teve de ser arrastado por Legolas: apesar do perigo, ele insistia em ficar perto do túmulo de Balin, com a cabeça abaixada. Boromir puxou a porta, cujos gonzos rangeram: tinha grandes argolas de ferro dos dois lados, mas não se podia trancá-la.

— Eu estou bem — disse Frodo. — Posso andar. Ponha-me no chão!

Aragorn quase o deixou cair de tão surpreso.

— Pensei que estivesse morto! — gritou ele.

— Ainda não! — disse Gandalf — Mas não há tempo para indagações. Saiam, vocês todos, desçam a escada! Esperem-me alguns minutos lá embaixo, mas se eu não logo, continuem! Apressem-se e escolham o caminho que conduz à direita e para baixo.

— Não podemos abandoná-lo aqui, segurando a porta sozinho! — disse Aragorn.

— Faça o que estou dizendo — disse Gandalf furioso. — As espadas não servem para mais nada aqui. Vá!

A escada não era iluminada por nenhuma passagem de ar, e estava completamente escura. Desceram aos tropeços um longo lance de degraus, e depois olharam para trás; mas não conseguiam enxergar nada, a não ser pelo brilho apagado do cajado do mago na parte de cima. Parecia que ele ainda estava parado, guardando a porta fechada.

Frodo respirou fundo e se apoiou em Sam, que passou os braços em volta dele. Ficaram ali, olhando para a escada na escuridão. Frodo tinha a

impressão de estar escutando a voz do mago lá em cima, murmurando palavras que desciam pelo teto inclinado com um eco sussurrante. Não podia entender o que estava sendo dito. As paredes pareciam estar tremendo. De quando em quando, as batidas dos tambores pulsavam num estrondo: dum, dum.

De repente, no topo da escada viu-se um clarão de luz branca. Depois ouviu-se um estrondo e um baque surdo. As batidas dos tambores irromperam alucinadas: dum-dum, du-dum, e depois pararam. Gandalf desceu correndo os degraus e caiu no chão, no meio da Comitiva.

— Muito bem, acabou! — disse o mago, esforçando-se para ficar de pé. — Fiz tudo o que podia. Mas encontrei um inimigo à minha altura, e quase fui destruído. Mas não fiquem aqui! Vão andando! Vão andando Onde está você, Gimli? Venha na frente comigo! Fiquem logo atrás, você todos!

Foram tropeçando atrás dele, imaginando o que teria acontecido. Dum, dum, começaram de novo os tambores: agora soavam abafados e distantes, mas vinham na direção deles. Não havia outro som de perseguição, nem o pisar de pés, nem qualquer tipo de voz. Gandalf não fez curvas, para a direita ou para a esquerda, pois o caminho parecia conduzir na direção que ele desejava. De quando em quando, desciam por um lance de degraus, cinqüenta ou mais, atingindo um nível inferior. Naquela hora, esse era o maior perigo, pois, na escuridão, não conseguiam ver uma descida, até atingi-la e pisar no vazio. Gandalf tateava o chão com seu cajado como um cego.

Ao final de uma hora, tinham avançado uma milha, ou talvez um pouco mais, e tinham descido muitos lances de degraus. Quase começaram a ter esperanças de escapar.

Ao pé da sétima escada, Gandalf parou.

— Está ficando quente! — disse ele, ofegante. — Devemos ter chegado no mínimo ao nível dos Portões. Acho que logo devemos procurar uma passagem para o lado esquerdo, que nos leve para o Leste. Espero que não esteja longe. Estou muito cansado. Preciso descansar aqui um pouco mesmo que todos os orcs existentes no mundo estejam atrás de nós.

Gimli pegou-o pelo braço, ajudando-o a se sentar num degrau.

— O que aconteceu lá em cima junto à porta? — perguntou ele. — Encontrou aquele que bate os tambores?

— Não sei — respondeu Gandalf — Mas de repente me v enfrentando algo que nunca tinha visto. Não pude pensar em mais nada a não ser lançar um encantamento para fechar a porta. Conheço muitos, mas para fazer esse tipo de coisa direito, é preciso tempo, e mesmo assim a porta pode ser arrombada. Enquanto fiquei ali, pude ouvir vozes de orcs do outro lado: pensei que a qualquer momento eles forçariam a porta e a abririam. Não pude ouvir o que diziam; pareciam estar conversando na sua língua horrenda. Tudo o que entendi foi ghash, que significa "fogo". Nesse momento, alguma coisa entrou na câmara, senti quando atravessava a porta, e os próprios orcs ficaram amedrontados e quietos. A coisa pegou a argola de ferro, e então sentiu meu encanto e minha presença. O que era não posso adivinhar, mas nunca senti desafio tão grande. O contra-encanto foi terrível. Quase me destruiu. Por um instante, a porta fugiu ao meu controle e começou a abrir! Tive de pronunciar uma palavra de Comando Isso foi pressão demasiada. A porta se partiu em pedaços. Alguma coisa escura como uma nuvem estava bloqueando toda a luz que vinha de dentro, e eu fui jogado para trás, e caí escada abaixo. Todas as paredes desmoronaram, e acho que o teto também.

— Receio que Balin esteja enterrado bem fundo, e talvez alguma outra coisa esteja enterrada lá também. Não sei dizer. Mas pelo menos a passagem atrás de nós foi completamente bloqueada. Ah! Nunca me senti tão exausto, mas já está passando. E você, Frodo? Não tive tempo de dizer isso, mas nunca fiquei tão feliz na vida como no momento em que ouvi sua voz. Receava que fosse um hobbit corajoso, mas morto, que Aragorn estava carregando.

— E eu? — disse Frodo. — Estou vivo, e inteiro, eu acho. Estou machucado e sentindo dores, mas é suportável.

— Bem — disse Aragorn —, só posso dizer que os hobbits são feitos de uma matéria tão resistente como nunca vi igual. Se eu soubesse, teria falado com mais delicadeza na estalagem de Bri! Aquela lança poderia atravessar o corpo de um javali.

— Bem, fico feliz em dizer que não atravessou meu corpo — disse

Frodo —, embora esteja me sentindo como se tivesse ficado preso entre uma bigorna e um martelo. — Não disse mais nada. Sentia dores quando respirava.

— Você saiu ao Bilbo — disse Gandalf. — Existe mais em você do qu os olhos podem ver, como eu disse a ele há muito tempo.

Frodo ficou imaginando se a observação significava alguma outra coisa além do que foi dito.

Agora continuavam de novo. Logo Gimli falou. Seus olho enxergavam bem na escuridão.

— Eu acho — disse ele — que há uma luz ali adiante. Mas não é a luz do dia. É vermelha. Que poderia ser?

— Ghash! — murmurou Gandalf — Imagino se é isso que ele estavam dizendo: que os andares inferiores estão em chamas? Mesmo assim, só nos resta ir em frente.

Logo não havia mais dúvidas quanto à luz, e todos podiam vê-la. Estava faiscando e brilhava nas paredes da passagem diante deles. Agora podiam enxergar o caminho: à frente, a estrada descia com grande inclinação, e a alguma distância estava um arco baixo; através dele, vinha a luz brilhante.

O ar ficou muito quente.

Quando chegaram ao arco, Gandalf o atravessou, fazendo um sina para que os outros esperassem. Enquanto ficou ali parado além da abertura, eles viram seu rosto iluminado por uma luz vermelha. Recuou rapidamente.

— Existe algum tipo de maldade nova aqui — disse ele — feita para nos receber, sem dúvida. Mas sei onde estamos: atingimos a Primeira Profundeza, o nível imediatamente abaixo dos Portões. Este é o Segund Salão de Moria, e os Portões estão perto: ali, na saída Leste, à esquerda, menos de um quarto de milha. Do outro lado da Ponte, subindo uma escada larga, indo por uma estrada ampla através do Primeiro Salão, e para fora Mas venham olhar!

Espiaram para fora. Diante deles, estava um outro salão cavernoso Era mais alto e bem mais comprido que aquele no qual tinham dormido. Estavam perto do canto Leste: no lado Oeste, o salão avançav mergulhando na escuridão. No centro se erguia uma fila dupla de pilares.

Estavam esculpidos como copas de árvores enormes, e os ramos sustentavam o teto, terminando num trançado de ramificações menores. Os troncos eram lisos e pretos, mas um brilho vermelho se espelhava nas suas laterais. Na direção oposta, no chão, ao pé de dois grandes pilares, uma enorme fissura se abrira. Dela emanava uma luz vermelha e violenta, e de vez em quando chamas lambiam a borda e -se enrolavam nas bases das colunas. Mechas de fumaça preta pairavam no ar quente.

— Se tivéssemos vindo dos salões superiores pelo caminho principal, teríamos ficado presos aqui — disse Gandalf. — Agora vamos esperar que o fogo fique entre nós e o inimigo. Venham! Não há tempo a perder.

No momento em que o mago falava, escutaram de novo as batidas de tambores que os perseguiam: Dum, dum, dum. Do outro lado, além das sombras no lado Oeste do salão, vieram gritos e toques de cornetas. Dum dum: os pilares pareciam vibrar e as chamas tremiam.

— Agora, para a última corrida! — disse Gandalf — Se o sol estive brilhando lá fora, ainda poderemos escapar. Sigam-me! Virou à esquerda e se apressou através do chão liso do salão. A distância era maior do que parecera. Enquanto corriam, escutaram a batida e o eco de muitos pés vindo atrás deles. Ouviu-se um grito agudo: tinham sido vistos. Seguiu-se um tinido e peças de aço batendo. Uma flecha assobiou sobre a cabeça de Frodo.

Boromir riu.

— Eles não esperavam por isso — disse ele. — O fogo cortou-lhes o caminho. Estamos no lado errado!

— Olhem para a frente — gritou Gandalf — A Ponte está perto. É perigosa e estreita.

De repente, Frodo viu adiante um abismo escuro. No fim do salão, o chão desaparecia e caía numa profundidade desconhecida. A porta externa só podia ser atingida por uma estreita ponte de pedra, sem parapeito ou qualquer proteção, que cruzava o abismo num arco de quinze metros. Era uma antiga defesa dos anões contra qualquer inimigo que pudesse tomar o Primeiro Salão e as passagens externas. Só poderiam atravessá-la em fila indiana. Gandalf parou na ponta, e os outros vieram atrás, todos juntos.

— Vá na frente, Gimli — disse ele. — Depois Pippin e Merry. Sempre em frente, e subindo a escada que fica depois da porta.

Flechas caíam em meio ao grupo. Uma atingiu Frodo e, encontrand resistência, ricocheteou no ar. Uma outra perfurou o chapéu de Gandalf e ficou ali, como uma pena preta. Frodo olhou para trás. Além do fogo, viu um enxame de figuras negras: parecia haver centenas de orcs. Brandiam lanças e cimitarras que brilhavam vermelhas como sangue à luz do fogo. Dum, dum, batiam os tambores, cujo som ia ficando cada vez mais alto, dum, dum.

Legolas se virou e preparou uma flecha, embora a distância fosse grande demais para seu pequeno arco. Puxou a corda do arco, mas sua mão caiu, e a flecha escorregou para o solo. Ele deu um grito de desespero e medo. Dois grandes trolls apareceram. Traziam grandes lajes que jogaram no chão para servir de passarela por cima do fogo. Mas não foram os trolls que encheram o elfo de medo. A multidão de orcs se abriu, e se amontoou do lado, como se eles próprios estivessem com medo. Alguma coisa vinha atrás. Não se podia ver o que fosse: era como uma grande sombra, no meio da qual havia uma forma escura , talvez humanóide, mas maior; poder e terror pareciam estar nela e ao seu redor.

A figura veio para a extremidade do fogo e a luz se apagou, como se uma nuvem tivesse coberto tudo. Então, com um movimento rápido, pulou por sobre a fissura. As chamas bramiram para saudá-la, e se ergueram à sua volta; uma nuvem negra rodopiou subindo no ar. A cabeleira esvoaçante se incendiou, fulgurando.

Na mão direita carregava uma espada como uma língua de fogo cortante; na mão esquerda trazia um chicote de muitas correias.

— Ai! Ai! — gemeu Legolas. — Um balrog! Um balrog vem vindo!

Gimli olhou com os olhos esbugalhados.

— A Ruína de Durin — gritou ele, deixando cair o machado e cobrindo o rosto.

— Um balrog! — murmurou Gandalf. — Agora eu entendo. — Perdeu o equilíbrio e se apoiou no cajado. — Que má sorte! E eu já estou exausto!

A figura escura, envolvida em fogo, corria em direção a eles. Os orcs gritavam e avançavam para a passarela de pedra. Então Boromir levantou sua corneta e a tocou.

Forte o desafio soou e retumbou, como o grito de muitas gargantas sob o teto cavernoso. Por um momento os orcs estremeceram e a figura de fogo parou. Então os ecos se extinguiram de repente como uma chama apagada por um vendaval, e o inimigo avançou outra vez.

— Para a ponte! — gritou Gandalf, recobrando as forças. — Fujam! Este é um inimigo além das forças de qualquer um de vocês. Preciso proteger o caminho estreito. Fujam!

Aragorn e Boromir não obedeceram ao comando, e ainda ficaram onde estavam, lado a lado, atrás de Gandalf na extremidade oposta da ponte. Os outros pararam bem na passagem na ponta do salão e se viraram, incapazes de deixar seu líder sozinho, enfrentando o inimigo.

O balrog alcançou a ponte. Gandalf parou no meio do arco, apoiando-se no cajado com a mão esquerda, mas na outra mão brilhava Glamdring, fria e branca. O inimigo parou outra vez, enfrentando-o, e a sombra à sua volta se espalhou como duas grandes asas. Levantou o chicote, e as correias zuniram e estalaram.

Saía fogo de suas narinas. Mas Gandalf ficou firme.

— Você não pode passar — disse ele. Os orcs estavam quietos, e fez-se um silêncio mortal. — Sou um servidor do Fogo Secreto, que controla a chama de Anor. Você não pode passar. O fogo negro não vai lhe ajudar em nada, chama de Udún. Volte para a Sombra! Não pode passar.

O balrog não fez sinal de resposta. O fogo nele pareceu se extinguir mas a escuridão aumentou. Avançou devagar para a ponte, e de repente saltou a uma enorme altura, e suas asas se abriram de parede a parede, mas ainda se podia ver Gandalf, brilhando na escuridão; parecia pequeno, e totalmente sozinho: uma figura cinzenta e curvada, como uma árvore encolhida perante o início de uma tempestade.

Saindo da sombra, uma espada vermelha surgiu, em chamas. Glamdring emanou um brilho branco em resposta.

Houve um estrondo e um golpe de fogo branco. O balrog caiu para trás e sua espada voou, partindo-se em muitos pedaços que se derreteram. O mago se desequilibrou na ponte, deu um passo para trás e mais uma vez ficou parado.

— Você não pode passar! — disse ele.

Num salto, o balrog avançou para cima da ponte. O chicote zunia e chiava.

— Ele não pode ficar sozinho! — gritou Aragorn de repente, correndo de volta ao longo da ponte. — Elendil! — gritou ele. — Estou com você Gandalf!.

— Gondor! — gritou Boromir, correndo atrás dele.

Nesse momento, Gandalf levantou o cajado e, gritando bem alto golpeou a ponte. O cajado se partiu e caiu de sua mão. Um lençol de chamas brancas se ergueu. A ponte estalou. Bem aos pés do balrog se quebrou, e a pedra sobre a qual estava caiu no abismo, enquanto o restante ficou, oscilando, como uma língua de pedra estendida no vazio.

Com um grito horrendo, o balrog caiu para frente, e sua sombra mergulhou na escuridão, desaparecendo. Mas no momento em que caía, brandiu o chicote e as correias bateram e se enrolaram em volta dos joelhos do mago, arrastando-o para a borda. Ele perdeu o equilíbrio e caiu, agarrando-se em vão à pedra, e escorregou para dentro do abismo.

— Fujam, seus tolos! — gritou ele, e desapareceu.

As chamas se apagaram, uma escuridão vazia dominou o ambiente. A Comitiva ficou presa ao solo, horrorizada, olhando para o buraco. No momento em que Aragorn e Boromir voltavam correndo, o resto da ponte se partiu e caiu. Com um grito, Aragorn os despertou.

— Venham! Vou conduzi-los agora! — chamou ele. — Devemos obedecer à última ordem dele. Sigam-me!

Avançaram alucinadamente, subindo aos tropeços a escada atrás da porta.

Aragorn na frente, Boromir atrás de todos. No topo ficava uma passagem ampla e que produzia ecos. Por ela fugiram. Frodo escutou Sam chorando ao seu lado, e então percebeu que ele próprio estava chorando enquanto corria. Dum, dum, dum, os tambores batiam atrás, lamentosos agora, e lentos; dum!

Continuaram correndo. A luz aumentava diante deles; grandes fendas se abriam no teto, Correram mais rápido. Passaram para dentro de um salão, claro com a luz do dia, que entrava pelas altas janelas no lado Leste. Atravessaram -no correndo. Passaram pelas portas enormes e

quebradas, e de repente se abriram diante deles os Grandes Portões, um arco de luz fulgurante. Havia uma guarda de orcs agachada nas sombras atrás dos grandes postos de vigia, que se erguiam dos dois lados, mas os portões estavam arrebentados e destroçados.

Aragorn derrubou ao chão o capitão deles, que estava em seu caminho, e o resto fugiu de medo de sua ira. A Comitiva passou pelos orcs correndo, e não deu atenção a eles. Correram para fora dos Portões e desceram os grandes degraus, amplos e desgastados pelo tempo, o limiar de Moria.

Assim, finalmente, depois de perdidas todas as esperanças, viram o céu aberto e sentiram o vento batendo em seus rostos.

Não pararam até alcançarem uma boa distância das muralhas. O Vale do Riacho Escuro se estendia ao redor. A sombra das Montanhas Sombrias se projetava sobre ele, mas ao Leste havia uma luz dourada. Não passava uma hora do meio-dia.

O sol brilhava; as nuvens estavam altas e brancas.

Olharam para trás. A boca do arco dos Portões bocejava sobre a sombra da montanha. As batidas dos tambores retumbavam, fracas e distantes sob a terra: dum. Uma fumaça fina e preta subia no céu. Não se via mais nada; o vale ao redor estava vazio. Dum. Finalmente, a tristeza tomou conta deles, que choraram por muito tempo: alguns em pé e quietos, alguns atirados ao chão. Dum, dum, as batidas dos tambores foram ficando mais fracas, até que não se ouviu mais nada.

CAPÍTULO VI: LOTHLÓRIEN

— Acho que não podemos ficar aqui por muito tempo — disse Aragorn. Olhou na direção das montanhas e ergueu sua espada. — Adeus Gandalf. — Gritou ele. — Eu não disse a você: se passar pelas portas de Moria, tome cuidado? Infelizmente, o que eu disse tinha fundamento. Que esperança temos agora, sem você? — Voltou-se para a Comitiva. — Vamos ter de nos arranjar sem esperanças — disse ele. — Pelo menos, podemos ainda nos vingar. Vamos criar coragem e parar de chorar! Venham! Temos à frente uma longa estrada, e muito a fazer.

Levantaram-se e olharam ao redor. Ao Norte, o vale subia e entrava numa abertura escura entre dois grandes braços das montanhas, sobre os quais três picos brancos brilhavam: Celebdil, Fanuidhol e Caradhras, as Montanhas de Moria. Do alto da abertura descia uma torrente de água como uma renda branca sobre uma escada interminável de pequenas cascatas, e uma nevoa de espuma pairava no ar, envolvendo os pés das montanhas.

— Aquela é a Escada do Riacho Escuro — disse Aragorn, apontando para as cascatas. — Teríamos vindo pelo fundo do vale, pelo caminho que sobe ao lado da corrente, se a sorte tivesse sido mais generosa.

— Ou se Caradhras tivesse sido menos cruel — disse Gimli, — Ali está ele, sorrindo ao sol! — O anão ergueu o punho para o pico mais distante, e virou as costas.

Ao Leste, o braço das montanhas terminava abruptamente, e terras distantes podiam ser avistadas mais além, amplas e vagas. Ao Sul, as Montanhas Sombrias recuavam sempre mais, até onde a vista podia alcançar. A menos de uma milha, e um pouco abaixo, podiam visualizar, da encosta Oeste do vale onde estavam, um lago.

Era longo e oval, com o formato de uma grande ponta de lança incrustada na abertura ao Norte, mas a extremidade Sul mergulhava nas sombras, sob o céu ensolarado. Mesmo assim, as águas eram escuras: de um azul profundo, como o céu numa noite clara, visto de um quarto iluminado por uma lamparina. A superfície era plácida e sem ondulações. Em volta

via-se um gramado macio, que descia até a margem contínua e desnuda.

— Aquele é o Lago-espelho, o profundo Kheled-zâram! — disse Gim com tristeza. — Lembro-me do que ele disse: "Que você se alegre com a vista! Mas não poderemos nos demorar lá". Agora vou viajar muito antes de poder me alegrar outra vez. Sou eu quem deve ir embora depressa, e ele quem deve ficar.

A Comitiva agora descia a estrada que vinha dos Portões. Estav acidentada e danificada, sumindo numa trilha sinuosa em meio a urzes e tojos que cresciam por entre as pedras rachadas. Mas ainda se podia ver que havia muito tempo um grande caminho pavimentado subira, descrevendo curvas, das terras baixas do Reino dos Anões.

Em alguns pontos se erguiam obras em pedra estragadas, margeando o caminho, e montículos verdes cobertos por bétulas esbeltas, ou por pinheiros suspirando ao vento.

Uma curva ao Leste os conduziu para perto do gramado do Lago espelho, e não muito distante da margem da estrada erguia-se uma única coluna de pedra, quebrada na extremidade.

— Aquela é a Pedra de Durin! — gritou Gimli. — Não posso passa por aqui sem me voltar um momento para olhar para a maravilha do vale!

— Então seja rápido — disse Aragorn, voltando-se para olhar os Portões.

— O sol se põe cedo. Talvez os orcs não saiam antes do cair da noite, mas devemos estar bem longe daqui antes do escurecer. A lua está entrando na fase minguante. Esta noite será escura.

— Venha comigo, Frodo! — gritou o anão, saltando da estrada, — Não posso permitir que você deixe de ver Kheled-zâram. — Desceu correndo a ladeira verde. Frodo o seguiu lentamente, atraído pelas águas azuis e plácidas, apesar do sofrimento e do cansaço que sentia. Sam foi atrás.

Ao lado da pedra erguida, Gimli parou e olhou para cima. Estava com rachaduras e desgastada pelo tempo, e as runas apagadas sobre a lateral estavam ilegíveis.

— Este pilar marca o ponto de onde Durin contemplou pela primeira vez o Lago-espelho — disse o anão. — Vamos contemplá-lo também uma vez, antes de partirmos!

Inclinaram-se sobre a água escura. Primeiro não conseguiram ve nada.

Então, lentamente, viram as formas das montanhas ao redor espelhadas num azul profundo, e os picos eram como plumas de chamas brancas em cima delas; mais acima via -se um pedaço do céu. Ali, como joias no fundo da água, brilhavam estrelas cintilantes, embora o céu que cobria suas cabeças estivesse ainda iluminado pelo sol. Das sombras dos próprios corpos inclinados não se via nada.

— Oh, Kheled-zâram, belo e maravilhoso! — disse Gimli! — A permanece a Coroa de Durin até que ele acorde. Adeus! — Fez um reverência, depois se voltou e subiu correndo o gramado verde, chegando até a estrada outra vez.

— O que você viu? — perguntou Pippin a Sam. Mas ele estava tã imerso em seus próprios pensamentos que nada respondeu.

A estrada agora tomava o rumo do Sul, e descia rapidamente distanciando-se da região entre os braços das montanhas. Um pouco abaixc do lago encontraram um grande poço de água límpida como cristal, do qual um filete de água caía sobre uma saliência na pedra e descia cintilante e borbulhante, por um canal íngreme de pedra.

— Esta é a nascente do Veio de Prata — disse Gimli. — Não beb dessa água! É fria como gelo.

— Logo ele se torna um rio veloz, reunindo água de muitas outras nascentes que descem das montanhas — disse Aragorn. — Nossa estrada c acompanha por muitas milhas. Pois levarei vocês pela estrada que Gandal escolheu, e primeiro espero chegar às florestas onde o Veio de Prata deságua no Grande Rio — mais à frente. — Todos olharam na direção em qu Aragorn apontava, e puderam ver a corrente de água saltando e descendc até o fundo do vale, e depois correndo para as terras mais baixas, até desaparecer numa névoa dourada.

— Ali estão as Florestas de Lothlórien! — disse Legolas. — É a morad mais bela de todo o meu povo. Não há árvores como as daquela terra. Poi no outono as folhas não caem, mas se tornam douradas. Só na primavera, quando aparecem as novas folhas verdes, é que elas caem, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas, e o chão da floresta é dourado, e

dourado é o teto, os pilares são prateados, pois os troncos das árvores são lisos e cinzentos. Assim ainda dizem nossas canções na Floresta das Trevas. Meu coração se sentiria alegre se eu estivesse sob o abrigo daquela floresta, e se fosse primavera.

— Meu coração ficará alegre, mesmo no inverno — disse Aragorn. — Mas a floresta fica a muitas milhas daqui. Vamos nos apressar!

Por algum tempo, Frodo e Sam conseguiram manter o passo com o companheiros. Aragorn os conduzia com pressa, e depois de um tempo os dois ficaram para trás. Não tinham comido nada desde manhã cedo. O corte de Sam queimava como fogo, e sua cabeça estava leve. Apesar do sol que brilhava, o vento parecia frio depois da escuridão quente de Moria. Ele tremia. Frodo sentia que cada passo era mais doloroso que o anterior, e respirava com dificuldade.

Finalmente Legolas se voltou e, vendo que eles estavam bem atrás falou com Aragorn. Os outros pararam, e Aragorn correu na direção do hobbits, pedindo que Boromir o acompanhasse.

— Sinto muito, Frodo! — gritou ele, cheio de preocupação. — Tanta coisa aconteceu hoje, e temos tanta pressa, que eu esqueci que você está machucado, e Sam também.

Deveriam ter dito alguma coisa. Não fizemos nada para aliviá-lo como deveríamos, embora todos os orcs de Moria estivessem atrás de nós. Venham agora! Mais à frente há um lugar onde podemos descansar um pouco. Ali farei o que puder para ajudá-lo. Venha, Boromir! Vamos carregá-los.

Logo em seguida, depararam com um outro curso de água que vinha do Oeste, e juntava suas águas borbulhantes às do veloz Veio de Prata Juntos eles saltavam sobre uma cachoeira de pedra esverdeada e desciam espumando por um valezinho.

Em torno deste se erguiam abetos baixos e curvos, e as encostas eram inclinadas e cobertas com escolopêndrios e moitas de mirtilos. No fundo se via um espaço plano, através do qual a água corria barulhenta sobre seixos brilhantes. Ali descansaram. Eram quase três horas da tarde, e eles se estavam a algumas milhas dos Portões.

O sol já se encaminhava para o Oeste.

Enquanto Gimli e os dois hobbits mais novos acendiam uma fogueira com a madeira de abetos e de arbustos e pegavam água, Aragorn cuidou de Sam e de Frodo.

O ferimento de Sam não era fundo, mas tinha uma aparência feia, e o rosto de Aragorn ficou sério ao examiná-lo. Depois de um momento levantou os olhos aliviado.

— Teve sorte, Sam! — disse ele. — Muitos tiveram ferimentos piores como recompensa pelo primeiro orc que mataram. O corte não está envenenado, como frequentemente acontece com os ferimentos provocados pelas espadas dos orcs. Lave-o quando Gimli tiver esquentado a água. — Abriu sua bolsa e retirou algumas folhas amareladas. — Estão secas e perderam um pouco de seu poder de cura — disse ele — mas ainda tenho aqui algumas folhas de athelas que colhi no Topo do Vento. Amasse uma na água, e limpe o ferimento, e depois eu lhe faço uma atadura. Agora é sua vez, Frodo!

— Eu estou bem! — disse Frodo, relutando em permitir que suas roupas fossem tocadas. — Eu só precisava de um pouco de comida e descanso.

— Não! — disse Aragorn. — Precisamos dar uma olhada para ver o que o martelo e a bigorna lhe causaram. Fico surpreso em ver que você ainda está vivo. — Delicadamente, Aragorn retirou o velho casaco e a túnica desgastada de Frodo, soltando uma exclamação de surpresa. Depois riu.

O colete de prata cintilava diante de seus olhos como a luz sobre um mar ondulado. Cuidadosamente, retirou-o e ergueu-o; as pedras que havia no colete brilhavam como estrelas, e o som dos anéis sacudidos era como o ruído da chuva caindo sobre um lago.

— Vejam, meus amigos! — disse ele. — Aqui está uma bela pele de hobbit para embrulhar um principezinho élfico. Se soubessem por aí que os hobbits têm peles desse tipo, todos os caçadores da Terra-média estariam se dirigindo para o Condado.

— E todas as flechas e todos os caçadores do mundo seriam inúteis — disse Gimli, observando o colete, maravilhado. — É um colete de mithril. Mithril! Nunca vi ou ouvi falar de um tão belo, é desse colete que Gandal estava falando? Se for, ele o subestimou. Mas foi um presente bem dado!

— Sempre me perguntei o que você e Bilbo estavam fazendo fechados naquele quartinho — disse Merry. — Bendito seja o velho hobbit Gosto dele mais que nunca. Espero que tenhamos uma oportunidade de lhe falar sobre isso.

Havia uma contusão escura e enegrecida no flanco e ombro direitos de Frodo. Sob a malha metálica, havia uma camisa de couro macio, mas num ponto os anéis tinham-na perfurado e entrado na carne do hobbit. O flanco esquerdo também estava escoriado e contundido, no local em que ele tinha sido prensado contra a parede. Enquanto os outros preparavam a comida, Aragorn banhou o ferimento com a água na qual a folha de athelas fora posta de infusão. A fragrância pungente se espalhou no valezinho, e os que se agacharam sobre a água fervente se sentiram reanimados e fortificados. Logo Frodo sentia que a dor ia cedendo, e que sua respiração ia ficando mais fácil: apesar disso, a região atingida ficou sensível e inchada por vários dias. Aragorn enfaixou-lhe o flanco com algumas tiras de tecido macio.

— A malha metálica é maravilhosamente leve — disse ele. — Vista-a de novo, se puder aguentar. Meu coração se alegra em saber que você tem um casaco desses. Não o tire, nem mesmo para dormir, a não ser que a sorte o leve a algum lugar onde possa ficar em segurança por um tempo, e isso tem poucas chances de acontecer enquanto durar sua missão.

Depois da refeição, a Comitiva se aprontou para partir outra vez.

Apagaram a fogueira e todos os vestígios dela. Depois, saindo do vale retomaram a estrada. Não tinham ido muito longe quando o sol afundou atrás dos picos no Oeste, e grandes sombras avançaram por sobre as encostas das montanhas.

O crepúsculo velou-lhes os pés, e uma névoa começou a subir pelas cavidades delas.Adiante, no Leste, a luz da noite caía fraca sobre as terras apagadas da planície e da floresta ao longe.

Sam e Frodo, agora aliviados e bastante reconfortados, conseguiam seguir num bom passo, e apenas com uma breve parada Aragorn conduziu a Comitiva por mais quase três horas.

Estava escuro. A noite profunda havia caído. Havia muitas estrelas claras, mas a lua minguante não apareceria até bem mais tarde. Gimli e Frodo iam atrás, andando suavemente e sem conversar, tentando escutar

qualquer som que viesse da estrada atrás deles. Finalmente Gimli quebrou o silêncio.

— Nenhum som a não ser o do vento — disse ele. — Não há orcs por perto, ou minhas orelhas são de pau. É de esperar que os orcs fiquem satisfeitos em nos expulsar de Moria. E talvez esse fosse o propósito deles, e não tivessem mais nada a ver conosco — com o Anel. Apesar disso, os orcs sempre perseguem seus inimigos por muitas léguas, chegando até a planície, quando têm um capitão morto para vingar.

Frodo não respondeu. Olhou para Ferroada, e a lâmina não estava brilhando. Mesmo assim, ouvia alguma coisa, ou pensava estar ouvindo.

Logo que as sombras caíram ao redor deles e a estrada atrás ficou apagada, ele tinha escutado outra vez a batida rápida de passos. Escutava-a até agora. Voltou-se rapidamente. Viu dois pequenos pontos de luz atrás, ou por um momento julgou tê-los visto, mas eles imediatamente desviaram-se e desapareceram.

— O que foi? — perguntou o anão.

— Não sei — respondeu Frodo. — Pensei ter escutado passos, e te visto uma luz, como olhos. Tive essa impressão várias vezes, desde que entramos em Moria.

Gimli parou e se abaixou até o chão.

— Não ouço nada além da conversa noturna das plantas e pedras — disse ele. — Venha! Vamos nos apressar! Os outros já desapareceram de vista.

O vento noturno soprava frio, vindo do vale na direção deles. Adiante, uma enorme sombra cinzenta assomava, e eles ouviram um interminável farfalhar de folhas, como álamos na brisa.

— Lothlórien! — gritou Legolas. — Lothlórien! Chegamos ao limiar da Floresta Dourada. Pena que estamos no inverno! Sob a noite, as árvores se erguiam altas diante deles, arcadas sobre a estrada e a água que corria veloz sob os galhos estendidos. À luz pálida das estrelas, os troncos eram cinzentos, e as folhas que se agitavam tinham um traço de ouro fulvo.

— Lothlórien! — disse Aragorn. — Alegro-me em escutar de novo o vento nas árvores. Estamos ainda a um pouco mais de cinco léguas dos Portões, mas não podemos ir além. Esperemos que aqui a virtude dos elfos

nos proteja do perigo que nos persegue.

— Se é que os elfos realmente ainda moram aqui neste mundo em que as sombras aumentam — disse Gimli.

— Faz muito tempo que alguém de meu povo viajou até aqui, de volta à região de onde saímos eras atrás — disse Legolas. — Mas ouvimos falar que Lórien ainda não está abandonada, pois há um poder secreto aqui, que impede que o mal se aproxime do lugar. No entanto, seu povo é raramente visto, e talvez more no fundo da floresta, longe da fronteira Norte.

— Realmente, eles moram nas profundezas da floresta — disse Aragorn suspirando, como se alguma lembrança se agitasse dentro dele. — Devemos nos arranjar por esta noite. Vamos avançar um pouco mais, até que as árvores nos cubram totalmente, e depois vamos sair do caminho e procurar um lugar para descansarmos.

Deu um passo à frente, mas Boromir parou irresoluto e não o seguiu.

— Não há outro caminho? — perguntou ele.

— Que outro caminho mais belo você poderia desejar? — disse Aragorn.

— Uma simples estrada, mesmo que passasse através de uma cerca-viva de espadas — disse Boromir. — Por estranhos caminhos esta Comitiva foi guiada, e até agora para encontrar má sorte. Contra minha vontade, passamos sob as sombras de Moria, para nossa infelicidade. E agora você diz que devemos entrar na Floresta Dourada. Mas desta terra perigosa já ouvimos falar em Gondor, e diz-se que poucos que entram conseguem sair dela, e desses poucos nenhum escapa ileso.

— Não diga ileso, diga inalterado, e então talvez dirá a verdade — disse Aragorn. — Mas a tradição está se extinguindo em Gondor, Boromir, se na cidade daqueles que já foram sábios se fala mal de Lothlórien. Creia no que quiser, não há outro caminho para nós — a não ser que voltássemos ao Portão de Moria, ou escalássemos as montanhas onde não há caminhos, ou nadássemos sem proteção através do Grande Rio.

— Então vá na frente! — disse Boromir. — Mas é perigoso.

— Realmente perigoso — disse Aragorn —, um lugar belo e perigoso mas apenas o mal precisa temê-lo, ou aqueles que trazem consigo alguma

maldade. Sigam-me!

Tinham avançado pouco mais de uma milha na floresta quando encontraram um outro curso de água que corria veloz das ladeiras arborizadas que de novo subiam para o Oeste, na direção das montanhas. Escutaram a água caindo numa cascata escondida nas sombras, à direita e um pouco mais adiante.

— Aquele é o Nimrodel! — disse Legolas. — Sobre esse riacho os elfos da Floresta fizeram muitas canções antigamente, e ainda as cantamos no Norte, relembrando o arco-íris sobre as suas cascatas, e as flores douradas que flutuavam sobre sua espuma. Tudo agora está escuro, e a Ponte do Nimrodel está destruída. Vou molhar meus pés, pois diz-se que a água é curativa para os que estão cansados. — Foi à frente e desceu a margem íngreme, entrando com os pés na água.

— Sigam-me! — gritou ele. — O riacho não é fundo. Vamos atravessá-lo andando! Podemos descansar na outra margem , e o som da água que cai poderá nos trazer sono e esquecimento de nossas dores.

Um a um, os outros desceram também a margem, e por último foi Legolas.

Por um momento, Frodo parou perto da borda e deixou que a água corresse sobre seus pés cansados.

Era fria, mas seu toque era limpo, e conforme Frodo foi avançando e a água chegou à altura dos joelhos, foi sentindo que suas pernas estavam sendo lavadas de toda a sujeira da viagem e de todo o cansaço.

Quando todos da Comitiva tinham atravessado, sentaram-se para descansar e comer um pouco; Legolas contou-lhes as histórias de Lothlórien que os elfos da Floresta das Trevas ainda guardavam no coração, sobre a luz do sol e das estrelas, sobre os prados próximos ao Grande Rio, antes de o mundo ficar cinzento.

Finalmente se fez silêncio, e eles escutaram a música da cascata correndo docemente nas sombras. Frodo quase imaginou que ouvia uma voz cantando, misturada ao som da água.

— Estão ouvindo a voz de Nimrodel? — perguntou Legolas. — Vou cantar-lhes uma canção da donzela Nimrodel, que tinha o mesmo nome do riacho perto do qual viveu há muito tempo. É uma canção bonita em nossa

língua da floresta, mas em Westron fica assim, conforme alguns a cantam em Valfenda atualmente. — Numa voz suave, quase inaudível em meio ac farfalhar das folhas acima, ele começou.

Donzela élfica de outrora
Brilhava à luz do sol:
No manto branco de ouro orla,
Nos pés prata de escol.
Estrela presa sobre a testa,
Luz no cabelo dela;
Qual sol dourado na floresta
De Lórien a bela.
Longas melenas, alva tez,
Linda era e descuidada;
Ao vento ia com rapidez
De folha de folhada.
Junto às quedas de Nimrodel,
Na água clara e fria,
Sua voz de prata lá do céu
Rebrilhando descia.
Não há ninguém que saiba agora
Se em sombra ou luz está;
Perdeu -se Nimrodel outrora,
Nos montes vagará.
O barco élfico atracado,
Por monte protegido,
Por muitos dias ficou ao lado
Do mar enfurecido.
Um vento Norte a noite corta
Com gritos e estertor,
E o barco élfico transporta
Por maré de vapor.
Manhã sombria de terra em sombra,
Montanha acinzentada,

Além de altas, arfantes ondas,
Plumas de espuma e nada.
Amroth contempla o litoral
Já longe do escarcéu,
E amaldiçoa o barco o qual
Lá deixou Nimrodel.
Um Elfo-rei outrora houvera,
Senhor de vale e planta;
Abria em ouro a primavera
Em Lórien que encanta.
Do leme ao mar se joga num salto
Qual,flecha desferida,
Nas águas fundas vem do alto,
Falcão em sua descida.
Fluía o vento em seu cabelo,
A espuma o envolveu;
Assim foi visto forte e belo,
De cisne o nado seu .
Porém do Oeste não vieram
Palavras ou sinais;
Os elfos novas não tiveram
De Amroth nunca mais.

A voz de Legolas ficou trêmula e a canção parou.

— Não consigo mais cantar — disse ele. — Esta é apenas uma parte pois esqueci muita coisa. É uma canção longa e triste, porque narra como a tristeza chegou até Lothlórien, Lórien da Flor, quando os anões acordaram o mal nas montanhas.

— Mas os anões não criaram o mal — disse Gimli.

— Eu não disse isso; mesmo assim, o mal veio — respondeu Legolas tristemente. — Então muitos elfos do povo de Nimrodel deixaram suas moradias e partiram, e Nimrovel se perdeu lá longe, no Sul, nas passagens das Montanhas Brancas, e não voltou para o barco onde Amroth, seu amado, esperava por ela. Mas na primavera, quando o vento bate nas folhas novas, o eco de sua voz ainda pode ser ouvido perto das cascatas que têm

seu nome. E quando o vento sopra do Sul, a voz de Amroth vem do mar pois o Nimrodel deságua no Veio de Prata, que os elfos chamam de Celebrant, e o Celebrante deságua no Anduin, o Grande, e o Anduin corr para a Baía de Belfalas, de onde os elfos de Lórien partiram em sua embarcações. Mas Amroth e Nimrodel jamais voltaram.

— Conta-se que Nimrodel tinha uma casa construída nos galhos de uma árvore perto das cascatas, pois esse era o hábito dos elfos de Lórien, morar em árvores; talvez ainda seja. Por isso foram chamados de Galadhrim o Povo das Árvores. Nas profundezas de sua floresta as árvores são muito grandes. O povo da floresta não morava no chão como os anões, nem construíam edifícios resistentes de pedra antes de a Sombra chegar.

— E mesmo nos dias de hoje, morar em árvores pode ser considerado mais seguro do que sentar-se no chão – disse Gimli. Olhou através do riacho para a estrada que conduzia de volta ao Vale do Riacho Escuro, e depois olhou para o teto de galhos escuros que lhe cobria a cabeça.

— Suas palavras trazem um bom conselho, Gimli — disse Aragorn. – Não podemos construir uma casa, mas esta noite faremos como os Galadhrim: procuraremos refúgio nas copas das árvores, se pudermos. Ficamos sentados aqui ao lado da estrada mais tempo do que devíamos.

A Comitiva desviou do caminho, e mergulhou na sombra da floresta mais interna, na direção Oeste, ao longo do riacho da montanha, para longe do Veio de Prata. Não muito distante das cascatas do Nimrodel encontraram um conjunto de árvores, algumas das quais cobriam o riacho. Os grandes troncos cinzentos eram grossos, mas não se podia adivinhar sua altura.

— Vou subir — disse Legolas. — Sinto-me em casa em meio à árvores, perto da raiz ou do galho, embora essas árvores sejam de uma espécie que não conheço, a não ser por seu nome numa canção. São chamadas de malhorn, e são aquelas que ostentam as flores amarelas, mas nunca subi numa delas. Vou verificar agora seu formato e o modo como crescem.

— Qualquer que seja — disse Pippin —, serão árvores realmente maravilhosas se puderem oferecer algum tipo de descanso durante a noite, que não seja para pássaros. Eu não consigo dormir num poleiro.

— Então cave um buraco no chão — disse Legolas —, se isso for mais ao modo de seu povo. Mas precisa cavar fundo e rápido, se quiser se esconder dos orcs. — Pulou um pouco acima do solo e agarrou um galho que saía do tronco bem acima de sua cabeça. Mas enquanto se demorava alguns segundos pendurado ali, uma voz falou de repente, vindo das sombras das árvores acima.

— Daro! — disse a voz num tom imperativo, e Legolas caiu no solo surpreso e amedrontado. Encolheu-se contra o tronco da árvore.

— Fiquem quietos! — sussurrou ele para os outros. — Não se mexam e não falem nada!

Ouviu-se o som de risos suaves sobre suas cabeças, e então uma outra voz audível falou na língua dos elfos. Frodo conseguia entender pouca coisa do que se dizia, pois a língua que o povo Silvestre ao Leste das montanhas usava era diferente da do povo do Oeste. Legolas olhou para cima e respondeu na mesma língua.

— Quem são eles, e o que estão dizendo? — perguntou Merry.

— São elfos — disse Sam. — Não está escutando as vozes?

— Sim, são elfos — disse Legolas. — E estão dizendo que você respiram com tanto ruído que poderiam acertá-los com uma flecha no escuro.

Sam colocou rapidamente a mão na boca.

— Mas também estão dizendo que vocês não precisam ter medo. Eles já sabem de nós há algum tempo. Escutaram minha voz do outro lado do Nimrodel, e souberam que sou um de seus parentes do Norte; por isso não impediram nossa passagem. Depois, ouviram minha canção. Agora estão permitindo que eu suba com Frodo; parece que tiveram alguma notícia dele e de nossa viagem. Pedem que os outros esperem um pouco e vigiem ao pé da árvore, até que eles tenham decidido o que se deve fazer, Das sombras, desceu uma escada: era feita de corda, de um cinza prateado e brilhava na escuridão; embora parecesse frágil, mostrou-se forte o suficiente para suportar o peso de muitos homens. Legolas subiu rápido e com leveza; Frodo o seguiu devagar. Atrás dele veio Sam, tentando respirar sem fazer ruído.

Os galhos do mallorn brotavam quase em ângulo reto com o tronco, e depois avançavam para cima; mas perto da copa o galho principal se

ramificava numa coroa de muitos ramos, e em meio a estes eles viram que havia sido construída uma plataforma de madeira ou flet, como essas coisas eram chamadas n aquele tempo: os elfos o chamavam de talan. Chegava-se a ele através de um furo redondo no centro, pelo qual a escada descera.

Quando Frodo finalmente atingiu o flet, encontrou Legolas sentado com três outros elfos. Suas roupas eram de um cinza -escuro, e não se podiam ver em meio aos galhos das árvores, a não ser que os elfos fizessem movimentos bruscos. Eles se levantaram, e um deles descobriu uma pequena lamparina que emitia um raio de luz fraco e prateado. Ergueu-a, olhando para o rosto de Frodo, e de Sam. Então cobriu a luz novamente, e pronunciou palavras de boas -vindas em sua língua élfica. Frodo respondeu, hesitando.

— Bem-vindos! — disse o Elfo outra vez, na Língua Comum, falando devagar.

— Raramente usamos uma língua que não seja a nossa; moramos agora nas profundezas da floresta, e não nos relacionamos com outros povos voluntariamente. Mesmo nossos próprios parentes do Norte estão separados de nós. Mas ainda existem alguns de nós que saem daqui para coletar notícias, e para vigiar nossos inimigos, e eles falam a língua de outras terras. Haldir é meu nome. Meus irmãos, Rúmil e Orophin, falam pouca coisa em sua língua.

— Mas escutamos rumores sobre sua vinda, pois os mensageiros de Elrond passaram por Lórien, em seu caminho de volta pela Escada do Riacho Escuro. Não ouvíamos falar de... hobbits, ou pequenos, havia vários e vários anos, e não sabíamos que alguns deles ainda moravam na Terra - média. Vocês não parecem maus! E já que vêm com um elfo que é nosso parente, estamos dispostos a fazer amizade com vocês, como Elrond pediu; embora não seja nosso costume levar estranhos pelas nossas terras. Mas devem ficar aqui esta noite. Quantos são?

— Oito — disse Legolas. — Eu, quatro hobbits, dois homens, um dos quais é Aragorn, um amigo-dos-elfos do povo do Ponente.

— O nome de Aragorn, filho de Arathorn, é conhecido em Lórien — disse Haldir. — E ele tem a simpatia da Senhora. Então está tudo bem. Mas você só falou de sete.

— O oitavo é um anão — disse Legolas.

— Um anão! — disse Haldir. — Isto não está bem. Não mantemc contato com os anões desde os Dias Escuros. A entrada deles não (permitida em nossa terra. Não posso deixar que ele passe.

— Mas este é da Montanha Solitária, do confiável povo de Dain, amigo de Elrond — disse Frodo. — Foi o próprio Elrond quem o escolhe para ser um de meus companheiros, e ele tem se mostrado corajoso e fiel!

Os elfos conversaram entre si em voz baixa, e fizeram perguntas a Legolas na sua própria língua.

— Muito bem — disse Haldir finalmente. — Vamos permitir, embora a contragosto. Se Aragorn e Legolas estiverem dispostos a vigiá-lo e (responder por ele, poderá passar. Mas deverá atravessar Lothlórien com o olhos vendados. Mas agora não devemos alongar a discussão. Nosso povc não deve permanecer no chão. Estivemos vigiando os rios, desde quandc vimos uma grande tropa de orcs indo para o Norte na direção de Moria, ac longo das bordas das montanhas, muitos dias atrás. Há lobos uivando nas fronteiras da floresta. Se vocês realmente vieram de Moria, o perigo nãc pode estar muito atrás. Amanhã cedo devem prosseguir. Os quatro hobbits devem subir aqui e ficar conosco, não temos medo deles! Há mais um talan na próxima árvore. Ali os outros devem se refugiar. Você, Legolas, deve responder por eles. Chame-nos se algo estiver errado! E fique de olhc naquele anão!

Legolas desceu imediatamente a escada para levar a mensagem de Haldir, e logo depois Merry e Pippin escalavam a árvore e atingiam o alt flet.

Estavam sem fôlego e pareciam terrivelmente amedrontados.

— Aqui está! — disse Merry ofegando. — Trouxemos seus cobertores e também os nossos.

Passolargo escondeu todo o resto da bagagem num grande monte de folhas.

— Não será necessária sua bagagem — disse Haldir. — Faz frio na copas das árvores no inverno, embora o vento esta noite esteja soprando do Sul. Mas temos para oferecer-lhes, comida e bebida que afastarão o frio da noite, e temos peles e capas a mais.

Os hobbits aceitaram essa segunda ceia (que foi muito melhor) com grande alegria. Depois agasalharam-se bem, não só com as capas revestidas de pele dos elfos, mas também com os próprios cobertores, e tentaram adormecer. Mas, cansados como estavam, apenas Sam achou fácil dormir Os hobbits não gostam de lugares altos, e não dormem no andar de cima, mesmo quando têm qualquer tipo de escada. O flet não servia de modo algum como quarto, segundo o gosto deles. Não tinha paredes, nem sequer um parapeito; apenas de um lado havia um fino biombo trançado, que podia ser removido e fixado em diferentes pontos, de acordo com o vento.

Pippin continuou conversando por um tempo.

— Espero que, se realmente conseguir dormir nesse quarto que mais parece um sótão, eu não caia lá embaixo — disse ele.

— Se eu conseguir dormir — disse Sam —, vou continuar dormindo caindo ou não lá embaixo. E quanto menos falarem, mais fácil será eu cair no sono, se entendem o que quero dizer.

Frodo ficou deitado por um tempo sem dormir, olhando para as estrelas que brilhavam através do teto pálido de folhas que se agitavam. Sam já roncava do seu lado muito antes que ele tivesse fechado os olhos. Frodo podia ver vagamente as formas cinzentas de dois elfos sentados, sem se mexer, com os braços em volta dos joelhos, falando aos sussurros. O outro tinha descido para fazer seu turno de guarda em um dos galhos mais baixos.

Finalmente, ninado pelo vento nos ramos acima, e pelo doce murmúrio das cascatas do Nimrodel, Frodo adormeceu com a canção de Legolas ecoando em sua cabeça.

Tarde da noite, acordou. Os outros hobbits estavam dormindo. Os elfos tinham-se ido. A lua em forma de foice emanava uma luz fraca por entre as folhas. Não havia vento. A uma certa distância, escutou uma gargalhada rude e pisadas de muitos pés no chão lá embaixo. Ouviu um tinido metálico. Os ruídos foram sumindo devagar, e pareciam se dirigir para o Sul, ou para dentro da floresta.

Uma cabeça apareceu de repente pela abertura no flet. Frodo se sentou alarmado e viu que era um elfo de capuz cinza. Olhou na direção dos hobbits.

— O que foi"? — perguntou Frodo.

— Yrch! — disse o elfo num sussurro chiado, e jogou para dentro dc flet a escada de corda, enrolada.

— Orcs! — disse Frodo. — O que estão fazendo"? — Mas o elfo tinh sumido.

Não houve mais ruídos. Até mesmo as folhas estavam quietas, e as próprias cascatas pareciam ter silenciado. Frodo se sentou, tremendo em seus cobertores. Sentia-se grato pelo fato de não terem sido pegos no chão, mas também tinha a impressão de que as árvores ofereciam pouca proteção, a não ser pela possibilidade de escondê-los.

Os orcs tinham um faro semelhante ao dos cães, mas também podiam subir nas árvores, Frodo retirou Ferroada da bainha: a espada brilhou comc uma chama azul; depois o brilho foi sumindo devagar e ela ficou novamente opaca. Apesar disso, a sensação de perigo imediato não abandonou Frodo; ac invés disso, ficou mais intensa. Ele se levantou e foi se arrastando até a abertura para espiar lá embaixo.

Estava quase certo de que podia ouvir movimentos furtivos ao pé da árvore.

Não eram elfos, pois o povo da floresta era totalmente silencioso em seus movimentos. Depois Frodo escutou um ruído baixo, como se alguém estivesse farejando, e alguma coisa parecia estar raspando o tronco da árvore. Olhou para baixo no escuro, prendendo a respiração.

Alguma coisa agora estava subindo lentamente e sua respiraçãc vinha como um silvo baixo entre dentes cerrados. Então, subindo, perto dc galho, Frodo viu dois olhos pálidos. Pararam e ficaram olhando para cima sem piscar. De repente voltaram-se noutra direção e uma figura sombria escorregou pelo tronco da árvore e desapareceu.

Imediatamente depois disso, Haldir veio subindo depressa através dos galhos.

— Havia alguma coisa nesta árvore que eu nunca tinha visto antes — disse ele. — Não era um orc. Fugiu assim que toquei o tronco. Parecia se precavido, e ter alguma habilidade para subir em árvores; se não fosse isso, eu poderia ter pensado que era um de seus hobbits. Não atirei, pois nãc arrisquei provocar qualquer grito: não podemos correr o risco de uma batalha. Um grupo assustador de orcs passou por aqui. Atravessaram c

Nimrodel — amaldiçôo seus pés imundos poluindo aquelas águas limpas! — e foram pela estrada velha ao longo do rio. Pareciam estar farejando algo, e ficaram um tempo fuçando o chão perto do lugar onde você parou. Nós três não podíamos desafiar uma centena, então fomos adiante e falamos disfarçando nossa voz, para atraí-los para dentro da floresta. Orophin voltou agora correndo para nossas moradias a fim de avisar nosso povo. Nenhum dos orcs sairá de Lórien. E haverá muitos elfos escondidos na fronteira Norte antes que mais uma noite caia. Mas vocês devem pegar a estrada para o Su assim que o dia chegue.

A luz do dia veio pálida do Leste. Conforme aumentava, ia send filtrada pelas folhas amarelas do mallorn, e os hobbits tiveram a impressão de que os primeiros raios de sol de uma manhã fresca de verão começavam a brilhar. O céu, de um azul pálido, espiava por entre os galhos que se agitavam. Olhando por uma abertura no lado Sul do flet, Frodo viu todo vale do Veio de Prata se estendendo como um mar de ouro fulvo, ondulando suavemente com a brisa.

Era de manhãzinha e ainda estava frio quando a Comitiva partiu outra vez, guiada por Haldir e seu irmão Rúmil.

— Adeus, doce Nimrodel! — gritou Legolas, Frodo se voltou vislumbrou a espuma branca através dos galhos cinzentos.

— Adeus! — disse ele. Parecia-lhe que nunca mais ouviria uma música tão doce de água correndo, eternamente mesclando suas inumeráveis notas numa melodia interminável, que sempre se alterava.

Voltaram para a trilha que ainda prosseguia ao longo do lado Oeste do Veio de Prata, e por algumas milhas seguiram -na para o Sul. Havia pegada de orcs na terra.

Mas logo Haldir tomou outra direção e entrou na floresta, parando na margem do rio sob as sombras.

— Há um membro de meu povo lá adiante, do outro lado da margem disse ele —, embora possa passar despercebido por vocês. — Haldir emitiu um chamado semelhante ao piar baixo de um pássaro, e de uma moita de arvores jovens saiu um elfo, vestido de cinza, mas com o capuz jogado para trás, Seu cabelo reluzia como ouro ao sol matinal. Haldir, com muita destreza, jogou por sobre a água um rolo de corda cinza, e o elfo apanhou a

ponta e a prendeu em volta de uma árvore perto da margem.

— O Celebrant já é uma correnteza forte aqui, como podem ver — disse Haldir. — E nesse ponto corre rápido e já está fundo, e sua água é muito fria. Não entramos nele aqui tão ao Norte, a não ser que seja necessário. Mas nestes dias de vigilância, não construímos pontes. É assim que atravessamos! Sigam-me! — Amarrou sua ponta da corda numa outra árvore, e então correu lépido por ela, sobre o rio, de uma margem até a outra, como se estivesse numa estrada.

— Eu consigo andar nesse caminho — disse Legolas. — Mas os outro não têm essa habilidade. Será que terão de nadar?

— Não! — disse Haldir. — Temos outras duas cordas. Vamos amarrá-las acima da outra, uma na altura dos ombros, e outra na altura da cintura. Segurando nelas esses forasteiros podem atravessar, com cuidado.

Quando essa frágil ponte havia sido feita, a Comitiva atravessou o rio, alguns com cautela e devagar, outros com mais facilidade. Dos hobbits, Pippin acabou se mostrando o melhor, pois ele pisava com confiança e andava na corda com rapidez, segurando com apenas uma das mãos: mas ele mantinha os olhos na margem à sua frente e não olhava para baixo. Sam foi sem levantar os pés, agarrado à corda e olhando para a água clara e ondulada, como se fosse um abismo nas montanhas.

Respirou aliviado ao se ver a salvo do outro lado.

— Vivendo e aprendendo!, como costumava dizer meu velho pai. Apesar de ele se referir à jardinagem, e não a ficar empoleirado como um pássaro, ou tentar andar como uma aranha. Nem mesmo meu tio Andy jamais fez uma façanha como essa!

Quando finalmente toda a Comitiva estava reunida na outra margem do Veio de Prata, os elfos desamarraram as cordas e enrolaram duas delas. Rúmil, que tinha ficado do outro lado, retirou a última, pendurou-a no ombro e com um aceno de mão foi embora, de volta ao Nimrodel, para ficar vigiando.

— Agora, amigos — disse Haldir —, vocês entraram no Naith de Lórien, ou o Gomo, como vocês diriam, pois esta é a região que se estende no formato de uma ponta de lança entre o Veio de Prata e o Grande Anduin. Não permitimos que estranhos espionem os segredos do Naith. Na verdade

a poucos se permite que coloquem os pés aqui.

— Como combinamos, vou vendar os olhos do anão. Os outros podem andar livremente até que cheguemos mais perto de nossas moradias, em Egladil, no Ângulo entre os dois rios.

Gimli não gostou nem um pouco disso.

— O acordo foi feito sem minha permissão — disse ele. — Não vou andar com os olhos vendados, como um mendigo ou um prisioneiro. Não sou nenhum espião. Meu povo nunca teve contato com qualquer um dos servidores do Inimigo. Do mesmo modo, nunca fizemos mal algum aos elfos. Eu não estou mais propenso a traí-los do que Legolas, ou qualquer um de meus companheiros.

— Não duvido do que está dizendo — disse Haldir. — Mas esta é nossa lei. Não sou o dono das leis, e não posso ignorá-las. Já fiz muito permitindo que vocês colocassem os pés no Celebrante.

Gimli se mostrava irredutível. Afastou os pés e fincou -os com firmeza no solo, colocando a mão sobre o cabo do machado.

— Vou caminhar livremente — disse ele —, ou então volto e procuro minha própria terra, onde todos sabem que sou um anão de palavra, mesmo que possa sucumbir em meio às regiões desertas.

— Você não pode voltar — disse Haldir com rispidez. — Agora que chegou até aqui, precisa ser levado à presença do Senhor e da Senhora. Eles devem julgá-lo, retê-lo aqui ou permitir que parta, conforme quiserem. Você não pode atravessar os rios outra vez, pois lá atrás agora estão sentinelas secretas, pelas quais não poderá passar. Seria morto antes mesmo que as visse.

Gimli puxou o machado do cinto. Haldir e seu companheiro aprontaram os arcos.

— Malditos anões com sua teimosia! — disse Legolas.

— Calma! — disse Aragorn. — Se ainda sou líder desta Comitiva vocês devem fazer o que eu determinar. É difícil para o anão ser discriminado desta maneira. Todos nós vamos com os olhos vendados, até mesmo Legolas. Será melhor assim, apesar de nossa viagem ficar monótona e demorada.

Gimli riu de repente.

— Vamos parecer um bando de bobos alegres! Haldir vai nos levar numa coleira, como vários mendigos cegos seguindo um cachorro? Mas fico satisfeito se apenas Legolas dividir essa cegueira comigo.

— Sou um elfo e parente do povo daqui — disse Legolas, ficando por sua vez furioso.

— Então vamos gritar: "Malditos elfos com sua teimosia!" — disse Aragorn. — Mas a Comitiva deve partilhar tudo da mesma maneira. Venha, cubra nossos olhos, Haldir!

— Exigirei indenizações por cada queda ou dedo esfolado, se vocês não nos conduzirem direito — disse Gimli, enquanto lhe colocavam um pano em volta dos olhos.

— Não vai ter nada a exigir — disse Haldir. — Vou conduzi-los bem e os caminhos são planos e sem acidentes.

— É uma lástima a loucura destes dias! — disse Legolas. — Todos aqui são inimigos do único Inimigo, e mesmo assim devo andar como um cego, enquanto o sol alegra a floresta sob as folhas douradas!

— Pode ser loucura — disse Haldir. — Mas na verdade o poder do Senhor do Escuro nunca se manifestou tão claramente como na hostilidade que divide todos aqueles que ainda se opõem a ele. Apesar disso, encontramos tão pouca confiança e sinceridade no mundo além de Lothlórien, talvez com a exceção de Valfenda, que não ousamos arriscar a segurança de nossa terra confiando demais nos outros. Vivemos atualmente numa ilha rodeada de Perigos, e nossas mãos tocam com mais frequência os arcos que as harpas. Os rios nos defenderam por muito tempo, mas não são mais uma proteção segura; a Sombra avança do Norte e nos rodeia. Alguns falam em partir, mas parece que já é tarde para isso. As montanhas ao Oeste estão ficando perigosas; ao Leste as terras estão perdidas, e cheias das criaturas de Sauron; comenta-se também que não poderemos passar em segurança para o Sul através de Rohan, e que a foz do Grande Rio está sendo vigiada pelo Inimigo. Mesmo que conseguíssemos chegar à beira do mar, já não poderíamos encontrar qualquer abrigo ali. Comenta -se que ainda existem os portos dos Altos-elfos, mas estes ficam no extremo Norte e no extremo Oeste, além da terra dos Pequenos. Mas onde realmente ficam embora possa ser do conhecimento do Senhor e da Senhora, eu não sei.

— Você deveria ao menos adivinhar, já que nos viu — disse Merry Existem portos de elfos a oeste de minha terra, o Condado, onde vivem os hobbits.

— Os hobbits são um povo feliz por poder morar perto do mar! — disse Haldir. — Realmente faz muito tempo que qualquer representante de meu povo colocou os olhos nele, embora ainda o recordemos em canções. Conte -me sobre esses portos enquanto caminhamos.

— Não posso contar nada — disse Merry. — Nunca os vi. Nunca saí de minha terra antes. E se tivesse sabido como o mundo de fora era, não acho que teria tido a coragem de deixá-la.

— Nem mesmo para ver a bela Lothlórien"? — perguntou Haldir. – Realmente, o mundo está cheio de perigos, mas ainda há muita coisa bonita, e embora atualmente o amor e a tristeza estejam misturados em todas as terras, talvez o primeiro ainda cresça com mais força.

— Existem alguns entre nós que cantam que a Sombra vai recuar, e a paz voltará. Mesmo assim, não acredito que o mundo à nossa volta possa ser o mesmo de antigamente, ou mesmo que a luz do sol possa brilhar com a mesma intensidade. Receio que aos elfos restará, na melhor das hipóteses, uma trégua durante a qual poderão passar para o mar sem serem molestados e deixar a Terra-média para sempre. Sinto por Lothlórien, que tanto amo! A vida seria pobre numa terra onde não nascesse algum mallorn. Mas se existem pés de mallorn do outro lado do Grande Mar, ninguém nunca comentou.

Conversando sobre essas coisas, a Comitiva seguiu em fila e lentamente pelas trilhas na floresta, conduzida por Haldir, enquanto o outro elfo andava atrás. Sentiam o chão sob seus pés macio e plano, e depois de um tempo passaram a caminhar com mais liberdade, sem medo de cair ou de se machucar.

Desprovido da visão, Frodo sentiu seus outros sentidos se aguçarem Podia sentir o cheiro das árvores e da grama pisada. Ouvia vários tons diferentes no farfalhar das folhas acima, o rio murmurando na distância à sua direita, e as vozes límpidas e frágeis dos pássaros no céu. Sentia o sol a lhe bater no rosto e nas mãos quando passavam através de uma clareira.

Desde que pisara na outra margem do Veio de Prata, fora tomado por

uma sensação estranha, que ia se intensificando à medida que entrava no Naith: parecia-lhe que tinha atravessado uma ponte do tempo e atingido um canto dos Dias Antigos, e estava agora andando num mundo que não existia mais. Em Valfenda havia lembranças de coisas antigas; em Lórien as coisas antigas ainda existiam no mundo real. A maldade havia sido vista ou ouvida ali, conhecia-se a tristeza; os elfos temiam e desconfiavam do mundo lá fora: os lobos uivavam nas fronteiras da floresta; mas sobre a terra de Lórien não pairava sombra alguma.

Durante todo aquele dia, a Comitiva continuou marchando, até que sentiram a noite fresca chegar, e ouviram o vento do crepúsculo sussurrando por entre as muitas folhas. Então pararam e dormiram sem medo sobre o chão, pois os guias não lhes permitiriam desvendar os olhos, e eles não podiam subir nas árvores.

Na manhã seguinte prosseguiram, e Frodo estava consciente de que caminhavam sob a luz do sol. De repente escutou o som de muitas vozes ao redor.

Um grupo de elfos tinha se aproximado em silêncio: estavam correndo em direção às fronteiras do Norte para protegê-la contra qualquer ataque de Moria, e traziam notícias, das quais Haldir reportou algumas. Os orcs saqueadores tinham sido derrotados e quase todos destruídos; o restante deles tinha fugido para o Oeste na direção das montanhas, e estavam sendo perseguidos. Uma criatura estranha também tinha sido vista, correndo com as costas arqueadas e com as mãos perto do chão, como um animal e apesar disso sem ter a aparência de um animal. Tinha conseguido escapar, e não atiraram nela por não saberem se era boa ou má, e a criatura tinha desaparecido pelo Veio de Prata em direção ao Sul.

— Além disso — disse Haldir —, eles me trazem uma mensagem do Senhor e da Senhora dos Galadhrim. Todos podem andar livremente, até mesmo o anão Gimli. Parece que a Senhora sabe quem e o que é cada membro da Comitiva. Talvez novas mensagens tenham chegado de Valfenda.

Haldir retirou primeiro a venda dos olhos de Gimli.

— Minhas desculpas! — disse ele com uma reverência. — Olhe-nos agora com olhos de amigo! Olhe e se alegre, pois é o primeiro anão que pode

enxergar as árvores do Naith de Lórien, desde os dias de Durin!

Quando por sua vez Frodo teve os olhos desvendados, ele olhou para cima e perdeu o fôlego. Estavam parados num espaço aberto. À esquerda ficava um grande monte, coberto por um gramado tão verde como a primavera dos Dias Antigos. Sobre ele, como uma coroa dupla, cresciam dois círculos de árvores. As de fora tinham troncos brancos como a neve, não tinham folhas e mesmo assim eram belas na sua nudez elegante; as de dentro eram pés de mallorn muito altos, ainda adornados por um dourado claro. Bem no meio dos galhos de uma árvore alta que se erguia no centro de todas reluzia um flet branco. Ao pé das árvores, e por toda a volta das colinas verdes, o gramado estava salpicado de pequenas flores douradas, com formato de estrelas. Entre estas, pendendo de caules frágeis, havia outras flores, brancas ou de um verde muito claro: brilhavam como uma névoa sobre a rica tonalidade da grama. Acima de tudo o céu estava azul, e o sol da tarde batia na colina e lançava sombras compridas e verdes embaixo das árvores.

— Vejam! Vocês estão em Cerin Amroth — disse Haldir. — Este é coração do reino antigo, como era outrora; aqui está a Colina de Amroth onde em dias mais felizes foi construída sua bela casa. Aqui sempre desabrocham as flores do inverno na relva sempre igual. As elanor amarelas e o pálido niphredil. Aqui vamos nos deter um pouco, para entrar na cidade dos Galaditrim ao anoitecer.

Os outros se jogaram sobre a relva cheirosa, mas Frodo continuou de pé por uns momentos, ainda pasmo e admirado. Tinha a impressão de ter atravessado uma janela alta que dava para um mundo desaparecido. Havia uma luz sobre esse mundo que não podia ser descrita na língua dele. Tudo o que via parecia harmonioso, mas as formas pareciam novas, como se tivessem sido concebidas e desenhadas no momento em que lhe tiraram a venda dos olhos, e ao mesmo tempo antigas, como se tivessem existido desde sempre. Frodo não viu cores diferentes das que conhecia, dourado e branco e azul e verde, mas eram novas e pungentes, como se naquele mesmo momento as tivesse percebido pela primeira vez, dando-lhes nomes novos e maravilhosos.

Naquela região, no inverno, ninguém podia sentir saudade do verão

ou da primavera. Não se podia ver qualquer defeito ou doença ou deformidade em cada uma das coisas que cresciam sobre a terra. Não havia manchas na terra de Lórien.

Voltou-se e viu que Sam estava parado ao seu lado, olhando em volta com uma expressão admirada, e esfregando os olhos como se não tivesse certeza de estar acordado.

— Estamos num dia brilhante e pleno de luz, por certo — disse ele. — Pensei que os elfos preferissem a lua e as estrelas: mas isto aqui é mais élfico do que qualquer coisa que já ouvi contar. Sinto — me como se estivesse dentro de uma canção, se o senhor entende o que quero dizer.

Haldir olhou para eles, e parecia realmente entender o que diziam os pensamentos e as palavras. Sorriu.

— Vocês estão sentindo o poder da Senhora dos Galadhrim — disse ele. — Gostariam de subir comigo o Cerin Amroth?

Os outros seguiram Haldir enquanto ia subindo pelas encostas cobertas de grama. Embora estivesse andando e respirando, e à sua volta as folhas vivas se agitassem com o mesmo vento fresco que lhe batia no rosto, Frodo se sentia como se estivesse numa terra eterna, que não perdia o viço ou se alterava ou cala no esquecimento.

Quando tivesse partido e entrado outra vez no mundo de fora, Frodo, o andarilho do Condado, ainda estaria caminhando ali, sobre a relva e por entre os elanor e niphredil da bela Lothlórien.

Entraram no círculo de árvores brancas. Quando fizeram isso, o Vento Sul soprou sobre Cerin Amroth e suspirou por entre os galhos. Frodo parou quieto, ouvindo grandes mares distantes sobre praias que tinham sido levadas havia muito tempo, e o grito de pássaros marítimos cuja raça já tinha desaparecido da terra.

Haldir tinha ido na frente e agora subia para o alto flet. Quando Frodo se preparava para segui-lo, colocou a mão sobre a árvore ao lado da escada: nunca antes ele tinha tido uma consciência tão aguçada e repentina da sensação e da textura de uma casca de árvore e da vida dentro dela. Sentiu um prazer provocado pela madeira e pelo seu toque nas mãos, que não era o prazer de um agricultor ou de um carpinteiro, mas o prazer da própria vida da árvore.

Quando pisou finalmente na alta plataforma, Haldir pegou sua mão e o virou para o Sul.

— Olhe para este lado primeiro — disse ele.

Frodo olhou e viu, ainda a certa distância, uma colina com várias arvores grandes ou uma cidade de torres verdes: o que era exatamente não sabia dizer. Dali lhe parecia emanar o poder e a luz que mantinham toda aquela região em equilíbrio. Desejou de repente voar como um pássaro para descansar na cidade verde. Então olhou para o Leste e viu a terra de Lórien descendo até o brilho claro do Anduin, o Grande Rio. Levantou os olhc acima da linha do rio e toda a luz se extinguiu, e ele estava de volta ao mundo que conhecia. Além do rio a terra parecia plana e vazia, informe e vaga, até que muito na frente se erguia de novo como uma parede, escura e melancólica. O sol que batia em Lothlórien não tinha o poder de iluminar a sombra daquela região alta e distante.

— Ali fica a fortaleza do Sul da Floresta das Trevas disse Haldir. Es incrustada numa mata de abetos escuros, onde as árvores lutam u mas contra as outras e seus ramos apodrecem e definham. No meio, sobre uma colina rochosa, fica Dol Guldur, onde por muito tempo o Inimigo oculto tinha sua moradia. Tememos que agora esteja habitada outra vez, e com um Poder sete vezes maior. Ultimamente uma nuvem negra paira sempre sobre ela. Neste lugar alto você poderá ver os dois poderes que se opõem; e agora ambos sempre lutam através dos pensamentos , mas embora a luz perceba o próprio coração da escuridão, seu próprio segredo ainda não foi descoberto. Não por enquanto! — Voltou-se e desceu rapidamente, e os outros c seguiram.

Ao pé da colina Frodo encontrou Aragorn, parado e quieto como uma árvore, mas em sua mão estava uma pequena flor dourada de elanor, e uma luz brilhava em seus olhos.

Estava envolvido em alguma lembrança antiga: e, olhando para ele, Frodo percebeu que ele olhava as coisas como elas haviam sido certa vez naquele lugar. Os anos tristes tinham sido retirados do rosto de Aragorn, que parecia estar vestido de branco, um senhor alto e belo; ele falava coisas na língua élfica para alguém que Frodo não podia ver.

- *Arwen vanimelda, namariê!*, — disse, a suspirar, e depois regressou do

mundo das recordações, olhou para Frodo e sorriu, e depois respirou fundo.

Despertando de seu devaneio, olhou para Frodo e sorriu.

— Aqui está o coração do Reino Élfico na terra — disse ele — e aqu mora meu coração para sempre, a menos que haja luz além das estradas escuras que devemos percorrer, você e eu. Venha comigo! — E, segurando a mão de Frodo, deixou a colina de Cerin Amroth, para a qual nunca mai retornou em vida.

CAPÍTULO VII: O ESPELHO DE GALADRIEL

O sol se escondia por trás das montanhas, e as sombras se aprofundavam na floresta, quando a Comitiva partiu.

O caminho que trilhavam agora atravessava conjuntos de árvores onde a escuridão já havia se instalado. A noite surgia por detrás das árvores quando eles andavam, e os elfos descobriram suas lamparinas prateadas.

De repente chegaram a um espaço aberto outra vez, e se viram sob um claro céu noturno, salpicado pelas primeiras estrelas. Havia um trecho amplo e sem árvores adiante, formando um grande círculo com descidas que se estendiam de ambos os lados. Além desse espaço via-se um fosso profundo, perdido na sombra suave, mas a grama sobre sua borda era verde, como se ainda brilhasse em memória do sol que já se fora. Mais adiante, do lado oposto, erguia -se a uma enorme altura uma muralha verde circundando uma colina verde coberta de pés de mallorn, mais altos do que quaisquer outros que eles tinham visto naquela região. Não se podia adivinhar sua altura, mas erguiam-se no crepúsculo como torres vivas. Nas numerosas camadas de galhos e por entre as folhas que sempre se agitavam, brilhavam incontáveis luzes, verdes, douradas e prateadas.

Haldir voltou-se para a Comitiva.

— Bem-vindos a Caras Galadhon! — disse ele. — Esta é a cidade do Galadhrim, onde moram o Senhor Celeborn e Galadriel, a Senhora de Lórien. Mas não podemos entrar por aqui, pois os portões não se abrem para o Norte. Devemos dar a volta chegando pelo lado Sul, e o caminho não é curto, pois a cidade é grande.

Havia uma estrada pavimentada com pedras brancas percorrendo a borda externa do fosso. Por ali foram na direção Oeste, com a cidade sempre subindo como uma nuvem verde à esquerda; à medida que a noite ia chegando, muitas outras luzes se acendiam, até que toda a colina pareceu estar incendiada de estrelas.

Finalmente chegaram a uma ponte branca, e atravessando-a depararam com os grandes portões da cidade: abriam-se para o Sudoeste, e ficavam entre as extremidades da muralha, que ali se encontravam; eram

resistentes e altos, munidos de muitas lamparinas.

Haldir bateu e falou, o que fez com que os portões se abrissem sem qualquer ruído, mas Frodo não viu nenhum sinal de guardas. Os viajantes entraram e os portões se fecharam atrás deles. Estavam numa alameda funda entre as extremidades da muralha, e avançando rapidamente por ela entraram na Cidade das Arvores. Não viram ninguém, nem escutaram o som de nenhum passo nos caminhos; mas havia muitas vozes enchendo o ar ao redor e acima deles. Mais acima, na colina, puderam escutar vozes cantando, que pareciam cair sobre as folhas como uma chuva suave.

Continuaram por muitos caminhos, e subiram muitas escadas, até que chegaram às partes altas e viram adiante, em meio a um vasto gramado, uma fonte tremeluzindo.

Estava iluminada por lamparinas prateadas penduradas aos galhos das árvores, e caía sobre um vaso de prata, do qual jorrava água cristalina.

No lado Sul do gramado subia a maior de todas as árvores; a copa lisa e grande reluzia como uma seda cinzenta; o tronco se erguia imponente até que os primeiros galhos, bem em cima, abriam seus enormes braços sob nuvens de folhas sombreadas. Ao lado ficava uma grande escada branca, e na base três elfos estavam sentados. Pularam de pé logo que viram os viajantes se aproximando, e Frodo viu que eram altos e estavam vestindo malhas metálicas cinzentas, e de seus ombros pendiam mantos longos e brancos.

— Aqui moram Celeborn e Galadriel — disse Haldir. — É o desejo deles que vocês subam para que possam conversar.

Um dos Guardas Élficos tocou então uma nota límpida numa pequena corneta, ao que uma outra respondeu em três toques que vinham lá de cima. — Vou primeiro – disse Haldir. — Deixem que Frodo venha em seguida, e com ele Legolas. Os outros podem nos seguir na ordem em que desejarem. É uma longa subida para os que não estão acostumados com este tipo de escada, mas podem descansar durante a escalada.

Ao subir lentamente, Frodo passou por vários flets: alguns de um lado, outros na posição oposta, e outros ainda colocados na copa da árvore, de modo que a escada passava por todos eles. Numa grande altura acima do solo, deparou com um grande talan, semelhante ao convés de um grande

navio. Sobre ele estava construída uma casa, tão grande que quase poderia ser utilizada como salão para homens no chão. Frodo entrou atrás de Haldir e viu -se num cômodo de formato oval, no meio do qual crescia o tronco do grande mallorn, nesse ponto se afilando em direção a coroa, e mesmo assim formando um pilar bem largo.

O cômodo estava repleto de uma luz suave; as paredes eram verdes e prateadas, o teto era dourado. Muitos elfos estavam sentados ali. Em duas cadeiras, sob a copa da árvore e com um ramo vivo à guisa de dossel, estavam sentados, lado a lado, Celeborn e Galadriel. Levantaram-se para cumprimentar os convidados, como fazem os elfos, mesmo aqueles tidos como reis poderosos. Eram muito altos, a Senhora não menos que o Senhor eram belos e austeros.

Usavam trajes completamente brancos; os cabelos da Senhora eram de um dourado profundo, e os do Senhor Celeborn eram longos e prateados mas não se via nenhum sinal de idade naqueles rostos, a não ser que estivesse na profundeza dos olhares, que eram agudos como lanças sob a luz das estrelas, e apesar disso profundos: os poços de profundas recordações.

Haldir conduziu Frodo à presença deles, e o Senhor deu -lhe boas vindas em sua própria língua. A Senhora Galadriel não disse uma palavra mas ficou observando longamente seu rosto.

— Sente-se agora perto de mim, Frodo do Condado! — disse Celeborn.

— Quando todos tiverem chegado conversaremos juntos.

Cumprimentou cada um dos companheiros de Frodo com cortesia chamando-os pelo nome quando entravam.

— Bem-vindo, Aragorn, filho de Arathorn! — disse ele. — Somam-se trinta e oito anos do mundo lá fora desde que esteve nesta terra, e esses anos pesam muito para você. Mas o fim está próximo, seja bom seja ruim. Enquanto estiver aqui, coloque de lado o fardo que carrega!

— Bem-vindo, filho de Thranduil! Muito raramente meus parente viajam até aqui, vindos do Norte.

— Bem-vindo, Gimli, filho de Glóin! Realmente faz muito tempo qu vimos alguém do povo de Durin em Caras Galadhon. Mas hoje quebramc nossa antiga lei. Que isso possa ser um sinal de que, embora o mundo esteja

escuro atualmente, melhores dias estão próximos, e de que a amizade entre nossos povos será renovada. — Gimli fez uma grande reverência.

Quando todos os convidados estavam sentados diante de sua cadeira, o Senhor olhou-os de novo.

— Aqui estão oito — disse ele. — Nove deveriam ter partido: assim diziam as mensagens. Mas talvez tenha havido alguma mudança nos planos, sobre a qual não ouvimos. Elrond está distante, e a escuridão se adensa entre nós; durante todo este ano as sombras cresceram ainda mais.

— Não, não houve nenhuma mudança nos planos — disse a Senhora Galadriel, falando pela primeira vez. Tinha uma voz límpida e musical, mas mais grave do que o habitual para uma mulher. — Gandalf, o Cinzento partiu com a Comitiva, mas não passou as fronteiras desta terra. Agora contem-nos onde está, pois eu desejava muito conversar com ele outra vez. Mas não posso vê-lo de longe, a não ser que entre nos limites de Lothlórien: uma grande névoa o envolve, e os caminhos de seus pés e de sua mente estão ocultos para mim.

— Infelizmente! — disse Aragorn. — Gandalf, o Cinzento, caiu na sombra, permaneceu em Moria e não conseguiu escapar.

Ao ouvir essas palavras, todos os elfos no salão choraram de dor e surpresa.

— Essa é uma péssima notícia. A pior que já foi anunciada aqui em longos anos repletos de acontecimentos tristes. — Voltou-se para Haldir. — Por que nada me foi contado antes? — perguntou ele na língua dos elfos.

— Nós não conversamos com Haldir sobre nossos feitos e propósitos — disse Legolas. — Primeiro porque estávamos cansados e o perigo estava muito próximo, e depois nós quase esquecemos nossa dor por um tempo, percorrendo felizes os belos caminhos de Lórien.

— Apesar disso, nosso sofrimento é grande, e nossa perda não pode ser reparada — disse Frodo. — Gandalf era nosso guia, e nos conduziu através de Moria. Quando nossa fuga parecia impossível, ele nos salvou, e sucumbiu.

— Conte-nos agora a história inteira — disse Celeborn.

Aragorn contou então tudo o que tinha acontecido na passagem de Caradhras e nos dias que se seguiram; falou também de Balin e seu livro, e

da luta na Câmara de Mazarbul, e do fogo, e da ponte estreita, e da chegada do Terror.

— Parecia um mal do Mundo Antigo, que eu nunca tinha visto ante — disse Aragorn. — Era ao mesmo tempo uma sombra e uma chama, forte e terrível.

— Era um balrog de Morgoth — disse Legolas. — A mais mortal da maldições que afligem os elfos, com exceção daquele que está na Torre Escura.

— De fato, eu vi sobre a ponte aquele que assombra nossos piores sonhos. Eu vi a Ruína de Durin — disse Gimli em voz baixa, com os olho cheios de terror.

— Isso é muito triste! — disse Celeborn. — Há muito tempo j temíamos que existisse um terror adormecido sob Caradhras. Mas se eu soubesse que os anões tinham acordado esse mal em Moria outra vez, teria proibido que você passasse pela fronteira do Norte, você e todos os que c acompanham. E se isso fosse possível, talvez se pudesse dizer que Gandalf no último momento da sabedoria caiu na loucura, entrando sem necessidade nas entranhas de Moria.

— Dizer isso seria realmente precipitado — disse Galadrie gravemente. — Nenhum dos feitos de Gandalf foi desnecessário em toda sua vida. Aqueles que o seguiam não sabiam o que passava pela sua cabeça e não podem prestar contas de seus propósitos. Mas o que quer que tenha acontecido com o guia, seus seguidores não têm culpa. Não se arrependa de ter dado boas-vindas ao anão. Se nosso povo estivesse exilado longe de Lothlórien há muito tempo, quem dos Galadhrim, até mesmo Celeborn o Sábio, passando perto daqui, não desejaria rever seu antigo lar, mesmo que este tivesse se tornado um covil de dragões?

— Escuras são as águas do Kheled-zâram, e frias são as nascentes d Kibil-nâla, e belos eram os salões cheios de pilares de Khazad-dôm nos Dia Antigos, antes que poderosos reis caíssem no seio da rocha. — Ela olhou para Gimli, que estava carrancudo e triste, e sorriu. E o anão, ouvindo os nome ditos em sua própria língua antiga, levantou os olhos encontrando os dela, e teve a impressão de que olhou de repente para o coração de um inimigo e ali viu amor e compreensão. A admiração cobriu seu rosto, que então sorriu

para ela.

Levantou-se desajeitadamente e fez uma reverência ao modo dos anões:

— Apesar disso, mais bela ainda é a terra de Lórien, e a Senhora Galadriel está acima de todas as joias que existem sobre a terra!

Fez-se silêncio. Finalmente Celeborn falou de novo.

— Eu não sabia que sua situação era tão delicada — disse ele. — Que Gimli esqueça as palavras precipitadas: falei com o coração confuso. Farei o que puder para ajudá-los, a cada um de acordo com suas necessidades e desejos, mas especialmente àquele entre os pequenos que carrega o fardo.

— Sua demanda é conhecida por nós — disse Galadriel, olhando para Frodo. — Mas não conversaremos sobre ela mais abertamente neste local. Mesmo assim, talvez o fato de terem vindo até aqui procurando ajuda não terá sido em vão, e fica claro agora que esses eram os próprios propósitos de Gandalf pois o Senhor dos Galadhrim é considerado o mais sábio de todos os elfos da Terra-média, capaz de dar presentes acima do poder dos mais poderosos reis. Ele mora no Oeste desde os dias da aurora, e eu já morei com ele por anos sem conta; antes da queda de Nargothrond ou Gondolin, eu atravessei as montanhas, e juntos, através de eras do mundo, combatemos a longa derrota. Fui eu quem pela primeira vez reuniu o Conselho Branco. E se meus planos não tivessem falhado, o Conselho teria sido governado por Gandalf, o Cinzento, e então talvez as coisas tivessem acontecido de outra forma. Mas mesmo assim ainda resta esperança. Não vou lhes dar conselho dizendo "façam isto", "façam aquilo". Pois não é fazendo ou planejando, nem escolhendo entre um ou outro caminho, que posso ser de ajuda; posso ajudá-los sabendo o que aconteceu e acontece e, em parte, o que vai acontecer, Mas vou lhes dizer isto: sua Demanda está sobre o fio de uma faca. Desviem só um pouco do caminho, e nada dará certo, para a ruína de todos. Mas a esperança ainda permanece, enquanto toda a Comitiva for sincera.

E com essas palavras ela os segurou com seu olhar, e em silêncio ficou olhando e perscrutando cada um deles, um após o outro. Nenhum, a não ser Legolas e Aragorn, pôde suportar o olhar da Senhora por muito tempo. Sam corou rapidamente e baixou a cabeça.

Finalmente a Senhora Galadriel os liberou de seus olhos e sorriu.

— Não permitam que seus corações fiquem consternados — disse ela. — Esta noite dormirão em paz. — Então eles suspiraram e se sentiram subitamente cansados, como alguém que tivesse sido interrogado longa e detalhadamente, embora nenhuma palavra tivesse sido pronunciada.

— Podem ir agora! — disse Celeborn. — Vocês estão exaustos com tanta tristeza e de tanto caminharem. Mesmo que sua Demanda não nos interessasse muito, vocês teriam refúgio nesta Cidade, até que estivessem curados e reconfortados. Agora devem descansar, e vamos evitar de falar, por um tempo, da estrada que os espera.

Naquela noite, a Comitiva dormiu sobre o chão, para a grande satisfação dos hobbits. Os elfos ergueram para eles um pavilhão entre as árvores perto da fonte, e colocaram ali colchões macios; então, pronunciando palavras de paz com belas vozes élficas, deixaram-nos. Por alguns momentos, os hobbits conversaram sobre a noite anterior na copa das árvores e sobre a viagem daquele dia, e sobre o Senhor e a Senhora, pois ainda não tinham tido a coragem de lembrar o que tinha ficado mais para trás.

— Por que você corou, Sam? — perguntou Pippin. — Você logo desabou. Qualquer um teria pensado que você estava com a consciência pesada. Espero que não seja nada além de um plano maldito para roubar um de meus cobertores.

— Nunca pensei em nada disso — respondeu Sam, que não estava disposto para brincadeiras. — Se quer saber a verdade, eu me senti como se estivesse nu, e não gostei disso. Parecia que ela estava olhando dentro de mim e me perguntando o que eu faria se me fosse dada a chance de fugir de volta para casa no Condado, para uma toca pequena e agradável, com... com um pedaço de jardim que fosse meu.

— É engraçado — disse Merry. — Quase o mesmo que eu senti; so que, só que... bem, acho que não vou falar mais nada — acrescentou ele sem jeito.

Todos eles pareciam ter tido uma experiência semelhante: cada um sentiu que se lhe oferecia uma escolha entre uma sombra cheia de medo, que se encontrava lá na frente, e alguma coisa profundamente desejada,

que se apresentava clara aos olhos do espírito, e que para tê-la bastava desviar-se da estrada e deixar a Demanda e a guerra contra Sauron para outros.

— Tive também a sensação — disse Gimli — de que minha escolha permaneceria em segredo e seria apenas de meu próprio conhecimento.

— Para mim pareceu muito estranho — disse Boromir. — Talvez tenha sido apenas um teste, e ela pensou em ler nossos pensamentos para seus próprios propósitos. Mas quase poderia dizer que ela estava nos tentando, e oferecendo o que ela fingia ter o poder de nos dar. Não é preciso dizer que me recusei a escutar. Os homens de Minas Tirith dizem palavras verdadeiras. — Mas o que ele achava que a Senhora tinha lhe oferecido Boromir não disse.

Quanto a Frodo, não dizia nada, embora Boromir o pressionasse com perguntas.

— Ela o fitou por mais tempo, Portador do Anel — disse ele.

— Sim — disse Frodo —, mas o que quer que tenha entrado em minha mente, lá deve ficar.

— Bem, tenha cuidado! — disse Boromir. — Não me sinto muito seguro a respeito dessa Senhora Élfica e de seus propósitos.

— Não fale mal da Senhora Galadriel! — disse Aragorn com severidade. — Você não sabe o que está dizendo. Não existe maldade nela ou nesta terra, a não ser que um homem o traga aqui ele mesmo. Se for assim, que ele tome cuidado! Mas esta noite poderei dormir sem medo pela primeira vez desde que deixei Valfenda. E poderei dormir profundamente, e esquecer um pouco meu sofrimento! Sinto o coração e o corpo cansados. — Jogou-se sobre seu colchão e adormeceu imediatamente, num longo sono.

Os outros logo fizeram o mesmo, e nenhum som ou sonho perturbaram seu sono. Quando acordaram, viram que a luz do dia se espalhava sobre a grama diante do pavilhão, e a fonte subia e caía, reluzindo ao sol.

Permaneceram alguns dias em Lothlórien, pelo que puderam dizer ou lembrar. Durante todo o tempo em que moraram ali, o sol brilhou intensamente, a não ser por uma chuva suave que às vezes caía e passava, deixando todas as coisas novas e limpas.

O ar era fresco e suave, como no início da primavera; apesar disso, sentiam ao redor a quietude profunda e pensativa do inverno. Tinham a impressão de que faziam pouca coisa além de comer e beber e descansar, e caminhar por entre as árvores, e isso era o suficiente.

Não tinham visto o Senhor e a Senhora outra vez, e tinham pouc conversa com os elfos, pois poucos deles sabiam ou usavam a língua Westron. Haldir lhes acenara um adeus e retornara para as fronteiras nc Norte, onde uma grande guarda estava montada desde que a Comitiva trouxera as notícias sobre Moria.

Legolas estava distante, com os Galadhrim, e depois da primeira noite não dormiu com os outros companheiros, embora voltasse para comer e conversar com eles. Sempre levava Gimli consigo quando ia passear pelc lugar, e os outros ficaram surpresos com essa mudança.

Agora, quando os companheiros se sentavam ou passeavam, conversavam sobre Gandalf e tudo o que cada um tinha descoberto ou observado nele ficava claro em suas mentes.

À medida que se curavam da dor e do cansaço do corpo, o sofrimento pela perda ficava mais intenso. Frequentemente escutavam por perto vozes élficas cantando, e sabiam que eles estavam fazendo canções de pesar por sua perda, pois podiam entender o nome dele entre as doces palavras tristes que não conseguiam captar.

Mithrandir, Mithrandir, cantavam os elfos, *Oh, Cinzento Peregrino!* Pois assim gostavam de chamá-lo. Mas mesmo quando Legolas estava com a Comitiva, não interpretava as canções para eles, dizendo que não tinha habilidade para isso, e que para ele o sofrimento ainda era muito recente, um assunto para lágrimas e não ainda para canções.

Foi Frodo quem primeiro colocou alguma coisa de sua mágoa em palavras pausadas. Raramente sentia vontade de fazer uma canção ou uma rima; mesmo quando estava em Valfenda, tinha escutado mas não as cantava, embora sua memória estivesse repleta de muitas coisas que outros tinham feito antes dele. Mas agora, sentado ao lado da fonte de Lórien e escutando ao redor as vozes dos elfos, seu pensamento tomou forma numa canção que lhe parecia bonita; apesar disso, quando tentava repeti-la para Sam, apenas pequenos trechos permaneciam, apagados como um monte de

folhas murchas.

Na noite escura do Condado
seus pés se ouviram na Colina;
sem sol, sem lua partiu calado
em viagem longa sibilina.
Das Terras Ermas até o Ocidente,
do monte Sul ao vazio Norte,
passando por dragão ardente,
na mata escura andou sua sorte.
Homens, elfos, hobbits, anões,
mortais criaturas e imortais,
ave em galho, fera em grotões,
interpelou com seus sinais.
O dorso curvo sob sua carga,
a mão que cura, o fio da espada,
voz de clarim, do,fogo a marca,
um peregrino só na estrada.
Um senhor sábio entronizado,
de fácil ira e riso bom,
um velho de chapéu surrado,
curvado sobre seu bordão.
De pé na ponte estava só,
a Fogo e Sombra em desafio;
quebrou o bordão de encontro à mó
em Khazad-dûm seu fim se viu.

— Veja só, logo o senhor estará superando o Sr. Bilbo! — disse Sam.

— Não, receio que não — disse Frodo. — Mas isto é o melhor que pude fazer até agora.

— Bem, Sr. Frodo, se fizer outra tentativa, espero que diga alguma coisa sobre os fogos — disse Sam. — Alguma coisa assim: Dos fogos todos o mais lindos, em mil estrelas explodindo, após trovões com aguaceiros, caíam qual chuva de canteiros.

— Embora isso não faça justiça a eles, nem de longe.

— Não, vou deixar essa parte por sua conta, Sam. Ou talvez a encargo de Bilbo... Bem, não consigo mais falar disso agora. Não consig suportar a ideia de dar-lhe a notícia.

Uma tarde, Frodo e Sam estavam caminhando juntos no fresc crepúsculo.

Ambos se sentiam inquietos de novo. De repente, a sombra da partida havia caído sobre Frodo: sabia de alguma forma que estava bem próximo c momento de deixar Lothlórien.

— Que acha dos elfos agora, Sam? — perguntou ele. — Já lhe fiz est mesma pergunta uma vez antes... Agora parece há muito tempo, mas desde aquela época você viu mais coisas sobre eles.

— Realmente vi — disse Sam. — E acho que existem elfos e elfos Todos são bastante élficos, mas não são todos iguais. Agora estas pessoas nã são andarilhos sem lar, e parecem um pouco mais conosco: parecem pertencer a este lugar, mais ainda que os hobbits pertencem ao Condado. Se fizeram a terra ou a terra os fez é difícil dizer, se entende o que quero dizer. Aqui tudo é maravilhosamente silencioso. Parece que nada est acontecendo, e parece que ninguém quer que nada aconteça. Se existe alguma mágica, está muito bem escondida, num lugar que não posso alcançar com as mãos, por assim dizer.

— Você pode senti-la e vê-la em todo lugar — disse Frodo.

— Bem — disse Sam —, não se pode ver ninguém operando a mágica. Nenhum fogo de artifício como aqueles do pobre Gandalf. Fic surpreso em não termos encontrado o Senhor e a Senhora durante todo esses dias. Imagino agora que ela poderia fazer algumas coisas maravilhosas, se tivesse vontade. Eu adoraria ver alguma mágica élfica, Sr. Frodo.

— Eu não! — disse Frodo. — Estou satisfeito. Não sinto falta dos fog de Gandalf, mas das suas sobrancelhas grossas, de seu humor instável, e da sua voz.

— Está certo — disse Sam. — E não pense que estou colocand defeito. Sempre quis ver um pouco de mágica como aquela que se conta nas histórias antigas, mas nunca ouvi falar de uma terra melhor que esta. É como estar em casa e de férias ao mesmo tempo, se entende o que quero

dizer, Não quero partir. Mesmo assim, estou começando a sentir que, se temos de continuar, então é melhor irmos logo.

— O trabalho que nunca se começa é o que mais demora para terminar, como dizia meu velho pai. E não acho que este povo pode fazer muito mais para nos ajudar, seja através de mágica ou não. Acho que quando deixarmos esta terra é que sentiremos mais falta de Gandalf.

— Receio que esteja absolutamente certo, Sam — disse Frodo. — Ma espero do fundo do coração que, antes de partirmos, possamos ver a Senhora dos elfos outra vez.

No momento em que falava, os dois viram, como se viesse em resposta àquelas palavras, a Senhora Galadriel se aproximando. Alta, bela e branca, caminhava por entre as árvores. Não disse nada, mas acenou para eles.

Mudando de direção, conduziu-os para a encosta Sul da colina de Caras Galadhon, e, atravessando uma cerca-viva alta e verde, eles chegaram a um jardim fechado.

Ali não crescia nenhuma árvore e o jardim se abria para o céu. A estrela da tarde tinha subido e brilhava num fogo branco sobre a floresta do Oeste. Descendo um longo lance de escadas, a Senhora entrou numa concavidade funda e verde, através da qual corria murmurando a água prateada que jorrava da fonte na colina. Embaixo, sobre o pedestal pequeno entalhado como uma árvore cheia de ramos, ficava uma bacia de prata, larga e rasa, e ao lado dela se via um jarro de prata.

Com a água do riacho, Galadriel encheu a bacia até a borda, e soprou sobre ela; quando a água estava parada novamente, ela falou.

— Este é o Espelho de Galadriel — disse ela. — Trouxe-os aqui para que possam examiná-lo, se quiserem.

O ar estava quieto e o vale, escuro; a senhora élfica, ao lado de Frodo era alta e pálida.

— Que vamos procurar, e o que vamos ver? — perguntou Frodo cheio de assombro.

— Posso ordenar ao Espelho que revele muitas coisas — respondeu ela. — E para algumas pessoas posso mostrar o que desejam ver. Mas o Espelho também revelará fatos que não foram ordenados, e estes são sempre

mais estranhos e compensadores do que as coisas que desejamos ver. O que você verá, se permitir que o Espelho trabalhe livremente, não posso dizer. Pois ele revela coisas já passadas, coisas que estão acontecendo, e as que ainda podem acontecer. Mas o que ele vê, nem mesmo o mais sábio pode dizer. Você deseja olhar? Frodo não respondeu.

— E você? — disse ela, voltando-se para Sam. — Isto é o que seu povo chamaria de mágica, eu acho, embora não entenda claramente o que querem dizer, além do fato de ele usarem, ao que parece, a mesma palavra para os artifícios do Inimigo. Mas esta, se você quiser, é a mágica de Galadriel. Você não tinha dito que queria ver alguma mágica élfica?

— É sim — disse Sam, oscilando um pouco entre o medo e a curiosidade, — Vou dar uma espiada, Senhora, se me permitir.

— E eu não me importaria em dar uma olhada no que está acontecendo em casa — disse ele à parte para Frodo. — Parece que já faz um tempo terrivelmente longo que estou fora. Mas lá, provavelmente só vou ver as estrelas, ou alguma coisa que não conseguirei entender.

— Provavelmente — disse a Senhora com um sorriso suave. — Ma venha, você vai olhar e ver o que puder. Não toque na água!

Sam subiu no pedestal e se inclinou sobre a bacia. A água tinha uma aparência sólida e escura. Estrelas estavam refletidas na superfície.

— Só vejo estrelas, como já imaginava — disse ele. Então teve um pequeno sobressalto, pois as estrelas desapareceram. Como se um véu escuro tivesse sido retirado, o Espelho ficou cinza, e depois transparente. Ali o so brilhava e os galhos das árvores ondulavam e se agitavam ao vento. Mas antes que Sam pudesse perceber o que tinha visto, a luz se apagou; e agora ele julgava ver Frodo deitado num sono profundo sob um penhasco escuro. Então teve a impressão de estar se vendo entrar por uma passagem ensombreada, e subindo uma escada sinuosa que não tinha fim.

Teve a sensação de estar procurando desesperadamente alguma coisa, mas o que era não conseguiu saber, Como num sonho, a visão mudou e se transformou na anterior, e ele viu as árvores outra vez. Mas desta vez não estavam tão próximas, e Sam pôde ver o que estava acontecendo: as árvores não estavam se agitando ao vento, estavam caindo, batendo contra o chão.

— Olha só! — gritou Sam numa voz enraivecida. — Estou vendo Tec Ruivão cortando árvores, e ele não devia. Elas não devem ser derrubadas: e aquela alameda para lá do moinho que faz sombra na estrada para Beirágua. Gostaria de pegar e derrubar ele!

Mas agora Sam notava que o Velho Moinho tinha desaparecido, e um grande edifício de tijolos vermelhos estava sendo construído no lugar dele.

Bandos de pessoas trabalhavam sem parar. Havia uma chaminé alta e vermelha ao lado. Uma fumaça preta pareceu cobrir a superfície do Espelho.

— Há alguma maldade sendo feita no Condado — disse ele. — Elrond sabia o que estava dizendo quando quis mandar o Sr. Merry de volta — Então, de repente, Sam deu um grito e pulou para trás. — Não posso ficar aqui disse ele alucinado. — Preciso ir para casa. Eles cavaram a rua do Bolsinho, e estou vendo meu pobre e velho pai descendo a Colina com suas coisas num carrinho de mão. Preciso ir para casa!

— Você não pode ir para casa sozinho — disse a Senhora. — Você não desejava ir para casa sem seu patrão, antes de olhar no Espelho, e mesmo assim sabia que coisas horríveis podiam muito bem estar acontecendo no Condado. Lembre-se de que o Espelho revela muitas coisas e nem todas já aconteceram. Algumas nunca chegam a acontecer, a não ser que aqueles que as vêem desviem de seu caminho para impedi-las.

— O Espelho é um guia perigoso para a ação. — Sam sentou-se no chão e cobriu o rosto com as mãos. — Gostaria de nunca ter vindo aqui, e não quero mais ver nenhuma mágica — disse ele, e então emudeceu. Depois de um momento, falou numa voz espessa, como se lutasse contra as lágrimas. — Não, vou para casa pela estrada longa com o Sr. Frodo, ou não vou — disse ele. — Mas espero realmente voltar algum dia. Se o que vi no Espelho vier a acontecer de verdade, alguém vai pagar muito caro por isso!

— Deseja olhar, Frodo? — disse a Senhora Galadriel. — Você não queria ver nenhuma mágica élfica, e estava satisfeito.

— A Senhora me aconselha a olhar? — perguntou Frodo.

— Não — disse ela. — Não aconselho nada. Não sou uma conselheira. Você pode aprender alguma coisa e, quer as coisas que verá sejam boas quer sejam más, a visão pode ser compensadora, ou não. Ver é ao

mesmo tempo bom e perigoso. Apesar disso, eu acho, Frodo, que você tem a coragem e a sabedoria suficientes para se arriscar, caso contrário não o teria trazido aqui. Faça como quiser!

— Vou olhar — disse Frodo, subindo ao pedestal e se curvando sobre a água escura. Imediatamente o Espelho ficou transparente e mostrou uma região pouco iluminada.

Montanhas assomavam escuras na distância, contra o céu pálido. Uma longa estrada cinzenta recuava, descrevendo curvas, até se perder de vista. Na distância se via uma figura, vindo lentamente pela estrada, apagada e pequena no início, mas ficando cada vez maior e mais nítida conforme se aproximava. De repente Frodo percebeu que a figura o fazia lembrar de Gandalf. Quase gritou o nome do mago, então viu que o vulto estava vestido não de cinza, mas de branco, um branco que emitia uma luz opaca no crepúsculo, e que sua mão segurava um cajado branco. A cabeça estava tão curvada que não se podia ver o rosto, e naquele momento a figura enveredou por uma curva da estrada e desapareceu da visão do Espelho. A mente de Frodo ficou cheia de dúvidas: seria uma visão de Gandalf em uma de suas longas viagens solitárias de antigamente, ou seria aquela a figura de Saruman? Depois disso a visão mudou. Numa imagem vívida, embora pequena e rápida, ele enxergou de relance Bilbo andando inquieto de um lado para o outro de seu quarto. A mesa estava carregada de papéis em desordem; uma chuva batia nas janelas.

Então se fez uma pausa; depois muitas cenas rápidas se seguiram e Frodo sabia, de alguma forma, que eram partes de uma grande história na qual estava envolvido. A névoa se desfez e ele teve uma visão que não conhecia, mas identificou imediatamente: o Mar. Escureceu. O mar se levantou e se enfureceu numa grande tempestade.

Então Frodo viu, contra o sol que afundava num vermelho -sangue em meio a um torvelinho de nuvens, o contorno negro de um navio alto com as velas rasgadas, que vinha navegando do Oeste. Depois, um rio largo correndo através de uma cidade populosa. Depois, uma fortaleza branca com sete torres. Depois, de novo, um navio com velas negras, mas agora era manhã de novo, e a água fazia ondas na luz, e uma bandeira levando o emblema de uma árvore branca brilhava ao sol. Subiu uma fumaça de fogo e

batalha, e outra vez o sol se pôs num vermelho ígneo que se apagou numa névoa cinzenta; entrando na névoa passou uma pequena embarcação, piscando com muitas luzes.

Sumiu e Frodo suspirou, preparando-se para descer. Mas, de repente, o Espelho ficou escuro, como se um buraco se abrisse no mundo da visão, e Frodo olhasse o vazio. No abismo negro apareceu um único olho que cresceu lentamente, até cobrir quase toda a extensão do Espelho. Tão terrível era aquela visão que Frodo ficou colado ao solo, sem poder gritar ou desviar o olhar. O Olho estava emoldurado por fogo, mas era ele mesmo que reluzia amarelo como o de um gato, vigilante e atento, e a fenda negra de sua pupila era um abismo, uma janela que se abria para o nada.

Então o Olho começou a se movimentar, procurando algo de um lado e de outro, e Frodo percebeu, com medo e certeza, que ele próprio era uma das muitas coisas que estavam sendo procuradas. Mas também percebeu que não podia ser visto — por enquanto, a não ser que o desejasse. O Anel que estava pendurado na corrente em seu pescoço ficou pesado, mais pesado que uma pedra, fazendo a cabeça pender para baixo. O Espelho parecia estar ficando quente, e nuvens de vapor subiam da água. Frodo estava escorregando para frente.

— Não toque na água! — disse a Senhora Galadriel num tom suave. A visão desvaneceu-se e Frodo se viu olhando para as estrelas que piscavam na bacia de prata.

— Sei o que você viu por último — disse ela —, pois está também em minha mente. Não tenha medo! Mas não pense que é apenas cantando por entre as árvores, ou só por meio de flechas frágeis e arcos élficos que nós da terra de Lothlórien nos defendemos e nos guardamos do Inimigo. Digo a você, Frodo, que neste exato momento em que conversamos eu percebo o Senhor do Escuro e sei o que se passa na mente dele, ou pelo menos tudo que se relaciona aos elfos. E ele sempre se insinua para me ver e ler meus Pensamentos. Mas a porta ainda está fechada.

Levantou os braços brancos, e estendeu as mãos na direção Leste num gesto de rejeição e recusa. Eärendil , a Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho. Tão claro era o brilho que a silhueta da Senhora Élfica lançava uma sombra apagada sobre o chão. Os raios da

estrela reluziram sobre um anel em seu dedo, que cintilou como ouro polido coberto com luz prateada, e a pedra branca que havia nele piscou como se a Estrela da Tarde tivesse descido para descansar na mão dela. Frodo olhou para o anel admirado, pois de repente teve a impressão de que compreendia tudo.

— Sim — disse ela, adivinhando o que ele pensava. — Não é permitido falar disso, e Elrond não o faria. Mas não se pode esconder do Portador do Anel, e de alguém que tenha visto o Olho. É verdade, na terra de Lórien, no dedo de Galadriel, permanece um dos Três. Este é Nenya, Anel de Adamante, do qual sou guardiã. Ele suspeita, mas não sabe... ainda não. Entende agora por que sua vinda aqui representa para nós a passada do Destino? Pois, se você falhar, então seremos expostos ao Inimigo, e Lothlórien desaparecerá, e as marés do tempo a levarão embora. Partiremos para o Oeste, ou seremos reduzidos a um povo rústico de vale e caverna, para lentamente esquecermos e sermos esquecidos.

— E o que a Senhora deseja? — perguntou ele finalmente.

— Que aconteça o que deve acontecer — respondeu ela. — O amor dos elfos por sua terra e seus trabalhos é mais profundo que as profundezas do Mar, sua tristeza é eterna e nunca poderá ser completamente abrandada. Mesmo assim, jogarão tudo fora se a outra opção for a submissão a Sauron: pois agora os elfos o conhecem. Você não deve responder pelo destino de Lothlórien, mas apenas pelo desempenho de sua própria tarefa. Apesar disso, eu poderia desejar que, se isso adiantasse de alguma coisa, o Um Anel nunca tivesse sido forjado, ou que continuasse perdido para sempre.

— A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela — disse Frodo. — Dar-lhe-ei o Um Anel se assim o desejar. Esse peso é demais para mim.

— Sábia, a Senhora Galadriel pode ser — disse ela —, mas aqui ela encontrou alguém que está à sua altura em cortesia. De um modo gentil, você se vingou do teste que apliquei ao seu coração em nosso primeiro encontro. Agora começa a enxergar com olhos agudos. Não vou negar que meu coração desejou muito pedir o que está oferecendo. Por muitos longos anos, pensei o que faria, caso o Grande Anel me chegasse às mãos, e veja! Ele está agora ao meu alcance. O mal que foi concebido há muito tempo

continua agindo de muitas maneiras, quer o próprio Sauron seja ou nãc derrotado. Não teria sido uma ação nobre a ser creditada ao Anel dele, se eu o tivesse tomado à força ou ameaçando meu hóspede? E agora finalmente ele chega. Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor d Escuro, você coloca uma Rainha. E não serei escura, mas bela e terrível como a Manhã e a Noite! Bela como o Mar e o Sol e a Neve sobre a Montanh Aterrorizante como a Tempestade e o Trovão! Mais forte que os fundamentos da terra. Todos deverão me amar e se desesperar!

Levantou a mão e do anel que usava emanou uma grande luz que iluminou a ela somente, deixando todo o resto escuro. Ficou diante de Frodc e parecia agora de uma altura incalculável, e de uma beleza insuportável, terrível e digna de adoração. Depois deixou a mão cair, e a luz se apagou; e de repente ela riu de novo e eis então que se encolheu: era uma mulher élfica frágil, vestida num traje simples e branco, cuja voz gentil era suave e triste.

— Passei pelo teste — disse ela. — Vou diminuir e me dirigir para c Oeste, continuando a ser Galadriel.

Ficaram em silêncio por longo tempo. Finalmente a Senhora falou outra vez.

— Vamos voltar! — disse ela. -Amanhã cedo você deve partir, pois agora já fizemos nossa escolha, e as marés do tempo estão fluindo, Gostaria de perguntar uma coisa antes de irmos — disse Frodo. Algo que sempre quis perguntar a Gandalf em Valfenda. Tendo a permissão de usar o Um Anel por que não posso ver todos os outros anéis e adivinhar os pensamentos daqueles que os usam"?

— Você ainda não tentou — disse ela. — Apenas três vezes colocou c Anel em seu dedo, desde que soube que o possuía, Não tente! Ele c destruiria. Gandalf não lhe disse que os anéis concedem poderes de acordc com a capacidade de cada um que os possui? Antes que você pudesse usar esse poder, sentiria a necessidade de ficar muito mais forte, e treinar sua vontade em relação ao domínio dos outros. Mas mesmo assim, comc Portador do Anel e um daqueles que o colocou no dedo e viu o que esta oculto, sua visão ficou mais aguçada. Percebeu meus pensamentos muitc melhor que várias pessoas consideradas sábias, Viu o Olho daquele que

controla os Sete e os Nove. E não viu e reconheceu o Anel em meu dedo Você viu meu anel? — perguntou ela, voltando-se para Sam.

— Não, Senhora — respondeu ele. — Para falar a verdade, estava me perguntando sobre o que conversavam. Vi uma estrela através de seu dedo. Mas, se perdoa o que vou dizer, acho que meu patrão está certo. Eu gostaria que a Senhora ficasse com o Anel dele. Poderia pôr as coisas no lugar certo Impediria que eles expulsassem meu pai e o deixassem perdido por aí, Faria com que certas pessoas pagassem pelo serviço sujo que fizeram.

— Eu faria — disse ela. — É assim que tudo começaria. Mas infelizmente não pararia ali. Não falemos mais nisso. Vamos!

CAPÍTULO VIII: ADEUS A LÓRIEN

Naquela noite, a Comitiva foi chamada outra vez ao salão de Celeborn, e ali o Senhor e a Senhora os cumprimentaram com belas palavras.

Finalmente, Celeborn falou da partida deles.

— É chegada a hora — disse ele — em que aqueles que desejam continuar a Demanda devem endurecer seus corações e deixar esta terra. Aqueles que não mais desejam prosseguir podem permanecer aqui, por um tempo. Mas quer fiquem quer partam, a paz não pode ser assegurada. Pois chegamos agora ao limiar de nosso destino. Aqui, aqueles que desejarem podem esperar a aproximação da hora em que ou os caminhos do mundo se abrirão de novo, ou os convocaremos para a luta suprema de Lórien. Então poderão voltar às suas terras, ou ir para a morada duradoura daqueles que caem na batalha.

Fez-se silêncio.

— Todos resolveram partir — disse Galadriel, olhando nos olhos deles.

— Quanto a mim — disse Boromir meu lar fica adiante, e não lá atrás.

— Isso é verdade — disse Celeborn mas toda a Comitiva vai com você para Minas Tirith?

— Ainda não decidimos nosso caminho — disse Aragorn. — Depois de Lórien, não sei o que Gandalf pretendia fazer. Na verdade, acho que nem ele tinha um propósito definido.

— Talvez não — disse Celeborn —, mas mesmo assim, quando deixarem este lugar, não poderão mais esquecer o Grande Rio. Como alguns de vocês bem sabem, os viajantes não podem atravessá-lo com bagagens entre Lórien e Gondor, a não ser de barco. E não estão as pontes de Osgiliath destruídas, e todos os desembarcadouros sob o domínio do Inimigo?

— De que lado vão viajar? O caminho para Minas Tirith fica deste lado, no Oeste; mas a estrada da Demanda fica do lado Leste do Rio, na margem mais escura. Que margem pegarão agora?

— Se meu conselho for acatado, iremos pela margem Oeste, e pelo caminho de Minas Tirith — respondeu Boromir. — Mas não sou o líder da Comitiva. — Os outros não disseram nada, e Aragorn parecia preocupado e

cheio de dúvidas.

— Vejo que ainda não sabem o que fazer — disse Celeborn. — Não é meu papel fazer essa escolha em seu lugar; mas vou ajudá-los como puder. Alguns entre vocês sabem lidar com barcos: Legolas, cujo povo conhece o veloz Rio da Floresta, Boromir de Gondor, e Aragorn, o viajante.

— E um hobbit! — gritou Merry. — Nem todos nós achamos que um barco é como um cavalo xucro. Meu povo mora às margens do Brandevin.

— Isso está bem — disse Celeborn, — Então providenciarei barcos para a sua Comitiva. Devem ser pequenos e leves, pois se avançarem muito pela água haverá lugares onde serão forçados a carregá-los. Chegarão às correntezas do Sarn Gebir, e talvez finalmente às grandes cachoeiras de Rauros, onde o Rio cai vertiginosamente do Nen Hithoel; e há outros perigos. Os barcos podem fazer com que sua viagem seja menos penosa durante um certo trecho. Apesar disso, eles não vão ajudá-los a decidir: no fim, devem abandoná-los e ao Rio, e rumar para o Oeste ou para o Leste.

Aragorn agradeceu a Celeborn várias vezes. A doação dos barcos o consolou por vários motivos, e não menos por agora poderem postergar por mais uns dias a decisão sobre qual caminho seguir. Os outros, da mesma forma, pareciam mais esperançosos. Quaisquer que fossem os perigos à frente, parecia melhor descer flutuando a larga correnteza do Anduin para enfrentá-los, do que prosseguir num caminho penoso com as costas arcadas. Apenas Sam ainda tinha dúvidas: ele, de qualquer forma, considerava que os barcos eram como cavalos selvagens, ou piores, e nem todos os perigos pelos quais tinha passado mudavam sua ideia a esse respeito.

— Prepararemos tudo, e vocês serão esperados no porto antes do meio-dia amanhã — disse Celeborn. — Enviarei pessoas pela manhã para que possam ajudá-los nos preparativos da viagem. Agora desejamos -lhes uma boa noite e um sono tranquilo.

— Boa noite, meus amigos! — disse Galadriel. — Durmam em paz Esta noite, não sobrecarreguem seus corações pensando no melhor caminho. Pode ser que as trilhas nas quais cada um de vocês deve pisar já estejam diante de seus pés, embora talvez não consigam enxergá-las. Boa noite! A Comitiva saiu e voltou para o pavilhão. Legolas os acompanhou, pois aquela deveria ser a última noite deles e m Lothlórien, e apesar das palavras de

Galadriel todos queriam ficar juntos para planejar a viagem.

Por um longo tempo, debateram sobre o que deveriam fazer, e sobre c melhor modo de tentar atingir seus propósitos em relação ao Anel; mas nãc chegaram a decisão alguma. Estava claro que a maioria deles desejava ir primeiro até Minas Tirith e escapar, pelo menos por um tempo, do terror dc Inimigo. Estariam dispostos a seguir um líder através do Rio e para dentro da sombra de Mordor; mas Frodo não dizia nada e Aragorn ainda estav. dividido.

Seu próprio plano, enquanto Gandalf ainda estava com eles, era ir com Boromir e, com sua espada, ajudar a libertar Gondor. Pois ele acreditava que a mensagem dos sonhos era um chamado, e que tinha chegado finalmente a hora em que o herdeiro de Elendil deveria se apresentar e lutar contra Sauron pelo comando. Mas em Moria o fardo de Gandalf passar para seus ombros, e ele sabia que não podia agora abandonar o Anel, se Frodo finalmente se recusasse a acompanhar Boromir. Apesar disso, que ajuda poderia ele ou qualquer um da Comitiva prestar a Frodo, a não ser caminhar ao seu lado para dentro da escuridão?

— Irei para Minas Tirith, mesmo que vá sozinho, pois este é meu dever — disse Boromir, e depois ficou calado por um tempo, sentado com os olhos fixos em Frodo, como se tentasse ler os pensamentos do Pequeno Finalmente falou de novo, numa voz suave, como se estivesse discutindc consigo mesmo. — Se você quer apenas destruir o Anel — disse ele — entãc não haverá muita utilidade na guerra e nas armas, e os homens de Minas Tirith não poderão ser de grande ajuda. Mas se você deseja destruir a força armada do Senhor do Escuro, então é tolice avançar pelos domínios dele sem armas; é tolice jogar fora... — parou de repente, como se tivesse percebido que estava pensando em voz alta. — Seria tolice jogar fora vidas, quero dizer — terminou ele. — É uma escolha entre defender um lugar forte e caminhar abertamente para os braços da morte. Pelo menos é assim que vejo as coisas.

Frodo percebeu algo novo e estranho no olhar de Boromir, e olhou-c fixamente. Estava claro que o pensamento de Boromir divergia de suas últimas palavras, Seria tolice jogar fora: o quê? O Anel de Poder? Ele tinh dito algo semelhante no Conselho, mas na ocasião aceitara a correção de

Elrond. Frodo olhou para Aragorn, mas este parecia estar mergulhado en seus próprios pensamentos, e não fez sinal de que prestara atenção às palavras de Boromir. E assim a discussão terminou. Merry e Pippin j estavam dormindo, e Sam caindo de sono. A noite avançava.

Pela manhã, enquanto arrumavam sua sumária bagagem, vieram elfos que sabiam falar a língua deles e trouxeram -lhes muitos presentes em forma de comida e roupas para a viagem. A comida era, na maior parte, composta de bolos muito finos, feitos de uma farinha que, assada, era de um tom marrom -claro, e na parte interna tinha cor de creme. Gimli pegou um dos bolos e olhou -o com um ar duvidoso.

— Cram — disse ele numa voz muito baixa, enquanto quebrava um canto crocante e o mordiscava. Mas a expressão em seu rosto mudou rapidamente, e ele comeu todo o resto do bolo, com grande apetite.

— Basta, basta! — gritaram os elfos rindo. — Você já comeu c suficiente para um dia longo de marcha.

— Pensei que era apenas um tipo de cram, semelhante àquele que os homens de Valle fazem para levar em viagens a lugares desertos — disse o anão.

— E é — responderam eles. — Mas nós o chamamos de lembas ou pão-de-viagem, e é mais nutritivo que qualquer comida feita pelos homens, e mais saboroso que o cram, pelo que todos dizem.

— De fato é — disse Gimli. — E olhe, é melhor até que os pães-de-mel dos Beornings, e isso é um grande elogio, pois os Beornings são os melhores padeiros que eu conheço; mas hoje em dia não estão muito dispostos a distribuir seus pães entre os viajantes. Vocês é que são anfitriões muitc gentis.

— Mesmo assim, é melhor que economizem a comida — disseram eles.

— Comam um pouco de cada vez, e só quando necessário. Pois estamos lhes dando essas coisas para que sejam de serventia quando tudo mais faltar. Os bolos se mantêm frescos por muitos dias, se não se quebrarem e forem mantidos em sua embalagem de folhas, como os trouxemos. Apenas um pode manter um viajante em pé durante um longo dia de trabalho, mesmo que esse viajante seja um dos altos homens de Minas Tirith.

Depois os elfos desembrulharam e deram a eles as roupas que tinham trazido. Para cada um trouxeram um capuz e uma capa, feitos de acordo com seu tamanho, e do tecido sedoso produzido pelos Galadhrim, que era leve, e nem por isso deixava de ser quente. Era difícil precisar suas cores: pareciam ser cinzentos com a nuance do crepúsculo sob as árvores; apesar disso, quando movimentados ou colocados sob outra luz, eram verdes como a água sob as estrelas, ou castanhos como campos fulvos à noite, e de um prata escuro sob a luz das estrelas. Cada capa era presa ao pescoço por um broche semelhante a uma folha verde raiada de prata.

— São capas mágicas? — perguntou Pippin, olhando-as admirado.

— Não sei o que quer dizer — respondeu o líder dos elfos. — São trajes bonitos, e o fio é de boa qualidade, pois foi feito nesta terra. São vestimentas élficas, com certeza, se é isso que quer dizer. Folha e ramo, água e rocha: elas têm a beleza de todos esses elementos sob nosso amado crepúsculo de Lórien, pois colocamos o pensamento de tudo o que amamos nas coisas que fazemos. Mas são vestes, não armaduras, e não repelirão lanças ou lâminas. Mas vão servi-los bem: são leves de usar, quentes o suficiente e frescas o suficiente, conforme a necessidade. E vão encontrar nelas uma grande ajuda quando precisarem se esconder dos olhos inimigos, se andarem entre as rochas ou entre as árvores. Realmente, a Senhora os tem em alta conta! Pois ela mesma, com suas aias, teceu esse material, e nunca antes tínhamos vestido forasteiros com as roupas de nosso próprio povo! Depois da refeição matinal, a Comitiva disse adeus ao gramado perto da fonte. Tinham um peso nos corações, pois o lugar era lindo e tinha se tornado para eles como sua própria casa, embora não fossem capazes de contar os dias e noites que passaram ali. Enquanto pararam um pouco para olhar a água cristalina sob a luz do sol, Haldir veio andando na direção deles, atravessando a relva verde da clareira. Frodo o cumprimentou com alegria.

— Estou voltando das Fronteiras do Norte — disse o elfo — e estou sendo enviado para ser o guia da Comitiva novamente. O Vale do Riacho Escuro está cheio de vapor e nuvens de fumaça, e as montanhas estão inquietas. Há rumores nas profundezas da terra. Se algum de vocês tivesse pensado em voltar para casa pelo Norte, não conseguiria passar por ali. Mas venham! Seu caminho agora é pelo Sul.

Conforme passaram através de Caras Galadhon, viram que o caminhos verdes estavam vazios; mas no alto das árvores muitas vozes murmuravam e cantavam. Eles por sua vez estavam em silêncio. Finalmente Haldir os conduziu, descendo as encostas ao Sul da colina, e chegaram outra vez ao grande portão cheio de lamparinas, e a ponte branca; assim foram passando e deixando para trás a cidade dos elfos. Então saíram da estrada pavimentada e tomaram uma trilha que entrava num denso maciço de pés de mallorn e seguia em frente, descrevendo curvas através de florestas sinuosas cobertas de sombra prateada, sempre conduzindo-os para baixo, para o Sul e para o Leste, em direção às margens do Rio.

Tinham avançado cerca de dez milhas, e o meio-dia já chegava, quando atingiram uma muralha alta e verde. Passando por uma abertura, de repente saíram da região arborizada.

Adiante se deitava um longo gramado verde, salpicado de douradas flores de elanor que reluziam ao sol. O gramado se estendia numa língua estreita entre duas margens: à direita e ao Oeste, o Veio de Prata corria brilhando; à esquerda e ao Leste, o Grande Rio rolava suas águas caudalosas profundas e escuras.

Nas margens mais adiante, a floresta ainda prosseguia na direção Sul até onde a vista podia alcançar, mas toda a região das margens estava vazia e desolada. Nenhum mallorn erguia seus ramos dourados além da Terra de Lórien.

Na margem do Veio de Prata, a alguma distância acima do encontro das correntezas, via-se um ancoradouro de pedras e madeiras brancas. Ali estavam ancorados muitos barcos e barcaças. Alguns estavam pintados com cores claras, e brilhavam como prata, ouro ou verde, mas a maioria deles eram brancos ou cinzentos.

Três pequenos barcos cinzentos tinham sido preparados para os viajantes, e nestes os elfos colocaram seus mantimentos. Acrescentaram também rolos de corda, três para cada barco. Pareciam finas, mas fortes, sedosas ao contato, de uma tonalidade cinzenta semelhante à dos trajes élficos.

— Que são estas coisas? — perguntou Sam, pegando uma corda que

estava sobre o gramado.

— Cordas mesmo! — respondeu um elfo que estava nos barcos. — Nunca faça uma longa viagem sem uma corda! E uma corda que seja comprida, forte e leve. Estas são assim. Elas podem ser úteis em muitas ocasiões de necessidade.

— Não precisa me dizer isso! — disse Sam. — Vim sem nenhuma corda, e tenho me preocupado desde então. Mas estava perguntando de que estas são feitas, pois sei um pouco sobre a fabricação de cordas: é coisa de família, como se pode dizer.

— São feitas de hithlain — disse o elfo —, mas não há tempo agora para instruí-lo na arte de sua fabricação. Se tivéssemos sabido que o oficio lhe agradava, poderíamos ter-lhe ensinado muito. Mas agora, infelizmente, a não ser que você volte aqui alguma vez, deve ficar satisfeito com nosso presente. Que seja de serventia!

— Venham! — disse Haldir. — Está tudo pronto agora para vocês Entrem nos barcos! Mas tomem cuidado no início!

— Prestem atenção a essas palavras — disseram os elfos. — Esses barcos são de construção leve, e são espertos e diferentes dos barcos de outros povos. Não afundarão, não importa quanto os carregarem, mas são teimosos se forem mal conduzidos. Seria bom que se acostumassem a embarcar e desembarcar, aqui onde existe um ancoradouro, antes de partirem correnteza abaixo.

A Comitiva se dividiu da seguinte forma: Aragorn, Frodo e Sam num barco; Boromir, Merry e Pippin em outro, e no terceiro foram Legolas Gimli, que tinham agora se tornado grandes amigos. Neste último colocaram a maioria dos mantimentos e das mochilas. Os barcos eram movimentados e dirigidos com remos curtos, que tinham lâminas largas em forma de folha. Quando tudo estava pronto, Aragorn os conduziu num teste, subindo o Veio de Prata. A correnteza era forte e eles avançavam devagar.

Sam ia sentado na proa, agarrado às bordas e olhando ansioso para a margem que se distanciava. A luz do sol, brilhando na água, ofuscava seus olhos. Quando passavam além do campo verde da Língua, as árvores se aproximavam da beira do rio.

Aqui e ali, folhas douradas voavam e flutuavam na correnteza

ondulada. O ar estava muito claro e calmo. E tudo estava quieto, a não se pelo canto alto e distante das cotovias.

Contornaram uma curva fechada do rio, e ali, nadando imponente e descendo a correnteza na direção deles, viram um enorme cisne. A água formava ondas dos dois lados de seu peito branco, abaixo do pescoço curvado. O bico brilhava como ouro polido e os olhos faiscavam como azeviche engastado em rochas amarelas; as enormes asas brancas estavam meio levantadas. Uma música descia o rio conforme o cisne se aproximava, e de repente perceberam que era um navio, construído e entalhado com o talento dos elfos, na forma de uma ave. Dois elfos vestidos de branco o conduziam com remos negros. Bem ao centro do navio se sentava Celeborn e atrás dele vinha em pé Galadriel, alta e branca; uma coroa de flores douradas enfeitava-lhe os cabelos e, segurando uma harpa nas mãos, ela cantava. Triste e cristalino era o som de sua voz no ar claro e fresco.

Cantei as folhas, de ourofilhas, e, folhas vi brotar
Cantei o vento e vento veio os galhos farfalhar.
Além do Sol, da Lua além, no Mar espuma havia,
Em Ilmarin dourando a praia uma Arvore crescia.
Em Eldamar na Semprenoite com astros se ostentava.
Onde Eldamar da bela Tirion os muros encontrava.
Cresceram lá as douradas folhas nos ramos anuais,
Enquanto o pranto de elfos cai aquém de nossos cais.
Ó Lórien! Já vem o inverno, o Dia sem flor nem vida;
As folhas na água vão caindo do Rio em despedida.
Ó Lórien! Já por demais do Mar estive deste Lado,
Entrelacei em coroa murcha o elanor dourado.
Se barcos eu cantasse agora, que barco iria voltar,
Que barco me conduziria por tão vasto Mar?

Aragorn parou seu barco, enquanto o Navio-cisne se aproximava. A Senhora terminou a canção e os saudou.

— Viemos para dar-lhes nosso último adeus — disse ela — e para favorecê-los com as bênçãos de nossa terra.

— Embora tenham sido nossos hóspedes — disse Celeborn —, vocês ainda não comeram conosco, e portanto convidamos a todos para um banque te de despedida, aqui, entre as águas correntes que os levarão para longe de Lórien.

O Cisne avançou lentamente até o ancoradouro, e eles viraram seus barcos para segui-lo. Ali, na extremidade de Egladil, sobre a relva verde, o banquete de despedida aconteceu; mas Frodo comeu e bebeu pouco, concentrando toda a atenção apenas na beleza da Senhora e de sua voz. Agora ela não parecia mais perigosa ou terrível, nem cheia de poderes ocultos. Já tomava, aos olhos dele, a aparência que os elfos nos últimos tempos algumas vezes têm para os homens: presente, e ao mesmo tempo remota, uma visão vivente daquilo que já foi deixado há muito para trás pelas velozes Correntezas do Tempo.

Depois que todos tinham comido e bebido, Celeborn, sentado na relva, falou-lhes de novo sobre a viagem, e, levantando a mão, apontou para o Sul, Para as florestas além da Língua.

— À medida que seguirem descendo o rio — disse ele —, perceberão que as árvores vão desaparecer, e que estarão entrando numa região desolada. Ali o Rio corre num vale rochoso por entre altas charnecas, até que finalmente, depois de muitas milhas, chega à alta ilha de Rocha do Espigão que nós chamamos de Tol Brandir. Ali ele estende seus braços ao redor da encostas íngremes da ilha, caindo então com grande estrondo e fumaça nas cataratas de Rauros, no Nindalf, o Campo Alagado, como se diz na língua de vocês. Aquela é uma região de pântanos morosos, onde o rio se torna tortuoso e muito dividido. Ali, por meio de várias desembocaduras, recebe as águas do Entágua, que vem da Floresta de Fangorn no Oeste. Às margens do Entágua, deste lado do Grande Rio, fica Rohan. Do outro lado ficam as colinas desoladas de Emyn Muil. Naquele ponto o vento sopra do Leste, pois as colinas se debruçam sobre os Pântanos Mortos e as Terras-de-Ninguém em direção a Cirith Gorgor e aos portões negros de Mordor. Boromir e quem quer que o acompanhe à procura de Minas Tirith farão bem em deixar o Grande Rio acima de Rauros e cruzar o Entágua, antes que ele atinja os pântanos. Apesar disso, não devem subir muito aquele rio, nem se arriscar a ficar presos na Floresta de Fangorn. Aquela é uma terra estranha, e pouco

conhecida. Mas não há dúvida de que Boromir e Aragorn não precisan desta advertência.

— Realmente ouvimos falar de Fangorn em Minas Tirith — diss Boromir. — Mas o que ouvi me parece ser, quase tudo, contos de velhas avós, como aqueles que contamos a nossas crianças. Tudo o que fica ao Norte de Rohan está agora para nós tão distante que a imaginação pode voar livremente. Há muito tempo, Fangorn fazia divisa com nosso reino mas há muitas gerações de homens nenhum de nós visita aquela região, para poder provar se são verdadeiras ou falsas as lendas que chegaram até nós, vindas de anos longínquos.

— Eu próprio já estive algumas vezes em Rohan, mas nunca atravessei a floresta em direção ao Norte. Quando fui enviado como mensageiro, passei pelo Desfiladeiro num ponto próximo às Montanhas Brancas, e atravessei o Isen e o rio Cinzento chegando à Terra do Norte Uma vi agem longa e cansativa. Calculo que tenha viajado quatrocentas léguas, e isso levou muitos meses, pois perdi meu cavalo em Tharbad, no vau do rio Cinzento. Depois daquela viagem, e da estrada que trilhei com esta Comitiva, não duvido muito que consiga encontrar um caminho através de Rohan, e de Fangorn também, se houver necessidade.

— Então não preciso dizer mais nada — disse Celeborn. — Mas não despreze a tradição que vem de anos longínquos; talvez as velhas avós guardem na memória relatos sobre coisas que alguma vez foram úteis para o conhecimento dos sábios.

Nesse momento, Galadriel se levantou do gramado, e tomando uma taça da mão de uma de suas aias, encheu-a com hidromel branco e ofereceu-a a Celeborn.

— Agora é o momento de fazermos nosso brinde de despedida — disse ela. — Beba, Senhor dos Galadhrim! E não vamos permitir que nosso corações se entristeçam, embora a noite possa estar se aproximando e o crepúsculo já esteja chegando.

Então ofereceu uma taça a cada um da Comitiva, e propôs um brinde de boa viagem. Mas quando beberam, ordenou que se sentassem de novo na relva, e cadeiras foram colocadas para ela e para Celeborn. As aias pararam em silêncio ao seu lado, e por uns instantes ela olhou para os

convidados. Finalmente, falou de novo.

— Bebemos uma taça de despedida — disse ela —, e as sombras se adensam entre nós. Mas antes que partam, trouxe em meu navio presentes que o Senhor e a Senhora dos Galadhrim agora oferecem a vocês em memória de Lothlórien. — Então chamou-os um por um.

— Aqui está o presente de Celeborn e Galadriel para o líder da Comitiva — disse ela a Aragorn, dando-lhe uma bainha feita sob medida para sua espada. Era coberta por uma gravura de flores e folhas feita em ouro e prata e que trazia inscrito, em runas élficas formadas por muitas pedras, o nome de Andúril e a linhagem da espada. — A lâmina que foi retirada desta bainha não será manchada ou quebrada, mesmo na derrota — disse ela. — Mas há alguma outra coisa que deseja de mim em nossa despedida? Pois a escuridão ira nos separar, e pode ser que não nos encontremos de novo, a não ser longe daqui, numa estrada que não tem retorno.

E Aragorn respondeu:

— Senhora, conhece todos os meus desejos, e há muito tempo guarda o único tesouro que procuro. Mas ele não lhe pertence, e não poderia oferecê-lo a mim, mesmo que estivesse disposta; apenas atravessando a escuridão é que poderei chegar até ele.

— Mesmo assim, talvez isto possa aliviar seu coração — disse Galadriel pois foi deixado aos meus cuidados para que entregasse a você, caso passasse por esta terra.

Então ela ergueu de seu colo uma grande pedra verde-clara, engastada num broche de prata, moldado na forma de uma águia com as asas abertas; ao erguê-lo, a pedra brilhou como o sol através das folhas na primavera.

— Esta pedra dei a Celebrian, minha filha, e ela a sua própria filha; e agora ela chega até você como um símbolo de esperança. Assuma neste momento o nome que foi predito para você, Elessar, Pedra Élfica da casa de Elendil!

Então Aragorn pegou a pedra e fixou o broche sobre o peito, e aqueles que olhavam para ele ficaram admirados, pois não tinham ainda notado sua altura e sua postura de rei, e tiveram a impressão de que muitos anos de luta

caíram de seus ombros.

— Agradeço-lhe pelos presentes que me deu — disse ele — ó Senhora de Lórien, de quem nasceram Celebrian e Arwen, Estrela da Tarde. Qu maior elogio poderia eu fazer?

A Senhora curvou a cabeça, e então voltou-se para Boromir oferecendo-lhe um cinto de ouro; a Merry e Pippin ofertou pequenos cinto de prata, cada um com uma fivela moldada na forma de uma flor de ouro. A Legolas ofereceu um arco semelhante aos usados pelos Galadhrim, mai comprido e robusto que os arcos da Floresta das Trevas, e cuja corda era feita de fios de cabelo élfico. Vinha acompanhado de um feixe de flechas.

— Para você, pequeno jardineiro e amante das árvores — disse ela a Sam -tenho apenas um pequeno presente. — Colocou na mão dele uma pequena caixa de madeira cinza, sem adornos, a não ser por uma única runa de prata sobre a tampa. — Aqui está escrito um G de Galadriel — disse ela — Mas também pode significar "gramado" na sua língua. Esta caixa contém terra de meu pomar, e nela está a bênção que Galadriel ainda pode conceder. A terra não impedirá que você se desvie do caminho, nem irá defendê-lo de qualquer perigo; mas se a guardar e finalmente voltar a ver sua terra, então talvez possa recompensá-lo. Embora possa encontrar tudo deserto e abandonado, haverá poucos jardins na Terra-média que florescerão como o seu, se espalhar esta terra lá. Então poderá se lembrar de Galadriel, e ter uma vista distante de Lórien, que você viu apenas em nosso inverno. Porque nossa primavera e nosso verão já passaram, e nunca mais serão vistos de novo na terra, a não ser em lembranças.

Sam corou até as orelhas e murmurou qualquer coisa inaudível, enquanto agarrava a caixa e tentava fazer uma reverência.

— E que presente um anão pediria aos elfos? — perguntou Galadriel voltando-se para Gimli.

— Nenhum, Senhora — respondeu Gimli. — A mim basta ter visto Senhora dos Galadhrim, e ter ouvido suas gentis palavras.

— Escutem vocês todos, elfos — exclamou ela para aqueles à sua volta. — Não deixem ninguém dizer que os anões são ávidos e indelicados! Mesmo assim, com certeza Gimli, filho de Glóin, você deseja algo que eu possa ofertar. Revele seu desejo, eu lhe peço! Você não deve ser o único

convidado a ficar sem um presente.

— Não quero nada, Senhora Galadriel — disse Gimli, fazendo um grande reverência e gaguejando. — Nada, a não ser que talvez... a não ser que seja permitido pedir, não, desejar um único fio de seu cabelo, que ultrapassa o ouro da terra como as estrelas ultrapassam as gemas da mina. Não peço tal presente, mas a Senhora me ordenou que revelasse meu desejo.

Os elfos se agitaram e murmuraram atônitos, e Celeborn observou o anão admirado, mas a Senhora sorriu.

— Diz-se que o talento dos anões está em suas mãos e não em suas línguas — disse ela. — Mas não se pode dizer o mesmo de Gimli. Pois ninguém jamais me fez um pedido tão ousado, e ao mesmo tempo tão cortês. E como posso negá-lo, já que fui eu quem ordenou que ele falasse? Mas, diga-me, o que você faria com um presente desses?

— Guardá-lo-ia como uma relíquia, Senhora — respondeu ele —, em memória das palavras que me disse em nosso primeiro encontro. E se eu algum dia retornar às forjas de minha terra, será colocado num cristal indestrutível, para ser a herança de minha casa e um testemunho de boa vontade entre a Montanha e a Floresta até o fim dos dias.

Então a Senhora desfez uma de suas longas tranças e cortou três fios dourados, colocando-os na mão de Gimli.

— Estas palavras acompanharão o presente — disse ela. — Não vou predizer, pois todas as predições são vãs nestes tempos: de um lado está a escuridão, e do outro só há esperança. Mas se a esperança não falhar, então digo a você, Gimli, filho de Glóin, que suas mãos vão se encher de ouro e apesar disso, o ouro não vai dominá-lo.

— E você, Portador do Anel — disse ela voltando-se para Frodo. — Dirijo-me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto. — Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. — Este frasco — disse ela — contém a luz da estrela de Eärendil engastada nas águas de minha fonte. Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e

de seu Espelho!

Frodo pegou o frasco, e por um momento, enquanto ele brilhava entre eles, viu a Senhora novamente como uma rainha, grandiosa e bela, mas não terrível. Fez uma reverência e não soube o que dizer.

Depois a Senhora se levantou, e Celeborn os conduziu de volta ao ancoradouro. Uma tarde dourada se deitava sobre a terra verde da Língua e a água brilhava em tons de prata. Finalmente tudo ficou pronto. Os membros da Comitiva tomaram seus lugares nos barcos como antes. Gritando adeus, os elfos de Lórien, com grandes varas cinzentas, os empurraram para a correnteza, e as águas ondulantes os levaram lentamente para longe. Os viajantes estavam quietos, sem se mover ou conversar. Na margem verde próxima à Língua, a Senhora Galadriel parou sozinha e em silêncio.

Quando passaram por ela, todos se voltaram, e seus olhos observaram-na lentamente flutuando para longe deles. Pois foi essa a impressão que tiveram: Lórien estava se distanciando, como um navio claro cujos mastros eram árvores encantadas, navegando para praias esquecidas, enquanto eles sentavam-se desamparados na margem do mundo cinzento e sem folhas.

Enquanto olhavam, o Veio de Prata passou, entrando nas correntezas do Grande Rio, e os barcos viraram e começaram a tomar velocidade em direção ao Sul. Logo a forma branca da Senhora era pequena e distante. Ela brilhava como uma janela de vidro sobre uma colina ao longe no sol poente, ou como um lago remoto visto de uma montanha: um cristal caído no colo da terra. Então Frodo teve a impressão de que ela levantara o braço num último aceno, e distante, mas perfeitamente claro, vinha com o vento o som de sua voz cantando. Mas agora ela cantava na língua antiga dos elfos de além-mar, e ele não conseguia entender as palavras: bela era a música, mas não podia consolá-lo.

Apesar disso, como acontece com as palavras élficas, estas ficaram gravadas em sua memória, e muito tempo depois ele as interpretou o melhor que pôde: a língua era a das músicas élficas, e falava de coisas pouco conhecidas na Terra-média.

Ai! lauriê lantar lassi súrinen,

Yéni únótimê ve rámar aldaron!
Yéni ve lintê yuldar avánier
mi oromardi lisse-miruvóreva
Andúnê pella, Vardo tellumar
nu luini yassen tintilar i eleni
ómaryo airetári-lírinen.
Sí man i yulman nin enquantuva?
An sí Tintallê Varda Oiolossêo
ve fanyar máryat Elentári ortanê
ar ilyê undulávê lumbulê;
ar sindanóriello caita morniê
i falmalinnar imbê met, ar hísiê
untúpa Calaciryo míri oialê
Sí vanwa ná, Rómello vantva, Valimar!
Namáriê! Nai hiruvalyê Valimar.
Nai elyê hiruva. Namárie.

"Ai, como ouro caem as folhas ao vento, longos anos inumeráveis como as asas das árvores! Os longos anos se passaram como goles rápidos dc doce hidromel em salões altos além do Oeste, sob as abóbadas azuis de Varda onde as estrelas tremem na canção de sua voz, de santa e rainha. Quem agora há de encher-me a taça outra vez? Pois agora a Inflamadora, Varda, a Rainha das Estrelas, do Monte Sempre Branco ergueu suas mãos com nuvens, e todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas; e de uma terra cinzenta a escuridão se deita sobre as ondas espumantes entre nós, e a névoa cobre as joias de Calacirya para sempre. Agora perdida, perdida para aqueles do Leste está Valimar! Adeus! Talvez hajas de encontrar Valimar Talvez tu mesmo hajas de encontrá-la. Adeus!"

Varda é o nome da Senhora que os elfos nestas terras de exílic chamaria de Elbereth.

De repente o rio fez uma curva, e as margens se ergueram dos dois

lados, e a luz de Lórien se escondeu. Àquela bela terra Frodo nunca mais voltou.

Os viajantes agora voltaram sua atenção para a viagem; o sol estava à sua frente e ofuscava seus olhos todos cheios de lágrimas. Gimli chorou abertamente.

— Olhei pela última vez para aquela que era a mais bela — disse ele a Legolas, seu companheiro. — Daqui para frente, não chamarei nada de belo a não ser o presente que ela me deu. — Colocou a mão no peito.

— Diga-me, Legolas, por que vim nesta Demanda" Mal sabia onde maior perigo estava. Elrond estava certo quando disse que não podíamos prever o que poderíamos encontrar em nosso caminho. O tormento no escuro era o perigo que eu temia, e esse perigo não me demoveu. Mas eu não teria vindo, se soubesse do perigo da luz e da alegria. Agora, com esta despedida, sofri meu maior ferimento, e não poderia haver pior nem mesmo que eu tivesse de ir nesta noite, diretamente ao encontro do Senhor do Escuro. Pobre Gimli, filho de Glóin!

— Não — disse Legolas. — Pobres todos nós! E todos os que caminham pelo mundo nestes últimos tempos. Pois assim são os modos deste mundo: encontrar e perder, como parece àqueles cujo barco está na correnteza veloz. Mas considero você um abençoado, Gimli, filho de Glóin pois sua perda você sofre de livre e espontânea vontade, e poderia ter escolhido outro caminho. Mas não abandonou seus companheiros, e a menor recompensa que poderá ter é que a memória de Lothlórien permanecera sempre viva e imaculada em seu coração, e não vai se apagar nem envelhecer.

— Talvez — disse Gimli. — E agradeço por suas palavras. Palavras verdadeiras, sem dúvida; apesar disso, todo esse consolo é frio. A lembrança não é o que deseja o coração. É apenas um espelho, mesmo que seja cristalino como Kheled-zâram. Pelo menos, é isso que sente o coração de Gimli, o anão. Os elfos podem enxergar as coisas de outra forma. Na verdade, ouvi dizer que para eles a memória e mais semelhante à realidade do que ao sonho. Não é assim para os anões.

— Mas deixemos de falar disso. Olhe para o barco! Está muito afundado na água com toda esta bagagem, e o Grande Rio é veloz. Não

quero afogar minha tristeza em água fria. — Pegou um remo, e dirigiu o barco para a margem Oeste, seguindo o de Aragorn que ia à frente, e que já tinha saído do meio da correnteza.

Assim continuou a Comitiva em seu longo caminho, descendo as águas velozes e caudalosas, sempre levados para o Sul. Florestas,nuas se erguiam nas duas margens, e eles não conseguiam ver qualquer sinal das terras que ficavam para trás.

A brisa se aquietou e o Rio corria sem qualquer ruído. Nenhuma voz de pássaro quebrava o silêncio. O sol se cobria de névoa à medida que o dia ficava velho, até brilhar no céu claro como uma pérola branca e nobre. Depois se apagou no Oeste, e o crepúsculo chegou cedo, seguido por uma noite cinzenta e sem estrelas. Para dentro das horas escuras e silenciosas eles continuaram navegando, guiando seus barcos pelas sombras das florestas do Oeste. Grandes árvores passavam como fantasmas, lançando suas raízes retorcidas e famintas através da névoa para dentro da água. A região era desolada e fria. Frodo ouvia o som apagado e borbulhante do Rio que ondulava por entre as raízes das árvores e os troncos soltos perto da margem, até que sua cabeça pendeu e ele caiu num sono agitado.

CAPÍTULO IX: O GRANDE RIO

Frodo foi acordado por Sam. Descobriu que estava deitado, ben agasalhado, sob altas árvores de casca cinzenta num canto silencioso da floresta, na margem Oeste do Grande Rio Anduin. Tinha dormido toda noite e a manhã cinzenta estava escura por entre os galhos nus. Gimli se ocupava em fazer uma fogueira ali perto.

Partiram de novo antes que o dia se abrisse. Não que a maioria do membros da Comitiva estivesse ansiosa por correr em direção ao Sul estavam satisfeitos porque a decisão, que deveria ser tomada o mais tardar quando chegassem a Rauros e à Ilha Rocha do Espigão, pôde ser postergad por alguns dias, e deixavam que o Rio os conduzisse em seu próprio passo, pois não queriam correr em direção aos perigos que os esperavam, qualquer que fosse o caminho que decidissem tomar no final. Aragorn permitiu que acompanhassem a correnteza como desejavam, poupando as forças para o cansaço que viria. Mas insistiu que pelo menos partissem cedo a cada dia, e que viajassem até o anoitecer, pois sentia em seu coração que o tempo urgia e temia que o Senhor do Escuro não tivesse ficado parado enquanto a Comitiva havia permanecido em Lórien.

Apesar disso, não se viu qualquer sinal de inimigos naquele dia, nem no dia seguinte. As horas enfadonhas e cinzentas se arrastavam s em qualquer surpresa. Quando o terceiro dia de jornada terminava, a regiãc começou lentamente a mudar: as árvores rarearam e desapareceram por completo. Na margem Leste à esquerda deles, viram encostas compridas e informes erguendo-se em direção ao céu; tinham uma aparência escura e seca, como se o fogo as tivesse varrido, não deixando qualquer folha verde: um deserto hostil sem nem uma árvore quebrada ou rocha escarpada que aliviasse o vazio. Naquele dia tinham atingido as Terras Castanhas que ficavam, vastas e desoladas, entre o Sul da Floresta das Trevas e as colina de Emym Muil . Nem mesmo Aragorn sabia dizer que pestilência ou guerra ou que feito maléfico do Inimigo tinha desolado toda a região daquela maneira.

Do lado Oeste, à direita deles, a região também não tinha árvores, mas

era plana, e em vários pontos coberta com amplos trechos de capim verde.

Desse lado do Rio, viram passar florestas de grandes juncos, tão altos que os impediam de enxergar a Oeste, enquanto os pequenos barcos passavam roçando suas bordas trêmulas. As plumas escuras e ressecadas pendiam e se lançavam no vento frio e leve, sussurrando suave e tristemente. Aqui e ali Frodo conseguia ver de relance, através de aberturas por entre os juncos, extensos prados e, mais além, colinas ao pôr-do-sol, e mais longe ainda, no horizonte, uma linha escura, na qual desfilavam as cordilheiras do extremo Sul das Montanhas Sombrias.

Não se via sinal de seres vivos em movimento, a não ser pássaros. Destes havia muitos: pequenas aves assobiando e piando nos juncos, mas que dificilmente eram vistas. Uma vez ou outra os viajantes, ouviam o agito alvoroçado de asas de cisnes, e olhando para cima viram um grande bando deles cruzando o céu.

— Cisnes! — disse Sam. — E dos grandes!

— Sim — disse Aragorn —, e são cisnes negros.

— Como toda esta região parece vazia, ampla e melancólica! — disse Frodo. — Sempre imaginei que, conforme se viajasse para o Sul, tudo ficasse mais quente e alegre, até que o inverno fosse deixado para trás eternamente.

— Mas ainda não viajamos tanto para o Sul — disse Aragorn. – Ainda é inverno, e estamos longe do mar. Aqui o mundo é frio até que chegue de repente a primavera, e ainda podemos encontrar neve outra vez. Lá adiante, descendo até a Baía de Belfalas, para a qual o Andum corre, o clima é quente e alegre, talvez; ou seria, se não fosse pelo Inimigo. Mas aqui não estamos mais de sessenta léguas, eu acho, ao Sul da Quarta Sul l. do seu Condado, a centenas de longas milhas deste ponto. Agora estão olhando para o Sudoeste, através das planícies do Norte da Terra dos Cavaleiros, Rohan, onde moram os Senhores dos Cavalos. Em breve chegaremos à foz do Limclaro, que vem de Fangorn para se encontrar com o Grande Rio. Aquela é a fronteira Norte de Rohan, e antigamente toda a região que ficava entre o Lieclaro e as Montanhas Brancas pertencia ao Rohirrim. A região é rica e agradável, e sua relva não tem rival; mas nestes dias maléficos as pessoas não moram perto do Rio, nem cavalgam com frequência até suas margens. O Anduin é largo, mas mesmo assim os orcs

conseguem atirar suas flechas muito além da margem oposta; ultimamente, pelo que se diz, eles têm ousado atravessar o rio e atacar os rebanhos e a criação de cavalos de Rohan.

Sam olhava inquieto de uma margem para outra. Antes, as árvores lhe pareceram hostis, como se escondessem olhos secretos e perigos à espreita; agora ele desejava que as árvores ainda estivessem lá. Sentia que a Comitiva estava desprotegida demais, flutuando em pequenos barcos abertos, em meio a uma região descoberta, num rio que era a fronteira da guerra.

Nos dois dias seguintes, enquanto avançavam, sempre para o Sul essa sensação de insegurança cresceu em toda a Comitiva. Durante um dia inteiro, eles pegaram seus remos e avançaram depressa. As margens passavam deslizando. Logo o Rio se alargou e ficou mais raso; praias compridas e pedregosas se deitavam ao Leste, e havia bancos de areia e cascalho na água, de modo que era preciso conduzir os barcos com cuidado. As Terras Castanhas surgiam em descampados desertos, sobre os quais soprava um ar frio do Leste. Do outro lado, os prados tinham-se transformado em ladeiras de grama ressequida em meio a uma região de brejos e moitas de capim. Frodo teve um calafrio ao pensar nos gramados e fontes, no sol claro e nas suaves chuvas de Lórien. Pouco se falava e ninguém ria nos barcos. Cada membro da Comitiva estava ocupado com seus próprios pensamentos.

O coração de Legolas corria sob as estrelas de uma noite de verão em alguma clareira do Norte, em meio a florestas de faias; Gimli, em sua mente manuseava ouro, e se perguntava se ele serviria para forjar um estojo para o presente da Senhora. Merry e Pippin, no barco do meio, estavam agitados pois Boromir resmungava consigo mesmo, algumas vezes mordendo as unhas como se alguma inquietação ou dúvida o consumisse, outras vezes agarrando um remo e aproximando seu barco do de Aragorn. Então Pippin que estava sentado à proa e olhando para trás, captou um brilho estranho nos olhos do homem, no momento em que ele olhava fixamente para Frodo. Sam já tinha decidido havia muito tempo que, embora os barcos talvez não fossem tão perigosos como o tinham feito acreditar, eram muito mais desconfortáveis do que havia jamais imaginado. Sentia-se preso e

deprimido, não tendo mais nada a fazer a não ser olhar para aquelas terras invernais se arrastando, e para a água cinzenta de seus dois lados. Mesmo quando usavam os remos, nenhum era confiado a Sam.

Enquanto descia o crepúsculo no quarto dia, ele olhava para trás, por cima das cabeças abaixadas de Frodo e Aragorn e dos barcos que vinham atrás: estava sonolento e queria acampar e sentir a terra sob os pés. De repente, alguma coisa chamou sua atenção: primeiro olhou para ela com indiferença, depois aprumou-se no barco e esfregou os olhos; mas quando olhou outra vez não conseguiu ver mais nada.

Naquela noite, acamparam numa ilhota próxima à margem Oeste. Sam estava deitado, enrolado em cobertores, ao lado de Frodo. — Tive um sonho engraçado uma ou duas horas antes de pararmos, Sr. Frodo — disse ele. Ou talvez não fosse um sonho. Mas foi engraçado, de qualquer maneira.

— Bem, o que era"? — disse Frodo, sabendo que Sam não sossegaria até que contasse sua história, fosse ela qual fosse. — Não vi ou pensei em nada que me fizesse sorrir desde que partimos de Lórien.

— Não era engraçado dessa maneira, Sr. Frodo. Foi estranho. Tudo errado, se não foi sonho. E é melhor que o senhor escute: vi um tronco de árvore com olhos.

— Tudo certo com o tronco — disse Frodo. — Há muitos no Rio. Mas deixe os olhos para lá!

— Isso não posso fazer — disse Sam. — Foram os olhos que me fizeram levantar, por assim dizer. Vi o que julguei ser um tronco boiando à meia-luz, atrás do barco de Gimli, mas não dei muita atenção aquilo. Então me pareceu que o tronco estava lentamente nos alcançando. E isso foi uma coisa peculiar, como se pode dizer, se pensarmos que todos nós estávamos boiando na correnteza juntos. Bem nessa hora, eu vi os olhos: iguais a dois pontos claros, brilhantes, numa corcova perto da ponta do tronco. Além do mais, não era um tronco, pois tinha pés como remos, quase como os de um cisne, só que pareciam maiores, e ficavam entrando e saindo da água.

— Foi então que levantei e esfreguei os olhos, com a intenção de dar um grito, se ele ainda continuasse lá depois que eu tivesse espantado o sono de minha cabeça. Pois o que-quer-que-fosse estava vindo rápido agora, e se aproximando do barco de Gimli. Mas não sei se aquelas duas lamparinas

viram que eu me mexia, ou se voltei ao normal. Quando olhei de novo, a coisa não estava mais lá. Mas eu acho que vi de relance, com o rabo do olho, como se diz, alguma coisa escura entrando na sombra da margem. Mas nãc vi mais olho nenhum.

— Disse para mim mesmo: "sonhando de novo, Sam Gamgi", eu disse; e não disse mais nada depois disso. Mas não paro de pensar desde que aconteceu, e agora não tenho tanta certeza, Que acha disso, Sr. Frodo?

— Eu acharia que não foi nada além de um tronco no escuro e sonc em seus olhos, Sam — disse Frodo —, se esta fosse a primeira vez que aqueles olhos foram vistos. Mas não é. Eu os vi longe daqui, lá no Norte, antes de chegarmos a Lórien. E vi uma criatura esquisita com olhos subindo no flet aquela noite. Haldir também viu. E você se lembra do relato dos elfos que foram atrás do bando de orcs?

— Ah — disse Sam. — Lembro sim, e lembro-me também de outra coisas. Não gosto do que estou pensando, mas colocando uma coisa junto com a outra, e com as histórias do Sr. Bilbo e tudo mais, acho que poderia arriscar um nome para a criatura. Um nome horrível. Gollum, talvez?

— Sim, é isso que venho temendo há algum tempo — disse Frodo. — Desde a noite no flet. Suponho que já estava à espreita em Moria, onde descobriu nossa trilha; mas eu tinha esperanças de que nossa estada em Lórien tivesse feito com que ele perdesse nosso rastro outra vez. A miserável criatura deve ter ficado escondida nas florestas que margeiam o Veio de Prata, vigiando até que partíssemos.

— É isso mesmo — disse Sam, — E é melhor ficarmos um pouco mais atentos, ou vamos sentir uns dedos nojentos em volta de nossos pescoços uma noite dessas, se é que vamos ter tempo de acordar e sentir alguma coisa. E era isso que eu ia começar a fazer. Não é preciso incomodar Passolargo e os outros esta noite. Vou ficar de guarda. Posso dormir amanhã já que não passo de uma bagagem no barco, como se poderia dizer.

— Eu diria — disse Frodo. — E diria "bagagem que enxerga". Voc vai ficar de guarda, mas só se prometer que me acorda no meio da noite, se nada acontecer antes.

Nas últimas horas da noite, Frodo acordou de um sono profundo e sombrio e percebeu que Sam o sacudia.

— É uma pena acordá-lo — sussurrou Sam —, mas o senhor me disse para fazer isso. Não há nada a contar, ou não muito. Tive a impressão de te ouvido uns barulhos de alguma coisa batendo na água e farejando, há uns instantes; mas a gente escuta um monte desses sons estranhos nas margens de um rio à noite.

Ele se deitou e Frodo levantou-se embrulhado nos cobertores, lutando para espantar o sono. Minutos ou horas se passaram lentamente, e nada aconteceu. Frodo estava quase cedendo à tentação de se deitar outra vez quando uma figura escura, quase invisível, flutuou para perto de um dos barcos ancorados. Podia-se distinguir vagamente uma mão comprida e esbranquiçada, no momento em que se erguia e agarrava a amurada; dois olhos pálidos como lamparinas emanaram um brilho frio no momento em que espiaram dentro do barco, e então se ergueram e olharam para Frodo na ilhota. Não estavam a mais de um ou dois metros de distância, e Frodo escutou o chiado suave de ar sendo inspirado. Levantou-se puxando Ferroada da bainha, e enfrentou os olhos. Imediatamente, a luz que vinha deles desapareceu.

Ouviu um outro chiado e o som de algo caindo na água, e a coisa escura com formato de tronco se distanciou correnteza abaixo, entrando na escuridão da noite. Aragorn se mexeu dormindo, virou-se e se sentou.

— O que foi? — sussurrou ele, levantando-se e vindo até Frodo. — Senti algo enquanto dormia. Por que pegou sua espada?

— Gollum — respondeu Frodo. — Ou, pelo menos, imagino que seja ele.

— Ah! — disse Aragorn. — Então você sabe de nosso pequeno salteador? Ele nos seguiu em todo o percurso através de Moria e descendo o Nimrodel. Desde que pegamos os barcos, ele tem estado em cima de um tronco, remando com suas mãos e pés. Tentei pegá-lo uma ou duas vezes durante a noite, mas ele é mais astuto que uma raposa, e escorregadio como um peixe. Tinha esperanças de que a viagem pelo rio o fizesse desistir, mas ele é um nadador muito esperto.

— Tentaremos ir mais rápido amanhã. Agora deite-se e eu faço a guarda durante o restante da noite. Gostaria de poder pôr as mãos no maldito. Poderíamos fazer com que fosse útil. Mas se eu não conseguir

devemos tentar fazer com que se perca. É muito perigoso. Além da possibilidade de assassinar alguém durante a noite por sua própria conta, ele pode colocar qualquer inimigo que estiver por perto no nosso rastro.

A noite se passou, e Gollum não se manifestou outra vez. Depois disso a Comitiva manteve uma estrita vigilância, mas não viram mais Gollum enquanto durou a viagem.

Se ele ainda os seguia, era muito esperto e ágil. Conforme recomendação de Aragorn, eles remavam agora por longos períodos, e as margens passavam rapidamente. Mas viam pouca coisa da região, pois viajavam principalmente à noite e no crepúsculo, descansando durante o dia, escondendo -se o melhor que podiam naquela região. Assim o tempo passou sem qualquer acontecimento até o sétimo dia.

O céu ainda estava cinzento e carregado, e um vento soprava do Leste, mas quando a noite foi chegando, as nuvens ao Oeste se desfizeram e poças de luz pálida, amarelas e verde-claras, se abriram sob as nuvens cinzentas. Ali se podia ver a casca branca da lua nova reluzindo nos lagos remotos. Sam olhou para ela e franziu a testa.

No dia seguinte, o terreno dos dois lados começou a mudar rapidamente. As margens começaram a se erguer ficando pedregosas. Logo eles estavam atravessando uma região de colinas rochosas, e dos dois lados viam -se encostas íngremes enterradas em matagais de espinhos e abrunheiros, emaranhados com sarças e trepadeiras. Atrás deles se erguiam penhascos baixos que se desagregavam e protuberâncias de rocha cinzenta, cobertos de hera escura; além destes se erguiam, por sua vez, cordilheiras altas coroadas de pinheiros retorcidos pela ação do vento. Estavam se aproximando das colinas cinzentas de Eniyn Muil, a fronteira Sul das Terras Ermas.

Havia muitos pássaros em volta dos penhascos e das pontas rochosas, e durante todo o dia bandos de pássaros formaram círculos no ar, negros contra o céu claro. Enquanto descansavam no acampamento naquele dia, Aragorn observava os vôos cheio de dúvidas, imaginando se Gollum não estivera fazendo alguma maldade, e se a notícia da viagem deles não estava agora se propagando no ermo. Mais tarde, quando o sol se punha e a Comitiva se movimentava, fazendo os preparativos para uma nova partida,

ele distinguiu um ponto preto contra a luz que se apagava: um grande pássaro voando alto e distante. Às vezes desenhando círculos no céu, outras voando lentamente para o Sul.

— O que é aquilo, Legolas? — perguntou ele, apontando para o céu ao Norte. — Seria, como imagino, uma águia?

— Sim — disse Legolas. — É uma águia, uma águia caçadora Pergunto-me o que isso significa. Ela está longe das montanhas.

— Não vamos partir até que escureça completamente — disse Aragorn.

Chegou a oitava noite daquela jornada. Era silenciosa e parada: o vento soturno do Leste tinha parado. A diáfana lua crescente tinha caído cedo no poente, mas o céu no alto estava claro, e embora longe ao Sul houvesse grandes cadeias de nuvens que ainda brilhavam pálidas, no Oeste as estrelas cintilavam claras.

— Venham! — disse Aragorn. — Vamos arriscar mais uma jornada noturna.

Estamos chegando a um trecho do Rio que não conheço bem, pois nunca viajei pela água nestas partes antes, não entre este ponto e as corredeiras de Sarn Gebir. Mas, se meus cálculos estiverem certos, as corredeiras ainda estão muitas milhas adiante. Mesmo assim, encontraremos lugares perigosos antes até de chegarmos lá: rochas e ilhotas de pedra na correnteza. Devemos manter uma vigilância rigorosa e evitar remar rapidamente.

Ficou ao encargo de Sam, no barco da frente, a função de vigia. Ele se deitou com a cabeça para frente, espiando na escuridão. A noite ficou escura, mas as estrelas acima estavam estranhamente claras, e a superfície do Rio reluzia. Era quase meia-noite, e eles já estavam navegando havia algum tempo, quase sem usar os remos, quando de repente Sam soltou um berro. Apenas a alguns metros adiante, formas escuras assomaram na correnteza e ele escutou a água veloz num turbilhão. Havia uma corredeira que levava para a esquerda, em direção à margem Leste, onde o canal estava desobstruído. Enquanto eram arrastados para o lado, os viajantes puderam ver, agora muito próxima, a espuma clara do Rio batendo contra os rochedos pontudos que saíam das águas como uma fileira de dentes. Os

barcos estavam todos amontoados.

— Ei, Aragorn! — gritou Boromir, quando seu barco bateu no d. frente. — Isto é loucura! Não podemos desafiar as Corredeiras à noite! Ma nenhum barco pode sobreviver nas Sarn Gebir, seja de noite seja de dia.

— Para trás! Para trás! — gritou Aragorn. — Vire! Vire se consegui — Mergulhou o remo na água, tentando deter o barco e fazê-lo voltar.

— Meus cálculos estavam errados — disse ele a Frodo. — Não sabi. que tínhamos chegado tão longe: o Andum corre mais rápido do que eu pensava.

As Sarn Gebir já devem estar bem próximas.

Com grande esforço, detiveram os barcos e os viraram; mas no inícic só conseguiram avançar muito lentamente contra a correnteza, e todo o tempo eram trazidos para mais e mais perto da margem Leste, que agora assomava escura e agourenta na noite.

— Todos juntos, remem! — gritou Boromir. — Remem! Ou seremc levados para os bancos de areia. — Enquanto ouvia isso, Frodo sentiu o barco onde estava raspar numa pedra.

Nesse momento, ouviu-se o zunido de cordas de arcos: muitas flechas assobiaram sobre suas cabeças, e algumas caíram no meio deles. Uma atingiu Frodo entre os ombros e ele cambaleou para frente com um grito, deixando cair seu remo: mas a flecha caiu para trás, repelida pelo seu colete oculto de malha metálica. Uma outra passou através do capuz de Aragorn, e uma terceira ficou espetada na borda do segundo barco, perto da mão de Merry. Sam julgava poder divisar figuras negras correndo de um lado para c outro sobre os longos montes de pedra que jaziam sobre a praia Leste. Pareciam estar muito perto.

— Yrch! — gritou Legolas, falando em sua própria língua, num lapso.

— Orcs! — gritou Gimli.

— Coisa do Gollum, com certeza — disse Sam a Frodo. — E também escolheram um bom lugar.

O Rio parece decidido a nos levar direto para os braços deles! Todos se inclinaram para frente, colocando mais força nos remos: até Sam deu uma ajuda. A cada momento esperavam sentir a mordida das flechas com penas pretas. Muitas zuniam acima de suas cabeças ou caíam na água ali perto;

mas ninguém mais foi atingido. Estava escuro, mas não escuro demais para os olhos noturnos dos orcs, e sob o brilho das estrelas a Comitiva provavelmente ofereceria um alvo fácil aos astutos inimigos, se a cor cinzenta das capas de Lórien e da madeira dos barcos não derrotasse a malícia dos arqueiros de Mordor.

Continuaram lutando, remada após remada. Na escuridão, era difíci ter certeza de que estavam realmente se movendo; mas devagar a força da água em rodamoinho foi amainando, e a sombra da margem se apagou dentro da escuridão.

Finalmente, pelo que podiam julgar, estavam no meio do Rio outra vez, e haviam recuado os barcos afastando-se bastante das rochas salientes. Então, viraram os barcos para o Oeste e os conduziram com toda sua força para a margem. Sob a sombra de arbustos curvados sobre a água, pararam para tomar fôlego.

Legolas soltou seu remo e pegou o arco que havia trazido de Lórien Então pulou para a praia e subiu alguns passos na margem. Puxando a corda e encaixando nela uma flecha, ele se voltou, espiando por sobre o Rio na escuridão. Do outro lado ouviam-se gritos agudos, mas não se podia ver nada.

Frodo levantou os olhos para o elfo que se erguia imponente acima dele, observando a noite e procurando um alvo em que pudesse mirar. A cabeça escura estava coroada pelas estrelas brancas que reluziam contra os lagos escuros do céu. Mas agora, levantando-se e navegando do Sul, as nuvens avançavam enviando batedores escuros para os campos estrelados. Um terror repentino dominou toda a Comitiva.

— Elebereth Gilthoml! — suspirou Legolas ao erguer os olhos. N momento em que falava, uma forma escura, como uma nuvem mas que não era uma nuvem, pois movia-se muito mais rápido, surgiu do negrume do Sul, correndo em direção à Comitiva, vedando toda a luz conforme se aproximava. Logo se definiu como uma grande criatura alada, mais negra que os abismos da noite. Vozes selvagens se ergueram para saudá-la, do outro lado do Rio. Frodo sentiu um calafrio repentino percorrendo seu corpo e apertando seu coração; teve uma sensação gelada e mortal na região do ombro, como a lembrança de um velho ferimento. Agachou-se como se

estivesse tentando se esconder.

De repente, o grande arco de Lórien cantou. A flecha, impulsionad. pela corda, zuniu no ar. Frodo olhou para cima. Quase em cima dele, a forma alada guinou. Ouviu-se um grasnado alto e rouco, no momento em que a criatura caiu, desaparecendo dentro da escuridão da praia Leste.

O céu estava limpo outra vez. Na escuridão, podia -se distinguir un tumulto de muitas vozes distantes, praguejando e lamentando, e então silêncio. Depois disso nenhuma lança ou grito veio do Leste naquela noite.

Passado algum tempo, Aragorn conduziu os barcos de nov correnteza acima.

Foram tateando o caminho ao longo da margem por uma certa distância, até que encontraram uma baía pequena e rasa. Algumas árvores baixas cresciam ali, perto da água, e atrás delas subia uma margem rochosa e íngreme. Ali a Comitiva decidiu parar e esperar a chegada da aurora: seria inútil tentar prosseguir à noite.

Não fizeram acampamento, nem acenderam o fogo, mas ficaram deitados e encolhidos nos barcos, que estavam ancorados uns perto dos outros.

— Louvados sejam o arco de Galadriel e a mão e o olho de Legolas – disse Gimli, enquanto mastigava um pedaço de lembas. — Aquele foi un belo tiro no escuro, meu amigo!

— Mas quem poderia dizer o que o tiro atingiu? — disse Legolas.

— Eu não — disse Gimli. — Mas fico feliz em pensar que a sombr. não se aproximou mais. Não gostei dela nem um pouco. Pareceu -me semelhante demais à sombra em Moria — a sombra do balrog — finalizou ele, num sussurro.

— Não era um balrog — disse Frodo, ainda tremendo pelo frio que assaltara. — Era algo mais gelado. Acho que era... — Parou neste ponto, ficou em silêncio.

— Acha o quê? — perguntou Boromir ansioso, inclinando-se em seu barco, como se tentasse olhar o rosto de Frodo.

— Eu acho... Não, não vou dizer. O que quer que fosse, sua qued. enfraqueceu nossos inimigos.

— É o que parece — disse Aragorn. — Apesar disso, não sabemos

onde estão, quantos são, e qual será seu próximo passo. Nenhum de nós deve dormir esta noite! A escuridão está nos escondendo agora. Mas quem pode dizer o que o dia revelará? Mantenham suas armas ao alcance das mãos!

Sam ficou sentado, tamborilando com os dedos no punho de sua espada, como se estivesse contando alguma coisa, e olhando para o céu.

— É muito estranho — murmurou ele. — A lua é a mesma no Condado e nas Terras Ermas, ou deveria ser. Mas ou ela está fora de seu curso, ou estou completamente errado em meus cálculos. O senhor se lembra, Sr. Frodo, que a lua estava no quarto minguante quando estávamos no flet em cima da árvore: uma semana depois da lua cheia, eu calculo. E ontem fez uma semana que estamos viajando, quando apareceu uma lua nova, fina como a apara de uma unha, como se não tivéssemos ficado tempo algum na terra dos elfos.

— Bem, eu me lembro com certeza de três noites, e tenho a impressão de lembrar de várias outras, mas juraria que não completamos um mês de estada lá. Qualquer um pensaria que lá o tempo não contou!

— E talvez tenha sido isso mesmo — disse Frodo. — Naquela terra talvez estivéssemos num tempo que já se passou há muito em outros lugares. Acho que foi só quando o Veio de Prata nos levou de volta para o Anduin que voltamos ao tempo que corre através das terras mortais, em direção ao Grande Mar. E eu não me lembro de nenhuma lua, velha ou nova, em Caras Galadhon: só estrelas à noite, e sol de dia.

Legolas se mexeu em seu barco.

— Não, o tempo não para nunca — disse ele —, mas a mudança e o crescimento não se manifestam em todos os seres da mesma forma. Para os elfos, o mundo se move, e move-se ao mesmo tempo muito depressa e muito devagar. Depressa, porque eles próprios mudam muito pouco, e todo o resto se esvai: é uma tristeza para eles. Devagar, porque eles não contam os anos que passam, não em relação a si mesmos. As estações que se sucedem não passam de ondas repetidas na longa correnteza. Apesar disso, tudo sob o sol deve passar e chegar ao seu fim.

— Mas as coisas passam devagar em Lórien — disse Frodo. — O poder da Senhora age sobre aquela terra. As horas são ricas, embora pareçam

curtas, em Caras Galadhon, onde Galadriel detém o Anel Élfico.

— Isso não deveria ser dito fora de Lórien, nem mesmo para mim! — Disse Aragorn. — Não fale mais desse assunto! Mas é assim, Sam: naquel terra você perdeu as contas. Ali o tempo passou rapidamente por nós, comc passa para os elfos. A lua velha passou e uma lua nova cresceu e minguou no mundo de fora, enquanto permanecemos lá. E anteontem uma lua nova apareceu outra vez. O inverno já quase passou. O tempo corre para uma primavera de pouca esperança.

A noite passou em silêncio. Nenhuma voz ou chamado foran ouvidos outra vez do outro lado do Rio. Os viajantes, encolhidos nos barcos sentiam a mudança de clima.

O ar ficou quente e parado sob as grandes nuvens úmidas que flutuavam no céu, vindas do Sul e dos mares distantes.

O fluxo da água sobre as pedras na correnteza pareceu ficar mais ruidoso e próximo. Os galhos das árvores começaram a pingar.

Ao romper do dia, o mundo em volta deles tinha ficado suave e triste.

Lentamente, a aurora deu lugar a uma luz clara, difusa e sem sombras. Uma névoa cobria o rio, e não se podia enxergar a outra margem.

— Não suporto nevoeiros — disse Sam —, mas este parece nos trazer sorte. Agora talvez possamos sair daqui sem que aqueles orcs desgraçados nos vejam.

— Talvez sim — disse Aragorn. — Mas será difícil encontrar a trilha a não ser que o nevoeiro suba um pouco, mais tarde. E precisamos achar a trilha, se vamos passar as Sarn Gebir e chegar aos Emyn Muil.

— Não vejo por que precisamos passar pelas Corredeiras ou seguir c Rio por mais tempo — disse Boromir. — Se os Emyn Muil estão à noss frente, podemos abandonar esses barquinhos, e avançar para o Oeste e para o Sul, até chegarmos ao Entágua, que podemos atravessar chegando assim à minha terra.

— Podemos, se estivermos indo para Minas Tirith — disse Aragorr Mas isso ainda não foi decidido. E um caminho desses pode ser mais perigoso do que parece. O vale do Entágua é plano e pantanoso, e c nevoeiro é um perigo mortal para os que estão a pé e carregando coisas. Eu

não abandonaria nossos barcos até que fosse necessário. Pelo menos, o Rio é uma trilha que não se perde.

— Mas o Inimigo se apoderou da margem Leste — objetou Boromir. I mesmo que você passe os Portões dos Argonath e chegue ileso à Rocha d Espigão, que vai fazer depois? Saltar sobre as cachoeiras e pousar no pântanos?

— Não! — respondeu Aragorn. — Em vez disso, diga que iremo levar nossos barcos pelo caminho antigo até os pés de Rauros, e ali continuar pela água. Você não conhece, Boromir, ou decidiu esquecer a Escada Nort e o alto trono sobre o Amon Hen, que foram feitos nos dias dos grandes Reis' Eu, pelo menos, pretendo subir àquele lugar alto outra vez, antes de decidir meu roteiro futuro. Ali, talvez possamos ver algum sinal que nos guie.

Boromir relutou muito em aceitar essa escolha; mas quando ficou claro que Frodo seguiria Aragorn, aonde quer que este fosse, acabou cedendo.

— Não é costume dos homens de Minas Tirith abandonar seu amigos necessitados — disse ele. — E vocês vão precisar de minha força, se chegarem à Rocha do Espigão. Irei até a alta ilha, mas não além daquel ponto. Ali rumarei para meu lar; sozinho, se minha ajuda não angariar a recompensa de algum companheirismo.

O dia avançava e o nevoeiro tinha subido um pouco. Decidiu -se que Aragorn e Legolas deveriam avançar imediatamente ao longo da margem enquanto os outros permaneceriam perto dos barcos. Aragorn esperava encontrar algum caminho pelo qual pudessem ir, carregando os barcos e a bagagem, até atingir as águas mais calmas além das Corredeiras.

— Os barcos dos elfos não afundam, talvez — disse ele. — Mas isso não quer dizer que poderíamos atravessar as Sarn Gebir a salvo. Ninguém jamais fez isso. Nenhuma estrada foi feita pelos homens de Gondor nesta região, pois mesmo nos dias gloriosos seu reinado só subia o Anduin até os Emyn Muil. Mas há uma passagem em algum lugar da margem Oeste, espero poder encontrá-la. Não pode estar destruída, pois barcos leves costumavam viajar saindo das Terras Ermas, descendo até Osgiliath, e ainda faziam isto há alguns anos, quando os orcs de Mordor começaram a se multiplicar.

— Raramente vi em minha vida um barco vindo do Norte, e os orcs espreitam na praia Leste — disse Boromir. — Se você for em frente, o perigo ficará maior a cada milha, mesmo que consiga encontrar um caminho.

— O perigo nos espera em todas as estradas que conduzem ao Sul — respondeu Aragorn. — Esperem-nos por um dia. Se não voltarmos nesse prazo, saberão que de fato o mal nos atingiu. Então devem escolher outro líder e segui-lo da melhor maneira possível.

Foi com o coração pesado que Frodo viu Aragorn e Legolas subindo margem íngreme e desaparecendo dentro da névoa, mas seus temores se mostraram infundados. Apenas duas ou três horas tinham-se passado, e mal chegava o meio-dia, quando as figuras sombrias dos exploradores apareceram outra vez.

— Está tudo bem — disse Aragorn, descendo a margem. — Há uma trilha que leva a um bom porto que ainda é utilizável. A distância não é grande: a cabeceira das Corredeiras está a meia milha abaixo de nós, e elas têm apenas uma milha de comprimento, Não muito além delas a água se torna límpida e calma de novo, embora continue correndo veloz. Nossa tarefa mais difícil será levar os barcos e a bagagem através da antiga passagem. Nós a encontramos, mas ela fica a uma boa distância desta margem, e prossegue protegida por uma parede rochosa, cerca de duzentos metros ou mais da margem. E nós não encontramos o ancoradouro Norte. Se é que a inda existe, devemos ter passado por ele ontem à noite. Podemos ter muito trabalho para remar correnteza acima e mesmo assim não encontrá-lo por causa do nevoeiro. Receio que devamos abandonar o Rio agora, e nos dirigir para essa passagem da melhor forma que conseguirmos.

— Isso não seria fácil, mesmo que todos fôssemos homens — disse Boromir.

— Mesmo assim, vamos tentar, sendo todos homens ou não — disse Aragorn.

— Vamos, sim — disse Gimli. — As pernas de um homem ficam para trás numa estrada difícil, enquanto um anão continua, mesmo que o peso que carrega seja duas vezes maior que o do seu próprio corpo, mestre Boromir!

A tarefa acabou se revelando realmente difícil, mas no fim foi

desempenhada. Os mantimentos e bagagens foram retirados dos barcos e trazidos ao topo da margem, onde havia um espaço plano. Depois os barcos foram arrastados para fora da água e carregados. Eram muito menos pesados do que qualquer um esperara. Nem mesmo Legolas poderia dizer de que árvore cultivada na terra d os elfos eles eram feitos; mas a madeira era resistente e, apesar disso, estranhamente leve.

Merry e Pippin conseguiram, sozinhos, carregar seu barco ao longo da planície. Não obstante, era preciso a força de dois homens para levantar e arrastar os barcos pelo terreno que agora a Comitiva deveria atravessar. O caminho subia, distanciando-se do Rio: uma região deserta, de pedras calcáreas cinzentas, com muitos buracos escondidos pelo mato e pelos arbustos; havia moitas de espinheiros, e pequenos vales abruptos; aqui e ali encontravam-se poças lamacentas alimentadas pelas águas que desciam dos planaltos na região mais interna.

Boromir e Aragorn carregaram os barcos um de cada vez, enquanto os outros iam aos tropeços atrás deles, levando a bagagem. Finalmente tudo foi transportado e colocado na passagem. Então, sem muita dificuldade, a não ser por urzais espalhados e muitas rochas caídas, foram indo para frente, todos juntos.

O nevoeiro ainda pairava em véus sobre a parede rochosa que se desfazia, e à esquerda a névoa escondia o Rio: eles ouviam suas águas correndo e espumando sobre os escolhos pontudos e os dentes de pedra das Sarn Gebir, mas não conseguiam vê-lo. Tiveram de fazer duas viagens, antes que tudo fosse trazido a salvo para o ancoradouro Sul.

Nesse ponto a passagem, voltando de novo em direção à beira do Rio descia suavemente até a borda rasa de um pequeno lago. Parecia ter sido cavado na margem do Rio, não manualmente, mas pela própria água que descia em rodamoinho das Sarn Gebir e batia contra um ancoradouro baixo e rochoso que avançava para dentro da correnteza.

Mais adiante, a praia se transformava abruptamente num penhasco cinzento, e não havia mais passagem para os que fossem a pé.

A tarde curta já passara e um crepúsculo apagado e nublado se formava.

Sentaram-se perto da água, escutando o rugido rápido e confuso das

Corredeiras escondidas na névoa; estavam cansados e sonolentos, e tinham os corações melancólicos como o dia que morria.

— Bem, aqui estamos, e aqui passaremos mais uma noite — disse Boromir. — Precisamos dormir, e mesmo que Aragorn pretendesse atravessar os Portões dos Argonath à noite, estamos todos cansados demais exceto, sem dúvida, nosso vigoroso anão.

Gimli não respondeu. Estava caindo no sono ali mesmo, sentado.

— Vamos descansar o máximo possível agora — disse Aragorn. — Amanhã devemos viajar durante o dia outra vez. A não ser que o tempo mude de novo e nos engane, teremos uma boa chance de escapar sem sermos vistos por quaisquer olhos na p raia Leste. Mas esta noite dois devem montar guarda juntos, fazendo revezamento: três horas de descanso e uma de plantão.

Naquela noite, não aconteceu nada pior que um chuvisqueiro rápido, uma hora antes do nascer do dia. Logo que estava completamente claro, eles partiram.

O nevoeiro já ficava menos denso. A Comitiva mantinha -se o mai perto possível da margem Oeste, e assim podiam ver as formas apagadas dos penhascos baixos subindo cada vez mais, paredes sombrias que tinham os pés afundados no rio veloz. No meio da manhã, as nuvens desceram, e começou uma chuva forte. Cobriram os barcos com peles, para evitar que se alagassem, e continuaram; através daquela cortina cinzenta que caía, quase nada podiam ver à frente ou em volta.

Entretanto, a chuva não durou muito. Lentamente, o céu foi ficando mais leve e, de repente, as nuvens se desmancharam, e suas franjas soltas rumaram para longe, subindo o Rio para o Norte. O nevoeiro desapareceu Diante dos viajantes abria-se uma garganta larga, com grandes encosta s rochosas às quais se agarravam, em saliências e fendas estreitas, algumas árvores retorcidas. O canal ficou mais estreito e o Rio mais rápido. Agora ian depressa acompanhando a margem, com pouca esperança de parar ou desviar, não importava o que encontrassem à frente. Sobre eles via-se uma alameda de céu azul-claro; ao redor deles, o Rio escuro e ensombreado; adiante, negras, vedando o sol, as colinas de Emyn Muil, nas quais não se via qualquer abertura.

Frodo, olhando para a frente, viu na distância duas grandes rochas se aproximando: pareciam dois grandes pináculos ou pilares de pedra. Altos, íngremes e agourentos, erguiam-se dos dois lados da correnteza. Uma pequena abertura apareceu entre eles, e o Rio levou os barcos naquela direção.

— Olhem os Argonath, os Pilares dos Reis! — gritou Aragorn. - Vamos passar por eles em breve. Mantenham os barcos em fila e o mais separados que puderem. Fiquem no meio da correnteza.

Quando Frodo foi levado na direção deles, os grandes pilares assomaram como torres vindo ao seu encontro. Pareciam-lhe dois gigantes, figuras grandes e cinzentas, silenciosas mas ameaçadoras. Então percebeu que de fato eram desenhados e moldados: o trabalho e o poder de antigamente tinham trabalhado neles, que ainda conservavam, através do sol e da chuva de anos esquecidos, as formas poderosas da escultura original. Sobre grandes pedestais alicerçados nas águas profundas, erguiam-se dois grandes reis de pedra: ainda, com olhos turvos e cenhos gretados, voltavam-se para o Norte. A mão esquerda de cada um deles estava levantada, com a palma para fora, num gesto de advertência, e cada mão direita empunhava um machado; sobre cada uma das cabeças viam-se um elmo e uma coroa, já se desintegrando.

Guardiões silenciosos de um reino há muito desaparecido, tinham ainda grande força e majestade. Dominado pelo medo e pela admiração, Frodo se encolheu, fechando os olhos e não ousando olhar para cima, enquanto o barco se aproximava. Até Boromir abaixou a cabeça quando os barcos passaram, frágeis e fugazes como pequenas folhas, sob a sombra duradoura dos guardiões de Númenor. Assim atravessaram a fenda negra dos Portões.

Os aterrorizantes penhascos se erguiam de ambos os lados a alturas incalculáveis. Lá adiante estava o céu pálido. As águas negras rugiam e reverberavam, e um vento gritava sobre eles. Frodo, agachado sobre os joelhos, escutou Sam, resmungando e gemendo à sua frente:

— Que lugar! Que lugar horrível! Se me deixarem sair deste barco nunca mais vou molhar meus pés numa poça outra vez, muito menos num rio!

— Não tenha medo! — disse uma voz estranha atrás dele. Frodo se voltou e viu Passolargo, que ao mesmo tempo não era Passolargo, pois o guardião marcado pelo tempo não estava mais lá. Na popa estava Aragorn filho de Arathorn, imponente e ereto, guiando o barco com movimentos habilidosos; seu capuz jogado para trás, e os cabelos negros esvoaçando no vento, uma luz em seus olhos: um rei retornando do exílio à sua própria terra.

— Não tema! — disse ele. — Por muito tempo quis contemplar as figuras de Isildur e Anárion, meus antepassados. Sob suas sombras Elessar, Pedra Élfica, filho de Arathorn da Casa de Valandil, Filho de Isildur herdeiro de Elendil, nada tem a temer! — Então a luz em seus olhos se apagou, e ele falou para si mesmo: — Como queria que Gandalf estivesse aqui! Como meu coração anseia por Minas Anor e pelas muralhas de minha própria cidade! Mas para onde devo ir agora?

A fenda era comprida e escura, e repleta do ruído do vento e da água veloz, e dos ecos nas rochas inclinava-se um pouco na direção do Oeste de modo que, num primeiro momento, tudo adiante estava escuro; mas logo Frodo viu um espaço de luz à sua frente, sempre crescendo. Rapidamente se aproximou e de repente os barcos foram lançados através dele, saindo para um espaço amplo e claro.

O sol, já há bastante tempo distante do meio-dia, brilhava num céu de ventania. As águas confinadas se espalhavam dentro de um lago longo e oval, o claro Nen Hithoel, cercado por colinas cinzentas e íngremes, cujas encostas estavam cobertas de árvores, mas cujas cabeças eram nuas, brilhando frias à luz do sol. Na extremidade Sul estavam três picos.

O do meio se erguia um pouco à frente dos outros e se afastava deles, uma ilha nas águas ao redor da qual o Rio estendia braços pálidos e reluzentes. Distante mas profundo, vinha com o vento um som ruidoso como um trovão ouvido na distância.

— Olhem o Tol Brandir! — disse Aragorn, apontando para o pico alto ao sul. — À esquerda está o Amon Lhaw, e à direita o Amon Hen, as Colinas da Audição e da Visão. Na época dos grandes reis, havia tronos altos sobre elas, e mantinha-se uma guarda ali. Mas comenta-se que nenhum pé de homem ou nenhuma pata de animal jamais tocou o Tol Brandir. Antes que a

sombra da noite caia, chegaremos até eles. Ouço a voz interminável de Rauros chamando.

A Comitiva agora descansou um pouco, flutuando para o Sul na correnteza que atravessava o meio do lago. Comeram um pouco e depois pegaram de novo os remos e se apressaram em seu caminho. As encostas das colinas a Oeste caíram na escuridão, e o sol ficou redondo e vermelho. Aqui e ali, uma estrela nebulosa aparecia. Os três picos assomavam diante deles, escurecendo no crepúsculo. Rauros rugia com uma voz possante. A noite já se deitava sobre as águas velozes quando os viajantes chegaram finalmente à sombra das colinas.

O décimo dia de viagem chegava ao fim. As Terras Ermas estavam atrás deles. Agora não podiam mais avançar sem escolher entre o caminho do Leste e o do Oeste. O último estágio da Demanda estava diante deles.

CAPÍTULO X: O ROMPIMENTO DA SOCIEDADE

Aragorn conduziu-os pelo braço direito do Rio. Ali, na margem Oeste sob a sombra do Tol Brandir, um gramado verde corria para a água, vindo dos pés do Amon Hen.

Atrás dele subiam as primeiras encostas suaves da colina coberta de árvores, e árvores em fila avançavam ao longo das margens sinuosas do lago. Uma pequena nascente caía encosta abaixo, alimentando a relva.

— Descansaremos aqui esta noite — disse Aragorn. — Este é o gramado de Parth Galen: um belo lugar nos dias de verão de antigamente. Esperemos que ainda nenhum mal tenha chegado até aqui.

Arrastaram os barcos através dos verdes barrancos das margens e ao lado deles montaram acampamento. Montaram guarda , mas não ouviram nem viram sinais dos inimigos.

Se Gollum tivera êxito em segui-los, permanecia escondido e em silêncio.

Apesar disso, à medida que a noite avançava, Aragorn foi ficando inquieto, frequentemente se agitando durante o sono e acordando. Durante a madrugada, levantou-se e veio até Frodo, que estava encarregado da guarda.

— Por que está acordado? — perguntou Frodo. — Não é o seu turno. Não sei — respondeu Aragorn —, mas uma sombra ameaçadora esteve crescendo durante meu sono. Seria bom que você puxasse sua espada.

— Por quê? — perguntou Frodo. — Há inimigos por perto?

— Vamos ver o que Ferroada tem a nos dizer — respondeu Aragorn. Frodo então puxou a lâmina élfica de sua bainha. Para seu assombro, as bordas emitiram um brilho fraco na noite. — Orcs! — disse ele. — Não muito perto, e ao mesmo tempo perto demais, ao que parece!

— Receava que fosse assim — disse Aragorn. — Mas talvez não estejam deste lado do Rio. A luz em Ferroada está fraca, e pode ser que esteja apontando apenas para espiões de Mordor perambulando pelas encostas do Amon Lhaw. Nunca ouvi falar de orcs sobre o Amon Hen. Mas quem sabe o que pode acontecer nesses dias maus, agora que Minas Tirith

deixou de manter seguras as passagens do Anduin? Devemos prosseguir com cautela amanhã.

O dia chegou como fogo e fumaça. No Leste, viam-se camadas negras de nuvens baixas, semelhantes à fumaça de um grande incêndio. O sol que se levantava as iluminava por baixo com chamas de um vermelho obscuro, mas logo subiu acima delas para o céu limpo. O pico do Tol Brandir estava coberto de ouro. Frodo olhou para o Leste e ficou observando aquela ilha imponente, que emergia íngreme da água corrente. Bem acima dos altos penhascos ficavam encostas escarpadas galgadas por árvores, cujas copas se sobrepunham umas às outras; mais acima ainda ficavam paredões cinzentos de rochas inacessíveis, coroadas por um grande pináculo de pedra. Muitos pássaros voavam em círculos ao redor dele, mas não se via qualquer outro sinal de seres vivos.

Depois que todos haviam comido, Aragorn reuniu a Comitiva.

— Finalmente o dia chegou — disse ele. — O dia da escolha que adiamos por tanto tempo. Que será agora de nossa Comitiva, que viajou até aqui como uma sociedade. Devemos rumar para o Oeste com Boromir e nos dirigir para as guerras de Gondor, ou rumar para o Leste em direção ao Medo e à Sombra; ou devemos ainda romper nossa sociedade e ir por este ou aquele caminho, como cada um escolher? O que quer que façamos deve ser feito logo. Não podemos permanecer aqui por muito tempo. Sabemos que o inimigo está na margem Leste, mas receio que os orcs possam já estar deste lado do Rio.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual ninguém disse nada ou se mexeu.

— Bem, Frodo — disse Aragorn por fim. — Receio que o fardo recaia sobre seus ombros. Você é o Portador, nomeado pelo Conselho. Só você pode escolher seu próprio caminho. Neste assunto, não posso aconselhá-lo. Não sou Gandalf, e embora tenha tentado desempenhar o papel dele, não sei que desígnio ou desejo ele tinha para este momento, se é que na verdade tinha algum. Parece mais provável que, mesmo que ele estivesse aqui agora, a escolha ainda seria sua. É o seu destino.

Frodo não respondeu de imediato. Depois falou devagar.

— Sei que precisamos nos apressar, e mesmo assim não consigo fazer

uma escolha. O fardo é pesado. Dê-me mais uma hora, e então falarei Deixem-me sozinho.

Aragorn olhou-o com pena e carinho.

— Muito bem, Frodo, filho de Drogo — disse ele. — Você terá su hora, e ficará sozinho. Vamos ficar aqui por um tempo. Mas não se perca e nem se afaste demais.

Frodo ficou sentado por um momento, com a cabeça abaixada. Sam que estivera observando seu patrão com grande preocupação, balançou a cabeça e murmurou:

— Está tudo claro como água, mas não seria bom Sam Gamgi meter (bedelho neste momento.

Naquele instante, Frodo levantou-se e se distanciou, Sam viu que enquanto os outros se contiveram e não olharam para ele, os olhos de Boromir o seguiram atentamente, até que ele sumisse de vista por entre as árvores ao pé do Amon Hen.

Vagando sem destino pela floresta, no início, Frodo percebeu que seus pés o conduziam para as encostas da colina. Encontrou uma trilha, as ruínas de uma antiga estrada que estava desaparecendo. Em lugares escarpados, degraus tinham sido feitos na pedra, mas agora estavam partidos e gastos, rachados pelas raízes das árvores. Subiu um trecho, sem se Preocupar con que caminho tomava, até que chegou a um lugar gramado. Sorveiras cresciam ao redor, e no meio havia uma rocha ampla e plana. O pequenc trecho gramado e elevado se abria para o Leste e estava agora repleto da luz do sol da manhã. Frodo parou e olhou por sobre o Rio, muito abaixo dele para o Tol Brandir e os pássaros desenhando círculos no grande abismo de ai entre ele e a ilha que jamais fora pisada. A voz de Rauros era um ronc poderoso misturado a um estrondo profundo e pulsante.

Sentou-se na pedra e apoiou o queixo nas mãos, olhando par a o Leste e vendo pouca coisa ao redor, Tudo o que acontecera desde que Bilbc deixara o Condado passava através de sua mente, e ele lembrava e ponderava tudo o que podia recordar das palavras de Gandalf.

O tempo passava, e ainda assim Frodo não chegava per to de nenhuma escolha.

De repente, ele acordou de seu devaneio: teve a estranha sensaçãc

de que havia alguma coisa atrás dele, de que olhos hostis estavam sobre ele, mas para sua surpresa, tudo o que viu foi Boromir, com um rosto sorridente e gentil.

— Estava preocupado com você, Frodo — disse ele, chegando mais perto. — Se Aragorn tem razão e os orcs estiverem nas proximidades, então nenhum de nós deve vagar sozinho, e você menos ainda: muita coisa depende de você. E meu coração também está pesado. Posso ficar agora e conversar um pouco,já que o encontrei? Isso me consolaria. Onde há muita gente, qualquer conversa se torna um debate sem fim. Mas duas pessoas juntas Podem talvez encontrar a sabedoria.

— Você é gentil — respondeu Frodo. — Mas não acho que conversa alguma possa me ajudar. Pois sei o que devo fazer, mas tenho medo de fazê-lo, Boromir: tenho medo.

Boromir ficou em silêncio. As Cataratas de Rauros continuavam rugindo infinitamente.

O vento murmurava nos galhos das árvores. Frodo tremeu.

De repente, Boromir se aproximou e sentou-se ao lado dele.

— Tem certeza de que não está sofrendo sem necessidade? — disse ele. — Quero ajudá-lo. Você precisa de um conselho nessa difícil escolha Aceita o meu?

— Acho que já sei que tipo de conselho você vai me oferecer, Boromir — disse Frodo. — E eu poderia considerá-lo um sábio conselho, se não fosse pela advertência do meu coração.

— Advertência? Advertência contra quê? — disse Boromi abruptamente.

— Contra a demora. Contra o caminho que parece mais fácil. Contra a recusa do fardo que é colocado sobre meus ombros. Contra... Bem, é melhor que eu diga, contra a confiança na força e na sinceridade dos homens.

— Apesar disso, essa força vem por muito tempo protegendo vocês em seu pequeno país, embora não soubessem disso.

— Não duvido do valor de seu povo. Mas o mundo está mudando As muralhas de Minas Tirith podem ser fortes, mas não são fortes o suficiente. Se não aguentarem, o que pode acontecer?

— Pereceremos na batalha, valorosamente. Mas ainda existe esperança de que elas agüentem.

— Não há esperança enquanto o Anel continuar existindo — disse Frodo.

— Ah! O Anel — disse Boromir, com os olhos faiscando. — O Ane Não é um destino estranho nós sofrermos tanto medo e dúvida por uma coisa tão pequena? Uma coisa tão pequena! E eu o vi apenas por um instante na Casa de Elrond. Poderia vê-lo um pouco outra vez?

Frodo levantou os olhos. De repente, seu coração gelou. Captou o brilho estranho no olhar de Boromir, apesar de seu rosto ainda se manter gentil e amigável.

— É melhor que ele fique escondido — respondeu ele.

— Como quiser. Não me preocupo — disse Boromir. — Mas não posso nem falar dele? Pois você parece estar sempre pensando só no poder do Anel nas mãos do Inimigo: em seus usos maléficos, e não nos bons. O mundo está mudando, você diz. Minas Tirith vai perecer, se o Anel perdurar. Ma por quê? Certamente seria assim se o Anel estivesse com o Inimigo. Mas po quê, se estivesse conosco?

— Você não estava no Conselho? — respondeu Frodo. — Porque nã podemos usá-lo, e porque o que é feito com ele se transforma em malefício.

Boromir levantou-se e ficou andando de um lado para outro, impaciente.

— Você continua dizendo isso — exclamou ele. — Gandalf, Elrond.. todos esses lhe ensinaram a falar desse modo. Em relação a eles próprios, podem estar certos. Esses elfos e meio-elfos e magos, eles talvez fracassassem. Apesar disso, ainda tenho dúvidas se são sábios, e não apenas tímidos. Mas cada um é do seu modo. Homens de coração sincero, estes não serão corrompidos. Nós, de Minas Tirith, temos permanecido firmes através de longos anos de provações. Não desejamos o poder dos senhores dos magos, só a força para nos defendermos, a força numa causa justa. E veja! Em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor. É loucura não fazer uso dela, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo. Os corajosos, os destemidos, se estes conseguirão a vitória. O que não poderia fazer um guerreiro nesta hora,

um grande líder? O que Aragorn não poderia fazer? Ou, se ele se recusar por que não Boromir? O Anel poderia me dar poder de Comando. Como e poderia rechaçar os exércitos de Mordor, e todos os homens seguiriam minha bandeira!

Boromir andava para cima e para baixo, falando cada vez mais alto.

Parecia quase que tinha esquecido de Frodo, enquanto sua fala se detinha em muralhas e armas, e no ajuntamento de tropas de homens; fazia planos para grandes alianças e gloriosas vitórias futuras; e destruía Mordor e se tornava um rei poderoso, benevolente e sábio. De repente, parou e agitou os braços.

— E eles nos dizem para jogá-lo fora! — gritou ele. — Não digo destruí-lo. Isso seria bom, se racionalmente pudéssemos ter alguma esperança de fazê-lo. Mas não podemos. O único plano proposto é que um pequeno deva andar cegamente para dentro de Mordor e oferecer ao Inimigo todas as chances de recapturá-lo. Loucura!

— Certamente você está entendendo, meu amigo? — disse ele, voltando-se agora de repente para Frodo outra vez. — Você diz que está com medo. Se é assim, os mais corajosos devem perdoá-lo. Mas não seria na verdade o seu bom senso que se revolta?

— Não, estou com medo — disse Frodo. — Simplesmente com medo. Mas estou feliz por ter ouvido você falar tão abertamente. Minha mente agora está menos confusa.

— Então você virá para Minas Tirith? — gritou Boromir, com os olhos brilhando e o rosto ansioso.

— Você não está me entendendo — disse Frodo.

— Mas você virá, pelo menos por um tempo? — persistiu Boromir. — Minha cidade não está longe agora, e a distância de lá até Mordor é um pouco maior do que se partíssemos daqui. Faz tempo que estamos viajando por lugares desertos, e você precisa saber o que o Inimigo está fazendo antes de tomar uma decisão. Venha comigo, Frodo — disse ele. — Você precisa descansar antes de sua aventura, se é que precisa mesmo ir. — Colocou a mão no ombro do hobbit de um modo amigável, mas Frodo sentiu a mão tremendo com uma agitação contida. Deu um passo abrupto para trás, e olhou alarmado para aquele homem alto, com quase o dobro de seu tamanho

e muitas vezes mais forte que ele.

— Por que essa hostilidade? — perguntou Boromir. — Sou un homem sincero. Não sou ladrão nem perseguidor. Preciso de seu Anel: agor. você já sabe; mas dou-lhe minha palavra de que não pretendo ficar com ele. Você não permitiria pelo menos que eu tentasse pôr em prática meu plano? Empreste-me o Anel!

— Não! Não! — gritou Frodo. — O Conselho designou-me com Portador.

— É por nossa própria tolice que o Inimigo vai nos derrotar — gritou Boromir. — Isso me enfurece! Tolo! Tolo obstinado! Correndo de livre espontânea vontade em direção à morte, e arruinando nossa causa. Se algum mortal tem o direito de reivindicar o Anel, esse direito pertence aos homens de Númenor, e não aos pequenos. O direito não é seu, exceto po um acaso infeliz, Podia ter sido meu. Devia ser meu. Dê-me o Anel!

Frodo não respondeu, mas se afastou até que a grande pedra plana ficasse entre eles.

— Vamos, vamos, meu amigo! — disse Boromir numa voz mais suave. — Por que não se livrar dele? Por que não se libertar de sua dúvida e de seu medo? Você pode colocar a culpa em mim, se quiser. Pode dizer que eu sou forte demais e o tomei à força. Porque eu sou forte demais para você , pequeno — gritou ele, e de repente subiu na pedra e saltou sobre Frodo.

Seu rosto belo e agradável estava terrivelmente transformado; um fogo feroz lhe queimava os olhos.

Frodo recuou e outra vez a pedra ficou entre os dois. Só havia uma coisa a fazer: tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou -o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção.

O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores.

— Trapaceiro miserável! — gritou ele. — Deixe-me colocar as mãos em você! Agora entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e no venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Amaldiçôo você e todos os pequenos com a morte e a escuridão!

Então, tropeçando numa pedra, caiu e esparramou-se de rosto no

chão. Por um momento, ficou parado como se sua própria praga o tivesse atingido; depois, de repente, começou a chorar. Levantou-se passando a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

— O que eu disse? — gritou ele. — O que eu fiz? Frodo, Frodo! - chamou ele. — Volte! Uma loucura tomou conta de mim, mas já passou Volte!

Não houve resposta. Frodo nem ouviu seus gritos. Já estava longe saltando cegamente pela trilha, em direção ao topo da colina. Estava atormentado de pavor e tristeza, vendo em pensamento o rosto louco e enfurecido de Boromir, e seus olhos flamejantes.

Logo já estava no topo do Amon Hen, e parou, tomando fôlego Enxergou, como se através de uma névoa, um círculo amplo e plano, com um pavimento de lajes enormes e cercado por um parapeito em ruínas. No centro, instalada sobre quatro pilares esculpidos, estava uma cadeira alta, à qual se chegava por uma escada de muitos degraus.

Subiu e sentou-se na antiga cadeira, como uma criança perdida que tivesse escalado o trono dos reis das montanhas.

No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras: o Anel agia sobre ele. Então, aqui e ali a névoa cedeu e ele viu muitas imagens: pequenas e nítidas como se estivessem sob seus olhos numa mesa, e ao mesmo tempo remotas. Não havia sons, só imagens claras e vívidas. Parecia que o mundo tinha encolhido e silenciado. Ele estava sobre o Trono da Visão no Amon Hen, Colina do Olho dos homens de Númenor. Ao Leste, examinou as terra selvagens que não estavam nos mapas, planícies sem nome, e florestas inexploradas.

Olhou para o Norte e o Grande Rio jazia como uma fita embaixo dele as Montanhas Sombrias se erguiam pequenas e rígidas como dentes quebrados. No Oeste viu as pastagens largas de Rohan, e Orthanc, pináculo de Isengard, como um ferrão preto. Olhou ao Sul, e bem abaixo de seus pés o Grande Rio se enrolava como uma onda enorme e se jogava sobre as cachoeiras de Rauros num abismo de espuma; um arco -íris brilhante brincava na fumaça. E viu Ethir Anduin, o grande delta do Rio, e milhares de pássaros marinhos rodopiando como uma poeira branca ao sol, e debaixo

deles um mar verde e prateado, encrespando-se em linhas intermináveis.

Mas em todo lugar que olhava, via sinais de guerra. As Montanha Sombrias se agitavam como formigueiros: orcs saíam de mil tocas. Sob o galhos da Floresta das Trevas havia contendas mortais entre elfos e homens e animais cruéis. A terra dos beornings estava em chamas; uma nuvem cobria Moria; fumaça subia das fronteiras de Lórien.

Cavaleiros galopavam sobre a relva de Rohan; de Isengard jorravan lobos.

Dos portos de Harad, navios de guerra saíam para o mar; e do Oest saíam homens sem parar: espadachins, lanceiros, arqueiros, carruagens levando líderes e carroças carregadas. Todo o poder do Senhor do Escur estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, Frodo viu Mina Tirith. Parecia distante e bela: com muralhas brancas, muitas torres majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos reluziam como aço, e suas torres brilhavam com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia -se outra fortaleza, maior e mai forte.

Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-s sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazi sob o sol.

O fogo reluzia em meio à fumaça.

A Montanha da Perdição queimava e um cheiro insuportáve empesteava o ar.

Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. Perdeu todas as esperanças.

E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura qu nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve iria tocá-lo e saber exatamente onde estava.

Tocou Amon Lhaw. Olhou sobre Tol Brandir — Frodo se jogou c cadeira, agachado, cobrindo a cabeça com seu capuz cinzento.

Ouviu-se dizendo:

—Nunca, nunca!

Ou seria: Sim, eu irei, irei até você? Não saberia dizer. Então, com um relâmpago, de algum outro ponto de poder veio à sua mente um outro pensamento: Tire-o! Tire-o! Tolo, tire-o. Tire o Anel!

As duas forças lutavam nele. Por um momento, perfeitamente equilibrado entre os dois pontos agudos, ele se debateu, atormentado. De repente tomou consciência de si próprio outra vez. Frodo; nem a Voz, nem o Olho: livre para escolher, e lhe sobrava um único instante para fazê-lo. Tirou o Anel do dedo. Viu— se ajoelhado em plena luz do sol diante do alto trono Uma sombra negra pareceu passar sobre ele como um braço; não atingiu c Amon Hen e continuou tateando na direção do Oeste, para depoi desaparecer. Então todo o céu ficou claro e azul. E os pássaros voltaram a cantar em todas as árvores.

Frodo se levantou. Estava tomado por um grande cansaço, mas com a disposição firme e o coração mais leve. Falou alto para si mesmo: "Farei agora o que devo", disse ele. "Pelo menos isto está claro: a maldade do Anel já esta operando até mesmo na Comitiva, e o Anel deve abandoná-los antes que lhes cause mais danos. Irei sozinho.

Em alguns não posso confiar, e aqueles em quem confio me são muitc caros: o pobre Sam, e Merry e Pippin. Passolargo também: seu coração desej ir para Minas Tirith, e ele será necessário lá, agora que Boromir foi tomad pelo mal. Irei sozinho. Imediatamente."

Desceu correndo até a trilha e voltou à relva onde Boromir c encontrara.

Ali parou para escutar. Teve a impressão de estar ouvindo gritos e chamados vindos da floresta junto à margem lá embaixo.

— Estão me procurando, — disse ele. — Pergunto-me quanto tempc fiquei ausente. Horas, eu acho. — Hesitou. "Que posso fazer"?", pensou ele "Devo ir agora, ou não irei nunca mais. Não terei outra oportunidade. Odei a ideia de deixá-los, ainda mais desta forma, sem qualquer explicação. Mas certamente irão entender. Sam entenderá. E que mais posso fazer?"

Lentamente pegou o Anel e colocou-o no dedo outra vez Desapareceu e desceu a colina, fazendo menos ruído que o farfalhar dc vento.

Os outros permaneceram por muito tempo perto da margem. Por un período ficaram em silêncio, movimentando-se inquietos, mas agora estavam sentados num círculo, conversando. De quando em quando se esforçavam para falar de Outras coisas, da longa estrada e das Muitas a venturas que tinham vivido; faziam perguntas a Aragorn sobre o reino de Gondor e sua história antiga, e sobre os remanescentes de suas grandes obras que ainda podiam ser vistos naquela estranha fronteira dos Emyn Muil: dos reis de pedra e dos tronos de Lhaw e Hen, e da grande Escada ao lado d. cachoeira de Rauros. Mas toda vez seus pensamentos e palavras acabavan voltando para Frodo e o Anel.

O que Frodo escolheria fazer? Por que estaria hesitando?

— Acho que ele está pensando qual caminho proporcionaria menos esperanças — disse Aragorn. — E tem motivos para isso, Agora há meno esperanças do que nunca de a Comitiva ir para o Leste, já que fomos seguidos por Gollum, e devemos temer que o segredo de nossa jornada já tenha sido traído. Mas Minas Tirith não fica mais perto do Fogo e d destruição do Fardo. — Podemos ficar lá algum tempo, e manter uma resistência corajosa, mas o Senhor Denethor e seus homens não podem te esperanças de conseguir fazer o que até Elrond disse estar acima de seu poder: ou manter o Fardo em segredo, ou conter toda a força do Inimigo quando ele vier buscá-lo. Que caminho qualquer um de nós escolheria nc lugar de Frodo? Não sei. Na verdade, este momento é o que mais nos fa: sentir falta de Gandalf.

— Nossa perda foi imensa — disse Legolas. — Mesmo assim, devemos tomar uma decisão sem a ajuda dele. Por que não podemos decidir, e dessa forma ajudar Frodo? Vamos chamá-lo de volta e fazer uma votação! Votare para Minas Tirith.

— Eu também — disse Gimli. — É claro que nós só fomos enviados para ajudar o Portador ao longo da estrada, e para acompanhá-lo até c ponto que quiséssemos, e que nenhum de nós está sob juramento ou ordem que determine que devemos procurar a Montanha da Perdição. Foi difíci

para mim a despedida de Lothlórien. Apesar disso, cheguei até aqui, e digo o seguinte: agora que chegamos à última escolha, está claro para mim que não posso abandonar Frodo. Eu escolherei Minas Tirith, mas se ele não fizer mesma escolha, vou segui-lo.

— E eu também irei com ele. — disse Legolas. — Seria desleal dize adeus agora.

— Na verdade, seria uma traição, se todos nós o abandonássemos — disse Aragorn. — Mas se ele for para o Leste, então não é preciso que todos acompanhem: nem eu acho que todos deveriam. Essa aventura é desesperada: tanto para oito, para três, como para uma única pessoa. Se me deixassem escolher, eu apontaria três companheiros: Sam, que nãc suportaria se fosse de outra forma, Gimli e eu. Boromir retornará a sua própria cidade, onde seu pai e seu povo precisam dele; com ele os outros deveriam ir, ou pelo menos Meriadoc e Peregrin, se Legolas não tive intenções de nos abandonar.

— Isso não vai dar certo de modo algum! — gritou Merry. — Nã podemos deixar Frodo! Pippin e eu sempre quisemos acompanhá-lo aonde quer que fosse. E ainda queremos. Mas não percebíamos o que iss significava. Tudo parecia diferente lá longe, no Condado ou em Valfenda. Seria loucura e crueldade permitir que Frodo fosse para Mordor. Por que não podemos detê-lo?

— Devemos detê-lo — disse Pippin. — E tenho certeza de que é iss que o preocupa. Ele sabe que não concordaremos com sua ida para o Leste E não lhe agrada pedir que qualquer um de nós o acompanhe, o pobre camarada. Imagine, ir para Mordor sozinho! — Pippin estremeceu. — Mas velho e tolo hobbit tem de saber que não será preciso pedir. Tem de saber que, se não conseguirmos detê-lo, não vamos abandoná-lo.

— Desculpe-me — disse Sam. — Acho que não estão entendend meu patrão de forma alguma. Ele não está hesitando sobre que caminhc tomar. Claro que não! Qual seria a vantagem de Minas Tirith, de qualque modo? Quero dizer para ele, se o senhor me desculpa, mestre Boromir — acrescentou ele, voltando-se para trás. Foi nesse momento que descobriram que Boromir, que primeiro estivera sentado em silêncio fora do círculo, nãc estava mais lá.

— Agora, aonde ele foi? — gritou Sam, com uma expressão preocupada. — Ultimamente, estava meio estranho, na minha opinião. Mas de qualquer jeito ele não participa deste assunto. Está de partida para sua terra, como sempre disse; e não devemos culpá-lo por isso. Mas o Sr. Frodo ele tem de encontrar as Fendas da Perdição, se puder. Mas está com medo Agora chegamos ao ponto, ele está simplesmente apavorado. É isso que o atrapalha. É claro que aprendeu um pouco, por assim dizer — todos nós aprendemos — desde que deixamos nossa casa. Se não fosse por isso, estaria tão apavorado que simplesmente jogaria o Anel no Rio e fugiria. Mas ele ainda está amedrontado demais para dar o primeiro passo. E não está se preocupando conosco: se vamos com ele ou não. Ele sabe que é essa a nossa intenção. Isso é outra coisa que o está incomodando. Se conseguir criar coragem para ir, vai querer ir sozinho. Ouçam o que digo! Vamos ter encrenca quando ele voltar. Pois é certeza que vai criar coragem. Certo como seu nome é Bolseiro.

— Acho que você fala com mais sabedoria que qualquer um de nós, Sam — disse Aragorn. — E o que faremos, se você estiver com a razão?

— Detê-lo. Não deixar que parta! — gritou Pippin.

— Será? — disse Aragorn. — Ele é o Portador, e o destino do Fardo recai sobre ele. Não acho que seja nosso papel conduzi-lo por um outro caminho. Nem acho que conseguiríamos, mesmo que tentássemos. Há outros poderes em ação, muito mais fortes.

— Bem, gostaria que Frodo "criasse coragem" logo e voltasse, e que nos deixasse continuar — disse Pippin. — Essa espera é terrível! O tempo acabou, não acabou?

— Sim — disse Aragorn. — A hora já passou há muito. A manhã está terminando. Devemos chamá-lo.

E naquele momento Boromir reapareceu. Surgiu das árvores e caminhou na direção deles sem dizer nada. Seu rosto parecia severo e triste. Parou, como se estivesse contando os presentes, e depois sentou-se afastado, com os olhos no chão.

— Onde esteve, Boromir? — perguntou Aragorn. — Você viu Frodo?

Boromir hesitou por um segundo.

— Sim e não — respondeu ele devagar. — Sim, encontrei-o a uma

certa distância daqui, na colina, e falei com ele. implorei que viesse para Minas Tirith, e que não fosse para o Leste. Fiquei furioso e ele me deixou Desapareceu. Nunca em minha vida vi algo assim acontecer, embora tenha ouvido em histórias. Ele deve ter colocado o Anel. Não consegui encontrá-lo de novo. Pensei que voltaria para cá.

— É tudo o que tem a dizer? — disse Aragorn, olhando para Boromir com severidade e sem muita gentileza.

— Sim — respondeu ele. — Não vou dizer mais nada por enquanto.

— Isso é mau! — gritou Sam. — Não sei o que esse homem andou fazendo. Por que o Sr. Frodo colocaria a coisa? Não deveria precisar, e se precisou, quem sabe o que pode ter acontecido?

— Mas ele não ficaria usando o Anel — disse Merry. — Não depois que tivesse escapado do visitante inconveniente, como Bilbo costumava fazer.

— Mas aonde ele foi? Onde está? — gritou Pippin. — Faz séculos que ele saiu.

— Quanto tempo faz que você viu Frodo pela última vez, Boromir? — Perguntou Aragorn.

— Meia hora, talvez — respondeu ele. — Ou pode ser uma hora. Vaguei por um tempo depois disso. Não sei! Não sei! — Colocou a cabeça entre as mãos e sentou-se como se estivesse curvado pelo peso da tristeza.

— Uma hora desde que ele desapareceu! — gritou Sam. — Devemos tentar encontrá-lo imediatamente. Venham!

— Espere um minuto! — disse Aragorn. — Vamos nos dividir em pares, e arranjar... Ei, esperem um pouco!

De nada adiantou. Não prestaram atenção nele. Sam tinha saído correndo primeiro. Merry e Pippin o seguiram, e já estavam desaparecendo entre as árvores perto da margem, ao Oeste, gritando: Frodo! Frodo! Com suas vozes de hobbits, claras e agudas. Legolas e gimli estavam correndo. Uma loucura e um pânico súbitos pareciam ter caído sobre a Comitiva.

— Vamos todos nos dispersar e nos perder — suspirou Aragorn. — Boromir! Não sei qual foi seu papel nessa história, mas agora ajude! Vá atrás daqueles dois jovens hobbits, e proteja-os pelo menos, mesmo que não consigam encontrar Frodo. Voltem para este ponto, se o encontrarem, ou se

virem algum sinal dele. Volto logo.

Aragorn se afastou rapidamente, e foi à procura de Sam. Logo que atingiu o pequeno gramado no meio das sorveiras, conseguiu alcançá-lo, subindo a colina com grande esforço, bufando e gritando, Frodo!

— Venha comigo, Sam! — disse ele. — Nenhum de nós deve ficar sozinho. A traição está à solta. Eu sinto isso. Estou indo para o topo, para a Cadeira do Amon Hen, para ver o que pode ser visto. E veja! É como meu coração suspeitava, Frodo foi por aqui. Siga-me e mantenha os olhos abertos — Apressou-se pela trilha.

Sam fez o que pôde, mas não conseguiu acompanhar Passolargo, o guardião, e logo ficou para trás. Não tinha ido muito longe quando Aragorn já sumia de vista. Parou, bufando. De repente, bateu a mão na cabeça!

— Ôôôôôh!, Sam Gamgi! — disse ele em voz alta. — Suas pernas são curtas demais, então use a cabeça! Deixe-me ver agora! Boromir não está mentindo, ele não é disso; mas não nos contou tudo. Alguma coisa assustou muito o Sr. Frodo. De repente, ele criou coragem. Finalmente se decidiu... ir. Para onde? Para o Leste. Não sem o Sam? Sim, até sem levar Sam. Isso duro. Uma crueldade!

Sam passou a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

— Fique firme, Gamgi! — disse ele. — Tente pensar! Ele não pode voar sobre os rios, e não pode escalar cachoeiras. Ele não está levando equipamento nenhum. Então vai precisar voltar aos barcos. Voltar aos barcos! Volte aos barcos, Sam, como um raio!

Sam voltou descendo a trilha como um relâmpago. Caiu e cortou os joelhos.

Levantou-se e continuou correndo. Chegou à borda do gramado de Parth Galen perto da margem para onde os barcos tinham sido arrastados fora da água. Não havia ninguém ali. Teve a impressão de ouvir gritos e chamados na floresta atrás dele, mas não lhes deu atenção. Parou por um momento, olhando, paralisado, bufando. Um barco estava escorregando pela margem, sozinho. Com um grito, Sam atravessou correndo a grama.

O barco entrou na água.

— Estou indo, Sr. Frodo! Estou indo! — gritou Sam, jogando-se da margem e tentando se agarrar ao barco que partia. Errou por um metro.

Com um grito e esparramando água, caiu de cara dentro do rio veloz e profundo. Afundou gorgolejando e as águas se fecharam sobre seu cabelo encaracolado.

Uma exclamação de assombro veio do barco vazio. Um remo virou e mudou a direção do barco. Por pouco Frodo não conseguiu agarrá-lo pelo cabelo no momento em que emergiu, soltando bolhas e lutando contra a correnteza. O medo estava estampado naqueles olhos redondos e castanhos.

— Suba, Sam, meu rapaz! — disse Frodo. — Agora, pegue minha mão!

— Salve-me, Sr. Frodo! — bufou Sam. — Estou me afogando. Não posso ver sua mão.

— Aqui está. Não precisa beliscar, rapaz! Não vou soltá-lo. Venha com cuidado e não faça muita onda, senão o barco pode virar. Agora, segure na lateral, e deixe que eu use o remo.

Com algumas remadas, Frodo trouxe o barco de volta para a margem e Sam pôde pular para dentro, molhado até os ossos. Frodo tirou o Anel e pisou outra vez na margem.

— De todos os malditos estorvos, você é o pior, Sam! — disse ele.

— Ó, Sr. Frodo, isso é duro! — disse Sam tremendo. — Isso é duro tentar ir embora sem mim e tudo mais. Se eu não tivesse adivinhado certo, onde o senhor estaria agora?

— A caminho e a salvo.

— A salvo! — disse Sam. — Completamente sozinho sem mim para ajudá-lo? Eu não aguentaria, seria a morte para mim.

— Seria a morte para você ir comigo, Sam — disse Frodo. — E eu não aguentaria isso.

— Não seria uma morte tão certa quanto a de ser deixado para trás — disse Sam.

— Mas estou indo para Mordor.

— Sei muito bem disso, Sr. Frodo. Claro que o senhor vai. E eu vou também.

— Agora, Sam — disse Frodo —, não me atrase! Os outros estarão de volta num minuto. Se me pegarem aqui, terei de discutir e explicar, e nunca terei a coragem ou oportunidade de escapar. Mas preciso partir imediatamente. É o único jeito.

— Claro que é — disse Sam. — Mas não sozinho. Também vou, ou nenhum de nós vai. Vou fazer buracos em todos os barcos primeiro.

Frodo riu de verdade. Um calor e uma alegria súbitos encheram-lhe o coração.

— Deixe um inteiro! — disse ele. — Vamos precisar dele. Mas você não pode vir assim, sem seu equipamento, sem a comida e tudo mais.

— Espere só um minuto, que vou pegar minhas coisas! — gritou Sam ansioso. — Está tudo pronto. Achei que partiríamos hoje. — Correu até o acampamento, pegou a mochila da pilha em que Frodo a havia colocado quando tirou do barco as coisas de seus companheiros, agarrou mais um cobertor, e alguns pacotes a mais de comida, e correu de volta.

— Todo o meu plano está arruinado! — disse Frodo. — Não adianta tentar escapar de você, mas estou feliz, Sam. Não consigo dizer como estou feliz. Venha! É óbvio que nós devíamos ir juntos. Vamos, e que os outros encontrem uma estrada segura! Passolargo cuidará deles. Não acho que os veremos outra vez.

— Mas pode ser que sim, Sr. Frodo. Pode ser que sim — disse Sam.

Assim Frodo e Sam partiram no último estágio da Demanda juntos. Frodo remou para longe da margem, e o Rio os levou rapidamente embora, descendo o braço Oeste, passando os penhascos sisudos do Tol Brandir.

O rugido das grandes cachoeiras se aproximou. Mesmo com a ajuda que Sam podia dar, foi difícil atravessar a corrente na extremidade sul da ilha e levar o barco para o Leste, em direção da outra margem.

Finalmente voltaram à terra sobre as encostas Sul do Amon Lhaw. Ali encontraram uma margem elevada e arrastaram o barco para fora, bem acima da água, escondendo-o o melhor que podiam, atrás de um grande rochedo. Depois, de bagagem nos ombros, partiram, procurando uma trilha que os levasse através das colinas cinzentas dos Emyn Muil, descendo até a Terra da Sombra.

Aqui termina a primeira parte da história da Guerra do Anel...

AS DUAS TORRES

A SEGUNDA PARTE DE
O SENHOR DOS ANÉIS

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I : A PARTIDA DE BOROMIR

Aragorn subiu correndo a colina. De quando em quando, curvava-se sobre o chão.

Os hobbits caminham com leveza e as pegadas que deixam não são fáceis de detectar nem mesmo por um guardião, mas não muito longe do topo uma nascente cruzava a trilha, e na terra molhada ele viu o que procurava.

— Interpretei os vestígios corretamente — disse ele para si mesmo. Frodo correu para o topo da colina. Fico imaginando o que terá visto ali. Ma ele voltou pelo mesmo caminho, e desceu a colina outra vez.

Aragorn hesitou. Ele também desejava ir ao alto trono, na esperança de ver algo que pudesse guiá-lo em suas perplexidades, mas o tempo estava passando. De repente, deu um pulo para frente e correu ao topo, atravessando as grandes lajes e subindo os degraus. Então, sentando-se no trono, olhou em volta. Mas o sol parecia escurecido e o mundo apagado e remoto. Percorreu com os olhos toda a região, virando-se do norte de volta para o norte, mas não viu nada exceto as colinas ao longe, a não ser que aquilo que vislumbrava na distância fosse um grande pássaro, semelhante a uma águia voando alto no céu, descendo devagar em amplos círculos em direção à terra.

No momento em que olhava, seus ouvidos atentos distinguiram sons vindos da floresta abaixo, no lado oeste do Rio. Retesou-se. Eram gritos, e em meio a eles, para seu terror, Aragorn pôde perceber vozes rudes de orcs. Então, de repente, num chamado grave, uma poderosa corneta soou, e seus clangores golpearam as colinas e ecoaram nas concavidades, erguendo-se num grito poderoso acima do rugido da cachoeira.

— A corneta de Boromir! — gritou ele. — Ele está em apuros! – Saltou os degraus e desceu a trilha aos pulos. — Que lástima! Uma má sorte paira sobre mim hoje, e tudo o que faço dá errado. Onde está Sam?

Conforme corria, os gritos iam ficando mais nítidos, mas a corneta soava mais fraca e desesperada. Ferozes e agudos cresciam os urros dos orcs, até que de repente a voz da trombeta calou. Aragorn precipitou-se pela última encosta, mas antes que conseguisse atingir o pé da colina os outros

sons também foram diminuindo; e no momento em que ele virou à esquerda e correu na direção deles, os gritos sumiram, até que finalmente não podiam mais ser ouvidos. Puxando sua espada reluzente e gritando Elendil! Elendil!

Aragorn irrompeu através das árvores.

A uma milha, talvez, do Parth Galen, numa pequena clareira não muito distante do lago, encontrou Boromir. Estava sentado e recostado numa grande árvore, como se descansasse. Mas Aragorn viu que ele estava perfurado por muitas flechas com plumas negras; ainda se via a espada em sua mão, mas estava quebrada perto do punho.

A corneta, partida em duas, descansava ao seu lado. Viu muitos orcs abatidos, empilhados em toda a volta e aos pés de Boromir.

Aragorn ajoelhou-se ao lado dele. Boromir, abrindo os olhos esforçava-se para falar. Finalmente, lentas palavras afloraram. — Tentei tirar o Anel de Frodo — disse ele. — Sinto muito. Paguei por isso. — Seu olhar desviou para os inimigos caídos; pelo menos vinte. — Eles se foram; os Pequenos; os orcs os levaram. Acho que não estão mortos. — Fez uma pausa na qual seus olhos se fecharam de cansaço.

Depois de um momento, falou outra vez.

— Adeus, Aragorn! Vá para Minas Tirith e salve meu povo! Eu falhei.

— Não! — disse Aragorn, pegando-lhe a mão e beijando sua fronte. Você venceu. Poucos conseguiram tal vitória. Fique em paz! Minas Tirith não sucumbirá!

Boromir sorriu,

— Para que lado foram? Frodo estava com eles? — perguntou Aragorn. Mas Boromir não falou mais nada.

— Que pena! — disse Aragorn. — Assim parte o herdeiro de Denethor, Senhor da Torre da Guarda! É um fim amargo. Agora a Comitiva está completamente desfeita. Fui eu quem falhou. A confiança que Gandalf depositou em mim foi em vão. Que farei agora? Boromir me incumbiu de ir a Minas Tirith, e meu coração deseja a mesma coisa; mas onde estão o Anel e o Portador? Como poderei salvá-los e salvar a Demanda do desastre?

Ficou ajoelhado por um tempo, curvado e chorando, ainda agarrado à mão de Boromir. Foi assim que Legolas e Gimli o encontraram. Vieram da encosta oeste da colina, em silêncio, rastejando por entre as árvores, como se

estivessem caçando.

Gimli trazia na mão o machado, e Legolas empunhava sua longa faca: tinha usado todas as flechas. Quando atingiram a clareira, pararam confusos; depois ficaram um tempo cabisbaixos e tristes, pois para eles ficara claro o que tinha acontecido.

— É lamentável! — disse Legolas, aproximando-se de Aragorn. — Caçamos e matamos muitos orcs na floresta, mas teríamos sido de mais utilidade aqui. Viemos quando escutamos a corneta. Tarde demais, ao que parece. Receio que tenha sofrido um ferimento mortal.

— Boromir está morto! — disse Aragorn. — Eu estou ileso, pois nã estava aqui com ele. Ele pereceu defendendo os hobbits, enquanto eu estava longe, na colina.

— Os hobbits — gritou Gimli. — Onde estão eles então? Onde est Frodo?

— Não sei — respondeu Aragorn, fatigado. — Antes de morrer Boromir me disse que os orcs os aprisionaram, embora não achasse que eles estivessem mortos. Pedi a ele que seguisse Merry e Pippin, mas nã perguntei se Frodo ou Sam estavam com eles: não até que fosse tard demais. Tudo o que fiz hoje deu errado. Que se deve fazer agora?

— Primeiro temos de cuidar do morto — disse Legolas. — Nã podemos deixá— lo aqui estendido como um cadáver qualquer em meio a esses orcs nojentos.

— Mas precisamos ser rápidos — disse Gimli. — Ele não desejaria qu demorássemos.

Devemos seguir os orcs, se ainda temos alguma esperança de que algum membro de nossa Comitiva seja um prisioneiro vivo.

— Mas não sabemos se o Portador do Anel está com eles ou não – disse Aragorn. — Vamos abandoná-lo? Devemos procurá-lo primeiro? Um terrível escolha se coloca diante de nós!

— Então vamos fazer primeiro o que devemos fazer — disse Legolas Não temos tempo nem ferramentas para enterrar nosso companheiro com todas as honras, ou para erguer-lhe um monumento protetor. Podemos deixar um marco mortuário.

— O trabalho será difícil e longo: por aqui não há pedras para

construir um marco. O lugar mais próximo onde podemos encontrá-las é a margem do Rio.

— Então vamos deitá-lo num barco com suas armas, e com as armas de seus inimigos derrotados — disse Aragorn. — Vamos enviá-lo à Cachoeira de Rauros e oferecê-lo ao Anduin. O Rio de Gondor cuidará para que pel menos nenhuma criatura maligna desonre seus ossos.

Rapidamente revistaram os cadáveres dos orcs, recolhendo as espadas e elmos partidos e escudos numa pilha.

— Vejam! — gritou Aragorn. — Aqui encontramos sinais! — Apanhou da pilha de armas repugnantes duas facas com lâminas em forma de folha, trabalhadas em ouro e vermelho; procurando um pouco mais, encontrou as bainhas, negras e ornadas com pequenas pedras vermelhas. — Estas não são ferramentas de orcs! — disse ele. — Estavam sendo carregadas pelos hobbits. Sem dúvida, os orcs os despojaram, mas temeram guardar as facas, reconhecendo o que eram: trabalho do Ponente, cheio de encantos para a destruição de Mordor. Bem, agora, se ainda estão vivos, nossos amigos estão desarmados. Vou levar essas coisas, na esperança de poder devolvê-las a eles, embora essa esperança seja ínfima.

— E eu — disse Legolas — vou levar as flechas que puder encontrar pois minha aljava está vazia. — Procurou na pilha e no chão em volta, encontrando um bom número de flechas que estavam intactas e eram mais longas na haste do que as que os orcs costumavam usar. Examinou-as atentamente.

E Aragorn olhou para os mortos, e disse: — Aqui estão muitos que não são do povo de Mordor. Alguns são do Norte, das Montanhas Sombrias, se que sei alguma coisa sobre os orcs e suas espécies. Esses equipamentos não são nem um pouco parecidos com os dos orcs.

Havia quatro soldados-orcs de estatura maior, de pele escura, olhos oblíquos, com pernas grossas e mãos grandes. Estavam armados com espadas de lâminas curtas e largas, e não com as cimitarras arqueadas habituais dos orcs; e tinham arcos de teixo, do comprimento e da forma dos arcos dos homens. Nos escudos carregavam uma estranha insígnia. Uma pequena mão branca no centro de um campo negro; na parte frontal de seus elmos de ferro via-se uma runa correspondente à letra S, moldada em algum tipo

de metal branco.

— Nunca vi estes símbolos antes — disse Aragorn. — O que significam?

— S é de Sauron — disse Gimli. — isso é fácil de ler.

— Nada disso — disse Legolas. — Sauron não usa runas élficas.

— Nem usa seu nome certo, nem permite que seja soletrado ou pronunciado — disse Aragorn. — E ele não usa a cor branca. Os orcs a serviço de Barad-dûr usam o símbolo do Olho Vermelho. — Parou por um tempo, pensando.

— Esse S é de Saruman, eu acho — disse ele finalmente. — O mal está à solta em Isengard, e o Oeste já não é seguro. É como Gandalf temia: de algum modo o traidor Saruman teve notícias de nossa jornada. É provável também que saiba da queda de Gandalf. Perseguidores de Moria podem ter escapado da vigilância de Lórien, ou talvez tenham evitado aquela terra, vindo para Isengard por outros caminhos. Os orcs viajam rápido. Mas Saruman tem muitos meios de conseguir notícias. Lembram-se dos pássaros?

— Bem, não temos tempo para resolver enigmas — disse Gimli. Vamos levar Boromir embora.

— Mas antes disso temos de decifrar os enigmas, para escolhermos o caminho certo — respondeu Aragorn.

— Talvez não exista uma escolha certa — disse Gimli.

Pegando seu machado, o anão começou a cortar vários galhos, que foram amarrados com cordas de arcos. Depois disso, eles estenderam suas capas sobre a estrutura.

Sobre esse rude esquife carregaram o corpo do companheiro para a praia, juntamente com os troféus de sua última batalha que foram escolhidos para acompanhá-lo.

O percurso era curto; mesmo assim não foi uma tarefa fácil, pois Boromir era alto, além de robusto. Na beira da água, Aragorn ficou vigiando o esquife, enquanto Legolas e Gimli correram de volta para o Parth Galen. A distância era de uma milha ou mais, e demorou um pouco até que voltassem, conduzindo dois barcos rapidamente ao longo da margem.

— Tenho um caso estranho para contar! — disse Legolas. — Só há dois barcos sobre o barranco da margem. Não encontramos nem sinal do

outro.

— Os orcs passaram por lá? — perguntou Aragorn.

— Não vimos sinais deles — respondeu Gimli. — E os orcs terian levado ou destruído todos os barcos, como também a bagagem.

— Vou examinar o solo quando chegarmos lá — disse Aragorn.

Colocaram então Boromir no meio do barco que deveria levá-lo embora.

Dobraram o capuz e o manto élfico, colocando-os sob sua cabeça. Pentearam seus longos cabelos escuros, arrumando-os sobre os ombros. O cinto dourado de Lórien reluzia em sua cintura. O elmo foi colocado ao lado do corpo, e atravessados sobre seu colo colocaram a corneta partida e o punho com os fragmentos da lâmina da espada; sob os pés colocaram as espadas dos inimigos. Então, fixando a proa à popa do outro barco, arrastaram-no até a água. Remaram tristemente ao longo da margem, e mudando o curso para atingir o canal veloz, passaram pelo gramado verde do Parth Galen. As encostas escarpadas do Tol Brandir reluziam: já estavam no meio da tarde. Conforme se dirigiam para o Sul, a fumaça de Rauros se erguia e tremeluzia diante deles, uma névoa de ouro. O estrondo e a velocidade da cachoeira agitavam o ar parado.

Cheios de tristeza, soltaram o barco fúnebre: ali jazia Boromir descansado, em paz, deslizando sobre o coração da água. A correnteza o levou, enquanto os outros seguravam o próprio barco com os remos. Boromir flutuou passando por eles, e lentamente seu barco afastou-se, reduzindo-se a um ponto escuro contra a luz dourada; depois, de repente, desapareceu. Rauros continuava rugindo, sem qualquer alteração. O Rio tinha levado Boromir, filho de Denethor, que agora não seria mais visto em Minas Tirith altaneiro, como costumava ficar sobre a Torre Branca de manhã. Mas em Gondor, tempos depois, falou-se muito que o barco élfico passou pela cachoeira e pelo lago espumante, levando-o através de Osgiliath, passando pelas várias desembocaduras do Anduin, e entrando no Grande Mar à noite, sob as estrelas.

Por um tempo, os três companheiros permaneceram em silêncio, observando o rio que levara Boromir. Então Aragorn falou.

— Da Torre Branca vão procurá-lo, mas ele não mais retornará da

montanhas ou do mar. Depois, lentamente, começou a cantar:

Por Rohan sobre charco e campo onde alta cresce a grama
O Vento Oeste vai voando e em torno aos muros clama.
Que novas tu, ó Vento, vais à noite revelar?
Viste Boromir, o Alto, andando no luar?
Por amplas águas sete rios escuros o vi descer;
Por terras ermas foi-se embora até desaparecer
Nas sombras que cobrem o norte. Não mais vi ao redor.

O Vento Norte viu talvez o Filho de Denethor
Ó Boromir! Dos altos muros o oeste eu entrevi,
Mas da região de homens deserta voltar eu não te vi.
Então Legolas cantou:
Da boca do Mar das pedras e dunas o Vento Sul vôa;
Traz das gaivotas o lamento, e ao portão geme à toa.
Que novas do sul, ó lamuriento, esta noite tu me dás?
Onde está o Belo Boromir? Demora e eu não tenho paz.
Onde ele mora não perguntes. Lá tantos ossos vão
Em praias brancas ou escuras sob tormentoso chão.
Desceram tantos o Anduin fluindo para o Mar.
O Vento Norte detém novas de quem aqui vai passar
Ó Boromir! Além das portas ao sul a estrada investe,
Mas tu do Mar com as gaivotas chorosas não vieste.
Depois Aragorn de novo cantou:
Dos portões reais o Vento Norte vem e as cataratas sobrevoa;
E claro e frio em torno à torre sua trompa alto ecoa.
Que novas do norte, ó vento forte, me trazes nesta hora?
Que é de Boromir, o Ousado? Há tempos foi embora.
No Amon Hen ouvi seu grito. Com muitos s e bateu.
O seu broquel e sua espada o rio os recebeu.
Afronte alta, o rosto belo, o corpo ao rio doaram;
E Rauros, de ouro Cataratas, ao peito o carregaram.
A Torre da Guarda, ó Boromir. Ao norte observará

As Cataratas de ouro, Rauros, até que o tempo findará.

Assim terminaram. Então viraram o barco e conduziram-no na maio velocidade possível contra a correnteza, de volta para o Parth Galen.

— Você deixou o Vento Leste para mim — disse Gimli. — Mas nã vou dizer nada sobre isso.

— É o que devia ser feito — disse Aragorn. — Em Minas Tirith, ele suportam o Vento Leste, mas não lhe pedem notícias. Mas agora Boromi tomou sua estrada, e nós devemos nos apressar e escolher a nossa.

Examinou o gramado verde, rapidamente mas de forma completa, muitas vezes se abaixando ao solo. — Nenhum orc passou por este terrenc — disse ele. — Se não for assim, não se pode ter certeza de nada. Todas as nossas pegadas estão aqui, cruzando e recruzando o terreno. Não possc dizer se qualquer um dos hobbits voltou aqui desde que começamos a procurar Frodo. — Voltou para a margem, perto do ponto onde a nascente escorria para dentro do Rio. — Há algumas pegadas bem visíveis aqui — disse ele.

— Um hobbit caminhou para dentro da água, voltou, e depois entrou na água de novo, mas não consigo dizer há quanto tempo.

— Então como você decifra este enigma?

Aragorn não respondeu imediatamente, mas voltou para c acampamento e olhou a bagagem. — Estão faltando duas mochilas — disse ele. — E uma com certeza é de Sam: era bem grande e pesada. Esta então a resposta: Frodo foi de barco, e seu servidor foi com ele. Frodo deve te retornado quando todos estávamos longe daqui. Encontrei Sam subindo a colina e disse-lhe que me seguisse; mas está claro que ele não fez isso. Adivinhou os pensamentos de seu patrão e voltou aqui antes que Frodc tivesse partido. Não seria fácil para ele abandonar Sam.

— Mas por que nos abandonaria, e sem dizer nada? — disse Gimli Que atitude estranha!

— E corajosa! — disse Aragorn. — Sam estava certo, eu acho. Frod não desejava conduzir qualquer amigo para a morte em Mordor. Mas sabia que ele próprio deveria ir. Alguma coisa aconteceu depois que ele nos deixou, e isso o fez superar seus receios e dúvidas.

— Talvez um ataque de orcs caçadores o tenha feito fugir — disse Legolas.

— Certamente ele fugiu — disse Aragorn. — Mas não acho que tenha fugido dos orcs. — O que considerava ser a causa da súbita resolução e da fuga de Frodo Aragorn não disse.

Guardou em segredo por muito tempo as últimas palavras de Boromir.

— Bem, isso pelo menos está claro agora — disse Legolas. — Frodo não está mais deste lado do Rio: só pode ter sido ele quem levou o barco. E Sam está com ele; só ele teria levado a própria mochila.

— Deixem-me pensar! — disse Aragorn. — E, agora, tomara que eu possa fazer a escolha certa e mudar o destino trágico deste dia infeliz! — Ficou em silêncio por um momento. — Vou seguir os orcs — disse ele finalmente. — E eu teria guiado Frodo a Mordor, acompanhando-o até o fim; mas se o procurar agora nestes lugares desertos vou abandonar os prisioneiros ao tormento e à morte. Meu coração fala claramente: o destino do Portador não está mais em minhas mãos. A Comitiva desempenhou seu papel. Mas nós, que permanecemos, não podemos abandonar nossos companheiros enquanto tivermos forças. Venham! Partiremos agora! Deixem para trás tudo o que for possível! Vamos prosseguir de dia e de noite.

Arrastaram o último barco e carregaram-no para as árvores. Colocaram debaixo dele as coisas de que não iriam precisar e que não podiam levar.

Depois deixaram o Parth Galen. A tarde ia se apagando quando retornaram à clareira onde Boromir tinha sucumbido. Ali pegaram a trilha dos orcs. Não foi preciso muita habilidade para encontrá-la.

— Nenhum outro povo pisa tão pesadamente — disse Legolas. — Parece que o prazer deles é ferir e derrubar tudo o que estiver crescendo, mesmo que não esteja em seu caminho.

— Mas eles avançam com grande velocidade apesar disso — disse Aragorn. — E não se cansam. E mais tarde talvez tenhamos de procurar nosso caminho em terras duras e desertas.

— Bem, atrás deles! — disse Gimli. — Os anões também conseguem

andar depressa, e não se cansam antes que os orcs. Mas será uma longa caçada: eles estão em grande vantagem.

— Sim — disse Aragorn. — Todos nós precisaremos da resistência dos anões! Mas venham! Com ou sem esperança, seguiremos a trilha de nossos inimigos. E ai deles se acabarmos sendo mais rápidos! Faremos uma caçada que será considerada um prodígio nos Três Reinos: dos elfos, anões e homens. Lá vão os Três Caçadores!

Como uma corça ele saltou à frente. Através das árvores, correu. Sempre adiante conduziu os outros, incansável e veloz, agora que finalmente tinha decidido o que fazer.

A floresta em volta do lago ficou para trás. Escalaram longas encostas escuras, de arestas duras contra o céu que já se avermelhava com o pôr-do-sol. Chegou o crepúsculo.

Passaram, sombras cinzentas numa região rochosa.

CAPÍTULO II: OS CAVALEIROS DE ROHAN

A escuridão se adensou. Por entre as árvores que estavam atrás e abaixo deles via-se uma névoa, que também se formava nas margens pálidas do Anduin, embora o céu estivesse limpo. As estrelas apareceram. A lua crescente movia-se no oeste, e as sombras das rochas eram negras. Tinham atingido os pés de colinas rochosas e diminuído o passo, pois seguir a trilha era mais difícil. Naquela região, as montanhas Emyn Muil corriam de norte a sul em duas longas cordilheiras cheias de picos. O lado oeste de cada cordilheira era íngreme e difícil, mas as encostas ao leste eram mais suaves, sulcadas por muitas valas e pequenos desfiladeiros. Por toda a noite, os três companheiros avançaram aos tropeços naquele terreno irregular, subindo à crista da primeira cordilheira, que era a mais alta, e descendo outra vez para dentro da escuridão de um vale profundo e sinuoso, do outro lado.

Ali, na hora quieta e fria que antecede a aurora, descansaram por um breve período. A lua já tinha descido havia muito tempo diante deles, as estrelas reluziam no alto; a primeira luz do dia ainda não tinha atingido as colinas escuras que ficavam atrás.

No momento, Aragorn estava perdido: a trilha dos orcs tinha descido para dentro do vale, mas depois desaparecera.

— Para que lado você acha que os orcs iriam? — perguntou Legolas. Para o norte, pegando uma estrada mais direta até Isengard ou Fangorn, se esse é o objetivo deles, como você supõe? Ou será que iriam rumo ao sul, para atingir o Entágua?

— Eles não irão na direção do rio, qualquer que seja o alvo que almejem — disse Aragorn. — E a não ser que tenha acontecido muita coisa em Rohan e o poder de Saruman tenha aumentado bastante eles vão tomar o caminho mais curto que puderem encontrar através dos campos dos rohirrim. Vamos continuar a busca rumo ao norte!

O vale corria como um rio de pedra entre as duas cordilheiras, e um fio de água fluía em meio aos seixos em seu leito. Um penhasco se encrespava à direita deles; à esquerda se erguiam encostas cinzentas, apagadas e sombrias na noite alta. Continuaram por uma milha ou mais em direção ao norte. Curvado em direção ao chão, Aragorn procurava sinais por

entre as dobras e valas que conduziam à cordilheira oeste. Legolas ia um pouco à frente. De repente, o elfo deu um grito e os outros correram até ele.

— Já alcançamos alguns daqueles que estamos caçando — disse ele. Olhem! — Ele apontou e os outros viram que o que a princípio julgaram ser rochas ao pé da encosta eram corpos amontoados. Cinco orcs mortos estavam ali. Tinham sido feridos com muitos golpes cruéis e dois tiveram a cabeça decepada. A terra estava molhada pelo seu sangue escuro.

— Aqui está outro enigma! — disse Gimli. — Mas ele necessita da luz do dia, e por ela não podemos esperar.

— Apesar disso, qualquer que seja o modo de decifrá-lo, parece que traz alguma esperança — disse Legolas. — Provavelmente, os inimigos dos orcs são nossos amigos. Existe algum povo morando nestas colinas?

— Não — disse Aragorn. — Os rohirrim raramente vêm aqui, e estamos longe de Minas Tirith. Pode ser que algum grupo de homens estivesse caçando aqui por motivos que desconhecemos. Mas acho que não é isso.

— E o que você acha? — perguntou Gimli.

— Acho que o inimigo trouxe consigo seu próprio inimigo — respondeu Aragorn. — Estes são orcs do norte, de muito longe. Entre os mortos, não vemos nenhum daqueles orcs grandes com insígnias estranhas. Houve uma discussão, eu suponho: não é uma coisa muito incomum no meio desse povo maligno. Talvez tenha havido alguma disputa pela estrada.

— Ou pelos prisioneiros — disse Gimli. — Vamos esperar que os hobbits também não tenham encontrado aqui o seu fim.

Aragorn revistou o solo num raio amplo, mas não havia outros vestígios da luta.

Continuaram. O céu ao leste já ficava esmaecido; as estrelas estavam sumindo, e uma luz cinzenta crescia lentamente. Um pouco mais adiante, encontraram uma dobra no solo onde um pequeno córrego, caindo sinuoso, tinha cortado uma trilha rochosa que descia até o vale. Nela cresciam alguns arbustos, e viam-se tufos de grama nos lados.

— Até que enfim! — disse Aragorn. — Aqui estão as pegadas que procuramos! Vamos subir este canal de água: este é o caminho pelo qual foram os orcs depois de sua discussão.

Agora os perseguidores voltaram-se rapidamente e seguiram a nova trilha.

Dispostos como se tivessem tido uma noite de sono, foram saltando de pedra em pedra. Finalmente atingiram a crista da colina cinzenta, e uma brisa repentina soprou-lhes nos cabelos e agitou-lhes os mantos: o vento frio da aurora.

Voltando-se para trás, viram do outro lado do Rio as colinas distantes se acenderem. De um salto o dia entrou no céu. A borda vermelha do sol se ergueu por sobre as colinas da terra escura. Adiante, no oeste, o mundo continuava quieto, disforme e cinzento; mas, ainda enquanto olhavam, as sombras da noite se desvaneceram, as cores voltaram à terra que despertava: o verde fluiu sobre os amplos prados de Rohan; a névoa branca tremeluzia nos cursos de água, e bem adiante e à esquerda, a trinta léguas ou um pouco mais, num tom azul e púrpura, erguiam-se as Montanhas Brancas, subindo até picos de azeviche, cobertos por uma neve reluzente, ruborizados pelo róseo matutino.

— Gondor! Gondor! — gritou Aragorn. — Quisera olhar sobre esta terra num momento mais feliz! Minha estrada ainda não se dirige para o sul e para seus córregos claros.

Gondor! Gondor de um lado os Montes, do outro o Mar!
Soprava o Vento Oeste lá, e a luz chovia devagar
Sobre a Árvore de Prata e os jardins dos Reis de Outrora.
Ó muros altos! Torres brancas! Corôa alada e trono de ouro!
Ó Gondor Gondor! Irão os homens a Árvore contemplar
Ou o Vento Oeste irá soprar nos Montes e no Mar?

— Agora vamos! — disse ele, tirando seus olhos do sul e olhando ao leste e ao norte, para o caminho que deveria trilhar.

A cordilheira na qual os companheiros estavam descia abruptamente sob seus pés.

Cerca de quarenta metros abaixo, havia uma saliência ampla e desigual que terminava de repente na borda de um penhasco escarpado: a Muralha Leste de Rohan.

Assim terminavam as Emyn Muil, e as verdes planícies dos rohirrin se estendiam diante deles até onde a vista alcançava.

— Olhem! — gritou Legolas, apontando para o céu claro. — Ali vem a águia outra vez!

Está voando bem alto. Agora parece estar indo embora desta terra, de volta para o norte.

Está indo a uma enorme velocidade. Olhem!

— Não, nem mesmo meus olhos conseguem vê-la, meu bom Legolas disse Aragorn.

— Deve estar realmente distante. Fico imaginando qual será sua missão, se for o mesmo pássaro que já vi antes. Mas olhem! Estou vendo algo mais próximo de nós, e mais urgente; há algo se movendo na planície!

— Muitas coisas — disse Legolas. — É um grande grupo a pé; mas não posso dizer mais, nem enxergar que tipo de povo pode ser. Estão a muitas léguas de distância. Doze, eu suponho; mas na planície é difícil calcular.

— Eu acho, entretanto, que não precisamos mais de qualquer trilha que nos diga que caminho seguir — disse Gimli. — Vamos encontrar um caminho que desça até os campos o mais rápido possível.

— Duvido que encontre um caminho mais rápido do que aquele que os orcs escolheram — disse Aragorn.

Seguiam agora os inimigos em plena luz do dia. Parecia que os orcs tinham apertado o passo e estavam na maior velocidade possível. De quando em quando, os perseguidores encontravam coisas que tinham sido derrubadas ou jogadas fora: sacos de comida, crostas e cascas de pães duros e cinzentos, uma capa preta rasgada, um sapato pesado com pregos de ferro que se arrebentara nas pedras. A trilha os conduzia para o norte ao longo do topo do penhasco, e finalmente eles chegaram a uma fenda profunda formada na rocha por uma nascente que descia espirrando com muito barulho. Na garganta estreita uma passagem acidentada descia até a planície como uma escada íngreme.

Na base atingiram, de modo estranho e repentino, o gramado de Rohan.

Crescia como um mar verde subindo até o pé das Emyn Muil. A

nascente que caía desapareceu numa vegetação espessa de agriões e plantas aquáticas, e eles podiam ouvi-la correndo dentro de túneis verdes, descendo encostas suaves e longas na direção dos pântanos do Vale do Entágua muito além. Parecia que tinham deixado o inverno envolvendo as colinas que ficaram para trás. Ali o ar estava mais calmo e quente, com um aroma leve, como se a primavera já se agitasse e a seiva corresse outra vez nas ervas e folhas. Legolas respirou fundo, como alguém que sorve um grande gole depois de um longo período de sede em terras desertas.

— Ali! O cheiro do verde! — disse ele. — É melhor que muito sono Vamos correr!

— Os pés leves podem correr mais rápido aqui — disse Aragorn. — Mais rápido, talvez, do que os orcs com seus calçados de ferro. Agora temos uma oportunidade de diminuir a vantagem deles!

Foram em fila indiana, correndo como cães que perseguem um cheiro forte, e com uma luz ansiosa nos olhos. Seguindo quase para o oeste, a trilha de destruição dos orcs deixara seu rastro horrível; a grama suave de Rohan fora amassada e enegrecida com sua passagem. Nesse momento, Aragorn deu um grito e desviou-se.

— Parem! — gritou ele. — Não me sigam ainda! — Correu para a direita, para um ponto fora da trilha principal, pois tinha visto pegadas que iam por ali, separando-se das outras: marcas de pés pequenos e descalços. Estas, entretanto, não iam muito longe até serem atravessadas por pegadas de orcs, também saindo da trilha principal tanto atrás quanto na frente, e então elas faziam uma curva fechada voltando, e se perdiam no meio das outras pegadas. No ponto mais distante, Aragorn se abaixou e apanhou algo da grama; então voltou correndo.

— Sim — disse ele. — Estão muito nítidas: pegadas de um hobbit Acho que são de Pippin. Ele é menor que o outro. E olhem isto! — Aragorn ergueu um objeto que brilhou à luz do sol. Parecia uma folha de faia recém-aberta, bela e estranha naquela planície sem árvores.— o broche de um manto élfico! — gritaram Legolas e Gimli juntos.

— As folhas de Lórien não caem à toa — disse Aragorn. — Isto não caiu por acaso: foi jogado como um sinal para qualquer um que pudesse vir atrás. Acho que Pippin fugiu da trilha com esse propósito.

— Então pelo menos ele estava vivo — disse Gimli. — E pôde usar de sua esperteza, e de suas pernas também. Isso nos anima. Não estamos perseguindo os orcs em vão.

— Vamos esperar que ele não tenha pagado caro demais por sua ousadia — disse Legolas. — Venham! Vamos continuar! Pensar naquelas pessoas alegres e jovens sendo levadas como gado me deixa furioso.

O sol subiu até o meio-dia, e depois foi descendo o céu devagar. Leves nuvens subiram do mar no sul distante, e foram levadas pela brisa. O sol afundou. Sombras cresceram atrás e estenderam seus longos braços saindo do leste. Os caçadores ainda continuavam. Já fazia um dia que Boromir caíra, e os orcs ainda estavam muito à frente.

Não se via mais qualquer sinal deles nas planícies.

Quando a sombra da noite se fechava em volta deles, Aragorn parou. Apenas duas vezes na marcha daquele dia os três companheiros tinham descansado por um curto período, e doze léguas se estendiam agora entre o ponto onde estavam e a Muralha leste onde tinham parado ao amanhecer.

— Finalmente chegamos ao momento de fazer uma escolha difícil — disse ele.

— Devemos descansar durante a noite, ou prosseguir até esgotar nossa força e nossa disposição?

— A não ser que nossos inimigos também descansem, vão nos deixar muito para trás, se pararmos para dormir — disse Legolas.

— Até os orcs fazem pausas durante a marcha, não é? — disse Gimli.

— Eles raramente viajam por lugares abertos sob a luz do sol, mas esses fizeram isso — disse Legolas. — Com certeza não vão descansar à noite.

— Mas se caminharmos durante a noite não poderemos seguir sua trilha — disse Gimli.

— A trilha é estreita, e não vira nem para a direita nem para a esquerda, até onde minha vista alcança — disse Legolas.

— Talvez eu pudesse guiá-los na escuridão adivinhando o caminho, sem perder a trilha — disse Aragorn. — Mas se nos perdêssemos, ou se eles mudassem de rumo, quando a luz chegasse poderíamos demorar muito até encontrar a trilha outra vez.

— E além disso — disse Gimli — só durante o dia podemos enxerga se alguma pegada se separa da trilha principal. Se um prisioneir conseguisse escapar, ou se fosse carregado para o leste, vamos dizer para o Grande Rio, na direção de Morder, poderíamos passar pelos sinais e nunc saber disso.

— Isso é verdade — disse Aragorn. — Mas se interpretei os sinai corretamente lá atrás os orcs da Mão Branca prevaleceram, e todo o grup está indo na direção de Isengard. O caminho que fazem agora confirma que digo.

— Apesar disso, seria precipitado ter certeza dos planos deles — disse Gimli. — E que dizer sobre as fugas? No escuro, teríamos deixado passar o sinais que conduziram você ao broche.

— Os orcs redobrarão a vigilância depois disso, e os prisioneiros estarão duas vezes mais cansados — disse Legolas. — Não haverá fuga outra vez, a não ser que a planejemos. Não sabemos como isso poderá acontecer, mas primeiro precisamos alcançá-los.

— Mesmo assim, nem eu, anão de muitas jornadas, que não sou c menos resistente de meu povo, conseguiria correr todo o caminho até Isengard sem uma parada — disse Gimli. — Meu coração também m queima, e eu teria partido mais cedo, mas agora preciso descansar um pouco para correr melhor. E se é para descansarmos a noite cega é a hora de fazê-lo.— Eu disse que a escolha era difícil — disse Aragorn. — Como terminamos esta discussão?

— Você é o guia — disse Gimli —, e tem habilidades na caçada. Voc deve escolher.

— Meu coração me pede para prosseguir — disse Legolas. — Ma devemos permanecer juntos. Seguirei seu conselho.

— Vocês entregam a escolha a alguém que escolhe mal — disse Aragorn. — Desde que passamos pelos Argonath, minhas escolhas deran errado. — Ficou em silêncio, olhando durante um longo tempo para o norte e para o oeste, dentro da noite que se formava.

— Não vamos caminhar no escuro — disse ele finalmente. — C perigo de perdermos a trilha ou os sinais de outras idas e vindas parece ser maior. Se a lua nos desse luz suficiente, poderíamos usá-la, mas infelizmente

ela se deita cedo, e ainda está nova e pálida.

— E esta noite a lua estará coberta, de qualquer forma — murmurou Gimli.

— Seria bom que a Senhora nos tivesse dado uma luz, semelhante ao presente que deu a Frodo!

— A luz será mais necessária para aquele a quem foi concedida — disse Aragorn. — Com ele está a Demanda verdadeira. O nosso é um problema pequeno entre os grandes feitos desta época. Talvez desde o princípio uma busca em vão, que nenhuma escolha minha possa estragar ou consertar. Bem, já fiz a escolha. Vamos usar o tempo da melhor maneira possível!

Jogou-se no chão e adormeceu imediatamente, pois não tinha dormido desde a noite que passaram sob a sombra do Tol Brandir. Antes que a aurora estivesse no céu, ele acordou e se levantou. Gimli ainda estava num sono profundo, mas Legolas estava de pé, olhando para o norte, dentro da escuridão, pensativo e quieto como uma árvore jovem numa noite sem vento.

— Eles estão muito, muito longe — disse ele com tristeza, voltando-se para Aragorn.

— Sei em meu coração que não descansaram esta noite. Só uma águia poderia alcançá-los agora.

— Mesmo assim, ainda vamos segui-los como pudermos — disse Aragorn.

Abaixando-se, acordou o anão. — Venha! Precisamos ir — disse ele.

— O rastro está esfriando.

— Mas ainda está escuro — disse Gimli. — Nem Legolas no topo de uma colina poderia vê-los antes de o sol nascer.

— Receio que tenham saído de meu campo de visão, seja do topo de uma colina ou de uma planície, sob o sol ou sob a lua — disse Legolas.

— Onde a vista falha, a terra pode trazer alguma informação — disse Aragorn. — O solo deve gemer sob os pés odiosos dos orcs. — Deitou-se sobre o solo, colocando a orelha contra a turfa. Ficou ali parado por tanto tempo que Gimli começou a indagar se ele não tinha desmaiado ou adormecido de novo.

Finalmente se levantou, e então os companheiros puderam ver seu rosto: estava pálido e consternado, com o olhar preocupado.

— O ruído da terra é baixo e confuso — disse ele. — Nada caminha sobre ela por muitas milhas ao nosso redor. Os pés de nossos inimigos estão distantes e são quase inaudíveis. Mas pode-se ouvir com clareza ruídos de cascos de cavalos. Tenho a impressão de tê-los escutado, mesmo enquanto dormia, e eles incomodaram meu sono: cavalos galopando, passando no oeste. Mas agora estão se distanciando de nós ainda mais, indo para o norte. Fico imaginando o que estará acontecendo nesta terra.

— Vamos! — disse Legolas.

Assim começou o terceiro dia de sua busca. Durante todas as longas horas de nuvem e sol vacilante, eles quase não pararam, algumas horas andando em grandes passadas, outras correndo, como se nenhum cansaço pudesse debelar o fogo que lhes queimava o coração. Raramente falavam. Atravessaram a ampla solidão e seus mantos élficos desapareceram contra o fundo dos campos cinza-esverdeados; mesmo na fria luz do sol do meio-dia, poucos olhos, com a exceção dos élficos, poderiam tê-los notado, até que estivessem bem próximos. Sempre agradeciam em seus corações à Senhora de Lórien pela dádiva do lembas, pois podiam comê-lo e encontrar novas forças até mesmo enquanto corriam.

Durante todo o dia, a trilha do inimigo conduziu sempre em frente, indo para o noroeste sem interrupção ou curva. Quando outra vez o dia se acabava, chegaram a encostas longas e sem árvores, onde o solo se elevava, crescendo em direção a uma fileira de colinas baixas e corcovadas à frente.

A trilha dos orcs ficou mais fraca, conforme rumava para o norte na direção delas, pois o solo era mais duro e a grama mais curta. Lá adiante, à esquerda, o rio Entágua fazia curvas, um fio prateado no chão verde. Não se via qualquer ser em movimento. Aragorn muito se surpreendia pelo fato de não estarem vendo sinais de animais ou homens. As moradias dos rohirrim ficavam, em sua maioria, muitas léguas ao sul, sob as bordas das Montanhas Brancas, que eram cobertas de florestas, agora escondidas por névoa e nuvem; apesar disso, os Senhores dos Cavalos costumavam anteriormente manter muitos rebanhos e criações de cavalos no Estemnete, região ao leste de seu reino, e ali os pastores costumavam vagar com muita frequência,

vivendo em acampamentos e tendas, mesmo durante o inverno.

Mas agora toda a região estava vazia, e havia um silêncio que nãc parecia ser a quietude da paz.

Ao crepúsculo pararam novamente. Agora já tinham avançado cerca de doze léguas na planície de Rohan, e a muralha das Emyn Muil se perdi. nas sombras do leste.

A lua jovem brilhava num céu enevoado, mas emanava pouca luz, e as estrelas estavam veladas.

— Agora sou eu quem sente falta de um tempo para descansar, ou de uma pausa em nossa caçada — disse Legolas. — Os orcs correram na nossa frente como se estivessem sendo perseguidos pelos chicotes de Sauron. Receio que já tenham atingido a floresta e as escuras colinas, e que exatamente agora estejam entrando nas sombras das árvores.

Gimli rangeu os dentes. — Este é um final triste para toda nossa esperança e nosso esforço! — disse ele.

— Para a esperança talvez, mas não para o esforço — disse Aragorn Não voltaremos daqui. Mas estou cansado. — Olhou para trás, na direção do caminho pelo qual tinham vindo, na direção da noite que se formava no leste. — Existe alguma coisa estranha se operando nesta terra. Desconfio dc silêncio. Desconfio até dessa lua pálida.

As estrelas estão apagadas, e eu estou cansado como raramente estive antes, cansado como um guardião não deveria estar ao seguir uma trilha nítida. Há alguma disposição que empresta velocidade a nossos inimigos e põe diante de nós uma barreira invisível: um cansaço que é mais do coração que das pernas.

— É verdade! — disse Legolas. — Isso eu já sei desde que descemos das Emyn Muil. Pois essa disposição não está atrás, mas à nossa frente.

Apontou na distância, sobre a terra de Rohan, para o oeste que escurecia sob a lua em forma de foice.

— Saruman! — murmurou Aragorn. — Mas isso não deve fazer con que retomemos. Mais uma vez devemos parar, pois, vejam!, até mesmo a lua está sendo envolvida pelas nuvens que se adensam. Mas ao norte estará nossa estrada, entre colina e pântano, quando o dia retornar.

Como antes, Legolas foi o primeiro a se pôr de pé, se é que de fato

tinha dormido.

— Acordem! Acordem! — gritou ele. — A aurora já chegou. Coisa estranhas nos esperam perto das bordas da floresta. Boas ou más, eu não sei; mas estamos sendo chamados. Acordem!

Os outros pularam de pé, e quase imediatamente os três partiram outra vez.

Devagar as colinas foram se aproximando. Ainda faltava uma hora para o meio-dia quando as atingiram: encostas verdes erguendo-se numa cordilheira que corria numa linha reta em direção ao norte. Aos pés deles, o solo era seco e a turfa curta, mas uma faixa comprida de terra afundada, com cerca de dez milhas de largura, estendia-se entre eles e o rio, descrevendo curvas com moitas apagadas de juncais. Logo a oeste da encosta que ficava no extremo sul, havia um grande círculo, onde a turfa tinha sido arrancada e socada por muitos pés. Desse ponto a trilha dos orcs saía outra vez, virando para o norte ao longo da orla ressecada das colinas. Aragorn parou e examinou a trilha minuciosamente.

Eles descansaram um tempo aqui — disse ele —, mas mesmo a trilha mais extrema já está velha. Receio que seu coração tenha dito a verdade, Legolas: faz três vezes doze horas, eu acho, que os orcs pisaram aqui onde estamos pisando agora. Se mantiveram o passo, então ao pôr-do-sol de ontem já atingiram as fronteiras de Fangorn.

— Não vejo ao norte e a oeste nada além de capim que desaparece na névoa — disse Gimli. — Conseguiríamos ver a floresta, se subíssemos nas colinas?

— Ainda estamos muito longe — disse Aragorn. — Se me lembro corretamente, estas colinas ficam oito léguas ou mais ao norte, e depois a noroeste, rumando para a desembocadura do Entágua, ainda se estende uma terra ampla, talvez outras quinze léguas.

— Bem, vamos indo — disse Gimli. — Minhas pernas precisam esquecer as milhas. Ficariam mais dispostas se meu coração estivesse menos pesado.

O sol já afundava no horizonte quando finalmente chegaram perto do final da fileira de colinas. Tinham marchado por muitas horas sem descanso. Agora iam devagar, e as costas de Gimli estavam curvadas. O

anões são resistentes como pedra no trabalho ou numa jornada, mas aquela busca infindável começou a desgastá-lo, e toda esperança desapareceu de seu coração. Aragorn caminhava atrás dele, austero e silencioso, abaixando-se de vez em quando para procurar alguma pegada ou marca no solo. Apenas Legolas ia pisando com a mesma leveza de sempre, seus pés ma parecendo tocar a relva, sem deixar marcas ao passar; apenas ingerindo o pão de viagem dos elfos ele encontrava todo o sustento de que necessitava, e conseguia dormir, se é que os homens chamariam isso de dormir, descansando a mente pelos caminhos estranhos dos sonhos élficos, mesmo quando caminhava com os olhos abertos na luz deste mundo.

— Vamos subir esta colina verde! — disse ele. Cansados, os outros c seguiram, escalando a longa encosta, até que chegaram ao topo. Era uma colina redonda, suave e nua, erguendo-se solitária, a colina que ficava mais ao norte. O sol mergulhou e as sombras da noite caíram como uma cortina. Estavam sozinhos num mundo cinzento e disforme, sem marco ou medida. Só ao longe, no noroeste, havia uma escuridão mais densa contra a luz agonizante do dia: as Montanhas Sombrias e a floresta aos pés delas.

— Nada se vê aqui que possa nos guiar — disse Gimli. — Bem, agora devemos parar outra vez e passar a noite. Está ficando frio!

— O vento sopra do norte, vindo da neve — disse Aragorn.

— E antes de amanhecer estará no leste — disse Legolas. — Ma descanse, se precisar. Ainda não joguei toda a esperança fora. Não se sabe c dia de amanhã. O nascer do sol geralmente traz um bom conselho.

— Três sóis já nasceram em nossa busca, e nenhum trouxe bons conselhos — disse Gimli.

A noite ficou mais fria. Aragorn e Gimli dormiram inquietos, e a qualquer momento que acordavam sempre viam Legolas em pé ao lado deles, ou andando de um lado para o outro, cantando baixinho para si mesmo na própria língua, e enquanto cantava as estrelas se abriam na abóbada negra e dura do céu.

Assim passou a noite. Juntos observaram a aurora crescendo lentamente no céu, agora deserto e sem nuvens, até que finalmente o sol nasceu. Sua luz era clara e pálida. O vento soprava do leste e levara a névoa embora; uma região ampla e desolada se estendia em volta deles naquela luz

fria.

Adiante e na direção do leste, viram os planaltos do Descampado de Rohan, que já tinham avistado do Grande Rio muitos dias atrás. Na direção noroeste assomava a escura floresta de Fangorn; ainda a dez léguas ficavam suas fronteiras sombrias, e suas encostas mais distantes desapareciam num azul distante.

Além dela brilhava na distância, como se boiasse numa nuvem cinza, a cabeça branca do alto Methedras, o último pico das Montanhas Sombrias. Saindo da floresta, o Entágua corria ao encontro deles, com sua correnteza agora veloz e estreita, e suas margens íngremes e fundas. A trilha dos orcs desviava das colinas na direção dele.

Seguindo com seus olhos argutos a trilha que ia para o rio, e depois do rio de volta à floresta, Aragorn viu uma sombra no verde distante, um borrão escuro que se movia rapidamente. Jogou-se no chão e outra vez escutou com atenção. Mas Legolas ficou de pé ao seu lado, protegendo seus claros olhos élficos com a mão longa e delgada, e não viu uma sombra, nem um borrão, mas as pequenas figuras de cavaleiros, muitos cavaleiros, e a luz da manhã sobre as pontas de suas lanças era como o faiscar de diminutas estrelas além do limite da visão dos mortais. Muito atrás deles, uma fumaça negra subia em fios finos e encaracolados.

Havia um silêncio nos campos vazios, e Gimli podia ouvir o ar se movendo no capim.

— Cavaleiros! — gritou Aragorn, pulando de pé. — Muitos cavaleiros montando cavalos velozes estão vindo em nossa direção!

— Sim — disse Legolas. — Há cento e cinco deles. Têm os cabelos dourados, e as lanças brilhantes. O líder é muito alto.

Aragorn sorriu. — Agudo é o olhar dos elfos — disse ele.

— Não! Os cavaleiros estão a pouco mais de cinco léguas de distância — disse Legolas.

— Cinco léguas ou uma — disse Gimli —, não podemos escapar deles nesta terra deserta. Vamos esperá-los aqui ou devemos seguir nosso caminho?

— Vamos esperar — disse Aragorn. — Estou cansado, e nossa caçada foi um fracasso. Ou pelo menos outros chegaram na nossa frente, pois esses

cavaleiros estão retornando pela trilha dos orcs. Podemos receber notícias deles.

— Ou lanças — disse Gimli.

— Há três selas vazias, mas não vejo hobbits — disse Legolas.

— Eu não disse que conseguiríamos boas notícias — falou Aragorn Mas, sejam boas ou más, vamos esperar aqui.

Então os três companheiros deixaram o topo da colina, onde poderiam ser um alvo fácil contra o céu pálido, e desceram devagar a encosta norte.

Pararam um pouco acima do pé da colina, e embrulhando-se com os mantos élficos sentaram-se uns perto dos outros sobre o capim ralo. O tempo passava lento e pesado. O vento era fino e penetrante.

Gimli estava inquieto.

— O que você sabe sobre esses cavaleiros, Aragorn? — perguntou ele Estamos aqui sentados esperando morte súbita?

— Já estive entre eles — disse Aragorn. — São voluntariosos e cheio de orgulho, mas têm o coração sincero, são generosos em pensamentos e ações; destemidos mas não cruéis; sábios mas incultos, não escrevendo nenhum livro mas cantando muitas canções, a maneira dos filhos dos homens antes dos Anos Escuros. Mas não sei o que aconteceu aqu ultimamente, nem com que disposição os rohirrim podem agora estar entre o traidor Saruman e a ameaça de Sauron. Por muito tempo foram amigos d povo de Gondor, embora não sejam parentes deles. Foi nos dias esquecido de antigamente que Eorl, o Jovem, trouxe-os do norte, e seu parentesco é na verdade com os bardings de Valle, e com os beornings da Floresta, entre os quais ainda se pode ver muitos homens altos e belos, como são os Cavaleiros de Rohan. Pelo menos, é certeza que não morrem de amores pelos orcs.

— Mas Gandalf comentou sobre um boato de que eles pagam tribut a Mordor — disse Gimli.

— Não acredito nisso mais do que acreditava Boromir — respondeu Aragorn.

— Logo saberá da verdade — disse Legolas. — Eles já estão s aproximando.

Finalmente, até mesmo Gimli pôde ouvir a batida distante de casco

galopantes. Os cavaleiros, seguindo a trilha, desviaram do rio e se aproximaram das colinas.

Galopavam na velocidade do vento.

Agora o som de vozes fortes e nítidas vinha ecoando através dos campos.

De repente avançaram com um barulho de trovão, e o cavaleiro mais à frente mudou de rumo, passando ao lado do pé da colina, e conduzindo o grupo de volta ao sul, ao longo da orla ocidental da cordilheira. Atrás dele ia uma longa fila de homens vestidos de malhas metálicas, velozes, brilhantes, terríveis e belos de se olhar.

Os cavalos eram de grande estatura, fortes e com patas bem proporcionadas; as capas cinzentas reluziam, as caudas longas esvoaçavam ao vento, as crinas caíam trançadas sobre os pescoços imponentes. Os homens que os montavam combinavam muito bem com eles: altos e esbeltos; os cabelos claros como palha saíam dos elmos leves e desciam-lhes em longas tranças pelas costas; os rostos eram austeros e argutos. Nas mãos traziam longas lanças de freixo, escudos pintados pendiam-lhes das costas, longas espadas estavam penduradas em seus cintos, as bainhas das vestimentas de malha de metal polido desciam-lhes até os joelhos.

Galopavam em pares, e, embora de quando em quando um deles se erguesse nos estribos e olhasse para os dois lados, eles pareciam não perceber os três forasteiros, sentados em silêncio e vigiando-os. O exército quase passara por eles quando Aragorn se levantou e chamou em voz alta:

— Que notícias têm do norte, Cavaleiros de Rohan?

Com velocidade e habilidade assombrosas, eles pararam seus cavalos, viraram e voltaram. Logo os três companheiros se viram num círculo de cavaleiros movimentando-se numa roda que não parava, subindo a encosta da colina atrás deles, e descendo, dando várias voltas ao redor deles, fechando o cerco cada vez mais. Aragorn permanecia quieto, e os outros dois ficaram sentados sem se mexer, pensando no rumo que as coisas tomariam.

Sem qualquer palavra ou chamado, de repente, os Cavaleiros pararam. Uma floresta de lanças apontava para os estranhos, e alguns dos cavaleiros tinham nas mãos arcos, com as flechas já ajustadas às cordas.

Então um deles avançou, um homem alto, mais alto que os demais; de seu elmo, como uma crista, pendia uma cauda branca de cavalo. Aproximou-se até que a ponta de sua lança ficasse a uns trinta centímetros do peito de Aragorn, que não se mexeu.

— Quem são vocês, e o que fazem nesta terra? — perguntou o Cavaleiro, usando a Língua Geral do Oeste, numa maneira e tom semelhantes aos de Boromir, homem de Gondor.

— Chamam-me Passolargo — respondeu Aragorn. — Venho do norte. Estou caçando orcs.

O Cavaleiro saltou do cavalo. Dando a lança a um outro que se aproximou e desceu do cavalo ao lado dele, puxou sua espada e ficou cara a cara com Aragorn, observando-o atentamente, não deixando de demonstrar surpresa. Finalmente, falou outra vez.

— Primeiro pensei que vocês fossem orcs — disse ele —, mas agora vejo que não é assim. Na verdade, vocês sabem pouco sobre os orcs, se vão caçando — os assim dessa maneira. Eles eram rápidos e estavam bem armados. E eram muitos. Vocês teriam passado de caçadores a caça, se tivessem alcançado o bando. Mas há algo estranho em você, Passolargo. — Deitou os olhos claros e brilhantes outra vez no guardião. — Isso não é nome que se dê a um homem. E estranhas também são suas vestes. Vocês surgiram do capim? Como escaparam de nossa vista? Vocês são do povo dos elfos?

— Não — disse Aragorn. — Apenas um de nós é um elfo, Legolas do Reino da Floresta, da longínqua Floresta das Trevas. Mas passamos por Lothlórien, e as dádivas e a proteção da Senhora nos acompanham.

O Cavaleiro olhou-os com surpresa renovada, mas seus olhos endureceram.

— Então existe uma Senhora na Floresta Dourada, como contam as antigas histórias! — disse ele. — Poucos escapam de suas redes, pelo que dizem. Estes são dias estranhos! Mas se vocês têm a proteção dela então também tecem redes e talvez sejam feiticeiros. — De repente lançou para Legolas e Gimli um olhar frio. — Por que não falam, vocês que estão em silêncio?

Gimli se levantou e plantou os pés afastados no chão: sua mão agarrou firmemente o cabo do machado, e os olhos escuros brilharam.

— Diga o seu nome, mestre-dos-cavalos, e então lhe direi o meu, e outras coisas também — disse ele.

— Quanto a isso — disse o Cavaleiro, abaixando os olhos na direção do anão —, o forasteiro deve se declarar primeiro. Mas meu nome é Éomer, filho de Éomund, e chamam-me Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros.

— Então, Éomer, filho de Éomund, Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros, deixe que Gimli, o anão, filho de Glóin, faça uma advertência contra suas tolas palavras. Você fala mal do que é belo além do alcance de seu pensamento, e sua única desculpa pode ser a falta de inteligência.

Os olhos de Éomer reluziram, e os homens de Rohan soltaram murmúrios enfurecidos e fecharam mais o círculo, avançando com as lanças.

— Eu poderia cortar-lhe a cabeça, a barba e o resto, Mestre Anão, se você se erguesse um pouco mais acima do chão — disse Éomer.

— Ele não está sozinho — disse Legolas, aprumando seu arco e ajustando uma flecha com mãos que se movimentavam mais rápido que os olhos.

— Você morreria antes que desferisse o golpe.

Éomer ergueu sua espada, e as coisas poderiam ter acabado mal, mas Aragorn saltou no meio deles, levantando a mão.

— Peço suas desculpas, Éomer! — gritou ele. — Quando souber mais você poderá entender por que enfureceu meus companheiros. Não temos más intenções para com Rohan, nem para com seu povo, seus homens e seus cavalos. Não poderia ouvir nossa história antes de atacar?

— Está bem — disse Éomer abaixando sua espada. — Mas os que vagueiam pela Terra dos Cavaleiros seriam mais sábios se fossem menos arrogantes nestes dias duvidosos. Primeiro diga-me seu nome correto.

— Antes me diga a quem serve — disse Aragorn. — É amigo ou inimigo de Sauron, o Senhor de Mordor?

— Sirvo apenas ao Senhor dos Cavaleiros, o Rei Théoden, filho de Thengel — respondeu Éomer. — Não servimos ao Poder da Terra Negra distante, mas também não estamos em guerra declarada contra ele; se estão fugindo dele, então é melhor que abandonem esta terra. Existem problemas atualmente em todas as nossas fronteiras, e estamos sendo ameaçados, mas

só desejamos ser livres, e viver como temos vivido, mantendo nosso próprio senhor, sem servir a nenhum senhor estrangeiro, seja ele bom ou mau. Em dias melhores, recebíamos bem os visitantes, mas nestes tempos o forasteiro não-convidado nos encontra alertas e duros. Digam! Quem são vocês? A quem servem? A mando de quem estão caçando orcs em nossas terras?

— Não sirvo a homem nenhum — disse Aragorn —, mas persigo os servidores de Sauron por quaisquer terras onde possam andar. Há poucos entre os homens mortais que sabem mais sobre orcs, e eu não os estou caçando desta maneira por escolha própria. Os orcs que perseguimos capturaram dois de meus amigos. Nessas condições, um homem que não tem um cavalo irá a pé, e não pedirá permissão para seguir a trilha. Nem contará as cabeças dos inimigos exceto com a espada . Não estou desarmado.

Aragorn jogou para trás seu manto. A bainha élfica reluziu no momento em que ele a agarrava, e a clara lâmina de Andúril brilhou como uma chama súbita conforme a puxou.

— Elendil! — gritou ele. — Sou Aragorn, filho de Arathorn, e sou chamado de Elessar, a Pedra Élfica, Dúnadan, o herdeiro de Isildur, filho de Elendil, de Gondor. Vai me ajudar ou me impedir? Decida logo!

Gimli e Legolas olhavam seu companheiro com surpresa, pois não o tinham visto daquele jeito antes. Parecia ter crescido em tamanho enquanto Éomer encolhera, e em seu rosto vívido capturaram uma breve visão do poder e majestade dos reis de pedra. Por um momento, pareceu aos Olhos de Legolas que uma chama branca faiscava na fronte de Aragorn, como uma corôa brilhante.

Éomer recuou com um ar estupefato no rosto. Abandonou seu olhar orgulhoso.

— Estes são realmente dias estranhos — murmurou ele. — Sonhos e lendas saltam do capim para a vida real.

— Diga-me, senhor — disse ele, — O que o traz aqui? Qual é o significado das palavras obscuras? Há muito tempo Boromir, filho de Denethor, partiu em busca de uma resposta, e o cavalo que lhe emprestamos voltou sozinho. Que sina terrível traz do norte?

— A sina da escolha — disse Aragorn. — Você pode dizer isto a Théoden, filho de Thengel: a guerra aberta está diante dele, ao lado de

Sauron ou contra ele. Ninguém mais pode viver como costumava, e poucos poderão manter o que chamam de seu. Mas desses assuntos grandiosos falaremos depois. Se for possível, eu mesmo irei ter com o rei. Agora estou em grande dificuldade, e peço ajuda, ou pelo menos notícias. Você escutou que estamos caçando um bando de orcs que levou nossos amigos. O que tem a nos dizer?

— Que não precisa mais persegui-los — disse Éomer. — Os orcs foram destruídos.

— E nossos amigos?

— Não encontramos nenhum deles entre os orcs.

— Mas isso é realmente estranho — disse Aragorn. — Procuraram entre os mortos? Não havia cadáveres que não fossem da espécie dos orcs? Seriam pequenos, apenas crianças aos seus olhos, descalços, mas vestidos de cinza.

— Não havia nem crianças nem anões — disse Éomer. — Contamos todos os mortos e os espoliamos, depois fizemos uma pilha com as carcaças e as queimamos, como é nosso costume. As cinzas ainda estão soltando fumaça.

— Não estamos falando de crianças nem de anões — disse Gimli. — Nossos amigos eram hobbits.

— Hobbits? — disse Éomer. — E que vêm a ser eles? Esse nome é estranho.

— Um nome estranho para um povo estranho — disse Gimli. — Mas estes nos eram muito caros. Parece que vocês em Rohan ouviram falar das palavras que perturbaram Minas Tirith. Elas falavam do Pequeno. Esses hobbits são Pequenos.

— Pequenos! — riu o Cavaleiro que estava do lado de Éomer. — Pequenos! Mas eles são apenas um pequeno povo em velhas cantigas e histórias infantis do norte. Estamos andando em lendas ou sobre a terra verde à luz do dia?

— Um homem pode fazer as duas coisas — disse Aragorn. — Pois não seremos nós, mas os que vierem depois, que farão as lendas de nossa época. A terra verde, você diz? Este é um grande assunto para as lendas, embora você pise nela sob a luz do dia.

— O tempo está passando — disse o Cavaleiro, sem dar atenção a Aragorn. — Devemos nos apressar em direção ao sul, senhor. Vamos deixar essas pessoas e suas fantasias. Ou vamos aprisioná-los e levá-los até o rei.

— Paz, Éothain! — disse Éomer em sua própria língua. — Deixe-me um pouco. Diga ao Éored que se reúna no caminho e se apronte para rumar para o Vau Ent.

Éothain se retirou murmurando, e falou aos outros, que logo recuaram e deixaram Éomer sozinho com os três companheiros.

— Tudo o que diz é estranho, Aragorn — disse ele. — Apesar disso está falando a verdade, sem dúvida: os homens da Terra dos Cavaleiros não mentem, e por isso não são enganados com facilidade. Mas você não disse tudo. Não pode agora falar sobre sua missão de forma mais clara, de modo que eu possa julgar o que fazer?

— Eu parti de Imladris, como se chama esse lugar nas rimas, muitas semanas atrás — respondeu Aragorn. — Comigo partiu Boromir de Minas Tirith. Minha missão era ir para aquela cidade com o filho de Denethor, para ajudar seu povo na guerra contra Sauron. Mas a Comitiva com a qual eu viajava tinha outros objetivos. Disso não posso falar agora. Gandalf, o Cinzento, era nosso líder.

— Gandalf! — exclamou Éomer. — Gandalf Capa-Cinzenta conhecido por aqui; mas seu nome, eu lhe aviso, não é mais uma senha para se conseguir os favores do rei. Ele foi hóspede desta terra muitas vezes na memória dos homens, vindo quando bem entendesse, depois de uma estação ou depois de muitos anos. Ele é sempre o arauto de acontecimentos estranhos: alguém que traz o mal, dizem alguns atualmente.

— Na verdade, desde sua última vinda no verão, todas as coisas deram errado. Naquela época, começou nosso problema com Saruman. Até então considerávamos Saruman um amigo, mas Gandalf veio e nos avisou que uma guerra súbita estava sendo preparada em Isengard. Disse que ele próprio tinha sido um prisioneiro em Orthanc e quase não escapara, e implorou ajuda. Mas Théoden não lhe deu ouvidos, e ele foi embora. Não fale em voz alta o nome de Gandalf aos ouvidos de Théoden! Ele está furioso, pois Gandalf levou o cavalo chamado Scadufax, o mais precioso dos animais do rei, líder dos Mearas, que apenas o Senhor dos Cavaleiros pode

ria montar. Pois o progenitor dessa raça foi o grande cavalo de Eorl, que sabia a língua dos homens. Há sete noites, Scadufax retornou; mas a ira do rei não é menor, pois agora o cavalo ficou indomável e não permite que nenhum homem o controle.

— Então Scadufax encontrou o caminho sozinho, vindo do distante norte — disse Aragorn —, pois foi ali que Gandalf e ele se separaram. Ma infelizmente Gandalf não montará mais. Ele caiu dentro da escuridão das Minas de Moria e não volta mais.

— Essa é uma notícia terrível — disse Éomer. — Pelo menos para mim e muitos outros, mas não para todos, como você poderá verificar se for até o rei.

— Essa notícia é mais lamentável do que qualquer um nesta terra pode entender, embora possa tocá-los dolorosamente antes que o ano avance muito — disse Aragorn. — Mas quando os grandes caem, os menores devem assumir a liderança. Minha parte tem sido guiar nossa Comitiva na longa estrada que vem de Moria. Viemos através de Lórien — e dessa terra seria bom que vocês aprendessem a verdade antes de se referirem a ela outra vez — e depois disso viemos descendo ao longo do Grande Rio, até a cachoeira de Rauros. Ali Boromir foi morto pelos mesmos orcs que você destruíram.

— Suas notícias são todas de pesar — disse Éomer arrasado. — A morte de Boromir é uma grande perda para Minas Tirith, e para todos nós Era um homem valoroso! Era elogiado por todos. Raramente vinha à Terra dos Cavaleiros, pois estava sempre nas guerras das fronteiras do leste, mas eu o vi. Na minha opinião era mais parecido com os velozes filhos de Eorl do que com os austeros homens de Gondor, e provavelmente se mostraria um grande capitão de seu povo quando o momento chegasse. Mas não recebemos qualquer palavra de Gondor sobre essa perda. Quando aconteceu?

— Já faz quatro dias que foi morto — respondeu Aragorn —, e desde esse dia temos viajado, partindo da sombra do Tol Brandir.

— A pé? — exclamou Éomer.

— Sim, da maneira como nos vê agora.

Uma enorme surpresa cobriu os olhos de Éomer.

— Passolargo é um nome muito pobre, filho de Arathorn. Vou chamá-lo de Pé-de-Vento. Esse feito dos três amigos será cantado em muitos salões. Quarenta e cinco léguas vocês percorreram antes do fim do quarto dia! Resistente é a raça de Elendil!

— Mas agora, senhor, que devo fazer? Devo retornar depressa a Théoden. Falei sinceramente diante de meus homens. É verdade que ainda não estamos em guerra declarada contra a Terra Negra, e existem alguns, próximos do ouvido do rei, que lhe dão conselhos covardes; mas a guerra está chegando. Não abandonaremos nossa antiga aliança com Gondor, e enquanto eles lutarem lutaremos ao lado deles: assim digo eu e todos os que permanecem comigo. A Fronteira Leste está ao meu encargo, o distrito do Terceiro Marechal, e removi todos os nossos rebanhos e pastores, retirando-os para além do Entágua, não deixando ninguém exceto guardas e velozes batedores.

— Então vocês não pagam tributo a Sauron? — perguntou Gimli.

— Não, e nunca pagamos — disse Éomer com um brilho nos olhos embora tenha chegado aos meus ouvidos que essa mentira foi espalhada. Há alguns anos, o Senhor da Terra Negra quis comprar nossos cavalos a um alto preço, mas nós recusamos, pois ele utiliza os animais para propósitos malignos. Então ele enviou orcs saqueadores, e eles levam o que conseguem, escolhendo sempre os cavalos negros: agora restam poucos deles. E esta é a razão que explica nossa amarga inimizade com os orcs.

— Mas neste momento nossa principal preocupação é com Saruman. Ele reivindicou soberania sobre toda esta terra, e tem havido guerra entre nós já há vários meses.

Ele recrutou orcs a seu serviço, e montadores de Lobos, e homens maus; bloqueou o Desfiladeiro contra nós, de modo que é provável que fiquemos cercados pelo leste e pelo oeste.

— É terrível lidar com um inimigo desses: ele é um mago, ao mesmo tempo astuto e cheio de poderes mágicos, tendo vários disfarces. Caminha por aí, dizem, como um velho de capuz e capa, muito semelhante a Gandalf, como muitos agora se lembram dele. Seus espiões penetram qualquer rede, e seus pássaros de mau agouro estão espalhados pelo céu. Não sei como tudo isto vai terminar, e meu coração pressente algo mais, pois

tenho a impressão de que nem todos os seus amigos moram em Isengard. Mas, se vier à casa do rei, terá a chance de ver com os próprios olhos, Aragorn. Você não virá? Serão vãs minhas esperanças de que você tenh. sido enviado como uma ajuda nestes tempos de dúvida e necessidade?

— Irei quando puder — disse Aragorn.

— Venha agora! — disse Éomer. — O Herdeiro de Elendil seri. realmente uma força para os Filhos de Eorl nesta maré maligna. Há batalha neste mesmo momento no Vestemnec, e receio que possamos ser derrotados.

— Na verdade, nesta minha cavalgada para o norte, eu vim s em a permissão do rei, pois na minha ausência sua casa fica com poucos guardas. Mas os batedores me avisaram sobre um bando de orcs descendo da Muralha Leste há três noites, e entre eles viram alguns portando as insígnias brancas de Saruman. Então, suspeitando o que eu mais temia, uma aliança entre Orthanc e a Torre Escura, conduzi meu éored, homens de minh. própria casa, e nós alcançamos os orcs ao escurecer, dois dias atrás, perto da fronteira da Floresta Ent. Ali os cercamos e começamos a batalha ontem a amanhecer. Perdi quinze dos meus homens e doze cavalos, infelizmente. Pois os orcs estavam em maior número do que estimávamos. Outros se juntaram a eles, vindo do leste através do Grande Rio: é fácil ver a trilha que fizeram um pouco ao norte deste local. E outros também vieram da floresta. Grandes orcs, também carregando a Mão Branca de Isengard: essa espécie mais forte e mais terrível que todas as outras.

— Não obstante isso, acabamos com eles. Mas estamos fora há muit tempo. Precisam de nós no sul e no oeste. Você não virá? Há cavalo sobrando, como pode ver. Há trabalho para a Espada desempenhar. Sim, poderíamos encontrar utilidade para o machado de Gimli e para o arco de Legolas, se eles desculparem minhas palavras rudes em relação à Senhora da Floresta. Só falei como falam todos os homens de minha terra, e gostaria muito de aprender mais.

— Agradeço-lhe por suas belas palavras — disse Aragorn —, e meu coração deseja acompanhá-lo; mas não posso abandonar meus amigos enquanto houver esperança.

— Não há mais esperança — disse Éomer. — Vocês não encontrarão seus amigos nas fronteiras do norte.

— Mas meus amigos não estão lá atrás. Encontramos um claro sina não muito longe da Muralha Leste de que pelo menos um deles ainda est vivo. Mas entre a muralha e as colinas não encontramos qualquer outr rastro deles, e nenhuma trilha desviou da principal, seja para um lado ou para outro, a não ser que minha percepção tenha me abandonado por completo.

— Então, o que acha que aconteceu com eles?

— Não sei. Podem ter sido mortos e queimados em meio aos orcs, ma isso você diz que não aconteceu, e não receio que tenha sido assim. Só poss pensar que foram levados para dentro da floresta antes da batalha, antes mesmo de vocês encurralarem seus inimigos, talvez. Você poderia Jurar qu nenhum deles escapou de sua emboscada?

— Posso jurar que nenhum orc escapou depois que os vimos — disse Éomer. — Atingimos a fronteira da floresta antes deles, e depois disso, se qualquer ser vivo burlou nosso cerco, então não era um orc e tinha algum poder élfico.

— Nossos amigos estavam vestidos exatamente como nós — disse Aragorn —, e vocês passaram sem nos ver em plena luz do dia.

— Tinha me esquecido disto — disse Éomer. — É difícil ter certeza de qualquer coisa em meio a tantos prodígios. O mundo todo ficou muit estranho. Elfo e anão andam juntos em nossos campos; pessoas conversam com a Senhora da Floresta e continuam vivas, e retorna à batalha a Espad que foi quebrada nas eras antigas anteriores à época em que os pais de nossos pais chegaram à Terra dos Cavaleiros! Como pode um homem julgar o qu fazer em tempos assim?

— Como sempre julgou — disse Aragorn. — O bem e o mal nã mudaram desde o ano passado; nem são uma coisa para os elfos e anões e outra coisa para os homens. É papel de um homem discerni-los, tanto na Floresta Dourada como em sua própria casa.

— Isso é verdade — disse Éomer. — Não duvido de você, nem d ação que meu coração escolheria. Mas não sou livre para fazer tudo com desejar — É contra nossa lei permitir que forasteiros caminhem por nossa terra, até que o próprio rei lhes dê permissão, e essa ordem é ainda mais estrita nestes dias perigosos. Implorei que me acompanhasse de livre e

espontânea vontade, e você não vai me atender. Detesto iniciar uma batalha de cem contra três.

— Não acho que sua lei tenha sido feita para uma ocasião como esta disse Aragorn. — E na verdade não sou um forasteiro, pois já estive nesta terra antes, mais de uma vez, e já montei com o exército dos rohirrim, embora estivesse com outro nome e com outras vestimentas. Você eu não vi antes, pois você é jovem, mas já falei com Éomund, seu pai, e com Théoden, filho de Thengel. Nunca nos dias passados qualquer alto senhor desta terra teria forçado um homem a abandonar uma busca como a minha. Meu dever, pelo menos, está claro: seguir em frente. Vamos lá, filho de Éomund, a escolha deve ser feita finalmente. Ajude-nos, ou no mínimo deixe-nos ir em liberdade. Ou então tente cumprir sua lei. Se fizer isto, haverá menos homens retornando à sua guerra e ao seu rei.

Éomer ficou em silêncio por um momento e depois falou. — Todos nós temos pressa — disse ele. — Meu grupo já se irrita querendo ir embora, e cada hora que passa diminui nossa esperança. Minha escolha é esta. Você pode ir; e, mais ainda, vou emprestar-lhe cavalos. Só peço isto: quando sua missão estiver cumprida, ou se mostrar inútil, retorne com os cavalos pelo Vau Ent até Meduseld, a alta casa em Edoras onde Théoden agora vive. Assim provará a ele que não fiz um julgamento errôneo. Nisso coloco minha pessoa, e talvez minha própria vida, acreditando na sua boa-fé. Não falhe.

— Não falharei! — disse Aragorn.

Houve grande surpresa e muitos olhares sombrios e duvidosos entre os homens de Éomer, quando ele deu ordens para que os cavalos que estavam sobrando fossem emprestados aos forasteiros, mas só Éothain ousou falar abertamente.

— Isto está bem para esse senhor da raça de Gondor, como ele diz ser — disse ele. — Mas quem já ouviu dizer de um cavalo de nossa terra sendo dado a um anão?

— Ninguém — disse Gimli. — E não se preocupe: ninguém nunca vai ouvir uma coisa dessas. Eu prefiro caminhar a montar um animal tão grande, livre ou forçado.

— Mas agora você deve montar, ou vai nos atrasar — disse Aragorn.

— Venha, você vai montar atrás de mim, meu amigo — disse Legolas.

Tudo então ficará bem, e você não vai precisar nem tomar emprestado um cavalo nem ser incomodado por ele.

Trouxeram um grande cavalo cinza-escuro para Aragorn, que o montou. — O nome dele é Hasufel — disse Éomer. — Que ele o conduza bem e que tenha melhor sorte do que Gámif, seu falecido dono!

Um cavalo menor e mais leve, mas inquieto e fogoso, foi trazido para Legolas. Seu nome era Arod. Mas Legolas pediu que tirassem a sela e arreio. — Não preciso deles — disse ele, montando levemente o cavalo com um salto; para a surpresa de todos, Arod ficou dócil e disposto, indo de um lado para o outro logo que ouvia uma palavra de comando: assim era o modo dos elfos com todos os bons animais.

Gimli foi erguido e colocado na garupa do amigo, ao qual se agarrou, não muito mais à vontade do que Sam Gamgi num barco.

— Até logo, e que vocês encontrem o que procuram! — gritou Éomer. Voltem tão rápido quanto puderem, e que nossas espadas brilhem lado a lado daqui para frente.

— Eu voltarei — disse Aragorn.

— E eu voltarei também — disse Gimli. — A questão da Senhor ainda fica entre nós. Preciso ainda ensinar-lhe palavras gentis.

— Vamos ver — disse Éomer. — Tantas coisas estranhas têm acontecido que aprender a elogiar uma bela senhora sob os golpes adoráveis do machado de um anão não parecerá um grande prodígio. Até logo!

Com essas palavras, eles partiram. Muito velozes eram os cavalos de Rohan.

Quando Gimli, depois de um tempo, olhou para trás, o grupo de Éomer já estava pequeno e distante. Aragorn não olhou para trás: estava vigiando a trilha conforme avançavam com velocidade, inclinando-se e colocando a cabeça ao lado do pescoço de Hasufel.

Em breve estavam na borda do Entágua, e ali encontraram a outra trilha da qual Éomer tinha falado, descendo do leste e saindo do Descampado.

Aragorn desmontou e examinou o solo; depois, montando de novo, avançou um pouco em direção ao leste, mantendo-se ao lado da trilha e tentando fazer com que o cavalo não repisasse as pegadas. Depois desceu do

cavalo outra vez e examinou o solo, andando para frente e para trás.

— Há pouco a descobrir — disse ele quando retornou. — A trilha principal está toda confundida com a passagem dos cavaleiros quando voltaram; seu caminho externo deve ter sido feito mais próximo ao rio. Mas esta trilha que vai para o leste é nova e visível.

Não há sinais aqui de pés indo em sentido contrário, de volta para o Anduin.

Agora devemos ir mais devagar, para ter certeza de que nenhum vestígio ou pegada se ramifica para qualquer um dos lados, A partir deste ponto, os orcs deviam estar conscientes de que estavam sendo perseguidos; podem ter feito alguma tentativa de levar os prisioneiros para outro lugar antes de serem alcançados.

Conforme avançavam, o dia ia ficando nebuloso. Nuvens baixas e cinzentas desceram sobre o Descampado. A névoa cobriu o sol. As encostas cobertas de árvores de Fangorn assomavam cada vez mais próximas, escurecendo lentamente enquanto o sol ia para o oeste. Os companheiros não viram qualquer sinal de pegadas indo para a direita ou para a esquerda, mas aqui e ali passavam por alguns orcs que haviam caído sobre a trilha quando corriam, com flechas de plumas cinzentas espetadas nas costas ou na garganta.

Finalmente, quando a tarde morria, chegaram às fronteiras da floresta, e numa clareira aberta em meio às primeiras árvores encontraram o local da grande fogueira: as cinzas ainda estavam quentes e fumegantes. Ao lado havia uma grande pilha de elmos e malhas metálicas, escudos partidos e espadas quebradas, arcos e dardos e outros equipamentos de guerra. Sobre uma estaca, bem no meio, estava colocada uma grande cabeça de orc; sobre o elmo despedaçado ainda se podia ver a insígnia branca.

Mais adiante, não muito longe do rio, no ponto onde ele saía da borda da floresta, havia um túmulo. Tinha sido erguido recentemente: a terra removida fora coberta de turfa recém-cortada: em torno estavam fincadas quinze lanças.

Aragorn e seus companheiros procuraram por todos os cantos do campo de batalha, mas a luz foi diminuindo e a noite logo chegou, apagada e cheia de névoa. Até o cair da noite, não tinham descoberto nenhum sinal

de Merry ou de Pippin.

— Não podemos fazer mais nada — disse Gimli com tristeza. — Fomos submetidos a muitos enigmas desde que chegamos ao Tol Brandir mas este é o mais difícil de se decifrar. Eu suporia que os ossos queimados dos hobbits estão agora misturados aos dos orcs. Será uma notícia dura para Frodo, se ele viver para recebê-la, e dura também para o velho hobbit que espera em Valfenda. Elrond era contra a vinda deles.

— Mas Gandalf não era — disse Legolas.

— Mas Gandalf escolheu vir, e foi o primeiro a se perder — respondeu Gimli. — Sua previsão falhou.

— O conselho de Gandalf não se baseava em previsões sobre segurança, nem para ele nem para os outros — disse Aragorn. — Algumas coisas é melhor começar do que recusar, mesmo que o fim possa ser escuro. Mas não vou partir deste lugar ainda. De qualquer modo, devemos esperar pela luz do dia.

Um pouco além do campo de batalha montaram acampamento sob uma grande árvore: parecia uma castanheira, e apesar disso ainda tinha muitas folhas amarronzadas de anos anteriores, como mãos secas com dedos longos e oblíquos que se batiam tristemente na brisa da noite.

Gimli tremeu. Tinham trazido apenas um cobertor para cada um.

— Vamos acender uma fogueira — disse ele. — Não me preocupo mais com o perigo. Que os orcs venham como um bando de mariposas em volta de uma lamparina no verão!

— Se esses hobbits infelizes estão perdidos na floresta, o fogo poderia trazê-los para cá — disse Legolas.

— E poderia também trazer outras coisas, nem orcs nem hobbits — disse Aragorn. — Estamos perto das fronteiras das montanhas do traidor Saruman. Também estamos bem no limite de Fangorn, e é perigoso tocar as árvores dessa floresta, pelo que se comenta.

— Mas os rohirrim fizeram uma grande fogueira aqui ontem — disse Gimli — e derrubaram árvores para fazer o fogo, como se pode ver. Apesar disso, passaram a noite em segurança, após terminado o trabalho.

— Eles eram muitos — disse Aragorn —, e não deram atenção à ira de Fangorn, pois raramente chegam até aqui, e não andam sob as árvores. Mas

nossas trilhas provavelmente vão nos conduzir exatamente para o coração da própria floresta. Por isso, tenham cuidado! Não cortem nenhuma madeira viva!

— Não é preciso — disse Gimli. — Os Cavaleiros deixaram galhos tocos em quantidade suficiente, e há muita madeira morta. — Saiu para recolher lenha, e se ocupou em preparar e acender uma fogueira; mas Aragorn ficou sentado em silêncio, recostado à grande árvore, mergulhado em pensamentos. Legolas ficou parado sozinho no espaço aberto, olhando na direção da profunda sombra da floresta, inclinando-se para a frente, como alguém que tenta escutar vozes chamando de um lugar distante.

Quando o anão conseguiu manter uma pequena chama ardente, os três companheiros se aproximaram da fogueira e sentaram-se próximos, escondendo a luz com suas formas encapuzadas. Legolas levantou os olhos para os ramos da árvore que se estendiam acima deles.

— Olhem! — disse ele. — A árvore está feliz com o fogo!

Pode ser que as sombras dançantes tivessem enganado os olhos dos três, mas a todos eles pareceu que os galhos estavam se inclinando para um lado e para o outro, a fim de se aproximar das chamas, enquanto os ramos mais altos pareciam estar se abaixando; as folhas castanhas se sobressaíam rígidas, e se esfregavam umas às outras como muitas mãos frias e rachadas se reconfortando no calor.

Fez-se silêncio, pois de repente a floresta escura e desconhecida, tão Próxima, fez-se sentir como uma grande presença pairando no ar, cheia de propósitos secretos.

Depois de um tempo, Legolas falou outra vez.

— Celeborn nos avisou para não avançarmos muito no interior de Fangorn — disse ele. — Você sabe a razão disso, Aragorn? Quais são as fábulas sobre a floresta que Boromir ouviu?

— Ouvi muitas histórias em Gondor e em outros lugares — disse Aragorn mas se não fosse pelas palavras de Celeborn eu as consideraria apenas como fábulas que os homens criam quando desaparece o verdadeiro conhecimento. Pensei em perguntar a você o que havia de verdade nesse assunto. E, se um elfo da Floresta não sabe, como pode um homem responder?

— Você viajou a lugares mais distantes que eu — disse Legolas. — Nunca ouvi nada sobre isso em minha própria terra, a não ser as canções que contam como os orodrim, que os homens chamam de ents, moraram aqui há muito tempo; Fangorn é antiga, mesmo para os cômputos dos elfos.

— Sim, é antiga — disse Aragorn. — Antiga como a floresta ao lado das Colinas dos Túmulos, e é muito maior. Elrond diz que as duas são aparentadas, as últimas fortalezas das poderosas florestas dos Dias Antigos nas quais os Primogênitos perambulavam quando os homens ainda dormiam. Mas Fangorn guarda um segredo próprio. E não sei qual é.

— E eu não quero saber — disse Gimli. — Que nada que vive em Fangorn se incomode por minha causa!

Tinham feito um sorteio para ver quem ia fazer a guarda, e o primeiro turno caiu para Gimli. Os outros se deitaram. Quase imediatamente, o sono lhes sobreveio.

— Gimli! — disse Aragorn sonolento. — Lembre-se, é perigoso cortar galhos ou ramos de uma árvore viva em Fangorn. Mas não se afaste muito à procura de madeira morta. Antes deixe que a fogueira se apague. Chame-me se precisar! — Com isso adormeceu.

Legolas já estava deitado sem se mexer, as belas mãos cruzadas sobre o peito, os olhos abertos misturando a noite de vigília a um sono profundo, como fazem os elfos. Gimli se sentou arqueado perto do fogo, passando o polegar ao longo da lâmina de seu machado, pensativamente. A árvore farfalhou. Não havia qualquer outro som.

De repente Gimli levantou os olhos e ali, bem no limiar da luz do fogo, estava um velho curvado, apoiando-se num cajado, coberto por uma grande capa; o chapéu de abas largas cobria-lhe os olhos. Gimli pulou de pé, surpreso demais naquele momento para gritar, embora imediatamente tivesse vindo à sua mente o pensamento de que Saruman os havia pego. Aragorn e Legolas, acordados por seu movimento brusco, sentaram-se e olharam. O velho não falou nem fez qualquer sinal.

— Meu velho, que podemos fazer pelo senhor? — perguntou Aragorn, saltando de pé.

— Venha e se aqueça, se estiver com frio! — Avançou alguns passos, mas o velho havia desaparecido. Não se via qualquer vestígio dele nas

proximidades, e eles não ousaram procurar mais além. A lua havia-se posto, e a noite estava muito escura.

De repente, Legolas deu um grito.

— Os cavalos! Os cavalos!

Os cavalos tinham-se ido. Tinham arrastado as estacas e desaparecido. Por algum tempo, os três companheiros ficaram parados e em silêncio, preocupados com aquele novo golpe de má sorte. Estavam sob as fronteiras de Fangorn, e léguas intermináveis os separavam dos homens de Rohan, seus únicos amigos naquela terra ampla e perigosa.

Parados ali, tiveram a impressão de ouvir, bem distante na noite, o som de cavalos relinchando e relinchando. Depois tudo ficou quieto outra vez, a não ser pelo farfalhar frio do vento.

— Bem, eles se foram — disse Aragorn finalmente. — Não podemos encontrá-los ou capturá-los, de modo que, se não retornarem pela própria vontade, vamos ter de nos arranjar sem eles. Partimos com nossos próprios pés, que ainda temos.

— Pés! — disse Gimli. — Mas não podemos comê-los e ao mesmo tempo andar com eles. — Jogou um pouco de lenha na fogueira e caiu ao lado dela.

— Apenas algumas horas atrás, você não estava disposto a montar um Cavalo de Rohan — riu Legolas. — Agora já é um cavaleiro.

— Se querem saber o que eu penso — começou ele depois de uma pausa. — Acho que foi Saruman. Quem mais poderia ser? Lembrem-se das palavras de Éomer: ele anda por aí como um velho de capuz e capa. Foram essas as palavras que usou. Foi embora com nossos cavalos, ou os afugentou, e aqui estamos nós. Teremos mais problemas, prestem atenção ao que digo!

— Estou prestando atenção — disse Aragorn. — Mas prestei atenção também ao fato de que este velho estava usando um chapéu, e não um capuz. Mas mesmo assim não duvido que sua suposição esteja correta, e que estamos correndo perigo aqui, de noite ou de dia. Apesar disso, por enquanto não há nada que possamos fazer a não ser descansar.

Vou vigiar um pouco agora, Gimli. Tenho mais necessidade de pensar do que de dormir.

A noite passou devagar. Legolas rendeu Aragorn, e Gimli rendeu

Legolas, e a guarda de cada um deles se acabou. Mas nada aconteceu. C velho não apareceu de novo, e os cavalos não retornaram.

CAPÍTULO III : OS URUK-HAI

Pippin estava tendo um sonho sombrio e turbulento: tinha a impressão de escutar sua própria voz pequena ecoando em túneis negros, chamando Frodo! Frodo! Mas em vez de Frodo centenas de caras horrenda de orcs riam para ele de dentro das sombras, centenas de braços horrendos o agarravam por todos os lados. Onde estava Merry?

Acordou. Um ar frio bateu em seu rosto. Estava deitado de costas. A noite chegava, e o céu estava se apagando. Virou-se e percebeu que o sonho era pouco pior que a realidade. Tinha os pulsos, pernas e tornozelos amarrados por cordas.

Merry estava deitado ao lado, com o rosto lívido e um farrapo sujo cobrindo-lhe a fronte.

Por todos os lados em volta deles, uns sentados e outros de pé, estava um grande grupo de orcs.

Lentamente, na cabeça dolorida de Pippin, a memória foi juntando os pedaços e se separando das sombras dos sonhos. Estava claro: ele e Merry tinham fugido para a floresta. O que tinha dado neles? Por que tinham saído correndo daquele modo, nem dando atenção ao velho Passolargo? Tinham corrido um bom pedaço, gritando — ele não podia se lembrar da distância ou por quanto tempo; então, de repente, tinham dado de cara com um grupo de orcs: estavam parados escutando, e pareciam não ter visto Merry e Pippin até que eles estivessem quase em seus braços. Então gritaram e dúzias de outros orcs pularam das árvores. Merry e ele puxaram as espadas, mas os orcs não queriam lutar, e só tentaram prendê-los, mesmo depois de Merry ter decepado várias mãos e vários braços.

Então Boromir tinha chegado, saltando através das árvores. Tinha-o feito lutar.

Matou muitos deles e o resto fugiu. Mas os três não tinham avançado muito no caminho de volta quando foram atacados de novo, por Pelo menos uma centena de orcs, alguns deles muito grandes, que atiraram uma chuva de flechas: sempre em Boromir. Boromir tocou sua cometa até que a floresta reverberou, e a princípio os orcs ficaram amedrontados e recuaram; mas quando não veio nenhuma resposta a não ser o eco eles atacaram com mais

ferocidade que nunca. Pippin não lembrava muito mais.

Sua última lembrança era a de Boromir se apoiando numa árvore arrancando de seu corpo uma flecha; depois disso, a escuridão caiu de repente.

— Acho que me bateram na cabeça — disse ele consigo mesmo. — Pergunto-me se o pobre Merry não está muito ferido. Que aconteceu con Boromir? Por que os orcs não nos mataram? Onde estamos e para ond vamos?

Não conseguia responder as perguntas. Sentia-se doente e com frio.

"Gostaria que Gandalf não tivesse persuadido Elrond a permitir qu viéssemos", pensou ele. "Que fiz de bom? Nada: fui só um peso morto, un passageiro, uma peça de bagagem. E agora fui raptado e sou uma peça de bagagem para os orcs.

Espero que Passolargo ou alguém venha nos reclamar! Mas será qu devo alimentar essa esperança? Isso não estragaria todos os planos? Gostaria de poder me libertar!" Tentou por uns momentos, mas foi totalmente inútil. Um dos orcs que estava sentado ali perto riu e disse alguma coisa a um companheiro na sua língua abominável.

— Descanse enquanto puder, pequeno tolo! — disse ele então a Pippin, na Língua Geral, que na sua boca parecia tão horrenda quanto própria língua deles. — Descanse enquanto puder! Vamos achar uma utilidade para suas pernas logo, logo.

Vai desejar não ter nenhuma antes de chegarmos em casa.

— Se pudesse escolher, gostaria que vocês estivessem mortos agora disse o outro. — Faria você guinchar, seu rato miserável! — Abaixou-se sobre Pippin, aproximando suas presas amarelas do rosto dele. Tinha na mão uma faca preta com uma lâmina denteada. — Fique quieto, ou vou fazer cócegas em você com isto — disse ele num chiado.

— Não atraia atenção sobre você, ou poderei esquecer minhas ordens. Malditos sejam os isengardenses! Uglúk u bagronk sha pushdug Saruman-glob búbhosh skai. — Passou a um discurso na própria língua que lentamente foi se transformando em resmungos e rosnados.

Apavorado, Pippin ficou imóvel, embora sentisse a dor aumentar nos pulsos e tornozelos, e as pedras sobre as quais estava deitado lhe

perfurassem as costas. Para tirar o pensamento de si próprio, escutava atentamente tudo o que conseguia ouvir. Havia muitas vozes ao redor, e embora a língua dos orcs soasse sempre cheia de ódio e raiva parecia que alguma coisa semelhante a uma discussão tinha começado, e estava ficando mais acirrada.

Para a sua própria surpresa, percebeu que grande parte da conversa era inteligível; muitos orcs estavam usando uma linguagem comum.

Aparentemente, membros de duas ou três tribos completamente diferentes estavam presentes, e não podiam entender a língua uns dos outros. Houve uma discussão acalorada sobre o que deveriam fazer: que caminho deviam tomar e o que devia ser feito com os prisioneiros.

— Não há tempo para matá-los adequadamente — disse um. — Não há tempo para diversão nesta viagem.

— Isso não se pode evitar — disse um outro. — Mas por que não matá-los rápido, matá-los agora? São um incômodo desgraçado, e estamos compressa.

A noite está chegando, e devemos nos mexer e ir adiante.

— Ordens — disse uma terceira voz num rosnado grave. — Matem todos, mas NÃO os Pequenos; eles devem ser trazidos VIVOS o mais rápido possível. Isso é as minhas ordens.

— Por que os querem? — perguntaram muitas vozes. — Por que vivos? Eles dão bom divertimento?

— Não! Ouvi dizer que um deles tem uma coisa, uma coisa que é necessária para a Guerra, algum truque élfico ou outra coisa. De qualquer forma, os dois serão interrogados.

— É tudo o que você sabe? Por que não os revistamos para descobrir? Podíamos achar alguma coisa que nós mesmos poderíamos usar.

— Essa é uma observação muito interessante — zombou uma voz, mais suave e mais maligna que as outras. — Talvez eu tenha de reportar isso. NINGUÉM deve revistar ou roubar os prisioneiros: essas são as minhas ordens.

— E minhas também — disse a voz grave. — Vivos e como foram capturados; sem roubo. Isso é minhas ordens.

— Não nossas ordens — disse uma das vozes anteriores. — Fizemos

todos o caminho desde as Minas para matar e vingar nosso povo. Quero matar, e depois voltar para o norte.

— Então vai ficar querendo — disse a voz rosnante. — Sou Uglúk. Eu dou as ordens.

Volto para Isengard pelo caminho mais curto.

— Quem é o patrão: Saruman ou o Grande Olho? — disse a voz maligna. — Temos de voltar imediatamente para Lugbúrz.

— Se conseguíssemos atravessar o Grande Rio, poderíamos fazer isso — disse outra voz. — Mas não há um número suficiente de nós que se aventure pelo caminho das pontes.

— Eu a atravessei — disse a voz maligna. — Um Nazgúl alado esperou por nós na margem leste, ao norte.

— Talvez, talvez! Daí você vai fugir voando com nossos prisioneiros e ficar com toda a recompensa e os elogios em Lugbúrz, e deixar que nós voltemos a pé como pudermos através da Terra dos Cavalos. Não, vamos ficar juntos. Estas terras são perigosas: cheias de rebeldes e bandidos.

— É, devemos ficar juntos — rosnou Uglúk. — Não confio em você pequeno suíno.

Você manda em seu próprio chiqueiro. Se não fosse a gente, todos vocês teriam fugido.

Nós somos Uruk-hai guerreiros! Matamos o grande guerreiro Trouxemos os prisioneiros.

Somos servidores de Saruman, o Sábio, a Mão Branca: a Mão que nos dá carne humana para comer. Viemos de Isengard, e os trouxemos aqui, e vamos levá-los de volta pelo caminho que escolhermos. Sou Uglúk. Eu falei.

— Você falou mais que o suficiente, Uglúk — zombou a voz maligna Fico pensando se gostariam disso em Lugbúrz. Eles poderiam pensar que os ombros de Uglúk precisam ser aliviados do peso de uma cabeça inchada.

Poderiam perguntar de onde vieram suas estranhas ideias. Vieram de Saruman, talvez? Quem ele pensa que é, dando as ordens sozinho com suas nojentas insígnias brancas?

Talvez eles concordem comigo, com Grishnákh , o mensageiro em quem confiam; e eu, Grishnákh, digo isto: Saruman é um idiota, e um idiota sujo e traiçoeiro. Mas o Grande Olho está sobre ele.

— Suíno, é? O que vocês acham, pessoal, de serem chamados de suínos pelos dedos-duros de um maguinho sujo? Garanto que eles comem carne de orc.

Como resposta vieram muitos berros na língua dos orcs e o eco do tinido das armas sendo sacadas. Cuidadosamente, Pippin virou-se no chão tentando ver o que iria acontecer. Seus guardas tinham ido se juntar aos outros na briga. No crepúsculo, Pippin viu um orc negro e grande provavelmente Uglúk, em pé e encarando Grishnákh, uma criatura de pernas curtas e tortas, muito entroncada e com longos braços que chegavam quase até o chão. Em volta deles estavam muitos outros orcs menores. Pippin imaginou que estes eram os do norte. Estavam empunhando facas e espadas, mas hesitavam em atacar Uglúk.

Uglúk gritou, e muitos orcs que tinham quase o tamanho dele correram na direção onde estava. Então, de repente, sem avisar, Uglúk saltou à frente, e com dois golpes rápidos decepou as cabeças de dois adversários. Grishnákh pulou de lado e desapareceu dentro das sombras. Os outros recuaram, e um deles, dando um passo para trás, caiu sobre a figura prostrada de Merry soltando um palavrão. Mas provavelmente isso salvou a vida do hobbit, pois os seguidores de Uglúk saltaram sobre ele e mataram um outro com suas espadas de lâminas largas. Era o guarda de presas amarelas. Seu corpo caiu bem em cima de Pippin, ainda segurando sua longa faca serrilhada.

— Levantem suas armas! — gritou Uglúk. — E vamos deixar de besteira! Vamos para o oeste direto daqui, e vamos descer a escada. Dali, direto para as colinas, depois ao longo do rio até a floresta. E marchar dia e noite. Está claro? "Agora", pensou Pippin, "se demorar um pouco até esse camarada horroroso conseguir controlar sua tropa, eu terei uma chance." Teve um laivo de esperança. A lâmina da faca negra tinha cortado seu braço, e depois deslizado até o pulso.

Sentiu que o sangue lhe escorria até a mão, mas também sentiu o toque frio do aço contra a pele.

Os orcs estavam se aprontando para marchar outra vez, mas alguns do norte ainda estavam relutando, e os isengardenses mataram mais dois antes que o resto fosse dominado.

Havia grande confusão e xingamento. Naquele momento, ninguém vigiava Pippin, que tinha as pernas bem presas, mas os braços amarrados só pelos pulsos, com as mãos à frente do corpo. Conseguia mexer as duas juntas, embora as cordas estivessem muito apertadas.

Empurrou o orc morto para um lado e depois, mal ousando respirar, movimentou o nó da corda que prendia o pulso contra a lâmina da faca. Era afiada e a mão morta ainda a segurava com firmeza. A corda foi cortada! Rapidamente, Pippin a tomou nos dedos e atou-a como uma pulseira larga de duas voltas, e passou-a sobre as mãos outra vez.

Depois ficou deitado e bem quieto.

— Peguem os prisioneiros! — gritou Uglúk. — Não brinquem com eles! Se não estiverem vivos quando voltarmos, alguém mais vai ter de morrer também.

Um orc agarrou Pippin como um saco, pôs sua cabeça entre as mãos amarradas do hobbit, segurou-lhe os braços puxando-os para baixo, até que o rosto de Pippin ficasse contra seu pescoço; depois saiu levando-o consigo. Um outro deu o mesmo tratamento a Merry. A mão em garra do orc prendeu como ferro o braço de Pippin; as unhas entraram-lhe na carne. Ele fechou os olhos e voltou aos seus sonhos terríveis.

De repente, foi jogado novamente ao chão. A noite estava começando, mas a lua fina já descia em direção ao oeste. Estavam na beira de um penhasco que parecia se debruçar sobre um mar de névoa pálida. Havia um som de água caindo ali perto.

Os batedores finalmente chegaram — disse um orc que estava próximo. Bem, o que vocês descobriram? — rosnou a voz de Uglúk.

Apenas um único cavaleiro, e ele foi para o oeste. Tudo está claro agora.

Agora, talvez. Mas por quanto tempo? Seus idiotas! Deviam te atirado nele. Ele vai dar o alarme. Os malditos criadores de cavalos vão ouvir falar de nós pela manhã.

Agora vamos ter de redobrar a velocidade da marcha.

Uma sombra se curvou sobre Pippin. Era Uglúk. — Sente-se — disse o orc. — Meus rapazes estão cansados de carregar vocês. Precisamos descer, e vocês vão ter de usar as próprias pernas. Sejam bonzinhos agora. Não

gritem, nem tentem escapar. Temos modos de recompensar trapaças que vocês vão detestar, embora também não estraguem a utilidade que possam ter para o Mestre.

Cortou os nós das pernas e tornozelos de Pippin, ergueu-o pelos cabelos e colocou-o de pé. Pippin caiu, e Uglúk o levantou pelos cabelos outra vez.

Vários orcs riram.

Uglúk abriu um cantil com os dentes e derramou um Pouco de líquido ardente na garganta de Pippin: ele sentiu uma quentura forte fluir-lhe pelo corpo. A dor de suas pernas e tornozelos desapareceu. Conseguiu ficar de pé.

— Agora, para o outro — disse Uglúk. Pippin o viu ir até Merry, que estava deitado ali perto, e chutá-lo. Merry resmungou. Agarrando-o de forma rude, Uglúk o colocou sentado e rasgou a banda que lhe envolvia a cabeça.

Então esfregou o ferimento com alguma coisa escura que retirou de uma caixa de madeira.

Merry gritou e se debateu alucinado. Os orcs bateram palmas e vaiaram. — Não consegue tomar o remédio — caçoaram eles. — Não sabe o que é bom para ele. Ai! Vamos nos divertir mais tarde.

Mas naquele momento Uglúk não estava para brincadeiras. Precisava se apressar e tinha de reanimar seguidores indispostos. Estava curando Merry à maneira dos orcs, e seu tratamento deu resultado rápido. Depois forçou o hobbit a beber o líquido do cantil e cortou as amarras de suas pernas, colocando-o de pé; Merry conseguiu se sustentar, com uma aparência pálida mas severa e desafiadora, e muito viva. O corte em sua testa não o incomodava mais, mas ele ficou com uma cicatriz escura para o resto da vida.

— Alô, Pippin! — disse ele. — Então você também veio nesta pequena expedição?

Onde conseguimos cama e comida?

— Agora! — disse Uglúk. — Nada disso! Segurem suas línguas. Nada de conversas.

Qualquer problema será reportado na chegada, e Ele saber á como

recompensá-los. Vocês vão ter cama e comida sim: muito mais do que puderem aguentar.

O bando de orcs começou a descer uma pequena garganta que conduzia à planície cheia de névoa. Merry e Pippin, separados por uma dúzia ou mais de orcs, desceram com eles. Na planície, seus pés tocaram o capim, e os corações dos hobbits ficaram mais leves.

— Agora, sempre em frente! — gritou Uglúk. — Para o oeste e um pouco ao norte. Sigam Lugdúsh.

— Mas o que vamos fazer quando o dia chegar? — perguntaram alguns dos orcs do norte.

— Continuar correndo — disse Uglúk. — Que estão pensando? Que vamos sentar no chão e esperar que os Peles-Brancas se juntem ao piquenique?

— Mas não podemos correr à luz do sol.

— Vocês vão correr porque eu vou atrás de vocês — disse Uglúk. — Corram! Ou nunca mais verão suas adoradas tocas. Pela Mão Branca! Que adianta trazer esses vermes das montanhas numa viagem, sem um treinamento completo? Corram, seus malditos. Corram enquanto a noite durar!

O grupo todo começou a correr no trote largo dos orcs. Não iam em ordem, entrechocando-se, dando empurrões e xingando; apesar disso, avançavam com grande velocidade.

Cada hobbit tinha uma guarda de três orcs. Pippin estava no fim da fila.

Perguntava-se por quanto tempo aguentaria ir naquele passo: não tinha comido nada desde a manhã. Um de seus guardas tinha um chicote. Mas no momento a bebida dos orcs ainda agia sobre ele. Sua percepção também estava bem acordada.

De quando em quando vinha-lhe à mente, sem ser invocada, uma visão do rosto arguto de Passolargo se curvando sobre uma trilha escura, e correndo, correndo atrás.

Mas o que poderia alguém ver, mesmo que fosse um guardião, além de uma trilha confusa de pés de orcs? Suas próprias pegadas e as de Merry estavam sendo cobertas pelo pisotear dos sapatos com cravos dos orcs, à

frente, atrás, e em toda a volta deles.

Tinham avançado uma milha ou um pouco mais desde o desfiladeirc quando o terreno começou a descer numa depressão larga e rasa, onde o solo era macio e molhado.

Havia névoa ali, reluzindo pálida aos últimos raios da lua em forma de foice.

As figuras escuras dos orcs ficaram apagadas, e eles foram engolidos pela névoa.

— Ei! Calma agora! — gritou Uglúk de trás.

Um pensamento súbito veio à mente de Pippin, e ele o pôs em prática imediatamente. Afastou-se para o lado, e mergulhou para longe dc alcance dos guardas, para dentro da névoa; caiu estatelado no capim.

— Parem! — gritou Uglúk.

Por um momento, houve tumulto e confusão. Pippin saltou de pé e correu.

Mas os orcs foram atrás. Alguns apareceram de repente bem diante dele. "Sem esperanças de escapar!", pensou Pippin. "Mas existe uma esperança de que eu possa ter deixado algumas de minhas próprias pegadas no chão molhado, e de que elas não sejam desmanchadas." Levou as duas mãos amarradas à garganta e soltou o broche de sua capa.

No momento em que braços longos e garras fortes o pegaram, deixou o broche cair no chão. "Acho que vai ficar ali até o fim dos tempos", pensou ele. "Não sei por que fiz isso.

Se os outros escaparam, devem ter ido com Frodo."

Um chicote se enrolou em suas pernas e ele sufocou um grito.

— Basta! — gritou Uglúk, correndo na direção deles. — Ele ainda tem um longo caminho a percorrer. Obriguem os dois a correr. Usem os chicotes apenas como lembrete.

— Mas não é só isso — rosnou ele, voltando-se para Pippin. — Não vou esquecer. A recompensa foi apenas adiada. Corram!

Nem Pippim nem Merry se lembraram da parte posterior da viagem Sonhos maus e despertares piores se misturaram num longo túnel de miséria, com a esperança sempre diminuindo e ficando para trás. Correram e correram, esforçando-se para manter o passo com os orcs, lambidos de

quando em quando por um chicote habilmente manuseado.

Se paravam ou tropeçavam, eram agarrados e arrastados por algum espaço.

A quentura da bebida dos orcs tinha-se acabado. Pippin se sentia doente e com frio outra vez. De repente, caiu de cara no chão. Mãos fortes com unhas cortantes o ergueram.

Foi de novo carregado como um saco, e a escuridão cresceu à sua volta: se era outra noite ou uma cegueira nos olhos, ele não poderia dizer.

Lentamente, tomou consciência de vozes clamando. Parecia que muitos orcs estavam pedindo uma parada. Uglúk gritava. Sentiu-se sendo jogado ao chão, e ali ficou como caiu, até que sonhos negros tomassem conta dele. Mas não escapou da dor por muito tempo; logo a pinça de ferro de mãos impiedosas estava sobre ele outra vez. Por um tempo foi sacudido e jogado, até que lentamente a escuridão cedeu, e ele acordou outra vez, percebendo que era de manhã. Houve gritos de ordens e ele foi jogado rudemente no capim.

Ali ficou por um tempo, lutando contra o desespero. A cabeça rodava, mas pela quentura do corpo percebeu que lhe tinham dado mais um gole. Um orc se abaixou sobre ele, e jogou-lhe um pouco de pão e uma tira crua de carne-seca. Pippin comeu o pão velho e cinzento com avidez, mas não a carne. Estava esfomeado, mas não esfomeado a ponto de comer carne que lhe tinha sido jogada por um orc, a carne de uma criatura que ele não ousava adivinhar qual seria.

Sentou-se e olhou ao redor. Merry não estava longe. Estavam à margens de um rio veloz e estreito. À frente assomavam montanhas: um pico alto capturava os primeiros raios do sol. Uma mancha escura da floresta se deitava nas encostas mais baixas diante deles.

Ouvia-se grande gritaria e discussão entre os orcs; parecia que uma briga estava a ponto de começar outra vez entre os do norte e os de Isengard.

Alguns apontavam para trás na direção sul, e outros apontavam para o oeste.

— Muito bem — disse Uglúk. — Deixem-nos comigo, então! Nada de matar, como eu já lhes disse antes; mas se querem jogar fora o que viajamos

tanto para conseguir, então joguem fora. Vou tomar conta disso. Que o Uruk hai guerreiros façam o trabalho, como sempre. Se estão com medo dos Peles Brancas, corram! Corram! Ali está a floresta — gritou ele, apontand para frente. — Entrem nela! É a melhor esperança que têm. Podem ir! F rápido, antes que eu corte mais algumas cabeças, para botar algum juízo nas outras.

Houve algum xingamento e tumulto, e depois a maioria dos orcs dc norte se separaram e se distanciaram, mais de uma centena deles, correndo alucinadamente ao longo do rio em direção às montanhas. Os hobbits foram deixados com os isengardenses: um bando de orcs horríveis e escuros, pelo menos oitenta deles: grandes, de pele escura e olhos oblíquos, com grandes arcos e espadas largas de lâminas curtas. Alguns dos orcs do norte maiores e mais fortes permaneceram com eles.

— Agora vamos cuidar de Grishnákh — disse Uglúk, mas algun elementos de seu próprio bando estavam olhando inquietos para o sul.

— Eu sei — rosnou Uglúk. — Os malditos cavaleiros perceberam nosso rastro. Mas isso é culpa sua, Snaga. Você e os outros batedore deveriam ter as orelhas arrancadas. Mas nós somos os guerreiros. Vamos nos banquetear com carne de cavalo, ou coisa melhor.

Naquele momento, Pippin viu por que alguns da tropa tinhan apontado para o leste. Daquela direção chegavam agora gritos roucos, e ali estava Grishnákh outra vez, e atrás dele uns vinte outros como ele: orcs de braços longos e pernas tortas. Uglúk avançou para encontrá-los.

— Então vocês voltaram? — disse ele. — Pensaram melhor, hein?

— Voltei para me certificar de que as ordens estão sendo cumpridas e os prisioneiros estão a salvo — respondeu Grishnákh.

— É mesmo? — disse Uglúk. — Esforço desperdiçado. Eu vou cuida para que as ordens sejam cumpridas sob meu comando. E por que mais voltaram? Vocês foram correndo. Deixaram para trás alguma coisa?

— Deixei um idiota — rosnou Grishnákh. — Mas havia algun camaradas fortes com ele que são bons demais para se perder. Eu sabia que você os conduziria para uma bagunça. Vim ajudá-los.

— Esplêndido! — disse Uglúk rindo. — Mas a não ser que tenha fibr para lutar você pegou o caminho errado. Lugbúrz: era nosso caminho. Os

Peles Brancas estão chegando.

Que aconteceu com seu precioso Nazgúl? Teve outra de suas montarias abatida? Agora, se você o trouxesse junto, isso poderia ser útil — se esses Nazgúl são tudo o que fingem ser.

— Nazgúl, Nazgúl! — disse Grishnákh, tremendo e lambendo o lábios, como se a palavra tivesse um gosto ruim que ele saboreava com sofrimento.

— Você fala do que está muito além do alcance de seus sonhos sujos, Uglúk disse ele. — Nazgúl! Ah! Tudo o que fingem ser! Um dia você va desejar não ter dito isso.

— Seu macaco! — rosnou ele com ferocidade. — Você precisa saber que eles são a menina-do-Grande-Olho. Mas o Nazgúl alado, por enquant não, ainda não. Ele não permitirá que se mostrem do outro lado do Grande Rio. Não tão cedo. Eles são para a guerra — e outras finalidades.

— Parece que você sabe muito — disse Uglúk, — Mais do que lhe convém, eu acho.

Talvez aqueles que estão em Lugbúrz possam querer saber como, e por quê. Mas enquanto isso os Uruk-hai de Isengard podem fazer o serviço sujo, como sempre. Não fiquem aqui bajulando. Reúna a sua canalha! O outros suínos estão correndo para dentro da floresta. É melhor segui-los. Você não retornaria vivo ao Grande Rio. Vamos andando! Agora! Vou esta bem atrás de você.

Os isengardenses pegaram Merry e Pippin de novo e os jogaram sobre as costas.

Depois a tropa partiu. Hora após hora eles correram, parando de vez em quando apenas para entregar os hobbits a carregadores descansados.

Talvez por serem mais rápidos e resistentes, ou então devido a algum plano de Grishnákh, os isengardenses gradualmente passaram pelos orcs de Mordor, e o pessoal de Grishnákh se fechou atrás deles. Logo já estavam levando vantagem sobre os do norte que iam à frente. A floresta começou a se aproximar.

Pippin estava escoriado e com cortes, a cabeça dolorida raspando na mandíbula nojenta e na orelha peluda do orc que o carregava.

Imediatamente à frente iam costas arcadas, e pernas grossas e fortes

subiam e desciam, subiam e desciam, incansáveis, como se fossem feitas de fibra e força, marcando os segundos de um pesadelo interminável.

Durante a tarde, a tropa de Uglúk ultrapassou os orcs de Mordor. Eles estavam ficando fatigados com os raios brilhantes do sol, embora fosse apenas um sol de inverno reluzindo num céu frio e pálido; estavam com as cabeças curvadas e as línguas de fora.

— Vermes! — zombavam os isengardenses. — Vocês estão fritos. Os Peles Brancas vão capturá-los e comê-los. Eles estão chegando!

Um grito de Grishnákh demonstrou que isso não era uma simples brincadeira.

Cavaleiros, cavalgando muito rápido, tinham realmente sido vistos: ainda bem atrás, mas avançando mais depressa que os orcs, ganhando terreno como uma onda que avança sobre uma planície onde pessoas estão sendo tragadas pela areia movediça.

Os isengardenses começaram a correr num ritmo duas vezes maior, o que deixou Pippin atônito, parecia um arranque espetacular no final de uma corrida. Então ele viu que o sol afundava, caindo atrás das Montanhas Sombrias; as sombras cobriram toda a terra.

Os soldados de Mordor ergueram as cabeças e também começaram a aumentar a velocidade. A floresta era escura e densa. Já tinham ultrapassado algumas árvores externas. O terreno começava a subir, ficando cada vez mais íngreme; mas os orcs não pararam. Tanto Uglúk como Grishnákh gritavam, incitando-os a avançar num último esforço.

"Eles ainda vão conseguir. Vão escapar", pensou Pippin. Então conseguiu virar o pescoço, a fim de olhar para trás por sobre os ombros com um olho. Viu que os cavaleiros no leste já estavam emparelhados com os orcs, galopando sobre a planície.

O sol que se punha dourava suas lanças e capacetes, e reluzia em seus cabelos claros e esvoaçantes. Estavam cercando os orcs, impedindo que se espalhassem, e conduzindo-os ao longo da linha do rio.

Queria muito saber que tipo de povo eram eles. Gostaria agora de ter aprendido mais em Valfenda, e examinado mais mapas e coisas; mas naqueles dias os planos para a jornada pareciam estar em mãos mais competentes, e ele jamais tinha considerado a hipótese de se separar de

Gandalf, ou de Passolargo, ou mesmo de Frodo. Tudo que podia lembrar de Rohan era que aquele cavalo de Gandalf, Scadufax, tinha vindo daquela terra.

Esse fato lhe trazia esperanças.

"Mas como vão saber que não somos orcs? —, pensou ele. "Não acho que tenham ouvido falar em hobbits por aqui. Acho que devo ficar feliz com a probabilidade de esses orcs animalescos serem destruídos, mas gostaria mais se fosse salvo." As chances eram de que ele e Merry fossem mortos juntos com os que os capturaram, antes mesmo que os homens de Rohan tomassem conhecimento deles.

Alguns dos cavaleiros pareciam ser arqueiros., treinados para atirar de um cavalo em movimento. Cavalgando rápido para ficarem ao alcance, eles atiraram flechas nos orcs que estavam mais atrás, e vários caíram; então os cavaleiros saíram do alcance das flechas dos inimigos, que atiravam alucinadamente, não ousando parar.

Isso aconteceu várias vezes, e em uma ocasião as flechas caíram entre os isengardenses. Um deles, bem à frente de Pippin, tropeçou e não se levantou mais.

A noite caiu sem que os cavaleiros se aproximassem para a batalha. Muitos orcs tinham caído, mas com certeza uns duzentos ainda restavam. Na escuridão precoce os orcs encontraram um montículo. As bordas da floresta estavam muito próximas, provavelmente a menos de seiscentos metros de distância, mas eles não conseguiam avançar mais. Os cavaleiros tinham feito um círculo em volta deles. Um pequeno grupo desobedeceu a ordem de Uglúk, e continuou correndo para a floresta: só três retornaram.

— Bem, aqui estamos — zombou Grishnákh. — ótima liderança Espero que o grande Uglúk nos tire do perigo outra vez.

— Ponha esses Pequenos no chão! — ordenou Uglúk, sem da atenção a Grishnákh. — Você, Lugdúsh, pegue mais dois e fique vigiando Eles não devem ser mortos, a não ser que os nojentos Peles-Brancas invadam nosso grupo. Entendeu? Enquanto eu estiver vivo, eu os quero. Mas ele não devem gritar e nem ser resgatados. Prenda as pernas deles!

A última parte da ordem foi cumprida impiedosamente. Mas Pippin viu que pela primeira vez estava perto de Merry. Os orcs estavam fazendo

um enorme barulho, gritando e batendo as armas, e os hobbits conseguiram conversar aos sussurros por uns momentos.

— Não tenho multa esperança de sair dessa situação — disse Merry Sinto-me quase morto. Não acho que conseguiria me arrastar para longe mesmo que estivesse livre.

— Lembas! — sussurrou Pippin. — Lembas: eu tenho um pouco Você tem? Não acho que nos tiraram outras coisas a não ser as espadas.

— Sim, eu tinha um pacote no bolso — respondeu Merry —, mas deve estar reduzido a migalhas. De qualquer forma, não consigo pôr a boca em meu bolso!

— Não vai ter de fazer isso. Eu... — Mas nesse mesmo momento um chute impiedoso avisou Pippin que o barulho tinha diminuído, e que os guardas estavam alerta.

A noite estava fria e quieta. Por toda a volta do pequeno monte onde os orcs estavam reunidos, pequenas fogueiras apareceram, num vermelho dourado naquela escuridão, um círculo completo delas. Estavam no raio de um tiro longo de flecha, mas os cavaleiros não se mostravam contra a luz, e os orcs desperdiçaram muitas flechas atirando nas fogueiras, até que Uglúk mandou que parassem. Os cavaleiros não faziam ruído algum. Mais tarde da noite, quando a lua saiu da névoa, eles podiam às vezes ser vistos, figuras sombrias que cintilavam uma vez ou outra na luz branca, conforme se moviam numa patrulha ininterrupta.

— Eles vão esperar o sol, malditos! — resmungou um dos guardas. — Por que não nos reunimos e atacamos? O que o velho Uglúk pensa que est. fazendo? Gostaria de saber!

— Garanto que gostaria — rosnou Uglúk, chegando por trás. — Que dizer que eu não penso nada, né? Malditos! Vocês são tão péssimos quanto a outra canalha: os vermes e macacos de Lugbúrz. Não adianta tentar atacar com eles. Só iriam gritar e fugir feito raios, e há mais cavaleiros que o suficiente para varrer nosso grupo da planície.

— Só há uma coisa que esses vermes conseguem fazer: eles enxergam no escuro como corujas. Mas esses Peles-Brancas têm uma visão noturn. melhor que a maioria dos homens, por tudo que já ouvi dizer; e não se esqueça dos cavalos! Eles enxergam a brisa da noite, ou pelo menos é o que

se diz. Apesar disso, há uma coisa que esses gentis companheiros não sabem: Mauhúr e seus rapazes estão na floresta, e devem aparecer a qualquer momento.

As palavras de Uglúk foram o bastante, aparentemente, para satisfazer os isengardenses, mas os outros orcs estavam desmotivados e rebeldes. Colocaram alguns vigias, mas a maioria deles se deitava no chão, descansando na escuridão agradável.

Ficou realmente muito escuro outra vez, pois a lua passou ao leste, sendo coberta por uma densa nuvem, e Pippin não conseguia ver nada a mais de um metro de distância. As fogueiras não traziam luz ao montículo. Entretanto, os cavaleiros não estavam satisfeitos simplesmente em esperar a aurora e deixar que os inimigos descansassem. Um grito repentino no lado leste do pequeno monte mostrou que alguma coisa estava errada.

Parecia que alguns homens tinham chegado mais perto e descido dos cavalos, arrastando-se até o acampamento e matando vários orcs, e depois tinham desaparecido outra vez.

Uglúk se atirou naquela direção para evitar uma debandada.

Pippin e Merry se sentaram. Os guardas, isengardenses, tinham ido com Uglúk.

Mas se os hobbits chegaram a pensar em fugir esse pensamento foi logo frustrado. Um braço comprido e peludo os pegou pelo pescoço e os trouxe para perto um do outro.

Perceberam vagamente a grande cabeça de Grishnákh e seu rosto odioso entre eles; o hálito nojento do orc batia-lhes nas bochechas. Começou a apalpá-los e tateá-los. Pippin tremeu quando os dedos duros e gelados desceram pelas suas costas.

— Bem, meus pequeninos! — disse Grishnákh num sussurro suave. Gostando do descanso? Ou não? Lugar um pouco inadequado, talvez, espadas e chicotes de um lado, e lanças incômodas do outro! Pessoas pequenas não deviam se meter em coisas grandes demais para elas. Os dedos continuavam procurando alguma coisa.

Havia uma luz semelhante a um fogo pálido, mas quente, em seus olhos.

O pensamento chegou de repente à mente de Pippin, como se

capturado diretamente da ideia óbvia do próprio inimigo: "Grishnákh sabe do Anel! Está procurando, enquanto Uglúk está ocupado: provavelmente quer para si mesmo." Um pavor frio tomou conta do coração de Pippin, mas ao mesmo tempo ele pensava em como poderia se utilizar do desejo de Grishnákh.

— Acho que não vai encontrá-lo desta maneira — sussurrou ele. — Não é fácil de se encontrar.

— Encontrá-lo? — disse Grishnákh: seus dedos pararam de se mover e agarraram o ombro de Pippin. — Encontrar o quê? De que está falando pequenino?

Por um momento, Pippin ficou calado. Então, de repente, fez na escuridão um barulho com a garganta: gollum, gollum. — Nada, meu precioso acrescentou ele.

Os hobbits sentiram os dedos de Grishnákh se crispando. — Oh, oh Chiou o orc baixinho. — É disso que ele está falando, é? Oh, oh! Muito muito perigoso, meus pequeninos.

— Talvez — disse Merry, agora alerta e consciente da suposição de Pippin.

— Talvez: e não só para nós. Mas você sabe das suas coisas melhor que nós. Você o quer? E o que daria em troca?

— Se eu quero? Se eu quero? — disse Grishnákh, como se estivesse confuso; mas seus braços tremiam. — O que eu daria em troca? Que está querendo dizer?

— Queremos dizer — disse Pippin, escolhendo com cuidado as palavras — que não adianta ficar tateando no escuro. Poderíamos poupar tempo e problemas. Mas primeiro você tem de desamarrar nossas pernas, ou não faremos nada, e não diremos nada também.

— Meus queridos e ternos tolos — chiou Grishnákh —, tudo o que vocês têm e tudo o que sabem será tirado de vocês na hora certa: tudo! Vocês vão desejar ter mais coisas a dizer para satisfazer o Interrogador, ah se vão: logo, logo. Não vamos apressar o interrogatório, de jeito nenhum! Por que acham que foram mantidos vivos? Meus pequenos companheiros, acreditem quando digo que não foi por gentileza: esse não é sequer um dos defeitos de Uglúk.

— Acho muito fácil acreditar — disse Merry. — Mas vocês ainda não levaram seus prisioneiros para casa. E não parece que vão levar a melhor nessa situação, aconteça o que acontecer. Se chegarmos a Isengard, não será o grande Grishnákh o beneficiado: Saruman vai tomar tudo o que puder encontrar. Se você quer alguma coisa para si mesmo, agora é o momento de fazermos um trato.

Grishnákh começou a ficar zangado. O nome de Saruman parecia enraivecê-lo particularmente. O tempo passava e o tumulto estava diminuindo.

Uglúk ou os isengardenses podiam voltar a qualquer momento. — Estão com ele — um de vocês dois? — rosnou ele.

— Gollum, gollum! — disse Pippin.

— Desamarre nossas pernas! — disse Merry.

Sentiram os braços do orc tremendo violentamente. — Malditos sejam, seus pequenos vermes nojentos! — disse ele num chiado. — Desamarrar suas pernas. Vou desamarrar cada fibra de seus corpos. Acham que não posso revistá-los até os ossos? Revistá-los! Vou cortar os dois em tiras bem fininhas. Não preciso da ajuda de suas pernas para levá-los para longe, e ter vocês inteiramente para mim!

De repente agarrou-os. A força dos braços compridos e ombros era aterradora.

Meteu-os um debaixo de cada braço, e os apertou com força ao corpo; uma mão grande e sufocante cobria-lhes a boca. Depois, de um salto, saiu correndo agachado. Ia depressa e sem barulho, até chegar à beira do pequeno monte.

Ali, escolhendo um espaço entre os guardas, passou como uma sombra maligna para dentro da noite, descendo a encosta e dirigindo-se para o oeste na direção do rio que vinha da floresta. Naquela direção havia um espaço amplo e aberto, com apenas uma fogueira.

Depois de andar uns doze metros, ele parou, espiando e escutando. Não se via nem se ouvia nada. Continuou se arrastando devagar, quase totalmente curvado. Então agachou-se e escutou outra vez. Depois levantou-se como se fosse arriscar uma corrida súbita. Nesse mesmo momento, a figura escura de um cavaleiro se ergueu bem diante dele. Um

cavalo bufou e empinou. Um homem gritou.

Grishnákh se jogou no chão, arrastando os hobbits debaixo dele; entãc puxou a espada. Sem dúvida, sua ideia era matar os prisioneiros, antes de deixá-los escapar para serem resgatados; mas foi aí que ele errou. A espada ressoou baixinho, e reluziu um pouco à luz da fogueira que estava adiante, à sua esquerda.

Uma flecha veio da escuridão assobiando: desferida com habilidade, ou guiada pela sorte, atingiu a mão direita do orc, que deixou cair a espada e gritou. Ouviu-se a batida rápida de cascos, e no momento em que Grishnákh levantava e corria foi pisoteado e uma lança atravessou-lhe o corpo. Depois de um tremor e grito medonhos, caiu sobre o chão sem se mover mais.

Os hobbits continuaram deitados no solo, como Grishnákh os tinha deixado.

Outro cavaleiro veio depressa para ajudar seu companheiro. Fosse por alguma agudeza especial de visão, ou por algum outro sentido, o cavalo subiu e saltou sobre eles com leveza; mas o cavaleiro não os viu, pois estavam deitados e cobertos por suas capas élficas, arrasados e amedrontados demais naquele momento para se mexer.

Finalmente Merry se mexeu e sussurrou baixinho: — Até agora, tudo bem: mas como nós podemos evitar sermos espetados?

A resposta veio quase imediatamente. Os gritos de Grishnákh tinham despertado os orcs. Pelos gritos e guinchos vindos do montículo, os hobbits supuseram que seu desaparecimento fora descoberto: Uglúk provavelmente estava arrancando mais algumas cabeças. Então, de repente, vozes de orcs em gritos de resposta vieram da direita, de fora do círculo de fogueiras, da direção da floresta e das montanhas.

Aparentemente, Mauhúr tinha chegado e estava atacando os sitiadores. Ouviu-se o som de cavalos galopando. Os Cavaleiros estavam fechando o cerco em volta do pequeno monte, arriscando-se às flechas dos orcs de modo a prevenir qualquer outro ataque, enquanto um grupo se afastava para cuidar dos recém-chegados. De repente, Merry e Pippin perceberam que sem se mexer estavam agora fora do círculo: nada restava entre eles e a fuga.

— Agora — disse Merry —, se pelo menos nossos braços e pernas

estivessem livres, poderíamos escapar. Mas não consigo tocar os nós, e nãc Posso mordê-los.

— Nem precisa tentar — disse Pippin. — Eu ia lhe dizer: consegu libertar as mãos. Só deixei essas cordas como encenação. É melhor você comer um pouco de lembas primeiro.

Tirou as cordas dos pulsos e pescou um pacote do bolso. Os bolo estavam partidos, mas em bom estado, ainda embrulhados nas folhas. Os hobbits comeram dois ou três pedaços cada um. O gosto lhes trouxe de volta a lembrança de belos rostos e de riso e de boa comida em dias tranquilos agora distantes. Por uns momentos, comeram pensativamente, sentados nc escuro : sem dar atenção aos gritos e sons da batalha ali perto. Pippin foi c primeiro a voltar ao presente.

— Precisamos fugir — disse ele. — Só um momentinho! — A espad. de Grishnákh estava próxima, mas era pesada demais e desajeitada para que ele pudesse usá-la; então arrastou-se à frente, e encontrando o corpo do orc tirou da bainha uma faca longa e afiada.

Com ela cortou rapidamente as amarras.

— Agora vamos! — disse ele. — Quando estivermos um pouc aquecidos, talvez possamos ficar de pé outra vez, ou até caminhar. Mas de qualquer forma é melhor começarmos nos arrastando.

Arrastaram-se. A turfa era funda e mole, e isso os ajudou; mas parecia uma tarefa longa e demorada. Mantendo uma distância segura da fogueira, arrastaram-se como vermes, avançando pouco a pouco, até chegarem à beira do rio, que gorgolejava nas sombras sob suas margens altas. Entãc olharam para trás.

Os sons tinham sumido. Evidentemente, Mauhúr e seus "rapazes' tinham sido mortos ou derrotados. Os Cavaleiros tinham retornado à sua vigia silenciosa e agourenta.

Não duraria muito mais. A noite já estava bem avançada. No leste que tinha permanecido sem nuvens, o céu começava a clarear.

— Devemos procurar um abrigo — disse Pippin —, ou seremos vistos Não vai ser consolo para nós se alguns desses Cavaleiros descobrirem que não somos orcs depois que estivermos mortos. — Levantou-se e ficou de pé.

— Aquelas cordas me cortaram como arame, mas meus pés estão se

aquecendo de novo. Eu conseguiria andar agora, com alguma dificuldade. E você, Merry?

Merry ficou de pé. — Sim — disse ele. — Eu consigo. Lemba realmente injeta coragem na gente! E também uma sensação mais agradável que a quentura daquela bebida dos orcs. Pergunto-me do que é feita. Acho que é melhor não saber. Vamos tomar um gole de água e lavar a lembrança daquele gosto.

— Aqui não, as margens são muito escarpadas — disse Pippin. — Para a frente agora!

Voltaram-se e foram andando lado a lado ao longo do rio. Atrás deles a luz crescia no leste. Conforme caminhavam, iam comparando observações, conversando com leveza, à moda dos hobbits, sobre as coisas que tinham acontecido desde sua captura. Ninguém que escutasse suas palavras adivinharia que tinham sofrido cruelmente, e estado em perigo mortal, indo sem esperança em direção ao tormento e à morte, ou que mesmo agora, como eles bem sabiam, tinham pouca chance de reencontrar amigos ou segurança.

— Parece que você tem se saído bem, Mestre Túk — disse Merry. — Você vai conseguir quase um capítulo do livro do velho Bilbo, se eu tiver uma chance de contar a ele. Bom trabalho: principalmente decifrando o joguinho daquele vilão peludo, e fazendo o mesmo jogo. Mas me pergunto se alguém vai achar nossa trilha e pegar aquele broche.

Eu odiaria perder o meu. Mas receio que o seu está perdido para sempre.

— Vou ter de acelerar o passo, se quiser ficar emparelhado com você. Na verdade, o Primo Brandebuque vai na frente agora. É aqui que ele entra. Não acho que você tenha muita noção de onde está, mas gastei meu tempo em Valfenda de forma mais produtiva.

Estamos indo para o oeste, ao longo do Entágua. A extremidade das Montanhas Sombrias está à nossa frente, e também a Floresta de Fangorn.

Enquanto falava, a borda escura da floresta assomou bem diante deles.

Parecia que a noite tinha se refugiado sob aquelas enormes árvores, fugindo da Aurora que se aproximava.

— Conduza-nos para frente, Mestre Brandebuque! — disse Pippin — Ou para trás!

Fomos avisados para não entrar em Fangorn. Mas alguém tão sabido não esqueceria isso.

— Eu não esqueci — respondeu Merry -, mas, mesmo assim, entrar na floresta me parece melhor do que voltar para o meio da batalha.

Foi à frente sob os grandes galhos das árvores. Pareciam incalculavelmente antigos. Grandes barbas de líquens pendiam delas, esvoaçando e dançando na brisa. Das sombras os hobbits espiaram, olhando para a encosta que descia: pequenas figuras furtivas que na luz fraca se assemelhavam a crianças élficas nas profundezas do tempo, espiando da Floresta Selvagem, admiradas ao ver a primeira Aurora.

Bem adiante, do outro lado do Grande Rio, e das Terras Castanhas léguas após léguas cinzentas de distância, a Aurora chegou, vermelha como fogo.

Fortes ecoaram as cornetas dos caçadores para saudá-la. Os Cavaleiros de Rohan saltaram subitamente para a vida. Corneta responderam a cornetas outra vez.

Merry e Pippin ouviram, nítido no ar frio, o relinchar de cavalos de guerra, e o canto súbito de muitos homens. A borda do sol se levantou, um arco de fogo sobre a margem do mundo. Então, com um grande grito, os Cavaleiros atacaram do leste; a luz vermelha reluzia nas malhas e nas lanças. Os orcs berravam e atiravam todas as flechas que ainda tinham. Os hobbits viram vários cavaleiros caírem; mas a fileira deles manteve sua formação subindo a colina e passando sobre ela, fez uma volta e atacou de novo. A maior parte dos invasores que permaneceram vivos se separaram e fugiram, para todos os lados, perseguidos até a morte um a um. Mas um bando, permanecendo junto numa mancha negra, dirigiu-se resolutamente para a floresta. Subindo a colina, avançaram na direção dos observadores. Agora estavam se aproximando, e parecia certeza que iam escapar: já tinham derrubado três Cavaleiros que tentaram barrar seu caminho.

— Observamos durante muito tempo — disse Merry. — Ali vem Uglúk! Não quero encontrá-lo de novo. — Os hobbits voltaram-se e fugiram para dentro das sombras da floresta.

Foi por isso que não viram o último confronto, quando Uglúk fo derrotado e acuado exatamente na fronteira de Fangorn. Ali foi morto po Éomer, o Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros, que desceu do cavalo e lutou com ele, espada contra espada. E através dos amplos campos os Cavaleiros de olhos argutos caçaram os poucos orcs que tinham escapado e ainda tinham forças para fugir.

Em seguida, após colocarem os companheiros mortos num túmulo, e cantarem seus méritos, os Cavaleiros fizeram uma grande fogueira e espalharam as cinzas de seus inimigos.

Assim terminou o ataque, e nenhuma notícia dele jamais chegou a Mordor ou a Isengard; mas a fumaça da fogueira subiu alto no céu e foi vista por muitos olhos atentos.

CAPÍTULO IV: BARBÁRVORE

Enquanto isso os hobbits iam a toda velocidade que a floresta escura e emaranhada permitia, seguindo a linha do rio, para o oeste e para cima, na direção das encostas das montanhas, entrando cada vez mais no coração de Fangorn. Lentamente, o medo que sentiam dos orcs foi desaparecendo, e seu passo diminuindo. Uma estranha sensação de sufocamento tomou conta deles, como se o ar fosse muito escasso e rarefeito para que pudessem respirá-lo.

Finalmente, Merry parou. — Não podemos continuar assim — disse ele ofegando. — Preciso de um pouco de ar.

— De qualquer forma, vamos beber alguma coisa — disse Pippin. Estou ressecado. — Trepou numa grande raiz de árvore que descia até o rio e, agachando-se, pegou um pouco de água nas mãos em concha. A água era fria e cristalina, e ele bebeu vários goles. Merry fez o mesmo. A água os reconfortou e pareceu alegrar-lhes o coração; por um tempo ficaram ali sentados, na borda do rio, mergulhando na água pés e pernas doloridos, espiando as árvores que se erguiam silenciosas ao redor deles, fileira após fileira, até desaparecerem dentro do crepúsculo cinzento, em todas as direções.

— Suponho que você ainda não nos tenha feito perder o caminho — disse Pippin, encostando-se num grande tronco de árvore. — Pelo menos podemos seguir o curso do rio, o Entágua ou qualquer que seja o nome que você lhe dá, e sair outra vez por onde entramos.

— Poderíamos, se nossas pernas conseguissem — disse Merry — e se conseguíssemos respirar adequadamente.

— Sim, está tudo muito escuro e abafado aqui — disse Pippin. — De alguma maneira me faz lembrar da velha sala no Grande Solar dos Túks, lá nos Smials em Tuqueburgo: um cômodo enorme, onde a mobília não foi mudada ou removida por gerações. Dizem que o Velho Túk viveu nela por anos a fio, enquanto ele e a sala iam ficando mais velhos e desgastados juntos — e a sala nunca foi mexida depois que ele morreu, há um século. E o Velho Gerontius era meu tataravô: isso faz recuar um bocado no tempo. Mas não se compara ao que se sente aqui. Veja todas aquelas barbas e suíças

de líquen, chorosas, rastejantes! E a maioria das árvores parece estar meio coberta de folhas secas e despedaçadas que jamais caíram. Desmazeladas. Não consigo imaginar como seria a primavera aqui, se é que ela atinge este lugar; e menos ainda uma faxina de primavera.

— Mas de qualquer jeito o Sol deve dar uma espiadinha aqui dentro de vez em quando — disse Merry. — A floresta não se assemelha à descrição que Bilbo fez da Floresta das Trevas. Aquela era toda escura e negra, o lar de coisas escuras e negras. Esta é apenas pouco iluminada, e assustadoramente arvoresca. Não se pode de forma alguma imaginar animais vivendo ou permanecendo aqui por muito tempo.

— Não, e nem hobbits — disse Pippin, — E também não gosto da ideia de tentarmos atravessá-la. Nada para comer por uma centena de milhas, eu desconfio. Como estão nossos suprimentos?

— Escassos — disse Merry. — Fugimos sem levar quase nada, a não ser alguns pacotes a mais de lembas, e deixamos tudo para trás. — Olharam para o que restou dos bolos élficos: pedaços quebrados que poderiam durar cerca de cinco dias de necessidade, isso era tudo. — E nenhum agasalho ou cobertor — disse Merry, — Vamos sentir frio à noite, qualquer que seja a direção que tomemos.

— Bem, é melhor decidirmos isso agora — disse Pippin. — A manhã deve estar avançando.

Nesse exato momento, perceberam uma luz amarela que tinha aparecido, a alguma distância mais para dentro da floresta: lanças de luz solar pareciam ter perfurado repentinamente o teto da floresta.

— Olhe lá! — disse Merry. — O sol deve ter entrado numa nuvem enquanto estivemos sob estas árvores, e agora ele saiu novamente; ou então subiu o suficiente para olhar de cima, através de alguma abertura. Não está longe — vamos investigar!

Descobriram que a claridade estava mais longe do que tinham imaginado. O solo subia de modo abrupto, ficando cada vez mais pedregoso. A luz ficou mais forte conforme avançaram, e logo perceberam que havia uma muralha de rocha diante deles: a encosta de uma colina, ou a extremidade abrupta de alguma longa raiz das montanhas distantes.

Nenhuma árvore crescia nela, e o sol batia em cheio sobre a face de

pedra. Os galhos das árvores ao sopé estavam estendidos e completamente paralisados, como se tentassem alcançar o calor. Onde tudo parecera tão desolado e cinzento antes, a floresta agora reluzia com ricas tonalidades castanhas, e com o preto-acinzentado dos troncos que pareciam couro polido. As copas das árvores brilhavam com um verde suave, como relva nova: o início da primavera, ou uma visão fugaz dela, envolvia-as.

Na superfície da muralha rochosa havia algo como uma escada: talvez natural, feita pela erosão e por fissuras na pedra, pois era áspera e irregular. Na parte de cima, quase na altura das copas das árvores da floresta, havia um patamar sob um penhasco. Nada crescia ali, com exceção de um pouco de capim e mato nas bordas, e um velho tronco de árvore com apenas dois galhos curvados: parecia quase a figura retorcida de um velho, parado ali, piscando à luz matinal.

— Para cima! — disse Merry alegremente. — Vamos em busca de ar e de uma vista panorâmica!

Foram escalando a rocha com dificuldade. Se a escada tivesse sido feita, destinavase a pés maiores e pernas mais compridas que as deles. Os hobbits estavam ansiosos demais para se surpreenderem com o modo notável pelo qual os cortes e ferimentos de seu cativeiro tinham sarado, e o vigor lhes retornara aos corpos. Finalmente chegaram à borda do patamar, quase ao pé do velho tronco; então deram um salto e voltaram as costas para a colina, respirando fundo, e olhando para o leste, Perceberam que tinham avançado apenas umas três ou quatro milhas floresta adentro; as cabeças das árvores marchavam encosta abaixo em direção à planície.

Nesse ponto, perto da franja da floresta, longas espirais de fumaça negra e encaracolada subiam, oscilando e flutuando na direção deles.

— O vento está mudando — disse Merry. — Voltou-se para o leste outra vez.

— Está frio aqui em cima.

— É — disse Pippin. — Receio que essa claridade seja passageira, e que tudo fique cinzento outra vez. Que pena! Essa velha floresta desgrenhada ficava tão diferente à luz do sol! Quase senti que gostava do lugar.

Quase sentiu que gostava da Floresta! Isso é bom! Você foi de um

gentileza rara — disse uma voz estranha. — Virem-se e deixem-me dar uma olhada em seus rostos.

Quase senti que não gostava de vocês dois, mas não sejamos apressados.

Virem-se! — Uma grande mão com saliências nodosas pousou nos ombros de cada um deles, e eles foram virados, suave mas irresistivelmente; depois dois grandes braços os ergueram.

Descobriram-se olhando para um rosto extraordinário. Pertencia a uma figura semelhante a um homem, quase semelhante a um troll, de pelo menos quatro metros e meio de altura, muito robusta, com uma cabeça alta e quase sem pescoço. Se estava coberta por alguma coisa semelhante a casca de árvore verde e cinzenta, ou se aquilo era seu couro, era dificil dizer. De qualquer forma, os braços, numa pequena distância do tronco, não eram enrugados, mas cobertos de uma pele lisa e castanha. Cada um dos pés tinha sete dedos. A parte inferior do rosto comprido estava coberta por uma vasta barba cinza, cerrada, quase dura como galhos na raiz, fina feito musgo nas Pontas. Mas naquela hora os hobbits notaram pouca coisa além dos olhos. Uns olhos profundos, lentos e solenes, mas muito penetrantes. Eram castanhos, carregados de uma luz esverdeada.

Tempos depois, frequentemente Merry tentou descrever a primeira impressão que teve deles.

A sensação era como se houvesse um poço enorme atrás deles, cheio de eras de memória e de um pensamento constante, longo, lento; mas a superfície faiscava com o presente: como o sol tremeluzindo nas folhas externas de uma imensa árvore, ou nas ondas de um lago muito fundo. Não sei, mas parecia que alguma coisa que crescia na terra-adormecida, pode-se dizer, ou apenas percebendo-se a si mesma como algo entre a extremidade de uma raiz e a ponta de uma folha, entre a terra funda e o céu — despertara de repente, e estava observando você com o mesmo cuidado lento que tinha dedicado às suas próprias preocupações por anos intermináveis.

— Huum, Hum — murmurou a voz, uma voz profunda como um instrumento de sopro muito grave. — Realmente muito estranho! Não se apresse, este é meu mote. Mas se eu tivesse visto vocês antes de ouvir suas

vozes, gostei delas: agradáveis pequenas vozes; fizeram-me pensar em algo de que não consigo me lembrar —, se tivesse visto vocês antes de ouvi-los, teria simplesmente pisado em vocês, tomando-os por pequenos orcs, e só perceberia o erro depois. Muito estranhos são vocês, realmente. Raiz e galho muito estranhos!

Pippin, embora ainda pasmo, não sentia mais medo. Sob aqueles olhos sentia um curioso suspense, mas não medo. — Por favor — disse ele quem é você?

Um olhar estranho surgiu nos velhos olhos, um tipo de cautela; os poços fundos estavam cobertos.

— Huum, agora — respondeu a voz —, bem, eu sou um ent, ou é assim que me chamam. Sim, ent é a palavra. O ent, eu sou, você pode dizer no seu modo de falar. Fangorn é meu nome segundo alguns, outros me chamam de Barbárvore. Barbárvore está bom.

— Um ent — disse Merry. — O que é isso? Mas como você próprio s chama? Qual é o seu nome verdadeiro?

— Huuu, agora! — respondeu Barbárvore. — Huuu! Isso já dari uma história! Não tão depressa. E eu estou fazendo as perguntas. Você estão no meu território. Que são vocês, eu me pergunto? Não consig classificá-los. Parece que vocês não estão nas velhas listas que aprendi quando era jovem. Mas isso foi há muito, muito tempo, e pode ser que eles tenham feito listas novas. Deixe-me ver! Deixe-me ver! Como era mesmo?

Aprende a lição dos seres viventes! Nomeie primeiro os quatro povos livres: Os filhos dos Elfos que são os mais velhos; Anão cavador das casa escuras; O Ent da terra, da idade dos montes; Homem mortal, senhor do cavalos:

Hum, hum,
Hum, hum
Castor construtor,
cervo saltitante,
Urso abelhudo,
javali brigador;
O cão é faminto,
a lebre é medrosa...

Hum, hum.
Águia no ninho,
boi na pastagem,
veado o chifrudo,
gavião o mais lesto,
Cisne o mais branco,
serpente a mais fria...

— Hum, hum, hum, hum, como era mesmo? Hum hum, hum hum rum tum tum.

Era uma longa lista. Mas de qualquer forma vocês parecem não se encaixar em lugar nenhum.

— Parece que sempre ficamos de fora das velhas listas, e das velhas histórias — disse Merry. — Apesar disso, estamos em circulação há muito tempo. Somos hobbits.

— Por que não fazer mais um verso? — disse Pippin. — Hobbits pequenos, que moram em tocas

— Coloque-nos entre os quatro, perto dos Homens (as Pessoas Grandes), e fica tudo certo.

— Hum! Nada mal, nada mal — disse Barbárvore. — Assim ficari bem. Então vocês vivem em tocas, hein? Sôa muito correto e adequado. Mas quem chama vocês de hobbits? Não me parece um nome élfico. Os elfos fizeram todas as palavras antigas: eles começaram isso.

— Ninguém mais nos chama de hobbits; nós nos chamamos assim — disse Pippin.

— Hum, hum! Esperem um pouco! Não tão depressa! Vocês se chamam de hobbits? Mas então não deveriam dizer isso a qualquer um. Vão revelar seus próprios nomes corretos, se não forem cautelosos!

— Não temos cautela em relação a isso — disse Merry. — Para falar a verdade, sou um Brandebuque, Meriadoc Brandebuque, embora a maior parte das pessoas me chame simplesmente de Merry.

— E eu sou um Túk, Peregrin Túk, mas geralmente sou chamado de Pippin, ou até de Pip.

— Hum, mas vocês são pessoas apressadas, estou vendo — disse Barbárvore. — Fico honrado com a confiança que depositam em mim; mas

não deveriam ficar assim totalmente à vontade tão depressa. Há ents e ents, vocês sabem; ou há ents e seres que se parecem com ents mas não são, por assim dizer. Vou chamá-los de Merry e Pippin se isso lhes agrada — bon nomes. Pois não vou lhes dizer meu nome; não por enquanto, de qualquer forma. — Um olhar estranho, meio irônico e meio sábio, veio de seus olhos numa centelha esverdeada. — Em primeiro lugar, porque levaria muito tempo; meu nome é como uma história. Os nomes verdadeiros, na minha língua, contam as histórias dos seres a quem pertencem. No velho entês, como vocês diriam. É uma língua adorável, mas leva muito tempo para se dizer qualquer coisa nela, porque não dizemos nada nela a não ser que valha a pena gastar um longo tempo para dizer, e para escutar.

— Mas, agora — e os olhos ficaram muito brilhantes e "presentes", dando a impressão de terem diminuído e quase ficado aguçados —, o que está acontecendo? Posso ver e ouvir (e cheirar e sentir) muita coisa, desse desse, desse a-lalla-lalla-rumbakamanda-lind-or-btírúniê. Desculpem, essa é parte do meu nome para essa coisa: não sei qual é a palavra nas línguas de fora: vocês sabem, a coisa na qual estamos, onde eu fico e olho ao redor nas manhãs agradáveis, e penso no sol, e na relva além da floresta, e nos cavalos, e nas nuvens, e no desabrochar do mundo. O que está acontecendo? O que Gandalf está fazendo? E esses — burárum —, ele soltou um enorme estrondo, como uma dissonância num grande órgão —, esses orcs, e O jovem Saruman lá em Isengard? Gosto de notícias. Mas não sejam muit apressados agora.

— Tem muita coisa acontecendo — disse Merry —, e mesmo que tentássemos ser rápidos levaria muito tempo para contar. Mas você disse para não nos apressarmos.

Devemos contar-lhe alguma coisa logo? Seria rude se perguntássemos o que vai fazer conosco, e de qual lado está? E você conheceu Gandalf?

— Sim, eu o conheço: o único mago que realmente se preocupa com as árvores — disse Barbárvore. — Vocês o conhecem?

— Sim — disse Pippin tristemente —, conhecíamos. Ele era un grande amigo, e nosso guia.

— Então posso responder a suas outras perguntas — disse Barbárvore.

— Não vou fazer nada com vocês: não se com isso vocês estiverem querendo dizer "fazer algo a vocês" sem sua permissão. Podemos fazer algumas coisas juntos. Não sei nada sobre lados. Sigo meu próprio caminho mas o caminho de vocês pode acompanhar o meu por um tempo. Mas vocês falam do Mestre Gandalf como se ele estivesse numa história que tivesse chegado ao fim.

— Sim, falamos — disse Pippin tristemente. — A história parece esta continuando, mas receio que Gandalf tenha caído fora dela.

— Huu, esperem agora! — disse Barbárvore. — Hum, hum, ah, bem — Ele parou e olhou longamente para os dois hobbits. — Hum, ah, bem, não sei o que dizer. Esperem um pouco!

— Se quiser escutar mais — disse Merry —, nós podemos contar. Ma vai levar algum tempo. Você não gostaria de nos pôr no chão? Não poderíamos sentar juntos ao sol, enquanto ainda o temos? Você deve estar ficando cansado de nos carregar.

— Hun, cansado? Não, não estou cansado. Não me canso facilmente. E não me sento. Não sou muito, inclinável. Mas olhem, o sol está entrando Vamos deixar esta — vocês disseram como o chamam?

— Colina? — sugeriu Pippin. — Patamar? Degrau? — sugeriu Merry.

Barbárvore repetiu as palavras pensativamente.

— Colina. Sim, era isso. Mas é uma palavra rápida para uma coisa que está aqui desde que esta parte do mundo foi formada. Não importa. Vamos deixá-la e ir.

— Aonde vamos? — perguntou Merry.

— Para minha casa, ou uma de minhas casas — respondeu Barbárvore.

— É longe?

— Não sei. Vocês podem dizer que é longe, talvez, Mas que importância tem isso?

— Bem, você sabe, perdemos todas as nossas coisas — disse Merry Temos só um pouco de comida.

— Oh! Hum! Vocês não precisam se preocupar com isso — disse Barbárvore. — Posso lhes dar uma bebida que os manterá verdes e crescendo por um longo, longo tempo. E se decidirmos nos separar posso

colocá-los fora de meu território em qualquer ponto que escolherem. Vamos!

Segurando os hobbits suavemente, mas com firmeza, um na curva de cada braço, Barbárvore levantou primeiro um de seus pés grandes, e depois o outro, levando-os até a borda do patamar rochoso. Os dedos em forma de raiz agarraram as rochas. Depois, cuidadosamente, ele foi descendo degrau por degrau, e chegou ao chão da Floresta.

Imediatamente partiu com passos enormes e deliberados através das árvores, afundando cada vez mais na floresta, nunca se distanciando do rio, subindo sem parar em direção às encostas das montanhas. Muitas das árvores pareciam estar dormindo, ou não se dando conta da presença dele ou de qualquer outra criatura que simplesmente passasse; mas algumas estremeciam, e outras levantavam seus galhos acima da cabeça dele conforme Barbárvore se aproximava. Todo o tempo, enquanto andava, ele falava consigo mesmo, numa longa cadeia contínua de sons musicais.

Os hobbits ficaram em silêncio por um tempo. Sentiam-se, por incrível que pareça, confortáveis e a salvo, e tinham muito o que pensar e ponderar.

Finalmente, Pippin arriscou falar de novo.

— Por favor, Barbárvore — disse ele —, posso lhe perguntar uma coisa? Por que

Celeborn nos advertiu sobre sua floresta? Ele nos disse que não nos arriscássemos a nos embrenhar nela.

— Hum, ele disse, é? — ribombou Barbárvore. — E eu poderia te dito o mesmo, se vocês estivessem indo daqui para lá. Não se arrisquem a se embrenhar na floresta de Laurelindórenan! É assim que os elfos costumavam chamá-la, mas agora eles encurtaram o nome: Lothlórien, é como a chamam. Talvez estejam certos: talvez ela esteja sumindo e não crescendo. Terra do Vale do Ouro Cantante, era como se chamava há muito tempo.

Agora é a Flor do Sonho. Ah, bem! Mas é um lugar estranho, e não para qualquer um se aventurar nela. Fico surpreso em saber que vocês conseguiram sair de lá, mas muito mais surpreso ao pensar que vocês conseguiram entrar: isso não acontece com um forasteiro há muitos e muitos anos. É um lugar estranho.

— E este também é. Muitos encontraram a tristeza aqui. Sim encontraram tristeza.

Laurelindórenan findelorendor malinornéfion omemalin murmurou ele consigo mesmo.

— Eles de certa forma estão ficando para trás do mundo lá, eu acho — disse ele. — Nem este lugar, nem qualquer outra coisa fora da Floresta Dourada, é aquilo que era quando Celeborn era jovem. Mas: Taurelilómêa tumbalemorna Tumbaletaurêa Lómêanor, é isso que eles costumavam dizer. As coisas mudaram, mas isso ainda é verdade em alguns lugares.

— Que quer dizer? — disse Pippin. — O que é verdade?

— As árvores e os ents — disse Barbárvore. — Eu mesmo não entendo tudo o que está acontecendo, por isso não posso lhes explicar. Alguns de nós ainda são ents verdadeiros, e bastante vivos à nossa própria maneira, mas muitos estão ficando sonolentos, ficando arvorescos, por assim dizer. A maioria das árvores são árvores verdadeiras, é claro; mas muitas estão semi-acordadas. Outras estão bastante acordadas, e algumas estão, bem, ah, bem, ficando entescas. Isso está acontecendo o tempo todo.

— Quando isso acontece a uma árvore, você descobre que algumas têm corações maus. Não tem nada a ver com a madeira: não quero dizer isso. Vejam, eu conheci alguns bons salgueiros velhos, descendo o Entágua, que se foram há muito tempo, infelizmente!

Estavam bem ocos, na verdade estavam caindo aos pedaços, mas eram tranquilos e falavam suavemente como uma folha jovem. E também há algumas árvores nos vales sob as montanhas, vendendo saúde e totalmente más. Esse tipo de coisa parece estar se espalhando. Costumava haver umas partes muito perigosas neste lugar. Ainda há alguns trechos muito negros.

— Como a Floresta Velha lá no norte, você quer dizer? — perguntou Merry.

— É, é, alguma coisa assim, mas muito pior. Não duvido que exista alguma sombra da Grande Escuridão pairando ainda no norte, e más recordações se transmitem de geração a geração. Mas existem vales escuros nesta terra onde a Escuridão nunca foi devassada, e onde as árvores são mais velhas que eu. Mesmo assim, fazemos o que podemos. Mantemos à

distância forasteiros e atrevidos; e ensinamos e treinamos, caminhando e carpindo.

— Somos pastores de árvores, nós, os velhos ents. Restou um número suficiente de nossa espécie. As ovelhas ficam como os pastores, e os pastores como as ovelhas, é o que se diz; mas lentamente, e nenhum dos dois permanece multo no mundo. Acontece mais rápido e mais de perto com as árvores e os ents, e eles caminham juntos através das eras.

Pois os ents são mais como os elfos: menos interessados em si próprios do que os homens, e melhores para penetrar os outros seres. E apesar disso os ents são mais como os homens, mais mutáveis que os elfos, e mais rápidos para assumir as cores do exterior, por assim dizer. Ou melhores que ambos: pois são mais firmes e mantêm as mentes nas coisas por mais tempo. Alguns de meus parentes são exatamente como árvores atualmente, e precisam de algo grandioso que os desperte; agora só conversam aos sussurros. Mas outros têm os membros flexíveis, e muitos conseguem conversar comigo. Os elfos começaram tudo, é claro, despertando as árvores e ensinando-as a falar e aprendendo sua fala-de-árvore. Eles sempre desejaram conversar com tudo, os velhos elfos. Mas depois a Grande Escuridão chegou, e eles foram para longe através do Mar, ou fugiram para vales distantes e se esconderam, e fizeram canções sobre tempos que jamais voltariam. Nunca mais. — É sim, houve um tempo em que só havia uma floresta, daqui até as Montanhas de Un, e esta era apenas a Extremidade Leste.

— Aqueles foram dias grandiosos! Houve um tempo em que eu podia caminhar e cantar o dia todo e escutar apenas o eco de minha própria voz nas concavidades das colinas. As florestas eram como a floresta de Lothlórien, apenas mais densas, mais fortes, mais jovens. E o aroma do ar! Eu costumava passar uma semana só respirando.

Barbárvore ficou em silencio, avançando a grandes passadas e apesar disso mal fazendo ruído com seus grandes pés. Depois começou a cantar baixinho outra vez, passando então para um canto murmurante. Gradualmente, os hobbits perceberam que ele cantava para eles:

Pelos prados de salgueiros de Tasarinan caminhei na Primavera.
Ah! a paisagem e o cheiro da Primavera em Nan-tasarion!
E eu disse que era bom.

Eu vaguei no Verão pelos bosques de olmos de Ossiriand.

Ah! a luz e a música no Verão ao longo dos Sete Rios de Ossir!

E eu pensei que era melhor

As faias de Neldoreth visitei no Outono.

Ah! o ouro e o vermelho e o suspiro das folhas do Outono em Taur-na-neldor!

Era mais do que eu desejava.

Até os pinheiros da planície de Dorthonion galguei no Inverno.

Ah! o vento e a brancura e os galhos negros do Inverno em Orod-na-Thôn!

Minha voz se soltou e cantou no céu.

E agora aquelas terras jazem todas sob as águas,

E eu caminho em Ambaróna, em Tauremorna, em Aldalómê,

Na minha própria terra, no território de Fangorn,

Onde as raízes são longas,

E os anos fazem mais densos do que as fôlhas

Em Tauremornalômê.

Terminou e continuou caminhando em silêncio, e em toda a floresta, até onde os ouvidos podiam alcançar, não havia ruído algum.

O dia terminava e o crepúsculo se entrelaçava às copas das árvores.

Finalmente os hobbits viram, assomando vagamente diante deles, uma terra íngreme e escura: tinham atingido os pés das montanhas, e as raízes verdes do alto Methedras. Descendo a encosta, o jovem Entágua saltando de suas nascentes que ficavam bem acima, corria ruidosamente de degrau em degrau, ao encontro deles. À direita do rio havia uma longa encosta, coberta de relva, que agora se acinzentava ao crepúsculo. Ali não cresciam árvores, e a encosta se abria para o céu; as estrelas já brilhavam em lagos, entremeadas por margens de nuvens.

Barbárvore subiu a encosta, quase sem diminuir o passo. De repente os hobbits viram adiante uma grande abertura, Duas grandes árvores se erguiam ali, uma de cada lado, como um enorme portal vivo; mas não havia portão algum, a não ser pelos próprios galhos que se cruzavam e entrelaçavam. Quando o velho ent se aproximou, as árvores ergueram seus galhos, e todas as folhas estremeceram e farfalharam. Eram árvores perenes,

com folhas escuras e polidas que reluziam no crepúsculo. Depois delas havia um amplo espaço plano, como se o assoalho de um grande salão tivesse sido recortado no flanco da colina. Dos dois lados as paredes subiam, até atingir uma altura de quinze metros ou mais, e ao longo de cada parede ficava um corredor de árvores que também cresciam em altura conforme avançavam para dentro.

Na extremidade oposta a parede rochosa era íngreme, mas na parte de baixo tinha sido escavada uma concavidade, que formava um vão baixo com um teto arqueado: o único teto do salão, a não ser pelos galhos das árvores, que na extremidade interior cobriam de sombras todo o chão, deixando aberta apenas uma trilha larga no meio. Um pequeno riacho fugia das nascentes acima e, abandonando a correnteza principal, caía tinindo pela superfície íngreme da parede, derramando-se em gotas prateadas como uma fina cortina à frente do vão sob o arco. A água era recolhida novamente dentro de uma bacia de pedra que ficava no chão entre as árvores, e depois transbordava e corria ao lado da trilha descoberta, para juntar-se ao Entágua em sua viagem através da floresta.

— Hum! Aqui estamos! — disse Barbárvore, quebrando o seu longo silêncio.

— Trouxe-os em cerca de setenta mil passadas-ent, mas o que isso representa na medida de sua terra eu não sei. De qualquer forma, estamos perto das raízes da última Montanha. Parte do nome deste lugar poderia ser Gruta da Nascente, se fosse transformado em sua língua. Gosto daqui. Vamos ficar esta noite. — Colocou-os sobre a relva entre os corredores de árvores, e eles o seguiram na direção do grande arco. Os hobbits notaram nesse momento que, conforme Barbárvore andava, mal inclinava os joelhos, mas que suas pernas se abriam em grandes passadas. Plantava os grandes dedos dos pés (que eram de fato muito grandes, e largos) no solo primeiro, antes de fazer o mesmo com qualquer outra parte dos pés.

Por um momento, Barbárvore parou sob a chuva do riacho que caía, e respirou fundo; depois riu, e passou para dentro. Uma grande mesa de pedra se encontrava ali, mas não havia nenhuma cadeira. No fundo do vão já estava bem escuro.

Barbárvore ergueu duas grandes vasilhas e colocou-as na mesa.

Pareciam estar cheias de água, mas quando ele ergueu as mãos sobre elas imediatamente começaram a brilhar, uma com uma luz dourada, e outra com uma luz de um verde profundo; e a mistura das duas luzes iluminou o vão, como se o sol do verão estivesse brilhando através de um teto de folhas novas. Olhando para trás, os hobbits viram que as árvores no pátio também começavam a brilhar, pouco no início, mas cada vez mais, até que todas as folhas foram atingidas pela luz: algumas verdes, outras douradas, outras ainda vermelhas como o cobre; e os troncos das árvores pareciam Pilares moldados em pedra luminosa.

— Bem, bem, agora podemos conversar outra vez — disse Barbárvore. Suponho que estejam com sede. Talvez também cansados Bebam isto!

Caminhou para o fundo do vão, e então os hobbits viram vários jarros de pedra com tampas pesadas. Ele retirou uma das tampas e afundou uma grande concha, e com ela encheu três tigelas, uma bem grande e duas menores.

— Esta é uma casa-ent — disse ele —, e receio que não haja lugares para sentar. Mas vocês podem sentar-se na mesa. — Pegando os hobbits, ele os colocou sobre a grande laje de pedra, a um metro e oitenta centímetros do solo, e ali eles ficaram balançando as pernas e bebendo aos golinhos.

A bebida era como água, na verdade bem semelhante em sabor à água que tinham bebido do Entágua perto das fronteiras da floresta, e apesar disso havia nela algum aroma ou gosto que eles não conseguiam descrever: era fraco, mas fazia lembrar do cheiro de uma floresta distante, trazido de longe por uma brisa fresca à noite.

O efeito da bebida começou nos dedos dos pés, e subiu cada vez mais pelo corpo, trazendo descanso e vigor conforme avançava em seu curso, chegando até as pontas dos cabelos. Na verdade, os hobbits sentiram que seus cabelos estavam literalmente em pé, fazendo ondas e cachos, crescendo. Quanto a Barbárvore, ele primeiro banhou os pés na bacia além do arco, e então esvaziou sua tigela num gole, num longo e lento gole. Os hobbits acharam que ele nunca iria terminar.

Finalmente colocou a tigela outra vez na mesa. — Ah-ah — suspirou ele.

— Hum, hum, agora podemos conversar mais tranquilos. Vocês podem sentar-se no chão, e eu vou me deitar; isso vai evitar que essa bebida suba à minha cabeça e me faça adormecer.

Do lado direito do vão havia uma grande cama sobre pés baixos, com menos de um metro de altura, coberta por uma grossa camada de grama seca e samambaias. Barbárvore abaixou-se lentamente até ela (com um mínimo sinal de curvar o meio de seu corpo), até que se deitou completamente, com os braços atrás da cabeça, olhando para o teto, sobre o qual havia luzes piscando, como o jogo das folhas à luz do sol. Merry e Pippin se sentaram ao lado dele, em almofadas de capim.

— Agora contem-me sua história e não se apressem! — disse Barbárvore. Os hobbits começaram a lhe contar a história de suas aventuras desde que deixaram a Vila dos Hobbits. Não seguiram uma ordem muito clara, pois um interrompia o outro constantemente, e Barbárvore sempre cortava quem estava falando, e voltava para algum ponto anterior, ou saltava à frente fazendo perguntas sobre acontecimentos posteriores.

Eles não disseram nada que se relacionasse ao Anel, e não contaram a ele o motivo de terem partido, ou para onde estavam indo; ele não perguntou os motivos.

Barbárvore se interessava imensamente por tudo: pelos Cavaleiros Negros, por Elrond e Valfenda, pela Floresta Velha e Tom Bombadil, pela Minas de Moria e por Lothlórien e Galadriel. Fez com que eles descrevessem o Condado e sua região inúmeras vezes. Disse uma coisa estranha nesse ponto. — Vocês nunca viram algum hum, algum ent por lá, viram? — perguntou ele. — Bem, não ents, entesposas eu deveria dizer na verdade.

— Entesposas? — disse Pippin. — São parecidas com vocês?

— Sim, Hum, bem, não: na verdade não sei agora — disse Barbárvore pensativo. — Mas elas gostariam de sua terra, ou pelo menos achei que sim. Entretanto, Barbárvore estava especialmente interessado em tudo o que concernia a Gandalf, e acima de tudo interessado em todos os feitos de Saruman. Os hobbit s sentiram muito por saberem tão pouco sobre o assunto apenas um relato muito vago que Sam tinha feito sobre o que Gandalf dissera no Conselho.

Mas de qualquer forma foram claros em relação a Uglúk e sua tropa

terem vindo de Isengard, e mencionavam Saruman como seu mestre.

— Hum, hum! — disse Barbárvore, quando a história tinha enveredado para a batalha entre os orcs e os Cavaleiros de Rohan. — Bem bem! Esse é um bocado de notícias, sem dúvida. Vocês não me contaram tudo, não mesmo, nem de perto. Mas não duvido que vocês estão procedendo como Gandalf desejaria. Há alguma coisa muito grandiosa acontecendo, isso estou vendo, e o que é talvez eu possa saber no tempo certo, ou no tempo errado. Raiz e galho, mas é uma coisa estranha: surgem pessoas pequenas que não estão nas antigas listas, e, vejam!, os Nove Cavaleiros esquecidos reaparecem para caçálos, e Gandalf os leva numa grande viagem, e Galadriel os acolhe em Caras Galadhon, e os orcs o perseguem por todas as milhas das Terras Ermas: na verdade eles parecem estar presos numa grande tempestade. Espero que consigam vencê-la.

— Agora, e sobre você?

— Hum, hum, eu não me preocupei com as Grandes Guerras — disse Barbárvore —, elas concernem principalmente a homens e elfos. Isso é assunto dos Magos: os Magos estão sempre preocupados com o futuro. Eu não gosto de me preocupar com o futuro. Não estou totalmente do lado de ninguém, porque ninguém está totalmente do meu lado, se é que me entendem: ninguém se preocupa com as florestas como eu me preocupo, nem mesmo os elfos hoje em dia. Apesar disso, afeiçôo-me mais aos elfos que aos outros: foram os elfos que nos curaram do adormecimento há muito tempo, e essa foi uma grande dádiva que não pode ser esquecida, embora nossos caminhos tenham se separado desde então. E há algumas coisas, é claro, de cujo lado eu absolutamente não estou; sou absolutamente contra elas: esses — burárum (ele fez outra vez o ruído grave de nojo) —, esses orcs, e seus mestres.

— Eu costumava ficar ansioso quando a sombra cobriu a Floresta das Trevas, mas quando ela foi para Mordor parei de me preocupar por uns tempos: Mordor fica muito distante. Mas parece que o vento está se fixando no leste, e a devastação de todas as florestas pode estar chegando. Não há nada que um velho ent possa fazer para impedir que essa tempestade avance: ele deve vencê-la ou arrebentar-se.

— Mas e Saruman agora! Saruman é um vizinho: não posso ignorá-lo

Preciso fazer alguma coisa, eu acho. Ultimamente tenho pensado com frequência no que devo fazer a respeito de Saruman.

— Quem é Saruman? — perguntou Pippin. — Você sabe algo sobre história dele?

— Saruman é um Mago — respondeu Barbárvore. — Mais que iss não posso dizer. Não conheço a história dos Magos. Eles apareceran primeiro, depois que os Grandes Navios vieram através do Mar; mas s vieram com os Navios eu não sei. Saruman era considerado importante entre os seus, eu acho. Ele desistiu de vagar por aí e de se preocupar com os problemas dos homens e dos elfos, há algum tempo — vocês chamariam isso de muito, muito tempo,— e se acomodou em Angrenost, ou Isengard, como os homens de Rohan chamam o lugar. No início ficou muito quieto, mas sua fama começou a crescer. Foi escolhido como o presidente d o Conselho Branco, pelo que dizem; mas isso não deu muito certo, Fico imaginando agora se mesmo naquela época Saruman já não estava se voltando para o mal. Mas de qualquer forma, não costumava trazer problemas para seus vizinhos. Eu costumava conversar com ele. Houve um tempo em que estava sempre perambulando por minhas florestas. Era educado naquela época, sempre pedindo minha permissão (pelo menos quando me encontrava); e sempre ansioso por escutar. Eu lhe disse coisas que ele nunca descobriria por conta própria, mas nunca me retribuiu da mesma forma. Não consigo recordar de ele me ter contado qualquer coisa. E ficou cada vez mais assim; o rosto, pelo que me lembro — não o vejo há muitos dias —, ficou parecido com janelas numa muralha de pedra: janelas, vedadas por dentro.

— Acho que agora entendo o que ele pretende. Está tramando para se transformar num Poder. Tem um cérebro de metal e rodas, e não se preocupa com os seres que crescem, a não ser enquanto o servem. E agora fica claro que ele é u m traidor negro.

Aliou-se a seres maus, aos orcs. Bem, hum! Pior que isso: vem fazendo alguma coisa a eles; alguma coisa perigosa. Porque esses isengardenses são mais semelhantes a homens maus. Os seres malignos que vieram na Grande Escuridão têm como marca a característica de não suportarem o sol; mas os orcs de Saruman suportam, mesmo que o odeiem. Fico imaginando o que ele terá feito. Seriam eles homens que ele arruinou, ou teria ele misturado as

raças dos orcs e dos homens? Isso seria uma maldade negra!

Barbárvore roncou por uns momentos, como se estivesse pronunciando alguma maldição entesca profunda, subterrânea. — Há algum tempo comecei a me perguntar como os orcs ousavam passar pela minha floresta tão livremente — continuou ele. — Só há pouco tempo é que descobri que a culpa era de Saruman, e que há muito tempo ele estivera espiando todos os caminhos, e descobrindo meus segredos. Ele e seu povo sujo estão devastando tudo agora. Lá embaixo, nas fronteiras, estão derrubando árvores árvores boas. Algumas eles apenas cortam e deixam apodrecer — isso é serviço dos orcs; mas a maioria delas são derrubadas e levadas para alimentar as fogueiras de Orthanc. Vejo sempre uma fogueira subindo de Isengard nos últimos tempos-raiz e ramo! Muitas daquelas árvores eram minhas amigas, criaturas que eu conhecia desde sementes; várias tinham vozes próprias que agora estão perdidas para sempre. E há restos de tocos e sarças onde já existiram bosques cantantes. Fiquei sem fazer nada. Deixei que as coisas acontecessem. Isso deve parar!

— Maldito seja.

Barbárvore levantou de sua cama de um salto, ficou de pé e bateu com a mão na mesa. As vasilhas de luz tremeram e lançaram dois jatos de chama.

Havia uma centelha de fogo verde em seus olhos, e a barba sobressaiu , rija como uma vassoura de galhos.

— Vou acabar com isso! — ribombou ele. — E vocês virão comigo Talvez possam me ajudar. Estarão ajudando a seus próprios amigos desse modo também; pois, se Saruman não for detido, Rohan e Gondor terão um inimigo à frente e também pelas costas. Nossas estradas irão juntas para Isengard.

— Iremos com você — disse Merry— Faremos o que pudermos.

— Sim! — disse Pippin. — Vou gostar de ver a Mão Branc derrubada. Gostaria de estar lá, mesmo que não fosse de muita utilidade: jamais esquecerei Uglúk e a travessia de Rohan.

— Bom Bom — disse Barbárvore. — Mas eu falei muito depressa. Não devemos nos afobar, Ficamos muito quentes. Preciso esfriar e pensar; pois é mais fácil gritar pare! Do que parar.

Foi até o arco e ficou algum tempo, sob a chuva que caía da nascente.

Depois riu e agitou o corpo, e cada gota de água que descia dele brilhando, para cair no chão, reluzia com faíscas verdes e vermelhas. Barbárvore voltou e se deitou na cama outra vez, ficando em silêncio.

Depois de algum tempo os hobbits o escutaram murmurando de novo. Parecia estar contando nos dedos.

— Fangorn, Finglas, Fladrif, sim, sim — suspirou ele. — O problema que restam tão poucos de nós — disse ele virando-se para os hobbits. — Restam apenas três dos primeiros ents que caminhavam na floresta antes da Escuridão: só eu, Fangorn, Finglas e Fladrif, para lhes dar seus nomes élficos vocês podem chamá-los de Mecha-de-Folha e Casca-de-Pele, se preferirem E, de nós três, Mecha-de-Folha e Casca-de-Pele não são de muita utilidad para esse tipo de coisa. Mecha-de-Folha ficou sonolento, quase arvoresco poderíamos dizer: pegou o costume de ficar parado sozinho, semi-adormecido, durante todo o verão, com a funda relva das campinas em volta dos joelhos. Ele é coberto por uma cabeleira de folhas. Costumava despertar no inverno; mas recentemente tem estado sonolento demais para fazer longas caminhadas até nesta época do ano. Casca-de-Pele vivia nas encostas das montanhas a oeste de Isengard. É ali que o pior problema aconteceu. Foi ferido pelos orcs e muitos entre seu pessoal e seus pastores de árvores foram mortos e destruídos. Subiu para os lugares altos, para junto das bétulas que tanto ama, e não vai descer. Mesmo assim, arrisco dizer que eu poderia reunir um bom grupo de nosso pessoal mais jovem — se pudesse fazê-los entender a necessidade: se pudesse despertá-los: não somos pessoas apressadas. É uma pena que haja tão poucos de nós!

— Por que há tão poucos se vocês vivem neste lugar há tanto tempo? Perguntou Pippin. — Morreram muitos?

— Oh, não! — disse Barbárvore. — Nenhum morreu de dentro para fora, como vocês diriam. Alguns caíram na má sorte dos longos anos, é claro; e a maior parte se tornou arvoresca. Mas nunca houve muitos de nós, e não aumentamos em número. Não houve entinhos — crianças, vocês diriam por uma conta interminável de anos. Sabem, perdemos as entesposas.

— Que coisa triste! — disse Pippin. — Como foi que todas morreram?

— Elas não morreram! — disse Barbárvore. — Eu não disse morreram

Nós as perdemos, eu disse. Perdemos e não conseguimos encontrá-las. El suspirou. — Achei que a maior parte das pessoas sabia disso. Há canções sobre os ents procurando as entesposas, que são cantadas pelos elfos e pelos homens, da Floresta das Trevas até Gondor. Não podem estar de tod esquecidas.

— Bem, receio que as canções não tenham chegado através das montanhas a oeste até o Condado — disse Merry. — Você não poderia no contar mais coisas, ou cantar uma das canções?

— Posso sim — disse Barbárvore, parecendo satisfeito com o pedido Mas não posso contar de maneira adequada, só vou fazer um resumo; e depois precisamos terminar nossa conversa: amanhã temos conselhos a convocar, e trabalho a fazer; talvez até comecemos uma viagem.

— É uma história muito triste e estranha — continuou ele depois de uma pausa. — Quando o mundo era jovem, e as florestas eram vastas e selvagens, os ents e as entesposas — e havia entezelas naquela época: ah! Como era adorável Fimbrethil, Pé-de- Fada, a dos passos leves, nos dias d minha juventude! —, eles andavam juntos e moravam juntos, mas nossos corações não continuaram crescendo do mesmo modo: os ents devotavam seu amor a coisas que encontravam no mundo, e as entesposas devotavam o seu a outras coisas; pois os ents amavam as grandes árvores e as florestas, e as encostas de colinas altas, e bebiam das nascentes das montanhas, e só comiam frutas que as árvores deixavam cair em seu caminho; e aprenderam com os elfos e conversavam com as árvores. Mas as entesposas se dedicaram a árvores menores, e a campinas ao sol além dos pés das florestas; viram o abrunheiro nas moitas e a macieira selvagem e a cerejeira florescendo na primavera; e as ervas verdes nas terras banhadas pela água e a grama descente nos campos durante o outono. Não desejavam conversar com esses seres, mas eles desejavam ouvi-las e obedecer ao que lhes diziam. As entesposas ordenaram que crescessem conforme seus desejos, e que produzissem folhas e frutos como queriam; pois as entesposas desejavam a ordem, muita ordem, e paz (que para elas queria dizer que as coisas deviam permanecer como elas as tinham colocado). Então as entesposas fizeram jardim nos quais pudessem morar. Mas nós, ents, continuamos vagando, e só íamos aos jardins de vez em quando. Então, quando a Escuridão chegou ac

Norte, as entesposas atravessaram o Grande Rio, e fizeram novos jardins, e araram novos campos, e nós as víamos com menos frequência. Depois que a Escuridão foi derrotada, a terra das entesposas floresceu ricamente, e seus campos ficaram cheios de trigo. Muitos homens aprenderam os ofícios das entesposas e prestavam grandes honras a elas; mas nós ficamos sendo para eles apenas uma lenda, um segredo no coração da floresta. Mas ainda estamos aqui, enquanto que os jardins das entesposas estão abandonados: os homens os chamam agora de Terras Castanhas.

— Lembro-me de que foi há muito tempo — na época da guerra entre Sauron e os Homens do Mar — que me veio o desejo de rever Fimbrethil. Ela ainda era muito bela aos meus olhos, da última vez que a vira, embora se parecesse pouco com a entezela de antigamente. Pois as entesposas estavam curvadas e escurecidas devido ao trabalho; seus cabelos ficaram ressecados pelo sol, assumindo a tonalidade do trigo maduro, e suas faces ficaram como maçãs vermelhas. Apesar disso, os olhos ainda eram os olhos de nosso próprio povo. Atravessamos o Anduim e chegamos à terra delas; mas encontramos um deserto: estava tudo queimado e arrancado, pois a guerra passara por ali. Mas as entesposas não estavam lá. Por muito tempo chamamos, e por muito tempo procuramos, e perguntávamos a todas as Pessoas que encontrávamos para onde as entesposas tinham ido. Alguns diziam que nunca as tinham visto; outros diziam que elas tinham sido vistas caminhando para o oeste, e outros ainda diziam para o leste, e outros diziam para o sul.

Mas em nenhum lugar a que fomos pudemos encontrá-las. Nossa tristeza foi muito grande. Mas a floresta selvagem chamou e retornamos a ela. Por muitos anos mantivemos o costume de sair de vez em quando para procurar as entesposas, andando por todo canto e chamando-as por seus belos nomes. Mas conforme o tempo passou íamos cada vez com menos frequência, e cada vez menos longe. E agora as entesposas são para nós apenas uma lembrança, e nossas barbas estão longas e cinzentas. Os elfos fizeram muitas canções sobre a busca dos ents, e algumas delas passaram para a língua dos homens. Mas nós não fizemos canção alguma sobre o assunto, ficando satisfeitos em cantar seus belos nomes quando pensávamos nas entesposas. Acreditamos que ainda podemos encontrá-las num tempo

que virá, e talvez encontremos em algum lugar uma terra onde possamos viver juntos, ficando todos satisfeitos. Mas pressentimos que isso só acontecerá quando ambos, ents e entesposas, tiverem perdido tudo o que têm agora. E é bem possível que a hora esteja finalmente se aproximando. Pois, se Sauron destruiu todos os jardins antigamente, hoje o Inimigo tende a arruinar todas as florestas.

— Havia uma canção élfica que falava disso, ou pelo menos eu a entendia assim.

Costumava-se cantá-la ao longo de todo o Grande Rio. Nunca fo uma canção entesca, vejam bem: seria longa demais em entês! Mas nós a sabemos de cor, e a entoamos de vez em quando. Fica assim na língua de vocês:

Ent: Se a Primavera em folha a faia e a seiva os galhos banha,
Se a luz se espelha no regato e há vento na montanha,
Se o passo é largo, duro o esfôrço e fio corta o ar

Volta pra mim! Volta pra mim! Diz que é belo este lugar!
Entesposa: Se a Primavera ao campo chega e o trigo está na espiga,
Se branca a flor qual neve brilha e no pomar se abriga,
Se em chuva e sol por sobre a terra perfume há no ar,
Eu fico aqui, não volto não, é belo o meu lugar.
Ent: Se for Verão por sobre a terra e à tarde a luz dourada
Mil sonhos verdes derramar nas folhas enlaçadas;
Se verde e fresco,for o bosque e o vento for bem-vindo,
Volta pra mim! Volta pra mim! Diz que aqui tudo é mais lindo!
Entesposa: Se for Verão e no calor a juta escurecer,
Se a palha é seca, e a espiga branca na hora de colher;
Se pinga o mel, cresce a maçã ao vento que é bem-vindo,
Eu fico aqui, à luz do sol, pois isso é bem mais lindo!
Ent: Se for Inverno, o duro Inverno que mata o campo invade,
Se a noite escura o dia sem sol devora sem piedade,
Se o Vento Leste for mortal, então na chuva fria
Vou procurar-te, vou chamar-te, eu volto nesse dia.
Entesposa: Se for Inverno sem canções, se a treva enfim vier,

Quebrado já o inútil galho, se luz já não houver,
Vou procurar-te e esperar-te, até seguir um dia
Contigo pela estrada afora sob a chuva fria!
Ambos: E juntos para o oeste vamos nos encaminhar
E longe, longe encontraremos onde descansar.

Barbárvore terminou sua canção.

— É assim que fica — disse ele. — É uma canção élfica, sem dúvida: leve, ligeira e curta. Arrisco dizer que é bem bonita. Mas os ents, por seu lado, poderiam dizer mais coisas, se tivessem tempo! Mas agora vou ficar de pé e dormir um pouco. Onde vocês vão ficar?

— Nós geralmente nos deitamos para dormir — disse Merry. — Vamos ficar bem aqui onde estamos.

— Deitar para dormir! — disse Barbárvore. — É claro que vocês fazem isso! Fim, hum: estava esquecendo: cantar aquela canção me transportou a tempos antigos; quase pensei que estava conversando com jovens entinhos. Bem, vocês podem se deitar na cama. Eu vou ficar de pé na chuva. Boa noite!

Merry e Pippin escalaram a cama e aconchegaram-se na palha macia e nas samambaias. Era tudo novo, quente e de um aroma delicado. As luzes foram se apagando e o brilho das árvores desapareceu; mas lá fora, sob o arco, eles ainda podiam ver o velho Barbárvore em pé, imóvel, com os braços erguidos acima da cabeça. Claras estrelas apareceram no céu e iluminaram a água que caía, derramando-se sobre seus dedos e sua cabeça, para depois pingar, pingar, em centenas de gotas de prata sobre seus pés. Ouvindo o gotejar da água os hobbits adormeceram.

Acordaram para encontrar um sol fresco brilhando no grande pátio e sobre o assoalho do vão. Retalhos de nuvens altas lhes apareciam no céu, correndo ao vento constante que vinha do leste. Barbárvore não estava por ali; mas enquanto Merry e Pippin se banhavam na bacia sob o arco ouviram-no murmurando e cantando, conforme vinha pela trilha em meio às árvores.

— Hu, ho! Bom dia, Merry e Pippin! — ribombou ele ao vê-los. — Vocês dormem bastante. Já andei várias centenas de passadas hoje. Agora beberemos alguma coisa e depois vamos para o Entebate.

Encheu-lhes duas vasilhas com o líquido de um jarro de pedra; mas de um jarro diferente.

O gosto não era o mesmo do líquido da noite anterior: era mais terroso e rico, mais substancioso e mais parecido com comida, por assim dizer. Enquanto os hobbits bebiam, sentados na beirada da cama e mordiscando pequenos pedaços de bolo élfico (mais por acharem que comer alguma coisa era necessário no desjejum do que por sentirem fome), Barbárvore ficou parado, cantando em entês ou élfico ou alguma outra língua estranha, e olhando para o céu.

— Onde fica Entebate? — Pippin arriscou perguntar.

— Hum, hem? Entebate? — disse Barbárvore, voltando-se. — Não um lugar, é uma reunião de ents — que não acontece frequentemente hoje em dia. Mas consegui fazer com que um bom número deles prometessem ir. Vamos nos encontrar no lugar onde sempre nos encontramos: Valarcano, os homens chamam. Fica muito ao sul deste lugar. Devemos chegar lá antes do meio-dia.

Logo partiram. Barbárvore carregava os hobbits em seus braços, como no dia anterior. Na entrada do pátio virou à direita, deu uma passada atravessando o rio e continuou rumo ao sul, ao longo dos pés de grandes encostas esboroadas onde as árvores eram escassas. Acima delas os hobbits viram moitas de bétulas e sorveiras, e além delas pinheiros escuros que subiam. Logo Barbárvore mudou um pouco o rumo, distanciandose das colinas e mergulhando em bosques profundos, onde as árvores eram maiores.

Mais altas e mais espessas que quaisquer outras que os hobbits tinham visto antes.

Por um período, tiveram a sensação de abafamento que tinham tido quando se aventuraram pela primeira vez no interior de Fangorn, mas isso logo passou.

Barbárvore não falava com eles. Murmurava consigo mesmo profunda e pensativamente, mas Merry e Pippin não entendiam nenhuma palavra: soava como bum bum, rumbum, burrar, bum buni, dari-ar hum bum, darrar bum e assim por diante, com uma mudança constante de tom e ritmo.

De tempos em tempos, eles tinham a impressão de escutar uma resposta, um murmúrio ou som ligeiro que parecia sair da terra, ou dos galhos sobre suas cabeças, ou talvez das copas das árvores; mas Barbárvore não parava nem voltava sua cabeça para nenhum dos lados.

Já estavam viajando havia um bom tempo — Pippin tinha tentado contar as "passadas-ent" mas falhara, perdendo-se na altura das três mil quando Barbárvore começou a diminuir o passo. De repente parou, colocou os hobbits no chão, e levou as mãos enrugadas até a boca, de modo a fazer com elas um tubo oco; depois soprou ou chamou através delas. Um grande hum hum soou pela floresta como uma corneta grave, dando a impressão de ecoar nas árvores. De longe veio, de várias direções, um hum, hom, hum que não era um eco, e sim uma resposta.

Barbárvore então empoleirou Merry e Pippin em seus ombros e continuou em suas passadas, de quando em quando enviando outro chamado, e cada vez as respostas vinham em sons mais altos e claros.

Chegaram finalmente ao que parecia ser uma parede impenetrável de árvores perenes escuras, árvores de um tipo que os hobbits nunca tinham visto antes: ramificavam-se diretamente das raízes, e eram densamente cobertas por folhas escuras e polidas como azevinheiros sem espinhos, e carregavam muitas espigas floridas rijas e eretas, com grandes botões brilhantes cor de oliva.

Virando à esquerda e contornando essa enorme cerca-viva, Barbárvore atingiu, com algumas passadas, uma passagem estreita. Por ela passava uma trilha gasta, que mergulhava de repente, descendo uma encosta íngreme. Os hobbits perceberam que estavam descendo para dentro de uma grande garganta, quase redonda como uma vasilha, muito ampla e profunda, coroada em sua borda pela cerca-viva alta de árvores perenes. O terreno no interior era macio e coberto de grama, e não havia árvores, com a exceção de altas e belas bétulas prateadas que se erguiam do fundo da vasilha. Duas outras trilhas conduziam à garganta: vindas do leste e do oeste.

Vários ents já tinham chegado. Outros estavam chegando pelas trilhas, e alguns agora vinham atrás de Barbárvore. Enquanto se aproximavam, os hobbits os observavam.

Sua expectativa era ver várias criaturas t ão parecidas cora Barbárvore como os hobbits eram parecidos entre si (pelo menos aos olhos de um estranho); e ficaram muito surpresos ao ver coisa muito diferente. Os ents eram tão diferentes uns dos outros como as árvores são diferentes entre si: alguns diferentes como uma árvore é diferente de outra que tem o mesmo nome, mas um desenvolvimento e uma história diversos, e outros diferentes como uma espécie de árvore é diferente da outra, como a bétula e a faia, como o carvalho e o pinheiro. Havia alguns ent s mais velhos, barbados e nodosos como árvores velhas e robustas (embora nenhum parecesse tão velho como Barbárvore); e havia ents altos e fortes, com os membros lisos e a pele macia, como árvores da floresta em sua plenitude; mas não havia ents jovens, nenhum rebento.

Todos juntos perfaziam cerca de duas dúzias, parados no chão amplo e gramado da garganta, enquanto um número semelhante se aproximava.

Num primeiro momento, Merry e Pippin ficaram chocado principalmente com a variedade que viram: as várias formas, cores e as diferenças em largura, altura, no comprimento dos braços e pernas, e no número de dedos dos pés e das mãos (qualquer coisa variando entre três a nove). Alguns pareciam mais ou menos aparentados a Barbárvore, e os faziam lembrar de faias e carvalhos. Mas havia outras espécies.

Alguns se assemelhavam à castanheira: ents de pele castanha, com grandes mãos de dedos espalhados, e pernas curtas e grossas. Outros pareciam o freixo: ents altos, eretos e cinzentos com mãos de muitos dedos e pernas compridas; outros lembravam o pinheiro (os ents mais altos), e outros a bétula, a tília e a sorveira.

Mas quando todos os ents se reuniram ao redor de Barbárvore curvando as cabeças levemente, murmurando em suas vozes lentas e musicais, e olhando longa e atentamente para os forasteiros, então os hobbits viram que eram todos da mesma família, e todos tinham os mesmos olhos: não tão velhos e profundos como os de Barbárvore, mas todos com a mesma expressão lenta, firme e pensativa, e a mesma centelha verde.

Logo que todo o grupo estava reunido, parado num grande círculo ao redor de Barbárvore, uma conversa curiosa e ininteligível começou. Os ents começaram a murmurar lentamente: primeiro um e depois outro, até que

todos estavam cantando juntos num ritmo longo, ascendente e descendente, em certos momentos mais alto de um lado do círculo, outros diminuindo ali e aumentando até chegar a um grande estrondo no outro lado, Embora não conseguisse entender nenhuma palavra — ele supôs que a língua era entês — Pippin achou o som muito agradável de escutar no início, mas gradualmente sua atenção se dispersou. Depois de um longo tempo (e o canto não dava sinais de chegar ao fim), ele se viu pensando, já que o entês era uma língua tão "desapressada", se eles já tinham ido além do Bom dia; e se Barbárvore tivesse de fazer a chamada quantos dias levaria até que terminasse de cantar todos os nomes. "Fico imaginando quais são os termos em entês para sim e não", pensou ele, bocejando.

Barbárvore imediatamente se deu conta dele. — Fim, ha, hei, meu Pippin! — disse ele, e os outros ents pararam de cantar. — Vocês são um povo apressado, eu estava esquecendo; e de qualquer forma é enfadonho escutar uma conversa que não se entende.

Vocês podem descer agora. Eu disse seus nomes ao Entebate, e eles já os viram, e concordaram que vocês não são orcs, e que uma linha nova deve ser acrescentada às velhas listas. Não discutimos mais nada até agora, mas isso já é um trabalho rápido para um Entebate, Você e Merry podem passear pela garganta, se quiserem.

Há um poço de água boa, se precisarem se refrescar, lá adiante na margem norte.

Ainda temos umas palavras a dizer antes que o Debate realmente comece. Logo irei ver vocês outra vez, e contar como as coisas estão indo.

Colocou os hobbits no chão. Antes de se afastarem, eles fizeram uma grande reverência. Esse gesto pareceu surpreender muito os ents, a julgar pelo tom de seus murmúrios e pela centelha em seus olhos; mas logo voltavam aos seus próprios assuntos.

Merry e Pippin subiram pela trilha que vinha do oeste, e olharam através da abertura na grande cerca-viva. Longas encostas cobertas de árvores subiam da borda da garganta, e mais além delas, sobre os pinheiros da cordilheira mais distante, erguia-se, pontudo e branco, o pico de uma alta montanha. Ao sul e à esquerda eles podiam ver a floresta descendo na distância cinzenta, Ali, bem longe, vislumbrava-se um trecho claro e verde

que Merry supôs ser uma parte das planícies de Rohan.

— Fico imaginando onde fica Isengard — disse Pippin.

— Não sei muito bem onde estamos — disse Merry -. mas aquele pic provavelmente é Methedras, e pelo que consigo lembrar o círculo de Isengard fica numa bifurcação ou numa fissura no fim das montanhas. Provavelmente atrás d esta grande cordilheira. Parece haver uma fumaça ou névoa sobre aquela região à esquerda do pico, você não acha:?

— Como é Isengard? — perguntou Pippin. — De qualquer maneira fico imaginando o que os ents podem fazer em relação a Isengard.

— Eu também — disse Merry. — Isengard é um tipo de círculo d rochas ou colinas, eu acho, com um espaço plano no interior, e uma ilha ou pilar de pedra no meio, chamado Orthanc. Ali Saruman tem uma torre. H uma entrada, talvez mais de uma, na muralha que contorna o lugar, e acredito que haja um rio passando ali; vem das montanhas e corre atravessando o Desfiladeiro de Rohan. Não parece o tipo de lugar onde o ents possam agir. Mas tenho uma sensação estranha a respeito desses ents: de certo modo acho que eles não são assim tão inofensivos e tão esquisitos quanto parecem. Parecem lentos, estranhos e pacientes, quase tristes; apesar disso acredito que eles poderiam ser despertados. Se isso acontecesse, eu nãc gostaria de estar do outro lado.

— Sim! — disse Pippin. — Entendo o que quer dizer, Pode have muita diferença entre um velho boi, sentado e ruminando pensativamente, e um touro atacando; e a mudança pode ser repentina. Pergunto-me se Barbárvore vai despertá-los. Tenho certeza de que vai tentar. Mas eles nãc gostam de excitação. O próprio Barbárvore ficou excitado ontem à noite, e depois se controlou outra vez.

Os hobbits se voltaram. As vozes dos ents ainda estavam subindo e descendo em sua assembléia. O sol já se erguera o bastante para olhar por sobre a alta cerca-viva: reluzia nas copas das bétulas. Ali eles viram uma pequena fonte brilhante. Caminharam ao longo da borda da grande vasilha ao pé das árvores perenes — era bom sentir a grama fresca em seus pés outra vez, sem estar com pressa — e depois desceram até a água que jorrava. Tomaram um gole pequeno, cristalino, frio e rápido e se sentaram numa rocha musgosa, contemplando os trechos ensolarados de grama e as

sombras das nuvens que passavam navegando sobre o chão da garganta. O murmúrio dos ents continuava.

O lugar parecia muito estranho e remoto, fora de seu mundo, e distante de tudo que já lhes havia acontecido. Sobreveio-lhes um enorme desejo de rever os rostos e ouvir de novo as vozes de seus companheiros, especialmente Frodo e Sam, e Passolargo.

Finalmente se fez uma pausa nas vozes dos ents; erguendo os olhos eles viram que Barbárvore vinha na direção deles, ao lado de outro ent.

— Fim, hum, aqui estou de novo — disse Barbárvore. — Vocês estão ficando cansados ou se sentindo impacientes, hem? Bem, receio que não possam ficar impacientes ainda.

Terminamos agora o primeiro estágio; mas ainda preciso explicar umas coisas de novo para aqueles que vivem em lugares muito distantes, longe de Isengard, e para aqueles que não consegui reunir antes do Debate e depois disso teremos de decidir o que fazer.

Entretanto, decidir o que fazer não toma tanto tempo dos ents quanto examinar todos os fatos e eventos sobre os quais eles precisam decidir. Mesmo assim, não adianta negar, vamos ficar aqui por um bom tempo ainda: provavelmente uns dois dias. Por isso trouxelhes um companheiro. Ele tem uma casa-ent por aqui. Bregalad é seu nome élfico.

Diz que já se decidiu e não precisa ficar até o fim do Debate. Hum hum, ele é a coisa que temos mais parecida com um ent apressado. Vocês vão se dar bem juntos. Até logo! Barbárvore virou-se e os deixou.

Bregalad ficou por um tempo examinando os hobbits solenemente; eles também olhavam-no, pensando quando é que mostraria algum sinal de apressamento. Era alto e parecia ser um do s ents mais jovens; tinha uma pele macia e lustrosa nos braços e nas pernas; os lábios eram rubros e os cabelos tinham um tom verde-acinzentado. Conseguia se curvar e se virar como uma árvore esbelta ao vento, Finalmente falou, e embora a voz fosse ressonante era mais alta e clara que a de Barbárvore.

— Ha, hummm, meus amigos, vamos dar um passeio! — disse ele. — Sou Bregalad, quer dizer Tronquesperto, na sua língua. Mas é apenas um apelido, claro. Eles me chamam assim desde que eu disse sim a um ent mais velho antes que ele terminasse sua pergunta. Também eu bebo

rapidamente, e saio enquanto outros ainda estão molhando as barbas. Venham comigo!

Estendeu dois braços bem formados e ofereceu a cada um dos hobbits uma mão com dedos longos. Durante todo o dia caminharam pela floresta com ele, cantando e rindo; pois Tronquesperto frequentemente ria. Ria se o sol surgisse por trás de uma nuvem, ria quando encontravam um rio ou nascente: nesse caso parava e molhava os pés e a cabeça; ria às vezes ao ouvir algum som ou sussurro nas árvores. Toda vez que via uma sorveira, parava um tempo com os braços estendidos e cantava, e balançava o corpo enquanto cantava.

Ao cair da noite, levou-os para sua casa-ent: nada além de uma pedra limosa colocada em meio à turfa sob um barranco verde. Sorveiras cresciam fazendo um círculo em volta da pedra, e havia água (como em todas as casas-ents), uma nascente que saía borbulhando do barranco. Conversaram por um tempo enquanto a escuridão caía sobre a floresta. Não muito longe, podiam-se ouvir as vozes do Entebate continuando; mas agora pareciam mais graves e menos despreocupadas, e de quando em quando uma grande voz se erguia numa música aguda e agitada, enquanto todas as outras diminuíam. Mas com os hobbits Bregalad conversava na língua deles quase sussurrando; souberam que ele pertencia ao povo de Casca-de-Pele, e a região onde viveram tinha sido devastada. Isso parecia aos hobbits motivo suficiente para explicar seu "apressamento", pelo menos em relação aos outros.

— Havia sorveiras em minha terra — disse Bregalad suave e tristemente. — Sorveiras que criaram raízes quando eu ainda era um entinho, muitos, muitos anos atrás na quietude do mundo. As mais velhas foram plantadas pelos ents numa tentativa de agradar às entesposas; mas elas olharam para as plantas, sorriram e disseram que sabiam onde botões mais brancos e frutos mais ricos estavam crescendo.

Mas não há árvore dentre toda essa raça, o povo da Rosa, que eu ache tão bela. E essas árvores cresceram, cresceram, até que a sombra de cada uma ficasse como um salão verde, e seus frutos vermelhos eram um peso no outono, e também uma beleza de admirar. Os pássaros costumavam pousar nelas aos bandos. Eu gosto de pássaros, mesmo quando ficam

tagarelando; e as sorveiras têm pássaros de sobra. Mas os pássaros ficaram hostis e vorazes, bicavam as árvores e derrubavam os frutos sem comê-los.

Então vieram os orcs com machados e cortaram minhas árvores. Eu cheguei e as chamei por seus longos nomes, mas elas nem se mexeram, não ouviram nem responderam: jaziam mortas.

O Orojámê, Lassemista, Carnimíriê!
Bela sorveira, em tua cabeleira tão branca era tua flor!
Sorveira minha, teu brilho tinha do sol o tom e a cor
Tua casca em luz, tua folha em luz, tua voz tão doce e fria:
Em tua cabeça de ouro espessa corôa te enaltecia!
Morta sorveira, em tua cabeleira há cinzas invernais,
Corôa perdida, a voz sumida pra sempre e nunca mais.
O Orofarnê, Lassemista, Carnimíriê!

Os hobbits adormeceram ao som do cantar suave de Bregalad, que parecia lamentar em muitas línguas a queda das árvores que ele tanto amara.

Passaram também o dia seguinte na companhia dele, mas não se afastaram muito de sua "casa". Ficaram a maior parte do tempo sentados em silêncio sob o abrigo do barranco, pois o vento estava mais frio, e as nuvens mais fechadas e cinzentas; havia pouco sol, e na distância as vozes dos ents no Debate ainda subiam e desciam, algumas vezes altas e fortes, outras vezes baixas e tristes; algumas vezes aumentando o ritmo, outras vezes lentas e solenes como um hino fúnebre. Uma segunda noite chegou e ainda os ents continuavam em sua assembléia, sob nuvens apressadas e estrelas vacilantes.

O terceiro dia raiou, com frio e vento. Ao nascer do sol, as vozes dos ents se ergueram num grande clamor e depois diminuíram de novo. Pelo fim da manhã o vento diminuiu e o ar ficou pesado de expectativas. Os hobbits viam agora que Bregalad escutava com atenção, embora para eles, lá no vale de sua casa-ent, o som do Debate estivesse longínquo.

A tarde chegou, e o sol, rumando para o oeste na direção das montanhas, mandava raios compridos e amarelos através das fendas e

fissuras das nuvens. De repente perceberam que tudo estava muito quieto; toda a floresta estava parada, num silêncio de escuta. Era óbvio que as vozes dos ents tinham cessado. O que queria dizer isso?

Bregalad estava de pé, ereto e tenso, olhando para o norte, na direção do Valarcano.

Então com um estrondo veio um grito ruidoso: ra-hum-rah! As árvores tremeram e se curvaram como se golpeadas por uma rajada de vento. Houve outra pausa, e depois uma música de marcha começou como tambores solenes, e acima das batidas e estrondos ruidosos cresciam vozes cantando alto e forte.

Tambor, tambor, lá vamos nós: ta-runda runda runda rom!
Os ents estavam chegando: cada vez mais forte e próxima soava sua canção:
Tambor e trompa, vamos lá: ta-runda runda runda rom!

Bregalad pegou os hobbits e saiu de sua casa.

Logo eles viram a fileira em marcha se aproximando: os ents estavam marchando juntos com grandes passadas, descendo a encosta na direção deles. Barbárvore vinha à frente, e cerca de cinqüenta seguidores vinham atrás dele, dois a dois, marcando o passo com os pés e batendo com as mãos nos flancos. Conforme se aproximavam, foi possível ver o clarão e a centelha nos olhos deles.

— Hum, hom! Aqui estamos com um estrondo, finalmente chegamos! — gritou Barbárvore quando viu Bregalad e os hobbits. — Venham, juntem-se ao Entebate! Estamos de partida. De partida para Isengard!

— Para Isengard! — os ents gritaram em muitas vozes.

— Para Isengard!

Pra Isengard! Se Isengard for forte e for qual calabouço,
Se Isengard for um lugar de pedra fria e duro osso,
Nós vamos todos guerrear, quebrar a pedra e seu portão!
Pois galho e tronco num só ronco vão queimar— à guerra então!
À terra dum pesar comum rufando enfim, tambor tambor!
Pra Isengard com um tambor! Impor temor! Impor terror!

Assim cantavam, marchando para o sul.

Bregalad, com os olhos brilhando, juntou-se à fila ao lado de Barbárvore — O velho ent agora pegou os hobbits de volta, e colocou-os sobre os ombros outra vez, e assim eles foram orgulhosos à frente do grupo que cantava, com os corações palpitando e as cabeças erguidas. Embora tivessem tido expectativas de que alguma coisa ocorresse eventualmente, ficaram chocados com a mudança que ocorrera com os ents. Parecia abrupta como o estouro de uma correnteza há muito tempo estancada por dique.

— Os ents tomaram uma decisão bem rápido no final das contas, não foi? — arriscou-se Pippin a dizer depois de algum tempo, quando por um momento a cantoria parou, e apenas se ouviam as batidas das mãos e pés.

— Rápido? — disse Barbárvore. — Hum! É mesmo. Mais rápido do que eu esperava. Na verdade não os vejo assim entusiasmados há muitas eras. Nós ents não gostamos de ser incitados; e nunca despertamos a não ser que fique claro para nós que essas árvores e nossas vidas correm grande perigo. Isso não acontece nesta Floresta desde as guerras entre Sauron e os homens do Mar. Foi o serviço dos orcs, a derrubada indiscriminada de árvores rá rum — sem qualquer desculpa, nem mesmo com a péssima desculpa de alimentar as fogueiras, que nos enfureceu assim; e a traição de nosso vizinho, que deveria nos ter ajudado. Os Magos deveriam saber das coisas; e eles sabem. Não há maldição em élfico, entês, ou nas línguas dos homens para uma traição assim. Abaixo Saruman!

— Vocês vão realmente arrombar as portas de Isengard? — perguntou Merry.

— Ho, hm, bem, nós poderíamos, você sabe! Talvez vocês não saibam como somos fortes. Já ouviram, talvez, falar nos trolls? São muito fortes. Mas os trolls são apenas imitações, feitas pelo Inimigo na Grande Escuridão, à semelhança dos ents, como os orcs foram feitos à semelhança dos elfos. Somos mais fortes que os trolls. Somos feitos dos ossos da terra. Podemos partir as pedras como raízes de árvores, só que mais rápido, muito mais rápido, se nossas mentes forem incitadas! Se não formos derrubados, ou destruídos pelo fogo ou por alguma feitiçaria, podemos partir Isengard em pedaços e reduzir suas paredes a pedregulho.

— Mas Saruman vai tentar detê-los, não é?

— Sim, ah, sim, isso é verdade. Não esqueci desse fato. Na verdade pensei muito sobre isso. Mas, você sabe, muitos dos ents são muitas vidas de árvore mais jovens do que eu. Estão decididos agora, e concentram as mentes numa única coisa: destruir Isengard.

Mas logo começarão a pensar de novo: vão esfriar um pouco, quando estivermos tomando nossa bebida da noite. Que sede sentiremos! Mas, agora, que marchem e cantem! Temos um longo caminho a percorrer, e há tempo para pensar depois. Já é alguma coisa terem começado.

Barbárvore continuou marchando, cantando com os outros por um tempo. Mas depois sua voz foi diminuindo até se transformar num murmúrio, e ele ficou em silêncio de novo. Pippin podia ver que sua velha fronte estava franzida e cheia de nós. Finalmente ergueu os olhos, e Pippin pôde ver seu olhar triste, triste mas não infeliz.

Havia uma luz naquele olhar, como se a chama verde tivesse afundado mais ainda nos poços escuros de seu pensamento.

— É claro, é muito provável, meus amigos — disse ele devagar —, é provável que estejamos indo ao encontro de nosso destino: a última marcha dos ents. Mas se ficássemos em casa sem fazer nada o destino nos encontraria de qualquer jeito, mais cedo ou mais tarde. Esse pensamento vem crescendo em nossos corações, e é por isso que estamos marchando agora. Não foi uma decisão apressada. Agora, pelo menos, a última marcha dos ents será digna de uma canção. É — suspirou ele —, podemos ajudar os outros povos antes de desaparecermos. Mesmo assim, eu iria gostar de ver as canções sobre as entesposas se tornando realidade. Iria gostar muito de rever Fimbrethil. Mas, meus amigos, as canções são como as árvores: só dão frutos no tempo próprio, e à sua maneira: e às vezes murcham antes da hora.

Os ents continuaram marchando a longas passadas. Rumavam para uma grande dobra no terreno que descia para o sul; agora começavam a subir, galgando a alta cordilheira ocidental. A floresta ficou bem abaixo e eles atingiram grupos espalhados de bétulas, e depois encostas nuas onde apenas alguns pinheiros esqueléticos cresciam.

O sol mergulhou atrás da escura colina à frente deles. Um crepúsculo cinzento desceu sobre a terra.

Pippin olhou para trás. O número de ents tinha crescido — ou o que estava acontecendo? No lugar onde deveriam estar as encostas nuas que tinham atravessado, ele teve a impressão de ver bosques de árvores. Mas elas estavam se movendo.

Será que as árvores de Fangorn estavam acordadas, e que a floresta estava subindo, marchando sobre as colinas em direção à guerra? Pippin esfregou os olhos, imaginando que o sono ou a escuridão o estivessem enganando; mas as grandes formas cinzentas não paravam de se mover para frente. Ouvia-se um ruído como o do vento em muitos galhos.

Os ents estavam chegando perto da crista da cordilheira agora, e tinham parado completamente de cantar. A noite caiu, e houve silêncio: não se ouvia nada, a não ser um tremor fraco da terra sob os pés dos ents, e um farfalhar, a sombra de um sussurro, como de muitas folhas arrastadas. Finalmente chegaram ao topo, e olharam para baixo, dentro de um fosso escuro: a grande fenda no fim das montanhas: Nan Curunír, o Vale de Saruman.

— A noite cobre Isengard — disse Barbárvore.

CAPÍTULO V: O CAVALEIRO BRANCO

— Estou gelado até os ossos — disse Gimli, batendo os braços e pisando forte.

Finalmente o dia chegara. Ao nascer do sol os companheiros comeram o que havia; agora, na luz que aumentava, estavam se preparando para vasculhar o chão mais uma vez em busca de sinais dos hobbits.

— E não se esqueça daquele velho! — disse Gimli. — Eu ficaria mai feliz se visse a pegada de uma bota.

— Por que isso o deixaria feliz? — perguntou Legolas.

— Porque um velho com pés que deixam pegadas não pode ser mais nada além do que aparenta — respondeu o anão.

— Talvez — disse o elfo —, mas uma bota pesada poderia não deixar pegadas aqui: a grama é alta e fofa.

— Isso não enganaria um guardião — disse Gimli. — Uma folh tombada é o suficiente para que Aragorn possa ler. Mas não acho que ele va descobrir qualquer sinal. Foi uma aparição maligna de Saruman o que vimos ontem à noite. Tenho certeza disso, mesmo sob a luz do dia. Os olhos dele estão nos procurando lá de Fangorn, até mesmo agora, talvez.

— É bem provável — disse Aragorn —, mas não tenho certeza. Estou pensando nos cavalos. Ontem você disse, Gimli, que eles tinham sido afugentados. Mas eu não achei que foi isso que aconteceu. Você os ouviu Legolas? Pareciam animais apavorados?

— Não — disse Legolas. — Eu os ouvi claramente. Se não fosse pel escuridão e por nosso próprio medo, eu acharia que eram animais eufóricos com uma alegria repentina. Falaram como falam os cavalos que encontram um amigo do qual sentem falta há muito tempo.

— Eu também achei isso — disse Aragorn — mas não consigo decifra o enigma, a não ser que eles retornem. Venham! A luz está aumentando rápido. Vamos olhar primeiro e adivinhar depois! Devemos começar por aqui, perto de nosso próprio acampamento, procurando cuidadosamente por tudo, e vasculhando a colina na direção da floresta.

Encontrar os hobbits é nossa missão, não importa o que pensemos sobre o visitante da noite passada. Se eles por algum acaso escaparam, então

devem ter se escondido nas árvores, caso contrário teriam sido vistos. Se nãc encontrarmos nada desde este ponto até as bordas da floresta, então vamos fazer uma última busca no campo de batalha, por entre as cinzas. Mas lá há pouca esperança: os Cavaleiros de Rohan fizeram muito bem o seu trabalho.

Por algum tempo os companheiros se arrastaram, tateando o chão. A árvore se erguia lamentosa sobre eles, com suas folhas secas agora caídas, farfalhando ao frio Vento Leste. Aragorn se afastou lentamente. Chegou atı as cinzas da fogueira dos cavaleiros, perto da margem do rio, e então começou a refazer o caminho de volta, na direção do montículo onde fora travada a batalha. De repente se agachou, baixando o rosto ao chão, quase até tocar a grama. Depois chamou os outros. Eles vieram correndo.

— Finalmente aqui encontramos notícias! — disse Aragorn. Erguei uma folha quebrada para que os outros vissem, uma grande folha de tonalidade dourada, agora murchando e ficando marrom. — Aqui está uma folha de mallorn de Lórien, e há pequenas migalhas nela, e mais algumas na grama. E vejam ! Há alguns pedaços de corda cortada aqui perto!

— E aqui está a faca que a cortou! — disse Gimli. Abaixou-se ı arrancou de uma touceira uma pequena lâmina dentada, que fora parar ali ao ser pesadamente pisada.

O punho de onde tinha sido quebrada estava ao lado.

— É uma arma de orc — disse ele, segurando-a com cuidado e olhando com nojo para o punho entalhado: fora moldado na forma de uma horrível cabeça, com olhos vesgos e boca torta.

— Bem, este é o enigma mais estranho que já encontramos! — exclamou Legolas. — Um prisioneiro amarrado escapa tanto dos orcs comı dos cavaleiros que estão em volta, Depois pára, ainda no espaço descoberto, e corta suas amarras com uma faca de orc. Mas como e por quê? Pois, se as pernas estavam atadas, como conseguiu andar? Se os braços estavam amarrados, como cortou as cordas? E se nenhum dos dois estava amarradc por que então ele usou a faca? Satisfeito com a própria habilidade, sentou-se e comeu tranqüilamente um pouco de pão-de-viagem! Isso pelo menos é suficiente para mostrar que ele era um hobbit, sem contar com a folha de mallorn. Depois disso, suponho, transformou seus braços em asas e fugiu voando por entre as árvores. Seria fácil encontrá-lo: só precisamos de asas

para nós também!

— Com certeza houve feitiçaria aqui — disse Gimli. — O que o velh estava fazendo? O que você tem a dizer, Aragorn, sobre a interpretação d Legolas? Pode melhorá-la?

— Talvez eu pudesse — disse Aragorn, sorrindo. — Há uns outro sinais por aqui que vocês não consideraram. Concordo que o prisioneiro era um hobbit e que devia estar ou com os pés ou com as mãos livres, antes de chegar aqui. Acho que eram as mãos, porque o enigma fica então mais fácil, e também porque, conforme estou interpretando os sinais, ele foi carregado até aqui por um orc. Correu sangue ali, a alguns passos adiante, sangue de orc. Há pegadas fundas de cascos rodeando todo este ponto, e sinais de que uma coisa pesada foi arrastada. O orc foi morto por cavaleiros, e depois seu corpo foi puxado até a fogueira. Mas o hobbit não foi visto: ele não estava n espaço aberto pois era noite e ele ainda tinha sua capa élfica, Estava exaust e faminto, e não é de admirar que, quando cortou suas amarras com a faca do inimigo, tenha descansado e comido um pouco antes de se arrasta r para longe. Mas é um consolo saber que ele tinha um pouco de lembas no bolso, mesmo que tenha fugido sem equipamentos ou mochilas, e isso talvez seja bem ao estilo dos hobbits. Digo ele, embora tenha esperanças e suponha que Merry e Pippin estiveram aqui juntos. Entretanto, não há nada que nos d certeza disso.

— E como você supõe que um de nossos amigos conseguiu livrar uma das mãos? — perguntou Gimli.

— Não sei como isso aconteceu — respondeu Aragorn. — E tambén não sei por que um orc os estava carregando para longe. Não para ajudá-lo a escapar, disso podemos ter certeza. Não, mas agora começo a entende uma coisa que me tem intrigado desde o começo: por que, quando Boromi caiu, os orcs ficaram satisfeitos em capturar Merry e Pippin? Nã procuraram pelo resto de nosso grupo, nem atacaram nosso acampamento; em vez disso, foram a toda velocidade na direção de Isengard. Será qu supunham ter capturado o Portador do Anel e seu fiel companheiro? Ach que não. Seus mestres não dariam ordens tão claras aos orcs, mesmo que soubessem de tanta coisa; não falariam abertamente sobre o Anel com eles: os orcs não são servidores confiáveis. Mas acho que receberam ordens de

capturar hobbits, vivos e a qualquer custo. Foi feita uma tentativa de fuga com o s preciosos prisioneiros antes da batalha. Talvez traição, muito provável num povo assim; algum orc grande e corajoso poderia estar tentando escapar sozinho levando o premio, com fins próprios. Aí está minha história. Outras podem ser criadas. Mas podemos contar com isto de qualquer forma: pelo menos um de nossos amigos escapou. Nossa tarefa é procurá-lo e tentar ajudá-lo antes de retornarmos a Rohan. Não devemos nos intimidar com Fangorn, uma vez que a necessidade o levou para aquele lugar escuro.

— Não sei o que me intimida mais: Fangorn, ou pensar na longa estrada até Rohan a pé — disse Gimli.

— Vamos para a Floresta — disse Aragorn.

Não demorou muito para que Aragorn encontrasse pistas recentes Num Ponto, perto da margem do Entágua, encontrou pegada s: pegadas de hobbit, mas leves demais para que se pudesse tirar muitas conclusões a partir delas. Depois, sob a copa de uma grande árvore, bem na orla da floresta, mais pegadas foram descobertas. A terra era seca e nua, e não revelou muita coisa.

— Pelo menos um hobbit parou aqui por um tempo e olhou para trás; e depois foi em direção à floresta — disse Aragorn.

— Então devemos entrar nela também — disse Gimli. — Mas não gosto do jeito desta Fangorn, e fomos advertidos em relação a ela. Gostaria que a busca nos tivesse conduzido a algum outro lugar!

— Não sinto maldade na floresta, não importa o que as histórias digam — disse Legolas. Parou à beira da floresta, inclinando-se para frente como se tentasse escutar alguma coisa, e espiando com olhos bem abertos dentro das sombras.

— Não, a floresta não é má; ou, se houver algum mal nela, está bem longe. Só percebo ecos quase inaudíveis de lugares escuros, onde os corações das árvores são negros. Não há malícia perto de nós; mas há vigilância, e ódio.

— Bem, a floresta não tem motivos para sentir ódio de mim — disse Gimli. — Não lhe fiz mal nenhum.

— Concordo com isso — disse Legolas. — Mas, mesmo assim, ela

sofreu danos. Há alguma coisa acontecendo aqui dentro, ou prestes a acontecer. Vocês não sentem a tensão? É até difícil respirar.

— Sinto o ar abafado — disse o anão. — Esta floresta é mais leve que a Floresta das Trevas, mas é mofada e deprimente.

— É velha, muito velha — disse o elfo. — Tão velha que quase me sinto Jovem, outra vez, como não me sinto desde que viajei com vocês, crianças. E velha e carregada de lembranças. Eu poderia me sentir feliz aqui, se tivesse vindo em dias de paz.

— Arrisco dizer que sim — retrucou Gimli. — Você é um elfo d. Floresta, de qualquer forma, embora os elfos de qualquer tipo sejam pessoas esquisitas. Mas você me consola. Por onde for, irei também. Mas mantenh. seu arco a postos, e eu vou deixar meu machado solto no cinto. Não para usá-lo nas árvores — acrescentou ele depressa, erguendo os olhos para a árvore sob a qual estavam. — Não quero encontrar aquele velhc inesperadamente sem ter um argumento à mão, isso é tudo. Vamos!

Com isso os três caçadores mergulharam na floresta de Fangorn Legolas e Gimli deixaram que Aragorn procurasse as pistas. Havia pouc para se ver.

O solo da floresta estava seco e coberto por uma camada de folhas; mas, supondo que os fugitivos ficariam perto da água, ele sempre retornava às margens do rio.

Foi assim que chegou ao lugar onde Merry e Pippin tinham bebid. água e molhado os pés. Ali, perfeitamente claras para quem quisesse ver, estavam as pegadas de dois hobbits, um deles um pouco menor que o outro.

— Esta notícia é boa — disse Aragorn. — Mas as marcas já têm doi dias. E parece que neste ponto os hobbits abandonaram as margens.

— Então, que faremos agora? — disse Gimli. — Não podemo procurá-los através de toda a floresta. Viemos com poucos suprimentos. Se não os encontrarmos logo, não poderemos ser de nenhuma utilidade, a não ser sentando ao lado deles e demonstrando nossa amizade, passando fome juntos.

— Se isso for realmente tudo o que pudermos fazer, então devemos fazê-lo — disse Aragorn. — Vamos em frente.

Finalmente chegaram à extremidade abrupta da colina íngreme de

Barbárvore, e olharam para a parede rochosa com degraus grosseiros, que conduziam ao alto patamar.

Raios de sol perfuravam as nuvens apressadas, e a floresta agora parecia menos cinzenta e desolada.

— Vamos subir e olhar em volta! — disse Legolas. — Ainda sinto a respiração difícil.

Gostaria de experimentar um ar mais livre por uns momentos. Os companheiros escalaram a encosta. Aragorn veio por último, avançando devagar: estava examinando os degraus e saliências minuciosamente.

— Tenho quase certeza de que os hobbits estiveram aqui em cima disse ele.

— Mas há outras marcas, marcas muito estranhas que eu não entendo. Fico imaginando se deste patamar conseguiremos ver alguma coisa que nos ajude a adivinhar para onde eles foram depois.

Levantou-se e olhou em volta, mas não viu nada que o ajudasse. O patamar voltava-se para o leste e para o sul; mas a vista só estava aberta na direção do leste.

Ali ele conseguiu ver as cabeças das árvores descendo em fileiras em direção à planície da qual eles tinham vindo.

— Demos uma grande volta — disse Legolas. — Poderíamos te chegado aqui a salvo e juntos, se tivéssemos abandonado o Grande Rio no segundo ou terceiro dia, e virado para o oeste. Poucos conseguem enxergar para onde sua estrada os conduzirá antes de chegarem ao final dela.

— Mas nós não queríamos vir para Fangorn — disse Gimli.

— Mas aqui estamos nós, perfeitamente presos na teia — disse Legolas.

— Olhe!

— Olhar o quê? — perguntou Gimli.

— Ali, nas árvores.

— Onde? Não tenho olhos de elfo.

— Psssiu! Fale mais baixo! Olhe! — disse Legolas apontando. — L embaixo, na floresta, no caminho por onde viemos. É ele, Você não está vendo, passando de árvore em árvore?

— Estou vendo, agora estou vendo! — sussurrou Gimli. — Olhe

Aragorn! Eu não o avisei? Ali está o velho. Todo coberto de farrapc cinzentos: é por isso que não consegui vê-lo antes.

Aragorn olhou e viu uma figura curvada, movimentando-se devagar. Não estava longe. Parecia um velho mendigo, caminhando fatigado apoiando-se num cajado rude — A cabeça estava curvada, e ele não olhava na direção deles. Em outras terras, teriam-no cumprimentado com palavras gentis, mas naquele momento ficaram em silêncio, cada um sentindo uma estranha expectativa: algo que trazia um poder oculto — ou ameaça — se aproximava.

Gimli observou com os olhos arregalados por um tempo, conforme a figura se avizinhava passo a passo. Então, de repente, não conseguindo mais se conter, falou numa explosão: — Seu arco, Legolas! Apronte-o! Fiqu preparado! É Saruman. Não deixe que ele fale, ou lance um feitiço sobre nós! Atire primeiro! Legolas pegou o arco e o preparou, lentamente, como se outra vontade se opusesse à dele. Segurava uma flecha na mão sem firmeza, sem encaixá-la na corda. Aragorn ficou quieto, seu rosto vigilante e atento.

— O que está esperando? Qual é o problema com você? — disse Gimli num sussurro chiado.

— Legolas está certo — disse Aragorn baixinho, — Não podemo atirar num velho desse modo, traiçoeiramente e sem desafio, qualquer que seja o medo ou a dúvida que tenhamos. Olhem e esperem!

Nesse momento, o velho apertou o passo e chegou com uma rapidez surpreendente ao pé da muralha rochosa. Então, de repente, ergueu os olhos, enquanto os três continuavam imóveis, olhando para baixo. Não se ouvia nenhum som.

Os companheiros não conseguiam ver seu rosto: ele estava usandc um capuz, e sobre o capuz havia um chapéu de aba larga, de modo que todo o rosto estava encoberto, exceto a extremidade da barba grisalha. Mesmo assim, Aragorn teve a impressão de ver de relance o brilho de olhos perspicazes, emitido daquele rosto encapuzado.

Finalmente o velho quebrou o silêncio. — Bem-vindos, meus amigos disse ele numa voz suave. — Desejo-lhes falar. Vocês vão descer ou devc subir?

— Sem esperar uma resposta, começou a escalar.

— Agora! — disse Gimli. — Detenha-o, Legolas!

— Eu não disse que desejava lhes falar? — disse o velho. — Abaixe esse arco, Mestre Elfo!

O arco e a flecha caíram das mãos de Legolas, e os braços ficaram paralisados ao longo do corpo.

— E você, Mestre Anão, por favor, tire a mão do cabo de seu machado, até que eu chegue aí! Não vai precisar desses argumentos.

Gimli fez um movimento e depois ficou petrificado, olhando, enquanto o velho subia os rudes degraus com a leveza de um cabrito. Todo o cansaço parecia tê-lo abandonado.

Conforme pisou no patamar houve um brilho, rápido demais para se ter certeza, um breve vislumbre de branco, como se alguma vestimenta, ocultada pelos farrapos cinzentos, tivesse sido revelada por um instante. Podia-se ouvir a respiração de Gimli como um chiado ruidoso quebrando o silêncio.

— Bem-vindos, repito! — disse o velho, andando em direção a eles. Quando estava a alguns passos de distância, parou, inclinando-se sobre o cajado, com a cabeça para frente, espiando-os de seu capuz. — E todos vestidos à moda dos elfos. Não há dúvida de que por trás de tudo isso há uma história digna de ser ouvida. Essas coisas não são vistas com frequência por aqui.

— Você fala como alguém que conhece bem Fangorn — disse Aragorn. — isso é verdade?

— Não muito bem — disse o velho. — Isso seria estudo para muitas vidas. Mas venho aqui de vez em quando.

— Podemos saber seu nome, e depois ouvir o que tem a nos dizer? Disse Aragorn. — A manhã está passando, e temos uma missão que não pode esperar.

— Quanto ao que eu desejava dizer, já o disse, E vocês, que andam fazendo, e que história podem me contar sobre vocês? Quanto ao meu nome! — Ele interrompeu, dando uma risada longa e suave. Aragorn sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo ao ouvir o som daquele riso, um arrepio frio e estranho; mas não foi medo ou terror o que sentiu: era mais como um golpe repentino de ar fresco, ou uma rajada de chuva fria despertando alguém de

um sono intranquilo.

— Meu nome! — disse o velho outra vez. — Ainda não adivinharam? Já o ouviram antes, eu acho. Sim, já o ouviram antes. Ma vamos agora, qual é sua história?

Os três companheiros ficaram em silêncio e não deram resposta.

— Existem pessoas que começariam a duvidar se sua missão merece ser contada — disse o velho. — Felizmente sei algo sobre ela. Estão seguindo as pegadas de dois jovens hobbits, suponho. Sim, hobbits. Não me olhem assim, como se nunca tivessem ouvido essa estranha palavra antes. Vocês já ouviram, e eu também. Bem, eles subiram aqui anteontem, e encontraram alguém que não esperavam. Isso os consola? E agora gostariam de saber para onde foram levados? Bem, bem, talvez eu possa lhes dar alguma notícia sobre isso. Mas por que estamos de pé? Sua missão, pelo que vejo, não é mais tão urgente quanto pensavam. Vamos nos sentar e ficar mais à vontade.

O velho se virou e foi na direção de um monte de pedras e rochas caídas ao pé do penhasco. Imediatamente, como se um feitiço tivesse sido removido, os outros relaxaram e se mexeram. As mãos de Gimli foram direto para o cabo do machado.

Aragorn sacou a espada. Legolas pegou o arco.

O velho não tomou conhecimento disso, mas se agachou e sentou-se sobre uma pedra baixa e plana. Então sua grande capa se abriu e eles viram, com certeza, que por baixo dela ele estava vestido de branco.

— Saruman! — gritou Gimli, saltando na direção dele com o machado em punho. — Fale! Diga-nos onde escondeu nossos amigos! Que fez com eles? Fale, ou farei um estrago em seu chapéu que será difícil de consertar, mesmo para um mago.

O velho foi rápido demais para ele. Saltou de pé e pulou para o topo de uma grande rocha. Ali ficou, subitamente imponente, erguendo-se diante deles. O capuz e os farrapos cinzentos caíram para trás. As vestes brancas brilharam.

Levantou o cajado, e o machado de Gimli saltou de seu punho e caiu com um ruído no solo. A espada de Aragorn, imóvel em sua mão paralisada, brilhava com um fogo repentino.

Legolas soltou um grito e atirou uma flecha no ar: ela sumiu num

clarão de fogo.

— Mithrandir! — gritou ele. — Mithrandir!

— Bem-vindo, digo a você outra vez, Legolas! — disse o velho.

Todos olharam para ele. Os cabelos eram brancos como a neve ao sol e brilhante era sua veste branca; os olhos sob as sobrancelhas grossas eram reluzentes, agudos como os raios do sol; havia poder em suas mãos. Em meio à surpresa, à alegria e ao medo, eles ficaram parados, sem saber o que dizer.

Finalmente Aragorn se mexeu.

— Gandalf! — disse ele. — Além de todas as esperanças você retorna em nossa necessidade! Que véu cobria minha visão? Gandalf! — Gimli não disse nada, mas caiu de joelhos e cobriu os olhos.

— Gandalf! — repetiu o velho, como se recuperasse de uma lembrança antiga um nome há muito em desuso. — Sim, esse era o nome. Eu era Gandalf.

Desceu da rocha e, apanhando a capa cinzenta, cobriu-se com ela: parecia que o sol estivera brilhando, e que agora se encobria de nuvens outra vez.

— Sim, podem ainda me chamar de Gandalf — disse ele, e a voz era a de seu velho amigo, companheiro e guia. — Levante-se, meu bom Gimli. Você não tem culpa, e não me fez mal algum. Na verdade, meus amigos, nenhum de vocês tem armas que possam me ferir. Alegrem-se! Encontramo-nos de novo! Na virada da maré. A grande tempestade se aproxima, mas a maré virou.

Colocou a mão sobre a cabeça de Gimli, e o anão ergueu os olhos e riu de repente.

— Gandalf! — disse ele. — Mas você está todo de branco!

— Sim, sou branco agora — disse Gandalf. — Na verdade, eu sou Saruman, quase poderíamos dizer, Saruman como ele deveria ter sido. Mas vamos agora, falem-me sobre vocês! Atravessei o fogo e águas profundas desde que nos separamos. Esqueci muita coisa que julgava saber, e aprendi de novo muita coisa que havia esquecido. Posso ver muitas coisas à distância, mas muitas coisas que estão próximas eu não consigo ver. Falem-me sobre vocês!

— O que deseja saber? — perguntou Aragorn. — Tudo o que

aconteceu desde que nos separamos na ponte seria uma história longa. Você não poderia primeiro nos dar notícias dos hobbits? Você os encontrou, e eles estão a salvo?

— Não, não os encontrei — disse Gandalf — Havia uma escuridão sobre os vales dos Emyn Muil, e eu não sabia que estavam aprisionados, até que a águia me contou.

— A águia! — disse Legolas. — Eu vi uma águia voando bem alto: a última vez foi há três dias, sobre os Emyn Muil.

— Sim — disse Gandalf —, era Gwaihir, o Senhor dos Ventos, que me resgatou de Orthanc. Enviei-o na minha frente para vigiar o Rio e consegui notícias. Ele tem uma visão apurada, mas seus olhos não conseguem enxergar tudo o que se passa sob as colinas e árvores. Algumas coisas ele viu, e outras eu mesmo vi. O Anel agora está fora do alcance de minha ajuda, ou da ajuda de qualquer um da Comitiva que partiu de Valfenda. Quase foi revelado ao Inimigo, mas escapou. Tive alguma parte nisso: pois sentei-me num lugar alto, e lutei contra a Torre Escura e a Sombra passou. Depois fiquei cansado, muito cansado; e caminhei por muito tempo, envolvido em pensamentos escuros.

— Então você sabe sobre Frodo! — disse Gimli. — Como estão as coisas com ele?

— Não sei dizer. Foi salvo de um grande perigo, mas muitos ainda o esperam. Resolveu ir sozinho a Mordor, e partiu: isso é tudo que posso dizer.

— Não sozinho — disse Legolas. — Achamos que Sam foi com ele.

— Ele foi? — disse Gandalf, e seus olhos brilharam e o rosto sorriu. Foi mesmo? Isso é novidade para mim, mas não me surpreende, Bom! Muito bom! Tiram-me um peso do coração. Precisam me dizer mais. Agora sentem-se ao meu lado e contem a história de sua jornada.Os companheiros sentaram-se no chão aos pés dele, e Aragorn continuou a história. Por um longo período Gandalf não disse nada, e não fez perguntas. Suas mãos estavam estendidas sobre os joelhos, e os olhos fechados. Finalmente, quando Aragorn falou sobre a morte de Boromir e de sua última viagem pelo Grande Rio, o velho suspirou.

— Você não disse tudo o que sabe ou supõe, Aragorn, meu amigo — disse ele suavemente. — Pobre Boromir! Não pude ver o que aconteceu com

ele. Foi uma prova dura para um homem assim: um guerreiro, um senhor de homens. Galadriel me disse que ele estava em perigo. Mas escapou no final Fico feliz. Não foi em vão que os jovens hobbits vieram conosco, mesmo que tenha sido apenas para o bem de Boromir. Mas esse não é o único pape deles. Foram trazidos a Fangorn, e a chegada deles foi como a queda de pequenas pedras que iniciam uma avalanche nas montanhas. Neste momento em que estamos conversando, ouço os primeiros estrondos. Será melhor para Saruman não ser pego fora de casa quando a represa explodir.

— Em uma coisa você continua o mesmo, caro amigo — disse Aragorn Você ainda fala por meio de enigmas.

— O quê? Em enigmas? — disse Gandalf — Pois estava faland comigo mesmo em voz alta. Um hábito dos velhos: escolhem falar às pessoas mais sábias, as longas explicações que os jovens necessitam são cansativas.

Mas o som do riso agora parecia quente e agradável, como um raio de sol.

— Não sou mais jovem, mesmo para os homens das Antigas Casas – disse Aragorn. — Você não poderia me abrir sua mente com mais clareza?

— Que devo então dizer? — disse Gandalf, depois parou um tempo pensando.

— Este é um resumo das coisas como as vejo agora, se você quiser saber um pouco do que estou pensando, com a maior clareza possível. O Inimigo, é claro, já sabe há muito tempo que o Anel está viajando, e que seu portador é um hobbit. Sabe o número dos integrantes de nossa Comitiva que partiu de Valfenda, e que tipo de pessoas somos. Mas ainda não percebe nosso propósito claramente. Supõe que todos nós está vamos indo para Minas Tirith, pois isso é o que ele próprio faria se estivesse em nosso lugar. E de acordo com a sua sabedoria isso seria um golpe forte contra seu poder. Na verdade, está sentindo um grande medo, sem saber que pessoa poderosa poderia de repente aparecer, controlando o Anel e ameaçando-o com a guerra, tentando destruí-lo e tomar seu lugar. Que poderíamos desejar destruí-lo e não colocar ninguém em seu lugar é um pensamento que não lhe ocorre. Que possamos tentar destruir o próprio Anel é algo que não entrou nem em seus sonhos mais escuros. Nisso, sem dúvida, vocês verão nossa boa sorte e nossa esperança. Por ter imaginado a guerra, deflagrou a

guerra, acreditando que não tinha mais tempo a perder; pois aquele que dá o primeiro golpe, se o golpe tiver força suficiente, pode não precisar dar mais golpes. Assim, as forças que vem preparando há muito tempo, ele as colocou em ação antes do que pretendia. Sábio tolo. Pois se tivesse usado todo seu poder para guardar Mordor, de modo que ninguém conseguisse entrar, e colocado toda a sua astúcia na procura do Anel, então realmente não haveria mais esperanças: nem o Anel nem o portador poderiam tê-lo iludido por muito tempo. Mas agora olha mais para longe do que para as vizinhanças de seu lar; e principalmente olha na direção de Minas Tirith. Logo sua força cairá sobre aquela cidade como uma tempestade.

— Pois ele já sabe que os mensageiros que enviou para perseguir a Comitiva falharam de novo. Não encontraram o Anel. Nem trouxeram qualquer hobbit como refém. Se tivessem feito isso, teria sido um golpe forte para nós, que poderia ser fatal. Mas não vamos escurecer nossos corações imaginando o julgamento de sua gentil lealdade na Torre Escura. Pois o Inimigo falhou — por enquanto. Graças a Saruman.

— Então Saruman não é um traidor?

— Na verdade é — disse Gandalf — Duplamente, E isso não estranho? Nada que suportamos recentemente parece tão lamentável quanto a traição de Isengard. Mesmo considerando-se o padrão de um senhor e um capitão, Saruman se tomou muito forte. Ameaça os homens de Rohan e retira o apoio que eles receberiam de Minas Tirith, exatamente no momento em que o golpe principal se aproxima, vindo do leste. Apesar disso, uma arma traiçoeira é sempre perigosa para quem a empunha. Saruman também desejava apossar-se do Anel, para uso próprio, ou pelo menos capturar alguns hobbits para seus propósitos malignos. Então, agindo em conjunto, nossos inimigos só conseguiram trazer Merry e Pippin numa velocidade espantosa, e no momento certo, até Fangorn, para onde eles nunca teriam vindo de outra forma! Além disso, encheram-se de dúvidas novas que atrapalham seus planos. Nenhuma notícia da batalha chegará a Mordor, graças aos Cavaleiros de Rohan; mas o Senhor do Escuro sabe que dois hobbits foram captura dos nos Emyn Muil e levados para Isengard contra a vontade de seus próprios servidores. Agora ele teme Isengard e também Minas Tirith. Se Minas Tirith cair, isso será ruim para Saruman.

— É uma pena que nossos amigos estejam no meio dessa luta — disse Gimli.

— Se nenhuma terra ficasse entre Isengard e Mordor, eles poderian lutar enquanto nós ficaríamos observando e esperando.

— O vencedor emergiria mais forte que qualquer um dos dois, e livre de dúvidas — disse Gandalf. — Mas Isengard não pode lutar contr. Mordor, a não ser que Saruman obtenha o Anel primeiro. E isso ele nã conseguirá nunca. Ainda não sabe do perigo que corre. Há muita coisa que ele não sabe. Estava tão ávido por colocar as mãos em sua presa que nãc conseguiu ficar esperando em casa, e saiu para encontrar e espionar seus mensageiros. Mas chegou tarde demais, desta vez; a batalha já estava terminada e ele não podia mais ajudar em nada quando chegou a estas partes. Não ficou aqui por muito tempo. Olhando dentro da mente dele eu vejo suas dúvidas. Ele fica desorientado em florestas. Acha que os cavaleiros mataram e queimaram todos sobre o campo de batalha, mas não sabe se os orcs estavam ou não — trazendo algum prisioneiro. E não sabe da discussãc entre seus servidores e os orcs de Mordor; e também não sabe do Mensageiro Alado.

— O Mensageiro Alado! — gritou Legolas. — Atirei nele com o arc de Galadriel sobre o Sarn Gebir, e derrubei-o dos céus. Ele nos encheu d medo. Que novo terror é esse?

— Um terror que você não pode abater com flechas — disse Gandalf Você apenas abateu a montaria dele. Foi um bom feito; mas logo o Cavaleir conseguiu outro cavalo.

Pois ele era um Nazgúl, um dos Nove, que agora têm montaria aladas. Logo seu terror cobrirá de sombras os últimos exércitos de nossos amigos, barrando o sol. Mas ainda não lhes foi permitido atravessar o Rio, e Saruman não conhece essa nova forma na qual os Espectros do Anel se apresentam. Tem o pensamento constantemente voltado para o Anel. C Anel estava presente na batalha? Foi encontrado? E se Théoden, Senhor d Terra dos Cavaleiros, se aproximasse e soubesse do poder desse Anel? É esse o perigo que Saruman enxerga, e ele fugiu de volta para Isengard para redobrar ou triplicar a força de seu a taque em Rohan. E durante todo c tempo há um outro perigo, muito próximo, que ele não enxerga, ocupado

que está com seus pensamentos inflamados. Esqueceu Barbárvore.

— Agora você está falando para si mesmo outra vez — disse Aragorn com um sorriso. — Não conheço Barbárvore. E adivinhei parte da dupla traição de Saruman; apesar disso, não vejo de que modo a chegada de dois hobbits a Fangorn pode ter tido alguma serventia, exceto para nos proporcionar uma busca longa e infrutífera.

— Espere um minuto! — gritou Gimli. — Há uma outra coisa que eu gostaria de saber primeiro. Foi você, Gandalf, ou Saruman, que vimos a noite passada?

— Certamente vocês não me viram — respondeu Gandalf — portanto devo supor que viram Saruman. Evidentemente somos agora tão parecidos que seu desejo de fazer um estrago irreversível no meu chapéu deve ser perdoado.

— Bom, bom! — disse Gimli. — Fico feliz em saber que não era você.

Gandalf riu de novo.

— Sim, meu bom anão — disse ele. — É bom não ser confundido em todos os pontos. Sei disso muito bem! Mas, é claro, nunca os culpei pelo modo como me receberam. Como poderia, se frequentemente aconselhei meus amigos a suspeitarem até de suas próprias sombras, quando estivessem lidando com o Inimigo? Bendito seja, Gimli, filho de Glóin! Talvez você nos veja juntos um dia e então poderá julgar a diferença.

— Mas os hobbits! — interrompeu Legolas. — Viemos de longe à procura deles, e parece que você sabe onde eles estão. Onde estão agora?

— Com Barbárvore e os ents — disse Gandalf.

— Os ents! — exclamou Aragorn. — Então há verdade nas velhas lendas sobre os moradores das florestas profundas e os pastores gigantes das árvores? Ainda existem ents no mundo? Achei que fossem apenas uma lembrança de dias antigos, se de fato eram mesmo algo mais que uma lenda de Rohan.

— Uma lenda de Rohan! — gritou Legolas. — Não, todos os elfos das Terras Ermas já cantaram canções sobre os velhos onodrim e sua longa tristeza. Mas mesmo entre nós eles são apenas uma lembrança. Se eu encontrasse um deles ainda caminhando por este mundo, então poderia me sentir jovem outra vez! Mas Barbárvore: isso é apenas uma tradução de

Fangorn para a Língua Geral; mas você parece estar falando de uma pessoa Quem é esse Barbárvore?

— Ali, agora estão fazendo perguntas demais — disse Gandalf. — C pouco que sei de sua longa e lenta história daria uma narrativa para a qual não temos tempo agora. Barbárvore é Fangorn, o guardião da floresta; é o mais velho dos ents, o ser mais velho que ainda caminha sob o sol, nesta Terra-média. Realmente espero, Legolas, que você ainda possa encontrá-lo Merry e Pippin tiveram sorte: encontraram-no aqui, neste ponto onde estamos sentados. Pois ele veio aqui há dois dias e os levou para sua moradia lá longe, perto das raízes das montanhas. Frequentemente vem aqui, principalmente quando tem a mente inquieta, e quando os rumores do mundo lá fora o preocupam. Vi-o há quatro dias andando a largas passadas por entre as árvores, e acho que ele me viu, pois parou; mas eu não disse nada, porque estava concentrado em meus pensamentos, e cansado depois de minha luta contra o Olho de Mordor; ele também não falou, nem chamou meu nome.

— Talvez também tenha achado que você era Saruman — disse Gimli.

— Mas você fala dele como se fosse um amigo. Pensei que Fangorn fosse perigoso.

— Perigoso! — exclamou Gandalf. — Eu também sou, muito perigoso mais perigoso que qualquer outro ser que jamais encontrarão, a não ser que sejam levados vivos diante do trono do Senhor do Escuro. E Aragorn perigoso, e Legolas é perigoso. Você está rodeado de perigos, Gimli, filho de Glóin; pois você mesmo é perigoso, à sua maneira. Certamente a floresta de Fangorn é perigosa — não menos perigosa para aqueles que são rápidos demais com seus machados; e o próprio Fangorn, ele também é perigoso, no entanto é gentil e sábio. Mas agora sua ira lenta e longa está transbordando, e toda a floresta está cheia dela. A vinda dos hobbits com as notícias que trouxeram foi a gota d'água: logo estará correndo como uma enchente; mas sua maré está voltada contra Saruman e os machados de Isengard. Algo que não acontece desde os Dias Antigos está para acontecer: os ents vão despertar e descobrir que são fortes.

— Que irão fazer? — perguntou Legolas atônito.

— Não sei — disse Gandalf. — Não acho que eles mesmos saibam Fico imaginando. — Ficou em silêncio, com a cabeça curvada, perdido em pensamentos.

Os outros olharam para ele. Um raio de sol, através de nuvens fugitivas, bateu em suas mãos, que agora estavam caídas sobre seu colo, com as palmas voltadas para cima: pareciam estar cheias de luz como um copo cheio de água. Finalmente ergueu os olhos e olhou direto para o sol.

— A manhã está terminando — disse ele. — Logo devemos partir.

— Vamos encontrar nossos amigos e Barbárvore? — perguntou Aragorn.

— Não — disse Gandalf — Não é essa a estrada que devem pegar Pronunciei palavras de esperança. Mas apenas de esperança. Esperança não é vitória. A guerra está sobre nós e todos os nossos amigos, uma guerra na qual apenas a utilização do Anel poderia nos dar certeza de vitória. Enche-me de grande tristeza e medo: pois muita coisa será destruída, e tudo pode ser perdido. Sou Gandalf, Gandalf, o Branco, mas o Negro ainda é mais poderoso.

Levantou-se e olhou em direção ao leste, protegendo os olhos, como se enxergasse coisas muito distantes que nenhum deles podia ver. Depois balançou a cabeça.

— Não — disse ele numa voz suave —, o Anel está além de nosso alcance. Alegremo-nos pelo menos com isso. Não podemos mais ser tentados a usá-lo. Devemos descer e enfrentar um perigo quase desesperador, mas aquele perigo mortal foi removido. — Virou-se. — Venha, Aragorn, filho de Arathorn! — disse ele. — Não se arrependa de sua escolha no vale das Emyn Muil, nem considere que esta busca foi em vão, Em meio a muitas dúvidas, você escolheu a trilha certa: a escolha foi justa, e foi recompensada. Pois assim nos encontramos em tempo, e se fosse de outro modo poderíamos ter nos encontrado tarde demais. Mas a busca de seus companheiros terminou. Sua próxima jornada está marcada pela palavra que deu. Deve ir a Edoras e procurar Théoden em seu palácio. Precisam de você. A luz de Andúril deve agora ser revelada na batalha pela qual ela esperou por tanto tempo. Há guerra em Rohan, é um mal maior: as coisas não vão bem para Théoden.

— Então não vamos ver os alegres hobbits de novo? — perguntou Legolas.

— Eu não disse isso — disse Gandalf — Quem pode saber? Tenh paciência. Vá aonde deve ir, e tenha esperança! Para Edoras! Eu tambér vou para lá!

— É uma estrada longa a ser trilhada por um homem, velho ou jovem — disse Aragorn.

— Receio que a batalha esteja terminada antes de chegarmos lá.

— Veremos, veremos — disse Gandalf. — Vocês me acompanhar agora?

— Sim, partiremos juntos — disse Aragorn. — Mas não duvido qu você chegue lá antes de mim, se quiser. — Levantou-se e olhou Gandal longamente. Os outros observavam em silêncio, enquanto os dois olhavam um para o outro. A figura cinzenta do Homem, Aragorn, filho de Arathorr era alta, firme como uma rocha, a mão sobre o punho de sua espada; parecia que um rei tinha surgido das névoas do mar e pisado sobre as praias de homens menores. Diante dele se curvava a velha figura, branca, agora brilhando como se alguma luz a iluminasse de dentro, inclinada, sobrecarregada pelos anos, mas detentora de um poder acima da força dos reis.

— Não falo a verdade, Gandalf — disse Aragorn finalmente — quando digo que você poderia ir a qualquer lugar que quisesse mais rápido que eu? E também digo isto: você é nosso capitão e nossa insígnia. O Senho do Escuro tem Nove. Mas nós temos Um, mais poderoso que eles: Cavaleiro Branco. Passou pelo fogo e pelo abismo, e eles devem temê-lc Iremos aonde nos levar.

— Sim, juntos seguiremos você — disse Legolas. — Mas primeirc Gandalf, aliviaria meu coração ouvir o que lhe aconteceu em Moria. Não vai nos contar? Não pode ficar nem mesmo para dizer aos seus amigos como se libertou?

— Já fiquei tempo demais — respondeu Gandalf — O tempo é curtc Mas se houvesse um ano para conversar não seria o suficiente para contar-lhes tudo.

— Então conte-nos o que desejar, e o que o tempo permitir! — disse

Gimli.

— Vamos, Gandalf, conte-nos como se saiu com o Balrog!

— Não mencione esse nome! — disse Gandalf, e por um instante pareceu que uma nuvem de dor passava sobre seu rosto, e ele ficou sentado, com uma aparência mais velha que a morte. — Por muito tempo caí — disse ele finalmente, devagar, como se tentasse recordar com dificuldade. — Caí por muito tempo, e ele caiu comigo. O fogo dele me envolvia. Eu estava me queimando. Então mergulhamos em águas profundas e tudo ficou escuro. A água era fria como a maré da morte: quase congelou meu coração.

— Profundo é o abismo atravessado pela Ponte de Durin, e ninguém nunca o mediu — disse Gimli.

— Mas ele tem um fundo, além da luz e do conhecimento — disse Gandalf — Cheguei lá finalmente, às mais remotas fundações de pedra. Ele ainda estava comigo. Seu fogo estava extinto, mas agora ele era um ser de lodo, mais forte que uma serpente estranguladora.

— Lutamos muito abaixo da terra vivente, onde não se conta o tempo. Ele sempre me agarrava e eu sempre o derrubava, até que finalmente ele fugiu para dentro de túneis escuros. Estes não foram feitos pelo povo de Durin, Gimli, filho de Glóin. Muito, muito abaixo das escavações dos anões, o mundo é corroído por seres sem nome. Nem mesmo Sauron os conhece. São mais velhos que ele. Agora, eu andei por lá, mas não farei nenhum relato para escurecer a luz do dia. Naquele desespero, meu inimigo era minha única esperança, e eu o segui, agarrando-me aos seus calcanhares. Assim ele me trouxe de volta, finalmente, aos caminhos secretos de Khazad-dûm: ele os conhecia muito bem.

Fomos subindo sempre, até chegarmos à Escada Interminável.

— Ela está perdida há muito tempo — disse Gimli. — Muitos disseram que nunca foi construída, a não ser nas lendas, mas outros diziam que havia sido destruída.

— Foi feita, e não foi destruída — disse Gandalf — Da última masmorra ao pico mais alto ela subia, ascendendo numa espiral ininterrupta de muitos milhares de degraus, até finalmente atingir a Torre de Durin entalhada na rocha viva de Zirakzigil, o pináculo do Pico de Prata.

— Ali, no Celebdil, havia uma janela solitária sobre a neve, e diante

dela se deitava um espaço estreito, um ninho vertiginoso sobre as névoas do mundo. Lá o sol brilhava violentamente, mas tudo embaixo estava envolvido por nuvens. Ele saltou para fora, e no momento em que eu c alcançava explodiu em chamas novas. Ninguém estava lá para ver, ou talvez em eras posteriores alguém ainda cantasse sobre a Batalha do Pico. De repente Gandalf riu. — Mas o que diriam nas canções? Aqueles que olharam para cima de um ponto distante pensaram que a montanha estava coberta pela tempestade. Ouviram trovões; e relâmpagos, diziam eles, atingiam Celebdil e ricocheteavam em línguas de fogo. Isso não é o bastante? Um grande fumaça se ergueu à nossa volta. O gelo caiu como chuva. Joguei c inimigo para baixo, e ele caiu e quebrou a encosta da montanha no ponto em que a atingiu ao ser destruido. Depois a escuridão me dominou, e eu me perdi do pensamento e do tempo, e vaguei muito por estradas que não vou contar.

— Estava nu quando fui enviado de volta — por um tempo curto, até que minha tarefa estivesse cumprida. E nu jazi sobre o topo da montanha. A torre atrás dela estava desfeita em poeira, a janela já nãc existia mais; a escada arruinada estava obstruída por rochas quebradas e queimadas. Eu estava sozinho, esquecido, sem possibilidades de escapar, sobre o duro chifre do mundo. Fiquei ali deitado, olhando para cima, enquanto as estrelas rodavam, e cada dia era longo como uma era na vida da terra. Chegavam aos meus ouvidos os rumores longínquos de todas as terras: o nascimento e a morte, o canto e o choro, e o gemido lento e eterno da rocha sobrecarregada. Então, finalmente, Gwaihir, o Senhor do Vento me encontrou novamente, e me carregou para longe.

— "Meu destino é sempre ser uma carga para você, amigo das horas difíceis", disse eu.

— "Você foi uma carga", respondeu ele, "mas não é agora. Está leve como a pluma de um cisne em minhas garras. O sol brilha através de seu corpo. Na realidade, acho que não precisa mais de mim: se o deixasse cair, você flutuaria no vento."

— "Não me deixe cair!", disse eu ofegante, pois sentia vida em mim outra vez. "Leve-me a Lothlórien!"

— "Foram exatamente essas as ordens da Senhora Galadriel, que me

enviou para procurá-lo", respondeu ele.

— Foi assim que cheguei a Caras Galadhon e soube que vocês tinhan partido havia pouco. Permaneci lá, no tempo sem idade daquela terra onde os dias trazem cura e não ruína. Encontrei a cura, e fui vestido de branco. Dei conselhos e recebi conselhos. De lá vim por estradas estranhas, e trago mensagens a alguns de vocês. Para Aragorn, trago esta:

Onde estão os Dúnedain, Elessar. Elessar?
Por que agrada a teu povo vagar?
Vão dentro em breve os Perdidos surgir.
E os Cinzentos do Norte hão de vir.
Mas negro é o caminho a ti destinado:
Há Mortos à espreita na senda do Mar

Para Legolas ela enviou este recado:

Legolas Verdefôlha, o bosque é teu lar!
Alegre viveste. Cuidado com o Mar!
Se na praia gaivotas gritarem por ti,
Descanso jamais acharás por aqui.

Gandalf ficou em silêncio e fechou os olhos.

— Então ela não me mandou nenhum recado? — disse Gimli abaixando a cabeça.

— Escuras são as suas palavras — disse Legolas — e pouco significam para aqueles que as recebem.

— Isso não é consolo — disse Gimli.

— E daí? — disse Legolas. — Você queria que ela lhe falasse abertamente sobre sua morte?

— Sim, se não tivesse mais nada a dizer.

— O que é isso? — disse Gandalf, abrindo os olhos. — Sim, acho que posso adivinhar o significado das palavras dela. Desculpe-me, Gimli! Eu estava pensando nas mensagens mais uma vez. Mas ela realmente lhe enviou algumas palavras, que não são nem escuras nem tristes.

— "Para Gimli, filho de Glóin", disse ela, "envie os cumprimentos de sua Senhora. Por onde fores, Portador da Mecha, meu pensamento te acompanhará. Mas tenha o cuidado de golpear com teu machado a árvore certa!"

— Em boa hora você retorna a nós, Gandalf — gritou o anão, fazendo cabriolagens enquanto cantava alto na estranha língua dos anões. — Venham! Venham! — gritou ele, brandindo o machado. — Agora que a cabeça de Gandalf é sagrada, vamos achar uma outra que seja justo partir.

— Não é preciso procurar muito longe — disse Gandalf, levantando-se. Venham! Gastamos todo o tempo que é permitido para um encontro de amigos que estavam separados. Agora precisamos nos apressar.

Embrulhou-se outra vez em sua velha capa surrada, e foi na frente. Seguindo-o, eles desceram rapidamente do alto patamar e foram de volta para a floresta, descendo a margem do Entágua. Não falaram mais nada, até pisarem outra vez na grama além das bordas de Fangorn. Não havia nenhum sinal de seus cavalos.

— Eles não retornaram — disse Legolas. — Será uma caminhada cansativa!

— Eu não vou caminhar. O tempo urge — disse Gandalf. Depois levantando a cabeça, deu um longo assobio. Foi tão claro e penetrante que os outros ficaram chocados por ouvirem um som assim saindo daqueles velhos lábios barbados. Assobiou três vezes, então, fraco e distante, eles tiveram a impressão de escutar o relincho de um cavalo vindo das planícies, trazido pelo Vento Leste. Esperaram, curiosos. Logo chegou até eles o som de cascos, primeiro pouco mais que um tremor do chão, perceptível apenas para Aragorn, que estava deitado sobre a grama; depois, cada vez mais alto e claro, até tornar-se uma batida rápida.

— Há mais de um cavalo vindo para cá — disse Aragorn.

— Certamente — disse Gandalf. — Somos carga demais para um só.

— Há três cavalos — disse Legolas, olhando por sobre a planície. — Vejam como correm. É Hasufel, e ali está meu amigo Arod ao lado dele! Mas há um outro que vem na frente: um cavalo muito grande. Não vi nenhum assim antes.

— Nem vai ver outra vez — disse Gandalf — Aquele é Scadufax. É

chefe dos Mearas, senhores dos cavalos, e nem mesmo Théoden, Rei de Rohan, jamais viu um melhor. Ele não brilha como prata, e não corre com a suavidade de um rio veloz? Ele veio ao meu encontro: o cavalo do Cavaleiro Branco. Vamos à batalha juntos.

No momento em que o velho mago falava, o grande cavalo veio avançando pela encosta, na direção deles: seu pêlo brilhava e a crina flutuava ao vento. Os outros dois o seguiam, agora bem atrás. Assim que Scadufax viu Gandalf, apertou o passo e relinchou alto; depois, trotando suavemente, aproximou-se, abaixou a cabeça altiva e aninhou as grandes narinas no pescoço do velho. Gandalf o acariciou.

— É uma longa estrada desde Valfenda, meu amigo — disse ele. — Mas você é sábio e rápido e chega quando é necessário. Agora vamos cavalgar muito juntos, e nunca mais nos separaremos neste mundo!

Logo os outros cavalos vieram subindo e ficaram por perto, quietos como se esperassem ordens.

— Vamos imediatamente para Meduseld, o palácio de seu mestre, Théoden — disse Gandalf, dirigindo-se a eles com gravidade, Os animais abaixaram as cabeças. — O tempo está passando; então, com sua permissão, meus amigos, vamos montar. Imploramos que usem toda a velocidade que puderem. Hasufel levará Aragorn, e Arod levará Legolas. Vou colocar Gimli na minha frente, e com sua permissão Scadufax levará nós dois, Agora só vamos esperar que vocês bebam um pouco de água.

— Agora entendo uma parte do enigma da noite passada — disse Legolas enquanto pulava com leveza sobre o lombo de Arod. — Que tenham ou não sentido medo num primeiro momento, os cavalos encontraram Scadufax, seu líder, e o receberam com alegria. Você sabia que ele estava por perto, Gandalf?

— Sim, eu sabia — disse o mago. — Coloquei meu pensamento nele pedindo que se apressasse; pois ontem ele estava distante, no sul desta região. Rapidamente poderá me levar de volta!

Agora Gandalf falava com Scadufax, e o cavalo partiu num passo veloz, mas que os outros ainda podiam acompanhar. Depois de um tempo voltou-se de repente, e escolhendo um lugar onde as margens eram mais baixas entrou no rio, e então foi para o sul, passando por uma região plana,

aberta e ampla. O vento ia como grandes ondas através das intermináveis ilhas de relva. Não havia sinal de estrada ou trilha, mas Scadufax não se perdia nem titubeava.

— Ele está fazendo um caminho direto até o palácio de Théoden, sob as encostas das Montanhas Brancas — disse Gandalf — Assim será mais rápido. O solo é mais firme no Estemnete, onde fica a trilha principal que vai para o Norte, através do rio, mas Scadufax sabe o caminho através de cada charco e concavidade.

Por muitas horas, continuaram cavalgando através dos prados e regiões ribeirinhas.

Quase sempre a relva era tão alta que atingia os joelhos dos cavaleiros, e os cavalos pareciam estar nadando num mar verde-acinzentado. Passaram por varias poças escondidas, e amplos acres de juncais que ondulavam sobre pântanos úmidos e traiçoeiros; mas Scadufax sempre achava o caminho, e os outros cavalos seguiam sua trilha. Lentamente o sol ia descendo o céu, em direção ao oeste. Olhando por sobre a grande planície, ao longe os cavaleiros o viram por um momento como um fogo vermelho afundando na relva. Embaixo, no horizonte, as saliências das montanhas brilhavam vermelhas dos dois lados. Uma fumaça parecia subir e escurecer o disco do sol até atingir a tonalidade do sangue, como se tivesse incendiado a relva ao passar para baixo da superfície da terra.

— Ali fica o Desfiladeiro de Rohan — disse Gandalf. — Agora est quase a oeste de onde estamos. Ali fica Isengard.

— Vejo uma grande fumaça — disse Legolas. — Que pode ser aquilo?

CAPÍTULO VI: O REI DO PALÁCIO DOURADO

Continuaram cavalgando ao longo da tarde, do crepúsculo e do início da noite.

Quando finalmente pararam e desmontaram, até mesmo Aragorn sentia o corpo enrijecido e cansado. Gandalf só permitiu algumas horas de descanso.

Legolas e Gimli dormiram, e Aragorn ficou deitado de costas, esticado no chão; mas Gandalf ficou de pé, apoiando-se em seu cajado, olhando para dentro da escuridão, a leste e a oeste. Estava tudo em silêncio, e não havia sinal ou som de qualquer ser vivo. A noite estava coberta por longas nuvens, carregadas por um vento gelado, quando acordaram de novo. Sob a fria lua eles continuaram mais uma vez, com a mesma rapidez da cavalgada à luz do dia.

As horas se passavam e eles ainda iam cavalgando. Gimli cochilava, e teria caído do cavalo se Gandalf não o tivesse agarrado e chacoalhado.

Hasufel e Arod, exaustos mas altivos, seguiam seu líder incansável uma sombra cinza diante deles, que mal se podia ver. As milhas passavam. A lua crescente mergulhou no oeste nebuloso.

Um frio cortante veio pelo ar. Lentamente, no leste, a escuridão foi dando lugar a um cinza frio. Raios vermelhos de luz saltaram por sobre as muralhas negras dos Emyn Muil, adiante e à esquerda deles. A aurora chegou clara e brilhante; um vento varria o caminho, correndo através da relva inclinada. De repente Scadufax parou e relinchou.

Gandalf apontou à frente.

— Olhem — gritou ele, e os outros levantaram os olhos cansados. Diante deles se erguiam as montanhas do sul: cobertas de branco e riscadas de preto. A planície coberta de relva ondulava contra as colinas amontoadas aos seus pés, e fluía cobrindo muitos vales ainda apagados e escuros, intocados pela luz da aurora, descrevendo sinuosos caminhos para o coração das grandes montanhas. Imediatamente à frente dos viajantes, o mais amplo desses vales se abria como um golfo comprido entre as colinas.

Mais para dentro eles vislumbraram uma massa montanhosa disforme, com um único pico alto; na entrada do vale erguia-se qual

sentinela uma montanha solitária. Aos pés dela corria, como um fio de prata, o rio que saía do vale; sobre seu pico eles viram, ainda bem distante, o faiscar do sol que nascia, um cintilar de ouro.

— Fale, Legolas! — disse Gandalf. — Conte-nos o que você est vendo à nossa frente!

Legolas olhou adiante, protegendo os olhos dos raios quase horizontais do sol recém-nascido. — Vejo um rio branco que desce da neve — disse ele. — No ponto onde ele sai da sombra do vale, uma colina verde se ergue sobre o leste. Um fosso, uma poderosa muralha e uma cerca-viva de espinhos a contornam. Lá dentro se erguem os telhados de casas; e no meio, sobre uma plataforma verde, ergue-se imponente uma grande casa de homens. E parece aos meus olhos que o teto é de ouro. A luz dele brilha por sobre toda a região. Dourados, também, são os batentes das portas. Ali diviso homens vestidos em malhas metálicas brilhantes; mas todos os outros dentro dos pátios ainda estão dormindo.

— Esses pátios são chamados Edoras — disse Gandalf — E Medusel é aquele palácio dourado. Ali mora Théoden, filho de Thengel, Rei da Terr de Rohan. Chegamos com o nascer do dia. Agora é fácil ver a estrada. Ma devemos cavalgar com mais cautela; pois a guerra se espalha e os rohirrim, Senhores dos Cavalos, não dormem, mesmo que de longe se tenha essa impressão. Não saquem nenhuma arma, nem pronunciem palavras arrogantes, aconselho a todos vocês, até que cheguemos diante do trono de Théoden.

O dia estava claro e brilhante, e pássaros cantavam, quando os viajantes atingiram o rio, que corria rapidamente para dentro da planície. Além do pé das colinas distanciavase da estrada numa curva larga, correndo para o leste para alimentar o Entágua lá adiante, em trechos repletos de juncos. A paisagem era verde: nas campinas úmidas e ao longo das bordas gramadas do rio cresciam vários salgueiros. Naquela região ao sul, essas árvores já estavam ficando com as pontas dos dedos avermelhadas, sentindo a primavera se aproximar. No rio havia um vau entre margens baixas, muito repisadas pela passagem de cavalos. Os cavaleiros atravessaram e atingiram uma trilha larga e sulcada, que conduzia às terras mais altas.

Ao pé da colina protegida por muralhas, o caminho passava sob a sombra de muitos montículos, altos e verdes. Na face oeste destes a grama era branca, como se estivesse borrifada de neve: pequenas flores nasciam como inúmeras estrelas por entre a turfa.

— Olhem! — disse Gandalf — Como são belos os olhos claros em mei à relva! São chamadas de Sempre-em-mente, simbelmyne, nesta terra d homens, pois elas florescem em todas as estações do ano, e crescem onde os mortos descansam. Olhem! Chegamos aos grandes túmulos onde dormem o antepassados de Théoden.

— Sete montículos à esquerda, e nove à direita — disse Aragorn. — C palácio dourado foi construído há muitas longas vidas de homem.

— Quinhentas vezes as folhas vermelhas caíram na Floresta da Trevas, o meu lar, desde essa época — disse Legolas — e temos a impressão de que faz pouco tempo.

— Mas para os Cavaleiros de Rohan parece tanto tempo — diss Aragorn —, que a construção dessa casa é apenas uma lembrança nas canções, e os anos precedentes estão perdidos nas névoas do tempo. Agora chamam esta terra de sua casa, seu lugar, e sua fala se diferencia de sua parente do norte.

— Então começou a cantar baixinho numa língua lenta, desconhecida pelo elfo e pelo anão; mesmo assim eles escutavam, pois a melodia era forte.

— Essa, eu acho, é a língua dos rohirrim — disse Legolas -, pois parecida com a própria terra; em parte rica e suave, mas ao mesmo tempo dura e austera como as montanhas. Mas não consigo adivinhar o significad das palavras, embora perceba que estão carregadas com a tristeza dos Homens Mortais.

— A canção fica assim na Língua Geral — disse Aragorn —, do jeit mais próximo que consigo traduzi-la.

Onde estão cavalo e dono?
Onde a trompa que ecoava?
Onde estão elmo e gibão e o cabelo que esvoaçante brilhava?
Onde está a mão sobre a harpa e do fogo o rubro tremer?

A primavera e a colheita onde estão e o trigo alto a crescer?
Como a chuva da montanha passaram, como um vento no prado;
Os dias no poente desceram atrás do monte ensombreado.
A fumaça da brasa que morre quem a irá guardar?
E os anos do Mar refluindo quem os irá contemplar?

— Assim falou um poeta esquecido há muito tempo em Rohan relembrando como era alto e belo Eorl, o Jovem, que veio cavalgando do norte; e havia asas nas patas de seu corcel, Felaróf, pai dos cavalos. Assim ainda cantam os homens ao anoitecer.

Com essas palavras, os viajantes passaram pelos montículos silenciosos.

Seguindo a trilha tortuosa que subia as encostas verdes das colinas, chegaram finalmente às amplas muralhas varridas pelo vento, e aos portões de Edoras.

Ali estavam sentados muitos homens em malhas reluzentes, que logo saltaram de pé e bloquearam o caminho com lanças. — Parem, forasteiros desconhecidos! — gritaram eles na língua da Terra dos Cavaleiros, perguntando os nomes e a missão dos forasteiros.

Via-se surpresa mas pouca simpatia nos olhos deles, que lançavam olhares oblíquos para Gandalf.

— Entendo bem o que dizem — respondeu ele na mesma língua —, apesar disso, poucos forasteiros entendem. Por que então não falam na Língua Geral, como é costume do oeste, se querem respostas às suas perguntas?

— É a vontade de Théoden que ninguém penetre seus portões, exceto aqueles que conhecem nossa língua e são nossos amigos — respondeu um dos guardas. — Ninguém é bem-vindo aqui, em tempo de guerra, a não ser nosso próprio povo, e aqueles que vêm de Mundburg, na Terra de Gondor.

— Quem são vocês, que chegam sem avisar através da planície, vestidos de forma tão estranha, montando cavalos parecidos com os nossos? Estamos montando guarda aqui há muito tempo, e temos observado vocês à distância. Nunca vimos outros cavaleiros tão estranhos, nem um cavalo

mais altivo do que um desses que carregam vocês. Ele é um dos Mearas, a não ser que nossos olhos estejam sendo enganados por algum feitiço. Diga, você não é um mago, algum espião de Saruman, ou serão todos aparições produzidas por ele? Fale agora e seja rápido!

— Não somos aparições — disse Aragorn —, nem seus olhos o enganam. Pois realmente estes sãos seus próprios cavalos, como você bem sabia antes de perguntar, eu suponho. Mas é raro que um ladrão volte para o estábulo. Aqui estão Hasufel e Arod, que Éomer, Terceiro Marechal d Terra dos Cavaleiros, nos emprestou, há apenas dois dias, Trazemos agora os animais de volta, como prometemos a ele. Então Éomer não retornou, nem anunciou a nossa vinda?

Uma expressão preocupada cobriu os olhos do guarda. — Sobre Éomer, não tenho nada a dizer — respondeu ele. — Se o que fala é verdade, então, sem dúvida, Théoden já sabe disso. Talvez sua vinda não seja totalmente inesperada. Faz duas noites que Língua de Cobra veio até nós e disse que era vontade de Théoden que nenhum forasteiro atravessasse estes portões.

— Língua de Cobra? — disse Gandalf, lançando um olhar agudo para o guarda. — Não diga mais nada. Minha mensagem não é para Língua de Cobra, mas para o senhor da Terra dos Cavaleiros em pessoa. Tenho pressa Você não pode ir ou mandar dizer que chegamos? — Seus olhos faiscavam sob as grossas sobrancelhas quando lançou o olhar sobre o homem.

— Sim, irei — respondeu ele lentamente. — Mas que nomes devo anunciar? E que devo dizer sobre vocês? Você agora parece velho e cansado, e apesar disso no fundo é altivo e austero, julgo eu.

— Você vê e fala bem — disse o mago. — Pois sou Gandalf Eu voltei E olhe! Eu também trago de volta um cavalo. Aqui está Scadufax, o Grande animal que nenhuma outra mão consegue domar. E aqui ao meu lado está Aragorn, filho de Arathorn, o herdeiro dos Reis, e é para Mundburg que el vai. Aqui também estão Legolas, o elfo, e Gimli, o anão, nossos companheiros. Vá agora e diga ao seu mestre que estamos aos seus portões e queremos falar com ele, se nos for permitido entrar em seu palácio.

— São nomes realmente estranhos! Mas vou transmiti-los como me pede, e saber qual é a vontade de meu senhor — disse o guarda. — Esperem

um pouco aqui, e lhes trarei a resposta que ele julgar melhor. Não esperem muita coisa! Estes são tempos sombrios. — Foi-se depressa, deixando os forasteiros sob os olhos vigilantes dos outros guardas. Depois de um tempo retornou. — Sigam-me — disse ele. — Théoden lhes dá permissão para entrarem; mas qualquer arma que tiverem, mesmo que seja só um cajado, devem deixá-la na entrada. Sentinelas tomarão conta delas.

Os portões escuros foram abertos. Os via jantes entraram, andando em fila atrás de seu guia. Encontraram uma trilha larga, pavimentada com pedras cortadas, que em certos trechos subia em rampa, e em outros por meio de curtos lances de degraus bem construídos. Passaram por muitas casas de madeira e muitas portas escuras. Ao lado da trilha, num canal de pedra, um riacho de água límpida corria, brilhando e tagarelando.

Finalmente atingiram o topo da montanha. Ali ficava uma alta plataforma, sobre um planalto verde, ao pé do qual um riacho cristalino jorrava de uma pedra esculpida na forma de uma cabeça de cavalo; embaixo via-se uma grande bacia, da qual a água extravasava, alimentando a correnteza que descia. Subindo o planalto verde havia uma escada de pedra, alta e larga, e em cada um dos lados do degrau mais alto estavam cadeiras esculpidas na pedra. Ali estavam sentados outros guardas, com espadas depositadas sobre os joelhos. Os cabelos dourados caíam-lhes em tranças sobre os ombros; seus escudos verdes ostentavam o sol, os longos corseletes reluziam, e quando se levantavam pareciam mais altos que os homens mortais.

— Ali adiante estão as portas — disse o guia. — Devo agora retornar ao meu dever junto ao portão. Até logo! E que o Senhor dos Cavaleiros seja gentil para com vocês!

Virou-se e retornou depressa pela estrada. Os outros subiram a longa escada sob os olhos das altas sentinelas. Já no alto, permaneceram em silêncio, e não disseram uma palavra, até que Gandalf pisou no terraço pavimentado, na cabeceira da escada. Então, de repente, com vozes claras, pronunciaram em sua própria língua um cumprimento cortês.

— Saudações, viajantes que vêm de longe! — disseram eles, voltando os punhos de suas espadas na direção dos viajantes, em sinal de paz. Pedras verdes faiscaram à luz do sol. Então um dos guardas deu um passo à frente

e falou na Língua Geral.

— Sou a Sentinela de Théoden — disse ele. — Háma é o meu nome Aqui preciso pedir que deixem de lado suas armas antes de entrarem.

Então Legolas entregou na mão dele sua faca com punho de prata sua aljava e seu arco. — Tome conta deles — disse ele —, pois essas armas vêm da Floresta Dourada, e me foram ofertadas pela Senhora Galadriel.

Os olhos do homem se encheram de surpresa, e ele logo as colocou perto da parede, como se tivesse medo de manuseá-las.

— Nenhum homem irá tocá-las, eu lhe prometo — disse ele.

Aragorn hesitou por um instante.

— Não é meu desejo — disse ele separar-me de minha espada ou entregar Andúril nas mãos de qualquer outro homem.

— É o desejo de Théoden — disse Háma.

— Não está claro para mim que o desejo de Théoden, filho de Thengel, mesmo que ele seja o senhor da Terra dos Cavaleiros, deva prevalecer sobre o desejo de Aragorn, filho de Arathorn, herdeiro de Elendil, de Gondor.

— Esta é a casa de Théoden, não de Aragorn, mesmo que ele fosse o Rei de Gondor e ocupasse o trono de Denethor — disse Háma, avançand rápido até a porta e bloqueando o caminho. Segurava agora a espada com a ponta na direção dos forasteiros.

— Essa conversa não leva a nada — disse Gandalf — Desnecessário o pedido de Théoden, mas é inútil recusá-lo. Um rei será respeitado em seu próprio palácio, sejam suas ordens tolas ou sábias.

— É verdade — disse Aragorn. — E eu faria como o senhor da casa me pede, mesmo que esta fosse apenas a cabana de um lenhador, se estivesse carregando agora qualquer outra espada que não Andúril.

— Qualquer que seja o nome — disse Háma —, aqui irá colocá-la, se não quiser lutar sozinho contra todos os homens de Edoras.

— Sozinho não! — disse Gimli, alisando a lâmina de seu machado dirigindo ao guarda um olhar ameaçador, como se ele fosse uma árvore jovem que Gimli quisesse cortar. — Sozinho não!

— Vamos, vamos! — disse Gandalf — Somos todos amigos aqui. Ou deveríamos ser; pois as gargalhadas de Mordor serão nossa única

recompensa se discutirmos. Minha mensagem é urgente. Aqui, pelo menos está a minha espada, meu bom Háma. Tome conta dela. Glamdring é seu nome, pois os elfos a fizeram há muito tempo. Agora, deixe-me passar. Venha, Aragorn!

Lentamente Aragorn desafivelou o cinto e colocou ele mesmo sua espada de pé contra a parede.

— Aqui a coloco — disse ele —, mas ordeno que não a toquem, nem permitam que qualquer outra pessoa ponha as mãos nela. Nesta bainha élfica está a Espada que foi Quebrada, e foi forjada de novo. A morte virá para qualquer um que brandir a espada de Elendil, a não ser o seu herdeiro.

O guarda deu um passo para trás e olhou espantado para Aragorn.

— Ao que parece, você chegou nas asas da canção, vindo de dias esquecidos — disse ele. — Será, senhor, como ordena.

— Bem — disse Gimli. — Se tem Andúril para lhe fazer companhia meu machado pode ficar aqui, também, sem embaraço — e colocou-o no chão.

— Agora, então, se tudo está como deseja, deixe-nos ir falar com seu mestre.

O guarda ainda hesitou.

— Seu cajado — disse ele a Gandalf. — Desculpe-me, mas ele também deve ser deixado na entrada.

— Tolice! — disse Gandalf — Prudência é uma coisa, descortesia é outra. Sou velho. Se não puder me apoiar em meu cajado para ir até lá então ficarei aqui fora, até que seja do agrado do próprio Théoden vir mancando até aqui, para falar comigo.

Aragorn riu.

— Todo homem tem algo que preza demais para confiar a outro homem. Mas você separaria um velho de seu apoio? Vamos lá, não vai nos deixar entrar?

— Um cajado na mão de um mago pode ser mais que um apoio para a velhice — disse Háma. Olhou firme para o cajado cinzento no qual se apoiava Gandalf. — Mas, na dúvida, um homem valoroso confiará em sua própria sabedoria. Acredito que vocês são amigos, e pessoas dignas de honra, que não têm propósitos malignos. Podem entrar.

Os guardas então ergueram as pesadas barras das portas, que se abriram lentamente, resmungando em suas grandes dobradiças. Os viajantes entraram. O interior parecia escuro e quente, depois do ar claro sobre a colina.

O salão era comprido e largo, e cheio de sombras e meias-luzes; pilares poderosos sustentavam o teto alto. Mas em alguns pontos a luz do sol caía em raios bruxuleantes das janelas orientais, altas sob os profundos beirais. Através das gelosias do teto, sobre os fios tênues de fumaça que subiam, o céu se mostrava claro e azul. Conforme desviaram os olhos, os viajantes perceberam que o chão era pavimentado com pedras de várias tonalidades; runas trabalhadas e estranhos objetos se entrelaçavam sob seus pés. Viram nesse momento que os pilares eram ricamente entalhados, reluzindo veladamente em ouro e cores meio imperceptíveis. Muitas estampas tecidas pendiam das paredes, e sobre seus amplos espaços marchavam figuras de lendas antigas, algumas apagadas pelos anos algumas escurecidas pela sombra. Mas sobre uma das formas a luz do sol batia: um jovem sobre um cavalo branco. Tocava uma grande corneta, e seus cabelos dourados esvoaçavam ao vento. A cabeça do cavalo estava erguida, e as narinas se abriam vermelhas enquanto relinchava, sentindo o cheiro da batalha à sua frente. Águas espumantes, brancas e verdes, corriam e se encrespavam aos seus joelhos.

— Eis aqui Eorl, o Jovem — disse Aragorn. — Assim veio el cavalgando do norte, para a Batalha do Campo de Celebrant.

Os quatro companheiros avançaram, passando pela chama viva que ardia sobre a longa lareira no meio do salão. Então pararam. Na outra extremidade da casa, além da lareira e virado para o norte na direção das portas, estava um estrado com três degraus; no meio do estrado havia uma grande cadeira dourada.

Nela sentava-se um homem tão curvado pela idade que quase parecia um anão; mas seus longos cabelos eram brancos e grossos, caindo em grandes tranças que surgiam de um fino diadema de ouro que lhe cingia a fronte. No centro da testa, brilhava um único diamante branco. A barba caía-lhe sobre os joelhos como neve, mas em seus olhos ainda queimava uma luz clara, que faiscou quando olharam para os forasteiros. Atrás de sua

cadeira estava uma mulher vestida de branco, de pé. Nos degraus aos pés do rei sentavase a figura mirrada de um homem, com um rosto pálido e sábio e pálpebras caídas.

Estavam em silêncio. O velho não se mexia na cadeira. Finalmente Gandalf falou.

— Salve, Théoden, filho de Thengel! Eu retornei. Pois, veja!, tempestade se aproxima, e agora todos os amigos devem se reunir, para que não sejam destruídos um a um.

Lentamente o velho se levantou, apoiando-se muito num bastão curto e preto, com um cabo de osso branco; agora os forasteiros viam que, embora ele estivesse curvado, ainda era alto e, quando jovem, devia ter sido realmente grande e imponente.

— Cumprimento-o — disse ele —, e talvez você espere minhas boas-vindas. Mas para falar a verdade duvidamos que seja bem-vindo aqui, Mestre Gandalf Você sempre foi um arauto do pesar. Os problemas seguem como corvos, e, quanto maior a frequência, tanto pior. Não vou enganá-lo: quando ouvi que Scadufax tinha retornado sem seu cavaleiro, fiquei feliz com a volta do cavalo, e ainda mais com a falta do cavaleiro; e quando Éomer trouxe a notícia de que você tinha partido para sua última morada, eu não lamentei. Mas a notícia que vem de longe raramente é verdadeira. Aí está você de novo! E com você chegam males ainda piores que os anteriores, como se pode esperar. Por que deveria dar-lhe boas-vindas, Gandalf, Corvo da Tempestade? Diga-me. — Lentamente sentou-se de novo na cadeira.

— Fala corretamente, meu senhor — disse o homem pálido sentado nos degraus do estrado. — Ainda não faz cinco dias que chegou a triste notícia de que seu filho, Théodred foi morto nas Fronteiras Ocidentais: seu braço direito, Segundo Marechal da Terra dos Cavaleiros. Em Éomer pouco se pode confiar. Poucos homens restariam para guardar suas muralhas, se lhe fosse permitido governar. E agora mesmo sabemos por Gondor que o Senhor do Escuro se agita no leste. É esta hora que esse andarilho escolhe para retornar. Realmente, por que devemos lhe dar boas-vindas, Mestre Corvo da Tempestade? Vou chamá-lo de Láthspell, Más-notícias; e má notícias não fazem bons hóspedes, dizem por aí. — Soltou uma gargalhada

sinistra, conforme levantou as pesadas pálpebras por um instante e lançou um olhar sombrio para os forasteiros.

— Você é considerado sábio, amigo Língua de Cobra, e sem dúvida é um grande apoio para seu mestre — respondeu Gandalf em voz baixa. Apesar disso, um homem pode acompanhar as más notícias de dois modos. Pode estar trabalhando para o mal, ou ser apenas aquele que não interfere no que está bom para não estragar, e só se apresenta para ajudar em tempos de necessidade.

— Isso é verdade — disse Língua de Cobra -, mas existe um terceiro tipo: catadores de ossos, que se intrometem nas tristezas de outros homens, abutres que engordam à custa da guerra. Que ajuda você já trouxe, Corvo da Tempestade? E que ajuda traz agora? Foi nossa ajuda que procurou na última vez que esteve aqui. Então meu senhor ordenou que escolhesse qualquer cavalo que quisesse e partis se, e para a surpresa de todos vocês, na sua insolência, escolheu Scadufax. Meu senhor ficou muito magoado mesmo assim, para alguns pareceu que, em troca de afastá-lo rapidamente desta terra, o preço não foi alto demais. Acho provável que aconteça o mesmo outra vez: você vai pedir ajuda e não oferecê-la. Você está trazendo homens? Está trazendo cavalos, espadas, lanças? Essas coisas eu chamaria de ajuda; e é delas que precisamos agora. Mas quem são estes que o seguem? Três andarilhos esfarrapados, vestidos de cinza, e você, o mais molambento dos quatro!

— A cortesia de seu palácio parece ter diminuído nos últimos tempos, Théoden, filho de Thengel — disse Gandalf — O mensageiro de seus portões não anunciou os nomes de meus companheiros? Raramente um senhor de Rohan recebeu convidados assim.

Deixaram armas às suas Portas que são dignas de poucos mortais mesmo os mais poderosos. Suas vestes são cinzentas, pois os elfos os vestiram, e assim eles passaram através da sombra de muitos perigos, para chegar ao seu palácio.

— Então é verdade, como reportou Éomer, que vocês são aliados da Feiticeira da Floresta Dourada? — disse Língua de Cobra. — Não é de admirar: as teias da falsidade sempre foram tecidas em Dwimordene.

Gimli deu um passo à frente, mas sentiu de súbito a mão de Gandalf

agarrando-o pelo ombro, e parou, duro como uma pedra.

Em Dwimordene, em Lórien
De raro andaram pés de Homem,
Poucos mortais viram a luz
Que sempre e forte ali reluz.
Galadriel! Galadriel!
De teu poço n'água claro é o céu;
Branca é a estrela em tua branca mão;
Sem par sem mancha é folha e chão
Em Dwimordene :"em Lórien,
Melhor que pensa o Mortal Homem.

Assim Gandalf cantou baixinho, e de repente mudou. Jogando para trás sua velha capa esfarrapada, levantou-se e deixou de se apoiar no cajado; falou então numa voz clara.

— Os sábios só falam do que conhecem, Gríma, filho de Gálmód. Você se transformou num verme estúpido. Portanto fique em silêncio, e mantenha sua língua bifurcada atrás dos dentes. Não passei pelo fogo e pela morte para trocar palavras distorcidas com um servidor até que caiam raios do céu.

Levantou o cajado. Ouviu-se o estrondo de um trovão. A luz do sol se apagou nas janelas do leste; todo o salão ficou de repente escuro como a noite. O fogo diminuiu, passando a pequenas brasas. Só se via Gandalf erguendo-se branco e altivo diante da lareira enegrecida.

Na escuridão, escutaram o chiado da voz de Língua de Cobra:

— Não o aconselhei, senhor, a proibir esse cajado? Aquele tolo, Háma, nos traiu! — Houve um clarão como se um raio tivesse fendido o teto. Depois tudo ficou em silêncio. Língua de Cobra caiu esticado no chão.

— Agora, Théoden, filho de Thengel, não vai me escutar? — disse Gandalf — Está pedindo ajuda? — Levantou o cajado e apontou para uma alta janela.

Ali a escuridão pareceu se extinguir, e através de uma abertura podia-se ver, alto e distante, um pedaço de céu luminoso.

— Nem tudo está escuro, Tenha coragem, Senhor da Terra do Cavaleiros; pois melhor ajuda não encontrará. Não tenho conselhos a dar para os que se desesperam. Mas poderia dar conselhos, e poderia lhe dizer umas palavras. Não vai me escutar? Não se destinam a qualquer ouvido Peço que deixe o interior dessas portas e olhe lá fora. Por muito tempo você ficou sentado nas sombras e confiou em histórias distorcidas e sugestões tortuosas.

Lentamente Théoden deixou sua cadeira. Uma luz fraca se acendeu no salão de novo. A mulher correu para o lado do rei, pegando-lhe o braço, e com passos vacilantes o velho desceu do estrado e caminhou suavemente através do salão. Língua de Cobra continuou deitado no chão. Chegaram até as portas e Gandalf bateu.

— Abram! — gritou ele. — O Senhor da Terra dos Cavaleiros se aproxima! As portas se abriram e um ar fresco entrou, com um assobio. Um vento soprava na colina.

— Mande que seus guardas desçam a escada — disse Gandalf — E você, senhora, deixe-o um pouco comigo. Tomarei conta dele.

— Vá, Éowyn, filha de minha irmã! — disse o velho rei. — O tempo do medo acabou.

A mulher se voltou e foi lentamente para dentro da casa. Ao passar pelas portas, virou-se e olhou para trás. Seu olhar era grave e pensativo, quando se dirigiu ao rei com uma piedade calma. Muito belo era seu rosto, e seus longos cabelos eram como um rio de ouro. Era alta e esbelta em seu traje branco cingido por um cinto de prata; mas parecia forte e rígida como o aço, uma filha de reis. Assim Aragorn, pela primeira vez em plena luz do dia contemplou Éowyn, Senhora de Rohan, e a achou bela, bela e fria, como uma manhã pálida de primavera que ainda não atingiu a plenitude de mulher. E ela de repente se deu conta dele: altivo herdeiro de reis, sábio após muitos invernos, coberto com um manto cinza, escondendo um poder que ela adivinhava. Por um momento, permaneceu imóvel como uma pedra; depois virando-se rapidamente, ela se foi.

— Agora, senhor — disse Gandalf —, contemple sua terra! Respire o ar livre outra vez!

Do alpendre sobre o planalto eles podiam ver além do rio os campos

verdes de Rohan, sumindo num cinza distante. Cortinas de chuva açoitadas pelo vento caíam oblíquas.

O céu acima e ao oeste ainda estava escuro e trovejava; relâmpagos piscavam distantes, em meio aos topos das colinas escondidas. Mas o vento tinha mudado para o norte, e a tempestade que surgira no leste já amainava, rolando em direção ao mar. De repente, através de uma brecha nas nuvens atrás deles, um raio de sol cortou o céu. A chuva que caía brilhou como prata, e na distância o rio resplandeceu como um espelho de luz trêmula.

— Não está tão escuro aqui — disse Théoden.

— Não — disse Gandalf. — Nem a idade pesa tanto em seus ombros como alguns querem fazê-lo pensar. Jogue fora seu apoio!

Das mãos do rei, o bastão negro caiu, batendo sobre as pedras. Ele esticou o corpo, lentamente, como um homem que se sente enrijecido após ficar um longo período curvado sobre alguma tarefa enfadonha. Agora erguia-se alto e ereto, e seus olhos azuis contemplavam o céu que se abria.

— Escuros têm sido meus sonhos nos últimos tempos — disse ele —, mas sinto-me como alguém que acabou de despertar. Desejaria agora que você tivesse vindo antes, Gandalf, pois receio que já tenha chegado tarde demais, apenas para ver os últimos dias de minha casa. Não por muito tempo deverá resistir o alto palácio que Brego, filho de Eorl, construiu. O fogo devorará o alto trono. Que se pode fazer?

— Muito — disse Gandalf — Mas primeiro mande chamar Éomer. Não estou certo, supondo que você o mantém prisioneiro, por conselho de Gríma, aquele que todos menos você chamam de Língua de Cobra?

— É verdade — disse Théoden. — Ele se rebelou contra minhas ordens, e ameaçou Gríma de morte em meu palácio.

— Um homem pode amá-lo mas não amar Língua de Cobra ou os conselhos dele — disse Gandalf.

— Isso pode ser. Farei como me pede. Chame Háma, diga que venha até mim. Já que ele provou ser uma sentinela não confiável, que agora se torne um transmissor de recados. Os culpados devem trazer os culpados ao julgamento — disse Théoden, e sua voz era grave; apesar disso olhou para Gandalf e sorriu, e quando fez isso muitas rugas de preocupação

desapareceram de seu rosto, para não voltar mais.

Depois que Háma se apresentara e já saíra, Gandalf conduziu Théoden até a cadeira de pedra, e então sentou-se diante do rei sobre o degrau mais alto da escada.

Aragorn e seus companheiros ficaram por perto.

— Não há tempo para lhe contar tudo o que precisa ouvir — disse Gandalf — Mas se minha esperança não estiver enganada, chegará um tempo, dentro em breve, quando poderei falar de modo mais completo. Olhe! Você corre um perigo maior até do que aqueles que a habilidade de Língua de Cobra poderia ter introduzido em seus sonhos! Mas veja! Você não está mais sonhando. Você está vivo. Gondor e Rohan não estão sozinhas. O inimigo é mais forte do que podemos imaginar, apesar disso temos uma esperança que ele ainda não imagina.

Gandalf agora falava rápido. Sua voz era baixa e confidencial, e ninguém a não ser o rei ouvia o que ele dizia. Mas a cada palavra do mago aumentava o brilho nos olhos de Théoden, e finalmente ele se levantou de seu assento em toda a sua imponência, tendo Gandalf ao lado dele, e juntos lá do alto eles olharam na direção do leste.

— Realmente! — disse Gandalf, agora numa voz alta, forte e clara naquela direção está nossa esperança, lá onde está nosso maior medo. O destino ainda está por um fio. Mas ainda há esperança, se conseguir-mos resistir imbatíveis por um tempo.

Os outros agora também olhavam para o leste. Por sobre légua s de terras que se estendiam, lá adiante eles divisavam o horizonte, e a esperança e o medo ainda faziam seus pensamentos avançarem mais, além das escuras montanhas, para a Terra da Sombra.

Onde estaria agora o Portador do Anel? Como era fino o fio do qual pendia o destino!

Legolas teve a impressão, ao forçar os olhos poderosos, de ver de relance um brilho branco: na distância, talvez o sol piscasse num pináculo da Torre de Guarda. E mais além ainda, infinitamente remoto e no entanto uma ameaça presente, havia uma fina língua de fogo.

Lentamente Théoden se sentou de novo, como se o cansaço ainda lutasse para dominá-lo, contra a vontade de Gandalf. Virou-se e olhou para

seu grande palácio.

— É pena — disse ele — que esses dias tristes devam ser meus, e que venham em minha velhice, no lugar da paz que eu conquistei. Sinto pena por Boromir, o bravo! Os jovens perecem e os velhos permanecem fenecendo. — Segurou os joelhos com suas mãos enrugadas.

— Seus dedos se recordariam melhor da velha força se segurasse m c punho de uma espada — disse Gandalf

Théoden se levantou e colocou a mão do lado do corpo, mas nãc havia espada alguma em seu cinto.

— Onde Gríma a escondeu? — disse ele num sussurro.

— Tome esta, querido senhor — disse uma voz límpida. — Ela sempre esteve a seu serviço. — Dois homens tinham subido em silêncio a escada, e agora estavam parados, a poucos passos do topo. Éomer estava lá. Sem elmo sobre a cabeça, sem malha sobre o peito, mas na mão segurava uma espada; ajoelhando-se, ofereceu o punho ao seu mestre.

— Que significa isso? — disse Théoden severo. Voltou-se para Éome e os homens ficaram surpresos ao vê-lo, erguendo-se agora altivo e ereto. Onde estava o velho que tinham deixado curvado em seu trono, ou apoiadc em seu cajado?

— A responsabilidade é minha, senhor — disse Háma, tremendo Entendi que Éomer deveria ser libertado. Tamanha alegria dominou meu coração que talvez eu tenha cometido um erro. No entanto, uma vez que ele estava livre de novo, e sendo ele um Marechal da Terra dos Cavaleiros trouxe-lhe a espada como ele me pediu.

— Para depositá-la aos seus pés, meu senhor — disse Éomer.

Por um instante de silêncio, Théoden ficou olhando para Éomer, que ainda estava ajoelhado a seus pés. Nenhum dos dois se mexeu.

— Não vai pegar a espada? — perguntou Gandalf

Lentamente Théoden estendeu a mão. Quando seus dedos tocaram o punho, pareceu aos que olhavam que a força e a firmeza retornavam ao seu braço.

De repente ergueu a lâmina e a brandiu, reluzente e assobiando nc ar. Então soltou um forte grito. Sua voz soava clara enquanto cantava, na língua de Rohan, um chamado às armas.

— De pé já, de pé, Cavaleiros de Théoden! Duros feitos despertam, leste já escurece. A sela do cavalo, o som à trombeta! Avante, Eorlingas!

Os guardas, julgando que estavam sendo convocados, subiram correndo a escada.

Olharam seu senhor com surpresa, e depois, como se fossem um só homem, puxaram suas espadas e colocaram-nas aos pés dele. Comande-nos — disseram eles.

— Westu Théoden hál! — gritou Éomer. — É uma alegria para nós vê-lo voltar a ser o que era. Nunca mais alguém dirá, Gandalf, que você só vem trazendo tristeza!

— Pegue de volta sua espada, Éomer, filho de minha irmã! — disse o rei. — Vá, Háma, e procure minha própria espada! Está em poder de Gríma Traga-o a mim também. Agora, Gandalf, você disse que tinha conselhos a dar, se eu quisesse escutá-los. Qual é o seu conselho?

— Você já o colocou em prática — respondeu Gandalf — Deposita sua confiança em Éomer, e não num homem de mente pervertida. Jogar fora o medo e o arrependimento. Fazer o que deve ser feito. Todo homem que pode cavalgar deve ser enviado para o oeste imediatamente, como Éomer o aconselhou: devemos primeiro destruir a ameaça de Saruman, enquanto temos tempo. Se falharmos, seremos derrotados. Se tivermos sucesso — então enfrentaremos a próxima tarefa. Enquanto isso, aqueles do seu povo que sobrarem, as mulheres, as crianças e os velhos, devem fugir para os refúgios que vocês mantêm nas montanhas. Não foram eles preparados para um dia tão terrível como este?

Deixe que levem provisões, mas que não demorem, nem carreguem na bagagem tesouros, grandes ou pequenos. É a vida deles que está em questão.

— Esse conselho me parece bom agora — disse Théoden. — Que todo meu povo se apronte! Menos vocês, meus hóspedes — você estava certo, Gandalf, quando disse que a cortesia de meu palácio diminuiu. Vocês cavalgaram a noite toda e a manhã já está terminando. Vocês não dormiram nem comeram nada. Uma casa d e hóspedes será preparada: ali deverão dormir, após terem comido.

— Não, senhor — disse Aragorn. — Ainda não pode haver repouso

para os cansados.

Os homens de Rohan devem partir hoje, e nós iremos com eles, com machado, espada e arco. Não trouxemos essas armas para que ficassem descansando contra sua parede, Senhor dos Cavaleiros. E prometi a Éomer que minha espada e a dele seriam brandidas juntas.

— Agora realmente vejo esperança de vitória! — disse Éomer.

— Esperança sim — disse Gandalf — Mas Isengard é forte. E outros perigos se aproximam cada vez mais. Não demore, Théoden, quando tivermos partido. Conduza seu povo rapidamente ao Forte do Templo da Colina!

— Não, Gandalf. — disse o rei. — Você não conhece seu próprio poder de cura. Não será assim. Eu mesmo irei à guerra, para cair à frente da batalha, se isso tiver de acontecer. Assim dormirei melhor.

— Nesse caso, mesmo a derrota de Rohan será gloriosa nas canções — disse Aragorn.

Os homens armados que estavam por perto bateram suas armas, gritando:

— O Senhor dos Cavaleiros irá cavalgar. Avante, Eorlingas!

— Mas seu povo não pode ficar sem armas e sem um líder ao mesmo tempo — disse Gandalf — Quem irá guiá-los e governá-los em seu lugar?

— Pensarei nisso antes de partir — respondeu Théoden. — Lá vem meu conselheiro.

Nesse momento, Háma voltou do salão. Atrás dele, encolhendo-se entre dois outros homens, vinha Gríma, o Língua de Cobra. Seu rosto estava muito branco. Os olhos piscavam com a luz do sol. Háma se ajoelhou e apresentou a Théoden uma grande espada numa bainha trabalhada em ouro e adornada com pedras verdes.

— Aqui, senhor, está Hertigrim, sua antiga espada — disse ele. — Foi encontrada na arca dele. A contragosto entregou as chaves. Há muitas outras coisas lá de que os homens deram falta.

— Você está mentindo — disse Língua de Cobra. — E essa espada me foi confiada por seu próprio mestre.

— E agora ele a requer de volta — disse Théoden. — Isso lhe desagrada?

— Certamente que não, senhor — disse Língua de Cobra. — Cuid do senhor e dos seus o melhor que posso. Mas não se dê tanto trabalho, nãc exija demais de suas energias.

Deixe que outros lidem com esses hóspedes aborrecidos. Sua carne está quase pronta para servir. Não quer prová-la?

— Quero — disse Théoden. — E faça com que a comida de meu hóspedes seja servida ao meu lado na mesa. O exército cavalgará hoje. Envie os arautos! Que reúnam todos os que moram nas redondezas. Todo homem e todo rapaz bastante forte para segurar uma arma, e todos os que têm cavalos, que estejam pronto s sobre as selas antes da segunda hora após o meio-dia!

— Caro senhor! — gritou Língua de Cobra. — É como eu receava Esse mago o enfeitiçou. Não vai ficar ninguém para defender o Paláci Dourado que pertenceu aos seus ancestrais, e todo o seu tesouro? Ninguém para proteger o Senhor da Terra dos Cavaleiros?

— Se isso for feitiço — disse Théoden —, parece-me mais benfazej que seus sussurros. Sua arte de sanguessuga teria logo feito com que eu começasse a andar de quatro, como um animal. Não, ninguém ficará, nem mesmo Gríma. Gríma também cavalgará. Vá! Você ainda tem tempo par limpar a ferrugem de sua espada.

— Clemência, senhor! — choramingou Língua de Cobra, rastejand no chão. — Tenha pena de alguém que se desgastou de tanto o servir. Nãc me mande para longe de sua companhia! Pelo menos eu ficarei ao seu ladc quando todos os outros tiverem partido. Não mande seu fiel Gríma embora!

— Você tem minha compaixão — disse Théoden. — E não mandarei para longe de minha companhia. Eu mesmo irei para a guerra com meus homens. Ordeno que venha comigo e prove sua fidelidade.

Língua de Cobra olhava de rosto em rosto. Em seus olhos se via expressão de um animal acossado, procurando uma brecha no círculo formado por seus inimigos. Lambeu os lábios com sua língua comprida e descorada. — Pode-se esperar uma resolução dessas de um senhor da Casa de Eorl, mesmo que ele seja velho — disse ele. — Mas os que realmente amam Poupariam seus últimos anos. Apesar disso, vejo que chego tard demais. Outros, a quem talvez a morte de meu senhor entristeceria menos,

já o persuadiram. Se não posso desfazer o que fizeram, escute-me pelo menos nisto, senhor! Alguém que conhece seus pensamentos e honra suas ordens deve ficar em Edoras. Nomeie um administrador fiel. Permita que seu conselheiro, Gríma, cuide de tudo até seu retorno — e espero que possamos revê-lo, embora nenhum homem sábio tenha esperanças.

Éomer riu.

— E se esse pedido não o dispensar da guerra, nobilíssimo Língua de Cobra — disse ele —, que serviço de menor honra você aceitaria? Carregar um saco de farinha para as montanhas — se alguém confiasse em você para essa tarefa?

— Não, Éomer, você não está entendendo completamente os pensamentos do Mestre Língua de Cobra — disse Gandalf, voltando o olhar agudo para este último. — Ele é bravo e astuto. Agora mesmo está fazendo um jogo com o perigo e ganhou uma jogada. Já desperdiçou horas de meu precioso tempo. Ao chão, cobra! — disse ele de repente com uma voz terrível. — De barriga no chão! Quanto tempo faz que Saruman o comprou? Qual foi o preço prometido? Quando todos os homens estivessem mortos você teria uma parte no tesouro, e levaria a mulher que deseja? Há muito tempo você a tem observado com seus olhos oblíquos e perseguido seus passos.

Éomer puxou sua espada.

— Disso eu já sabia — murmurou ele. — Por esse motivo já o teria matado antes, esquecendo a lei do palácio. Mas há outros motivos. — Deu um passo à frente, porém Gandalf o deteve com sua mão.

— Éowyn está a salvo agora — disse ele. — Mas você, Língua de Cobra, já fez tudo o que podia por seu verdadeiro mestre. Alguma recompensa conseguiu no fim. No entanto, Saruman é capaz de ignorar as promessas que fez. Devo recomendar que vá rápido e refresque a memória dele, para que não esqueça seus fiéis serviços.

— Você está mentindo — disse Língua de Cobra.

— Essa palavra brota com muita frequência de seus lábios — disse Gandalf — Eu não estou mentindo. Veja, Théoden , aqui está uma cobra Não pode levá-la consigo em segurança, nem deixá-la para trás. Matá-la seria justo. Mas essa criatura não foi sempre como é agora. Já foi um homem

e o serviu à sua maneira. Dê-lhe um cavalo e faça-o partir imediatamente, para onde escolher. Poderá julgá-lo por sua escolha.

— Você ouviu isso, Língua de Cobra? — disse Théoden. — A escolh é sua: cavalgar comigo para a guerra, e nos deixar comprovar na batalha a sua sinceridade, ou partir agora, para onde quiser. Mas se for assim, se nos encontrarmos novamente, não terei pena.

Lentamente, Língua de Cobra se levantou. Olhou para eles com c olhos semicerrados.

Por último olhou para o rosto de Théoden e abriu a boca, como se fosse falar alguma coisa. Então de repente se aprumou. As mãos se agitavam, os olhos faiscavam.

Havia tanta malícia neles que os homens recuaram.

Mostrou os dentes; e depois, com uma respiração chiada, cuspiu aos pés do rei, e, lançando-se para um lado, fugiu descendo a escada.

— Atrás dele! — disse Théoden. — Cuidem para que não faça mal a ninguém, mas não o machuquem e nem impeçam que parta. Que lhe seja dado um cavalo, se ele quiser.

— Isso se algum animal o aceitar — disse Éomer.

Um dos guardas desceu a escada correndo. Um outro foi até o poço ao pé do planalto e com seu elmo retirou um pouco de água. Com ela lavou as pedras que Língua de Cobra tinha conspurcado.

— Agora venham, meus hóspedes! — disse Théoden. — Venham e se reconfortem da maneira que o tempo permite.

Entraram na grande casa. Já escutavam lá embaixo os arautos gritando pela cidade e as cornetas de guerra soando. Pois o rei devia partir logo que os homens da cidade e os que moravam nas redondezas estivessem armados e reunidos.

À mesa do rei sentaram-se Éomer e os quatro hóspedes, e ali também, servindo o rei, estava a senhora Éowyn. Comeram e beberam de pressa. Os outros ficaram em silêncio, enquanto Théoden fazia perguntas a Gandalf a respeito de Saruman.

— A quando remonta essa traição, quem pode saber? — disse Gandalf

— Ele não foi sempre mau. Não duvido que já tenha sido um amigo

de Rohan; e mesmo quando seu coração esfriou ele ainda o considerou útil. Mas faz tempo agora que vem planejando sua ruína, usando a máscara da amizade, até que ele estivesse pronto.

Nesses anos, a tarefa de Língua de Cobra foi fácil, e tudo o que voc fazia era logo relatado em Isengard; pois sua terra estava aberta, e os forasteiros entravam e saíam. E sempre o sussurro de Língua de Cobr estava em seus ouvidos, envenenando seus pensamentos, enregelando seu coração, enfraquecendo seus músculos, enquanto os outros viam tudo e não podiam dizer nada, pois sua vontade era controlada por ele.

— Mas quando escapei e avisei você, então a máscara foi destruída para aqueles que quisessem ver. Depois disso Língua de Cobra jogou perigosamente, sempre procurando atrasá-lo, para impedir que recobrasse todas as suas forças. Ele foi esperto: entorpecendo a astúcia dos homens e alimentando seus medos, como melhor coubesse em cada ocasião.

Não lembra com que avidez ele disse que nenhum homem deveria ser desperdiçado numa busca infrutífera em direção ao norte, quando todo o perigo estava no oeste? Ele o persuadiu a proibir que Éomer caçasse os orcs invasores. Se Éomer não tivesse desafiado a voz de Língua de Cobra qu falava através de seus lábios, aqueles orcs já teriam chegado a Isengard agora levando um grande prêmio. Na realidade, não o prêmio que Saruman deseja acima de todos os outros, mas no mínimo dois membros de minha Comitiva, que compartilham uma esperança secreta, da qual nem mesmo a você, meu rei, ainda não posso falar abertamente. Ousa pensar o quanto eles estariam sofrendo agora, ou o que Saruman poderia ter descoberto para nossa desgraça?

— Devo muito a Éomer — disse Théoden. — Um coração fiel pod ter uma língua rebelde.

— Diga também — disse Gandalf — que para olhos tortos a verdad pode ter um rosto desvirtuado.

— Realmente meus olhos estavam quase cegos — disse Théoden Acima de tudo devo a você, meu convidado. Mais uma vez chegou a tempo. Gostaria de lhe oferecer um presente antes de partirmos, à sua escolha. Você só tem de apontar qualquer coisa que é minha. Agora s reservo minha própria espada.

— Se cheguei a tempo não podemos saber agora — disse Gandalf. — Mas quanto ao presente, senhor, vou escolher um que supra minhas necessidades: rápido e seguro. Dê-me Scadufax! Antes ele só foi emprestado, se é que podemos chamar aquilo de empréstimo. Mas agora vou conduzi-lo para grandes perigos, colocando a prata contra o negro: eu não arriscaria qualquer coisa que não fosse minha. E já existe um elo de amizade entre nós.

— Você fez uma boa escolha — disse Théoden -, e agora eu o passo às suas mãos alegremente. Mas é um grande presente. Não há outro como Scadufax. Nele retorna um dos poderosos animais de antigamente Nenhum assim retornará outra vez. E a vocês, meus outros convidados oferecerei coisas que podem ser encontradas em meu arsenal.

De espadas vocês não precisam, mas há elmos e coletes de malha feitos num habilidoso trabalho com os metais, que foram dados de presente aos meus antepassados por Gondor.

Escolham entre estes antes de partirmos, e que possam lhes servir bem!

Então chegaram homens trazendo vestimentas de guerra do tesouro do rei, e vestiram Aragorn e Legolas em malhas reluzentes. Escolheram também elmos, e escudos redondos: neles havia gravuras enfeitadas com ouro e pedras, verdes, vermelhas e brancas. Gandalf não pegou nenhuma armadura, e Gimli não precisava de nenhum colete de metal, mesmo que se encontrasse algum que servisse no seu tamanho, pois não havia couraça de malhas nos tesouros de Edoras de melhor qualidade do que seu pequeno corselete feito sob a Montanha do Norte. Mas escolheu uma touca de ferro e couro que serviu bem em sua cabeça redonda, e pegou também um pequeno escudo.

Esta peça exibia o cavalo correndo, branco sobre verde, que era o emblema da Casa de Eorl.

— Que o proteja bem — disse Théoden . — Foi feito para mim no tempo de Thengel, quando eu ainda era um menino.

Gimli fez uma reverência. — Fico orgulhoso, Senhor dos Cavaleiros em usar uma peça sua — disse ele. — Na realidade, seria mais fácil eu carregar um cavalo do que ser carregado por um. Gosto mais dos meus pés. Mas, talvez, chegarei a algum lugar onde possa ficar de pé e lutar.

— Pode muito bem acontecer — disse Théoden .

O rei então se levantou, e imediatamente Éowyn se aproximou trazendo vinho.

— Ferthu Théoden hál! — disse ela. — Tome esta taça e beba nest hora feliz. Que a saúde o acompanhe em sua ida e em seu retorno!

Théoden bebeu da taça, e então ela a ofereceu aos convidados. A ficar diante de Aragorn, Éowyn parou de repente e o olhou, com um brilh nos olhos. E ele olhou o rosto dela e sorriu; mas quando pegou a taça a mãc dele encontrou a dela, e Aragorn percebeu que ela tremeu àquele toque. Salve, Aragorn, filho de Arathorn! — disse ela.

— Salve, Senhora de Rohan! — respondeu ele, mas agora tinha rosto preocupado e não sorriu.

Quando todos tinham bebido, o rei atravessou o salão em direção às portas. Ali guardas esperavam por ele, e arautos também, e todos os senhores e chefes de Edoras e das redondezas estavam reunidos.

— Vejam! Vou na frente, e é provável que esta seja minha última cavalgada — disse Théoden. — Não tenho filhos. Théodred, meu filho, est morto. Nomeio Éomer, filho de minha irmã, como meu herdeiro. Se nenhum de nós voltar, então escolham outro senhor.

Mas a alguém devo agora confiar meu povo que abandono, para governá-lo em paz. Qual de vocês está disposto a ficar?

Ninguém disse nada.

— Não há ninguém que possam indicar? Em quem meu povo confia?

— Na Casa de Eorl — respondeu Háma.

— Mas não podemos deixar Éomer, nem ele ficaria — disse o rei; e ele é o último dessa Casa.

— Não me referi a Éomer — respondeu Háma. — E ele não é último. Há sua irmã Éowyn, filha de Éomund. Ela é corajosa e tem un coração nobre. Todos a amam. Deixe que ela faça o papel de senhor do Eorlingas, enquanto estivermos fora.

— Assim será — disse Théoden. — Que os arautos anunciem ao pov que a Senhora Éowyn os conduzirá!

Então o rei se sentou numa cadeira diante de suas portas, e Éowyn se ajoelhou à sua frente, recebendo dele uma espada e um belo corselete. Até

logo, filha de minha irmã! — disse ele. — Escura é esta hora, mas talvez retornemos ao Palácio Dourado. Mas no Templo da Colina as pessoa poderão se defender por muito tempo, e se o final da batalha for contra nós para cá virão todos os que escaparem.

— Não fale desse modo! — respondeu ela. — Suportarei um ano para cada dia que passar até seu retorno. — Mas enquanto ela falava seus olhos se dirigiram a Aragorn, que estava ao lado.

— O rei retornará — disse ele. — Não tenha medo! Nosso destino no espera no leste e não no oeste.

O rei então desceu a escada, com Gandalf ao seu lado. Os outros o seguiram.

Aragorn olhou para trás no momento em que passavam em direçãc ao portão. Sozinha, Éowyn ficou parada diante das portas do salão, no topc da escada; a espada estava de pé diante dela, e suas mãos descansavam sobre o punho. Estava agora vestida em malhas metálicas, e brilhava comc prata ao sol.

Gimli foi ao lado de Legolas, com o machado sobre os ombros. Bem finalmente partimos! — disse ele. — Os homens precisam de muitas palavras antes das ações. Meu machado está inquieto em minhas mãos. Contudo eu não duvido que esses rohirrim tenham mãos ferozes nc momento necessário. Apesar disso, não é este o tipo de batalha que me cai bem, Como irei para a batalha? Preferia andar, e não ficar pulando como um saco na garupa de Gandalf.

— Um lugar mais seguro que muitos outros — disse Legolas. — Apesar disso, Gandalf o colocará no chão de bom grado quando os golpes começarem; ou o próprio Scadufax fará isso, Um machado não é arma para um cavaleiro.

— E um anão não é um cavaleiro. São os pescoços dos orcs que eu queria cortar, e não barbear os escalpos de homens — disse Gimli, batendc no cabo do machado.

No portão encontraram um grande exército de homens, velhos e jovens, todos prontos na sela. Mais de mil estavam ali reunidos. Suas lanças eram como uma floresta irrequieta. Gritaram com muita alegria quandc Théoden surgiu. Alguns seguravam o cavalo do rei, Snawmana, e outro

seguravam os cavalos de Aragorn e Legolas. Gimli ficou pouco à vontade franzindo a testa, mas Éomer veio até ele, trazendo seu cavalo.

— Salve, Gimli, filho de Glóin — gritou ele. — Não tive tempo d aprender um modo gentil de falar sob sua palmatória, como me prometeu. Mas não podemos deixar de lado nossa desavença? Pelo menos não falare mal da Senhora da Floresta outra vez.

— Vou esquecer minha ira por enquanto, Éomer, filho de Éomund disse Gimli —, mas se algum dia você tiver a oportunidade de ver a Senhora Galadriel com seus próprios olhos então irá considerá-la a mais bela das senhoras; caso contrário, nossa amizade chegará ao fim.

— Que assim seja! — disse Éomer. — Mas até esse dia me perdôe, e em sinal de perdão cavalgue comigo, eu lhe peço. Gandalf irá na frente com o Senhor dos Cavaleiros; mas Pé-de-Fogo, meu cavalo, nos levará a nós dois se você estiver disposto.

— Agradeço-lhe imensamente — disse Gimli, muito satisfeito. — Ire contente com você, se Legolas, meu companheiro, puder cavalgar ao nossc lado.

— Assim será — disse Éomer. — Legolas à minha esquerda, e Aragorn à minha direita, e ninguém ousará nos enfrentar!

— Onde está Scadufax? — disse Gandalf

— Correndo solto sobre a grama — responderam eles. — Não deixa que nenhum homem o pegue. Lá vai ele, lá embaixo, perto do vau, comc uma sombra por entre os salgueiros.

Gandalf assobiou e chamou o nome do cavalo em voz alta, e na distância ele balançou a cabeça e relinchou; virando-se, correu na direção do exército como uma flecha.

— Se o sopro do Vento Leste tomasse a forma de um corpo visível teria exatamente a aparência desse animal — disse Éomer, enquanto o grande cavalo subia, até parar ao lado do mago.

— Parece que o presente já está entregue — disse Théoden. — Ma escutem todos! Aqui nomeio agora meu hóspede, Gandalf Capa-Cinzenta, mais sábio dos conselheiros, o mais bem-vindo dos andarilhos, um senhor da Terra dos Cavaleiros, um líder dos Eorlingas enquanto nosso povo durar; e dou a ele Scadufax, o príncipe dos cavalos.

— Agradeço-lhe, Rei Théoden — disse Gandalf. Então, de repente jogou para trás a capa cinzenta, jogou de lado seu chapéu, e de um salto montou no cavalo. Não usava nem elmo nem armadura. Seus cabelos de neve voavam ao vento, as vestes brancas brilhavam ofuscantes ao sol.

— Vejam o Cavaleiro Branco — gritou Aragorn, e todos repetiram essas palavras.

— Nosso Rei e o Cavaleiro Branco! — gritaram eles. — Avante Eorlingas! As trombetas soaram. Os cavalos empinaram e relincharam Lanças batiam nos escudos, então o rei levantou a mão, e numa velocidade semelhante ao início de um grande vendaval o último exército de Rohan cavalgou, retumbando em direção ao oeste.

Distante na planície Éowyn viu o brilho de suas lanças, enquanto ficou parada, sozinha diante das portas da casa silenciosa.

CAPÍTULO VII: O ABISMO DE HELM

O sol já se dirigia para o oeste quando partiram de Edoras, e sua luz incidia nos olhos de todos, transformando os campos de Rohan numa névoa dourada. Havia um caminho batido a noroeste, ao longo dos pés das Montanhas Brancas; por ali seguiram, subindo e descendo uma região verde, atravessando pequenos riachos velozes por muitos vaus. Na distância, à direita, assomavam as Montanhas Sombrias, que ficavam cada vez mais altas e escuras com o passar das milhas. O sol descia devagar diante deles.

Atrás, a noite caía.

A tropa continuou cavalgando. Temendo chegar tarde demais, iam a toda velocidade, raramente fazendo uma pausa. Velozes e resistentes eram os cavalos de Rohan, mas havia muitas léguas a percorrer. Eram quarenta léguas ou mais, em linha reta, de Edoras até os vaus do Isen, onde esperavam encontrar os homens do rei que impediam o avanço dos exércitos de Saruman.

A noite se fechou ao redor deles. Finalmente pararam para montar acampamento.

Tinham cavalgado cerca de cinco horas e avançado bastante pela planície oeste; mesmo assim, mais da metade da viagem ainda se estendia à frente. Numa grande roda, sob o céu estrelado e a lua crescente, estavam acampados agora. Não acenderam fogueiras, pois estavam inseguros da situação, mas colocaram um círculo de guardas montados ao redor deles, e batedores foram mais à frente, passando como sombras pelas dobras da terra. A noite lenta passou sem qualquer surpresa ou alarma. Com o chegar do dia soaram as cornetas, e dentro de uma hora o exército já estava de novo na estrada.

Ainda não havia nuvens cobrindo o céu, mas o ar estava pesado; estava quente para aquela estação do ano. O sol se levantava envolto em névoas e atrás dele, seguindo-o devagar em sua escalada no céu, via-se uma escuridão crescente, como uma grande tempestade que chegava do leste. E em direção ao noroeste parecia haver outra escuridão se formando aos pés das Montanhas Sombrias, uma sombra que se arrastava devagar, descendo

do Vale do Mago.

Gandalf recuou até onde cavalgava Legolas, ao lado de Éomer. — Você tem o olhar agudo de seu belo povo, Legolas — disse ele —, e eles distinguem um pardal de um tendilhão a uma légua de distância. Diga-me, está vendo alguma coisa lá na frente, na direção de Isengard?

— Há muitas milhas daqui até lá — disse Legolas olhando à frente e protegendo os olhos com sua mão esguia. — Vejo uma escuridão. Há formas se movendo nela, grandes formas lá adiante, na margem do rio; mas o que são não sei dizer. Não são as nuvens ou a névoa que atrapalham minha visão: há um véu de sombra, que algum poder derrama por sobre a terra, e que está descendo lentamente o rio. É como se o crepúsculo, sob árvores infinitas, estivesse descendo das montanhas.

— E atrás de nós vem uma verdadeira tempestade de Mordor — disse Gandalf

— Será uma noite negra.

O segundo dia de cavalgada foi passando, e o ar foi ficando mais pesado.

Durante a tarde, as nuvens escuras começaram a alcançá-los: um dossel sombrio tendo nas bordas grandes vagalhões, salpicados de uma luz ofuscante. O sol se pôs, vermelho como sangue numa névoa de fumaça. As lanças dos Cavaleiros tinham pontas de fogo quando os últimos raios de luz acenderam as encostas íngremes dos picos de Thrihyme: agora estavam muito próximos do braço mais ao norte das Montanhas Brancas, três chifres farpados olhando para o pôr-do-sol. No último brilho vermelho, os homens da vanguarda viram uma mancha negra, um cavaleiro vindo ao encontro deles. Pararam, aguardando sua chegada.

Chegou: um homem exausto com um elmo trincado e um escudo partido. Desceu devagar do cavalo e ficou parado um instante, enquanto tomava fôlego.

Finalmente falou.

— Éomer está aqui:"? — perguntou ele. — Finalmente vocês chegam, mas tarde demais, e com muito pouca força. As coisas vão mal desde que Théodred caiu. Recuamos ontem pelo Isen com grandes perdas. Muito pereceram na travessia.

Depois, à noite, novas forças vieram pelo rio atacando nossc acampamento. Toda Isengard deve estar vazia; Saruman armou os bárbaro das colinas e os pastores da Terra Parda, além do rio: estes também ele atiçou contra nós. Fomos dominados. A parede de escudos foi quebrada.

Erkenbrand do Folde Ocidental se retirou com os homens que pôd reunir para sua fortaleza no Abismo de Helm. O restante deles está disperso.

— Onde está Éomer? Digam-lhe que não há esperança à frente. El deve retornar a Edoras antes que os lobos de Isengard cheguem aqui.

Théoden permanecera quieto, escondido da visão do homem, atrás de seus guardas; fez então seu cavalo avançar. — Venha, fique ao meu lado, Ceorl! — disse ele. — Estou aqui. O último exército dos Eorlingas está postos. Não retornaremos sem lutar.

O rosto do homem se iluminou de alegria e surpresa. Aproximou-se Depois ficou de joelhos, oferecendo ao rei sua espada chanfrada. — Às suas ordens, senhor! — gritou ele.

— E me perdôe! Pensei...

— Pensou que eu tinha ficado em Meduseld, curvado como uma árvore velha sob a neve do inverno. Era assim quando veio para a guerra. Mas um vento oeste chacoalhou os ramos — disse Théoden . — Dê a est homem uni cavalo descansado! Vamos em auxílio de Erkenbrand.

Enquanto Théoden falava, Gandalf avançou alguns passos e ficou al sozinho, olhando para o norte em direção a Isengard e para o sol que se punha no oeste. Agora voltava.

— Avance, Théoden! — disse ele. — Vá para o Abismo de Helm! Nã vá para os Vaus do Isen, e não permaneça na planície! Devo deixá-los po um tempo. Scadufax deve agora me conduzir numa missão urgente. — Voltando-se para Aragorn e Éomer, e para os homens da casa do rei, el gritou: Cuidem bem do Senhor da Terra dos Cavaleiros até que eu retorne Aguardem-me no Portão de Helm! Até já! Disse uma palavra para Scadufax, e como uma flecha disparada por um arco o grande cavalo saltou à frente. Quando olharam, ele já havia desaparecido: um clarão de prata no pôr-do-sol, um vento sobre a grama, uma sombra que passou e sumiu de vista.

Snawmana resfolegou e pateou, ansioso por segui-lo; mas só um pássaro feito flecha poderia tê-lo alcançado.

— Que significa isso? — perguntou a Háma um homem da guarda.

— Que Gandalf Capa-Cinzenta precisa se apressar — respondeu Háma. Ele sempre parte e chega sem ser esperado.

— Língua de Cobra, se estivesse aqui, não teria dificuldade em explicar — disse o outro.

— Isso é bem verdade — disse Háma -, mas, quanto a mim, vou esperar até que veja Gandalf de novo.

— Talvez você espere muito tempo — disse o outro.

A tropa desviou-se da estrada que conduzia aos Vaus do Isen e rumou para o sul. A noite caiu, e eles ainda continuavam a cavalgada. As colinas se aproximavam, mas os altos picos de Thrihyme já se apagavam contra o céu que escurecia.

Ainda a algumas milhas dali, no lado oposto do Vale do Folde Ocidental, ficava uma garganta verde, uma grande reentrância no meio das montanhas, que se transformava num precipício entre elas. Os homens daquela região deram-lhe o nome de Abismo de Helm, em homenagem a um herói de antigas guerras que se refugiara ali. Partindo do norte, a garganta afundava, cada vez mais íngreme e estreita dentro das sombras do Thrihyme, até o ponto onde os penhascos ocupados por corvos assomavam como torres poderosas dos dois lados, bloqueando a luz.

No Portão de Helm, diante da entrada do Abismo, havia um esporão de pedra que o penhasco ao norte projetava para fora. Ali, na sua extremidade, erguiam-se altas muralhas de pedra antiga, e dentro delas via-se uma torre alta. Os homens diziam que nos tempos longínquos da glória de Gondor os reis dos mares tinham construído ali sua fortaleza com mãos de gigantes. Chamava— se Forte da Trombeta, pois se tal instrumento fosse tocado na torre o som ecoava no Abismo atrás dela, como se exércitos há muito esquecidos estivessem marchando para a guerra, vindo das cavernas sob as colinas. Os homens de antigamente também tinham construído uma muralha, que ia desde o Forte da Trombeta até o penhasco ao sul, barrando a passagem para a garganta. Abaixo dela, através de uma larga galeria, passava o Riacho do Abismo. Aos pés do Rochedo da Trombeta ele fazia uma curva, e corria então numa vala que passava no meio de uma ampla fenda, descendo suavemente do Portão de Helm para o Dique de Helm. De lá ca

na Garganta do Abismo, desembocando no Vale do Folde Ocidental. Ali, n Forte da Trombeta, no Portão de Helm, morava Erkenbrand, senhor d Folde Ocidental, nas fronteiras das Terras dos Cavaleiros.

Quando os dias foram ficando mais escuros com a ameaça da guerra, sendo sábio, ele tinha consertado a muralha e aumentado a segurança da fortaleza.

Os Cavaleiros estavam ainda no baixo vale, diante da entrada da Garganta, quando se ouviram os gritos e clangores de seus batedores que ia m à frente. Da escuridão vieram flechas zunindo. Rapidamente um batedo retornou e reportou que homens montados em lobos estavam circulando no vale, e que uma tropa de orcs e de homens bárbaros estava correndo para o sul vindo dos Vaus do Isen, e parecia estar se dirigindo para o Abismo de Helm.

— Vimos muitos homens de nosso povo que caíram mortos quando fugiam para lá — disse o batedor. — E encontramos grupos dispersos, indo de um lado para o outro, sem terem quem os comandasse. O que aconteceu a Erkenbrand ninguém parece saber. É provável que seja alcançado antes que consiga chegar ao Portão de Helm, se é que ainda não pereceu. Alguém viu Gandalf? — perguntou Théoden .

— Sim, senhor. Muitos viram um velho vestido de branco montando um cavalo, aparecendo aqui e acolá sobre as colinas, como o vento sobre a grama.

Alguns o tomaram por Saruman. Pelo que dizem, ele se foi antes de anoitecer em direção a Isengard. Alguns também dizem que Língua de Cobra foi visto antes, indo para o norte com um grupo de orcs.

— Será ruim para Língua de Cobra, se Gandalf cruzar com ele – disse Théoden. — Apesar disso, sinto falta de meus dois conselheiros, o velho e o novo. Mas nesta situação não temos escolha melhor do que ir em frente, como Gandalf disse, até o Portão de Helm, estando Erkenbrand lá ou não. Sabe-se o tamanho da tropa que vem do norte?

— É muito grande — disse o batedor. — Quem está fugindo vê inimigos em dobro, mas eu falei com homens de muita coragem, e não duvido que a força principal do inimigo seja muitas vezes maior do que toda a que temos aqui.

— Então sejamos rápidos — disse Éomer. — Vamos passar pelos inimigos que já estão entre nós e a fortaleza. Há cavernas no Abismo de Helm onde centenas de homens podem se esconder, e caminhos secretos leva m de lá até as colinas.

— Não confie nos caminhos secretos — disse o rei. — Saruman andou espionando esta região durante um longo tempo. Mas naquele lugar nossa defesa pode resistir por muito tempo. Vamos!

Aragorn e Legolas iam agora na frente com Éomer. Continuaram cavalgando no escuro, cada vez mais devagar conforme a noite avançava e o caminho subia para o sul, cada vez mais entrando nas dobras escuras aos pés da montanha.

Encontraram poucos inimigos. Em alguns pontos cruzaram com grupos errantes de orcs, mas eles fugiam antes que os Cavaleiros pudessem pegá-los ou matá-los.

— Não vai demorar muito, eu receio — disse Éomer —, até que o líder de nossos inimigos tome conhecimento da chegada do exército do rei, seja ele Saruman ou qualquer capitão que ele tenha mandado.

O rumor da guerra crescia atrás deles. Agora podiam ouvir, chegando através da escuridão, o som de uma cantoria rude. Tinham avançado muito pela Garganta do Abismo quando olharam para trás. Então viram tochas pontos inumeráveis de luz de fogo sobre os campos negros atrás deles, espalhados como flores vermelhas, ou subindo em longas fileiras faiscantes. Em alguns pontos uma chama maior se erguia.

É uma tropa grande, e avança rápido em nossa direção — disse Aragorn.

— Estão trazendo fogo — disse Théoden —, e conforme passam vão queimando palha, cabana e árvore. Este era um vale rico e tinha muitas propriedades. Sinto por meu povo!

— Gostaria que o dia já tivesse nascido e que pudéssemos cavalgar sobre eles como uma tempestade! — disse Aragorn. — Fico triste em ter de fugir desse jeito.

— Não precisamos fugir muito mais — disse Éomer. — Não muito além daqui fica o Dique de Helm, uma trincheira com baluarte antiga cortada através da garganta, quatrocentos metros abaixo do Portão de Helm.

Ali Podemos nos virar e combater.

— Não, somos muito poucos para defender o Dique — disse Théoden.

— Tem uma milha ou mais de comprimento, e sua abertura é grande.

— Na abertura ficará nossa retaguarda, se formos pressionados — disse Éomer.

Não havia lua nem estrelas quando os Cavaleiros atingiram a abertura do Dique, por onde a correnteza que vinha de cima passava, e onde a estrada ao lado descia do Forte da Trombeta. O baluarte de repente assomou diante deles, uma sombra alta além de um poço escuro. Conforme foram subindo, uma sentinela os interpelou.

— O Senhor da Terra dos Cavaleiros se dirige para o Portão de Helm respondeu Éomer. — Eu, Éomer, filho de Éomund, estou falando.

— Isso é uma boa notícia que supera qualquer expectativa — disse a sentinela. — Apressem-se! O inimigo está em seus calcanhares.

A tropa passou através da abertura e parou na ladeira inclinada que ficava acima.

Agora descobriram, para sua alegria, que Erkenbrand deixara muitos homens defendendo o Portão de Helm, e muitos outros tinham depois ali se refugiado.

— Talvez tenhamos mil homens prontos para lutar a pé — disse Gamling, um velho, o líder dos que vigiavam o Dique. — Mas a maioria deles já viu invernos demais, como eu, ou muito poucos, como este filho de meu filho. Que notícias têm de Erkenbrand? Chegou até nós ontem a notícia de que ele vinha para cá, batendo em retirada com tudo o que sobrou dos melhores Cavaleiros do Folde Ocidental. Mas ainda não chegou.

— Receio que não chegue mais — disse Éomer. — Nossos batedores não conseguiram notícias dele, e o inimigo domina todo o vale atrás de nós.

— Gostaria que ele tivesse escapado — disse Théoden. — Era um homem poderoso.

Nele reviveu o valor de Helm, o Mão-de-Martelo. Mas não podemos esperá-lo aqui.

Devemos reunir agora todas as nossas forças detrás das muralhas. Vocês têm boas provisões? Temos poucas, porque partimos para uma

batalha aberta, e não preparados para um cerco.

— Atrás de nós, nas cavernas do Abismo, estão três partes do povo do Folde Ocidental, velhos e jovens, crianças e mulheres — disse Gamling. Ma um grande estoque de comida, e vários animais e rações para eles também foram guardados lá.

— Isso é bom — disse Éomer. — Eles estão queimando e saqueando tudo o que resta no vale.

— Se vierem barganhar nossa comida no Portão de Helm, vão paga um preço alto — disse Gamling.

O rei e seus Cavaleiros passaram à frente. Diante do passadiço que atravessava o rio eles desmontaram. Numa longa fila, conduziram seus cavalos rampa acima e passaram para dentro dos portões do Forte da Trombeta. Ali outra vez foram recebidos com alegria e esperança renovada pois agora havia homens em número suficiente para proteger tanto o forte quanto a muralha.

Rapidamente, Éomer deixou seus homens a postos. O rei e os homens de sua casa estavam no Forte da Trombeta, e também havia vários homens do Folde Ocidental. Mas na Muralha do Abismo e na torre, e atrás dela Éomer reuniu a maioria de sua força, pois ali a defesa parecia mais duvidosa, se o ataque fosse determinado e violento.

Os cavalos foram conduzidos mais para cima do Abismo, ficando aos cuidados de alguns homens que foi possível separar para essa função.

A Muralha do Abismo tinha seis metros de altura, e era tão larga que quatro homens podiam andar lado a lado em cima dela, protegidos por um parapeito sobre o qual apenas um homem alto poderia olhar. Em alguns pontos havia fendas na pedra, através das quais os combatentes podiam atirar. Podia-se chegar a esse parapeito por uma escada que descia de uma porta no pátio externo do Forte da Trombeta; três lances de degraus também conduziam para a parte superior da muralha, saindo do Abismo lá embaixo; mas a parte da frente era lisa, e as grandes pedras foram assentadas com tal habilidade que não se via nenhuma saliência nas suas junções, e no topo elas tinham a forma de um penhasco esculpido pelo mar.

Gimli ficou de pé apoiando-se no parapeito do muro. Legolas estava sentado em cima do parapeito, manuseando o arco e espiando na escuridão.

— Isso está mais ao meu gosto — disse o anão, pisando firme nas pedras. — Meu coração se alegra quando nos aproximamos das montanhas. Há boas pedras aqui. Esta terra tem ossos resistentes. Senti-os em meus pé quando viemos do dique.

Se me dessem um ano e cem anões de meu povo, eu faria disto aqui um lugar contra o qual os exércitos se arrebentariam como água.

— Não duvido disso — disse Legolas, — Mas você é um anão, e anões são pessoas estranhas. Não gosto deste lugar, e gostarei menos ainda à luz do dia. Mas você me consola, Gimli, e estou feliz em tê-lo ao meu lado, com suas pernas fortes e seu machado resistente. Gostaria que houvesse mais pessoas de seu povo entre nós. Mas mais ainda eu daria por uma centena de bons arqueiros da Floresta das Trevas. Vamos precisar deles. Os rohirrim têm homens que são bons arqueiros à sua maneira, mas há muito Poucos aqui, muito poucos.

— Está escuro para o uso dos arcos — disse Gimli. — Na verdade está na hora de dormir. Dormir! Sinto necessidade disso, como nunca pense que um anão sentiria.

Cavalgar é um trabalho cansativo. Mesmo assim meu machado está inquieto em minhas mãos. Dê-me uma fileira de pescoços de orcs e um espaço para me movimentar, que todo o cansaço abandonará meu corpo.

O tempo passou devagar. Lá embaixo no vale, fogueiras isoladas ainda ardiam. As tropas de Isengard avançavam em silêncio agora. Podia-se ver suas tochas subindo a garganta em muitas fileiras.

De repente, do Dique, gritos e berros, e os ferozes gritos de guerra começaram.

Tochas flamantes apareceram sobre a borda e se amontoaram na fenda. Depois se espalharam e desapareceram. Homens vieram galopando pelo campo e subiram a rampa que conduzia ao Forte da Trombeta. A retaguarda dos homens do Folde Ocidental fora acuada para dentro.

— O inimigo está próximo! — disseram eles. — Soltamos todas as flechas que tínhamos e enchemos o Dique de orcs. Mas isso não vai detê-los por muito tempo. Eles já estão escalando a margem em vários pontos, numerosos como formigas em marcha. Mas lhes ensinamos a não carregarem tochas.

Agora já passava da meia-noite. O céu estava completamente negro e o marasmo do ar pesado anunciava uma tempestade. De repente as nuvens foram chamuscadas por um clarão ofuscante. Muitos relâmpagos golpeavam as colinas do leste. Por um instante, os vigias das muralhas viram todo o espaço entre o ponto onde estavam e o Dique iluminado por uma luz branca: lá fervilhavam e rastejavam figuras negras, algumas largas e troncudas, outras altas e sinistras, com altos elmos e escudos negros.

Mais centenas e centenas se despejavam sobre o Dique e através da brecha.

A onda escura atingia as paredes de penhasco a penhasco. Trovões retumbavam no vale. A chuva veio açoitando tudo.

Inúmeras flechas chegavam zunindo sobre as ameias, e caíam tinindo e resvalando na pedra. Algumas atingiam o alvo. O ataque ao Abismo de Helm tinha começado, mas nenhum som ou desafio vinha lá de dentro: nenhuma flecha veio em resposta.

As tropas atacantes pararam, frustradas pela ameaça silenciosa de rocha e muralha.

Frequentemente os relâmpagos rasgavam a escuridão. Quando isso acontecia, os orcs gritavam, agitando lanças e espadas, e atirando uma nuvem de flechas contra qualquer um que aparecesse nas ameias; e os homens da Terra dos Cavaleiros, assustados, viram lá fora um grande campo coberto por um trigal escuro, açoitado por uma tempestade de guerra, e cada espiga faiscava com uma luz mordaz.

Ouviram-se trombetas impudentes. O inimigo avançava como um a onda, uns contra a Muralha do Abismo, outros na direção do passadiço e da rampa que conduzia aos portões do Forte da Trombeta. Ali estavam reunidos os orcs maiores, e os bárbaros das colinas da Terra Parda. Hesitaram por um momento e depois continuaram avançando. O relâmpago produziu um clarão, e estampado em cada elmo e escudo pôde-se ver a mão sinistra de Isengard. Alcançaram o topo do rochedo; dirigiram-se para os portões.

Então finalmente veio uma resposta: uma tempestade de flechas os recebeu, junto com uma avalanche de pedras. Eles vacilaram, pararam e fugiram; e depois atacaram de novo; pararam e atacaram outra vez; e a cada vez, como a invasão do mar, eles paravam num ponto mais alto. De

novo soaram cornetas, e um monte de homens urrando saltou à frente. Mantinham seus grandes escudos acima das cabeças como um telhado, enquanto no meio deles carregavam dois grandes troncos de árvore. Atrás apinhavam-se orcsarqueiros, mandando uma saraivada de flechas na direção dos arqueiros que estavam sobre a muralha. Ganharam os portões. Os troncos, balançados por fortes braços, golpeavam o madeirame do portão com um estrondo destruidor. Se algum homem caía, atingido por uma pedra que fora atirada de cima, dois outros surgiam para tomar-lhe o lugar. Golpe após golpe os grandes aríetes balançavam e batiam.

Éomer e Aragorn estavam juntos sobre a Muralha do Abismo. Ouviam o rugido de vozes e as pancadas surdas dos aríetes; então, num clarão repentino, enxergaram o perigo que ameaçava os portões.

— Venha! — disse Aragorn. — É chegada a hora em que devemos brandir juntos nossas espadas.

Velozes como o vento, eles correram ao longo da muralha, subindo os degraus, passando para o pátio exterior sobre o Rochedo. Conforme corriam foram reunindo vários espadachins robustos. Havia uma pequena porta que se abria num canto da parede oeste do forte, onde o penhasco se esticava na direção dela.

Daquele lado um caminho estreito ia em direção ao grande portão, entre a muralha e a borda íngreme do Rochedo. Juntos, Éomer e Aragorn saltaram através da porta, com seus homens vindo logo atrás. As duas espadas saíram reluzindo das bainhas como se fossem uma só.

— Gúthwiné! — gritou Éomer. — Gúthwiné pela Terra dos Cavaleiros!

— Andúril! — gritou Aragorn. — Andúril pelos Dúnedain!

Avançando pela lateral, eles se arremessaram sobre os bárbaros. Andúril subia e descia, reluzindo com um fogo branco. Um clamor subiu da muralha e da torre.

— Andúril! Andúril vai à guerra. A Espada que foi Quebrada brilha de novo!

Assombrados, os homens deixaram cair os troncos e voltaram-se para lutar; mas a parede de seus escudos foi partida como se por um relâmpago, e eles foram varridos, derrubados ou jogados contra o Rochedo, indo cair no

rio pedregoso lá em baixo. Os orcs-arqueiros atiraram alucinados e depois fugiram.

Por um momento, Éomer e Aragorn pararam diante dos portões. O trovões retumbavam agora na distância. Os relâmpagos ainda faiscavam, adiante, entre as montanhas do sul, Um vento cortante soprava do norte outra vez. As nuvens se partiam e passavam, e as estrelas apareceram; sobre as colinas das encostas da Garganta, a lua se dirigia para o oeste, bruxuleando amarela entre os destroços da tempestade.

— Quase chegamos tarde demais — disse Aragorn, olhando os portões. Suas grandes dobradiças e barras de ferro estavam deslocadas e tortas; muitas de suas vigas de madeira estavam quebradas.

— Apesar disso não podemos ficar aqui fora das muralhas para defendê-las – disse Éomer. — Olhe! — Ele apontou para o passadiço. Uma grande massa de orcs e homens estava se reunindo outra vez do outro lado do rio. Flechas zuniam e ricocheteavam nas pedras em volta deles. — Venha! Precisamos voltar e ver o que podemos fazer para empilhar pedras e vigas contra os portões do lado de dentro. Vamos! Voltaram-se e correram. Nesse momento, cerca de doze orcs que estavam deitados imóveis por entre os mortos ergueram-se e vieram silenciosa e rapidamente atrás deles.

Dois se jogaram ao chão nos calcanhares de Éomer, derrubaram-no e num segundo já estavam sobre ele. Mas uma pequena figura escura que ninguém tinha notado saltou das sombras e soltou um grito rouco: Baruk Khazâd! Khazâd ai mênu! Um machado varreu o ar, Dois orcs caírar decapitados. O resto deles fugiu.

Éomer se levantou num esforço, no mesmo momento em que Aragorn corria em seu auxílio.

A pequena passagem foi fechada outra vez, a porta de ferro foi bloqueada com pedras empilhadas do lado de dentro. Quando todos estavam a salvo lá dentro, Éomer se voltou:

— Agradeço a você, Gimli, filho de Glóin! — disse ele. — Não sabi que você estava ao nosso lado nesse ataque. Mas geralmente o hóspede que não foi convidado acaba sendo a melhor companhia. Como chegou até lá?

— Segui vocês para espantar o sono — disse Gimli —, mas olhei os homens das colinas e os achei muito grandes para mim, então me sentei ao

lado de uma pedra para ver seu jogo de espadas.

— Não será fácil retribuir o que me fez — disse Éomer.

— Pode haver muitas oportunidades antes do fim da noite — disse rindo o anão. — Mas fico contente. Até agora não derrubei nada além de árvores, desde que deixei Moria.

— Dois! — disse Gimli, acariciando seu machado. Tinha voltado par. seu lugar na muralha.

— Dois? — disse Legolas. — Consegui marca melhor, embora agor. precise tatear o chão à procura de flechas perdidas; todas as minhas se foram. Apesar disso, minha conta é vinte no mínimo. Mas não é mais que algumas folhas em meio a uma floresta.

As nuvens agora se dispersavam rapidamente, e a lua que afundava brilhava muito.

Mas a luz trouxe poucas esperanças para os Cavaleiros de Rohan. C inimigo diante deles parecia ter aumentado em número, e outros ainda vinham do vale através da abertura, O ataque sobre o rochedo produziu apenas uma breve trégua. A investida contra os portões redobrara. Contra a Muralha do Abismo, as tropas de Isengard rugiam como um mar.

Orcs e homens das colinas pareciam um enxame ao redor de sua base, de ponta a ponta.

Cordas com ganchos foram jogadas por sobre o parapeito tão rápidc que os homens não conseguiam cortá-las ou jogá-las todas de volta. Subiram centenas de longas escadas.

Muitas caiam destruídas, mas eram substituídas por muitas outras, e os orcs subiam por elas como os macacos das escuras florestas do sul. Diante da base da muralha, os mortos e feridos se empilhavam como os destroços de uma tempestade; cada vez mais altos ficaram os horrendos montes, e ainda assim o inimigo avançava.

Os homens de Rohan ficaram cansados. Usaram todas as suas flechas e atiraram cada lança; as espadas estavam chanfradas, e os escudos trincados. Três vezes Aragorn e Éomer os animaram, e três vezes Andúri reluziu num ataque desesperado que afastou o inimigo da muralha.

Então um clamor subiu do Abismo lá embaixo. Orcs tinham s arrastado como ratos através da galeria pela qual o rio desembocava.

Tinham se juntado ali na sombra dos penhascos, esperando que c ataque de seus companheiros estivesse em plena força e que quase todos os homens da defesa tivessem corrido para o topo da muralha. Então saltaram. Alguns já tinham entrado pela mandíbula do Abismo e se misturavam ao cavalos, lutando com os guardas.

Da muralha saltou Gimli, com um grito feroz que ecoou no penhascos. Khazád!

Khazád! Logo teve muito trabalho.

— Ai-oi! — gritou ele. — Os orcs estão do outro lado da muralha. Ai oi! Venha, Legolas. Há orcs suficientes para nós dois. Khazád ai ménu Gamling, o Velho, olhou de cima do Forte da Trombeta, ouvindo a vo possante do anão acima de todo o tumulto. — Os orcs estão no Abismo! — disse ele. — Helm! Helm! Avante Helmingas! — gritou ele ao saltar pel escada do Rochedo com muitos homens atrás.

O ataque foi feroz e repentino, e os orcs fugiram deles. Logo foran cercados na parte estreita da garganta, e todos foram mortos ou levados aos gritos até a brecha do Abismo para cair diante dos protetores das cavernas ocultas.

— Vinte e um! — gritou Gimli. Deu um golpe com as duas mãos derrubou o último orc diante de seus pés. — Agora minha conta ultrapassa a de Mestre Legolas outra vez.

— Precisamos bloquear essa toca de ratos — disse Gamling. — O anões têm fama de saber trabalhar com pedras. Ajude-nos, mestre!

— Nós não trabalhamos em pedras com machados de batalha, nem com nossas unhas — disse Gimli. — Mas vou ajudá-los como puder.

Juntaram a maior quantidade possível de pequenas rochas e pedras quebradas que havia por perto, e sob a orientação de Gimli os homens dc Folde Ocidental bloquearam a extremidade interior da galeria, até que sobrasse apenas uma saída estreita. Então o Riacho do Abismo, mai caudaloso por causa da chuva, revolto se agitava em sua passagem sufocada, espraiando-se lentamente em poças frias, de penhasco a penhasco.

— Lá em cima deve estar mais seco — disse Gimli. — Venha Gamling. Vamos ver como estão as coisas na muralha!

Subiu e encontrou Legolas junto com Aragorn e Éomer. O elfo estav amolando sua longa faca. Houve alguns instantes de trégua, já que a tentativa de invasão pela galeria havia sido frustrada.

— Vinte e um! — disse Gimli.

— Bom! — disse Legolas. — Mas minha conta agora já está em dua dúzias. Aqui em cima o trabalho foi feito a faca.

Éomer e Aragorn, cansados, apoiavam-se nas espadas. Mais adiante à esquerda, o estrondo e o clamor da batalha no Rochedo aumentaram de novo.

Mas o Forte da Trombeta estava seguro como uma ilha no mar. O portões estavam arruinados, mas pela barricada de troncos e pedras nenhum inimigo havia passado ainda.

Aragorn olhou para as estrelas pálidas e para a lua, agora atrás das colinas a oeste que fechavam o vale. — Esta noite está sendo longa comc muitos anos — disse ele. — Quanto tempo falta para o dia chegar?

— A aurora não tarda — disse Gimli, que agora tinha subido e estava ao lado dele. — Mas receio que não nos ajude em nada.

— Apesar disso, a aurora é sempre a esperança dos homens — disse Aragorn.

— Mas essas criaturas de Isengard, esses semi-orcs e homens-orcs que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — Muito menos os bárbaros das colinas. Não está ouvindo as voze deles?

— Eu estou ouvindo — disse Éomer —, mas não representam mais que gritos de pássaros e urros de animais aos meus ouvidos.

— Mas há muitos que gritam na língua da Terra Parda — disse Gamling.

— Conheço essa língua. É um dialeto antigo dos homens, que já foi falado em vários vales a oeste da Terra dos Cavaleiros. Escutem! Eles no odeiam, e estão felizes, pois parecem ter certeza de nosso fim. "O rei, o rei!", gritam eles. "Vamos capturar o rei deles.

Morte aos Forgoil! Morte aos Cabeças de Palha! Morte aos ladrões c norte!" São esses nomes que usam para nós. Nem em quinhentos anos esqueceram a mágoa que sentiram quando os senhores de Gondor deram a

Terra dos Cavaleiros a Eorl, o Jovem, e fizeram com ele uma aliança Saruman instigou esse antigo ódio. São um povo feroz quando provocado Não vão ceder agora diante do crepúsculo ou da aurora, até que consigam capturar Théoden, ou até que eles mesmos sejam mortos.

— Mesmo assim, o dia me traz esperanças — disse Aragorn. — Não se fala que nenhum inimigo jamais tomou o Forte da Trombeta, se homens e estivessem defendendo?

— Assim cantam os menestréis — disse Éomer.

— Então vamos defendê-lo, e ter esperança! — disse Aragorn.

No momento em que falavam, ouviu-se o clangor de trombetas. Então houve um estrondo e um clarão de fogo e fumaça. As águas do Riacho do Abismo jorraram, assobiando e espumando: não estavam mais bloqueadas, um buraco fora escancarado na muralha. Uma tropa de figuras negras começou a invadir o lugar.

— Diabrura de Saruman! — gritou Aragorn. — Eles entraram na galeria outra vez, enquanto conversávamos, e acenderam o fogo de Orthanc embaixo de nossos pés.

— Elendil! Elendil! — gritou ele, ao descer através da brecha; mas no momento em que fazia isso, uma centena de escadas foram levantadas contra as ameias.

Sobre a muralha e sob a muralha, o último ataque veio varrendo tudo como uma onda negra numa colina de areia. A defesa foi varrida. Alguns dos Cavaleiros foram empurrados cada vez mais fundo no Abismo, caindo e lutando enquanto recuavam, passo a passo, na direção das cavernas. Outros cortavam caminho na direção da cidadela.

Uma larga escada subia do Abismo até o Rochedo e o portão do fundos do Forte da Trombeta. Perto da parte inferior estava Aragorn. Em sua mão ainda reluzia Andúril, e o terror da espada manteve o inimigo afastado por um tempo enquanto, um a um, todos os que conseguiram alcançar a escada subiram na direção do portão. Atrás, no degrau mais alto, Legolas estava ajoelhado. O arco estava pronto, mas só lhe restava uma única flecha, e agora ele olhava atento, pronto para atirar no primeiro orc que ousasse se aproximar da escada.

— Todos os que conseguiram entrar estão agora a salvo lá dentro,

Aragorn — chamou ele. — Volte!

Aragorn virou-se e subiu correndo a escada, mas enquanto corria tropeçou de cansaço. Imediatamente, seus inimigos se atiraram em perseguição. Os orcs vinham berrando, com os longos braços estendidos para pegá-lo. O que estava mais à frente caiu com a última flecha de Legolas em sua garganta, mas o resto saltou sobre ele. Então uma grande pedra, jogada do alto da muralha externa, caiu sobre a escada, e os arremessou de volta para dentro do Abismo.

Aragorn atingiu a porta, e rapidamente ela bateu atrás dele.

— As coisas vão mal, meus amigos — disse ele, limpando o suor de sua fronte com o braço.

— Muito mal — disse Legolas —, mas ainda não totalmente sem esperança, enquanto tivermos você ao nosso lado. Onde está Gimli?

— Não sei — disse Aragorn. — Avistei-o pela última vez lutando no chão atrás da muralha, mas o inimigo nos separou..

— Ai de nós! Essa é uma má notícia — disse Legolas.

— Ele é forte e corajoso — disse Aragorn. — Vamos esperar que consiga escapar para as cavernas. Ali ficaria a salvo por um tempo. Mais a salvo do que nós. Um refúgio assim estaria ao gosto de um anão.

— Essa deve ser minha esperança — disse Legolas. — Mas gostaria que ele tivesse vindo para este lado. Queria dizer ao Mestre Gimli que minha conta agora já está em trinta e nove.

— Se ele conseguir voltar para as cavernas, a conta dele ultrapassará a sua de novo — disse Aragorn rindo. — Nunca vi um machado trabalhar tanto.

— Preciso ir procurar umas flechas — disse Legolas. — Queria que esta noite terminasse logo, e ter mais luz para atirar melhor.

Aragorn entrou na cidadela. Ali, para seu desânimo, ficou sabendo que Éomer não alcançara o Forte da Trombeta.

— Não, ele não veio para o Rochedo — disse um dos homens do Folde Ocidental. — A última vez que o vi, ele estava reunindo homens à sua volta e lutando na entrada do Abismo. Gamling estava com ele, e o anão mas não consegui chegar até eles.

Aragorn cruzou em grandes passadas o pátio interno, e subiu a um

cômodo alto na torre. Ali estava o rei, sombrio, junto a uma janela estreita, olhando sobre o vale.

— Quais são as novas, Aragorn? — perguntou ele.

— A Muralha do Abismo foi tomada, senhor, e toda a defesa recuou m as muitos escaparam para cá.

— Éomer está aqui?

— Não, senhor. Mas muitos de seus homens se retiraram para (Abismo, e alguns dizem que Éomer está entre eles. Nos desfiladeiros ele: poderão manter o inimigo afastado e entrar nas cavernas. Que esperança terão lá, eu não sei.

— Mais esperanças que nós. Boas provisões, pelo que dizem. E o ar l. é salubre, devido a fissuras no alto da rocha. Ninguém pode forçar uma invasão contra homens determinados. Eles podem resistir por muito tempo.

— Mas os orcs trouxeram um feitiço de Orthanc — disse Aragorn. – Têm um fogo explosivo, e com ele derrubaram a Muralha. Se nãc conseguirem entrar nas cavernas, podem prender os que estão lá dentro. Mas agora devemos voltar todos os nossos pensamentos para nossa própria defesa.

— Sinto-me mal nesta prisão — disse Théoden. — Se conseguiss cravar uma lança, cavalgando à frente de meus homens em campo aberto, talvez sentisse de novo a alegria da batalha, e terminaria meus dias assim. Mas aqui sou de pouca utilidade.

— Aqui, pelo menos, está protegido na mais segura fortaleza da Terra dos Cavaleiros — disse Aragorn. — Temos mais possibilidades de defendê-lc no Forte da Trombeta do que em Edoras, ou mesmo nas montanhas, n Templo da Colina.

— Dizem que o Forte da Trombeta jamais caiu diante de um ataqu disse Théoden. — Mas agora meu coração se enche de dúvidas. O mund muda, e tudo o que certa vez se mostrou forte agora se mostra incerto. Como pode uma torre resistir a tal número de homens e a um ódio tãc acirrado? Se soubesse que a força de Isengard tinha ficado tão grande talvez eu não tivesse saído contra ela de forma tão temerária, não obstante todas as artes de Gandalf. Os conselhos dele não parecem tão bons agora como pareciam sob a luz da manhã.

— Não julgue o conselho de Gandalf, senhor, até que tudo esteja acabado — disse Aragorn.

— O fim não está muito distante — disse o rei. — Mas não terminare aqui como um velho texugo preso numa armadilha. Snawmana e Hasufel e os cavalos de minha guarda estão no pátio interno. Quando o dia chegar, ordenarei que os homens toquem a trombeta de Helm, e cavalgarei à frente. Você me acompanhará, filho de Arathorn? Talvez possamos abrir uma estrada, ou ter um fim que seja digno de uma canção — se sobrar alguém para cantar nossa história.

— Vou acompanhá-lo — disse Aragorn.

Saindo de lá, voltou às muralhas, fazendo todo o circuito em volta delas, encorajando os homens e ajudando em todos os pontos em que o ataque estava acirrado.

Legolas foi com ele. Rajadas de fogo saltavam lá de baixo, fazendo tremer as pedras.

Ganchos com garras foram lançados, e escadas levantadas.

Repetidas vezes os orcs atingiam o topo da muralha externa, e sempre os defensores os derrubavam.

Finalmente Aragorn parou sobre os grandes portões, sem dar atenção às flechas do inimigo. Quando olhou à frente, viu o céu ao leste clareando.

Então levantou a mão vazia, com a palma para fora, em sinal de que queria negociar.

Os orcs berraram zombando dele.

— Desça! Desça! — gritaram eles, Se quer falar conosco, desça! Trag seu rei! Somos os Uruk-hai guerreiros. Vamos tirá-lo de sua toca, se não vier Traga seu rei covarde!

— O rei vai ou fica de acordo com seu próprio desejo — disse Aragorn.

— Então, o que está fazendo aqui? — responderam eles. — Por que está olhando para fora? Quer ver a grandeza de nosso exército? Somos os Uruk-hai guerreiros.

— Estou olhando para fora para ver a aurora — disse Aragorn.

— Que tem a aurora? — zombaram eles. — Somos os Uruk-hai: não interrompemos a batalha de dia ou de noite, no tempo bom ou na

tempestade. Viemos para matar, sob o sol ou sob a lua. Que tem a aurora?

— Ninguém sabe o que o novo dia trará — disse Aragorn. — Suman daqui, antes que seja pior para vocês.

— Desça, ou derrubaremos você da muralha — gritaram eles. — Isso não é uma negociação. Você não tem nada a dizer.

— Ainda tenho isto a dizer — respondeu Aragorn. — Nenhum inimigo jamais tomou o Forte da Trombeta. Partam, ou nenhum de você será poupado. Ninguém ficará vivo para voltar com notícias para o norte. Não sabem o perigo que estão correndo.

Um poder e uma realeza tão grandes revelaram-se em Aragorn, al parado, sozinho sobre os portões em ruína, diante de uma tropa de inimigos, que muitos bárbaros pararam, e olharam por sobre os ombros para trás, na direção do vale; outros olharam para o céu cheios de dúvidas. Mas os orcs riram em altas vozes e uma saraivada de flechas e dardos zuniu sobre a muralha, no momento em que Aragorn descia num salto.

Houve um bramido e uma rajada de fogo. O arco do portão sobre o qual ele estava havia um momento ruiu e se desmanchou em poeira e fumaça. A barricada se espalhou como se pelo efeito de um trovão. Aragorn correu para a torre do rei.

Mas no momento em que o portão caiu, e os orcs que estavam ao redor gritaram prontos para atacar, um murmúrio se levantou atrás deles, como um vento na distância, crescendo num clamor de muitas vozes gritando notícias estranhas na aurora. Os orcs que estavam no Rochedo ouvindo os rumores de desalento, vacilaram e olharam para trás.

Então, repentino e terrível, da torre acima deles ecoou o som da grande trombeta de Helm.

E todos os que escutaram aquele som tremeram. Muitos orcs se jogaram ao chão cobrindo os ouvidos com as garras. Os ecos retornavam do Abismo, clangor após clangor, como se em cada penhasco e colina estivesse um poderoso arauto. Mas das muralhas os homens olhavam para cima maravilhados; pois os ecos não diminuíam. Os clangores continuavam circulando entre as colinas; mais próximos agora e mais fortes respondiam uns aos outros, soando ferozes e livres.

— Helm! Helm! — os Cavaleiros gritavam. — Helm despertou

retorna à guerra. Helm pelo Rei Théoden!

E com esse grito surgiu o rei. Seu cavalo branco como a neve, dourado seu escudo, longa sua lança. À sua direita estava Aragorn, herdeiro de Elendil, atrás cavalgavam os senhores da Casa de Eorl, o Jovem. A lu irrompeu no céu. A noite partira.

— Avante Eorlingas! — Com um grito e muito barulho ele avançaram.

Desceram os portões num bramido, atravessaram o passadiço e passaram por entre as tropas de Isengard como o vento se infiltra na relva. Atrás deles, do Abismo, vieram os gritos firmes de homens saindo das cavernas, avançando na direção do inimigo.

Apareceram todos os homens que restavam sobre o Rochedo. E continuamente o som de trombetas ecoava nas colinas.

Continuaram cavalgando, o rei e seus companheiros. Capitães e campeões caíam ou corriam diante deles. Nem homens nem orcs puderam resistir. Deram as costas para as espadas e lanças dos Cavaleiros, e os rosto para o vale. Gritavam e gemiam, pois um medo e um grande assombro o tinham dominado com o nascer do dia.

Assim o Rei Théoden partiu do Portão de Helm e fez sua trilha n direção do grande Dique. Ali o grupo parou. A luz tornou-se intensa a redor deles. Raios de sol flamejavam sobre as colinas do leste, e tremeluziam nas lanças. Mas eles estavam em silêncio sobre os cavalos, descendo os olho na direção da Garganta do Abismo.

A terra mudara. Onde antes havia o vale verde, com suas encosta cobertas de grama envolvendo as colinas cada vez mais altas, agora assomava uma floresta. Grandes árvores, nuas e silenciosas, se erguiam, fileira após fileira, com galhos entrelaçados e cabeças brancas, as raízes retorcidas enterradas na alta relva verde. A escuridão estava debaixo delas. Entre o Dique e as bordas daquela floresta sem nome só havia un quatrocentos metros de campo descoberto.

Ali agora se amontoavam as altivas tropas de Saruman, com medo d rei e com medo das árvores.

Foram descendo do Portão de Helm até que toda a região acima d Dique se esvaziasse deles, mas abaixo dele se apinhavam como um enxame

de moscas. Em vão se arrastavam e subiam as paredes da Garganta procurando escapar. A leste, o vale era muito íngreme e pedregoso; à esquerda, do oeste sua ruína final se aproximava.

Ali, de repente, sobre uma cordilheira apareceu um cavaleiro, vestido de branco, brilhando ao sol. Sobre as colinas baixas as trombetas soavam.

Atrás dele, descendo depressa as longas encostas, vinham mil homens a pé, brandindo suas espadas. Entre eles avançava um homem alto e forte. Seu escudo era vermelho. Quando chegou à borda do vale, colocou nos lábios uma grande trombeta negra e emitiu um clangor retumbante.

— Erkenbrand! — os Cavaleiros gritavam. — Erkenbrand!

— Vejam o Cavaleiro Branco — gritou Aragorn. — Gandalf está de volta!

— Mithrandir, Mithrandir! — gritou Legolas. — Isso é realmente coisa de mago! Venha! Eu queria contemplar essa floresta, antes de o feitiço mudar!

As tropas de Isengard rugiam, indo de um lado para o outro desviando de um medo para enfrentar outro. Outra vez a trombeta soou da torre.

Descendo através da brecha no Dique avançou o grupo do rei. Das colinas saltou Erkenbrand, senhor do Folde Ocidental. Scadufax também descia, como um cervo que corre com pés firmes pelas montanhas.

O Cavaleiro Branco avançava contra eles, e o terror de sua chegada alucinava o inimigo. Os bárbaros se jogaram ao chão diante dele. Os orcs cambaleavam e gritavam, jogando fora espadas e lanças. Como uma nuvem preta acossada por um vento forte eles fugiram. Passaram gemendo sob a sombra das árvores que os esperava; e daquela sombra nenhum deles saiu de novo.

CAPÍTULO VIII: A ESTRADA PARA ISENGARD

Foi assim que, na luz de uma bela manhã , o Rei Théoden e Gandalf, o Cavaleiro Branco, encontraram-se outra vez sobre a verde relva ao lado d Riacho do Abismo. Lá também estava Aragorn, filho de Arathorn, Legolas, elfo, e Erkenbrand do Folde Ocidental, assim como os senhores do Paláci Dourado. Ao redor dos cinco estavam reunidos os rohirrim, os Cavaleiros d Rohan: a surpresa superou a alegria que sentiram com a vitória, e seus olhos voltaram-se em direção à floresta.

De repente ouviu-se um grito estrondoso, e do Dique saíram aquele que tinham recuado para dentro do Abismo. Dali vieram Gamling, o Velhc Éomer, filho de Éomund, e ao lado deles caminhava Gimli, o anão. Estava sem elmo, e tinha a cabeça envolta em uma bandagem branca manchada de sangue; mas sua voz era alta e forte.

— Quarenta e dois, Mestre Legolas! — gritou ele. — Que pena, me machado está chanfrado: o quadragésimo segundo tinha uma argola de ferro em volta do pescoço, Como vão as coisas com você?

— Você ultrapassou minha marca por um — respondeu Legolas. — Mas não lamento a derrota, pois me sinto tão feliz por vê-lo vivo!

— Bem-vindo, Éomer, filho de minha irmã! — disse Théoden. — Agora que o vejo a salvo, estou realmente feliz.

— Salve, Senhor da Terra dos Cavaleiros! — disse Éomer. — A noit escura passou, e o dia chegou novamente. Mas o dia trouxe estranhas notícias. — Voltou-se e olhou à volta surpreso, primeiro para a floresta e depois para Gandalf. — Mais uma vez você chega na hora da necessidade visitante inesperado.

— Inesperado? — disse Gandalf — Eu disse que retornaria par encontrá-los aqui.

— Mas não disse a hora, nem nos adiantou a maneira de sua chegada. Traz-nos uma estranha ajuda. Você é poderoso em magia Gandalf, o Branco!

— É possível. Mas, se isso for verdade, ainda não tive ocasião de demonstrar minha magia. Tudo o que fiz foi dar bons conselhos numa hora de perigo, e utilizar a velocidade de Scadufax. O próprio valor de vocês fez

muito mais, assim como as fortes pernas dos homens do Folde Ocidental marchando ao longo da noite.

Então todos olharam para Gandalf com surpresa ainda maior. Algun voltaram olhares duvidosos para a floresta, passando a mão sobre os olhos, como se pensassem que o que viam era diferente do que ele via.

Gandalf riu bastante e com alegria. — As árvores? — disse ele. — Não, estou vendo a floresta tanto quanto vocês. Mas isso não é um feit meu. É algo além do conselho dos sábios. Melhor que meu desígnio, e melhor até do que minha esperança o acontecimento acabou se mostrando.

— Então, se não é sua, de quem é a magia? — disse Théoden. — Nã de Saruman, isto está claro. Existe algum outro sábio que ainda nã conhecemos?

— Isso não é magia, mas um poder muito mais antigo — disse Gandalf, um poder que caminhava sobre a terra, antes que elfo cantasse ou martelos ressoassem.

Antes do malho no ferro ou entalhe na madeira,
Quando lua e montanha eram novas e faceiras;
Antes que anel ou mal fosse feito,
Caminhou na floresta em passo perfeito.

— E qual seria a resposta para seu enigma? — disse Théoden.

— Se quisesse descobrir, iria comigo a Isengard — respondeu Gandalf.

— Para Isengard? — exclamaram eles.

— Sim — disse Gandalf. — Retornarei a Isengard, e aqueles qu quiserem poderão vir comigo. Ali poderemos ver coisas estranhas.

— Mas não há homens suficientes na Terra dos Cavaleiros, nem que fossem todos reunidos e curados de todos os ferimentos, para atacar a fortaleza de Saruman — disse Théoden.

— Mesmo assim, irei para Isengard — disse Gandalf — Nã permanecerei muito aqui. Meu caminho agora ruma para o leste. Esperem-me em Edoras, antes da lua minguante!

— Não — disse Théoden. — Na hora escura antes do amanhecer e duvidei, mas não nos separaremos agora. Irei com você, se este for seu

conselho.

— Desejo falar com Saruman o mais breve possível — disse Gandal —, e já que ele lhes causou grandes prejuízos seria adequado que vocês estivessem lá. Mas em quanto tempo poderiam partir, e com que velocidade cavalgariam?

— Meus homens estão cansados da batalha — disse o Rei —, e eu também estou cansado! Pois cavalguei muito e dormi pouco. É uma pena! Minha idade avançada não foi forjada por Língua de Cobra e nem se deve apenas aos sussurros dele. É um mal que nenhuma sangria pode curar inteiramente, nem mesmo de Gandalf.

— Então deixe que todos os que vão cavalgar comigo descansem agora disse Gandalf. — Viajaremos sob a sombra da noite. Assim está bem pois é meu conselho que todas as nossas idas e vindas sejam feitas no maior segredo possível daqui para frente. Mas não ordene que muitos homens c acompanhem, Théoden. Vamos negociar, e não guerrear.

O Rei então escolheu homens que não estavam feridos e tinham cavalos velozes, e os enviou na frente com notícias da vitória para todos os vales da Terra dos Cavaleiros; levaram também uma convocação sua, ordenando que todos os homens, jovens e velhos, fossem depressa a Edoras. Ali o Senhor dos Cavaleiros reuniria uma assembléia de todos os que pudessem portar armas, no segundo dia depois da lua cheia. Para acompanhá-lo a Isengard o Rei escolheu Éomer e vinte homens de sua casa Com Gandalf iriam Aragorn, Legolas e Gimli. Apesar de seu ferimento, anão se recusava a ficar para trás.

— Foi só um golpe fraco, e a touca o repeliu — disse ele. — Seria necessário mais do que um arranhão de orc para impedir que eu partisse.

— Vou cuidar de seu ferimento enquanto você descansa — disse Aragorn.

Depois disso o rei voltou para o Forte da Trombeta e dormiu um sono tranquilo que não conhecera por muitos anos; o restante de sua comitiva escolhida também descansou, mas os outros, todos os que não estavam machucados ou feridos, começaram um árduo trabalho; pois muitos tinham caído na batalha e estavam mortos sobre o campo ou no Abismo.

Não sobrara nenhum orc vivo; seus corpos não foram contados. Mas

muitos homens das montanhas tinham se rendido; estavam com medo e imploravam clemência.

Os homens da Terra dos Cavaleiros tomaram-lhes as armas e puseram-nos para trabalhar.

— Ajudem agora a reparar o mal no qual vocês tomaram parte — disse Erkenbrand —, e depois deverão fazer um juramento de nunca mais atravessar os Vaus do Isen armados, nem marchar com os inimigos dos homens; e então poderão retornar livres para sua terra. Pois vocês foram iludidos por Saruman. Muitos de vocês obtiveram a morte como recompensa por sua confiança nele; mas se tivessem vencido seus lucros seriam pouco melhores.

Os homens da Terra Parda ficaram surpresos, pois Saruman lhe dissera que os homens de Rohan eram cruéis e queimavam vivos seus prisioneiros. No meio do campo, diante do Forte da Trombeta, dois túmulos foram levantados, e neles colocaram os Cavaleiros de Rohan que caíram na defesa, os dos Vales Orientais de um lado, e os do Folde Ocidental do outro. Num túmulo isolado sob a sombra do Forte da Trombeta colocaram Háma, capitão da guarda real.

Ele havia caído diante do Portão.

Os orcs foram empilhados em grandes montes, longe dos túmulos dos homens, não muito distante das bordas da floresta. E as pessoas estavam preocupadas, pois os montes de cadáveres eram muito grandes para serem enterrados ou queimados. Eles tinham pouca lenha para queimar, e ninguém ousaria usar um machado contra as estranhas árvores, mesmo que Gandalf não os tivesse aconselhado a não ferirem nem tronco nem ramo, pois caso contrário estariam correndo grande perigo.

— Deixe os orcs onde estão — disse Gandalf — O dia poderá trazer novos conselhos.

Durante a tarde, a comitiva do Rei se preparou para partir. O trabalho de enterrar os corpos estava apenas começando; Théoden chorou pela perda de Háma, seu capitão, e jogou a primeira pá de terra sobre seu túmulo.

— Realmente Saruman causou um grande mal a mim e a toda esta terra — disse ele —, e vou me lembrar disso, quando nos encontrarmos.

O sol já estava se aproximando das colina s a oeste da Garganta quando finalmente Théoden , Gandalf e seus companheiros desceram do Dique a cavalo. Atrás deles vinha uma grande tropa, tanto de Cavaleiros quanto de pessoas do Folde Ocidental, velhos e jovens, mulheres e crianças que tinham saído das cavernas. Cantaram com vozes cristalinas uma canção de vitória; depois ficaram em silêncio, imaginando o que iria acontecer, pois mantinham os olhos nas árvores e tinham medo delas.

Os Cavaleiros foram até a floresta, e pararam; homens e cavalos todos estavam relutantes em entrar. As árvores eram cinzentas e ameaçadoras, e uma sombra ou névoa as envolvia. As extremidades de seus longos ramos pendiam como dedos que procuram algo, as raízes se levantavam da terra como as pernas de monstros estranhos, e cavernas escuras se abriam entre elas. Mas Gandalf foi na frente, liderando o grupo, e no ponto onde a estrada que vinha do Forte da Trombeta encontrava as árvores eles viram uma abertura como um portão arqueado sob galhos poderosos; por ele passou Gandalf, e eles o seguiram. Então, para sua surpresa, descobriram que a estrada continuava, com o Rio do Abismo ao lado; o céu estava descoberto acima de suas cabeças, e cheio de uma luz dourada. Mas dos dois lados os grandes corredores da floresta já estavam envoltos pelo crepúsculo, avançando para dentro de sombras impenetráveis; ali eles escutaram os estalidos e gemidos dos galhos, gritos distantes, e um rumor de vozes sem palavras, murmurando com ódio. Não se via qualquer orc ou ser vivo.

Legolas e Gimli cavalgavam agora juntos no mesmo animal mantendo-se logo atrás de Gandalf, pois Gimli tinha medo da floresta.

— Faz calor aqui — disse Legolas a Gandalf — Mas sinto uma grand ira ao meu redor. Você não sente o ar pulsando em seus ouvidos?

— Sim — disse Gandalf

— Que foi feito dos miseráveis orcs? — disse Legolas.

— Isso, eu acho, ninguém jamais saberá — disse Gandalf

Cavalgaram em silêncio por um tempo, mas Legolas frequentemente olhava de um lado para o outro, e teria parado muitas vezes para escutar os sons da floresta, se Gimli tivesse permitido.

— Estas são as árvores mais estranhas que já vi — disse ele —, e eu já

vi inúmeros carvalhos crescerem desde plantinhas até a idade em que apodrecem. Gostaria que houvesse tempo agora para caminharmos no meio delas: ouço suas vozes, e com o tempo poderia entender seus pensamentos.

— Não, não! — disse Gimli. — Vamos deixá-las! Já adivinho o que pensam: odeiam todos os que andam sobre duas pernas, e falam em sufocar e esmagar.

— Não todos os que andam sobre duas pernas — disse Legolas. — Nesse ponto, acho que está errado. São os orcs que elas odeiam. Pois elas não pertencem a este lugar e sabem pouco sobre homens e elfos. Distantes ficam os vales onde brotaram. Os vales profundos de Fangorn, Gimli; é de lá que elas vêm, julgo eu.

— Então é a floresta mais perigosa da Terra-média — disse Gimli Devo ficar agradecido pela parte que desempenharam, mas não as amo. Você pode considerá-las maravilhosas, mas já vi maravilha maior nesta terra, mais bela que qualquer bosque ou clareira que já surgiu: meu coração ainda está repleto dela.

— Estranhas são as maneiras dos homens, Legolas! Aqui eles têm umas das maravilhas do Mundo do Norte, e o que falam dela? Cavernas dize m eles! Cavernas para se refugiarem em tempo de guerra, para armazenar forragem. Meu bom Legolas, você sabia que as cavernas do Abismo de Helm são vastas e belas? Haveria uma interminável peregrinação de anões, apenas para apreciá-las, se fossem conhecidas. Na verdade, pagariam com ouro puro por uma olhadela!

— E eu daria ouro para não ter de visitá-las! — disse Legolas -, e pagaria o dobro para sair, se me perdesse lá dentro!

— Você não viu, por isso perdôo sua caçoada — disse Gimli. — Ma você fala como um tolo. Acha que aqueles salões são belos, aqueles em que seu Rei mora sob a colina na Floresta das Trevas, e que os anões ajudaram a construir muito tempo atrás? Pois são apenas cabanas comparados às cavernas que vi aqui: salões imensos, cheios de uma música eterna de água que goteja em lagos, tão belos quanto Kheled-zâram à luz das estrelas.

— E, Legolas, quando as tochas são acesas e os homens andam pelo chão arenoso sob as cúpulas reverberantes, ah!, então, Legolas, pedras e cristais e veios de minérios preciosos faíscam nas paredes polidas; e a luz

brilha através de dobras de mármores, em forma de conchas, translúcidas como as próprias mãos da Rainha Galadriel. Há colunas brancas e de um amarelo-alaranjado, e também de um rosa matinal, Legolas, estriadas e retorcidas em formas de sonho; surgem de assoalhos multicoloridos para encontrar os ornatos reluzentes que caem do teto: asas, cordas, cortinas finas como nuvens congeladas; lanças, flâmulas, pináculos de palácios suspensos! Lagos tranquilos os espelham: um mundo tremeluzente espreita lá do fundo de lagos escuros cobertos por cristal translúcido; cidades, que a mente de Durin mal poderia ter imaginado em sonhos, estendem-se através de avenidas e pátios com pilares, para dentro de recônditos escuros onde a luz não alcança. E plinque! Uma gota de prata cai, e as ondas circulares no espelho fazem com que todas as torres se inclinem e tremam, como plantas e corais numa gruta do mar. Então chega a noite: elas vão desaparecendo, faiscando cada vez menos; as tochas passam para um outro cômodo, para um outro sonho. Há cômodos e mais cômodos, Legolas; salões abrindo-se de outros salões, abóbada após abóbada, escada após escada, e os caminhos sinuosos continuam conduzindo para dentro do coração das montanhas. Cavernas! As Cavernas do Abismo de Helm! Feliz foi o acaso que me guio até lá! Deixar aquele lugar me faz chorar.

— Então desejo a você, como consolo, esta sorte, Gimli — disse o elfo — que você possa se salvar da guerra e retornar para vê-lo de novo. Mas não conte para todo o seu povo! Parece que resta pouco para eles fazerem, pelo que você me contou. Talvez os homens desta terra falem pouco por sabedoria: uma família de anões trabalhadores com martelo e cinzel pode destruir mais do que eles construíram.

— Não, você não entende — disse Gimli. — Nenhum anão ficaria insensível diante de tanta beleza. Ninguém do povo de Durin escavaria aquelas cavernas à procura de pedras ou minérios, nem mesmo se diamantes e ouro pudessem ser encontrados ali. Você derruba bosques de árvores em flor durante a primavera para obter lenha? Nós cuidaríamos dessas florestas de pedras em flor, em vez de lavrá-las. Com talento cuidadoso, batida por batida — talvez uma pequena lasca de pedra e não mais, durante todo um dia ansioso —, assim poderíamos trabalhar, e com o passar dos anos abrir novos caminhos, e pôr à mostra câmaras distantes que

ainda estão escuras, vislumbradas apenas como uma lacuna além das fissuras na rocha. E luzes, Legolas! Faríamos luzes, lamparinas parecidas con aquelas que brilharam certa vez em Khazad-dûm, e quando desejássemos expulsaríamos a noite que se deita ali desde que as colinas foram feitas; e quando quiséssemos descansar deixaríamos que a noite retornasse.

— Você me comove, Gimli — disse Legolas. — Nunca o vi faland dessa maneira antes. Quase faz com que eu sinta pesar por não ter vistc aquelas cavernas. Vamos! Vamos combinar o seguinte — se nós dois retornarmos a salvo dos perigos que nos aguardam, vamos viajar juntos por um tempo. Você vai visitar Fangorn comigo, e então eu vou com você ver (Abismo de Helm.

— Esse não é o caminho de volta que eu escolheria — disse Gimli Mas suportarei Fangorn, se você prometer que virá às cavernas e partilhara de suas maravilhas comigo.

— Está prometido — disse Legolas. — Mas infelizmente deveremo deixar para trás a caverna e a floresta por um tempo. Veja! Estamos chegando ao fim das árvores. A que distância fica Isengard, Gandalf.

— Cerca de quinze léguas, no percurso feito pelos corvos de Saruman — disse Gandalf —, cinco da abertura da Garganta até os Vaus, e mais dez de lá até os portões de Isengard. Mas não faremos todo o caminho esta noite.

— E quando chegarmos lá, o que veremos? — perguntou Gimli. — Você pode saber, mas eu nem imagino.

— Eu mesmo não sei com certeza — respondeu o mago. — Estive la ao cair da noite ontem, mas muita coisa pode ter acontecido desde então. Apesar disso, acho que vocês não vão dizer que a viagem foi em vão — mesmo que as Cavernas Cintilantes de Aglarond tenham ficado para trás.

Finalmente o grupo passou pelas árvores, e percebeu que tinha atingido o fundo da Garganta, onde a estrada que vinha do Abismo de Helm se bifurcava, indo ao leste para Edoras, e ao norte para os Vaus do Isen. Conforme deixaram as bordas da floresta, Legolas parou e olhou par trás com pesar. Então deu um grito repentino.

— Há olhos! — disse ele. — Olhos espreitando-nos das sombras dos ramos! Nunca vi olhos assim antes!

Os outros, surpresos com seu grito, pararam e se viraram; mas Legolas

começou a cavalgar de volta.

— Não, não! — gritou Gimli. — Faça o que quiser em sua loucura, mas primeiro deixe-me descer deste cavalo. Não quero ver olho nenhum!

— Pare, Legolas Verdefôlha! — disse Gandalf. — Não retorne par dentro da floresta, não ainda! Ainda não é a sua hora.

No momento em que ele falava, avançaram das árvores três formas estranhas.

Eram altas como trolls, com três metros e meio ou mais de altura; os corpos fortes, robustos como os de árvores jovens, pareciam estar cobertos por um traje ou por um couro justo, cinzento e marrom. As pernas eram longas e as mãos tinham muitos dedos; os cabelos eram duros e as barbas de um verde-acinzentado como musgo.

Olhavam com olhos solenes, mas não dirigiam seu olhar para os cavaleiros: voltavam-se para o norte.

De repente, ergueram as longas mãos até as bocas, e emitiram chamados retumbantes, límpidos como as notas de uma trombeta, mas mais musicais e variados. Os chamados foram respondidos; voltando-se outra vez, os cavaleiros viram outras criaturas da mesma espécie aproximando-se com largas passadas através da relva. Vinham rapidamente do norte, lembrando garças cruzando sobre as águas no jeito de andar, mas não na mesma velocidade, pois suas pernas, em suas longas passadas, batiam mais rápido que as asas das garças. Os cavaleiros gritaram pasmos, e alguns levaram as mãos aos punhos das espadas.

— Vocês não precisam de armas — disse Gandalf — Estes são apena pastores. Não são nossos inimigos; na verdade, não estão nem um pouco preocupados conosco.

Assim parecia ser, pois enquanto ele falava as altas criaturas, sem nem lançar um único olhar para os cavaleiros, caminharam para dentro da floresta e desapareceram.

— Pastores? — disse Théoden. — Onde estão seus rebanhos? Que sã eles, Gandalf Pois está claro que, pelo menos para você, essas criaturas não são estranhas.

— São os pastores das árvores — respondeu Gandalf — Faz tant tempo assim que você ouviu histórias ao pé do fogo? Há crianças em sua

terra que, dos fios emaranhados das histórias, poderiam retirar a resposta para sua pergunta. Você viu ents, ó Rei, ents da Floresta de Fangorn, à qua em sua língua você chama de Floresta Ent. Pensou que o nome tinha sido dado apenas por uma fantasia inconseqüente? Não, Théoden, é o contrário para eles você é apenas uma história efêmera; todos os anos desde Eorl, o Jovem, até Théoden são de pouca monta para eles; e todos os feitos de sua casa um assunto de pouca importância.

O rei ficou em silêncio.

— Ents! — disse ele finalmente. — Por causa das sombras das lendas começo a entender um pouco da maravilha das árvores, suponho. Vivi o suficiente para ver dias estranhos. Por muito tempo cuidamos de nossos animais e nossos campos, construímos nossas casas, fabricamos nossas ferramentas, ou cavalgamos para longe, para ajudar nas guerras de Minas Tirith. E a isso chamamos a vida dos homens, o jeito do mundo. Nós nos preocupávamos pouco com o que ficava além das fronteiras de nossa terra. Temos canções que contam sobre essas coisas, mas estamos nos esquecendo delas, ensinando-as apenas a nossas crianças, como um hábito indiferente. E agora as canções chegaram até nós vindas de lugares estranhos, e caminham visíveis sob o sol.

— Você deve se alegrar, Rei Théoden — disse Gandalf. — Pois agora não é só a pequena vida dos homens que corre perigo, mas também a vida dessas criaturas que você considerava assunto de lendas. Você não está sem aliados, mesmo que não os conheça.

— Apesar disso, devo também me sentir triste — disse Théoden. — Pois, qualquer que seja o resultado da guerra, não pode acontecer que no fim muito do que era bonito e maravilhoso desapareça para sempre da Terra-média?

— É possível — disse Gandalf. — O mal de Sauron não pode ser inteiramente curado, nem tornado como se nunca tivesse existido . Mas estamos destinados a dias como este.

Prossigamos agora com a jornada que começamos.

O grupo então afastou-se da Garganta e da floresta e tomou a estrada em direção aos Vaus. Legolas seguia relutante. O sol tinha-se posto afundando atrás da borda do mundo; mas, conforme cavalgavam saindo da

sombra das colinas e olhavam para o oeste na direção do Desfiladeiro de Rohan, viam o céu ainda vermelho, e uma luz ardente aparecia sob as nuvens flutuantes. Escuros, voavam e desenhavam círculos contra ele muitos pássaros de asas negras. Alguns passavam sobre as cabeças dos cavaleiros com gritos de lamento, voltando às suas casas entre as rochas.

— As aves carniceiras estiveram ocupadas no campo de batalha — disse Éomer.

Avançavam agora num passo tranquilo, e a escuridão descia sobre a planície ao redor deles. A lenta lua subia, ficando agora quase cheia, e em sua fria luz prateada os campos de relva ondulante subiam e desciam como um amplo mar cinzento.

O grupo tinha cavalgado por cerca de quatro horas desde a bifurcação da estrada, quando chegou perto dos Vaus. Ladeiras compridas desciam rapidamente até o ponto onde o rio se espalhava em baixios pedregosos em meio a altas plataformas cobertas de grama.

Trazidos pelo vento, eles ouviram o uivo de lobos. Tinham os corações pesados, lembrando os muitos homens caídos em batalha naquele lugar.

A estrada afundava entre altos barrancos de turfa, talhando seu caminho através das plataformas até a beira do rio, e subindo outra vez na direção oposta. Havia três caminhos de pedra cruzando o rio, e entre eles vaus para os cavalos, que iam de cada borda até uma ilhota no meio. Os cavaleiros observaram os caminhos lá embaixo e os acharam estranhos; pois os Vaus sempre tinham sido um lugar cheio da agitação e do rumor das águas sobre as pedras, mas agora estavam silenciosos. O leito do rio estava quase seco, um amontoado de cascalho e areia cinza.

— Este lugar se tornou lúgubre — disse Éomer. — Que doença acometeu o rio?

Saruman destruiu muitas coisas belas: será que também devorou as nascentes do Isen?

— É o que parece — disse Gandalf.

— É triste! — disse Théoden. — Temos de passar por este caminho, onde os animais carniceiros devoram tantos bons Cavaleiros de Rohan?

— Este é nosso caminho — disse Gandalf — Lamentável é a queda de seus homens; mas você verá que pelo menos os lobos das montanhas não

os devoram. É com os amigos deles, os orcs, que eles fazem seu banquete: realmente é essa a amizade dessa espécie. Venham!

Foram descendo em direção ao rio, e a medida que avançavam os lobos paravam de uivar e retiravam-se furtivamente. O medo os dominava quando viam Gandalf à luz da lua, e Scadufax, seu cavalo, reluzindo como prata. Os cavaleiros passaram em direção à ilhota, e os olhos brilhantes os observaram languidamente das sombras das margens.

— Olhem! — disse Gandalf — Amigos trabalharam aqui.

E eles viram que, no meio da ilhota, um túmulo fora erguido e contornado por pedras, e várias lanças foram fincadas à sua volta.

— Aqui estão todos os homens de Rohan que caíram perto deste lugar — disse Gandalf.

— Que aqui descansem! — disse Éomer. — E quando suas lanças estiverem podres e enferrujadas, por muito tempo o túmulo permanecerá e guardará os Vaus do Isen!

— Esse também é um trabalho seu, Gandalf, meu amigo? — perguntou Théoden.

— Você realizou muita coisa numa tarde e numa noite!

— Com a ajuda de Scadufax — e outros — disse Gandalf. — Cavalguei rápido e muito. Mas aqui, ao lado do túmulo, direi isto para seu consolo: muitos caíram nas batalhas dos Vaus, mas menos do que dizem os rumores. O número dos homens que se dispersaram supera o daqueles que foram mortos: reuni todos os que pude encontrar. Alguns mandei com Grimbold de Folde Ocidental para que se juntassem a Erkenbrand. Outro designei para a construção deste monumento. Agora seguiram seu marechal, Elfhelm. Enviei-o com muitos Cavaleiros para Edoras. Eu sabi que Saruman tinha enviado todas as suas forças contra você, e que os seus servidores tinham abandonado todas as outras missões, indo para o Abismo de Helm: as terras pareciam vazias de inimigos; mesmo assim, eu receava que os monta-lobos e os saqueadores pudessem ir para Meduseld, enquanto estivesse indefeso. Mas agora acho que não precisam mais temer: Vão encontrar sua casa dando-lhes boas-vindas quando retornarem.

— E feliz ficarei em revê-la — disse Théoden —, embora seja breve, não duvido, minha permanência lá.

Com isso o grupo disse adeus à ilha e ao túmulo, e atravessou o rio, subindo a margem oposta. Então continuaram cavalgando, felizes por terem deixado os tristes Vaus.

Conforme se afastavam, o uivo dos lobos começou outra vez.

Havia uma estrada antiga que descia de Isengard até o local da travessia.

Por certo trecho ela fazia seu curso ao lado do rio, acompanhando-o em uma curva para o leste e depois para o norte; mas no fim desviava e ia direto para os portões de Isengard; estes ficavam sob a encosta da montanha no lado oeste do vale, dezesseis milhas ou mais de sua entrada. O grupo seguiu essa estrada, mas não cavalgaram por ela, pois o solo que a margeava era firme e plano, coberto ao longo de muitas milhas por uma turfa curta e macia. Avançavam agora com mais rapidez, e por volta da meia-noite os Vaus já estavam quase cinco léguas atrás. Então pararam, terminando a jornada daquela noite, pois o Rei estava exausto. Tinham chegado aos pés das Montanhas Sombrias, e os longos braços de Nan Curunír se estendiam para recebê-los. O vale se espalhava escuro diante deles, pois a lua tinha passado para o oeste, e sua luz estava escondida pelas colinas. Mas da sombra profunda do vale subia uma ampla espiral de fumaça e vapor; conforme subia, ela captava os raios da lua que ia descendo, e se espalhava em ondas tremeluzentes, negras e prateadas, pelo céu estrelado.

— O que acha disso, Gandalf? — perguntou Aragorn. — Alguém poderia achar que o Vale do Mago está em chamas.

— Há sempre uma fumaça sobre aquele vale nos últimos tempos — disse Éomer —, mas nunca vi nada assim antes. Esses são vapores e não fumaça. Saruman está preparando algum feitiço para nos receber.

— Talvez esteja fervendo toda a água do Isen, e por isso o rio está secando.

— Talvez — disse Gandalf — Amanhã saberemos o que ele está fazendo. Agora vamos descansar um pouco, se conseguirmos.

Acamparam ao lado do leito do rio Isen, que ainda estava silencioso e vazio.

Alguns deles dormiram um pouco. Mas tarde da noite os vigias gritaram, e todos acordaram.

A lua tinha-se ido. As estrelas brilhavam; mas sobre o solo se arrastava uma escuridão mais negra que a noite. Dos dois lados do rio ela se aproximava deles, indo em direção ao norte.

— Fiquem onde estão! — disse Gandalf. — Não saquem as armas Esperem e ela passará por vocês!

Uma névoa se formou ao redor deles. Acima algumas estrelas ainda brilhavam fracas, mas dos dois lados subiam paredes de uma escuridão impenetrável; estavam numa alameda estreita entre duas torres móveis de sombra. Ouviram vozes, sussurros e lamentos e um interminável suspiro farfalhante; a terra tremia sob seus pés. Pareceu-lhes longo o tempo em que ficaram sentados e com medo, mas finalmente a escuridão e o rumor passaram, desaparecendo entre os braços das montanhas.

Lá no sul, sobre o Forte da Trombeta, no meio da noite, os homen ouviram um grande ruído, como o do vento no vale, e a terra tremeu; todos sentiram medo e ninguém se aventurou a sair. Mas na manhã seguinte saíram e ficaram surpresos; pois os orcs mortos tinham-se ido, e também as árvores. Bem abaixo, no vale do Abismo, a grama estava amassada e pisada como se pastores gigantes tivessem conduzido grandes rebanhos de gado por ali; mas uma milha abaixo do Fosso uma grande vala tinha sido cavada na terra, e sobre ela pedras tinham sido empilhadas, formando uma colina. Os homens acreditaram que os orcs mortos foram enterrados ali; mas se aqueles que tinham fugido para a floresta estavam entre eles ninguém pôde dizer, pois ninguém jamais pisou naquela colina. Desse dia em diante foi chamada de Colina da Morte, e nenhuma relva cresceu ali. Mas as árvore estranhas nunca mais foram vistas na Garganta do Abismo; tinham retornado de noite, dirigindo-se para longe, para os vales escuros de Fangorn.

Assim vingaram-se dos orcs.

O rei e sua comitiva não dormiram mais naquela noite; porém não ouviram nem viram qualquer coisa estranha, a não ser uma: a voz do rio ao lado deles de repente despertou.

A água jorrou, correndo por entre as pedras; e depois disso o Iser fluía e borbulhava em seu leito de novo, como sempre fizera.

Com a aurora se prepararam para continuar. A luz chegou pálida e

cinzenta e eles não viram o nascer do sol. O ar acima estava impregnado de cerração e um fétido vapor os envolvia. Foram devagar, cavalgando agora pela estrada. Era ampla, firme e bem cuidada. Vagamente, através da névoa, podiam vislumbrar o longo braço das montanhas subindo à esquerda. Tinham passado pelo Nan Curunír, o Vale do Mago. Era um vale coberto apenas com uma abertura ao sul. Outrora fora belo e verde, e através dele o Isen corria, já forte e profundo antes de encontrar as planícies; pois era alimentado por muitos riachos e rios menores ao passar pelas colinas banhadas pela chuva, e por toda a sua volta se estendera uma terra agradável e fértil.

Não era assim agora. Abaixo das muralhas de Isengard ainda havia acres cultivados pelos escravos de Saruman, mas a maior parte do vale tinha-se tornado um deserto cheio de mato e de espinheiros. Sarças se arrastavam no solo ou, trepando sobre arbustos ou barrancos, formavam cavernas emaranhadas onde se abrigavam pequenos animais.

Nenhuma árvore crescia ali, mas em meio ao mato alto ainda se podiam ver os troncos de antigos bosques, derrubados por machados e queimados. Era uma terra triste, silenciosa a não ser pelo ruído pedregoso de águas rápidas. Fumaça e vapores flutuavam em nuvens escuras e espreitavam nas concavidades. Os cavaleiros não falavam.

Muitos tinham os corações cheios de dúvidas, imaginando a que destino sombrio sua jornada conduziria.

Depois de cavalgarem algumas milhas, a estrada se transformou numa rua larga, pavimentada com grandes pedras planas, quadriculadas e assentadas com habilidade; não se via uma folha de grama nas junções. Canaletas fundas, cheias de água corrente, acompanhavam os dois lados. De repente um pilar alto assomou diante deles. Era negro, e colocada sobre ele via-se uma grande pedra, esculpida e pintada à semelhança de uma grande Mão Branca. Seu dedo apontava para o norte.

Agora eles sabiam que os portões de Isengard não deveriam estar distantes, e seus corações estavam pesados; mas seus olhos não podiam atravessar a névoa à frente.

Abaixo do braço da montanha, dentro do Vale do Mago, ao longo de anos incontáveis, houvera um lugar antigo que os homens chamavam de

Isengard.

Fora parcialmente formado com o surgimento das montanhas, mas outrora os Homens de Ponente tinham feito ali obras grandiosas; Saruman morava nesse lugar havia muito tempo, e não tinha ficado ocioso.

Esta era sua aparência, enquanto Saruman estava em seu auge, tido por muitos como o chefe dos Magos. Uma grande muralha circular de pedra, semelhante a altos penhascos, projetava-se do patamar da encosta da montanha, avançando para depois voltar. Só fora feita uma única entrada, um grande arco escavado no lado sul da muralha.

Ali, através da rocha negra, um longo túnel fora cortado, fechado nas duas extremidades por fortes portas de ferro. Foram de tal modo construídas e equilibradas sobre suas enormes dobradiças, barras de aço fincadas na rocha bruta, que quando não estavam trancadas podiam ser movidas com um leve toque de mão, sem qualquer ruído.

Alguém que entrasse e saísse no outro lado desse túnel ecoante veria um grande círculo, plano, meio escavado como uma enorme vasilha rasa: media uma milha de borda a borda. Já fora verde e cheio de avenidas e bosques de árvores frutíferas, aguadas por riachos que corriam das montanhas e desembocavam num lago. Mas nada verde crescera ali nos últimos tempos de Saruman. As estradas foram pavimentadas com lajes de pedra, escuras e duras; e margeando-as, em vez de árvores, marchavam longas fileiras de pilares, alguns de mármore, outros de cobre e de ferro, ligados por pesadas correntes.

Havia ali muitas casas, cômodos, salões e corredores, que cortavam e perfuravam as muralhas do lado interno, de modo que todo o círculo aberto era vigiado por inúmeras janelas e portas escuras. Milhares podiam morar lá, trabalhadores, servidores, escravos e guerreiros com grandes estoques de armas; lobos recebiam alimento e abrigo em profundas tocas mais abaixo. A planície também era escavada e perfurada. Poços fundos tinham sido cavados no chão; suas extremidades superiores eram cobertas por montículos baixos e abóbadas de pedra, de modo que ao luar o Círculo de Isengard parecia um cemitério de mortos inquietos. Pois a terra tremia. O poços desciam por muitas rampas e escadas espirais até cavernas muito abaixo; ali Saruman tinha tesouros, depósitos de provisões, arsenais, ferrarias

e grandes fornos. Rodas de ferro giravam sem parar, e martelos batiam. Durante a noite, nuvens de vapor subiam das aberturas, iluminadas de baixo por uma luz vermelha, azul ou de um verde venenoso.

Para o centro conduziam todas as estradas, ladeadas por suas correntes.

Ali ficava uma torre de formato maravilhoso. Fora feita pelos construtores de antigamente, que aplainaram o Círculo de Isengard e mesmo assim não parecia algo feito pela arte dos homens, mas arrancada dos ossos da terra durante uma aflição antiga das colinas.

Era um pico e uma ilha de pedra, negros e de um brilho estonteante: quatro pilares multifacetados foram unidos num só, mas perto do topo eles se abriam em chifres escancarados, seus pináculos agudos como as pontas de lanças, as bordas cortantes como facas. Entre eles havia um espaço estreito, e ali, sobre um chão de pedra polida e com inscrições estranhas, um homem poderia ficar de pé cento e cinqüenta metros acima da planície. Esta era Orthanc, a cidadela de Saruman, cujo nome tinha (por desígnio ou por acaso) um duplo significado: pois na língua dos elfos orthanc significa Monte Presa, mas na língua antiga de Rohan quer dizer Mente Esperta.

Isengard era um lugar forte e maravilhoso, e fora belo por muito tempo; ali moraram grandes senhores, os guardiões de Gondor no oeste, e homens sábios que observavam as estrelas. Mas Saruman lentamente transformou o lugar para seus propósitos mutantes, e o melhorou, na sua opinião; mas se enganava — pois todas as artes e sutis artifícios, pelos quais abandonou sua sabedoria antiga, e que ingenuamente imaginou serem seus, vinham de Mordor; assim tudo o que fez não passou de uma pequena cópia, um modelo infantil ou uma adulação de escravo, daquela vasta fortaleza, do arsenal, da prisão, da fornalha de grande poder, Barad-dôr, a Torre Escura que não tinha rival, e ria da adulação, ganhando tempo, segura de seu orgulho e de sua força incomensurável.

Essa era a fortaleza de Saruman, como a fama a relatava; pois dentro da memória viva nenhum homem de Rohan ultrapassara seus portões, exceto talvez uns poucos, como Língua de Cobra, que vieram em segredo e não contaram a ninguém o que viram.

Gandalf cavalgou em direção ao pilar da Mão, e passou por ele; no

momento em que fez isso, os Cavaleiros viram, para sua surpresa, que a Mão não parecia mais ser branca. Estava manchada de sangue seco; olhando mais de perto, eles perceberam que as unhas estavam vermelhas. Indiferente, Gandalf avançou para dentro da névoa, e os outros o seguiram com relutância. Por todo lado em volta deles agora, como se tivesse havido uma enchente súbita, grandes poças de água margeavam a estrada, enchendo as concavidades, e córregos corriam borbulhantes por entre as pedras.

Finalmente Gandalf parou e fez um sinal para os outros; eles vieram e viram que adiante dele a névoa tinha diminuído e um sol pálido brilhava.

A hora do meio-dia tinha passado. Estavam às portas de Isengard.

Mas as portas jaziam por terra, retorcidas e por toda a volta a rocha rachada e estilhaçada em incontáveis cacos pontudos, espalhava-se em todas as direções, ou se empilhava em montes de escombros. O grande arco ainda estava de pé, mas abria-se agora sobre um abismo sem teto, o túnel fora posto a descoberto, e através das muralhas que pareciam penhascos, dos dois lados, grandes fendas e brechas haviam sido abertas; suas torres estavam desfeitas em poeira. Se o Grande Mar se tivesse erguido em ira e caído sobre as colinas numa tempestade, não teria causado ruína maior.

O círculo mais adiante estava cheio de água fumegante: um caldeirão borbulhante onde surgia e boiava um entulho de vigas e vergas, arcas e barris e equipamentos quebrados. Pilares retorcidos e pensos levantavam suas hastes estilhaçadas sobre as águas, mas todas as estradas estavam submersas.

Distante, ao que parecia, meio velada por uma nuvem sinuosa, assomava a ilha de pedra. Ainda escura e alta, resistindo à tempestade, a torre de Orthanc se erguia. Águas pálidas batiam em seus pés.

O rei e toda a comitiva permaneceram montados em seus cavalos, estupefatos, percebendo que o poder de Saruman fora derrotado; mas como, eles não podiam adivinhar.

E agora voltavam seus olhos na direção do arco e dos portões em ruínas.

Ali viram bem próximo deles um grande monte de cascalho; e de repente se deram conta de duas pequenas figuras tranqüilamente deitadas

sobre ele, vestidas de cinza, que mal se podiam divisar em meio às pedras. Havia garrafas e tigelas e travessas ao lado deles, como se tivessem acabado de comer bem, e agora descansassem do duro trabalho.

Um deles parecia estar adormecido; o outro, com as pernas cruzadas e os braços atrás da cabeça, recostava-se numa rocha quebrada e soltava da boca longas nuvens e pequenos anéis de fumaça tênue e azul.

Por um momento, Théoden, Éomer e todos os seus homens observaram-nos surpresos. Em meio a toda a ruína de Isengard, aquilo lhes parecia a visão mais estranha.

Mas antes que o rei conseguisse falar a pequena figura que soltava fumaça se deu conta deles, parados no limiar da névoa. Ele se ergueu. Parecia um homem jovem, ou era semelhante a um, embora com menos da metade da altura de um homem; a cabeça com cabelos castanhos e encaracolados estava descoberta, mas ele vestia uma capa manchada de viagem, da mesma cor e tipo das que usavam os companheiros de Gandalf quando chegaram a Edoras. Fez uma grande reverência, colocando a mão no peito. Depois, dando a impressão de não ter visto o mago e seus amigos, virou-se para Éomer e para o rei.

— Bem-vindos, meus senhores, a Isengard! — disse ele. — Somos os guardiões da entrada. Meriadoc, filho de Saradoc, é meu nome; e meu companheiro, que infelizmente está vencido pelo cansaço — neste ponto cutucou o outro com o pé —, é Peregrin, filho de Paladin, da casa dos Túk.

Nossa casa fica lá longe, no norte. O Senhor Saruman está, mas no momento está trancado com um tal de Língua de Cobra; caso contrário, sem dúvida estaria aqui para receber hóspedes tão honrados.

— Sem dúvida estaria — disse rindo Gandalf. — E foi Saruman quem lhes ordenou que vigiassem as portas quebradas, e que esperassem pela chegada de hóspedes, quando pudessem desviar a atenção do prato e da garrafa?

— Não, meu bom senhor, esse assunto escapou à atenção dele — respondeu Merry com gravidade. — Ele tem estado tão ocupado... As ordens que recebemos vieram de Barbárvore, que assumiu a gerência de Isengard. Ordenou-me que recebesse o Senhor de Rohan com palavras adequadas à ocasião. Fiz o melhor que pude.

— E os seus companheiros? E Legolas e eu? — gritou Gimli, incapa de se conter por mais tempo. — Seus tratantes, seus vadios com pés e cabeça de lã! Conduziram-nos por uma boa caçada! Duzentas léguas através de pântano e floresta, batalha e morte, para resgatá-los! E aqui os encontramos, banqueteando e descansando — e fumando! Fumando! Onde encontraram a erva, seus vilões? Martelo e tenaz! Estou tão dividido entre a raiva e a alegria, que se não explodir será por milagre!

— Faço minhas suas palavras, Gimli — disse rindo Legolas. — Embor eu preferisse saber antes como eles encontraram o vinho.

— Uma coisa vocês não encontraram em sua caçada, uma inteligência maior — disse Pippin, abrindo um olho. — Aqui vocês nos acham sentados num campo de vitória, em meio à pilhagem de exércitos, e se perguntam como encontramos alguns confortos bem merecidos!

— Bem merecidos? — disse Gimli. — Não posso acreditar nisso! O Cavaleiros riram.

— Não se pode duvidar que estamos testemunhando o encontro de amigos muito queridos — disse Théoden. — Então estes são os perdidos de sua comitiva, Gandalf. Os dias estão destinados a se encher de maravilhas Já vi muitas desde que deixei minha casa; e bem aqui, diante de meus olhos, estão mais duas pessoas saídas das lendas. Esses não são os Pequenos, que alguns entre nós chamam de Holbytlan?

— Hobbits, por gentileza, senhor — disse Pippin.

— Hobbits? — disse Théoden , — Sua língua está estranhamente mudada; mas assim o nome não soa inadequado, Hobbits. Nenhum relato que eu tenha escutado faz justiça à realidade.

Merry fez uma reverência, e Pippin se levantou e fez o mesmo.

— É generoso, meu senhor; ou pelo menos espero que possa entender suas palavras desse modo — disse ele. — E aqui está outra maravilha! Já vaguei por muitas terras desde que deixei minha casa, e nunca até agora encontrei pessoas que soubessem qualquer história sobre os hobbits.

— Meu povo veio do norte há muito tempo — disse Théoden. — Mas não vou enganá-los: não sabemos histórias sobre hobbits. Tudo o que se diz entre nós é que muito longe, além de muitas colinas e rios, vivem as pessoas pequenas, que moram em tocas em dunas de areia. Mas não há

lendas sobre seus feitos, pois comenta-se que fazem pouca coisa, e evitam encontrar os homens, sendo capazes de desaparecer num piscar de olhos; e podem mudar suas vozes para imitar o piar dos pássaros. Mas parece que se poderiam dizer mais coisas.

— Realmente poder-se-ia, meu senhor — disse Merry.

— Para começar — disse Théoden —, nunca ouvi que eles soltavam fumaça por suas bocas.

— Isso não é de admirar — respondeu Merry — pois esta é uma arte que só praticamos há algumas gerações. Foi Tobold Corneteiro, do Vale Comprido, na Quarta Sul, quem primeiro cultivou a verdadeira erva-de-fumo em seus jardins, por volta do ano 1070, de acordo com nosso registro. Como o Velho Toby encontrou a planta...

— Você não sabe o perigo que está correndo, Théoden — interrompeu Gandalf — Esses hobbits são capazes de se sentar sobre escombros e discutir os prazeres da mesa, ou pequenos feitos de seus pais, avós e bisavós, e primos mais remotos em nono grau, se você encorajá-los com uma paciência indevida. Alguma outra hora seria mais adequada para a história da arte de fumar. Onde está Barbárvore, Merry?

— Lá adiante, no lado norte, eu acho. Foi beber alguma coisa — de água pura, a maioria dos outros ents está com ele, ainda ocupada em seu trabalho lá adiante. — Merry acenou a mão na direção do lago fumegante; conforme olharam, escutaram um grande estrondo e clangor, como se uma avalanche estivesse caindo da encosta da montanha. Da distância vinha um hum-hom, como de cornetas tocando triunfalmente.

— Então Orthanc foi deixada sem vigia? — perguntou Gandalf

— Existe a água — disse Merry. — Mas Tronquesperto e uns outro estão vigiando a torre. Nem todos aqueles postes e pilares na planície foram plantados por Saruman. Tronquesperto, eu acho, está ao lado da rocha perto do pé da escada.

— Sim, um ent alto e cinzento está lá — disse Legolas —, mas seus braços estão ao longo do corpo, e ele está parado como um poste.

— Já passa do meio-dia — disse Gandalf —, e de qualquer forma não comemos nada desde cedo. Mesmo assim, desejo ver Barbárvore o mais depressa possível. Ele não me deixou nenhuma mensagem, ou o prato e a

garrafa a varreram de sua memória?

— Ele deixou uma mensagem — disse Merry —, e eu já estava chegando lá, mas fui atrasado por muitas outras perguntas. Devia dizer que, se o Senhor de Rohan e Gandalf quiserem se dirigir à muralha norte encontrarão Barbárvore lá, e ele lhes dará boas vindas. Quero acrescentar que também encontrarão comida da melhor qualidade, que foi descoberta e selecionada por estes humildes servidores. — Ele fez uma reverência.

Gandalf riu.

— Assim está melhor! — disse ele. — Bem, Théoden, você irá cavalgar comigo para encontrar Barbárvore? Devemos dar uma volta, mas não é longe. Quando vir Barbárvore, aprenderá muito. Pois Barbárvore Fangorn, o mais velho e chefe dos ents, e quando conversar com ele ouvirá a fala da mais velha de todas as criaturas vivas.

— Irei com você — disse Théoden. — Até logo, meus hobbits! Que possamos nos encontrar de novo em minha casa! Então poderão sentar-se ao meu lado e contar todas as histórias que desejarem: os feitos de seus antepassados, até onde puderem relembrá-los; e também conversaremos sobre Tobold, o Velho, e seu estudo sobre as ervas. Até logo!

Os hobbits fizeram grandes reverências.

— Então este é o Rei de Rohan! — disse Pippin num tom mais baixo. Um velhinho camarada. Muito educado.

CAPÍTULO IX: ESCOMBROS E DESTROÇOS

Gandalf e a comitiva do Rei se afastaram, rumando ao leste para contornar as paredes arruinadas de Isengard. Mas Aragorn, Gimli e Legolas ficaram para trás. Deixando Arod e Hasufel soltos pastando, foram sentar-se ao lado dos hobbits.

— Muito bem! Muito bem! A caçada terminou e finalmente nos encontramos outra vez, num lugar que nenhum de nós jamais pensou visitar — disse Aragorn.

— E agora que os grandes foram discutir questões importantes — disse Legolas — os caçadores talvez possam descobrir as respostas para seus próprios pequenos enigmas. Seguimos suas pegadas até a floresta, mas há ainda muitas coisas sobre as quais eu gostaria de saber a verdade.

— E há muita coisa, também, que queremos saber sobre vocês — disse Merry. — Soubemos algumas coisas por intermédio de Barbárvore, o Velho Ent, mas isso não é o suficiente.

— Tudo a seu tempo — disse Legolas. — Nós fomos os caçadores, e vocês devem nos fazer um relato de suas aventuras em primeiro lugar.

— Ou em segundo — disse Gimli. — O relato cairia melhor depois de uma refeição. Estou com a cabeça inchada; e já passa do meio-dia. Vocês, os vadios, podem consertar a situação conseguindo-nos um pouco das coisas que vocês disseram que saquearam. Comida e bebida poderiam compensar um pouco de sua dívida para comigo.

— Então você será servido — disse Pippin. — Vai comer aqui, ou com mais conforto no que resta da casa de guarda de Saruman — ali adiante, sob o arco? Fizemos nosso piquenique aqui, para ficarmos com um olho na estrada.

— Menos que um olho! — disse Gimli. — Mas eu não vou entrar em nenhuma casa de orc; nem tocar na carne que comem ou em qualquer coisa que eles tenham maltratado.

— Nós não pediríamos que fizesse isso — disse Merry. — Nós mesmos já estamos cheios de orcs para o resto da vida. Mas havia muitas outras pessoas em Isengard. Saruman foi sábio o suficiente para não confiar em seus orcs. Tinha homens para guardar seus portões: alguns de seus

servidores mais fiéis, eu suponho. De qualquer forma eles tinham privilégios e boas provisões.

— E erva-de-fumo? — perguntou Gimli.

— Não, acho que não — disse Merry rindo. — Mas essa é outra história, que pode esperar até depois do almoço.

— Então vamos almoçar! — disse o anão.

Os hobbits foram na frente; passaram pelo arco e chegaram a uma porta larga à esquerda, no topo de uma escada, que se abria diretamente para um grande cômodo, com outras portas menores na extremidade oposta, e num canto uma lareira com chaminé. O cômodo fora cortado na rocha, e devia ter sido escuro outrora, pois suas janelas só se abriam para dentro do túnel. Mas a luz agora entrava pelo teto quebrado. Na lareira havia lenha queimando.

— Acendi uma pequena fogueira — disse Pippin. — O fogo nos alegrou em meio à neblina. Havia poucos feixes, e o pouco de lenha que conseguimos encontrar estava molhada. Mas na chaminé há uma grande corrente de ar: parece que ela sobe pela rocha, e felizmente não foi bloqueada. Uma fogueira é útil . Vou preparar umas torradas. Receio que o pão seja de três ou quatro dias atrás.

Aragorn e seus companheiros sentaram-se em uma das pontas de uma longa mesa, e os hobbits desapareceram através de uma das portas internas.

— Há uma despensa ali dentro, e fora do alcance das enchentes, por sorte — disse Pippin, conforme eles voltaram carregados de pratos, tigelas, taças, facas e comida de variados tipos.

— E você não precisa torcer o nariz para as provisões, Mestre Gimli — disse Merry. — Não é coisa de orc, mas comida humana, como diz Barbárvore. Vão querer vinho ou cerveja? Há um barril lá dentro — bem razoável. E isto aqui é carne de porco salgada da melhor qualidade. Ou então posso cortar algumas fatias de toicinho defumado e grelhá-las, se quiserem. Lamento que não haja nenhuma verdura. As entregas foram interrompidas nos últimos dias! Não posso lhes oferecer nenhuma outra coisa como acompanhamento a não ser manteiga e mel para os pães. Estão satisfeitos?

— Muito satisfeitos — disse Gimli. — A dívida está bem reduzida.

Os três logo ficaram bem ocupados com a refeição; os dois hobbits, sem qualquer embaraço, resolveram comer outra vez.

— Precisamos fazer companhia aos nossos convidados — disseram eles.

— Estão cheios de cortesias esta manhã — disse rindo Legolas. — Mas talvez, se não tivéssemos chegado, vocês estivessem comendo para fazer companhia um ao outro de novo.

— Talvez; e por que não? — disse Pippin. — Passamos muito ma com os orcs, e comemos muito pouco por vários dias antes disso. Parece que faz muito tempo que não conseguimos comer a contento.

— Parece que isso não lhes fez mal algum — disse Aragorn. — N verdade, estão com uma aparência extremamente saudável.

— É sim — disse Gimli, olhando-os de cima a baixo por sobre a borda de sua taça. — Veja só, seus cabelos estão duas vezes mais grossos e encaracolados do que quando nos separamos; eu poderia jurar que vocês dois cresceram, se isso fosse possível para hobbits da sua idade. Pelo menos esse Barbárvore não os deixou passar fome.

— Não deixou mesmo — disse Merry. — Mas os ents só bebem, bebida não é o suficiente para nos satisfazermos. As bebidas de Barbárvore podem ser nutritivas, mas a gente sente a necessidade de alguma coisa sólida. Até mesmo lembas não seria nada mal para variar.

— Vocês beberam as águas dos ents, é? — disse Legolas. — Entã acho provável que os olhos de Gimli não estejam enganados. Muitas canções estranhas foram cantadas sobre as bebidas de Fangorn.

— Já me contaram muitas histórias esquisitas sobre aquela terra — disse Aragorn. — Nunca entrei ali. Vamos, contem-me alguma coisa sobre ela e sobre os ents!

— Os ents — disse Pippin. — Os ents são... bem, os ents sã completamente diferentes, para começo de conversa. Mas os olhos, os olhos são muito esquisitos. — Ele tentou algumas palavras desajeitadas que foram acabando em silêncio. — Oh, bem — continuou ele, vocês já viram alguns de longe... eles os viram, de qualquer forma, e disseram que vocês estavam a caminho... e verão muitos outros, eu espero, antes que deixemos este lugar.

Vocês devem tirar suas próprias conclusões.

— Calma! Calma — disse Gimli. — Estamos começando a histori pelo meio. Gostaria de uma narrativa na ordem correta, começando pelo dia estranho em que nossa sociedade foi rompida.

— Você vai ouvi-la, se houver tempo — disse Merry. — Mas primeiro se já terminaram de comer — vocês devem encher seus cachimbos e acendê-los. E então, por um tempo, podemos fingir que estamos a salvc outra vez em Bri, ou em Valfenda.

Pegou uma pequena bolsa de couro cheia de tabaco. — Temos um monte — disse ele.

— Vocês podem levar o quanto quiserem, quando partirmos. Fizemos um bom trabalho de salvamento esta manhã, Pippin e eu. Há um monte de coisas flutuando por aí. Foi Pippin quem achou dois pequenos barris, que as aguas carregaram de alguma despensa, julgo eu.

Quando os abrimos, descobrimos que estavam cheios disto: uma erva-de-fumo tão boa que melhor não se poderia desejar, em ótimo estado.

Gimli pegou um pouco, esfregou-a contra a palma das mãos e cheirou.

— Parece boa, e o cheiro também é ótimo — disse ele.

— E é boa! — disse Merry. — Meu caro Gimli, isso é Folha do Val Comprido! Nos barris havia a marca registrada dos Corneteiros, para quem quisesse ver. Como chegou até aqui eu não posso imaginar. Talvez para usc particular de Saruman. Nunca soube que a folha chegasse até tão longe Mas agora vem bem a calhar.

— Viria — disse Gimli —, se eu tivesse um cachimbo adequado Infelizmente perdi o meu em Moria, ou antes. Não há nenhum cachimbo no meio de todas as coisas que vocês saquearam?

— Não, receio que não. Não encontrei nenhum, nem mesmo aqui nas salas de guarda. Saruman guardou esse regalo para si mesmo, ao que parece. E acho que não adiantaria nada bater às portas de Orthanc e pedir-lhe um cachimbo! Vamos ter de compartilhar os cachimbos, como os amigos fazem quando a necessidade aperta.

— Espere um segundo! — disse Pippin. Colocando a mão dentro de seu casaco, retirou uma pequena bolsa macia pendurada num cordão. —

Guardo um ou dois tesouros junto ao corpo, que são para mim preciosos como Anéis. Aqui está um deles: meu velho cachimbo de madeira. E aqu está outro: que nunca foi usado. Venho carregando-o comigo há muito tempo, embora não saiba por quê. Na verdade nunca esperei encontrar nenhuma erva-de-fumo na viagem, quando o meu suprimento acabasse. Mas agora acabou sendo útil, afinal de contas. — Ergueu um pequeno cachimbo com um fornilho largo e achatado, entregando-o a Gimli. — Isso anula a dívida entre nós? — perguntou ele.

— Sem dúvida — exclamou Gimli. — Meu nobre hobbit, isso me deixa profundamente endividado para com você.

— Bem, vou voltar ao ar livre, para ver o que o vento e o céu estão fazendo! — disse Legolas.

— Vamos com você — disse Aragorn.

Saíram e se sentaram sobre as pedras empilhadas à frente do portão. Agora conseguiam enxergar o vale lá embaixo: a névoa estava se erguendo e se dissipando na brisa.

— Agora vamos descansar aqui um pouco! — disse Aragorn. — Vamos nos sentar sobre os escombros e conversar, como diz Gandalf, enquanto ele está ocupado em algum outro lugar. Sinto um cansaço que nunca senti antes. — Embrulhou-se em sua capa cinzenta, escondendo a camisa de malha, e esticou as longas pernas.

Depois deitou-se e soltou de seus lábios um tênue fio de fumaça.

— Vejam! — disse Pippin. — Passolargo, o guardião, está de volta!

— Ele nunca esteve ausente — disse Aragorn. — Sou Passolargo Dúnadan também, e pertenço a Gondor e ao norte.

Fumaram em silêncio por um tempo, ao sol, que oblíquo penetrava no vale, através de nuvens brancas suspensas no oeste. Legolas estava deitado e quieto, olhando para o céu e o sol com olhos fixos, cantando baixinho para si mesmo. Finalmente sentou-se.

— Venham agora! — disse ele. — O tempo está passando e a névoa se dissipando, ou pelo menos estaria se vocês, pessoas estranhas, não se cobrissem de fumaça. E a história?

— Bem, minha história começa comigo acordando no escuro e me vendo todo amarrado num acampamento de orcs — disse Pippin. — Deixe-

me ver, que dia é hoje?

— Cinco de março, no Registro do Condado — disse Aragorn. Pippi fez alguns cálculos nos dedos. — Apenas nove dias atrás![1] [5] — disse ele: Parece que já faz um ano que fomos capturados. Bem, apesar de metade disso ter sido como um sonho ruim, devo dizer que vieram depois três dias horríveis. Merry vai me corrigir, se eu me esquecer de alguma coisa importante: não vou entrar em detalhes: as chicotadas, a nojeira, o mau cheiro, e tudo aquilo; não vale a pena recordar. — Com isso ele mergulhou num relato do último combate de Boromir e da marcha dos orcs dos Emyr Muil até a Floresta. Os outros faziam sinais afirmativos com a cabeça nos pontos em que o relato se encaixava com suas suposições.

— Aqui estão alguns tesouros que vocês deixaram cair — disse Aragorn. — Ficarão felizes em tê-los de volta. — Desafivelou o cinto embaixo de sua capa e tirou dele as duas facas nas respectivas bainhas.

— Ora, ora! — disse Merry. — Nunca esperava vê-las outra vez. Marquei, alguns orcs com a minha, mas Uglúk tirou-nos as facas. O ódio com que ele as olhava! No início achei que ia me golpear, mas ele as jogou longe, como se queimassem suas mãos.

— E aqui também está seu broche, Pippin — disse Aragorn. — Guardei-o a salvo, pois é um objeto muito precioso.

— Eu sei — disse Pippin. — Foi um sofrimento separar-me dele; mas que mais eu poderia fazer?

— Nada mais — respondeu Aragorn. — Alguém que, numa necessidade, não consegue jogar fora um tesouro está acorrentado. Você fez a coisa certa.

— Cortar as cordas de seus pulsos, isso foi um lance de esperteza! — disse Gimli. — Nesse momento a sorte o ajudou, mas você agarrou a oportunidade com as duas mãos, poderíamos dizer.

— E nos impôs um belo enigma — disse Legolas. — Fiquei pensando se vocês não tinham criado asas.

— Infelizmente não — disse Pippin. — Mas você não estava sabendo sobre Grishnákh. — Ele estremeceu e não disse mais nada, deixando que Merry contasse sobre aqueles momentos horríveis: as mãos em forma de pata, o hálito quente e a força terrível dos braços peludos de Grishnákh.

— Toda essa história sobre os orcs de Barad-dûr, Lugbúrz, com dizem eles, me deixa preocupado — disse Aragorn. — O Senhor do Escuro já sabia demais, e seus servidores também; e Grishnákh evidentemente enviou alguma mensagem para o outro lado do Rio depois da briga. O Olh Vermelho estará olhando na direção de Isengard. Mas, de qualquer forma Saruman está num dilema que ele mesmo criou.

— Sim, qualquer que seja o lado vencedor, sua perspectiva é ruim disse Merry. — As coisas começaram a dar errado para ele quando seus orc pisaram em Rohan.

— Vimos de relance o velho vilão, ou pelo menos Gandalf acha que sim — disse Gimli. — Na borda da Floresta.

— Quando foi isso? — perguntou Pippin.

— Cinco noites atrás — disse Aragorn.

— Deixe-me ver — disse Merry. — Cinco noites atrás... agor chegamos a uma parte da história sobre a qual vocês não sabem nada. Encontramos Barbárvore naquela manhã depois da batalha; e aquela noit passamos na Gruta da Nascente, uma das casas-ents. Na manhã seguint fomos para o Entebate, quer dizer, uma reunião de ents e a coisa mais esquisita que já vi em minha vida. Durou todo aquele dia e o seguinte, e nós passamos as noites com um ent chamado Tronquesperto. E então, no fim d tarde do terceiro dia do debate, os ents de repente explodiram. Foi assustador. A Floresta estava tensa como se uma tempestade estivesse s formando dentro dela: então, em uníssono, explodiu. Gostaria que vocês pudessem ter ouvido a canção deles enquanto marchavam.

— Se Saruman tivesse ouvido, agora estaria a milhas de distância mesmo que tivesse de correr com as próprias pernas — disse Pippin.

Se Isengard for um lugar de pedra fria e duro osso,
Nós vamos todos guerrear quebrar a pedra e seu portão!

— Havia muito mais. Grande parte da canção não tinha palavras, era como uma música de trombetas e tambores. Era muito contagiante. Mas pensei que fosse apenas uma música de marcha e nada mais, apenas uma canção — até que cheguei aqui. Agora eu sei do que se trata.

— Descemos da última cordilheira entrando em Nan Curunír, depoi do cair da noite — continuou Merry. — Foi nesse momento que senti pela primeira vez que a própria Floresta caminhava atrás de nós. Pensei que estava tendo um sonho de ent, mas Pippin também tinha notado. Estávamos os dois com medo, mas só depois descobrimos mais sobre o que estava acontecendo.

— Eram os huorns, ou pelo menos é esse o jeito como os ents os chamam na "língua curta". Barbárvore não gosta muito de falar sobre eles, mas acho que são ents que ficaram quase como árvores, pelo menos na aparência. Ficam aqui e acolá na floresta, ou nas suas bordas, silenciosos, vigiando sem parar as árvores; mas nos vales profundos há centenas e centenas deles, eu imagino.

— Há um grande poder neles, e parece que têm a capacidade de se ocultar nas sombras: é difícil vê-los se movendo. Mas eles se movem. Podem andar muito rápido, se estiverem furiosos. Você fica parado olhando para o tempo, talvez, ou ouvindo o farfalhar das folhas, e de repente descobre que está no meio de um bosque com grandes árvores tateando à sua volta. Eles ainda têm vozes, e conseguem falar com os ents — é por isso que são chamados de huorns, pelo que diz Barbárvore — mas ficaram esquisitos e selvagens. Perigosos. Eu ficaria apavorado se os encontrasse e não houvesse nenhum ent verdadeiro para cuidar deles.

— Bem, no início da noite nós descemos uma longa ravina, para dentro da extremidade mais alta do Vale do Mago, os ents e seus huorns farfalhantes atrás. Não conseguíamos vê-los, é claro, mas todo o ar estava cheio de estalidos. Estava muito escuro, uma noite carregada de nuvens. Marcharam em grande velocidade assim que deixaram as colinas, fazendo um barulho como um vento forte. A lua não a pareceu através das nuvens, e não muito depois da meia-noite havia uma floresta alta em toda a volta da encosta norte de Isengard. Não se via sinal de inimigos ou qualquer desafio Havia uma luz brilhando numa alta janela na torre, isso era tudo.

— Barbárvore e alguns outros ents avançaram, ficando à vista dos grandes portões. Pippin e eu estávamos com ele. Estávamos sentados nele Mas mesmo quando estão excitados os ents conseguem ser muito cuidadosos e pacientes. Ficaram parados feito estátuas, respirando e escutando. Então

de repente, houve uma agitação tremenda. Trombetas soaram e as muralhas de Isengard ecoaram. Pensamos que tínhamos sido descobertos, e que a batalha ia começar. Mas não foi nada disso. Todo o pessoal de Saruman estava partindo em marcha. Não sei muita coisa sobre esta guerra, ou sobre os Cavaleiros de Rohan, mas parece que a intenção de Saruman era exterminar o rei e todos os seus homens com um único golpe final. Ele evacuou Isengard. Eu vi o inimigo partindo: filas intermináveis de orcs em marcha, tropas deles montadas em grandes lobos. E também havia batalhões de homens. Muitos carregavam tochas, e com a luz pude ver seus rostos. A maioria eram homens comuns, muito altos e com os cabelos escuros, sinistros na aparência, porém não especialmente maus. Mas havia uns outros que eram horríveis: da altura de homens, mas com rostos de orcs, amarelados, de olhar esguelho, torto. Sabem de uma coisa, eles me fizeram lembrar imediatamente daquele sulista de Bri: só que ele não era tão obviamente parecido com um orc como eles.

— Pensei nele também — disse Aragorn. — Tivemos de lidar com muitos desses semiorcs no Abismo de Helm. Agora fica claro que o sulista era um espião de Saruman; mas se estava trabalhando com os Cavaleiros Negros, ou só para Saruman, eu não sei. É difícil saber, com essas pessoas más, quando estão unidos e quando estão enganando uns aos outros.

— Bem, todos os tipos juntos, deviam perfazer dez mil no mínimo — disse Merry. — Levaram uma hora para passar pelos portões. Alguns desceram a estrada que conduz aos Vaus, e outros se desviaram e foram para o leste. Construíram uma ponte lá embaixo, cerca de uma milha daqui, num ponto onde o rio passa por um canal muito profundo. Todos cantavam com vozes roucas, e riam, fazendo u m barulho horroroso. Pensei que as coisas estavam pretas para Rohan. Mas Barbárvore não se mexeu. Ele disse: "Meu negócio esta noite é com Isengard, com rocha e pedra."

— Mas embora eu não pudesse ver o que estava acontecendo na escuridão, acredito que os huorns começaram a rumar para o sul, logo que os portões se fecharam de novo. Acho que o negócio deles era com os orcs. Já estavam lá embaixo no vale pela manhã; ou pelo menos havia uma sombra que ninguém conseguia atravessar com os olhos.

— Assim que Saruman tinha despachado todo o seu exército, chegou

a nossa vez. Barbárvore nos pôs no chão, dirigiu-se aos portões e começou a golpear as portas, chamando Saruman. Não houve resposta, com a exceção de flechas e pedras que vieram das muralhas. Mas flechas não adiantam nada contra os ents. É claro que os machucam, e os enfurecem: como picadas de insetos. Mas um em pode ficar crivado de flechas de orcs como uma almofada de alfinetes, sem que fique seriamente ferido. Isso porque eles não podem ser envenenados, e sua pele parece ser muito grossa, mais resistente que uma casca de árvore. Seria necessário um golpe muito pesado de machado para machucá-los de fato. Eles não gostam de machados. Mas seriam necessários muitos homens com machados para cada ent: um homem que golpeia um ent uma vez não tem uma segunda oportunidade. Um murro dado pelo punho de um ent amassa o ferro como se fosse uma lata fina.

— Quando Barbárvore tinha algumas flechas em seu corpo, começou a esquentar, a ficar positivamente "apressado", como diria ele. Soltou um grande hum-hom, e mais uns doze ents vieram avançando. Um ent furioso é aterrador. Os dedos dos pés e das mãos simplesmente agarram-se à rocha e a arrancam qual casca de pão. Foi como assistir ao trabalho de grandes raízes de árvores durante uma centena de anos, tudo condensado em alguns momentos.

— Eles empurravam, puxavam, rasgavam, chacoalhavam, e esmurravam; e clangue-bangue, crache-craque, em cinco minutos esses portões enormes estavam no chão destruídos; e alguns dos ents já estavam começando a roer as muralhas, como coelhos num poço de areia. Não sei o que Saruman pensou que estava acontecendo, mas de qualquer forma ele não sabia como lidar com aquilo. Sua magia pode ter enfraquecido nos últimos tempos, é claro; mas de qualquer jeito acho que ele não tinha bravura suficiente, nem muita coragem, sozinho num lugar apertado, sem um monte de escravos e máquinas e coisas, se entendem o que quero dizer. Muito diferente do velho Gandalf

Fico pensando se toda a sua fama não se deveu todo esse tempo à sua esperteza ao instalar-se em Isengard.

— Não — disse Aragorn. — Ele já esteve à altura de sua fama, Tinh um conhecimento profundo, um pensamento sutil, e mãos

maravilhosamente habilidosas; e tinha um poder sobre as mentes dos outros. Podia persuadir os sábios e amedrontar as pessoas menores.

Esse poder certamente ele ainda conserva. Não há muitas pessoas na Terra-média que na minha opinião poderiam ficar a salvo, se fossem deixadas sozinhas para conversar com ele, mesmo agora depois de uma derrota. Gandalf, Elrond, e Galadriel, talvez, agora que sua maldade fo revelada, e quase mais ninguém.

— Os ents não correm esse risco — disse Pippin. — Parece que certa época ele os persuadiu, mas nunca mais vai conseguir isso. E de qualquer forma ele não os entendeu, e cometeu o grave erro de deixá-los fora de suas maquinações. Não tinha planos para eles, e já não havia tempo para planejar nada, uma vez que eles se puseram a trabalhar. Assim que nosso ataque começou, os poucos ratos que sobraram em Isengard começaram a fugir através de cada furo que os ents fizeram. Os ents deixaram os homens fugir, depois de têlos interrogado, restavam apenas duas ou três dúzias. Não acho que muitos do povo dos orcs, de qualquer tamanho, tenham escapado. Não dos huorns: havia uma boa quantidade deles em toda a volta de Isengard naquele momento, além daqueles que tinham descido o vale.

— Quando os ents tinham reduzido a escombros uma grande parte da muralha sul, e o que restava de seu povo tinha fugido abandonando-o, Saruman fugiu em pânico. Parece que ele estava junto ao portão quando chegamos: acho que veio assistir à partida de seu esplêndido exército. Quando os ents arrombaram os portões e entraram, ele partiu apressado. Eles não o viram no inicio. Mas a noite se abrira e havia uma forte luz das estrelas, o suficiente para que os ents enxergassem, e de repente Tronquesperto soltou um grito: "O matador de árvores, o matador de árvores!" Tronquesperto é uma criatura gentil, mas por isso mesmo odeia Saruman com todas as suas forças: seu povo sofreu cruelmente sob os machados dos orcs. Ele desceu aos saltos o caminho que vinha do portão interno, pois ele pode mover-se como o vento quando está enfurecido. Havia uma figura pálida fugindo, entrando e saindo entre as sombras dos pilares, e já quase alcançava as escadas que conduzem à porta da torre. Mas foi por pouco. Tronquesperto vinha tão veloz atrás dele que por um ou dois passos de distância Saruman não foi pego e estrangulado quando se

esgueirou pela porta.

— Quando Saruman estava a salvo outra vez em Orthanc, não demorou muito para que pusesse em ação algumas de suas preciosas máquinas. Nesse momento já havia muitos ents dentro de Isengard: alguns tinham seguido Tronquesperto, e outros tinham irrompido do norte e do leste: estavam vagando de um lado para o outro e fazendo um grande estrago. De repente ergueram-se chamas e uma fumaça imunda: as aberturas dos poços em toda a planície começaram a cuspir e vomitar. Vários ents ficaram com queimaduras e bolhas. Um deles, que se chamava Ossofaia, eu acho, ficou preso no vapor de algum tipo de fogo líquido e queimou como uma tocha: uma cena horrível.

— Isso os deixou loucos. Eu achara antes que eles estavam realmente furiosos, mas estava errado. Finalmente vi como eles ficam quando se enfurecem. Foi chocante. Eles rugiram e ribombaram e produziram ruídos como trombetas, até que as rochas começaram a se partir e ruir ante O simples barulho deles. Merry e eu nos deitamos no chão e cobrimos Os Ouvidos com as capas. Dando voltas na rocha de Orthanc, os ents iam a largas passadas, produzindo uma tempestade como um furacão, quebrando pilares, lançando avalanches de pedras para dentro dos poços, jogando grandes lajes de pedra no ar como se fossem folhas. A torre ficou no meio de um tufão. Vi pilares de ferro e blocos de alvenaria subindo feito foguetes dezenas de metros, e se arrebentando contra as janelas de Orthanc. Mas Barbárvore se manteve calmo. Felizmente não sofrera nenhuma queimadura. Não queria que seu povo se ferisse em sua fúria, e não queria que Saruman escapasse por algum buraco em meio à confusão. Muitos ents estavam se lançando contra a rocha de Orthanc, mas ela os derrotou. É muito lisa e dura. Há alguma magia nela, talvez mais antiga e mais forte que a de Saruman. De qualquer forma, eles não conseguiram agarrá-la nem causar-lhe nenhuma rachadura: eles é que estavam se machucando e contundindo ao se baterem contra a torre.

— Então Barbárvore foi para dentro do círculo e gritou. Sua voz poderosíssima se ergueu acima de todo o estrondo, De repente, fez-se um silêncio mortal. Rasgando-o, pudemos ouvir uma risada aguda vinda de uma alta janela na torre. Isso provocou um estranho efeito nos ents. Antes

eles estavam fervendo; nesse momento ficaram frios, sinistros como o gelo, e quietos. Deixaram a planície e se reuniram em volta de Barbárvore completamente imóveis. Ele lhes falou em sua própria língua por uns instantes; acho que estava lhes contando sobre um plano já formado em sua mente havia muito tempo. Depois eles simplesmente desapareceram silenciosamente na luz cinzenta. O dia estava nascendo naquele momento.

— Ficaram vigiando a torre, acredito eu, mas os vigilantes estavam tão bem escondidos nas sombras e mantinham tamanho silêncio, que eu não conseguia vê-los. Os outros partiram para o norte. Ficaram ocupados todo o dia, e não os vimos. A maioria do tempo ficamos sozinhos. Foi um dia melancólico, e andamos um pouco por aí, embora procurássemos ficar o máximo possível fora do campo de visão das janelas de Orthanc: elas nos observavam ameaçadoramente. Passamos uma boa parte do tempo procurando algo para comer. E também nos sentamos e conversamos, imaginando o que estaria acontecendo em Rohan, e o que teria sucedido a todo o resto de nossa Comitiva. De vez em quando ouvíamos na distância o estrondo de pedras caindo, e baques surdos ecoando nas colinas.

— Durante a tarde caminhamos em volta do círculo, e fomos dar uma olhada no que estava acontecendo. Havia uma grande floresta sombria de huorns na cabeceira do vale, e uma outra em volta da muralha norte. Não ousamos entrar. Mas ouvimos um ruído de algo se rasgando ou se rompendo na parte de dentro. Os ents e os huorns estavam cavando grandes fossos e valas, fazendo grandes lagos e represas, recolhendo toda a água do Isen e de qualquer outra nascente ou riacho que conseguiam encontrar. Deixamos que continuassem seu trabalho.

— Quando chegou o crepúsculo, Barbárvore retornou ao portão. Estava cantarolando e ribombando para si mesmo, e parecia satisfeito. Parou e esticou os grandes braços e pernas, depois respirou fundo. Perguntei lhe se estava cansado.

— "Cansado?", disse ele, "cansado? Bem, cansado não, mas com o corpo enrijecido. Preciso de um bom trago do Entágua. Trabalhamos muito quebramos mais pedras e roemos mais terra hoje do que em muitos longos anos antes. Mas está quase tudo pronto. Quando chegar a noite, não fiquem perto deste portão ou no velho túnel! Pode ser que a água cubra tudo — e

por um tempo será uma água ruim, até que toda a sujeira de Saruman seja levada embora. Então o Isen poderá correr limpo outra vez." Começou a derrubar mais uma parte das muralhas, como se aquilo fosse um passatempo, apenas para se divertir.

— Estávamos pensando que lugar poderia ser seguro para deitarmos e dormirmos um pouco, quando a coisa mais surpreendente de todas aconteceu.

Ouviu-se o ruído de um cavaleiro subindo rapidamente pela estrada. Merry e eu nos deitamos e ficamos imóveis, e Barbárvore se escondeu nas sombras sob o arco. De repente, um grande cavalo veio avançando, como um clarão de prata. Já estava escuro, mas eu pude ver claramente o rosto do cavaleiro: parecia brilhar, e todas as suas roupas eram brancas. Eu me sentei, observando, de boca aberta. Tentei gritar, mas não consegui.

— Nem precisou. Ele parou bem ao nosso lado e olhou em nossa direção. "Gandalf!", disse eu finalmente, mas minha voz era a penas um sussurro. Pensam que ele disse: "Olá, Pippin! Que surpresa agradável!"? Na verdade não! Ele disse: "Levante-se, seu Túk idiota! Onde, em nome do espanto, está Barbárvore no meio de todo este estrago? Quero vê-lo. Rápido!"

— Barbárvore ouviu sua voz e saiu das sombras imediatamente, e foi um estranho encontro. Fiquei perplexo, porque nenhum dos dois parecia surpreso. Gandalf obviamente esperava encontrar Barbárvore aqui, e Barbárvore agiu como se estivesse à toa perto dos portões de propósito para recebê-lo. Já tínhamos contado ao velho ent tudo sobre Moria. Mas quando me lembro do olhar esquisito que nos lançou naquela hora só posso supor que ele tinha visto Gandalf, ou recebido alguma notícia dele, mas não estava disposto a falar nada apressadamente. "Não tenha pressa" é seu mote; mas ninguém, nem mesmo os elfos, pode saber muito sobre os movimentos de Gandalf quando ele está ausente.

— "Hum! Gandalf", disse Barbárvore. "Fico feliz que tenha vindo. Floresta e água, troncos e rochas eu posso dominar; mas aqui há um mago para controlarmos."

— "Barbárvore", disse Gandalf. "Preciso de sua ajuda. Você já fez muito, mas preciso de mais. Tenho que dar conta de cerca de dez mil orcs."

— Então os dois saíram e fizeram uma reunião em algum canto. Deve ter parecido tudo bastante apressado para Barbárvore, pois Gandalf estava com uma ânsia tremenda, e já estava falando num ritmo bem acelerado antes que os dois desaparecessem de vista. Ficaram longe só alguns minutos, talvez um quarto de hora. Depois Gandalf voltou e veio em nossa direção, e parecia aliviado, quase contente. Só então disse que estava feliz em nos ver.

— "Mas Gandalf ", exclamei eu, "onde você esteve? Você viu o outros?"

— "Onde quer que eu tenha estado, estou de volta", respondeu ele à sua maneira peculiar. "Sim, vi alguns dos outros. Mas as notícias devem esperar. Esta é uma noite perigosa, e preciso cavalgar rápido. A aurora pode ser mais clara e, se assim for, vamos nos encontrar outra vez. Cuidem-se e mantenham distância de Orthanc. Adeus!"

— Barbárvore ficou muito pensativo depois que Gandalf foi embora Evidentemente, tinha sabido muita coisa em pouco tempo, e estava digerindo a informação. Olhou-nos e disse: "Hum, bem, percebo que vocês não são pessoas tão apressadas como eu pensava. Disseram muito menos que poderiam, e não mais do que deviam. Hum! Esse é um monte de notícias sem dúvida! Bem, agora Barbárvore precisa ficar ocupado outra vez."

— Antes que se fosse, conseguimos arrancar dele algumas notícias que não nos alegraram nem um pouco. Mas naquele momento estávamos pensando mais em vocês três do que em Frodo e Sam, ou no pobre Boromir Pois ficamos sabendo que estava acontecendo uma grande batalha, ou aconteceria em breve, e que vocês estavam nela, e poderiam nunca mais voltar.

— "Os huorns vão ajudar", disse Barbárvore. Depois se afastou e não o vimos outra vez até hoje cedo. Foi uma noite negra. Deitamo-nos sobre uma pilha de pedras, e não conseguíamos ver nada. Névoa ou sombras cobriam tudo como um grande cobertor em toda a nossa volta. O ar parecia quente e pesado , e estava cheio de ruídos farfalhantes, estalidos e murmúrios semelhantes a vozes passando. Acho que outras centenas de huorns estavam avançando em direção à batalha. Mais tarde houve um grande estrondo de trovão ao sul, e clarões e relâmpagos ao longe, sobre Rohan. De tempos em tempos conseguíamos ver os picos das montanhas, a

milhas e milhas de distância, penetrando de súbito na escuridão, brancos e pretos, para depois como o dos trovões nas colinas, mas diferentes. Algumas vezes todo o vale ecoava.

— Devia ser por volta de meia-noite quando os ents arrebentaram as represas e derramaram sobre Isengard toda a água armazenada através de uma fenda na muralha norte. A escuridão dos huorns tinha passado, e o trovão se afastara. A lua afundava atrás das montanhas ocidentais.

— Isengard começou a se encher de córregos e lagos negros que avançavam cada vez mais. As águas reluziram na última luz da lua, enquanto se espalhavam por toda a planície. De quando em quando, escoavam através de algum POÇO ou gárgula. Um grande vapor esbranquiçado subia chiando. A fumaça se levantava em ondas. Houve explosões e rajadas de fogo. Uma grande espiral de vapor subia se enrolando, dando voltas e mais voltas em Orthanc, até transformá-la numa grande montanha de nuvem, com a parte inferior em chamas, e o topo iluminado pela lua. E ainda mais águas jorravam, até que finalmente Isengard ficou parecendo uma enorme tigela rasa, soltando fumaça e borbulhando.

— Vimos uma nuvem de fumaça e vapor vindo do sul a noite passada, quando atingimos a abertura do Nan Curunír — disse Aragorn. – Receamos que Saruman nos estivesse preparando algum feitiço.

— Não ele! — disse Pippin. — Naquela hora é mais provável que ele estivesse sufocando e não rindo. Ontem pela manhã a água tinha penetrado por todos os buracos, e havia um denso nevoeiro. Refugiamo-nos naquela casa de guarda ali, e estávamos apavorados. O lago começou a transbordar derramando-se através do velho túnel, e a água cobria os degraus com grande rapidez. Pensamos que íamos ficar presos como orcs num buraco, mas encontramos uma escada sinuosa na parte posterior da despensa, que nos levou até o topo do arco. Sair foi um aperto, já que as passagens estavam rachadas e meio bloqueadas com pedras caídas perto do topo. Ali ficamos sentados bem acima da enchente e assistimos ao afogamento de Isengard. Os ents continuavam a derramar mais água, até que todas as fogueiras estivessem apagadas e todas as cavernas cheias, A névoa lentamente se juntou e subiu formando um grande guarda-chuva de nuvens: devia ter uma milha de altura. No início da noite havia um grande arco-íris sobre as

colinas orientais; e então o pôr-do-sol foi apagado por um chuvisco denso que caía sobre as encostas das montanhas. Tudo ficou muito quieto. Alguns lobos uivavam num lamento, a distância. Os ents interromperam a entrada de água à noite, e mandaram o Isen de volta ao velho curso. E isso foi o fim de tudo.

— Desde então as águas estão baixando. Deve haver saídas em algum lugar nas cavernas lá embaixo, suponho eu. Se Saruman espiar por alguma de suas janelas, vai ver tudo desarrumado, uma desordem sombria. Sentimos uma enorme solidão. Não havia nenhum ent para conversarmos em meio a toda a ruína, e nenhuma notícia. Passamos a noite ali, em cima do arco; estava frio e úmido, e não conseguimos dormir. Tínhamos a impressão de que alguma coisa podia acontecer a qualquer momento. Saruman ainda está em sua torre. Havia um ruído na noite como o de um vento subindo o vale. Suponho que os ents e os huorns que tinham se ausentado estão de volta; mas aonde tinham ido eu não sei. Estava uma manhã cheia de névoa e umidade quando descemos e olhamos ao redor de novo, e não se via ninguém . E isso é tudo o que temos para contar. Parece que o lugar está quase pacífico depois de todo o tumulto. E mais seguro, de certa forma, já que Gandalf tinha voltado. Consegui dormir!

Então todos ficaram em silêncio por um tempo. Gimli encheu seu cachimbo outra vez.

— Há uma coisa que me pergunto — disse ele enquanto o acendia com sua pederneira e pavio —, Língua de Cobra. Você disse a Théoden que ele estava com Saruman. Como ele chegou lá?

— Ah, sim, eu me esqueci dele — disse Pippin. — Só chegou aqui esta manhã. Tínhamos acabado de acender a fogueira e de comer alguma coisa quando Barbárvore apareceu de novo. Escutamos sua voz murmurando e chamando nossos nomes do lado de fora.

— "Vim saber como estão passando, meus rapazes", disse ele, "e para lhes dar alguma notícia. Os huorns voltaram. Está tudo bem, bem mesmo!" disse ele rindo e dando tapinhas nas coxas. "Não sobrou nenhum orc em Isengard, nem machados! E virão pessoas do sul antes do fim do dia; alguns que vocês poderão ficar alegres em ver."

— Mal ele tinha dito isso quando ouvimos o som de cascos na estrada.

Corremos para os portões, e eu parei e olhei, quase esperando ver Passolarg e Gandalf cavalgando à frente de um exército. Mas saindo da névoa vei um homem sobre um cavalo velho e cansado; ele mesmo parecia uma criatura estranha e toda torta. Não havia mais ninguém. Quando saiu d névoa, viu de repente toda a ruína e o estrago à sua frente. Parou, pasmo, e seu rosto ficou quase verde. Estava tão perplexo que a princípio não deu sinal de ter-nos visto. Quando viu, deu um grito, e tentou virar o cavalo e fugir. Mas Barbárvore deu três passadas, estendeu um braço longo e levantou da sela. O cavalo disparou em fuga, apavorado, e ele rastejou pel chão. Disse que era Gríma, amigo e conselheiro do rei, e tinha sido enviad trazendo mensagens importantes de Théoden para Saruman.

— "Ninguém mais ousaria cavalgar pelo campo aberto, tão cheio de orcs malignos", disse ele, "então eu fui enviado. Fiz uma viagem perigosa, e estou cansado e faminto. Desviei de meu caminho em direção ao norte, fugindo dos lobos que me perseguiam."

— Percebi os olhares oblíquos que ele lançou para Barbárvore, e diss para mim mesmo: "Mentiroso." Barbárvore olhou para ele com seu jeit lento e demorado por vários minutos, até que o infame estivesse estrebuchando no chão. Então disse finalmente: "Ha, hin, estava esperand você, Mestre Língua de Cobra." O homem teve um sobressalto ao ouvi aquele nome. "Gandalf chegou aqui primeiro. Por isso, sei sobre você quanto preciso, e sei também o que fazer com você. Ponha todos os ratos na mesma ratoeira, disse Gandalf, e é isso o que vou fazer. Agora sou o senho de Isengard, mas Saruman está trancado na torre; você pode ir para lá e lh transmitir todas as mensagens que conseguir imaginar."

— "Deixe-me ir, deixe-me ir!", disse Língua de Cobra. "Eu sei caminho."

— "Você sabia o caminho, não duvido", disse Barbárvore. "Mas a coisas mudaram um pouco por aqui. Vá e veja com seus próprios olhos!"

— Barbárvore permitiu a passagem de Língua de Cobra, e ele se f mancando através do arco, seguido de perto por nós, até que atingiu o círculo e pôde ver toda a água que estava entre ele e Orthanc. Entã voltou-se para nós.

— "Deixem-me ir embora", choramingou ele. "Deixem-me ir embora

Minhas mensagens são inúteis agora."

— "De fato são", disse Barbárvore. "E você só tem duas escolhas: ficar comigo até que Gandalf e seu mestre cheguem, ou atravessar a água. O que você escolhe?"

— O homem tremeu à menção do nome de seu mestre e colocou um pé n a água; mas recuou. "Não sei nadar", disse ele.

— "Não é fundo", disse Barbárvore. "A água está suja, mas isso não vai lhe fazer mal, Mestre Língua de Cobra. Entre agora!"

— Com isso o patife foi aos trambolhões entrando na água, que atingiu a altura de seu pescoço antes de perder-se de vista à distância. A última visão que tive foi dele se agarrando em algum barril velho ou pedaço de madeira. Mas Barbárvore foi andando na água atrás dele, vigiando seu avanço.

— "Bem, ele entrou lá", disse o ent ao retornar . "Vi-o se arrastando escada acima como um rato emporcalhado. Ainda há alguém na torre: uma mão apareceu e o puxou para dentro. Então ele está lá, e espero que a recepção seja a seu gosto. Agora preciso ir e me lavar desse lodo. Estarei lá em cima, na encosta norte, se alguém quiser me ver. Aqui embaixo não há água limpa, adequada para um ent beber, ou para se lavar. Então vou pedir a vocês dois, rapazes, que fiquem de olho no portão à espera das pessoas que estão chegando. Quem vem vindo é o Senhor dos Campos de Rohan, vejam bem! Devem recebê-lo da melhor maneira possível: seus homens travaram uma grande luta com os orcs. Talvez vocês conheçam melhor que os ents a maneira correta nas palavras dos homens para um senhor dessa importância. Houve muitos senhores nos campos verdes na minha época, e nunca aprendi suas falas e seus nomes. Eles vão querer comida humana, e vocês sabem tudo sobre isso, julgo eu. Então achem algo adequado para um rei comer, se puderem." E este é o fim da história. Mas eu gostaria de saber quem é esse Língua de Cobra. Ele era mesmo o conselheiro do rei?

— Era — disse Aragorn -, e ao mesmo tempo um espião e servidor de Saruman em Rohan. A sorte não lhe foi mais gentil do que ele merecia. A visão das ruínas de tudo o que ele considerava tão forte e magnífico deve ter sido uma punição quase suficiente. Mas receio que coisas piores lhe estão reservadas.

— É sim. Não acho que Barbárvore o mandou para Orthanc po gentileza — disse Merry. — Ele parecia sinistramente satisfeito com a coisa toda, e estava rindo para si mesmo quando foi tomar seu banho e beber algo, Ficamos muito ocupados depois disso, vasculhando os escombros e vistoriando tudo. Encontramos duas ou três despensas em lugares diferentes aqui perto, acima do nível da água. Mas Barbárvore mandou uns ents aqui para baixo, e eles carregaram uma boa parte do material.

— "Queremos comida humana para vinte e cinco pessoas", disseram os ents. Então vocês podem ver que alguém contou cuidadosamente o número de sua comitiva antes que chegassem. Evidentemente a intenção era que vocês três fossem com os grandes. Mas não teriam passado melhor. Enviamos a mesma coisa que guardamos aqui, eu juro. Melhor aqui, porque nós não mandamos bebida.

— "E bebida?", eu perguntei aos ents.

— "Temos a água do Isen", disseram-me eles, "e isso é bom o bastante para os ents e para os homens." Mas espero que os ents tenham tido tempo de preparar um pouco de suas próprias bebidas com a água das nascentes das montanhas, e então poderemos ver a barba de Gandalf se enrolando toda quando ele voltar. Depois que os ents se foram, ficamos cansados e famintos. Mas não podemos reclamar. Nosso trabalho foi bem recompensado. Foi em meio à nossa busca por comida humana que Pippin descobriu a joia de todo o escombro, aqueles barris do Vale Comprido. "Erva-de-fumo é melhor depois da comida", disse Pippin; foi assim que tudo aconteceu.

— Agora entendemos tudo perfeitamente — disse Gimli.

— Tudo, menos uma coisa — disse Aragorn -: Folha da Quarta Sul em Isengard. Quanto mais penso nisso, mais eu acho o fato curioso. Nunca estive em Isengard, mas já viajei por esta região, e conheço bem as terras desertas que ficam entre Rohan e o Condado. Nem mercadoria nem pessoas passaram por ali em muitos longos anos, não abertamente. Acho que Saruman tinha negócios secretos com alguém no Condado. Podem-se encontrar Línguas de Cobra em várias outras casas além da do Rei Théoden. Havia uma data nos barris?

— Havia — disse Pippin. — Foi a colheita de 1417, a do ano passado

não, do ano anterior, é claro: um bom ano.

— Bem, qualquer mal que estivesse à solta está terminado agora, eu espero; ou então está além de nosso alcance no momento — disse Aragorn.

— Mas acho que vou mencionar o fato a Gandalf, embora pareça um assunto sem importância em meio às suas grandes questões.

— Fico pensando o que ele estará fazendo — disse Merry. — A tarde está avançando. Vamos dar uma olhada. De qualquer forma, você pode entrar em Isengard agora se quiser, Passolargo. Mas a vista não é muito animadora.

CAPÍTULO X: A VOZ DE SARUMAN

Passaram pelo túnel arruinado e pararam sobre um monte de pedras, olhando para a rocha escura de Orthanc, e para suas muitas janelas, ainda uma ameaça em meio à desolação que se espalhava ao redor. A água tinha baixado quase por completo. Aqui e ali restavam algumas poças escuras, cobertas de destroços e escória; porém a maior parte do amplo círculo estava descoberta de novo, um lugar desolado cheio de limo e pedras caídas, perfurado por buracos enegrecidos, e salpicado por pilares e postes que pendiam para um lado ou para o outro feito bêbados. Na borda da vasilha despedaçada jaziam grandes montes de entulho, como o cascalho juntado por uma grande tempestade; além deles o vale verde e irregular subia o longo precipício por entre os braços escuros das montanhas. Através da devastação eles viram cavaleiros avançando com cautela; vinham da encosta norte e já se aproximavam de Orthanc.

— Lá vêm Gandalf, Théoden e seus homens! — disse Legolas. – Vamos encontrá-los!

— Ande com cuidado! — disse Merry. — Há lajes soltas que poden virar e jogá-lo dentro de algum poço, se não for cauteloso!

Seguiram pelo que restava da estrada que vinha dos portões de Orthanc, andando devagar, pois as pedras estavam rachadas e cheias de lodo. Os cavaleiros, ao vê-los se aproximando, pararam sob a sombra da rocha e esperaram. Gandalf avançou para encontrá-los.

— Bem, Barbárvore e eu tivemos umas discussões interessantes, e fizemos alguns planos — disse ele -, e tivemos todos o mais que indispensável descanso. Agora precisamos continuar outra vez. Espero que vocês, companheiros, tenham descansado também, e recuperado as energias.

— Descansamos sim — disse Merry. — Mas nossas discussõe começaram e terminaram em fumaça. Nossa disposição em relação a Saruman está um pouco melhor do que estava.

— É mesmo? — disse Gandalf — Bem, a minha não. Tenho agora uma última tarefa a desempenhar antes de partir: devo fazer uma visita de despedida a Saruman. Perigosa, e provavelmente inútil; mas isso precisa se

feito. Aqueles dentre vocês que quiserem podem me acompanhar — mas cuidado! E não façam gracejos! Agora não é hora para isso.

— Eu vou — disse Gimli. — Quero vê-lo para saber se ele realmente se parece com você.

— E como você vai saber isso, Mestre Anão? — disse Gandalf - Saruman poderia se parecer comigo aos seus olhos, se isso se adequasse aos propósitos dele em relação a você. E será que você já é sábio o suficiente para detectar todos os disfarces dele? Bem, talvez, vamos ver. Pode ser que ele se sinta acanhado em se expor diante de muitos olhos diferentes ao mesmo tempo. Mas ordenei a todos os ents que desaparecessem de vista, então talvez consigamos convencê-lo a aparecer.

— Qual é o perigo? — perguntou Pippin. — Ele vai atirar em nós, ou despejar fogo pelas janelas? Ou vai nos lançar um feitiço à distância?

— A última coisa é a mais provável, se você se dirigir à porta dele com o coração desprevenido — disse Gandalf — Mas não há como saber o que ele fará, ou o que decidirá tentar. Não é seguro se aproximar de um animal selvagem acuado. E Saruman tem poderes que você nem imagina Tomem cuidado com a voz dele! Agora estavam ao pé de Orthanc. Era uma torre negra, e a rocha brilhava como se estivesse molhada. As muitas facetas da pedra tinham arestas perfeitas, como se tivessem sido recentemente cinzeladas.

Algumas estrias e pequenas lascas acumuladas junto da base eram as únicas marcas da fúria dos ents.

No lado oriental, no ângulo formado por duas facetas, havia uma grande porta, bem acima do solo; e sobre ela via-se uma janela que se abria em folhas sobre uma sacada cercada por grades de ferro. Conduzindo à soleira da porta subia um lance de vinte e sete degraus largos, que alguma arte desconhecida esculpira na mesma rocha negra.

Essa era a única entrada para a torre, mas várias janelas altas haviam sido cortadas em vãos fundos parede acima: lá no alto elas espiavam como pequenos olhos nas faces íngremes dos chifres.

Ao pé da escada, Gandalf e o rei desmontaram.

— Vou subir — disse Gandalf — Já estive em Orthanc, e conheço perigo que estou correndo.

— E eu também vou subir — disse o rei. — Estou velho, e já não temo perigo nenhum. Quero falar com o inimigo que me fez tanto mal. Éomer virá comigo, para cuidar que meus pés idosos não vacilem.

— Como quiser — disse Gandalf — Aragorn me acompanhará. Que os outros esperem ao pé da escada. Vão ouvir e ver o suficiente, se houver alguma coisa para ouvir e ver.

— Não! — disse Gimli. — Legolas e eu queremos uma vista mais próxima. Somos os únicos aqui que representamos nossos povos. Também vamos.

— Então venham! — disse Gandalf Com isso subiu os degraus, com Théoden ao seu lado.

Os Cavaleiros de Rohan ficaram inquietos em seus cavalos, dos dois lados da escada, lançando olhares sombrios para a grande torre, temendo o que poderia acontecer a seu senhor. Merry e Pippin se sentaram no último degrau, sentindo-se ao mesmo tempo desimportantes e desprotegidos.

— Meia milha de lama daqui até o portão! — murmurou Pippin Gostaria de poder me esgueirar de volta até a casa de guarda sem ser notado! Por que viemos? Não somos desejados.

Gandalf parou diante da porta de Orthanc e bateu nela com seu cajado. A porta produziu um som oco.

— Saruman, Saruman! — gritou ele, numa voz alta e imperiosa. — Saruman, apareça!

Por algum tempo não houve qualquer resposta. Finalmente a janela acima da porta foi destrancada, mas não se via ninguém através da abertura escura.

— Quem é? — perguntou uma voz. — O que deseja?

Théoden estremeceu.

— Conheço essa voz — disse ele — e amaldiçôo o dia em que dei ouvidos a ela pela primeira vez.

— Vá e traga Saruman, já que você se transformou no lacaio dele Gríma Língua de Cobra! — disse Gandalf. — E não nos faça esperar!

A janela se fechou. Eles esperaram. De repente, uma outra voz falou suave e melodiosa, seu próprio som um encantamento. As pessoas que escutavam aquela voz desavisadamente mal conseguiam depois reportar as

palavras que tinham ouvido; e quando conseguiam titubeavam, pois pouca força restava nelas. A maior parte do que conseguiam lembrar era o prazer que sentiram ao ouvir a voz falando, e que tudo o que ela dissera parecera sábio e razoável, despertando neles um desejo de, mediante um acordo rápido, parecerem sábios também. Quando outras vozes falavam, pareciam por contraste rudes e grosseiras; e se se opusessem à voz o ódio se acendia no coração dos que estavam sob o efeito do encanto. Para alguns o encanto durava apenas enquanto a voz lhes falava, e quando ela se dirigia aos outros eles sorriam, como os homens fazem quando percebem o truque de um ilusionista diante do qual os outros ficam pasmos. Para muitos, apenas a voz era o suficiente para mantê-los cativos; mas para aqueles que eram seduzidos por ela o encantamento perdurava mesmo quando estava longe, e eles continuavam escutando a voz suave sussurrando e incitando-os. Mas ninguém ficava impassível; ninguém conseguia recusar seus pedidos e seus comandos sem um esforço de mente e de vontade, enquanto seu mestre tivesse controle dela.

— Então? — disse a voz, agora com gentileza. — Por que precisam perturbar meu descanso? Não vão me deixar em paz de modo algum, dia e noite?

— O tom era de um coração gentil machucado por insultos imerecidos.

Eles ergueram os olhos, atônitos, pois não tinham ouvido ninguém se aproximar; e viram uma figura parada perto da grade, olhando para baixo: um velho, vestido num grande manto, cuja cor era difícil de definir, pois mudava se eles mexessem os olhos, ou se ele se movimentasse. O rosto era longo, com uma fronte alta; tinha olhos profundos e escuros, difíceis de penetrar, embora a expressão que agora tinham fosse grave e benevolente, além de um pouco cansada, Os cabelos e a barba eram brancos, mas mechas negras ainda se mostravam na altura dos lábios e das orelhas.

— Parecido, e ao mesmo tempo diferente — murmurou Gimli.

— Vamos lá, agora — disse a voz suave. — Pelo menos dois de vocês eu conheço de nome. A Gandalf conheço bem demais para ter muitas esperanças de que ele procure auxílio ou conselhos aqui. Mas você, Théoden, Senhor da Terra dos Cavaleiros de Rohan, declara-se através d

seu nobre brasão, e ainda mais pelo belo semblante da Casa de Eorl..ó valoroso filho de Thengel, o Triplamente Renomado! Por que não veio antes e como amigo? Desejava muito vê-lo, poderosíssimo rei das terras do oeste, especialmente nestes últimos dias, para salvá-lo dos conselhos ignorantes e maldosos que o cercam. Já será tarde demais? Apesar dos danos que me foram causados, nos quais os homens de Rohan, infelizmente, têm uma parcela de culpa, eu ainda o salvaria, e o livraria da ruína que se aproxima inevitavelmente, se você prosseguir por esta estrada que ora tomou. Na verdade, só eu posso ajudá-lo agora.

Théoden abriu a boca, como se fosse falar, mas não disse nada. Ergueu os olhos até o rosto de Saruman, que tinha seu olhar escuro e solene inclinado sobre ele, e depois para Gandalf ao seu lado; parecia hesitar; Gandalf não fez sinal algum, mas ficou quieto como uma pedra, como alguém que espera pacientemente algum chamado que ainda não chegou. Os Cavaleiros se agitaram a princípio, murmurando exclamações de aprovação às palavras de Saruman; depois eles também ficaram em silêncio, como se estivessem sob o domínio de um encantamento. Tinham a impressão de que Gandalf nunca tinha dito palavras tão belas e adequadas ao seu senhor. Todas as suas conversas com Théoden pareciam agora rudes e arrogantes. Sobre seus corações pairava uma sombra, o medo de um grande perigo: o fim da Terra dos Cavaleiros numa escuridão para a qual Gandalf os estivera conduzindo, enquanto Saruman estava ao lado de uma porta de saída, segurandoa semi-aberta de modo que um raio de luz entrava. Fez-se um silêncio pesado. Foi Gimli, o anão, quem o cortou subitamente.

— As palavras desse mago estão de cabeça para baixo — rosnou ele, agarrando o cabo do machado. — Na língua de Orthanc, ajuda significa ruína, e salvar significa matar, isto está claro. Mas não viemos aqui para implorar nada.

— Paz! — disse Saruman, e por um momento fugaz sua voz ficou menos suave, e uma luz faiscou em seus olhos para depois desaparecer. — Não estou falando com você ainda, Gimli, filho de Glóin — disse ele. — Su terra fica longe daqui, e você tem pouco a ver com os problemas desta região. Mas não foi por vontade própria que você foi envolvido neles, então

não vou culpá-lo pela parte que desempenhou — corajosa, não duvido. Mas, eu lhe peço, permita-me primeiro falar ao Rei de Rohan, meu vizinho que já foi meu amigo.

— Que tem a dizer, Rei Théoden? Vai ficar com minha paz e com toda a ajuda que meu conhecimento, fundado em longos anos, pode trazer? Faremos juntos nossos planos contra dias maléficos, e repararemos nossas ofensas com tamanha boa vontade que nossos estados poderão florescer com mais beleza do que nunca?

Théoden ainda não respondeu. Se lutava contra o ódio ou a dúvida ninguém sabia dizer.

Éomer falou.

— Senhor, escute-me! — disse ele. — Agora estamos sentindo o perigo sobre o qual fomos alertados. Será que avançamos para a vitória apenas para no fim pararmos estupefatos diante de um velho mentiroso que tem mel em sua língua bifurcada? É dessa forma que um lobo aprisionado falaria aos cães de caça, se pudesse. Que ajuda pode ele lhe oferecer, na verdade? Tudo o que ele deseja é escapar desta situação. Mas o senhor vai negociar com esse perito em traição e assassinato? Lembre-se de Théodred nos Vaus, e do túmulo de Háma no Abismo de Helm.

— Se estamos falando de línguas envenenadas, que dizer da sua, jovem serpente? — disse Saruman, e o clarão de seu ódio agora ficava visível aos olhos de todos. — Mas então, Éomer, filho de Éomund! — continuou ele com sua voz suave outra vez. — Cada homem com sua função. Seu valor está nas armas, e você goza de muita honra por meio dele. Mate aqueles que seu senhor apontar como inimigos, e fique satisfeito. Não se intrometa nas políticas que não consegue entender. Talvez, se chegar a ser rei, você descubra que um rei deve escolher seus amigos com cautela. A amizade de Saruman e o poder de Orthanc não podem ser descartados sem mais nem menos, não importa quantos ressentimentos, verdadeiros ou imaginados, possam no fundo existir. Vocês venceram uma batalha e não uma guerra — e, mesmo assim, auxiliados por uma força com a qual não poderão contar outra vez. Pode ser que vocês encontrem a Sombra da Floresta em suas próprias portas em seguida: ela é intratável, insensata e não nutre amor pelos homens.

— Mas, meu senhor de Rohan, devo ser chamado de assassino porque homens valorosos caíram em batalha? Se você vai para a guerra desnecessariamente, pois eu não a desejava, então homens serão mortos. Mas se, baseado nisso, eu sou um assassino então toda a Casa de Eorl está manchada com assassinatos; pois eles lutaram em muitas guerras e atacaram muitos que os desafiaram. Apesar disso, com alguns eles fizeram as pazes depois, pelo menos para serem políticos. Eu digo, Rei Théoden: vamos ter paz e amizade, você e eu? A decisão cabe a nós.

— Vamos ter paz — disse Théoden finalmente, com uma voz inarticulada e fazendo esforço. Vários Cavaleiros gritaram de alegria. Théoden ergueu a mão. — Sim, vamos ter paz — disse ele, agora numa voz clara —, teremos paz quando você e seus feitos tiverem perecido — e os feitos de seu senhor escuro, a quem você nos entregaria. Você é um mentiroso, Saruman; um corruptor dos corações dos homens. Estende-me sua mão, e eu percebo apenas um dedo da garra de Mordor. Cruel e fria. Mesmo que sua guerra contra mim tivesse sido justa — e não foi, pois mesmo que você fosse dez vezes mais sábio não teria o direito de comandar a mim e aos meus para seus próprios lucros como desejava —, mesmo assim, que me diz de suas tochas em Folde Ocidental e das crianças que jazem mortas lá? E eles despedaçaram o corpo de Háma diante dos portões do Forte da Trombeta, depois que ele estava morto. Quando você pender de uma forca em sua própria janela para a diversão de seus próprios corvos, eu ficarei em paz com você e Orthanc. O mesmo vale para a casa de Eorl. Sou um filho menor de grandes antepassados, mas não preciso lamber seus pés. Vire-se em outra direção. Mas receio que sua voz tenha perdido o encanto.

Os Cavaleiros ergueram os olhos para Théoden como homens acordados de um sonho. A voz de seu senhor soou-lhes nos ouvidos rude como a de um velho corvo, após a música de Saruman. Mas Saruman se descontrolou por uns momentos, tomado de ira. Debruçou-se sobre a grade da sacada como se fosse golpear o rei com seu cajado.

Alguns tiveram a impressão súbita de estarem vendo uma serpente se enrolando e preparando o bote.

— Forcas e corvos! — chiou ele, e eles estremeceram diante da súbita mudança. — Velho caduco! O que é a casa de Eorl a não ser um estábulo

com teto de palha, onde os bandidos bebem em meio ao mau cheiro, e seus fedelhos rolam pelo chão junto com os cachorros? Eles mesmos já escaparam da forca por muito tempo. Mas o laço vai se apertando, lento no início, sufocante e forte no fim. Enforque-se se quiser! — Agora sua voz mudava conforme lentamente ele ia se controlando. — Não sei por que tenho paciência de conversar com você. Pois não preciso de você, nem de seu pequeno bando de galopeiros, que avançam com a mesma velocidade com que fogem, Théoden, Senhor dos Cavalos. Há muito tempo lhe ofereci um posição acima de seu mérito e de sua sabedoria.

Acabo de oferecê-la de novo, de modo que aqueles a quem você desencaminha possam ver claramente a escolha da estrada. Você me oferece fanfarronadas e abuso. Que assim seja. Voltem para suas cabanas!

— Mas você, Gandalf. Pelo menos por você eu lamento, e me solidarizo com sua vergonha. Como é possível aguentar uma companhia dessas? Pois você é orgulhoso, Gandalf — e não sem motivo, pois tem uma mente privilegiada e olhos que enxergam longe e fundo. Mesmo agora você se recusa a escutar meus conselhos?

Gandalf estremeceu e levantou os olhos.

— O que você tem a dizer que não foi dito em nosso último encontro? — perguntou ele. — Ou talvez você tenha coisas para desdizer.

Saruman fez uma pausa.

— Desdizer? — meditou ele, como se estivesse intrigado. — Desdizer? Fiz um esforço para aconselhá-lo para seu próprio bem, mas você mal ouviu o que eu disse. É orgulhoso e não gosta de conselhos, tendo na verdade um estoque de sua boa sabedoria. Mas naquela ocasião você errou, eu acho, obstinadamente fazendo mau juízo de minhas intenções. Temo que na minha ansiedade em persuadi-lo eu tenha perdido a calma. E de fato me arrependo disso. Pois não tinha más intenções em relação a você; mesmo agora elas não existem, embora você retorne a mim em companhia dos violentos e dos ignorantes. Por que eu deveria? Então não somos ambos membros de uma ordem nobre e antiga e muito excelente da Terra-média? Nossa amizade seria benéfica a nós dois da mesma forma. Ainda poderíamos realizar muitas coisas juntos, para curar as desordens do mundo. Deixe que entendamos um ao outro, e nos livremos do pensamento de pessoas

menores! Que eles aguardem nossas decisões! Para o bem de todos, estou disposto a corrigir o que já passou e recebê-lo. Está disposto a conversar comigo? Está disposto a subir?

Tão grande foi o poder que Saruman exerceu em seu último esforço que nenhum dos ouvintes permaneceu impassível. Mas agora o encanto era inteiramente diferente.

Eles ouviram o protesto educado de um rei gentil que tinha um ministro equivocado, mas muito amado. Mas estavam trancados fora, escutando através da porta palavras que não se destinavam a eles: crianças malcriadas ou servidores estúpidos que por acaso ouvem o discurso impalpável dos mais velhos, imaginando como ele os afetaria.

Aqueles dois eram feitos de matéria mais nobre: eram veneráveis e sábios.

Era inevitável que fizessem uma aliança. Gandalf subiria até a torre para discutir questões profundas, além da compreensão dos outros, nos altos cômodos de Orthanc. A porta se fecharia, e eles seriam deixados fora dispensados para aguardarem que algum trabalho ou punição lhes fosse designado. Até mesmo na mente de Théoden o pensamento tomou forma, como uma sombra de dúvida: "Ele vai nos trair; vai subir – estaremos perdidos."

Então Gandalf soltou uma gargalhada. A fantasia se desvaneceu como uma baforada de fumaça.

— Saruman, Saruman! — disse Gandalf ainda rindo. — Saruman, você perdeu seu rumo na vida. Deveria ter sido o bobo do rei para ganhar seu pão, e chicotadas também, arremedando seus conselheiros. Ai de mim! — interrompeu-se ele, dominando a própria hilaridade. — Entendermo-nos um ao outro? Temo estar além de sua compreensão. Mas você, Saruman, eu entendo bem demais! Lembro-me mais claramente de seus argumentos e feitos do que você supõe. Quando o visitei pela última vez, você era o carcereiro de Mordor, e para lá eu deveria ser mandado. Não, o hóspede que escapou pelo telhado pensará duas vezes antes de retornar pela porta. Não, acho que não vou subir. Mas escute, Saruman, pela última vez! Não está disposto a descer? Isengard acabou se mostrando menos forte do que sua esperança e sua imaginação a fizeram. O mesmo pode acontecer a

outras coisas nas quais você ainda confia. Não seria bom deixá-la por um tempo? Recorrer a coisas novas, talvez? Pense bem, Saruman! Não est disposto a descer?

Uma sombra passou pelo rosto de Saruman, que em seguida ficou pálido como um cadáver.

Antes que ele pudesse disfarçar, todos viram atrás da máscara a angústia mental causada pela dúvida: ao mesmo tempo odiava ficar e temia deixar seu refúgio. Por um segundo ele hesitou, e ninguém respirava. Depois falou, e sua voz estava esganiçada e fria. O orgulho e o ódio o estavam conquistando.

— Se eu vou descer? — zombou ele. — É comum que um homem desarmado desça para falar com ladrões do lado de fora? Posso ouvi-lo muito bem daqui. Não sou nenhum tolo, e não confio em você, Gandalf Eles não estão à vista na minha escada, mas eu sei onde os selvagens demônios da floresta estão à espreita, sob seu comando.

— Os traiçoeiros estão sempre desconfiados — respondeu Gandalf com uma voz cansada. — Mas você não deve temer por sua pele. Não desejo matá-lo, ou machucá-lo, como bem sabe, se realmente me entende. E tenho o poder de protegê-lo. Estou lhe dando uma última oportunidade. Pode deixar Orthanc, livre — se quiser.

— Isso soa bem — retrucou Saruman. — Bem à maneira de Gandalf o Cinzento: tão condescendente, tão gentil. Não duvido que você acharia Orthanc confortável, e minha partida conveniente. Mas por que eu desejaria partir? E o que está querendo dizer com "livre"? Existem condições, eu presumo.

— Razões para partir você pode ver de suas janelas — respondeu Gandalf. — Outras ocorrerão à sua mente. Seus servidores estão destruídos e dispersos, seus vizinhos foram por você transformados em seus inimigos; e você enganou seu novo mestre, ou pelo menos tentou. Quando o olho dele se virar para cá, será o olho vermelho da ira. Mas, quando eu digo "livre", quero dizer "livre": livre de prisão, ou corrente ou comando: para ir para onde quiser, até, até para Mordor, Saruman, se você desejar. Mas primeiro deverá me entregar a Chave de Orthanc e seu cajado. Serão garantias de sua conduta, para serem devolvidos mais tarde, se os merecer.

O rosto de Saruman ficou lívido, contorcido pela raiva, e uma luz vermelha se acendeu em seus olhos. Ele riu alucinado.

— Mais tarde! — gritou ele, e sua voz se ergueu num grito. — Mais tarde! Sim, quando você também tiver as próprias Chaves de Barad-dûr, suponho eu; e as corôas de sete reis, e os cajados dos Cinco Magos, e tiver comprado para si um par de botas muito maiores do que estas que você está usando agora. Um plano modesto. Um plano em que meu auxílio quase não será necessário! Tenho outras coisas para fazer. Não seja tolo! Se quiser fazer um acordo comigo, enquanto tem a oportunidade, vá embora, e volte quando estiver sóbrio! E deixe em paz esses assassinos e essa pequena gentalha que se pendura em sua cauda! Passe um bom dia! — Virou-se e deixou a sacada.

— Volte, Saruman! — disse Gandalf numa voz imperiosa. Para surpresa dos outros, Saruman se virou outra vez, e como se estivesse sendo arrastado contra a própria vontade voltou lentamente até a grade de ferro, debruçando-se sobre ela, respirando com dificuldade. Seu rosto estava contorcido e enrugado. A mão segurava o pesado cajado negro como uma garra.

— Não lhe dei permissão para sair — disse Gandalf numa voz firme. Ainda não terminei. Você se transformou num tolo, Saruman, e apesar disso causa pena. Poderia ainda ter desviado da loucura e do mal, e ter sido útil. Mas você escolhe ficar e ruminar as pontas de suas antigas tramas. Então fique! Mas eu o aviso, você não vai sair com facilidade outra vez. Não, a menos que as mãos escuras do leste se estendam para apanhá-lo, Saruman! — gritou ele, e sua voz cresceu em poder e autoridade.

— Olhe! Não sou Gandalf, o Cinzento, que você traiu . Sou Gandalf o Branco, que retornou da morte. Agora você não tem cor alguma e eu o expulso da ordem e do Conselho.

Ergueu a mão e falou lentamente, numa voz límpida e fria.

— Saruman, seu cajado está quebrado. — Houve um estalido, o cajado se partiu em pedaços, e sua parte superior caiu aos pés de Gandalf — Vá! — disse Gandalf com um grito. Saruman caiu para trás e foi embora se arrastando. Nesse momento, um objeto pesado e brilhante foi arremessado lá de cima. Bateu contra a grade de ferro, no instante em que Saruman se

afastou dela e, passando perto da cabeça de Gandalf, chocou-se contra a escada sob seus pés. A grade tiniu e se rompeu. A escada se trincou lançando estilhaços em faíscas brilhantes. Mas a bola não sofreu nenhum dano: rolou escada abaixo, um globo de cristal, escuro, mas reluzindo com um coração de fogo. No momento em que foi rolando em direção a uma poça, Pippin correu atrás dele e o apanhou.

— Tratante assassino! — exclamou Éomer. Mas Gandalf ficou impassível. — Não, isso não foi jogado por Saruman — disse ele —, nem mesmo por sua ordem, eu acho. Veio de uma janela bem mais acima. Um tiro de despedida do Mestre Língua de Cobra, imagino eu, mas a pontaria dele é ruim.

— A pontaria foi ruim, talvez porque ele não conseguia se decidir sobre qual dos dois ele odiava mais, Saruman ou você — disse Aragorn.

— Pode ser — disse Gandalf — Aqueles dois têm pouco consolo na companhia um do outro: vão se estraçalhar com palavras. Mas a punição é justa. Se Língua de Cobra algum dia conseguir sair de Orthanc vivo, isso já será mais do que ele merece.

— Aqui, meu rapaz, vou ficar com isso. Não pedi que você o pegasse — gritou ele, voltando-se de repente e vendo Pippin subindo os degraus, devagar, como se estivesse carregando um grande peso. Gandalf desceu para encontrá-lo e mais do que depressa tomou o globo escuro das mãos do hobbit, embrulhando-o nas dobras de sua capa.

— Vou cuidar disto — disse ele. — Não é algo, acredito eu, que Saruman escolheria para jogar fora.

— Mas ele pode ter outras coisas para jogar — disse Gimli. — Se este é o fim do debate, vamos pelo menos sair do alcance de qualquer coisa que possa ser lançada de lá de cima!

— É o fim — disse Gandalf — Vamos.

Viraram as costas para as portas de Orthanc, e desceram. Os cavaleiros aclamaram o rei com alegria, e felicitaram Gandalf. O encanto de Saruman estava quebrado: tinham-no visto aparecer ao ser chamado, e ir embora se arrastando, dispensado.

— Bem, já está feito — disse Gandalf. — Agora preciso encontrar Barbárvore e lhe contar como foram as coisas.

— Certamente ele já adivinhou — disse Merry. — Havia algum probabilidade de isso terminar de alguma outra maneira?

— Probabilidade não havia — respondeu Gandalf —, embora a situação tenha estado por um fio. Mas eu tinha razões para tentar; algumas clementes, outras nem tanto. Primeiro, Saruman viu que o poder de sua voz estava diminuindo. Ele não pode ao mesmo tempo ser um tirano e um conselheiro. Quando o plano está maduro, deixa de ser segredo. Mas ele caiu na armadilha, e tentou lidar com suas vítimas uma a uma, enquanto as outras escutavam. Então dei a ele uma última escolha, uma escolha justa: renunciar tanto a Mordor quanto a seus planos particulares, e consertar a situação ajudando-nos em nossas necessidades. Ele sabe quais são elas, ninguém sabe melhor. Poderia ter prestado grandes serviços. Mas ele escolheu recusá-los e manter o poder de Orthanc. Ele não está disposto a servir, apenas a comandar. Agora vive aterrorizado pela sombra de Mordor e apesar disso ainda sonha em controlar a tempestade. Tolo infeliz! Será devorado, se o poder do leste estender seus braços até Isengard. Não podemos destruir Orthanc de fora, mas Sauron — quem sabe o que ele pode fazer?

— E se Sauron não vencer? O que você fará com ele? — perguntou Pippin.

— Eu: Nada! — disse Gandalf — Não lhe farei nada. Não quer dominar as coisas. O que acontecerá com ele? Não sei dizer. Lamento que tanta coisa que foi boa agora apodreça na torre. Mesmo assim, as coisas não saíram mal para nós. Estranhos são os caminhos da sorte! Com grande frequência o ódio fere a si mesmo! Suponho que, mesmo que tivéssemos entrado, teríamos encontrado poucos tesouros em Orthanc mais preciosos que a coisa que Língua de Cobra atirou contra nós.

Um grito agudo, subitamente interrompido, veio de uma janela aberta lá em cima.

— Parece que Saruman pensa da mesma forma — disse Gandalf. Vamos deixá-los!

Voltaram-se então para as ruínas dos portões. Mal tinham passado sob o arco quando, das sombras das pedras empilhadas onde tinham ficado, Barbárvore e outros doze ents vieram subindo a largas passadas. Aragorn

Gimli e Legolas olharam surpresos para eles.

— Aqui estão três de meus companheiros, Barbárvore — disse Gandalf. Já lhe falei deles, mas você não os tinha visto. — Disse o nome deles um a um.

O velho ent olhou para eles longa e curiosamente, e falou com cada um individualmente. Por fim voltou-se para Legolas.

— Então você veio de lá da Floresta das Trevas até aqui, meu bom elfo? Antigamente costumava ser uma grande floresta!

— E ainda é — disse Legolas. — Mas não tão grande que possa fazer com que nós, que vivemos nela, fiquemos cansados de ver novas árvores. Eu realmente adoraria viajar pela Floresta de Fangorn. Mal atravessei as bordas dela, e não senti desejo algum de lhe dar as costas.

Os olhos de Barbárvore brilharam de satisfação.

— Espero que consiga realizar seu desejo, antes que as colinas envelheçam muito — disse ele.

— Irei até lá, se tiver a sorte — disse Legolas. — Combinei com meu amigo que, se tudo correr bem, vamos primeiro visitar Fangorn juntos — se tivermos a sua permissão.

— Qualquer elfo que vier com você será bem-vindo — disse Barbárvore.

— O amigo de que falo não é um elfo — disse Legolas. — Refiro-me a Gimli, o filho de Glóin, aqui ao meu lado. — Gimli fez uma grande reverência, e o machado escorregou de seu cinto e bateu contra o chão.

— Hum, hun! Espere um pouco — disse Barbárvore, lançando ao anão um olhar sombrio. — Um anão é portador de um machado! Hum Tenho boa vontade com os elfos, mas você está pedindo muito. Essa é uma estranha amizade!

— Pode parecer estranha — disse Legolas —, mas enquanto Gimli viver não entrarei em Fangorn sozinho. O machado dele não é para as árvores, mas para pescoços de orcs, ó Fangorn, Mestre da Floresta de Fangorn. Ele matou quarenta e dois na batalha.

— Hum, espere um pouco! — disse Barbárvore. — Essa história está melhor! Bem, bem, as coisas transcorrerão como devem; e não há necessidade de nos apressarmos ao encontro delas. Mas agora precisamos

nos separar por um tempo. O dia está chegando ao fim, e apesar disso Gandalf diz que vocês devem partir antes do cair da noite, e que o Senhor da Terra dos Cavaleiros está ansioso para voltar para casa.

— Sim, precisamos ir, e ir agora — disse Gandalf — Receio que deve lhe tomar as sentinelas do portão. Mas você pode passar bem sem elas.

— Talvez eu possa — disse Barbárvore. — Mas vou sentir falta deles Ficamos amigos em tão pouco tempo que até acho que devo estar ficando apressado — voltando à juventude, talvez. Mas, também, eles são a primeira coisa nova que vi sob sol ou lua em muitos longos, longos dias. Não os esquecerei. Coloquei os nomes deles na Longa Lista. Os ents vão se lembrar.

Ents da terra, da idade dos montes,
bebedores de água, grandes andantes;
famintos quais lobos, os hobbits crianças,
essa gente-que-ri, o povo menor.

— Permanecerão nossos amigos enquanto as folhas se renovarem. Passem bem! Mas se tiverem notícias em sua bela terra, no Condado mandem-me uma mensagem! Sabem o que quero dizer: palavra ou sinal das entesposas. Venham vocês mesmos, se puderem!

— Viremos! — disseram Merry e Pippin juntos, e viraram-se apressadamente.

Barbárvore olhou para eles e ficou em silêncio por um tempo, balançando a cabeça pensativamente.

Depois voltou-se para Gandalf.

— Então Saruman não quis sair? — disse ele. — Não achava que iria O coração dele está apodrecido como o de um huorn negro. Mesmo assim, se eu tivesse sido vencido, e todas as minhas árvores estivessem destruídas, eu não viria enquanto tivesse um buraco escuro para me esconder.

— É — disse Gandalf. — Mas você não planejou cobrir todo o mundo com suas árvores e sufocar todos os outros seres vivos. Mas é isso, Saruman fica para nutrir seu ódio e tecer outra vez as teias que sabe tecer. Ele tem a Chave de Orthanc. Mas não se deve permitir que ele escape.

— Certamente não! Os ents vão cuidar disso — disse Barbárvore. — Saruman não colocará um pé além da rocha sem minha permissão. Os ents

vão vigiá-lo.

— Muito bom! — disse Gandalf — Era isso que eu esperava. Agor posso ir e me dedicar a outros assuntos com uma preocupação a menos. Mas vocês devem ser cautelosos. As águas baixaram. Receio que não sera suficiente colocar sentinelas em toda a volta da torre. Não duvido que houvesse caminhos profundos cavados embaixo de Orthanc, e que Saruman tenha a esperança de entrar e sair sem ser visto, em breve. Se vocês estão dispostos a desempenhar a tarefa, peço-lhes que derramem as águas de novo; e que façam isso até que Isengard se transforme num lago perene, ou até que vocês descubram as saídas. Enquanto todas as passagens subterrâneas estiverem alagadas e as saídas bloqueadas, Saruman deverá ficar lá em cima e olhar pelas janelas.

— Deixe isso por conta dos ents! — disse Barbárvore. — Vamos vasculhar o vale de cima a baixo e espiar embaixo de cada cascalho. As árvores estão voltando para viver aqui, árvores velhas, selvagens. Daremos a elas o nome de Floresta Vigia. Nenhum esquilo circulará por aqui sem que eu fique sabendo. Deixe isso por conta dos ents! Até que passem sete vezes os anos durante os quais ele nos atormentou, os ents não se cansarão de vigiá-lo.

CAPÍTULO XI: O "PALANTÍR"

O sol afundava atrás do longo braço ocidental das montanhas quando Gandalf com seus companheiros, e o rei com seus Cavaleiros, partiram de Isengard. Gandalf levou Merry na garupa do cavalo, e Aragorn levou Pippin. Dois dos homens do rei foram na frente, cavalgando rápido, e logo sumiram de vista dentro do vale. Os outros foram seguindo num passo tranquilo.

Os ents, numa fila solene, ficaram como estátuas junto ao portão, com os longos braços erguidos, mas sem fazer qualquer ruído. Merry e Pippin olharam para trás, quando já tinham descido um bom trecho da estrada sinuosa. O sol ainda brilhava no céu, mas sombras compridas alcançavam Isengard: ruínas cinzentas caindo na escuridão.

Agora Barbárvore estava sozinho ali, como o tronco distante de uma velha árvore: os hobbits pensaram em seu primeiro encontro com ele, sobre o patamar ensolarado lá longe, nas fronteiras de Fangorn.

Chegaram ao pilar da Mão Branca. Ainda estava de pé, mas a mão esculpida tinha sido derrubada e desfeita em pedaços. Bem no meio da estrada jazia o longo dedo indicador, branco no crepúsculo, sua unha vermelha enegrecendo.

— Os ents prestam atenção a todos os detalhes! — disse Gandalf.

Continuaram cavalgando, e o anoitecer se aprofundou no vale.

— Vamos cavalgar muito esta noite, Gandalf? — perguntou Merry depois de um tempo. — Não sei como você se sente com essa gentalha pendurada atrás de você, mas a gentalha está cansada e ficaria feliz em parar de se pendurar e se deitar.

— Então você ouviu aquilo? — disse Gandalf — Não se ressinta Fique agradecido por não ter tido palavras mais longas endereçadas a você. Ele estava com os olhos em você. Se for algum consolo para seu orgulho, eu diria que, no momento, você e Pippin estão mais nos pensamentos dele do que todos nós. Quem são, como chegaram até lá e por quê; o que sabem, se vocês foram capturados e, em caso positivo, como escaparam enquanto todos os orcs pereceram — é com esses pequenos enigmas que a grande mente de Saruman está preocupada. Uma zombaria vinda de Saruman

Meriadoc, é um elogio, se você se sente honrado com a preocupação dele.

— Obrigado! — disse Merry. — Mas é uma honra maior pendurar-me em sua cauda, Gandalf. Pelo menos por uma coisa: nessa posição se tem a oportunidade de fazer uma pergunta pela segunda vez. Vamos cavalgar muito esta noite?

Gandalf riu.

— Um hobbit insaciável! Todos os magos deveriam ter um ou dois hobbits aos seus cuidados — para ensinar-lhes o significado dessa palavra e para corrigi-los. Peço desculpas. Mas já pensei até nessas questões menores. Vamos cavalgar por algumas horas, com calma, até chegarmos ao fim do vale. Amanhã deveremos cavalgar mais rápido.

— Quando viemos, nossa ideia era voltar direto de Isengard para a casa do rei em Edoras através das colinas, uma cavalgada de alguns dias. Mas pensamos melhor e mudamos o plano. Mensageiros já foram na frente para o Vale do Abismo, para avisar que o rei está retornando amanhã. De lá ele partirá com muitos homens para o Templo da Colina, por trilhas que cortam as montanhas. De agora em diante não mais que dois ou três deverão ir abertamente pelos campos, de dia ou de noite, e só quando necessário.

— Com você é tudo ou nada! — disse Merry. — Receio que eu não estivesse pensando em nada além da cama de hoje à noite. Onde ficam e o que são o Abismo de Helm e todo o resto? Não sei nada sobre esta região.

— Então é melhor que aprenda alguma coisa, se desejar entender o que está acontecendo. Mas não agora, e não por meu intermédio: tenho muitas coisas urgentes em que pensar.

— Tudo bem, vou tentar com Passolargo ao lado da fogueira do acampamento: ele é menos impaciente. Mas por que todo esse segredo? Pensei que tivéssemos vencido a batalha!

— Sim, vencemos, mas foi apenas a primeira vitória, e isso em si aumenta nosso perigo. Havia algum vínculo entre Isengard e Mordor que eu ainda não descobri. Como trocavam notícias não sei ao certo; mas eles trocavam. O Olho de Barad-dûr estará olhando impacientemente na direção do Vale do Mago, eu acho; e na direção de Rohan. Quanto menos vir, melhor será.

A estrada seguia lentamente, descendo o vale com muitas curvas.

Algumas vezes mais distante, outras mais próximo, corria o Isen em seu leito de pedras. A noite desceu das montanhas. Toda a névoa tinha-se dissipado Um vento gelado soprava.

A lua, agora quase cheia, enchia o céu do leste com um reflexo pálido e frio. As saliências das montanhas à direita deles desciam até colinas nuas. A vasta planície se abria cinzenta diante deles.

Finalmente pararam. Depois mudaram de direção, abandonando a estrada e passando outra vez à macia turfa da região montanhosa. Indo uma ou duas milhas para o oeste, atingiram um valezinho. Abria-se em direção ao sul, apoiando-se na encosta do redondo Dol Baran, o último dos montes da cordilheira do norte, que tinha os pés verdes e o topo coberto por urzes. As encostas do vale estavam emaranhadas com a samambaia do ano anterior, no meio da qual os brotos encaracolados da primavera começavam a sair por sobre a terra de cheiro suave. Espinheiros cresciam espessos sobre os barrancos baixos, e sob eles o grupo montou acampamento, cerca de duas horas antes da meia-noite.

Acenderam uma fogueira numa concavidade, em meio às raízes de um espinheiro que se alastrava, alto como uma árvore, retorcido pelos anos, mas robusto em todos os seus galhos.

Brotos cresciam nas extremidades de cada ramo.

Foram designados vigias, dois para cada turno. Os outros, depois que tinham comido, embrulharam-se em capa e cobertor e dormiram. Os hobbits se deitaram num canto sozinhos, sobre um monte de samambaia velha. Merry estava com sono, mas Pippin agora parecia curiosamente inquieto. A samambaia estalava e farfalhava conforme ele se virava de um lado para o outro.

— Qual é o problema? — perguntou Merry. — Está deitado num formigueiro?

— Não — disse Pippin —, mas não me sinto confortável. Fico pensando quanto tempo faz que não durmo numa cama.

Merry bocejou.

— Descubra contando nos dedos! — disse ele. — Mas você deve saber quanto tempo faz que partimos de Lórien.

— Ah, aquilo... — disse Pippin. — Estou dizendo uma cama de

verdade, num quarto.

— Bem, então Valfenda — disse Merry. — Mas esta noite eu poderi dormir em qualquer lugar.

— Você teve sorte, Merry — disse Pippin baixinho, depois de um longa pausa. — Você estava na garupa de Gandalf.

— É, e daí?

— Conseguiu alguma notícia, alguma informação dele?

— Sim, bastante. Mais que o usual. Mas você escutou tudo ou a maior parte; estava perto e nós não estávamos falando nenhum segredo. Mas pode ir com ele amanhã, se acha que vai conseguir arrancar mais coisas dele — e se ele o aceitar.

— Posso? Muito bom! Mas ele está fechado, não está? Não mudou nada.

— Ah, mudou sim! — disse Merry, despertando um pouco de seu sono, e começando a imaginar o que estaria incomodando seu companheiro. Ele cresceu, ou algo assim. Pode ser ao mesmo tempo mais gentil e mais aterrador, mais alegre e mais solene do que antes, eu acho. Ele mudou, mas ainda não tivemos a oportunidade de ver o quanto. Mas pense na última parte daquela conversa com Saruman! Lembre-se de que Saruman já foi um superior de Gandalf. Presidente do Conselho, não importa o que isso seja exatamente. Ele era Saruman, o Branco. Gandalf é o Branco agora. Saruman voltou quando recebeu ordens, e seu cajado foi tomado; depois Gandalf lhe disse para ir, e ele simplesmente foi!

— Bem, se Gandalf mudou, então está mais reservado do que nunca e isso é tudo — argumentou Pippin. — Aquela... bola de vidro, também. Ele pareceu muito satisfeito com ela. Sabe ou supõe algo sobre ela. Mas ele nos conta o que é? Não, nem uma palavra. Mas fui eu quem a apanhou e a impediu de rolar para dentro de uma poça. Aqui, vou ficar com isso, meu rapaz — e isso é tudo o que ele disse. Fico pensando no que seria aquilo. Era tão pesada. — A voz de Pippin ficou muito baixa, como se ele estivesse conversando consigo mesmo.

— Ei! — disse Merry. — Então é isso que o está incomodando? Agora Pippin, meu rapaz, não se esqueça do conselho de Gildor — aquele que Sam costumava repetir: Não se intrometa nas coisas dos Magos, pois eles são sutis

e se enfurecem com facilidade.

— Mas toda a nossa vida por meses tem sido uma longa intromissão nas coisas dos Magos — disse Pippin. — Eu gostaria de um pouco de informação, além do perigo. Gostaria de dar uma olhada naquela bola.

— Durma! — disse Merry. — Vai conseguir informação suficiente mais cedo ou mais tarde. Meu caro Pippin, nenhum Túk jamais conseguiu superar um Brandebuque em questões de curiosidade. Mas eu lhe pergunto,isso são horas?

— Está certo! Qual é o problema em eu dizer que gostaria de dar um a olhada naquela pedra? Sei que não posso tê-la, com o velho Gandalf sentado em cima dela, como uma galinha chocando um ovo. Mas não ajuda muito não ouvir de você nada além de um você-não-pode-tê-la-então-durma!

— Bem, que mais eu poderia dizer? — perguntou Merry. — Sinto muito Pippin, mas você realmente vai ter de esperar até amanhã. Ficarei tão curioso quanto você desejar depois do desjejum, e vou ajudar de todas as maneiras que puder no engabela-mago. Mas não consigo mais ficar acordado. Se bocejar um pouco mais, meu rosto vai rachar de orelha a orelha. Boa noite!

Pippin não disse mais nada. Agora estava quieto, mas o sono continuava distante, e não o encorajava o som da respiração suave de Merry, que adormecera alguns minutos depois de ter dito boa noite. O pensamento do globo negro parecia ficar mais forte enquanto tudo ao redor foi ficando em silêncio. Pippin sentia de novo o peso dele em suas mãos, e via outra vez as misteriosas profundezas negras dentro das quais ele tinha olhado por um momento. Agita do, virou-se para o outro lado, tentando pensar em alguma outra coisa.

Finalmente não pôde aguentar mais, Levantou-se e olhou ao redor Estava frio, e ele se embrulhou em sua capa. A lua brilhava branca e fria no fundo do vale, e as sombras dos arbustos eram negras. Por toda a volta se deitavam figuras adormecidas, Os dois guardas não estavam à vista: estavam em cima da colina, talvez, ou escondidos pela samambaia. Movido por algum impulso que não compreendia, Pippin caminhou suavemente até onde Gandalf estava deitado.

Olhou para ele. O mago parecia estar dormindo, mas as pálpebras não

estavam completamente fechadas: havia um brilho de olhos sob os longos cílios, Pippin recuou depressa. Mas Gandalf não fez qualquer sinal; atraído para a frente mais uma vez, meio contra sua vontade, o hobbit se arrastou de novo por trás da cabeça do mago. Ele estava enrolado num cobertor, com a capa estendida por cima; bem perto dele, entre seu flanco direito e seu braço dobrado, havia uma elevação, algo redondo embrulhado num pano escuro; parecia que a mão de Gandalf tinha escorregado dela e caído ao chão.

Mal conseguindo respirar, Pippin chegou mais perto, passo a passo.

Finalmente se ajoelhou. Então estendeu as mãos sorrateiramente, e levantou o embrulho devagar: não parecia tão pesado quanto ele esperara. "Apenas algum pacote de ninharias, talvez, afinal de contas", pensou ele, com uma estranha sensação de alívio, mas não colocou o pacote de volta no lugar. Parou um instante segurando-o nas mãos. Então ocorreu-lhe uma ideia. Afastou-se na ponta dos pés, apanhou uma pedra grande e voltou..

Rapidamente agora retirou o pano, embrulhou a pedra nele e, ajoelhando-se, colocou-o de volta perto da mão do mago. Então finalmente olhou para a coisa que tinha descoberto. Ali estava ela: um globo liso de cristal, agora escuro e sem brilho, jazendo a descoberto diante de seus joelhos. Pippin o ergueu, cobriu-o depressa com a própria capa, e deu meia volta para retornar à sua cama. Nesse momento, Gandalf se mexeu dormindo, e murmurou algumas palavras: pareciam ser de uma língua estranha; sua mão tateou e agarrou a pedra embrulhada; então o mago suspirou e não se mexeu mais.

— Seu tolo imbecil — murmurou Pippin para si mesmo. — Vai se meter numa encrenca terrível, Ponha isso de volta, rápido! — Mas agora ele percebia que seus joelhos tremiam, e não ousou se aproximar do mago o suficiente para alcançar o embrulho.

"Nunca vou conseguir colocá-lo de volta agora sem acordar Gandalf", pensou ele, "não até que eu esteja um pouco mais calmo. Então posso muito bem dar uma olhada primeiro. Mas não aqui!" Afastou-se sorrateiramente e sentou-se sobre um montículo verde não muito distante de sua cama. A lua espiava por sobre a borda do valezinho.

Pippin estava sentado com os joelhos dobrados e a bola entre eles.

Abaixou-se muito sobre ela, como uma criança faminta sobre um prato de comida, num canto longe dos outros. Colocou de lado a capa e olhou para ela. O ar parecia parado e tenso ao seu redor. Primeiro o globo estava escuro, completamente negro, com o luar reluzindo sobre a superfície. Então apareceu um brilho fraco pulsando no centro dele, que prendia seus olhos, de modo que agora Pippin não conseguia desviar o olhar. Logo todo o interior parecia estar em chamas; a bola estava girando, ou as luzes lá dentro estavam virando.

De repente se apagaram.

Pippin soltou um suspiro e fez um esforço, mas permaneceu curvado, e depois ficou rígido; seus lábios se moveram sem fazer ruído por uns instantes. Então, com um grito estrangulado, caiu para trás e ficou imóvel no chão.

O grito foi agudo. Os guardas saltaram dos barrancos. Todo o acampamento logo ficou em polvorosa.

— Então, este é o ladrão — disse Gandalf. Jogou depressa sua capa sobre o globo. — Mas você, Pippin! Este é um acontecimento lamentável! — Ajoelhou-se ao lado do corpo de Pippin: o hobbit estava deitado de costas rígido, com olhos cegos na direção do céu.

— O feitiço! Que mal terá esse hobbit causado a si mesmo, e a todos nós? — O rosto do mago estava contraído e lívido.

Pegou a mão de Pippin e curvou-se sobre seu rosto, tentando escutar-lhe a respiração; depois colocou a mão sobre a fronte. O hobbit estremeceu.

Seus olhos se fecharam.

Soltou um grito e sentou-se, olhando espantado para todos os rostos à sua volta, pálidos ao luar.

— Isso não é para você, Saruman! — gritou ele numa voz aguda e fraca, afastando-se de Gandalf. — Vou mandar buscá-lo imediatamente. Está entendendo? Diga apenas isso! — Então Pippin esforçou-se para se levantar e escapar, mas Gandalf o segurou com delicadeza e firmeza.

— Peregrin Túk! — disse ele. — Volte!

O hobbit relaxou o corpo e caiu para trás, segurando na mão do mago.

— Gandalf! — exclamou ele. — Gandalf! Perdôe-me!

— Perdoá-lo? — disse o mago. — Diga-me primeiro o que fez!

— Eu, eu peguei a bola e olhei para ela — gaguejou Pippin —, e v coisas que me fizeram sentir medo. E queria me afastar, mas não consegui. Então ele veio e me interrogou; e olhou para mim, e, e isso é tudo.

— Isso não serve — disse Gandalf asperamente. — O que você viu, e o que você disse?

Pippin fechou os olhos e estremeceu, mas não disse nada. Todos o olhavam em silêncio, com a exceção de Merry, que se virou para o outro lado. Mas o rosto de Gandalf ainda estava inflexível.

— Fale! — disse ele.

Numa voz baixa e hesitante, Pippin começou outra vez, e lentamente suas palavras foram ficando mais claras e fortes.

— Vi um céu escuro, e altas ameias — disse ele. — E pequenas estrelas. Tudo parecia muito longínquo e muito distante no tempo, mas, apesar disso, nítido e frio. Então as estrelas desapareceram e reapareceram — estavam sendo bloqueadas por seres com asas. Muito grandes, eu acho, realmente; mas no cristal pareciam morcegos rodeando a torre. Tive a impressão de que havia nove deles. Um começou a voar na minha direção, ficando cada vez maior. Tinha um horrível — não, não! Não posso dizer.

— Tentei fugir, porque achei que ele ia voar para fora; mas quando ele tinha coberto todo o globo desapareceu. Então ele veio. Não falou de modo que eu pudesse ouvir palavras. Apenas olhou, e eu entendi.

— "Então você voltou? Por que deixou de dar notícias por tanto tempo?"

— Não respondi. Ele disse: "Quem é você? Eu ainda não respond mas isso me machucava terrivelmente; e ele me pressionou, então eu disse: "Um hobbit."

— Então de repente ele pareceu me enxergar, e riu de mim. Foi cruel. Foi como ser cortado a facadas. Eu lutei. Mas ele disse: "Espere um momento! Logo vamos nos encontrar de novo. Diga a Saruman que esse regalo não é para ele. Vou mandar buscá-lo imediatamente. Está entendendo? Diga apenas isso!"

— Então ele olhou para mim todo satisfeito. Senti que estava sendo despedaçado. Não, não! Não posso falar mais nada. Não me lembro de mai

nada.

— Olhe para mim! — disse Gandalf

Pippin olhou direto nos olhos dele. O mago prendeu o olhar do hobbit por um momento em silêncio. Então seu rosto ficou mais suave, e a sombra de um sorriso apareceu.

Colocou a mão de leve sobre a cabeça de Pippin.

— Tudo bem! — disse ele. — Não diga mais nada! Você não se tornou mau. Não há mentira em seus olhos, como eu receava. Mas ele não falou com você por muito tempo. Um tolo, mas um tolo honesto, você continua sendo, Peregrin Túk. Pessoas mais sábias poderiam ter-se saído pior numa situação dessas. Mas veja bem! Você foi salvo, e todos os seus amigos também, principalmente pela boa sorte, como se diz. Não pode contar com ela uma segunda vez. Se ele o tivesse interrogado, ali e naquela hora, é quase certeza que você lhe teria contado tudo o que sabe, para a ruína de todos nós. Mas ele foi ávido demais. Não queria apenas informação. Queria você rápido, de modo que pudesse negociar com você na Torre Escura, sem pressa. Não trema! Se você se intromete nos assuntos dos Magos, deve estar preparado para coisas desse tipo. Mas vamos lá! Eu o perdôo. Console-se! As coisas não acabaram tão mal quanto poderiam.

Levantou Pippin com delicadeza e o conduziu de volta para a sua cama.

Merry foi atrás, e sentou-se ao lado do companheiro.

— Deite-se aí e descanse, se puder, Pippin! — disse Gandalf — Confie em mim. Se sentir de novo um prurido nas mãos, diga-me! Essas coisas têm cura. Mas de qualquer forma, meu caro hobbit, não coloque um embrulho de pedra sob meu cotovelo outra vez! Agora vou deixá-los por uns momentos.

Com isso Gandalf voltou para a companhia dos outros, que ainda estavam parados diante da pedra de Orthanc, pensativos e preocupados.

— O perigo chega na noite quando menos esperamos — disse ele. — Escapamos por pouco!

— Como está o hobbit Pippin? — perguntou Aragorn.

— Acho que tudo ficará bem agora — respondeu Gandalf — Ele não ficou preso por muito tempo, e os hobbits têm um poder de recuperação

surpreendente. A memória, ou o horror que a acompanha, provavelmente vão desaparecer depressa. Depressa demais, talvez. Você poderia, Aragorn pegar a pedra de Orthanc e guardá-la? É uma tarefa perigosa.

— Realmente perigosa, mas não para todos — disse Aragorn. — H. uma pessoa que poderá reivindicá-la por direito. Pois este é certamente c palantír de Orthanc, do tesouro de Elendil, colocado aqui pelos Reis d Gondor. Agora minha hora se aproxima. Vou ficar com ele!

Gandalf olhou para Aragorn e então, para a surpresa dos outro ergueu a Pedra coberta, fez uma reverência e a entregou.

— Receba-o, senhor! — disse ele —, como garantia de outras coisas que serão devolvidas. Mas se posso aconselhá-lo para seu próprio bem, não c use... ainda! Tenha cuidado!

— Quando é que fui apressado ou descuidado, eu que esperei e me preparei por tantos longos anos? — disse Aragorn.

— Nunca ainda. Então não tropece no final da estrada — respondeu Gandalf. — Mas pelo menos guarde esse objeto em segredo. Você, e todos o outros aqui presentes! O hobbit, Peregrin, mais que todos, não deve sabe onde foi guardado. O acesso maligno pode acometê-lo outra vez. Pois infelizmente, ele o segurou e olhou, o que nunca deveria ter acontecido. Ele nunca deveria ter tocado na pedra em Isengard, e naquela ocasião eu deveria ter sido mais rápido. Mas minha mente estava ocupada com Saruman, e eu não percebi imediatamente a natureza da Pedra. Depois eu fiquei cansado, e enquanto estava ponderando sobre tudo o sono me dominou. Agora eu sei!

— Sim, não resta dúvida — disse Aragorn. — Finalmente ficamo sabendo qual era o elo entre Isengard e Mordor, e como funcionava. Muit coisa está explicada.

— Estranhos poderes têm nossos inimigos, e estranhas fraquezas! Disse Théoden. — Mas há muito tempo se diz: com frequência o mal com mal se apaga.

— Isso acontece muitas vezes — disse Gandalf. — Mas desta ve fomos estranhamente favorecidos pela sorte. Talvez. Esse hobbit me salvou de cometer um erro grave.

Tinha pensado se deveria ou não investigar eu mesmo essa Pedra

para descobrir suas utilidades. Se tivesse feito isso, eu mesmo me teria revelado a ele. Ainda não estou pronto para uma prova dessas, se é que realmente algum dia estarei.

Mas mesmo que encontrasse a força para me esquivar seria desastroso que ele me visse, agora — antes da hora em que todo o segredo já não trará mais vantagem alguma.

— Acho que essa hora já chegou — disse Aragorn.

— Ainda não — disse Gandalf. — Ainda resta um pouco de dúvida da qual devemos tirar proveito. O Inimigo, está claro, pensou que a Pedra estivesse em Orthanc – e por que não deveria? Por esse motivo, pensou também que o hobbit fosse um prisioneiro lá, levado por Saruman a olhar no cristal e a se atormentar.

Aquela mente escura ficará repleta agora da voz e do rosto do hobbit, e de expectativas: vai demorar um pouco até que ele descubra o erro que cometeu. Temos de agarrar essa oportunidade proporcionada pelo tempo. Temos estado muito tranquilos.

Precisamos nos mexer. A vizinhança de Isengard não é um bom lugar para permanecermos agora. Vou imediatamente na frente com Peregrin Túk. Isso será melhor para ele do que ficar deitado no escuro enquanto os outros dormem.

— Vou ficar com Éomer e dez Cavaleiros — disse o rei. — Deverão cavalgar comigo no início da manhã. O resto pode ir com Aragorn e partir assim que estiverem dispostos.

— Como quiser — disse Gandalf — Mas vá na maior velocidade possível, para o abrigo das colinas e do Abismo de Helm.

Nesse momento, uma sombra caiu sobre eles. O luar claro pareceu de repente bloqueado. Vários Cavaleiros gritaram e se agacharam, com as mãos na cabeça, como se tentassem proteger-se de um golpe que viesse de cima: foram dominados por um medo cego e um frio mortal.

Encolhendo-se, ergueram os olhos. Uma enorme figura alada passou cobrindo a lua como uma nuvem negra. Fez um rodopio e foi para o norte, voando mais rápido do que qualquer vento da Terra-média. As estrelas se apagavam diante dela. Mas logo sumiu.

Levantaram-se, rígidos como pedras. Gandalf estava olhando para

cima, os braços estendidos para baixo, as mãos crispadas.

— Nazgúl! — gritou ele. — O mensageiro de Mordor. A tempestad se aproxima! Os Nazgúl atravessaram o Rio! Cavalguem, cavalguem! Nã esperem pela aurora! Que os rápidos não esperem pelos lentos. Cavalguem!

Saiu de um salto, chamando Scadufax enquanto corria. Aragorn (seguiu.

Indo em direção a Pippin, Gandalf pegou-o em seus braços.

— Você virá comigo desta vez — disse ele. — Scadufax vai lhe mostrar como vôa. Depois correu para o lugar onde tinha dormido. Scadufax já estava lá. Pendurando no ombro a pequena bolsa onde guardava todas as suas coisas, o mago saltou sobre o lombo do cavalo. Aragorn levantou Pippir e o colocou nos braços de Gandalf, embrulhado em capa e cobertor.

— Até logo! Partam logo! — gritou Gandalf — Vamos, Scadufax!

O grande cavalo empinou a cabeça. Sua cauda esvoaçante brilhou nc luar. Então deu um salto à frente, levantando poeira, e se foi como o Vento Norte que sopra das montanhas.

— Uma bela noite de sono! — disse Merry para Aragorn. — Alguma pessoas têm uma grande sorte. Pippin não queria dormir, e queria cavalgar com Gandalf — e lá vai ele! Em vez de ser transformado numa pedra, e ficar plantado aqui para sempre, como uma advertência.

— Se fosse você o primeiro a erguer a pedra de Orthanc, e não ele qual seria a situação agora? — disse Aragorn. — Você poderia ter-se saído pior. Quem pode saber? Mas agora sua sorte é vir comigo, eu receio Imediatamente. Vá e se apronte, e traga qualquer coisa que Pippin tenh. deixado para trás. Apresse-se!

Scadufax voava pelas planícies, sem que fosse preciso guiá-lo ou incitá-lo. Menos de uma hora se passara, e eles já tinham alcançado e atravessado os Vaus do Isen.

O Túmulo dos Cavaleiros, com suas lanças frias, jazia cinzento atrá deles.

Pippin estava se recuperando. Estava quente, mas o vento em seu rosto era intenso e refrescante. Estava com Gandalf. O terror da pedra e d. sombra hedionda sobre a lua ia desaparecendo, coisas deixadas para trás na névoa das montanhas, ou num sonho passageiro. Respirou fundo.

— Não sabia que você cavalgava em pêlo, Gandalf — disse ele. — Você está sem sela ou rédea!

— Não cavalgo à maneira dos elfos, a não ser em Scadufax — disse Gandalf.

— Mas Scadufax não aceita rédeas. Você não o cavalga: ele está disposto a carregá-lo — ou não. Se estiver disposto, isso é o suficiente. Então ele cuidará para que você permaneça sobre seu lombo, a não ser que você queira atirar-se no ar.

— Com que velocidade ele está indo? — perguntou Pippin. — Rápido como o vento, mas com muita suavidade. E como são leves suas passadas!

— Agora ele está correndo como o cavalo mais rápido poderia galopar — respondeu Gandalf —, mas isso para ele não é rápido. O terreno está subindo um pouco aqui, e está mais acidentado do que estava além do rio. Mas veja como as Montanhas Brancas estão se aproximando sob as estrelas. Mais adiante estão os picos de Thrihyrne como lanças negras. Não vai demorar muito para chegarmos até a bifurcação da estrada e atingirmos a Garganta do Abismo, onde foi travada a batalha, duas noites atrás.

Pippin ficou em silêncio outra vez por um tempo. Ouviu Gandalf cantando baixinho para si mesmo, murmurando trechos curtos de rimas em muitas línguas, enquanto as milhas corriam debaixo deles. Finalmente o mago passou a uma canção da qual o hobbit conseguiu entender as palavras: alguns versos chegaram claros aos seus ouvidos através do vento apressado.

Grandes reis e navios
Três vezes três
Que trouxeram da terra submersa
Pelo mar na fluidez?
Sete estrelas, sete pedras
Branca árvore talvez.

— O que está dizendo, Gandalf? — perguntou Pippin.

— Estava apenas repassando algumas das Rimas da Tradição em minha cabeça — respondeu o mago. — Os hobbits, eu suponho,

esqueceram-nas, mesmo aqueles que as conheciam.

— Não, nem todas — disse Pippin. — E temos muitas que são nossas que talvez não fossem de seu interesse. Mas nunca ouvi essa. De que se trata as sete estrelas e sete pedras?

— É sobre os palantíri dos Reis de Outrora — disse Gandalf.

— Que são eles?

— O nome significa que enxerga de longe. A pedra de Orthanc era um deles.

— Então ela não foi feita... não foi feita — Pippin hesitou — pelo Inimigo?

— Não — disse Gandalf — Nem por Saruman. Está além de sua arte e além da arte de Sauron também. Os palantír vieram de além do Ponente de Eldamar. Os Noldor os fizeram. O próprio Fëanor, talvez, os tenha feito em dias tão distantes que o tempo não pode ser medido em anos. Mas não há nada que Sauron não possa desviar para usos malignos. Pobre Saruman Foi sua desgraça, percebo agora. Perigosos para todos nós são os instrumentos de uma arte mais profunda do que a possuída por nós mesmos. Mesmo assim ele deve carregar a culpa. Tolo!, quis mantê-lo em segredo, para seus próprios interesses. Nunca disse uma palavra sobre a pedra a ninguém do Conselho. Não tínhamos pensado ainda no destino dos palantíri de Gondor em suas guerras desastrosas. Pelos homens foram praticamente esquecidos. Mesmo em Gondor, eram um segredo conhecido por poucos; em Arnor eram lembrados apenas numa rima da tradição entre os Dúnedain.

— Com que finalidade os Homens de Outrora os usavam? — perguntou Pippin, deliciado e atônito ao conseguir respostas para tantas perguntas, e imaginando o quanto aquilo iria durar.

— Para enxergar à distância, e conversar em pensamento uns com os outros — disse Gandalf. — Dessa maneira protegeram e uniram por muito tempo o reino de Gondor. Colocaram Pedras em Minas Anor, em Minas Ithil e em Orthanc, no círculo de Isengard. A principal, a pedra mestra, estava sob a Cúpula das Estrelas em Osgiliath, antes de sua destruição. As outras três estavam muito distantes, no norte. Na casa de Elrond, conta-se que elas estavam em Armúminas, e em Amon Súl, e a Pedra de Elendil estava sobre as Colinas das Torres, que olhavam na direção de Mithlond no Golfo d

Lúri, onde jazem os navios cinzentos. — Cada palantír se comunicava com os outros, mas todos os que estavam em Gondor estavam sempre abertos à vista de Osgiliath. Agora parece que, assim como a rocha de Orthanc resistiu às tempestades do tempo, também o palantír daquela torre permaneceu. Mas sozinho ele não poderia fazer nada além de ver pequenas imagens de coisas distantes e dias remotos. Muito útil, sem dúvida, ele era para Saruman; apesar disso, parece que ele não ficou satisfeito. Olhou mais e mais além, até que lançou seu olhar sobre Barad-dûr. Então foi pego!

— Quem pode saber onde estão agora as Pedras perdidas de Arnor e Gondor, enterradas ou debaixo de águas profundas? Acho que esta era a Pedra de Ithil, pois ele tomou Minas Ithil há muito tempo, transformando-num lugar maligno: Minas Morgul ficou sendo seu nome.

— Agora é fácil supor com que rapidez o olho errante de Sarumar caiu e ficou preso na armadilha, e como, desde então, ele foi persuadido de longe, e intimidado, quando a persuasão não surtia efeito. O feitiço contra o feiticeiro, o falcão debaixo do pé da águia, a aranha numa teia de aço! Por quanto tempo, fico imaginando, foi ele forçado a procurar com frequência esta pedra para inspeções e instruções, e por quanto tempo a pedra de Orthanc foi de tal modo inclinada na direção de Barad-dûr que, se qualquer pessoa sem uma força de vontade extraordinária agora olhar dentro dela, a pedra levará sua mente e vista rapidamente para lá? E que poder tem ela de atrair para si as pessoas! Acaso eu não o senti? Mesmo agora meu coração deseja testar minha força de vontade sobre ela, para ver se eu não conseguiria arrancá-la dele e voltá-la para onde eu quisesse — para olhar através dos amplos mares de água e de tempo até atingir Tirion, a Bela, e perceber a mão e a mente inimagináveis de Ranor trabalhando, enquanto tanto a Árvore Branca como a Dourada estivessem em flor! — Gandalf suspirou e ficou em silêncio.

— Gostaria de ter sabido tudo isso antes — disse Pippin. — Eu não tinha noção do que estava fazendo.

— Ah, sim, você tinha — disse Gandalf — Sabia que estava se comportando de modo errado e tolo, e disse isso para si mesmo, mas não escutou. Eu não lhe disse tudo isso antes porque foi só meditando sobre tudo o que aconteceu que finalmente entendi, neste momento em que

cavalgamos juntos. Mas se eu tivesse falado antes isso não teria diminuído seu desejo, ou feito com que ele ficasse mais fácil de resistir. Pelo contrário. Não! A mão queimada ensina melhor. Depois disso o conselho sobre o fogo chega ao coração.

— É verdade — disse Pippin. — Se todas as sete pedras fossem colocadas diante de mim agora, eu fecharia os olhos e poria as mãos no bolso.

— Muito bem! — disse Gandalf. — Era isso que eu esperava.

— Mas eu gostaria de saber... — começou Pippin.

— Peço clemência! — exclamou Gandalf — Se fornecer informações for a cura para sua curiosidade, vou passar o resto de meus dias respondendo a você. Que mais quer saber?

— Os nomes das estrelas, e de todos os seres vivos, e a história completa da Terra média, e do Sobrecéu e dos Mares Divisores — disse rindo Pippin. — É claro! Por que menos? Mas esta noite não estou com pressa. Por enquanto estava só pensando sobre a sombra negra. Ouvi-o gritar "mensageiro de Mordor", que era aquilo? Que poderia fazer em Isengard?

— Era um Cavaleiro Negro com asas, um Nazgúl — disse Gandalf. Poderia tê-lo levado para a Torre Escura.

— Mas não veio em minha busca, veio? — vacilou Pippin. — Quero dizer, ele não sabia que eu tinha...

— Claro que não — disse Gandalf. — São duzentas léguas ou mais em linha reta de Barad-dûr até Orthanc, e até um Nazgúl levaria algumas horas para voar entre os dois lugares. Mas Saruman certamente olhou dentro da Pedra desde o ataque dos orcs, e não duvido que tenha sido lida uma parte de seus pensamentos secretos maior do que ele desejava. Um mensageiro foi enviado para descobrir o que ele está fazendo. E depois do que aconteceu esta noite um outro virá, eu acho, e depressa. Assim Saruman chegará ao último aperto na morsa na qual colocou a própria mão. Ele não tem nenhum prisioneiro para enviar. Não tem nenhuma Pedra com a qual possa enxergar, e não pode responder aos chamados. Sauron só poderá crer que ele está detendo o prisioneiro e se recusando a usar a Pedra. Não vai adiantar nada Saruman dizer a verdade ao mensageiro. Isengard pode estar arruinada, mas ele ainda está a salvo em Orthanc. Portanto, quer ele queira ou não, dará a impressão de ser um rebelde. E contudo ele nos rejeitou, para

evitar exatamente que isso acontecesse! O que fará numa situação dessas, não posso adivinhar. Acho que ele ainda tem poder, enquanto permanecer em Orthanc, para resistir aos Nove Cavaleiros. Pode ser que ele tente. Pod ser que tente prender o Nazgúl, ou pelo menos matar a coisa na qual ele agora cavalga pelos ares. Nesse caso, que Rohan cuide de seus cavalos!

— Mas não sei dizer se o resultado será bom ou ruim para nós. Pode ser que os planos do Inimigo sejam confundidos, ou atrasados por sua ira em relação a Saruman. Pode ser que ele saiba que eu estava lá e fiquei na escada de Orthanc — com hobbits pendurados em minha cauda. Ou que um herdeiro de Elendil ainda vive e ficou ao meu lado. Se Língua de Cobra nã foi iludido pela armadura de Rohan, ele poderá se lembrar de Aragorn e do título que ele reivindicou. É isto que eu temo. É por isso que precisamos fugir — não do perigo, mas em direção a um perigo maior. Cada passada de Scadufax o leva para mais perto da Terra da Sombra, Peregrin Túk.

Pippin não respondeu, mas agarrou-se à capa, como se um fric repentino o golpeasse. Terras cinzentas passavam embaixo deles.

— Veja agora! — disse Gandalf — Os vales do Folde Ocidental estã se abrindo diante de nós. Aqui retornamos à estrada que leva ao leste. A sombra escura mais à frente é a abertura da Garganta do Abismo. Daquel lado fica Aglarond, e as Cavernas Cintilantes. Não me peça para falar sobr elas. Pergunte a Gimli, se vocês se encontrarem, e pela primeira vez na vida poderá ouvir uma resposta mais longa do que deseja. Você não vai poder ver as cavernas com os próprios olhos, não nesta viagem. Logo elas já estarão distantes lá atrás.

— Pensei que você ia parar no Abismo de Helm! — disse Pippin Então, para onde está indo?

— Para Minas Tirith, antes que os mares da guerra a envolvam.

— Ah! E a que distância fica?

— Léguas e mais léguas — respondeu Gandalf. — Três vezes mai longe que as moradias do Rei Théoden, e elas ficam a mais de cem milhas a leste deste lugar, num vôo dos mensageiros de Mordor. Scadufax deve ir por uma estrada mais longa. Qual deles se mostrará mais rápido?

— Vamos cavalgar até o nascer do dia, para o qual ainda faltam algumas horas. Depois disso, até mesmo Scadufax precisará descansar, em

alguma reentrância das montanhas: em Edoras, eu espero. Durma, se conseguir! Poderá ver o primeiro raio da aurora sobre o teto dourado da casa de Eorl. E dali a dois dias verá a sombra púrpura do Monte Mindollum e a muralhas da Torre de Denethor, brancas pela manhã.

— Adiante agora, Scadufax! Corra, meu bom cavalo, corra como nunca correu antes! Agora chegaremos às terras onde você foi criado e das quais conhece cada pedra. Corra agora! A esperança repousa na rapidez!

Scadufax empinou a cabeça e soltou um relincho, como se um corneteiro o tivesse convocado para alguma batalha. Então projetou-se para a frente.

Saía fogo de suas patas: a noite corria acima dele.

Enquanto adormecia lentamente, Pippin teve uma estranha sensação: ele e Gandalf estavam imóveis como pedras, sentados sobre a estátua de um cavalo que corria, enquanto o mundo rolava sob os pés dele com um grande barulho de vento.

QUARTA PARTE

CAPÍTULO I: SMÉAGOL DOMADO

— Bem, senhor, estamos numa enrascada, sem dúvida — disse Sam Gamji.

Parou ao lado de Frodo desanimado, com os olhos caídos, e espiou a escuridão, franzindo os olhos.

Era a terceira noite desde que tinham fugido da Comitiva, pelo que podiam calcular: tinham quase perdido a noção das horas durante as quais lutaram para escalar as encostas nuas e os rochedos dos Emyn Muil, algumas vezes refazendo os passos porque não conseguiam encontrar nenhum caminho que conduzisse adiante, outras descobrindo que tinham andado em círculo, retornando ao ponto onde tinham estado horas antes. Apesar disso, tudo somado, avançaram continuamente para o leste, sempre procurando ficar o mais perto possível do lado externo daquele emaranhado de colinas estranho e retorcido. Mas com frequência deparavam com faces externas que eram íngremes, altas e intransponíveis, franzindo-se por sobre a planície—, para além de suas bordas desmoronadas jaziam pântanos esbranquiçados e em decomposição onde nada se movia e não se via nem mesmo um pássaro.

Os hobbits encontravam-se agora sobre a crista de um alto penhasco, desolado e nu, cujos pés estavam envolvidos numa névoa; atrás deles se erguia a irregular região montanhosa, coroada por nuvens flutuantes. Um vento gelado soprava do leste. Diante deles, a noite se formava por sobre as terras disformes; seu verde doentio ia dando lugar agora a um castanho lúgubre. Mais ao longe e à direita, o Anduin, que surgira vacilante em intervalos ensolarados durante o dia, estava agora oculto em sombras. Mas os olhos dos hobbits não se voltavam para além do Rio, na direção de Gondor, onde estavam seus amigos, nas terras dos homens.

Dirigiam-se para o sul e para o leste, para onde, no limiar da noite iminente, uma linha escura pairava, como longínquas montanhas de fumaça imóvel. De quando em quando, um brilho fraco e vermelho aparecia na parte de cima, na linha formada entre a terra e o céu.

— Que enrascada! — disse Sam. — De todas as terras de que já tivemos notícia, este é o único lugar que não queremos ver mais de perto;

exatamente o lugar que estamos tentando atingir! E também aonde nãc podemos chegar, de maneira alguma. Ao que parece, viemos por um caminho completamente errado. Não podemos descer; e se descêssemos, iríamos ver que toda aquela terra verde é um brejo nojento, eu garanto. Que nojo! Está sentindo o cheiro? — Sam farejou o vento.

— Sim, estou sentindo — disse Frodo. Mas não se mexeu, e seus olho permaneceram fixos, em direção à linha escura e à chama trêmula. — Mordor! — murmurou ele quase sem fôlego. — Se devo ir para lá, gostaria de poder ir logo e pôr um fim a tudo isso! — Estremeceu. O vento estava frio, e mesmo assim carregado com o odor de podridão fria. — Bem — disse ele, finalmente desviando os olhos. — Não podemos ficar aqui a noite toda, com ou sem enrascada. Precisamos encontrar um lugar mais protegido, e acampar mais uma vez; talvez um outro dia nos mostre um caminho.

— Ou um outro dia, e outro e outro — murmurou Sam. — Ou talve: dia nenhum. Viemos pelo caminho errado.

— Fico pensando — disse Frodo. — Acho que é meu destino ir par. aquela Sombra lá adiante, então encontrarei um caminho. Mas quem ira indicá-lo a mim: o bem ou o mal? A esperança que tínhamos repousava na rapidez. O atraso favorece o Inimigo — e aqui estou eu: atrasado. Será que é a vontade da Torre Escura que está nos guiando? Todas as minhas escolha acabaram se mostrando ruins. Deveria ter abandonado a Comitiva muitc antes, e vindo do norte, a leste do Rio e dos Emyn Muil, e depois sobre o chão seco da Planície da Batalha até as passagens para Mordor. Mas agor não é possível, para nós dois sozinhos, encontrar um caminho de volta, e os orcs estão espreitando na margem leste. Cada dia que passa é um dia precioso que perdemos. Estou cansado, Sam. Não sei o que se deve fazer Quanto ainda temos de comida?

— Apenas aqueles, como se chamam, lembas, Sr. Frodo. Um bel suprimento. Mas são melhores que nada, de longe. Na verdade, jamais pensei, na primeira vez que mordi um deles, que eu algum dia poderia querer variar de comida. Mas agora eu quero: um pouco de pão comum, e uma caneca — bem, meia caneca — de cerveja desceriam melhor.

Venho carregando meu equipamento de cozinha desde nosso último acampamento, e para quê? Não há nada com que possamos acender uma

fogueira, para início de conversa; e nada para cozinhar, nem mesmo capim!

Viraram-se e foram descendo até uma concavidade rochosa. O sol que se dirigia para o oeste, estava preso entre nuvens, e a noite se aproximava rapidamente.

Dormiram como puderam, pois estava frio; revezaram-se num recesso em meio a grandes pináculos pontudos de pedra desgastada pelo tempo; pelo menos estavam abrigados do Vento Leste.

— Viu-os de novo, Sr. Frodo? — perguntou Sam, quando os doi estavam sentados, com os corpos endurecidos e enregelados, mastigando bolos de lembas, no cinza frio do início da manhã.

— Não — disse Frodo. — Não escutei e não vi nada nas últimas dua noites.

— Nem eu — disse Sam. — Grrr! Aqueles olhos realmente m assustaram! Mas talvez o tenhamos espantado finalmente, o cavilosc miserável. Gollum! Vou dar um gollum na garganta dele, se um dia lhe puser as mãos no pescoço.

— Espero que nunca precise fazer isso — disse Frodo. — Não se como nos seguiu, mas pode ser que tenha perdido nosso rastro outra vez, como você está dizendo. Nesta região seca e fria não se pode deixar muitas pegadas, nem muito cheiro, mesmo para seu nariz farejador.

— Espero que seja isso mesmo — disse Sam. — Gostaria que pudéssemos nos livrar dele para sempre.

— Eu também — disse Frodo -, mas ele não é meu maior problema Gostaria que pudéssemos sair destas colinas! Odeio-as. Sinto-me completamente nu no lado leste, enfiado aqui sem nada, a não ser as planícies mortas, entre mim e aquela Sombra mais adiante. Há um Olho nela. Venha! Precisamos descer hoje de qualquer jeito.

Mas aquele dia passou e quando a tarde já se apagava, dando lugar ao inicio da noite, eles ainda continuavam aos tropeços ao longo da cordilheira e sem encontrar um caminho para escaparem.

Algumas vezes, no silêncio daquela região desolada, imaginavam estar ouvindo ruídos longínquos atrás deles, uma pedra caindo, ou passadas imaginárias de pés batendo na pedra. Mas, quando paravam e ficavam quietos escutando, não ouviam mais nada, nada além do vento suspirando

sobre as bordas dos rochedos — mas mesmo aquilo lhes dava a impressão de uma respiração chiando suavemente através de dentes afiados.

Durante todo aquele dia, a cordilheira externa dos Emyn Mui inclinara-se gradativamente para o norte, conforme eles iam lutando para avançar. Ao longo de sua borda agora se estendia uma ampla planície coberta de rochas quebradas e gastas, cortada de quando em quando por fossos semelhantes a trincheiras, que desciam íngremes até fendas profundas na face do penhasco. A fim de encontrar uma trilha nessas fendas, cada vez mais fundas e freqüentes, Frodo e Sam foram levados para a esquerda, a uma grande distância da borda, e não se deram conta de que por várias milhas estiveram descendo a colina, lentamente mas sem parar: o topo do penhasco ia afundando em direção ao nível das terras baixas.

Finalmente foram obrigados a parar. A cordilheira fazia uma curva fechada para o norte e era cortada por um abismo mais profundo. Do outro lado ela subia de novo, muitas braças num único salto: um grande penhasco cinzento assomava diante deles, que dava a impressão de ter sido cortado na vertical com um golpe de faca. Os hobbits não podiam continuar à frente, e tinham de virar para o oeste ou para o leste. Mas o oeste só os conduziria em direção a mais trabalho e atraso, de volta para o coração das colinas; o leste os levaria para o precipício externo.

— Não há outra escolha a não ser ir descendo este fosso, Sam — disse Frodo. — Vamos ver para onde ele conduz!

— Para um tombo feio, eu aposto! — disse Sam.

O fosso era mais longo e profundo do que parecera. Um pouco mais abaixo encontraram algumas árvores raquíticas e nodosas, as primeiras que viam em dias: na maioria, bétulas retorcidas, com um abeto aqui ou ali. Muitas dessas árvores estavam mortas e secas, mordidas até o cerne pelos ventos do leste.

Outrora, em dias mais amenos, deveria ter havido um belo conjunto de árvores no precipício, mas agora, depois de uns cinquenta metros, as árvores chegavam ao fim, embora velhos troncos quebrados se espalhassem por quase toda a borda do penhasco. O fundo do fosso, que se estendia ao longo da borda de uma falha na rocha, era áspero, cheio de pedras quebradas, e descia de modo abrupto. Quando finalmente saíram dele,

Frodo se agachou e se inclinou à frente.

— Olhe! — disse ele. — Acho que descemos um longo trecho, ou então o penhasco afundou. Está muito mais baixo do que estava, e também parece mais fácil.

Sam se ajoelhou ao lado dele e com relutância espiou por sobre a borda, Depois ergueu os olhos para o grande penhasco, mais ao longe e à esquerda de onde estavam.

— Mais fácil! — grunhiu ele. — Bem, suponho que descer seja sempre mais fácil que subir. Aqueles que não podem voar, podem saltar!

— Mesmo assim, seria um grande salto — disse Frodo. — Cerca, ben ficou de pé por um instante, medindo com os olhos —, cerca de dezoito braças, eu acho. Não mais que isso,

— E isso é o bastante — disse Sam. — Ugh! Como eu odeio olhar d um lugar alto lá para baixo! Mas olhar é melhor que descer.

— Mesmo assim — disse Frodo. — Acho que deveríamos descer po aqui; e acho que vamos ter de tentar. Veja, a rocha aqui é bem diferente do que aquela que encontramos algumas milhas atrás. Deslizou e se fendeu.

A face externa realmente deixara de ser perpendicular, mas ainda se inclinava um pouco para fora. Parecia uma grande trincheira ou dique cujos alicerces tinham se alterado, de modo que seus cursos estavam todos trançados e desordenados, deixando grandes fissuras e bordas longas e inclinadas que em alguns lugares eram largas como escadas.

— E, se vamos tentar descer, é melhor tentarmos já. Está escurecendo cedo. Acho que uma tempestade vem aí.

A mancha enfumaçada das montanhas no leste se perdeu numa negrura mais profunda que já estava estendendo seus longos braços em direção ao oeste.

Ouvia-se o murmurar distante de trovões, trazido na brisa que ia ficando mais intensa. Frodo farejou o ar e olhou desconfiado para o céu. Passou o cinto por fora da capa e o apertou, colocando nas costas a mochila leve; então dirigiu-se para a borda.

— Vou tentar — disse ele.

— Muito bem! — disse Sam desanimado. — Mas eu vou primeiro.

— Você? — disse Frodo. — O que o fez mudar de ideia sobre descer

Não mudei de ideia. É apenas bom senso: que vá primeiro aquele que tem mais probabilidade de escorregar. Não quero cair em cima do senhor e derrubá-lo — é insensatez matar dois numa só queda.

Antes que Frodo pudesse detê-lo, Sam se sentou, passou as perna por sobre a borda, e virou-se, tateando com os pés em busca de um apoio. É de duvidar que ele um dia tenha feito qualquer coisa mais corajosa a sangue frio, ou mais imprudente.

— Não, não! Sam, seu idiota! — disse Frodo. — Com certeza vai s matar indo desse jeito, sem nem olhar por onde está indo. Volte! — Pegou-(pelas axilas e o puxou de volta.

— Agora espere um pouco e tenha paciência! Disse ele. Então deitou-se no chão, debruçando-se sobre a borda e olhando para baixo: mas a luz parecia estar se apagando rapidamente, embora o sol ainda não se tivesse posto. — Acho que poderíamos conseguir — disse ele nesse momento. — De qualquer forma, eu poderia; e você também, se mantivesse a calma e me seguisse com cuidado.

— Não sei como pode ter certeza — disse Sam. — Veja bem, o senho não pode enxergar o fundo com esta luz. E se atingirmos um ponto onde não haja nenhum lugar para apoiar os pés e as mãos?

— Voltaremos, eu suponho — disse Frodo.

— É fácil falar — objetou Sam. — Melhor esperar pela manhã quando houver mais luz.

— Não! Não se eu puder evitar — disse Frodo, com uma estranha e súbita veemência.

— Não me siga até que eu volte ou o chame.

Agarrando com os dedos a borda rochosa da encosta, deixou-se descer suavemente, até que seus braços estivessem quase que totalmente esticados, seus pés encontraram uma saliência. — Um passo abaixo! — disse ele.

— E essa saliência fica mais larga à direita. Eu poderia ficar de pé la sem segurar em lugar nenhum. Vou... — suas palavras foram interrompidas.

A escuridão apressada, agora se adensando com grande rapidez, precipitou-se do leste e engoliu o céu. Houve o ruído seco e cortante de um trovão bem acima deles.

Um relâmpago de fogo golpeou as colinas. Então veio uma rajada de vento incontrolável, e com ela, misturado ao seu rugido, chegou um guincho alto e agudo. Os hobbits tinham ouvido um grito exatamente igual lá longe no Pântano, quando estavam fugindo da Vila dos Hobbits, e mesmo lá, nas florestas do Condado, aquele som lhes congelara o sangue. No lugar deserto onde estavam agora, o pavor que provocava era ainda maior: perfurava-os com lâminas frias de medo e desespero, paralisando coração e respiração.

Sam caiu duro com o rosto virado para o chão. Involuntariamente Frodo soltou as mãos da rocha e cobriu os ouvidos e a cabeça. Desequilibrou-se, escorregou e deslizou para baixo com um grito desesperado.

Sam o ouviu e se arrastou com dificuldade até a borda.

— Senhor, senhor! — chamou ele. — Senhor!

Não ouviu resposta. Viu-se tremendo da cabeça aos pés, mas tomou fôlego e mais uma vez gritou: — Senhor! — O vento parecia empurrar sua voz de volta para a garganta, mas conforme passava, rugindo fosso acima e por sobre as colinas, um grito fraco de resposta chegou aos ouvidos de Sam:

— Tudo bem, tudo bem! Estou aqui. Mas não consigo enxergar nada Frodo estava chamando com uma voz fraca. Na verdade não estava muito longe.

Tinha escorregado, e não caído; num solavanco tinha ficado de pé sobre uma saliência larga, não muitos metros abaixo. Felizmente, a superfície da rocha naquele ponto se inclinava bastante para trás, e o vento o pressionara contra o penhasco, de modo que ele não tinha caído.

Firmou-se um pouco, apoiando o rosto contra a rocha fria, sentindo o coração disparado. Mas ou a escuridão fechara-se completamente, ou então seus olhos tinham perdido a capacidade de enxergar. Tudo estava negro ao redor. Ficou imaginando se tinha ficado cego. Respirou fundo.

— Volte! Volte! — gritou a voz de Sam, vinda da escuridão acima.

— Não posso — disse ele. — Não estou enxergando nada. E não consigo achar nenhum lugar onde possa me apoiar. Não posso me mexer ainda.

— Que posso fazer, Sr. Frodo? Que posso fazer? — gritou Sam debruçando-se perigosamente sobre a borda. Por que seu mestre não

enxergava nada? Estava escuro, certamente, mas não tão escuro assim. Ele conseguia ver Frodo mais embaixo, uma figura cinzenta e desamparada, chapada contra o penhasco. Mas estava muito além do alcance de qualquer mão que pudesse ajudá-lo.

Houve um outro ruído de trovão; então veio a chuva. Numa cortina que cegava, misturada com granizo, batia contra o penhasco, extremamente fria.

— Vou descer até aí — gritou Sam, embora não pudesse dizer como pretendia fazer isso.

— Não, não! Espere! — gritou Frodo, agora numa voz mais forte. Logo devo melhorar. Já me sinto melhor. Espere! Você não pode fazer nada, sem uma corda.

— Corda! — exclamou Sam, conversando alucinadamente consigo mesmo cheio de excitação e alívio. — Eu bem que mereço ser enforcado na ponta de uma, como uma advertência contra minha cabeça-de-vento. Você não passa de um idiota cabeça-dura, Sam Gamgi: é isso que o Feitor me dizia sempre, nas palavras dele. Corda!

— Pare de resmungar! — gritou Frodo, agora recuperado o suficiente para se sentir ao mesmo tempo de bom humor e irritado. — Esqueça o velho Feitor. Você está tentando dizer a si mesmo que tem um pedaço de corda em seu bolso? Se for isso, trate de usá-la!

— Sim, Sr. Frodo, em minha mochila. Carreguei-a por centenas de milhas, e me esqueci completamente dela!

— Então mexa-se, e jogue uma ponta aqui para baixo!

Rapidamente Sam desafivelou a mochila e a remexeu. Realmente, no fundo, havia um rolo da corda cinza-prateada feita pelo povo de Lórien. Jogou uma ponta para Frodo.

A escuridão pareceu se desvanecer aos olhos dele, ou então sua visão estava voltando. Conseguiu ver a linha cinzenta conforme ela veio descendo e balançando, e teve a impressão de que ela emanava um leve brilho prateado. Agora que achara algum ponto na escuridão para fixar os olhos, sentia-se menos zonzo.

Jogando o peso do corpo para frente, amarrou firmemente a ponta da corda em volta da cintura, e depois agarrou-a com as duas mãos.

Sam recuou e escorou os pés num tronco, a um ou dois metros da borda.

Sendo em parte puxado, e em parte escalando, Frodo subiu e se jogou no chão.

Trovões rosnavam e roncavam na distância, e a chuva ainda caía pesada. Os hobbits se arrastaram de volta para dentro do fosso, mas lá não encontraram muito abrigo.

Filetes de água começavam a descer; logo se transformaram em jatos que espirravam e borrifavam nas pedras, jorrando por sobre o penhasco como as calhas de um vasto telhado.

— Eu já estaria quase afogado lá embaixo, ou já teria sido levado pelas águas — disse Frodo. — Que sorte você ter aquela corda!

— A sorte teria sido maior se eu tivesse pensado nela antes — disse Sam.

— Talvez o senhor se lembre deles colocando as cordas no barco, quando estávamos partindo: na terra dos elfos. Gostei delas, e enfiei um rolo na minha mochila. Parece que foi anos atrás. "Pode ser uma ajuda em muitas necessidades", disse ele: Haldir, ou um deles. E estava certo.

— É uma pena que eu não tenha pensado em trazer um outro pedaço disse Frodo —, mas nós deixamos a Comitiva em meio a tanta pressa e confusão.

Se tivéssemos corda suficiente, poderíamos usá-la para descer. Qual é o comprimento da sua? Sam a examinou lentamente, medindo-a com os braços: — Cinco, dez, vinte, trinta varas, mais ou menos — disse ele.

— Quem teria imaginado! — exclamou Frodo.

— Quem? — disse Sam. — Os elfos são pessoas maravilhosas. A corda parece um pouco fina, mas é resistente: e macia como leite nas mãos. E comprime-se bem, e é levíssima. Um povo maravilhoso, sem dúvida.

— Trinta varas! — disse Frodo fazendo cálculos. — Acho que seria é suficiente. Se a tempestade passar antes do cair da noite, eu vou tentar.

— A chuva já está quase parando — disse Sam -, mas não vá fazer nada arriscado no escuro de novo, Sr. Frodo! Ainda não me recupere daquele grito no vento, se é que o senhor conseguiu se recuperar. O som era parecido com o de um Cavaleiro Negro — mas de um pairando no ar, se é

que eles podem voar. Estou pensando que seria melhor nos deitarmos nesta fenda até o fim da noite.

— E eu estou pensando que não vou desperdiçar nenhum momento além do necessário, preso nessa borda com os Olhos da Terra Escura olhando por sobre o pântano — disse Frodo.

Com isso se levantou e dirigiu-se ao fundo do fosso outra vez. Olhou para cima. O céu clareava de novo no leste. A orla da tempestade se erguia rasgada e molhada, e a batalha principal tinha passado, indo estender suas grandes asas sobre os Emyn Muil, onde os pensamentos escuros de Sauron se concentraram por um tempo. Desse ponto mudou de rumo, golpeando o Vale do Anduin com granizo e relâmpagos, e lançando sua sombra sobre Minas Tirith com a ameaça da guerra. Então, caindo sobre as montanhas, e se formando em grandes espirais, rolou lentamente por sobre Gondor e as fronteiras de Rohan, até que bem distante os Cavaleiros na planície viram suas torres negras se movendo atrás do sol, conforme cavalgavam para o oeste.

Mas ali, sobre o deserto e os pântanos mal cheirosos, o céu do início da noite, de um azul profundo, se abria mais uma vez, e algumas estrelas pálidas apareciam, como pequenos buracos brancos no dossel sobre a lua crescente.

— É bom conseguir enxergar outra vez — disse Frodo, respirando fundo.

— Sabe, pensei por uns momentos que tinha perdido a visão. Devido ao relâmpago ou coisa pior. Não conseguia enxergar nada, de jeito nenhum, até que a corda cinzenta foi descendo. Ela parecia tremeluzir, de alguma forma.

— Ela realmente tem uma aparência de prata no escuro — disse Sam. Não tinha notado antes, embora não possa me lembrar de tê-la tirado da mochila desde que a enfiei lá. Mas se está tão decidido a descer, Sr. Frodo como vai usá-la? Trinta varas, ou digamos cerca de dezoito braças: isso não é mais do que o senhor supôs ser a altura do Penhasco.

Frodo pensou um pouco. — Amarre-a naquele tronco, Sam! — disse ele.

— Então acho que vou atender a seu pedido desta vez e deixá-lo ir

primeiro. Vou abaixá-lo, e você não precisa fazer nada além de usar seus pés e mãos para se afastar da rocha. Vai ajudar, porém, se você se apoiar em alguma saliência e me der um descanso.

Quando estiver lá embaixo, eu descerei.

— Muito bem — disse Sam num tom pesado. — Se precisa ser assim façamos isso logo! — Pegou a corda e fixou-a firmemente no tronco mais próximo à borda; então amarrou a outra ponta na própria cintura. Relutante, voltou-se e se preparou para passar por cima da borda mais uma vez.

Não teve, entretanto, nem metade da dificuldade que esperara. Parecia que a corda lhe dava confiança, embora ele tenha fechado os olhos uma ou duas vezes quando olhou para baixo por entre seus pés. Havia um ponto incômodo, onde não havia saliência e a parede era íngreme e até socavada num pequeno trecho; ali ele escorregou e ficou pendurado na linha prateada. Mas Frodo o abaixou devagar e com firmeza, e finalmente tudo se acabou. O maior medo de Sam era de que a corda terminasse enquanto ele ainda estivesse muito elevado, mas ainda havia uma boa laçada nas mãos de Frodo quando ele chegou ao fundo e gritou:

— Estou no chão! — A voz veio clara lá de baixo, mas Frodo não conseguia vê-lo; a capa cinzenta dos elfos se confundia com o crepúsculo.

Frodo levou um tempo bem maior para descer. Estava com a corda em volta da cintura e ela estava presa em cima, e ele a tinha diminuído de modo que o segurasse no ar antes que ele atingisse o solo; ainda assim, Frodo não queria arriscar uma queda, e não tinha a mesma confiança que Sam naquela linha cinzenta e fina. Mesmo assim, encontrou dois pontos onde teve de confiar unicamente nela: superfícies lisas onde não havia apoio nem mesmo para seus fortes dedos de hobbit, e onde as saliências eram muito separadas.

Mas finalmente ele também conseguiu descer.

— Bem! — exclamou ele. — Conseguimos! Escapamos das Emyn Muil E agora, o que temos à frente, eu me pergunto? Talvez logo estejamos suspirando por uma boa rocha firme sob os pés outra vez.

Mas Sam não respondeu: estava olhando para trás, em direção ao penhasco.

— Idiotas cabeças-duras! — disse ele. — Parvos! Minha bela corda Ali está ela, amarrada a um tronco, e nós aqui no fundo. Uma ótima escadinha para aquele Gollum caviloso, a melhor que poderíamos ter deixado. Melhor colocar uma placa dizendo por onde formos! Achei que tudo estava parecendo fácil demais.

— Se você conseguir pensar em alguma forma pela qual pudéssemos ao mesmo tempo ter usado a corda e tê-la trazido conosco, então pode passar o título de idiota cabeça-dura para mim, ou qualquer outro nome que o velho Feitor lhe tenha dado — disse Frodo. — Suba lá, desamarre a corda e pule, se quiser!

Sam coçou a cabeça.

— Não, não consigo pensar agora, com as suas desculpas — disse ele. — Mas não gosto de deixá-la aqui, e isso é fato. — Acariciou a ponta da corda e mexeu nela suavemente. — É difícil separar-me de alguma coisa trazida da terra dos elfos. Feita pela própria Galadriel, talvez. Galadriel – murmurou ele, balançando a cabeça com tristeza. Ergueu os olhos e deu um último puxão na corda, como se estivesse dizendo adeus.

Para a total surpresa de ambos os hobbits, a corda se soltou. Sam caiu para trás, e a corda deslizou e foi se enrolando sobre seu corpo, laçada após laçada. Frodo riu.

— Quem amarrou a corda? — disse ele. — Ainda bem que não se soltou antes. E pensar que confiei todo o meu peso em seu nó!

Sam não riu.

— Posso não ser muito bom para escalar penhascos, Sr. Frodo — disse ele num tom ofendido —, mas eu sei alguma coisa sobre cordas e nós. É de família, como se diz. Meu bisavô e meu tio Andy depois dele, aquele que era o irmão mais velho do Feitor, ele teve uma cordoaria perto do Campo da Corda por muitos anos.

E eu a amarrei muito firme ao tronco, da melhor maneira que qualquer um poderia ter feito, no Condado ou fora dele.

— Então a corda deve ter-se partido — esgarçada pela borda da rocha, eu acho — disse Frodo.

— Aposto que não! — disse Sam numa voz ainda mais ofendida Abaixou-se e examinou as pontas. — Nenhuma das duas coisas. Nenhum

fiapo!

— Então receio que tenha sido o nó — disse Frodo.

Sam balançou a cabeça e não respondeu. Estava passando a corda pelos dedos pensativamente.

— Pense o que quiser, Sr. Frodo — disse ele finalmente —, mas eu acho que a corda se soltou sozinha — quando eu chamei. — Enrolou-a e a colocou carinhosamente na mochila.

— Certamente se soltou — disse Frodo —, e esta é a coisa mais importante. Mas agora temos de pensar em nosso próximo passo. A noite caíra em breve. Como são belas as estrelas e a lua!

— Elas realmente alegram o coração, não é? — disse Sam erguendo os olhos.

— São élficas, de alguma forma. E a lua está crescendo. Não a vemos há uma ou duas noites neste clima nebuloso. Agora está começando a fornecer uma bela luz.

— Sim — disse Frodo -, mas não estará cheia a não ser dentro de alguns dias. Não acho que devemos tentar os pântanos com a luz de uma meia-lua.

Sob as primeiras sombras da noite eles partiram no estágio seguinte de sua jornada.

Depois de um tempo, Sam se voltou e olhou para o caminho pelo qual tinham vindo. A boca do fosso era uma fenda negra no penhasco escuro.

— Estou feliz porque temos a corda — disse ele. Deixamos um pequeno enigma para o salteador, de qualquer forma. Ele pode testar seus nojentos pés chatos naquelas saliências!

Foram andando com cuidado e afastando-se da borda do penhasco, em meio a uma região erma feita de seixos e pedras rudes, molhadas e escorregadias devido à chuva pesada. O solo ainda descia com grande inclinação. Não tinham avançado muito quando encontraram uma grande fissura que se abria subitamente negra diante de seus pés. Não era larga, mas era larga demais para se saltar sobre ela na luz fraca. Tiveram a impressão de escutar a água borbulhando nas suas profundezas. A fenda descrevia uma curva à esquerda deles, em direção ao norte, voltando para as colinas, barrando assim a estrada naquela direção, pelo menos enquanto estivesse

escuro.

É melhor tentarmos um caminho de volta em direção ao sul, ao longo da linha do penhasco, eu acho — disse Sam. — Podemos encontrar algum canto lá, ou até uma caverna, ou algo parecido.

— Suponho que sim — disse Frodo. — Estou cansado, e acho que não posso ir tropeçando em pedras por muito mais tempo esta noite — embora odeie pensar no atraso.

Gostaria que houvesse uma trilha bem visível à nossa frente: então continuaria até que minhas pernas fraquejassem.

Não foi nem um pouco mais fácil o caminho ao longo dos pés quebrados das Emyn Muil. Nem Sam achou qualquer canto ou saliência onde pudessem se abrigar: apenas encostas nuas e rochosas se enrugavam junto ao penhasco, que agora subia de novo, mais alto e mais íngreme conforme eles iam voltando. No fim, exaustos, eles apenas se jogaram no solo sob o abrigo de uma pedra que jazia não muito longe do pé do precipício.

Ali ficaram algum tempo sentados, aconchegados tristemente um ao outro na noite fria e rochosa, enquanto o sono se apoderava deles, apesar de tudo o que fizessem para afastálo.

A lua agora subia alta e clara. Sua luz tênue e branca acendia as faces das rochas e molhava as paredes frias e enrugadas do precipício, transformando toda a ampla escuridão ao redor num cinza pálido e frio, cortado por sombras negras.

— Bem! — disse Frodo, levantando-se e trazendo a capa para mais perto do corpo. — Durma um pouco, Sam, e pegue meu cobertor. Vou caminhar por aí e montar guarda.

— De repente ficou imóvel, e agachando-se agarrou Sam pelo braço — O que é aquilo? — sussurrou ele. — Olhe lá, em cima do penhasco!

Sam olhou e puxou o ar fortemente através dos dentes.

— Ssss! — disse ele. — É exatamente isso. É aquele Gollum! Cobras e lagartos! E pensar que eu imaginei que tínhamos confundido a criatura com nossa pequena descida pela rocha! Olhe para ele!

Parece uma aranha rastejando numa parede.

Descendo a face de um precipício, íngreme e quase lisa ao que parecia no luar pálido, uma pequena figura negra vinha com suas finas

pernas abertas. Talvez suas mãos e pés moles e pegajosos estivessem encontrando fendas e apoios que um hobbit jamais poderia ter visto ou usado, mas parecia que ele estava simplesmente descendo com patas viscosas, como algum bicho grande à espreita, semelhante a um inseto. E estava descendo de cabeça para baixo, como se farejasse o caminho. De vez em quando erguia a cabeça devagar, jogando-a para trás sobre seu pescoço longo e fino, e os hobbits viram de relance duas pequenas luzes brilhantes, os olhos dele, que Piscavam à luz da lua por um instante, e em seguida eram rapidamente cobertos pelas pálpebras outra vez.

— O senhor acha que ele consegue nos enxergar? — disse Sam.

— Não sei — disse Frodo baixinho —, mas acho que não. Mesmo par. olhos amigos é difícil enxergar essas capas élficas: eu não posso vê-lo na sombra, mesmo a apenas alguns passos de distância. E ouvi dizer que ele não gosta de sol ou lua.

— Então por que está descendo exatamente por aqui? — perguntou Sam.

— Quieto, Sam! — disse Frodo. — Talvez ele possa nos farejar. E ter o ouvido tão aguçado quanto o dos elfos, julgo eu. Acho que agora ouviu alguma coisa: nossas vozes, provavelmente. Gritamos um bocado lá atrás, e estávamos conversando alto demais até um minuto atrás.

— Bem, não o aguento mais — disse Sam. — Desta vez ele est. exagerando, e vou lhe dizer umas palavrinhas, se puder, Não acho agora que conseguiríamos escapar dele, de qualquer forma. — Cobrindo bem c rosto com o capuz cinza, Sam se arrastou furtivamente na direção dc penhasco.

— Cuidado! — sussurrou Frodo, vindo atrás. — Não o assuste! Ele mais perigoso do que parece.

A figura negra e rastejante já tinha descido três quartos do penhasco, e talvez já estivesse a uns quinze metros ou menos da base. Agachados e imóveis como pedras à sombra de um grande rochedo, os hobbits o vigiavam. Parecia que ele estava passando por um trecho difícil, ou que estava preocupado com alguma coisa. Podiam ouvi-lo farejando, e de vez em quando percebiam também o som de sua respiração chiada, que soava como uma praga. Ergueu a cabeça, e os hobbits tiveram a impressão de tê-lc

ouvido cuspir. Depois continuou outra vez. Agora podiam ouvir sua voz rangendo e assobiando.

— Ach, sss! Cuidado, meu precioso! Devagar se vai ao longe. Nã devemos arrisscar nosso pessscoço, devemos, precioso? Não, preciosc gollum. — Ergueu a cabeça de novo, piscou para a lua, e rapidamente fechou os olhos. — Odiamos ela — chiou ele. — Sssórdida, ssórdida luz que fica tremendo e nos esspionando, precioso — machuca nossos olhos.

Estava chegando embaixo, e seus chiados ficaram mais agudos e audíveis.

— Onde esstá, onde esstá: meu Precioso, meu Precioso? É nosso, sim, e nós quer ele. Os ladrões, os ladrões, os ladrõezinhos nojentos. Onde estão com meu Precioso? Malditos! Nós odeia eles.

— Não parece que ele sabia que estávamos aqui, parece? — sussurrou Sam. — E o que é o Precioso dele? Ele quer dizer o...

— Pssiu! — fez Frodo. — Ele está chegando perto agora, perto suficiente para escutar um sussurro.

Realmente, Gollum parara de repente outra vez, e a grande cabeça sobre o pescoço esquelético virava de um lado para o outro, como se ele tentasse escutar algo. Os olhos opacos estavam semicerrados. Sam se conteve embora seus dedos estivessem crispados.

Seus olhos, cheios de ódio e,nojo, estavam fixos na miserável criatura, que agora começava a se mexer outra vez, ainda sussurrando e chiando para si mesma.

Finalmente já estava a menos de quatro metros do chão, bem acima da cabeça deles. Naquele ponto havia uma descida brusca, pois a rocha estava levemente socavada, e até mesmo Gollum não conseguia encontrar qualquer tipo de apoio.

Parecia estar tentando se virar, de modo que descesse com as pernas primeiro, quando de repente, com um guincho agudo, ele caiu. Conforme caía, enroscou os braços e as pernas em volta do corpo, como uma aranha cujo fio do qual pende se rompe.

Sam saiu do esconderijo e num instante atravessou o espaço que o separava do penhasco com alguns saltos. Antes que Gollum pudesse se levantar, já estava em cima dele. Mas Gollum superou suas expectativas

mesmo pego daquele jeito, de repente, de surpresa depois de uma queda. Antes que Sam pudesse prendê-lo, pernas e braços compridos estavam em volta de seu corpo, segurando-lhe os braços, e um agarrão firme, mole mas terrivelmente forte, o esmagava como cordas que se apertam lentamente; dedos pegajosos tateavam à procura de sua garganta. Depois dentes afiados morderam-lhe o ombro. Tudo que Sam podia fazer era projetar para o lado sua cabeça dura e redonda contra o rosto da criatura. Gollum chiava e cuspia, mas não o soltava.

Sam se teria dado mal se estivesse sozinho. Mas Frodo deu um salto e tirou Ferroada da bainha. Com a mão esquerda, puxou para trás a cabeça de Gollum, agarrando-lhe os cabelos finos e escassos, esticando-lhe o longo pescoço, forçando seus olhos opacos e venenosos a olhar para o céu.

— Solte, Gollum! — disse ele. — Esta é Ferroada. Você já a viu antes. Solte, ou vai senti-la desta vez! Vou lhe cortar a goela!

Gollum teve um colapso e ficou solto como barbante molhado. Sam se levantou, apalpando o ombro. Os olhos queimavam de ódio, mas ele não pôde se vingar: seu miserável inimigo estava rastejando sobre as pedras, choramingando.

— Não nos machuquem! Não deixe que nos machuquem, Precioso. Não vão nos machucar, vão, esses bons e pequenos hobbitses? Não queríamos fazer mal algum, mas eles pulou em nós como gatos em cima de pobres ratinhos, é sim, precioso. E estamos tão sozinhos, gollum. Vamos ser bonzinhos para eles, muito bonzinhos, se eles forem bonzinhos para nós, não é? Sim, sssim.

— Bem, que vamos fazer com essa coisa? — disse Sam. — Amarrá-lo para que não possa mais ficar nos seguindo e nos espionando, eu diria.

— Mas isso nos mataria, nos mataria — choramingou Gollum. Hobbitsezinhos cruéis.

Amarrar nós neste lugar frio e nos deixar, gollum, Gollum. — Soluços subiram-lhe pela garganta gorgolejante.

— Não — disse Frodo. — Se vamos matá-lo, é melhor fazer o serviço direito. Mas não podemos fazer isso, não no pé em que estão as coisas. Pobre patife! Não nos fez mal algum.

— Ah não, é? — disse Sam esfregando o ombro. — De qualquer

forma, teve a intenção, e continua tendo, eu garanto. Estrangular-nos enquanto dormimos, esse é o plano dele.

— Suponho que sim — disse Frodo. — Mas o que pretende fazer (outro assunto. — Fez uma pausa e ficou pensando. Gollum ficou imóvel mas parou de choramingar. Sam tinha os olhos cravados nele, furioso.

Frodo teve a impressão de ouvir, claras mas distantes, vozes vindas do passado:

— É uma pena que Bilbo não tenha apunhalado aquela criatura vil, quando teve a chance!

— Pena? Foi justamente Pena que ele teve. E misericórdia. Nã atacar sem necessidade.

— Não sinto nenhuma pena de Gollum. Ele merece morrer.

— Merece! Suponho que sim. Muitos que vivem merecem morrer I alguns que merecem viver morrem. Você Pode dar-lhes vida? Então nã seja tão ávido para condenar à morte em nome da justiça, temendo por sua própria segurança. Nem mesmo os sábios conseguem ver os dois lados.

— Muito bem — respondeu ele em voz alta, abaixando a espada. — Mas ainda estou com medo. E mesmo assim, como você pode ver, não vou tocar na criatura. Pois, agora que o vejo, realmente sinto pena dele.

Sam ficou olhando para seu mestre, que parecia estar conversandc com alguém que não estava lá. Gollum ergueu a cabeça.

— Sssim, somos patifes, precioso — choramingou ele. — Miséria miséria! Os hobbits não vão matar nós, hobbits bonzinhos.

— Não, não vamos — disse Frodo. — Mas também não vamos soltá lo, Você está cheio de maldade e traição, Gollum. Vai ter de vir conosco, isso é tudo, e vamos vigiá-lo. Mas deve nos ajudar, se puder. O bem com o ben se paga.

— Sssim, realmente! — disse Gollum sentando-se. — Hobbit bonzinhos. Vamos com eles. Achar para eles caminhos seguros na escuridão, sim, vamos. E para onde vão nestas terras frias e escuras? Nós fica pensando, sim, nós fica pensando. — Olhou para eles, e um brilho fraco de esperteza e avidez iluminou por um segundo seus olhos opacos que piscavam.

Sam lhe fez uma careta e chupou os dentes; mas teve a impressão de

sentir que havia algo estranho sobre a disposição de seu mestre e que o assunto estava acima de qualquer discussão. Mesmo assim, ficou assustado com a resposta de Frodo.

Frodo olhou direto nos olhos de Gollum, que se esquivaram e se voltaram para o outro lado.

— Isso você sabe, ou pode imaginar, Sméagol disse ele numa voz baixa e severa. — Estamos indo para Mordor, é claro. E você sabe o caminho para lá, eu suponho.

— Ach, sss! — disse Gollum, cobrindo os ouvidos com as mãos, como se aquela franqueza, e a menção direta dos nomes, o machucassem. — Imaginamos, sim, imaginamos — sussurrou ele —, e não queríamos que eles fossem, queríamos? Não, precioso, não os hobbits bonzinhos. Cinzas, cinzas e poeira, e sede há lá; e poços, poços, poços, e orcs, milhares de orcs. Hobbits bonzinhos não devem ir para — ss — lugares assim.

— Então você esteve lá? — insistiu Frodo. — E está sendo atraído de volta, não está?

— Sssim, sssim. Não! — gritou Gollum. — Uma vez, foi por acaso, não foi, precioso? Sim, por acaso. Mas não vamos voltar, não, não! — Então, de repente, sua voz e sua língua mudaram, e ele emitiu um soluço gutural, e falou, mas não para eles, — Deixe-me em paz, gollum! Você me machuca. Olhe minhas pobres mãos, gollum. Eu, nós, eu não quero voltar. Não consigo encontrá-lo. Estou cansado. Eu, nós não conseguimos encontrá-lo, gollum gollum, não, não, em lugar nenhum. Estão sempre acordados. Anões homens, e elfos, elfos terríveis de olhos brilhantes. Não consigo encontrá-lo. Ach! — Levantou-se e cerrou a mão comprida num punho ossudo e descarnado, acenando na direção do leste. — Não vamos! — gritou ele. — Não por você. — Então teve outro colapso. — Gollum, gollum — choramingou ele com o rosto virado para o chão. — Não olhe para nós! Vá embora! Vá dormir!

— Ele não vai dormir nem vai embora porque você mandou, Sméagol! Disse Frodo.

— Mas se realmente quer ficar livre dele de novo, então deve me ajudar. E receio que isso signifique encontrar para nós um caminho que leve a ele. Mas não precisa fazer o caminho todo, só até os portões da terra dele.

Gollum sentou-se de novo e olhou-o por debaixo das pálpebras. — Ele está lá — grasnou ele. — Sempre lá. Os orcs vão levá-los por todo o caminho Fácil achar orcs a leste do Rio. Não peça para Sméagol. Pobre, pobre Sméagol, ele foi embora faz tempo. Eles tomaram seu Precioso, e ele está perdido agora.

— Talvez possamos encontrá-lo de novo, se você vier conosco — disse Frodo.

— Não, não, nunca! Ele perdeu seu Precioso — disse Gollum.

— Levante-se! — disse Frodo.

Gollum se levantou e encostou-se contra o penhasco.

— Agora! — disse Frodo. — É mais fácil Para você achar um caminho de dia ou de noite? Estamos cansados; mas se escolher a noite, partiremos esta noite.

— As grandes luzes machucam nossos olhos, machucam sim — choramingou Gollum. — Não sob a Cara Branca, ainda não. Ela vai para trás das colinas logo, ssim. Descansem um pouco primeiro, hobbits bonzinhos!

— Então sente-se — disse Frodo. — E não se mexa!

Os hobbits se sentaram perto dele, um de cada lado, com as costas contra a parede rochosa, descansando as pernas. Não houve necessidade de qualquer combinação por meio de palavras: sabiam que não deviam dormir nem por um segundo.

Lentamente a lua desapareceu. Sombras caíram das colinas, e tudo ficou escuro diante deles. O céu se encheu de estrelas claras. Ninguém se mexia. Gollum estava sentado com as pernas dobradas, os joelhos sob o queixo, as mãos e os pés chatos esborrachados no chão, os olhos fechados; mas parecia tenso, como se estivesse pensando ou tentando escutar algo.

Frodo olhou de lado para Sam. Os olhos se encontraram e ele entenderam.

Relaxaram, recostando as cabeças, fechando ou dando a impressão de fechar os olhos. Logo se podia ouvir o som de sua respiração suave. As mãos de Gollum se crisparam um pouco. Quase imperceptivelmente, sua cabeça virou para a direita e para a esquerda, e primeiro um olho e depois o outro abriram uma fresta. Os hobbits não fizeram nenhum sinal.

De repente, com velocidade e agilidade assustadoras, direto do chão,

com um salto de um gafanhoto ou um sapo, Gollum pulou à frente dentro da escuridão. Mas era exatamente isso que os hobbits esperavam. Sam estava em cima dele antes que tivesse dado dois passos depois do salto. Frodo, vindo atrás, agarrou-lhe as pernas e o jogou no chão.

— Sua corda pode se mostrar útil de novo, Sam — disse ele.

Sam pegou a corda. — E aonde o senhor estava indo nessas terras frias e desertas, Sr. Gollum? — rosnou ele. — Nós se pergunta, é sim, nós se pergunta. Estava procurando algum de seus amigos orcs, eu garanto. Criatura má e traiçoeira. É em volta de seu pescoço que esta corda vai ficar, e com um nó bem apertado.

Gollum ficou quieto e não tentou mais nenhum truque. Não respondeu a pergunta de Sam, mas lançou-lhe um olhar rápido e venenoso.

— Só precisamos de alguma coisa para controlá-lo — disse Frodo. Queremos que ele ande, então não adianta amarrar-lhe as pernas — ou os braços, parece que ele os usa bastante. Amarre uma ponta no tornozelo, e agarre firme a outra ponta.

Segurou Gollum com os pés, enquanto Sam fazia o nó. O resultado disso surpreendeu aos dois. Gollum começou a gritar, um som fraco, cortante, muito horrível de escutar.

Contorceu o corpo, tentando levar a boca até o tornozelo e morder a corda. Continuou gritando.

Finalmente Frodo se convenceu de que ele estava realmente sofrendo; mas não podia ser por causa do nó. Examinou-o e viu que não estava apertado demais, na verdade nem apertado o suficiente. O gesto de Sam fora mais gentil que suas palavras.

— Que há com você? — perguntou ele. — Se vai tentar fugir, precisa ser amarrado; mas não queremos machucá-lo.

— Isso machuca nós, isso machuca nós — chiou Gollum. — Congela morde! Os elfos trançaram a corda, malditos! Hobbits maldosos e cruéis! É por isso que nós está tentando escapar, é claro que é por isso, precioso. Já desconfiava que eles eram hobbits cruéis. Eles visita os elfos, elfos ferozes com olhos brilhantes. Tire essa corda de nós, ela machuca nós.

— Não, não vou tirá-la de você — disse Frodo —, a não ser — parou por um momento, pensando —, a não ser que haja uma promessa que você

possa fazer e na qual eu possa confiar.

— Sim, ssim — disse Gollum, ainda se contorcendo e agarrando o tornozelo. — Isso nos machuca. Nós juramos fazer o que ele deseja.

— Jura? — disse Frodo.

— Sméagol — disse Gollum de repente e numa voz clara, abrindo completamente os olhos e lançando a Frodo um olhar estranho. — Sméagol vai jurar sobre o Precioso.

Frodo empertigou-se, e Sam mais uma vez se assustou com suas palavras e sua voz severa.

— Sobre o Precioso? Como ousa? — disse ele. — Pense! Um anel para todos governar e na Escuridão aprisioná-los. — Você faria sua promessa em nome disso, Sméagol? Isso irá prendê-lo. Mas isso é mais traiçoeiro que você. Pode torcer suas palavras. Cuidado!

Gollum se agachou.

— Sobre o Precioso, sobre o Precioso! — repetiu ele.

— E o que você juraria? — perguntou Frodo.

— Ser muito, muito bom — disse Gollum. Depois, arrastando-se até os pés de Frodo, ajoelhou-se diante dele, sussurrando numa voz rouca: um tremor tomou conta de seu corpo, como se as palavras lhe abalassem os próprios ossos de medo.

— Sméagol jura que nunca, nunca permitirá que Ele o tenha. Nunca Sméagol vai salvá-lo. Mas precisa jurar sobre o Precioso.

— Não, não sobre ele — disse Frodo, descendo os olhos até ele e sentindo uma compaixão austera. — Tudo o que deseja é vê-lo e tocá-lo, se puder, embora saiba que isso o deixaria louco. Não sobre ele. Jure por ele, se quiser. Pois você sabe onde ele está. Sim, você sabe, Sméagol. Está diante de você.

Por um momento, Sam teve a impressão de que seu mestre crescera e de que Gollum havia encolhido: uma sombra altiva e austera, um senhor Poderoso que escondia seu brilho numa nuvem cinzenta, e aos seus pés tinha um cachorrinho ganindo. Apesar disso, os dois eram de alguma forma aparentados e não estranhos: podiam atingir a mente um do outro. Gollum se levantou e começou a bater de leve com as patas em Frodo, acariciando seus joelhos.

— Para o chão, para o chão! — disse Frodo. — Agora, fale de su promessa!

— Nós promete, sim, nós promete! — disse Gollum. — Vou servir a mestre do Precioso. Bom mestre, bom Sméagol, gollum, gollum! — D repente, começou a chorar e a morder o tornozelo outra vez.

— Desamarre a corda, Sam! — disse Frodo.

Relutante, Sam obedeceu. Imediatamente, Gollum se levantou começou a saltitar, como um vira-latas que depois de açoitado é acariciado pelo dono. Desde esse momento, uma mudança, que durou algum tempo, operou-se nele. Ao falar chiava e choramingava menos, e se dirigia aos seus companheiros diretamente, e não à sua própria e preciosa pessoa. Se os hobbits se aproximassem ou fizessem qualquer movimento súbito, ele se encolhia e recuava, e também evitava o toque de suas capas élficas; mas era amigável e na verdade dava pena ver como se esforçava para agradar. Era capaz de rir às gargalhadas e fazer cabriolagens, por qualquer brincadeira, ou até mesmo se Frodo lhe dirigisse a palavra com gentileza, e de chorar se Frodo o repelisse.

Sam não lhe dizia quase nada. Suspeitava dele agora mais do que nunca e, se isso fosse possível, gostava menos do novo Gollum, o Sméagol, do que do antigo.

— Bem, Gollum, ou como quer que devamos chamá-lo — disse ele Agora vamos! A lua já se foi, e a noite está passando. É melhor partirmos!

— Sim, sim — concordou Gollum, saltitando. — Vamos! Só há un caminho que vai da extremidade norte até a extremidade sul. Eu c encontrei, é sim. Os orcs não o usam. Os orcs não atravessam o Pântano, ele o contornam andando milhas e milhas. Muita sorte que vocês vieram por aqui. Muita sorte que encontraram Sméagol, é sim. Sigam Sméagol!

Deu alguns passos e olhou para trás de um modo inquisitivo, comc um cachorro que os convidasse para um passeio.

— Espere um pouco, Gollum! — gritou Sam. — Não vá muito n frente! Vou ficar nos seus calcanhares, e tenho a corda à mão.

— Não, não! — disse Gollum. — Sméagol prometeu.

Nas profundezas da noite, sob estrelas claras e agudas, eles partiram.

Gollum os conduziu de volta em direção ao norte, pelo caminhc

através do qual tinham vindo; então desviou bruscamente para a direita, distanciando-se da borda íngreme dos Emyn Muil, descendo as encostas partidas e pedregosas em direção aos brejos lá embaixo.

Eles iam sumindo rápida e suavemente na escuridão. Ao longo de todas as léguas de desolação que ficavam diante dos portões de Mordor, fazia-se um silencio negro.

CAPÍTULO II: A PASSAGEM DOS PÂNTANOS

Gollum se movimentava com rapidez, com a cabeça e o pescoço jogados para frente, muitas vezes usando as mãos além dos pés. Frodo e Sam tinham de se esforçar para manter o ritmo dele; mas não parecia que Gollum tinha qualquer ideia de escapar, e se os hobbits ficavam para trás, ele se virava e os esperava. Depois de um tempo chegaram à borda do fosso estreito que já tinham atingido antes, mas agora estavam mais distantes das colinas.

— Aqui está! — gritou ele. — Há uma descida por dentro, é sim. Agora nós segue por ela — ali, por ali. — Apontou ao sul e ao leste, na direção dos pântanos. O cheiro nauseabundo chegava-lhes às narinas, pesado e pestilento mesmo no ar fresco da noite.

Gollum subiu e desceu ao longo da borda, e finalmente os chamou. Aqui! Podemos descer por aqui. Sméagol foi por esse caminho uma vez: fu por aqui, escondendo-me dos orcs.

Foi na frente, e seguindo-o os hobbits desceram para dentro da escuridão.

Não foi difícil, pois a fenda nesse ponto tinha uma profundidade de apenas uns quatro metros e meio, e cerca de três metros e meio de largura. No fundo corria um fio de água: de fato era o leito de um dos muitos pequenos riachos que desciam das colinas para alimentar as Poças estagnadas e os atoleiros mais além. Gollum virou à direita, mais ou menos em direção ao sul, e avançou afundando os pés no riacho raso e pedregoso.

Parecia muito satisfeito por sentir a água, e ria consigo mesmo, algumas vezes até grasnando numa espécie de canção.

Frio seco chão que morde a mão, pros pés é duro.
Pedra e seixo
sem carne veja , é osso puro.
Mas lago e rio molhado e frio:
tão bom pros pés! E agora me deixe...

— Ha! Ha! Deixe o quê? — disse ele, olhando de lado para os hobbits

Vou lhes dizer — grasnou ele. — Ele já adivinhou há muito tempo, Bolseir adivinhou. — Um brilho surgiu em seus olhos e Sam, captando-o na escuridão, achou aquilo muito pouco agradável.

Como a morte sem calor; vive sem respirar;
sem sede, sempre a beber; encouraçado sem tilintar
No seco sua derrota, acha que uma ilhota é alto monte;
acha que uma fonte é sopro de brisa. Macio, desliza!
Como é bom vê-lo! Só quero que me deixe
Pegar meu peixe, e depois comê-lo!

Essas palavras só deixaram Sam mais preocupado com um problema que já vinha incomodando sua mente desde a hora em que ele percebera que seu mestre ia adotar Gollum como um guia: o problema da comida. Não lhe ocorreu que seu mestre também poderia ter pensado nisso, mas ele supunha que Gollum pensara. Pensando bem, como Gollum tinha se mantido durante todo o tempo que vagou sozinho? "Não muito bem", pensou Sam. "Ele parece bastante esfomeado. E não exigente demais para não experimentar o gosto da carne de hobbits, se não conseguir encontrar nenhum peixe, eu aposto — supondo que ele pudesse nos pegar enquanto estivéssemos cochilando. Não, ele não vai: não Sam Gamgi, pelo menos."

Avançaram aos tropeços para dentro do fosso escuro e sinuoso por um longo tempo, ou pelo menos assim pareceu para os pés cansados de Frodo e Sam. O fosso virava para o leste, e conforme iam avançando ficava mais largo e gradualmente mais raso. Finalmente o céu começou a clarear com o primeiro cinza da manhã. Gollum não mostrava sinais de cansaço, mas agora erguera os olhos e parara.

— O Dia está chegando — sussurrou, como se o Dia fosse algo que pudesse ouvi-lo e saltar sobre ele. — Sméagol vai ficar aqui: vou ficar aqui, e o Cara Amarela não vai me ver.

— Nós ficaríamos contentes em ver o sol — disse Frodo —, mas vamos ficar aqui: estamos cansados demais para ir mais longe, por enquanto.

— Vocês não demonstram sabedoria quando se alegram com o Cara Amarela — disse Gollum. — Ele os mostra. Hobbits sensatos e bonzinhos

ficam com Sméagol. Orcs e seres maus estão à solta. Eles podem enxergar de longe. Fiquem e se escondam comigo!

Os três pararam para descansar ao pé da parede rochosa do fosso. Naquele ponto, a altura era pouco maior que a de um homem grande, e na base havia saliências planas de pedra seca; a água corria num canal do outro lado. Frodo e Sam se sentaram em uma das saliências, descansando as costas. Gollum se arrastava e chapinhava na água.

— Precisamos comer um pouco — disse Frodo. — Está com fome Sméagol? Temos muito pouco para dividir, mas vamos lhe oferecer o que pudermos. À menção da palavra fome, uma luz esverdeada se acendeu nos olhos opacos de Gollum, que pareceram saltar mais que nunca daquele rosto magro e de aparência doentia. Por um momento, ele teve uma recaída, voltando ao seu jeito antigo de Gollum. — Estamosss famintos, sim, famintos estamos, precioso — disse ele. — Que é que eles come? Têm uns peixes gostosos? — Pôs a língua para fora, entre os dentes pontudos e amarelos, lambendo os lábios descorados.

— Não, não temos peixe — disse Frodo. — Só temos isto — ergueu um pedaço de lembas — e água, se esta água aqui for boa para beber.

— Sssim, sssim, agua boa — disse Gollum. — Bebam, bebam, enquanto pudermos!

Mas o que é isso aí, precioso? É mastigável? É gostoso? Frodo partiu uma parte do bolo e o entregou a Gollum no seu embrulho de folhas. Gollum farejou a folha e seu rosto se alterou: um espasmo de asco tomou conta dele, juntamente com um traço da velha malícia. Sméagol sente o cheiro! — disse ele. — Folhas da terra dos elfos, gah! Eles fede.

Ele subiu naquelas árvores, e não pode tirar o cheiro de suas mãos nem lavando, minhas pobres mãozinhas.

— Jogando a folha, ele pegou um canto do lembas e o mordiscou. Cuspiu e teve um acesso de tosse.

— Ach! Não! — gaguejou ele. — Estão tentando sufocar o pobre Sméagol. Poeira e cinzas, ele não pode comer essas coisas. Vai ter de passar fome. Mas Sméagol não se importa. Hobbits bonzinhos! Sméagol prometeu. Vai passar fome. Ele não pode comer comida de hobbits. Vai passar fome. Pobre do magro Sméagol!

— Sinto muito — disse Frodo -, mas receio que não possa ajudá-lo Acho que esta comida lhe faria bem, se você quisesse experimentar. Mas talvez não possa nem experimentar, não por enquanto, de qualquer forma.

Os hobbits mastigaram seus lembas em silêncio. Sam teve a impressão de que o gosto estava muito melhor, de alguma forma, do que estivera por um bom tempo: o comportamento de Gollum o fizera atentar para o sabor outra vez. Mas ele não se sentiu à vontade. Gollum ficava vigiando cada pedaço que ia da mão à boca, como um cachorro esperançoso perto da cadeira de alguém que está jantando. Só quando eles tinham terminado e se preparavam para descansar é que ele se convenceu de que os hobbits não tinham guloseimas escondidas para dividir. Depois foi se sentar sozinho a alguns passos de distância, e se lamuriou um pouquinho.

— Olhe aqui — sussurrou Sam para Frodo, numa voz não muito baixa: realmente não estava preocupado se Gollum podia ou não ouvi-lo. — Precisamos dormir um pouco; mas não os dois ao mesmo tempo, com esse vilão faminto por perto, com ou sem promessa.

Sméagol ou Gollum, não é de uma hora para a outra que ele va mudar seus hábitos, isso eu garanto. Vá dormir, Sr. Frodo, e eu o chame quando não conseguir manter minhas pálpebras abertas por mais tempo. Vamos revezar, como antes, enquanto ele estiver solto.

— Talvez esteja certo, Sam — disse Frodo falando abertamente. — Há uma mudança nele, mas que tipo de mudança, e qual a sua extensão, ainda não sei ao certo. Mas agora, falando sério, acho que não há necessidade de sentirmos medo — por enquanto. Mesmo assim, vigie, se quiser. Dê-me umas duas horas, não mais que isso, e me chame.

Frodo estava tão cansado que sua cabeça caiu sobre o peito e ele adormeceu, quase no mesmo momento em que terminara de dizer aquelas palavras. Agora Gollum não parecia mais temer coisa alguma. Enrolou-se todo e adormeceu rapidamente, sem qualquer preocupação. Naquele momento, sua respiração produzia um chiado suave por entre os dentes cerrados, mas ele estava imóvel como uma pedra. Depois de um tempo, temendo ele mesmo cochilar, se ficasse sentado ali ouvindo a respiração dos dois companheiros, Sam se levantou e deu um leve cutucão em Gollum Suas mãos se abriram e se contraíram, mas ele não fez mais nenhum outro

movimento. Sam se abaixou e lhe disse peixxxe ao ouvido, mas não houve resposta, nem mesmo qualquer sobressalto na respiração de Gollum.

Sam coçou a cabeça.

— Deve estar dormindo de verdade — murmurou ele. — E, se eu fosse como Gollum, ele jamais acordaria outra vez. — Sam reprimiu o pensamento da espada e da corda que lhe vieram à mente, e foi se sentar ao lado de seu mestre.

Quando acordou o céu já estava apagado, não mais claro e sim mais escuro do que quando tinham feito o desjejum. Sam pulou de pé. Percebeu de repente, sobretudo por sua sensação de vigor e de fome, que tinha dormido durante todo o dia, pelo menos umas nove horas. Frodo ainda estava num sono profundo, deitado agora de lado, com o corpo estendido. Gollum não estava à vista. Várias palavras de reprovação destinadas a si mesmo vieram à mente de Sam, retiradas do grande acervo paternal de palavras do Feitor; então ocorreu-lhe também que seu mestre estivera certo: até o momento não tinham tido nada do que se proteger. Os dois estavam, de qualquer forma, vivos e não estrangulados.

— Pobre patife! — disse ele sentindo um certo remorso. — Agora fico pensando onde se meteu.

— Não muito longe, não muito longe! — disse uma voz acima dele. Sam ergueu os olhos e viu a figura da grande cabeça e das orelhas de Gollum, contra o céu do início da noite.

— Que está fazendo? — gritou Sam, e suas suspeitas retornaram assim que viu aquela figura.

— Sméagol está com fome — disse Gollum. — Volto logo.

— Volte já! — gritou Sam. — Ei! Volte! — Mas Gollum tinha desaparecido.

Frodo acordou com o grito de Sam e se sentou, esfregando os olhos.

— Olá! — disse ele. — Alguma coisa errada? Que horas são?

— Não sei — disse Sam. — O sol já se pôs, eu calculo. E ele saiu. Disse que está com fome.

— Não se preocupe! — disse Frodo. — Não há como evitar, mas ele vai voltar, você vai ver. A promessa terá efeito por um tempo. E ele não vai deixar seu Precioso, de qualquer forma.

Frodo não deu muita importância ao saber que eles tinham dormido profundamente horas e horas com Gollum, e ainda por cima um Gollum bem faminto, solto ao lado deles.

— Não pense em nenhuma das palavras duras de seu Feitor — disse ele. — Você estava exausto e tudo deu certo no fim: agora nós dois estamos descansados. E temos uma estrada difícil à frente, a pior de todas as estradas.

— A respeito da comida — disse Sam. — Quanto tempo vai levar para fazermos este serviço? E quando terminarmos, que vamos fazer então? Esse pão de viagem mantém você sobre suas pernas de uma forma maravilhosa, mas não satisfaz a barriga de maneira apropriada, como se poderia dizer: não para o meu gosto, de qualquer forma, sem querer desrespeitar aqueles que o fizeram. Mas temos de comer um pouco todo dia, e ele não nasce do chão. Calculo que temos uma quantia que vai durar, vamos dizer, mais ou menos três semanas, e isso apertando os cintos e maneirando a boca, veja bem. Até agora fomos meio pródigos com as provisões.

— Não sei quanto tempo vai levar para... para terminarmos — disse Frodo.

— Demoramos demais nas colinas. Mas Samwise Gamgi, meu querido hobbit — na verdade, meu hobbit predileto, amigo dos amigos —, não acho que devemos pensar no que acontecerá depois disso. Fazer o serviço, como você diz — que esperança temos de consegui-lo? E, se conseguirmos, quem sabe o que resultará disso? Se o Um for para o Fogo e estivermos por perto? Pergunto a você, Sam, será que vamos precisar de alguma comida outra vez? Acho que não. Se conseguirmos alimentar nossas pernas para que nos levem até a Montanha da Perdição, isso será tudo o que poderemos fazer. Mais do que eu posso, começo a sentir.

Sam fez um sinal com a cabeça concordando, em silêncio. Tomou a mão de seu mestre e se inclinou sobre ela. Não a beijou, mas suas lágrimas caíram sobre ela. Então virou-se para o outro lado, passou a manga da camisa pelo nariz, levantou-se e saiu pisando firme, tentando assobiar, e dizendo com esforço: — Onde está a maldita criatura?

Realmente não demorou muito para que Gollum retornasse; mas se

aproximou tão silenciosamente que eles não o ouviram até que estivesse diante deles. Seus dedos e seu rosto estavam sujos de lama preta. Ainda estava mastigando e babando.

O que mastigava os hobbits não perguntaram, e nem queriam imaginar.

"Vermes e besouros ou alguma coisa lodosa que achou nalgum buraco", pensou Sam. "Brrr! Criatura nojenta; pobre patife!"

Gollum não lhes disse nada antes de beber muita água e lavar-se no riacho. Depois foi para perto deles, lambendo os beiços.

— Bem melhor agora disse ele. — Estamos descansados? Prontos para partir? Hobbits bonzinhos, dormem bastante. Confiam em Sméagol agora? Muito bom, muito bom.

A etapa seguinte da jornada foi muito parecida com a anterior. Conforme avançavam, o fosso ia ficando cada vez mais raso e a descida mais suave.

O fundo ia ficando menos pedregoso e mais cheio de terra, e lentamente as laterais iam se transformando em meras margens. O fosso começou a ficar sinuoso e mudar de rumo. Aquela noite chegou ao fim, mas nuvens agora cobriam lua e estrelas, e eles perceberam a chegada do dia apenas pela luz tênue e cinzenta que se espalhava lentamente.

Numa hora fria eles atingiram o fim do curso de água. As margens se transformaram em montículos cobertos de musgo. Por sobre a última saliência de pedra em decomposição, o riacho gorgolejava e caía dentro de um brejo amarronzado, onde se perdia. Juncos secos chiavam e farfalhavam, embora eles não sentissem vento algum.

Dos dois lados e à frente, jaziam amplos brejos e atoleiros, espraiando-se em direção ao sul e ao leste, na tênue meia-luz. A névoa se enrolava e esfumaçava, vinda das poças escuras e fétidas. O mau cheiro provocado por elas pairava no ar. Ao longe, agora quase ao sul, as paredes das montanhas de Mordor assomavam, como uma barra negra de nuvens de tormenta flutuando sobre um perigoso mar cercado de névoa.

Os hobbits estavam agora inteiramente nas mãos de Gollum. Não sabiam, e não podiam adivinhar naquela luz enevoada, que naquele momento estavam na verdade entrando no pântano pela fronteira do

norte, quando a maior parte dele ficava ao sul de onde estavam. Poderiam, se conhecessem a região, ter com algum atraso refeito um pouco do caminho, e depois, virando para o leste, dado a volta pelas estradas secas até a planície descoberta de Dagorlad: o campo da antiga batalha, travada diante dos portões de Mordor.

Não que houvesse muita esperança nesse caminho. Naquela planície pedregosa não havia abrigo, e por ela passavam as estradas dos orcs e dos soldados do Inimigo. Nem mesmo as capas de Lórien poderiam escondê-lo ali.

— Qual é o plano de nossa rota agora, Sméagol? — perguntou Frodo. Vamos ter de atravessar esses brejos pestilentos?

— Não há necessidade, não há nenhuma necessidade — disse Gollum.

— Não se os hobbits quiserem atingir as montanhas escuras e logo dar de cara com Ele. Um pouco para trás, e dando uma volta pequena — o braço descarnado acenava para o norte e para o leste —, e vocês poderão chegar, por estradas secas e frias, exatamente até os portões da terra d'Ele. Seu pessoal estará lá aos montes, à espera de convidados, e ficarão muito satisfeitos em levá-los diretamente a Ele. É, sim, o Olho d'Ele vigia a estrada o tempo todo. Pegou Sméagol ali, muito tempo atrás — Gollum estremeceu.

— Mas desde esse dia Sméagol usou os próprios olhos, é, sim: usou olhos e pés e nariz desde então. Conheço outros caminhos. Mais difíceis, não tão rápidos; mas melhores, se não queremos que Ele veja. Sigam Sméagol! Ele pode levá-los através dos pântanos, através da névoa, névoa espessa e agradável. Sigam Sméagol com muito cuidado, e podem chegar longe, muito longe, antes que Ele pegue vocês, sim talvez possam.

Já era dia, uma manhã lúgubre e sem vento, e o vapor malcheiroso dos pântanos pairava em pesadas camadas. Nenhum raio de sol atravessava o céu nebuloso, e Gollum parecia ansioso por continuar a viagem imediatamente. Portanto, depois de um breve descanso, eles partiram outra vez e logo estavam perdidos num mundo sombrio e silencioso, privados de toda a vista da região ao redor, quer fossem as colinas deixadas para trás, ou então as montanhas almejadas. Seguiam lentamente em fila indiana: Gollum, Sam, Frodo.

Frodo parecia o mais cansado dos três, e, embora avançassem lentamente, ele com frequência ficava para trás. Os hobbits logo perceberam que o que parecera um vasto brejo era na verdade uma interminável cadeia de poças e atoleiros, e cursos de água sinuosos e semi-estrangulados. Em meio a estes, olhos e pés hábeis poderiam traçar um caminho errante. Gollum certamente tinha essa habilidade e precisou dela toda. Sua cabeça e seu longo pescoço estavam sempre se voltando para um lado e para o outro, enquanto ele farejava e murmurava o tempo todo consigo mesmo. Algumas vezes, erguia uma mão e os detinha, enquanto ele avançava um pouco, agachado, testando o solo com os dedos das mãos ou dos pés, ou simplesmente escutando com uma orelha colada ao chão.

O lugar era monótono e cansativo. O inverno frio e úmido ainda dominava aquela região abandonada. A única coisa verde que se via era a escória de ervas esbranquiçadas sobre as superfícies escuras e oleosas das águas sombrias. Capim morto e juncos apodrecidos assomavam por entre a névoa como sombras esfarrapadas de verões há muito esquecidos.

À medida que o dia avançava, a luminosidade ficou um pouco mais intensa, e a névoa subiu, ficando mais fina e mais transparente. Bem acima da podridão e dos vapores daquele mundo, o sol agora passava alto e dourado, numa região serena sobre um chão de névoa luminosa; mas lá embaixo eles só conseguiam ver dele um fantasma fugidio, ofuscado, opaco, incapaz de dar cor ou calor. Mas até mesmo diante desse pequeno lembrete de sua presença Gollum franziu a testa e recuou.

Interrompeu a viagem, e eles descansaram, de cócoras como pequenos animais acuados, nas bordas de uma grande moita de juncos castanhos. Fez-se um silêncio profundo, apenas arranhado em sua superfície pelo tremor fraco de plúmulas de sementes vazias, ou folhas de capim quebradas causando pequenas vibrações do ar que eles nem conseguiam perceber.

— Nem um pássaro — disse Sam num lamento.

— Não, nem um pássaro — disse Gollum. — Pássaros bonzinhos! – continuou ele, lambendo os beiços. — Nenhum pássaro aqui. Há cobrasas vermeses, coisas nas poças. Muitas coisas, muitas coisas ruins. Nenhum pássaro — terminou ele com tristeza. Sam olhou-o com aversão.

Assim passou o terceiro dia da jornada com Gollum. Antes que a sombras da tarde ficassem longas em terras mais felizes, eles partiram de novo, avançando sempre e fazendo apenas breves pausas. Paravam nem tanto para descansar, mas para ajudar Gollum; pois agora até mesmo ele tinha de avançar com grande cuidado, e algumas vezes ficava perdido por um tempo. Tinham chegado bem ao centro dos Pântanos Mortos, e estav. escuro.

Caminhavam devagar, abaixados e mantendo-se em fila, seguindc atentamente cada movimento que Gollum fazia. Os brejos iam ficando mai: úmidos, abrindo-se em amplos pântanos estagnados, entre os quais ficava cada vez mais difícil encontrar lugares mais firmes onde pudessem pisar sem que os pés afundassem numa lama gorgolejante.

Os viajantes eram leves; caso contrário talvez nenhum deles tivesse conseguido atravessar.

Logo tudo ficou completamente escuro: o próprio ar parecia negro e pesado de se respirar. Quando luzes apareceram, Sam esfregou os olhos teve a impressão de que sua cabeça estava ficando estranha. Primeiro viu um com o canto do olho esquerdo, um fogofátuo de brilho opaco que desapareceu; mas outros apareceram logo depois: alguns semelhantes a uma fumaça de brilho fraco, outros como chamas enevoadas piscando lentamente sobre velas invisíveis; aqui e ali se retorciam como lençóis fantasmagóricos desfraldados por mãos ocultas Mas nenhum de seus companheiros disse nada.

Finalmente Sam não pôde mais se segurar.

— Que são essas coisas, Gollum? — disse ele num sussurro. — Essa luzes? Estão em toda a nossa volta. Estamos numa armadilha? Quem sã elas?

Gollum ergueu os olhos. Uma água escura se espalhava à sua frente, e ele se arrastava no chão, de um lado para o outro, sem certeza do caminho. — Sim, estão em toda a nossa volta — sussurrou ele. — As luzes enganosas Velas de cadáveres, sim, sim. Não dê atenção a elas! Não olhe! Não as siga Onde está o mestre?

Sam virou-se e viu que Frodo ficara para trás. Não consegui. enxergá-lo.

Voltou alguns passos para dentro da escuridão, sem ousar ir muitc longe, ou chamá-lo numa voz mais alta que um sussurro rouco. De repente, trombou com Frodo, que estava parado, perdido em pensamentos, olhandc para as luzes opacas. As mãos estavam imóveis ao longo do corpo; água e lama pingavam delas.

— Venha, Sr. Frodo! Não olhe para elas! Gollum disse que nã devemos! Vamos alcançá-lo e sair desse lugar amaldiçoado o mais rápido possível — se pudermos!

— Tudo bem — disse Frodo, como se retornasse de um sonho. — Estou indo! Vá!

Correndo outra vez para frente, Sam tropeçou, prendendo o pé em alguma raiz ou touceira velha. Caiu pesadamente sobre as mãos, que afundaram muito num lodo pegajoso, de modo que seu rosto ficou próximo à superfície do pântano escuro.

Ouviu-se um chiado fraco, um cheiro fétido subiu, a s luzes piscaram, dançaram e se contorceram.

Por um momento, a água embaixo dele ficou semelhante a uma janela, coberta por um vidro encardido, através do qual ele espiou. Arrancando as mãos do brejo, ele deu um salto para trás e gritou. — Há coisas mortas, rostos mortos na água disse ele cheio de terror.

— Rostos mortos!

Gollum riu.

— Os Pântanos Mortos, é, sim: esse é o nome deles — disse el gargalhando. — Você não deve olhar quando as velas estão acesas.

— Quem são eles? O que são eles? — perguntou Sam tremendc voltando-se para Frodo que agora vinha logo atrás.

— Não sei — disse Frodo numa voz que parecia saída de um sonho Mas também os vi. Nas poças, quando as velas estão acesas. Jazem em toda as poças, rostos pálidos, nas profundezas das águas escuras. Eu os vi: rostos repugnantes e maus, e rostos nobres e tristes. Muitos rostos altivos e belos, e ervas em seus cabelos prateados. Mas todos nojentos, podres, todos mortos. Há uma luz terrível neles. — Frodo cobriu os olhos com as mãos. — Não se quem são; mas tive a impressão de ter visto ali homens e elfos, e orcs ao lado deles.

— É, sim — disse Gollum. — Todos mortos, todos podres. Elfos e homens e orcs. Os Pântanos Mortos. Houve uma grande batalha há muito tempo, sim, assim lhe disseram quando Sméagol era jovem, quando eu era jovem antes de o Precioso chegar. Foi uma grande batalha. Homens altos com grandes espadas, e elfos terríveis, e orcses gritando.

Lutaram sobre a planície por dias e meses diante dos Portões Negros. Mas os Pântanos cresceram desde então, engoliram os túmulos, sempre se espalhando, se espalhando.

— Mas isso foi há uma ou duas eras — disse Sam. — Os Mortos não podem realmente estar lá. Isso é alguma feitiçaria criada na Terra Escura?

— Quem pode saber? Sméagol não sabe — respondeu Gollum. — Você não consegue alcançá-los, não consegue atingi-los. Nós tentamos uma vez, sim, precioso. Eu tentei uma vez; mas não é possível alcançá-los. Apenas figuras para se ver, talvez, não para se tocar. Não, precioso. Todos mortos.

Sam lançou-lhe um olhar obscuro e estremeceu de novo, pensando que podia adivinhar por que Gollum tinha tentado tocá-los.

— Bem, eu não quero vê-los — disse ele. — Nunca mais! Podemos continuar e sair daqui?

— Sim, sim — disse Gollum. — Mas devagar, muito devagar. Com muito cuidado! Ou os hobbits vão descer para se juntar aos mortos e acender pequenas velas. Sigam Sméagol! Não olhem para as luzes!

Arrastou-se outra vez para a direita, procurando um caminho que contornasse o brejo. Os outros vinham logo atrás, abaixando-se, com frequência usando as mãos como ele fazia. "Seremos três Gollums preciosos numa fileira, se isso continuar por muito tempo", pensou Sam.

Finalmente chegaram à extremidade do pântano negro, e o atravessaram, perigosamente, rastejando, ou saltando de uma traiçoeira ilha de moita para a outra. Com frequência perdiam o pé, tropeçando ou caindo com as mãos em águas fétidas semelhantes a fossas, até ficarem cobertos de lodo e sujos quase até o pescoço, fedendo às narinas uns dos outros.

Já era tarde da noite quando finalmente atingiram terra mais firme de novo.

Gollum chiou e sussurrou consigo mesmo, mas parecia que ele estava

satisfeito: de um modo misterioso, graças a algum sentido que misturava tato, olfato, e uma memória prodigiosa para formas no escuro, ele parecia saber outra vez exatamente onde estava, e ter certeza da estrada de novo.

— Agora vamos em frente! — disse ele. — Hobbits bonzinhos! Hobbits corajosos!

Muito, muito cansados, é claro; nós também estamos, meu precioso, todos nós. Mas precisamos levar o mestre para longe das luzes maldosas, é, sim, precisamos. — Com essas palavras partiu de novo, quase num trote, descendo o que parecia ser uma alameda comprida entre os juncos, e os hobbits foram aos tropeços atrás dele, o mais rápido que conseguiam. Mas logo ele parou de repente e farejou o ar cheio de dúvidas, chiando como se estivesse preocupado ou incomodado com alguma coisa outra vez.

— O que foi — rosnou Sam, interpretando os sinais de modo errado Para que farejar?

O mau cheiro quase me derruba com o nariz tampado. Você fede, e o mestre fede, e tudo em volta fede.

— É, sim, e Sam fede — respondeu Gollum. — O pobre Sméagol sente o cheiro, mas o bom Sméagol o suporta. Ajuda o mestre bonzinho. Mas isso não é problema. O ar está se mexendo, uma mudança está chegando. Sméagol fica pensando; não está feliz.

Continuou outra vez, mas seu desconforto cresceu, e de vez em quando ele se levantava totalmente, virando o pescoço para o leste e para o sul. Por algum tempo, os hobbits não conseguiram ouvir ou sentir o que o estava preocupando.

Então, de repente, todos os três pararam, imóveis e escutando. Frodo e Sam tiveram a impressão de ouvir, distante, um longo grito lamentoso, alto, agudo e cruel. Eles tremeram. No mesmo momento, puderam perceber a agitação do ar; ficou muito frio.

Quando pararam, forçando os ouvidos, escutaram um barulho como um vento vindo na distância. As luzes embaçadas tremeram, diminuíram e se apagaram.

Gollum não se mexia. Ficou parado, tremendo e balbuciando para si mesmo, até que numa rajada o vento os atingiu, chiando e rosnando por sobre os pântanos. A noite ficou menos escura, com luz suficiente para que

eles pudessem ver, ou quase ver, tufos disformes de névoa se enrolando e se contorcendo conforme rolavam e passavam por eles. Erguendo os olhos, eles viram as nuvens se partindo e se dividindo; então, acima e ao sul, a lua tremeluziu, vagando por sobre a ruína que havia no céu.

Por um momento, a visão dela alegrou os corações dos hobbits: mas Gollum se abaixou, murmurando maldições para a Cara Branca. Então Frodo e Sam, olhando para o céu, respirando profundamente o ar mais fresco, viram-na se aproximar: uma pequena nuvem voando das colinas malditas; uma sombra negra enviada de Mordor; uma figura enorme, alada e agourenta. Passou através da lua, e com um grito mortal foi embora em direção ao oeste, superando o vento em sua velocidade alucinante.

Eles caíram para frente, rastejando sem cuidado sobre aterra fria. Mas a sombra de terror fez um círculo e retornou, passando agora mais baixo, bem acima deles, deslizando sobre o fedor do brejo com suas asas horríveis. E depois se foi, voando de volta para Mordor com a velocidade da ira de Sauron; e atrás dela foi-se o vento rugindo, deixando os Pântanos Morto vazios e abandonados. O deserto nu, até onde a vista podia alcançar, mesmo até a ameaça distante das montanhas, estava salpicado pelo luar intermitente.

Frodo e Sam se levantaram, esfregando os olhos, como crianças que acordam de um pesadelo para encontrar a noite familiar ainda sobre o mundo. Mas Gollum ficou deitado no chão, como se estivesse atordoado Reanimaram-no com dificuldade, e por um tempo ele se recusou a erguer o rosto, mas de joelhos se apoiou nos cotovelos, cobrindo a cabeça com as grandes mãos chatas.

— Espectros! — gemeu ele. — Espectros com asas! O Precioso é mestre deles. Eles enxergam tudo, tudo. Nada pode se esconder deles Maldita Cara Branca! E eles contam tudo para Ele. Ele vê, Ele sabe. Ac gollum, Gollum, gollum! — Foi só quando a lua tinha descido, avançando muito a oeste do Tol Brandir, que ele se levantou e fez um movimento.

A partir daquele incidente Sam teve a impressão de sentir uma mudança em Gollum de novo. Estava mais carinhoso e supostamente amigável; mas Sam algumas vezes o surpreendia lançando uns olhares estranhos, especialmente em direção a Frodo; e ele voltava cada vez mais à

sua velha maneira de falar. E Sam tinha outra ansiedade crescente. Frod parecia estar cansado, cansado a ponto da exaustão. Não dizia nada, na verdade dificilmente falava alguma coisa; e também não reclamava, mas caminhava como alguém que carrega um fardo cujo peso está constantemente aumentando; arrastava-se cada vez mais devagar, de modo que Sam frequentemente precisava pedir a Gollum que esperasse e não deixasse seu mestre para trás.

De fato, a cada passo que dava na direção dos portões de Mordor Frodo sentia o Anel na corrente em volta de seu pescoço ficar mais difícil de carregar. Começava agora a senti-lo como um verdadeiro peso que o atraía para o leste. Mas, muito mais que isso, ele estava preocupado com o Olho era esse o nome que lhe dava quando falava consigo mesmo. Era isso, mais que o peso do Anel, que o fazia se curvar e se abaixar conforme caminhava. O Olho: aquela horrível sensação crescente de uma vontade hostil que lutava com grande força para penetrar todas as sombras de nuvens, e a terra e a carne, para vê-lo: para cravá-lo sob seu olhar mortal, nu, imóvel.

Tão tênues, tão frágeis e tênues estavam ficando os véus que ainda ofereciam proteção contra ele. Frodo sabia exatamente onde a moradia atual e o coração daquela vontade estavam: e com a certeza com a qual um homem diz a direção do sol com os olhos fechados. Ele a estava encarando, e sua potência pesava-lhe sobre as pálpebras.

Gollum provavelmente estava sentindo algo do mesmo tipo. Mas o que acontecia em seu coração ignóbil, dividido entre a pressão do Olho e o desejo de possuir o Anel, e sua promessa forçada feita em parte pelo medo do ferro frio, os hobbits não podiam adivinhar. Frodo não pensava nisso. A mente de Sam estava quase totalmente ocupada com seu mestre, mal notando a nuvem escura que se abatera sobre o seu próprio coração.

Colocara Frodo à sua frente agora, e ficava de olho em cada movimento seu, apoiando-o quando tropeçava, tentando encorajá-lo com palavras desajeitadas.

Quando finalmente o dia chegou, os hobbits ficaram surpresos em ver como as ominosas montanhas já estavam mais perto. O ar agora estava mais claro e frio e, embora ainda muito distantes, as muralhas de Mordor deixavam de ser uma ameaça nebulosa no limiar da visão, e já apareciam

como torres negras e inflexíveis olhando carrancudas através de uma região abandonada e sombria. Os pântanos estavam chegando ao fim, esvaindo-se em turfas mortas e amplas planícies de lama seca e rachada. O terreno à frente subia em longas encostas rasas, desertas e cruéis, em direção ao deserto que se estendia até o portão de Sauron.

Enquanto a luz cinzenta durou, eles se agacharam sob uma pedra negra como vermes, tremendo, com medo de que o terror alado passasse e os espiasse com seus olhos cruéis. O restante daquela viagem foi uma sombra de medo crescente, na qual a memória não podia encontrar nada em que se apoiar. Por mais duas noites eles continuaram lutando através daquela terra cansativa e sem trilhas. Tinham a impressão de que o ar ficava mais pesado, repleto de um terrível mau cheiro que lhes afetava a respiração e secava suas bocas.

Finalmente, na quinta noite desde que tinham pegado a estrada com Gollum, pararam mais uma vez. Diante deles, escuras no alvorecer, as grandes montanhas atingiam tetos de fumaça e nuvem. De seus pés saltavam enormes contrafortes e colinas quebradas que estavam agora no máximo a uns vinte quilômetros.

Frodo olhava em volta aterrorizado. Por mais pavorosos que tivessem sido os Pântanos dos Mortos, e as áridas charnecas das Terras-de-Ninguém muito mais odioso era aquele lugar que o dia lento agora revelava gradativamente aos seus olhos contraídos.

Até mesmo ao Brejo dos Rostos Mortos algum espectro desfigurado de primavera poderia chegar; mas no ponto onde estavam agora nem a primavera nem o verão jamais chegariam outra vez. Ali nada vivia, nem mesmo as excrescências leprosas que se alimentam da podridão.

As poças sufocantes estavam cheias de cinzas e lama que se espalhava, num branco-acinzentado repugnante, como se as montanhas tivessem vomitado a imundície de suas entranhas sobre as terras que as circundavam. Altos montes de pedra esmigalhada e esmagada, grandes cones de terra arruinados pelo fogo e manchados de veneno jaziam como um cemitério obsceno em fileiras intermináveis, lentamente reveladas na luz relutante.

Tinham chegado à desolação que jazia diante de Mordor: o

monumento permanente do trabalho escuro de seus escravos, que deveria perdurar quando todos os seus propósitos se tornassem inócuos: uma terra aviltada, adoecida além de qualquer cura — a não ser que o Grande Mar a cobrisse e a lavasse com o esquecimento.

— Estou enjoado — disse Sam, Frodo não disse nada.

Por um tempo ficaram ali, como homens no limiar de um sono em que ronda o pesadelo, evitando-o, embora saibam que apenas podem chegar ao dia através das sombras.

A luz se espraiou e ficou mais intensa. Os poços sufocantes e os montes venenosos ficaram medonhamente visíveis. O sol subira no céu, andando por entre nuvens e longas bandeiras de fumaça, mas até mesmo a luz do sol estava aviltada.

Os hobbits não receberam bem aquela luz; parecia hostil, revelando-os em seu desamparo — pequenos fantasmas guinchadores que vagavam em meio aos montes de cinza do Senhor do Escuro.

Cansados demais para avançar, procuraram algum lugar onde pudessem descansar.

Por um tempo ficaram sem dizer nada, sob a sombra de um monte de escória; mas vapores sujos saíam dele, afetando-lhes a garganta e sufocando-os. Gollum foi o primeiro a se levantar. Ergueu-se resmungando e amaldiçoando, e sem qualquer palavra ou olhar para os hobbits afastou-se, andando sobre as quatro patas. Frodo e Sam se arrastaram atrás dele, até que chegaram a um poço grande e quase circular, com altos barrancos do lado oeste. Era frio e parado, e uma fossa imunda de lodo oleoso e multicor jazia no fundo. Nesse buraco maligno se esconderam, esperando que em sua sombra pudessem escapar da atenção do Olho.

Aquele dia passou lentamente. Uma terrível sede os incomodava mas eles beberam apenas alguns goles de seus cantis — enchidos pela última vez no fosso que agora, quando se lembravam, parecia-lhes um lugar de paz e beleza. Os hobbits se revezaram para vigiar. No início, por mais cansados que estivessem, nenhum deles conseguiu dormir de modo algum; mas, à medida que o sol distante foi descendo para dentro de nuvens que se moviam lentamente, Sam cochilou. Era a vez de Frodo ficar de guarda.

Recostou-se no barranco do poço, mas isso não aliviou a sensação de

peso que sentia. Ergueu os olhos para o céu riscado de fumaça e viu espectros estranhos, figuras escuras cavalgando, e rostos vindos do passado. Perdeu a noção do tempo, suspenso entre o sono e a consciência, até que o esquecimento tomou conta dele.

De repente Sam acordou com a impressão de que ouvira seu mestre chamando.

A noite já caíra. Frodo não poderia ter chamado, pois adormecera e tinha escorregado para baixo, chegando quase ao fundo do poço. Gollum estava ao lado dele.

Por um momento, Sam pensou que ele estava tentando acordar Frodo; depois viu que não se tratava disso.

Gollum estava conversando consigo mesmo. Sméagol travava um debate com algum outro pensamento que usava a mesma voz, mas a fazia guinchar e chiar. Uma luz opaca e uma luz verde alternavam em seus olhos, conforme falava.

— Sméagol prometeu — disse o primeiro pensamento.

— Sim, sim, meu precioso — veio a resposta. — Nós prometemos salvar nosso precioso, não deixar que Ele o tenha — nunca. Mas está indo para Ele, sim, mais próximo a cada passo, O que o hobbit vai fazer com Ele? Nós fica pensando, sim, nós fica.

— Não sei, Não posso fazer nada. O mestre está com Ele. Sméagol prometeu ajudar o mestre.

— Sim, sim, ajudar o mestre: o mestre do Precioso. Mas se nós fosse mestre, então nós poderia se salvar, sim, e ainda assim manter a promessa.

— Mas Sméagol disse que seria muito, muito bom. Hobbit bonzinho Tirou a corda cruel da perna de Sméagol. Ele fala comigo com gentileza.

— Muito, muito bom, hein, meu precioso? Vamos ser bons, bons como peixes, minha doçura, para nós mesmo. Não machucar o hobbit bonzinho, claro que não, não.

— Mas o Precioso mantém a promessa — objetou a voz de Sméagol Então pegue ele — disse a outra —, e vamos ter ele nós mesmo! Então vamos ser mestre, gollum! Fazer o outro hobbit, o hobbit mau e desconfiado, fazer ele rastejar, sim, Gollum!

— Mas não o hobbit bonzinho?

— Oh, não, não se isso não nos agrada. Mas ele é um Bolseiro, meu precioso, sim, um Bolseiro. Um Bolseiro roubou ele. Encontrou ele e não disse nada, nada. Nós odeia os Bolseiros.

— Não, não este Bolseiro.

— Sim, qualquer Bolseiro. Todas as pessoas que têm o Precioso Precisamos tomar ele.

— Mas Ele vai ver, Ele vai saber. Vai tirá-lo de nós!

— Ele vê. Ele sabe. Ele nos escutou fazendo promessas bobas— contra as ordens d'Ele, sim. Precisamos ter ele. Os Espectros estão procurando Precisamos pegá-lo.

— Não para Ele!

— Não, minha doçura. Veja bem, meu precioso: se nós o tivermos, então Poderemos escapar, até mesmo d'Ele, hein? Talvez nós fique muito forte, mais forte que os Espectros. Senhor Sméagol? Gollum, o Grande? Gollum! Comer peixe todo dia, três vezes por dia, peixes frescos do mar Preciosíssimo Gollum! Nós quer ele, nós quer ele, nós quer ele!

— Mas tem eles dois. Eles vão acordar rápido demais e nos matar choramingou Sméagol num último esforço. — Não agora. Ainda não.

— Nós quer ele! Mas — e aqui houve uma longa pausa, como se um novo pensamento tivesse acordado. — Não, ainda não, é? Ela pode ajudar Ela pode, sim.

— Não, não! Desse jeito não! — gemeu Sméagol.

— Sim, nós quer ele! Nós quer ele!

Cada vez que o segundo pensamento falava a mão comprida de Gollum se estendia lentamente, procurando Frodo, e depois era retirada de sopetão, quando Sméagol falava de novo. Finalmente os dois braços, com longos dedos flexionados e crispados, buscaram o pescoço dele.

Sam estivera deitado e quieto, fascinado pelo debate, mas vigiando cada movimento que Gollum fazia, com os olhos semicerrados. Em sua mente simples, a fome comum, o desejo de comer hobbits, tinha parecido o principal perigo em Gollum.

Percebia agora que não era assim: Gollum sentia o terrível apelo do Anel. O Senhor do Escuro era Ele, é claro; mas Sam não podia imaginar quem era Ela. Alguma das amizades repulsivas que o pequeno patife tinha

feito em suas viagens, ele supunha. Depois esqueceu o assunto, pois estava claro que as coisas tinham ido longe demais, e estavam ficando perigosas. Sentia um grande peso nas pernas, mas despertou e sentou-se. Alguma coisa o aconselhava a ter cuidado e não revelar que tinha ouvido o debate. Soltou um suspiro alto e bocejou ruidosamente.

— Que horas são? — disse ele numa voz sonolenta.

Gollum soltou um longo chiado através dos dentes. Levanto u-se por um momento, tenso e ameaçador, e então desfaleceu, caindo de quatro para frente e arrastando-se até a parede do poço. — Hobbits bonzinhos! Sam bonzinho! — disse ele.

— Cabeças sonolentas, sim, cabeças sonolentas! Deixe que o bom Sméagol fique de guarda! Mas já e quase noite. O crepúsculo está caindo. Hora de ir.

"Está mais que na hora", pensou Sam. "E na hora de nos separarmos também."

Apesar disso, passou-lhe pela cabeça a dúvida se Gollum solto não seria agora tão perigoso quanto se mantido com eles. — Maldito! Gostaria que fosse estrangulado — murmurou ele. Foi descendo pelo barranco e acordou seu mestre.

Muito estranhamente, Frodo se sentia reconfortado. Estivera sonhando. A sombra escura passara, e uma bela visão o havia visitado naquela terra de doença. Dela nada permanecera em sua memória; mesmo assim, por causa da visão, ele se sentia alegre e com o coração mais leve. O fardo ficara menos pesado sobre seus ombros. Gollum o recebeu alegre feito um cão. Ria e tagarelava, estalando os longos dedos, e acariciando com as patas os joelhos de Frodo.

Frodo lhe sorriu.

— Venha! — disse ele. — Você nos guiou bem e fielmente. Esta é a última etapa. — Leve-nos até o Portão, e depois eu não pedirei que vá mais à frente. Leve-nos ao Portão, e você pode ir para onde quiser — menos ao encontro de nossos inimigos.

— Para o Portão, é? — chiou Gollum, parecendo surpreso e amedrontado. — Para o Portão, diz o mestre! Sim, ele diz! E o bom Sméagol faz o que ele manda. Oh, sim. Mas quando nós chega perto, nós vai ver

talvez, nós vai ver então. Não vai ser bonito de jeito nenhum, oh, não! Oh não!

— Ande logo — disse Sam. — Vamos acabar com isso!

Na caída da noite eles saíram do poço e lentamente traçaram seu caminho através da terra morta. Não tinham ido muito longe quando sentiram mais uma vez o medo que os acometera quando a figura alada passou varrendo os pântanos. Pararam, abaixando-se sobre o chão malcheiroso; mas não viram nada no céu escuro do início da noite, e logo a ameaça passou, muito acima, talvez indo em alguma missão urgente de Barad-dûr. Depois de um tempo Gollum se levantou e avançou de novo murmurando e tremendo.

Cerca de uma hora após a meia-noite o medo lhes sobreveio uma terceira vez, mas agora parecia mais remoto, como se a criatura estivesse passando muito acima das nuvens, indo para o oeste a uma velocidade terrível. Gollum, entretanto, estava desesperado de medo, e convencido de que eles estavam sendo caçados, e de que sua aproximação já era conhecida.

— Três vezes — lamuriou-se ele. — Três vezes é uma ameaça. Ele nos sentem aqui, sentem o Precioso. O Precioso é o mestre deles. Não podemos avançar nem mais um pouco por aqui, não. É inútil, é inútil!

Pedidos e palavras gentis não tinham mais força. Só depois que Frodo ordenou energicamente e colocou a mão sobre o punho da espada é que Gollum concordou em levantar-se.

Então, finalmente, ele se ergueu com um rosnado, e foi na frente deles como um cachorro que levara uma surra.

Assim eles foram aos tropeços através do exaustivo final de noite, e até a chegada de um outro dia de medo eles andaram em silêncio com as cabeças baixas, sem enxergar nada, e sem ouvir nada além do vento chiando em suas orelhas.

CAPÍTULO III: O PORTÃO NEGRO ESTÁ FECHADO

Antes que o dia seguinte raiasse, a viagem a Mordor estava terminada. Os pântanos e o deserto haviam ficado para trás. Adiante escuras contra um céu pálido, as grandes montanhas erguiam suas frontes ameaçadoras.

Erguia-se a oeste de Mordor a escura cordilheira de Ephel Dúath, a Montanhas da Sombra, e ao norte os picos quebrados e as cristas desoladas de Ered Lithui, da cor da cinza. Mas, à medida que essas cordilheiras se aproximavam uma da outra, sendo ambas na realidade partes de uma grande muralha que circundava as planícies lúgubres de Lithlad e de Gorgoroth, com o amargo mar interno de Númen ao meio, elas estendiam longos braços em direção ao norte; entre esses braços havia um desfiladeiro profundo. Era Cirith Gorgor, a Passagem Assombrada, a entrada para a terra do inimigo. Altos penhascos desciam dos dois lados, e saltando à frente de sua abertura viam-se duas colinas íngremes, negras e escalvadas. Sobre elas assomavam os Dentes de Mordor, duas torres altas e fortes. Em dias distantes, tinham sido construídas pelos homens de Gondor, altivos e poderosos, depois da derrota e fuga de Sauron, para evitar que ele tentasse retornar ao seu velho reino. Mas a força de Gondor fracassou, os homens dormiram, e por muitos longos anos as torres permaneceram vazias. Então Sauron retornou. Agora as torres de vigia, outrora em ruína, estavam reformadas, cheias de armas e guarnecidas de uma vigilância contínua.

Tinham faces de pedra, com janelas escuras que olhavam para o norte, o leste e o oeste, cada janela repleta de olhos que jamais dormiam.

Através da abertura da passagem, de penhasco a penhasco, o Senhor do Escuro construíra um baluarte de pedra. Nele se erguia um único portão de ferro, e na parte superior sentinelas andavam continuamente. Sob as colinas, de cada um dos lados, a rocha fora perfurada com uma centena de cavernas e buracos de vermes: ali uma tropa de orcs espreitava, pronta para a qualquer sinal avançar como formigas negras indo à guerra.

Ninguém podia passar pelos Dentes de Mordor sem sentir sua mordida, a não ser que fosse chamado por Sauron, ou soubesse as senhas secretas que abriam o Morarmon, o portão negro da sua terra.

Os dois hobbits olharam desesperados para as torres e para a muralha.

Mesmo à distância, podiam ver na luz fraca o movimento dos guardas negros sobre a muralha, e as patrulhas diante do portão. Estavam agora espiando por sobre a borda de uma concavidade rochosa, sob a sombra estendida do contraforte no extremo norte das Epliel Dúath. Atravessando o ar pesado em linha reta, talvez um corvo não voasse mais que duzentos metros entre o esconderijo deles e o topo negro da torre mais próxima.

Uma fumaça apagada se espiralava sobre ela, como se um fogo queimasse na colina mais abaixo.

O dia chegou e o sol fraco cintilava sobre as cordilheiras mortas de Ered Lithui.

Então, de súbito, ouviu-se o clangor de trombetas com garganta de bronze: soaram das torres de vigia, e distantes, de fortalezas ocultas e de postos avançados nas colinas, chegaram toques em resposta; e ainda mais distantes, remotos mas profundos e agourentos, ecoaram mais além na terra oca as trombetas e os poderosos tambores de Barad-dûr. Mais UM dia terrível de medo e trabalho chegara a Mordor; os vigias da noite foram chamados às suas masmorras e salões profundos, e os vigias diurnos, cruéis e com olhares malignos, marchavam para seus postos, O aço reluzia fracamente sobre a muralha.

— Bem, aqui estamos — disse Sam. — Aí está o Portão, e agora me parece que não conseguiremos ir mais adiante. Palavra de honra, o Feitor teria uma ou duas coisas a dizer se me visse agora! Sempre dizia que eu me sairia mal, se não olhasse por onde andava, dizia sim. Mas agora não suponho que verei o velho outra vez. Ele não vai ter a oportunidade para um Eu te disse, Sam: tanto pior. Eu o deixaria continuar falando enquanto tivesse fôlego, se pudesse ver seu velho rosto de novo. Mas primeiro precisaria de um banho, caso contrário ele não me reconheceria.

— Acho que não adianta perguntar "que caminho tomaremos agora?". Não podemos ir adiante — a não ser que queiramos pedir aos orcs uma carona.

— Não, não! — disse Gollum. — Não adianta. Não podemos ir adiante. Sméagol disse. Ele disse: vamos até o Portão, e depois veremos. E estamos vendo. Oh, sim, meu precioso, estamos vendo. Sméagol sabia que os

hobbits não podiam vir por aqui. Oh, sim, Sméagol sabia.

— Então por que raios nos trouxe até aqui? — disse Sam, sem disposição para ser justo ou razoável.

— O mestre mandou, O mestre diz: Leve-nos ao Portão. Aí o bom Sméagol faz isso. O mestre mandou, mestre sábio.

— Mandei — disse Frodo. Seu rosto estava fechado e sinistro, mas resoluto. Estava sujo, desfigurado e moído de cansaço, mas deixara de se curvar, e tinha os olhos límpidos.

— Eu mandei, porque pretendo entrar em Mordor, e não conheço outro caminho, Portanto, vou por aqui. Não peço que ninguém me acompanhe.

— Não, não, mestre! — gemeu Gollum, dando-lhe uns tapinhas leves e demonstrando uma grande perturbação. — Não adianta ir por aqui! Não adianta! Não leve o Precioso para Ele. Ele vai nos devorar, se consegui-lo devorar todo o mundo. Guarde-o, querido mestre, e seja bom para Sméagol. Não deixe que Ele o tenha. Ou vá embora, vá para lugares agradáveis e devolva-o ao Sméagolzinho. Sim, sim, mestre: devolvê-o. Que tal? Sméagol vai Mantê-lo a salvo: vai fazer um monte de coisas boas, especialmente para hobbits bonzinhos. Hobbits vão para casa, não vão para o Portão!

— Recebi ordens de ir à terra de Mordor, e portanto irei — disse Frodo. Se só há um caminho, então deverei tomá-lo. Aconteça o que acontecer.

Sam não disse nada. O olhar no rosto de Frodo foi o suficiente para ele; sabia que suas palavras seriam inúteis. E, afinal de contas, não tivera qualquer esperança verdadeira na história toda desde o inicio; mas sendo um hobbit alegre não precisou de esperança, enquanto o desespero pôde ser prorrogado.

Agora tinham atingido o mais amargo fim. Sam permanecera ao lado de seu mestre o tempo todo; esse era o motivo principal de sua vinda, por isso continuaria ao lado dele.

Seu mestre não iria a Mordor sozinho. Sam iria com ele — e de qualquer forma os dois se livrariam de Gollum.

Gollum, entretanto, não pretendia deixar que se livrassem dele, por enquanto.

Ajoelhou-se aos pés de Frodo, torcendo as mãos e guinchando.

— Não por aqui, mestre! — implorava ele. — Há um outro caminho Oh, sim, há. Outro caminho, mais escuro, mais difícil de encontrar, mai secreto. Mas Sméagol o conhece. Deixe que Sméagol lhe mostre.

— Outro caminho! — disse Frodo desconfiado, voltando-se par Gollum com olhos perscrutadores.

— Ssssim! Ssim, é verdade! Havia um outro caminho. Sméagol encontrou. Vamos ver se ainda está lá!

— Você não o mencionou antes.

— Não, o mestre não pediu. O mestre não disse o que pretendi fazer. Ele não conta para o pobre Sméagol. Ele diz: Sméagol, leve-me a Portão — e depois adeus! Sméagol pode fugir e ser bonzinho. Mas agora el diz: pretendo entrar em Mordor por este caminho. Então Sméagol está con muito medo. Não quer perder o mestre bonzinho. E ele prometeu, o mestr o fez prometer, salvar o Precioso. Mas o mestre vai levá-lo direto para Ele direto para a Mão Negra, se o mestre for por aqui. Então Sméagol precis salvar os dois, e pensa num outro caminho que havia, uma vez. Mestre bonzinho. Sméagol muito bom, sempre ajuda.

Sam franziu a testa. Se pudesse perfurar Gollum com os olhos, teri Perfurado. Sua mente se enchia de dúvidas. Ao que parecia, Gollum estav verdadeiramente preocupado e ansioso por ajudar Frodo. Mas Sam lembrando o debate que ouvira, achava difícil acreditar que o Sméagol há muito submerso tivesse saído vencedor: de qualquer forma, aquela voz não dissera a última palavra no debate. Sam supunha que as metades Gollum Sméagol (ou, como ele as denominava em sua mente, Caviloso e Fedegoso tinham feito uma trégua e uma aliança temporária: nenhuma das partes queria que o Inimigo obtivesse o Anel; ambas desejavam evitar que Frod fosse capturado, e mantê-lo sob sua vista, enquanto fosse possível — pelo menos enquanto Fedegoso tivesse uma chance de colocar as mãos em seu "Precioso". Que houvesse realmente um outro caminho de entrada par Mordor Sam duvidava.

"O bom é que nenhuma das metades do velho vilã o sabe o que mestre pretende fazer", pensou ele. "Se ele soubesse que o Sr. Frodo est tentando pôr um fim em seu Precioso de uma vez por todas, haveria

problemas logo, logo, eu aposto. De qualquer forma, o velho Fedegoso esta com tanto medo do Inimigo — e está obedecendo a algum tipo de ordem dele, ou estava — que preferiria nos entregar a ser pego nos ajudando, ou talvez a permitir que seu precioso fosse derretido. Pelo menos é isso que penso. E espero que o mestre considere o assunto com cuidado. Sabedoria não lhe falta, mas tem o coração mole, esse é o jeito dele. Está fora do alcance de qualquer Gamgi adivinhar o que ele fará em seguida."

Frodo não respondeu a Gollum imediatamente. Enquanto essas dúvidas passavam através da mente de Sam, que era vagarosa mas perspicaz, ele ficou parado, olhando na direção do escuro penhasco de Cirith Gorgor. A concavidade na qual tinham-se refugiado era cavada na encosta de uma colina baixa, um pouco acima de um vale comprido em forma de trincheira, que se abria entre ela e o contraforte externo das montanhas. No meio do vale ficavam os negros alicerces da torre de vigia ocidental. À luz do dia as estradas que convergiam para o Portão de Mordor eram agora bem visíveis, claras e poeirentas; uma retornando numa curva para o norte; outra sumindo ao leste, para dentro da névoa que se adensava aos pés de Ered Lithuí; e uma terceira que vinha em sua direção.

Conforme desenhava uma curva brusca em torno da torre, a estrada prosseguia por um desfiladeiro estreito passando não muito abaixo da concavidade onde Frodo estava. A oeste, à sua direita, fazia uma curva margeando os ombros das montanhas, e seguia para o sul, entrando nas profundas sombras que cobriam todas as encostas do lado oeste das Ephel Dúath; além do alcance da vista, ela continuava adiante, entrando na terra estreita entre as montanhas e o Grande Rio.

Conforme olhava, Frodo percebeu que havia uma grande agitação e movimento na planície. Era como se exércitos inteiros estivessem marchando, embora em sua maioria fossem escondidos pelos vapores e pela fumaça que subia dos brejos e das regiões desoladas mais adiante. Mas em alguns pontos ele captava o reluzir de lanças e capacetes;. e sobre as áreas planas ao lado das estradas podiam-se ver cavaleiros avançando em muitos grupos. Frodo se lembrou da visão que tivera á distância, quando estivera sobre o Amon Hen, havia apenas poucos dias, embora agora lhe parecesse que fora muitos anos atrás. Então se deu conta de que era vã a esperança

que se agi tara em seu coração por um momento alucinado. As trombetas não tinham soado em desafio, mas em saudação. O Senhor do Escuro nã estava sendo atacado pelos homens de Gondor, erguendo-se, comc fantasmas vingadores, de túmulos onde a coragem havia muito tempo estava sepultada.

Estes eram homens de outra raça, vindos das selvagens terras dc leste, reunindo-se ao chamado de seu Senhor Supremo; exércitos que tinham acampado diante de seu Portão durante a noite e agora marchavam para aumentar seu poder crescente. Como se de súbito percebesse completamente o perigo da posição deles, sozinhos, à luz crescente do dia, tão próximos daquela ameaça devastadora, Frodo puxou rápido seu frágil capuz cinzento sobre a cabeça, e desceu para dentro do valezinho. Depois voltou-se para Gollum.

— Sméagol — disse ele. — Vou confiar em você mais uma vez. N verdade, parece que devo fazer isso, e que é meu destino receber sua ajuda, quando menos esperava, e que o seu destino é me ajudar, a mim, que você perseguiu por tanto tempo com propósitos malignos. Até agora, você honrou minha confiança e manteve sua promessa com sinceridade. Com sinceridade, eu digo e repito — acrescentou ele, com um olhar para Sam.

— Por duas vezes agora estivemos em suas mãos, e você não nos fez mal. Nem tentou tomar de mim aquilo que outrora buscava. Que a terceira vez seja a melhor! Mas eu o aviso, Sméagol, você está correndo perigo.

— Sim, sim, mestre! — disse Gollum. — Perigo terrível! Os ossos d Sméagol tremem só de pensar, mas ele não foge. Precisa ajudar o mestre bonzinho.

— Não quero dizer o perigo que todos nós corremos disse Frodo. — Estou dizendo um perigo que você corre sozinho. Você fez uma promessa em nome daquilo que chama o Precioso. Lembre-se disso! Isso o une a ele Mas ele vai procurar um jeito de deformar suas palavras para que você mesmo traia a promessa e encontre a desgraça. Você já está sendo forçado. Revelou-se a mim agora há pouco, de maneira tola. Devolva-o para Sméagol, você disse. Não diga isso de novo! Não permita que esse pensamento cresça em seu íntimo! Você nunca vai tê-lo de volta. Mas o desejo de possuí-lo pode atraiçoá-lo e conduzi-lo a um fim amargo. Você nunca vai tê-lo de

volta. Em extrema necessidade, Sméagol, eu colocaria no dedo o Precioso, e o Precioso o dominou há muito tempo. Se eu, usando-o, precisasse comandá-lo, você obedeceria, mesmo que fosse para pular de um precipício ou se jogar no fogo. E esta seria minha ordem. Então, tome cuidado Sméagol!

Sam lançou para seu mestre um olhar de aprovação, misturado com surpresa: havia uma expressão em seu rosto e um tom em sua voz que ele nunca percebera antes.

Sempre lhe parecera que a gentileza do caro Sr. Frodo era tanta que deveria implicar uma grande dose de cegueira. É claro que ele também tinha a incompatível certeza de que o Sr. Frodo era a pessoa mais sábia do mundo (talvez com exceção do velho Sr. Bilbo e de Gandalf). Gollum, à sua própria maneira e com muito mais ressalvas, por conhecer Frodo por menos tempo, pode ter cometido o mesmo equívoco, confundindo gentileza com cegueira. De qualquer forma, as palavras de Frodo o consternaram e apavoraram. Começou a rastejar no chão, sem conseguir falar qualquer coisa inteligível além de mestre bonzinho.

Frodo esperou pacientemente por um tempo, e então falou outra vez com menos severidade.

— Vamos agora, Gollum, ou Sméagol, se deseja assim, fale-me sobre esse outro caminho, e me mostre, se puder, que esperança há nele, suficiente para justificar meu desvio do caminho direto. Estou com pressa.

Mas Gollum estava num estado lastimável, e a ameaça de Frodo o debilitara. Não foi fácil arrancar dele qualquer relatório, entre seus balbúcios e chiados e as frequentes interrupções durante as quais ele rastejava no chão e implorava para que os dois fossem gentis para com o "pobrezinho do Sméagol". Depois de um tempo ficou um pouco mais calmo, e lentamente Frodo ficou sabendo que se um viajante seguisse a estrada que virava a oeste das Ephel Dúath, chegaria depois de um tempo a uma encruzilhada em meio a um circulo de árvores escuras. À direita uma estrada descia a Osgiliath e às pontes do Anduin; no meio a estrada conduzia para o sul.

— Sempre em frente, toda a vida — disse Gollum. — Nós nunca fomos por aquele caminho, mas dizem que ele continua por umas cem léguas, até que você vê a Grande Água que nunca está parada. Há um

monte de peixes lá, e pássaros grandes comem peixes, pássaros bonzinhos: mas nunca fomos lá, infelizmente não!, nunca tivemos uma oportunidade. E mais adiante tem mais terras, eles dizem, mas o Cara Amarela é muit quente lá, e quase nunca há nuvens, e os homens são cruéis e têm caras escuras. Não queremos ver aquela terra.

— Não — disse Frodo. — Mas não se desvie de sua rota. E o terceir caminho?

— Ah, sim, ah, sim, há um terceiro caminho — disse Gollum. — É a estrada à esquerda. Começa logo a subir, subir, virando e subindo de volta na direção das sombras altas. Quando contornar a pedra preta, o senhor vai ver, de repente vai ver diante do senhor, e vai querer se esconder.

— Ver, ver? Ver o quê?

— A velha fortaleza, muito velha, muito horrível agora. Costumávamos ouvir histórias do sul, quando Sméagol era jovem, há muit tempo. Oh, sim, costumávamos contar um monte de histórias à noite, sentados às margens do Grande Rio, nas terras dos salgueiros, quando o Ri também era mais jovem, gollum, gollum. — Começou a chorar e resmungar. Os hobbits esperaram pacientemente.

— Histórias do sul — Gollum continuou —, sobre os homens alto com olhos brilhantes, e suas casas como colinas de pedra, e a corôa de prata do rei deles e sua Árvore Branca: histórias maravilhosas. Construíram torre muito altas, e uma delas era prateada, e nela havia uma pedra como a lua, e em volta havia grandes muralhas brancas.

Oh, sim, havia muitas histórias sobre a Torre da Lua.

— Seria Minas Ithil, que Isildur, filho de Elendil, construiu — diss Frodo. — Foi Isildur quem decepou o dedo do Inimigo.

— Sim, Ele só tem quatro na Mão Negra, mas são suficientes — diss Gollum tremendo. — E Ele odiava a cidade de Isildur.

— E o que Ele não odeia? — disse Frodo. — Mas o que tem a Torre d Lua a ver conosco?

— Bem, mestre, ela estava lá, e está agora: a torre alta, e as casas brancas e a muralha; mas não novas agora, não bonitas. Ele a conquistou há muito tempo. Agora é um lugar terrível. Os viajantes estremecem ao avistá-la, escondem-se sorrateiramente, evitam sua sombra. Mas o mestre precisará

ir por ali. É o único caminho alternativo. Pois lá as montanhas são mais baixas, e a velha estrada sobe sempre, até atingir uma passagem escura no topo, e então desce, desce outra vez — até Gorgoroth. — A voz de Gollum se transformou num sussurro e ele estremeceu.

— Mas qual será a vantagem? — perguntou Sam. — Com certeza, o Inimigo sabe tudo sobre suas próprias montanhas, e aquela estrada estará sendo tão vigiada quanto esta. A torre não está vazia, está?

— Oh, não, não vazia! — sussurrou Gollum. — Parece vazia, mas não está. Oh, não! Seres horripilantes vivem lá. Orcs, sim, sempre os orcs; mas bichos piores, bichos piores vivem lá também. A estrada sobe direto sob a sombra das muralhas e passa pelo portão. Nada se move na estrada sem que eles saibam. Os bichos lá dentro sabem: os Vigilantes Silenciosos.

— Então esse é o seu conselho, hein? — disse Sam. — Que devemos fazer outra longa marcha em direção ao sul, para nos vermos na mesma enrascada ou numa ainda pior quando chegarmos lá, se por acaso conseguirmos?

— Não, na verdade não — disse Gollum. — Os hobbits precisam ver, precisam tentar entender. Ele não espera ser atacado por aquele lado. Seu Olho está por toda a volta, mas dá mais atenção a alguns lugares que a outros. Ele não pode ver tudo ao mesmo tempo, ainda não. Vejam vocês. Ele conquistou toda a região a oeste das Montanhas da Sombra até o Rio, e agora se apossou das pontes. Acha que ninguém pode atingir a Torre da Lua sem travar uma grande batalha nas pontes, ou sem usar um monte de barcos que será impossível esconder e de que Ele saberá.

— Parece que você sabe muita coisa sobre o que Ele está fazendo e pensando — disse Sam. — Tem conversado com Ele ultimamente? Ou passado horas agradáveis com os orcs?

— Hobbit não bonzinho, não sensato — disse Gollum, lançando um olhar furioso para Sam e dirigindo-se a Frodo. — Sméagol conversou com os orcs, sim, é claro, antes de encontrar o mestre, e com vários povos: caminhou muito. E o que diz agora muitos povos estão dizendo. É aqui, no norte, que está o maior perigo dele, e o nosso. Um dia Ele virá ao Portão Negro, em breve. Grandes exércitos só podem vir por este caminho. Mas lá no oeste Ele nada teme, e há os Vigilantes Silenciosos.

— Certamente! — disse Sam, não se dando por vencido. — Então nós vamos subir e bater nos portões deles e perguntar se estamos na estrada certa para Mordor? Ou eles são silenciosos demais para responder? Não faz sentido. É melhor fazermos isso aqui, poupando uma longa viagem.

— Não faça piada sobre isso — chiou Gollum. — Não é nada engraçado! Não é não! Não é divertido. Não faz sentido tentar entrar em Mordor de jeito nenhum. Mas se o mestre diz eu preciso ir ou eu irei, então devemos tentar de alguma forma. Mas ele não precisa ir à terrível cidade, isso não, é claro que não. É aí que entra a ajuda de Sméagol, Sméagol bonzinho, embora ninguém conte para ele o que está acontecendo. Sméagol ajuda de novo. Ele achou. Ele sabe.

— O que é que você achou? — perguntou Frodo.

Gollum se agachou e sua voz se transformou de novo num sussurro.

— Uma pequena trilha que sobe até as montanhas; depois uma escada, uma escada estreita, ah, sim, muito comprida e estreita. E depois mais escadas. E depois — a voz ficou ainda mais baixa — um túnel, um túnel escuro; e finalmente uma pequena fissura, e uma trilha bem acima da trilha principal. Foi por ali que Sméagol saiu da escuridão. Mas isso foi ano atrás. A trilha pode ter desaparecido agora; mas talvez não, talvez não.

— Isso não me soa nada bem — disse Sam. De qualquer forma, você contando parece fácil demais. Se essa trilha ainda está lá, também estará sendo vigiada. Ela não era vigiada, Gollum? — Conforme dizia isso percebeu, ou imaginou perceber, um brilho verde nos olhos dele. Gollum resmungou, mas n ão respondeu.

— Não é vigiada? — perguntou Frodo com rispidez. — E você escapou da escuridão, Sméagol? Ou será que teve permissão de partir, na verdade, em alguma missão? Pelo menos foi isso o que pensou Aragorn, que o encontrou nos Pântanos Mortos alguns anos atrás.

— Isso é mentira! — chiou Gollum, e uma luz maligna surgiu em seus olhos à menção do nome de Aragorn. — Ele mentiu a meu respeito, mentiu. Na verdade eu escapei, sem que ninguém me ajudasse. De fato, foi-me ordenado que procurasse o Precioso; e eu procurei e procurei, é claro que eu procurei. Mas não para o Senhor do Escuro. O Precioso era nosso, era meu digo a vocês. Eu realmente escapei.

Frodo teve uma estranha certeza de que, nesse assunto, pela primeira vez Gollum não estava tão longe da verdade como se poderia suspeitar; de que de alguma forma ele tinha encontrado um modo de escapar de Mordor, e de que pelo menos acreditava que tinha sido por sua própria esperteza. Como primeiro sinal de evidência, Frodo notou que Gollum usou eu, e isso parecia geralmente ser um sinal, em suas raras manifestações, de que alguns resquícios de uma antiga sinceridade estavam predominando naquele momento. Mas, mesmo se pudesse confiar em Gollum nesse ponto, Frodo não se esquecia dos ardis do Inimigo. A "escapada" poderia ter sido permitida ou arranjada, com o consentimento da Torre Escura. De qualquer forma, era visível que Gollum estava ocultando muita coisa.

— Pergunto outra vez — disse ele -: esse caminho secreto não é vigiado? Mas a menção do nome de Aragorn deixara Gollum de mau humor.

Exibia todo o ar injuriado de um mentiroso do qual se suspeita na primeira vez em que ele diz a verdade, ou parte dela. Não respondeu.

— Não é vigiada? — repetiu Frodo.

— Sim, sim, talvez. Não há lugares seguros nesta região — disse Gollum num tom zangado. — Nenhum lugar seguro. Mas o mestre precisa tentar, ou ir para casa. Não há outra saída. — Não conseguiram arrancar-lhe mais nada. O nome do local perigoso e da passagem alta ele não podia, ou não estava disposto a dizer.

O nome era Cirith Ungol, um nome de terrível repercussão. Aragorn talvez pudesse ter-lhes dito esse nome e seu significado; Gandalf os teria advertido. Mas estavam sozinhos, e Aragorn estava distante; Gandalf se encontrava em meio às ruínas de Isengard, lutando contra Saruman atrasado pela traição. Apesar disso, no momento em que dizia suas últimas palavras a Saruman, e o palantír explodia em chamas contra os degraus de Orthanc, seus pensamentos se voltavam para Frodo e Samwise; através de longas léguas sua mente os procurava, com esperança e pena.

Talvez Frodo tenha sentido isso, sem perceber, como acontecera sobre o Amon Hen, apesar de acreditar que Gandalf tinha partido, partido para sempre dentro das sombras, na distante região de Moria.

Sentou-se no chão por um longo tempo com a cabeça abaixada,

lutando para recordar tudo o que Gandalf lhe dissera. Mas para essa escolha não conseguia lembrar de conselho algum. Na verdade, a orientação de Gandalf lhes fora tomada cedo demais, cedo demais, quando a Terra Escura ainda estava muito distante. Como finalmente entrariam nela Gandalf não dissera. Talvez não pudesse dizer. A entrar na fortaleza do Inimigo no norte, em Doí Guldur, ele certa vez se aventurara. Mas em Mordor, na Montanha de Fogo e em Barad-dûr, desde que o Senhor do Escuro se alçara em poder novamente, teria ele se aventurado ali? Frodo achava que não. E ali ele era um insignificante pequeno do Condado, um simples hobbit do pacífico interior, do qual se esperava que encontrasse um caminho pelo qual os grandes não podiam, ou não ousavam passar. Era um destino cruel.

Mas Frodo o assumira em sua própria sala de estar, na distante primavera de um outro ano, tão remota agora que parecia um capitulo na história da juventude do mundo, quando as Árvores de Prata e de Ouro ainda estavam em flor.

Era uma escolha cruel. Que caminho deveria escolher? E se os dois conduzissem ao terror e á morte, que vantagem havia na escolha? O dia passou. Um silêncio profundo caiu sobre a concavidade cinzenta onde eles estavam, tão próxima das fronteiras da terra do medo: um silêncio perceptível, como se fosse um véu espesso que os isolava de todo o mundo ao redor.

Coberta de fumaça fugidia, estendia-se uma cúpula de céu pálido, mas parecia alta e distante, como se vista através de grandes camadas de ar impregnadas de meditações soturnas.

Nem mesmo uma águia voando a favor do sol teria notado os hobbits sentados ali, sob o peso do destino, silenciosos, imóveis, ocultos por suas capas cinzentas.

Poderia, por um momento, ter parado para observar Gollum, uma figura miúda esparramada no chão: ali talvez estivesse o esqueleto minguado de algum filho dos homens, com a veste rasgada ainda presa ao corpo, os longos braços e pernas quase tão brancos e finos como ossos: nenhuma carne que valesse uma bicada.

Frodo estava com a cabeça apoiada nos joelhos, mas Sam se recostara com as mãos atrás da cabeça, olhando de seu capuz para o céu vazio. Pelo

menos, por um longo tempo permanecera vazio. Então, de repente, Sam pensou ter visto uma figura semelhante a um pássaro rodopiar para dentro de seu campo de visão, e planar, para depois fazer outro rodopio. Duas outras a seguiram, e depois uma quarta. Eram muito pequenas para os olhos, mas ele sabia, de alguma forma, que eram enormes, com uma ampla envergadura, voando a grandes alturas. Sentiu o mesmo medo preventivo que sentira na presença dos Cavaleiros Negros, o terror desamparado que lhe chegara junto com o grito do vento e a sombra sobre a lua, embora naquele momento essas sensações não fossem tão esmagadoras ou constrangedoras: a ameaça era mais remota. Mas era uma ameaça.

Frodo também a sentiu. Seu pensamento foi interrompido. Seu corpo se agitou e estremeceu, mas ele não ergueu os olhos. Gollum se encolheu todo como uma aranha acuada. As formas aladas rodopiaram, e baixaram rapidamente, voltando depressa para Mordor.Sam respirou fundo. — O Cavaleiros estão rondando outra vez, lá no céu disse ele num sussurro rouco. — Eu os vi. Vocês acham que eles conseguiram nos ver?

Estavam voando muito alto. E se são Cavaleiros Negros, os mesmo de antes, não conseguem ver muita coisa à luz do dia, conseguem?

— Não, talvez não — disse Frodo. — Mas os cavalos enxergavam. E essas criaturas aladas que eles montam agora provavelmente podem enxergar melhor do que qualquer outra criatura. São como grandes pássaros carniceiros. Estão procurando algo: o Inimigo está vigiando, eu receio.

A sensação de medo passou, mas o silêncio que os envolvia foi quebrado. Por algum tempo eles estiveram isolados do mundo, como se numa ilha invisível; agora jaziam sem proteção de novo, o perigo retornara. Mas Frodo ainda não dissera nada a Gollum, nem fizera sua escolha. Tinh os olhos fechados, como se estivesse sonhando, ou olhando para dentro de seu coração e de sua memória. Finalmente se mexeu e levantouse, e parecia que estava prestes a falar e decidir. — Mas, escutem — disse ele. — O que é isso?

Um novo temor se apoderou deles. Ouviram o som de cantorias e gritos roucos.

Primeiro parecera muito distante, mas foi se aproximando.

Assaltou-os o pensamento de que os Asas Negras os tinham visto e

enviado soldados armados para capturá-los: nenhuma velocidade parecia demasiada para aqueles terríveis servidores de Sauron.

Os três se agacharam e ficaram escutando. As vozes e o tinido de armas e armaduras estavam muito próximos. Frodo e Sam afrouxavam suas pequenas espadas nas bainhas.

Era impossível fugir.

Gollum se ergueu lentamente e se arrastou como um inseto até a borda da concavidade. Com todo cuidado, ergueu-se centímetro por centímetro, até conseguir espiar por entre duas pontas quebradas na rocha. Permaneceu ali imóvel por algum tempo, sem fazer qualquer ruído. De repente as vozes começaram a diminuir outra vez, e então lentamente sumiram. Distante, uma trombeta soou sobre os contrafortes do Morannon.

Depois Gollum silenciosamente recuou e escorregou para dentro da concavidade.

— Mais homens indo para Mordor — disse ele em voz baixa. — Cara escuras. Nunca tínhamos visto homens como esses antes, não, Sméagol nunca viu. São cruéis.

Têm olhos negros, e longos cabelos negros, e argolas de ouro nas orelhas; sim, um monte de ouro bonito. E alguns têm tinta vermelha nas faces, e capas vermelhas; e levam bandeiras vermelhas, e vermelhas são as pontas de suas lanças; e têm escudos redondos, amarelos e negros com grandes cravos. Não são bonzinhos; parecem homens muito, muito cruéis. Quase tão maus quanto os orcs, e muito maiores. Sméagol acha que eles vieram do sul, de além do fim do Grande Rio: vieram por aquela estrada. Passaram pelo Portão Negro; mas outros podem segui-los. Cada vez mais gente vindo para Mordor. Um dia, todos os povos estarão lá dentro.

— Você viu algum olifante? — perguntou Sam, esquecendo o medo em sua avidez por novidades de lugares estranhos.

— Não, nenhum olifante. O que são olifantes? — disse Gollum.

Sam levantou-se e, com as mãos para trás (como sempre fazia quando "falava poesia"), começou:

Qual rato, sou cinzento,
Sou grande, um monumento,

Nariz feito um laço,
A terra tremer eu faço,
Quando piso na relva;
Galhos quebro na selva.
Tenho chifre no dente
E caminho pra frente,
Orelhonas abano
Entra ano, sai ano,
O chão piso sem jeito,
Mas no chão nunca deito,
Nem que a morte me tome.
Olifante é meu nome,
Maior de todos, penso,
Alto, velho, sou imenso.
Quem um dia me conhece
De mim jamais se esquece.
Quem não tem essa dita
Em mim não acredita;
Mas sou um Olifante antigo,
Mentir não é comigo.

— Essa — disse Sam, quando terminou de recitar, essa é uma rima que temos no Condado. Besteira, talvez, ou talvez não. Mas também temo nossas histórias, e notícias vindas do sul, você sabe. Antigamente os hobbits costumavam viajar de vez em quando.

Não que muitos tenham retornado, e não que se acreditasse em tudo o que diziam: notícias de Bri, e não certeza de conversa do Condado, como dizem os ditados. Mas ouvi histórias sobre as pessoas grandes lá das Terras do Sol. Nós os chamamos de Morenos em nossas histórias; e eles montam em olifantes, pelo que se diz, quando lutam. Colocam casas e torres nos lombos dos olifantes, e os olifantes jogam pedras e árvores uns nos outros.

Por isso, quando você disse "Homens do Sul, todos de vermelho e dourado", eu disse "você viu algum olifante?". Pois se tivesse visto, eu ia dar uma olhada, com ou sem risco. — Mas agora acho que nunca verei um

olifante. Talvez nem exista um animal assim.

— Sam suspirou.

— Não, nenhum olifante — disse Gollum outra vez. — Sméagc nunca ouviu falar deles. Não quer vê-los. Não quer que eles existam. Sméagol quer sair daqui para se esconder em algum lugar mais seguro. Sméagol quer que o mestre vá. Mestre bonzinho, não virá com Sméagol?

Frodo se levantou. Tinha rido em meio a todas a s suas preocupações quando Sam repetiu a velha rima caseira do olifante, e o riso o libertara de sua hesitação.

— Gostaria de ver mil olifantes, com Gandalf em cima de um branc vindo à frente — disse ele. — Então talvez pudéssemos abrir um caminhc nesta terra maligna. Mas não vimos nada disso: só temos nossas próprias pernas cansadas, e isso é tudo. Bem, Sméagol, a terceira vez pode ser a melhor. Vou com você.

— Bom mestre, mestre sábio, mestre bonzinho! — gritou Gollun deliciado, dando tapinhas nos joelhos de Frodo. — Bom mestre! Entã descansem agora, hobbits bonzinhos, na sombra das pedras, bem debaixo das pedras! Descansem e deitem-se quietos, até que o Cara Amarela vá embora Então poderemos ir rapidamente. Macio e rápido, como devem ir as sombras.

CAPÍTULO IV: DE ERVAS E COELHO COZIDO

Durante as últimas horas que restavam do dia eles descansaram, escondendo-se do sol conforme este se movia, até que finalmente a sombra da borda oeste do valezinho onde estavam se alongou, e a escuridão cobriu toda a concavidade. Então comeram um pouco, e beberam moderadamente. Gollum não comeu nada, mas aceitou de bom grado uns goles de água.

— Logo conseguimos mais — disse ele, lambendo os beiços. — Agua boa desce pelos riachos até o Grande Rio, água limpa nas terras para onde estamos indo. Sméagol vai conseguir comida lá também, talvez. Está com muita fome, é sim, Gollum! — Bateu com as duas mãos chatas na barriga encolhida, e uma luz verde e opaca brilhou em seus olhos.

Já era quase noite quando finalmente partiram, transpondo a borda oeste do valezinho e desaparecendo como fantasmas dentro do terreno irregular às margens da estrada. A lua, que dali a três noites estaria cheia, só subiu acima das montanhas quase à meia-noite, e o inicio da noite foi muito escuro.

Uma única luz vermelha queimava lá em cima, nas Torres dos Dentes, mas esse era o único sinal que se via ou se ouvia da vigilância sempre atenta do Morannon.

Por várias milhas o olho vermelho parecia observá-los, enquanto fugiam aos tropeços através de uma região desolada e pedregosa. Não ousaram pegar a estrada, mas ficaram à direita dela, seguindo-lhe a trilha da maneira possível, a uma pequena distância.

Finalmente, quando a noite estava terminando e eles já se sentiam cansados, pois tinham feito apenas uma breve pausa, o olho foi diminuindo até se transformar num pequeno ponto de fogo, para depois desaparecer: eles tinham contornado a escura encosta norte das montanhas mais baixas, e agora se dirigiam para o sul.

Com os corações estranhamente aliviados, pararam para descansar outra vez, mas não por muito tempo. Não estavam avançando com a rapidez que Gollum queria. Pelos seus cálculos, eram quase trinta léguas do Morannon até a encruzilhada sobre Osgiliath, e ele esperava cobrir a

distância em quatro jornadas. Então logo estavam marchando outra vez, até que a aurora começou a se espalhar lentamente na solidão vasta e cinzenta. Nesse ponto, já tinham caminhado quase oito léguas, e os hobbits não teriam conseguido avançar mais, mesmo que tivessem tentado.

A luz crescente revelou-lhes uma região já menos deserta e arruinada. As montanhas ainda assomavam ominosas á esquerda, mas bem perto eles já conseguiam visualizar a estrada que ia para o sul, agora distanciando-se das raízes negras das colinas e inclinando-se para o oeste. Além dela viam-se encostas cobertas de árvores sombrias semelhantes a nuvens escuras, mas em toda a volta jazia uma charneca emaranhada, onde cresciam urzes, giesteiras e cornisos, além de outros arbustos que eles não conheciam. Em alguns pontos havia aglomerados de altos pinheiros. Os corações dos hobbits ficaram outra vez um pouco mais leves, apesar de seu cansaço: o ar era fresco e perfumado, fazendo-os lembrar das regiões montanhosas da distante Quarta Norte. Era boa a sensação de alivio, de poder caminhar numa terra que estava sob o domínio do Senhor do Escuro havia apenas alguns anos, e ainda não fora totalmente arruinada. Mas eles não se esqueciam do perigo que corriam, nem de que o Portão Negro ainda estava perto demais, embora escondido atrás das montanhas sombrias. Olharam em volta procurando um esconderijo onde pudessem proteger-se de olhos malignos enquanto durasse a luz.

O dia passou em desconforto. Ficaram deitados na charneca contando uma a uma as horas arrastadas nas quais parecia haver pouca mudança; ainda estavam sob as sombras das Ephel Dúath, e o sol estava velado. Frodo às vezes dormia, um sono profundo e tranquilo, ou por confiar em Gollum ou por estar cansado demais para se preocupar com ele; mas Sam conseguia apenas cochilar, mesmo nos momentos em que era visível que Gollum dormia profundamente, silvando e se contorcendo em seus sonhos secretos.

Talvez a fome, mais que a desconfiança, o impedissem de dormir: começara a desejar uma boa comida caseira, "alguma coisa quentinha, saindo do fogo".

Assim que a região desapareceu num cinza disforme sob a noite que chegava, eles partiram outra vez. Em pouco tempo, Gollum os conduziu

para a estrada em direção ao sul; depois disso, avançaram com mais rapidez, embora o perigo fosse maior. Aguçaram os ouvidos tentando captar o som de cascos ou pés na estrada, adiante ou atrás; mas a noite passou e eles não ouviram som algum, de caminhante ou cavaleiro.

A estrada fora feita numa época longínqua, e por cerca de trinta milhas abaixo do Morannon tinha sido reparada, mas, conforme avançava para o sul, era invadida pela vegetação indomada. Ainda era possível ver o trabalho dos homens de antigamente, no seu traçado reto e no percurso plano: em alguns pontos a estrada cortava caminho através de encostas de colinas, ou saltava sobre um riacho por meio de um arco amplo e elegante de alvenaria resistente; mas depois todos os sinais de construções de pedra desapareceram, a não ser por um ou outro pilar quebrado, espiando de trás dos arbustos da margem, ou antigas pedras de pavimentação ainda espreitando por entre o mato e o musgo. Urzes, árvores e samambaias caíam e se penduravam nos barrancos, ou se espalhavam pela superfície. Finalmente a estrada diminuiu até se transformar numa trilha campestre para o uso de carroças, mas sem fazer curvas: continuava em seu próprio curso e os conduzia pelo caminho mais rápido.

Assim eles entraram pelas fronteiras do norte daquela região que os homens outrora chamavam de Ithilien, um belo lugar de florestas em encostas e riachos velozes. A noite ficou agradável sob as estrelas e a lua redonda, e os hobbits tiveram a impressão de que a fragrância do ar ficava mais intensa conforme eles avançavam: e pelos suspiros e murmúrios de Gollum parecia que ele também notara, e não gostava nada daquilo. Aos primeiros sinais do dia, pararam novamente.

Tinham chegado ao fim de um longo corte, profundo e com encostas íngremes na parte central, pelo qual a estrada abria seu caminho através de uma cordilheira rochosa.

Agora tinham subido o barranco a oeste e olhavam em volta.

O dia se abria no céu, e eles viram que as montanhas estavam agora bem distantes, recuando para o leste numa longa curva que se perdia na distância.

Diante deles, conforme viraram para o oeste, encostas suaves desciam e invadiam a névoa apagada mais abaixo. Por toda a volta havia

pequenos bosques de árvores resinosas, abetos, cedros e ciprestes, e outras espécies desconhecidas no Condado, com amplas clareiras entre elas; por toda a volta se espalhava uma opulência de ervas e arbustos de aroma suave. A longa viagem de Valfenda os trouxera muito ao sul de sua própria terra, mas só agora, naquela região mais protegida, os hobbits sentiam a mudança de clima. Ali a primavera já se manifestava: as folhagens brotavam perfurando o musgo e o humo; os lariços exibiam dedos verdes, pequenas flores se abriam na turfa, pássaros cantavam. Ithilien, o jardim de Gondor agora desolado, ainda guardava uma beleza desgrenhada de driade.

Ao sul e ao oeste o jardim dava para os vales mornos e mais baixos do Anduin, protegido ao leste pelas Ephel Dúath, ficando, contudo, livre da sombra da montanha, protegido ao norte pelas Emyn Muil, aberto aos ares do sul e aos ventos úmidos do Mar distante. Muitas árvores grandes cresciam ali, plantadas havia muito tempo, envelhecendo em meio à falta de cuidados, numa confusão de descendentes desleixadas; havia também bosques e maciços de tamargueiras e terebintos fragrantes, de oliveiras e louros; e havia juníperos e mirtos; e tomilhos que cresciam em arbustos, ou cobrindo as pedras escondidas com seus galhos folhudos e rasteiros que se trançavam formando altas tapeçarias; sálvias de vários tipos exibindo flores azuis, ou vermelhas, ou de um verdeclaro; manjeronas e salsas recém-brotadas, e muitas ervas de formas e aromas que estavam além do estudo de jardinagem de Sam. As grutas e muralhas rochosas já estavam salpicadas de saxifragas e sajões. Prímulas e anêmonas acordavam nas moitas de aveleiras; asfódelos e muitos lírios balançavam suas cabeças entreabertas na relva: relva alta e verde ao lado das poças, onde riachos cadentes se detinham em concavidades frescas, em sua descida para o Anduin.

Os viajantes deram as costas para a estrada e desceram as colinas. Conforme andavam, abrindo caminho através de arbustos e ervas, perfumes suaves subiam enchendo-lhes as narinas. Gollum tossia e tinha ânsias de vômito, mas os hobbits respiravam fundo, e de repente Sam riu, não por achar graça, mas por sentir o coração mais leve. Seguiram um riacho que corria veloz diante deles. De repente ele os conduziu até um pequeno lago límpido num valezinho raso: ficava nas ruínas partidas de uma antiga bacia de pedra, cuja borda esculpida estava quase totalmente coberta de

musgo e roseiras-bravas; espadas-de-íris cresciam em fileiras à sua volta, e folhas de nenúfares boiavam em sua superfície escura e levemente ondulada; o lago era fundo e de água potável, e extravasava suavemente por sobre uma borda rochosa na extremidade oposta.

Ali os três se banharam e beberam bastante água do riacho que alimentava o lago.

Depois procuraram um lugar para descansar, e que servisse também de esconderijo: pois aquela terra, embora ainda bela, fazia parte agora do território do Inimigo. Eles não estavam muito longe da estrada, e mesmo assim, num espaço tão pequeno, puderam ver as cicatrizes de antigas guerras, e os ferimentos mais recentes feitos pelos orcs e outros vis servidores do Senhor do Escuro: um fosso a céu aberto de dejetos e sujeira, árvores derrubadas arbitrariamente e abandonadas à morte, com runas malignas e o sinal cruel do Olho marcado a rudes golpes em sua casca.

Sam, que descera abaixo da desembocadura do riacho, cheirando e tocando as plantas e árvores desconhecidas, esquecido naquele momento de Mordor, de repente lembrou-se do perigo constante que os ameaçava. Tropeçou num círculo ainda queimado pelo fogo, e no meio encontrou uma pilha de ossos e crânios quebrados e carbonizados.

Uma camada de espinheiros e madressilvas-dos-bosques e clematites rastejantes já começara a cobrir com um véu aquele lugar de matança e banquete macabro; mas os vestígios não eram muito antigos. Correu de volta ao encontro dos companheiros, mas não disse nada: era melhor que os ossos descansassem em paz, e não fossem tocados e fuçados por Gollum.

— Vamos encontrar um lugar onde possamos deitar — disse ele. — Não lá embaixo, para mim é melhor mais para cima.

Um pouco acima do lago encontraram uma camada espessa e castanha de samambaias do ano anterior. Um pouco mais adiante havia um maciço de loureiros de folhas escuras sobre um barranco íngreme, em cujo topo havia velhos cedros. Ali decidiram descansar e passar o dia, que já prometia ser claro e quente. Um bom dia para passear ao longo dos bosques e clareiras de Ithilien, mas embora fosse provável que os orcs evitassem a luz do sol havia muitos locais onde poderiam se esconder e espreitar; e outros olhos malignos estavam por ali: Sauron tinha muitos servidores.

Gollum, de qualquer forma, não caminharia sob o Cara Amarela. Log ele olharia por sobre as cordilheiras escuras das Ephel Dúath, e Gollum iri desfalecer e se esconder da luz e do calor.

Sam estivera pensando seriamente em comida conforme caminhavam.

Agora que o desespero do Portão intransponível ficara para trás, el não se sentia tão inclinado quanto seu mestre a deixar de pensar em sua sobrevivência depois do fim da missão; de qualquer forma, parecia-lhe mais sensato guardar o pão de viagem dos elfos para as ocasiões piores no futuro. Já tinham passado seis dias ou mais desde que ele calculara que só havia um suprimento escasso para três semanas.

"Teremos sorte se alcançarmos o Fogo nesse tempo", pensou ele. "E pode ser que queiramos voltar. Pode ser!"

Além disso, ao fim de uma longa marcha noturna, e depois de ter tomado um banho e bebido água, ele se sentia ainda mais faminto que o habitual. Uma ceia ou um desjejum ao lado do fogo na velha cozinha na rua do Bolsinho era o que ele realmente queria. Teve uma ideia e virou-se para Gollum. Este tinha começado a se esgueirar por conta própria, e rastejava de quatro através das samambaias.

— Ei! Gollum! — disse Sam. — Aonde vai? Caçar? Bem, olhe aqu velho farejador, você não gosta de nossa comida, e eu mesmo não me incomodaria de variar. Seu novo mote é sempre pronto a ajudar. Poderia encontrar alguma coisa boa para um hobbit faminto?

— Sim, talvez, sim — disse Gollum. — Sméagol sempre ajuda, se ele pede — se eles pede com educação.

— Certo! — disse Sam. — Nós pede. E se isso não for educado suficiente, nós implora.

Gollum desapareceu. Ficou longe algum tempo e Frodo, depois d alguns bocados de lembas, se afundou na samambaia castanha e adormeceu.

Sam olhava para ele.

A luz precoce do dia estava apenas começando a penetrar as sombras sob as árvores, mas ele via o rosto de seu mestre perfeitamente, e as mãos também, repousando no chão ao longo do corpo. Lembrou-se de repente de Frodo deitado, adormecido na casa de Elrond, depois daquele ferimento

mortal. Naquela época, enquanto vigiava, Sam notara que algumas vezes uma luz parecia emanar de seu interior com um brilho fraco; mas agora a luz estava mais visível e forte. O rosto de Frodo estava tranquilo, as marcas do medo e da preocupação haviam sumido; mas parecia velho, velho e bonito, como se o cinzela r dos anos agora se revelasse em muitas linhas finas que antes estiveram escondidas, embora a identidade do rosto não estivesse alterada. Não que Sam colocasse as coisas para si mesmo desse modo Balançou a cabeça, como se as palavras lhe parecessem inúteis, e murmurou: — Eu o amo. Ele é assim, e algumas vezes isso se manifesta, de alguma forma. Mas eu o amo, quer isso aconteça ou não.

Gollum voltou em silêncio e espiou por sobre o ombro de Sam.

Olhando para Frodo, fechou os olhos e se afastou se m qualquer ruído. Sam o alcançou um minuto depois, e o encontrou mastigando alguma coisa e murmurando consigo mesmo.

No chão ao lado dele jaziam dois pequenos coelhos, que ele já começava a olhar com avidez.

— Sméagol sempre ajuda — disse ele. — Trouxe coelhos, coelhos bonzinhos. Mas o mestre está dormindo, e talvez Sam queira dormir. Não quer os coelhos agora? Sméagol tenta ajudar, mas não consegue pegar tudo num minuto.

Sam, entretanto, não tinha nenhuma objeção a coelhos, e disse isso. Pelo menos não a coelhos cozidos. Todos os hobbits, é claro, sabem cozinhar pois começam a aprender a arte antes de aprender a ler (o que muitos nunca fazem); mas Sam era um bom cozinheiro, mesmo para os padrões dos hobbits, e muitas vezes tinha feito a comida do acampamento quando em viagem, sempre que havia uma oportunidade. Ainda esperançoso, continuava carregando parte de seu equipamento: trazia acondicionados em sua mochila uma pequena caixa de pederneiras, duas pequenas panelas rasas, a menor se encaixando na maior; dentro delas uma colher de madeira, um pequeno garfo de duas pontas e alguns espetos; e escondido no fundo, numa caixinha rasa de madeira, um tesouro que minguava: um pouco de sal. Mas ele precisava de uma fogueira, além de outras coisas. Pensou um pouco, enquanto sacava sua faca para limpá-la e afiá-la, e começou a preparar os coelhos. Não ia deixar Frodo sozinho e dormindo nem por alguns

minutos.

— Agora, Gollum — disse ele. — Tenho um outro serviço para você Vá encher essas panelas com água, e traga-as de volta.

— Sméagol vai buscar a água, vai sim — disse Gollum. — Mas por que o hobbit quer essa água toda? Ele já bebeu, e já se lavou.

— Não se preocupe — disse Sam. — Se não puder adivinhar, logo va descobrir. E quanto mais cedo trouxer a água, mais cedo saberá. Não estrague minhas panelas, ou vou fazer picadinho de você.

Enquanto Gollum estava longe, Sam deu outra olhada em Frodo. El ainda dormia tranquilo, mas o que mais assustava Sam agora era a magreza de suas mãos e rosto. — Está muito magro e abatido — murmurou ele. — Não é bom para um hobbit. Se eu conseguir cozinhar esses coelhos, vou acordá-lo.

Sam fez uma pilha com a samambaia mais seca, e depois subiu o barranco recolhendo um feixe de gravetos e pedaços de madeira; no topo um galho de cedro caído forneceu-lhe um bom suprimento. Cortou um pouco da turfa que estava ao pé do barranco, bem ao lado da moita de samambaia, fez um buraco raso e colocou nele seu combustível.

Como era hábil com pederneiras e isqueiro, ele logo tinha uma pequena fogueira queimando, que quase não produzia fumaça, mas exalava um odor aromático. Estava debruçado sobre a fogueira, protegendo-a e alimentando-a com lenha mais grossa, quando Gollum retomou, carregando cuidadosamente as panelas e resmungando consigo mesmo.

Colocou as panelas no chão, e então de repente viu o que Sam estava fazendo.

Soltou um guincho agudo, e demonstrou ao mesmo tempo estar furioso e com medo.

— Ach! Sss — não! Não! Hobbits tolos, sim, tolos. Não devem fazer isso!

— Não devem fazer o quê? — perguntou Sam surpreso.

— Fazer as nojentass línguas vermelhas — chiou Gollum. — Fogo fogo! É perigoso, é sim. Queima, mata. E vai atrair inimigos, vai sim.

— Eu não acho — disse Sam. — Não vejo por que deveria, se não pusermos coisas molhadas nele para fazer uma fumaceira. Mas, se atrair,

que atraia. Vou arriscar, de qualquer jeito. Vou cozinhar esses coelhos.

— Cozinhar os coelhos! — guinchou Gollum frustrado. — Estragar a bela carne que Sméagol conseguiu para você, o pobre e faminto Sméagol Para quê? Para quê, hobbit tolo? Eles são jovens, e são tenros, são gostosos Coma ele s, coma eles! — Gollum agarrou o coelho mais próximo, já sem a pele e ao lado do fogo.

— Espere aí! — disse Sam. — Cada um ao seu modo. Você engasg com nosso pão e eu engasgo com coelho cru. Se você me dá um coelho, o coelho é meu, veja bem, e eu posso cozinhá-lo, se quiser. E eu quero. Não precisa ficar me olhando. Vá pegar um outro e coma-o como quiser — em algum lugar escondido e fora de minha vista.

Assim você não vê o fogo e eu não vejo você e nós dois ficamos mais felizes. Vou cuidar para que a fogueira não faça fumaça, se isso o consola.

Gollum se retirou resmungando, e se afundou na samambaia. Sam se ocupou com suas panelas. — O que um hobbit necessita para acompanhar um coelho — disse ele para si mesmo — são algumas ervas e raízes, especialmente batatas — para não falar de pão. Ervas podemos conseguir, ao que parece.

— Gollum! — chamou ele em voz baixa. — A terceira vez é a que conta. Quero umas ervas. — A cabeça de Gollum apareceu em meio à samambaia, mas sua expressão não era nem prestativa nem amigável. — Umas folhas de louro, um pouco de tomilho e sálvia vão bem — antes que a água ferva — disse Sam.

— Não — disse Gollum. — Sméagol não está contente. E Sméagol não gosta de folhas cheirosas. Não come capim ou raízes, não, precioso, não até que esteja morrendo de fome, ou muito doente, pobre Sméagol.

— Sméagol vai se queimar de verdade quando esta água ferver, se não fizer o que estou pedindo — rosnou Sam. — Sam vai pôr a cabeça dele aqui, é sim, precioso. E eu o faria procurar nabos e cenouras e batatas também, se fosse a época do ano. Aposto que há todo tipo de coisas boas espalhadas por esta terra. Daria qualquer coisa por meia dúzia de batatas.

— Sméagol não vai, não vai não, precioso, não desta vez — chiou Gollum. — Está com medo e está muito cansado, e esse hobbit não é bonzinho, nem um pouco bonzinho.

Sméagol não vai cavar procurando raízes e cenouras e — batatas. Que são batatas, precioso, hein, que são batatas?

— Be a bá, te a tá — Batatas — disse Sam. — A delícia do Feitor, e ur sustento excelente para uma barriga vazia. Mas você não vai achar nenhuma, então não precisa procurar. Mas seja o bom Sméagol e me traga as ervas, e vou pensar coisa melhor de você. Além do mais, se você virar a página, e a mantiver virada, vou cozinhar umas batatas para você um dia desses. Vou sim: peixe frito com batatas fritas, servidos por S. Gamgi. Voc não conseguiria recusar uma coisa dessas.

— Sim, sim, nós conseguia. Estragando peixe bonzinho, queimando ele. Dê para mim um peixe agora, e fique com as malditass batatass fritass!

— É, você não tem conserto — disse Sam. — Vá dormir!

No fim ele teve de encontrar sozinho o que que ria; mas não precisou ir muito longe, nem perder de vista o lugar em que seu mestre estava, ainda dormindo.

Por um tempo Sam ficou sentado meditando, cuidando do fogo ate que a água fervesse. A luz do dia se intensificou, e o ar ficou quente; c orvalho desapareceu da turfa e das folhas. Logo os coelhos, aos pedaços, estavam cozinhando nas respectivas panelas com o maço de ervas. Sam quase dormiu enquanto o tempo passava. Deixou-os cozinhar por quase uma hora, testando-os de vez em quando com seu garfo, e experimentando o caldo.

Quando achou que estava tudo pronto, retirou as panelas do fogo e dirigiu-se até Frodo. Este entreabriu os olhos quando Sam se debruçou sobre ele e o despertou de seu sonho: outro suave, irrecuperável sonho de paz.

— Olá, Sam! — disse ele. — Não está descansando? Alguma cois errada? Que horas são?

— Algumas horas depois do nascer do dia — disse Sam – e perto de oito e meia nos relógios do Condado, talvez. Mas não há nada errado Embora isso não seja exatamente o que eu chamo de certo: sem caldo de carne, sem cebola, sem batatas. Tenho um pouco de cozido para o senhor, e um pouco de caldo, Sr. Frodo. Vão lhe fazer bem. Vai ter de beber em su caneca, ou comer direto da panela, quando tiver esfriado um pouco. Não trouxe nenhuma tigela, nem qualquer coisa adequada.

Frodo bocejou e se espreguiçou.

— Você deveria ter descansado, Sam — disse ele. — E acender um fogueira nestas partes foi perigoso. Mas eu realmente estou com fome. Hummm! Estou sentindo o cheiro daqui? O que você cozinhou?

— Um presente de Sméagol — disse Sam —: um par de coelho tenros; embora eu imagine que Sméagol esteja arrependido agora. Mas nãc há nada para acompanhá-los a não ser algumas ervas.

Sam e seu mestre sentaram-se bem no meio da moita de samambaia e comeram o cozido das panelas, dividindo o velho garfo e a colher.

Permitiram-se meio pedaço do pão de viagem élfico para cada um. Parecia um banquete.

— Ei! Gollum — chamou Sam assobiando baixinho. — Venha! Aind é tempo de mudar de ideia. Sobrou um pouco, se você quiser experimentar coelho cozido. — Não houve resposta.

— Bem, acho que ele foi procurar alguma coisa para si mesmo. Nós damos conta disso — disse Sam.

— E então você deve dormir um pouco — disse Frodo.

— Não cochile na hora em que eu estiver dormindo, Sr. Frodo. Nã me sinto muito seguro em relação a ele. Há um bocado do Fedegoso — c Gollum mau, se o senhor me entende — nele ainda, e está se fortalecendc de novo. O que eu acho é que ele tentaria me esganar primeiro desta vez. Ele não me olha nos olhos, e não está satisfeito com Sam, não mesmo precioso, nem um pouco satisfeito.

Terminaram de comer e Sam foi até o riacho enxaguar seu equipamento. Conforme se levantou para retornar, voltou-se e olhou a encosta. Nesse momento, viu o sol se erguer acima do vapor, ou névoa, ou sombra escura ou o que quer que fosse aquilo que sempre havia ao leste, e enviar seus raios dourados sobre as árvores e clareiras ao redor. Entãc percebeu uma espiral de fumaça azul acinzentada, perfeitamente visível contra a luz do sol, que subia de uma moita mais acima. Chocado, Sam percebeu que era a fumaça de sua pequena fogueira, que ele esquecera de apagar.

— Isso não vai dar certo! Nunca pensei que o fogo apareceria dessa maneira! — murmurou ele, e correu de volta. De repente parou para

escutar. Teria escutado um assobio ou não? Se fosse um assobio , não vinha de onde Frodo estava. Agora soava de novo de um outro lugar! San começou a subir a colina o mais rápido que pôde.

Descobriu que um pequeno tição, ainda aceso em sua extremidade externa, tinha queimado uma porção da samambaia na borda da fogueira, e que a samambaia acesa tinha queimado a turfa. Rapidamente pisou no que sobrara da fogueira, espalhou as cinzas, e cobriu o buraco com um pouco da turfa. Depois se esgueirou em direção a Frodo.

— O senhor ouviu um assobio, e o que parecia ser uma resposta? — perguntou ele. — Há alguns minutos. Espero que tenha sido apenas un pássaro, mas não é o que pareceu: tive a impressão de que era mais como alguém imitando o chamado de um pássaro. E receio que minha fogueirinha tenha feito muita fumaça. Agora, se eu fui arranjar problemas, nunca me perdoarei. Talvez nem tenha uma chance!

— Pssiu! — sussurrou Frodo. — Acho que ouvi vozes.

Os dois hobbits arrumaram as pequenas mochilas, aprontaram-nas para uma fuga, e então se afundaram mais na samambaia. Ficaram ali agachados, escutando.

Não restava mais dúvida sobre as vozes. Falavam baixo e furtivamente, mas estavam próximas, e chegando mais perto. Então, de repente, uma falou claro, e ali perto.

— Aqui! É daqui que a fumaça veio! — disse a voz. — Está por perto Na samambaia, sem dúvida. Vamos pegar essa coisa como um coelho numa armadilha. Então saberemos que tipo de criatura é essa.

— É, e também o que sabe! — disse uma segunda voz.

De uma só vez, quatro homens avançaram a passos largos através da samambaia, partindo de pontos diferentes. Já que era impossível fugir ou se esconder, Frodo e Sam pularam de pé, virando as costas um para o outro e puxando suas pequenas espadas.

Se ficaram atônitos com o que viram, seus caçadores ficaram ainda mais. Quatro homens altos estavam ali. Dois seguravam lanças com pontas largas e brilhantes.

Dois tinham grandes arcos, quase de sua própria altura, e grandes aljavas cheias de longas flechas adornadas com penas verdes. Todos

levavam espadas, e estavam vestidos de verde e marrom de várias tonalidades, aparentemente para caminhar com mais facilidade sem serem notados nas clareiras d e Ithilien. Luvas verdes cobriam-lhes as mãos, e o rostos estavam encapuzados e mascarados de verde, com exceção dos olhos, que eram muito penetrantes e brilhantes. Frodo pensou imediatamente em Boromir, pois esses homens eram semelhantes a ele em estatura e aparência, e no modo de falar.

— Não encontramos o que procurávamos — disse um deles. — Mas o que foi que encontramos?

— Não são orcs — disse um outro, soltando o cabo de sua espada, que estivera segurando desde que vira o brilho de Ferroada na mão de Frodo.

— Elfos? — disse um terceiro, indeciso.

— Não! Não são elfos — disse o quarto, o mais alto e aparentemente o chefe de todos. — Os elfos não andam em Ithilien nestes tempos. E os elfo são extremamente belos de se olhar, ou pelo menos é o que se diz.

— Quer dizer que nós não somos, se o entendo bem – disse Sam. — Muito agradecido. E, quando terminarem a discussão, talvez digam quem vocês são, e por que não podem deixar dois viajantes cansados em paz.

O alto homem verde riu com austeridade.

— Sou Faramir, Capitão de Gondor — disse ele. — Mas não h viajantes nesta terra: só os servidores da Torre Escura, ou da Branca.

— Mas não somos nem uma coisa nem outra disse Frodo. — E somo viajantes, não importa o que o Capitão Faramir possa dizer.

— Então apressem-se em declarar seus nomes e sua missão — disse Faramir. — Temos trabalho a fazer, e não é lugar nem hora para enigmas ou conversas. Digam! Onde está o terceiro de seu grupo?

— O terceiro?

— Sim, o camarada esquivo que vimos com o nariz na poça lá embaixo. Tinha uma aparência desagradável. Alguma raça de orc espião suponho eu, ou alguma criatura deles.

Mas nos escapou usando algum truque de raposa.

— Não sei onde ele está — disse Frodo. — É apenas um companheiro casual que encontramos na estrada, e não sou responsável por ele. Se o encontrarem, poupem-no.

Tragam-no ou enviem-no até nós. É apenas um vagabundo miserável, mas está sob meus cuidados temporariamente. Quanto a nós, somos hobbits do Condado, uma terra distante, ao norte e ao oeste, além de muitos rios. Frodo, filho de Drogo, é meu nome, e este é Samwise, filho de Hamfast, um hobbit valoroso aos meus serviços. Viemos por longos caminhos — de Valfenda, ou Imíadris, como dizem alguns. — Neste ponto, Faramir se assustou e ficou atento. — Tínhamos sete companheiros: um perdemos em Moria, os outros deixamos no Parth Galen, sobre Rauros; dois da minha raça havia também um anão, e um elfo, e dois homens. Um deles era Aragorn, e o outro Boromir, que dizia ter vindo de Minas Tirith, uma cidade do sul.

— Boromir! — exclamaram todos os quatro homens.

— Boromir, filho do Senhor Denethor? — disse Faramir, e um expressão estranha e austera cobriu-lhe o rosto. — Vieram com ele? Isso realmente é novidade, se for verdade. Saibam, pequenos forasteiros, que Boromir era um Alto Vigilante da Torre Branca, e nosso Capitão-geral sentimos muito a falta dele. Então quem são vocês, e o que tinham a ver com ele? Sejam rápidos, o sol está subindo.

— Vocês conhecem as palavras-enigmas que Boromir levou a Valfenda? — replicou Frodo.

Procure a Espada que foi Quebrada.

Em Imíadris ela está.

— As palavras são realmente conhecidas — disse Faramir atônito. — É sinal de sua sinceridade que vocês também as conheçam.

— Aragorn, que eu mencionei, é o portador da Espada que foi Quebrada — disse Frodo. — E nós somos os Pequenos de que a rima fala.

— Isso estou vendo — disse Faramir pensativo. — Ou percebo que deve ser assim. E o que é a Ruína de Isildur?

— Isso ainda não foi revelado — respondeu Frodo. — Sem dúvida será esclarecido no momento oportuno.

— Precisamos saber mais sobre isso — disse Faramir – e descobrir o que os traz tão longe no leste, sob a sombra daquele — ele apontou e não disse nome algum. — Mas não agora. Temos muito o que fazer. Vocês estão correndo perigo, e não teriam ido muito longe hoje, por campo ou estrada.

Haverá duros golpes aqui perto antes que o dia avance muito. Depois

morte, ou então uma fuga rápida para o Anduin. Vou deixar dois para vigiá-los, para o bem de vocês e meu também. Homens sábios não confiam em encontros casuais pela estrada nesta terra. Se eu retornar, conversarei mais com vocês.

— Até logo — disse Frodo, fazendo uma grande reverência. — Pensem o que quiserem, eu sou amigo de todos os inimigos do Um Inimigo Iríamos com vocês se nós, Pequenos, pudéssemos ter esperança de ajudá-los, homens que parecem ser tão fortes e valorosos, e se minha missão o permitisse. Que a luz brilhe em suas espadas!

— Os Pequenos são um povo cortês, independentemente do que mais possam ser — disse Faramir. — Até logo!

Os hobbits sentaram-se de novo, mas não disseram nada um ao outro sobre seus pensamentos e dúvidas. Por perto, bem embaixo da sombra salpicada dos escuros loureiros, dois homens permaneceram de guarda. De vez em quando tiravam as máscaras para se refrescar, conforme o calor do dia aumentava, e Frodo viu que eram homens belos, de pele clara, cabelos escuros, com olhos cinzentos e rostos tristes e altivos.

Conversaram entre si em voz baixa, no início usando a Língua Geral mas à maneira dos dias mais antigos, e depois mudando para uma outra língua própria deles. Para a sua surpresa, Frodo percebeu, conforme ouvia que estavam falando a língua élfica, ou uma outra bastante semelhante, e olhou p ara eles admirado, pois soube então que deveriam ser dúnedain do sul, homens da linhagem dos Senhores do Ponente.

Depois de um tempo, Frodo lhes dirigiu a palavra, mas eles foram cautelosos e demoraram para responder. Disseram que seus nomes eram Mablung e Damrod, soldados de Gondor, e que eram Guardiães de Ithilien descendiam de povos que viveram em Ithilien numa outra época, antes que aquela região fosse assolada. Dentre esses homens, o Senhor Denetho escolhia seus batedores, que atravessavam o Anduin em segredo (como e onde, eles não estavam dispostos a dizer) para perseguir os orcs e outros inimigos que perambulavam entre os Ephel Dúath e o Rio.

— São cerca de dez léguas daqui até a praia oriental do Anduin — disse Mablung —, raramente chegamos tão longe. Mas temos uma nova missão nesta jornada: viemos preparar uma emboscada para os homens de

Harad. Malditos sejam!

— E, malditos sejam os sulistas! — disse Damrod. — Comenta-se que havia transações antigamente entre Gondor e os reinos de Harad do extremo sul, embora nunca tenha existido amizade. Naqueles dias, nossas fronteiras ficavam lá no sul, além da foz do Anduin, e Umbar , o mais próximo dos reinos deles, reconhecia nosso poder. Mas muito tempo se passou. Já faz muitas vidas de homem que um sulista passou, indo ou vindo, entre nós. Ultimamente soubemos que o Inimigo esteve entre eles, que passaram para o lado d'Ele, ou retornaram a Ele — estavam sempre á sua disposição — como também fizeram tantos outros no leste. Não duvido que os dias de Gondor estejam chegando ao fim, e que as muralhas de Minas Tirith estejam condenadas, tão grandes são sua malícia e força.

— Mesmo assim, não vamos ficar de braços cruzados e deixar que Ele faça tudo como desejar — disse Mablung. — Esses malditos sulistas vêm agora marchando pelas estradas antigas para aumentar os exércitos da Torre Escura. Sim, pelas mesmas estradas que o trabalho de Gondor construiu. E cada vez avançam com menos cautela, pensando que o poder de seu novo senhor é grande o suficiente, de modo que a mera sombra de suas colinas irá protegê-los. Viemos para lhes ensinar uma outra lição.

Foi-nos reportado há alguns dias que uma grande força deles agora marcha para o norte. Pelos nossos cálculos, um dos regimentos deve passar por volta do meio-dia — na estrada lá em cima, no ponto onde ela atravessa uma fenda. A estrada pode atravessar, mas eles não! Não enquanto Faramir for Capitão. Agora ele lidera em todas as ocasiões perigosas. Mas sua vida tem algum encantamento, ou o destino o poupa para algum outro fim.

A conversa foi morrendo num silêncio de escuta. Todos pareciam quietos e vigilantes. Sam, agachado na borda da moita de samambaia, espiava para fora. Com seus olhos penetrantes de hobbit, viu que muitos outros homens estavam por perto. Podia vêlos subindo secretamente as colinas, isolados ou em longas filas, sempre se mantendo na sombra de bosques ou maciços de árvores, ou se arrastando, quase invisíveis em suas vestes verdes e marrons, através de relva e mato. Todos estavam encapuzados e mascarados, com luvas nas mãos, e armados como Faramir e seus companheiros. Em breve todos tinham passado e desaparecido. O so

subiu até se aproximar do sul. As sombras diminuíram.

"Fico pensando onde estará o infame do Gollum", pensou Sam conforme se escondia numa sombra mais profunda. "É bem provável que tenha sido espetado, tomado por orc, ou torrado pelo Cara Amarela. Ma acho que ele vai se cuidar." Deitou-se ao lado de Frodo e começou a cochilar.

Acordou, com a impressão de ter ouvido trombetas. Sentou-se. O sc já estava alto.

Os guardas permaneciam em estado de alerta e tensos sob as sombras das árvores. De repente as trombetas soaram mais fortes e audíveis lá em cima, sobre o topo da encosta.

Sam teve a impressão de ouvir gritos e berros alucinados também, mas o som era fraco, como se viesse de alguma caverna distante. Então, subitamente, rompeu bem próximo o som de guerra, bem acima do esconderijo deles. Podia ouvir claramente o rilhar de aço sobre aço, o clangor de espadas em toucas de malha de ferro, a batida surda das espadas nos escudos; homens berravam e gritavam, e uma voz clara e alta clamava Gondor! Gondor!

— Isso soa como uma centena de ferreiros trabalhando todos ac mesmo tempo — disse Sam a Frodo. — Agora estão tão próximos quanto eu queria.

Mas o ruído se aproximou mais.

— Eles estão vindo! — gritou Damrod.

— Vejam! Alguns sulistas escaparam da armadilha e estão fugindo da estrada. Lá vão eles! Nossos homens atrás, e o Capitão liderando.

Sam, aflito para ver mais, foi juntar-se aos guardas. Subiu um pouco num dos loureiros maiores. Por um instante viu, de relance e a alguma distância, homens morenos de vermelho descendo a encosta, e guerreiros vestidos de verde aos saltos atrás deles, derrubando-os enquanto fugiam. Flechas enchiam o ar. Então, de repente, pela borda do barranco onde estavam escondidos, um homem caiu, batendo contra as árvores esguias, quase em cima deles. Foi parar na samambaia a pouca distância deles, o rosto para baixo, com flechas adornadas com penas verdes enfiadas em seu pescoço, sob um colarinho de ouro. Suas vestes vermelhas estavam rasgadas,

seu corselete de placas de bronze justapostas estava partido e despedaçado, suas tranças negras adornadas com ouro ensangüentadas. A mão morena ainda agarrava o punho de uma espada quebrada.

Era a primeira vez que Sam via uma batalha de homens contra homens, e não estava gostando muito do espetáculo. Ficou feliz por não conseguir ver o rosto morto.

Perguntava-se qual seria o nome do homem e de onde teria vindo, e se realmente tinha o coração mau, ou que mentiras ou ameaças o teriam conduzido na longa marcha desde seu lar, e se realmente não teria preferido ficar lá em paz — tudo num lampejo de pensamento que logo foi afastado de sua mente. Pois, no mesmo momento em que Mablung ia em direção ao corpo caido, ouviu-se outro barulho. Grande gritaria. Em meio a ela Sam ouviu o ruido de rugidos ou trombetas. E depois um grande baque de batidas e golpes surdos, como enormes aríetes estrondeando no chão.

— Cuidado! Cuidado! — gritou Damrod aos seus companheiros. – Que os Valar consigam desviá-lo! Múmak! Múmak!

Para seu assombro, terror e enorme prazer, Sam viu um vulto enorme romper dentre as árvores e vir descendo a encosta. Grande como uma casa, muito maior que uma casa, pareceu-lhe, uma colina móvel revestida de cinza.

O medo e a surpresa talvez tenham aumentado seu tamanho aos olhos do hobbit, mas o Múmak de Harad era realmente um animal enorme e como aquele não há mais hoje em dia na Terra-média; seu parente que ainda vive nos últimos tempos é apenas uma lembrança de seu tamanho e majestade. Veio avançando, direto para os vigias, e então desviou no momento exato, passando a apenas alguns metros, fazendo tremer o chão sob seus pés: as grandes pernas como árvores, enormes orelhas semelhantes a velas abertas, a longa tromba erguida como uma enorme serpente pronta para atacar, os pequenos olhos vermelhos coléricos. Suas presas levantadas semelhantes a chifres estavam fixadas com bandas de ouro e pingavam sangue. Os arreios ricamente enfeitados de vermelho e dourado pendiam em farrapos soltos. Os escombros do que parecia ter sido uma verdadeira torre de guerra jaziam sobre seu lombo ofegante, destroçados em sua passagem furiosa através do bosque; e em cima de seu pescoço ainda se

pendurava desesperadamente um pequeno vulto — o corpo de um guerreiro poderoso, um gigante entre os Morenos.

O grande animal avançava retumbando, cambaleando numa ira cega através de poças e moitas. Flechas inofensivas batiam e ricocheteavam na pele grossa de seus flancos. Homens dos dois lados corriam fugindo dele, mas vários ele alcançou e esmagou contra o chão. Logo sumiu de vista, ainda trombeteando e estremecendo o solo em algum ponto distante. O que aconteceu com ele Sam nunca soube: se escapou para perambular no ermo por um tempo, até que perecesse longe de sua casa ou ficasse preso em algum poço fundo; ou ainda se continuou até mergulhar no Grande Rio e ser engolido pelas águas.

Sam respirou fundo. — Era um Olifante! — disse ele. — Entã existem Olifantes, e eu vi um. Que vida! Mas ninguém lá em casa va acreditar em mim. Bem, se tudo acabou, vou dormir um pouco.

— Durma enquanto puder — disse Mablung. — Mas o Capitã retornará se não estiver ferido, e quando chegar deveremos partir depressa. Seremos perseguidos assim que as notícias de nosso feito chegarem ac Inimigo, e não vai demorar muito.

— Partam em silêncio quando for a hora! — disse Sam. — Não h necessidade de perturbarem meu sono. Caminhei a noite toda.

Mablung riu.

— Não acho que o Capitão vá deixá-los aqui, Mestre Samwise - disse ele. — Mas isso vocês verão!

CAPÍTULO V: A JANELA SOBRE O OESTE

Com a impressão de ter cochilado apenas alguns minutos, Sam acordou e viu que já era fim de tarde e Faramir tinha voltado. Trouxera muitos homens consigo; na verdade, todos os sobreviventes da emboscada estavam agora reunidos na encosta ali perto, cerca de duzentos a trezentos combatentes. Estavam sentados num amplo semicírculo, Faramir no centro e Frodo em pé diante dele. A situação era estranhamente semelhante ao julgamento de um prisioneiro.

Sem que ninguém se desse conta dele, Sam saiu da samambaia e se posicionou atrás das fileiras de homens, de onde podia ver e ouvir tudo o que estava acontecendo.

Observava e escutava tudo com atenção, pronto para correr em auxilio de seu mestre, caso fosse necessário. Estava enxergando o rosto de Faramir, agora sem a máscara: era austero e dominador, e uma sagacidade aguda se escondia atrás de seu olhar penetrante. Havia dúvida nos olhos, que mantinha fixos em Frodo.

Logo Sam descobriu que o Capitão não estava satisfeito em vário pontos com o que Frodo dissera sobre si mesmo: qual era sua função na Comitiva que partira de Valfenda; por que ele havia abandonado Boromir e aonde estava indo agora. Em especial, mencionou várias vezes a Ruína de Isildur. Estava claro para Faramir que Frodo escondera algum assunto de grande importância.

— Mas era com a chegada do Pequeno que a Ruína de Isildur despertaria, ou pelo menos é o que se pode interpretar daquelas palavras — insistiu ele. — Então, se você é realmente o Pequeno que foi mencionado não há dúvida de que levou essa coisa, o que quer que seja ela, para o Conselho do qual está falando, e de que lá Boromir a viu. Você nega o que estou dizendo?

Frodo não respondeu. — Então! — disse Faramir. — Quero que você me diga mais sobre isso; pois o que diz respeito a Boromir diz respeito a mim. Uma flecha de orc matou Isildur, pelo que contam as velhas histórias. Mas flechas de orcs são muito comuns, e Boromir de Condor, ao deparar com uma, não consideraria isso como um sinal do Destino. Essa coisa estava em

seu poder? Está oculta, você diz; mas não seria porque você mesmo faz a opção de ocultá-la?

— Não, não é uma opção minha — respondeu Frodo. — Não pertence a mim. Não pertence a nenhum mortal, grande ou pequeno; mas se houver alguém para reivindicá-la, essa pessoa será Aragorn, filho de Arathorn, que eu mencionei, o líder da nossa Comitiva de Moria até Rauros.

— Por que ele, e não Boromir, príncipe da Cidade que os filhos de Elendil fundaram?

— Porque Aragorn é descendente em linhagem direta de Isildur, o próprio filho de Elendil. E a espada em seu poder é a espada de Elendil.

Um murmúrio de assombro percorreu todo o semi-círculo formado pelos homens.

Alguns gritaram:

— A espada de Elendil! A espada de Elendil vem a Minas Tirith! Alvíssaras! — Mas o rosto de Faramir permanecia impassível.

— Talvez! — disse ele. — Mas uma reivindicação tão importante precisa ser verificada, e provas concretas serão requeridas, caso esse Aragorn chegue a Minas Tirith. Ele não havia chegado, nem qualquer outro membro de sua Comitiva, quando parti seis dias atrás.

— Boromir concordou com a reivindicação — disse Frodo. — Na verdade, se Boromir estivesse aqui, responderia todas as suas perguntas. E uma vez que ele já estava em Rauros havia muitos dias e pretendia ir direto de lá para a sua cidade, quando você retornar poderá ter todas as respostas lá. Ele conhecia minha função na Comitiva, e todos os outros também, pois ela me foi designada pelo próprio Elrond de Imíadris, diante de todo o Conselho. Eu vim a esta terra com essa missão, que não cabe a mim revelar a qualquer pessoa que não faça parte da Comitiva. Apesar disso, seria melhor que aqueles que dizem se opor ao Inimigo não a dificultassem.

O tom de Frodo era altivo, independentemente do que se passava dentro dele, e Sam aprovou suas palavras; mas Faramir não parecia satisfeito.

— Muito bem! — disse ele. — Você me pede que eu cuide de meus próprios assuntos, e que retorne para casa, deixando-o em paz. Boromir contará tudo, quando chegar. Quando chegar, você diz! Você era amigo de

Boromir?

Em sua mente, Frodo relembrou com perfeita nitidez a cena do ataque de Boromir, e por um momento hesitou. A expressão dos olhos atentos de Faramir ficou mais dura.

— Boromir era um valoroso membro de nossa Comitiva — disse Frodo finalmente. — Sim, de minha parte, eu era amigo dele.

O rosto de Faramir se abriu num sorriso sinistro.

— Então você lamentaria se soubesse que Boromir está morto?

— Lamentaria realmente — disse Frodo. Então, captando o olhar de Faramir, ele vacilou. — Morto? — disse ele. — Está querendo dizer que ele está morto, e que você já sabia disso? Esteve tentando me prender numa armadilha de palavras, jogando comigo? Ou está tentando me enganar com uma mentira?

— Eu não enganaria nem mesmo um orc com uma mentira — disse Faramir.

— Como foi então que ele morreu, e como você soube disso, já que está dizendo que nenhum membro da Comitiva havia chegado à cidade até a sua partida?

— Quanto ao modo como morreu, eu tinha esperança de que seu amigo e companheiro me contasse como foi.

— Mas ele estava vivo e forte quando nos separamos. E pelo que sei ainda está. Embora certamente haja muitos perigos no mundo.

— De fato, há muitos — disse Faramir —, e a traição não é o menor deles.

Sam estava ficando cada vez mais impaciente e furioso com toda a conversa.

Aquelas últimas palavras excederam o que conseguia suportar, e, avançando subitamente para o meio do circulo, colocou-se ao lado de seu mestre.

— Perdoe-me, Sr. Frodo — disse ele —, mas isso já foi longe demais. Ele não tem o direito de falar com o senhor dessa maneira. Não depois de tudo o que o senhor passou, tanto para o bem dele e de todos esses grandes homens, quanto para o de qualquer pessoa.

— Olhe aqui, Capitão! — disse ele, plantando-se bem à frente de

Faramir, com as mãos na cintura, como se estivesse se dirigindo a um jovem hobbit que lhe respondesse num tom que Sam chamava de "topetudo" quando questionado em relação a alguma visita ao pomar. Houve alguns murmúrios, e também risos nos rostos dos homens que assistiam: a cena de seu Capitão, sentado no chão, cara a cara com um jovem hobbit de pernas bem abertas, fervendo de raiva, era algo totalmente novo para eles.

— Olhe aqui! — disse ele. — Aonde está querendo chegar? Vamos ao ponto antes de todos os orcs de Mordor nos atacarem! Se o senhor pensa que meu mestre matou esse Boromir e depois fugiu, o senhor está louco; mas diga claramente, e termine com isso de uma vez por todas! E então nos permita saber o que pretende fazer sobre o assunto. Mas é uma pena que pessoas que ficam falando em lutar contra o Inimigo não sejam capazes de deixar que outros façam a sua parte à sua própria maneira, e sem interferências. Ele ficaria muito satisfeito, se pudesse vê-lo agora. Iria pensar que conseguiu um novo amigo, sem dúvida.

— Calma! — disse Faramir sem raiva. — Não fale antes de seu mestre, cuja inteligência é maior que a sua. E eu não preciso que ninguém me advirta sobre o perigo que corremos. Mesmo assim, disponho de um curto espaço de tempo para julgar com justiça uma questão difícil. Se eu fosse tão apressado quanto você, provavelmente já os teria matado há muito tempo. Pois recebi ordens de matar qualquer um que entrasse nesta terra sem a permissão do Senhor de Gondor. Mas não mato homens nem animais sem necessidade, e não me sinto feliz em fazê-lo mesmo quando é necessário. E também não estou falando em vão. Então sossegue. Sente-se ao lado de seu mestre, e fique quieto!

Sam se sentou furioso e com o rosto vermelho. Faramir voltou-se para Frodo outra vez.

— Você perguntou como eu sei que o filho de Denethor está morto. As notícias de morte têm muitas asas. Com frequência a noite traz notícias para parentes próximos, como diz o ditado. Boromir era meu irmão.

Uma sombra de tristeza cobriu-lhe o rosto.

— Você se lembra de alguma coisa característica que o Sr. Boromir carregava junto aos seus pertences?

Frodo pensou por um momento, temendo uma nova armadilha, e

perguntando-se como esse debate terminaria. Mal conseguira salvar o Ane da ambiciosa mão de Boromir; como se sairia agora em meio a tantos homens, fortes guerreiros, ele não sabia.

Apesar disso, sentia em seu coração que Faramir, embora fosse muito semelhante ao irmão na aparência, era um homem menos arrogante, ao mesmo tempo mais austero e mais sábio.

— Recordo-me de que Boromir levava uma corneta — disse Frodo finalmente.

— Recorda-se bem, e como uma pessoa que esteve realmente com ele — disse Faramir. — Então talvez consiga ver com os olhos de sua mente uma grande corneta, feita do chifre do boi selvagem do leste, adornada de prata, e com inscrições em caracteres antigos. Essa corneta os primogênitos de nossa casa carregaram por várias gerações; e afirma-se que se ela fosse tocada num momento de necessidade em qualquer lugar dentro das fronteiras de Gondor, como era o reinado antigamente, sua voz não passaria despercebida.

— Cinco dias antes de minha partida nesta jornada, há onze dias, por volta desta hora, ouvi o soar daquela corneta: parecia vir do norte, mas chegava fraco, como se fosse um eco na mente. Achamos que era um mau presságio, meu pai e eu, pois não tivéramos notícias de Boromir desde sua partida, e nenhuma sentinela em nossas fronteiras o tinha visto passar. E três noites depois uma outra coisa, ainda mais estranha, me aconteceu.

— Estava sentado á noite à beira do Anduin, na escuridão cinzenta sob uma pálida lua nova, observando a correnteza sempre em movimento, e ouvindo o farfalhar dos juncos tristonhos. Temos sempre o costume de vigiar as margens perto de Osgiliath, que nossos inimigos agora em parte detém, e através das quais enviam expedições para saquear nossas terras. Mas naquele dia o mundo todo adormeceu à meia-noite. Então eu vi, ou tive a impressão de ter visto, um barco flutuando na água, emitindo um vago brilho cinzento, um pequeno barco de formato esquisito com uma proa alta, e não havia ninguém para remar ou conduzi-lo.

— Fui tomado de espanto, pois uma luz pálida o envolvia. Mas levantei-me e me dirigi à margem, e comecei a caminhar para dentro da correnteza, pois me sentia atraído por ele. Então o barco se virou na minha

direção, diminuindo de velocidade e flutuando lentamente até chegar ao alcance de minha mão, mas eu não ousei tocá-lo.

Calava fundo, como se carregasse um grande peso, e conforme passou sob meu olhar tive a impressão de que estava quase totalmente repleto de água limpa, da qual emanava a luz; no seio da água, um guerreiro jazia dormindo.

— Havia uma espada quebrada sobre seu joelho. Vi muitos ferimentos em seu corpo. Era Boromir, meu irmão, morto. Reconheci seus indumentos, sua espada, seu amado rosto. De uma coisa apenas senti falta: a corneta. Uma coisa apenas não reconheci: um belo cinto, que parecia ser feito de folhas de ouro, cingindo-lhe a cintura. Boromir!, gritei eu. Onde está tua corneta? Aonde vais tu, ó Boromir? Mas ele se fora, O barco voltou acompanhar a correnteza e desapareceu tremeluzindo noite adentro. Foi como um sonho, mas não foi um sonho, pois não houve despertar. E não tenho dúvidas de que ele está morto e passou descendo o Rio em direção ao Mar.

— Lamento! — disse Frodo. — Esse era realmente Boromir como conheci. Pois o cinto de ouro lhe foi dado em Lothlórien, pela Sra. Galadriel Foi ela quem nos vestiu assim, de cinza élfico. Este broche é da mesma lavra.

— Tocou a folha verde e prateada que lhe prendia a capa ao pescoço.

Faramir a examinou de perto. — É linda — disse ele. — Sim, é da mesma lavra. Então vocês passaram pela Terra de Lórien? Antigamente se chamava Laurelindórenan, mas já faz tempo que está além do conhecimento dos homens — acrescentou ele baixinho, observando Frodo com uma nova admiração em seus olhos. — Começo a entender muitas coisas que achava estranhas em você. Não vai nos contar mais coisas? Pois é triste pensar que Boromir tenha morrido às vistas de sua terra natal.

— Não posso contar nada além do que já contei — respondeu Frodo.

— Embora sua história me traga muitos presságios. Acho que foi uma visão que você teve, nada além disso; alguma sombra de má fortuna que aconteceu ou vai acontecer. A não ser que seja na verdade algum truque mentiroso do Inimigo. Vi rostos de belos guerreiros de antigamente jazendo adormecidos no fundo das poças dos Pântanos Mortos, ou pelo menos era isso que suas artes malignas faziam parecer.

— Não, não foi uma visão — disse Faramir. — Pois os trabalhos del enchem o coração de ódio; mas meu coração se encheu de tristeza e pena.

— Mas como uma coisa dessas poderia ter realmente acontecido? — perguntou Frodo. — Nenhum barco poderia ter sido carregado do To Brandir através das colinas rochosas; e Boromir tinha o propósito de ir para casa através do Entágua e dos campos de Rohan. E como poderia qualque embarcação navegar nas espumas das grandes cachoeiras e não afundar nos lagos borbulhantes, mesmo estando cheia de água?

— Não sei — disse Faramir. — Mas de onde veio esse barco?

— De Lórien — disse Frodo. — Descemos o Anduin em três barco até chegarmos às Cachoeiras. Eles também foram feitos pelos elfos.

— Vocês atravessaram a Terra Oculta — disse Faramir —, mas parec que entendem muito pouco do poder dela. Se homens têm contato com a Senhora da Magia que mora na Floresta Dourada, então podem esperar qu coisas estranhas aconteçam. Pois é perigoso para os mortais sair do mundo deste sol, e poucos antigamente conseguiram sair de lá incólumes, pelo que se diz.

— Boromir ó Boromir! — gritou ele. — O que lhe disse ela, a Senhor que não morre?

O que foi que ela viu? O que terá despertado em seu coração? Po que foi você para Laurelindórenan, e não seguiu sua própria estrada, cavalgando para casa nos cavalos de Rohan pela manhã?

Então, voltando-se para Frodo, falou mais uma vez em voz baixa. — Essas perguntas acho que você poderia responder, Frodo, filho de Drogo Mas talvez não aqui nem agora. Mas para evitar que você continue achando que o que lhe contei foi uma visão, vou acrescentar isto: a corneta de Boromir finalmente retornou, na realidade, e não em sonho. A corneta chegou mas estava partida em duas, como se tivesse sido golpeada por um machado ou uma espada. Os pedaços chegaram à praia separadamente: um foi encontrado em meio aos juncos onde ficam as sentinelas de Gondor, ao norte, sob as cachoeiras que alimentam o Entágua; o outro foi encontrado rodopiando na correnteza, por uma pessoa que por algum motivo fora ao rio. Acasos estranhos, mas a verdade virá à tona, como se diz.

— E agora a corneta do primogênito jaz em dois pedaços sobre o colo

de Denethor, que está sentado em sua alta cadeira, aguardando notícias. Você não sabe me dizer nada sobre a corneta partida?

— Não, eu não sabia disso — disse Frodo. — Mas o dia em que você ouviu soando, se seus cálculos estão certos, foi o dia em que nos separamos, quando eu e meu servidor abandonamos a Comitiva. E agora sua história me enche de temor. Pois, se Boromir estava em perigo e foi morto, receio que todos os meus companheiros tenham perecido também. E eram meus parentes e meus amigos.

— Você não está disposto a ignorar sua dúvida a meu respeito e me deixar partir?

Estou cansado, cheio de tristeza e com medo. Mas tenho um feito a cumprir, ou tentar, antes que eu também seja morto. E ainda precisarei me apressar mais, se dois Pequenos são tudo o que sobrou de nossa sociedade.

— Volte, Faramir, valoroso Capitão de Gondor, e defenda sua cidade enquanto puder, e deixe-me ir para onde meu destino me conduz.

— Para mim não há consolo em nossa conversa — disse Faramir — mas certamente você extrai dela mais pavor do que é necessário. A não ser que a própria gente de Lórien tenha vindo até ele, quem ataviou Boromir como se fosse para um funeral? Não os orcs, e nem os servidores do Inominável. Alguém de sua Comitiva, suponho eu, ainda vive.

— Mas o que quer que tenha acontecido na Fronteira Norte, de você Frodo, não duvido mais. Se os dias difíceis me fizeram um juiz de palavras e rostos, então posso fazer uma suposição sobre os Pequenos! Embora nesse ponto ele sorriu — haja algo estranho em você, Frodo, um ar élfico, talvez. Mas há mais coisas em nossas palavras do que eu a princípio imaginara. Eu deveria levá-lo agora para Minas Tirith, para responder lá a Denethor, e terei de pagar com a vida, se neste momento escolher um caminho que acabe se mostrando ruim para minha cidade. Por isso, não vou decidir apressadamente o que deve ser feito. Mesmo assim, devemos sair daqui sem mais demora.

Levantou-se e deu algumas ordens. Imediatamente, os homens que estavam reunidos à sua volta se separaram em pequenos grupos, e foram em várias direções, desaparecendo rapidamente nas sombras das rochas e árvores. Logo apenas Mablung e Damrod permaneciam.

— E vocês, Frodo e Samwise, virão comigo e meus guardas — disse Faramir. — Não podem ir pela estrada em direção ao sul, se este era o seu propósito.

Aquela região será mais perigosa por alguns dias, e depois desse tumulto ainda mais vigiada do que antes. E não poderão, de qualquer forma, avançar muito hoje, pois estão cansados. Nós também estamos. Estamos indo para um de nossos esconderijos, a menos de dez milhas daqui. Os orcs e os espiões do Inimigo ainda não o encontraram, e, se o encontrassem, poderíamos defendê-lo por muito tempo, mesmo contra muitos inimigos. Lá poderemos nos deitar e descansar um pouco, e vocês também. Pela manhã decidirei qual é a melhor coisa a fazer. Para mim e para vocês.

A Frodo nada restava a não ser ceder àquele pedido, ou ordem. Em qualquer caso, parecia uma decisão sábia naquele momento, uma vez que a emboscada dos homens de Gondor transformara uma viagem através de Ithilien numa aventura mais perigosa do que nunca.

Partiram imediatamente: Mablung e Damrod um pouco à frente, e Faramir, Frodo e Sam atrás. Contornando o lado mais próximo do lago onde os hobbits tinham se banhado, atingiram a margem oposta, subiram um longo barranco, e penetraram nas florestas de sombras verdes, que avançavam sempre descendo para o oeste. Enquanto caminhavam, o mais rápido que os hobbits conseguiam, iam conversando em voz baixa.

— Interrompi nossa conversa — disse Faramir — não só porque o tempo urgia, como bem disse o Mestre Samwise, mas também porque estávamos nos aproximando de assuntos que não deviam ser discutidos abertamente diante de muitos homens. Foi por esse motivo que preferi discutir o assunto de meu irmão, e deixei de lado a Ruína de Isildur. Você não foi totalmente franco comigo, Frodo.

— Não contei nenhuma mentira, e disse todas as verdades que podia — disse Frodo.

— Não o culpo — disse Faramir. — Você falou com habilidade numa posição difícil, e de maneira sábia, ao que me pareceu. Mas eu percebi ou supus mais do que disseram suas palavras. Você não era amigo de Boromir ou pelo menos vocês não se separaram como amigos. Você, e Mestre Samwise também, suponho eu, têm alguma mágoa. Eu o amava muito, e de

bom grado vingaria sua morte; apesar disso, conhecia-o bem. A Ruína de Isildur — arriscaria dizer que a Ruína de Isildur estava entre vocês e era causa de contenda em sua Comitiva. Está claro que é algum tipo de legado e essas coisas não trazem paz entre aliados, não se as histórias antigas podem ensinar alguma coisa. Não estou quase atingindo o alvo?

— Quase — disse Frodo. — Mas não exatamente o centro. Não houve contenda em nossa Comitiva, embora tenha havido dúvida: dúvida sobre que caminho deveríamos tomar além das Emyn Muil. Mas, seja como for, as histórias antigas também nos ensinam o perigo de palavras precipitadas em se tratando de coisas como legados.

— Então é como eu pensava: seu problema era apenas com Boromir ele queria que essa coisa fosse trazida a Minas Tirith. Ai de mim! É crueldade do destino que você, a última pessoa que o viu, tenha seus lábios selados, e esconda de mim o que mais quero saber: o que se passava no coração e no pensamento dele em suas últimas horas. Tendo ou não errado, disto tenho certeza: ele morreu com dignidade, realizando algo de bom. Seu rosto estava ainda mais belo do que em vida.

— Mas, Frodo, a principio eu o pressionei muito com perguntas sobre a Ruína de Isildur. Perdoe-me! Foi uma insensatez, naquela hora e lugar Não tive tempo para pensar.

Tínhamos tido uma luta difícil, e havia coisas demais em minha cabeça. Mas no próprio momento em que lhe falava, eu me aproximei do alvo, e então deliberadamente desviei o tiro. Pois você deve saber que muitas coisas ainda se preservam da antiga tradição dos Governantes da cidade, e são mantidas em segredo. Nós da minha casa não somos da linhagem de Elendil, embora o sangue de Númenor corra em nossas veias Sabemos que nossa linhagem remonta a Mardíl, o bom regente, que governou no lugar do rei quando este foi para a guerra. E este era o Rei Eãmur, o último da linhagem de Anárion, que não tinha filhos e jamais retornou. E os regentes têm governado a cidade desde esse dia, embora isso tenha acontecido há muitas gerações de homens.

— E disso eu me lembro a respeito de Boromir, quando ele era um menino e nós dois juntos aprendíamos a história de nossos antepassados e de nossa cidade: ele era um eterno insatisfeito com o fato de nosso pai não ser

rei. "Quanto tempo leva para que um regente se torne um rei, se o rei não retornar?", perguntava ele. "Alguns anos, talvez, em outros lugares de menor realeza", meu pai respondia. "Em Gondor dez mil anos não seriam suficientes." Ai de mim! Pobre Boromir. Isso não lhe diz algo sobre ele?

— Realmente — disse Frodo. — Mas ele sempre tratou Aragorn com respeito.

— Não duvido disso — disse Faramir. — Se ele concordava com a reivindicação de Aragorn, como você diz, provavelmente o reverenciaria muito. Mas o momento crucial ainda não chegara. Eles ainda não tinham chegado a Minas Tirith, nem se tornado rivais nas guerras locais.

— Mas estou me desviando do assunto. Nós, da casa de Denethor sabemos muito da antiga tradição, transmitida de pai para filho, e além disso preservamos muita coisa em nossos tesouros: livros e cadernos escritos em pergaminhos envelhecidos, sim, e na pedra, e em folhas de prata e ouro, em vários caracteres diferentes. Alguns ninguém consegue decifrar, e, quanto ao resto, poucos agora os manuseiam. Posso ler alguma coisa neles, pois fui ensinado. Foram esses registros que trouxeram o Peregrino Cinzento até nós. Vi-o pela primeira vez quando era criança, e ele esteve em nossa cidade duas ou três vezes depois disso.

— O Peregrino Cinzento? — perguntou Frodo. — Ele tinha um nome?

— Nós o chamávamos de Mithrandir, à maneira dos elfos — disse Faramir — e ele ficava satisfeito. Tenho muitos nomes em diferentes lugares, dizia ele. Mithrandir entre os elfos, Tharkún para os anões; eu era Olórin em minha juventude no Ocidente que está esquecido; no sul, Incánus, no norte Gandalf para o leste eu nunca vou.

— Gandalf! — disse Frodo. — Pensei que fosse ele, Gandalf, Cinzento, o mais querido dos conselheiros, Líder de nossa Comitiva. Nós perdemos em Moria.

— Perderam Mithrandir! — disse Faramir. — Parece que um destino mau perseguia sua sociedade. Realmente é difícil acreditar que alguém possuidor de tanta sabedoria e poder — pois fez coisas maravilhosas entre nós — possa ter perecido, e desse modo o mundo tenha perdido tanta sabedoria. Você tem certeza disso, de que ele não os deixou apenas, partindo

quando julgou necessário?

— Infelizmente sim — disse Frodo. Eu o vi cair no abismo.

— Percebo que há uma grande história de terror nisso — disse Faramir — que talvez você possa me contar à noite. Esse Mithrandir era mais que um mestre das tradições, percebo agora: um grande promotor dos feitos de nossa época. Se tivesse estado entre nós para que pudéssemos consultá-lo sobre as palavras duras de nosso sonho, poderia tê-las esclarecido sem a necessidade de um mensageiro. Mas talvez não tivesse feito isso, e a viagem de Boromir já estivesse marcada pelo destino.

Mithrandir nunca nos falava sobre o que ainda iria acontecer, e nunca revelou seus propósitos. Conseguiu a permissão de Denethor, não se como, para examinar os segredos de nossos tesouros, e eu aprendi um pouco com ele, quando estava disposto a ensinar (e isso era raro). Sempre procurava e nos perguntava acima de tudo sobre a Grande Batalha que foi travada em Dagorlad nos primórdios de Gondor, na qual Aquele que não nomeamos foi derrotado. Era ávido por saber histórias sobre Isildur, embora dele tivéssemos pouco para contar, pois nunca soubemos nada de concreto sobre seu fim.

Nesse ponto, a voz de Faramir reduziu-se a um sussurro. — Mas isso eu aprendi, ou adivinhei, e desde então guardei em segredo em meu coração: que Isildur tomou alguma coisa da mão do Inominado, antes de partir de Gondor, para nunca mais ser visto entre os homens mortais. Eu achava que aqui estava a resposta para a indagação de Mithrandir.

Mas na época parecia um problema que dizia respeito apenas aos que procuravam os ensinamentos antigos. E também eu não achei, quando as palavras enigmáticas de nosso sonho foram discutidas entre nós, que a Ruína de Isildur fosse essa mesma coisa. Pois Isildur foi vítima de uma emboscada e morto por flechas de orcs, de acordo com a única lenda que conhecemos, e Mithrandir nunca me contou mais sobre isso.

— O que é na verdade essa Coisa não posso adivinhar, mas deve ser algum legado de poder e perigo. Talvez uma arma mortal, feita pelo Senhor do Escuro. Se fosse uma coisa que trouxesse vantagem na batalha, posso muito bem crer que Boromir, o altivo e destemido, frequentemente impetuoso, sempre ansioso pela vitória de Minas Tirith (que traria também

sua grande glória), possa ter desejado essa coisa e ter sido atraído por ela.

Lamento que tenha ido em tal missão! Eu teria sido escolhido po meu pai e pelos anciões, mas ele se ofereceu, por ser o mais velho e o mais corajoso (ambas as coisas verdadeiras), e ninguém conseguiria detê-lo.

— Mas não tema mais nada! Eu não tomaria essa coisa, nem que encontrasse na estrada. Nem que Minas Tirith estivesse sendo destruída apenas eu pudesse salvá-la desse modo, usando a arma do Senhor do Escuro para o bem dela e para minha glória.

Não. Não anseio por tais triunfos, Frodo, filho de Drogo.

— O Conselho também não — disse Frodo. — Nem eu. Eu preferir não ter nada a ver com tais assuntos.

— Quanto a mim — disse Faramir — gostaria de ver a Arvore Branc outra vez em flor nos pátios dos reis, e a Corôa de Prata retornar, e Minas

Tirith em paz: Minas Anor de novo como era antiga mente, cheia d luz, altiva e bela, bonita como uma rainha entre outras rainhas: não uma senhora de muitos escravos, não, nem sequer uma senhora gentil de escravos voluntários. A guerra deve acontecer, enquanto estivermos defendendo nossas vidas contra um destruidor que poderia devorar tudo; mas não amo a espada brilhante por sua agudeza, nem a flecha por sua rapidez, nem o guerreiro por sua glória. Só amo aquilo que eles defendem: a cidade dos homens de Númenor, e gostaria que ela fosse amada por seu passa do, sua tradição, sua beleza e sua sabedoria presente. Não que ela fosse temida, a não ser da maneira que os homens temem a dignidade de um homem velho e sábio.

— Por isso, não tenha medo de mim! Não peço que me conte mai nada. Não peço nem que me diga se agora eu estou chegando mais perto dc alvo. Mas se estiver disposto a confiar em mim, é possível que eu possa aconselhá-lo em sua demanda atual, qualquer que seja ela — talvez até mesmo ajudá-lo.

Frodo não respondeu. Quase cedeu ao desejo de ser aconselhado, ajudado, de contar àquele jovem digno, cujas palavras pareciam tão belas e sábias, tudo o que passava por sua cabeça. Mas alguma coisa o impediu. Tinha o coração tomado de medo e tristeza: se ele e Sam realmente fossem como parecia provável, tudo o que sobrara dos Nove Andantes, então el

era o único que sabia do segredo de sua missão. Mais valia uma desconfiança imerecida do que palavras incautas. E a lembrança de Boromir, da terríve mudança que a atração pelo Anel causara nele, estava muito presente em sua memória, quando olhava para Faramir e ouvia sua voz: os dois eram diferentes, mas ao mesmo tempo muito parecidos.

Continuaram caminhando em silêncio, passando como sombras cinzentas e verdes sob as velhas árvores, os pés não fazendo ruído algum; sobre eles muitos pássaros cantavam, e o sol reluzia sobre o teto polido de folhas escuras das florestas perenes de Ithilien.

Sam não participara da conversa, embora tivesse escutado tudo, ac mesmo tempo em que estivera prestando atenção, com seus sensíveis ouvidos de hobbit, a todos os ruídos suaves da floresta ao redor deles. Notou uma coisa: em toda a conversa, o nome de Gollum não fora mencionadc uma só vez. Estava feliz por isso, embora achasse que seria um exagerc esperar que jamais ouviria aquele nome de novo. Logo percebeu também que, embora estivessem caminhando sozinhos, havia muitos homens por perto: não apenas Damrod e Mablung, entrando e saindo das sombras à frente, mas outros, dos dois lados, todos trilhando seu caminho secreto na direção de algum lugar indicado.

Uma vez, olhando de repente para trás, como se alguma comichão na pele o avisasse de que estava sendo observado, teve a impressão de captar de relance um pequeno vulto escuro se escondendo atrás de um tronco de árvore. Abriu a boca para falar e a fechou em seguida. — Não tenho certeza — disse para si mesmo — e por que motivo deveria lembrá-los do velho vilão, se eles preferem esquecê-lo? Eu gostaria de conseguir fazer o mesmo!

Assim foram caminhando, até que as florestas ficaram menos densas e o terreno começou a descer mais abruptamente. Então desviaram outra vez, à direita, e chegaram logo a um pequeno rio numa garganta estreita: era o mesmo riacho que descia do lago redondo mais acima, já agora uma correnteza veloz, saltando sobre muitas pedras num leito profundo, coberto por azevinheiros e buxos. Olhando ao oeste podiam ver, mais abaixo e numa névoa de luz, planícies e amplas campinas, e, tremeluzindo distantes ao sol que se punha, as águas caudalosas do Anduin.

— Aqui, infelizmente, terei de tratá-lo com descortesia — disse

Faramir.

— Espero que perdôe esse gesto, partindo de uma pessoa que até agora tem dado suas ordens movida pela cortesia , e evitando que vocês fossem mortos ou presos.

Mas não é permitido a nenhum forasteiro, nem mesmo a alguém de Rohan que lute ao nosso lado, ver a trilha pela qual agora iremos com os olhos abertos. Devo vendar seus olhos.

— Como quiser — disse Frodo. — Até os elfos se comportam dessa maneira quando há necessidade, e de olhos vendados nós atravessamos as fronteiras da bela Lothlórien.

Gimli, o anão, levou isso a mal, mas os hobbits suportaram bem.

— Não é por um lugar tão belo que deverei conduzi-los — disse Faramir.

— Mas fico satisfeito em saber que vocês aceitam a imposição voluntariamente, e não à força.

Chamou em voz baixa e imediatamente Mablung e Damrod surgiram das árvores e vieram na direção deles. — Vendem os olhos destes hóspedes — disse Faramir. — De modo seguro, mas sem incomodá-los. Não amarrem suas mãos. Eles darão sua palavra de que não tentarão olhar. Poderia confiar que eles fechassem os olhos por sua própria conta, mas os olhos podem se abrir, se os pés tropeçarem. Conduzam-nos e cuidem para que não vacilem.Com cachecóis verdes os dois guardas vendaram os olhos dos hobbits, e puxaramlhes os capuzes quase até a boca; então rapidamente tomaram cada um pela mão e continuaram em seu caminho. Tudo o que Frodo e Sam souberam dessa última milha da estrada depreenderam adivinhando no escuro. Um pouco depois perceberam que estavam numa trilha que descia abruptamente; logo ficou tão estreita que eles precisaram ir em fila indiana, roçando os corpos em muralhas rochosas de ambos os lados; os guardas vinham atrás e os guiavam, com mãos firmes sobre os seus ombros.

Em alguns momentos passavam por lugares difíceis e eram carregados por um trecho, e depois recolocados no chão. Todo o tempo o ruido de água correndo os acompanhava do lado direito, e ia ficando mais próximo e mais alto. Finalmente pararam.

Rapidamente Mablung e Damrod fizeram-nos girar várias vezes, e eles perderam todo o senso de direção. Subiram por um trecho: parecia frio e o ruido da água ficara fraco.

Depois foram carregados e levados para baixo, descendo muitos degraus, e fazendo uma curva em cotovelo. De repente ouviram a água outra vez, agora produzindo um ruído alto, correndo e espirrando. Parecia estar por toda a volta deles, sentiam uma chuva fina nas mãos e faces. Finalmente foram colocados de volta no chão.

Por um momento ficaram ali parados, sentindo um pouco de medo, com os olhos vendados, sem saber onde estavam; ninguém falou nada.

Então veio por trás a voz de Faramir, bem próxima. — Deixem-no ver! — disse ele.

Os cachecóis foram removidos e os capuzes puxados para trás; os hobbits piscaram e ficaram boquiabertos.

Estavam sobre um chão molhado de pedra polida, que era a soleira, por assim dizer, de um tosco portão de pedra, que se abria escuro atrás deles. Mas à frente caia um fino véu de água, tão próximo que Frodo poderia tê-lo alcançado se esticasse o braço.

Dava para o oeste. Os raios horizontais do sol que se punha atrás batiam nele e a luz vermelha se partia em muitos raios bruxuleantes de cores iridescentes. Era como se estivessem à janela de alguma torre élfica, cuja cortina fosse feita com cordões de ouro e prata, rubis, safiras e ametistas, tudo ardendo num fogo que não consumia.

— Ao menos tivemos a sorte de chegar à hora certa de recompensá-los por sua paciência — disse Faramir. Esta é a Janela do Pôr-do-Sol Henneth Annún, a mais bela de todas as cachoeiras de Ithilien, terra de muitas fontes. Poucos forasteiros tiveram oportunidade de vê-la. Mas não há um salão real por trás que lhe esteja à altura. Entrem agora e vejam!

No momento em que falava, o sol se pôs, e o fogo mergulhou no fluxo das águas.

Eles se viraram e passaram por um arco baixo e austero.

Imediatamente se viram num cômodo de pedra, largo e tosco, com um teto irregular e inclinado. Algumas tochas estavam acesas e lançavam uma luz fraca nas paredes tremeluzentes. Muitos homens já estavam lá.

Outros ainda vinham chegando em grupos de dois ou três através de uma porta lateral estreita e escura. Quando seus olhos começaram a se acostumar à escuridão, os hobbits viram que a caverna era maior do que tinham suposto e estava repleta com um bom estoque de armas e mantimentos.

— Bem, este é nosso refugio — disse Faramir. — Não é um luga muito confortável, mas aqui vocês poderão passar a noite em paz. Pelc menos é seco, e há comida, embora não tenhamos fogo. Houve um tempc em que a água passava através desta caverna e saia pelo arco, mas esse curso foi alterado mais acima da garganta, por trabalhadores de antigamente, e a correnteza foi desviada para uma queda de altura duas vezes maior por sobre as pedras lá em cima. Depois todos os caminhos que conduziam a esta gruta foram obstruídos para evitar a entrada de água ou qualquer outra coisa, todos menos um. Agora só há duas saídas: a passagem mais além, pela qual vocês entraram com os olhos vendados, e através da Cortina da Janela, entrando numa bacia profunda cheia de facas de pedra Agora descansem um pouco, até a hora da refeição noturna.

Os hobbits foram levados até um canto, onde lhes foi oferecida uma cama baixa para deitarem, se quisessem. Enquanto isso os homens se ocupavam pela caverna, em silêncio e numa pressa ordenada. Tábuas leves foram retiradas das paredes e colocadas sobre cavaletes e guarnecidas com material de cozinha. Quase tudo era simples e sem adornos, mas bem-feito e bonito: travessas redondas, tigelas e pratos de barro vitrificado marrom ou de buxo torneado, polido e limpo. Aqui e ali se via uma taça ou bacia de bronze polido; um cálice liso de prata foi colocado no lugar do Capitão, nc meio da mesa no fundo da caverna.

Faramir caminhava entre os homens, interrogando cada um conforme entravam, numa voz baixa. Alguns haviam retornado da perseguição aos sulistas, outros, deixados para trás como vigias perto da estrada, entraram por último. Todos os sulistas haviam sido destruídos, exceto o grande múmak: o que lhe acontecera ninguém sabia dizer. Dc inimigo nenhum movimento se via, nem sequer um espião-orc.

— Você não viu nem ouviu nada, Anborn? — perguntou Faramir a último que chegou.

— Bem, senhor, não — disse o homem. — Pelo menos nenhum orc

Mas eu vi, ou tive a impressão de ter visto, uma coisa meio estranha. Já tinha quase anoitecido, naquela hora em que os olhos fazem as coisas ficarem maiores do que são. Por isso, talvez não tenha sido nada além de um esquilo. — Ao ouvir isso, Sam ficou de orelha em pé. — Mas, se for esse o caso, era um esquilo preto, e não vi nenhum rabo. Era como uma sombra no chão, e se escondeu atrás de um tronco de árvore quando me aproximei, e subiu nela com a mesma velocidade de um esquilo. O senhor não permite que matemos animais selvagens sem motivo, e me pareceu que aquilo não passava de um animal selvagem, por isso não tentei atirar nenhuma flecha.

De qualquer forma, estava escuro demais para um tiro certeiro e a criatura entrou na escuridão das folhas num piscar de olhos. Mas fiquei lá um tempo, pois ela parecia estranha, e depois corri de volta. Tive a impressão de ouvir o bicho chiar para mim de cima da árvore conforme me virei. Talvez um grande esquilo. Pode ser que, sob a sombra do Inominado alguns animais da Floresta das Trevas estejam fugindo para as nossas florestas. Comenta-se que lá eles têm esquilos pretos.

— Talvez — disse Faramir. — Mas, se for verdade, isso será um mau presságio. Não queremos os fugitivos da Floresta das Trevas em Ithilien.

— Sam imaginou que ele tinha lançado um olhar rápido em direção aos hobbits enquanto falava; mas Sam não disse nada. Por um tempo ele e Frodo ficaram deitados observando a luz das tochas, e os homens andando de um lado para o outro e conversando aos sussurros. Então, de repente, Frodo adormeceu.

Sam discutia consigo mesmo, ponderando prós e contras. "Ele pode estar sendo sincero", pensou ele, "e também pode não estar. Palavras belas podem ocultar um coração maligno." Sam bocejou. "Poderia dormir uma semana inteira, e isso me faria bem. E o que posso fazer, se ficar acordado, só eu sozinho, com todos esses homens grandes ao redor? Nada, Sam Gamgi mas mesmo assim você tem de ficar acordado." E de alguma forma conseguiu. A luz desapareceu na porta da caverna, e o grande véu de água que caía ficou escuro e se perdeu na sombra que sobreveio. O som da água continuava, nunca mudando de tom, de manhã, de tarde ou de noite. Sam passou os dedos nos olhos.

Agora mais tochas estavam sendo acesas. Um barril de vinho fo

perfurado.

Barricas com mantimentos estavam sendo abertas. Homens trazian água da cachoeira.

Alguns lavavam as mãos em bacias. Uma grande vasilha de cobre e uma toalha branca foram trazidas para Faramir, e ele se lavou.

— Acorde nossos convidados — disse ele — e leve-lhes água.

Está na hora de comer.

Frodo se sentou, bocejou e espreguiçou-se. Sam, não habituado a se servido, olhou meio surpreso para o homem alto que se curvou, segurando uma bacia de água diante dele.

— Coloque-a no chão, mestre, por favor! — disse ele. — Fica mai fácil para você e para mim. — Então, para a surpresa de todos, mergulhou a cabeça na água fria e lavou o pescoço e as orelhas.

— É costume em sua terra lavar a cabeça antes da ceia? — perguntou o homem que estava servindo os hobbits.

— Não, antes do desjejum — disse Sam. — Mas se você dormi pouco, a água fria no pescoço é como chuva sobre um pé de alface murcho. Pronto! Agora posso ficar acordado o suficiente para conseguir come alguma coisa.

Conduziram-nos para os assentos ao lado de Faramir: barris coberto com peles e suficientemente mais altos que os bancos dos homens, para a conveniência dos hobbits.

Antes de comer, Faramir e todos os seus homens se viraram e olharam para o oeste, num momento de silêncio. Faramir fez um sinal para Frodo e Sam de que eles deveriam proceder da mesma forma.

Fazemos sempre assim — disse ele, quando se sentaram -: olhamos na direção de Númenor que era, e mais além na direção de Casadelfos que é, e para aquela que fica além de Casadelfos e sempre será. Vocês não têm esse costume às refeições?

— Não — disse Frodo, sentindo-se estranhamente rústico e inculto — Mas se somos convidados, fazemos uma reverência diante de nosso anfitrião, e depois de termos comido nos levantamos e lhe agradecemos.

— Isso nós também fazemos — disse Faramir.

Depois de terem viajado e acampado por tanto tempo, depois de dias

passados em regiões desertas e solitárias, a refeição noturna pareceu um banquete para os hobbits: beber um vinho clarete, fresco e perfumado, comer pão com manteiga, e carnes salgadas, e frutas secas, e um bom queijo vermelho, com as mãos limpas e com facas e pratos limpos. Nem Frodo nem Sam recusaram nada do que lhes foi oferecido, nem uma segunda, e na verdade nem uma terceira porção. O vinho correu em suas veias e pernas cansadas, e eles se sentiram alegres e com os corações leves, como não se sentiam desde que partiram da terra de Lórien.

Quando tudo estava terminado, Faramir os levou a um cômodo na parte de trás da caverna, parcialmente protegido por cortinas; uma cadeira e dois bancos foram levados para lá. Uma pequena lamparina de barro queimava num nicho.

— Pode ser que logo desejem dormir — disse ele —, especialmente o bom Samwise que não conseguiu pregar os olhos antes de comer — talvez por medo de cegar a lâmina de uma nobre fome, ou por medo de mim, isso eu não sei. Mas não é bom dormir logo depois de uma refeição, e pior ainda se a refeição foi precedida de um período de abstinência. Vamos conversar um pouco. Em sua viagem desde Valfenda deve ter havido muitas coisas para contar. E vocês, também, talvez desejassem aprender alguma coisa sobre nós e sobre as terras onde estão agora. Contem-me sobre Boromir, meu irmão, e sobre o nobre Mithrandir, e sobre o belo povo de Lothlórien.

Frodo deixara de se sentir sonolento, e estava disposto a conversar. Mas, embora a comida e o vinho o tivessem deixado relaxado, ele não perdera de todo a sua cautela. Sam sorria e cantarolava para si mesmo, mas quando Frodo falou ficou imediatamente satisfeito em escutar, arriscando-se apenas algumas vezes a fazer uma exclamação para indicar que estava de acordo.

Frodo contou muitas histórias, mas sempre desviava do assunto da demanda da Comitiva, e do Anel, alongando-se mais na função valorosa desempenhada por Boromir em todas as suas aventuras, com os lobos no ermo, na neve sob Caradhras, e nas Minas de Moria, onde Gandalf caíra. Faramir ficou muito comovido com a história da fuga na ponte.

— Boromir deve ter ficado constrangido ao fugir dos orcs — disse ele —, ou até mesmo da coisa má que você mencionou, o balrog — mesmo que

tenha sido o último a sair de lá.

— Ele foi o último — disse Frodo —, mas Aragorn se viu forçado a no conduzir. Só ele sabia o caminho depois da queda de Gandalf. Mas, se nã houvesse nós, pessoas menores, para cuidarem, acho que nem ele nem Boromir teriam fugido.

— Talvez tivesse sido melhor se Boromir caísse lá com Mithrandir — disse Faramir —, não indo ao encontro do destino que o aguardava sobre as cachoeiras de Rauros.

— Talvez. Mas agora me conte sobre suas aventuras — disse Frodo colocando o assunto de lado mais uma vez. — Eu gostaria de saber mais sobre Minas Ithil e Osgiliath, e sobre Minas Tirith, a que resiste por tant tempo. Que esperança vocês alimentam em relação à sua cidade nessa longa guerra?

— Que esperança alimentamos? — disse Faramir. — Faz tempo que já não temos esperança alguma. A espada de Elendil, se realmente retornar talvez possa renová-la, mas não acho que conseguirá mais do que postergar o dia fatal, a não ser que outra ajuda inesperada chegue, dos elfos ou homens. Pois o Inimigo cresce e nós diminuímos. Somos um povo en extinção, um outono sem primavera.

— Os homens de Númenor se estabeleceram por toda a volta das praias e regiões próximas ao mar das Grandes Terras, mas a maior parte deles se entregou ao mal e á loucura. Muitos se enamoraram da Escuridão e das artes negras; outros se entregaram inteiramente ao ócio e ao prazer, e outros ainda lutaram entre si até que, enfraquecidos, foram conquistados pelos homens selvagens.

— Não se afirma que alguma vez artes malignas tenham sido praticadas em Gondor, ou que o Inominável tenha sido evocado com deferência por lá; a antiga sabedoria e beleza trazidas do oeste permaneceram por muito tempo no reino dos filhos de Elendil, o Belo, e ainda perduram. Mesmo assim, foi Gondor que provocou sua própria ruína caindo passo a passo no desvario, e achando que o Inimigo estava adormecido, aquele que na verdade estava apenas banido, e não destruído.

— A morte esteve sempre presente, pois os numenorianos ainda estavam (como sempre estiveram em seu reino antigo, e foi por isso que o

perderam) com fome de vida eterna e imutável. Reis construíam túmulos mais esplêndidos que as casas dos viventes, e consideravam velhos nomes nas listas de seus ancestrais mais caros do que os nomes de filhos. Senhores sem filhos sentavam-se em salões antigos e ficavam meditando sobre heráldica; em câmaras secretas homens mirrados preparavam fortes elixires, ou nas altas e frias torres faziam perguntas às estrelas. E o último rei da linhagem de Anárion não tinha herdeiros.

— Mas os regentes eram mais sábios e mais afortunados.

Mais sábios, porque recrutaram a força de nosso povo entre a gente vigorosa da costa marítima, e entre os fortes montanheses das Ered Nimrais E fizeram uma trégua com os povos altivos do norte, que nos tinham frequentemente assaltado, homens violentos, mas nossos parentes distantes, diferentes dos selvagens orientais e dos cruéis haradrim.

— Então aconteceu que nos dias de Cirion, o Décimo Segund Regente (e meu pai é o vigésimo sexto), eles cavalgaram em nossa ajuda e no grande Campo de Celebrant destruíram nossos inimigos, que nos tinham tomado as províncias do norte. Esses são os rohirrim, como os chamamos, senhores dos cavalos, e cedemos a eles os campos de Calenardhon, que desde então se chamam Rohan, pois aquela província sempre fora esparsamente habitada. E tornaram-se nossos aliados, e sempre se mostraram sinceros para conosco, ajudando-nos na necessidade, e guardando nossas fronteiras do norte e o Desfiladeiro de Rohan.

— De nossa tradição e maneiras aprenderam o que lhes agradou, e seus senhores falam nossa língua quando necessário; mas na maioria dos casos mantêm as maneiras de seus antepassados e suas próprias lembranças, e conversam entre si na sua língua do norte. E nós os amamos: homens altos e belas mulheres , valorosos na mesma medida, de cabelos dourados, olhos claros, e muita força; fazem-nos lembrar da juventude dos homens, como eram nos Dias Antigos. Na verdade, os nossos mestres na tradição afirman que é antiga essa afinidade com eles, que descendem das mesmas Três Casas dos homens, que eram os numenorianos em seu princípio; talvez não de Hador — o dos Cabelos Dourados, o Amigo-dos-elfos, mas de algum dentr seus filhos e sua gente que não atravessaram o Mar rumo ao oeste, recusando o chamado.

— Pois assim consideramos os homens em nossa tradição, chamando-os de Altos, ou homens do oeste, que eram os numenorianos; e os Povos Médios, homens do Crepúsculo, que são os rohirrim e seus parentes que ainda moram no norte, e os bárbaros, os homens da Escuridão.

— Mas agora, se os rohirrim ficaram em alguns aspectos mais semelhantes a nós, realçando artes e boas maneiras, nós também ficamos mais parecidos com eles, e mal podemos reivindicar o título de Altos. Nós nos tornamos Homens Médios, do crepúsculo, mas com a memória de outra realidade. Pois agora, como os rohirrim, amamos a guerra e a coragem como coisas boas em si mesmas, como um esporte e uma finalidade; e, embora ainda consideremos que um guerreiro deve ter mais habilidades e conhecimentos além do oficio das armas e da morte, estimamos um guerreiro, não obstante, acima dos homens de outros ofícios. Essa é a necessidade de nossos dias.

Até Boromir, meu irmão, era assim: um homem de bravura, e por esse motivo era considerado o melhor homem de Gondor. E realmente era muito valoroso: nenhum herdeiro de Minas Tirith foi por tanto tempo tão dedicado em seu trabalho, tão entusiasta na batalha, nem tocou nota mais poderosa na Grande Corneta. — Faramir suspirou e ficou em silêncio por um tempo.

— Em todas as suas histórias, senhor, o senhor não fala muito sobre os elfos — disse Sam, criando coragem de repente. Tinha notado que Faramir parecia se referir aos elfos com reverência, e isso, mais até que sua cortesia, seu vinho ou sua comida, tinha angariado o respeito de Sam e apaziguado suas suspeitas.

— De fato, mestre Samwise — disse Faramir —, pois não sei muita coisa sobre a tradição dos elfos. Mas aí você toca em outro ponto no qual mudamos, decaindo de Númenor para a Terra-média. Pois como deve saber, se Mithrandir foi seu companheiro e se conversaram com Elrond, os edain, Pais dos numenorianos, lutaram ao lado dos elfos nas primeiras guerras, e foram recompensados pela dádiva do reino no meio do Mar, à vista de Casadelfos. Mas na Terra-média homens e elfos se tornaram estranhos nos dias de treva, devido às artes do Inimigo, e pelas lentas mudanças do tempo durante as quais cada espécie avançou mais em duas

estradas divididas. Nós, os homens de Gondor, estamos ficando como outros homens, como os homens de Rohan, pois mesmo eles, que são adversários do Senhor do Escuro, evitam os elfos e falam da Floresta Dourada com receio.

— Apesar disso, ainda há entre nós alguns que têm relacionamento com os elfos quando precisam, e vez por outra alguém vai em segredo até Lórien, e quase nunca retorna. Não eu. Pois considero perigoso para homens mortais nos dias de hoje irem voluntariamente procurar o Povo Antigo. Apesar disso invejo vocês, que conversaram com a Senhora Branca.

— A Senhora de Lórien! Galadriel! — exclamou Sam. — O senhor deveria vê-la, realmente deveria, senhor. Sou apenas um hobbit, e trabalho como jardineiro em casa, senhor, se o senhor me entende, e não sou muito bom em poesia — não para compor poesia: algumas rimas cômicas, talvez, mas não poesia de verdade —, por isso não posso expressar meus sentimentos. Precisariam ser cantados. Seria necessário Passolargo, quer dizer, Aragorn, ou o velho Sr. Bilbo, para isso. Mas eu gostaria de poder fazer uma canção sobre ela. Ela é bonita, senhor! Adorável! Algumas vezes como uma grande árvore florida, outras vezes como um narciso silvestre, esbelta e bela. Dura como os diamantes, suave como o luar. Quente como a luz do sol, fresca como o gelo sob as estrelas. Altiva e distante como uma montanha de neve, e alegre como qualquer donzela que já vi, com margaridas no cabelo durante a primavera. Mas estou dizendo um monte de besteiras, e fugindo do que queria falar.

— Então ela deve ser realmente adorável — disse Faramir. — Perigosamente bela.

— Não sei se é perigosa — disse Sam. — Parece-me que as pessoas levam consigo seus perigos quando vão para Lórien, e os descobrem lá porque os levaram. Mas talvez o senhor a pudesse chamar de perigosa, porque ela é tão forte em si mesma. O senhor poderia se despedaçar contra ela, como um navio contra uma pedra; ou poderia se afogar, como um hobbit num rio. Mas nem a pedra nem o rio devem ser responsabilizados.

Agora, Boro... — Sam parou e ficou com o rosto vermelho.

— Sim? Agora, Boromir, você estava dizendo? — disse Faramir. — O que ia dizer? Ele levou esse perigo consigo?

— Sim, senhor, com as suas desculpas, e seu irmão era um homem

bom, se me permite dizer. Mas o senhor sempre esteve no rastro certo. Eu observei Boromir e o escutei, de Valfenda, por toda a estrada — tomando conta de meu mestre, se o senhor me entende, e não desejando qualquer mal a Boromir —, e minha opinião é que em Lórien ele pela primeira vez viu claramente o que eu adivinhei antes: o que queria. Desde a primeira vez que o viu, ele quis o Anel do Inimigo.

— Sam! — gritou Frodo horrorizado. Ficara mergulhado nos próprios pensamentos por um tempo, e saiu deles repentinamente e tarde demais.

— Salve-me! — disse Sam ficando com o rosto lívido, e em seguida completamente vermelho. — Lá vou eu de novo! Toda vez que você abre essa sua boca enorme, você atola seu pé, o Feitor costumava me dizer. E com toda razão. E essa agora, e essa agora!

— Agora, olhe aqui, senhor! — voltou-se ele, dirigindo-se a Faramir com toda a coragem que conseguiu reunir. — Não vá tirar vantagem de meu mestre porque o servidor dele não passa de um tolo. O senhor falou bonito o tempo todo. Mas beleza que vale é beleza que faz, como se diz. Agora o senhor tem uma chance para mostrar seu valor.

— É o que parece — disse Faramir, devagar e muito baixo, com um sorriso estranho. — Então esta é a resposta a todos os enigmas! O Um Anel que se acreditava desaparecido do mundo, E Boromir tentou tomá-lo à força? E você escapou? E correu todo o caminho até mim! E aqui, nesta região deserta, tenho vocês: dois pequenos, e um exército de homens às minhas ordens, e o Anel dos Anéis. Um belo lance de sorte! Uma chance para Faramir, Capitão de Gondor, mostrar seu valor! Ha! — Ficou de pé muito altivo e grave, os olhos cinzentos faiscando.

Frodo e Sam saltaram de seus bancos e ficaram lado a lado, com as costas contra a parede, procurando com as mãos os punhos das espadas.

Fez-se silêncio.

Todos os homens na caverna pararam de conversar e olharam para eles, surpresos.

Mas Faramir sentou-se outra vez na cadeira e começou a rir baixinho e de repente assumiu outra vez a expressão grave.

— Que infelicidade para Boromir! Foi uma provação grande demais — disse ele. — Que capacidade vocês tiveram de aumentar minha tristeza,

vocês dois, viajantes de uma terra estranha, carregando o perigo dos homens! Mas vocês fazem pior juízo dos homens do que eu faço dos pequenos. Somos sinceros, nós, homens de Gondor. Raramente nos vangloriamos, e então confirmamos nossas palavras, ou morremos na tentativa. Nem que o encontrasse na estrada, o tomaria, disse eu. Mesmo que fosse um homem que desejasse esse objeto, e mesmo que não soubesse direito de que se tratava quando falei, ainda honraria minhas palavras como um juramento, e me pautaria por elas.

— Mas não sou esse homem. Ou pelo menos sou sábio o suficiente para saber que há alguns perigos dos quais os homens devem fugir. Sentem-se tranquilos! E console-se, Samwise. Se tiver a impressão de ter tropeçado considere que isto estava fadado a acontecer. Seu coração é perspicaz além de fiel, e enxergou com mais clareza que seus olhos. Pode parecer estranho, mas não houve risco em declarar isso a mim. Pode até ajudar o mestre que você ama. Será para o bem dele, se estiver ao meu alcance. Por isso, console-se. Mas nem mesmo mencione essa coisa em voz alta de novo. Uma vez é o suficiente.

Os hobbits voltaram aos seus lugares e se sentaram bem quietos.

Os homens retomaram à bebida e à conversa, percebendo que seu capitão tinha feito alguma brincadeira com seus pequenos convidados, e que tudo terminara.

— Bem, Frodo, finalmente nos entendemos — disse Faramir. — Se você assumiu essa missão involuntariamente, a pedido de outros, então merece minha compaixão e respeito.

E admiro você: mantê-lo escondido e não usá-lo. Vocês são um povo novo, e um mundo novo para mim. Todo o seu povo é assim? Sua terra deve ser um reino de paz e felicidade, e lá os jardineiros devem ser muito respeitados.

— Nem tudo está bem por lá — disse Frodo —, mas certamente os jardineiros são respeitados.

— Mas as pessoas lá devem se cansar, mesmo nos próprios jardins, como acontece com todos os seres sob o sol deste mundo. E vocês estão longe de casa e exaustos. Chega por hoje. Durmam, você s dois — em paz, se puderem. Nada temam! Não desejo vê-lo, ou tocá-lo, ou saber mais sobre ele

do que já sei (e que já é suficiente), para que o perigo fortuito não me desvie de meu caminho, e eu tenha pior resultado nesse teste do que Frodo, filho de Drogo. Vão agora e descansem — mas primeiro me digam só uma coisa, se quiserem. Aonde desejam ir, e com que finalidade. Pois preciso vigiar e esperar, e pensar.

O tempo passa. Pela manhã deveremos cada um ir depressa pelos caminhos a nós designados.

Frodo se viu tremendo, quando o primeiro choque do medo passou.

Agora um grande cansaço tomava conta de seu corpo, envolvendo-o como uma nuvem. Não conseguia mais dissimular ou resistir.

— Eu pretendia achar um caminho para entrar em Mordor — disse ele numa voz baixa. — Estava indo para Gorgoroth. Preciso achar a Montanha de Fogo e jogar a coisa no abismo da Perdição. Gandalf me disse que fizesse isso. Não acho que conseguirei chegar lá.

Faramir o observou por um momento, num assombro grave. Então de repente apanhou o hobbit que se desequilibrava, e, erguendo-o suavemente, carregou-o para a cama, deitou-o ali e o cobriu bem agasalhado.

Imediatamente, Frodo caiu num sono profundo.

Uma outra cama foi colocada ao lado para seu servidor. Sam hesitou um momento, e depois fez uma grande reverência. — Boa noite, Capitão meu senhor — disse ele. — Arriscou-se, senhor!

— Arrisquei-me? — disse Faramir.

— Sim, senhor, e demonstrou seu valor: o maior de todos.

Faramir sorriu. — Um servidor esperto, o Mestre Samwise. Mas não nada disso: o elogio que vem daquele que merece o elogio está acima de todas as recompensas. Mesmo assim, esse elogio nada significa. Eu não tinha vontade ou desejo de fazer nada diferente do que fiz.

— Muito bem, senhor — disse Sam. — O senhor disse que meu mestre tinha um ar élfico; e isso foi bom e verdadeiro. Mas posso dizer isto: o senhor tem um ar também, senhor, que me faz lembrar de, de... bem, de Gandalf, dos magos.

— Talvez — disse Faramir. — Talvez você tenha a capacidade de discernir à distância o ar de Númenor. Boa noite!

CAPÍTULO VI: O LAGO PROIBIDO

Frodo acordou e viu Faramir debruçado sobre ele. Por um segundo foi dominado por velhos temores, que o fizeram sentar-se e se esquivar.

— Não há nada a temer — disse Faramir.

— Já amanheceu? — disse Frodo bocejando.

— Ainda não, mas a noite está chegando ao fim, e a lua cheia está se pondo. Quer vir vê-la? Além disso, há um assunto sobre o qual preciso de sua opinião. Lamento muito acordá-lo, mas você pode vir?

— Eu vou — disse Frodo, levantando-se e tremendo um pouco ao deixar os cobertores e as peles quentes. Estava frio na caverna sem fogueiras. O ruído da água crescera na quietude. Frodo colocou a capa e seguiu Faramir.

Sam, acordando de repente por algum instinto de vigilância, viu primeiro a cama vazia do mestre e pulou de pé. Depois viu dois vultos escuros, Frodo e um homem, recortados contra o arco, que agora se enchia de uma luz opaca e branca. Correu atrás deles, passando por fileiras de homens adormecidos sobre colchões ao longo da parede.

Ao atravessar a abertura da caverna, viu que a Cortina se transformara agora num véu deslumbrante de seda e pérolas e fios de prata: pingentes de luar se derretendo. Mas não parou para admirá-la, e virando-se seguiu seu mestre através da porta estreita na parede da caverna.

Primeiro foram ao longo de um corredor negro, depois subiram muitos degraus úmidos, e então chegaram a uma pequena plataforma plana cortada na pedra e iluminada pelo céu claro, que se vislumbrava lá em cima através de uma abertura longa e funda.

Desse ponto saiam dois lances de escada: um que aparentemente subia, levando à alta margem do rio, e o outro fazendo uma curva à esquerda. Foram por este, que subia em espiral como a escada de um torreão. Finalmente saíram da escuridão rochosa e olharam ao redor.

Estavam sobre uma rocha larga e plana sem muro ou parapeito. À direita, a leste, a correnteza caia, esparramando-se sobre vários patamares, e depois, descendo uma canaleta íngreme, enchia um canal não muito fundo com uma força sombria de água salpicada de espuma, e dando voltas e

correndo quase aos pés deles mergulhava subitamente por sobre a borda que se abria à esquerda. Um homem estava ali, perto da borda, quieto, olhando para baixo.

Frodo virou-se para ver os filetes lisos das águas que arqueavam e mergulhavam.

Depois fixou seu olhar na vastidão. O mundo estava quieto e frio como se a aurora se aproximasse. Na distância, a oeste, a lua cheia estava descendo, redonda e branca. Uma névoa clara tremeluzia no grande vale abaixo deles: um abismo largo cheio de vapor prateado, no fundo do qual rolavam as frias águas noturnas do Anduin. Uma escuridão negra assomava mais além, e nela faiscavam, aqui e acolá, frios, afiados, remotos, brancos como dentes de fantasmas, os picos das Ered Nimrais, as Montanhas Brancas do Reino de Gondor, cobertas pela neve eterna.

Por um tempo Frodo ficou ali parado sobre a elevada pedra, e um tremor percorreu-lhe o corpo, quando ele pensou se em algum lugar na vastidão das terras da noite seus velhos companheiros estariam dormindo ou caminhando, ou mortos, envoltos na névoa. Por que fora levado para aquele lugar, depois de ser acordado de um sono de esquecimento?

Sam ansiava por uma resposta para a mesma pergunta, e não pôde evitar murmurar, apenas para o ouvido de seu mestre, pensava ele: — É uma bela vista, sem dúvida, Sr. Frodo, mas gela o coração, para não mencionar os ossos! O que está acontecendo?

Faramir ouviu e respondeu. — Pôr-da-lua sobre Gondor. A bela Ithil quando parte da Terra-média, lança um olhar sobre os cachos brancos do velho Mindolluin.

Vale alguns calafrios. Mas não foi para mostrar isto que os trouxe aqui — embora no que se refere a você, Mestre Samwise, você não foi trazido, e só está pagando a pena por sua vigilância. Um gole de vinho pode consertar as coisas.

Venham, olhem agora!

Subiu ao lado da silenciosa sentinela na borda escura, e Frodo o seguiu. Sam ficou para trás. Já se sentia inseguro o suficiente naquela plataforma alta e molhada. Faramir e Frodo olharam para baixo. Viram as águas brancas se derramando numa vasilha espumante, para depois

rodopiarem numa bacia oval nas rochas, até saírem outra vez através de uma passagem estreita, indo correr, espumando e tagarelando, por regiões mais calmas e planas. O luar ainda caia oblíquo sobre os pés da cachoeira, e tremeluzia nas ondas da bacia. De repente Frodo percebeu uma pequena coisa preta na margem próxima, mas, no mesmo momento em que a viu, ela mergulhou e desapareceu bem atrás da fervura borbulhante da cachoeira, furando a água negra com a precisão de uma flecha ou de uma pedra cortante.

Faramir voltou-se para o homem ao seu lado. — Agora, o que você diria que é isso, Anborn? Um esquilo ou um martim-pescador? Existem martins-pescadores pretos nos lagos noturnos da Floresta das Trevas?

— O que quer que seja, não é um pássaro — respondeu Anborn. — Tem quatro membros e mergulha como um homem; demonstra um grande domínio nessa prática, também. O que estará fazendo? Procurando uma subida por trás da Cortina, que conduza ao nosso esconderijo? Parece que finalmente fomos descobertos. Estou com meu arco aqui, e posicionei outros arqueiros, quase todos com pontarias tão boas como a minha, em ambas as margens. Estamos aguardando apenas sua ordem para atirar, Capitão.

— Devemos atirar? — perguntou Faramir, virando-se depressa para Frodo.

Frodo ficou sem responder por um momento. Então disse:

— Não! Não! Imploro que não atire. — Se Sam tivesse tido coragem teria dito "Sim", mais rápido e mais alto. Não estava enxergando, mas podia muito bem supor pelas palavras deles o que estavam vendo.

— Então você sabe o que é esta coisa? — disse Faramir. — Vamos lá agora que já viu, diga-me por que deve ser poupada. Em todas as nossas conversas você não mencionou uma só vez seu companheiro vagabundo, e eu deixei o assunto de lado. Ele podia esperar até ser capturado e trazido à minha presença. Enviei meus caçadores mais hábeis para procurá-lo, mas ele os despistou, e meus homens só o acharam agora, com a exceção de Anborn, que o viu uma vez na noite passada. Mas agora ele cometeu transgressão maior do que apenas preparar armadilhas para coelhos nas terras altas: ousou vir a Henneth Annún, deverá pagar com a vida. Fico assombrado com ele: é tão secreto e furtivo, e agora vem se divertir no lago,

bem diante de nossa janela. Será que acha que os homens dormem à noite sem montar guarda? Por que pensa assim?

— Acho que há duas respostas — disse Frodo. — Por um lado, el sabe pouco sobre os homens, e, embora seja matreiro, seu refúgio é tão oculto que é possível que ele não saiba que há homens escondidos aqui. Por outrc lado, acho que está sendo atraído para cá por um desejo dominador, maior que sua cautela.

— Você diz que ele está sendo atraído para cá? — disse Faramir em voz baixa. — Então ele pode saber, ele sabe de seu fardo?

— Na verdade sabe. Ele mesmo o carregou por muitos anos.

— Ele o carregou? — disse Faramir, ofegando em sua surpresa. — Esse assunto a cada vez se enreda em novos enigmas. Então ele persegue essa coisa?

— Talvez. É precioso para ele. Mas não falei disso.

— O que então a criatura está procurando?

— Peixe — disse Frodo. — Olhe!

Espiaram lá embaixo, no lago escuro. Uma pequena cabeça preta apareceu na extremidade da bacia, mal contrastando com a sombra profunda das rochas. Houve um rápido cintilar prateado, e um rodamoinho de pequenas ondas, que se aproximou da margem. Então, com uma enorme agilidade, uma figura semelhante a uma rã saiu da água e subiu o barranco. Imediatamente se sentou e começou a morder a pequena coisa prateada que faiscava conforme ia virando em suas mãos: os últimos raios da lua estavam agora caindo atrás da parede rochosa, na extremidade do lago.

Faramir riu baixinho.

— Peixe! — disse ele. — É uma fome menos perigosa. Ou talvez não os peixes do lago de Henneth Annûn podem lhe custar tudo o que tem.

— Agora eu o tenho bem na mira — disse Anborn. — Não devo atirar, Capitão? Nossa pena para os que vêm a este lugar sem permissão é a morte.

— Espere, Anborn — disse Faramir. — Esse assunto é mais complexo do que parece. O que você tem a dizer agora, Frodo? Por que deveríamos poupá-lo?

— A criatura está desgraçada e faminta — disse Frodo. — Não sabe

do perigo que está correndo. E Gandalf, o seu Mithrandir, teria ordenado a você que não o matasse por essa razão, e por outras. Proibiu que os elfos o fizessem. Não sei muito bem por quê, e do que suponho não posso falar abertamente aqui. Mas essa criatura está de alguma forma ligada à minha missão. Até você nos encontrar e nos levar, ele era meu guia.

— Seu guia! — disse Faramir. — O assunto cada vez fica mais estranho. Eu faria muito por você, Frodo, mas isso não posso garantir: deixar que esse viajante clandestino parta daqui livremente, para reunir-se a você mais tarde se quiser, ou para ser capturado por orcs e dizer tudo o que sabe sob ameaça de tortura.

Deve ser capturado ou morto. Morto, se não for capturado depressa. Mas como se pode capturar essa criatura escorregadia de muitos aspectos, a não ser com uma flecha emplumada?

— Deixe-me chegar perto dele devagar — disse Frodo. — Vocês podem deixar seus arcos preparados, e pelo menos atirar em mim, se eu falhar. Não vou fugir.

— Então vá e seja rápido! — disse Faramir. — Se ele escapar ilesso deverá ser seu fiel servidor pelo resto de seus infelizes dias. Conduza Frodo até a margem, Anborn, e vá com cuidado. Essa coisa tem nariz e ouvidos. Dê-me seu arco.

Anborn resmungou e foi descendo a escada até o pata mar, e depois subiu a outra escada, até que finalmente ele e Frodo chegaram a uma abertura estreita coberta por densos arbustos. Atravessando silenciosamente, Frodo se viu no topo do barranco ao sul do lago. As águas estavam escuras e a cachoeira pálida e cinzenta, refletindo apenas os últimos raios de luar do céu a oeste. Não conseguiu ver Gollum . Avançou um pouco e Anborn o seguiu de perto.

— Siga em frente! — sussurrou ele ao ouvido de Frodo. — Tome cuidado com a sua direita. Se você cair no lago, ninguém exceto seu amigo pescador poderá ajudá-lo. E não se esqueça de que os arqueiros estão por perto, embora não possa vê-los.

Frodo se esgueirou para frente, usando as mãos á moda de Gollum para ir achando o caminho e para se equilibrar. A maioria das rochas eram planas e lisas, mas escorregadias. Parou para escutar. Primeiro não ouviu

nada além do ruído incessante da cachoeira atrás dele. Então, de repente, não muito longe, um murmúrio chiado.

— Peixxe, peixxe bonzinho. A Cara Branca desapareceu, mei precioso, até que enfim, é sim. Agora podemos comer peixe em paz. Não não em paz, precioso. Pois o Precioso está perdido, é sim, perdido. Hobbit sujos, hobbits malvados. Foram e nos deixaram, Gollum; e o Precioso se foi. Só o pobre Sméagol sozinho. Não, Precioso, homens maus vão pegá-lo, rouba meu Precioso. Ladrões. Nós odeia eles. Peixxe, peixxe bonzinho. Nos deix fortes, com os olhos atentos e os dedos ágeis, é sim. Estrangular eles, precioso. Estrangular todos eles, é sim, se nós tiver uma chance. Peixxess bonzinhos peixxess bonzinhos.

Assim continuou sua fala, quase tão incessante quanto a cachoeira, apenas Interrompida por um lamber de beiços ou um gorgolejar.

Frodo estremeceu, ouvindo com pena e nojo. Gostaria que aquil parasse, que nunca precisasse ouvir aquela voz de novo. Anborn não estava muito longe. Frodo podia se esgueirar de volta e pedir a ele que mandasse os arqueiros atirarem. Provavelmente chegariam perto o suficiente, enquant Gollum devorava peixes e estava desatento.

Apenas um tiro certeiro e Frodo estaria livre daquela voz miseráve para sempre. Mas não, agora Gollum tinha um direito sobre ele. O servo ten um direito sobre o mestre pelos serviços prestados, mesmo se prestados por medo. Teriam soçobrado nos Pântanos Mortos se não fosse por Gollum Frodo também percebia claramente, de alguma forma, que Gandalf não teria desejado aquilo.

— Sméagol! — disse ele baixinho.

— Peixxess, peixxess bonzinhos — disse a voz.

— Sméagol! — disse ele um pouco mais alto. A voz parou. — Sméagol, o Mestre veio procurar você. O Mestre está aqui. Venha, Sméagol! — Nã houve resposta a não ser um chiado, como o de alguém inalando ar.

— Venha, Sméagol! — disse Frodo. — Estamos em perigo. Os homen vão matá-lo, se o encontrarem aqui. Venha depressa, se quiser escapar da morte. Venha até o Mestre!

— Não — disse a voz. — Mestre não bonzinho. Deixa o pobr Sméagol e vai com novos amigos. O Mestre pode esperar. Sméagol nã

terminou.

— Não há tempo — disse Frodo. — Traga peixes com você. Venha!

— Não! Preciso terminar o peixe.

— Sméagol! — disse Frodo desesperado. — O Precioso vai ficar brav Vou pegar o Precioso e dizer a ele: faça Gollum engolir os ossos e engasgar Para nunca experimentar peixe de novo. Venha, o Precioso está esperando Houve um chiado agudo. De repente, da escuridão surgiu Gollum , s arrastando de quatro, como um cachorro que fez algo errado e foi repreendido. Trazia um peixe parcialmente devorado na boca e um outr na mão.

Chegou perto de Frodo, quase cara a cara, e o farejou. Seus olho opacos estavam brilhando. Depois tirou o peixe da boca e se levantou.

— Mestre bonzinho! — sussurrou ele. — Hobbit bonzinho voltou para o pobre Sméagol. O bom Sméagol vem. Agora vamos depressa, vamos sin Através das árvores, enquanto os Caras estão escuros. Sim, vamos!

— Sim, vamos logo — disse Frodo. — Mas não já. Vou com você com prometi.

Prometo de novo. Mas não agora. Você ainda não está a salvo. Vo salvá-lo, mas precisa confiar em mim.

— Precisamos confiar no Mestre? — disse Gollum desconfiado. — Por quê? Por que não já? Onde está o outro, o hobbit rabugento e bruto? Ond está ele?

— Lá em cima — disse Frodo, apontando para a cachoeira. — Nã vou sem ele.

Devemos voltar para encontrá-lo. — Sentiu o coração apertado. Iss era quase um truque sujo. Na verdade ele não temia que Faramir foss permitir que Gollum fosse morto, mas provavelmente o faria prisioneiro e c prenderia; certamente o que Frodo estava fazendo iria parecer uma traiçã para a pobre criatura traidora. Provavelmente seria impossível fazê-l entender ou acreditar que Frodo lhe salvara a vida da única forma possível. Que mais poderia fazer? — ser fiel, o máximo possível, aos dois lados. — Venha! — disse ele. — Senão o Precioso vai ficar bravo. Vamos voltar agora subindo o rio. Vá andando, vá andando, você na frente!

Gollum foi se arrastando perto da borda por um trecho, bufando e

desconfiado. De repente parou e levantou a cabeça.

— Tem alguma coisa ali! — disse ele. — Não é um hobbit. — De repente se virou. Uma luz verde faiscava em seus olhos protuberantes. — Messtre, messtre! — chiou ele. — Maldito! Traidor! Falso! — Cuspiu esticou seus longos braços, estalando os dedos brancos.

Naquele momento, o vulto grande e negro de Anborn surgiu por trás e caiu sobre ele. Uma grande mão forte o pegou pela nuca e o ergueu.

Gollum se torcia feito um raio, todo molhado e cheio de lodo como estava, serpenteando como uma enguia, mordendo e arranhando como um gato. Mas outros dois homens surgiram das sombras.

— Fique quieto! — disse um deles. — Senão vamos enchê-lo de flechas e deixá-lo como um ouriço. Fique quieto!

Gollum amoleceu o corpo, e começou a gemer e chorar. Eles o amarraram, sem qualquer delicadeza.

— Calma, calma! — disse Frodo. — Ele não tem força para enfrentar vocês. Não o machuquem, se for possível. Ficará mais quieto se não for ferido. Sméagol! Eles não vão machucá-lo. Vou com você e ninguém vai lhe fazer mal. A não ser que me matem também. Confie no Mestre.

Gollum virou-se e cuspiu em Frodo. Os homens o pegaram, cobriram-lhe os olhos com um capuz, e o carregaram.

Frodo os seguiu, sentindo-se um perfeito patife. Foram pela abertura atrás dos arbustos, e voltaram, pelas escadas e corredores, para a caverna. Duas ou três tochas estavam acesas. Os homens começavam a se levantar. Sam estava lá, e lançou um olhar estranho para o fardo inerte que os homens traziam. — Pegaram-no? — disse ele a Frodo.

— Sim. Ou melhor, não, eu não o peguei. Ele veio até mim, porque num primeiro momento confiou no que eu disse, eu receio. Não queria que o amarrassem desse jeito.

Espero que esteja bem; mas odeio tudo isso.

— Eu também — disse Sam. — E nunca nada vai ficar bem onde esse pedaço de desgraça estiver.

Um homem veio e acenou para os hobbits, e os levou para o cômodo no fundo da caverna. Faramir estava sentado em sua cadeira, e a lamparina fora reacendida no nicho sobre a cabeça dele. Fez um sinal para que se

sentassem nos bancos perto dele. — Tragam vinho para os convidados — disse ele. — E tragam-me o prisioneiro.

O vinho foi trazido e então veio Anborn carregando Gollum.

Retirou-lhe o capuz da cabeça e o colocou de pé, ficando atrás dele para apoiá-lo.

Gollum piscou, encobrindo a malícia de seus olhos com as pálpebras pesadas e pálidas. Tinha a aparência de uma criatura absolutamente miserável, ensopado e pingando, cheirando a peixe (ainda segurava um na mão). Os cabelos ralos caiam como mato viscoso pela sua fronte ossuda, c nariz escorria.

— Soltem nós! Soltem nós! — disse ele. — A corda nos machuca machuca sim, machuca nós, e não fizemos nada.

— Nada? — disse Faramir, observando a criatura miserável com un olhar agudo, mas seu rosto não tinha qualquer expressão de ódio, ou pena, ou surpresa:

— Nada? Você nunca fez nada para merecer ser amarrado ou punido de forma ainda mais severa? Entretanto, felizmente não sou eu quem deve julgar isso. Mas esta noite você entrou num lugar onde a entrada se paga com a morte. Os peixes deste lago se compram a um alto preço.

Gollum soltou o peixe da mão. — Não quero peixe — disse ele.

— O preço não está fixado no peixe — disse Faramir. — Apenas vi aqui e olhar para o lago acarreta pena de morte. Poupei-o até agora por causa das súplicas de Frodo, que diz que dele pelo menos você merece alguma gratidão. Mas a mim também você deve satisfações. Qual é o seu nome? De onde vem? E para onde vai? Qual é a sua ocupação?

— Estamos perdidos, perdidos — disse Gollum. — Sem nome, sen ocupação, sem Precioso, sem nada. Só vazio. Só faminto; é sim, estamos con fome. Alguns peixinhos, peixinhos ruins e magros, para uma pobre criatura, e eles dizem morte. São tão sábios, tão justos, muito justos.

— Não muito sábios — disse Faramir. — Mas justos, sim, talvez justo o quanto permite nossa pouca sabedoria. Solte-o, Frodo! — Faramir pegou uma pequena faca de seu cinto e a entregou a Frodo. Gollum interpretou o gesto de forma errada, gritou e caiu no chão.

— Agora, Sméagol! — disse Frodo. — Você tem de confiar em mim Não vou abandoná-lo. Responda com sinceridade, se puder. Será para o seu bem, não para seu mal.

— Cortou as cordas dos pulsos e tornozelos de Gollum e o colocou de pé.

— Venha até aqui — disse Faramir. — Olhe para mim! Sabe o nome deste lugar? Já esteve aqui antes?

Lentamente Gollum ergueu os olhos e olhou com má vontade nos de Faramir.

Toda a luz desapareceu deles, que por um momento fitaram desolados e opacos os olhos resolutos do homem de Gondor. Fez-se completo silêncio. Depois Gollum deixou cair a cabeça e foi se encolhendo no chão até ficar agachado, tremendo.

— Nós não sabe e nós não quer saber — choramingou ele. — Nunca veio aqui, nunca vem de novo.

— Há portas trancadas e janelas cerradas em sua mente, e salas escuras atrás delas — disse Faramir. — Mas neste assunto julgo que está falando a verdade. Isto é bom para você. Que juramento pode fazer garantindo nunca mais voltar, e nunca trazer qualquer criatura viva para cá, oralmente ou por escrito?

— O Mestre sabe — disse Gollum com um olhar oblíquo para Frodo — É sim, ele sabe. Nós vai prometer ao Mestre, se ele nos salvar. Vamos prometer por Ele, é sim. — Arrastou-se em direção aos pés de Frodo. — Salve nós, Mestre bonzinho! — gemeu ele. — Sméagol promete pelo Precioso, promete sinceramente. Nunca voltar de novo, nunca falar, não nunca! Não, precioso, não!

— Está satisfeito? — perguntou Faramir.

— Estou — disse Frodo. — No mínimo, ou você terá de aceitar essa promessa ou fazer cumprir a sua lei. Nada vai conseguir além disso. Mas eu prometi que, se ele viesse até mim, nada de mau lhe aconteceria. E eu não gostaria de passar por mentiroso.

Faramir parou por um momento, pensando.

— Muito bem — disse ele finalmente. — Eu o entrego ao seu mestre a Frodo, filho de Drogo. Que ele declare o que fará com você!

— Mas, Senhor Faramir — disse Frodo curvando-se —, ainda nã declarou sua vontade no que concerne ao referido Frodo, e até que isso seja conhecido, ele não pode fazer planos próprios para si ou para seus companheiros. Seu julgamento foi prorrogado para o amanhecer, mas nãc falta muito.

— Então vou declarar minha sentença — disse Faramir. — Quanto, você, Frodo, usando meu poder, que está sob autoridade maior, declaro-c livre no reino de Gondor, até a mais distante das antigas fronteiras; a única restrição que faço é que nem você nem os que o acompanham têm permissão de vir para este lugar espontaneamente. Essa sentença deverá valer por um ano e um dia, e depois cessará, a não ser que antes disso você venha a Minas Tirith e se apresente ao Senhor e Regente da Cidade. Entã solicitarei a ele que confirme o que fiz e que o faça valer por toda a vida.

Enquanto isso, quem quer que seja que você tome sob a sua proteção, estará sob a minha proteção e sob o escudo de Gondor. Respondi sua pergunta?

Frodo fez uma grande reverência.

— Respondeu perfeitamente — disse ele —, e coloco-me aos seus serviços, se isso valer alguma coisa para alguém tão nobre e honrado.

— Tem grande valor — disse Faramir. — E agora, você toma essa criatura, esse Sméagol, sob sua proteção?

— Tomo Sméagol sob minha proteção — disse Frodo. Sam deu ur suspiro perfeitamente audível, e não foi pela troca de cortesias, a qual, como faria qualquer hobbit, ele aprovou completamente. Na verdade, nc Condado um assunto desses demandaria muito mais palavras e reverências.

— Então digo a você — disse Faramir, voltando-se para Gollum. — Você está sob uma sentença de morte; mas enquanto acompanhar Frodc estará livre, de nossa parte. Mas se alguma vez for encontrado por qualquer homem de Gondor sozinho, sem estar na companhia dele, a sentença será cumprida. E que a morte possa encontrá-lo depressa, dentro ou fora de Gondor, se você não lhe servir bem. Agora me responda: para onde estava indo? Ele disse que você era o seu guia. Para onde o estava levando?

Gollum não respondeu.

— Isso eu não permito que fique em segredo — disse Faramir. —

Responda-me, ou reverterei meu julgamento! — Ainda assim Gollum nã respondeu.

— Vou responder por ele — disse Frodo. — Ele me trouxe ao Portã Negro, como eu pedi, mas não houve como passarmos por ele.

— Não há portões abertos para a Terra Inominada — disse Faramir.

— Em vista disso, nós nos desviamos e viemos pela estrada que vai para o sul — Frodo continuou —, pois ele disse que há, ou pode haver, uma trilha perto de Minas Ithil.

— Minas Morgul — disse Faramir.

— Não sei bem ao certo — disse Frodo —, mas a trilha sobe, eu acho pelas montanhas na encosta norte daquele vale onde fica a velha cidade. Sobe até uma fenda alta e depois desce até o que fica além dela.

— Você sabe o nome da passagem alta? — perguntou Faramir.

— Não — disse Frodo.

— Chama-se Cirith Ungol. — Gollum soltou um chiado agudo começou a murmurar consigo mesmo. — Não é esse o nome? — perguntou Faramir virando-se para ele.

— Não! — disse Gollum, e depois deu um grito estridente, como se alguém o tivesse apunhalado. — Sim, sim, escutamos o nome uma vez. Mas que importância tem o nome para nós? O Mestre diz que precisa entrar Então precisamos tentar algum caminho. Não há outro modo de tentar, não há.

— Nenhum outro modo? — disse Faramir. — Como sabe disso? E quem já explorou todos os confins desse reino negro? — Fitou Gollum longa e pensativamente. De repente, falou de novo. — Leve embora essa criatura Anborn. Trate-o com gentileza, mas fique vigiando. E você, Sméagol, nã tente mergulhar na cachoeira. As rochas têm dentes que poderiam matá-lo antes de sua hora. Deixe-nos agora e leve seu peixe.

Anborn saiu e Gollum foi andando agachado diante dele. A cortina do cômodo foi fechada.

— Frodo, acho que você está agindo de maneira incauta nesse assunto — disse Faramir. — Não acho que você deveria ir com essa criatura Sméagol é mau.

— Não, não totalmente mau — disse Frodo.

— Não totalmente, talvez — disse Faramir. — Mas a maldade e devora como um cancro, e está crescendo. Ele não o conduzirá para o bem. Se vocês se separarem, dar-lhe ei um salvo-conduto e orientação para qualquer ponto nas fronteiras de Gondor que ele queira escolher.

— Ele não aceitaria — disse Frodo. — Iria me seguir como já faz h muito tempo. E já prometi muitas vezes tomá-lo sob minha proteção, e ir aonde ele me conduzisse. Você não poderia pedir que eu quebrasse c juramento que fiz a ele.

— Não — disse Faramir. — Mas meu coração poderia. Pois me parec um mal menor alguém aconselhar outro homem a quebrar um juramento do que a própria pessoa quebrá-lo, especialmente se vir um amigo inconscientemente atado ao seu próprio mal. Mas não — se ele c acompanhar, você precisa agora aturá-lo. Mas não acho que você deva ir a Cirith Ungol, sobre a qual ele lhe disse menos do que sabe. Isso eu percebi com clareza na mente dele. Não vá para Cirith Ungol!

— Aonde então deverei ir? — perguntou Frodo. — De volta ao Portão Negro, para me entregar à guarda? O que você sabe sobre esse luga que torna seu nome tão terrível?

— Nada ao certo — disse Faramir. — Nós de Gondor nunca passamos para o lado leste da Estrada nestes dias, e nenhum de nós, homens mais jovens, jamais passou, nem qualquer um jamais colocou os pés nas Montanhas da Sombra. Delas só conhecemos velhos relatos e rumores de dias passados. Mas há algum terror escuro que habita as passagens acima de Minas Morgul. Quando se menciona Cirith Ungol, velhos e mestres n tradição ficam pálidos e calados.

— O vale de Minas Morgul passou para o mal há muito e muito tempo, e era uma ameaça e um terror enquanto o Inimigo banido ainda morava longe, e Ithilien ainda estava quase totalmente em nosso poder. Tomo você sabe, aquela cidade já foi um lugar forte, altivo e belo, Minas Ithil, a irmã gêmea de nossa própria cidade. Mas foi tomada por homens cruéis que o Inimigo dominara durante sua primeira demonstração de força, e que vagavam sem lar e sem senhor depois da queda dele.

Comenta-se que serviram a homens de Númenor que haviam caído numa maldade escura; o Inimigo deu-lhes anéis de poder, e assim os

devorou: transformaram-se em fantasmas vivos, terríveis e maus. Depois que ele partiu, tomaram Minas Ithil e lá se estabeleceram, e a encheram, e também todo o vale ao seu redor, de ruína: parecia vazia mas não estava, pois um terror disforme morava dentro das paredes arruinadas. Eram nove Senhores, e depois do retorno de seu mestre, que eles auxiliaram e prepararam em segredo, fortaleceram-se de novo. Então os Nove Cavaleiros saíram dos portões de horror, e não conseguimos opor-lhes resistência. Não se aproxime da cidadela deles. Será avistado. É um lugar de maldade que nunca adormece, cheio de olhos sem pálpebras. Não vá por ali.

— Mas qual outro caminho você me indicaria? — perguntou Frodo — Disse que não pode me conduzir em pessoa até as montanhas, nem atravessá-las. Mas eu as preciso atravessar, pois assumi solenemente perante o Conselho o compromisso de encontrar um caminho, ou perecer na busca. E se eu voltar atrás, recusando a estrada em seu fim amargo, haverá lugar para mim entre elfos ou homens? Você gostaria que eu fosse a Gondor com essa Coisa, a Coisa que alucinou de desejo seu irmão? Que feitiço operaria em Minas Tirith? Deverá haver duas cidades de Minas Morgul, sorrindo uma para a outra, através da terra morta coberta de podridão?

— Eu não gostaria disso — disse Faramir.

— Então o que me aconselharia a fazer?

— Não sei. Apenas não aconselharia você a ir em direção à morte ou ao tormento. E não acho que Mithrandir teria escolhido esse caminho.

— Mas, já que ele se foi, devo tomar as trilhas que puder encontrar. E não há muito tempo para procurar — disse Frodo.

— É um destino terrível e uma missão desesperada — disse Faramir. — Mas pelo menos lembre-se de minha advertência: tome cuidado com esse guia, Sméagol. Ele já cometeu assassinatos antes. Leio isso nele. — Faramir suspirou.

— Bem, assim nos encontramos e nos despedimos, Frodo, filho de Drogo. Não há necessidade de palavras gentis: não espero revê-lo em qualquer outro dia sob este sol.

Mas agora você deve partir com minha bênção sobre você e sobre todo o seu povo.

Descanse um pouco enquanto lhe preparam a comida. Gostaria

muito de saber como esse Sméagol rastejante tomou posse Á da Coisa da qual falamos, e como a perdeu, mas não vou incomodá-lo agora. Se um dia, além de qualquer esperança, você retornar a terra dos vivos e nós recontarmos nossas histórias, sentados perto de uma muralha ao sol, rindo das tristezas antigas, então você poderá me contar. Até esse dia, ou outro dia além da visão das Pedras-videntes de Númenor, boa sorte!

Levantou-se e fez uma grande reverência para Frodo, e abrindo a cortina passou para a caverna.

CAPÍTULO VII: VIAGEM ATÉ A ENCRUZILHADA

Frodo e Sam voltaram a suas camas e ficaram ali deitados em silêncio descansando um pouco, enquanto os homens se punham em movimento e a atividade do dia começava. Depois de um tempo trouxeram-lhes água, e então foram levados a uma mesa onde havia comida para três. Faramir quebrou o jejum com eles.

Não dormira desde a batalha no dia anterior, e mesmo assim não parecia cansado.

Quando terminaram a refeição, levantaram-se. — Que a fome não os incomode na estrada — disse Faramir. — Vocês têm poucas provisões, mas mandei colocar em suas mochilas um pequeno estoque de comida adequada para viajantes. Não lhes faltará água enquanto caminharem por Ithilien mas não bebam de nenhum riacho que corre de Imlad Morgul, o Vale da Morte Viva. Também devo dizer-lhes isto: meus batedores e sentinelas voltaram todos, até alguns que se esgueiraram sob a vista do Morannon. Todos acham uma coisa estranha. A terra está vazia.

Nada na estrada, nem sons de passos, ou de cornetas, ou de cordas de arcos se ouvem em lugar algum. Um silêncio de espera cresce acima da Terra Inominada. Não sei o que isso pressagia. Mas o tempo caminha rapidamente para alguma grande conclusão. A tempestade está chegando. Apressem-se enquanto podem! Se estão prontos, vamos. O sol vai logo subir acima da sombra.

As mochilas dos hobbits lhes foram trazidas (um pouco mais pesadas que antes), e também dois cajados de madeira polida, com ponteiras de ferro, e com cabeças esculpidas através das quais passavam correias de couro trançadas.

— Não possuo presentes adequados para lhes oferecer em nossa despedida — disse Faramir —, mas recebam estes cajados. Podem ser de utilidade para os que caminham ou escalam no ermo. Os homens das Montanhas Brancas os usam, mas estes foram diminuídos para que ficassem adequados ao seu tamanho, e receberam ponteiras novas.

São feitos da bela árvore lebethron, amada p elos artesãos de Gondor e foi-lhes conferido um poder de encontrar e retomar. Que esse poder não

fracasse totalmente sob a Sombra em direção á qual vocês vão!

Os hobbits fizeram uma grande reverência.

— Nobilíssimo anfitrião — disse Frodo. — Foi-me dito por Elron Meio-elfo que eu encontraria amizade no caminho, secreta e inesperada. Certamente eu não esperava encontrar uma amizade como a demonstrada aqui. Tê-la encontrado transforma o mal num grande bem.

Agora estavam prontos para partir. Gollum foi trazido de algum canto ou esconderijo, e parecia agora mais satisfeito consigo mesmo, embora se mantivesse perto de Frodo e evitasse o olhar de Faramir.

— Seu guia deverá ter os olhos vendados — disse Faramir —, mas você e seu servidor Samwise estão liberados dessa exigência, se desejarem.

Gollum soltou um grito estridente, contorceu-se e se agarrou em Frodo, quando vieram para vendar-lhe os olhos; Frodo então disse:

— Cubram os olhos de nós três, e cubram os meus primeiro, e talvez ele perceba que não há nenhuma intenção de lhe fazer mal. — Isso foi feito e os três foram levados da caverna de Henneth Annûn. Depois de percorrerem os corredores e as escadas, sentiram o ar fresco da manhã, leve e suave, á sua volta. Ainda continuaram de olhos vendados por mais um tempo, subindo e depois descendo suavemente. Finalmente a voz de Faramir ordenou que as vendas fossem retiradas.

Estavam sob os galhos das árvores outra vez. Não se ouvia o ruído da cachoeira, pois uma longa ladeira que conduzia ao sul estava agora entre eles e o precipício no qual o rio corria. A oeste podiam ver a luz através das árvores, como se o mundo de repente terminasse ali, numa borda que se abria apenas para o céu.

— Aqui nossos caminhos se separam pela última vez — disse Faramir — Se seguirem meu conselho, não rumarão para o leste já. Sigam em frente pois assim terão a proteção da floresta por muitas milhas. A oeste há uma borda onde a terra cai dentro de grandes vales , algumas vezes de forma abrupta e íngreme, outras vezes em longas encostas. Fiquem perto das bordas e arredores da floresta. No início da jornada, poderão caminhar durante o dia, suponho eu. A terra sonha em falsa paz, e por um tempo todo o mal está afastado. Passem bem, enquanto puderem!

Então abraçou os hobbits á maneira de seu povo, abaixando-se e

colocando as mãos sobre os ombros deles, e beijando-lhes as testas.

— Partam com a boa vontade de todos os homens bons! — disse ele.

Os hobbits se curvaram até o chão. Então ele se virou e sem olhar para trás deixou-os e se foi com os dois guardas que esperavam a pouca distância dali.

Frodo e Sam ficaram assombrados ao ver a rapidez com que os homens vestidos de verde se moviam agora, desaparecendo quase num piscar de olhos. A floresta onde Faramir estivera parecia vazia e melancólica, como se um sonho tivesse passado.

Frodo suspirou e virou-se para o sul. Como se quisesse expressar seu pouco-caso diante de tanta cortesia, Gollum estava escarafunchando na terra ao pé de uma árvore.

"Já com fome outra vez?", pensou Sam. "Bem, lá vamos nós de novo."

— Eles se foram finalmente? — disse Gollum. — Homenss ssujos e malvados! O pescoço de Sméagol ainda está doendo, está sim. Vamos!

— Sim, vamos — disse Frodo. — Mas se você só consegue falar mal daqueles que lhe ofereceram clemência, fique quieto!

— Mestre bonzinho! — disse Gollum. — Sméagol só estava brincando. Sempre perdôa, perdôa sim, é sim, mesmo as pequenas mentiras do Mestre. E sim, Mestre bonzinho, Sméagol bonzinho!

Frodo e Sam não responderam. Pegando as mochilas e segurando os cajados, entraram na floresta de Ithilien.

Duas vezes naquele dia descansaram e comeram um pouco da comida fornecida por Faramir: frutas secas e carne salgada em quantidade para muitos dias, e pão bastante para durar enquanto estivesse fresco. Gollum não comeu nada.

O sol subiu e passou sobre suas cabeças sem ser visto; depois começou a descer, e a luz através das árvores a oeste ficou dourada. O tempo todo andaram na sombra fresca e verde, e tudo ao redor deles estava em silêncio. Os pássaros pareciam ter todos voado para longe ou emudecido.

A escuridão chegou cedo à floresta silenciosa, e antes do cair da noite eles pararam, cansados, pois tinham caminhado sete léguas ou mais desde Henneth Annûn.

Frodo se deitou e dormiu a noite toda no chão fofo atrás de uma velha árvore. Sam, ao seu lado, estava mais inquieto: acordou várias vezes, mas em nenhuma delas viu sinal de Gollum, que escapara assim que os outros se acomodaram para dormir. Se tinha dormido sozinho em algum buraco ali perto, ou se vagara sem descanso, rondando por toda a noite, não disse; mas retornou com o primeiro raio de sol, e acordou os companheiros.

— Precisa acordar, é sim, eles precisa! — disse ele. — Longos caminhos ainda a percorrer, para o sul e para o leste. Os hobbits precisam se apressar!

Aquele dia foi quase como o anterior, a não se r pelo silêncio, que parecia mais profundo; o ar ficou pesado, e começou a ficar abafado sob as árvores. Parecia que uma tempestade estava se formando. Gollum frequentemente parava, farejando o ar, e nesses momentos dizia baixinho a si mesmo que deveria fazê-los caminhar com mais rapidez.

Quando o terceiro estágio da marcha do dia avançava e a tarde ia terminando, a floresta se abriu, e as árvores ficaram maiores e mais espaçadas. Grandes azevinhos com circunferências enormes se erguiam escuros e solenes em amplas clareiras, acompanhados em alguns pontos por freixos esbranquiçados e carvalhos gigantes que começavam a exibir brotos verde-amarronzados. Ao redor deles se espalhavam longos trechos de gramado verde, salpicados de celidônias e anêmonas, brancas e azuis, agora fechadas para dormir; havia também acres cheios de jacintos silvestres: seus caules lustrosos em forma de sino já apareciam através da terra. Não se via nenhuma criatura viva, animal ou pássaro, mas naqueles lugares abertos Gollum sentia medo, e agora eles caminhavam com cautela, correndo de uma sombra longa para a outra.

A luz estava rapidamente sumindo quando chegaram ao fim da floresta. Ali sentaram-se sob um velho carvalho nodoso que lançava suas raízes, retorcidas como cobras, através de um barranco íngreme e esburacado. Um vale profundo e escuro jazia diante deles. Do lado oposto a floresta se fechava de novo, azul e cinzenta no fim de tarde sombrio, e avançava em direção ao sul . A direita as Montanhas de Gondor reluziam remotas no oeste, sob um céu manchado de fogo. A esquerda estava a escuridão: as altas muralhas de Mordor; da escuridão vinha o longo vale,

caindo abruptamente num fosso que se alargava cada vez mais na direção do Anduin. Lá no fundo corria um riacho veloz: Frodo podia ouvir-lhe a voz pedregosa subindo através do silêncio, e no lado mais próximo dele uma estrada se desenhava como uma fita clara, descendo até a névoa cinzenta e fria que nenhum raio do pôr-do-sol conseguia atingir. Frodo teve a impressão de divisar ao longe, flutuando como se estivessem num mar de sombras, os topos altos e apagados e os pináculos quebrados de velhas torres, arruinadas e escuras.

Virou-se para Gollum. — Você sabe onde estamos? — perguntou ele.

— Sei, Mestre. Lugares perigosos. Esta é a estrada que vem da Torr da Lua, Mestre, descendo até a cidade arruinada perto das margens do Ric A cidade arruinada, é sim, lugar muito desagradável, cheio de inimigos. Não deveríamos ter seguido o conselho dos homens. Os hobbits desviaram muitc da trilha. Agora devem ir para o leste, subindo por ali. — Acenou com seu braço ossudo na direção das montanhas obscuras. — E não podemos usar esta estrada. Ah, não! Povos cruéis vêm por este caminho, descendo da Torre.

Frodo baixou os olhos até a estrada. De qualquer forma, nada se movia nela agora.

Parecia solitária e abandonada, descendo até ruínas vazias na névoa. Mas havia uma sensação maligna no ar, como se seres que os olhos não podiam enxergar realmente estivessem subindo e descendo. Frodc estremeceu ao olhar outra vez os distantes pináculos que agora desapareciam na noite, e o som da água parecia frio e cruel: a voz de Morgulduin, o riacho poluído que corria do Vale dos Espectros.

— Que faremos? — disse ele. — Caminhamos muito. Devemo procurar algum lugar na floresta lá atrás onde possamos nos deitar sem sermos vistos?

— Não há bom esconderijo no escuro — disse Gollum. — É de dia que os hobbits devem se esconder agora, é sim, de dia.

— Ora, vamos! — disse Sam. — Precisamos descansar um poucc mesmo que acordemos outra vez no meio da noite. Ainda haverá horas de escuridão pela frente, tempo suficiente para você nos conduzir numa longa marcha. Se souber o caminho.

Gollum concordou com relutância, e virou-se na direção das árvores, indo um pouco para o leste ao longo das bordas esparsas da floresta. Não estava disposto a descansar no chão tão próximo da estrada maligna, e depois de alguma discussão todos eles se acomodaram na forquilha de uma grande azinheira, cujos galhos grossos, saindo juntos do tronco, formavam um bom esconderijo e um refugio razoavelmente confortável.

A noite caiu e ficou totalmente escuro sob a abóbada da árvore. Frodo e Sam beberam um pouco de água e comeram uns pedaços de pão e frutas secas, mas Gollum imediatamente se acomodou e adormeceu. Os hobbits não pregaram os olhos.

Devia ser um pouco mais de meia-noite quando Gollum acordou: de repente viram aqueles olhos opacos brilhando na direção deles. Ficou escutando e farejando, o que parecia ser, como os hobbits já tinham notado antes, o seu método de descobrir a hora da noite.

— Estamos descansados? Dormimos um belo sono? — disse ele. — Vamos!

— Não estamos, e não dormimos — resmungou Sam. — Mas vamos se é necessário.

Gollum imediatamente desceu dos galhos da árvore, caindo de quatro, e os hobbits o seguiram com mais lentidão.

Assim que desceram partiram de novo, com Gollum na frente, na direção do leste, subindo a terra escura e montanhosa. Podiam enxergar pouca coisa, pois a noite era agora tão profunda que eles mal conseguiam perceber os troncos das árvores antes de esbarrarem neles. A irregularidade do terreno aumentava cada vez mais, e caminhar era mais difícil, mas Gollum não parecia se incomodar de forma alguma. Conduziu-os através de moitas e restos de sarças, algumas vezes contornando a borda de uma fenda profunda ou um poço escuro, outras descendo em concavidades negras cobertas de arbustos, para depois sair delas; mas, a cada vez que desciam um pouco, a subida seguinte era mais longa e íngreme. Estavam constantemente subindo. Em sua primeira pausa olharam para trás, e mal puderam divisar o teto da floresta que tinham deixado lá embaixo, jazendo como uma vasta e densa sombra, um pedaço de noite mais escuro sob um céu escuro e vazio. Parecia haver um grande negrume assomando

lentamente a leste, devorando as estrelas apagadas e indistintas. Mais tarde, a lua que descia livrou-se da perseguição de uma nuvem, mas estava completamente cercada por uma aura amarela e doentia.

Finalmente Gollum virou-se para os hobbits.

— Dia logo — disse ele. — Os hobbits precisam se apressar. Não é seguro ficar exposto nestes lugares. Apressem-se!

Apertou o passo, e eles o seguiram com dificuldade. Logo começaram a subir uma grande vertente. Na maior parte estava coberta com uma profusão de tojos e mirtilos, e espinheiros baixos e ásperos, embora em alguns pontos se abrissem clareiras, cicatrizes de fogueiras recentes. Os arbustos de tojo iam ficando mais frequentes conforme chegavam perto do topo; eram muito velhos e altos, magros e pernudos na base, mas espessos em cima, já mostrando flores amarelas que luziam fracamente na escuridão e exalavam um cheiro suave. Eram tão altos os arbustos espinhosos que os hobbits podiam andar eretos debaixo deles, passando através de corredores secos forrados por uma camada fofa e cheia de espinhos.

Na borda oposta dessa larga lombada eles detiveram sua marcha e se arrastaram para se esconderem numa moita emaranhada de espinheiros. Os galhos retorcidos, inclinando-se até o chão, suportavam um labirinto de velhas sarças trepadeiras. No interior, bem no fundo havia um espaço vazio, com caibros formados por galhos e espinheiros mortos, e com um teto feito pelas primeiras folhas e brotos da primavera.

Deitaram-se ali durante um tempo, cansados demais para comerem; olhando através de buracos na cobertura eles esperaram pelo desabrochar lento do dia.

Mas nenhum dia chegou, apenas um crepúsculo escuro e morto. No leste havia um brilho vermelho opaco sob as nuvens baixas: não era o vermelho da aurora. Além de uma extensão de terras confusas, as montanhas de Ephel Dúath franziam-lhes o cenho, negras e disformes na parte inferior onde a noite se deitava espessa e não passava, e ostentando na parte superior topos dentados e pontas nítidas e ameaçadoras projetadas contra o brilho do fogo. Mais adiante, à direita, uma grande encosta das montanhas se sobressaía, escura e negra em meio às sombras, lançando-se para o oeste.

— Para onde vamos agora? — perguntou Frodo. — E aquela abertura do... do Vale Morgul, lá adiante, além daquela massa negra?

— Precisamos pensar nisso já? — disse Sam. — Com certeza não caminharemos mais hoje, enquanto for de dia.

— Talvez não, talvez não — disse Gollum. — Mas devemos partir logo, para a Encruzilhada. É sim, para a Encruzilhada. Ali está o caminho, é sim, Mestre.

O brilho vermelho sobre Mordor se extinguiu. O crepúsculo foi ficando mais profundo enquanto grandes quantidades de vapor subiam no leste e se espalhavam acima deles. Frodo e Sam comeram um pouco e depois se deitaram, mas Gollum estava inquieto.

Não estava disposto a comer da comida deles, mas bebeu um pouco de água e depois se arrastou pelo lugar, sob os arbustos, farejando e resmungando. Então, de repente, desapareceu.

— Foi caçar, suponho eu — disse Sam e bocejou. Era sua vez de dormir primeiro, e logo adormeceu profundamente. Sonhou estar de volta no jardim do Bolsão, procurando algo; mas tinha uma mochila pesada nas costas, que o fazia se abaixar. Tudo parecia cheio de capim e mato áspero. E espinhos e samambaias estavam invadindo os canteiros próximos do pé da cerca-viva.

— Tem muito serviço para mim, estou percebendo; mas estou cansado demais — ficava ele repetindo. De repente se lembrou do que estava procurando. — Meu cachimbo! — disse ele, e com isso acordou.

— Idiota! — disse ele para si mesmo, ao abrir os olhos e perguntando-se por que estava deitado sob a cerca-viva. — Esteve na sua mochila o tempo todo!

— Então percebeu, em primeiro lugar, que seu cachimbo poderia estar na mochila, mas ele não tinha fumo, e depois que estava a centenas de milhas do Bolsão. Sentou-se.

Parecia estar quase escuro. Por que seu mestre havia permitido que continuasse dormindo no turno dele, direto até o anoitecer?

— O senhor não dormiu nem um pouco, Sr. Frodo? — disse ele. — Que horas são?

Parece que está ficando tarde.

— Não, não está — disse Frodo. — Mas o dia está escurecendo en vez de clarear: escurecendo cada vez mais. Pelo que calculo, ainda não é meio-dia, e você só dormiu umas três horas.

— Fico pensando no que estará acontecendo — disse Sam. — Ser uma tempestade se formando? Se for, será a pior que jamais houve. Desejaremos estar num buraco fundo, e não apenas enfiados embaixo de uma cerca-viva. Parou para escutar. — O que é aquilo? Trovões ou tambores, ou o quê?

— Não sei — disse Frodo. — Está assim faz algum tempo. Alguma vezes parece que o chão treme, outras parece o ar pesado latejando em nossos ouvidos.

Sam olhou em volta. — Onde está Gollum? — disse ele. — Ainda nã voltou?

— Não — disse Frodo. — Não houve nenhum sinal ou ruido dele.

— Bem, não posso suportá-lo — disse Sam. — Na verdade, nunc levei alguma coisa numa viagem que sentisse menos pesar em perder no caminho. Mas seria bem ao estilo dele, depois de todas essas milhas, sair e se perder agora, exatamente quando vamos precisar dele — quer dizer, se é que ele algum dia vai ser de alguma utilidade, o que eu duvido.

— Você está esquecendo os Pântanos — disse Frodo. — Espero qu nada lhe tenha acontecido.

— E eu espero que ele não esteja preparando nenhum truque. E de qualquer forma espero que não caia em outras mãos, como se poderia dizer. Porque, se isso acontecer, logo estaremos em apuros.

Nesse momento, um ruído retumbante soou de novo, agora mais alto e profundo. O chão pareceu tremer sob os pés deles. — Acho que já estamos em apuros, de qualquer forma — disse Frodo. — Receio que nossa jornada esteja chegando ao fim.

— Talvez — disse Sam —, mas onde há vida há esperança, como meu Feitor costumava dizer; e necessidade de comida, como ele na maioria das vezes costumava acrescentar. O senhor coma alguma coisa, Sr. Frodo. E depois vá dormir.

A tarde, como Sam supunha chamar-se aquele período, avançava.

Olhando pela cobertura eles conseguiam ver apenas um mundo pardacento, sem sombras, desaparecendo lentamente numa escuridão sem cor e sem forma. Estava abafado mas não quente. Frodo dormiu um sono inquieto, virando-se de um lado para o outro, e algumas vezes murmurando. Duas vezes Sam teve a impressão de que ele estava pronunciando o nome de Gandalf. O tempo parecia se arrastar interminavelmente. De repente Sam ouviu um chiado atrás dele, e lá estava Gollum de quatro, espiando-os com olhos brilhantes.

— Acordem, acordem! Acordem, dorminhocos! — sussurrou ele. — Acordem! Nenhum tempo para perder. Devemos ir, é sim, devemos ir já Nenhum tempo para perder!

Sam o fitou desconfiado: Gollum parecia amedrontado ou excitado.

— Ir já? Qual é o seu joguinho? Ainda não está na hora. Ainda não deve ser nem hora do chá, pelo menos em lugares decentes onde existe hora do chá.

— Idiota! — chiou Gollum. — Não estamos em lugares decentes. O tempo está ficando curto, é sim, passando rápido. Nenhum tempo para perder. Devemos ir. Acorde, Mestre, acorde! — Cutucou Frodo, e este subitamente acordando de seu sono, sentou-se e o segurou pelo braço. Gollum se soltou e recuou.

— Não devem ser tolos — chiou ele. — Devemos ir. Nenhum tempo para perder! — E não conseguiram arrancar mais nada dele. Onde estivera e o que julgava estar acontecendo para ficar com tanta pressa, ele não dizia. Sam estava cheio de profundas suspeitas, e demonstrou isso; mas Frodo não deu sinal do que se passava em sua mente.

Suspirou, pegou a mochila e se preparou para partir e entrar na escuridão sempre crescente.

Muito furtivamente Gollum os conduziu encosta abaixo, mantendo-se sob alguma cobertura sempre que podia, e correndo, quase abaixado até o chão, através de qualquer lugar aberto; mas agora a luz estava tão fraca que mesmo um animal de olhar agudo daquela região erma mal poderia ter visto os hobbits, encapuzados, em suas capas cinzentas, nem tê-los ouvido, caminhando com a cautela das pessoas pequenas. Sem o estalido de um graveto ou o farfalhar de uma folha, eles passaram e desapareceram.

Por cerca de uma hora eles continuaram, em silêncio, em fila indiana, oprimidos pela escuridão e pela quietude absoluta do lugar, quebrada apenas de vez em quando pelo retumbar fraco, que parecia ser de um trovão distante ou de batidas de tambores em alguma concavidade das colinas. Desceram do esconderijo e depois, virando-se para o sul, foram pela trilha mais direta que Gollum pôde encontrar através de uma encosta longa e irregular, que subia em direção às montanhas. De repente, não muito à frente, assomando como uma muralha negra, eles viram um cinturão de árvores. Quando se aproximaram, perceberam que eram de grande porte, muito antigas ao que parecia, e ainda se erguendo altas embora os topos estivessem esqueléticos e quebrados, como se uma tempestade e golpes de raios as tivessem castigado, mas sem conseguir matá-las ou abalar suas raízes insondáveis.

— A Encruzilhada, é sim — sussurrou Gollum, as primeiras palavra ditas desde que haviam deixado o esconderijo. — Devemos ir por ali. — Virando para o leste agora, ele os conduziu encosta acima, e então, de repente, estava diante deles: a Estrada do Sul, desenhando seu caminho ao redor dos sopés externos das montanhas, até mergulhar subitamente no grande circulo de árvores.

— Este é único caminho — sussurrou Gollum. — Nenhum caminho além da estrada.

Nenhum caminho. Devemos ir para a Encruzilhada. Mas s apressem! Façam silêncio!

Tão furtivos como batedores dentro do acampamento inimigo, esgueiraram-se até a estrada e foram ao longo de sua borda oeste sob o barranco pedregoso, cinzentos como as próprias pedras, com os pés leves de gatos caçando. Finalmente alcançaram as árvores, e descobriram que estavam num grande círculo descoberto, que se abria no centro para o céu sombrio; os espaços entre as imensas copas eram como grandes arcos escuros de algum palácio arruinado. Exatamente no centro quatro caminhos se encontravam. Atrás deles estava a estrada que conduzia ao Morannon; à frente a que continuava em sua longa viagem para o sul; à direita a estrada que vinha da antiga Osgiliath, subindo e cruzando, passava para o leste e entrava na escuridão; o quarto caminho, a estrada que deviam tomar.

Parado ali por um momento, cheio de pavor, Frodo percebeu uma luz brilhando; viu-a reluzir no rosto de Sam, ao seu lado. Voltando-se em direção a ela, ele viu, além de um arco de galhos, a estrada para Osgiliath se estendendo quase reta como uma fita esticada, sempre descendo e entrando no oeste.

Lá, distante, além da triste Gondor agora subjugada pela escuridão, o sol estava descendo, encontrando finalmente a orla da grande muralha de nuvens lentas, e caindo num fogo agourento na direção do Mar ainda não poluído. A breve luz bateu num enorme vulto sentado, parado e solene como os grandes reis de pedra dos Argonath. Os anos o haviam corroído, e mãos violentas o tinham mutilado. A cabeça se fora, e em seu lugar estava colocada em arremedo uma pedra redonda e áspera, rudemente pintada por mãos selvagens á semelhança de um rosto sorridente com um grande olho vermelho no meio da testa. Sobre os joelhos e sobre a cadeira imponente, e ao redor de todo o pedestal, havia garranchos ociosos, misturados aos símbolos grosseiros usados pelos vermes que habitavam Mordor.

De repente, capturado pelos raios horizontais do sol, Frodo viu a cabeça do velho rei: rolara e jazia ao lado da estrada. — Olhe, Sam! — disse ele, falando impelido pelo espanto. — Olhe! O rei está coroado outra vez!

Os olhos estavam vazados e a barba esculpida quebrada, mas ao redor da fronte alta e austera havia uma grinalda de ouro e prata. Uma planta rasteira com flores semelhantes a pequenas estrelas brancas se enredara através da fronte, como se em reverência ao rei caído, e nas rachaduras de seu cabelo de pedra reluziam saiões amarelos.

— Eles não podem conquistar para sempre! — disse Frodo. Então, de repente, a breve luz desapareceu. O sol afundou e sumiu e, como quando se apaga uma lamparina, caiu a noite negra.

CAPÍTULO VIII: AS ESCADARIAS DE CIRITH UNGOL

Gollum estava puxando a capa de Frodo e chiando de medo e impaciência.

— Devemos ir — disse ele. — Não podemos ficar aqui. Apressem-se!

Com relutância Frodo deu as costas para o oeste e foi seguindo os passos de seu guia, entrando na escuridão do leste. Deixaram o circulo de árvores e foram ao longo da estrada na direção das montanhas. Essa estrada também continuava reta por um trecho, mas logo começou a desviar para o sul, até passar exatamente embaixo da grande saliência de pedra que tinham visto à distância. Negra e ameaçadora ela se erguia, mais escura que o céu negro que a emoldurava.

Esgueirando-se sob sua sombra, a estrada continuava, e fazendo o contorno projetava -se de novo para o leste, começando a subir vertiginosamente.

Frodo e Sam iam com passadas lentas e os corações pesados incapazes agora de se preocupar muito com o perigo que corriam. A cabeça de Frodo estava pensa, seu fardo o forçava a se curvar outra vez. Logo que a grande Encruzilhada ficou para trás, aquele peso, quase esquecido em Ithilien, começara a aumentar de novo.

Agora, sentindo o caminho se tornar íngreme diante de seus pés, Frodo ergueu os olhos cansados, e então a viu, exatamente da forma que Gollum dissera que veria: a cidade dos Espectros do Anel. Encolheu-se contra o paredão de pedra.

Um vale longo e inclinado, um abismo fundo de sombra, penetrava as montanhas.

Do lado oposto, um pouco para dentro dos braços do vale, altas sobre um assento de pedra nas encostas negras das Ephel Dúath, erguiam-se as muralhas e a torre de Minas Morgul. Tudo era negro à sua volta, a terra e o céu, mas a torre estava iluminada por uma luz. Não pela luz aprisionada do luar, que outrora jorrava através das paredes de mármore de Minas Ithil, a Torre da Lua, bela e radiante na concavidade das colinas. Na realidade, a luz que agora brilhava ali era mais pálida que a lua doentia passando por algum eclipse lento, vacilando e bruxuleando como alguma exalação

repugnante de podridão, uma luz cadavérica, uma luz que nada iluminava.

Nas muralhas e na torre apareciam janelas, como incontáveis buracos negros olhando para dentro na escuridão; mas a parte superior da torre girava lentamente, primeiro para um lado e depois para outro, uma enorme cabeça fantasmagórica dirigindo seu olhar de soslaio para dentro da noite. Por um momento os três companheiros ficaram ali parados, encolhidos, os olhos fixos no alto contra a própria vontade.

Gollum foi o primeiro a se recuperar. Mais uma vez puxou as capas dos hobbits apressando-os. Mas sem dizer nada. Quase os arrastou para a frente. Cada passo era relutante, e o tempo parecia diminuir seu ritmo, de modo que entre o ato de erguer um pé e o de colocá-lo no chão de novo minutos de aversão se passavam.

Assim chegaram lentamente à ponte branca. Ali a estrada, reluzindo desmaiada, passava por sobre o rio em meio ao vale e continuava, subindo em curvas, na direção do portão da cidade: uma boca negra que se abria no círculo exterior das muralhas ao norte.

Amplos planos jaziam nas duas margens, prados sombrios cobertos de pálidas flores brancas. Eram também luminosas, belas e apesar disso tinham formatos horrorosos, como as formas dementes de um sonho ruim; exalavam um fraco odor, sepulcral e nauseabundo; um cheiro podre enchia o ar. De um prado a outro a ponte saltava. Viam-se figuras na cabeceira, esculpidas habilmente e representando formas humanas e animais, mas todas deformadas e abomináveis. A água que corria embaixo era silenciosa, e dela subia um vapor, mas essa névoa, enrolando — Se e girando em volta da ponte, era fria como a morte. Os sentidos de Frodo começaram a vacilar e sua mente escureceu. Então, de repente, como se alguma força estivesse operando contra a sua vontade, começou a correr, cambaleando para a frente, com as mãos estendidas tateando o ar, e a cabeça balançando de um lado para o outro. Gollum e Sam correram atrás dele. Sam amparou o mestre em seus braços, no momento em que ele tropeçou e quase caiu, exatamente no limiar da ponte.

— Não, não por ali! Não, não por ali! — sussurrou Gollum, mas a respiração entre seus dentes pareceu rasgar a quietude pesada como um assobio, e ele se abaixou no chão aterrorizado.

— Pare, Sr. Frodo! — murmurou Sam ao ouvido de Frodo. — Volt Por ali não.

Gollum diz que não, e pela primeira vez concordo com ele.

Frodo passou a mão sobre a fronte e num esforço violento desviou os olhos da cidade sobre a colina. A torre luminosa o fascinava, e ele lutava contra o desejo que sentia de subir pela estrada reluzente na direção do portão.

Finalmente, fazendo um novo esforço, virou as costas, e no momento em que fazia isso sentiu o Anel resistindo ao seu movimento, puxando a corrente em seu pescoço; também os olhos, quando Frodo os desviou, pareceram naquele momento ter sido cegados. A escuridão diante dele era impenetrável.

Gollum, rastejando no chão como um animal amedrontado, já estava desaparecendo no escuro. Sam, apoiando e guiando seu trôpego mestre, foi atrás dele o mais rápido que conseguiu. Não muito longe da margem mais próxima do rio havia um vão na muralha rochosa que ladeava a estrada. Passaram por ele, e Sam percebeu que estavam numa trilha estreita que num primeiro momento reluziu fracamente, como reluzia a estrada principal, até que subindo acima dos prados de flores mortas a trilha desaparecia e ficava escura, subindo em seu traçado tortuoso e entrando nas encostas do lado norte do vale.

Ao longo dessa trilha os hobbits foram se arrastando, lado a lado, incapazes de ver Gollum na sua frente, a não ser quando ele se virava e lhes acenava para que avançassem.

Nesses momentos os olhos brilhavam com uma luz verde-esbranquiçada, refletindo talvez o brilho pernicioso de Morgul, ou iluminados por alguma disposição que reagia dentro dele. Daquele brilho mortal e das órbitas escuras Frodo e Sam estavam sempre conscientes, todo o tempo espiando cheios de temor por sobre os ombros, e sempre se esforçando para recuperar o controle dos próprios olhos para poderem achar a trilha escura. Lentamente avançaram, com esforço. Quando subiram acima do mau cheiro e dos vapores do riacho envenenado, a respiração ficou mais fácil e a cabeça mais lúcida, mas agora sentiam as pernas mortas de cansaço, como se tivessem andado a noite toda carregando um fardo, ou

tivessem nadado muito contra uma maré de águas pesadas.

Finalmente não conseguiam avançar m ais sem uma pausa.

Frodo parou e sentou-se numa pedra. Tinham agora escalado até c topo de uma grande corcova de rocha nua. A frente deles havia um fossc na encosta do vale, e em volta da cabeceira dele a trilha continuava, apenas uma saliência ampla com um abismo à direita; através da íngreme face sul da montanha ela subia, até desaparecer no alto do negrume.

— Preciso descansar um pouco, Sam — sussurrou Frodo. — Est pesado para mim, Sam, meu rapaz. Fico pensando quanto tempc conseguirei carregá-lo. De qualquer forma, preciso descansar antes que nos aventuremos por ali — disse ele, apontando para o caminho estreito a frente.

— Pssiu! Pssiu! — chiou Gollum correndo na direção deles. — Pssiu — Tinha os dedos nos lábios e balançava a cabeça insistentemente.

Puxando a manga de Frodo, apontou na direção da trilha, mas Frod nem se mexeu.

— Ainda não — disse ele —, ainda não. — O cansaço e algo mais que o cansaço o oprimiam. Parecia que um encantamento pesado tinha sidc lançado sobre sua mente e seu corpo. — Preciso descansar — murmurou ele.

Ao ouvir isso, o medo e a agitação de Gollum cresceram tanto que ele falou de novo, chiando e cobrindo a boca com a mão, como se quisesse impedir que o som chegasse até ouvintes invisíveis no ar. — Não, aqui não. Não descansar aqui. Tolos! Olhos podem nos ver. Quando vierem até ponte vão nos ver. Vamos! Subam, subam! Venham!

— Venha, Sr. Frodo — disse Sam. — Ele está certo outra vez. Nã podemos ficar aqui.

— Está certo — disse Frodo com uma voz remota, como a de alguém que fala semiadormecido.

— Vou tentar. — Mesmo exausto, pôs-se de pé.

Mas era tarde demais. Naquele momento a rocha se agitou e tremeu embaixo deles.

O grande ruído retumbante, mais alto d o que nunca, reboou sob c chão e ecoou nas montanhas. Então, com uma rapidez estonteante, surgiu um grande clarão vermelho. De trás das montanhas orientais ele saltou nc

céu e tingiu de escarlate as nuvens baixas.

Naquele vale de sombra e de luz fria e mortal parecia insuportavelmente violento e cruel.

Picos de rocha e montanhas, como espadas chanfradas, surgiram negros e assustados contra a chama crescente de Gorgoroth. Então ouviu-se um enorme estrondo de trovão.

E Minas Morgul respondeu. Houve um clarão de relâmpagos lívidos garfos de fogo azul saltando da torre e das colinas ao redor para dentro das nuvens sombrias. A terra rosnou e da cidade veio um grito. Misturado a vozes roucas como as das aves de rapina, e ao relinchar agudo de cavalos alucinados de raiva e medo, veio um guincho dilacerante, que foi rapidamente aumentando num tom agudo, ultrapassando o alcance da audição. Os hobbits se viraram na direção dele, e se jogaram ao chão, com as mãos nos ouvidos.

Quando o terrível grito acabou, morrendo num longo gemido repugnante e depois silenciando, Frodo lentamente levantou a cabeça.

Cortando o vale estreito, agora quase ao nível de seus olhos, as muralhas da cidade maligna se erguiam, e seu portão cavernoso, na forma de uma boca aberta com dentes reluzentes, abriu-se ainda mais. E através do portão avançou um exército.

Toda aquela tropa vestia fardas pretas, escuras como a noite.

Contra as muralhas descoradas e o pavimento luminoso da estrada Frodo podia vê-los, pequenas figuras negras em inúmeras fileiras, marchando rápida e silenciosamente, passando para o lado de fora numa correnteza infinita. Diante deles um grande grupo de cavaleiros avançando como sombras ordenadas, e na frente destes vinha um, maior que todos os outros: um Cavaleiro, todo negro, a não ser por sua cabeça encapuzada que tinha um elmo semelhante a uma corôa, que faiscava com uma luz perigosa. Agora estava se aproximando da ponte, e os olhos atentos de Frodo o seguiam, incapazes de piscar ou desviar-se. Seria ele o Senhor dos Nove Cavaleiros, que retornara à terra para conduzir sua horrenda tropa à batalha? Sim, sem dúvida ali estava o rei desfigurado cuja mão fria apunhalara o Portador do Anel com sua faca mortal. O antigo ferimento latejou de dor e um grande arrepio se espalhou na direção do coração de

Frodo.

No momento em que esses pensamentos o enchiam de medo e c mantinham preso, como se sob o efeito de algum tipo de encantamento, o Cavaleiro de repente parou, bem em frente à entrada da ponte, e atrás dele toda a tropa ficou imóvel.

Houve uma pausa, um silêncio total. Talvez fosse o Anel chamando o Senhor dos Espectros, e por um momento ele ficou perturbado, sentind algum outro poder dentro de seu vale. Para um e outro lado sua cabeça voltou-se, coberta pelo elmo e coroada de terror, esquadrinhando as sombras com olhos invisíveis. Frodo esperou, como um pássaro sentindo a aproximação de uma cobra, incapaz de se mexer. E enquanto esperava sentiu, mais insistente que nunca, a ordem para que colocasse o Anel. Mas embora a pressão fosse grande, Frodo não se sentia inclinado a ceder a ela. Sabia que o Anel só iria traí-lo, e que não tinha, mesmo que o colocasse poder para enfrentar o Rei de Morgul — ainda não.

Não havia mais qualquer resposta àquela ordem em sua própria vontade, embora estivesse enfraquecida pelo medo, e Frodo sentia apenas os golpes de um grande poder que vinha de fora. Essa força externa tomou sua mão, e enquanto Frodo observava com sua mente, não deliberadamente mas em estado de expectativa (como se estivesse assistindo a alguma distante história antiga), moveu a mão centímetro por centímetro na direção da corrente em seu pescoço. Então sua própria vontade se agitou; lentamente forçou a mão de volta e a pôs à busca de alguma outra coisa, uma coisa escondida perto de seu peito. Parecia fria e dura quando a mão se fechou em volta dela: o frasco de Galadriel, há tanto tempo guardado, e quase esquecido até aquele momento. Quando o tocou, por uns momentos todo c pensamento do Anel foi banido de sua mente. Suspirou e abaixou a cabeça.

Nessa hora o Rei dos Espectros se virou, cravou as esporas no lomb do cavalo e começou a atravessar a ponte, e toda a sua tropa escura o seguiu. Talvez os capuzes élficos tivessem desafiado seu olhar, e a mente de seu pequeno inimigo, fortalecida, tivesse desviado seu pensamento. Mas ele estava com pressa. A hora já tinha soado, e ao comando de seu grande Mestre ele devia marchar levando a guerra para o oeste.

Logo desapareceu, como uma sombra entrando na sombra, descend

a estrada tortuosa, e atrás dele ainda as fileiras negras atravessavam a ponte. Um exército tão grande nunca saíra daquele vale desde os dias do poder de Isildur; nenhuma tropa tão desumana e forte em armas houvera investidc contra os vaus do Anduin; apesar disso, era apenas uma, e não a maior tropa que Mordor podia enviar.

Frodo se mexeu. E de repente seu coração buscou Faramir. "A tempestade finalmente irrompeu", pensou ele. "Esse grande conjunto de lanças e espadas está indo para Osgiliath. Poderá Faramir chegar a tempo' Ele supunha, mas será que realmente sabia a hora? E quem poderá protege os vaus quando o Rei dos Nove Cavaleiros chegar? E outros exércitos virão Estou atrasado demais. Tudo está perdido. Hesitei no caminho. Tudo est perdido. Mesmo que consiga cumprir minha missão, ninguém jamais saberá. Não haverá ninguém a quem eu possa contar. Terá sido em vão."

Tomado de fraqueza, Frodo chorou. E a tropa de Morgul aind atravessava a ponte.

Então, a uma grande distância, como se saísse de lembranças dc Condado, nalguma tenra manhã ensolarada, quando o dia chegava e as portas estavam se abrindo, Frodo ouviu a voz de Sam falando.

— Acorde, Sr. Frodo! Acorde! — Se a voz tivesse acrescentado: "Se desjejum está pronto", ele mal se teria surpreendido.

Certamente Sam tinha pressa.

— Acorde, Sr. Frodo! Eles se foram — disse ele.

Houve um clangor surdo. Os portões de Minas Morgul tinham s fechado. A última fileira de lanças desaparecera pela estrada. A torre ainda arreganhava os dentes através do vale, mas a sua luz estava sumindo. Toda a cidade voltava a mergulhar numa sombra escura e sinistra, e no silêncio. Mesmo assim, ainda havia muita vigilância.

— Acorde, Sr. Frodo! Eles se foram, e é melhor irmos também. Aind há alguma coisa viva naquele lugar, alguma coisa com olhos, ou uma mente que vê, se o senhor me entende; e quanto mais ficarmos parados em um ponto, mais depressa vão nos encontrar. Vamos, Sr. Frodo!

Frodo levantou a cabeça, e então se pôs de pé. O desespero não c abandonara, mas a fraqueza tinha passado. Ele até ensaiou um sorriso sério, sentindo agora claramente o contrário do que sentira no momento anterior,

que devia fazer o que precisava ser feito, se pudesse, e que não vinha ao caso se Faramir ou Aragorn ou Elrond ou Galadriel ou Gandalf, ou qualque outra pessoa, saberiam ou não disso. Pegou seu cajado em uma mão e c frasco na outra. Quando viu que a luz clara já começava a verter através de seus dedos, colocou-o junto ao peito e o apertou contra o coração. Depois, dando as costas à cidade de Morgul, agora não mais que um brilho cinzentc através do fosso escuro, ele se preparou para tomar a estrada que subia.

Gollum, ao que parecia, tinha fugido ao longo da borda para dentrc da escuridão mais além, quando os portões de Minas Morgul se abriram deixando os hobbits onde estavam. Agora voltava rastejando, com os dentes tiritando e os dedos estalando.

— Tolos! Idiotas! — chiou ele. — Apressem-se! Não devem pensa que o perigo passou. Não passou. Apressem-se!

Eles não responderam, mas o seguiram pela borda ascendente.

Nenhum dos dois gostou muito daquilo, mesmo depois de terem enfrentado tantos outros perigos; mas não durou muito. Logo a trilha atingiu um canto arredondado, onde a encosta da montanha se projetava outra vez, e ali de repente entrava por uma abertura estreita na rocha. Tinham chegado á primeira escada sobre a qual Gollum havia falado. A escuridão era quase completa, e não conseguiam ver nada além do alcance das mãos; mas os olhos de Gollum brilhavam claros, alguns metros acima, quando se voltavam para eles.

— Cuidado! — sussurrou ele. — Degraus. Um monte de degraus Devem ter cuidado!

Certamente era preciso cautela. Frodo e Sam num primeiro moment se sentiram mais tranquilos, tendo agora uma parede de cada lado, mas a escadaria era quase tão íngreme quanto uma escada de mão, e conforme iam subindo ficavam mais conscientes do grande abismo negro atrás deles. E os degraus eram estreitos, com espaços irregulares, e frequentemente traiçoeiros: estavam gastos e lisos nas bordas, alguns estavam quebrados, e outros se rachavam no momento em que eram pisados.

Os hobbits iam subindo com esforço, até que no fim já se agarravam com dedos desesperados aos degraus à frente, forçando os joelhos doloridos a se dobrarem e depois se esticarem; e, enquanto a escada cortava seu

caminho cada vez mais fundo dentro da montanha íngreme, as paredes rochosas se erguiam cada vez mais altas sobre suas cabeças.

Depois de muito tempo, exatamente na hora em que sentiam que não poderiam aguentar mais, viram os olhos de Gollum voltando-se para eles.

— Subimos — sussurrou ele. — A primeira escada já passou. Hobbit espertos, que sobem tão alto, hobbits muito espertos. Apenas mais alguns degraus e tudo estará terminado, é sim.

Zonzos e muito cansados, Sam, e Frodo atrás dele, arrastaram-se pelo último degrau, depois sentaram-se massageando as pernas e os joelhos. Estavam num corredor escuro e profundo que parecia ainda subir diante deles, embora com uma inclinação mais suave e sem degraus. Gollum não permitiu que descansassem por muito tempo.

— Ainda há outra escada — disse ele. — Escada muito mais comprida. Descansem quando chegarmos no topo da próxima escada. Ainda não!

Sam resmungou. — Você disse mais comprida? — perguntou ele.

— Sim, ssim, mais comprida — disse Gollum. — Mas não tão difícil Os hobbits subiram a Escada Reta. Em seguida vem a Escada Tortuosa.

— E o que vem depois disso? — disse Sam.

— Veremos — disse Gollum baixinho. — É sim, veremos!

— Pensei que você tinha dito que havia um túnel – disse Sam. — Não há um túnel ou alguma coisa para se atravessar?

— Ah, sim, há um túnel — disse Gollum. — Mas os hobbits podem descansar antes de tentarmos isso. Se o atravessarem, estaremos quase no topo. Quase, quase, se eles atravessarem, é sim!

Frodo estremeceu. A subida o fizera suar, mas agora ele sentia seu corpo frio e pegajoso, e havia uma corrente de ar gelado no corredor escuro, soprando das alturas invisíveis. Levantou-se e mexeu o corpo.

— Bem, vamos continuar! — disse ele. — Isto aqui não é lugar para se ficar sentado.

O corredor parecia continuar por milhas, e sempre o ar gelado soprava sobre eles, transformando-se, enquanto os três continuavam, num vento cortante. As montanhas pareciam estar tentando, com seu hálito mortal, intimidá-los, afastá-los dos segredos dos lugares altos, ou varrê-los

para dentro da escuridão deixada para trás. Eles só perceberam que tinham chegado ao fim quando de repente deixaram de sentir a parede à sua direita.

Não conseguiam enxergar quase nada.

Grandes massas negras e disformes, sombras profundas e cinzentas assomavam acima e ao redor deles, mas de vez em quando uma opaca luz vermelha piscava lá no alto, sob as nuvens carrancudas, e por um momento eles puderam divisar picos altos, à frente e dos dois lados, como pilares sustentando um vasto teto propenso a ceder.

Parecia que tinham escalado centenas de metros, chegando a um amplo patamar.

Havia um penhasco à esquerda e uma fenda à direita.

Gollum foi na frente, mantendo-se próximo ao penhasco. Já não estavam mais subindo, mas o chão agora estava mais irregular e perigoso no escuro, e havia blocos e pedaços de pedra caídos no caminho. Avançavam lenta e cuidadosamente. Quantas horas haviam se passado desde a entrada no Vale Morgul Frodo e Sam já não conseguiam mais calcular. A noite parecia interminável.

Finalmente perceberam mais uma vez uma parede assomando, e outra vez uma escadaria se abriu diante deles. Pararam de novo, e mais uma vez começaram a subir.

Era uma escalada longa e cansativa; mas esta escadaria não afundava na encosta da montanha. Aqui a enorme face do penhasco inclinava-se para trás e a trilha, como uma cobra, ziguezagueava encosta acima. Em um ponto ela se aproximava da borda da fenda escura, e Frodo, olhando para baixo, viu, como um vasto poço profundo, o grande abismo na cabeceira do Vale Morgul. Em suas profundezas brilhava, como um fio de vaga-lumes, a estrada dos espectros que ia da Cidade Morta para a Passagem Inominada. Rapidamente voltou-se para o outro lado.

Sempre subindo, a escadaria fazia curvas e avançava, até que finalmente, num último lance, curto e reto, atingia de novo um outro nível. A trilha desviara da passagem principal no grande desfiladeiro, e agora seguia seu próprio curso perigoso, no fundo de uma fenda menor em meio às regiões mais altas das Ephel Dúath.

Os hobbits podiam vagamente discernir altos pilares e pináculos pontudos de pedra dos dois lados, entre os quais havia grandes rachaduras e fendas, mais negras que a noite, onde invernos esquecidos tinham corroído e esculpido a rocha esquecida pelo sol. E agora a luz vermelha no céu parecia mais forte; embora não pudessem saber se uma manhã terrível realmente estava chegando àquele lugar de sombra, ou se estavam vendo apenas a chama de alguma grande violência de Sauron no tormento de Gorgoroth mais além. Ainda muito à frente e ainda muito acima Frodo, erguendo os olhos, viu o que supôs ser exatamente o coroamento daquela triste estrada. Contra a vermelhidão sombria do céu do leste, uma fenda se desenhava na borda mais alta, estreita, profunda, entre duas saliências negras; e em cada saliência havia um chifre de pedra.

Parou e olhou com mais atenção. O chifre à esquerda era esguio e alto, e nele queimava uma luz vermelha, ou então a luz vermelha da terra mais além estava brilhando através de um buraco. Agora ele via: era uma torre negra que se erguia acima da passagem extrema. Frodo tocou o braço de Sam e apontou.

— Não gosto nada daquilo! — disse Sam. — Então esta sua passagem secreta afinal de contas está sendo vigiada — rosnou ele, virando-se para Gollum.

— Como você já sabia, o tempo todo, eu suponho?

— Todos os caminhos são vigiados, é sim — disse Gollum. — Claro que são. Mas os hobbits precisam tentar algum caminho. Este pode ser menos vigiado. Talvez eles tenham todos ido embora, para a grande batalha, talvez!

— Talvez! — grunhiu Sam. — Bem, parece que ainda temos muito chão pela frente, e ainda temos de subir muito antes de chegarmos lá. E ainda há o túnel. Acho que o senhor devia descansar agora, Sr. Frodo. Não sei que horas são do dia ou da noite, mas estamos caminhando há muitas e muitas horas.

— Sim, precisamos descansar — disse Frodo. — Vamos achar algum canto protegido do vento, e reunir nossas forças — para a etapa final. — Era isso o que ele sentia. Os terrores da terra além, e o feito a ser realizado lá, pareciam ainda remotos, remotos demais para se preocupar. Toda a sua

mente estava concentrada em atravessar ou livrar-se daquela parede e daquela guarda impenetráveis. Se uma vez conseguisse realizar aquela coisa impossível, então de alguma forma a missão seria cumprida, ou assim lhe parecia naquela hora escura de cansaço, ainda lutando nas sombras rochosas sob Cirith Ungol.

Numa fenda escura entre dois pilares de pedra eles se sentaram: Frodo e Sam na parte interna, e Gollum agachado no chão perto d. abertura. Ali os hobbits fizeram o que imaginavam ser sua última refeiçãc antes de descer à Terra Inominada, talvez a última que fariam juntos. Comeram um pouco da comida de Gondor, e pedaços do pão-deviagem do elfos, e beberam. Mas estavam racionando a água e beberam apenas c suficiente para molhar as bocas secas.

— Pergunto-me quando encontraremos água de novo – disse Sam. — Mas suponho que mesmo lá eles bebam. Os orcs bebem, não bebem?

— Sim, eles bebem — disse Frodo. — Mas não vamos falar nissc Aquela bebida não é para nós.

— Então é maior ainda a necessidade de enchermos nossas garrafas — disse Sam. — Mas não há água aqui em cima: não ouvi nenhum ruido ou borbulho. E de qualquer forma Faramir nos disse que não bebêssemos água nenhuma em Morgul.

— Nenhuma água que venha de Imlad Morgul, foram suas palavra — disse Frodo. — Não estamos naquele vale agora, e, se encontrássemos uma nascente, ela estaria correndo para ele, e não dele.

— Eu não confiaria nisso — disse Sam —, não até estar morrendo de sede. Há uma sensação maligna neste lugar. — Sam farejou. — E um cheirc eu acho.

O senhor está percebendo? Um tipo estranho de cheiro, abafado. Não gosto dele.

— Não gosto de nada por aqui — disse Frodo —, pedra ou poço, água ou osso. Terra, ar e água, tudo parece amaldiçoado. Mas nessa direção vai nossa trilha.

— É, é isso mesmo — disse Sam. — E de modo algum estaríamos aqu se estivéssemos mais bem informados antes de partir. Mas suponho que seja sempre assim.

Os feitos corajosos das velhas canções e histórias, Sr. Frodo: aventuras, como eu as costumava chamar. Costumava pensar que eram coisas à procura das quais as pessoas maravilhosas das histórias saiam, porque as queriam, porque eram excitantes e a vida era um pouco enfadonha, um tipo de esporte, como se poderia dizer. Mas não foi assim com as histórias que realmente importaram, ou aquelas que ficam na memória. As pessoas parecem ter sido simplesmente embarcadas nelas, geralmente — seus caminhos apontavam naquela direção, como se diz. Mas acho que eles tiveram um monte de oportunidades, como nós, de dar as costas, apenas não o fizeram. E, se tivessem feito, não saberíamos, porque eles seriam esquecidos. Ouvimos sobre aqueles que simplesmente continuaram — nem todos para chegar a um final feliz, veja bem; pelo menos não para chegar àquilo que as pessoas dentro de uma história, e não fora dela, chamam de final feliz. O senhor sabe, voltar para casa, descobrir que as coisas estão muito bem, embora não sejam exatamente iguais ao que eram — como aconteceu com o velho Sr. Bilbo. Mas essas não são sempre as melhores histórias de se escutar, embora possam ser as melhores histórias para se embarcar nelas! Em que tipo de história teremos caído?

— Também fico pensando — disse Frodo. — Mas não sei. E é assim que acontece com uma história de verdade. Pegue qualquer uma de que você goste. Você pode saber, ou supor, que tipo de história é, com final triste ou final feliz, mas as pessoas que fazem parte dela não sabem. E você não quer que elas saibam.

— Não, senhor, claro que não. Veja o caso de Beren: ele nunca pensou que ia pegar aquela Silmaril da Corôa de Ferro em Thangorodrim. E apesar disso ele conseguiu, e aquele lugar era pior e o perigo era mais negro que o nosso. Mas é uma longa história, é claro, e passa da alegria para a tristeza e além dela — e a Silmaril foi adiante e chegou a Eärendil. E veja senhor, eu nunca tinha pensado nisso antes! Nós temos — o senhor tem um pouco da luz dele naquela estrela de cristal que a Senhora lhe deu! Veja só, pensando assim, estamos ainda na mesma história! Ela está continuando. Será que as grandes histórias nunca terminam?

— Não, nunca terminam como histórias — disse Frodo. — Mas as pessoas nelas vêm e vão quando seu papel termina. Nosso papel vai

terminar mais tarde — ou mais cedo.

— E então poderemos descansar e dormir um pouco – disse Sam Sorriu de um modo sombrio. — E quero dizer exatamente isso, Sr. Frodo Quero dizer um simples descanso comum, e sono, e acordar para uma manhã de trabalho no jardim. Receio que isso seja tudo que estou esperando todo o tempo. Todos os grandes planos importantes não são para pessoas como eu. Mesmo assim, fico imaginando se seremos colocados em canções e histórias. Estamos numa, é claro; mas quero dizer: transformados em palavras, o senhor sabe, contadas perto da lareira, ou lidas de grandes livros com letras pretas e vermelhas, anos e anos depois. E as pessoas vão dizer: "Vamos escutar sobre Frodo e o Anel!" E eles vão dizer: "Sim, essa é uma d minhas histórias favoritas. Frodo foi muito corajoso, não foi, papai?" Sim meu filho, o mais famoso dos hobbits, e isso significa muito."

— Significa muito demais — disse Frodo e riu, um riso longo e claro que vinha do fundo de seu coração. Um som assim não se ouvia naquelas partes desde que Sauron chegara à Terra-média. Sam de repente teve a impressão de que todas as pedras estavam escutando e todas as rochas se debruçavam sobre eles. Mas Frodo não deu atenção a elas e riu de novo. — Olhe, Sam, ouvir você me faz rir como se a história já estivesse escrita. Ma você deixou de fora um dos principais personagens Samwise, o bravo. "Quero ouvir mais sobre Sam, papai. Por que ele não falou mais coisas papai? É disso que eu gosto. Acho engraçado. E Frodo não teria ido muito longe sem Sam, teria, papai?"

— Ora, Sr. Frodo — disse Sam —, o senhor não devia caçoar. E estava falando sério.

— Eu também estava — disse Frodo. — Eu também estou. Estamo indo meio rápido demais. Você e eu, Sam, ainda estamos enfiados nos piores lugares da história, e é bem provável que alguns digam neste ponto: "Feche o livro, papai, não queremos ler mais nada."

— Pode ser — disse Sam —: mas eu não diria isso. Coisas feitas e terminadas, que já fazem parte das grandes histórias, são diferentes. Veja bem, até Gollum poderia ser bom numa história, melhor do que tê-lo ao seu lado, de qualquer forma. E houve um tempo em que ele mesmo gostava de histórias, por conta própria. Será que ele se considera o herói ou o vilão?

— Gollum! — chamou ele — Você gostaria de ser o herói ora, onde ele se meteu de novo?

Não havia sinal de Gollum na abertura do patamar onde estavam nem nas sombras ao redor. Recusara a comida deles, embora tivesse aceitado, como de costume, um gole de água; depois aparentemente se aconchegara para dormir. Os hobbits tinham suposto que pelo menos um de seus objetivos durante sua longa ausência do dia anterior fora procurar comida que lhe apetecesse, e agora ele evidentemente fugira de novo, enquanto os dois conversaram. Mas para quê, desta vez?

— Não gosto que ele desapareça sem avisar — disse Sam. — Muito menos agora. Não pode estar procurando comida aqui em cima, a não ser que haja algum tipo de rocha que lhe apeteça. Por aqui não existe nem um pouquinho de musgo!

— Não adianta nos preocuparmos com ele agora – disse Frodo. — Não teríamos ido longe, nem teríamos chegado a ver a passagem, sem ele, e por isso vamos ter de aturar o jeito dele. E, se ele é falso, então é falso.

— Mesmo assim, preferia tê-lo diante de meus olhos – disse Sam. — Ainda mais se ele for falso. O senhor se recorda de que ele nunca disse se a passagem era ou não vigiada? E agora vemos uma torre lá — que pode estar abandonada, e pode não estar. O senhor acha que ele foi buscá-los, orcs ou o que quer que sejam?

— Não, acho que não — respondeu Frodo. — Mesmo que esteja se ocupando com alguma maldade, não acho que seja isso: não buscando orcs, ou qualquer servidor do Inimigo. Por que teria esperado até agora, e passado por todo o trabalho da subida, e chegado tão perto do lugar que teme? Provavelmente poderia ter-nos entregado aos orcs muitas vezes desde que o encontramos. Não, se houver alguma coisa, será algum pequeno truque particular e próprio, que ele considera muito secreto.

— Bem, acho que o senhor tem razão, Sr . Frodo — disse Sam.

— Não que isso me console muito. E eu não me engano: não duvido que ele me entregaria aos orcs com a mesma satisfação com a qual estenderia a mão para que fosse beijada. Mas eu estava esquecendo o Precioso. Não creio que todo o tempo foi O Precioso para o pobre Sméagol. Essa é a única ideia em todos os pequenos planos dele, se é que ele tem algum. Mas como

nos trazer aqui vai ajudá-lo nesses planos é mais do que posso adivinhar.

— Muito provavelmente nem mesmo ele pode adivinhar — disse Frodo.

— E não acho que ele tenha apenas um plano definido naquela cabeça confusa.

Acho que realmente, em parte, ele está tentando salvar seu Precioso do Inimigo, enquanto puder. Pois seria o desastre final para ele também, se o Inimigo o conseguisse. E por outro lado, talvez, ele esteja apenas ganhando tempo e aguardando uma oportunidade.

— É, Caviloso e Fedegoso, como eu já disse – continuou Sam. — Ma quanto mais chegarem perto da terra do Inimigo, mais parecido com Fedegoso Caviloso ficará. Guarde minhas palavras: se conseguirmos chega até a passagem, ele realmente não vai permitir que levemos a coisa preciosa através da fronteira sem arranjar algum tipo de problema.

— Ainda não chegamos lá — disse Frodo.

— Não, mas é melhor ficarmos de olhos abertos até chegarmos. Se formos pegos cochilando, Fedegoso vai dar a volta por cima bem rápido. Mesmo assim seria seguro o senhor dar uma dormidinha agora, mestre. Seguro, se se deitar perto de mim. Ficaria muito satisfeito em vê-lo dormindo. Eu ficaria vigiando; e de qualquer forma, se o senhor se deitar perto, com meu braço em volta de seu corpo, ninguém poderia tocá-lo sem que o seu Sam ficasse sabendo.

— Dormir! — disse Frodo e suspirou, como se num deserto tivesse avistado uma miragem de frescor verde. — Sim, até mesmo aqui eu conseguiria dormir.

— Então durma, mestre! Deite sua cabeça em meu colo.

E assim Gollum os encontrou horas mais tarde, quando retornou arrastando-se pela trilha, saindo da escuridão adiante. Sam estava sentado, recostado na pedra, a cabeça caindo de lado e com a respiração pesada. Em seu colo a cabeça de Frodo, imersa num sono profundo; sobre sua fronte branca descansava uma das mãos morenas de Sam, e a outra pousava suavemente sobre o peito de seu mestre. Havia paz no rosto dos dois.

Gollum olhou para eles. Uma expressão estranha passou por seu rosto magro e faminto. Apagou-se o brilho de seus olhos, que ficaram opacos e

cinzentos, velhos e cansados. Um espasmo de dor pareceu contorcer seu corpo, e ele se virou, olhando para trás na direção da passagem, balançando a cabeça, como se empenhado em alguma discussão interior. Depois voltou, e lentamente, estendendo uma mão trêmula, com todo o cuidado tocou o joelho de Frodo — mas o toque foi quase uma carícia. Por um momento fugaz, se os que dormiam pudessem tê-lo visto, pensariam que estavam observando um velho hobbit cansado, encolhido pelos anos que o tinham carregado para longe de seu tempo, para longe dos amigos e parentes, e dos campos e riachos da juventude, um ser velho e faminto merecedor de compaixão.

Mas àquele toque Frodo se mexeu e chamou baixinho em seu sono, e imediatamente Sam despertou completamente. A primeira coisa que viu foi Gollum — "passando as patas no mestre", como pensou.

— Ei, você! — disse ele num modo áspero. — Que está fazendo?

— Nada, nada — disse Gollum baixinho. — Mestre bonzinho!

— Sem dúvida — disse Sam. Mas onde você esteve — safando-se sorrateiramente e voltando do mesmo jeito, seu velho vilão?

Gollum se retirou, e um brilho verde faiscou sob suas pálpebras pesadas. Agora quase parecia uma aranha, agachado sobre as pernas dobradas, com seus olhos protuberantes. O momento fugaz passara e não poderia mais ser relembrado.

— Safando-me, safando-me! — chiou ele. — Os hobbits são sempre tão educados, é sim. O hobbits bonzinhos! Sméagol os traz por caminhos secretos que ninguém mais poderia encontrar. Está cansado, está com sede, é sim, com sede; e ele os leva e procura trilhas, e então eles dizem safado, safado. Amigos muito bonzinhos, é sim, meu precioso, muito bonzinhos.

Sam sentiu um pouco de remorso, embora não sentisse mais confiança.

— Sinto muito — disse ele. — Sinto muito, mas você me assustou e me acordou de meu sono. E eu não deveria estar dormindo, e isso me fez ser um pouco rude. Mas o Sr. Frodo está muito cansado, e eu pedi que ele tirasse um cochilo; e, bem, foi isso que aconteceu. Sinto muito. Mas onde você esteve?

— Safei-me sorrateiramente — disse Gollum, e o brilho verde não

abandonava seus olhos.

— Oh, muito bem — disse Sam —, diga como quiser! Não acho que está muito longe da verdade. E agora é melhor todos nós começarmos a nos safar sorrateiramente juntos. Que horas são? É hoje ou amanhã?

— É amanhã — disse Gollum —, ou era amanhã quando os hobbits foram dormir. Muito tolos, muito perigoso — se o pobre Sméagol não estivesse por aí, vigiando sorrateiramente.

— Acho que logo vamos enjoar dessa palavra — disse Sam. — Ma não se incomode, eu vou acordar o mestre. — Suavemente afastou o cabelo da fronte de Frodo, e curvando-se falou-lhe baixinho.

— Acorde, Sr. Frodo! Acorde!

Frodo se mexeu, abriu os olhos e sorriu, vendo o rosto de Sam debruçado sobre o dele.

— Está me chamando cedo, não é, Sam? — disse ele. — Ainda est escuro!

— Sim, está sempre escuro aqui — disse Sam. — Mas Gollum voltou Sr. Frodo, e diz que já é amanhã. Então devemos ir andando. O inicio do fim.

Frodo respirou fundo e se sentou.

— O inicio do fim! — disse ele. — Olá, Sméagol! Achou algum comida? Você descansou?

— Sem comida, sem descanso, nada para Sméagol — disse Gollum. — Ele é um safado.

Sam estalou a língua, mas se conteve.

— Não dê nomes a si mesmo, Sméagol — disse Frodo. — Não é um atitude inteligente, sejam eles verdadeiros ou falsos.

— Sméagol precisa aceitar o que lhe é dado — respondeu Gollum. — Quem lhe deu esse nome foi o gentil Mestre Samwise, o hobbit que é tão inteligente.

Frodo olhou para Sam.

— Sim, senhor — disse ele. — Eu usei essa palavra, quando acorde de meu sono de repente e tudo o mais, e o encontrei por perto. Eu disse que estava arrependido, mas logo não vou estar mais.

— Vamos lá, deixem isso de lado então — disse Frodo. — Mas agora parece que chegamos ao ponto, você e eu, Sméagol. Diga-me. Agora nó

podemos achar o caminho sozinhos? Estamos vendo a passagem, uma entrada, e, se pudermos encontrá-la agora, então acho que nosso acordo pode terminar aqui. Você fez o que prometeu, e está livre: livre para procurar comida e descanso, aonde quer que deseje ir, exceto para os servidores do Inimigo. E um dia poderei recompensá-lo, eu ou aqueles que se lembrarem de mim.

— Não, não, ainda não — choramingou Gollum. — Oh, não! Eles nã podem encontrar o caminho sozinhos, podem? Não, de jeito nenhum. C túnel está se aproximando.

Sméagol precisa continuar. Sem comida. Sem descanso. Pc enquanto.

CAPÍTULO IX: A TOCA DE LARACNA

Podia realmente ser dia agora, como dizia Gollum, mas os hobbits quase não notavam diferença alguma, a não ser talvez pelo céu, que estava um pouco menos escuro, parecendo um grande teto de fumaça, enquanto em vez da escuridão da noite profunda, que ainda perdurava em fendas e buracos, uma sombra cinzenta e indistinta cobria o mundo rochoso ao redor deles. Foram adiante, Gollum na frente e os hobbits agora lado a lado subindo o longo desfiladeiro entre pilares e colunas de rocha dilacerada e gasta, que se erguiam como imensas estátuas disformes dos dois lados. Não se ouvia som algum.

Um pouco à frente, talvez uma milha ou mais, havia uma grande muralha, uma última massa de rocha que se arremessava para o alto.

Cada vez mais escura assomava, elevando-se gradativamente conforme iam se aproximando, até subir muito além das cabeças deles, barrando a visão de tudo o que ficava além. Uma sombra profunda jazia aos seus pés. Sam farejou o ar.

— Ugh! Aquele cheiro! — disse ele. — Está ficando cada vez mais forte. De repente estavam sob a sombra, e ali no meio dela viram a abertura de uma caverna.

— A entrada é por ali — disse Gollum baixinho. — Esta é a entrada do túnel. — Não disse o nome: Torech Ungol, Toca de Laracna. Dele vinha um fedor, não o cheiro repugnante de podridão dos prados de Morgul, mas um odor nauseabundo, como se uma imundície inominável estivesse empilhada e guardada na escuridão lá dentro.

— É o único caminho, Sméagol? — perguntou Frodo.

— É, sim — respondeu ele. — Sim, devemos ir por aqui agora.

— Você está querendo dizer que já atravessou este buraco? — disse Sam.

— Arre! Mas talvez você não se incomode com cheiros ruins.

Os olhos de Gollum cintilaram. — Ele não sabe com o que nós se incomoda, não é, precioso? Não, ele não sabe. Mas Sméagol pode aturar coisas. Sim, ele atravessou. É sim, atravessou exatamente por ali. É o único caminho.

— E o que produz esse cheiro, eu gostaria de saber – disse Sam. — Parece... bem, não gostaria de dizer. Algum buraco abominável de orcs, eu garanto, com uns cem anos da sujeira deles lá dentro.

— Bem — disse Frodo. — Com ou sem orcs, se for o único caminho devemos tomá-lo.

Respiraram fundo e entraram. Alguns passos e já estavam num a escuridão total e impenetrável. Só nos corredores sem luz de Moria Frodo e Sam não tinham visto escuridão semelhante, e se possível aqui ela era mais profunda e mais densa. Lá havia ares circulando, e ecos, e uma sensação de espaço. Onde estavam agora o ar era parado, estagnado, pesado, e o silêncio era total.

Caminhavam por assim dizer num vapor negro, composto da própria escuridão em si mesma que, quando era inalada, trazia cegueira não apenas para os olhos, mas também para a mente, de modo que até a lembrança de cores e formas e de qualquer luz se apagavam do pensamento.

A noite sempre existira, e sempre existiria, e a noite era tudo.

Mas por um tempo eles ainda conservaram o tato, e na verdade a sensibilidade de seus pés e mãos pareceu a princípio se aguçar quase dolorosamente. As paredes eram, para a surpresa deles, lisas; o chão, com a exceção de um ou outro degrau que surgia de vez em quando, era reto e regular, sempre subindo com a mesma inclinação acentuada. O túnel era alto e amplo, tão amplo que, embora os hobbits caminhassem lado a lado, apenas tocando as paredes laterais com os braços abertos, estavam separados, isolados na escuridão.

Gollum tinha entrado primeiro, e parecia estar apenas alguns passos à frente.

Enquanto ainda conseguiam dar atenção a coisas desse tipo, os hobbits ouviam sua respiração chiada e ofegante bem na frente deles. Mas depois de um tempo seus sentidos ficaram menos aguçados, o tato e a audição pareciam estar adormecendo, e eles continuavam, tateando, caminhando, sempre em frente, principalmente pela força de vontade com a qual tinham entrado, vontade de atravessar e desejo de chegar finalmente ao alto portão que ficava mais além.

Ainda não tinham avançado muito, talvez, mas a noção de tempo e

distância logo havia desaparecido de sua mente; Sam, à direita, tateando a parede, percebeu a presença de uma abertura lateral: por um momento detectou um sopro fraco de algum ar menos pesado, que logo ficou para trás.

— Há mais de um corredor aqui — sussurrou ele com um esforço: parecia difícil fazer com que sua respiração produzisse algum ruido. — É o lugar mais parecido com moradias de orcs que poderia existir!

Depois disso, primeiro ele à direita, e depois Frodo à esquerda passaram por três ou quatro dessas aberturas, algumas mais largas, outras menores; mas por enquanto não havia dúvidas quanto ao caminho principal, pois era reto, e não fazia curvas, e ainda continuava subindo sempre. Mas qual seria seu comprimento, e quanto mais daquilo teriam de aturar, ou conseguiriam aturar? O ar ficava cada vez mais irrespirável conforme subiam, e agora eles tinham frequentemente a sensação de estarem, naquela escuridão cega, experimentando alguma resistência mais espessa que o ar pestilento. Enquanto se lançavam à frente, sentiam coisas roçarem contra suas cabeças, ou suas mãos, longos tentáculos, ou plantas penduradas talvez: não conseguiam saber o que eram. E o fedor ainda aumentava. Aumentou até quase ficarem com a impressão de que o olfato era o único sentido que lhes restava, e isso para o tormento deles. Uma hora, duas horas, três horas: quantas se tinham passado naquele buraco sem luz? Horas, dias, talvez semanas.

Sam se afastou da lateral do túnel e se achegou na direção de Frodo, e as mãos deles se encontraram e se apertaram, e desse modo, juntos, eles continuaram sempre em frente.

Finalmente Frodo, tateando ao longo da parede á esquerda, descobriu de repente uma lacuna. Quase caiu de lado, dentro do vazio. Ali havia alguma abertura na rocha muito maior do que qualquer outra pela qual tinham passado; e dela vinha um cheiro tão nauseabundo, e uma sensação tão intensa de maldade à espreita, que Frodo cambaleou.

Naquele momento 8am também perdeu o equilíbrio e caiu para a frente.

Lutando ao mesmo tempo contra a ânsia de vômito e o medo, Frodc agarrou a mão de Sam. — Levante-se! — disse ele numa respiração rouca e

surda. — Tudo vem daqui, o fedor e o perigo. Vamos embora! Rápido!

Reunindo a força e a resolução que lhe restavam, colocou Sam de pé e forçou as próprias pernas a se moverem. Sam tropeçava ao lado dele.

Um passo, dois passos, três passos — finalmente seis passos. Talvez tivessem passado a terrível abertura invisível, mas, fosse ou não por isso, de repente os movimentos ficaram mais fáceis, como se alguma vontade má os tivesse libertado por um tempo.

Avançaram com muito esforço, ainda de mãos dadas.

Mas quase imediatamente encontraram uma nova dificuldade. O túnel se bifurcava, ou assim parecia, e no escuro não conseguiam saber qual era o caminho mais largo, ou qual deles ficava mais próximo do caminho direto. Qual deveriam tomar, o da direita ou o da esquerda? Não sabiam de nada que pudesse guiá-los, e no entanto uma escolha errada certamente seria fatal.

— Por qual caminho Gollum foi? — perguntou Sam ofegante. — E por que não esperou?

— Sméagol! — disse Frodo, tentando chamá-lo. — Sméagol! — ma sua voz era um grasnido, e o nome morreu quase no mesmo momento em que deixou seus lábios.

Não houve resposta, nem um eco, nem mesmo um tremor no ar.

— Acho que desta vez ele realmente se foi — murmurou Sam. — Acho que sua intenção era nos trazer exatamente para este lugar. Gollum Se algum dia conseguir colocar-lhe as mãos em cima, ele vai se arrepender disso.

De repente, tateando e apalpando no escuro, perceberam que a abertura à esquerda estava bloqueada: ou não tinha saída, ou alguma grande pedra caíra na passagem.

— Este não pode ser o caminho — sussurrou Frodo.

— Certo ou errado, devemos tomar o outro.

— E logo! — ofegou Sam. — Há alguma coisa pior que Gollum pc aqui. Posso sentir algo nos observando.

Não tinham avançado mais que alguns metros quando ouviram um som que se aproximava por trás, assustador e horrível no silêncio pesado, abafado, um som gorgolejante, borbulhante, e um chiado longo e venenoso.

Viraram-se, mas não conseguiram ver nada. Ficaram parados como pedras, observando, esperando, sem saber o que.

— É uma armadilha! — disse Sam, colocando a mão sobre o punho de sua espada; e no momento em que fez isso, pensou na escuridão do túmulo de onde ela vinha.

"Gostaria que o velho Tom estivesse por perto agora!", pensou ele.

Depois, parado, com a escuridão ao redor e um negrume de desespero e raiva em seu coração, teve a impressão de ver uma luz: uma luz em sua mente, quase insuportavelmente clara no início, como um raio de sol para os olhos de alguém há muito tempo escondido numa caverna sem janelas. Depois a luz ficou colorida. Verde, dourada, prateada, branca. Distante, como se estivesse num pequeno quadro desenhado por dedos élficos, Sam viu a Senhora Galadriel, em pé sobre a relva de Lórien, e havia presentes nas mãos dela. E para você, portador do Anel, ele a ouviu dizer numa voz remota mas clara, para você eu preparei isto.

O chiado borbulhante se aproximou e ouviu-se um rangido, como se uma grande criatura com muitas juntas estivesse se movendo deliberadamente devagar no escuro. Um cheiro pestilento a precedia. — Mestre, mestre! — gritou Sam, o tom vivo e insistente voltando à sua voz. — o presente da Senhora! A estrela de cristal!

Uma luz para o senhor em lugares escuros, foi o que ela disse que seria. A estrela de cristal!

— A estrela de cristal? — murmurou Frodo, como alguém que responde enquanto dorme, quase sem entender. — Oh, sim! Por que a esqueci? Uma luz para quando todas as outras luzes se apagarem! Realmente agora só a luz pode nos ajudar.

Lentamente aproximou a mão do peito, e devagar ergueu o Frasco de Galadriel.

Por um momento ele tremeluziu, fraco como uma estrela que sobe, lutando contra as pesadas névoas caindo sobre a terra, e então, à medida que seu poder crescia e aumentava a esperança no coração de Frodo, começou a queimar e se acendeu numa chama de prata, um coração diminuto de luz ofuscante, como se o próprio Eärendil tivesse descido dos altos caminhos do pôr-do-sol com a última Silmaril em sua fronte.

A escuridão se afastou do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco.

Frodo fitou assombrado aquele presente maravilhoso que havia carregado por tanto tempo, sem imaginar todo o seu valor e potência.

Raras vezes se lembrara dele na estrada, até que chegaram ao Vale Morgul, e nunca o usara por medo de sua luz reveladora.

— Aiya Eãrendil Elenion Ancalima! — gritou ele, sem saber o que tinha dito, pois parecia que outra voz falara através da sua, límpida, não molestada pelo ar pestilento da caverna.Mas há outros poderes na Terra-média, forças da noite, que são antigas e poderosas. E Aquela que andava na escuridão ouvira os elfos gritando aquele grito antigamente, nas profundezas do tempo, e não dera importância a ele, que também não a amedrontava agora. No momento em que Frodo falou, sentiu uma grande força maligna pesar sobre si, e um olhar mortal examinando a sua pessoa. Não muito distante no túnel, entre eles e a abertura onde tinham cambaleado e tropeçado, ele percebeu olhos ficando cada vez mais visíveis, dois grandes aglomerados de olhos com muitas janelas — a ameaça que se aproximava finalmente se desmascarou. A radiação da estrela de cristal se partiu naqueles milhares de facetas e foi lançada de volta, mas atrás do clarão um fogo pálido e mortal começou a brilhar fixo lá dentro, uma chama acesa em alguma escura caverna de pensamento maligno. Eram olhos monstruosos e abomináveis, bestiais e ao mesmo tempo cheios de propósito e de um prazer horrendo, exultando sobre suas vítimas, presas e sem qualquer esperança de escaparem.

Frodo e Sam, tomados de terror, começaram a recuar devagar, a própria vista presa do olhar terrível daqueles maléficos olhos; mas, conforme recuavam, os olhos avançavam. A mão de Frodo vacilou e lentamente o Frasco foi descendo. Então, de repente, libertados do fascínio que os prendia a fim de que pudessem correr um pouco em pânico inútil, para o divertimento dos olhos, os dois se viraram e correram juntos; mas no momento em que arrancaram Frodo se virou e viu aterrorizado que imediatamente os olhos começaram a persegui-los aos saltos. O odor de morte era como uma nuvem ao seu redor.

— Pare! Pare! — gritou ele desesperado. — Não adianta correr.

Lentamente os olhos se aproximaram.

— Galadriel! — chamou ele, e criando coragem ergueu o Frasco mais uma vez. Os olhos pararam. Por um momento a expressão neles se abrandou, como se alguma sombra de dúvida os afligisse. Então o coração de Frodo ferveu dentro dele, e, sem pensar no que estava fazendo, se era loucura ou desespero ou coragem, ele pegou o Frasco com a mão esquerda, e com a direita puxou sua espada. Ferroada reluziu, e a afiada lâmina élfica faiscou na luz prateada, mas nas bordas adejava um fogo azul. Então, erguendo a estrela e brandindo a espada, Frodo, hobbit do Condado, deu passos firmes em direção aos olhos.

Os olhos vacilaram. Iam-se enchendo de dúvidas conforme a luz se aproximava.

Um a um foram escurecendo, e devagar recuaram. Nenhum clarão tão mortal jamais os afligira antes. Do sol, da lua e das estrelas eles tinham estado a salvo no subterrâneo, mas agora uma estrela penetrara o próprio coração da terra. A luz ainda se aproximava, e os olhos começavam a enfraquecer.

Um a um todos se apagaram; viraram-se e um grande corpo, além do alcance da luz, içou sua enorme sombra no espaço escuro. Desapareceram.

— Mestre, mestre! — gritou Sam. Estava logo atrás, com sua espada em punho e preparada. — Estrelas e glória! Mas os elfos fariam uma canção sobre isso, se viessem a saber o que aconteceu aqui! E que eu possa viver para contar — lhes e escutá-los cantar.

Mas não avance mais, mestre. Não desça naquele fosso. Agora é nossa única oportunidade. Vamos sair deste buraco imundo!

E assim viraram-se mais uma vez, primeiro andando, depois correndo; pois conforme avançavam o chão da caverna começou a subir vertiginosamente, e a cada passo eles ficavam mais acima dos fedores da toca invisível, e a força retomou aos corações e às pernas. Mas ainda o ódio da Vigia espreitava atrás deles, cego talvez por um período, mas não derrotado, ainda determinado a matar. E agora um sopro de ar veio ao encontro deles, frio e leve. A abertura, o fim do túnel, finalmente estava ali. Ofegantes, ansiando por um lugar descoberto, os hobbits se jogaram para a

frente; então, surpresos, cambalearam e caíram para trás.

A saída estava bloqueada por algum tipo de barreira, que não era feita de pedra: parecia macia e um pouco elástica, e ao mesmo tempo forte e impenetrável; o ar passava por ela, mas não se via qualquer sinal de luz. Mais uma vez avançaram e foram arremessados para trás.

Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.

Cruzando a extensão horizontal e vertical do túnel, uma grande teia fora tecida, metodicamente como a teia de uma enorme aranha, mas com uma textura mais densa e muito maior, e cada fio era grosso como uma corda.

Sam riu de modo sinistro. — Teias de aranha! — disse ele. — Isso é tudo? Mas que aranha! Vamos a elas, acabemos com elas!

Num acesso de fúria, golpeou as teias com sua espada, mas o fio atingido não se quebrou. Cedeu um pouco e depois saltou de volta como a corda esticada de um arco, desviando a lâmina e empurrando para o alto tanto a espada quanto o braço. Três vezes Sam golpeou com toda a sua força, e finalmente uma única entre as inúmeras cordas se partiu e se torceu, enrolando-se e chicoteando o ar.

Uma extremidade açoitou a mão de Sam, que gritou de dor, recuando e levando a mão à boca.

— Vai levar dias até que consigamos abrir caminho desse jeito — disse ele. — Que devemos fazer? Aqueles olhos retornaram?

— Não que eu tenha visto — disse Frodo. — Mas ainda sinto que estão me observando, ou pensando em mim: fazendo algum outro plano, talvez. Se essa luz diminuísse, ou se falhasse, logo eles voltariam.

— Sem saída, no fim! — disse Sam num tom amargo, com o ódio subindo de novo acima do cansaço e do desespero. — Moscas numa teia. Que a praga de Faramir pegue aquele Gollum, e pegue depressa!

— Isso não nos ajudaria em nada — disse Frodo. — Venha! Vamos ver o que Ferroada pode fazer. É uma lâmina élfica. Havia teias de horror nos abismos escuros de Beleriand onde foi forjada. Mas você deve ser o vigia

e afastar os olhos. Aqui, pegue a estrela de cristal. Não tenha medo. Segur bem alto e fique atento!

Então Frodo se aproximou da grande teia cinzenta, e a atacou con um grande golpe de espada, forçando a borda afiada através de uma rede de cordas firmemente tecida, e imediatamente saltou para trás. Com seu brilho azulado a lâmina cortou os fios como uma foice corta a grama, e eles recuaram e se retorceram, e depois ficaram soltos.

Um grande rasgo fora feito.

Golpe a golpe foi trabalhando, até que finalmente toda a teia ao seu alcance estava despedaçada, e a parte superior ficou esvoaçando e balançando no vento que entrava. A armadilha estava desfeita.

— Venha! — gritou Frodo. — Vamos! Vamos! — De súbito sua mente se encheu de uma alegria alucinada por terem conseguido escapar exatamente na beira do desespero.

A cabeça do hobbit girava como se estivesse sob o efeito de um vinho possante.

Deu um salto, e gritou conforme saltava.

Aquele lugar escuro parecia claro para seus olhos, que tinham passado pelo fosso da noite. A grande concentração de fumaça tinha subido e ficado mais tênue, e as últimas horas de um dia sombrio estavam terminando; o brilho vermelho de Mordor tinha se extinguido numa escuridão melancólica. Mas Frodo tinha a impressão de estar olhando para uma manhã de súbita esperança. Tinha quase atingido o topo da muralha. Só tinha de subir mais um pouco. A Fenda, Cirith Ungol, estava diante dele um desfiladeiro escuro na cordilheira negra, e os chifres de pedra escurecendo no céu dos dois lados. Uma pequena corrida, uma corrida de curta distância, e ele teria atravessado!

— A passagem, Sam — gritou ele, sem dar atenção ao tom agudo de sua voz, que, liberta dos ares sufocantes do túnel, agora ecoava alta e forte. — A passagem! Corra, corra, e conseguiremos passar — passar antes que alguém possa nos impedir!

Sam veio atrás com a maior velocidade que conseguiu imprimir às suas pernas; mas mesmo estando alegre por estar livre, sentia-se inquieto, e, enquanto corria, repetidas vezes olhava para trás, na direção do arco escuro

do túnel, temendo ver olhos, ou algum vulto além de sua imaginação, saltarem em perseguição.

Sam e seu mestre sabiam muito pouco sobre a astúcia de Laracna. El tinha muitas saídas de sua toca.

Ali morara por muitas eras um ser mau na forma de uma aranha, semelhante àqueles que tinham outrora vivido na Terra dos elfos no oeste, que jaz agora sob o Mar, semelhante àqueles contra os quais Beren lutara na Montanhas de Terror em Doriath, e assim encontrou Lúthien sobre a verd relva em meio às cicutas sob o luar, há muito tempo. Como Laracna chegar ali, fugindo da ruína, ninguém sabe, pois dos Anos Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e ante da primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de sombra; pois todos os seres vivos eram sua comida, e seu vômito a escuridão. Por toda a volta suas crias menores, bastardos dos companheiros miseráveis, seus próprios filhos que ela matava, espalharam-se de vale em vale, das Ephel Dúath até a colinas do leste, até Doí Guldur e as fortalezas da Floresta das Trevas. Ma nenhuma se comparava a ela, Laracna, a Grande, última filha de Ungolian a importunar o mundo infeliz.

Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buraco escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a escuridão de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida.

Mas a ganância dela não era a dele. Ela pouco sabia e não se preocupava com torres ou anéis ou qualquer coisa criada por mentes ou mãos, ela que só desejava a morte para todos os outros, mentes e corpos, e para si mesma uma fartação de vida, solitária, inchada até que as montanhas não mais conseguissem abrigá-la, até que a escuridão não a pudesse conter.

Mas esse desejo estava muito distante, e havia muito tempo ela estava faminta, espreitando no seu covil, enquanto o poder de Sauron crescia, e a luz e os seres vivos abandonavam suas fronteiras, e a cidade no

vale ficou morta, e nenhum elfo ou homem se aproximava, apenas os infelizes orcs. Comida ruim e arisca. Mas ela precisava comer, e, por mais que se empenhassem em cavar novos caminhos sinuosos que vinham da passagem e de sua torre, ela sempre achava um modo de enganá-los.

Mas ela desejava carne mais tenra. E Gollum lhe trouxera.

— Veremos, veremos — ele sempre dizia a si mesmo, quando a disposição maligna o atacava, quando andava nas estradas perigosas que vinham das Emyn Muil para o vale Morgul — vamos ver. Pode muito ber ser, sim, pode muito bem ser que, quando Ela jogar fora os ossos e as vestes vazias, nós possamos encontrá-lo, e vamos pegá-lo, o Precioso, uma recompensa para o pobre Sméagol, que traz comida boazinha. E vamos salvar o Precioso, como prometemos. É sim. E, quando o tivermos a salvo então Ela vai ficar sabendo, é sim, e então vamos dar-lhe o troco, meu precioso. Então vamos dar o troco a todo o mundo! Assim pensava num canto escondido de sua mente, que ele ainda tinha esperança de esconder dela, mesmo quando viera até ela de novo e lhe fizera uma grande reverência, enquanto seus companheiros dormiam.

Quanto a Sauron, ele sabia onde ela estava entocada. Prezava a idei de tê-la morando lá, faminta mas não diminuída em malícia, uma sentinela mais eficiente daquela passagem antiga para suas terras que qualquer outra que seu talento poderia ter criado. E os orcs eram escravos úteis, mas ele os tinha em abundância. Se de vez em quando Laracna capturasse algum para amenizar seu apetite, era bem-vinda: Sauron podia dispor deles. E algumas vezes, como um homem pode jogar uma guloseima para sua gata (chama-a de minha gata, mas ela não é dele), Sauron costumava enviar-lhe prisioneiros para os quais não tinha melhores usos: ordenava que fossem conduzidos até a toca, e que lhe fossem trazidos relatórios das brincadeiras que ela aprontava.

Assim viviam ambos, deliciando-se com as próprias tramóias, sem temer ataque ou ira ou o fim de suas maldades. Nunca jamais qualquer mosca escapara das teias de Laracna, e sua fome e sua ira estavam agora maiores do que nunca.

Mas o pobre Sam nada sabia desse mal preparado para eles, a não ser por um medo que crescia dentro dele, uma ameaça que não conseguia ver, e

que se transformou num peso tão grande que ele tinha dificuldades para correr, e seus pés pareciam de chumbo.

O terror estava ao seu redor, e havia inimigos diante dele na passagem, e seu mestre estava numa disposição desvairada, correndo descuidadamente na direção deles.

Desviando os olhos da sombra atrás, e da profunda escuridão abaixo do penhasco à esquerda, Sam olhou para a frente, e viu duas coisas que aumentaram seu desânimo.

Viu que a espada que Frodo ainda segurava nas mãos estava emitindo uma chama azul, e viu que, embora o céu atrás dele agora estivesse escuro, ainda a janela na torre emanava um brilho vermelho.

— Orcs! — murmurou ele. — Nunca vamos conseguir deste jeito. Há orcs à solta, e coisas piores que orcs. — Então, voltando rapidamente ao seu antigo hábito de agir em segredo, fechou a mão em volta do precioso Frasco, que ainda carregava. Por um momento sua mão brilhou com seu próprio sangue vivo, e então ele colocou a luz reveladora num bolso junto ao peito e cobriu-se com a capa élfica. Tentava agora apressar o passo. Seu mestre estava se distanciando dele; já estava uns vinte passos adiante, deslizando como uma sombra; logo se perderia de vista naquele mundo cinzento.

Sam mal tinha escondido a luz da estrela de cristal quando ela veio. Um pouco à frente e à esquerda ele a viu, saindo de um buraco negro de sombra sob o penhasco, a forma mais odiosa que ele jamais vira, horrível além do horror de um pesadelo. Era muito semelhante a uma aranha, mas maior que as grandes feras caçadoras, e mais terrível que elas por causa do propósito maligno em seus olhos sem remorso. Os mesmos olhos que ele pensava estarem derrotados e vencidos acendiam-se outra vez numa luz cruel, agrupados em sua cabeça protuberante. Tinha grandes chifres, e atrás de seu curto pescoço em forma de haste estava um enorme corpo inchado, um vasto saco intumescido, balançando e caído por entre as pernas o tronco era preto, manchado com marcas lívidas, mas a barriga embaixo era clara e luminosa, exalando um cheiro ruim. As pernas eram curvas, com grandes juntas nodosas bem acima de suas costas, e tinha pêlos espetados como espinhos de aço, e na extremidade de cada perna havia uma garra.

Assim que, apertando o corpo mole e pesado e dobrando as pernas,

ela saiu pela abertura superior de sua toca, moveu-se a uma terrível velocidade, ora correndo sobre suas pernas rangentes, ora dando um salto repentino. Estava entre Sam e seu mestre. Ou não estava enxergando Sam ou o evitava naquele momento por ser ele o portador da luz, e fixava toda a sua atenção em uma presa, em Frodo, privado de seu Frasco, correndo descuidadamente pela trilha, inconsciente ainda do perigo que o ameaçava. Ele corria rápido, mas Laracna era mais rápida; em alguns saltos poderia capturá-lo.

Sam respirou fundo e reuniu todo o fôlego que lhe restava para gritar.

— Cuidado atrás! — berrou ele. — Cuidado, mestre! Eu... — mas de repente seu grito foi emudecido.

Uma longa mão pegajosa cobriu-lhe a boca e uma outra o pegou pelo pescoço, enquanto alguma coisa se enrolava em torno de sua perna. Pego de surpresa, ele tombou para trás e caiu nos braços de quem o atacara.

— Pegamos ele! — chiou Gollum ao seu ouvido. — Finalmente, meu precioso, nós pegamos ele, é sim, o hobbit malvado. Nós fica com este. Ela fica com o outro. E sim, Laracna vai pegar ele, não Sméagol: ele prometeu não vai machucar o Mestre de jeito nenhum. Mas ele pegou você, seu nojento, malvado, hobbitzinho ssafado!

— Gollum cuspiu no pescoço de Sam.

A fúria diante da traição e o desespero em ser detido quando seu mestre corria um perigo mortal deram a Sam uma repentina violência e uma força que estava além de qualquer coisa que Gollum tinha esperado daquele hobbit que considerava parvo e estúpido. Nem mesmo o próprio Gollum poderia ter-se virado com maior rapidez ou força. A mão que cobria a boca de Sam escorregou, e Sam se abaixou e se jogou para a frente de novo tentando se livrar da outra mão que lhe agarrava o pescoço. A mão direita ainda segurava a espada, e no braço esquerdo, pendurado pela correia, estava o cajado de Faramir.

Desesperadamente tentou se virar e apunhalar o inimigo. Mas Gollum foi rápido demais. Arremessou seu comprido braço direito, e agarrou o pulso de Sam: os dedos eram como um torno; lenta e inexoravelmente ele puxou a mão para baixo e para a frente, até que com um grito de dor Sam soltou a espada, que caiu no chão; e todo o tempo a outra mão de Gollum

estava apertando o pescoço de Sam.

Então Sam tentou seu último truque. Com toda a forç desvencilhou-se e firmou bem os pés; então, de repente, dobrou as pernas contra o chão e com toda a força que tinha jogou-se para trás.

Sem esperar nem mesmo esse simples truque de Sam, Gollun desequilibrou-se e foi ao chão com Sam em cima dele, recebendo o peso dc robusto hobbit em seu estômago.

Soltou um chiado agudo, e por um segundo a mão soltou a garganta de Sam; mas seus dedos ainda agarravam a mão da espada. Sam se jogou para a frente e para o lado e ficou de pé, e então rapidamente rodopiou à direita, em torno do pulso que Gollum segurava. Pegando o cajado com a mão esquerda, Sam o ergueu e o fez descer assobiando e estalando sobre c braço esticado de Gollum, logo abaixo do cotovelo.

Com um grito Gollum soltou o braço de Sam, que então fez seu serviço; sem perder tempo mudando o cajado da mão esquerda para a direita, deu um outro golpe forte.

Rápido como uma cobra, Gollum deslizou para o lado, e o golpe destinado à cabeça atingiu-o nas costas. O cajado rachou e se partiu.

Isso foi o suficiente para ele. Agarrar por trás era um velho jogo seu no qual ele raramente falhava. Mas dessa vez, iludido pelo ódio, cometera c erro de falar e se gabar antes de ter as duas mãos sobre o pescoço de sua vitima. Tudo dera errado com seu belo plano, desde que aquela luz horrível tinha tão inesperadamente aparecido na escuridão.

Agora estava cara a cara com um inimigo furioso, quase do seu tamanho.

Essa luta não era para ele. Sam pegou a espada do chão e a ergueu Gollum soltou um grito agudo, pulou para o lado e, ficando de quatro, fugiu num grande pulo, como uma rã. Antes que Sam pudesse agarrá-lo, já estava longe, correndo numa velocidade assustadora na direção do túnel.

Com a espada na mão, Sam correu atrás dele. Naquele momento se esquecera de tudo a não ser da louca fúria em sua mente e do desejo de matar Gollum. Mas, antes que pudesse alcançá-lo, Gollum se fora. Então quando o buraco escuro apareceu-lhe à frente e o fedor veio em sua direção, como o explodir de um trovão o pensamento de Frodo e do monstro abateu-

se sobre a mente de Sam. Deu um giro e correu alucinadamente pela trilha chamando e chamando o nome de seu mestre. Era tarde demais. Até ali, c plano de Gollum dera certo.

CAPÍTULO X: AS ESCOLHAS DE MESTRE SAMWISE

Frodo jazia no chão com o rosto para cima e aquela criatura monstruosa se debruçava sobre ele, tão concentrada em sua vítima que não se deu conta de Sam e de seus gritos até que ele estivesse bem próximo. Quando Sam veio correndo na direção deles, viu que Frodo já estava preso por cordas passadas em torno de seu corpo, dos tornozelos até os ombros, e Laracna, com suas grandes patas dianteiras, começava a erguê-lo e arrastá-lo dali.

Perto de Frodo jazia, luzindo no chão, a espada élfica, no local onde caíra inútil de sua mão. Sam não parou para pensar no que se deveria fazer, se estava sendo corajoso ou leal, ou se estava possesso de raiva. Deu um salto à frente e gritou, agarrando a espada de seu mestre com a mão esquerda.

Então avançou. Nunca se vira um ataque tão violento no mundo selvagem dos animais, no qual uma pequena criatura, armada apenas com minúsculos dentes, é capaz de saltar sobre uma torre de chifres e carapaça que pisa sobre seu companheiro caído.

Perturbada, como se tivesse sido despertada de algum sonho de volúpia pelo pequeno grito do hobbit, lentamente voltou a malícia apavorante de seu olhar na direção dele. Mas quase antes de ela perceber que avançava sobre ela uma fúria maior do que qualquer outra provada em anos incontáveis, a espada brilhante golpeou sua pata e decepou a garra. Sam saltou para dentro dos arcos de suas pernas, e com um rápido impulso de sua outra mão desferiu um golpe contra o aglomerado de olhos na cabeça abaixada. Um grande olho escureceu.

Agora a infeliz criatura estava bem debaixo dela, no momento longe do alcance de seu ferrão e suas garras. Sua vasta barriga estava sobre Sam com sua luz pútrida, e o mau cheiro que vinha dela quase o derrubou. Mas ainda lhe restava fúria para mais um golpe, e antes que ela pudesse cair com o corpo sobre ele, sufocando-o com toda a sua pequena coragem atrevida, ele, num esforço desesperado, rasgou-lhe um talho no corpo com a reluzente espada élfica.

Mas Laracna não era como os dragões, e não tinha nenhum outro ponto frágil a não ser os olhos. Calombosa, esburacada e corrompida era a

sua carapaça antiga como a eternidade, mas sua espessura era sempre alimentada de dentro para fora, formando camada sobre camada de excrescência maligna. A lâmina fez um talho horroroso, mas aquelas dobras hediondas não podiam ser perfuradas pela força humana, nem mesmo se elfos ou anões forjassem o aço, nem se a mão de Beren ou de Túrin o brandissem. Ela recuou quando golpeada, e então ergueu a enorme bolsa de sua barriga bem acima da cabeça de Sam. O veneno espumava e borbulhava do ferimento. Abrindo agora as pernas, ela fez seu enorme peso cair sobre ele outra vez. Cedo demais.

Pois Sam ainda estava de pé e, deixando cair sua própria espada segurou com as duas mãos a espada élfica com a ponta para cima, afastando aquele teto horrível; e assim Laracna, com o impulso de sua própria disposição maligna, num esforço maior que o da mão de qualquer guerreiro, jogou-se sobre um cravo cruel. A espada foi penetrando cada vez mais fundo, enquanto Sam era lentamente prensado contra o chão.

Laracna jamais conhecera tal aflição, nem sonhara conhecer, em todo o seu vasto mundo de maldades. Nem o soldado mais valente da antiga Gondor, nem o orc mais selvagem preso numa armadilha, jamais lhe tinham resistido daquela maneira, ou enfiado uma lâmina em sua amada carne. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Erguendo-se de novo, num repelão violento devido à dor, encolheu sob o corpo as pernas contorcidas e pulou para trás num salto convulsivo.

Sam caíra de joelhos ao lado da cabeça de Frodo, os sentidos confusos devido ao terrível fedor, as duas mãos ainda agarrando o punho da espada. Apesar da névoa diante de seus olhos, ele percebia vagamente o rosto de Frodo, e tenazmente lutava para se controlar e se libertar do desfalecimento que o ameaçava. Lentamente ergueu a cabeça e a viu, apenas a alguns passos de distância, fitando-o, a boca emporcalhada por um cuspe venenoso, e um líquido esverdeado escorrendo de seu olho ferido. Estava agachada, com a barriga trêmula estatelada sobre o chão, os grandes arcos das pernas tremendo, enquanto reunia forças para um outro salto — desta vez para esmagar e ferroar até a morte: nada de pequenas picadas venenosas para acalmar a luta de sua comida; desta vez para matar e depois estraçalhar.

No momento em que o próprio Sam se agachava, olhando para ela enxergando sua morte naqueles olhos, um pensamento lhe ocorreu, como se alguma voz remota lhe tivesse falado, e ele tateou o peito com a mão esquerda e encontrou o que procurava: frio, duro e sólido pareceu-lhe ao tato, naquele mundo fantasmagórico de horror, o Frasco de Galadriel.

— Galadriel! — disse ele numa voz sumida, e então ouviu vozes distantes mas nítidas: o clamor dos elfos andando sob as estrelas nas amadas sombras do Condado, e a música dos elfos como lhe chegara em sonhos no Salão de Fogo da casa de Elrond.

Então sua língua se soltou e sua voz gritou numa língua desconhecida:

Gilthoniel! A Elbereth!
A Elbereth Gilthoniel
o menel palan-diriel,
le nallon si di'nguruthos!
A tiro nin, Fanuilos!

Com isso levantou-se cambaleando e outra vez era Samwise, o hobbit, filho de Hamfast.

— Agora venha, sua nojenta! — gritou ele. — Você machucou meu mestre, sua bruta, e vai pagar por isso. Nós vamos seguir em frente, mas primeiro vamos acertar as contas com você. Venha, e experimente isso de novo!

Como se o espírito indomável do hobbit tivesse colocado sua força em ação, o cristal se acendeu de repente como uma tocha branca em sua mão. Queimava como uma estrela que, saltando do firmamento, corta o ar escuro com uma luz intolerável. Nenhum terror igual vindo do céu jamais queimara no rosto de Laracna antes. Os raios daquela luz penetraram sua cabeça machucada e a cortaram com uma dor insuportável, e a terrível infecção de luz se espalhou de um olho para outro. Ela caiu para trás, golpeando o ar com as patas dianteiras, sua visão fulminada por relâmpagos internos, sua mente agonizando.

Então, virando sua cabeça mutilada, rolou no chão e começou a se arrastar, garra após garra, na direção da abertura no penhasco escuro lá atrás.

Sam avançou. Cambaleava como um bêbado, mas avançou. E Laracna finalmente recuou, encolhida e derrotada, tentando aos trancos e barrancos correr dele. Atingiu o buraco e, passando apertada, deixou um rastro de muco verde-amarelado e esgueirou-se para dentro, no momento em que Sam desfechava um último golpe em suas pernas rastejantes. Depois ele caiu no chão.

Laracna se fora, e se porventura permaneceu por muito tempo em sua toca, cuidando de sua malícia e miséria, e em lentos anos de escuridão se curou de dentro para fora, reconstruindo o aglomerado de olhos, até poder, com fome mortal, armar mais uma vez suas horripilantes ciladas nas fendas das Montanhas da Sombra, esta história não conta.

Sam foi deixado em paz. Exausto, enquanto a noite da Terra Inominada caía sobre o lugar da batalha, arrastou-se de volta ao seu mestre.

— Mestre, querido mestre — disse ele, mas Frodo não dizia nada.

Assim que ele saíra correndo, ávido, alegre por se ver livre, Laracna se aproximara por trás, com uma velocidade espantosa, e com um golpe certeiro lhe ferroara o pescoço.

Agora ele jazia pálido, imóvel e sem nada ouvir.

— Mestre, querido mestre! — disse Sam, e esperou durante um longo silêncio, escutando em vão.

Então, o mais rápido possível, cortou as cordas que o prendiam e pousou a cabeça sobre o peito de Frodo e aproximou-a de sua boca, mas não percebeu qualquer sopro de vida, nem sentiu a mais leve palpitação em seu coração. Várias vezes esfregou as mãos do mestre, e tocou sua testa, mas seu corpo estava todo frio.

— Frodo, Sr. Frodo! — chamou ele. — Não me deixe aqui sozinho! É seu Sam que está chamando. Não vá para onde eu não possa segui-lo Acorde, Sr. Frodo! Oh, acorde, Frodo, meu querido, meu querido. Acorde!

Então uma onda de ódio tomou conta dele, que se pôs a correr em volta do corpo de seu mestre, furioso, apunhalando o ar, golpeando as pedras e gritando desafios.

De repente voltou a si, e curvando-se olhou para o rosto de Frodo pálido, estendido sobre o chão no crepúsculo. E subitamente percebeu que estava no quadro que lhe fora revelado no espelho de Galadriel, em Lórien

Frodo com o rosto pálido, jazendo num sono profundo sob um grande penhasco escuro. Ou essa foi a impressão que tivera na ocasião.

— Está morto! — disse ele. — Não está dormindo, está morto! — E quando disse isso, como se as palavras tivessem colocado o veneno em ação outra vez, teve a impressão de que o rosto de Frodo ficou ainda mais lívido.

Então um desespero negro se abateu sobre ele, e Sam se curvou até o chão, cobrindo a cabeça com o capuz cinzento; a noite se apoderou de seu coração, e ele perdeu os sentidos.

Quando finalmente a escuridão passou, Sam ergueu os olhos e viu que as sombras o envolviam, mas por quantos minutos ou horas o mundo continuara se arrastando ele não sabia dizer. Estava ainda no mesmo lugar, e ainda seu mestre jazia morto ao seu lado. As montanhas não tinham esboroado, e nem a terra caído em ruína.

— Que devo fazer, que devo fazer? — disse ele. — Será que o acompanhei por todo esse longo caminho para nada? — Então lembrou-se de sua própria voz dizendo palavras que na ocasião lhe pareceram sem sentido, no início de sua jornada: Tenho algo a fazer antes do fim. Devo passar por isso, senhor, se o senhor me entende.

— Mas o que posso fazer? De forma alguma deixar o Sr. Frodo morto insepulto no topo das montanhas e ir para casa. Ou será que devo prosseguir? Prosseguir? — repetiu ele, e por um momento a dúvida e o medo o agitaram. — Prosseguir? É isso que devo fazer? E deixá-lo?

Então finalmente começou a chorar; e aproximando-se de Frodo compôs-lhe o corpo, juntando as mãos frias sobre o peito, e embrulhou-o com a capa; colocou a própria espada de um lado, e o cajado oferecido por Faramir do outro.

— Se devo prosseguir — disse ele —, então preciso levar sua espada, com a sua permissão, Sr. Frodo, mas vou colocar esta ao seu lado exatamente como estava ao lado do velho rei no túmulo, e o senhor tem o seu belo casaco de mithril que o Sr. Bilbo lhe deu. E sua estrela de cristal, Sr. Frodo, o senhor a emprestou a mim e vou precisar dela, pois agora sempre estarei no escuro. Não sou digno dela, e a Senhora a deu ao senhor, mas talvez ela entendesse. O senhor entende, Sr. Frodo? Preciso prosseguir.

Mas não conseguia partir, ainda não. Ajoelhou-se e segurou a mão de

Frodo, sem conseguir soltá-la. O tempo passou e ele continuava al ajoelhado, segurando a mão de seu mestre, e travando um debate em seu coração.

Agora tentava encontrar forças para se separar e partir numa jornada solitária — de vingança. Se conseguisse ir, seu ódio o carregaria em todas as estradas do mundo, procurando, até que finalmente o encontrasse: Gollum. Então Gollum morreria encurralado. Mas não era essa a sua tarefa. Nã valeria a pena deixar seu mestre por esse motivo. Isso não o traria de volta. Nada poderia trazê-lo de volta. Seria melhor que os dois tivessem morrido juntos. E essa também seria uma viagem solitária.

Fixou a ponta brilhante da espada. Pensou nos lugares pelos quais passara e onde havia um precipício negro, onde poderia cair no escuro, dentro do nada.

Por ali não havia como escapar. Isso seria o mesmo que não fazer nada, nem mesmo chorar. Não era essa a sua tarefa.

— Que devo fazer então? — gritou ele de novo, e agora parecia saber perfeitamente a dura resposta: passar por isso. Outra jornada solitária, e a pior de todas.

— O quê? Eu, sozinho, ir até a Fenda da Perdição e tudo o mais? – Ainda vacilava um pouco, mas a resolução crescia dentro dele. — O quê? Eu tirar o Anel dele? O Conselho o deu a ele.

Mas a resposta veio imediatamente: — E o Conselho lhe deu companheiros, para que a missão não fracassasse. E você é o último membro de toda a Comitiva. A missão não deve fracassar.

— Gostaria de não ser o último — gemeu Sam. — Gostaria que o velho Gandalf estivesse aqui, ou alguém. Por que fui deixado sozinho para tomar uma decisão? Com certeza fracassarei. E não devo pegar o Anel tomando a dianteira.

— Mas não foi você quem tomou a dianteira, você foi colocado nessa posição. E quanto a ser a pessoa certa e adequada, bem, o Sr. Frodo também não era, como se pode dizer, nem o Sr. Bilbo. Eles não se elegeram.

— Está bem, devo decidir sozinho. Vou decidir. Mas com certeza vou fracassar: isso seria absolutamente típico de Sam Gamgi.

— Deixe-me ver agora: se formos encontrados aqui, ou se o Sr. Frodo

for encontrado, e a Coisa estiver com ele, bem, o Inimigo vai se apoderar dela. E isso será o fim de todos nós, de Lórien, de Valfenda e do Condado, e de tudo. E não há tempo a perder, ou de qualquer jeito será o fim. A guerra começou, e é mais que provável que as coisas já estejam indo bem para o Inimigo. Não há chance de voltar com a Coisa para obter conselhos ou permissão. Só há duas escolhas: ficar sentado aqui até que eles venham e me derrubem morto sobre o corpo de meu mestre, e A levem; ou pegá-La e partir. — Respirou fundo. — Então é pegá-La!

Abaixou-se. Com toda a delicadeza abriu o fecho no pescoço e deslizou a mão dentro da túnica de Frodo; então, levantando a cabeça com a outra mão, beijou-lhe a fronte, e suavemente passou a corrente por cima dela. E depois a cabeça voltou a jazer em repouso. Nenhuma alteração se manifestou no rosto imóvel, e por isso, mais que por todos os outros sinais, Sam se convenceu finalmente de que Frodo estava morto e abandonara a Demanda.

— Adeus, mestre, meu querido! — murmurou ele. — Desculpe O seu Sam. Ele voltará a este lugar quando o serviço estiver terminado — se conseguir terminá-lo. E então não vai deixá-lo novamente. Descanse em paz até eu voltar; e que nenhuma criatura suja se aproxime do senhor! E se a Senhora pudesse me ouvir e me conceder um desejo, eu gostaria de voltar e encontrá-lo de novo. Adeus!

Então curvou o próprio pescoço, e colocou nele a corrente, e de imediato sua cabeça foi puxada para o chão pelo peso do Anel, como se uma grande pedra tivesse sido pendurada em seu pescoço. Mas lentamente, como se o peso ficasse menor, ou como se uma nova força crescesse nele, Sam levantou a cabeça, e com um grande esforço ficou de pé e percebeu que conseguiria caminhar e carregar seu fardo. E por um momento ergueu o Frasco e olhou seu mestre, e a luz agora brilhava suavemente, com a radiação fraca da estrela vespertina no verão, e naquela luz o rosto de Frodo ficou com uma tonalidade bonita de novo, pálido mas belo, de uma beleza élfica, como o de alguém que por muito tempo andou pelas sombras. E com o consolo amargo dessa última visão Sam virou-se, escondeu a luz e foi cambaleando ao encontro da escuridão crescente.

Não precisou ir muito longe. O túnel ficara para trás a certa distância

a Fenda estava a algumas centenas de metros à frente, ou menos.

A trilha estava visível no crepúsculo, um sulco profundo cavado pela passagem de usuários durante séculos, agora subindo suavemente numa vala comprida, com penhascos dos dois lados. A vala estreitou-se rapidamente. Logo Sam atingiu um longo lance de degraus largos e rasos Agora a torre dos orcs estava bem acima dele, franzindo— Se negra, e nela o olho vermelho ardia. Agora Sam estava oculto na sombra escura abaixo dele.

Finalmente estava chegando ao topo da escada e à Fenda.

— Tomei a decisão — ficava ele dizendo a si mesmo. Mas não tinha tomado. Embora tivesse feito o máximo para resolver a questão, o que estava fazendo era totalmente contra a sua tendência natural — Será que fracassei? — murmurou ele. — O que deveria ter feito?

Conforme as encostas íngremes da Fenda se fechavam em torno dele, antes que realmente atingisse o topo, antes que finalmente olhasse a trilha que descia para a Terra inominada, Sam se voltou. Por um momento, imóve numa dúvida insuportável, olhou para trás. Ainda conseguia ver, como uma pequena mancha na escuridão crescente, a boca do túnel, e teve a impressão de vislumbrar ou adivinhar onde Frodo jazia. Imaginou ter visto algo tremeluzindo no chão lá embaixo, ou talvez fosse alguma peça que lhe pregavam suas lágrimas, ao olhar daquela altura de pedra onde toda a sua vida se arruinara.

— Se ao menos me fosse concedido meu desejo, meu único desejo — suspirou ele —, o de voltar e encontrá-lo. — Depois finalmente virou-se para a estrada à frente e deu alguns passos: os mais pesados e mais relutantes que jamais dera.

Apenas alguns passos, e agora alguns outros e ele já estaria descendo para jamais ver aquele lugar alto outra vez. E então, de repente, ouviu gritos e vozes.

Ficou paralisado como uma pedra. Vozes de orcs. Estavam atrás e adiante dele.

Um ruido de pés batendo no chão e gritos roucos: orcs estavam subindo para a Fenda, vindo do lado oposto, de alguma entrada para a torre, talvez. Pés avançando e gritos atrás.

Sam girou o corpo. Viu pequenas luzes vermelhas, tochas, piscando lá

embaixo conforme saíam do túnel. Finalmente a caçada começara. O olho vermelho da torre não estivera cego. Sam fora apanhado.

Agora o faiscar das tochas que se aproximavam e o tinido do aço à frente estavam muito próximos. Em um minuto atingiriam o topo e cairiam sobre ele. Sam demorara muito para tomar a decisão, e agora não adiantava mais nada.

Como poderia escapar, ou salvar-se, ou salvar o Anel? O Anel. Não se deu conta de qualquer pensamento ou decisão. Simplesmente se viu tirando a corrente e pegando o Anel na mão. O chefe do grupo de orcs apareceu na Fenda bem diante dele.

Então Sam colocou o Anel no dedo.

O mundo mudou, e um único momento de tempo se encheu de uma hora de ponderação. Imediatamente Sam percebeu que sua audição se aguçara, enquanto a visão ficara obscurecida, mas de modo diferente do obscurecimento ocorrido na toca de Laracna. Agora todas as coisas ao seu redor não estavam escuras, mas difusas; enquanto ele mesmo estava lá, num mundo cinzento e enevoado, sozinho, como uma pequena rocha sólida e negra, e o Anel, pesando em sua mão esquerda. Era como um círculo de ouro escaldante. Sam não se sentia invisível de forma alguma, mas terrível e singularmente visível; e sabia que em algum lugar um Olho o procurava.

Ouviu o estalido de pedras, o murmúrio de águas distantes no Vale Morgul, e muito abaixo, sob a rocha, a miséria borbulhante de Laracna tateando, perdida em alguma passagem sem saída; ouviu vozes nos calabouços da torre, e os gritos dos orcs que saiam do túnel; e ensurdecedores, rugindo em seus ouvidos, a batida dos pés e o clamor dilacerante dos orcs diante dele. Encolheu-se contra o penhasco. Mas eles avançavam como uma tropa de fantasmas, figuras cinzentas distorcidas numa névoa, apenas sonhos de medo com chamas pálidas nas mãos. E passaram por ele. Sam se agachou, tentando se esgueirar para dentro de alguma fissura e se esconder.

Ficou escutando. Os orcs do túnel e os outros descendo em marcha tinham avistado uns aos outros, e agora os dois grupos corriam e gritavam. Sam ouvia ambos claramente, e entendia o que estavam dizendo. Talvez o Anel proporcionasse o entendimento de línguas, ou simplesmente o

entendimento, especialmente dos servidores de Sauron, seu criador, de modo que se Sam prestava atenção conseguia entender e traduzir c pensamento para si mesmo. Com certeza o poder do Anel crescera muito, à medida que se aproximara dos lugares onde fora forjado; mas uma coisa ele não conferia, e esta coisa era a coragem. No momento Sam ainda só pensava em se esconder, em ficar agachado até que tudo se aquietasse de novo; e escutava com atenção. Não conseguia saber a que distância estavam as vozes, as palavras pareciam estar quase em seus ouvidos.

— Olá! Gorbag! Que está fazendo aqui em cima? Já guerreou bastant por hoje?

— Ordens, seu brutamontes. E o que você está fazendo, Shagrat' Cansado de ficar espreitando lá em cima? Pensando em descer e lutar?

— Ordens para você. Estou no comando desta passagem agora.

— Então fale com respeito. Que tem a relatar?

— Nada.

— Hai! Hai! Yoi! — Um grito interrompeu a troca de palavras do líderes. Os orcs que estavam mais embaixo tinham avistado algo de repente. Começaram a correr. Os outros fizeram o mesmo.

— Hai! Olá! Alguma coisa aqui! Bem na estrada. Um espião, ur espião!

— Ouviu-se uma algazarra de buzinas ríspidas e uma babel de vozes ladrando.

Com um golpe pavoroso Sam despertou de seu estado acovardado.

Avistaram seu mestre. O que iriam fazer? Ouvira sobre os orc: histórias de congelar o sangue.

Não poderia suportar aquilo. Saltou de pé. Afastou a Demanda todas as decisões de sua mente, juntamente com o medo e a dúvida. Sabia agora onde era e onde sempre fora o seu lugar: ao lado de seu mestre, embora não soubesse ao certo o que poderia fazer lá. Desceu correndo os degraus e foi pela trilha na direção de Frodo.

"Quantos são?", pensou ele. "No mínimo trinta ou quarenta descendo da torre, e muitos mais que estão vindo lá de baixo, suponho eu.

Quantos poderei matar antes que me peguem? Eles vão ver a chama

da espada logo que eu a puxar, e vão me pegar mais cedo ou mais tarde. Pergunto-me se algum dia uma canção vai mencionar este fato: Como Samwise caiu na Passagem Alta e construiu uma parede de corpos em volta de seu mestre. Não, canção não. Claro que não, pois o Anel será encontrado e não haverá mais canções. Não posso evitar. Meu lugar é ao lado do Sr. Frodo. Eles precisam entender isso — Elrond, o Conselho, e os grandes Senhores e Senhoras, com toda a sua sabedoria. Os planos que fizeram fracassaram. Não posso ser o Portador do Anel. Não sem o Sr. Frodo."

Mas os orcs agora estavam fora do alcance de sua visão obscurecida. Sam não tivera tempo para pensar em si mesmo, mas agora percebia que estava cansado, cansado à beira da exaustão: suas pernas não o levavam aonde desejava.

Estava lento demais. Parecia que a trilha tinha milhas de comprimento.

Aonde tinham ido todos naquela névoa?

Lá estavam eles de novo! Ainda a uma boa distância. Um aglomerado de figuras em volta de alguma coisa que jazia no solo; alguns pareciam estar se atirando de um lado para o outro, curvados como cães sobre um rastro. Sam tentou se sacudir.

— Vamos, Sam! — disse ele — ou você chegará tarde demais outra vez.

— Soltou a espada em seu cinto. Num minuto iria puxá-la, e então...

Ouviu-se um clamor alucinado, risos e buzinas, enquanto algo era erguido do chão.

— Ya hoi! Ya harri hoi! Para cima! Para cima! Então uma voz gritou — Agora vamos! Pelo caminho rápido. De volta para o Portão de Baixo Tudo indica que esta noite ela não vai nos incomodar. — O bando de vultos de orcs começou a se mexer. Quatro ao centro carregavam um corpo por sobre os ombros. — Ya hoi!

Tinham levado o corpo de Frodo. Tinham-se ido. Sam não consegui alcançá-los.

Mesmo assim se esforçava. Os orcs atingiram o túnel e estavam entrando. Os que levavam o fardo foram primeiro, e atrás deles havia muita luta e empurrão. Sam se aproximou. Puxou a espada, uma faísca azul na sua

mão trêmula, mas eles nada viram.

No momento em que chegou ofegante, o último deles desapareceu dentro do buraco negro.

Por um momento parou, arquejante, com a mão no peito. Então passou a manga da camisa pelo rosto, limpando a sujeira, o suor e as lágrimas. — Malditos imundos! — disse ele, e saltou atrás deles para dentro da escuridão.

O interior do túnel já não lhe parecia tão escuro; era mais como se ele tivesse saído de uma névoa tênue para entrar num nevoeiro mais espesso. O cansaço aumentava, mas sua vontade se consolidava cada vez mais. Teve a impressão de ver a luz de tochas um pouco à frente, mas por mais que tentasse não conseguia alcançá-las. Os orcs andam rápido em túneis, e este túnel eles conheciam bem; apesar de Laracna, eles frequentemente eram forçados a usá-lo como o caminho mais curto que vinha da Cidade Morta por sobre as montanhas. Em que tempo distante tinham sido feitos o túnel principal e a grande caverna redonda, a moradia de Laracna desde eras passadas, eles não sabiam; mas os próprios orcs tinham cavado muitos caminhos secundários ao redor do túnel dos dois lados, para escapar da toca em suas longas idas e vindas a mando de seus mestres.

Esta noite eles não tinham a intenção de descer muito, mas se apressavam para encontrar uma passagem lateral que os conduzisse de volta à torre de vigia no penhasco. Muitos deles estavam contentes, deliciados com o que tinham visto e encontrado, e enquanto corriam tagarelavam e resmungavam á maneira de sua espécie. Sam ouvia o ruido de suas vozes roucas, graves e ríspidas no ar parado, e conseguia distinguir duas vozes em meio a todas as outras: eram mais altas, e estavam mais próximas. Os capitães dos dois grupos pareciam fechar a retaguarda, discutindo enquanto avançavam.

— Pode fazer sua gentalha parar com tanta algazarra, Shagrat? — resmungou um deles. — Não queremos Laracna em cima de nós.

— Que é isso, Gorbag! Os seus estão fazendo mais da metade do barulho — disse o outro. — Mas deixe os rapazes brincarem! Não precisamos nos preocupar com Laracna por algum tempo, eu acho. Parece que ela sentou num prego, e não vamos chorar por causa disso. Você viu uma

nojeira por todo o caminho que vai até aquela maldita fenda onde ela mora? Já tentamos interromper a algazarra mais de cem vezes e não conseguimos nunca.

Então deixe que riam. E finalmente tivemos um pouco de sorte conseguimos alguma coisa que Lugbúrz deseja.

— Lugbúrz deseja, é? E o que você acha que é isso? Tive a impressão de que é alguma coisa élfica, mas de tamanho menor. Qual é o perigo numa coisa dessas?

— Só vou saber quando der uma olhada.

— Oho! Então eles não lhe disseram o que esperar? Eles não no dizem tudo o que sabem, dizem? Nem metade. Mas podem cometer erros até mesmo os Chefões podem.

— Pssiu. Gorbag! — Shagrat diminuiu o tom da voz, de forma que mesmo com sua audição estranhamente aguçada Sam podia apenas ter uma ideia do que estava sendo dito.

— Eles podem, mas tem olhos e ouvidos por toda a parte; alguns entre meu grupo, muito provavelmente. Mas não há dúvidas sobre isso, eles estão preocupados com alguma coisa.

Os nazgúl lá embaixo estão, pelo que você me contou; e Lugbúrz também está. Alguma coisa quase escapou.

— Quase, você diz! — disse Gorbag.

— Está certo — disse Shagrat —, mas vamos falar sobre isso mais tarde. Espere até chegarmos ao Caminho de Baixo. Lá há um lugar onde podemos conversar um pouco, enquanto os rapazes continuam avançando.

Logo depois Sam viu as tochas desaparecerem. Então ouviu-se um ribombar e, no momento em que ele corria, um baque. Pelo que pôde adivinhar, os orcs tinham virado e entrado exatamente pela abertura pela qual Frodo e ele tentaram passar e que acharam bloqueada. Ainda estava bloqueada.

Parecia haver uma grande pedra no caminho, mas os orcs de alguma forma a tinham transposto, pois Sam ouvia suas vozes do outro lado.

Estavam ainda correndo, afundando cada vez mais na montanha, de volta para a torre. Sam ficou desesperado. Eles estavam levando embora o corpo de seu mestre para alguma finalidade maligna e ele não conseguia

segui-los. Forçou a pedra e a empurrou, arremeteu contra ela, mas a rocha não cedeu. Então, não muito distantes lá dentro, ou pelo menos foi essa a impressão que teve, Sam ouviu as vozes dos dois capitães conversando de novo. Parou para escutar um pouco, talvez esperando descobrir alguma coisa útil.

Talvez Gorbag, que parecia pertencer a Minas Morgul, saísse, e então ele entraria sorrateiramente.

— Não, eu não sei — disse a voz de Gorbag. — As notícias chegam voando mais rápido do que qualquer pássaro, geralmente. Mas não quero saber como isso acontece. É mais seguro não perguntar. Grr! Aqueles nazgûl me dão arrepios. E tiram a pele de seu corpo assim que olham para você, e o deixam morrendo de frio no escuro do outro lado.

Mas Ele gosta deles; são seus favoritos atualmente, então não adianta reclamar. Eu lhe digo, não é brincadeira trabalhar lá embaixo na cidade.

— Você deveria tentar ficar aqui em cima tendo Laracna por companhia — disse Shagrat.

— Eu gostaria de tentar em algum lugar onde não haja nenhum deles. Mas a guerra já começou, e quando estiver terminada pode ser que as coisas fiquem mais fáceis.

— Está indo bem, pelo que dizem.

— Já era de esperar isso deles — resmungou Gorbag. — Veremos. Mas de qualquer forma, se tudo for bem, haverá muito mais espaço. Que você me diz? — se tivermos uma oportunidade, você e eu vamos fugir para algum outro lugar, onde nos estabeleceremos por conta própria com alguns rapazes confiáveis, nalgum lugar onde haja coisas boas e fáceis de saquear, e sem chefes.

— Ah! — disse Shagrat. — Como nos velhos tempos.

— Sim — disse Gorbag. — Mas não conte com isso. Minha cabeça não está muito tranquila. Como eu disse, os Grandes Chefes, bem — sua voz se transformou quase num sussurro —, bem, mesmo os Maiorais podem cometer erros. Alguma coisa quase escapou, diz você. E eu digo, alguma coisa realmente escapou. E temos de ficar de olhos abertos. E sempre os pobres uruks devem consertar a situação quando alguém escapa, e ninguém agradece. Mas não esqueça: os inimigos não nos amam mais do que amam a

Ele, e se o derrotarem estaremos acabados também. Mas olhe aqui: quando é que mandaram você sair?

— Mais ou menos uma hora atrás, um pouco antes de você nos ver. Chegou uma mensagem: Nazgúl preocupados. Suspeita de espiões na Escadas. Vigilância redobrada.

Patrulha deve dirigir-se ao topo das Escadas. Vim imediatamente.

— Mau negócio — disse Gorbag. — Olhe aqui... nossos Vigilante Silenciosos já estavam preocupados há mais de dois dias, isso eu sei. Mas minha patrulha só foi receber ordens para sair no dia seguinte, e nenhuma mensagem foi enviada a Lugbúrz: isso devido ao Grande Sinal que subiu, e o Nazgúl Supremo que saiu para a guerra, e tudo aquilo. E conseguiram que Lugbúrz prestasse atenção por um bom tempo, pelo que me disseram.

— O Olho estava ocupado em algum outro lugar, julgo eu — disse Shagrat. — Grandes coisas acontecendo lá no oeste, pelo que dizem.

— Acho que sim — rosnou Gorbag. — Mas enquanto isso os inimigo subiram as

Escadas. E o que você estava fazendo? Seu dever é ficar vigiando não é, com ou sem ordens especiais? O que está pretendendo?

— Basta! Não tente me ensinar meu serviço. Estávamos muito bem acordados.

Sabíamos que havia coisas muito estranhas acontecendo!

— Muito estranhas!

— Sim, muito estranhas: luzes e gritos e tudo mais. Mas Laracna estava em ação.

Meus rapazes a viram com o Safado dela.

— O Safado dela? Que é isso?

— Você deveria ter visto: um sujeitinho magro e preto; parecido com uma aranha, ou talvez mais parecido com uma rã morta de fome. Já esteve aqui antes. Veio de Lugbúrz da primeira vez, anos atrás, e recebemos ordens de Lá de Cima para deixá-lo passar. Já subiu a escada uma ou duas vezes desde então, mas nós o deixamos em paz. Parece que tem algum entendimento com a Nobre Senhora. Suponho que não seja bom de comer; ela não se importaria com ordens de Lá de Cima. Mas que bela guarda você tem no vale: ele esteve aqui em cima um dia antes de toda essa balbúrdia.

Nós o vimos no inicio da noite passada. De qualquer forma, meus rapaze: reportaram que a Nobre Senhora estava se divertindo um pouco, e essa noticia me pareceu satisfatória, até que a mensagem chegou.

Pensei que o Safado lhe trouxera um brinquedo, ou que vocês provavelmente lhe mandariam um presente, um prisioneiro de guerra ou qualquer coisa do tipo. Não interfiro nas brincadeiras dela. Nada passa por Laracna quando ela está caçando.

— Nada, você diz! Não usou seus olhos lá atrás? Eu lhe digo, minha cabeça não está muito tranquila. O que quer que seja que subiu as Escadas conseguiu passar. Cortou a teia dela e conseguiu se livrar do buraco. Isso é algo a se considerar!

— Ah, bem, mas ela o pegou no fim, não pegou?

— Pegou? Pegou quem? Esse sujeitinho? Mas se era o único, então ela o teria levado para sua despensa há muito tempo, onde ele estaria agora. E se Lugbúrz o quisesse, você teria de ir e pegá-lo. Bom para você. Mas havia mais de um.

Nesse ponto, Sam começou a escutar com mais atenção pressionando o ouvido contra a rocha.

— Quem cortou as cordas que ela passou em volta dele, Shagrat? O mesmo que cortou a teia. Você não percebeu isso? E quem enterrou um prego na Nobre Senhora? A mesma pessoa, julgo eu. E onde está ele? Onde está ele, Shagrat?

Shagrat não respondeu.

— É melhor pôr os miolos para funcionar, se é que você tem algum. Isso não é brincadeira. Ninguém, ninguém jamais enterrou um prego em Laracna, como você deveria muito bem saber. Não há o que lamentar sobre o fato, mas pense — há alguém solto nas redondezas que é mais perigoso que qualquer outro maldito rebelde que jamais andou por aí desde os maus e velhos tempos, desde o Grande Cerco. Alguma coisa realmente escapou.

— O que será, então? — resmungou Shagrat.

— Ao que tudo indica, Capitão Shagrat, eu diria que há um grande guerreiro à solta, mais provavelmente um elfo, de qualquer forma com uma espada élfica, além de um machado, talvez; e mais, está solto dentro das suas fronteiras, e você nunca pôs os olhos em cima dele. Muito estranho,

realmente! — Gorbag cuspiu. Sam deu um sorriso sinistro ao ouvir ta descrição de si mesmo.

— Ah, bem, você está sempre vendo as coisas com pessimismo — disse Shagrat. —

Você pode interpretar os vestígios como quiser, mas pode haver outras formas de explicálos.

De qualquer forma, tenho vigias em todos os pontos, e vou cuidar de uma coisa de cada vez. Depois de dar uma olhada no sujeito que nós pegamos, então vou começar a me preocupar com outras coisas.

— Suponho que você não vai achar muita coisa naquele sujeitinho — disse Gorbag. — Pode ser que ele não tenha tido nada a ver com o verdadeiro malfeitor. O grande sujeito com a espada afiada parece não ter achado que ele valesse muito, de qualquer forma — simplesmente o largou lá: truque comum dos elfos.

— Veremos. Venha agora! Já conversamos bastante. Vamos dar uma olhada no prisioneiro!

— Que vai fazer com ele? Não se esqueça de que o vi primeiro. Se houver algum jogo, eu e meus rapazes devemos tomar parte nele.

— Calma, calma — resmungou Shagrat. — Tenho minhas ordens a cumprir. E desrespeitá-las custa mais do que a minha barriga, ou a sua.

Qualquer intruso encontrado pela guarda deve ser aprisionado na torre. O prisioneiro deve ser despido. Uma descrição completa de todos os ítens, roupa, arma, carta, anel ou adorno, deve ser enviada a Lugbúrz imediatamente, e somente a Lugbúrz. E o prisioneiro deve ser mantido a salvo e intacto, sob risco de morte para todos os membros da guarda, até que Ele mande alguém ou venha em pessoa. As ordens são bem claras, e é isso que vou fazer.

— Despido, é? — disse Gorbag. — Quer dizer, dentes, unhas, cabelo e tudo mais?

— Não, nada disso. Estou dizendo que ele se destina a Lugbúrz. E querem a salvo e inteiro.

— Isso vai ser difícil — riu Gorbag. — A esta altura ele não passa de carniça. O que Lugbúrz fará com esse material eu não posso imaginar Poderia muito bem acabar num caldeirão.

— Seu tolo — rosnou Shagrat. — Até agora você falou de modo muito inteligente, mas há muita coisa que não sabe, embora a maioria das outras pessoas saibam. Você irá para o caldeirão ou para Laracna, se não tomar cuidado. Carniça! Isso é tudo o que você sabe sobre a Nobre Senhora Quando ela prende com cordas, está atrás de carne. Ela não come carne morta, nem chupa sangue frio. Esse sujeito não está morto!

Sam teve uma tontura e se agarrou na pedra. Sentiu-se como se todo o mundo escuro estivesse de cabeça para baixo. O choque foi tão grande que ele quase desmaiou mas, mesmo fazendo força para manter os sentidos, em suas entranhas ouviu o comentário: "Seu tolo, ele não está morto, e seu coração sabia disso. Não confie em sua cabeça, Samwise, que não é a sua melhor parte. O seu problema é que você nunca realmente teve esperanças. Agora, o que se deve fazer?" Por enquanto nada, exceto escorar-se na pedra imóvel e escutar, escutar as vozes vis dos orcs.

— Bobagem! — disse Shagrat. — Ela tem mais de um veneno Quando está caçando, dá apenas uma leve ferroada no pescoço das vítimas, e elas ficam moles como filés de peixe, e faz então com eles o que ela gosta. Você se lembra do velho Ufthak? Nós o perdemos por dias. Então encontramos num canto; estava pendurado, mas acordado e de olhos bem abertos. Como rimos! Ela havia se esquecido dele, talvez, mas não o tocamos — não convém se intrometer nas coisas d'Ela. Agora, esse nojentinho, ele vai acordar, daqui a algumas horas, e, além de sentir um pouco de enjôo por um tempo, vai ficar bem. Ou ficaria, se Lugbúrz o deixasse em paz. E, é claro, se não tivesse de tentar adivinhar onde está e o que aconteceu com ele.

— E o que vai acontecer com ele — riu Gorbag. — De qualquer forma podemos lhe contar algumas histórias, se não pudermos fazer mais nada. Não acho que já tenha estado na adorável Lugbúrz, então pode ser que ele goste de saber o que esperar. Isso vai ser mais divertido do que eu pensei. Vamos!

— Não vai haver diversão nenhuma, estou lhe dizendo — disse Shagrat.

— E é preciso mantê-lo a salvo, ou já estamos mortos.

— Está certo! Mas se eu fosse você, pegaria o grande que está solto antes de enviar qualquer relatório a Lugbúrz. Não vai soar muito bem se

você disser que pegou o gatinho e deixou o gatão escapar.

As vozes começaram a se afastar. Sam ouviu o som de passos indo embora. Estava se recuperando do choque, e agora era tomado por uma fúria alucinada.

— Fiz tudo errado! — gritou ele. — Sabia que faria! Agora eles o pegaram, os demônios! Os sujos! Nunca abandone seu mestre, nunca nunca: essa era a lei que deveria ter seguido. E sabia disso em meu coração. Que me perdoem! Agora tenho de consegui-lo de volta. De alguma forma de alguma forma!

Puxou a espada de novo e bateu na pedra com o cabo, mas só ouviu um ruido surdo. A espada, entretanto, brilhou tanto que ele conseguiu vagamente enxergar em sua luz. Para sua surpresa, notou que o grande bloco tinha o formato de uma porta pesada, com menos do dobro de sua altura. Em cima havia um espaço vazio e escuro, entre o topo e o arco baixo da abertura. Provavelmente a porta estava ali apenas para impedir a invasão de Laracna, e era fechada por dentro com algum trinco ou ferrolho fora do alcance de sua sagacidade. Com a força que lhe restava, Sam pulou e se agarrou na parte de cima, subiu e desceu do outro lado; depois correu alucinadamente, a espada reluzente na mão, contornando uma curva e subindo através de um túnel sinuoso.

A notícia de que seu mestre ainda estava vivo despertou-o para um último esforço além de qualquer noção de cansaço. Sam não conseguia ver nada à frente, pois esse novo corredor fazia curvas e ziguezagueava constantemente, mas ele tinha a impressão de estar alcançando os dois orcs: as vozes estavam se aproximando outra vez. Agora pareciam estar bem perto.

— É isso o que eu vou fazer — disse Shagrat num tom raivoso. — Colocá-lo lá em cima, no cômodo superior.

— Para quê? — resmungou Gorbag. — Você não tem nenhum cárcere aqui embaixo?

— Lá ele estará a salvo, estou lhe dizendo — respondeu Shagrat. — Percebe? Ele é precioso. Não confio em todos os meus rapazes, e em nenhum dos seus, nem mesmo em você, quando está louco por uma diversão. Ele vai para onde eu quiser, e aonde você não possa chegar, se não

se comportar. Lá para cima, estou dizendo. Lá estará a salvo.

— É mesmo? — disse Sam. — Você está se esquecendo do grande guerreiro élfico que está à solta! — E com isso correu contornando a última esquina, apenas para descobrir que por algum truque do túnel, ou pela audição que o Anel lhe proporcionava, calculara mal a distância.

Os vultos dos dois orcs ainda estavam um pouco á frente. Agora conseguia vê-los, negros e agachados contra um clarão vermelho. O corredor finalmente ficara reto, subindo numa ladeira e no fim, escancaradas, viam-se as grandes portas duplas, que provavelmente conduziam a cômodos profundos bem embaixo do alto chifre da torre. Os orcs, carregando o seu fardo, já haviam entrado. Gorbag e Shagrat estavam se aproximando do portão.

Sam ouviu uma explosão de cantoria rude, clangores de cornetas e o ressoar de gongos, um clamor hediondo. Gorbag e Shagrat já estavam no limiar.

Sam gritou e brandiu Ferroada, mas sua voz fraca se afogou no tumulto. Ninguém lhe deu atenção.

As grandes portas bateram. Bum. As barras de ferro caíram em seu encaixe, do lado de dentro. Clangue. O portão se fechou. Sam se jogou contra as placas de bronze trancadas e caiu no chão sem sentidos. Ficara do lado de fora e no escuro. Frodo estava vivo, mas o Inimigo o levara.

Aqui termina a segunda parte da história da Guerra do Anel. A terceira parte conta a história da última defesa contra a sombra e do fim da missão do Portador do Anel em O RETORNO DO REI.

O RETORNO DO REI

A TERCEIRA PARTE DE
O SENHOR DOS ANÉIS

QUINTA PARTE

CAPÍTULO I: MINAS TIRITH

Pippin espiou de dentro do abrigo da capa de Gandalf. Perguntou-se se estava acordado ou continuava dormindo, ainda no sonho veloz no qual estivera envolto desde que a grande cavalgada começara. O mundo escuro passava correndo e o vento cantava alto em seus ouvidos. Não conseguia ver nada exceto as estrelas rodopiantes, e na distância, á sua direita, vastas sombras contra o céu onde as montanhas do sul passavam marchando. Sonolento, tentava calcular os períodos e etapas da viagem, mas sua memória estava entorpecida e cheia de dúvidas.

Houvera a primeira cavalgada, numa velocidade alucinante e sem paradas, e depois, na aurora, Pippin vislumbrara um pálido brilho dourado, e eles tinham chegado à silenciosa cidade e à grande casa vazia sobre a colina. E mal tinham alcançado esse abrigo quando a sombra alada passou sobrevoando mais uma vez, deixando os homens descorçoados de medo. Mas Gandalf lhe disse palavras suaves, e Pippin adormeceu num canto cansado mas inquieto, percebendo vagamente as idas e vindas, e os homens conversando, e Gandalf dando ordens. E, depois, outra cavalgada, outra cavalgada na noite. Aquela era a segunda, não, a terceira noite desde que o hobbit olhara dentro da Pedra. E com essa lembrança hedionda despertou completamente, e tremeu; o ruído do vento se encheu de vozes ameaçadoras.

Uma luz se acendeu no céu, um clarão de fogo amarelo atrás de barreiras escuras. Pippin se escondeu amedrontado naquele momento, perguntando-se para que terra temível Gandalf o levava. Esfregou os olhos e então viu que era a lua subindo acima das sombras do leste, agora quase cheia. Isso significava que a noite estava começando, e a escura viagem continuaria por horas. Mexeu-se e falou.

— Onde estamos, Gandalf? perguntou ele.

— No reino de Gondor — respondeu o mago. — A terra de Anórien ainda está passando.

Ficaram em silêncio por mais um período. Então, de repente: — Que é aquilo, Gandalf? — gritou Pippin, agarrando-se à capa do mago. — Olhe Fogo, fogo vermelho! Existem dragões nesta terra? Olhe, lá está outro!

Como resposta Gandalf gritou para o cavalo:

— Adiante, Scadufax! Precisamos nos apressar. O tempo é curto Veja! Os faróis de Gondor estão acesos, pedindo socorro. A guerra está acesa Veja, lá está o fogo sobre Amon Din, e a chama sobre Eilenach; e lá vão ele correndo para o oeste:

Nardol, Erelas, Min-Rimmon, Calenhad e Halifirien nas fronteiras c Rohan.

Mas Scadufax reduziu suas passadas, limitando-se a andar, e então ergueu a cabeça e relinchou. E da escuridão veio o relinchar de outros cavalos em resposta; de repente ouviu-se o ruído surdo de cascos, e três cavaleiros passaram correndo como fantasmas voando ao luar, e desaparecendo no oeste. Então Scadufax se recompôs e deu um salto a frente, e a noite fluía sobre ele como um vento a rugir.

Pippin ficou sonolento outra vez, e prestou pouca atenção ao que Gandalf lhe dizia sobre os costumes de Gondor, e sobre como o Senhor d. Cidade mandara construir faróis nos topos das montanhas externas, ac longo das duas bordas da grande cordilheira, e mantinha postos nesses pontos onde cavalos descansados estavam sempre de prontidão para levar os mensageiros em missões a Rohan no norte, ou a Belfalas no sul. — Fa: tempo que os faróis não se acendem — disse ele —, e nos dias antigos eles não eram necessários, pois Gondor tinha as Sete Pedras. — Pippin se agitou inquieto.

— Durma outra vez, e não tenha medo! — disse Gandalf — Pois você não está indo para Mordor, como Frodo, mas para Minas Tirith, e lá estar tão a salvo como poderia estar em qualquer outro lugar nestes tempos. Se Gondor cair, ou se o Anel for tomado, o Condado não será nenhum refúgio.

— Você não me consola — disse Pippin, mas apesar disso fo dominado pelo sono. A última coisa de que pôde se recordar antes de cair em sonhos profundos foi a rápida visão de picos altos e brancos, reluzindo como ilhas flutuantes acima das nuvens, quando captavam a luz da lua que ia em direção ao oeste. Ficou imaginando onde Frodo estaria, se já tinha chegado a Mordor, ou se estaria morto, sem saber que Frodo, de muito longe observava a mesma lua que se punha além de Gondor, antes do inicio dc dia.

Pippin acordou ao som de vozes. Tinham-se passado mais um dia de ocultamento e mais uma noite de viagem. Amanhecia: a aurora fria estava próxima outra vez, e névoas geladas e cinzentas os envolviam. Scadufax parou, molhado de suor, mas ainda com o pescoço altivo e sem demonstrar sinais de cansaço.

Muitos homens altos e com capas pesadas estavam ao lado dele, e atrás, na névoa, assomava uma muralha de pedra. Parecia parcialmente arruinada, mas ainda antes que a noite tivesse passado ouviram-se os ruídos de um trabalho urgente: batidas de martelos, tinidos de trolhas, e ranger de rodas. Em alguns pontos, tochas e chamas tremeluziam fracas no nevoeiro.

Gandalf conversava com os homens que haviam barrado seu caminho e, enquanto escutava, Pippin percebeu que ele mesmo era o assunto da discussão.

— Sim, é verdade, nós conhecemos você, Mithrandir — disse o líder dos homens —, e você conhece as senhas dos Sete Portões, e está livre para seguir em frente.

Mas não conhecemos seu companheiro. O que é ele? Um anão vindo das montanhas do norte? Não queremos forasteiros em nossa terra nestes tempos, a não ser que sejam valorosos combatentes, em cuja lealdade e ajuda possamos confiar.

— Eu me responsabilizo por ele diante do trono de Denethor — disse Gandalf. — E, quanto a valor, isso não pode ser medido pela estatura. Ele passou por mais batalhas e perigos que você, Ingold, embora você tenha o dobro tomado de um grande cansaço, caso contrário eu o acordaria. Seu nome é Peregrin, um homem muito corajoso.

— Homem? disse Ingold com um ar duvidoso, e os outros riram.

— Homem! — gritou Pippin, embora não tivesse acordado inteiramente. — Homem! Realmente não! Sou um hobbit, e não sou mais corajoso do que sou homem, a não ser talvez de vez em quando, por necessidade. Não se deixem enganar por Gandalf.

— Muitos autores de grandes feitos não poderiam dizer nada além disso — disse Ingold. — Mas o que é um hobbit?

— Um Pequeno — respondeu Gandalf. — Não, não aquele que foi mencionado — acrescentou ele, percebendo a admiração nos rostos dos

homens.

— Não ele, mas um parente dele.

— É sim, um que viajou com ele — disse Pippin. – E Boromir, de su Cidade, estava conosco, e me salvou na neve do norte, e no fim foi morto quando me defendia de muitos inimigos.

— Calma! — disse Gandalf — A noticia dessa desgraça devia se contada primeiro para o pai dele.

— Já se imagina o que ocorreu — disse Ingold —; pois houve acontecimentos estranhos aqui ultimamente. Mas agora passem á frente depressa. Pois o Senhor de Minas Tirith ficará ansioso por ver qualquer ur que traga as últimas noticias de seu filho, seja ele um homem ou um...

— Hobbit — disse Pippin. — De pouca serventia posso ser para o seu senhor, mas farei o que puder, em memória do bravo Boromir.

— Passem bem! — disse Ingold; e os homens abriram caminho para Scadufax, que atravessou um portão estreito na muralha. — Que você possa trazer bons conselhos a Denethor em sua necessidade, e a todos nós, Mithrandir! — exclamou Ingold. — Mas você chega com noticias de tristeza e Perigo, como dizem que é seu hábito.

— Isso porque raramente venho quando minha ajuda não é necessária — respondeu Gandalf — E, quanto a conselhos, a você diria que é tarde demais para consertar a muralha do Pelennor. A coragem será agora sua melhor defesa contra a tempestade que se aproxima — essa é a única esperança que trago. Pois nem todas as noticias que trago são más. Mas abandonem suas trolhas e afiem suas espadas.

— O trabalho estará terminado antes do fim da tarde — disse Ingold — Esta, a última parte da muralha a ser erguida em defesa: a menos aberta ao ataque, pois volta-se para nossos amigos de Rohan. Você sabe alguma coisa sobre eles? Será que responderão á convocação?

— Sim, eles virão. Mas lutaram muitas batalhas em sua retaguarda Esta, como qualquer outra estrada, deixou de conduzir para a segurança. Estejam vigilantes. Se não fosse por Gandalf, o Corvo da Tempestade, você teriam visto um exército de inimigos vindo de Anórien, e nenhum Cavaleiro de Rohan. E isso ainda pode acontecer. Passem bem, e não durmam!

Gandalf agora penetrava a ampla região além de Rammas Echor.

Assim os homens de Gondor chamavam a muralha externa que haviam construído á custa de grande trabalho, depois que Ithilien caíra sob a sombra do Inimigo. A muralha se estendia por dez milhas ou mais, saindo dos pés das montanhas e depois retornando, fechando em seu interior os campos de Pelennor: belas e férteis regiões citadinas nas longas encostas e patamares que desciam até os níveis inferiores do Anduin. Em seu ponto mais afastado do Grande Portão da Cidade, a nordeste, a muralha ficava a quatro léguas de distância, e lá, de um barranco franzido, viam-se as grandes planícies margeando o rio, e os homens tinham-na feito alta e forte; pois naquele ponto, sobre um dique murado, a estrada entrava vindo dos vaus e pontes de Osgiliath, e atravessava um portão vigiado entre torres com ameias. No ponto mais próximo, a muralha ficava a pouco mais de uma légua da Cidade, a sudeste. Ali o Anduin, desenhando um grande cotovelo em torno das colinas de Emyn Arnen em Ithilien do Sul, fazia uma curva fechada a oeste, e a muralha externa se erguia exatamente sobre sua margem; abaixo dela ficavam os cais e desembarcadouros do Harlond, para embarcações que subiam a correnteza vindo dos feudos do sul.

As regiões citadinas eram ricas, com amplas lavouras e muitos pomares, e fazendas com fornos e silos, currais e estábulos, e muitos riachos ondulando através do verde, descendo das regiões mais altas até o Anduin. Apesar disso, os pastores e lavradores que moravam ali não eram muitos, e a maior parte do povo de Gondor vivia nos sete círculos da Cidade, ou nos altos vales das fronteiras montanhosas em Lossarnach, ou mais além, ao sul, na bela Lebennin com seus cinco lépidos rios.

Ali, entre as montanhas e o mar, morava um povo forte. Eram considerados homens de Gondor, mas seu sangue era mesclado, e havia pessoas baixas e morenas entre eles, cujos antepassados eram na maioria os homens esquecidos que moraram na sombra das montanhas nos Anos Escuros, antes da chegada dos reis. Mas mais além, no grande feudo de Belfalas, morava o Príncipe Imrahil, em seu castelo de Doí

Amroth perto do mar, e ele tinha sangue nobre, e seu povo também, homens grandes e altivos com olhos cinzentos da cor do mar.

Depois que Gandalf tinha cavalgado por algum tempo, a luz do dia aumentou no céu. E Pippin despertou e ergueu os olhos. A sua esquerda viu

um mar de névoa, formando uma sombra desolada no céu ao leste, mas à sua direita grandes montanhas erguiam suas cabeças, formando uma cadeia que vinha do oeste e chegava a um final íngreme e abrupto, como se na formação daquela região o Rio tivesse irrompido através de uma grande barreira, esculpindo um poderoso vale a fim de transformá-lo numa terra de batalha e debate nos tempos vindouros. E no ponto onde as Montanhas Brancas de Ered Nimrais chegavam ao fim ele viu, como Gandal prometera, a massa escura do Monte Mindolluin, as sombras púrpuras e escuras de seus altos vales, e sua alta face branqueando no dia que avançava. E sobre o seu joelho protuberante ficava a Cidade Guardada, que com suas sete muralhas de pedra, tão fortes e antigas, não dava a impressão de ter sido construída, mas sim esculpida por gigantes nos próprios ossos da terra.

No momento em que Pippin olhava boquiaberto, as muralhas passaram de um cinza indistinto para um tom branco, levemente rosado pela aurora; e de repente o sol subiu acima da sombra do leste e enviou um raio que bateu na face da Cidade. Então Pippin deu um grito, pois a Torr de Ecthelion, erguendo-se altiva dentro das muralhas mais altas, brilhou contra o céu, reluzindo qual esporão de pérola e prata, alta, bela e elegante, com seu pináculo faiscando como se fosse de cristais; e bandeiras brancas se abriram e tremularam nos baluartes ao compasso da brisa da manhã, e alto e distante Pippin ouviu um toque cristalino, que parecia sair de trombetas de prata.

Assim Gandalf e Peregrin cavalgaram até o Grande Portão de homens de Gondor ao nascer do sol, e as portas de ferro se abriram diante deles.

— Mithrandir! Mithrandir! — gritavam os homens. — Agora sabemo que a tempestade realmente está próxima!

— Está sobre vocês — disse Gandalf. — Cavalguei em suas própria asas. Deixem-me passar! Devo encontrar-me com o seu Senhor, Denethor enquanto sua regência ainda perdura. O que quer que aconteça, vocês chegaram ao fim da Gondor que conheceram. Deixem-me passar!

Os homens recuaram diante do comando da voz do mago e não o interrogaram mais, embora olhassem admirados para o hobbit montado

diante dele e para o cavalo que os trazia. Pois o povo da Cidade raramente usava cavalos e eles quase nunca eram vistos nas ruas, exceto aqueles montados Pelos mensageiros de seu senhor. E disseram: — Não é este um dos grandes corcéis do Rei de Rohan? Talvez os rohirrim venham logo para aumentar fossa força. — Mas Scadufax subiu com altivez a estrada longa e sinuosa.

O modelo de Minas Tirith era tal que a Cidade fora construída em Sete níveis, cada um cavado no flanco da colina, e ao redor de cada nível se erguia uma muralha, e em cada muralha havia um portão. Mas os portões não eram alinhados, o Grande Portão da Muralha da Cidade ficava no ponto leste do circuito, mas o seguinte voltava-se parcialmente para o sul, e o terceiro parcialmente para o norte, e assim, ora de um lado, ora do outro, dispunham-se os portões na subida, de modo que o caminho pavimentado que ia na direção da Cidadela virava-se primeiro para um lado e depois para o outro pela encosta da colina. E, cada vez que o caminho passava pela linha do Grande Portão, atravessava um túnel em arco, perfurando um vasto pilar de rocha cujo corpo enorme e protuberante dividia em dois todos os círculos da Cidade, com a exceção do primeiro. Pois, em parte devido ao formato inicial da colina, e em parte ao oficio e trabalho árduo dos antigos, ali se erguia, por detrás do amplo pátio além do Portão, uma alta fortaleza de pedra, com sua borda pontuda como a quilha de um navio voltada para o leste. A fortaleza subia até o nível do círculo superior, e ali era coroada por um baluarte, de forma que os habitantes da Cidadela, como marinheiros num navio muito alto, podiam observar do topo, numa linha vertical, o Portão que ficava mais de duzentos metros abaixo. A entrada para a Cidadela também dava para o leste, mas era cavada no coração da rocha. Ali uma longa rampa iluminada conduzia ao sétimo portão. Dessa forma os homens atingiam finalmente o Pátio Alto, e a Praça da Fonte diante dos pés da Torre Branca: alta e elegante, noventa metros da base até o pináculo onde a bandeira dos Regentes tremulava trezentos metros acima da planície.

Realmente era uma cidadela forte, que não poderia facilmente ser tomada por um exército inimigo, se houvesse alguém lá dentro que soubesse manejar armas; a não ser que algum inimigo viesse por trás e escalasse as

fraldas inferiores do Mindolluin, e assim chegasse ao patamar estreito que juntava a Colina da Guarda á massa da montanha. Mas aquele patamar que atingia o nível da quinta muralha, era cercado com grandes baluartes até o precipício que se projetava sobre sua extremidade oeste, e naquele espaço ficavam casas e túmulos abobadados de reis e senhores antigos, para sempre silenciosos entre a montanha e a torre.

Pippin observava num espanto crescente a grande cidade de pedra, mais vasta e esplêndida do que qualquer coisa que jamais sonhara, maior e mais forte que Isengard, e muito mais bonita. Apesar disso, na verdade, a cidade estava se deteriorando ano após ano, já sem metade dos homens que poderiam morar confortavelmente ali. Em cada rua passavam por alguma grande casa ou pátio, em cujas portas e portões em arco estavam esculpidas muitas letras belas de formatos estranhos e antigos: nomes que Pippin supôs serem de grandes homens e famílias que outrora moraram lá; mas agora estavam em silêncio, sem ruídos de passos em suas amplas calçadas, ou de vozes nos salões, nem qualquer rosto olhando das portas ou janelas vazias.

Finalmente saíram da sombra para o sétimo portão, e o sol quente que brilhava além do rio, no momento em que Frodo caminhava nas clareiras de Ithilien, reluzia aqui nas paredes lisas e nos pilares profundos, e no grande arco com fecho esculpido à semelhança de uma cabeça de rei coroada. Gandalf desmontou, pois não se permitia a entrada de nenhum cavalo na Cidadela, e Scadufax se deixou levar embora ao comando suave de seu dono.

Os Guardas do portão estavam vestidos de preto, e seus elmos tinham formatos estranhos, com a parte superior muito alta e com protetores faciais perfeitamente ajustados ao rosto, e acima desses protetores encaixavam-se as asas brancas de pássaros marinhos; mas os elmos cintilavam com uma chama de prata, pois na realidade eram feitos de mithril, legados da glória de dias antigos. Sobre as vestes negras estava bordada em branco uma árvore florescendo como neve sob uma corôa de prata e estrelas de muitas pontas. Esse era o uniforme dos herdeiros de Elendil, e ninguém o usava em Gondor, a não ser os Guardas da Cidadel diante do Pátio da Fonte, onde a Arvore Branca outrora crescera.

Já parecia que a noticia de sua chegada os precedera; imediatamente

foram admitidos, silenciosamente e sem perguntas. Gandalf atravessou depressa o pátio pavimentado com pedras brancas. Uma fonte suave brincava ali no sol da manhã, e um gramado verde-claro jazia ao redor dela; mas na névoa, inclinando-se sobre o lago, havia uma árvore morta, e gotas pingavam tristemente de seus ramos secos e quebrados, caindo de novo na água límpida.

Pippin a contemplou enquanto corria atrás de Gandalf. A cena er melancólica, pensou ele, e ficou imaginando por que a árvore morta fora deixada naquele lugar onde todo o resto era bem cuidado.

Sete estrelas, sete pedras e uma árvore branca.

As palavras murmuradas por Gandalf retornaram-lhe á mente. E então viu-se às portas do grande palácio sob a torre reluzente, e seguindo o mago passou pelas altas sentinelas e entrou nas sombras frescas e ressonantes da casa de pedra.

Desceram uma passagem pavimentada, longa e vazia, e enquanto caminhavam Gandalf falou baixinho para Pippin.

— Cuidado com suas palavras, Mestre Peregrin! Isso não é hora par atrevimentos de hobbits. Théoden é um velho gentil. Denethor é um outro tipo, orgulhoso e astuto, um homem de linhagem e poder muito maiores, embora não seja chamado de rei. Mas ele vai se dirigir a maior parte do tempo a você, e interrogá-lo muito, uma vez que você pode lhe contar sobre seu filho Boromir. Denethor o amava muito: talvez demais, sobretudo porque eles eram diferentes. Mas usando o disfarce desse amor ele vai considerar mais fácil saber o que deseja por seu intermédio, e não por mim. Não lhe conte mais do que o necessário, e deixe de lado o assunto da missão de Frodo. Vou cuidar disso no tempo certo. E não diga nada também sobre Aragorn. a não ser que seja inevitável.

— Por que não? Qual é o problema com Passolargo? – Pippin sussurrou. — Ele tinha a intenção de vir para cá, não tinha? E de qualquer forma estará chegando em breve.

— Talvez, talvez — disse Gandalf. — Mas, se vier, é provável que chegue de uma forma que ninguém espera, nem mesmo Denethor. Será melhor assim. Pelo menos é melhor que chegue sem ter sido anunciado por nós.

Gandalf parou diante de uma porta alta de metal polido.

— Veja, Mestre Pippin, não há tempo agora para instruí-lo sobre a história de Gondor, embora talvez fosse melhor se você tivesse aprendido algo sobre o assunto, quando ainda estava procurando ninhos de pássaros e gazeteando nos bosques do Condado. Faça como eu ordeno! É pouco inteligente, quando se traz a um senhor poderoso a noticia da morte de seu herdeiro, falar muito sobre a chegada de alguém que, se chegar, reivindicará a realeza. Isso basta?

— A realeza? — perguntou Pippin surpreso.

— É isso mesmo — disse Gandalf. — Se você viajou todos esses dias com os ouvidos tapados e o cérebro adormecido, acorde agora! — O mago bateu na porta.

A porta se abriu, mas não se viu ninguém abrindo-a. Pippin divisou um grande salão. Era iluminado por janelas profundas ao longo dos amplos corredores dos dois lados, atrás das fileiras de altos pilares que sustentavam o teto.

Monólitos de mármore negro, eles se erguiam até grandes capitéis esculpidos na forma de muitas figuras estranhas de animais e folhas: bem acima, na sombra, a ampla abóbada reluzia num ouro pálido, combinado com esculturas de muitas cores. Não havia nada pendurado, nem tapetes mostrando cenas de histórias, nem objetos tecidos ou de madeira. naquele longo salão solene; mas entre os pilares erguia-se um exército de altas imagens gravadas na pedra fria.

De repente Pippin lembrou-se das rochas esculpidas dos Argonath, e ficou tomado de admiração, olhando aquela avenida de reis há muito mortos. Na extremidade, sobre uma plataforma de muitos degraus, erguia-se um trono alto sob um dossel de mármore, que tinha a forma de um elmo coroado. Atrás dele, gravada na parede e adornada com pedras, via-se a imagem de uma árvore em flor. Mas o trono estava vazio. Ao pé da plataforma, sobre o degrau inferior, que era largo e profundo, havia uma cadeira de pedra preta e sem adornos, e nela estava sentado um velho que olhava para o próprio colo. Em sua mão via-se um bastão branco com um botão de ouro. Não ergueu os olhos. Solenemente os dois caminharam pelo longo piso na direção dele, até ficarem a três passos de seu escabelo. Então

Gandalf falou.

— Salve, Senhor e Regente de Minas Tirith, Denethor, filho c Ecthelion! Venho com conselhos e notícias nesta hora escura...

Então o velho ergueu os olhos. Pippin viu seu rosto esculpido, con ossos salientes e pele de marfim, com o longo nariz adunco entre os olhos escuros e profundos, que o fizeram lembrar-se mais de Aragorn que de Boromir.

— Realmente a hora é escura disse o velho —, e nessas horas espera-se a sua chegada, Mithrandir. Mas, embora todos os sinais prenunciem que o fim de Gondor se aproxima, menor para mim agora é essa treva que a minha própria treva. Foi-me dito que você traz consigo alguém que viu meu filhc morrer. É ele?

— É — disse Gandalf. — Um dos dois. O outro está com Théoden d Rohan e provavelmente chegará mais tarde. São Pequenos, como vê embora este não seja aquele de quem os presságios falaram.

— Apesar disso, um Pequeno — disse Denethor com um ar severo — e tenho pouco amor pelo nome, uma vez que aquelas malditas palavras vieram perturbar nossos planos e levar meu filho na missão alucinada que o conduziu à morte. Meu Boromir! Agora precisamos de você. Faramir deveria ter ido em seu lugar.

— Ele teria ido — disse Gandalf — Não seja injusto em sua tristeza Boromir reivindicou a missão e não admitiu que ninguém mais a assumisse. Era um homem obstinado, que fazia o que desejava. Viajei longamente ac lado dele e aprendi muito sobre sua personalidade. Mas você fala de sua morte. Já sabia da noticia antes de nossa chegada?

— Recebi isto — disse Denethor, colocando de lado o bastão e erguendo do colo a coisa que estivera fitando. Em cada mão ele ergueu uma metade de uma grande corneta partida ao meio: um chifre de touro selvagem adornado de prata.

— Essa é a corneta que Boromir sempre carregava! — exclamou Pippin.

— Exatamente — disse Denethor. — E em minha época eu a carreguei, e da mesma forma fizeram todos os primogênitos de nossa casa, desde os anos imemoriais antes da queda dos reis, desde que Vorondil, pai

de Mardil, caçou as reses selvagens de Araw nos distantes campos de Rhûn Ouvi-a soando fraca nas fronteiras do norte há treze dias, e o rio a trouxe a mim, quebrada. Nunca mais tocará. — Parou de falar e fez-se um silêncio pesado. De repente virou seu olhar obscuro na direção de Pippin: — Que me diz sobre isso, Pequeno?

— Treze, treze dias — vacilou Pippin. — Sim, acho que é isso mesmo estava ao lado dele, no momento em que tocou a corneta. Mas nenhuma ajuda chegou. Apenas mais orcs.

— Então — disse Denethor, lançando um olhar agudo para o rosto de Pippin. — Você estava lá? Conte-me mais! Por que nenhuma ajuda chegou?

E como você escapou, e ele não, sendo um homem tão poderoso, com apenas orcs para enfrentá-lo?

Pippin corou e esqueceu o medo. — O homem mais poderoso pode ser morto por uma flecha — disse ele —; e Boromir teve o corpo perfurado por várias. Quando o vi pela última vez, ele recostou-se numa árvore e arrancou uma lança com plumas pretas de seu flanco. Então desmaiei e fui capturado. Não o vi mais, e não sei de mais nada. Mas respeito sua memória, pois ele era muito corajoso. Morreu para nos salvar, a meu parente Meriadoc e a mim, atocaiados na floresta pelos soldados do Senhor do Escuro; e embora ele tenha perecido e fracassado, minha gratidão é a mesma.

Então Pippin olhou nos olhos do velho, pois o orgulho se agitava de maneira estranha dentro dele, ainda mordido pelo desprezo e pela suspeita daquela voz fria. — Pouca serventia, sem dúvida, um senhor de homens tão poderoso achará num hobbit, um Pequeno vindo do Condado do norte; mas mesmo assim vou oferecê-la, em pagamento da minha dívida. — Afastando para o lado a capa cinzenta num movimento brusco, Pippin puxou a espada e a depôs aos pés de Denethor.

Um sorriso pálido, como o reluzir de um sol frio numa manhã de inverno, passou pelo rosto do velho, mas ele curvou a cabeça e estendeu a mão, colocando de lado os pedaços da corneta. — Dê-me a arma! — disse ele.

Pippin a ergueu e apresentou-lhe o punho.

— De onde veio isto? — perguntou Denethor. — Muitos, muitos anos

repousam sobre ela. Sem dúvida é uma espada criada por nossos próprios parentes do norte, no passado distante.

— Veio dos túmulos que jazem nas fronteiras de minha terra — disse Pippin. — Mas apenas criaturas más moram lá agora, e não estou disposto a falar mais sobre elas.

— Percebo que histórias estranhas se entretecem ao seu redor — disse Denethor —, e mais uma vez fica demonstrado que as aparências podem dar uma ideia falsa sobre o homem — ou sobre o Pequeno. Aceito seu serviço. Pois você não se intimida com as palavras, e tem uma fala cortês, embora o som dela possa nos parecer estranho aqui no sul. E precisaremos de todas as pessoas corteses, sejam elas grandes ou pequenas, nos dias vindouros. Preste-me seu juramento agora.

— Pegue o punho — disse Gandalf— e fale depois do Senhor, se estiver resolvido em relação a isso. — Estou — disse Pippin.

O velho colocou a espada sobre seu colo, e Pippin pôs a mão no punho, e disse devagar, repetindo as palavras de Denethor:

— Aqui juro fidelidade e serviço a Gondor, e ao Senhor e Regente do reino, falando e calando, agindo e não agindo, vindo e indo, na necessidade e na fartura, na paz ou na guerra, na vida ou na morte, desta hora em diante, até que meu senhor me libere, ou a morte me leve, ou o mundo acabe. Assim digo eu, Peregrin, filho de Paladin do Condado dos Pequenos.

— E isso eu escuto, Denethor, filho de Ecthelion, Senhor de Gondor, Regente do Alto Rei, e não me esquecerei, nem deixarei de recompensar o que me é oferecido: fidelidade com amor, coragem com respeito, perjúrio com vingança – Depois Pippin recebeu de volta a espada e a colocou na bainha.

— E agora — disse Denethor — minha primeira ordem para você: fale e não deixe de dizer nada! Conte-me toda a sua história, e trate de recordar-se de tudo o que puder sobre Boromir, meu filho. Sente-se agora e comece!

Enquanto falava, tocou um pequeno gongo de prata que ficava perto de seu escabelo, e imediatamente serviçais apareceram. Pippin percebeu então que eles tinham estado em alcovas dos dois lados da porta, sem serem vistos quando ele e Gandalf entraram.

— Tragam vinho, comida e cadeiras para os convidados – disse Denethor — e cuidem para que ninguém nos incomode pelo período de uma hora.

— É todo o tempo de que disponho, pois há muito mais coisas a fazer disse ele a Gandalf. — Muitas e mais importantes, pode parecer, e apesar disso para mim são menos urgentes. Mas talvez possamos conversar outra vez no fim do dia.

— E mais cedo, deve-se esperar — disse Gandalf — Pois eu não vim de Isengard até aqui, ao longo de cento e cinquenta léguas, na velocidade do vento, apenas para trazer-lhe um pequeno guerreiro, por mais cortês que ele seja. Não significa nada para você o fato de Théoden ter lutado numa grande batalha, e Isengard estar derrotada, e eu ter quebrado o cajado de Saruman?

— Significa muito. Mas já sei o suficiente sobre esses feitos para fazer meus próprios planos contra a ameaça do leste. — Voltou os olhos escuros para Gandalf, e agora Pippin percebia uma semelhança entre os dois, e sentia a tensão entre eles, quase como se visse uma linha de fogo latente traçada de olho a olho, que poderia de repente explodir em chamas.

Na verdade, Denethor se assemelhava muito mais a um grande mago que Gandalf, com mais realeza, mais beleza, mais poder e mais idade.

Apesar disso um sentido em Pippin, que não era a visão, percebia que Gandalf tinha o poder maior, e a sabedoria mais profunda, e uma majestade velada. E era mais velho, muito mais velho.

"Quanto mais velho?", perguntou-se ele, e então pensou como era estranho nunca ter pensado nisso antes. Barbárvore dissera algo sobre os magos, mas mesmo naquele momento ele não pensara em Gandalf como um deles, O que era Gandalf? Em que lugar e época distantes surgira no mundo, e quando o deixaria? Então suas meditações foram interrompidas, e ele viu que Denethor e Gandalf ainda estavam se olhando, olhos nos olhos, como se estivessem lendo a mente um do outro.

Mas foi Denethor quem desviou o olhar primeiro.

— Sim — disse ele —, pois, embora as Pedras estejam perdidas, pelo que dizem, ainda os senhores de Gondor têm um olhar mais agudo que os homens inferiores, e muitas mensagens chegam a eles. Mas sentem-se agora!

Os homens vieram trazendo uma cadeira e um banco baixo, e um deles trouxe uma bandeja com uma jarra de prata e taças, e bolos brancos.

Pippin sentou-se, mas não conseguiu tirar os olhos do velho senhor. Seria verdade, ou ele apenas imaginara, que enquanto Denethor falava das Pedras um brilho repentino de seu olhar se dirigira ao rosto de Pippin?

— Agora conte-me sua história, meu vassalo – disse Denethor, num tom de voz que misturava cortesia e caçoada. — Pois as palavras de uma pessoa tão amiga de meu filho serão realmente bem-vindas. Pippin jamais esqueceu aquela hora, no grande salão, sob o olhar agudo do Senhor de Condor, continuamente apunhalado por suas perguntas perspicazes, e consciente todo o tempo de Gandalf ao seu lado, observando, escutando e (assim sentia Pippin) controlando sua ira crescente e sua impaciência.

Quando a hora terminou e Denethor mais uma vez tocou o gongo Pippin se sentia exausto. "Não podem ser mais de nove horas", pensou ele "Conseguiria agora devorar três desjejuns a fio."

— Conduzam o Senhor Mithrandir ao alojamento preparado para ele — disse Denethor — e seu companheiro poderá se alojar com ele por enquanto, se quiser. Que seja divulgado que agora eu o tomei sob juramento a meu serviço, e ele deverá ser conhecido como Peregrin, filho de Paladin, e terá direito a aprender as senhas inferiores. Enviem ordens aos Capitães dizendo que devem me encontrar aqui, o mais cedo possível depois do soar da terceira hora.

— E você, meu Senhor Mithrandir, deverá vir também, como e quando quiser. Ninguém impedirá que venha até mim a qualquer hora, com exceção das minhas breves horas de sono. Deixe que a ira que sente em relação á tolice de um velho se esvaia, e depois retorne para meu consolo.

— Tolice? — disse Gandalf. — Não, meu senhor; quando for um parvo estará morto. Pode mesmo usar sua tristeza como um disfarce. Pensa que não entendo seu propósito em interrogar por uma hora alguém que sabe o mínimo, enquanto eu fico sentado observando?

— Se entende, então fique feliz — respondeu Denethor. – O orgulho seria tolice, se desdenhasse ajuda e aconselhamento na necessidade, mas você distribui essas dádivas de acordo com seus próprios desígnios. Apesar disso, o Senhor de Gondor não deve ser transformado na ferramenta dos

propósitos de outros homens, não importa quanto sejam valorosos. E para ele não há propósito mais alto no mundo, como ele se apresenta agora, do que o bem de Gondor; e a lei de Gondor, meu senhor, é minha e de nenhum outro homem, a não ser que o rei retorne.

— A não ser que o rei retorne? — disse Gandalf. — Bem, meu senhor Regente, é sua tarefa manter ainda algum reino tendo em vista esse evento, que agora poucos esperam ver. Nessa tarefa terá toda a ajuda que estiver disposto a pedir. Mas vou lhe dizer isto: a lei de nenhum reino é minha, nem a de Gondor nem a de qualquer outro, grande ou pequeno. Mas todas as coisas que correm perigo no mundo como ele agora se apresenta, estas são a minha preocupação E, de minha parte, não terei fracassado inteiramente em minha missão, mesmo que Gondor venha a perecer, se alguma coisa atravessar esta noite e ainda puder crescer bela e dar flores e frutos de novo nos dias vindouros— Pois também sou um regente. Você não sabia? — E com isso virou-se e se afastou do salão, com Pippin correndo ao seu lado.

Gandalf não olhou para Pippin, nem lhe dirigiu nenhuma palavra enquanto os dois caminhavam. O guia os conduziu pela porta do salão, e depois os levou através do Pátio da Fonte para uma alameda entre altas construções de pedra.

Depois de várias curvas chegaram a uma casa próxima à muralha da Cidadela, no lado norte, não muito distante da saliência que ligava a colina às montanhas. No interior, no primeiro andar acima da rua, subindo uma escada grande e esculpida, ele os levou para uma bela sala iluminada e arejada, com belos reposteiros de fosco brilho dourado, sem figuras. Havia poucos móveis: uma pequena mesa, duas cadeiras e um banco; mas dos dois lados havia alcovas com cortinas e camas bem guarnecidas, com jarras e vasilhas para se lavarem. Havia três janelas altas e estreitas que davam para o norte, sobre a grande curva do Anduin, ainda oculto pela névoa, correndo na direção dos Emyn Muil e de Rauros lá adiante. Pippin precisava subir no banco para olhar por sobre o peitoril largo de pedra.

— Está zangado comigo, Gandalf? — disse ele, quando o guia saiu e fechou a porta. — Fiz o melhor que pude.

— Realmente fez! — disse Gandalf, rindo de repente, e vindo ficar ao lado de Pippin, colocando o braço sobre os ombros do hobbit, e olhando

através da janela. Pippin observou com certa surpresa aquele rosto agora bem perto ao lado do seu, pois o som do riso fora alegre e contente. Mesmo assim, no rosto do mago só viu no inicio linhas de preocupação e de tristeza; todavia, olhando com mais atenção o hobbit percebeu que, subjugada a tudo, havia uma grande alegria: uma fonte de contentamento suficiente para fazer todo um reino rir, caso extravasasse.

— Realmente você fez o melhor que pôde — disse o mago —, e espero que demore muito até você se achar encurralado assim de novo, entre dois velhos tão terríveis. Apesar disso, o Senhor de Gondor soube mai por você do que você possa ter imaginado, Pippin. Você não conseguiu ocultar o fato de que não foi Boromir quem liderou a Comitiva que deixou Moria, e que havia entre vocês alguém de grande honra, que estava vindo para Minas Tirith, e que esse alguém possuía uma espada famosa. O homens de Gondor consideram muito as histórias dos dias antigos; e Denethor tem meditado bastante na rima e nas palavras ruína de Isildur desde que Boromir partiu.

— Ele não é como os outros homens de sua época, Pippin, e, qualquer que seja sua descendência de pai para filho, por algum acaso o sangue que corre em suas veias é praticamente o sangue legítimo do Ponente; como também o que corre nas veias de seu outro filho, Faramir, e apesar disso não corria nas de Boromir, a quem ele amava mais. Ele tem uma visão aguda Pode perceber, se forçar sua vontade, muito do que se passa nas mentes dos homens, mesmo daqueles que moram em lugares distantes. É difícil enganá-lo, e perigoso tentar.

— Lembre-se disso! Pois agora você deve servi-lo sob juramento. Não sei o que passou por sua cabeça, ou em seu coração, para que fizesse aquilo. Mas foi bem feito. Não impedi, pois ações generosas não devem ser reprimidas por conselhos frios. Tocou-lhe o coração, além de (permita-me dizer) diverti-lo. E no mínimo agora você está livre para caminhar à vontade em Minas Tirith – quando não estiver desempenhando alguma tarefa. Pois há um outro lado. Você está sob as ordens do Senhor, e disso ele não se esquecerá. Por isso, tenha cuidado! Calou-se e suspirou. — Bem, não é necessário preocupar-se com o que o amanhã poderá trazer. Em primeiro lugar, porque o amanhã trará certamente coisas piores que hoje, ainda por

muitos dias vindouros. E não há mais nada que eu possa fazer para evitá-lo. O tabuleiro está armado, e as peças estão se movendo. Uma peça que desejo muito encontrar é Faramir, agora o herdeiro de Denethor. Não acho que ele esteja na Cidade, mas não tive tempo de colher noticias. Preciso ir, Pippin. Devo estar nesse conselho de senhores e obter todas as informações possíveis. Mas o lance agora é do Inimigo, e ele está prestes a abrir totalmente seu jogo. E é provável que os peões possam ter um campo de visão tão amplo quanto qualquer outra peça, Peregrin, filho de Paladin, soldado de Gondor. Afie sua espada!

Gandalf foi até a porta, e ali virou-se. — Estou com pressa, Pippin — disse ele. — Faça-me um favor quando sair. Antes mesmo de descansar, se não estiver cansado demais. Vá procurar Scadufax e veja como ele está alojado. Este povo é gentil com os animais, pois é um povo bom e sábio, mas tem menos habilidades com cavalos que outros.

Dizendo isso, Gandalf saiu, e naquele momento ouviu-se um sino tocando suave e límpido numa torre da cidadela. Soou três vezes, como prata no ar, e parou: a terceira hora depois do nascer do sol.

Depois de um minuto, Pippin passou pela porta, desceu a escada e foi olhar na rua. O sol agora brilhava quente e claro, e as torres e velhas casas projetavam longas e nítidas sombras na direção do oeste. Alto no ar azul, o Monte Mindolluin erguia seu elmo branco e sua capa de neve. Homens armados iam de um lado para o outro nos caminhos da Cidade, como se ao bater das horas devessem mudar de posto e atividade.

Nove horas nós diríamos no Condado — disse Pippin em voz alta para si mesmo. — Hora exata para um desjejum agradável perto da janela aberta ao sol da primavera.

E como adoraria um desjejum! Será que essas pessoas têm desjejum alguma vez, ou será que já passou da hora? E quando será que almoçam, e onde?

De repente notou um homem, vestido de branco e preto, vindo pela rua estreita do centro da Cidadela na direção dele. Pippin sentiu-se solitário e tomou a decisão de falar quando o homem passasse; mas não foi necessário. O homem veio exatamente na direção dele.

— Você é Peregrin, o Pequeno? — disse ele. — Ouvi dizer que voc

jurou servir ao Senhor e à Cidade. Bem-vindo! — Estendeu a mão e Pippi a apertou.

— Meu nome é Beregond, filho de Baranor. Não tenho obrigaçõe esta manhã, e fui enviado para lhe ensinar as senhas e para lhe contar algumas das muitas coisas que sem dúvida você deseja saber. E, quanto a mim, gostaria de saber sobre você também. Pois nunca antes nesta terra vimos um Pequeno, e, embora tenhamos ouvido falar sobre eles, pouco se fala deles nas histórias que conhecemos. Além do mais, você é amigo de Mithrandir. Você o conhece bem?

— Bem — disse Pippin — ele é meu conhecido desde o início de minha curta vida, como se pode dizer; ultimamente tenho viajado com ele para lugares distantes. Mas há muito a ser lido naquele livro, e não posso afirmar que vi mais que uma ou duas páginas. Apesar disso, talvez eu o conheça tão bem como qualquer um, com exceção de uns poucos. Aragorn era o único em nossa Comitiva, eu acho, que realmente o conhecia bem.

— Aragorn? — disse Beregond. — Quem é ele?

— Oh! — gaguejou Pippin — era um homem que viajou conosco Acho que agora está em Rohan.

— Você esteve em Rohan, ouvi dizer. Há muitas coisas que gostari de lhe perguntar sobre aquela terra também, pois depositamos naquele povo grande parte da pouca esperança que nos resta. Mas estou me esquecendo de minha missão, que era responder primeiro ao que você perguntasse. O que gostaria de saber, Mestre Peregrin?

— É, bem — disse Pippin — se eu puder ousar dizer isto, uma pergunta que está queimando em minha cabeça neste momento é, bem, e o desjejum e tudo mais? Quero dizer, quais são as horas das refeições, se é que você me entende, e onde é a sala de jantar, se é que existe uma? E as estalagens? Eu procurei, mas não vi nenhuma em nossa subida, embora tenha vindo carregado pela esperança de poder conseguir um gole de cerveja quando chegássemos nas casas dos homens sábios e corteses.

Beregond lançou-lhe um olhar sério.

— Um típico veterano, pelo que vejo — disse ele. — Dizem que os homens que vão guerrear longe de casa estão sempre de olho na próxima oportunidade de conseguir comida e bebida, embora eu mesmo não seja um

homem viajado. Quer dizer que você não comeu nada hoje?

— Bem, sim, para ser educado, digo que comi sim — disse Pippin. — Mas nada além de uma taça de vinho e um ou dois pedaços de bolo branco graças à cortesia de seu senhor; mas em troca disso ele me torturou com uma hora de interrogatório, e isso é um trabalho que dá fome.

Beregond riu.

— A mesa, homens pequenos podem ser responsáveis pelos maiores feitos, dizemos por aqui. Mas você quebrou seu jejum como qualquer homem na Cidadela, e com maiores honras. Esta é uma fortaleza e uma torre de guarda, que está agora em regime de guerra. Levantamo-nos antes de o sol nascer, e comemos alguma coisinha na luz cinzenta, e vamos fazer nossos deveres na primeira hora. Mas não se desespere! — disse Beregond rindo outra vez, ao ver a frustração nos olhos de Pippin. — Aqueles que tiveram trabalho pesado tomam alguma coisa para renovar suas forças no meio da manhã. Há o almoço ao meio-dia ou mais tarde, como permitirem os deveres; e os homens se reúnem para a refeição do dia, e para a diversão que ainda é possível, na hora do pôr-do-sol.

— Venha! Vamos caminhar um pouco e depois achar alguma coisa para repor as energias, e comida e bebida na ameia, apreciando a bela manhã.

— Um momento! — disse Pippin corando. — A voracidade, ou a fome, como você gentilmente diz, me tirou isso da cabeça. Mas Gandalf Mithrandir, como vocês o chamam, me pediu que fosse ver o seu cavalo — Scadufax, um grande corcel de Rohan, e a menina dos olhos do rei, pelo que ouvi, embora tenha sido doado a Mithrandir por seus serviços. Acho que seu novo dono o ama mais do que ama a muitos homens, e, se a boa vontade dele tem algum valor para esta cidade, vocês devem tratar Scadufax com todas as honras: com maior gentileza do que trataram este hobbit, se for possível.

— Hobbit? — disse Beregond.

— É assim que nos chamamos a nós mesmos — disse Pippin.

— Fico feliz em sabê-lo — disse Beregond —, pois agora posso dizer que sotaques estranhos não estragam belas falas, e os hobbits são um povo que fala bonito. Mas venha! Deve apresentar-me a esse bom cavalo. Ador

animais, e raramente os vemos nesta cidade de pedra; pois meu povo veio dos vales das montanhas, e antes disso de Ithilien. Mas não tema! C encontro será rápido, uma mera visita de cortesia, e depois então vamos para as despensas.

Pippin viu que Scadufax fora bem alojado e cuidado. Pois no sext círculo, do lado de fora das muralhas da Cidadela, havia alguns belos estábulos onde eram mantidos alguns cavalos velozes, ao lado dos alojamentos dos mensageiros do Senhor: homens sempre prontos a partir ac comando urgente de Denethor ou de seus superiores.

Mas agora todos os cavalos e mensageiros estavam ausentes em lugares distantes.

Quando Pippin entrou no estábulo, Scadufax relinchou e virou cabeça. — Bom dia! — disse Pippin. — Gandalf virá assim que puder. Est ocupado, mas envia seus cumprimentos, e eu devo cuidar para que tudo esteja bem com você; espero que você esteja descansando, depois de seus longos trabalhos.

Scadufax empinou a cabeça e pateou o chão. Mas permitiu que Beregond lhe segurasse a cabeça de leve e acariciasse seus grandes flancos.

— Dá a impressão de que ele está sendo preparado para uma corrida, e não de que acaba de chegar de uma longa viagem – disse Beregond. — Como é forte e altivo!

Onde está seu arreio? Deve ser valioso e bonito.

— Nenhum é valioso e bonito o suficiente para ele — disse Pippin. — Ele não aceita nenhum. Se consentir em levá-lo, ele o leva; senão, bem, não há freio, rédea, chicote ou correia que possam domá-lo. Passe bem, Scadufax! Tenha paciência. A batalha se aproxima.

Scadufax levantou a cabeça e soltou um relincho que fez o estábulo tremer, e eles cobriram os ouvidos. Então saíram, após verificarem que a manjedoura estava bem cheia.

— E agora, para a nossa manjedoura — disse Beregond, levando Pippin de volta à Cidadela, e para uma porta do lado norte da grande torre Ali desceram por uma escada longa e fresca até uma alameda larga iluminada por lamparinas.

Havia postigos nas paredes laterais, e um deles estava aberto.

— Este é o armazém e a despensa de minha companhia da Guarda — disse Beregond. — Meus cumprimentos, Targon! — chamou ele através do postigo. -Ainda é cedo, mas temos aqui um novato que o Senhor tomou a seu serviço. Ele cavalgou numa longa e distante viagem, com o cinto bem apertado, teve um trabalho duro durante a manhã e está faminto. Traga-nos o que tiver!

Conseguiram pão, manteiga, queijo e maçãs: as últimas do suprimento de inverno, enrugadas, mas doces e firmes; e um odre de couro cheio de cerveja recém-tirada do barril, e pratos e copos de madeira. Colocaram tudo num cesto de vime e subiram de volta para o sol; Beregond levou Pippin a um ponto na extremidade leste da grande ameia saliente, onde havia um vão de janela nas muralhas com um assento de pedra colocado abaixo do peitoril. Dali podiam observar a manhã sobre o mundo.

Comeram e beberam, falando algumas vezes de Gondor, de seus modos e costumes, e outras do Condado e das estranhas terras que Pippin vira. E, à medida que conversavam, Beregond ia ficando mais assombrado — olhava com admiração cada vez maior para o hobbit, que balançava as pernas curtas enquanto estava sentado no banco, ou ficava na ponta dos pés sobre ele para espiar por cima do parapeito as terras lá embaixo.

— Não vou esconder de você, Mestre Peregrim – disse Beregond — que para nós você parece quase uma de nossas crianças, um rapaz de nove verões mais ou menos; apesar disso, você enfrentou perigos e viu maravilhas que poucos de nossos barbas cinzentas poderiam se gabar de ter visto. Pensei que fosse um capricho do nosso Senhor contratar um pajem nobre, à moda dos reis de antigamente, como se diz. Mas vejo que não é assim, e você deve perdoar minha tolice.

— Eu perdoo — disse Pippin. — Embora você não esteja muito errado. Sou pouco mais que um garoto pelos padrões de meu povo, e ainda levará quatro anos até que eu "atinja a maioridade", como dizemos no Condado. Mas não se incomode comigo. Venha, olhe e diga o que posso ver.

O sol agora se erguia, e a névoa nos vales lá embaixo havia subido. Uma última porção flutuava, um pouco acima de suas cabeças, como fragmentos de nuvens brancas carregados pela brisa constante que soprava do leste, agora agitando e balançando as bandeiras e insígnias brancas da

cidadela.

Lá embaixo, no fundo do vale, a cerca de cinco léguas de distância em linha reta, podia-se ver o Grande Rio agora cinzento e luminoso, saindo do noroeste e fazendo uma grande curva para o sul e depois outra vez para o oeste, até se perder de vista na névoa tremeluzente, além da qual jazia o Mar, a cinquenta léguas de distância.

Pippin conseguia enxergar todo o Pelennor se estendendo diante dele, salpicado na distância de fazendas e pequenas muralhas, celeiros e estábulos, mas em lugar algum se viam reses ou outros animais. Várias estradas e trilhas cruzavam os campos verdes, e havia muita gente indo e vindo: carroças movendo-se em fila na direção do Grande Portão, e outras saindo. De vez em quando um cavaleiro subia, saltava da sela e corria para dentro da Cidade. Mas a maior parte do tráfego saía pela estrada principal que se virava para o sul e depois, curvando-se mais rápido que o Rio, contornava as colinas e logo sumia de vista. Era ampla e bem pavimentada, e ao longo de sua margem leste corria uma larga pista verde para cavalos, e além desta havia uma muralha. Cavaleiros galopavam de um lado para o outro, mas toda a rua parecia estar sufocada com grandes carroças cobertas indo para o sul. Mas logo Pippin viu que, na verdade, tudo era bem organizado: as carroças avançavam em três fileiras, uma mais veloz puxada por cavalos; a segunda mais lenta, grandes carroções com belas mantas multicoloridas, puxados por bois; e ao longo da borda oeste da estrada muitos veículos menores puxados por homens que avançavam a muito custo.

— Aquela é a estrada que conduz aos vales de Tumladen e lossarnach, e para as aldeias das montanhas, e depois continua até Lebennin — disse Beregond. –Ali vão as últimas carroças levando para o refúgio os anciãos, as crianças, e as mulheres que precisam acompanhá-las. Todos precisam estar longe do Portão, deixando a estrada livre por uma légua antes do meio-dia: esta foi a ordem. Uma triste necessidade. — Ele suspirou — Poucos, talvez, daqueles agora separados poderão se encontrar de novo. E sempre houve muito poucas crianças nesta cidade; mas agora não resta nenhuma — exceto alguns rapazes novos que se recusam a partir, e podem encontrar alguma tarefa a desempenhar: meu próprio filho é um deles.

Ficaram em silêncio por um tempo. Pippin olhou ansioso para o leste

como se a qualquer momento esperasse ver milhares de orcs inundando os campos. — O que vejo ali? — perguntou ele, apontando para baixo, para o meio da grande curva do Anduin. — Aquela é outra cidade, ou o quê?

— Foi uma cidade — disse Beregond —, a mais importante de Gondor, da qual esta era apenas uma fortaleza. Pois aquelas são as ruínas de Osgiliath, dos dois lados do Anduin, a qual nossos inimigos tomaram e incendiaram há muito tempo. Apesar disso, conseguimos recuperá-la nos dias da juventude de Denethor: não para morarmos nela, mas para mantê-la como um posto avançado, e para reconstruir a ponte para a passagem de nossos exércitos. E então vieram os Cavaleiros Cruéis, de Minas Morgul.

— Os Cavaleiros Negros? — disse Pippin, abrindo os olhos, que ficaram esbugalhados e escuros com o despertar de um velho medo.

— Sim, eles são negros — disse Beregond — e agora vejo que você sabe alguma coisa sobre eles, embora não os tenha mencionado em nenhuma de suas histórias.

— Sei sobre eles — disse Pippin baixinho, mas não vou falar neles agora, tão perto, tão perto. — Interrompeu o que dizia e levantou os olhos acima do Rio, tendo a impressão de que tudo o que conseguia ver era uma sombra vasta e ameaçadora. Talvez fossem montanhas assomando no limiar da visão, suas afiadas bordas suavizadas por cerca de vinte léguas de ar enevoado; talvez fosse apenas uma parede de nuvens, e além dela uma escuridão ainda mais profunda. Mas, ainda enquanto olhava, Pippin teve a impressão de que a escuridão crescia e se adensava, muito lentamente, lentamente se erguendo para sufocar as regiões ensolaradas.

— Tão perto de Mordor? — disse Beregond em voz baixa. — Sim, lá está ela. Raramente pronunciamos seu nome; mas sempre moramos à vista daquela sombra: algumas vezes ela parece mais sumida e distante; outras vezes mais próxima e escura. Agora está crescendo e escurecendo, e portanto nosso medo e nossa inquietude crescem também. E os Cavaleiros Cruéis, menos de um ano atrás, conseguiram reconquistar as travessias, e muitos de nossos melhores homens foram mortos. Foi Boromir quem finalmente conseguiu afastar o inimigo desta margem ocidental, e ainda mantemos em nosso poder a metade mais próxima de Osgiliath. Por um curto tempo. Mas aguardamos agora um novo ataque lá. Talvez o ataque

principal da guerra que se aproxima.

— Quando? — disse Pippin. — Você tem uma ideia? Pois na noit passada vi os faróis e os mensageiros; Gandalf disse que isso era um sinal de que a guerra começara. Ele parecia estar com uma pressa desesperada. Ma agora parece que tudo ficou mais calmo outra vez.

— Somente porque agora tudo está pronto — disse Beregond.

— É apenas uma tomada de fôlego antes do mergulho.

— Mas por que os faróis estavam acesos a noite passada?

— É tarde demais para enviar pessoas em busca de ajuda quando você já está cercado — respondeu Beregond. — Mas desconheço os plano do Senhor e de seus capitães. Eles têm muitos meios de conseguir notícias. F o Senhor Denethor é diferente de outros homens: ele enxerga longe. Algun dizem que, quando ele se senta em seu alto aposento na Torre durante a noite, e direciona seu pensamento neste ou naquele caminho, ele consegue ler alguma coisa do futuro, e de vez em quando vasculha a própria mente do Inimigo, digladiando-se com ele. Tanto assim que ele está velho, desgastado precocemente. Mas de qualquer forma meu senhor Faramir est longe, além do Rio em alguma missão perigosa, e ele pode ter enviadc notícias.

— Mas, se quer saber qual, na minha opinião, seria o motivo de os faróis se acenderem, foi a noticia que chegou ontem á noite de Lebennin. Há uma grande esquadra se aproximando da foz do Anduin, liderada pelo corsários de Umbar no sul. Já faz tempo que deixaram de temer o poder de Gondor, e se aliaram ao Inimigo, e agora desferem um pesado golpe a favo dele. Pois esse ataque retirará grande parte da ajuda que procurávamos conseguir de Lebennin e Belfalas, onde o povo é valente e numeroso. Mai que nunca voltamos nossos pensamentos para o norte e para Rohan, e estamos muito alegres por essa noticia de vitória que vocês trazem agora.

— E mesmo assim — ele parou e se levantou, olhando em volta, para o norte, o leste e o sul — os acontecimentos em Isengard devem nos advertir de que estamos presos numa grande rede e estratégia. Não é mais uma contenda nos vaus, atacando por Ithilien e por Anórien, com emboscadas e pilhagens. Esta é uma grande guerra planejada há muito tempo, e nela somos apenas uma peça, não importa o que o orgulho possa dizer. As coisas

estão se movendo no extremo leste, além do Mar Interno, sabemos pelos relatos; e também no norte, na Floresta das Trevas e mais além; e ao sul em Harad. E agora todos os reinos deverão ser submetidos à prova, para resistir ou cair — sob a Sombra.

— Apesar disso, Mestre Peregrin, temos esta honra: sempre fomos o alvo do maior ódio do Senhor do Escuro, pois esse ódio vem das profundezas do tempo, por sobre as profundidades do Mar. Aqui o golpe do martelo será mais forte. E por esse motivo Mithrandir veio até aqui com tanta pressa. Pois, se cairmos, quem resistirá? E, Mestre Peregrin, você tem alguma esperança de que possamos resistir?

Pippin não respondeu. Olhou as grandes muralhas, e as torres e as altivas bandeiras, e o sol no céu alto, e depois para a escuridão que se adensava no leste; pensou nos longos dedos daquela Sombra: os orcs das florestas e montanhas, a traição de Isengard, os pássaros de olhos malévolos, e os Cavaleiros Negros até mesmo nas alamedas do Condado — e pensou também no terror alado, os nazgúl. Estremeceu, e teve a impressão de que a esperança definhava. E naquele exato momento o sol, por um instante, vacilou e foi obscurecido, como se uma asa negra tivesse passado por ele. Quase inaudível ele teve a impressão de captar, alto e muito acima nos céus, um grito: fraco, mas de estremecer o coração, cruel e frio. Ficou branco e encolheu-se contra a muralha.

— Que foi isso? — perguntou Beregond. — Você também sentiu alguma coisa?

— Senti — murmurou Pippin. — É o sinal de nossa queda, e a sombra da destruição, um Cavaleiro Cruel dos ares.

— Sim, a sombra da destruição — disse Beregond. – Receio que Mina Tirith deva cair. A noite se aproxima. O próprio calor de meu sangue parece que me foi roubado.

Por um tempo ficaram sentados juntos, cabisbaixos e calados.

Então, de repente, Pippin ergueu os olhos e viu que o sol ainda estava brilhando e as bandeiras continuavam tremulando ao vento. Sacudiu o corpo. — Passou — disse ele. — Não, meu coração ainda não vai se desesperar. Gandalf pereceu, retornou e está conosco. Podemos resistir, nem que seja numa só perna, ou até mesmo de joelhos.

— Muito bem dito! — exclamou Beregond, levantando-se e andando de um lado para o outro em largas passadas. — Não, embora todas as coisas irremediavelmente devam chegar a um fim em determinada hora, Gondor ainda não perecerá Nem mesmo se as muralhas forem tomadas por um inimigo impiedoso que construa uma parede de cadáveres diante delas. Ainda há outras fortalezas, e caminhos secretos de fuga para dentro das montanhas. A esperança e a memória ainda viverão em algum vale oculto, onde a relva é verde.

— Mesmo assim, eu gostaria que tudo terminasse, para o bem ou para o mal — disse Pippin. — Não sou de forma alguma um guerreiro, e me desagrada a ideia da batalha; mas esperar no limiar de uma batalha da qual eu não posso escapar é pior que tudo. Como este dia já parece longo! Seria mais feliz se não fôssemos obrigados a vigiar e resistir, sem fazer qualquer movimento e sem desferir o primeiro golpe. Nenhum golpe teria sido desferido em Rohan, eu acho, se não fosse por Gandalf.

— Ah! Nesse ponto você toca na ferida de muitas pessoas! – disse Beregond. — Mas as coisas podem mudar com o retorno de Faramir. Ele corajoso, mais corajoso do que muitos julgam; nestes dias os homens demoram a crer que um capitão possa ser sábio e versado nos pergaminhos da tradição e das canções como ele é, e ser ao mesmo tempo um homem audacioso e de julgamento rápido no campo de batalha. Mas Faramir é assim. Menos temerário e ansioso que Boromir, mas não menos resoluto Mesmo assim, o que poderá ele fazer realmente? Não podemos atacar as montanhas do... do reino que fica mais além. Nosso alcance está diminuído, e não podemos atacar até que algum inimigo invada nossa esfera. Aí então nossa mão deverá ser pesada. — Beregond bateu no punho da espada.

Pippin olhou para ele: grande, altivo e nobre, como todos os homens que já vira naquela terra; um brilho faiscava em seus olhos ao pensar na batalha. "É uma pena, mas minha mão parece mais leve que uma pluma", pensou ele, mas não disse nada. "Um peão, Gandalf dissera? Talvez, mas no tabuleiro errado."

Assim conversaram até que o sol atingiu seu apogeu, e de repente os sinos do meio-dia soaram, e a Cidadela começou a se agitar; todos, exceto as sentinelas, estavam indo fazer suas refeições.

— Você não vem comigo? — disse Beregond. — Pode se juntar a meu grupo hoje. Não sei a que companhia será designado, ou talvez o Senhor possa mantê-lo sob seu comando direto. Mas você será bem-vindo. E será bom que conheça o maior número possível de nossos homens, enquanto ainda houver tempo.

— Ficarei feliz em acompanhá-lo — disse Pippin. — Sinto-me solitário, para falar a verdade. Deixei para trás meu melhor amigo, em Rohan, e não tenho tido ninguém para conversar ou para fazer brincadeiras. Quem sabe eu não possa realmente juntar-me á sua companhia? Você é o capitão? Se esse é o caso, você poderia me aceitar, ou dizer uma palavra a meu favor?

— Não, não — riu Beregond. — Não sou o capitão. Não sou oficial nem graduado e nem tenho qualquer título, não passando de um simples soldado da Terceira Companhia da Cidadela. Mesmo assim, Mestre Peregrin, ser apenas um soldado da Guarda da Torre de Gondor é algo respeitável na Cidade, e esses homens gozam de respeito nesta terra.

— Então é uma posição muito acima da minha pessoa – disse Pippin.

— Leve-me de volta ao nosso quarto, e, se Gandalf não estiver lá, irei aonde você quiser como seu convidado.

Gandalf não estava no alojamento e não enviara qualquer recado; então Pippin acompanhou Beregond e foi apresentado aos homens da Terceira Companhia. E, ao que pareceu, isso foi motivo de honra tanto para Beregond como para seu convidado, pois Pippin foi muito bem recebido. Já se tinha comentado muito na Cidadela sobre o companheiro de Mithrandir e sobre sua longa conversa a portas fechadas com o Senhor, e corriam boatos de que um Príncipe dos Pequenos viera do norte para oferecer a Gondor obediência e cinco mil espadas. E alguns diziam que, quando os Cavaleiros viessem de Rohan, cada um traria em sua garupa um guerreiro do povo dos Pequenos, miúdo talvez, mas valente.

Embora Pippin tenha precisado, contra a sua vontade, destruir essa lenda esperançosa, não conseguiu se livrar dessa nova posição, que seria bem adequada, pensavam os homens, a alguém que tivesse sido amigo de Boromir e que fosse respeitado pelo Senhor Denethor. Agradeceram-lhe por ter vindo se juntar a eles, ouviram com avidez suas palavras e histórias sobre

as terras estrangeiras, e lhe ofereceram toda a comida e a cerveja que ele poderia desejar. Na verdade, o único problema de Pippin era mante cautela", seguindo o conselho de Gandalf, e não ficar com a língua solta, como fica um hobbit entre amigos.

Finalmente, Beregond se levantou.

— Até logo, por enquanto! — disse ele. — Tenho tarefas a cumprir agora até o pôr-do-sol, como todos os outros aqui, eu acho. Mas, se você está se sentindo solitário, como disse, talvez aprecie um guia alegre para conduzi-lo pela Cidade. Meu filho terá prazer em acompanhá-lo. Um bon rapaz, posso dizer. Se isso lhe agradar, desça até o círculo mais baixo e pergunte pela Velha Hospedaria na Rath Celerdain, a rua do Lampioneiros.

Você poderá encontrá-lo lá, juntamente com outros rapazes que permanecem na Cidade. Pode haver coisas que valham a pena ver junto ac Grande Portão, antes que ele seja fechado.

Saiu, e logo depois todos os outros o seguiram. O dia permanecia agradável, embora estivesse ficando enevoado, e estava quente para março, mesmo naquela região do sul. Pippin se sentia sonolento, mas o alojamento parecia melancólico, e ele decidiu descer e explorar a Cidade. Levou para Scadufax alguns alimentos que separara, e que foram muito bem aceitos, embora o cavalo não parecesse estar sentindo falta de comida. Então Pippin desceu por longos caminhos sinuosos.

As pessoas olhavam-no muito enquanto ele passava. Quando passava, os homens eram de uma cortesia grave, saudando-o à maneira de Gondor, curvando a cabeça com a mão sobre o peito; mas atrás de si Pippin escutava muitos chamados, como se os que estivessem para fora chamassem aqueles no interior das casas para que viessem ver o Príncipe dos Pequenos o companheiro de Mithrandir. Muitos usavam idiomas diferentes da Língua Geral, mas não demorou muito para que Pippin percebesse pelo menos o significado de Ernil i Pheriannath, e sabia que esse título o precedera na Cidade.

Finalmente passou por ruas com arcos e por muitas alamedas e calçadas belas, chegando até o círculo maior e mais baixo, e ali lhe indicaram o caminho da rua dos Lampioneiros, uma rua larga que conduzia ao Grande

Portão. Nela encontrou a Velha Hospedaria, um grande prédio de pedr desgastada e cinzenta, com duas alas que avançavam até a rua, e entre elas um gramado verde, atrás do qual ficava a casa de muitas janelas. Ao longc de toda a fachada havia um pórtico com pilares, e um lance de escada que descia até o gramado. Meninos brincavam entre os pilares, as únicas crianças que Pippin vira em Minas Tirith, e ele parou para observá-las.

De repente um deles o avistou, e com um grito veio saltando pelc gramado até a rua, seguido de vários outros. Ali parou na frente de Pippin fitando-o de cima a baixo.

— Meus cumprimentos! — disse o menino. — De onde você vem? Vejo que é um forasteiro.

— Eu era — disse Pippin —; mas dizem que agora me transforme num homem de Gondor.

— Ora, ora — disse o menino. — Então somos todos homens aqui Mas quantos anos tem, e qual é o seu nome? Eu já tenho dez anos, e logc estarei medindo um metro e meio. Sou mais alto que você. Mas, também meu pai é um Guarda, um dos mais altos. E o seu?

— Que pergunta devo responder primeiro? — disse Pippin. — Meu pai cultiva as terras ao redor de Poçalvo, perto de Tuqueburgo, no Condado. Tenho quase vinte e nove anos, o que quer dizer que em idade estou na sua frente; apesar disso meço apenas um metro e vinte, e não é provável que eu cresça mais, exceto para os lados.

— Vinte e nove — disse o menino soltando um assobio. – Que coisa você é bem velho. Da mesma idade do meu tio Jorlas. Mesmo assim – acrescentou ele cheio de autoconfiança —, aposto que poderia virá-lo de cabeça para baixo ou derrubá-lo no chão.

— Talvez possa, se eu permitir — disse Pippin com uma risada. — E talvez eu pudesse fazer o mesmo com você: conhecemos alguns truques de luta em nossa pequena terra. Lá, deixe-me dizer, sou considerado singularmente grande e forte, e nunca permiti que ninguém me colocasse de cabeça para baixo. Então, se houvesse uma tentativa sua, e eu não visse outra solução, talvez tivesse de matá-lo. Pois, quando você for mais velho, aprenderá que as pessoas não são sempre o que aparentam, e, embora você tenha me tomado por um menino forasteiro e frágil, e uma presa fácil,

deixe-me adverti-lo: não sou o que está pensando; sou um Pequeno, forte, corajoso e malvado! — Pippin deu um sorriso tão sinistro que o menino recuou um passo, mas imediatamente avançou com punhos cerrados e a luz da batalha nos olhos.

— Não! — disse Pippin rindo. — Também não deve acreditar no que os forasteiros dizem sobre si mesmos! Não sou um lutador. Mas seria mais educado, de qualquer forma, se o desafiante dissesse quem é.

O menino se empertigou cheio de orgulho. — Sou Bergil, filho de Beregond da Guarda — disse ele.

— Foi o que pensei — disse Pippin — pois você se parece com seu pai. Eu o conheço, e ele me mandou procurá-lo.

— Então por que não disse imediatamente? — disse Bergil, e de repente uma expressão frustrada cobriu-lhe o rosto. — Não me diga que ele mudou de ideia, e decidiu me mandar embora com as donzelas! Mas não pode ser, as últimas carroças já se foram.

— A mensagem dele é menos ruim que essa, se é que não é boa — disse Pippin. — Ele manda dizer que, se você preferir isso a me virar de cabeça para baixo, pode me mostrar a Cidade durante algum tempo e alegrar minha solidão. Em retribuição posso lhe contar umas histórias de terras distantes.

Bergil bateu palmas, e riu aliviado. — Está tudo bem – gritou ele. — Então venha! Estávamos de saída para o Portão para ver os acontecimentos. Vamos agora.

— O que está acontecendo lá?

— Os Capitães das Terras Estrangeiras estão sendo esperados na Estrada Sul antes do pôr-do-sol. Venha conosco e verá.

Bergil acabou se mostrando um bom companheiro, a melhor companhia que Pippin teve desde que se separara de Merry, e logo os dois estavam rindo e conversando alegremente enquanto andavam pelas ruas, sem se darem conta dos muitos olhares que os homens lhes dirigiam. Logo se viram em meio a um tropel, indo para o Grande Portão. Ali Pippin cresceu muito na estima de Bergil, pois, quando falou seu nome e a senha, o guarda o saudou e permitiu que passasse. Além disso, permitiu também que o hobbit levasse consigo o companheiro.

— Isso é bom! — disse Bergil. — Não é mais permitido que nós garoto atravessemos o portão sem um adulto. Agora poderemos ver melhor.

Além do Portão havia uma multidão de homens ao longo da borda da estrada e do grande espaço pavimentado para o qual todos os caminhos para Minas Tirith convergiam. Todos os olhos se voltavam para o sul, e logo um murmúrio se ergueu. — Há poeira lá adiante! Eles estão chegando!

Pippin e Bergil se esgueiraram para a frente da multidão.

Cornetas soaram a alguma distância, e o ruido de aplausos veio na direção deles como um vento crescente.

Então ouviu-se um alto clangor de trombeta, e por toda a volta as pessoas gritavam.

— Forlong! Forlong! — ouviu Pippin. — O que eles estão dizendo? - perguntou ele.

— Forlong chegou — respondeu Bergil. — O velho Forlong, o Gordo, o senhor de Lossarnach. Lá vive meu avô. Viva! Lá vem ele. O bom e velh Forlong!

Á frente da fila vinha caminhando um grande cavalo de pernas grossas, e nele um homem de ombros largos e enorme cintura, mas velho e de barba grisalha; mesmo assim estava vestido de malha metálica e usava um elmo negro, carregando uma lança comprida e pesada. Atrás dele marchava orgulhosa uma fileira empoeirada de homens, bem armados e carregando grandes machados-de-batalha; tinham os rostos sinistros, eram mais baixos e um tanto mais morenos que qualquer homem que Pippin já vira em Gondor.

— Forlong! — gritavam os homens. — Coração sincero, amigo sincero Forlong! — Mas, quando os homens de Lossarnach haviam passado, ele murmuraram:

— Tão poucos! Duzentos, é essa a conta? Esperávamos dez vezes esse número. Essa vai ser a última novidade da esquadra negra. Estão enviando apenas um décimo de sua força. Mesmo assim, qualquer número já é um ganho.

E assim as companhias vieram e foram saudadas e aplaudidas e passaram através do Portão, homens das Terras Estrangeiras marchando para defender a Cidade de Gondor numa hora escura; mas sempre em

número reduzido, sempre menos homens do que se esperava, ou do que se pedira. Os homens do Vale Ringló atrás do filho de seu senhor, Dervorin avançando a pé: três centenas. Das regiões altas de Morthond, o grande Vale da Raiz Negra, o alto Duinhir e seus filhos,

Duilin e Derufin, e quinhentos arqueiros. De Anfalas, a distante Prai Comprida, uma longa fileira de homens de vários tipos, caçadores e pastores, e homens de pequenas aldeias, parcamente equipados, exceto os homens da casa de Golasgil, seu senhor. De Lamedon, alguns montanhese austeros sem um capitão. Pescadores do Ethir, cerca de uma centena ou mais, dispensados dos navios. Hirluin, o Belo, das Colinas Verdes de Pinnath Gelin, com três centenas de esplêndidos homens vestidos de verde. E por último o mais altivo, Imrahil, Príncipe de Doí Amroth, parente do Senho com bandeiras cor de ouro ostentando seu símbolo: o Navio e o Cisne de Prata, e uma companhia de cavaleiros bem paramentados, montando cavalos cinzentos; atrás deles sete centenas de soldados, altos como senhores, de olhos cinzentos, cabelos escuros, cantando enquanto avançavam. E isso era tudo, menos de três mil no total. Ninguém mais viria.

Seus gritos e as pisadas de seus pés entraram na Cidade e foram sumindo.

Os que assistiam ficaram em silêncio por um tempo. Pairava poeira no ar, pois o vento cessara e o fim da tarde estava pesado. A hora do fechamento do Portão já se aproximava, e o sol vermelho já estava atrás do Mindolluin. A sombra caiu sobre a Cidade.

Pippin ergueu os olhos, com a impressão de que o céu ficara cor de cinza, como se uma enorme poeira e fumaça pairassem acima deles, e a luz passasse vagamente por elas. Mas no oeste o sol que morria incendiara toda a fumaça, e agora o Mindolluin se erguia negro contra um fogo aceso salpicado de cinzas.

— Assim termina um belo dia em ira! — disse ele, esquecido do menino ao seu lado.

— Assim será, se eu não estiver em casa antes dos sinos do pôr-do-sol — disse Bergil. — Venha! Aí está a trombeta que anuncia o fechamento do Portão.

De mãos dadas entraram de novo na Cidade, os últimos a

atravessarem o Portão antes que fosse fechado; quando alcançaram a rua dos Lampioneiros, todos os sinos nas torres badalavam solenemente. Luzes se acendiam em muitas janelas, e das casas e das guaritas dos soldados ao longo das muralhas vinha o som de canções.

— Até logo, por esta vez — disse Bergil. — Leve minhas saudações a meu pai, e agradeça-lhe pela companhia que me enviou. Volte logo, eu lhe peço. Quase chego a desejar agora que não houvesse guerra, pois então poderíamos ter-nos divertido um bocado. Poderíamos ter viajado para Lossarnach, para a casa de meus avós; é bom estar lá na primavera, as florestas e campos ficam cheios de flores. Mas talvez ainda possamos visitar aquela região juntos. O nosso Senhor nunca será derrotado, e meu pai é muito corajoso. Até logo, e espero que retorne!

Separaram-se e Pippin correu de volta para a Cidadela. Pareceu-lhe um caminho longo, e ele ficou com calor e muita fome; a noite se fechava rápida e escura. Nem sequer uma estrela apontava no céu. Chegou atrasado para a refeição do dia na Companhia, e Beregond o recebeu com alegria sentando-se ao seu lado para saber notícias do filho. Depois da refeição Pippin permaneceu lá por mais um tempo, e então saiu, pois foi tomado de uma estranha melancolia, desejando muito ver Gandalf de novo.

— Você sabe o caminho? — perguntou Beregond à porta do pequeno salão, ao norte da Cidadela, onde estavam sentados. — A noite está escura e mais escura do que nunca desde que recebemos ordens para diminuir a intensidade das luzes dentro da Cidade, com recomendações de que nenhuma fosse acesa do lado de fora das muralhas. E posso lhe dar uma noticia de outra ordem: você será convocado pelo Senhor Denethor amanhã bem cedo. Receio que você não esteja designado para a Terceira Companhia. Mesmo assim, podemos ter esperanças de nos encontrar de novo. Até logo e durma em paz!

O alojamento estava escuro, exceto por uma pequena lamparina acesa sobre a mesa. Gandalf não estava lá. A melancolia se abateu ainda mais pesada sobre Pippin. Subiu no banco e tentou espiar pela janela, mas era como olhar dentro de um lago de tinta. Desceu, fechou a janela e foi dormir. Ficou um tempo deitado, atento, tentando escutar ruídos do retorno de Gandalf, e então passou para um sono inquieto.

Durante a noite foi acordado por uma luz, e viu que Gandal retornara e estava andando de um lado para o outro na sala além da cortina de sua alcova. Havia velas na mesa e rolos de pergaminhos. Ouviu o suspir do mago, que murmurou: — Quando retornará Faramir?

— Olá! — disse Pippin, metendo a cabeça na abertura da cortina Pensei que tinha se esquecido completamente de mim. Fico feliz por vê-l de volta. Foi um longo dia.

— Mas a noite será curta demais — disse Gandalf. — Voltei para c porque precisava de um pouco de paz, sozinho. Você deveria dormir numa cama, enquanto ainda pode. Ao nascer do dia eu o levarei até o Senho Denethor de novo. Ou melhor, quando vier a convocação, não ao nascer d dia. A Escuridão começou. Não haverá aurora.

CAPÍTULO II: A PASSAGEM DA COMPANHIA CINZENTA

Gandalf fora embora, e o ruido surdo dos cascos de Scadufax se perdia na noite, quando Merry voltou ao encontro de Aragorn. Trazia apenas um embrulho pequeno, pois perdera sua mochila no Parth Galen, e tudo o que tinha eram algumas poucas coisas úteis que apanhara nas ruínas de Isengard. Flasufel já estava selado. Legolas e Gimli, com seu cavalo estavam ali perto.

— Então quatro membros da Comitiva ainda restam — disse Aragorn.

— Vamos continuar cavalgando juntos. Mas não iremos sozinhos, como eu havia pensado. Agora o rei está determinado a partir imediatamente. Desde a passagem da sombra alada, ele deseja retornar às colinas sob a proteção da noite.

— E depois para onde? — perguntou Legolas.

— Ainda não sei dizer — respondeu Aragorn. — Quanto ao rei, irá à concentração de tropas que convocou em Edoras, daqui a quatro noites. E lá, eu acho, saberá notícias da guerra, e os Cavaleiros de Rohan descerão até Minas Tirith. Exceto eu e quem quer que esteja disposto a me seguir.

— Conte comigo! — exclamou Legolas. — E comigo também! – disse o anão.

— Bem, quanto a mim — disse Aragorn — tudo está escuro á minha frente. Também devo descer até Minas Tirith, mas ainda não vejo a estrada. Uma hora há muito preparada se aproxima.

— Não me deixem para trás! — disse Merry. — Ainda não fui de muita utilidade, mas não quero ser deixado de lado, como bagagem a ser apanhada quando tudo terminar. Não acho que os Cavaleiros queiram se incomodar comigo agora. Embora o rei, é claro, tenha dito que eu deveria sentar ao seu lado quando chegássemos à sua casa, para lhe contar tudo sobre o Condado.

— Sim — disse Aragorn — e sua estrada segue com ele, eu acho Merry. Mas não espere divertimento no fim. Demorará muito, receio eu, até que Théoden possa se sentar tranquilo outra vez em Meduseld. Muitas esperanças fenecerão nesta primavera amarga.

Logo todos estavam prontos para partir — vinte e quatro cavalos,

com Gimli na garupa de Legolas, e Merry na frente de Aragorn. De repent estavam cavalgando rápido através da noite. Não fazia muito tempo que tinham passado pelos túmulos nos Vaus do Isen, quando um Cavaleiro veic da retaguarda e alcançou a fila onde estavam.

— Meu senhor — disse ele ao rei —, há cavaleiros atrás de nós. Quase nos alcançando, galopando em grande velocidade.

Imediatamente Théoden ordenou uma pausa. Os Cavaleiros s viraram e agarraram as lanças. Aragorn desmontou e colocou Merry no chãc e puxando sua espada parou ao lado do estribo do rei. Éomer e seu séquito se dirigiram à retaguarda. Merry mais que nunca se sentiu como bagagem inútil, e ficou pensando o que faria se houvesse uma luta supondo que a pequena escolta do rei fosse presa e derrotada, e só ele escapasse na escuridão — sozinho nos campos desertos de Rohan, sem ideia de onde estava em todo aquele espaço de milhas intermináveis? "De nada adiantaria", pensou ele. Puxou a espada e apertou o cinto.

A lua que ia descendo foi obscurecida por uma grande nuvem flutuante, mas de repente surgiu clara de novo. Então todos ouviram o som de cascos, e no mesmo momento viram figuras escuras rapidamente se aproximando pela trilha que vinha dos vaus. O luar reluzia aqui e ali nas pontas das lanças. Não se podia calcular o número dos perseguidores mas no mínimo eles não pareciam um grupo menor que a escolta do rei.

Quando estavam a uns cinquenta passos de distância Éomer gritou em voz alta: -Alto! Alto! Quem cavalga em Rohan?

Os perseguidores de súbito frearam suas montarias. Seguiu-se un silêncio então, á luz do luar, foi possível ver um cavaleiro desmontando e caminhando para a frente num passo lento. Sua mão apareceu branca assim que ele a ergueu, com a palma para fora, em sinal de paz; mas os homens do rei agarraram suas armas. A dez passos o homem parou. Era alto, uma sombra escura. Então sua voz soou.

— Rohan? Você disse Rohan? Essa é uma palavra alegre. Estamc vindo de muito longe á procura dessa terra, e temos pressa em achá-la.

— Vocês a encontraram — disse Éomer. — Quando atravessaram os vaus lá adiante, entraram nela. Mas este é o reino de Théoden, o Rei Ninguém cavalga aqui a não ser com a sua permissão. Quem é você? Qu

significa essa pressa?

— Sou Halbarad Dúnadan, guardião do norte — exclamou o homem Procuramos um certo Aragorn, filho de Arathorn, e ouvimos dizer que el estava em Rohan.

— E também o encontraram! — exclamou Aragorn. Dando as rédea para Merry, correu á frente e abraçou o recém-chegado. — Halbarad! — disse ele. – De todas as alegrias, esta era a menos esperada!

Merry deu um suspiro de alivio. Tinha pensado que aquele era un dos últimos truques de Saruman, para atocaiar o rei enquanto estava acompanhado apenas por alguns homens; mas parecia que não seria necessário morrer defendendo Théoden, não por enquanto, de qualquer forma. Embainhou a espada.

— Está tudo bem — disse Aragorn, voltando-se. — Aqui estão algun de meus parentes, que vêm das terras distantes onde morei. Mas por que vêm, e quantos são, Halbarad deverá nos contar.

— Tenho trinta homens comigo — disse Halbarad. — Foi o máxim de patentes que conseguimos reunir ás pressas; mas os irmãos Elladan e Elrobir cavalgaram conosco, desejando ir para a guerra. Viemos na maio velocidade possível, quando chegou a sua convocação.

— Mas eu não os convoquei — disse Aragorn —, exceto apenas en desejo. Meus pensamentos frequentemente têm-se voltado em sua direção, e hoje mais do que nunca; apesar disso, não enviei mensagem alguma. Mas venham! Todos esses assuntos podem esperar. Vocês nos encontran cavalgando com pressa e em perigo. Acompanhem-nos agora, se o rei de sua permissão. Théoden ficou realmente feliz com a noticia. Isso é bom! - disse ele.

— Se esses seus parentes forem de alguma forma parecidos com você, meu senhor Aragorn, trinta desses cavaleiros serão uma força que nãc poderá ser avaliada pelo número de cabeças.

Então os Cavaleiros partiram de novo, e Aragorn por um temp cavalgou com os dúnedain, e, quando tinham conversado sobre os acontecimentos no norte e no sul, Elrobir lhe disse:

— Trago-lhe uma mensagem de meu pai: Os dias agora são curtos. S estás com pressa, lembra-te das Sendas dos Mortos.

— Sempre meus dias me pareceram curtos demais para realizar meu desejo — respondeu Aragorn. — Mas realmente grande será minha pressa quando eu tomar essa estrada.

— Isso logo vetemos — disse Elrohir. — Mas deixemos de falar dessa coisas aqui na estrada aberta!

E Aragorn disse para Halbarad:

— O que é isso que você carrega, Primo? — Pois ele viu que em vez de uma lança Halbarad trazia um grande cajado, como se fosse um estandarte, mas que estava embrulhado num tecido negro, amarrado com várias correias.

— É um presente que eu trago da Senhora de Valfenda — respondeu Halbarad. — Ela o teceu em segredo, e a confecção foi demorada. Mas ela também lhe manda uma mensagem: Os dias são curtos. Ou nossa esperança chega, ou todas as esperanças se acabam. Portanto envio-te o que fiz para ti. Passe bem, Pedra Élfica!

E Aragorn disse:

— Agora sei o que você carrega. Carregue-o para mim por mais um tempo! — E voltou-se e olhou na distância ao norte, sob as grandes estrelas e depois ficou em silêncio e não disse mais nada enquanto durou a viagem noturna.

Era noite alta e o leste estava cinzento quando subiram finalmente a Garganta do Abismo, e retornaram ao Forte da Trombeta. Ali deveriam se deitar e descansar por um breve período, e fazer planos.

Merry dormiu até ser acordado por Legolas e Gimli. — O sol está alto

— disse Legolas. — Os outros estão em plena atividade. Venha Mestre Preguiçoso, e dê uma olhada no lugar enquanto ainda pode!

— Houve uma batalha aqui três dias atrás — disse Gimli —, e aqui Legolas e eu jogamos um jogo que eu venci por apenas um único orc. Venha ver como foi! E há cavernas, Merry, cavernas maravilhosas! Vamos visitá-las, Legolas, o que você acha?

— Não! Não há tempo — disse o elfo. — Não estrague essa maravilha com a pressa! Dei minha palavra de que voltarei aqui com você, se um dia de paz e liberdade surgir outra vez. Mas agora é quase meio-dia, e a essa hora deveremos almoçar, e depois partir novamente, pelo que ouvi. Merry

se levantou e bocejou. Suas poucas horas de sono foram muito menos que c suficiente; estava cansado e bastante desanimado. Sentia a falta de Pippin e sentia também que não passava de um peso morto, enquanto todo o mundo fazia planos para se apressar num negócio que ele não entendia completamente.

— Onde está Aragorn? — perguntou ele.

— Num alto aposento do Forte — disse Legolas.

— Não dormiu nem descansou, eu acho. Foi para lá há algumas horas, dizendo que precisava pensar, e apenas o seu parente, Halbarad, foi com ele; mas ele está tomado por alguma dúvida ou preocupação negra. São uma companhia estranha, esses recém-chegados — disse Gimli.

Homens robustos e de porte nobre, que fazem com que os Cavaleiros de

Rohan fiquem quase parecendo crianças ao lado deles; pois eles são homens de rostos austeros, marcados como pedras desgastadas, exatamente como o próprio Aragorn e também falam muito pouco.

— Mas assim como Aragorn são corteses, quando quebram seu silêncio — disse Legolas. — E você notou os irmãos Elladan e Elrohir? Seu trajes são menos sombrios que os dos outros, e são belos e galantes como Senhores Élficos; e isso não é de admirar nos filhos de Elrond de Valfenda.

— Por que vieram? Você ficou sabendo? — perguntou Merry.

Agora já vestido, jogou a capa cinzenta sobre os ombros e os três caminharam juntos na direção do portão arruinado do Forte.

— Responderam a uma convocação, como você ouviu – disse Gimli Uma mensagem chegou a Valfenda, dizem eles: Aragorn precisa de seu povo. Que os dúnedain cavalguem para encontrá-lo em Rohan! Mas de onde veio essa mensagem eles não sabem ao certo. Gandalf a enviou, eu arriscaria dizer.

— Foi Galadriel — disse Legolas. — Ela não falou , através de Gandalf, da cavalgada da Companhia Cinzenta que viria do norte?

— Você tem razão — disse Gimli — A Senhora da Floresta! Ela le muitos corações e desejos. Agora, por que nós também não desejamos a participação de nossos parentes, Legolas?

Legolas parou diante do portão e voltou os olhos claros para o norte e

para o leste, com o sofrimento estampado em seu belo rosto. – Não acho que alguém viria — respondeu ele. — Eles não precisam cavalgar ao encontro da guerra; a guerra já marcha em suas próprias terras.

Por um tempo os três companheiros caminharam juntos, comentando sobre um ou outro lance da batalha; desceram do portão quebrado e passaram pelos túmulos dos mortos na relva ao lado da estrada, até que pararam sobre o Dique de Helm e observaram a Garganta. A Colin da Morte ainda estava lá, negra, alta e pedregosa, e ainda havia marcas bem visíveis na grama removida e pisada pelos huorns. O povo da Terra Parda e muitos homens da guamição do Forte estavam trabalhando no Dique ou nos campos e ao redor das muralhas destruídas mais além; apesar disso, tudo parecia estranhamente quieto: um vale cansado, repousando depois de uma grande tempestade.

Logo os três voltaram e se dirigiram à refeição do meio-dia no salão do Forte.

O rei já estava lá, e logo que entraram ele chamou Merry e lhe ofereceu uma cadeira ao seu lado. — Não é como eu gostaria – disse Théoden —, pois este lugar é pouco parecido com minha casa em Edoras. E seu amigo, que também deveria estar aqui, partiu. Mas pode demorar muito até que nos sentemos, você e eu, à alta mesa em Meduseld; não haverá tempo para banquetes quando eu retornar. Mas venha agora! Coma e beba e vamos conversar um pouco enquanto pudermos. Depois você deverá cavalgar comigo.

— Eu posso? — disse Merry, surpreso e deliciado. – Seria esplêndido — O hobbit nunca ficara tão agradecido diante de palavras corteses. — Receio estar apenas atrapalhando todo o mundo — gaguejou ele—; mas ficaria feliz em poder fazer qualquer coisa que estivesse ao meu alcance, o senhor sabe.

— Não duvido disso — disse o rei. — Mandei preparar um bom pônei montanhês para você. Vai conduzi-lo com a velocidade de qualquer cavalo pelas estradas que tomaremos. Pois vou partir do Forte e passar por trilhas nas montanhas, evitando a planície, e dessa forma vou chegar a Edoras pelo Templo da Colina, onde a

Senhora Éowyn me aguarda. Você será meu escudeiro, se isso lhe

agrada.

Existe neste lugar algum equipamento de guerra, Éomer, que meu nobre espadachim possa usar?

— Não há grandes arsenais aqui, meu senhor — respondeu Éomer.

— Talvez encontremos um elmo leve que lhe possa servir; mas não temos malhas metálicas ou espadas que se ajustem ao seu tamanho.

— Eu tenho uma espada — disse Merry, saltando da cadeira e puxando de sua bainha negra a pequena espada brilhante. Cheio de um súbito afeto por aquele velho, ajoelhou-se sobre um dos joelhos, tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Permita-me depositar a espada de Meriadoc do Condado em seu colo, Rei

Théoden! — exclamou ele. — Aceite meu serviço, se lhe aprouver.

— Aceito com satisfação — disse o rei, e, colocando as longas e velhas mãos sobre os cabelos castanhos do hobbit, abençoou-o. — Levante-se agora, Meriadoc, escudeiro de Rohan, da casa de Meduseld! — disse ele. — Pegue sua espada e conduza-a para uma sorte feliz.

— O senhor será como um pai para mim — disse Merry.

— Por pouco tempo — disse Théoden.

Os dois conversaram durante a refeição, até que de repente Éomer falou.

— A hora que marcamos para partir se aproxima, meu senhor – disse ele. — Devo pedir que os homens toquem as trombetas? Mas onde está Aragorn? Seu lugar está vazio, e ele não comeu.

— Vamos nos aprontar para partir — disse Théoden —; mas faça com que uma mensagem seja enviada ao Senhor Aragorn, dizendo que a hora se aproxima.

O rei com sua guarda, acompanhado de Merry, desceu do portão do Forte para o ponto no gramado onde os Cavaleiros estavam se reunindo.

Muitos já estavam montados. Seria uma grande companhia; pois o rei estava deixando apenas uma pequena guarnição no Forte, e todos os que podiam ser utilizados estavam indo para o encontro de armas em Edoras. Mil lanceiros já haviam, na realidade, partido durante a noite; mas ainda haveria mais quinhentos acompanhando o rei, na maioria homens dos

campos e vales do Folde Ocidental.

Os guardiões estavam sentados um pouco mais longe, em silêncio, num grupo ordenado, armados com lanças, arcos e espadas. Estavam vestidos com capas de um cinza escuro, e seus capuzes cobriam elmo e cabeça.

Os cavalos eram fortes e de porte altivo, mas tinham pelo duro e um estava ali sem seu cavaleiro; era o próprio cavalo de Aragorn que tinham trazido do norte; Roheryn era seu nome. Não havia brilho de pedras ou ouro, nem qualquer coisa bonita nos seus estribos e arreios; nem os seus cavaleiros usavam qualquer insígnia ou símbolo, a não ser o broche no formato de uma estrela raiada de prata, que cada um tinha espetado sobre o ombro esquerdo.

O rei montou seu cavalo, Snawmana, e Merry se pôs ao lado dele em seu pônei: este chamava-se Stybba. De repente Éomer saiu do portão acompanhado de Aragorn e Halbarad, este trazendo o grande cajado, todo embrulhado no tecido negro, e dois homens altos, nem jovens nem velhos.

Eram tão parecidos os filhos de Elrond que poucos conseguiam distinguir um outro; cabelos escuros, olhos cinzentos, e nos rostos a beleza dos elfos, vestidos da mesma forma em malhas brilhantes sob as capas de um cinza prateado Atrás deles caminhavam Legolas e Gimli. Mas Merry s tinha olhos para Aragorn, tão assustadora era a mudança que se operara nele, como se em uma noite anos tivessem desabado sobre sua cabeça. O rosto estava austero, cor de cinza e exausto.

— Estou preocupado, senhor — disse ele, parando ao lado do cavalo do rei. — Ouvi palavras estranhas, e vejo novos perigos á frente. Esforcei-me muito pensando, e agora receio que deva mudar meu propósito. Diga-me, Théoden, você cavalga agora para o Templo da Colina; quanto tempo levará para que chegue lá?

— Agora já passa uma hora do meio-dia — disse Éomer. -Antes da noite do terceiro dia a contar de agora devemos chegar à Fortaleza. A lua então terá passado um dia de sua fase cheia, e a concentração de tropas que o rei pediu acontecerá no dia seguinte. Não podemos ser mais rápidos, se quisermos reunir a força de Rohan.

Aragorn ficou em silêncio por um momento. Três dias – murmurou

ele —, e a concentração das tropas de Rohan terá apenas começado. Mas vejo que não se pode apressá-la. Ergueu os olhos e parecia ter tomado alguma decisão; seu rosto estava menos preocupado. — Então, com a sua permissão, senhor, devo fazer novos planos para mim e meu povo. Devemos ir por nossa própria estrada, não mais em segredo. Para mim, o tempo de clandestinidade acabou. Vou cavalgar pelo caminho mais rápido, e vou tomar as Sendas dos Mortos.

— As Sendas dos Mortos — disse Théoden, estremecendo. — Por que você as menciona? — Éomer virou-se e fitou Aragorn, e Merry teve a impressão de que os rostos dos Cavaleiros que estavam por perto e puderam ouvir ficaram pálidos à menção daquelas palavras. — Se realmente existirem tais sendas — disse Théoden —, o portão para elas está no Templo da Colina; mas nenhum homem vivo pode passar por ele.

— Que pena, Aragorn, meu amigo! — disse Éomer. – Esperava que pudéssemos cavalgar juntos para a guerra; mas, se você procura as Sendas dos Mortos, então chegou a hora de nossa separação, e é pouco provável que nos encontremos de novo sob este sol.

— Não obstante, tomarei aquela estrada — disse Aragorn. — Mas digo a você, Éomer, que na batalha poderemos nos encontrar de novo, mesmo que todos os exércitos de Mordor se posicionem entre nós.

— Faça como quiser, meu senhor Aragorn — disse Théoden. — É o seu destino, talvez, trilhar caminhos estranhos que os outros não ousam. Esta despedida me entristece, e diminui minha força; mas agora devo tomar as estradas das montanhas sem mais delongas. Passe bem!

— Até logo, senhor! — disse Aragorn. — Cavalgue para a fama! Até logo,

Merry! Deixo você em boas mãos, melhor do que esperávamos quando caçávamos os orcs em Fangorn. Legolas e Gimli ainda vão caçar ao meu lado espero, mas não nos esqueceremos de você.

— Adeus! — disse Merry. Não conseguiu encontrar outras palavras. Sentiu-se muito pequeno e estava consternado e deprimido diante de todas aquelas palavras melancólicas. Mais do que nunca sentia falta da inesgotável alegria de Pippin. Os

Cavaleiros estavam prontos, e os cavalos, inquietos; Merry desejava

que partissem e terminassem logo com aquilo.

Agora Théoden se dirigia a Éomer, erguendo a mão e falando em voz alta, e com aquela palavra os Cavaleiros partiram. Passaram pelo Dique e desceram a Garganta, e depois, virando-se depressa para o leste, pegaram a trilha que contornava os pés das colinas por cerca de uma milha até que, curvando-se para o sul, passava por trás das colinas e desaparecia de vista. Aragorn cavalgou até o Dique e ficou observando até que os homens do rei estivessem bem distantes, na Garganta. Então virou-se para Halbarad.

— Lá se vão três entes que amo, e o menor deles não menos – disse ele.

— Ele não sabe para que fim se dirige; mas, se soubesse, mesmo assim prosseguiria.

— Um povo pequeno, mas de grande valor, são as pessoas do Condado — disse Halbarad. — Sabem pouco de nosso longo trabalho para salvaguardar suas fronteiras, mas mesmo assim não lhes guardo ressentimento.

— E agora nossos destinos estão entrelaçados – disse Aragorn. — Mesmo assim, infelizmente, aqui temos de nos separar. Bem, preciso comer um pouco, e depois nós também devemos partir depressa. Venham, Legolas e Gimli! Preciso lhes falar enquanto como.

Juntos voltaram ao Forte, mas por algum tempo Aragorn ficou sentado em silêncio à mesa do salão, e os outros aguardando que ele falasse.

— Vamos! — disse Legolas finalmente. — Fale e se reconforte, e espante a sombra! O que aconteceu desde que retornamos a este lugar triste na manhã cinzenta?

— Uma luta de certa forma mais difícil para mim que a batalha do Forte da Trombeta — respondeu Aragorn. — Olhei na Pedra de Orthanc, meus amigos.

— Você olhou naquela maldita pedra de feitiçaria! – exclamou Gimli com medo e estupefação cobrindo-lhe o rosto. — Disse alguma coisa a... ele? Até mesmo Gandalf temia tal encontro.

— Você esquece quem é a pessoa a que se dirige – disse Aragorn de modo austero, e seus olhos faiscaram. — Não proclamei meu título diante das portas de Edoras? Que receiam que eu possa ter dito a ele? Não, Gim

— disse ele numa voz mais suave, e o ar severo desapareceu de seu rosto; agora parecia alguém que trabalhara sem descanso através de várias noites de sofrimento. — Não, meus amigos, eu sou o dono legítimo da Pedra, e eu tinha tanto o direito como a força para usá-la, ou pelo menos julguei que fosse assim— Do direito não se pode duvidar. A força apenas suficiente Respirou fundo. — Foi uma luta amarga, e o cansaço demora a passar. Não disse a ele palavra alguma, e no fim domei a Pedra segundo a minha vontade. Só isso será difícil para ele suportar. E ele me viu. Sim, Mestre Gimli, ele me viu, mas numa roupagem diferente da que vocês enxergam agora. Se isso o ajudar, então fiz uma coisa ruim. Mas não acho que seja assim. Saber que eu estou vivo e caminho sob o sol foi um duro golpe para o coração dele, julgo eu, pois não sabia disso até agora. Os olhos em Orthanc não enxergaram através da armadura de Théoden; mas Sauron não esqueceu Isildur e a espada de Elendil. Agora, no momento exato de seus grandes desígnios o herdeiro de Isildur e a Espada são revelados; pois eu lhe mostrei a lâmina reforjada. Ele ainda não tem tanto poder para estar acima do medo; não, a dúvida constantemente o corrói.

— Mas ele controla um grande domínio, apesar de tudo — disse Gimli —; e agora atacará mais rápido.

— O golpe apressado geralmente se perde — disse Aragorn. — Devemos pressionar nosso Inimigo, e não mais esperar que ele ataque Vejam, meus amigos, quando dominei a Pedra, aprendi muitas coisas. Vi um grande perigo inesperado vindo do sul e se aproximando de Gondor, que retirará grande parte da força de defesa de Minas Tirith. Se não houver um contragolpe rápido, acho que a Cidade estará perdida antes que dez dias se passem.

— Então ela se perderá — disse Gimli. — Pois que socorro há que possamos enviar àquela direção, e como poderia chegar a tempo?

— Não tenho Socorro para enviar portanto devo ir em pessoa, disse Aragorn. — Mas só há um caminho através das montanhas que pode me conduzir até a região costeira antes que tudo esteja perdido. As Sendas dos Mortos.

— As Sendas dos Mortos! — disse Gimli — É um nome cruel, pouco do agrado dos homens de Rohan, pelo que vi. Podem os vivos usar essa

estrada, sem que pereçam? E, mesmo que você passe por esse caminho, que eficácia terão tão Poucos contra os golpes de Mordor?

— Os vivos nunca usaram aquela estrada desde a chegada dos rohirrim — disse Aragorn —, pois ela está fechada para eles. Mas nesta hora escura o herdeiro de Isildur poderá tomá-la, se ousar fazê-lo. Escutem! Esta é a mensagem que os filhos de Elrond me trazem, enviada de Valfenda por seu pai, o mais sábio na tradição: Peçam a Aragorn que se lembre das palavras do vidente e das Sendas dos Mortos.

— E quais podem ser as palavras do vidente? – disse Legolas.

— Assim falou Malbeth o Vidente nos dias de Arvedui o último rei de Fornost — disse Aragorn:

Sobre a terra se estende uma sombra terrível,
Lançando sobre o oeste longas asas de trevas.
A Torre treme; das tumbas de reis
a sina se aproxima. Os Mortos despertam,
chegada é a hora dos que foram perjuros:
junto á Pedra de Erech de pé ficarão
para ouvir a corneta ecoar nas colinas
De quem será a corneta? Quem irá chamar
da dúbia meia-luz o olvidado povo?
O herdeiro daquele a quem foi feita a jura.
Do norte ele virá movido pela sorte.
Seguirá pela Porta para as Sendas dos Mortos.

— Caminhos obscuros, sem dúvida — disse Gimli —, mas esses versos não são menos obscuros para mim.

— Se vocês pudessem entendê-los melhor, então eu pediria que me acompanhassem — disse Aragorn —, pois tal caminho devo trilhar. Mas não vou de bom grado; apenas a necessidade me move. Portanto, só poderia aceitar que vocês me acompanhassem se fosse por sua livre e espontânea vontade, pois encontrarão árdua fadiga e grande medo, e talvez coisa pior.

— Irei com você, mesmo que seja pelas Sendas dos Mortos, e para qualquer fim que elas possam conduzir — disse Gimli.

— Também irei — disse Legolas —, pois não temo os Mortos.

— Espero que o olvidado povo não tenha olvidado como se luta — disse Gimli — caso contrário, não vejo por que deveríamos molestá-los.

— Isso saberemos se conseguirmos chegar a Erech – disse Aragorn. – Mas o juramento que quebraram foi o de lutar contra Sauron, portanto eles devem lutar, se quiserem cumpri-lo. Pois em Erech se ergue uma pedra negra que foi trazida de Númenor, como se conta, por Isildur; e ela foi colocada sobre uma colina, e sobre ela o Rei das Montanhas jurou fidelidade a ele no inicio do reino de Gondor. Mas, quando Sauron retornou e ficou outra vez poderoso, Isildur convocou os homens das Montanhas para que cumprissem seu juramento, e eles não cumpriram: tinham adotado Sauron durante os Anos Escuros.

— Então Isildur disse ao rei deles: "Tu serás o último rei. E, se o oeste se mostrar mais forte que teu Mestre Negro, esta maldição eu lanço sobre ti e teu povo: jamais descansar enquanto o juramento não for cumprido. Pois esta guerra perdurará por anos sem conta, e vós sereis chamados mais uma vez antes do fim." E eles fugiram diante da ira de Isildur, e não ousaram avançar para lutar a favor de Sauron; esconderam-se em lugares secretos nas montanhas e não tiveram contato com outros homens; e lentamente foram se extinguindo nas colinas desoladas. E o terror dos Mortos Insones paira sobre a colina de Erech e sobre todos os lugares onde aquele povo subsistia. Mas por esse caminho devo ir, já que não há nenhum vivo que possa me ajudar.

Levantou-se.

— Venham! — gritou ele, puxando da bainha a espada, que reluziu na dúbia luz do salão do Forte. — Para a Pedra de Erech! Procuro as Sendas dos Mortos. Que me acompanhe quem quiser!

Legolas e Gimli não responderam, mas levantaram-se e seguiram Aragorn, saindo do salão. Sobre a relva esperavam, imóveis e em silêncio, os guardiões encapuzados.

Legolas e Gimli montaram. Aragorn saltou no lombo de Roheryn. Então Halbarad ergueu uma grande corneta, cujo clangor ecoou no Abismo de Helm; e com isso partiram em disparada, descendo a Garganta como um trovão, enquanto todos os homens que ficaram no Dique ou no Forte

observavam assombrados.

E, enquanto Théoden ia pelas morosas trilhas das colinas, a Companhia Cinzenta passou depressa através da planície, e no dia seguinte á tarde chegaram a Edoras, e ali fizeram apenas uma pausa breve, antes de avançar subindo o vale; assim chegaram ao Templo da Colina ao cair da noite.

A Senhora Éowyn os cumprimentou e ficou feliz com a sua chegada pois nunca vira homens mais poderosos que os dúnedain e os belos filhos de Elrond; mas seus olhos repousavam principalmente em Aragorn. E, quando se sentaram à ceia com ela, os dois conversaram, e ela ficou sabendo sobre tudo o que se passara desde a partida de Théoden, fatos sobre os quais ela apenas recebera notícias apressadas; quando ouviu sobre a batalha no Abismo de Helm, sobre a grande matança dos inimigos, e sobre o ataque de Théoden e todos os seus cavaleiros, os olhos dela brilharam.

Mas finalmente ela disse:

— Senhores, estão cansados e devem agora ir para suas camas, com todo o conforto que se possa improvisar. Mas amanhã alojamentos melhores serão preparados para vocês.

Mas Aragorn disse:

— Não, senhora, não se preocupe conosco! Se pudermos dormir aqui esta noite e quebrar nosso jejum amanhã, isso será o suficiente. Pois cavalgo numa missão de extrema urgência, e com a primeira luz da manhã devemos partir.

Ela lhe sorriu e disse:

— Então foi uma enorme gentileza, senhor, terem cavalgado tantas milhas fora de seu caminho para trazer notícias para Éowyn, e conversar com ela em seu exílio.

— Na verdade nenhum homem consideraria tal viagem um desperdício — disse Aragorn —; e, apesar disso, senhora, eu não poderia ter vindo até aqui se a estrada que devo tomar não passasse pelo Templo da Colina.

E ela respondeu como alguém que não gostou do que ouviu:

— Então, senhor, você está perdido; pois do Vale Harg nenhuma estrada vai para o leste ou para o sul; e é melhor que retorne por onde veio.

— Não, senhora — disse ele —, não estou perdido pois andei nesta terra antes que você nascesse para enfeitá-la Há uma estrada que sai deste vale e essa estrada tomarei. Amanhã cavalgarei pelas Sendas dos Mortos.

Então ela o fitou como alguém que está chocado; seu rostc embranqueceu, e por um longo período não disse mais nada, enquanto todos ficaram em silêncio.

— Mas, Aragorn — disse ela finalmente —, então sua missão (procurar a morte? Pois isso é tudo o que encontrará naquela estrada. Ele: não permitem que os vivos passem.

— Eles podem tolerar que eu passe — disse Aragorn —; mas nc mínimo vou arriscar. Nenhuma outra estrada servirá.

— Mas isso é loucura — disse ela. — Pois aqui há homens de fama (coragem, que você não deveria levar para as sombras, mas conduzir para a guerra, onde se precisa de homens. Imploro que fique e cavalgue com meu irmão, pois assim os nossos corações se alegrarão e nossa esperança será maior.

— Não é loucura, senhora — respondeu ele —; pois irei por um caminho predeterminado. Mas aqueles que me seguem o fazem de livre e espontânea vontade, e, se quiserem agora ficar e cavalgar com os Rohirrim, podem fazê-lo. Mas eu vou tomar as Sendas dos Mortos, sozinho, se fo necessário.

Então ela não disse mais nada, e todos comeram em silêncio; mas seus olhos estavam sempre em Aragorn, e os outros perceberam que sua mente estava atormentada.

Finalmente se levantaram, pediram permissão à Senhora agradeceram-lhe e foram descansar.

Mas, quando Aragorn chegou à barraca onde deveria se alojar con Legolas e Gimli, e seus companheiros entraram, veio a Senhora Éowyn atrá dele e o chamou.

Ele se virou e a viu como um brilho na noite, pois estava toda vestida de branco; mas tinha os olhos em chamas.

— Aragorn — disse ela —, por que você vai por essa estrada mortal?

— Porque preciso — disse ele. — Só assim posso ver qualque esperança de desempenhar meu papel na guerra contra Sauron. Não

escolho trilhas de perigo,

Éowyn. Se pudesse ir para onde meu coração mora, estaria no norte distante, caminhando no belo vale de Valfenda.

Por um momento ela ficou quieta, como se estivesse ponderando c significado daquelas palavras. Então, de repente, colocou-lhe a mão sobre c ombro.

— Você é um senhor austero e resoluto,disse ela —, e assim os homens ganham fama. — Fez uma pausa. — Senhor — disse ela , se precisa ir, então permita que eu o siga. Pois estou cansada de me esconder covardemente nas colinas, e desejo enfrentar o perigo e a batalha.

— Seu dever está com seu povo, respondeu ele.

— Já ouvi demais sobre deveres — exclamou ela. — Mas por acaso não sou da Casa de Eorl, uma escudeira e não uma ama-seca? Já servi a pé vacilantes por muito tempo. Uma vez que eles já não vacilam, ao que parece, não posso eu passar minha vida como desejar?

— Poucos podem fazer isso com honra — respondeu ele. — Mas quanto a senhora: não aceitou o encargo de governar seu povo até que o senhor retorne?

Se não tivesse sido escolhida, então algum marechal ou capitão teria sido colocado no mesmo lugar, e não poderia fugir da incumbência, estando cansado ou não.

Serei sempre eu a escolhida? — disse ela num tom amargo. – Sere sempre deixada para trás quando os Cavaleiros partem, para cuidar da casa enquanto eles ganham fama, e para preparar-lhes cama e comida, esperando seu regresso?

— Logo pode chegar um tempo — disse ele — em que ninguém retornará. Então haverá necessidade de valor sem fama, pois ninguém se recordará dos feitos realizados na derradeira defesa de suas casas. Apesar disso, os feitos não serão menos corajosos por não serem celebrados.

E ela respondeu:

— Todas as suas palavras querem dizer apenas isto: você é uma mulher, e seu papel é na casa. Mas, quando os homens estiverem mortos na batalha e com honra, você tem a permissão para ser queimada na casa, pois os homens não mais precisarão dela. Mas eu sou da Casa de Eorl, e não um

serviçal. Posso cavalgar e brandir uma espada, e não temo o sofrimento ou a morte.

— O que teme, senhora? — perguntou ele.

— Uma gaiola — disse ela. — Ficar atrás de grades, até que o hábito e a velhice as aceitem e todas as oportunidades de realizar grandes feitos estejam além de qualquer lembrança ou desejo.

— E mesmo assim me aconselhou a não me aventurar na estrada que escolhi, só porque é perigosa?

— Dessa forma um pode aconselhar o outro — disse ela. — Mas eu não lhe peço que fuja do perigo, mas que cavalgue para a batalha, onde sua espada possa conquistar fama e vitória. Não gostaria que uma coisa que é nobre e excelente fosse desperdiçada à toa.

— Nem eu — disse ele. — Portanto lhe digo, senhora: Fique!

Pois você não tem missão alguma no sul.

— Os que te acompanham também não têm. Eles só vão porque não estão dispostos a se separar de ti... porque te amam. — Então virou-se e desapareceu dentro da noite.

Quando chegou a luz do dia no céu, mas antes que o sol tivesse subido acima das altas cordilheiras do leste, Aragorn se aprontou para partir. Sua companhia estava toda montada, e ele prestes a saltar para a sela, quando a Senhora Éowyn veio lhes dizer adeus. Estava vestida como um Cavaleiro, e trazia uma espada na cintura.

Na mão trazia uma taça, e levando-a aos lábios bebeu um pouco, desejando— lhes boa viagem; depois ofereceu a taça a Aragorn; ele bebeu e disse: — Até logo, Senhora de Rohan! Bebo ao sucesso de sua Casa, e ao seu e de todo o seu povo. Diga ao seu irmão: além das sombras podemos nos reencontrar!

Então Gimli e Legolas, que estavam próximos, tiveram a impressão de que ela estava chorando, e numa pessoa tão austera e altiva isso parecia mais triste.

Mas ela disse:

— Aragorn, tu vais?

— Eu vou — disse ele.

— Então tu não permitirás que eu cavalgue com este grupo, como

pedi?

— Não permitirei, senhora. Pois isso eu não poderia conceder sem a permissão do rei e de seu irmão, e eles não retornarão antes de amanhã. Mas agora conto cada hora, na realidade cada minuto. Adeus!

Então ela caiu de joelhos, dizendo:

— Eu te imploro!

— Não, senhora disse ele, tomando-lhe a mão e erguendo-a. Então deu-lhe um beijo na mão e saltou na sela, e partiu sem olhar para trás, e só aqueles que o conheciam bem e estavam próximos dele viram a dor que levava consigo.

Mas Éowyn ficou imóvel como uma figura esculpida em pedra, as mãos crispadas ao longo do corpo, olhando-os até que desaparecessem nas sombras sob a negra Dwimorberg, a Montanha Assombrada, na qual ficava o Portão dos Mortos.

Quando desapareceram de vista, ela se virou e, aos tropeços, como uma cega, voltou ao seu alojamento. Mas ninguém de seu povo viu essa despedida, pois todos haviam-se escondido de medo e não ousaram sair até que o dia despertasse, e os incautos forasteiros já tivessem ido embora.

E alguns diziam:

— Eles são criaturas élficas. Que vão para seu lugar, os locais escuros e que nunca mais voltem. Os tempos já são malignos o bastante.

A luz ainda estava cinzenta quando a cavalgada começou, pois o sol ainda não tinha subido sobre as cordilheiras negras da Montanha Assombrada diante deles.

Foram tomados de pavor, no momento em que passaram entre as fileiras de pedras antigas e assim atingiram o Dimholt. Ali, sob a escuridão de árvores negras que nem mesmo Legolas conseguiria suportar por muito tempo, encontraram uma concavidade abrindo-se na raiz da montanha, e bem na trilha deles erguia-se uma única rocha poderosa, semelhante a um dedo em gesto de condenação.

— Meu sangue está gelado — disse Gimli, mas os outros ficaram em silêncio, e a voz do anão morreu nas úmidas agulhas de abeto aos seus pés. Os cavalos se recusaram a passar pela pedra ameaçadora, exigindo que os cavaleiros desmontassem e os conduzissem. E então finalmente afundaram

na fenda; ali se erguia uma parede de pedra íngreme, e na parede a Porta Negra abria-se diante deles como se fosse a própria boca da noite. Sinais e figuras apareciam entalhados acima de seu amplo arco, ilegíveis de tão apagados, e o medo fluía dela como um vapor cinzento.

O grupo parou. e não havia um só coração entre eles que não estremecesse, a não ser o coração de Legolas dos elfos, que não temia fantasmas de homens.

— Esta é uma porta maligna — disse Halbarad —, e minha morte jaz atrás dela. Não obstante, ousarei passar por ela; mas nenhum cavalo entrara.

— Mas precisamos entrar, e, portanto, os cavalos devem ir também — disse Aragorn. — Pois, se conseguirmos passar por esta escuridão, muitas léguas se estendem á frente, e cada hora perdida ali trará o triunfo de Sauron para mais perto. Sigam-me!

Então Aragorn foi na frente, e a força de sua vontade nessa hora foi tamanha que todos os dúnedain e seus cavalos o seguiram. E, na realidade, o amor que o cavalos dos guardiões tinham por seus cavaleiros era tão grande que os animais estavam dispostos a enfrentar até mesmo o terror da Porta, se os corações de seus donos estivessem firmes ao caminharem ao lado deles. Mas Arod, o cavalo de Rohan, recusava-se a entrar, e parou suando e tremendo num medo que dava pena de ver.

Então Legolas colocou a mão sobre os olhos do animal e cantou algumas palavras que pairaram suaves na escuridão, até que o cavalo se deixou conduzir, e Legolas entrou.

E ali ficou Gimli, o anão, completamente sozinho.

Os joelhos tremiam, e ele estava furioso consigo mesmo.

— Esta é uma coisa de que ninguém nunca ouviu falar! — disse ele. — Um elfo entra debaixo da terra e um anão não tem a coragem! — Com isso mergulhou para dentro. Mas parecia-lhe que seus pés pesavam como chumbo na entrada; imediatamente foi acometido de uma cegueira, até mesmo ele, Gimli, filho de Glóin, que já caminhara sem medo em muitos lugares profundos do mundo.

Aragorn trouxera tochas do Templo da Colina, e agora ia à frente erguendo uma nas mãos; Elladan, na retaguarda, levava outra, e Gimli, aos tropeços, lutava para conseguir alcançá-lo. Não conseguia enxergar nada,

exceto a chama fraca das tochas; mas, se o grupo parava, parecia haver um sussurro interminável de vozes por toda a volta, um murmúrio em palavras numa língua que ele nunca ouvira antes.

Nada atacou o grupo, nem impediu sua passagem. Mesmo assim, o medo não parava de crescer dentro do anão á medida que ele avançava: principalmente porque sabia agora que não haveria como voltar; todas as trilhas atrás estavam apinhadas por um exército que os seguia na escuridão.

Assim se passou um tempo impossível de se calcular, até que Gimli avistou algo que posteriormente sempre odiaria recordar. A estrada era ampla, pelo que podia julgar, mas agora o grupo de repente chegava a um grande espaço vazio, e não havia mais muralhas em nenhum dos lados. O pavor que sentia era tão grande que mal conseguia andar. Na distância, à esquerda, algo brilhou na escuridão assim que a tocha de Aragorn se aproximou. Então Aragorn parou e foi verificar o que era aquilo.

— Ele não sente medo? — murmurou o anão. — Em qualquer outra caverna, Gimli, filho de Glóin, teria sido o primeiro a correr em direção ao brilho do ouro. Mas não aqui! Que o ouro fique onde está!

Mesmo assim chegou mais perto, e viu Aragorn ajoelhado, enquanto Elladan erguia as duas tochas. Diante dele estavam os ossos de um homem forte. Estivera vestido de malha metálica, e sua armadura jazia ainda inteira, pois o ar da caverna era seco como pó; sua cota era dourada. O cinto era de ouro e granadas, e rico em ouro era o elmo sobre os ossos de sua cabeça, caída com o rosto contra o chão. O homem tombara perto da parede oposta da caverna, pelo que se podia presumir, e diante dele havia uma porta de pedra hermeticamente fechada: os ossos de seus dedos ainda agarravam as fendas. Uma espada quebrada e chanfrada jazia ao seu lado, como se ele tivesse golpeado a rocha em seu último desespero.

Aragorn não o tocou, mas, depois de fitá-lo em silêncio por um tempo, levantou-se e suspirou.

— Para cá, até o mundo se acabar, nunca virão as flores de simbelmyné — murmurou ele. — Nove e sete túmulos existem agora, cobertos de grama verde, e durante todos os longos anos este homem jaz ao lado da porta que não conseguiu destrancar. Para onde ela conduz? Por que queria passar? Ninguém jamais saberá!

— Pois esta não é minha missão! — exclamou ele, voltando-se e dirigindo-se á escuridão sussurrante. — Mantenham seus tesouros e segredos ocultos nos Anos Amaldiçoados! Só queremos rapidez. Deixem-nc passar, e depois venham!

Convoco-os a irem para a Pedra de Erech!

Não houve resposta, a não ser um silêncio completo, mais terrível que os sussurros anteriores; e então um vento gelado soprou, no qual as tochas tremeluziram e se apagaram, e não puderam ser reacendidas. Do tempo que se seguiu, uma ou muitas horas, Gimli se recordaria pouco. Os outros continuaram avançando, mas ele sempre ficava para trás, perseguido por um terror que o procurava e parecia estar o tempo todo prestes a agarrá-lo; atrás dele vinha um rumor como a sombra do ruido de muitos pés. Avançou aos tropeços até ficar rastejando como um animal no solo, sentindo que não suportaria mais aquilo: devia ou achar um caminho e escapar ou correr alucinadamente ao encontro do medo que o perseguia.

De repente ouviu um tilintar de água, um ruído forte e límpido comc uma pedra caindo num sonho de sombra escura. A luz aumentou e eis que o grupo passou através de outro portão, largo e de arco alto, e um riacho corria ao lado deles; mais adiante, descendo abruptamente, havia uma estrada entre penhascos íngremes pontas de faca contra o céu lá em cima Tão profundo e estreito era aquele abismo que o céu ficava escuro, e nele pequenas estrelas reluziam. Apesar disso, como Gimli veio a saber depois ainda faltavam duas horas para o pôr-do-sol do dia em que tinham partido do Templo da Colina, embora, por tudo o que saberia dizer na ocasião, pudesse tratar-Se do nascer do sol em algum ano posterior, ou em algum outro mundo.

A companhia montou de novo, e Gimli voltou para junto de Legolas Cavalgaram em fila, e o fim de tarde escureceu num azul profundo; e ainda o medo os perseguia.

Legolas, voltando-se para falar com Gimli, olhou para trás, e o anão viu diante de seu rosto o faiscar dos olhos brilhantes do elfo. Atrás deles vinha Elladan, o último da Companhia, mas ele não era o último que descia a estrada.

— Os Mortos estão nos seguindo — disse Legolas. — Vejo vultos de

homens e cavalos, e pálidas bandeiras como retalhos de nuvens, e lanças como arbustos hibernais numa noite de névoa. Os Mortos estão nos seguindo.

— Sim, os Mortos vêm atrás de nós. Eles foram convocados — disse Elladan.

Por fim a Companhia saiu da garganta, de repente, como se tivesse saído de uma fenda numa parede, e lá estava a região montanhosa de um grande vale diante deles, e o riacho que corria ao lado saltava com uma voz fria por sobre várias cachoeiras.

— Em que lugar da Terra-média estamos"? — perguntou Gimli, e Elladan respondeu: — Descemos das cabeceiras do Morthond, o rio longo e frio que corre para finalmente encontrar o mar que banha os muros de Dol Amroth. De agora em diante você não precisa perguntar a razão de seu nome: Raiz Negra os homens o chamam.

O Vale do Morthond formava uma grande baia que batia contra as íngremes encostas meridionais das montanhas. Suas ladeiras inclinadas eram cobertas de grama, mas tudo estava cinzento àquela hora, pois o sol se fora, e lá embaixo luzes piscavam nas casas dos homens. O vale era rico e muitas pessoas moravam lá.

Então, sem se virar, Aragorn disse em voz alta, para que todos pudessem ouvir: — Amigos, esqueçam o cansaço! Cavalguem agora cavalguem! Devemos chegar à Pedra de Erech antes do fim do dia, e ainda temos um longo caminho pela frente. — Dessa forma, sem olhar para trás, eles cavalgaram através dos campos nas montanhas, até chegarem a uma ponte sobre a correnteza crescente onde encontraram uma estrada que descia até o povoado.

As luzes se apagavam nas casas e aldeias à medida que eles se aproximavam, e as portas se fechavam, e as pessoas que estavam nos campos gritavam de medo e corriam alucinadas como corças perseguidas. Sempre se ouvia o mesmo grito na noite que se adensava: "O Rei dos Mortos! O Rei dos Mortos está nos atacando!"

Sinos tocavam lá embaixo, e todos os homens fugiam do rosto de Aragorn; mas a Companhia Cinzenta, em sua pressa, cavalgava como um bando de caçadores, até seus cavalos ficarem trôpegos de cansaço. E dessa

forma, um pouco antes da meia-noite, e numa escuridão igual á das cavernas das montanhas, finalmente chegaram à Colina de Erech.

Por muito tempo, o terror dos Mortos pairara sobre aquela colina e sobre os campos vazios ao redor dela. Pois no topo erguia-se uma pedra negra, redonda como um grande globo, da altura de um homem, embora uma metade estivesse enterrada no chão. Tinha uma aparência sobrenatural, como se tivesse caído do céu, como acreditavam alguns; mas aqueles que ainda recordavam a tradição do Ponente contavam que ela fora trazida da ruína de Númenor e colocada ali por Isildur em sua chegada.

Ninguém do povo do vale ousava se aproximar dela, nem estavam dispostos a morar nas proximidades, pois diziam que era um ponto de encontro dos Homens da Sombra, e ali eles se reuniam em tempos de medo ajuntando-se ao redor da Pedra e sussurrando.

Para essa Pedra a Companhia se dirigiu e parou na calada da noite Então Elrohir deu uma corneta de prata a Aragorn, que a tocou; os que estavam nas proximidades tiveram a impressão de ouvir o som de outras cornetas em resposta, como se fosse um eco em cavernas profundas e distantes. Não ouviram qualquer outro som, e mesmo assim perceberam que um grande exército se reunia ao redor de toda a colina sobre a qual eles estavam; um vento frio como o hálito dos fantasmas desceu das montanhas.

Mas Aragorn desmontou, e parando ao lado da Pedra gritou numa voz poderosa:

— Perjuros, por que viestes?

Então ouviu-se uma voz saída da noite, que lhe respondeu, como se viesse de muito longe:

— Para cumprir nosso juramento e ter paz.

Então Aragorn disse: — Finalmente é chegada a hora. Agora vou para

Pelargir, sobre o Anduin, e deveis me seguir. E, quando toda esta terra estiver livre dos servidores de Sauron, vou considerar o juramento cumprido, e tereis paz e podereis partir para sempre. Pois eu sou Elessar herdeiro de Isildur de Gondor.

E com isso ordenou que Halbarad desfraldasse o grande estandarte que havia trazido, e eis que era negro, e, se nele havia qualquer símbolo. Estava oculto na escuridão. Então fez-se silêncio, e nem sequer um sussurro

ou um suspiro se ouviu outra vez durante toda a longa noite. A Companhia acampou ao lado da Pedra, mas dormiram pouco, por causa do medo das Sombras que os cercavam.

Mas, quando chegou a aurora, fria e pálida, Aragorn se levantou imediatamente, e conduziu a Companhia adiante na viagem de maior velocidade e cansaço que qualquer um deles conhecera, exceto ele próprio, e apenas sua disposição conseguia fazer com que os outros continuassem. Nenhum outro homem mortal teria suportado a viagem, nenhum, exceto os dúnedain do norte, e com eles Gimli, o anão, e Legolas dos elfos.

Passaram pela Garganta de Tarlang e chegaram a Lamedon, e o Exército da Sombra se apressava atrás deles, e o medo ia adiante, até que chegaram a Calembel à margem do Ciril, e o sol desceu feito sangue atrás das pinnath Geliu, na distância a oeste atrás deles. Encontraram as terras e os vaus do Ciril abandonados, pois muitos homens haviam partido para a guerra, e todos os que ficaram fugiram para as colinas ao ouvirem os rumores sobre a chegada do Rei dos Mortos. Mas no dia seguinte não houve aurora, e a Companhia Cinzenta passou para dentro da escuridão da Tempestade de Mordor e se perdeu da visão dos mortais; mas os Mortos a seguiram.

CAPÍTULO III: A CONCENTRAÇÃO DAS TROPAS DE ROHAN

Agora todas as estradas corriam juntas para o leste, ao encontro da guerra iminente e do ataque da Sombra. E, no momento em que Pippin se postava no Grande Portão da Cidade e via o Príncipe de Doí Amroth entra cavalgando com suas insígnias, o Rei de Rohan desceu as colinas.

O dia terminava. Nos últimos raios do sol os Cavaleiros projetavam sombras longas e pontudas que os precediam. A escuridão já penetrara embaixo das florestas murmurantes de abetos que cobriam as encostas íngremes das montanhas. Agora o rei cavalgava devagar no fim do dia. De repente, a trilha contornou uma enorme saliência de pedra nua e mergulhou na escuridão das árvores que suspiravam suavemente. Foram descendo cada vez mais numa longa fila sinuosa. Quando finalmente chegaram ao fundo da garganta, viram que a noite já caíra nos lugares profundos. O sol se fora. O crepúsculo se deitava sobre as cachoeiras.

Durante todo o dia, bem abaixo deles, um riacho saltitante viera descendo da passagem alta que ficava mais atrás, abrindo seu caminho estreito por entre muralhas cobertas de pinheiros; agora corria através de um portão de pedra e passava para um vale mais largo. Os Cavaleiros o seguiram, e de repente o Vale Harg estendia-se diante deles, ressoando com o barulho das águas no início da noite. Ali o branco Riacho de Neve encontrando-se com córregos menores, corria veloz, vaporizando-se nas pedras descendo para Edoras, para as colinas verdes e para as planícies. Mais ao longe e a direita, no topo do grande vale, o poderoso Picorrijo assomava sobre seus amplos contrafortes envoltos em nuvens; mas seu pico dentado, vestido de neve eterna, reluzia bem acima do mundo, com sombras azuladas no leste, manchado pelo vermelho do pôr-do-sol no oeste.

Merry observava surpreso aquela terra estranha, sobre a qual ouvira muitas histórias durante a longa viagem. Era um mundo sem céu, no qual seu olho, através de espaços escuros de ar sombrio, via apenas encostas sempre subindo, grandes muralhas de pedra atrás de grandes muralhas, e precipícios sinistros envoltos pela névoa. Ficou por um momento numa espécie de devaneio, ouvindo o ruído da água, o sussurro das árvores escuras, os estalidos das rochas, e o vasto silêncio de espera que pairava

acima de qualquer som. Ele amava as montanhas, ou amara pensar nelas se erguendo à margem das histórias trazidas de longe; mas agora sentia-se acabrunhado pelo peso insuportável da Terra-média. Desejava isolar-se da imensidão numa sala tranquila, ao lado de uma fogueira.

Estava muito cansado pois, embora tivessem cavalgado devagar, haviam feito pouquíssimas pausas na viagem. Hora após hora por quase três dias fatigantes, ele estivera sacolejando sobre passagens, através de longos vales e cruzando muitos rios. Algumas vezes, nos pontos onde o caminho era mais largo, cavalgara ao lado do rei, sem notar que muitos dos Cavaleiros sorriam ao ver os dois juntos: o hobbit montando o pequeno pônei cinzento e peludo, e o Senhor de Rohan em seu grande cavalo branco. Nessas ocasiões conversara com Théoden, contando-lhe sobre sua terra natal e sobre os afazeres do povo do Condado, ou ouvindo por sua vez histórias sobre a Terra dos Cavaleiros e seus poderosos homens de antigamente. Mas na maior parte do tempo, especialmente nesse último dia, Merry tinha cavalgado sozinho logo atrás do rei, sem dizer nada, e tentando entender a fala lenta e sonora de Rohan usada pelos homens que vinham atrás dele. Era uma língua da qual Merry tinha a impressão de conhecer muitas palavras, embora fossem pronunciadas com mais sonoridade e força do que no Condado, e apesar disso ele não conseguia juntar essas palavras. Algumas vezes algum Cavaleiro levantava sua voz cristalina numa canção animadora, e Merry sentia seu coração bater mais forte, embora sem saber sobre o que falava a canção.

Mesmo assim sentia-se solitário, mais ainda quando chegava o fim do dia. Perguntava-se onde, em todo aquele mundo estranho, fora parar Pippin. e o que aconteceria com Aragorn, Legolas e Gimli. Depois, de repente, sentindo um frio em seu coração, pensou em Frodo e Sam. — Estou me esquecendo deles! disse para si mesmo num tom reprovatório. — E apesar disso eles são mais importantes que todos nós. E eu vim para ajudá-los, mas agora devem estar a centenas de milhas daqui, se ainda estiverem vivos. — Teve um calafrio.

— O Vale Harg, finalmente! — disse Éomer. — Nossa viagem está quase no fim. — Eles pararam. As trilhas que desciam da garganta estreita eram íngremes. Era possível apenas entrever, como que olhando de uma

janela alta, o grande vale no crepúsculo lá embaixo. Uma única luz fraca aparecia piscando ao lado do rio.

Esta viagem talvez tenha acabado — disse Théoden —, mas ainda tenho muito o que viajar. Ontem à noite a lua estava cheia, e amanhã cedo devo cavalgar até

Edoras para a concentração da Terra dos Cavaleiros. Mas, se o senhor aceitasse meu conselho — disse Éomer numa voz baixa —, depois o senhor voltaria para cá e aqui ficaria, até que a guerra estivesse terminada, com vitória ou derrota.

Théoden sorriu.

— Não, meu filho, pois dessa forma irei chamá-lo, não diga as palavras suaves de Língua de Cobra a meus ouvidos de velho! — Esticou o corpo e olhou para trás, vendo a longa fileira de seus homens sumindo dentro do crepúsculo. — Parece que longos anos se passaram no espaço de dias desde que cavalguei para o oeste; mas jamais me apoiarei num cajado de novo. Se perdermos a guerra, de que adiantará eu me esconder nas colinas? E, se vencermos, que motivo haverá para tristeza, mesmo que eu pereça usando minhas últimas forças? Mas vamos deixar isso de lado agora. Esta noite vou descansar na Fortaleza do Vale Harg. Ao menos uma noite de paz nos resta. Vamos continuar a cavalgada!

No crepúsculo que se adensava eles desceram para o vale. Ali o Riacho de Neve corria próximo ás paredes ocidentais, e logo a trilha os conduziu a um vau onde as águas rasas murmuravam alto sobre as pedras. O vau estava guardado. Com a aproximação do rei, muitos homens saltaram da sombra das rochas, e, quando o viram, gritaram com vozes alegres: — o Rei Théoden! O Rei Théoden! O Rei da Terra dos Cavaleiros retorna!

Então um deles fez soar um longo toque numa corneta, que ecoou no vale.

Outras cornetas responderam, e luzes brilharam do outro lado do rio.

De repente elevou-se um grande coro de trombetas lá de cima, emitido de algum lugar côncavo, ao que parecia, e que reunia as notas numa só voz, e a enviava retumbando e batendo nas muralhas de pedra.

Assim o Rei da Terra dos Cavaleiros retornou vitorioso do oeste para o Templo da Colina, sob os pés das Montanhas Brancas. Ali encontrou j

reunida a força que restava de seu povo, pois logo que ficaram sabendo da chegada os capitães cavalgaram ao seu encontro no vau, trazendo mensagens de Gandalf. Dúnhere, chefe do povo do Vale Harg, vinha à frente.

— Três dias atrás, ao amanhecer, senhor— disse ele —, Scadufax chegou a Edoras na velocidade do vento, vindo do oeste; Gandalf trouxe notícias de sua vitória para alegrar nossos corações. Mas também trouxe mensagens suas para que apressássemos a reunião dos Cavaleiros. E então veio a Sombra alada.

— A Sombra alada? — disse Théoden. — Nós também a vimos, mas foi na calada da noite anterior à partida de Gandalf.

— Pode ser, senhor — disse Dúnhere. -Apesar disso, a mesma, ou outra semelhante a ela, uma escuridão que vôa na forma de um pássaro monstruoso, sobrevoou Edoras naquela manhã, e todos os homens ficaram tomados de medo. Pois ela deu um vôo rasante sobre Meduseld, e, quando abaixou, quase tocando o cume, ouvimos um grito que paralisou nossos corações. Foi então que Gandalf nos aconselhou a não nos reunirmos nos campos, mas a encontrá-lo aqui no vale sob as montanhas. E ele ordenou que só acendêssemos luzes ou fogueiras em caso de extrema necessidade. E assim foi feito. Gandalf falou com grande autoridade.

Confiamos que esse seja o seu desejo. Não se viu nenhuma dessas coisas malignas no Vale Harg.

— Isso é bom — disse Théoden. — Agora vou cavalgar para a Fortaleza e lá, antes de descansar, encontrarei os marechais e capitães. Quero vê-los O mais cedo possível!

Agora a estrada conduzia para o leste, direto através do vale, que nesse ponto não tinha muito mais que oitocentos metros de largura. Planícies e Campinas de capim grosso, agora cinzento ao cair da noite jaziam por toda a volta; mas à frente, do lado oposto do vale, Merry viu uma parede franzida, uma última saliência das grandes raízes do Picorrijo, fendida pelo rio em eras passadas.

Em todos os espaços planos havia um grande agrupamento de homens. Alguns apinhados na borda da estrada, saudando o rei e os cavaleiros que vinham do oeste com gritos alegres; mas estendendo-se na

distância atrás deles viam-se fileiras ordenadas de tendas e barracas, e colunas de cavalos amarrados em estacas, e um grande estoque de armas, e pilhas de lanças eretas como matas de árvores recém plantadas. Agora toda a grande assembleia estava mergulhando na escuridão e mesmo assim, embora o vento da noite soprasse gelado das alturas, nenhuma lamparina reluzia, nenhuma fogueira fora acesa. Sentinelas com vestes pesadas caminhavam de um lado para o outro.

Merry ficou imaginando quantos Cavaleiros havia. Não conseguiu calcular o número na escuridão que se adensava, mas parecia-lhe um grande exército, com milhares de homens. Enquanto ele esquadrinhava todos os pontos, o grupo do rei atingiu o penhasco que assomava na encosta leste do vale; ali, de repente, a trilha começou a subir, e Merry ergueu os olhos assombrado. Estava numa estrada como nunca vira antes, um grande trabalho de mãos humanas, feito em épocas além do alcance das canções.

Subia fazendo curvas, ziguezagueando como uma cobra, abrindo seu caminho através da encosta íngreme de pedra. Inclinada como uma escada, curvava-se para lá e para cá á medida que ia subindo. Para cima, os cavalos conseguiam andar, e as carroças podiam ser lentamente puxadas; mas nenhum inimigo poderia avançar por aquele caminho se este fosse defendido lá de cima, a não ser que esse inimigo chegasse pelos ares. A cada curva da estrada postavam-se grandes rochas que haviam sido esculpidas á semelhança de homens, enormes e desajeitados, agachados, de pernas cruzadas, com os braços fortes cruzados sobre barrigas robustas. Alguns, com o passar dos anos, tinham perdido todos os traços, exceto os buracos escuros dos olhos, que ainda fitavam tristes os passantes. Os Cavaleiros mal olhavam para eles.

Chamavam-nos de homens-púkel, pouca atenção lhes davam: naquelas imagens não restava qualquer poder ou terror, mas Merry os fixava surpreso e com um sentimento quase de dó, à medida que eles iam assomando melancolicamente no crepúsculo.

Depois de um tempo olhou para trás e percebeu que já tinha subido várias dezenas de metros acima do vale, mas ainda conseguia divisar lá embaixo uma linha sinuosa de cavaleiros atravessando o vau e avançando em fila ao longo da estrada em direção ao acampamento preparado para

eles.

Apenas o rei e sua guarda subiriam até a Fortaleza.

Finalmente a companhia do rei atingiu uma borda íngreme, e a estrada ascendente avançou por um corte feito nas muralhas de pedra, e assim subiu uma pequena encosta e atingiu uma plataforma larga. Os homens a chamavam de Firienfeld, um campo de grama e charneca na montanha, bem acima do leito profundo do Riacho de Neve, que passava pelo colo das grandes montanhas lá atrás: o Picorrijo ao sul; ao norte o maciço de Serraferro com seus dentes de serrote, entre os quais, à frente dos cavaleiros, postava-se a muralha negra da Dwimorberg, a Montanha Assombrada, saindo de encostas íngremes cobertas de pinheiros sombrios. Dividindo a plataforma ao meio havia uma linha dupla de pedras fincadas e disformes, que iam desaparecendo no crepúsculo, sumindo entre as árvores. Aqueles que ousavam passar por aquela estrada logo atingiam o negro Dimholt sob Dwimorberg, e a ameaça do pilar de pedra, com a boca escura e escancarada da porta proibida.

Assim era o escuro Templo da Colina, trabalho de homens havia muito esquecidos. Ninguém se lembrava dos seus nomes, e nenhuma canção ou lenda os celebrava.

Com que propósito haviam construído esse lugar, para ser uma cidade ou um templo secreto ou um túmulo de reis, ninguém sabia dizer. Ali tinham trabalhado durante os Anos Escuros, antes que qualquer navio chegasse às praias do oeste, ou Gondor dos dúnedain fosse construída; agora tinham desaparecido, e restavam apenas os velhos homens-púkel, ainda sentados nas curvas da estrada.

Merry olhou para as fileiras de pedras em desfile: estavam desgastadas e escuras; algumas inclinadas, algumas caídas, outras rachadas ou quebradas; pareciam fileiras de velhos dentes famintos. Ficou pensando o que poderiam ser, e esperava que o rei não fosse segui-las em direção à escuridão mais além.

Então percebeu que havia tendas e barracas aglomerando se dos dois lados do caminho de pedra, mas que não estavam armadas perto das árvores, parecendo antes agruparem-se longe delas, na direção da borda do penhasco. A maioria estava à direita, onde o Fíríenfeld era mais amplo; à

esquerda havia um acampamento menor, no meio do qual se erguia um alto pavilhão. Deste lado vinha agora um cavaleiro para encontrá-los, e eles deixaram a estrada.

Assim que se aproximaram, Merry percebeu que o cavaleiro era uma mulher com longos cabelos trançados que reluziam no crepúsculo, mas ela usava um elmo, e estava vestida até a cintura como um guerreiro, trazendo uma espada no cinto.

— Salve, Senhor da Terra dos Cavaleiros! — exclamou ela. – Meu coração se alegra com seu retorno.

— É você, Éowyn — disse Théoden — está tudo bem com você?

— Está tudo bem — respondeu ela, mas Merry teve a impressão de que sua voz a traía, e poderia pensar que Éowyn estivera chorando, se isso fosse possível em uma pessoa com o rosto tão austero. Está tudo bem. Foi uma estrada cansativa para o povo, afastado repentinamente de suas casas. Houve palavras duras, pois faz tempo que a guerra nos expulsou dos campos verdes, mas não houve más ações. Tudo agora está em ordem, o senhor vê E seu alojamento já está preparado, pois recebi notícias completas sobre vocês e a hora de sua chegada. Então Aragorn veio — disse Éomer. — Ele ainda está aqui?

— Não, ele se foi — disse Éowyn, virando-se e olhando para as montanhas, escuras contra o leste e o sul.

— Para onde foi? — perguntou Éomer.

— Eu não sei -respondeu ela. — Chegou á noite, e partiu ontem de manhã, antes que o sol tivesse subido acima dos topos das montanhas. Ele partiu.

— Você está triste, filha — disse Théoden. — O que aconteceu? Diga-me, ele falou daquela estrada? — O rei apontou a distância, ao longo das linhas de pedra que se escureciam na direção da Dwimorberg. — Falou das Sendas dos Mortos?

— Sim, senhor — disse Éowyn. — E penetrou nas sombras das quais nunca ninguém retornou. Não pude dissuadi-lo. Ele partiu.

— Então nossos caminhos estão separados — disse Éomer. — Ele se perdeu. Devemos cavalgar sem ele, e nossa esperança diminui.

Devagar passaram através da charneca baixa e da grama das

montanhas, sem falar mais nada, até chegarem ao pavilhão do rei. Ali Merry viu que tudo estava preparado, e que ele mesmo não fora esquecido. Uma pequena tenda fora armada para ele ao lado do alojamento do rei; ali sentou-se sozinho, enquanto os homens andavam de um lado para o outro, entrando para ver o rei e se aconselhar com ele.

A noite se aproximou, e os topos das colinas parcialmente visíveis a oeste ficaram coroados de estrelas, mas o leste estava escuro e vazio. As pedras enfileiradas foram lentamente desaparecendo de vista, mas ainda além delas, mais negra que a escuridão, espreitava a vasta sombra agachada da Dwimorberg.

— As Sendas dos Mortos — murmurou Merry para si mesmo. — As Sendas dos Mortos? O que significa tudo isso? Todos me abandonaram agora. Cada um em direção a um destino: Gandalf e Pippin para a guerra no leste; Sam e Frodo para Mordor; Passolargo, Legolas e Gimli para as Sendas dos Mortos. Mas minha vez chegará em breve, suponho eu. Gostaria de saber sobre o que estão conversando, e o que o rei pretende fazer. Pois agora devo ir aonde ele for.

Em meio a esses pensamentos melancólicos, Merry de repente se lembrou de que estava com muita fome! Levantou-se para ver se alguém naquele estranho acampamento sentia a mesma coisa. Mas nesse exato momento uma trombeta soou, e um homem veio chamando-o, ao escudeiro do rei, para que servisse à mesa do rei.

Na parte interna do pavilhão havia um espaço exíguo, isolado por telas bordadas, e coberto de peles; ali, a uma pequena mesa, estava sentado Théoden com Éomer, Éowyn e Dúnhere, senhor do Vale Harg. Merry ficou de pé ao lado do banco do rei e o serviu, até que o velho, saindo de pensamentos profundos, virou-se para ele e sorriu.

— Venha, Mestre Meriadoc! — disse ele. — Você não ficará de pé. Vai sentar-se ao meu lado, enquanto eu permanecer em minhas próprias terras, e alegrará meu coração com histórias.

Abriu-se espaço para o hobbit á esquerda do rei, mas ninguém pediu qualquer história. Na realidade houve pouca conversa, e eles comeram e beberam em silêncio a maior parte do tempo, até que, finalmente, criando coragem, Merry fez a pergunta que o atormentava.

— Já duas vezes, senhor, ouvi sobre as Sendas dos Mortos — disse ele. — O que são elas? Para onde foi Passolargo, quero dizer, o Senhor Aragorn aonde ele foi?

O rei suspirou, mas ninguém respondeu; finalmente Éomer falou.

— Nós não sabemos, e nossos corações estão pesados — disse ele. — Mas, quanto às Sendas dos Mortos, você mesmo caminhou nos primeiros passos dela. Não, não estou pronunciando palavras de mau agouro! A estrada que subimos é o acesso à Porta que fica mais além, no Dimholt. Mas o que fica atrás dela, homem nenhum sabe.

— Homem nenhum sabe — disse Théoden. — Apesar disso, antigas lendas, agora raramente contadas, têm algo a reportar. Se essas histórias antigas, que passaram de pai para filho na Casa de Eorl, falam a verdade então a Porta sob a Dwimorberg conduz a um caminho secreto que passa por baixo da montanha e se dirige para algum fim esquecido. Mas ninguém jamais se aventurou a entrar para vasculhar seus segredos desde que Baldor, filho de Brego, passou pela Porta e nunca mais foi visto entre os homens. Ele fez um juramento temerário, ao esvaziar o chifre naquele banquete que Brego fez para consagrar o recém-construído palácio de Meduseld, e ele jamais chegou ao trono do qual era herdeiro. As pessoas dizem que os Homens Mortos, dos Anos Escuros, guardam o caminho e não permitem que nenhum homem vivo penetre seus salões ocultos; mas algumas vezes eles próprios podem ser vistos saindo da Porta como sombras e descendo a pedregosa estrada. Então o povo do Vale tranca as portas e cobre as janelas, sentindo medo. Mas os Mortos raramente saem, e só em horas de grande inquietação ou quando a morte se aproxima.

— Apesar disso comenta-se no Vale Harg — disse Éowyn numa voz baixa — que em noites sem luar, há pouco tempo, um grande exército numa formação estranha passou. De onde vinha ninguém pôde saber, mas subiu a estrada de pedra e desapareceu dentro da colina, como se estivesse rumando para um encontro marcado.

— Então por que Aragorn foi por esse caminho? – perguntou Merry — Vocês não conhecem nenhum motivo que pudesse explicar isso?

— A não ser que, como seu amigo, ele tenha lhe dito palavras que não ouvimos — disse Éomer —, ninguém agora na terra dos vivos pode dizer

quais são os seus propósitos.

— Ele parecia muito mudado em comparação a quando o vi na casa do rei — disse Éowyn -: mais austero, mais velho. Pareceu-me alguém às portas da morte, como alguém que é chamado pelos Mortos.

— Talvez ele tenha sido chamado — disse Théoden —; e meu coração me diz que não o verei de novo. Apesar disso, ele é um homem nobre, com um destino importante. E console-se com isso, filha, uma vez que você parece precisar de consolo em sua tristeza por esse hóspede. Comenta-se que, quando os Eorlingas vieram do norte e finalmente passaram subindo ao longo do Riacho de Neve, procurando lugares seguros para se refugiarem em tempos de necessidade, Brego e seu filho Baldor subiram a Escada da Fortaleza e assim chegaram diante da Porta. No limiar estava sentado um velho, de uma idade incalculável em anos; fora alto e nobre, mas agora estava desgastado como uma pedra velha. Na realidade, tomaram-no por uma pedra, pois não se moveu, nem disse palavra alguma, até que eles tentaram passar por ele e entrar. E então uma voz saiu do corpo dele, como se viesse do chão, e para o assombro dos dois falou na língua do oeste: O caminho está fechado.

— Então eles pararam e olharam para ele, percebendo que ainda estava vivo; mas ele não retribuiu o olhar, O caminho está fechado — disse a voz outra vez. — Foi fechado por aqueles que estão Mortos, e os Mortos o guardam, ate que chegue o tempo. O caminho está fechado.

— E quando será o tempo? — disse Baldor. Mas nunca conseguiu qualquer resposta. Pois o velho morreu naquela hora e caiu com o rosto no chão; e nunca mais meu povo teve notícias dos antigos moradores das montanhas. Apesar disso, talvez o tempo previsto tenha chegado, e Aragorn possa passar.

— Mas como poderá um homem descobrir se o tempo chegou ou não, a não ser desafiando a Porta? — disse Éomer. — E por aquele caminho eu não iria nem mesmo se todos os exércitos de Mordor estivessem diante de mim, e eu estivesse sozinho e sem outro refúgio. É pena que uma disposição para a morte deva recair sobre um homem de coração tão grande nesta hora de necessidade! Já não há coisas malignas suficientes, sem que se precise procurar embaixo da terra? A guerra se aproxima.

Fez uma pausa, pois naquele momento ouviu-se um ruido do lado de fora, uma voz de homem chamando o nome de Théoden, e a sentinela exigindo a senha.

De repente o capitão da Guarda abriu a cortina. — Está aqui um homem, senhor — disse ele —, um mensageiro de Gondor. Deseja vê-lo imediatamente.

— Faça-o entrar! — disse Théoden.

Um homem alto entrou, e Merry sufocou um grito; por um momento teve a impressão de que Boromir estava vivo outra vez e retornara. Então viu que não era verdade; o homem era um forasteiro, embora parecido com Boromir como se fosse um parente dele, alto e de olhos cinzentos, de porte altivo. Estava vestido como um cavaleiro, com uma capa verde-escuro sobre uma cota de malha fina; na frente de seu elmo estava gravada uma pequena estrela de prata. Na mão trazia uma única flecha, adornada com plumas negras e com farpas de aço; mas a ponta era pintada de vermelho.

Ajoelhou-se e apresentou a flecha a Théoden.

— Salve, Senhor dos Rohirrim, amigo de Gondor! — disse ele. — Sou Hirgon, mensageiro de Denethor, e trago-lhe este símbolo de guerra. Gondor está numa grande necessidade. Várias vezes os rohirrim nos ajudaram, mas agora o Senhor Denethor solicita toda a sua força e toda a sua velocidade para que Gondor não venha a cair.

— A Flecha Vermelha! — disse Théoden, segurando-a como alguém que recebe uma convocação há muito esperada mas terrível quando chega. Sua mão tremeu.

— A Flecha Vermelha não foi vista na Terra dos Cavaleiros durante toda a minha vida! As coisas realmente chegaram a este ponto? E o que o Senhor Denethor calcula que seja toda a minha força e toda a minha velocidade?

— Isso é o senhor quem melhor sabe — disse Hirgon. – Mas em breve pode acontecer que Minas Tirith seja cercada, e, a não ser que o senhor tenha a força para quebrar um cerco de muitos exércitos, o Senhor Denethor me ordena dizer-lhe que ele julga que as fortes armas dos rohirrim ficariam melhor no interior das muralhas do que do lado de fora.

— Mas ele sabe que somos um povo que luta de preferência montado

em cavalos e em espaços abertos, e também sabe que somos um povo disperso, e precisamos de tempo para reunirmos nossos Cavaleiros. Não é verdade, Hirgon, que o Senhor de Minas Tirith sabe mais do que coloca em sua mensagem? Pois já estamos em guerra. Como você deve ter ouvido você não nos encontra totalmente despreparados. Gandalf, o Cinzento esteve entre nós, e neste exato momento estamos concentrando nossas tropas para a batalha no leste.

— O que o Senhor Denethor possa saber ou supor sobre todas essa coisas não posso dizer — respondeu Hirgon. — Mas realmente nosso caso é desesperador. Mas meu senhor não lhe envia nenhum comando, ele lhe implora apenas para que se recorde da velha amizade e dos juramentos feitos há muito tempo, e que para o seu próprio bem faça o que puder. Ficamos sabendo que muitos reis cavalgaram do leste a serviço de Mordor Do norte até o campo de Dagorlad há conflitos e rumores de guerra. No sul os haradrim estão se movendo, e o medo paira sobre todas as nossas regiões costeiras, de modo que receberemos pouca ajuda de lá. Apresse-se! Pois é diante das muralhas de Minas Tirith que o destino de nossa época será decidido, e, se a maré não for estancada ali, então inundará todos os belos campos de Rohan, e nem mesmo aqui, neste Forte entre as colinas, haverá refúgio.

— Notícias negras — disse Théoden —, e apesar disso não de todo inesperadas. Mas diga a Denethor que, mesmo se Rohan não se sentisse ameaçada, ainda assim iríamos em seu auxílio. Mas sofremos muitas perdas em nossas batalhas contra o traidor Saruman, e precisamos ainda pensar em nossa fronteira ao norte e a leste, como esclarece a própria mensagem que ele envia. Um poder tão grande como o que o Senhor do Escuro parece agora controlar poderia muito bem nos cercar em batalha dentro da Cidade, e mesmo assim atacar com grande força do outro lado do Rio, lá adiante, além do Portão dos Reis.

— Mas não faremos mais planos de prudência. Iremos. O encontro de armas está marcado para o dia de amanhã. Quando tudo estiver em ordem, partiremos.

Poderia ter enviado dez mil lanceiros através da planície para o desalento de nossos inimigos. O número será menor agora, receio eu, pois

não deixarei minhas fortalezas totalmente desprotegidas. Apesar disso, no mínimo seis mil deverão cavalgar atrás de mim. Pois diga a Denethor que nesta hora o Rei da Terra dos Cavaleiros descerá até Gondor, embora seja possível que ele não retorne. Mas é uma longa estrada, e homens e animais devem chegar ao fim com forças ainda para lutar. Pode levar uma semana, a contar do dia de amanhã, até que vocês ouçam o grito dos Filhos de Eor chegando do norte.

— Uma semana! — disse Hirgon. — Se deve ser assim, que seja. Mas é provável que só encontrem muralhas arruinadas daqui a sete dias, a não ser que outro auxílio inesperado chegue. Ainda assim, vocês poderão pelo menos perturbar os orcs e os homens morenos em seu banquete na Torre Branca.

— Pelo menos faremos isso — disse Théoden. — Mas eu próprio acabei de chegar de uma batalha e de uma longa viagem, e agora vou descansar. Permaneça aqui esta noite. Então poderá assistir à concentração das tropas de Rohan e partir mais feliz pelo espetáculo que viu, e mais depressa pelo descanso. Pela manhã os conselhos são melhores, e a noite altera muitos pensamentos.

Com isso o rei ficou de pé, e todos se levantaram. — Agora todos devem ir descansar — disse ele —, e durmam bem. E de você, Mestre Meriadoc, não necessito mais esta noite. Mas fique pronto para minha convocação assim que o sol nascer.

— Estarei a postos — disse Merry —, mesmo que ordene que eu cavalgue com o senhor pelas Sendas dos Mortos.

— Não pronuncie palavras de mau agouro! — disse o rei. — Pois é possível que haja mais de uma estrada digna de tal nome. Mas eu não disse que ordenaria que você cavalgasse comigo em qualquer estrada. Boa noite!

— Não vou ficar para trás, para ser apanhado na volta! — disse Merry.

— Não vou ficar para trás, não vou! — E repetindo isso inúmeras vezes para si mesmo finalmente adormeceu em sua tenda. Foi acordado por um homem que o sacudia. — Acorde, acorde, Mestre Hobbit! — exclamou ele, e finalmente Merry despertou de seus sonhos profundos e sentou-se num sobressalto. Achou que ainda estava muito escuro.

— Qual é o problema"? — perguntou ele.

— O rei o chama.

— Mas o sol ainda não nasceu — disse Merry.

— Não, e não nascerá hoje, Mestre Hobbit. E nunca mais, poderíamos presumir sob esta nuvem. Mas o tempo não para, embora o sol esteja perdido. Depressa!

Jogando sobre o corpo algumas roupas, Merry olhou lá fora. O mundo estava sombrio. O próprio ar parecia escuro, e todas as coisas ao redor estavam negras, cinzentas e sem sombras; havia uma grande imobilidade. Não se via o vulto de uma nuvem sequer, a não ser que estivesse muito distante, na direção do oeste, onde os mais longínquos dedos da grande escuridão ainda avançavam rastejando, e uma pequena luz escoava através deles. Acima pairava um teto pesado, sombrio e disforme, e a luz mais parecia estar se extinguindo do que aumentando.

Merry viu muitas pessoas de pé, olhando para o alto e murmurando; seus rostos estavam sombrios e tristes, alguns amedrontados. Com o coração pesado, o hobbit se dirigiu até onde se encontrava o rei. Hirgon, o cavaleiro de Gondor, estava lá diante dele, e ao lado agora estava um outro homem, parecido com ele e com roupas semelhantes, mas mais baixo e troncudo.

Quando Merry entrou ele estava falando com o rei.

— Vem de Mordor. senhor— disse ele. — Começou ontem, ao pôr-do-sol Das colinas do Folde Oriental de seu reino eu a vi se erguendo e se alastrando no céu, e toda a noite, durante a minha cavalgada, ela me seguiu, devorando as estrelas. Agora a grande nuvem paira sobre toda a região daqui até as Montanhas da Sombra; e está ficando mais densa. A guerra já começou.

Por um tempo o rei ficou sentado e em silêncio. Finalmente falou.

— Então por fim chegamos a ela — disse ele -: a grande batalha de nossa era, na qual muitas coisas deverão morrer. Mas pelo menos não há mais necessidade de nos escondermos. Vamos cavalgar pelo caminho direto e na estrada aberta com toda a nossa velocidade. A concentração das tropas deve começar imediatamente, sem esperar por ninguém que esteja atrasado. Vocês têm bons estoques em Minas Tirith?

Pois, se devemos cavalgar com a maior rapidez possível, então

devemos estar leves, levando apenas comida e bebida que nos sustentem até a batalha.

— Temos um enorme estoque, preparado há muito tempo – respondeu Hirgon. — Partam agora com a maior leveza e velocidade possível!

— Então chame os arautos, Éomer — disse Théoden. — Que o Cavaleiros sejam reunidos!

Éomer saiu e de repente as trombetas soaram na Fortaleza e muitas outras lá de baixo responderam; mas suas vozes não mais soavam cristalinas e corajosas como Merry as ouvira na noite anterior. Pareciam abafadas e roucas, zurrando funestas.

O rei virou-se para Merry. — Estou indo para a guerra, Mestre Meriadoc — disse ele. — Em breve deverei tomar a estrada. Dispenso-o de meu serviço, mas não de minha amizade. Você permanecerá aqui, e, se quiser, poderá servir à Senhora Éowyn, que governará o povo em meu lugar.

— Mas, mas, senhor — gaguejou Merry. — Eu lhe ofereci minha espada. Não quero me separar de sua pessoa desta forma, Rei Théoden. E como todos os meus amigos foram para a batalha, eu me sentiria envergonhado se ficasse para trás.

— Mas nós montamos cavalos altos e velozes — disse Théoden —; e embora você possa ter grande coragem, não pode cavalgar esses animais.

— Então amarre-me ao lombo de um, ou deixe-me andar pendurado num estribo, ou qualquer outra coisa — disse Merry. — Há uma longa estrada a percorrer; mas eu irei correndo, se não puder cavalgar, mesmo que tenha de gastar meus pés e chegar com semanas de atraso.

Théoden sorriu.

— Seria melhor que eu o levasse comigo na garupa de Snawmana — disse ele. — Mas pelo menos você cavalgará comigo até Edoras para ver Meduseld; pois devo fazer esse caminho. Até lá Stybba pode levá-lo: a grande corrida não começará até atingirmos as planícies.

Então Éowyn se levantou.

— Venha agora Merriadoc. Vou lhe mostrar as armas que preparei para você. — Os dois saíram juntos. — Apenas esse pedido Aragorn me fez — disse Éowyn, enquanto eles passavam por entre as tendas —, que você

fosse armado para a batalha. Eu garanti que seria assim, que faria o possível. Pois meu coração me diz que você vai precisar dessas armas antes do fim.

Então ela levou Merry a uma barraca em meio aos alojamentos da guarda do rei, e lá um armeiro lhe trouxe um pequeno elmo, um escudo redondo, e outras armas.

— Não temos malhas que lhe sirvam — disse Éowyn —, nem tempo para forjar uma cota desse tipo; mas aqui também há um gibão de couro resistente, um cinto e uma faca. A espada você já tem.

Merry fez uma reverência, e a senhora lhe mostrou o escudo, que era parecido com aquele que dera a Gimli e ostentava a insígnia do cavalo branco.

— Pegue todas essas coisas — disse ela — e conduza-as a um bom desenlace! Adeus agora, Mestre Meriadoc! Mas talvez nos encontremos outra vez, você e eu.

Foi assim que, em meio a uma escuridão que se adensava, o Rei da Terra dos Cavaleiros se aprontou para conduzir todos os seus homens na estrada para o leste.

Os corações estavam pesados, e muitos estremeciam diante da sombra. Mas eram um povo resoluto, leal ao seu senhor, e ouvia-se pouco choro ou murmúrio, mesmo no acampamento da Fortaleza, onde se abrigavam os exilados de Edoras, mulheres; crianças e velhos. O destino pairava sobre eles, que o enfrentavam em silencio.

Duas rápidas horas se passaram, e agora o rei montava seu cavalo branco, refulgindo na meia-luz. Parecia orgulhoso e altivo, embora o cabelo que esvoaçava embaixo de seu alto elmo parecesse neve; muitos se surpreenderam com ele, e alegraram-se ao vê-lo ereto e destemido.

Lá nas amplas planícies ao lado do rio ruidoso estavam agrupadas muitas companhias que perfaziam quase cinco mil e quinhentos Cavaleiros completamente armados, e muitas centenas de outros homens com cavalos avulsos levemente carregados. Uma única trombeta soou. O rei levantou a mão, e então, em silêncio, o exército da Terra dos Cavaleiros começou a se mover. Na frente iam doze dos homens da casa do rei, Cavaleiros de renome. Depois ia o rei com Éomer à sua direita.

Dissera adeus a Éowyn em cima, no Forte, e a lembrança lhe trazia

tristeza, mas agora voltava sua mente para a estrada que se estendia à frente. Atrás dele Merry montado em Stybba, com os mensageiros de Gondor, e mais atrás outros doze homens da casa do rei. Passaram pelas longas fileiras de homens que esperavam com rostos austeros e imóveis. Mas, quando chegaram quase ao fim da fileira, um deles ergueu os olhos, lançando um olhar agudo para o hobbit. "Um jovem", pensou Merry ao retribuir o olhar, "menor em tamanho e corpulência que muitos." Merry capturou o brilho de olhos cristalinos e cinzentos, e então estremeceu, pois de repente lhe ocorreu o pensamento de que aquele era o rosto de uma pessoa sem esperança que partia ao encontro da morte.

Continuaram descendo pela estrada cinzenta ao lado do Riacho de Neve, correndo sobre suas pedras, através das aldeias de Sob-templo e de Sobre-riacho, onde muitos rostos tristes de mulheres olhavam através de portas escuras; assim, sem cornetas ou harpas ou música de vozes humanas, começou a grande cavalgada para o leste, da qual as canções de Rohan se ocuparam por muitas vidas de homem posteriormente.

Do Templo da Colina na manhã calada com nobre e capitão saiu o filho de Thengel: para Edoras ele veio, para os velhos salões dos guardas de Rohan envoltos em neblina; das madeiras douradas imersas em dor. Adeus ele deu ao seu povo em liberdade, ao lar, ao alto assento e aos sagrados recintos, onde tanto celebrara até a luz se apagar. Em frente vai o rei, o medo atrás ficando, adiante o destino. Sua lealdade ele manteve; juras que fizera, todos as cumpriram.

Em frente vai Théoden.

Cinco noites, cinco dias, avante para o leste foram os eorlingas Pelo Folde e por Fenmark e por Firienholt, seis milhares de lanças para Sunlending, Mundburg magnífica aos pés do Mindolluin, dos reis do Ma cidade no reino do sul infestado de inimigos, sitiado pelo fogo.

O Destino os dirigia.

As trevas dominaram cavalo e cavaleiro; cascos na distância sumiram no silêncio: assim rezam as canções.

Foi realmente numa escuridão cada vez mais profunda que o rei chegou a Edoras, embora não passasse do meio-dia. Ali fizeram apenas uma pausa curta e fortaleceram -seu exército com algumas dezenas de

Cavaleiros que haviam chegado atrasados para o encontro de armas. Agora tendo comido, ele se aprontava para partir novamente, e desejou ao seu escudeiro uma estada feliz. Mas Merry implorou pela última vez que não se separasse dele.

— Esta não é uma viagem para animais como Stybba, como eu já lhe falei — disse Théoden. — E, numa batalha como a que pensamos travar nos campos de Gondor, o que você faria, Mestre Meriadoc, embora você seja um espadachim, e maior na coragem do que na estatura?

— Quanto a isso, quem pode saber? respondeu Merry. — Mas por que, meu senhor, fui aceito como espadachim, senão para ficar ao seu lado? E eu não permitiria que de mim as canções dissessem que sempre fiquei para trás.

— Recebi-o para protegê-lo — respondeu Théoden — e também para que cumprisse minhas ordens. Nenhum de meus Cavaleiros pode levá-lo como fardo. Se a batalha estivesse diante de meus portões, talvez seus feitos fossem recordados pelos menestréis mas são cento e duas léguas daqui até Nundburg, onde Denethor é senhor. Não direi mais nada.

Merry fez uma reverência e se afastou infeliz, olhando as fileiras de cavaleiros. As companhias já estavam se aprontando para partir: os homens apertando cilhas, tratando das selas, acariciando seus cavalos; alguns olhavam aflitos para o céu ameaçador. Sem ser notado, um cavaleiro se aproximou e falou baixinho ao ouvido do hobbit.

— Quando a vontade não falta, caminho se abre, assim dizemos nós — sussurrou ele —; e foi isso o que aconteceu comigo. — Merry ergueu os olhos e viu que era o jovem Cavaleiro que notara durante a manhã. — Você deseja ir aonde o Senhor da Terra dos Cavaleiros for: vejo isso em seus olhos.

— Desejo — disse Merry.

— Então irá comigo — disse o Cavaleiro. — Vou levá-lo sentado na minha frente sob minha capa até que estejamos bem longe, e esta escuridão esteja ainda mais escura. Essa boa vontade não lhe deveria ter sido negada. Não diga mais nada para ninguém, mas venha!

— Fico imensamente grato! — disse Merry. — Obrigado, senhor embora eu não saiba seu nome.

— Não sabe? — disse o Cavaleiro baixinho. — Então chame-me de

Dernhelm.

Foi assim que, quando o rei partiu, na frente de Dernhelm fo montado Meriadoc, o hobbit, e o grande corcel cinzento Windfola fez pouc do fardo, pois Bernhelm era menos pesado que muitos homens, embora esbelto e de corpo bem feito.

Avançaram para dentro da sombra. Nos maciços de salgueiros, onde o Riacho de Neve corria para desembocar no Entágua, doze léguas a leste de Edoras, eles acamparam naquela noite. E depois continuaram de nov através do Folde, e através de Fenmark, onde á direita grandes florestas d carvalhos subiam nas encostas das colinas, sob as sombras do escuro Halifirien, ao lado das fronteiras de Gondor; mas á esquerda a névoa pairava nos pântanos alimentados pelas desembocaduras do Entágua. Enquant cavalgavam chegaram-lhes aos ouvidos os boatos da guerra no norte. Homens sozinhos, cavalgando alucinados, trouxeram notícias sobre o inimigos atacando as fronteiras orientais, sobre exércitos de orcs marchando no Descampado de Rohan..

— Avante! Avante! — gritou Éomer. — É tarde demais agora para desviarmos. Os charcos do Entágua deverão guardar nosso flanco Precisamos agora de velocidade. Avante!

E assim o Rei Théoden partiu de seu próprio reino, e milha após milha a longa estrada avançava sinuosa, e as colinas dos faróis passaram marchando: Calenhad, Min-Rimmon, Erelas, Nardol. Mas suas fogeir estavam apagadas. Toda a terra estava cinzenta e quieta, e cada vez mais a escuridão se adensava diante deles, e a esperança minguava em seus corações.

CAPÍTULO IV: O CERCO DE GONDOR

Pippin foi acordado por Gandalf. Havia velas acesas no quarto, poi apenas uma fraca luz crepuscular entrava pelas janelas; o ar estava pesado como se uma tempestade se aproximasse.

— Que horas são? — perguntou Pippin bocejando.

— Já passa da segunda hora — disse Gandalf. — Hora de levantar e se fazer apresentável. O Senhor da Cidade o convoca para informá-lo sobre seus novos deveres.

— E ele vai providenciar o desjejum?

— Não, eu providenciei isso: tudo o que você vai comer até o meio-dia. A comida agora está sendo racionada.

Pippin olhou desolado para o pequeno pedaço de pão e a porçãc muito inadequada (achou ele) de manteiga que lhe foi servida, ao lado de uma xícara de leite aguado.

— Por que você me trouxe para cá? — disse ele.

— Você sabe muito bem disse Gandalf. — Para mantê-lo longe de confusão; e, se você não aprecia estar aqui, é melhor se lembrar de que foi você quem atraiu a confusão. — Pippin não disse mais nada.

Logo estava descendo mais uma vez com Gandalf pelo frio corredor que levava à porta do Salão da Torre. Denethor estava sentado lá num escuridão cinzenta, como uma aranha velha e paciente, na opinião de Pippin; não parecia ter mudado de posição desde o dia anterior. Apontou uma cadeira para Gandalf, mas deixou Pippin um tempo parado de pé, sem lhe dar atenção. De repente o velho voltou-se para ele:

— Bem, Mestre Peregrin, espero que tenha usado o dia de ontem em seu proveito, e a seu gosto. Mas receio que a mesa seja mais pobre nesta Cidade do que você poderia desejar.

Pippin teve uma sensação incômoda de que a maioria do que tinha falado ou feito chegara, de alguma forma, ao conhecimento do Senhor da Cidade, que também estava adivinhando grande parte de seus pensamentos. Não respondeu.

— O que você poderia fazer a meu serviço?

— Pensei que minhas tarefas seriam designadas pelo senhor.

— E serão, quando eu souber para que serviço você serve -disse Denethor. — Mas isso talvez eu saiba mais depressa se o mantiver ao meu lado. O escudeiro de minha câmara pediu permissão para ir á guarnição externa, de modo que você deve substitui-lo por algum tempo. Vai me servir, levar recados e conversar comigo. se a guerra e o planejamento me deixarem algum tempo de sobra. Sabe cantar"?

— Sei — disse Pippin. — Quero dizer, bem o suficiente para o meu próprio povo. Mas não temos canções adequadas para grandes salões e tempos ruins. Raramente cantamos sobre qualquer coisa mais terrível que o vento ou a chuva. E a maioria de minhas canções é sobre coisas que nos fazem rir, ou sobre comida e bebida, é claro.

— E por que essas canções seriam inadequadas para meus salões, ou para horas como estas"? Quem viveu muito tempo sob a Sombra está proibido de ouvir os ecos de uma terra não perturbada por ela? Nesse caso poderemos sentir que nossa vigilância não foi em vão, embora não tenha sido reconhecida. Pippin sentiu o coração pesado. Não apreciava a ideia de cantar qualquer canção do Condado para o Senhor de Minas Tirith, com certeza não as cômicas que ele sabia melhor; essas eram muito, bem, rústicas para uma ocasião daquelas. No entanto foi dispensado, pelo momento, da penosa provação.

Não lhe foi ordenado que cantasse. Denethor voltou-se para Gandalf, perguntando coisas sobre os rohirrim e suas estratégias, e sobre a posição de Éomer, o sobrinho do rei. Pippin ficou surpreso ao ver a quantidade de coisas que o Senhor parecia saber sobre um povo que vivia distante, embora, pensou ele, muitos anos devessem ter passado desde que Denethor cavalgara fora de seus domínios.

De repente Denethor acenou para Pippin e o dispensou de novo por um tempo.

— Vá até os arsenais da Cidadela — disse ele — e pegue o seu uniforme e as armas da Torre. Vai encontrar tudo preparado. Dei ordens nesse sentido ontem.

Volte quando estiver devida mente vestido!

Foi como ele dissera, e Pippin logo se viu trajado com uma roupa estranha, toda preta e prateada. Tinha uma pequena cota de malha, com

anéis forjados de aço, talvez, embora fossem pretos como o azeviche; também um elmo alto com pequenas asas de corvo dos dois lados, adornado com uma estrela de prata no centro do diadema. Sobre a cota de malha trazia um pequeno casaco preto, com o símbolo da Árvore bordado em prata no peito. Suas roupas antigas foram dobradas e guardadas, mas lhe permitiram ficar com a capa cinzenta de Lórien, embora não pudesse usá-la quando estivesse trabalhando. Mal sabia que agora estava parecendo realmente o Ernil i Pheriannath, o Príncipe dos Pequenos, que as pessoas diziam que ele era; mas não se sentia á vontade, e a melancolia começou a derrotar o seu humor.

Ficou escuro e sombrio o dia todo. Desde a aurora sem sol até a noite a sombra pesada se aprofundou, e todos os corações da Cidade estavam oprimidos. Lá em cima uma grande nuvem passava lentamente para o oeste, vinda da Terra Negra, devorando a luz, carregada por um vento de guerra; mas mais abaixo o ar estava parado e sem vento, como se o Vale do Andum esperasse pelo ataque de uma tempestade destruidora.

Lá pela décima primeira hora, finalmente dispensado do serviço por um tempo, Pippin saiu e foi procurar comida e bebida para alegrar seu coração pesado e transformar sua tarefa de servir em algo mais suportável. No refeitório encontrou outra vez Beregond, que acabara de chegar de uma missão pelo Pelennor, saindo das Torres de Guarda sobre o Passadiço. Juntos foram caminhando até as muralhas, pois Pippin se sentia enclausurado do lado de dentro, e sufocado atê mesmo na alta cidadela.

Agora estavam sentados lado a lado outra vez no parapeito que dava para o leste, onde tinham comido e conversado no dia anterior.

Estava na hora do pôr-do-sol, mas a grande mortalha agora se estendera para dentro do oeste, e só quando ela finalmente afundou no Mar o Sol libertou-se para emitir um brilho breve de despedida antes da noite, no mesmo momento em que Frodo o via na Encruzilhada, incidindo sobre a cabeça do rei caido. Mas aos campos do Pelennor, sob a sombra do Mindolluin, não chegou nenhum raio: estava tudo escuro e desolado.

Pippin tinha a impressão de que já fazia anos que se sentara lá, em algum tempo semi-esquecido quando ele ainda era um hobbit, um andarilho alegre que pouco se importava com os perigos pelos quais passara. Agora era

um pequeno soldado numa cidade que se preparava para um grande ataque, vestido á moda altiva mas sombria da Torre de Guarda.

Em algum outro tempo e lugar, Pippin poderia ter ficado satisfeito com suas novas vestes, mas agora sabia que não estava tomando parte em alguma brincadeira; era agora, num jogo sério como a morte, o servidor de um senhor severo, correndo o maior dos perigos. A cota de malha era incômoda, e o elmo pesava-lhe sobre a cabeça. Jogara a capa em cima do banco. Desviou seu olhar cansado dos campos escuros lá embaixo e bocejou; depois veio um suspiro.

— Cansado do trabalho de hoje? — disse Beregond.

— Estou — disse Pippin —, muito: exausto por não fazer nada e esperar. Fiquei batendo os calcanhares contra a porta do quarto de meu mestre por muitas horas arrastadas, enquanto ele debatia com Gandalf e o Príncipe e outras pessoas importantes. E não estou habituado, Mestre Beregond, a ficar com fome servindo, enquanto os outros comem. Isso é uma terrível provação para um hobbit. Sem dúvida você está pensando que eu deveria sentir a honra mais intensamente. Mas de que adianta essa honra? E mesmo a comida e a bebida, de que adiantam elas sob esta sombra que avança? O que significa isso? O próprio ar parece estar espesso e escuro! É freqüente aqui essa escuridão, quando sopra o vento do leste?

— Não — respondeu Beregond —, isso não é natural. É algum artifício da malícia dele; algum tumulto de fumaça que ele envia da Montanha do Fogo para turvar nossos corações e nossas mentes. E realmente o efeito é esse. Gostaria que o Senhor Faramir retornasse. Ele não desanimaria. Mas, agora, quem pode saber se ele algum dia vai voltar do outro lado do Rio vindo da Escuridão?

— É — disse Pippin -. Gandalf também está ansioso. Ficou desapontado, julgo eu, por não ter encontrado Faramir aqui. E onde se meteu ele"? Deixou o conselho do Senhor antes da refeição do meio-dia, e tive a impressão de que estava de mau humor. Talvez tenha tido a premonição de alguma má noticia.

De repente, enquanto conversavam, emudeceram, como se transformados em pedras alertas. Pippin se agachou tapando os ouvidos com as mãos, mas Beregond, que estivera olhando para fora no parapeito

enquanto falava de Faramir, permaneceu ali, imóvel, com o olhar assustado. Pippin conhecia o grito arrepiante que ouvira: era o mesmo que ouvira havia muito tempo no Pântano do Condado, mas agora crescera em força e ódio, atravessando o coração com um desespero venenoso.

Finalmente Beregond falou com dificuldade.

— Eles chegaram! — disse ele. — Tome coragem e olhe! Há sere cruéis lá embaixo.

Com relutância Pippin subiu no banco e olhou por sobre a muralha. O Pelennor jazia escuro abaixo dele, desaparecendo na linha quase invisível do Grande Rio.

Mas agora, voando em rápidos círculos através dele, como sombras de uma noite precoce, ele viu no ar, abaixo de onde estava, cinco figuras semelhantes a pássaros, horríveis como aves carniceiras, e apesar disso maiores que águias, cruéis como a morte. Em alguns momentos voavam mais baixo, arriscando-se a chegar quase ao alcance das flechas que vinham das muralhas, outras vezes voavam para longe em círculos.

— Cavaleiros Negros! — murmurou Pippin. — Cavaleiros Negros d ar! Mas veja, Beregond! — exclamou ele. — Com certeza estão procurand algo. Veja como eles fazem círculos e mergulham em vôos rasantes, sempre descendo na direção daquele ponto ali. E você está vendo alguma coisa se mexendo no chão? Coisinhas escuras. Sim, homens montados em cavalos quatro ou cinco. Ah! Não consigo suportar isso! Gandalf! Gandalf, salve-no Um outro grito penetrante cresceu e diminuiu, e Pippin se jogou d muralha de novo, ofegando como um animal acossado. Fraco e aparentemente remoto, através daquele grito estarrecedor, ele ouviu subindo lá de baixo o som de uma trombeta terminando numa nota longa e aguda.

— Faramir! O Senhor Faramir! É o chamado dele! – gritou Beregond.

— Homem corajoso! Mas como poderá alcançar o Portão, se esse nojentos falcões do inferno tiverem outras armas além do medo? Mas olhe! Eles continuam resistindo. Vão chegar até o Portão. Não! Os cavalos está ficando loucos. Veja!

Os homens foram jogados no chão, e estão correndo a pé. Não, un ainda está montado, mas está voltando em direção aos outros. Com certeza

é o Capitão: ele consegue controlar tanto animais quanto homens. Ah! L. está uma das criaturas nojentas arremetendo contra ele! Socorro! Socorro Ninguém vai ajudá-lo? Faramir!

Dizendo isso Beregond deu um salto e correu para dentro da escuridão. Envergonhado do próprio medo, enquanto Beregond da Guard. pensava primeiro no capitão que amava, Pippin se levantou e espiou lá fora. Naquele momento captou um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo nos campos sombrios.

Movia-se com a velocidade de uma flecha, e crescia à medida que se aproximava, convergindo rapidamente com a fuga dos quatro homens em direção ao Portão. Pippin teve a impressão de que uma luz pálida se espalhava ao redor da estrela, e as sombras pesadas abriam caminho diante dela; então, assim que se aproximou mais, o hobbit pensou ter ouvido, como um eco nas muralhas, uma voz imponente chamando.

— Gandalf! — gritou ele. — Gandalf! Ele sempre aparece quando a coisas estão pretas. Avante! Avante, Cavaleiro Branco! Gandalf, Gandalf! – berrou ele alucinado, como o espectador de um grande páreo, motivando um corredor que não precisa mais de torcida.

Mas agora as escuras sombras de rapina estavam cientes do recém chegado. Uma descreveu um giro na direção dele; mas Pippin teve a impressão de que ele ergueu a mão, e dela um raio de luz branca cortou os ares acima. O nazgúl soltou um grito longo e choroso e desviou-se, e depois disso os outros quatro hesitaram, então, erguendo-se em rápidas espirais, rumaram para o leste, desaparecendo na baixa nuvem acima deles; lá embaixo, no Pelennor, a escuridão pareceu menos densa por um tempo.

Pippin assistia a tudo, e viu que o homem a cavalo e o Cavaleiro Branco se encontraram e pararam, aguardando os outros que vinham a pé.

Agora homens corriam da Cidade em direção a eles, e logo todos passaram e desapareceram sob as muralhas externas e o hobbit sabia que estavam entrando pelo Portão.

Supondo que imediatamente viriam para a Torre para ver o Regente correu para a entrada da cidadela. Ali juntou-se a muitos outros que das altas muralhas tinham assistido á corrida e ao resgate.

Não demorou muito para que se ouvisse um clamor nas ruas que

vinham dos círculos exteriores e subiam; muitas pessoas aplaudiam e bradavam os nomes de Faramir e Mithrandir. De repente Pippin viu tochas e à frente de uma multidão dois cavaleiros avançando devagar: um em vestes brancas que já não brilhavam; estava agora empalidecido no crepúsculo como se seu fogo se tivesse exaurido ou ocultado; o outro era sombrio, e estava com a cabeça curvada. Os dois desmontaram e, enquanto cavalariços levavam Scadufax e o outro cavalo, caminharam na direção da sentinela do portão: Gandalf num passo firme, a capa cinzenta jogada para trás e o fogo ainda ardendo em seus olhos; o outro, todo vestido de verde, avançava devagar, num passo vacilante, como alguém que está exausto ou ferido.

Pippin abriu caminho para a frente assim que eles passaram sob a lamparina abaixo do arco do portão e, quando viu o rosto pálido de Faramir, perdeu o fôlego.

Era um rosto atingido pelo medo e pela angústia, mas que agora dominara o sentimento e estava tranquilo. Altivo e solene, ele parou por um momento enquanto falava com o guarda, e Pippin, olhando para ele, viu como Faramir era parecido com seu irmão Boromir — de quem Pippin gostara desde o início, admirando os modos nobres e ao mesmo tempo gentis do grande homem. Mesmo assim, de repente, sentiu por Faramir uma coisa que nunca sentira antes. Ele era alguém com um ar de alta nobreza, como o que Aragorn certas vezes revelara, talvez não tão alta, mas também não tão insondável e remota: um ar dos Reis de Homens nascidos numa época posterior, mas tocados pela sabedoria e pela tristeza da Raça Antiga. Agora percebia por que Beregond pronunciava seu nome com tanta devoção. Era um capitão que os homens seguiriam, que ele próprio seguiria, até mesmo sob a sombra das asas negras.

— Faramir! — gritou ele junto com os outros. — Faramir! -

E Faramir captando a estranha voz do hobbit em meio á aclamação dos homens da Cidade, virou-se e desceu os olhos até ele, estupefato.

— De onde você vem? — disse ele. — Um Pequeno, e com o uniforme da Torre! De onde...

Mas nesse momento Gandalf parou ao seu lado e falou. — Ele veio comigo da terra dos Pequenos — disse ele. — Veio comigo. Mas não vamos

ficar mais tempo aqui. Há muito o que dizer e fazer, e você está cansado. Ele virá conosco. Na verdade, é o que deve fazer, pois, se não estiver esquecendo suas novas tarefas mais facilmente do que eu, ele deve servir seu senhor outra vez agora. Venha, Pippin, siga-nos!

Então finalmente eles chegaram ao aposento particular do Senhor da Cidade. Três cadeiras com espaldares altos estavam dispostas ao redor de um braseiro de carvão; trouxeram vinho; ali Pippin, quase sem ser notado, ficou atrás da cadeira de Denethor e sentiu o cansaço diminuir, tão grande foi a atenção que deu a tudo o que foi dito.

Depois que Faramir havia comido pão branco e bebido um gole de vinho, sentou-se numa cadeira baixa á esquerda de seu pai. Um pouco afastado, do lado oposto, estava Gandalf numa cadeira de madeira esculpida, e a princípio parecia estar dormindo. Pois no inicio Faramir falou apenas da missão para a qual fora enviado dez dias antes, e trouxe notícias de Ithilien e dos movimentos do Inimigo e seus aliados; contou também sobre a luta na estrada, na qual os homens de Harad e seu grande animal foram derrotados: um capitão relatando ao seu senhor esses assuntos frequentemente tratados, coisas pequenas de uma guerra de fronteiras que agora pareciam inúteis e insignificantes, desprovidas de uma importância maior.

Então, de repente, Faramir olhou para Pippin.

— Mas agora vamos tratar de assuntos estranhos — disse ele. — Pois este não é o primeiro Pequeno que vejo saindo das lendas do norte e entrando nas terras do sul.

Ao ouvir isso, Gandalf aprumou-se agarrando os braços da cadeira mas não disse nada, e com um olhar conteve a exclamação nos lábios de Pippin. Denethor olhou para os rostos deles e fez um sinal com a cabeça como se quisesse dizer que lera ali muitas coisas, antes mesmo de serem mencionadas.

Lentamente, enquanto os outros ficaram sentados e imóveis, Faramir contou sua história com os olhos fixos em Gandalf a maior parte do tempo, embora de vez em quando seu olhar se desviasse para Pippin, como que tentando recordar-se melhor dos outros hobbits que vira.

Ã medida que se desenrolava a história sobre o encontro de Faramir

com Frodo e seu servidor, e sobre os eventos em Henneth Annún, Pippi percebeu que as mãos de Gandalf estavam trêmulas, agarrando-se aos braços da cadeira. Agora pareciam brancas e muito velhas, e olhando para elas, de repente, com um arrepio de medo, Pippin viu que Gandalf, o próprio Gandalf, estava preocupado, até mesmo amedrontado. O ar da sala estava parado e pesado. Finalmente, quando Faramir relatou sua separação dos viajantes, e a resolução deles de ir para Cirith Ungol, sua voz ficou mais baixa, e ele balançou a cabeça e suspirou. Então Gandalf saltou de pé.

— Cirith Ungol? Vale Morgul? — disse ele. — O dia, Faramir, o dia. Quando você se separou deles? Quando acha que eles atingiriam aquele vale amaldiçoado?

— Separei-me deles há dois dias, pela manhã — disse Faramir. — São quinze léguas de lá até o vale do Morgulduin, se eles foram direto para o sul; e então haveria mais cinco léguas a oeste da Torre amaldiçoada. Andando o mais rápido possível, eles não poderiam chegar lá antes de hoje, e talvez não tenham chegado ainda. Na verdade percebo o que você teme. Mas a escuridão não se deve á aventura deles. Começou na noite de ontem, e toda Ithilien ficou coberta de sombra a noite passada.

— Para mim está claro que o Inimigo planeja há muito tempo este ataque contra nós, e a hora já estava determinada antes mesmo que os viajantes deixassem a minha companhia.

Gandalf andava de um lado para o outro.

— Dois dias atrás, pela manhã, quase três dias de viagem! A que distância daqui fica o lugar onde vocês se separaram?

— Cerca de vinte e cinco léguas num voo de pássaro – respondeu Faramir. Mas eu não consegui chegar mais rápido. Ontem pernoitei em Andros, a longa ilha do Rio ao norte, onde mantemos um ponto de defesa temos cavalos do lado de cá do rio. A medida que a escuridão foi se aproximando, percebi que precisava me apressar, de modo que cavalguei para cá com mais três homens que também tinham montarias. O resto de minha companhia enviei para fortalecer a guarnição nos vaus de Osgiliath. Espero que não tenha feito nada de errado – disse ele olhando para o pai.

— Nada de errado? — gritou Denethor, e seus olhos de repente faiscaram. — Por que está perguntando? Os homens estavam sob o seu

comando. Ou será que você quer saber o que penso sobre todos os seus atos? Na minha presença, sua postura é humilde; apesar disso, faz tempo que você não se desvia de seu próprio caminho a conselho meu. Veja, você falou com habilidade, como sempre; mas eu, então, não vi seu olho fixo em Mithrandir, procurando saber se você falou bem ou demais? Faz tempo que seu coração lhe pertence. Meu filho, seu pai está velho, mas não está decrépito. Consigo ver e ouvir, como sempre foi meu hábito; e pouco do que você deixou de dizer ou disse com meias palavras é segredo para mim. Agora conheço a resposta para vários enigmas. Lamento, lamento por Boromir!

— Se o que fiz lhe desagrada, meu pai — disse Faramir numa voz suave —, gostaria de ter sabido a sua opinião antes que o fardo de uma decisão tão dificil fosse jogado em minhas costas.

— E isso faria com que você alterasse a sua decisão? – disse Denethor.

— Você teria agido da mesma forma, julgo eu. Conheço-o bem. Seu desejo é parecer sempre nobre e generoso como um rei de antigamente, bondoso, gentil. Essas qualidades servem para alguém de sangue nobre, se essa pessoa detiver o poder em tempos de paz. Mas nas horas de desespero a recompensa pela gentileza pode ser a morte.

— Então, que assim seja! — disse Faramir.

— Que assim seja! — gritou Denethor. — Mas não se trata apenas da sua morte, Senhor Faramir: também da morte de seu pai, e de todo o seu povo, que você deve proteger agora que Boromir partiu.

— Gostaria então — disse Faramir — que nossos lugares tivessem sido trocados?

— Sim, realmente gostaria — disse Denethor. — Pois Boromir era fiel a mim, e não era pupilo de nenhum mago. Teria pensado na necessidade de seu pai, e não teria jogado fora o que lhe fosse oferecido pela sorte. Ele me teria trazido um presente valioso.

Por um momento, Faramir perdeu o controle.

— Eu lhe pediria, meu pai, que se lembrasse do motivo pelo qual eu, e não ele, estava em Ithilien. Pelo menos em uma ocasião o seu desejo prevaleceu, não muito tempo atrás. Foi o Senhor da Cidade que lhe designou a missão.

— Não remexa o amargor da taça que preparei para mim mesmo — disse Denethor. — Já não o provei por muitas noites em minha boca pressentindo que um sabor ainda pior estava no fundo? Como realmente percebo agora. Gostaria que não tivesse sido assim! Gostaria que aquela coisa tivesse chegado até mim!

— Console-se! — disse Gandalf. — Não havia nenhuma possibilidade de Boromir trazê-la até você. Ele está morto, e morreu de forma nobre; que possa agora descansar em paz! Mas você se engana. Ele teria estendido a mão para essa coisa, e ao tomá-la teria sucumbido. Guardá-la-ia para si mesmo, e retornando não seria reconhecido por seu pai.

O rosto de Denethor se fechou, ficando duro e frio. – Na sua opinião Boromir era menos maleável em suas mãos, não é verdade? — disse ele em voz baixa.

— Mas eu, que era seu pai, digo que ele me teria trazido a coisa. Você talvez seja sábio, Mithrandir, e apesar disso, com todas as sutilezas, você não detém toda a sabedoria. Pode haver planos que não sejam nem as teias dos magos nem a pressa dos tolos. Nesse assunto, tenho mais conhecimento e sabedoria do que você supõe.

— Qual é então a sua sabedoria? — perguntou Gandalf.

— A suficiente para perceber que há duas loucuras que se devem evitar. Usar essa coisa é perigoso. Nesta hora, enviá-la nas mãos de um Pequeno desmiolado para dentro da terra do próprio Inimigo, como você fez, e também este meu filho, isso é sandice.

— E o Senhor Denethor, que teria ele feito?

— Nenhuma das duas coisas. Mas, com toda certeza, por argumento algum teria ele colocado essa coisa num perigo que elimina as esperanças de qualquer um, a não ser que se trate de um tolo, arriscando nossa completa ruína, no caso de o Inimigo recuperar o que perdeu. Não, ela deveria ter sido guardada, escondida, muito bem escondida. Não usada, eu lhe digo, exceto numa extrema necessidade, mas colocada fora do alcance dele, a não ser que ocorresse uma vitória tão decisiva que o que acontecesse depois não nos incomodasse, pois estaríamos mortos.

— Você está pensando, meu senhor, como é seu costume, apenas em Gondor — disse Gandalf. — Apesar disso há outros homens e outras vidas, e

outro tempo ainda por vir. E, quanto a mim, condôo-me até dos escravos dele.

— E onde os outros homens poderão buscar socorro, se Gondor cair? — respondeu Denethor. — Se eu tivesse essa coisa agora, nas profundas galerias desta cidadela, não estaríamos tremendo de medo sob esta escuridão, temendo o pior, e nossos planos não estariam sendo ameaçados. Se não confia que eu resista ao teste, você ainda não me conhece.

— Não obstante, não confio em você — disse Gandalf. – Se confiasse poderia tê-la enviado para cá, a fim de que você a guardasse, poupando-me a mim e a muitos outros de uma grande carga de angústia. E agora, ouvindo-o falar, confiou menos ainda em você, não mais do que confiava em Boromir. Não, contenha sua ira! Não confio nem em mim mesmo nesse assunto, e recusei a coisa, mesmo quando me foi oferecida como um presente. Você é forte e ainda pode se controlar em alguns pontos, Denethor, mas, se tivesse recebido essa coisa, ela o teria derrotado. Se fosse enterrada embaixo das raízes do Mindolluin, ainda assim ela iria continuar queimando sua mente, enquanto cresce a escuridão, e sobrevém coisas ainda piores, que logo nos surpreenderão.

Por um momento, os olhos de Denethor voltaram a brilhar quando se fixaram em Gandalf, e Pippin sentiu mais uma vez a tensão entre as disposições de ambos; mas agora quase parecia que os olhares dos dois eram como lâminas de olho a olho, faiscando à medida que se digladiavam. Pippin tremeu, temendo algum golpe terrível.

Mas de repente Denethor relaxou e ficou frio de novo. Encolheu o ombros.

— Se eu tivesse! Se você tivesse! — disse ele. – Essas palavras e esse "sês" são inúteis. A coisa foi para dentro da Sombra, e agora apenas o tempo mostrará que destino está sendo reservado para ela e para nós. Não demorará muito. No tempo que ainda nos resta, que todos os que lutam contra o Inimigo á sua maneira fiquem unidos, e que mantenham a esperança enquanto puderem, e depois da esperança ainda a coragem de morrer em liberdade. — Voltou-se para Faramir. — O que você acha da guarnição em Osgiliath?

— Não é forte — disse Faramir. — Enviei a companhia de Ithilien

para fortalecê-la, como já disse.

— Não será suficiente, julgo eu — disse Denethor. — É lá que sera desferido o primeiro golpe. Eles precisarão de algum capitão forte ali.

— Ali e em muitos outros lugares — disse Faramir, suspirando. — Lamento por meu irmão, a quem eu também amava! — Levantou-se. - Permita que eu me vá, pai?— E então curvou-se e debruçou-se sobre a cadeira de Denethor.

— Vejo que está cansado — disse este. — Cavalgou um longo caminho com grande rapidez, e sob sombras do mal no ar, pelo que soube.

— Não vamos falar disso! — disse Faramir.

— Então não falemos — disse Denethor. — Vá e descanse como puder. O dever de amanhã será mais duro.

Todos deixaram então o Senhor da Cidade e foram descansa enquanto ainda podiam. Do lado de fora havia uma escuridão sem estrelas quando Gandalf, com Pippin ao seu lado levando uma pequena tocha dirigiu-se para o seu alojamento.

Não disseram nada até estarem a portas fechadas. Então, finalmente Pippin tomou a mão de Gandalf.

— Diga-me — disse ele —, há alguma esperança? Quero dizer, para Frodo; ou pelo menos sobretudo para Frodo?

Gandalf colocou a mão sobre a cabeça de Pippin. — Nunca houve muita esperança — disse ele. — só houve a esperança de um tolo, como me disseram. E quando ouvi sobre Cirith Ungol... — Parou de falar e dirigiu-se para a janela, como se seus olhos pudessem penetrar a noite no leste. — Cirith Ungol! — murmurou ele. -

Por que por ali, eu me pergunto? — Voltou-se. — Agora há pouco Pippin, meu coração quase parou, quando ouvi esse nome. E apesar disso na verdade, acredito que a notícia de Faramir traz alguma esperança. Pois parece claro que nosso Inimigo finalmente começou sua guerra, fazendo o primeiro movimento enquanto Frodo ainda estava livre. Então agora, por muitos dias, ele ficará com o olho voltado para um lado ou para o outro, sem fixar seus próprios domínios. E, contudo, Pippin, já sinto, a distância, seu medo e sua pressa. Ele começou mais cedo do que pretendia. Aconteceu alguma coisa que o incitou.

Gandalf parou por um momento, pensando.

— Talvez — murmurou ele. — Talvez até mesmo a sua tolice tenha ajudado, meu rapaz. Deixe-me ver: agora deve fazer uns cinco dias que ele descobriu que derrotamos Saruman e pegamos a Pedra. E o que se pod presumir disso? Não poderíamos usa-la para muitas coisas, ou sem que ele soubesse. Ah! Eu fico pensando. Aragorn? A hora dele se aproxima. E n fundo ele é forte e resoluto, Pippin: corajoso, determinado, capaz de fazer seus próprios planos e se expor a grandes riscos se for necessário. É possível. Ele pode ter usado a Pedra mostrando-se para o Inimigo, exatamente com propósito de desafiá-lo. Fico pensando. Bem, não saberemos a resposta ate que os Cavaleiros de Rohan cheguem, se eles não chegarem tarde demais Os dias à nossa frente serão malignos. Vamos dormir, enquanto podemos!

— Mas — disse Pippin.

— Mas o quê? — disse Gandalf. — Só permitirei um único mas est noite.

— Gollum — disse Pippin. — Como é que eles poderiam esta andando com ele, até mesmo seguindo-o? E pude perceber que Faramir não gostou mais do que você do lugar para o qual ele os estava levando. Qual é c problema?

— Não posso responder isso agora — disse Gandalf. – Mesmo assim meu coração de alguma forma sabia que Frodo e Gollum iriam se encontra antes do fim. Para o bem ou para o mal. Mas sobre Cirith Ungol não falare esta noite. Traição, é a traição que receio; traição daquela criatura miserável. Mas precisava ser assim. Vamos nos lembrar de que um traidor pode trair-se a si mesmo e fazer o bem que não pretende. Pode ser assim, algumas vezes. Boa noite!

O dia seguinte chegou com uma manhã que se assemelhava a um crepúsculo escuro, e os corações dos homens, por um período mais leves com a chegada de Faramir, ficaram pesados de novo. As Sombras aladas não foram vistas de novo naquele dia, mas de vez em quando, bem acima da cidade, um grito fraco chegava, muitos que ouviam ficavam paralisados com um terror passageiro, enquanto os menos corajosos estremeciam e choravam.

E agora Faramir partira outra vez.

— Eles não lhe dão descanso — murmuravam alguns. — O Senhor é muito duro com o filho, e agora ele deve fazer o serviço de dois, por ele e pelo outro que não retornará — E a todo momento os homens olhavam para o norte, perguntando-se: — Onde estão os Cavaleiros de Rohan?

Era verdade que Faramir não partira por opção própria. Mas o Senhor da Cidade era o mestre do Conselho, e não estava disposto naquele dia a se curvar às opiniões dos outros. Cedo naquela manhã o Conselho fora convocado. Lá todos os capitães julgaram que, por causa da ameaça no sul, o exército que tinham era fraco demais para desferir por sua própria iniciativa qualquer golpe de guerra, a não ser talvez que os Cavaleiros de Rohan chegassem. Enquanto isso, deveriam guarnecer as muralhas com soldados e esperar.

— Contudo — disse Denethor —, não devemos abandonar facilmente as defesas externas, a Rammas construída com tanto trabalho. E o Inimigo devera pagar caro por atravessar o Rio. Isso ele não pode fazer com força suficiente para tomar de assalto a Cidade, nem pelo norte de Cair Andros, por causa dos pântanos, nem pelo sul na direção de Lebennin, por causa da amplitude do Rio, que exige muitos barcos. É em Osgiliath que vai concentrar seu peso, como antes, quando Boromir não permitiu que ele passasse.

— Foi apenas uma tentativa — disse Faramir. — Hoje podemos fazer com que o Inimigo nos pague dez vezes pelo nosso prejuízo na passagem e mesmo assim lamentar a troca. Pois ele pode se permitir perder um exército com mais tranquilidade do que nós podemos perder uma companhia. E a retirada daqueles que colocamos espalhados nos campos será perigosa, se ele conseguir atravessar com toda a força.

— E Cair Andros? — disse o Príncipe. — Ela também deve ter proteção, se Osgiliath for defendida. Não vamos nos esquecer do perigo à nossa esquerda. Pode ser que os rohirrim venham, e pode ser que não. Mas Faramir nos falou de um grande exército que saiu do Portão Negro e que se aproxima cada vez mais. Mais de um exército pode sair por ali, e atacar muito mais que uma passagem.

— Na guerra é preciso arriscar muita coisa — disse Denethor. — Cair Andros está guarnecida, e não podemos enviar mais homens para lá por

enquanto. Mas não entregarei o Rio e o Pelennor sem lutar — não se houve aqui um capitão ainda com coragem de fazer a vontade de seu senhor.

Todos ficaram em silêncio, mas finalmente Faramir disse:

— Não me oponho à sua vontade, pai. Uma vez que Boromir lhe fo roubado, farei o que puder no lugar dele — se o senhor assim ordenar.

— Assim ordeno — disse Denethor.

— Então adeus — disse Faramir. — Mas, se eu retornar, faça melho juízo de mim.

— Isso depende de como você retornar — disse Denethor.

Foi Gandalf quem por último falou com Faramir antes que est partisse para o leste.

— Não jogue fora sua vida temerariamente ou movido pela mágoa - disse ele. — Você será necessário aqui, para outras coisas além da guerra. Seu pai O ama, Faramir, e vai se lembrar disso antes do fim. Adeus!

Então agora o Senhor Faramir partira novamente, levando consig um grupo de homens voluntários ou disponíveis. Nas muralhas alguns observavam através da escuridão, com os olhos voltados para a cidade arruinada, e ficavam imaginando o que estaria acontecendo lá, pois não se enxergava nada. E outros, como sempre, olhavam para o norte e contavam as léguas que Théoden de Rohan deveria percorrer.

— Será que virá? Será que vai se lembrar de nossa velha aliança? — perguntavam-se eles.

— Sim, ele virá — dizia Gandalf —, mesmo que chegue tarde demais Mas pensem! Na melhor das hipóteses, a Flecha Vermelha não pode te chegado até ele há mais de dois dias, e são longas as milhas desde Edoras.

Já era noite quando a notícia chegou. Um homem veio dos vaus cavalgando depressa, dizendo que um exército tinha saído de Minas Morgul e já estava se aproximando de Osgiliath; a ele tinham-se juntado regimentos vindos do sul, os haradrim, homens cruéis e altos. — E ficamos sabendo — disse o mensageiro — que o Capitão Negro os lidera novamente, e o seu terror o antecede através do Rio.

Com essas palavras de mau agouro terminava o terceiro dia desde que Pippin chegara a Minas Tirith. Poucos foram descansar, pois pequen era a esperança de que até mesmo Faramir pudesse resistir nos vaus por

muito tempo.

O dia seguinte, embora a escuridão já tivesse atingido seu auge e nãc pudesse ficar mais densa, pesou mais no coração dos homens, tomados de grande terror. Más noticias logo tornaram a chegar. A passagem do Anduir fora conquistada pelo Inimigo. Faramir estava se retirando para a muralha do Pelennor, reagrupando seus homens nos Fortes do Passadiço, mas su. tropa era dez vezes menor que a do Inimigo.

— Se ele conseguir voltar através do Pelennor, os inimigos estarão nos seus calcanhares — disse o mensageiro. — Eles pagaram caro por terem atravessado, mas menos caro do que imaginávamos. O plano foi bem feito. Agora vemos que, em segredo, eles há muito tempo vêm construindo balsas e barcaças em Osgiliath Oriental.

Atravessaram como um enxame de besouros. Mas é o Capitão Negr quem nos derrota. Poucos suportam e resistem até mesmo ao rumor de sua chegada. Seu próprio povo estremesse diante dele, e se mataria se ele ordenasse.

— Então precisam mais de mim lá do que aqui – disse Gandalf partindo imediatamente, e seu brilho logo desapareceu de vista.

E por toda aquela noite Pippin, solitário e insone, ficou na muralha olhando para o leste.

Os sinos do dia mal tinham soado de novo, um arremedo na escuridão iniluminada, quando na distância ele viu chamas se arremessando nos ares, ao longe nos espaços escuros onde ficavam as muralhas do Pelennor. Os vigias gritaram, e todos os homens da cidade prepararam suas armas. Agora, com frequência, via-se um clarão vermelho, e em seguida através do ar pesado ouviam-se estrondos surdos.

— Tomaram a muralha! — gritavam os homens. — Estão abrind fendas. Eles estão chegando.

— Onde está Faramir? — gritou Beregond desesperado. – Não m digam que ele tombou!

Foi Gandalf quem trouxe as primeiras noticias. Com um punhado d cavaleiros ele chegou no meio da manhã, escoltando uma fileira de carroças. Estavam cheias de homens feridos, e de tudo o que pudera ser salvo dos escombros os Fortes do Passadiço. Dirigiu-se imediatamente a Denethor. (

Senhor da Cidade estava sentado num alto aposento acima do Salão d Torre Branca com Pippin ao seu lado; através das janelas sombrias, ao norte ao sul e ao leste, ele fixava os olhos escuros, como se tentasse penetrar as sombras da destruição que o circundavam.

Olhava com mais insistência para o norte, e de vez em quandc parava para escutar, como se por alguma arte antiga seus ouvidos pudessem ouvir o trovão de cascos sobre as planícies distantes.

— Faramir chegou? perguntou ele.

— Não — disse Gandalf — Mas ainda estava vivo quando o deixei Contudo está resolvido a ficar na retaguarda, para evitar que a retirada através do Pelennor se transforme numa fuga desordenada. Talvez consiga manter seus homens reunidos pelo tempo necessário, mas eu duvido. Está encurralado por um inimigo poderoso demais. Pois chegou quem eu temia.

— Não... o Senhor do Escuro? — exclamou Pippin, esquecendo su posição devido ao pavor.

Denethor riu de um modo amargo.

— Não, ainda não, Mestre Peregrin! Ele não virá, a não ser par triunfar sobre mim quando tudo estiver perdido. Ele usa outros como suas armas. Assim fazem os grandes senhores, se forem sábios, Mestre Pequenc Ou por que motivo estaria eu aqui, sentado em minha torre e pensando, assistindo, esperando, pondo em risco até mesmo meus filhos? Pois ainda consigo brandir uma arma.

Levantou-se e abriu sua longa capa negra. Surpreendentemente vestia uma cota de malha por baixo, e no cinto trazia uma longa espada, com grande punho, numa bainha negra e prateada.

— Assim sempre andei, e assim agora por muitos anos tenho dormidc — disse ele —, para evitar que meu corpo fique fraco e amedrontado.

— Mesmo assim, o mais cruel de todos os capitães do senhor de Barad-dûr já é dono de suas muralhas externas — disse Gandalf — Rei d Angmar de outrora, Feiticeiro, Espectro do Anel, Senhor dos Nazgúl, un lança de terror na mão de Sauron, sombra de desespero.

— Então, Mithrandir, você teve um inimigo à sua altura disse Denethor. — Quanto a mim, sei há muito tempo quem é o principal capitãc dos exércitos da Torre Escura. Foi só para dizer isso que você retornou? O

será que se retirou por estar em desvantagem?

Pippin estremeceu, temendo que Gandalf fosse tomado de uma ira repentina, mas seu medo foi infundado.

— Pode ter sido isso – respondeu Gandalf numa voz suave. — Ma nosso teste de forças ainda não começou. E, se palavras pronunciadas antigamente forem verdadeiras, ele não deverá cair pela mão do homem, e o destino que o aguarda é desconhecido dos Sábios. Seja como for, o Capitã do Desespero não está avançando, ainda. Ele governa bem de acordo com as regras que você acabou de mencionar, na retaguarda, empurrando antes para a frente seus escravos alucinados.

— Não, eu vim mais para proteger os homens feridos que ainda podem ser curados; pois a Rammas está grandemente destruída, e logo o exército de Morgul entrará por vários pontos. E vim principalmente para dizer isto: logo haverá uma batalha nos campos. É preciso preparar uma surtida. Que seja de homens montados. Neles repousa nossa pequena esperança, pois em uma coisa apenas o inimigo ainda está mal equipado: tem poucos cavaleiros.

— E nós também temos poucos. Agora seria o momento exato de os Cavaleiros de Rohan chegarem — disse Denethor.

— É provável que vejamos outros chegando primeiro – disse Gandalf, fugitivos de Cair Andros já nos alcançaram. A ilha caiu. Um outro exércit saiu pelo Portão Negro, atravessando pelo nordeste.

Alguns o acusaram, Mithrandir, de se deliciar em trazer más noticias — disse Denethor —, mas para mim isso já não é mais novidade: eu sabia disso antes do cair da noite de ontem. E, quanto à surtida, já pensei nesse assunto. Vamos descer.

O tempo passou. Por fim as sentinelas nas muralhas conseguiram ver a retirada das companhias avançadas. Pequenos grupos de homens cansados e frequentemente feridos chegaram primeiro com pouca ordem; alguns corria alucinados, como se estivessem sendo perseguidos. Na distância ao leste fogueiras longínquas bruxuleavam, e agora parecia que em alguns pontos elas rastejavam através da planície. Casas e celeiros estavam em chamas. Então, de vários pontos, pequenos rios de fogo rubro vieram correndo, ziguezagueando através da escuridão, convergindo na direção da

linha da larga estrada que conduzia do portão à Cidade de Osgiliath.

— O inimigo — murmuravam os homens. -A barreira caiu. Lá vêm eles aos borbotões através das brechas! E parece que estão carregando tochas. Onde está o nosso pessoal?

Começava a noite, e a luz estava tão fraca que mesmo os homens de visão penetrante da Cidadela mal conseguiam discernir as formas nos campos, a não ser apenas os incêndios que cada vez mais se multiplicavam, e as linhas de fogo que cresciam em tamanho e velocidade. Finalmente, a menos de uma milha da Cidade, um grupo de homens mais bem ordenado apareceu, marchando sem correr, ainda se mantendo unido.

As sentinelas prenderam a respiração.

— Faramir deve estar lá — diziam elas. — Ele consegue dominar homens e animais. Conseguirá chegar até aqui.

Agora a retirada principal estava a menos de quatrocentos metros de distância. Surgindo do fundo da escuridão galopava uma pequena companhia de cavaleiros, tudo o que restava da retaguarda. Mais uma vez se viraram acuados, enfrentando as linhas de fogo que avançavam. Então, de repente, houve um tumulto de gritos ferozes. Cavaleiros inimigos foram chegando e varrendo tudo. As linhas de fogo transformaram-se em rios flamejantes: fileira após fileira de orcs carregando tochas, e sulistas bárbaros com bandeiras vermelhas, gritando em línguas rudes, avançando numa onda, alcançando os soldados em retirada. E, com um grito cortante, da escuridão do céu negro caíram as sombras aladas, os nazgúl mergulhando para a matança.

A retirada se transformou numa debandada. Os homens já se dispersavam, fugindo alucinados, feito malucos, para todos os lados, jogando fora suas armas, gritando de medo, tombando ao chão.

Nesse momento uma trombeta soou na Cidadela, e Denetho finalmente liberou a surtida. Reunidos á sombra do Portão, e sob as muralhas que se erguiam do lado de fora, eles estiveram aguardando um sinal dele: todos os homens com montarias que haviam permanecido na Cidade. Agora saltavam á frente, em forma, num galope rápido, atacando com grande alarido. E das muralhas um grito veio em resposta, pois à frente de todos os demais apareciam os cavaleiros do cisne de Doí Amroth, encabeçados por

seu Príncipe com insígnia azul.

— Amroth por Gondor! — gritavam eles. — Amroth por Faramir!

Como trovões eles caíram sobre o inimigo nos dois flancos da retirada; um cavaleiro disparou á frente, veloz como o vento sobre a relva; Scadufax o levava, brilhante, mais uma vez revelado, com uma luz emanando de sua mão erguida.

Os nazgúl soltaram um guincho e fugiram, pois seu Capitão ainda não estava pronto para desafiar o fogo branco de seu oponente. Os exércitos de Morgul, concentrados em sua presa, pegos desprevenidos numa carreira desabalada, dispersaram-se e se espalharam como faiscas ao vento. As companhias avançadas, com grande disposição, viraram-se e atacaram seus perseguidores. Caçadores se transformaram em caça. A retirada virou um assalto. Orcs e homens caídos cobriram o campo, e um cheiro forte subiu das tochas lançadas ao chão, crepitando e se extinguindo numa fumaça espiralada. A cavalaria avançava.

Mas Denethor não permitiu que fossem longe. Embora o inimigo estivesse sob controle e por enquanto rechaçado, grandes exércitos chegavam do leste. Mais uma vez soou a trombeta, ordenando a retirada. A cavalaria de Gondor parou.

Atrás de sua proteção, as companhias avançadas reorganizaram suas fileiras. Agora retornavam, marchando compassadamente. Atingiram o Portão da Cidade e entraram, num passo imponente; e também com imponência o povo da Cidade olhava para eles e gritava-lhes elogios, mas mesmo assim tinham os corações perturbados. Pois as companhias estavam lamentavelmente reduzidas. Faramir perdera um terço de seus homens. E onde estava ele?

Chegou por último. Seus homens entraram. Os cavaleiros montados retornaram, na retaguarda a bandeira de Doí Amroth e o Príncipe. E em seus braços, em seu cavalo, carregava o corpo de seu parente, Faramir, filho de Denethor, encontrado no campo de batalha.

— Faramir! Faramir! — gritaram os homens, chorando nas ruas. Mas ele não respondia, e foi levado pela estrada sinuosa até a Cidadela e à presença do pai.

No momento em que os nazgúl desviaram do ataque do Cavaleiro

Branco, uma seta mortal veio voando e Faramir, que estivera impedindo o avanço de um campeão montado de Harad, tombou no chão. Apenas o ataque de Doí Amroth pudera salvá-lo das espadas rubras do sul, que o teriam golpeado ali no chão.

O Príncipe Imrahil levou Faramir para a Torre Branca, e disse:

— Seu filho retornou, senhor, depois de grandes feitos — e então fez um relato de tudo o que vira.

Denethor se levantou e olhou no rosto do filho, sem dizer nada. Depois ordenou que arrumassem uma cama no aposento para Faramir e saíssem. Mas ele mesmo subiu até a sala secreta no topo da torre; muitos que olhavam lá para cima naquela hora viram uma luz pálida que tremeluziu e faiscou nas janelas estreitas por algum tempo, e depois piscou e se extinguiu. E, quando Denethor novamente desceu, foi até Faramir e sentou-se ao seu lado sem dizer palavra; mas o rosto do Senhor estava cinzento, mais cadavérico que o do filho.

Então agora, finalmente, a Cidade estava cercada, fechada num círculo de adversários. A Rammas fora derrubada, e todo o Pelennor estava abandonado ao Inimigo.

A última palavra que veio de fora das muralhas foi trazida por homens fugindo pela estrada norte antes que o Portão se fechasse. Eram remanescentes da guarda que fora mantida no ponto onde o caminho de Anórien e Rohan entrava nos povoados. Ingold os conduzia, o mesmo que havia admitido Gandalf e Pippin menos de cinco dias antes, quando o sol ainda surgia e a manhã trazia esperanças.

— Não há notícia dos rohirrim — disse ele. — Rohan não virá agora. Ou, se vier, isso não nos servirá de nada. O novo exército do qual tivemos notícias chegou primeiro, vindo do outro lado do rio passando por Andros, ouvi dizer. São fortes: batalhões de orcs do Olho, e incontáveis companhias de homens de um outro tipo que nunca vimos antes. Não são altos, mas corpulentos e sisudos, Barbados como os anões, brandindo grandes machados. Achamos que eles vêm de alguma região selvagem do amplo leste. Tomaram a estrada do norte, e muitos avançaram até Anórien. Os rohirrim estão impossibilitados de chegar.

O Portão foi fechado. Durante toda a noite, vigias nas muralhas

ouviram os rumores dos inimigos que perambulavam do lado de fora, queimando árvores e campos, apunhalando qualquer homem que encontrassem, vivo ou morto. Não se podia adivinhar quantos tinham atravessado o rio no escuro, mas quando a manhã, ou sua sombra embaçada, avançou furtivamente sobre a planície, percebeu-se que o medo noturno não superestimara o número. A planície estava escurecida pelas suas companhias marchando, e até onde a vista alcançava surgiam, como florescências nojentas de fungos, por toda a volta da cidade sitiada, grandes acampamentos de tendas negras ou de um vermelho sombrio.

Diligentes feito formigas, orcs apressados cavavam, cavavam longas trincheiras fundas num enorme círculo, fora do alcance de flechas que partissem das muralhas; e assim que cada trincheira ia sendo terminada, enchiam-na de fogo, embora não se pudesse ver como o alimentavam ou acendiam, se por arte ou feitiçaria. Durante todo o dia o trabalho continuou, enquanto os homens de Minas Tirith assistiam, sem poder impedi-lo. E, à medida que cada metro de trincheira se completava, eles divisavam grandes carroças se aproximando; logo, mais companhias do inimigo, cada uma protegida por uma trincheira, instalavam rapidamente grandes máquinas para o lançamento de projéteis. Não havia nas muralhas da Cidade nenhum mecanismo grande o suficiente para alcançar tão longe ou impedir o trabalho.

No início os homens riram e não temeram aqueles instrumentos. Pois a muralha principal da cidade era extremamente alta e de uma espessura impressionante, e fora construída antes que o poder e o oficio de Númenor declinassem no exílio; sua face externa era semelhante á da Torre de Orthanc, rígida, escura e lisa, imune a fogo ou aço, indestrutível, exceto por alguma convulsão que lacerasse o próprio solo no qual ela se erguia.

— Não — diziam eles —, nem que o próprio Inominado atacasse nem mesmo ele conseguirá entrar aqui enquanto ainda estivermos vivos. – Mas alguns respondiam:

— Enquanto ainda estivermos vivos? Por quanto tempo? Ele tem uma arma que já pôs por terra muitas fortalezas desde o inicio do mundo. A fome. As estradas estão bloqueadas. Rohan não chegará.

Mas as máquinas não desperdiçaram tiros contra a parede indômita.

Não era qualquer salteador ou chefe orc que iria ordenar o assalto sobre o maior inimigo do Senhor de Mordor. Dirigiam-no uma força e uma mente de malícia. Assim que as grandes catapultas foram montadas, em meio a muitos gritos e ao rangido de cordas e manivelas, elas começaram a arremessar projéteis a uma altura impressionante, de modo que passavam bem acima do parapeito e caíam com um baque surdo dentro do primeiro círculo da Cidade; muitos deles, por alguma arte secreta, explodiam em chamas enquanto caiam.

Logo já havia grande perigo de incêndio atrás da muralha, e todos os que estavam disponíveis se ocupavam em dominar as chamas que se deflagravam em vários pontos. Então, em meio aos golpes mais poderosos, veio uma outra saraivada, menos destruidora e no entanto mais horrível. Por todas as ruas e alamedas atrás do Portão caíam pequenos projéteis redondos que não explodiam. Mas, quando os homens corriam para saber o que poderia ser aquilo, soltavam gritos ou choravam. O Inimigo estava arremessando para dentro da Cidade todas as cabeças daqueles que tinham caído na luta em Osgiliath, ou na Rammas, ou nos campos. Eram horripilantes de se olhar, pois, embora algumas estivessem esmagadas e disformes, e algumas tivessem sido cruelmente estraçalhadas, muitas ainda conservavam seus traços, indicando que aqueles homens tinham morrido em sofrimento; todas estavam marcadas com o símbolo maligno do Olho sem Pálpebra. Mesmo desfiguradas e aviltadas como estavam, frequentemente era possível que daquela forma um homem revisse o rosto de alguém que conhecera, que já andara armado e orgulhoso, ou cultivara os campos ou, vindo dos verdes vales das colinas, cavalgara para lá num dia de folga.

Em vão os homens mostravam os punhos para os impiedosos inimigos que se aglomeravam diante do Portão. Não se importavam com pragas, e nem entendiam as línguas dos homens do oeste, pois gritavam com vozes roucas como animais e aves de rapina. Mas logo restavam poucos em Minas Tirith com coragem suficiente para se erguer e desafiar os exércitos de Mordor. Pois o Senhor da Torre Escura tinha ainda uma outra arma, mais rápida que a fome, o medo e o desespero.

Os nazgúl vieram de novo, e, agora que o Senhor do Escuro crescia e exibia sua força, da mesma forma as vozes deles, que expressavam apenas a

sua vontade e malícia, se encheram de maldade e horror. Faziam círculos acima da Cidade, como abutres que aguardam sua parcela de carne humana destinada a morrer. Voavam fora do alcance da vista ou de algum tiro, e mesmo assim estavam sempre presentes, e suas vozes mortais rasgavam o ar. Ao invés de diminuírem, a cada grito iam ficando mais insuportáveis. Por fim até mesmo os mais corajosos se jogavam no chão quando a ameaça oculta passava sobre suas cabeças, ou então ficavam de pé, deixando cair as armas das mãos paralisadas, enquanto suas mentes eram invadidas por um negror total, e eles não pensavam mais na guerra, mas só em se esconder e rastejar, e morrer.

Durante todo aquele dia negro, Faramir ficou em sua cama, no aposento da Torre Branca, delirando numa febre desesperada, morrendo disse alguém, e logo "morrendo" diziam todos os homens nas muralhas e nas ruas. E ao seu lado sentava-se seu pai, não dizendo nada, mas observando sem dar qualquer atenção á defesa.

Pippin nunca conhecera horas tão escuras, nem mesmo quando estivera nas garras dos Uruk-hai. Seu dever era permanecer ao lado do Senhor, e foi isso o que fez, aparentemente esquecido, em pé junto á porta do quarto escuro, dominando os próprios medos da melhor maneira possível. E enquanto observava teve a impressão de que Denethor envelhecia diante de seus olhos, como se algo tivesse arrebentado em sua altiva obstinação, derrotando sua vontade inflexível. Talvez a tristeza tivesse feito aquilo, e o remorso. Naquele rosto outrora empedernido, Pippin enxergava lágrimas mais insuportáveis que a ira.

— Não chore, meu senhor — gaguejou ele. — Talvez ele melhore. O senhor solicitou a presença de Gandalf?

— Não me console com magos! — disse Denethor. -A esperança do tolo fracassou. O Inimigo descobriu isso, e agora seu poder aumenta; ele enxerga nossos próprios pensamentos, e tudo o que fizermos será desastroso.

— Enviei meu filho, sem meus agradecimentos, sem minha bênção, em direção a um perigo desnecessário, e aqui jaz ele, com veneno nas veias. Não, não, o que quer que aconteça agora na guerra, também minha linhagem está se extinguindo, até mesmo a Casa dos Regentes fracassou Pessoas mesquinhas deverão governar os últimos remanescentes dos Reis

dos Homens, escondendo-se nas colinas até que sejam todos caçados.

Homens vieram á porta bradando pelo Senhor da Cidade.

— Não, não descerei — disse ele. — Preciso ficar ao lado de meu filho. Pode ser que ele ainda fale antes do fim. Mas o fim está perto. Sigam quem quiserem, até mesmo o Tolo Cinzento, embora a esperança dele tenha fracassado. Ficarei aqui

Foi assim que Gandalf tomou para si o comando da última defesa da

Cidade de Gondor. Aonde quer que fosse, fazia com que os corações dos homens ficassem de novo mais leves, e as sombras aladas desaparecessem da lembrança. Passava incansável da Cidadela para o Portão, do norte para o sul em torno da muralha; com ele ia o Príncipe de Doí Amroth em sua cota metálica brilhante. Pois ele e seus cavaleiros ainda se comportavam como senhores nos quais a raça de Númenor se mantinha integra. Os homens que os viam sussurravam, dizendo: — É possível que velhas histórias falem a verdade; há sangue élfico nas veias dessa gente, pois o povo de Nimrodel certa vez morou naquela terra, há muito tempo. — E então alguém cantava em meio á escuridão alguns versos da Balada de Nimrodel, ou outras canções do Vale do Anduin, vindas de tempos imemoriais.

E apesar disso, quando os dois se iam, as sombras se fechavam sobre os homens de novo, e seus corações ficavam frios, e a bravura de Gondor se acabava em cinzas. E assim, lentamente, eles passavam de um dia sombrio de temores para a escuridão de uma noite desesperada. Fogueiras agora devastavam sem qualquer resistência o primeiro circulo da Cidade, e a guarnição sobre a muralha externa já estava em vários pontos impedida de bater em retirada. Os leais que lá permaneciam em seus postos eram poucos; a maioria tinha fugido para além do segundo portão.

Muito atrás da batalha, uma ponte fora construída rapidamente sobre o Rio, e durante todo o dia mais homens e equipamentos de guerra tinham feito a travessia aos borbotões. Por fim agora, no meio da noite, o ataque fora liberado. A vanguarda atravessou as trincheiras de fogo por várias trilhas sinuosas que haviam sido deixadas entre elas. Avançavam, sem se preocuparem com suas perdas á medida que se aproximavam, ainda reunidos em grupos, ao alcance dos arqueiros nas muralhas.

Mas agora, na realidade, restavam ali muito poucos para que c prejuízo fosse grande, embora a luz das fogueiras expusesse muitos alvos para os arqueiros de cuja habilidade Gondor outrora se gabara. Então percebendo que a coragem da Cidade já estava derrotada, o Capitão oculto exibiu sua força. Lentamente as grandes torres de sítio construídas em Osgiliath foram rolando para a frente através da escuridão.

Mensageiros foram outra vez até o aposento da Torre Branca, e Pippin os deixou entrar, pois eles insistiram. Denethor desviou lentamente a cabeça do rosto de Faramir, e olhou para eles em silêncio.

— O primeiro círculo da Cidade está em chamas, senhor — disseram eles. — Quais são as suas ordens? Ainda é o Senhor e o Regente. Nem todo estão dispostos a seguir Mithrandir. Os homens estão fugindo das muralhas deixando-as desguarnecidas.

— Por quê? Por que fogem os tolos? — disse Denethor. – É melhor se queimado mais cedo que mais tarde, pois esse será nosso fim. Voltem para a sua fogueira! E eu? Irei agora para a minha pira. Para a minha pira. Nada d túmulo para Denethor e Faramír. Nada disso! Nada de longos sonos d morte embalsamada. Vamos arder como arderam os reis bárbaros antes que qualquer navio tivesse vindo do oeste para cá. O Ocidente fracassou Voltem e queimem!

Os mensageiros, sem reverência ou resposta, viraram-se e saíram correndo.

Nesse momento Denethor se levantou, soltando a mão febril de

Faramir que estivera segurando.

— Ele está queimando, já está queimando — disse ele com tristeza. — A casa de seu espírito está desmoronando. — Então, andando suavemente na direção de Pippin, desceu os olhos até ele.

— Adeus! — disse ele. -Adeus, Peregrin, filho de Paladin! Seu serviç foi curto, e agora está chegando ao fim. Eu o dispenso do pouco que resta. Vá agora, e morra da maneira que lhe pareça melhor. E com quem desejar até mesmo aquele amigo cuja loucura o trouxe para esta morte. Mande chamar meus serviçais, e depois vá. Adeus!

— Não direi adeus, meu senhor — disse Pippin, ajoelhando-se. E então, de repente, mais uma vez á maneira dos hobbits, levantou-se e olhou

nos olhos do velho.

— Vou deixá-lo, senhor — disse ele —; pois realmente desejo muito ver Gandalf. Mas ele não é um tolo, e eu não vou pensar em morrer ate que ele perca as esperanças na vida. Mas de minha palavra e de seu serviço não quero ser dispensado enquanto o senhor viver. E, se finalmente eles chegarem á Cidadela, espero estar aqui para ficar ao seu lado, e talvez fazer por merecer as armas que me foram dadas.

— Faça como quiser, Mestre Pequeno — disse Denethor. – Ma minha vida acabou. Mande chamar meus serviçais! — Voltou-se para Faramir.

Pippin o deixou e chamou os serviçais: vieram seis homens da casa, fortes e belos; apesar disso, tremeram ao chamado. Mas numa voz suave Denethor lhes ordenou que colocassem cobertas quentes na cama de Faramir e a levassem. Assim fizeram eles, e, erguendo a cama, levaram-na do aposento. Andavam devagar, para incomodar o homem febril o mínimo possível, e Denethor, agora curvado sobre um cajado, os seguia; por último vinha Pippin.

Saíram da Torre Branca, como se fosse um funeral, para dentro da escuridão, onde a nuvem que pairava sobre a Cidade era iluminada por baixo por laivos de um vermelho apagado. Suavemente atravessaram o grande pátio, e a um comando de Denethor pararam ao lado da Árvore Seca.

Tudo era silêncio, salvo o rumor da guerra na Cidade lá embaixo, e eles ouviam a água pingando melancólica dos galhos mortos para dentro do lago escuro.

Então avançaram através do portão da Cidadela, onde a sentinela os observou com surpresa e desânimo á medida que eles foram passando. Virando-se para o oeste, finalmente chegaram a uma porta na parede dos fundos do sexto circulo. Chamava-se Fen Hollen, pois sempre se mantinha fechada, exceto em ocasiões de funerais, e apenas o Senhor da Cidade poderia usar aquele caminho, ou aqueles que usavam o símbolo das tumbas e cuidavam das casas dos mortos. Além dela se estendia uma rua sinuosa que descia em muitas curvas para a região estreita sob a sombra do precipício do Mindolluin, onde ficavam os túmulos dos Reis mortos e os dos seus

Regentes.

Um porteiro estava sentado numa guarita ao lado da rua, e com medo nos olhos ele se aproximou, trazendo uma lanterna na mão. Ao ouvir a ordem do Senhor, destrancou a porta, e sem ruido ela recuou; eles atravessaram, tomando a lamparina da mão do porteiro. Estava escuro no caminho que subia entre muralhas antigas e balaústres de muitos pilares que assomavam ao brilho oscilante da lamparina. Os passos lentos ecoavam, à medida que eles iam descendo, descendo, até que finalmente chegaram à rua Silenciosa, Rath Dinen, entre abóbadas pálidas e salões vazios e imagen de homens mortos muito tempo atrás; entraram na Casa dos Regentes, e colocaram no chão o seu fardo.

Ali Pippin, observando inquieto tudo á sua volta, viu que estava num amplo cômodo abobadado, que parecia todo coberto pelas grandes cortinas de sombra que a pequena lamparina projetava nas paredes amortalhadas. E quase invisíveis havia ali muitas fileiras de mesas, esculpidas no mármore, e sobre cada mesa jazia uma forma dormente, com as mãos unidas, e a cabeça repousando sobre a pedra. Mas uma mesa mais próxima era ampla e estava vazia. Sobre ela, a um sinal de Denethor, eles colocaram Faramir e seu pa lado a lado, e os cobriram com uma mesma coberta, e então ficaram com as cabeças baixas como alguém que chora do lado de um leito de morte. Depois Denethor falou numa voz baixa.

— Aqui esperaremos — disse ele. — Mas não quero que mandem chamar os embalsamadores. Tragam-nos lenha de queima rápida, e coloquem-na em toda a nossa volta, e embaixo; derramem óleo sobre ela. E, quando eu mandar, lancem uma tocha. Façam isso e não falem mais comigo. Adeus!

— Com a sua permissão, senhor — disse Pippin, virando-se e fugindo amedrontado daquela casa de morte. "Pobre Faramir", pensou ele. "Preciso encontrar Gandalf. Pobre Faramir! É muito provável que precise mais de remédios suponho eu; e ele não terá tempo a perder com moribundos ou loucos!"

Ao pé da porta, dirigiu-se a um dos serviçais que ficara de guarda. — seu senhor está fora de si — disse ele. — Tenham calma! Não tragam fogo para este lugar enquanto Faramir viver! Não façam nada até que Gandal

chegue!

— Quem é o senhor de Minas Tirith? — respondeu o homem. — C Senhor Denethor ou o Caminheiro Cinzento?

— O Caminheiro Cinzento e ninguém mais, ao que parece — disse Pippin, e foi correndo de volta pelo caminho sinuoso, com a maior velocidade que conseguiu imprimir aos pés, passando pelo porteiro atônito, saindo pela porta, e adiante, até chegar perto do portão da Cidadela. A sentinela o saudou á sua passagem, e ele reconheceu a voz de Beregond.

— Aonde vai assim correndo, Mestre Peregrin? — gritou ele.

— Procurar Mithrandir — respondeu Pippin.

— As mensagens do Senhor são urgentes, e eu não poderia retardá-las — disse Beregond —; mas diga-me depressa, se puder: o que está acontecendo? Para onde foi o meu Senhor? Acabei de assumir meu posto mas ouvi falar que ele passou na direção da Porta Fechada, e homens levavam á frente Faramir.

— É — disse Pippin — para a rua Silenciosa.

Beregond baixou a cabeça para esconder as lágrimas.

— Disseram que ele estava morrendo — disse ele suspirando —, e agora está morto.

— Não — disse Pippin —, ainda não. E até mesmo agora sua morte ainda pode ser impedida, eu acho. Mas o Senhor da Cidade, Beregond, cai antes que sua cidade fosse tomada. Está obcecado pela morte, e transformou-se numa pessoa perigosa. — Rapidamente contou sobre as estranhas palavras e atos de Denethor. — Preciso encontrar Gandalf com urgência.

— Então deve descer até a batalha.

— Eu sei. O Senhor me deu permissão. Mas, Beregond, se você puder, faça alguma coisa para impedir que algo terrível aconteça.

— O Senhor não permite que aqueles que vestem o negro e a prata deixem seus postos por qualquer motivo, a não ser por sua própria ordem.

— Bem, você deve escolher entre ordens e a vida de Faramir — disse Pippin. — E, quanto a ordens, acho que você está lidando com um louco, e não com um senhor. Preciso correr. Voltarei se puder.

Saiu numa corrida desabalada, e foi descendo na direção da cidade

externa. Homens fugindo do incêndio passavam por ele, e alguns, vendo seu uniforme, voltavam-se e gritavam, mas Pippin não lhes dava atenção. Finalmente passou pelo Segundo Portão, além do qual enormes labaredas subiam entre as muralhas.

Apesar disso, tudo parecia estranhamente silencioso. Não se ouvia nenhum barulho, gritos de batalha ou troar de armas. Então, de repente, houve um berro pavoroso, uma grande batida e um estrondo profundo e retumbante. Forçando-se a avançar, contra uma rajada de medo e horror que quase o derrubou de joelhos, Pippin virou uma esquina que se abria no páteo amplo da cidade. Ficou paralizado. Encontrara Gandalf, mas recuou escondendo-se numa sombra.

Desde a meia-noite prosseguia o ataque. Tambores retumbavam. Ao norte e ao sul, as companhias inimigas, uma atrás da outra, avançavam contra as muralhas.

Chegavam animais enormes, parecendo edifícios moveis a luz rubra e oscilante, os múmakil de Harad, arrastando pelas alamedas enormes torres e máquinas, em meio ao incêndio. Seu Capitão já não se preocupava muito com o que faziam ou quantos poderiam ser mortos: seu único objetivo era testar a força da defesa e manter os homens de Gondor ocupados em vários lugares. Era contra o Portão que ele jogaria seu maior peso. O Portão podia ser muito forte, feito de aço e ferro, guardado por torres e baluartes de pedra invencível, e apesar disso era a chave, o ponto mais fraco em toda aquela muralha alta e impenetrável. Os tambores retumbaram mais alto. As labaredas subiram com mais força. Grandes máquinas se arrastavam através do campo, e no meio havia um enorme aríete, grande como uma árvore da floresta, de trinta metros de comprimento, oscilando preso a fortes correntes. Estivera sendo forjado por muito tempo nas escuras ferrarias de Mordor, e sua cabeça hedionda, moldada em aço negro, tinha o formato de um lobo voraz; possuía feitiços de destruição. Chamavam-no Grond, em memória do Martelo do Mundo Subterrâneo de outrora. Grandes animais puxavam, orcs se amontoavam em volta dele, e atrás vinham os trolls das montanhas para manejá-lo. Mas em volta do Portão a resistência ainda era forte, e ali os cavaleiros de Doí Amroth e os mais resistentes da guarnição se mantinham sitiados. Choviam flechas e lanças; torres de sitio tombavam ou

de repente se incendiavam como tochas. Por toda a volta, diante das muralhas dos dois lados do Portão, o chão estava coberto de escombros e de corpos dos mortos; mesmo assim, como se guiados por uma loucura, mais e mais deles chegavam.

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar.

Grond se aproximava. Os tambores retumbavam alucinadamente Por sobre os montes de mortos um vulto hediondo surgiu: um cavaleiro, alto, encapuzado, coberto por um manto negro. Lentamente, pisando e esmagando os caídos, cavalgou á frente, sem se importar com a possibilidade de ser atingido por uma lança. Parou e ergueu uma enorme espada pálida. Assim que fez isso, um grande terror atingiu a todos, defensores e inimigos; as mãos dos homens ficaram imóveis ao longo dos corpos, e nenhum arco zuniu. Por um momento, todos ficaram paralisados.

Os tambores retumbaram e repicaram. Num impulso enorme, Grond foi arrastado à frente. Atingiu o Portão. Balançou no ar. Um enorme estrondo retumbou

Através da Cidade, como um trovão rolando nas nuvens. Mas as portas de ferro e os pilares de aço resistiram ao golpe.

Então o Capitão Negro se ergueu nos estribos e gritou numa voz apavorante, pronunciando em alguma língua esquecida palavras de poder e terror capazes de estraçalhar coração e pedra.

Três vezes gritou. Três vezes o grande aríete retumbou. E de repente no último golpe, o Portão de Gondor partiu-se. Como se sob o efeito de algum feitiço explosivo, ele caiu aos pedaços: houve um clarão de luz cortante, e as portas se espatifaram no chão.

Para dentro cavalgou o Senhor dos Nazgúl. Uma grande figura negr contra as labaredas ao fundo, ele assomou, transformado numa enorme ameaça de desespero. Para dentro cavalgou o Senhor dos Nazgúl, pelo arco que nenhum inimigo jamais atravessara, e todos fugiam diante dele.

Todos exceto um. Esperando ali, imóvel e calado no pátio diante do

portão, estava Gandalf montado em Scadufax: Scadufax que era o únic entre os cavalos livres da terra capaz de suportar o terror, imóvel, imperturbável como uma imagem esculpida em Rath Dinen.

— Não pode entrar aqui — disse Gandalf, e a enorme sombra parou — Volte para o abismo que lhe foi preparado! Volte! Caia no nada qu aguarda você e seu Mestre. Vá!

O Cavaleiro Negro jogou para trás o capuz e todos ficaram atônitos ele tinha uma corôa real, e mesmo assim ela não repousava sobre nenhuma cabeça visível As labaredas rubras reluziam entre a corôa e os ombros largos e escuros protegidos pela capa. De uma boca invisível veio uma risada mortal.

— Velho tolo! — disse ele. — Velho tolo! Esta é a minha hora. Nã reconhece a morte ao deparar com ela? Morra agora e pragueje em vão! — E com essas palavras ergueu a espada, de cuja lâmina escorriam chamas.

Gandalf não se mexeu. E naquele exato momento, em algum pátio distante da Cidade, um galo cantou. Cantou num tom estridente e cristalino sem se importar com feitiçaria ou guerra, apenas saudando a manhã que no céu, acima das sombras da morte, chegava com a aurora. E como em resposta veio de longe uma outra nota. Trombetas, trombetas, trombetas. Ecoaram fracas nas encostas escuras do Mindolluin.

Grandes trombetas do norte, num clangor alucinado. Rohar finalmente chegara.

CAPÍTULO V: A CAVALGADA DOS ROHIRRIM

Estava escuro e Merry, deitado no chão e enrolado num cobertor, não enxergava nada. Apesar disso, embora a noite estivesse sufocada e sem vento, por toda a sua volta árvores ocultas suspiravam suavemente. Levantou a cabeça.

Então ouviu outra vez: um som semelhante a tambores fracos nas colinas cobertas por florestas e nos patamares das montanhas. De repente o rufar cessava e depois começava outra vez em algum outro ponto, ora mais próximo, ora mais distante. Merry perguntava-se se os vigias também teriam ouvido. Não se podiam vê-las, mas ele sabia que por toda a volta estavam as companhias dos rohirrim. Sentia no escuro o cheiro dos cavalos, e os ouvia mudar de posição pateando de leve o chão coberto de agulhas de pinheiro. O exército estava acampado em meio aos bosques de pinheiros que se aglomeravam em torno do Farol Eilenach, uma colina alta que se destacava das longas cordilheiras da Floresta Drúadan, ao lado da grande estrada em Anórien Oriental.

Apesar de cansado, Merry não conseguia dormir. Já havia cavalgado quatro dias seguidos, e a escuridão que se adensava ia lentamente pesando cada vez mais em seu coração. Começou a se perguntar por que insistira tanto em vir, quando lhe foram dados todos os motivos, até mesmo a ordem de seu senhor, para ficar para trás. Pensava também se o rei sabia que sua ordem fora desobedecida e estava zangado. Talvez não. Parecia haver algum entendimento entre Dernhelm e Elfhelm, o Marechal que comandava o éored no qual estavam. Ele e todos os seus homens ignoravam Merry e fingiam não ouvir se ele falasse. Era como se o hobbit fosse apenas um outro saco que Dernhelm estava carregando. Dernhelm não era consolo nunca falava com ninguém. Merry se sentia pequeno, inconveniente, e solitário.

O momento agora era de ansiedade, e o exército corria perigo. Estavam a menos de um dia de cavalgada das muralhas externas de Minas Tirith, que circundavam os povoados. Batedores haviam sido enviados à frente. Alguns não tinham retornado. Outros, voltando às pressas, contaram

que a estrada fora tomada por exércitos inimigos. Nela acampava uma tropa inimiga, três milhas a oeste do Mon Din, e alguns homens avançavam pela estrada, não estando a mais de três léguas de distância. Orcs perambulavam nas colinas e florestas ao longo da estrada. O rei e Éomer discutiam seus planos durante as vigias noturnas.

Merry queria conversar com alguém e pensava em Pippin. Mas isso só aumentava sua ansiedade. Pobre Pippin, enclausurado na grande cidade de pedra, sozinho e com medo. Merry desejou ser um Cavaleiro alto como Éomer, e poder tocar uma corneta ou alguma outra coisa, para ir a galope resgatar o amigo. Sentou-se, escutando escutando os tambores que batiam de novo, agora bem próximos. De repente ouviu vozes falando baixo, e viu lamparinas fracas, semiveladas, passando através das árvores.

Perto dele homens começaram a se mover no escuro em várias direções.

Um vulto alto assomou e tropeçou nele, amaldiçoando as raízes das árvores. Merry reconheceu a voz de Ellhelm, o Marechal.

— Não sou uma raiz de árvore, Senhor — disse ele —, nem um saco de bagagem, mas um hobbit escoriado. O mínimo que pode fazer para consertar a situação é me explicar o que está acontecendo.

— Qualquer coisa que consiga acontecer nessa escuridão dos demônios respondeu Elfhelm. — Mas meu senhor enviou mensagens para que nos preparássemos. Podemos receber ordens para partir a qualquer momento.

— Então o inimigo está vindo? — perguntou Merry ansioso. — Aqueles são os tambores deles? Comecei a pensar que fosse a minha imaginação, pois ninguém mais parecia tomar conhecimento deles.

— Não, não — disse Elfhelm. — O inimigo está na estrada, não nas colinas. Você está ouvindo os woses, os homens selvagens da Floresta: essa é a sua maneira de conversarem a distância. Eles ainda habitam a Floresta Drúadan, pelo que se comenta. São remanescentes de um tempo mais antigo, vivendo escondidos e em pequeno número, selvagens e cautelosos como os animais. Eles não vão para a guerra com Gondor e a Terra dos Cavaleiros, mas agora estão preocupados com a escuridão e a chegada dos orcs: receiam que os Anos Escuros estejam retornando, o que parece

suficientemente provável. Fiquemos agradecidos por não estarem nos caçando: pois eles usam flechas envenenadas, pelo que se diz, e têm habilidades incomparáveis nas florestas. Mas ofereceram seus serviços a Théoden.

Neste momento um de seus líderes está sendo levado à presença do rei. Lá vão as luzes. Ouvi dizer isso e mais nada. E agora preciso me ocupar das ordens de meu senhor.

— Aprume-se, Mestre Saco! — Elfhelm desapareceu nas sombras.

Merry não gostara nada daquela conversa de homens selvagens e flechas envenenadas, mas além disso um grande peso o acabrunhava. Era insuportável esperar. Desejava saber o que aconteceria. Levantou-se e logo estava andando com cuidado atrás da última lamparina, antes que ela desaparecesse em meio ás árvores.

De repente atingiu um espaço aberto, onde uma pequena barraca fora armada para o rei, sob uma árvore frondosa. Uma lamparina grande, coberta na parte superior, estava pendurada num galho e projetava no chão um pálido circulo de luz. Sentados ali estavam Théoden e Éomer e diante deles, no chão, uma figura estranha de homem, atarracado, nodoso feito uma rocha velha, e os fios de sua barba rala se espalhavam no queixo encaroçado como musgo seco. Tinha as pernas curtas, os braços gordos, era troncudo e roliço, vestido apenas com palha ao redor da cintura. Merry teve a impressão de tê-lo visto em algum outro lugar antes, e de repente se lembrou dos homens-Púkel do Templo da Colina. Ali estava uma daquela imagens antigas revivida, ou talvez um descendente em linha direta, através de anos incontáveis, dos modelos usados pelos artesãos esquecidos de antigamente.

Estavam em silêncio quando Merry se aproximou, e então o homem selvagem começou a falar, aparentemente respondendo a alguma pergunta. Sua voz era grave e gutural; apesar disso, para a surpresa de Merry, ele falava a Língua Geral, mas de uma maneira pausada, e palavras rudes se misturavam com ela.

— Não, pai dos Cavaleiros — disse ele. — Nós não lutar. Só caçar Mata gorgún na floresta, odeia os orcs. Vocês também odeia gorgún. Nó ajudar como pode. Homens selvagens ter olhos compridos e orelhas

compridas; conhecer todas as trilhas. Homens selvagens viver aqui antes das Casas de Pedra; antes dos homens altos vir da Agua.

— Mas precisamos de ajuda na batalha — disse Éomer. — Como você e seu povo podem nos ajudar?

— Trazer noticias — disse o homem selvagem. — Nós olhar das colinas. Subir montanha grande e olhar para baixo. Cidade de Pedra está fechada. Fora dela queima fogo, agora também dentro. Vocês quer ir para lá? Então precisa ser rápido. Mas gorgún e homens de longe — disse ele acenando um braço curto e nodoso em direção ao leste — está tudo sentado na estrada de cavalo. Muitos, muitos mais que os Cavaleiros.

— Como você pode saber disso? — perguntou Éomer. O rosto achatado do velho e seus olhos escuros não demonstraram nada, mas sua voz ficou perturbada, contrariada. — Homens selvagens ser selvagens, livres, mas não ser crianças — respondeu ele. — Sou um grande líder, Ghân-buri-Ghân. Sei contar muitas coisas: estrelas no céu, folhas em árvores e homens no escuro. Você tem uma vintena de vintenas contando dez vezes e mais cinco. Eles ter mais. Grande luta, e quem vai ganhar? E muitos outro estar em volta das muralhas das Casas de Pedra.

— Ai de nós! Ele fala com grande perspicácia — disse Théoden. – E nossos batedores dizem que o inimigo fez trincheiras e fogueiras na estrada. Não podemos dispersá-los num ataque repentino.

— E apesar disso precisamos de grande velocidade – disse Éomer. — Mundburg está em chamas!

— Deixe Ghân-buri-Ghân terminar! — disse o homem selvagem.

— Ele conhecer mais de uma estrada. Vai levar vocês pela estrada que não tem poço nem gorgún, só homens selvagens e bichos. Muitas trilhas feitas quando o povo das Casas de Pedra era mais forte. Cortaram colina como os caçadores cortam carne de bicho. Homens selvagens acha que eles come pedra. Eles ir para Rinimon, passando por Drúadan com grande carroças. Agora ninguém passar mais ali. Estrada esquecida, mas não por homens selvagens. Sobre colina e atrás de colina ela fica ainda debaixo de capim e árvore, lá atrás de Rimmon e descendo para o Din, e no fim volta para a estrada dos Cavaleiros. Homens selvagens mostrar para vocês a estrada. Então vocês matar gorgún, e expulsar a escuridão má com ferro

brilhante, e homens selvagens poder voltar para dormir na floresta selvagem.

Éomer e o rei conversaram em sua própria língua. Finalmente Théoden dirigiu-se ao homem selvagem.

— Aceitamos a sua oferta – disse ele. — Pois, embora deixemos uma tropa de inimigos para trás, o que importa isso? Se a Cidade de Pedra cair então não haverá como retornarmos. Se ela for salva, então o próprio exército orc ficará isolado. Se você for fiel, Ghânburi-Ghân, vamos lhe oferecer uma grande recompensa, e você terá para sempre a amizade da Terra dos Cavaleiros.

— Homens mortos não ser amigos dos homens vivos, e não dar presentes para eles — disse o homem selvagem. — Mas, se Cavaleiros vivem depois da Escuridão, então Cavaleiros deixar homens selvagens em paz na floresta e nunca mais caçar eles como bichos. Ghân-buri-Ghân não levar vocês para armadilha. Ele mesmo vai junto com o pai dos Cavaleiros, e, se levar vocês para o lugar errado, vocês mata ele.

— Que assim seja! — disse Théoden.

— Quanto tempo vai levar para passarmos pelo inimigo e voltarmos para a estrada? — perguntou Éomer. — Precisamos ir em ritmo de caminhada, se você nos guiar, e não duvido que a trilha seja estreita.

— Homens selvagens andar rápido a pé — disse Ghân. –A trilha é larga para quatro cavalos no Vale das Carroças de Pedra. — Apontou para o sul. — Mas é estreita no começo e no fim. Homem selvagem andar daqui até o Din entre o nascer do sol e o meio-dia.

— Então devemos contar pelo menos sete horas para os batedores — disse Éomer —; mas é preferível calcularmos umas dez horas para o resto da tropa.

Imprevistos podem nos atrasar, e, se nosso exército se espalhar, vai demorar muito até que consiga se colocar em ordem quando sairmos das colinas. Que horas são agora?

— Quem pode saber? — disse Théoden. — É tudo noite agora.

— Está tudo escuro, mas não é tudo noite — disse Ghân. — Quando o sol aparece homens selvagens sentir, mesmo quando está escondido. Ele já está subindo sobre as montanhas do leste. O dia começar nos campos do céu.

— Então devemos partir o mais cedo possível — disse Éomer. — Mesmo assim não podemos ter esperanças de chegar em auxílio de Gondor ainda hoje.

Merry não esperou para ouvir mais nada. Correu e foi se preparar para a convocação da marcha. Essa era a última etapa antes da batalha. Não lhe parecia provável que muitos sobrevivessem a ela. Mas pensou em Pippin e nas chamas de

Minas Tirith e sufocou o próprio medo.

Tudo correu bem naquele dia, e eles não viram ou ouviram qualquer sinal do inimigo, esperando-os com uma emboscada. Os Homens Selvagens tinham preparado uma proteção de caçadores cuidadosos, de modo que nenhum orc ou espião pudesse saber do movimento nas colinas. A noite estava mais escura que nunca, à medida que eles se aproximaram da cidade sitiada, e os Cavaleiros assaram em longas filas como sombras escuras de homens e cavalos. Cada companhia vinha liderada por um homem da floresta: mas o velho Ghân caminhava ao lado do rei. A partida fora mais demorada que o esperado, pois levou muito tempo para que os Cavaleiros, andando e puxando os cavalos, encontrassem trilhas nas cordilheiras cobertas por matas espessas atrás do acampamento e na descida para o oculto Vale das Carroças de Pedra. Já era fim de tarde quando os que iam à frente atingiram as amplas matas cinzentas estendendo-se além da encosta leste do Amon Din, e mascarando um grande desfiladeiro no conjunto de colinas que, do Nardol até o Diu, corria de leste a oeste.

Pelo desfiladeiro, a esquecida estrada de carroças antigamente descera, voltando para o caminho principal que vinha da Cidade através de Anórien; mas agora por muitas vidas de homem as árvores tinham dominado a região, e a trilha desaparecera, interrompida e encoberta sob as folhas dos anos incontáveis. Mas os maciços de árvores ofereciam aos Cavaleiros sua última esperança de proteção, antes que partissem para a batalha aberta; pois além dos maciços ficavam a estrada e as planícies do Anduin, enquanto ao leste e ao sul as encostas tornavam-se nuas e pedregosas, à medida que as colinas retorcidas se juntavam e subiam, baluarte após baluarte, formando a grande massa do Mindolluin com as suas saliências.

A companhia que liderava parou, e, à medida que aqueles que a seguiam se enfileiravam e saiam através da fenda do Vale das Carroças de Pedra, eles se espalharam procurando locais de acampamento sob as árvores cinzentas. O rei convocou os capitães para um conselho. Éomer enviou batedores para espionar a estrada, mas o velho Ghân balançou a cabeça.

— Não adianta mandar Cavaleiros — disse ele. — Homens selvagen já viu tudo o que pode se ver no ar ruim. Logo chegam aqui para conversar comigo.

Os capitães vieram e então, saindo das árvores, outras figuras púkel se aproximaram, tão semelhantes ao velho Ghân que Merry mal conseguia distingui-los. Falaram com Ghân numa estranha língua gutural.

De repente, Ghân voltou-se para o rei. — Homens selvagens dize muita coisa — disse ele. — Primeiro precisar cuidado e ainda muitos homens acampados além do Din, uma hora de caminhada daqui — disse ele acenando o braço na direção do farol negro. — Mas ninguém entre este lugar e as novas muralhas do Povo das Pedras.

Muitos trabalhando ali. Muralhas no chão: gorgún derruba elas com o trovão da terra e com bastões de ferro preto. Não tomam cuidado e não olham em volta. Achar que os amigos deles vigia todas as estradas! — Dizendo aquilo, o velho Ghân emitiu um curioso ruido gorgolejante, dando a impressão de estar rindo.

— Boas notícias! — exclamou Éomer. — Mesmo nesta escuridão, a esperança reluz outra vez. As estratégias de nosso Inimigo frequentemente se revertem a nosso favor. A própria escuridão amaldiçoada nos tem sido uma proteção. E, agora que Ele está ávido por destruir Gondor sem deixar pedra sobre pedra, seus orcs afastaram meu maior temor. A muralha externa poderia ter sido ocupada por muito tempo, e usada contra nós. Agora podemos passar por ela – se conseguirmos chegar até lá.

— Mais uma vez lhe agradeço, Ghân-buri-Ghân da floresta — disse Théoden. — Que a boa sorte o acompanhe, pelas boas noticias e por sua orientação!

— Matar gorgún! Matar os orcs! Nenhuma outra palavra agrada aos homens selvagens — respondeu Ghân. — Expulsar ar ruim e escuridão com ferro brilhante!

— Para fazer essas coisas é que cavalgamos até aqui — disse o rei —, e vamos tentá-las. Mas o que conseguiremos só o amanhã mostrará.

Ghân-buri-Ghán se agachou no chão e tocou a terra com a testa ossuda em sinal de despedida. Então levantou-se, como se fosse partir. Mas de repente parou, olhando para cima como um animal assustado da floresta que fareja algo diferente no ar. Seus olhos se iluminaram.

— Vento está mudando! — exclamou ele, e com isso, como num piscar de olhos, ele e seus companheiros desapareceram dentro da escuridão, e nunca mais foram vistos por nenhum Cavaleiro de Rohan. Não muito tempo depois, na distância ao leste, os tambores vibraram outra vez. Mas nenhum coração em todo o exército foi tomado por qualquer tipo de receio de que os homens selvagens não fossem fiéis, embora pudessem parecer estranhos e rudes.

— Não precisamos mais de orientação — disse Elfhelm —, pois há cavaleiros no exército que já desceram até Mundburg em tempos de paz. Eu sou um deles. Quando atingirmos a estrada, ela desviará para o sul, e restarão ainda sete léguas à frente antes de chegarmos à muralha dos povoados. Ao longo da maior parte daquele caminho há mato dos dois lados da estrada. Naquele trecho, os mensageiros de Gondor calculavam atingir sua maior velocidade. Podemos cavalgar por ali com rapidez e sem muito barulho.

— Então, uma vez que precisamos contar com atos cruéis e temos necessidade de todo o nosso vigor — disse Éomer —, sugiro que descansemos agora, e partamos de noite, planejando nossa marcha de tal forma que possamos avançar sobre os campos quando o dia estiver no seu ponto mais claro, ou quando nosso rei der o sinal.

O rei concordou com isso, e os capitães se retiraram. Mas logo Elthehn voltou.

— Os batedores não encontraram nada para reportar além da floresta cinzenta, senhor — disse ele —, exceto dois homens apenas: dois homens mortos e dois cavalos mortos.

— Bem — disse Éomer. — E então?

— O seguinte, senhor: esses homens eram mensageiros de Gondor provavelmente Hirgon era um deles. Pelo menos sua mão ainda segurava a

Flecha Vermelha; mas sua cabeça fora decepada. E também isto: pelos vestígios parece que estavam fugindo em direção ao oeste quando caíram. Pelo que presumo, encontraram o inimigo já sobre a muralha externa, ou atacando-a, quando retornaram — e isso teria sido duas noites atrás, se usaram cavalos descansados de seus postos, como é o costume deles. Não conseguiram chegar à Cidade e retornaram.

— Lamentável! — disse Théoden. — Então Denethor não recebeu noticias de nossa marcha, e vai perder a esperança de que possamos chegar em seu auxilio.

— A necessidade não aceita a demora, mas antes tarde do que nunca — disse Éomer. — E é possível que desta vez o velho ditado seja mais verdadeiro que em qualquer outra ocasião anterior, desde que foi pela primeira vez pronunciado.

Era noite. Dos dois lados da estrada o exército de Rohan avançava em silêncio. Agora o caminho, passando pelas bordas do Mindolluin, desviava para o sul. Ao longe, quase em linha reta, havia um clarão vermelho sob o céu negro, e as encostas da grande montanha assomavam escuras contra ele. Estavam se aproximando da Rammas do Pelennor, mas o dia ainda não chegara.

O rei cavalgava no meio da companhia da frente, acompanhado pelos homens de sua casa. O éored de Elfhelm vinha em seguida, e agora Merry percebia que Dernhelm deixara sua posição e, no escuro, avançava firme para a frente, até que por fim estava cavalgando logo atrás da guarda do rei. Houve uma parada. Merry ouviu vozes na vanguarda falando baixo. Os cavaleiros que se tinham aventurado quase até a muralha retornaram. Vieram ter com o rei.

— Há um grande incêndio, senhor — disse um deles. – A cidade está envolta em chamas e o campo está cheio de inimigos. Mas parece que todos se retiraram para o assalto. Pelo que podemos supor, restam poucos na muralha externa, e estão desatentos, preocupados em destruir.

— Lembra-se das palavras do homem selvagem, senhor? — disse um outro. — Eu vivo no Descampado em tempos de paz; Widfara é meu nome e a mim também o ar traz notícias. O vento já está virando. Há uma brisa vinda do sul, há nela um cheiro de mar, embora possa ser muito fraco. A

manhã trará novidades. Sobre a fumaça surgirá a aurora quando o senhor passar pela muralha.

— Se o que fala é verdade, Widfara, então que você viva a partir deste dia muitos anos de felicidade — disse Théoden. Virou-se para os homens de sua casa que estavam próximos, e falou agora numa voz clara de forma que também vários dos cavaleiros do primeiro éored puderam ouvi-lo:

— É chegada a hora, Cavaleiros de Rohan, filhos de Eorl! O inimigo o fogo estão diante de vocês, e suas casas ficaram para trás. Apesar disso, embora vocês lutem num campo estrangeiro, para sempre terão direito à glória que colherem lá. Fizeram juramentos: agora devem cumpri-los todos, ao senhor, à terra e á aliança de amizade.

Os homens bateram as lanças contra os escudos.

— Éomer, meu filho! Você deve liderar o primeiro éored — disse Théoden —, que deverá ir atrás da bandeira do rei, ao centro. Elfhelm, conduza sua companhia para a direita quando passarmos pela muralha. E Grimbold deverá conduzir a sua para a esquerda. Que as outras companhias que virão atrás sigam essas três, como puderem. Ataquem onde quer que haja uma concentração inimiga. Não podemos fazer outros planos, pois ainda não sabemos como estão as coisas no campo. Avante agora, e não temam escuridão alguma!

A companhia da frente avançou na velocidade possível, pois ainda estava muito escuro, a despeito de qualquer mudança que Widfara pudesse ter previsto. Merry vinha montado atrás de Dernhelm, segurando-se com a mão esquerda, enquanto tentava com a outra soltar a espada de sua bainha. Agora sentia de forma amarga a verdade das palavras do rei: numa batalha dessas, o que você poderia fazer Meriadoc?, "Apenas isso", pensou ele "estorvar um cavaleiro e esperar na melhor das hipóteses manter-me na sela e não ser pisoteado até a morte por cascos galopantes!"

Era menos de uma légua até o ponto onde outrora as muralhas externas se erguiam. Logo as atingiram, cedo demais para Merry Irromperam gritos selvagens, e houve algum choque de armas, que no entanto foi breve. Os orcs ocupados as muralhas eram poucos, e ficaram assustados; foram rapidamente mortos ou expulsos. Diante da ruína do portão norte da Rammas, o rei parou outra vez. O primeiro éored se

aproximou e ficou atrás dele, e dos dois lados.

Dernhelm se mantinha próximo ao rei, embora a companhia de Elfhelm

Estivesse distante e à direita. Os homens de Grimbold desviaram e passaram contornando a muralha até chegar a uma grande fenda mais para o leste.

Merry espiou por trás das costas de Dernhelm. Distante, talvez h dez milhas ou mais, havia um grande incêndio, mas entre ele e os Cavaleiros linhas de fogo fulguravam num crescendo constante, a mais próxima estando a menos de uma légua. O hobbit conseguia distinguir pouca coisa mais na planície escura, e até agora não via qualquer esperança de aurora, nem sentia qualquer vento, alterado ou não.

Agora o exército de Rohan avançava em silêncio, entrando no campo de Gondor, inundando-o lentamente mas sem parar, como a maré que sobe e penetra as brechas de um dique que os homens consideravam impermeável. Mas a mente e a vontade do Capitão Negro estavan inteiramente voltadas para a cidade que ruia, e até o momento não lhe chegara qualquer mensagem advertindo-o de que seus planos poderiam apresentar alguma falha.

Depois de um tempo, o rei conduziu seus homens um pouco para o leste, até chegar a um local que ficava entre o fogo do cerco e os campos externos. Ainda não haviam sido desafiados, e ainda Théoden não dera nenhum sinal. Por fim ele parou mais uma vez. A Cidade agora estava mai próxima. Havia no ar um cheiro de fogo e uma sombra da própria morte. Os cavalos sentiam-se inquietos. O rei estava montado em Snawmana, imóvel assistindo à agonia de Minas Tirith, como se tomado por uma angústia repentina, ou pelo terror. Parecia encolher-se sob o peso da idade. O próprio Merry se sentia como se um grande fardo de terror e dúvida houvesse caído sobre ele. Seu coração batia devagar. O tempo parecia se librar na incerteza Haviam chegado tarde demais! Tarde demais era pior que nunca! Talvez Théoden vacilasse, talvez curvasse a cabeça e se virasse, indo embora furtivamente para se esconder nas colinas.

Então, de súbito, Merry finalmente a sentiu, sem sombra de dúvida uma mudança. Sentia o vento no rosto! Surgia uma luz fraca. Distantes

muito além e ao sul, era possível divisar nuvens como formas cinzentas e remotas, subindo, flutuando: a aurora estava atrás delas. Mas naquele mesmo momento houve um clarão, como se um relâmpago tivesse saltado da terra sob a Cidade. Por um cáustico momento permaneceu feito luz deslumbrante em negro e branco, com sua extremidade superior como uma agulha em faiscas; e depois, quando a escuridão se fechou mais uma vez, veio retumbando pelas colinas um grande estrondo.

Àquele som, a figura curvada do rei de repente se aprumou. Agora ele parecia alto e orgulhoso novamente; e levantando-se nos estribos gritou numa voz poderosa, mais cristalina do que qualquer um já ouvira um homem mortal produzir antes:

Acordem, acordem,
Cavaleiros de Théoden!
Duros feitos despertam;
jugo e massacre.
Quebrada será a lança,
trincado será o escudo,
em dia de espada,
vermelho, antes de o sol raiar!
Avante agora, avante!
Avante para Gondor!

E com isso tomou uma grande corneta da mão de Guthláf, seu porta bandeira, e produziu um clangor tão forte que a corneta se partiu em dois pedaços. E imediatamente todas as cornetas do exército se ergueram em música, e o toque das cornetas de Rohan naquela hora era como tempestade sobre a planície, e como um trovão nas montanhas.

Avante agora, avante! Avante para Gondor!

De repente o rei gritou para Snawmana, e o cavalo disparou. Atrás dele sua bandeira tremulava ao vento, corcel branco sobre um campo verde, mas o rei era mais veloz. Depois vieram numa carreira desabalada os cavaleiros de sua casa, mas o rei sempre se mantinha à frente. Éomer cavalgava ali, o rabo— de-cavalo branco de seu elmo solto ao vento, e a

vanguarda do primeiro éored rugia como uma onda enorme que se arrebenta em espuma na praia, mas não se podia alcançar Théoden. Parecia um condenado à morte, ou então a fúria da batalha de seus antepassados corria como um fogo novo em suas veias, e ele ia montado em Snawmana como um deus antigo, talvez mesmo como Oromê, o Grande, na batalha dos Valar, quando o mundo era jovem. Seu escudo dourado estava descoberto e era surpreendente ver seu brilho como uma imagem do Sol, e a relva se incendiava verde ao redor dos pés de seu corcel. Pois a manhã chegara, a manhã e um vento do mar; a escuridão fora removida, e os exércitos de Mordor gemeram, tomados de terror, fugiram e morreram, pisoteados pelos cascos da ira. E então todo o exército de Rohan irrompeu numa canção, e cantando enquanto matavam, pois a alegria da batalha estava neles, e o som de sua música, que era belo e terrível, chegava até a Cidade.

CAPÍTULO VI: A BATALHA DOS CAMPOS DE PELENNOR

Mas não era um chefe-orc nem um salteador qualquer quem comandava o ataque contra Gondor. A escuridão se desfazia precocemente antes da data que seu Mestre havia determinado: a sorte o traíra pelo momento, e o mundo se voltara contra ele; a vitória lhe escapava das mãos no momento em que as estendia para agarrá-la. Mas seu braço era longo. Ainda estava no comando, controlando grandes poderes. Rei, Espectro do Anel, Senhor dos Nazgúl, ele ainda tinha muitas armas. Abandonou o Portão e desapareceu.

O Rei Théoden da Terra dos Cavaleiros atingira a estrada que conduzia do Portão para o Rio, e rumou para a Cidade, agora a menos de uma milha de distância.

Diminuiu um pouco a velocidade, espreitando novos inimigos, e seus cavaleiros o alcançaram; Dernhelm estava entre eles. À frente e mais próximos das muralhas os homens de Elfhelm estavam em meio às torres de sítio, apunhalando, matando, empurrando os inimigos para dentro das trincheiras em chamas. A metade norte do Pelennor estava quase toda devastada, e lá se viam acampamentos ardendo; os orcs fugiam na direção do Rio como bandos de animais á frente de caçadores; os rohirrim iam de um lado para o outro como bem queriam. Mas ainda não tinham derrubado o cerco, nem tomado o Portão. Muitos inimigos estavam diante dele, e na metade mais distante da planície ainda havia outras tropas por combater. Ao sul, além da estrada, estava a maior força dos haradrim, e lá os seus cavaleiros se reuniam em torno da bandeira de seu capitão. Ele olhou e na luz que crescia viu a bandeira do rei; percebeu que ela estava muito à frente da batalha e com poucos homens em volta. Então encheu-se de uma ira sanguinária e soltou um grito; exibindo sua bandeira, serpente negra sobre escarlate, partiu contra o cavalo branco e o campo verde com uma grande força de homens; as cimitarras nas mãos dos sulistas pareciam estrelas faiscando.

Então Théoden percebeu a presença do inimigo, e não esperou pelo ataque: gritando para Snawmana, atirou-se ao seu encontro. Grande foi o estrondo do choque entre os dois. Mas ardeu com mais intensidade a fúria

branca dos homens do norte que eram mais habilidosos e ferinos com lanças longas. Eram poucos mas abriram caminho em meio aos sulistas como um raio na floresta. Bem ao centro da tropa ia Théoden, filho de Thengel, e su lança se partiu no momento em que ele derrubou o capitão inimigo. Sacou então a espada, avançou contra a bandeira, derrubando seu mastro e quem a carregava, e a serpente negra soçobrou. Todos da cavalaria oponente que escaparam da morte viraram-se e fugiram para longe. Mas eis que, subitamente, em meio à glória do rei, seu escudo dourado embaçou-se. A nova manhã apagou-se no céu. A escuridão caiu sobre ele. Os cavalos empinavam-se relinchando. Homens atirados das selas gemiam no chão.

— Sigam-me! Sigam-me! — gritou Théoden. — Levantem-se eorlingas!

Não temam a escuridão! — Mas Snawmana, num terror alucinado levantou-se sobre as pernas traseiras, lutando com o ar, e então, com um rincho horrível, caiu sobre o próprio lombo: uma lança negra o atingira. O rei ficou debaixo do cavalo.

A grande sombra desceu como uma nuvem. E, para a surpresa de todos, era uma criatura alada: se era um pássaro, então era maior que todos os outros pássaros, e era nu, sem penas ou plumas, e suas enormes asas eram como membranas de couro entre dedos de garras; e seu corpo fedia. Talvez fosse uma criatura de um mundo mais antigo, cuja espécie, sobrevivendo em montanhas esquecidas e frias sob a lua, perdurara além de seus dias, e em ninhos hediondos criara esta última criatura extemporânea, voltada para o mal. E o Senhor do Escuro a acolhera, alimentando-a com carne nojentas, até que crescesse além da medida de todos os seres voadores; depois deu-a de presente a seu servidor, para que fosse sua montaria. A criatura veio descendo, descendo, e então, fechando as membranas que lhe cobriam os dedos, soltou um grito crocitante, e pousou sobre o corpo de Snawmana, enterrando nele as garras e abaixando o pescoço longo e nu. Na criatura estava montado um vulto, coberto com um manto negro, enorme e ameaçador. Usava uma corôa de aço, mas entre corôa e capa não havia nada para se ver, exceto apenas o brilho de um olhar mortal: o Senhor dos Nazgúl.

Voltara para o ar, chamando sua montaria antes que a escuridão

cedesse, e agora vinha de novo, trazendo a destruição, transformando esperança em desespero, e vitória em morte. Brandia uma enorme maça negra.

Mas Théoden não estava completamente abandonado. Os cavaleiro de sua casa jaziam mortos ao redor dele, ou então, dominados pela loucura de seus cavalos, tinham sido levados para longe. Mas um ainda permanecia lá: Dernhelm, o jovem, fiel acima de qualquer medo; e chorava, pois amara seu rei como a um pai. Durante todo o ataque, Merry cavalgara ileso atrás dele, até a chegada da Sombra; então

Windfola, em seu terror, derrubou os dois ao chão, e agora corria alucinado sobre a planície. Merry se arrastava de quatro como um animal que não enxerga, e tamanho terror o dominava que ele se sentia doente e cego.

— Homem do Rei! Homem do Rei! — seu coração gritava. — Voc deve ficar ao lado dele. O senhor será como um pai para você, foi isso o que você disse. — Mas sua vontade não respondia, e o corpo tremia. Não ousava abrir os olhos nem olhar para cima. Então, na escuridão de sua mente, teve a impressão de ouvir Dernhelm falando: mas agora sua voz parecia estranha, fazendo-o lembrar de alguma outra voz que já ouvira antes.

— Vá embora, criatura asquerosa, senhor das aves carniceiras! Deixe os mortos em paz!

Uma voz fria respondeu:

— Não te intrometas entre o nazgúl e sua presa! Ou ele te matará na tua hora. Vai levar-te embora para as casas de lamentação, além de toda a escuridão, onde tua carne será devorada, e tua mente murcha será desnudada diante do Olho Sem Pálpebra.

Uma espada tiniu ao ser sacada.

— Faça o que quiser; vou impedi-lo, se conseguir.

— Impedir-me? Tu és tolo. Nenhum homem mortal pode me impedir!

Então Merry ouviu o mais estranho de todos os sons daquela hora Parecia que Dernhelm estava rindo, e sua voz cristalina era como aço.

— Mas não sou um homem mortal! Você está olhando para uma mulher. Sou Éowyn, filha de Éomund. Você está se interpondo entre mim e

meu senhor, que também é meu parente. Suma daqui, se não for imortal! Pois seja vivo ou morto-vivo obscuro, vou golpeá-lo se tocar nele.

A criatura alada gritou contra ela, mas o Espectro do Anel não respondeu e ficou em silêncio, como se tomado por uma dúvida repentina. Por um momento, o coração de Merry foi presa de puro assombro. Abriu os olhos e viu que o negrume subira acima deles. Ali, a alguns passos dele, estava o grande animal, e tudo parecia escuro ao seu redor, e sobre ele assomava o Senhor dos Nazgúl como uma sombra de desespero. Um pouco à esquerda estava aquela que ele chamara de Dernhelm. Mas o elmo de seu segredo lhe caíra da cabeça, e os cabelos claros, libertos de seus laços, reluziam num ouro pálido sobre os ombros. Os olhos cinzentos como o mar eram duros e cruéis, e apesar disso havia lágrimas em suas faces. Segurava uma espada na mão, e erguia o escudo contra o horror dos olhos do inimigo. Era Éowyn, e também Dernhelm. Pois na mente de Merry de repente surgiu, como um clarão, a imagem do rosto que ele vira na cavalgada, partindo do Templo da Colina: o rosto de alguém que vai em busca da morte, sem qualquer esperança. Seu coração encheu-se de pena, misturada a uma grande surpresa, e de repente a coragem de sua raça, de inflamação lenta, despertou. Cerrou a mão. Ela não deveria morrer, tão bela, tão desesperada! Pelo menos não morreria sozinha, sem ajuda.

O rosto do inimigo não estava voltado para ele, mas mesmo assim o hobbit mal ousava se mexer, aterrorizado com a possibilidade de que aqueles olhos mortais recaissem sobre ele. Devagar, devagar, começou a se arrastar para o lado; mas o capitão Negro, cheio de dúvidas e de intenções malignas em relação à mulher diante dele, não deu ao hobbit mais atenção do que daria a um verme na lama.

De repente o grande animal bateu suas asas hediondas, e o vento produzido por elas era nojento. Mais uma vez subiu aos ares, e depois se arremessou rápido contra Éowyn, guinchando, atacando com bico e garras.

Mesmo assim ela não recuou: donzela dos rohirrim, filha de reis, esbelta e ao mesmo tempo como uma lâmina de aço, bela mas terrível. Desferiu um golpe rápido, habilidoso e fatal. Cortou fora o pescoço esticado e a cabeça decepada caiu como uma pedra. Pulou para trás no momento em que a enorme figura caiu destruída, as vastas asas abertas, inerte no chão; e

com sua queda a sombra desapareceu. Uma luminosidade caiu ao redor de Éowyn, e seus cabelos reluziram aos raios do sol que nascia.

Da ruína ergueu-se o Cavaleiro Negro, alto e ameaçador, assomando sobre ela. Com um grito de ódio que feria os ouvidos como veneno, desferiu um golpe com sua maça. Partiu-se em pedaços o escudo de Éowyn, e seu braço ficou quebrado; ela cambaleou e caiu de joelhos. Ele pairava sobre ela como uma nuvem, os olhos faiscando; ergueu sua maça para matar.

Mas de repente ele também cambaleou, com um grito lancinante de dor, e seu golpe passou longe, atingindo o chão. A espada de Merry o ferira por trás, rasgando de cima a baixo o manto negro e, passando por baixo da couraça metálica, atravessara o tendão atrás de seu forte joelho.

— Éowyn! Éowyn! — gritava Merry. Então cambaleando esforçando-se para se levantar, com suas últimas forças, ela enfiou a espada entre corôa e manto, quando os grandes ombros se curvaram diante dela. A espada se estilhaçou faiscando em mil fragmentos. A corôa rolou para o chão estrepitosamente. Éowyn caiu para a frente, sobre o corpo de seu inimigo. Mas eis que o manto e a couraça estavam vazios. Jaziam agora disformes no chão, rasgados e amontoados; e um grito subiu estremecendo o ar, e foi sumindo num gemido chiado, passando com o vento, feito voz fraca e sem corpo, que morreu e foi engolida, e nunca mais foi ouvida naquela era deste mundo.

E lá estava Meriadoc, o hobbit, em meio aos mortos, piscando como uma coruja à luz do dia, pois as lágrimas turvavam-lhe a vista; e através de uma névoa ele olhou para a bela cabeça de Éowyn, que estava deitada e imóvel; olhou então para o rosto do rei, que caíra em meio à própria glória. Pois Snawmana, em sua agonia, rolara o corpo outra vez para longe dele apesar disso fora a ruína de seu senhor.

Merry abaixou-se e levantou a mão do rei para beijá-la, e foi tomado de surpresa: Théoden abriu os olhos, que ainda brilhavam, e falou numa voz tranquila, apesar da dificuldade.

— Adeus, Mestre Hobbit! — disse ele. — Meu corpo está destruído. Vou ao encontro de meus antepassados. E mesmo na poderosa companhia deles eu agora não me sentirei envergonhado. Derrubei a serpente negra. Uma manhã cinzenta, um dia alegre, e um ocaso de ouro!

Merry não conseguiu dizer nada, mas chorou mais uma vez.

— Perdoe-me, senhor — disse ele finalmente —, se desobedeci á sua ordem, e apesar disso não consegui fazer mais nada a seu serviço do que chorar na sua despedida.

O velho rei sorriu.

— Não chore! Está perdoado. Não se pode repudiar um grande coração. Viva feliz agora, e, quando estiver em paz fumando seu cachimbo, pense em mim! Pois nunca mais poderei me sentar ao seu lado em Meduseld, como prometi, nem escutarei você falando sobre o estudo das ervas. — Fechou os olhos, e Merry curvou-se ao lado dele. De repente o rei falou de novo. — Onde está Éomer? Pois meus olhos escurecem, e eu gostaria de vê-lo antes de partir. Ele deve me suceder como rei. E eu gostaria de mandar uma palavra para Éowyn. Ela, ela não queria que eu a deixasse, e agora não a verei de novo, ela que me é mais querida que uma filha.

— Senhor, senhor — começou Merry, gaguejando. — Ela está... – mas naquele momento houve um grande clamor, e por toda a volta cornetas e trombetas ressoaram.

Merry olhou ao redor: esquecera a guerra e o mundo ao seu lado, e tinha a impressão de que muitas horas haviam-se passado desde que o rei cavalgara em direção à própria morte, embora na verdade fizesse pouco tempo. Mas agora percebia que estavam correndo o perigo de ficarem presos bem no centro da grande batalha que logo começaria.

Novas forças do inimigo subiam depressa pela estrada que vinha do Rio; dos pontos sob as muralhas vinham as legiões de Morgul; dos campos do sul vinham a pé homens de Harad, precedidos por cavaleiros, e atrás deles assomavam os enormes lombos dos múmakil, carregando torres de guerra. Mas ao norte a crista branca de Éomer liderava a grande dianteira dos rohirrim, que ele outra vez reunira e ordenara; da Cidade veio toda a força de homens que lá havia, e o cisne prateado de Dol Amroth vinha na vanguarda, expulsando do Portão o inimigo.

Por um instante o pensamento passou pela mente de Merry: "Onde está Gandalf? Não está aqui? Não poderia ter salvo o Rei e Éowyn?" Mas neste momento Éomer se aproximava depressa, e com ele vinham os

cavaleiros sobreviventes, que agora tinham dominado os cavalos. Olharam assombrados a carcaça do animal cruel que jazia ali, e seus cavalos recusaram-se a se aproximar. Mas Éomer saltou da sela, e a tristeza e o desespero desabaram sobre ele quando se acercou do rei e parou ao seu lado em silencio.

Um dos cavaleiros tomou a bandeira real da mão de Guthláf, o porta-bandeira que jazia morto, e a ergueu. Lentamente Théoden abriu os olhos Vendo a bandeira, fez um gesto significando que ela deveria ser entregue a Éomer.

— Salve, Rei da Terra dos Cavaleiros! — disse ele. –Cavalgue agor para a vitória! Mande meu adeus a Éowyn! — Assim morreu, sem saber que Éowyn jazia ao seu lado. E aqueles que estavam perto choraram, gritando:

— Rei Théoden! Rei Théoden!

Mas Éomer lhes disse:

— Não chorem demais! Foi um forte quem caiu, foi digno seu fim Erguida sua tumba, mulheres chorarão. Agora a guerra chama! — Mas ele próprio chorava enquanto falava. — Que os cavaleiros do rei permaneçam aqui — disse ele — e com a devida honra levem o seu corpo, para evitar que a batalha o pisoteie! Sim, e façam o mesmo com todos os homens do rei que aqui jazem. — Olhou para os mortos, relembrando seus nomes. Então, de repente, viu sua irmã Éowyn deitada, e a reconheceu. Parou um momento, como um homem que no meio de um grito é atingido por uma flecha que lhe trespassa o coração; depois seu rosto ficou mortalmente branco, e uma fúria fria cresceu dentro dele, de tal forma que não conseguiu dizer nada por um tempo. Uma sensação de morte o dominou.

— Éowyn, Éowyn! — gritou ele finalmente. — Éowyn, como veio parar aqui? Que loucura ou feitiçaria é esta? Morte, morte, morte! Morte leva-nos a todos!

Então, sem pensar nem esperar a aproximação dos homens da Cidade, enterrou as esporas no cavalo e voltou direto para a frente do grande exército, tocando uma corneta, e gritando para que começassem o ataque. Por sobre o campo ecoou sua voz cristalina, chamando:

— Morte! Cavalguem, cavalguem para a morte e para a ruína, e para o fim do mundo!

E com isso o exército começou a se mover. Mas os rohirrim não cantavam mais. Morte, gritavam em uma só voz terrível, e, aumentando a velocidade como uma grande onda, sua batalha circundou seu rei caído e avançou rugindo em direção ao sul.

E ainda Meriadoc, o hobbit, estava ali, piscando entre as lágrimas, e ninguém lhe dirigiu a palavra; na realidade, ninguém parecia tê-lo notado. Limpou o rosto e abaixou-se para apanhar o escudo verde que Éowyn lhe dera, e que ele jogara às costas. Então procurou a espada que deixara cair, pois, no momento em que golpeava o inimigo, sentiu o braço adormecer, e agora só conseguia usar o esquerdo. E ora vejam só, lá estava sua espada, mas a lâmina fumegava como um ramo seco que foi jogado no fogo; enquanto assistia, Merry viu a espada se torcendo e encolhendo, até se consumir. Assim desapareceu a espada das Colinas dos Túmulos, trabalho do Ponente. Mas feliz teria ficado se soubesse o destino dela aquele que a

Forjou lentamente, há muito tempo no Reino do Norte, quando o dúnedain eram jovens, e o maior de seus inimigos era o terror do reino de Angmar e de seu rei feiticeiro. Nenhuma Outra lâmina, nem que mãos mai poderosas a tivessem brandido teria causado naquele inimigo um ferimento tão terrível, abrindo a carne morta-viva, quebrando o encanto que prendia seus tendões invisíveis à sua vontade.

Homens agora erguiam o rei, e, dispondo capas sobre lanças, improvisaram uma maca para levá-lo até a Cidade; outros levantaram Éowyn devagar e a levaram atrás dele. Mas não puderam remover do campo, na mesma hora, os homens da casa do rei; sete dos cavaleiros do rei haviam caído ali e entre eles estava Déorwine, seu chefe. Então separaram-nos dos corpos de seus inimigos e da carcaça do animal cruel e fincaram lanças em torno deles. Depois, quando tudo estava terminado, voltaram e fizeram ali uma fogueira, que queimou a carcaça do animal; mas para Snawmana cavaram um túmulo e sobre ele colocaram uma pedra, na qual foi gravado nas línguas de Gondor e da Terra dos Cavaleiros:

Servo fiel, mas de seu senhor algoz, filho de Pesperto, Snawmana veloz.

A relva cresceu alta e verde sobre o Túmulo de Snawmana, mas e

chão onde a criatura foi queimada sempre permaneceu negro e árido.

Agora, devagar e triste, Merry caminhava ao lado dos homens que levavam os mortos, sem dar mais atenção à batalha. Estava cansado e cheio de sofrimento, e suas pernas tremiam como se ele estivesse com calafrios. Uma grande chuva chegou do Mar, e parecia que todos os seres choravam por Théoden e Éowyn, extinguindo as fogueiras da Cidade com lágrimas cinzentas. Foi através de uma névoa que de repente o hobbit viu a vanguarda dos homens de Gondor se aproximando. Imrahíl, Príncipe de Doí Amroth, dirigiu-se até eles e conteve seu cavalo.

— Que fardo carregam, Homens de Rohan? — gritou ele.

— O Rei Théoden — responderam eles. — Está morto. Mas agora Rei Éomer cavalga para a batalha: aquele com a crista branca ao vento.

Então o príncipe desceu do cavalo e se ajoelhou ao lado da maca, prestando homenagem ao rei e ao seu grande ataque; e chorou. Levantando-se, olhou então para Éowyn e ficou surpreso.

— Temos aqui uma mulher, com certeza? — disse ele. — Será que até mesmo as mulheres dos rohirrim vieram para a guerra em nosso auxilio?

— Não! Apenas uma — responderam eles. — Esta é a Senhor Éowyn, irmã de Éomer e não sabíamos nada sobre sua vinda até esta hora, o que lamentamos muito.

Então o príncipe, vendo a beleza dela, embora o rosto estivesse pálido e frio, tocou-lhe a mão no momento em que se debruçou para olhar mais de perto.

— Homens de Rohan! — gritou ele. — Não há médicos entre vocês? Ela está ferida, talvez mortalmente, mas acho que ainda vive. — Aproximou o metal polido que protegia seu braço dos lábios frios dela e, para a surpresa de todos, uma pequena névoa se formou nele, quase invisível.

— Agora precisamos de pressa! — disse ele, enviando um homem de volta à Cidade para buscar ajuda. Mas ele, curvando-se diante dos mortos disse-lhes adeus, e montando de novo cavalgou para a batalha.

A fúria da luta aumentava agora nos campos do Pelennor; e o ruído do entrechoque das armas subia aos céus, acompanhado pelos gritos dos homens e pelo relinchar dos cavalos. Soavam cornetas e trombetas zurravam, e os múmakil urravam ao serem fustigados para a guerra. Sob as

muralhas ao sul da Cidade, os homens de Gondor sem montarias agora atacavam as legiões de Morgul que ainda estavam ali reunidas, resistindo. Mas os cavaleiros se dirigiram para o leste, em auxílio de Éomer: Húrin, o Alto, Guardião das Chaves, e o Senhor de Lossarnach; Hirluin das Colinas Verdes; o Príncipe Imrahil, o Belo, com seus cavaleiros em toda a sua volta.

O auxilio aos rohirrim não chegou demasiado cedo; a sorte se voltara contra Éomer, e sua fúria o traíra. A grande ira de seu ataque tinha derrotado inteiramente a dianteira do inimigo, e as grandes cunhas de seus Cavaleiros haviam penetrado fundo nas fileiras dos sulistas, derrubando seus cavaleiros e vitimando os que iam a pé. Mas, onde quer que surgissem os múmakil, por ali os cavalos não passavam, recuando e desviando; os grandes monstros continuavam invictos, e erguiam-se como torres de defesa; os haradrim se agrupavam em volta deles. Se os rohirrim, no inicio de seu ataque, totalizaram um número três vezes menor que os haradrim sozinhos, logo as coisas pioraram para eles, pois uma nova força despejava-se agora nos campos, vinda de Osgiliath. Haviam sido reunidos lá, para saquear a cidade e violar Gondor, aguardando o chamado de seu Capitão. Ele agora estava destruido, as Gothmog, o tenente de Morgul, os enviara para a luta orientais com machados, e variags de Khand; sulistas de vermelho e, provenientes do Extremo Harad, homens negros semelhantes a semi-trolls com olhos brancos e línguas vermelhas. Alguns ainda corriam na retaguarda dos rohirrim, outros se mantinham no oeste, para afastar as forças de Gondor e evitar que elas se juntassem às de Rohan.

Foi exatamente quando o dia começava a se voltar contra Gondor, e sua esperança vacilava, que um novo grito subiu na Cidade, no meio da manhã, com um vento forte soprando, a chuva se dirigindo para o norte e o sol brilhando Naquele ar claro os vigias das muralhas divisaram ao longe uma nova visão de terror, e perderam as últimas esperanças. Pois o Anduin a partir da curva do Harlond, corria de maneira que da Cidade os homens conseguiam avistar sua extensão por algumas léguas, e os que enxergavam melhor podiam ver qualquer navio que se aproximasse. Olhando naquela direção, gritavam desesperados; negra contra a água reluzente eles divisaram uma frota trazida pelo vento: dromundas e navios de grande calado com muitos remos, com velas negras enfunadas ao vento.

— Os Corsários de Umbar! — gritavam os homens. — Os Corsários d Umbar! Olhem! Os Corsários de Umbar estão chegando. Então Belfalas f tomada, e também Ethir e Lebennin. Os Corsários estão nos atacando! É último golpe do destino!

E alguns, num movimento desordenado, pois não se achava ninguém para comandá-los na Cidade, tocaram os sinos e soaram o alarme; outros tocaram as cornetas sinalizando a retirada.

— De volta para as muralhas! — gritavam eles. – De volta para as muralhas! Voltem para a Cidade antes que todos sejam esmagados! — Mas o vento que impelia os navios carregou para longe todo o seu clamor.

Na verdade, os rohirrim não precisaram de avisos ou alarme.

Podiam ver muito bem por si mesmos os navios negros. Pois agora Éomer estava a menos de uma milha do Harlond, e uma grande tropa de seus primeiros inimigos se postava entre ele e o porto, enquanto novos inimigos vinham avançando num turbilhão pela retaguarda, isolando-o do Príncipe. Agora Éomer olhava para o Rio, e a esperança morreu em seu coração, e chamava de maldito o vento que antes abençoara.

Os exércitos de Mordor, por sua vez, sentiam-se encorajados, e cheios de uma nova gana e fúria avançaram gritando para o ataque. Éomer agora recuperara a austeridade e pensava com clareza.

Mandou tocar as cornetas para reunir sob a sua bandeira todos os homens que pudessem chegar até ali; planejava fazer uma grande parede de escudos no final, e resistir, lutando no chão até que todos caíssem, realizando feitos dignos de canções nos campos do Pelennor, mesmo que não sobrasse nenhum homem no oeste para relembrar o último Rei da Terra dos Cavaleiros. Cavalgou então até um montículo verde e ali fincou sua bandeira, e o Cavalo Branco corria, ondulando ao vento.

Trocando a dúvida, trocando o dúbio pelo dia raiando,
Vim cantando ao sol, espada a brandir
Cheguei ao fim da esperança, o coração partido:
Agora é por raiva, agora é por ruína e um crepúsculo de fogo!

Pronunciou esses versos, porém riu enquanto os dizia. Pois mais uma

vez o desejo da batalha corria em suas veias, e ele ainda estava ileso, e era jovem, e era rei: senhor de um povo cruel. E eis que, exatamente no momento em que ria do desespero, olhou de novo para os navios negros, e brandiu a espada desafiando-os.

Então foi tomado de surpresa, e de uma grande alegria; jogou a espada para os ares à luz do sol e exultou ao apanhá-la de novo. Todos os olhos seguiram seu olhar e, de súbito, no navio que vinha à frente, uma grande bandeira se desenrolou, e o vento a exibiu no momento em que o navio virava na direção do Harlond. Ali florescia uma Arvore Branca representando Gondor; mas havia Sete Estrelas ao redor dela, e em cima uma alta corôa, os símbolos de Elendil, que nenhum senhor portara por anos incontáveis. E as estrelas flamejavam à luz do sol, pois foram feitas com pedras preciosas por Arwen, filha de Elrond; a corôa luzia na manhã, pois era feita de mithril e ouro.

Assim chegou Aragorn, filho de Arathorn, Elessar, herdeiro de Isildur, vindo das Sendas dos Mortos, trazido pelo vento que vinha do Mar até o reino de Gondor, e a alegria dos rohirrim foi uma torrente de riso e um clarão de espadas, e o contentamento e a surpresa da Cidade foi uma música de trombeta e um badalar de sinos. Mas os exércitos de Mordor ficaram atônitos, e lhes parecia um grande feitiço que seus próprios navios estivessem cheios de seus inimigos; foram tomados de um terror negro, percebendo que a maré do destino se voltava contra eles, e seu fim estava próximo.

Os cavaleiros de Doí Amroth cavalgaram para o leste, empurrando o inimigo à sua frente: homens-trolls e variags e orcs que odiavam a luz do sol. Éomer avançou para o sul e os homens fugiram diante dele, ficando presos entre o martelo e a bigorna. Pois agora homens saltavam dos navios para os desembarcadouros do Harlond e avançavam para o norte como uma tempestade. Lá vinham Legolas e Gimli, brandindo seu machado; Halbarad com a bandeira; e Elladan e Elrohir com estrelas na fronte, junto com os dúnedain de mãos inclementes. Guardiões do norte, conduzindo uma grande tropa do valoroso povo de Lebennin e Lamedon e dos feudos do sul. Mas à frente de todos vinha Aragorn, com a Chama do Oeste, Andúril como um novo fogo aceso, Narsil reforjada, letal como antigamente, e em

sua testa brilhava a Estrela de Elendil.

Por fim então Aragorn e Éomer encontraram-se em meio á batalha e debruçaram-se sobre suas espadas e olharam um para o outro e ficaram felizes.

— Assim nos encontramos de novo, embora todos os exércitos de Mordor estivessem entre nós — disse Aragorn. — Não foi o que eu disse, no Forte da Trombeta?

— Foi o que disse — falou Éomer —, mas a esperança muitas vezes engana, e eu não sabia que você era um homem com capacidade de ler o futuro. Mas o auxílio que chega sem ser esperado é duplamente abençoado, e nunca um reencontro de amigos foi tão alegre. — Apertaram as mãos.

— Na verdade, nem poderia ser mais oportuno — disse Éomer. — Sua chegada não foi nada precoce, meu amigo. Muitas perdas e tristezas já nos aconteceram.

— Então vamos vingá-las, antes de falarmos nelas! – disse Aragorn, e os dois voltaram juntos para a batalha.

Ainda tiveram uma luta dura e muito trabalho, pois os sulistas eram homens destemidos e obstinados, e cruéis no desespero; os orientais eram fortes e endurecidos pela guerra, e não pediam trégua. Dessa forma, aqui e acolá, perto de celeiros ou casas incendiadas, sobre monte ou barranco, sob muralhas ou nos campos, eles ainda se reuniam e se reagrupavam, lutando até o fim do dia. Então o sol finalmente se pôs atrás do Mindolluin e encheu todo o céu com um grande incêndio, de modo que as montanhas e as colinas ficaram tingidas de sangue; o fogo reluzia no Rio, e a grama do Pelennor jazia rubra ao cair da noite. E naquela hora a grande Batalha do campo de Gondor terminava, e nenhum inimigo vivo foi deixado dentro do circuito da Rammas. Todos foram mortos, exceto aqueles que fugiram para morrer ou para se afogar na espuma vermelha do Rio.

Poucos conseguiram se dirigir para o leste, para Morgul ou Mordor, e à terra dos haradrim chegou apenas uma história de um lugar longínquo: um rumor da ira e do terror de Gondor.

Aragorn, Éomer e Imrahil cavalgaram de volta na direção do Portão da Cidade; não sentiam alegria nem tristeza, apenas cansaço. Esses três

estavam ilesos, tão grandes eram sua sorte e habilidade e o poder de seus braços; na realidade, na hora de sua ira, poucos tiveram a ousadia de resistir a eles ou encará-los. Mas muitos outros estavam feridos, mutilados ou mortos sobre o campo. Forlong fora atingido pelos machados enquanto lutava, sozinho e sem cavalo; Duilin de Morthond e seu irmão foram pisoteados até a morte quando atacavam os múmakil, trazendo seus arqueiros para mais perto, a fim de que atirassem nos olhos dos monstros. Nem

Hirluin, o Belo, voltaria para Pinnath Gelin, nem Grimbold para Grimslade; também não retornaria para as Terras do Norte Halbarad guardião de mãos inclementes.

Não poucos haviam perecido, renomados ou desconhecidos, capitães ou soldados; pois foi uma grande batalha e nenhuma história contou um relato completo dela. Assim, depois de muito tempo, um poeta de Rohan disse em sua canção sobre os Túmulos de Mundburg:

Notamos das trompas o eco nas colinas,
o esplendor das espadas no Reino do Sul.
Corcéis galopavam para Petroterra
Lá caiu Théoden, poderoso Thengling,
ao dourado palácio e verdes pastagens
nos campos do norte sem jamais retornar;
senhor de seu exército.
Harding e Guthláf Dúnhere e Déorwine,
o valente Grimbold,
Herefara e Herubrand, Horn e Fastred,
lutaram e tombaram em terra tão distante:
em tumbas de Mundburgjazem sob o chão
com colegas coligados, os senhores de Gondor.
Nem Hirluin, o Belo, às colinas junto ao mar;
nem Forlong, o Velho, aos seus vales em flor jamais
para Arnach, sua terra natal, retornaram em triunfo;
nem os altos arqueiros, Derufin e Duilin,
ás suas águas escuras, lagos de Morthond

sob a sombra das montanhas.
A morte de manhã e no final do dia levou nobres e pobres.
Há muito agora dormem sob a grama
de Gondor junto ao Grande Rio.
Águas como lágrimas, rebrilhando cor de prata
ou vermelhas borbulhavam roncando em tumulto:
espuma tinta de sangue em chama ao pôr-do-sol;
quais faróis as montanhas queimavam noite adentro;
o orvalho era vermelho em Rammas Echor

CAPÍTULO VII: A PIRA DE DENETHOR

No momento em que a sombra escura se afastou do Portão, Gandal ainda estava sentado sobre o cavalo, imóvel. Mas Pippin levantou-se, com se tivesse se livrado de um grande peso; parou para escutar as cornetas, e teve a impressão de que seu coração explodiria de felicidade. E nunca mais, nos anos que se seguiram, pôde ele ouvir o soar de uma corneta á distância sem que seus olhos se enchessem de lágrimas. Mas de repente lembrou de sua missão e correu à frente. Naquela hora Gandalf se mexeu, disse alguma coisa a Scadufax e já ia saindo pelo Portão.

— Gandalf, Gandalf! — gritou Pippin, e Scadufax parou.

— O que está fazendo aqui? — disse Gandalf. — Não mandam as lei da Cidade que aqueles vestidos de negro e prata fiquem na Cidadela, a não ser que seu senhor lhes permita que se ausentem?

— Ele me deu permissão — disse Pippin. — Mandou-me embora Mas fiquei com medo. Algo terrível pode acontecer lá em cima. O Senho está fora de si, eu acho.

Receio que vá se matar, e matar Faramir também. Você não pod fazer alguma coisa?

Gandalf olhou através do Portão escancarado, e ouviu nos campos o som da batalha que já se formava. Crispou as mãos.

— Preciso ir – disse ele. — O Cavaleiro Negro está à solta, e logo trar a destruição. Não tenho tempo.

— Mas Faramir! — gritou Pippin. Ele não está morto, e vão queima-l vivo, se ninguém os impedir.

— Queimá-lo vivo? — disse Gandalf. — Que história é essa? Sej rápido!

— Denethor foi para as Tumbas — disse Pippin —, levou Faramir, e diz que todos vamos morrer queimados, que ele não vai esperar, e que seus homens devem fazer uma pira e sobre ela queimá-lo, junto com Faramir. E mandou homens buscarem lenha e óleo. Eu contei isso a Beregond, mas o que pode ele fazer, de qualquer forma? Assim Pippin despejou sua história esticando os braços para o alto e tocando o joelho de Gandalf com mãos trêmulas. — Você não pode salvar Faramir?

— Talvez eu possa — disse Gandalf. — Mas, se fizer isso, outros morrerão, receio eu. Bem, devo ir até ele, uma vez que ninguém mais poderá ajudá-lo. Mas disso resultarão coisas ruins e tristes. No próprio coração de nossa fortaleza o Inimigo tem forças para nos atacar: pois é a sua vontade que está em ação.

Tomada a decisão, ele agiu com rapidez, e, apanhando Pippin colocou-o à sua frente no cavalo; a uma palavra sua, Scadufax se virou. Os cascos foram batendo contra o chão íngreme das ruas de Minas Tirith enquanto o barulho da guerra crescia atrás deles. Em todos os cantos havia homens recuperando-se do desespero e do terror, pegando suas armas e gritando: "Rohan chegou!" Capitães gritavam, companhias se agrupavam muitos já marchavam na direção do Portão. Encontraram o Príncipe Imrahil, e ele os interpelou:

— Para onde agora, Mithrandir? Os rohirrim estão lutando no campos de Gondor! Precisamos reunir toda a força que pudermos encontrar.

— Você vai precisar de todos os homens e mais ainda — disse Gandalf — apresse-se ao máximo. Irei quando puder. Mas tenho uma missão para o Senhor Denethor que não pode esperar. Assuma o comando na ausência do Senhor!

Passaram adiante e, ao subirem e se aproximarem da Cidadela sentiram o vento no rosto, e avistaram na distância o reluzir da manhã, uma luz crescendo no céu do sul. Mas isso lhes trouxe pouca esperança, pois não sabiam que mal os aguardava, e temiam chegar tarde demais.

— A escuridão está passando — disse Gandalf—, mas ainda paira pesada sobre esta Cidade.

No portão da Cidadela não encontraram nenhum guarda. – Então Beregond foi para lá — disse Pippin mais esperançoso. Viraram-se e foram depressa ao longo da estrada que conduzia à Porta Fechada. Esta estava totalmente aberta, e o porteiro jazia diante dela. Estava morto e a chave lhe fora tomada.

— Trabalho do Inimigo! — disse Gandalf. — Ele gosta dessas coisas: amigo guerreando contra amigo; lealdade dividida na confusão dos corações. — Desmontou e ordenou que Scadufax voltasse ao estábulo. Pois meu amigo — disse ele —, você e eu deveríamos ter cavalgado para os

campos há muito tempo, mas outros assuntos me detém. Contudo, venha depressa se eu chamar! Entraram pela Porta e desceram a rua íngreme e sinuosa. A luz crescia; e as altas colunas e as figuras esculpidas ao longo do caminho passavam lentamente como fantasmas cinzentos.

De repente o silêncio foi quebrado, e eles ouviram lá embaixo gritos e o tinir de espadas: tais sons não se ouviam nos lugares sagrados desde a construção da Cidade. Por fim chegaram à Rath Dínen e correram para Casa dos Regentes, que assomava na meia-luz sob sua grande abóbada.

— Parem! Parem! — gritou Gandalf, saltando na direção da escada de pedra diante da porta. — Parem com esta loucura!

Pois lá estavam os servidores de Denethor empunhando espadas e tochas; mas sozinho, no vestíbulo, no degrau mais alto, estava Beregond, vestido no uniforme negro e prata da Guarda; segurando a porta e impedindo que eles entrassem. Dois já tinham caído sob os golpes de sua espada, manchando de sangue o recinto sagrado; os outros o amaldiçoavam, chamando-o de criminoso e traidor do seu mestre.

No momento em que Gandalf e Pippin avançaram, ouviram a voz de Denethor gritar de dentro da casa dos mortos:

— Depressa, depressa! Façam como ordenei! Matem esse renegado! Ou será que eu mesmo terei de faze-lo? — Então a porta que Beregond mantinha fechada com a mão esquerda foi escancarada, e atrás dela postava-se o Senhor da Cidade, alto e cruel, com uma luz de fogo nos olhos empunhando uma espada.

Mas Gandalf, num salto, subiu os degraus, e os homens recuaram cobrindo os olhos, pois sua chegada foi como a luz branca que irrompe num lugar escuro, e ele avançou furioso. Levantou a mão e, no instante em que Denethor desferia o golpe, a espada voou pelos ares e caiu atrás dele, nas sombras da casa; o Regente recuou diante de Gandalf, atônito.

— O que é isso, meu senhor? — disse o mago. — As casas dos mortos não são lugar para os vivos. E por que há homens lutando aqui, no Recinto Sagrado, quando já existe guerra o suficiente diante do Portão? Ou será que nosso Inimigo conseguiu até mesmo chegar à Rath Dínen?

— Desde quando o Senhor de Gondor te deve explicações? — disse Denethor. — Ou será que não posso comandar meus servidores?

— Você pode — disse Gandalf — Mas outros podem contestar su vontade, se ela se voltar para a loucura e a maldade. Onde está Faramir, seu filho?

— Está deitado lá dentro — disse Denethor , queimando, já est queimando. Atearam fogo à sua carne. Mas em breve todos estarão queimando. O oeste fracassou. Tudo irá pelos ares numa grande fogueira, e tudo estará terminado. Cinzas! Cinzas e fumaça carregadas pelo vento!

Então Gandalf, percebendo a loucura que tomava conta do Regente receou que ele já tivesse feito alguma maldade, e forçou a passagem, seguido por Beregond e Pippin, enquanto Denethor foi recuando para dentro, at ficar ao lado da mesa. Mas lá encontraram Faramir, ainda delirando de febre, deitado sobre a mesa. Embaixo dela havia feixes de lenha, que também se erguiam em pilhas altas por toda a volta, e tudo estava encharcado de óleo, até mesmo as roupas e as cobertas de Faramir; mas ainda não se ateara fogo ao combustível. Então Gandalf revelou a força que nele se ocultava, mesmo quando a luz de seu poder se escondia sob seu manto cinzento.

Saltou por cima dos feixes, e erguendo o enfermo com delicadeza desceu de novo, levando-o na direção da porta. Mas nesse momento Faramir gemeu e chamou pelo pai, em meio ao seu delírio.

Denethor fez um movimento brusco, como alguém que acorda de um transe; o fogo morreu em seus olhos, e ele chorou; depois disse:

— Não me tomem meu filho! Ele está me chamando.

— Está sim — disse Gandalf—, mas você ainda não pode se aproximar dele. Pois ele precisa buscar a cura já no limiar da morte, e talvez não a encontre. Enquanto isso você deve sair para a batalha de sua Cidade onde talvez a morte o aguarde. No fundo, você sabe disso.

— Ele não acordará de novo — disse Denethor. — A batalha é inútil Por que deveríamos desejar viver por mais tempo? Por que não deveríamos nos encaminhar para a morte lado a lado?

— A autoridade não lhe foi dada, Regente de Gondor, para ordenar hora de sua morte — respondeu Gandalf — E apenas os reis bárbaros, sob domínio do Poder Escuro, fizeram isso, matando-se por orgulho e desespero assassinando seus parentes para aliviar a própria morte. — Então, passando

pela porta, levou Faramir da casa mortal e o deitou na cama em que fora trazido, que agora jazia no vestíbulo. Denethor o seguiu e parou, trêmulo, olhando com ansiedade para o rosto do filho.

E por um instante, enquanto todos estavam quietos e imóveis, assistindo ao Senhor em sua agonia, Denethor vacilou.

— Venha — disse Gandalf. — Há quem precise de nós. Ainda h. muita coisa que você pode fazer.

Denethor então riu de repente. Erguia-se alto e garboso outra vez, e com passadas rápidas foi até a mesa e tirou dela o travesseiro no qual sua cabeça estivera deitada. Depois, dirigindo-se para a porta, retirou fora a fronha e eis que entre suas mãos estava um palantír. Ergueu-o, e aqueles que olharam o globo tiveram a impressão de que ele começou a reluzir com uma chama interna, de tal modo que o rosto magro do Senhor se acendeu num fogo rubro, e parecia esculpido em pedra, bem definido com sombras escuras, nobre, altivo e terrível. Seus olhos faiscaram.

— Orgulho e desespero! — gritou ele. -Tu pensaste que os olhos da Torre Branca estavam cegos? Não, vi mais do que sabes, Tolo Cinzento. Pc tua esperança é apenas fruto da ignorância. Então vai e trabalha na cura! Avança e luta! Vaidade. Por pouco tempo pode-se triunfar no campo, por um dia. Mas contra o Poder que agora se levanta não há vitória. Esta Cidade só foi atingida pelo dedo mínimo da mão dele. Todo o leste se mobiliza. E neste momento o vento de tua esperança te ilude e traz pelo Anduin uma esquadra de navios negros. O oeste fracassou. Todos os que não quiserem se: escravos devem agora partir.

— Tais conselhos realmente farão da vitória do Inimigo uma certeza — disse Gandalf.

— Pois continua alimentando esperanças! — disse rindo Denethor — Então não te conheço, Mithrandir? Tua esperança é governar em meu lugar, ficar atrás de todos os tronos, do norte, do sul ou do oeste. Li tua mente e suas políticas. Achas que não sei que tu ordenaste a este Pequenc que ficasse calado? Que tu o trouxeste aqui para ser um espião em meu próprio aposento? Apesar disso, em nossa conversa eu soube os nomes e os propósitos de todos os teus companheiros. Eu sei! Com a mão esquerda tu me usarias por um tempo como um escudo contra Mordor, enquanto com a

mão direita trarias este Guardião do Norte para me suplantar.

— Mas eu te digo, Gandalf Mithrandir, não serei teu brinquedo! Sou um Regente da Casa de Anárion. Não vou me rebaixar para ser o camareiro caduco de um arrivista. Mesmo que a reivindicação dele se mostrasse autêntica, ainda assim ele apenas pertence á linhagem de Isildur. Não me curvaria diante desse sujeito, o último representante de uma casa destruída, há muito tempo desprovida de realeza e dignidade.

— Então, o que escolheria você — disse Gandalf—, se seu desejo pudesse ser realizado?

— Eu escolheria as coisas como elas sempre foram em todos os dias de minha vida — respondeu Denethor — e nos dias de meus antepassados que me precederam: ser o Senhor desta Cidade em paz, e deixar meu lugar para um filho depois de mim, um filho que fosse dono da própria vontade, e não o pupilo de um mago. Mas, se o destino me nega isso, então não quero nada: nem a vida diminuída, nem o amor pela metade, nem a honra abalada.

— A mim não pareceria que um Regente que com fidelidade entrega seu cargo fica diminuído em amor ou em honra — disse Gandalf. — E pelo menos você não privaria seu filho do poder de escolha, enquanto ainda há dúvidas sobre sua morte.

Àquelas palavras, os olhos de Denethor se inflamaram de novo e, levando a pedra debaixo do braço, ele sacou uma faca e deu largas passadas na direção da cama. Mas Beregond saltou à frente e se interpôs entre o Regente e Faramir.

— Então! — gritou Denethor. — Tu já roubaste metade do amor de meu filho. Agora roubas também os corações de meus cavaleiros, de modo que por fim eles me roubam inteiramente o meu filho. Mas pelo menos nisto tu não desafiarás minha vontade: não decidirás sobre o meu próprio fim.

— Venham até aqui! — gritou ele para os servidores. — Venham, se não forem todos covardes! — Então dois deles subiram correndo os degraus na direção do Senhor.

Denethor rapidamente apanhou uma tocha da mão de um deles e voltou correndo para o interior da casa. Antes que Gandalf pudesse impedi-lo, jogou a tocha em meio á lenha, que imediatamente crepitou e rugiu em chamas.

Então Denethor saltou para cima da mesa, e parando ali, envolvido em fogo e fumaça, pegou o cajado de sua regência que estava aos seus pés e quebrou-o contra o joelho. Jogando os pedaços nas chamas, curvou-se e se deitou na mesa, agarrando ao peito com as duas mãos o palantír. E conta-se que, depois desse momento, qualquer um que olhasse dentro da Pedra, a não ser que tivesse uma grande força capaz de dirigir a própria vontade para um outro propósito, veria apenas duas mãos idosas crispando-se no fogo. Gandalf , desolado e aterrorizado, virou o rosto e fechou a porta. Por um tempo ficou parado no limiar, pensando, sem dizer nada, enquanto os que tinham ficado do lado de fora ouviam o rugido do fogo lá dentro. Então Denethor deu um enorme grito, e depois não falou mais nada, nem foi visto de novo por nenhum mortal.

— Assim se vai Denethor, filho de Ecthelion — disse Gandalf. Então voltou-se para Beregond e os servidores do Senhor, que se mantinham imóveis e horrorizados.

— E assim se vão também os dias da Gondor que vocês conheceram para o bem ou para o mal, eles estão terminados. Atos de maldade foram feitos aqui, mas agora deixem que toda a inimizade que existe entre vocês seja afastada, pois tudo isso foi tramado pelo Inimigo e põe em funcionamento a sua vontade. Vocês foram capturados numa teia de ordens antagônicas, teia esta que não foi tecida por vocês. Mas pensem, servidores do Senhor, cegos em sua obediência, que, se não fosse pela traição de Beregond, Faramir, Capitão da Torre Branca, também teria queimado até a morte.

— Levem deste lugar infeliz seus companheiros caídos. E nós levaremos Faramir, Regente de Gondor, a um lugar onde ele possa dormir em paz, ou morrer, se este for o seu destino.

Então Gandalf e Beregond, erguendo a cama, levaram-na para as Casas de Cura, enquanto Pippin ia atrás deles, de cabeça baixa. Mas os servidores do senhor continuavam imóveis, olhando aterrorizados para a casa dos mortos, e no momento em que Gandalf atingia o fim da Rath Dinen ouviu-se um enorme estrondo. Olhando para trás, eles viram a abóbada da casa se partindo e fumaça saindo pelas brechas; então, com uma precipitação e um estrondo de pedras, a abóbada ruiu numa rajada de fogo;

mesmo assim, persistentes, as chamas dançavam e faiscavam em meio aos escombros. Os servidores, amedrontados, correram e seguiram Gandalf.

Depois de algum tempo chegaram de volta á Porta do Regente, e Beregond olhou com tristeza para o porteiro.

— Este feito eu sempre lamentarei — disse ele —; mas eu estava tomado de uma pressa alucinada, e ele não quis ouvir, sacando a espada contra mim. — Então, pegando a chave que tomara do homem morto, fechou a porta, trancando-a. — Deve ser entregue agora ao Senhor Farami – disse ele.

— O Príncipe de Doí Amroth está no comando, na ausência d Senhor — disse Gandalf —; mas, já que ele não está aqui, devo me responsabilizar por ela. Peço-lhe que guarde a chave num lugar seguro, até que a Cidade esteja em ordem outra vez.

Agora finalmente entravam nos altos círculos da Cidade, e na luz matinal foram fazendo seu caminho na direção das Casas de Cura, eram casas belas, destinadas ao tratamento daqueles que estavam seriamente enfermos, mas agora estavam preparadas para o tratamento de homens feridos na batalha ou agonizantes.

Não ficavam longe da Cidadela, no sexto círculo, próximas à muralha sul, e ao redor delas havia um jardim e um gramado com árvores; era o único estabelecimento do gênero na Cidade.

Ali moravam as poucas mulheres ás quais fora permitido permanecer em

Minas Tirith, uma vez que eram habilidosas na cura ou no auxilio aos curadores.

Mas, no momento em que Gandalf e seus companheiros chegaram carregando a cama á porta principal das Casas, ouviram um grande grito subindo do campo diante do Portão, que foi ficando agudo e passou trespassando o céu, extinguindo-se no vento. Foi um grito tão terrível que por um momento todos ficaram paralisados; mas, quando passou, de repente todos os corações se enlevaram numa esperança que não sentiam desde que a escuridão viera do leste, e tiveram a impressão de que a luz ficava mais clara e que o sol aparecia por entre as nuvens.

Mas o rosto de Gandalf estava grave e triste e, ordenando a Beregond

e Pippin que levassem Faramir para as Casas de Cura, ele subiu na muralhas e ali, como uma figura esculpida em branco, sob a luz do sol novo, olhou para fora. E com a visão que lhe fora dada viu tudo o que ocorrera; quando Éomer se afastou da dianteira de sua tropa e parou ao lado daqueles que haviam caido no campo, suspirou e, cobrindo-se com a capa, abandonou as muralhas. Quando saíram, Beregond e Pippin encontraram no parado, pensativo, diante da porta das Casas.

Olharam para ele, que por um tempo ficou em silêncio. Por fim falou.

— Meus amigos — disse ele —, e todos vocês, povo desta cidade e das terras do oeste! Acontecimentos muito tristes e importantes se passaram. Devemos chorar ou nos alegrar? Além de qualquer esperança, o Capitão de nossos inimigos foi destruido, e vocês ouviram o eco de seu último desespero. Mas ele não partiu sem antes deixar muito sofrimento e perdas amargas. E isso eu poderia ter evitado, não fosse pela loucura de Denethor Tão poderoso foi o alcance de nosso Inimigo! É triste, mas agora percebe como sua vontade conseguiu penetrar o próprio coração da Cidade.

— Embora os Regentes considerassem que esse segredo era sabido apenas por eles próprios, há muito tempo desconfiei de que aqui, na Torre Branca, pelo menos uma das Sete Pedras Videntes era preservada. Em seu dias de sabedoria, Denethor não pretendia usá-la, nem desafiar Sauron sabendo os limites da própria força. Mas sua sabedoria fracassou, e receio que no momento em que o perigo de seu reino cresceu ele tenha olhado dentro da Pedra, sendo ludibriado: muitas vezes, suponho eu, desde que Boromir partiu. Ele era grande demais para se submeter à vontade do Poder do Escuro, mas ele só via as coisas que o Poder lhe permitia ver. O conhecimento que obteve, sem dúvida, muitas vezes lhe foi útil; apesar disso, a visão do grande poder de Mordor que lhe foi revelada alimentou o desespero de seu coração até subjugar sua mente.

— Agora entendo o que me parecia tão estranho! – disse Pippin estremecendo ao falar de suas recordações. — O Senhor saiu da sala onde Faramir estava, e foi só quando retornou que percebi pela primeira vez que ele estava alterado, envelhecido e destruido.

— Foi exatamente na hora em que Faramir foi trazido para a Torre que muitos de nós vimos uma estranha luz no cômodo mais alto – disse

Beregond. — Mas já vimos a luz antes, e corriam havia muito tempo rumores na Cidade de que o Senhor ás vezes lutava em pensamento contra seu Inimigo.

— Então infelizmente minhas suposições estavam corretas – disse Gandalf. — Foi dessa forma que a vontade de Sauron penetrou em Mina Tirith; e dessa forma eu me demorei aqui. E aqui ainda serei forçado a permanecer, pois logo terei outros encargos, além de Faramir.

— Agora preciso descer ao encontro daqueles que chegam. Vi uma cena no campo que me dói muito no coração, e uma tristeza maior ainda pode sobrevir. Venha comigo, Pippin! Mas você, Beregond, deve retornar à Cidadela e contar ao chefe da Guarda de lá o que aconteceu. Receio que será dever dele expulsá-lo da Guarda; mas diga a ele que, se eu puder dar a minha opinião, você deveria ser enviado para as Casas de Cura, para ser o guarda e o servidor de seu capitão, e estar por perto quando ele despertar — se isso vier a acontecer de novo. Pois foi você quem o salvou do fogo. Vá agora! Eu voltarei logo.

Dizendo isso ele se virou e desceu com Pippin na direção da cidade baixa. E, no momento em que se apressavam no caminho, o vento trouxe uma chuva cinzenta, e todas as fogueiras se apagaram, e uma grande fumaça subiu diante deles.

CAPÍTULO VIII: AS CASAS DE CURA

Uma névoa de lágrimas e cansaço cobria os olhos de Merry quando eles se aproximaram das ruínas do Portão de Minas Tirith. Pouca atenção dava ele aos escombros e sinais do massacre que se espalhavam por toda a volta. Havia fogo, fumaça e um cheiro forte no ar; muitas máquinas haviam sido incendiadas ou jogadas nas trincheiras de fogo, como também muitos dos mortos, ao passo que aqui e ali jaziam muitas carcaças dos grandes monstros dos sulistas, semicarbonizados ou destruídos por pedras arremessadas, ou ainda alvejados no meio dos olhos pelas flechas dos valorosos arqueiros de Morthond. A rajada de chuva cessara por um tempo e o sol reluzia alto no céu, mas toda a cidade mais baixa ainda estava envolta num vapor fétido.

Homens já trabalhavam abrindo um caminho através dos destroços da batalha; agora, do Portão, chegavam algumas macas. Com toda a delicadeza, deitaram Éowyn sobre travesseiros macios; mas cobriram o corpo do rei com um grande tecido dourado, e o acompanharam carregando tochas, cujas chamas, pálidas à luz do sol, tremulavam ao vento.

Foi assim que Théoden e Éowyn chegaram á Cidade de Gondor, todos que os viam descobriam as cabeças e faziam reverência; os dois passaram através das cinzas e da fumaça do circulo queimado, e continuaram subindo ao longo das ruas de pedra. Merry teve a impressão de que a subida durou uma eternidade, uma viagem sem sentido num sonho odioso, que avançava sempre e sempre para algum fim obscuro que a memória não pode reter.

Lentamente as luzes das tochas á sua frente bruxulearam e se extinguiram, e Merry caminhava numa escuridão, ao pensar: "Isto é um túnel que conduz a um túmulo; lá permaneceremos para sempre." Mas de súbito, em seu devaneio, surgiu uma voz viva.

— Merry! Ainda bem que o encontrei!

Ergueu os olhos, e a névoa em seus olhos se dissipou um pouco. Lá estava Pippin! Estavam cara a cara numa passagem estreita que, a não ser pelos dois, estava vazia. Merry esfregou os olhos.

— Onde está o rei? — disse ele. — E Éowyn? – Então tropeçou e caiu

sentado na soleira de uma porta, rompendo outra vez em pranto.

— Eles subiram para a Cidadela — disse Pippin. — Acho que voc adormeceu andando e pegou o caminho errado. Quando descobrimos que você não estava com eles, Gandalf me mandou procurá-lo. Pobre Merry Como me alegro em vê-lo outra vez! Mas você está exausto, e não vou incomodá-lo com conversas. Mas, diga-me, está ferido ou machucado?

— Não — disse Merry. — Bem, pelo menos acho que não. Mas nã consigo mexer o braço direito, Pippin, desde quando o golpeei. E minha espada se consumiu em chamas, como um pedaço de madeira. O rosto de Pippin estava aflito. — Bem, é melhor vir comigo o mais depressa possível — disse ele. — Gostaria de poder carregá-lo. Você não está em condições de continuar andando. De forma alguma deveriam ter permitido que você andasse, mas deve perdoá-los. Coisas tão terríveis aconteceram na Cidade Merry, que um pobre hobbit retornando da batalha pode facilmente passar despercebido.

Nem sempre é uma infelicidade passar despercebido — disse Merry — Foi o que aconteceu comigo agora há pouco, quando não fui visto pelo.. não, não, não consigo falar disso. Ajude-me, Pippin! Está ficando tud escuro outra vez, e meu braço está tão frio.

— Apóie-se em mim, Merry, meu rapaz! — disse Pippin. — Vamo agora, passo a passo. Não é longe.

— Você vai me sepultar? — disse Merry.

— Claro que não! — disse Pippin, tentando parecer alegre, embora tivesse o coração angustiado pelo medo e pela pena. — Não, você vai para as Casas de Cura.

Saíram do caminho que avançava por entre casas altas e a muralha externa do quarto circulo, retomando a rua principal que subia para a Cidadela. Avançaram passo a passo, enquanto Merry cambaleava murmurava como alguém que está dormindo.

"Nunca conseguirei levá-lo até lá", pensou Pippin. "Não há ninguém que possa me ajudar? Não posso deixá-lo aqui." Bem nesse momento, para surpresa do hobbit, um menino chegou correndo às suas costas, e no instante em que passou Pippin reconheceu Bergil, o filho de Beregond.

— Olá — Bergil! — chamou ele. — Aonde está indo? Fico feliz er

revê-lo, e ainda vivo!

— Estou a serviço dos Curadores — disse Bergil. – Não posso ficar.

— Não estou pedindo isso! — disse Pippin. — Mas diga-lhes lá en cima que trago comigo um hobbit doente, um perian, veja bem, que chega do campo de batalha. Acho que ele não aguenta chegar até lá andando. Se Mithrandir estiver lá, ficará feliz em receber a mensagem. — Bergil saiu correndo.

"É melhor esperar aqui", pensou Pippin. Então colocou Merry suavemente na calçada, num trecho ensolarado, sentando-se ao lado e deitando no colo a cabeça do amigo. Apalpou seu corpo e suas pernas com delicadeza, e segurou-lhe as mãos entre as suas. A direita estava fria como gelo.

Não demorou muito para que Gandalf em pessoa viesse ao encontro deles. Abaixou-se sobre Merry e acariciou-lhe a fronte; então ergueu-o cuidadosamente. — Ele deveria ter sido carregado com todas as honras para esta cidade — disse ele — Sem dúvida correspondeu à minha confiança; se Elrond não tivesse cedido à minha solicitação, nenhum de vocês dois teria partido; então os males deste dia teriam sido muito mais lamentáveis. — O mago suspirou.

— Apesar disso, tenho um outro encargo em minhas mãos, e durante todo esse tempo a batalha permanece indecisa.

Finalmente Faramir, Éowyn e Meriadoc foram colocados em leitos nas Casas de Cura e lá foram bem cuidados. Pois, embora naqueles último tempos todo o conhecimento tivesse decaído em relação aos Dias Antigos, a arte de cura de Gondor ainda era competente, habilidosa nos cuidados com os feridos, e no trato de todas as doenças que pudessem acometer os homens mortais a leste do Mar. Exceto a idade avançada. Para isso não havian encontrado cura; de fato a longevidade daquele povo diminuíra, ficando pouco maior que a dos outros homens; eram poucos os que ultrapassavam com vigor a conta de cinco vintenas de anos, a não ser nas casas de sangue mais puro. Mas agora sua arte e seu conhecimento se quedavam perplexos, pois havia muitos doentes de uma enfermidade que não podia ser curada; chamavam-na de Sombra Negra, pois vinha dos nazgúl. Aqueles acometidos por ela caiam lentamente num sonho cada vez mais profundo, entrando

então no silêncio e numa frieza mortal, e assim morriam.

Parecia aos que cuidavam dos feridos que essa enfermidade se manifestara de maneira grave no Pequeno e na Senhora de Rohan. Aind algumas vezes, no final da manhã, eles chegaram a falar alguma coisa, murmurando em seus sonhos; os que cuidavam deles escutavam tudo o que diziam, na esperança de talvez aprender alguma coisa que lhes possibilitasse entender-lhes os ferimentos. Mas logo começaram a cair na escuridão, e quando o sol se aproximava do oeste uma sombra cinzenta cobriu os rostos dos doentes. Mas Faramir queimava numa febre que não cedia.

Gandalf ia de um leito para o outro cheio de preocupação, e os atendentes lhe contavam tudo o que tinham conseguido escutar. Assim passou-se o dia, enquanto a grande batalha continuava lá fora em meio a esperanças inconstantes e estranhas noticias; e Gandalf ainda esperava e vigiava, sem sair de perto; finalmente um ocaso rubro cobriu todo o céu, e a luz que vinha das janelas bateu nos rostos cinzentos dos enfermos. Então os que estavam por perto tiveram a impressão de que naquela luz um rubor espalhou-se nos rostos, como se a saúde estivesse retornando, mas aquilo era apenas um arremedo de esperança. Então uma senhora idosa, Ioreth, a mais velha das mulheres que trabalhavam naquela casa, olhando no belo rosto de Faramir, chorou, pois todo o povo o amava. E ela disse:

— Ai de nós se ele morrer! Ah, se houvesse reis em Gondor, como contam que havia outrora! Pois diz a sabedoria que as mãos dos reis são sempre as mãos de um curador. Dessa maneira sempre se sabia quem era o verdadeiro rei.

E Gandalf, que estava ao lado, disse:

— Talvez os homens se recordem de suas palavras por muito tempo, Ioreth! Pois nelas há esperança. Talvez um rei realmente tenha retornado a Gondor; ou será que você não ouviu as estranhas noticias que chegaram à Cidade?

— Tenho estado por demais ocupada com uma coisa e outra para dar atenção a todos os gritos e clamores — respondeu ela. — Tudo o que espero é que esses demônios assassinos não venham até esta Casa perturbar os enfermos.

Então Gandalf saiu apressado, e o fogo no céu já estava se

extinguindo, e as colinas em brasa se apagavam, enquanto uma noite de cinzas cobria os campos.

Agora que o sol se punha, Aragorn, Éomer e Imrahil se aproximavan da Cidade com seus capitães e cavaleiros; quando chegaram diante dc Portão, Aragorn disse:

— Vejam o sol que se põe num grande fogo! Isto é o sinal do fim e da queda de muitas coisas, e de uma mudança nas marés do mundo. Mas esta Cidade e este reino permaneceram por muitos longos anos nas mãos dos Regentes, e receio que, entrando sem ser convidado, eu desperte dúvidas e controvérsias, que não deveriam surgir enquanto durar a guerra. Não entrarei, nem farei qualquer reivindicação, até que se saiba quem será o vencedor, nós ou Mordor. Os homens devem montar minhas tendas nc campo, e aqui aguardarei as boas-vindas do Senhor da Cidade.

Mas Éomer disse:

— Você já ergueu a bandeira dos Reis e exibiu os símbolos da casa de Elendil. Vai permitir que sejam contestados"?

— Não — disse Aragorn. — Mas acho que ainda é cedo, e não deseje disputas, a não ser com nosso Inimigo e seus servidores.

E o Príncipe Imrahil disse:

— Se alguém que é parente do Senhor Denethor puder aconselhá-le nesta questão, digo-lhe, senhor, que suas palavras são sábias. Ele é um homem obstinado e altivo, mas também é velho; sua disposição tem estado estranha desde que o filho foi atacado. Apesar disso, não gostaria que ficasse como um mendigo na porta.

— Não como um mendigo — disse Aragorn. — Diga como um capitão dos guardiões, que não estão acostumados a cidades e casas de pedra. — Ordenou então que sua bandeira fosse recolhida, e retirou a Estrela do Reino do Norte, deixando-a aos cuidados dos filhos de Elrond.

Então o Príncipe Imrahil e Éomer de Rohan o deixaram, atravessando a Cidade e o tumulto do povo, subindo para a Cidadela; chegaram ao Salão da Torre, procurando o Regente. Mas encontraram vazia a sua cadeira, e diante do estrado jazia em câmara ardente Théoden, Senhor da Terra dos Cavaleiros; doze tochas erguiam-se ao redor de seu corpo, e doze homens c guardavam, cavaleiros de Rohan e de Gondor. Os ornamentos do leito de

morte eram verdes e brancos, mas o rei fora coberto até o peito com um grande tecido dourado, sobre o qual repousava a espada desembainhada, e aos pés estava o escudo. A luz das tochas reluzia em seus cabelos brancos como o sol contra o jato de uma fonte, mas o rosto era belo e jovem; apesar disso, expressava uma paz além do alcance da juventude; o rei parecia estar dormindo.

Após terem ficado em silêncio por um tempo ao lado dele, Imrahil disse:

— Onde está o Regente? E onde está Mithrandir"?

Um dos guardas respondeu:

— O Regente de Gondor está nas Casas de Cura.

Mas Éomer disse:

— Onde está a Senhora Éowyn, minha irmã? Certamente deveria estar deitada ao lado do rei, merecendo as mesmas honras. Onde a puseram?

E Imrahil disse:

— Mas a Senhora Éowyn ainda estava viva quando a trouxeram para cá. Você não sabia?

Um alento inesperado chegou tão de repente ao coração de Éomer, e com ele a fisgada da preocupação e do medo renovados, que ele não disse mais nada, e deixou apressado o salão. O Príncipe o seguiu. Quando saíram a noite já caíra e viam-se muitas estrelas no céu. E lá vinha Gandalf a pé acompanhado de alguém envolto numa capa cinzenta; encontraram-se diante das portas das Casas de Cura.

Saudaram Gandalf e disseram:

— Estamos á procura do Regente, e disseram que ele está nesta Casa Ele está ferido? E a Senhora Éowyn, onde está ela?

Gandalf respondeu:

— Ela está lá dentro e ainda está viva, mas ás portas da morte. Mas o Senhor Faramir foi ferido por uma flecha maligna, como ouviram falar, e ele agora é o Regente; Denethor partiu, e de sua casa só restam cinzas.

— Os dois se encheram de surpresa e dor ao ouvir tal relato.

Mas Imrahil disse:

— Então a vitória carece de alegria, e pagamos por ela um preço

amargo, se num só dia Gondor e Rohan ficaram privadas de seus senhores Éomer governa os rohirrim. Quem deverá governar a Cidade enquanto isso? Não devemos agora mandar chamar o Senhor Aragorn?

O homem coberto com a capa disse:

— Ele já chegou. — Então os outros perceberam, no momento em que ele se aproximou da luz da lamparina perto da porta, que se tratava de Aragorn, envolto na capa cinzenta de Lórien que cobria sua armadura trazendo como insígnia apenas a pedra verde de Galadriel. –Vim porque Gandalf me pediu — disse ele. — Mas por enquanto sou apenas o Capitão dos Dúnedain de Amor; e o Senhor de Doí Amroth deverá governar Cidade até que Faramir desperte. Mas tenho a opinião de que Gandal deveria nos governar a todos nos dias que se seguirem em nossas negociações com o inimigo.

— Todos concordaram com isso.

Então Gandalf disse:

— Não fiquemos parados aqui na porta, pois o tempo urge. Vamos entrar! Pois só com a chegada de Aragorn haverá esperança para os enfermos que jazem na Casa. Pois assim falou Ioreth, mulher sábia de Gondor: As mãos do rei são as mãos de um curador, e dessa forma o verdadeiro rei será conhecido.

Aragorn entrou primeiro e os outros o seguiram. À porta estavam dois guardas, vestidos com o uniforme da Cidadela: um era alto, mas o outro mal atingia a altura de um menino; este último, quando os viu, gritou de alegria e surpresa.

— Passolargo! Esplêndido! Sabe, achei que era você nos navios negros. Mas estavam todos gritando corsários, e não quiseram me ouvir. Como fez aquilo?

Aragorn riu e segurou a mão do hobbit.

— É realmente bom encontrá-lo! — disse ele. — Mas ainda não é hora de contar histórias de viajantes.

Mas Imrahil disse a Éomer:

— É assim que dirigimos a palavra a nossos reis? Mas talvez ele assuma a corôa sob um outro nome!

E Aragorn, ouvindo aquilo, voltou-se e disse: — Realmente, pois n

língua nobre de antigamente sou Elessar, a Pedra Élfica, e Envinyatar, o Renovador: — ergueu então a pedra que repousava sobre o peito. — Mas "Passolargo" será o nome de minha casa, se esta vier a se estabelecer. Na língua nobre, o nome não soará tão mal, e serei Telcontar, assim como todos os herdeiros de meu corpo.

Com isso entraram na Casa e, enquanto iam em direção aos quartos onde os enfermos estavam sendo cuidados, Gandalf contou os feitos de Éowyn e Meriadoc. — Pois — disse ele — fiquei um longo tempo ao lado deles, e no inicio falavam muito em seus sonhos, antes de mergulharem na escuridão mortal. Além disso, foi-me concedido o poder de ver muitas coisas distantes.

Aragorn foi primeiro ver Faramir, depois a Senhora Éowyn e por último Merry. Após olhar os rostos dos enfermos e examinar seus ferimentos suspirou.

— Aqui devo exercer todo o poder e a habilidade que me foram concedidos – disse ele. — Como queria que Elrond estivesse conosco, pois ele é o mais velho de nossa raça, e possui os maiores poderes.

E Éomer, vendo como ele estava infeliz e cansado, disse:

— Primeiro precisa descansar, com certeza, e no mínimo comer alguma coisa.

Mas Aragorn respondeu:

— Não, pois para estas três pessoas, principalmente para Faramir, o tempo está se esgotando. Precisamos de toda a rapidez.

Então chamou Ioreth e disse:

— Há nesta Casa algum estoque das ervas de cura?

— Sim, senhor — respondeu ela —; mas acho que não temos o suficiente para todos os que necessitam. Mas não tenho ideia de onde poderemos encontrar mais; falta tudo nestes dias terríveis, por causa dos fogos e incêndios, do reduzido número de meninos mensageiros, e das estradas bloqueadas. Já faz dias sem conta que um transportador que um transportador veio de Lossarnach com provisões! Mas fazemos o possível nesta Casa com o que possuímos, como tenho certeza que Vossa Senhoria verá.

— Julgarei quando vir — disse Aragorn. — Uma coisa também est.

escassa, tempo para conversas. Você tem athelas?

— Essa eu não conheço, senhor — respondeu ela —, pelo menos nãc por esse nome. Vou perguntar ao nosso mestre-de-ervas; ele conhece todos os nomes antigos.

— Também é chamada folha-do-rei — disse Aragorn —; talvez você a conheça por esse nome, pois assim as pessoas do campo a chamam nestes últimos tempos.

— Ah, essa! — disse Ioreth. — Bem, se Vossa Senhoria tivess mencionado esse nome primeiro, eu poderia ter-lhe dito antes. Não, nãc temos nem um pouco, com certeza. Ora, nunca ouvi dizer que essa erva tivesse grandes poderes de cura; na verdade disse várias vezes a minhas irmãs quando a encontrávamos na floresta: "Folha-do-rei", dizia eu, "nome esquisito, e fico pensando o motivo desse nome; pois, se eu fosse um rei, teria plantas mais belas em meu jardim." Mas ela exala um cheiro doce quando é esmagada, não é mesmo? Se "doce" for a palavra certa: talvez seja mais correto dizer "saudável".

— Realmente saudável — disse Aragorn. — E agora, dama, se voc ama o Senhor Faramir, vá com a mesma agilidade de sua língua e me traga folha-do-rei, nem que haja uma só folha na Cidade.

— E se não houver — disse Gandalf — vou a Lossarnach a caval com Ioreth na garupa, e ela me levará até a floresta, mas não até as irmãs dela. E Scadufax poderá ensinar-lhe o que significa pressa.

Depois que Ioreth partiu, Aragorn pediu que as outras mulhere providenciassem água quente. Então tomou a mão de Faramir nas suas, e pousou a outra mão na fronte do enfermo. Estava molhada de suor, mas Faramir não se moveu nem fez qualquer sinal; mal parecia estar respirando.

— Ele está quase morto — disse Aragorn voltando-se para Gandalf — Mas não é por causa do ferimento. Veja! Está cicatrizando. Se Farami tivesse sido golpeado por algum dardo dos nazgúl, como você pensou, teria morrido na mesma noite. Esse ferimento foi feito por alguma flecha dos sulistas, suponho eu. Quem a retirou? Ela foi guardada?

— Eu a retirei — disse Imrahil — e estanquei o sangue. Mas nã guardei a flecha, pois tínhamos muito a fazer. Pelo que recordo, era um dardo do tipo usado pelos sulistas. Mas achei que tinha vindo das Sombras

do alto, pois caso contrário não haveria como entender a doença e a febre, já que o ferimento não foi profundo nem mortal. Como então interpreta c fato?

— Cansaço, tristeza pela disposição do pai, um ferimento, e acima de tudo o Hálito Negro — disse Aragorn. — Faramir é um homem de vontad firme, pois já chegara perto da Sombra antes mesmo de partir para a batalha nas muralhas externas. A escuridão deve ter-se apossado lentamente dele, no momento em que lutava e se esforçava para proteger seu posto avançado. Ah, se eu pudesse ter chegado aqui mais cedo!

Logo em seguida entrou o mestre-de-ervas.

— Vossa Senhoria solicitou a folha-do-rei, como os rústicos a chaman — disse ele —, ou athelas na língua nobre, ou ainda para aqueles que conhecem um pouco da língua de Valinor...

— Eu a conheço — disse Aragorn —; e não quero saber se você a chama de aséaaranion ou folha-do-rei, contanto que tenha um pouco.

— Desculpe-me, senhor! disse o homem. — Percebo que é um mestre na tradição, e não simplesmente um capitão de guerra. Mas lamento, senhor, nós não guardamos essa coisa nas Casas de Cura, onde cuidamos apenas dos que estão gravemente enfermos ou feridos. Pois essa erva não possui nenhum poder que conheçamos, talvez apenas o de suavizar um ar pestilento, ou afastar alguma aflição passageira. A não ser, é claro, que se dê importância às rimas de dias antigos, que as mulheres como nossa boa Loreth ainda repetem sem entender:

Quando o sopro negro desce
e a sombra da morte cresce
e toda a luz se desfaz,
vem athelas! vem athelas!
Vida dos que morrendo estão,
Que o rei detém em sua mão.

Não passam de antigos versos mal feitos, receio eu, deturpados na memória das mulheres velhas. O significado, se realmente existir algum, deixo para que o senhor o julgue. Mas as pessoas velhas ainda usam uma

infusão da erva contra dores de cabeça.

— Então, em nome do rei, vá procurar algum velho de menos tradição e mais sabedoria, que tenha um pouco da erva em sua casa! — gritou Gandalf

Agora Aragorn estava de joelhos ao lado de Faramir, com uma mão sobre sua fronte. Os que observavam sentiam que alguma grande luta estava acontecendo. Pois o rosto de Aragorn ficou cinzento de tanto cansaço; de vez em quando, chamava o nome de Faramir, mas sua voz saia cada vez mais fraca, como se o próprio Aragorn estivesse longe dali, vagando em algum vale escuro e distante, chamando alguém que tivesse perdido.

E finalmente Bergil entrou correndo, trazendo seis folhas num pano.

— É folha-do-rei, Senhor — disse ele mas receio que não esteja fresca. Deve ter sido colhida no mínimo há duas semanas. Espero que sirva, Senhor.

Então, olhando para Faramir, o menino rompeu em lágrimas.

Mas Aragorn sorriu.

— Vai servir — disse ele. — Agora o pior já passou. Fique e tranquilize-se! — Então, pegando duas folhas, colocou-as nas mãos e soprou nelas, amassando-as em seguida; imediatamente um frescor de vida encheu o quarto, como se o próprio ar tivesse despertado e estremecido, faiscando de alegria. Depois Aragorn jogou as folhas nas tigelas de água fumegante que lhe foram trazidas, e na mesma hora todos os corações ficaram mais leves. A fragrância que atingiu cada um era como uma lembrança de manhãs orvalhadas, de sol sem sombras, em alguma ter a cujo próprio mundo de beleza primaveril é apenas uma memória fugidia. Aragorn se levantou reconfortado, e seus olhos sorriram no momento em que aproximou a tigela do rosto dormente de Faramir.

— Veja só! Você acreditaria nisto? — disse Ioreth a uma mulher que estava ao seu lado. — A erva é melhor do que eu pensava. Faz-me lembrar das rosas de Imloth Melui, quando eu era uma menina, e nenhum rei poderia exigir erva melhor.

De repente Faramir se mexeu, e abriu os olhos, fitando Aragorn que se debruçava sobre ele; uma luz de consciência e amor se acendeu em seu olhar, e ele falou numa voz baixa.

— O Senhor me chamou. Estou aqui. Qual é a ordem do rei?

— Deixe de caminhar nas sombras, e desperte! – disse Aragorn. — Você está exausto. Descanse um pouco e coma alguma coisa; esteja pronto quando eu retornar.

— Farei isso, senhor — disse Faramir. — Pois quem ficaria deitado sem fazer nada quando o rei está de volta?

— Então até logo! — disse Aragorn. — Devo ver outros que precisam de mim. — Deixou então o quarto com Gandalf e Imrahil; mas Beregond e filho ficaram, incapazes de conter a alegria que sentiam. Indo atrás de Gandalf e fechando a porta, Pippin ouviu Ioreth exclamar:

— Rei! Você ouviu isso? Que foi que eu disse? As mãos de um curador, foi isso que eu disse. — E logo da Casa propagou-se a noticia de que o rei verdadeiramente estava entre eles, e depois da guerra trouxera a cura, e as novas se espalharam pela Cidade.

Mas Aragorn aproximou-se de Éowyn e disse:

— Temos aqui um ferimento grave; foi um golpe forte. O braço quebrado foi cuidado com a devida habilidade, e vai se recuperar com o tempo, se ela tiver forças para viver. É o braço do escudo que foi ferido, mas o maior mal está no braço da espada. Parece não haver vida nele, apesar de estar inteiro.

— É lamentável! Ela enfrentou um inimigo acima das forças de sua mente e corpo. E aqueles que erguem uma arma contra tal inimigo devem ser mais inflexíveis que o aço, para que o próprio choque não os destrua. Foi um destino cruel que a colocou nesse caminho. Pois é uma linda donzela, a mais bela senhora de uma casa de rainhas. Apesar disso, não sei como devo falar dela. A primeira vez que a vi, percebi sua infelicidade; pareceu-me uma flor branca erguendo — se ereta e altiva, esbelta como um lírio, e mesmo assim sabia que era rígida, como se esculpida em aço por artesãos élficos. Ou será que uma geada havia transformado sua seiva em gelo, e assim ela se erguia, doce e amarga, ainda bela de se olhar, mas ferida, prestes a cair e morrer? A doença de Éowyn começou muito antes deste dia, não é, Éomer?

— Surpreende-me que me pergunte isso, senhor — respondeu ele. — Pois considero-o sem culpa nesse assunto, e em tudo mais; apesar disso, não sabia que Éowyn, minha irmã, havia sido tocada por qualquer geada até a

primeira vez em que o viu. Ela sentia medo e preocupação, e os partilhava comigo. Nos dias de Língua de Cobra, quando o rei estava enfeitiçado cuidava do rei com uma preocupação crescente. Mas isso não a trouxe para este caminho!

— Meu amigo! — disse Gandalf —, você tinha cavalos, e ação armada, e campos livres; mas ela, nascida com o corpo de uma donzela, tinha um espírito e uma coragem no mínimo à altura dos seus. Apesar disso, estava fadada a servir a um velho, a quem amava como a um pai, e a observá-lo cair numa senilidade desonrosa e miserável; seu papel lhe parecia mais ignóbil do que o do bastão no qual ele se apoiava.

— Você acha que Língua de Cobra envenenava apenas os ouvido de Théoden? Velho caduco! O que é a casa de Eorl a não ser um estábul com teto de palha, onde os bandidos bebem em meio ao mau cheiro, e seus fedelhos rolam pelo chão junto com os cachorros? Nunca ouviu essas palavras antes? Quem as disse foi Saruman, o professor de Língua de Cobra Mas não duvido que Língua de Cobra, em casa, tenha adornado seu significado com termos mais astuciosos. Meu senhor, se o amor que sua irmã lhe devotava, juntamente com sua determinação em cumprir seu dever, não lhe tivessem cerrado os lábios, você até poderia ter ouvido palavras semelhantes a essas escapando deles. Mas quem pode saber o que ela falava para a escuridão, sozinha, nas amargas vigílias noturnas, quando toda a sua vida parecia estar se contraindo, e as paredes de seu aposento se fechando à sua volta, uma gaiola para trancafiar algum ser selvagem?

Éomer ficou então em silêncio, olhando para a irmã, como se ponderasse outra vez todos os dias de sua vida que passara junto a ela. Mas Aragorn disse:

— Eu também vi o que você viu, Éomer. Dentre todos os acaso cruéis deste mundo, poucas tristezas trariam mais amargura e vergonha para o coração de um homem do que observar o amor de uma senhora tão bela e corajosa que não pode ser correspondido. A tristeza e a pena me seguiram desde que a deixei, desesperada, no Templo da Colina e cavalguei para as Sendas dos Mortos, e nenhum temor esteve tão presente naquel caminho quanto o que eu sentia pelo que poderia acontecer a ela. Mesmo assim, Éomer, digo-lhe que ela o ama mais verdadeiramente do que a mim;

pois você ela ama e conhece; mas em mim ela ama apenas uma sombra e um pensamento: uma esperança de glória e grandes feitos, e de terras distantes dos campos de Rohan.

— Talvez eu tenha o poder de curar-lhe o corpo, e de resgatá-la do vale escuro. Mas para o que ela despertará: para a esperança, para o esquecimento ou para o desespero, não posso saber. Se for para o desespero, então morrerá, a não ser que lhe apareça uma outra cura que não posso trazer. Lamento, pois seus feitos a colocaram entre as rainhas de grande renome.

Então Aragorn abaixou-se e olhou no rosto de Éowyn, que realmente estava branco como um lírio, frio como a geada, e rígido como se esculpido em pedra. Mas ele se inclinou e a beijou na testa, e a chamou suavemente, dizendo:

— Éowyn, filha de Éomund, desperte! Seu inimigo foi-se embora!

Ela não se mexeu, mas agora começava outra vez a respirar fundo, de modo que seu peito subia e descia sob o linho branco do lençol. Mais uma vez Aragorn esmagou duas folhas de athelas e as jogou na água fumegante; banhou então a testa da enferma com a infusão, como também o braço esquerdo, gelado e imóvel sobre a coberta.

Então, talvez porque Aragorn tivesse realmente algum esquecido poder do Ponente, talvez pelo efeito causado pelas palavras ditas sobre a Senhora Éowyn, todos os circunstantes tiveram a impressão de que, á medida que a doce influência da erva se espalhava pelo quarto, um vento penetrante soprava através da janela, sem trazer fragrância alguma, mas era um ar inteiramente fresco, limpo e jovem, como se nunca tivesse sido inspirado por qualquer criatura viva, e tivesse acabado de sair diretamente de montanhas cheias de neve, altas sob uma abóbada de estrelas, ou de praias de prata distantes, banhadas por mares de espuma.

— Desperte, Éowyn, Senhora de Rohan! — disse Aragorn de novo tomando-lhe a mão direita com a sua e sentindo-a quente, voltando á vida. — Desperte! A sombra se foi e estamos livres da escuridão! – Depois pousou a mão da Senhora na de Éomer e deixou o quarto. — Chame-a! – disse ele e saiu do quarto em silêncio.

— Éowyn, Éowyn! — chamou Éomer em meio às lágrimas.

Mas ela abriu os olhos e disse:

— Éomer! Que ventura é esta? Pois disseram que estava morto. Ma não, essas foram apenas as vozes escuras no meu sonho. Quanto tempc fiquei sonhando?

— Não muito tempo, minha irmã — disse Éomer. — Mas não pense mais nisso!

— Estou sentindo um cansaço estranho — disse ela. – Precisc descansar um pouco. Mas, diga-me, o que aconteceu com o Senhor da Terra dos Cavaleiros? Ai de mim! Não me diga que foi um sonho, pois sei que nãi foi. Ele está morto como havia previsto.

— Ele está morto disse Éomer —, mas me pediu que em seu nome dissesse adeus a Éowyn, a quem queria mais que a uma filha. Jaz agora com grandes honras na Cidadela de Gondor.

— Isso é triste — disse ela. — No entanto, é melhor que tudo o que ousei esperar nos dias escuros, quando parecia que a Casa de Eorl tinha caído em desonra, atingindo um nível inferior ao da choupana de um pastor. E o escudeiro do rei, o Pequeno? Éomer, você deve nomeá-lc cavaleiro da Terra dos Cavaleiros, pois ele é valoroso.

— Ele repousa nesta Casa, aqui perto, e eu vou vê-lo — disse Gandalf — Éomer ficará aqui por um tempo. Mas ainda não falem de guerra ou inimigo, até que você se recupere completamente. É uma grande alegria vê-la despertar outra vez para a saúde e a esperança, você que é uma senhora tão corajosa.

— Para a saúde? disse Éowyn. — Pode ser que sim. Pelo meno enquanto houver a sela vazia de algum Cavaleiro caído que eu possa ocupar, e feitos a cumprir. Mas para a esperança? Não sei.

Gandalf e Pippin foram para o quarto de Merry, onde encontraran Aragorn em pé ao lado do leito. Pobre Merry! — exclamou Pippin, correndo para perto do amigo, pois teve a impressão de que ele estava pior, com um tom cinzento no rosto, como se um peso de anos de tristeza o oprimisse; de súbito foi tomado por um medo de que Merry pudesse morrer.

— Não tenha medo — disse Aragorn. Cheguei a tempo, e chamei-ı de volta. Agora está cansado, e triste, além de ter sofrido um ferimentc como o da Senhora Éowyn, quando ousou atacar aquela criatura mortal.

Mas esses males podem ser reparados, num espírito tão forte e alegre como o dele. Não poderá se esquecer de sua tristeza, porém esse sentimento não vai escurecer o coração dele, mas trazer-lhe sabedoria.

Então Aragorn colocou a mão na cabeça de Merry e, acariciando suavemente os cachos castanhos, tocou as pálpebras. chamando-o pelo nome.

E quando a fragrância de athelas se espalhou pelo quarto, como o aroma de pomares e de urzais ao sol, cheios de abelhas, de repente Merry acordou e disse:

— Estou com fome. Que horas são?

— Já passou da hora da ceia — disse Pippin —; mas arrisco dizer que poderia lhe trazer alguma coisa, se me permitirem.

— Com certeza permitirão — disse Gandalf. — E qualquer outra coisa que este Cavaleiro de Rohan possa desejar, se puder ser encontrada em Minas Tirith, onde seu nome se cobre de honra.

— Bom! — disse Merry. — Então vou querer uma ceia primeiro, e depois disso um cachimbo. — Ao dizer isso, seu rosto ficou consternado. — Não, cachimbo não. Acho que nunca vou fumar outra vez.

— Por que não? — disse Pippin.

— Bem — respondeu Merry devagar. Ele está morto. Tudo voltou à minha memória. Disse que sentia muito por nunca mais poder ter uma chance de conversar sobre a tradição das ervas comigo. Praticamente a última coisa que disse. Nunca mais conseguirei fumar de novo sem pensar nele e naquele dia, Pippin, quando ele cavalgava para Isengard e foi tão delicado.

— Então, fume, e pense nele! — disse Aragorn. — Pois ele era um coração gentil e um grande rei, que cumpria seus juramentos; saiu das sombras para uma bela manhã derradeira. Embora o tempo em que o serviu tenha sido tão breve, deveria ser uma lembrança alegre e honrosa até o fim de seus dias.

Merry sorriu.

— Então está bem disse ele. Se Passolargo providenciar o necessário vou fumar e pensar. Eu tinha um pouco do melhor fumo de Saruman em minha mochila, mas o que foi feito dela na batalha, com certeza eu não sei.

— Mestre Meriadoc — disse Aragorn —, se você acha que eu atravessei montanhas e o reino de Gondor, com fogo e espada, para trazer fumo para um soldado descuidado que joga fora seus pertences, está muito enganado. Se sua mochila não for encontrada, então você deve mandar chamar o mestre de ervas desta Casa. E ele vai lhe dizer que não sabia que a erva que você deseja tinha algum poder, mas que ela é vulgarmente chamada de erva-do-homem-do-oeste, enquanto os nobres a chamam de galenas; vai também dizer outros nomes em outras línguas mais eruditas, e depois de acrescentar algumas rimas semi-esquecidas lamentará informar que não existe dessa erva na Casa, e o deixará refletindo sobre a história das línguas.

E é isso que preciso fazer agora. Pois não durmo num leito como este desde que parti do Templo da Colina, e também não comi nada desde a escuridão antes da aurora.

Merry apertou-lhe a mão e a beijou.

— Lamento terrivelmente — disse ele. — Vá agora mesmo! Desde aquela noite em Bri, temos sido um incômodo para você. Mas é o costume de meu povo usar palavras leves em tempos como estes, dizendo menos do que sentimos. Tememos revelar demais. Quando uma brincadeira é fora de hora, faltam-nos as palavras corretas.

Sei muito bem disso, ou não lidaria com você como faço – disse Aragorn. — Que o Condado possa viver para sempre incólume! — Beijando Merry, saiu, acompanhado por Gandalf.

Pippin ficou no quarto. — Nunca houve uma pessoa como ele – disse o hobbit. — Com a exceção de Gandalf, é claro. Acho que os dois são aparentados. Meu querido asno, sua mochila está ao lado da cama, e você a trazia nas costas quando o encontrei. Ele sabia disso o tempo todo, obviamente. E, de qualquer forma, tenho um pouco do meu. Vamos lá! É Folha do Vale Comprido. Encha o cachimbo enquanto eu vou correndo buscar alguma comida. E vamos relaxar um pouco. Puxa! Nós, os Túks Brandebuques, não conseguimos viver muito tempo nos lugares altos.

— Não mesmo — disse Merry. — Eu não consigo, pelo menos ainda não. Mas no mínimo, Pippin, agora podemos vê-los e honrá-los. Acho que primeiro é melhor amar aquilo que temos condições de amar: deve-se

começar em algum lugar e criar algumas raízes, e o solo do Condado é profundo. Mas ainda há coisas mais profundas e mais altas, e nenhum feitor conseguiria cuidar de seu jardim no que ele chama de paz se não fosse por elas, quer ele as conheça ou não. Fico feliz em saber sobre elas, saber um pouco. Mas não sei por que estou falando desse jeito. Onde está o fumo? E pegue o cachimbo em minha mochila, se ele não estiver quebrado.

Às portas das Casas muitos já se juntavam para ver Aragorn, e o seguiram; quando finalmente ele terminou de cear, vieram homens rogando-lhe que curasse seus parentes ou amigos da Sombra Negra. Aragorn levantou-se e saiu ; mandou chamar os filhos de Elrond, e juntos trabalharam até tarde da noite. E o rumor se espalhou pela Cidade: "O Rei realmente voltou outra vez." Chamaram-no de Pedra Élfica, por causa da pedra verde que usava; e assim o nome que ao seu nascimento previram que usaria foi escolhido para ele pelo seu próprio povo.

Quando não conseguia mais trabalhar, cobriu-se com a capa e saiu sorrateiramente da Cidade, indo para sua tenda um pouco antes da aurora, para dormir um pouco. E pela manhã a bandeira de Doí Amroth, um navio branco em forma de cisne sobre águas azuis, esvoaçava no alto da Torre, e os homens erguiam os olhos e imaginavam se a chegada do Rei não passara de um sonho.

Aragorn e Gandalf foram até o Diretor das Casas de Cura e lhe disseram que Faramir e Éowyn deveriam permanecer internados e ainda inspirariam atenção por muitos dias.

— A Senhora Éowyn — disse Aragorn — logo vai querer levantar-se e partir, mas não deve permitir que faça isso, se puder impedi-la de alguma maneira, até que pelo menos dez dias tenham se passado.

— Quanto a Faramir — disse Gandalf —, logo deverá saber que seu pai está morto. Mas a história completa sobre a loucura de Denethor não deverá chegar-lhe aos ouvidos, até que esteja bem curado e tenha tarefas a desempenhar. Cuide para que Beregond e o perian que presenciaram a cena não comentem tais coisas com ele por enquanto!

— E o outro perian, Meriadoc, que está sob meus cuidados, que me dizem dele? — perguntou o Diretor.

— É provável que amanhã esteja bom para se levantar, por um

tempo curto disse Aragorn. — Permita que o faça, se ele assim quiser. Pode caminhar um pouco sob os cuidados dos amigos.

— São uma raça notável — disse o Diretor, balançando a cabeça. — De fibra muito forte, julgo eu.

CAPÍTULO IX: O ÚLTIMO DEBATE

Chegou a manhã após o dia de batalha, uma manhã bela com leves nuvens e o vento se virando para o oeste. Legolas e Gimli sairam logo cedo, e pediram permissão para subirem até a Cidade, pois estavam ansiosos para ver Merry e Pippin.

— É bom saber que ainda estão vivos — disse Gimli —, pois nos custaram muito sofrimento em nossa marcha através de Rohan, e eu não gostaria que todo esse sofrimento fosse desperdiçado.

Juntos, elfo e anão entraram em Minas Tirith, e as pessoas que passavam por eles se assombravam ao verem tais companheiros, pois Legolas tinha no rosto uma beleza que ultrapassava a medida dos homens, e cantava uma canção élfica com voz clara ao caminhar pela manhã; mas Gimli vinha atrás dele andando empertigado, cofiando a barba e fitando tudo ao redor.

— Há um bom trabalho feito em pedra aqui — disse ele, olhando para as muralhas —; mas também há trabalhos piores, e as ruas podiam ter sido mais bem planejadas. Quando Aragorn assumir seu posto, vou lhe oferecer o serviço dos artesãos da Montanha, e vamos fazer desta uma cidade de que se possa sentir orgulho.

— Eles precisam de mais jardins — disse Legolas. – As casas não têm vida, e aqui há pouquíssima coisa que cresce e alegra. Se Aragorn assumir seu posto, o povo da Floresta lhe trará pássaros que cantam e árvores que não morrem.

Finalmente chegaram á presença do Príncipe Imrahil; Legolas olhando para ele, fez uma grande reverência, pois viu que realmente ele tinha nas veias o sangue dos elfos.

— Salve, senhor! — disse ele. Já faz muito tempo que o povo de Nimrodel deixou as florestas de Lórien, e mesmo assim ainda se pode ver que nem todos partiram do porto de Amroth, navegando para o oeste.

— Assim conta a tradição de minha terra — disse o Príncipe —; mas há anos sem conta não se vê aqui alguém do belo povo. E fico maravilhado em deparar com um deles aqui agora, em meio à tristeza e á guerra. O que procura?

— Sou um dos Nove Companheiros que partiram com Mithrandir d Imíadris — disse Legolas —; e com este anão, meu amigo, vim com o Senho Aragorn. Mas agora desejamos ver nossos amigos, Meriadoc e Peregrin, qu estão sob sua proteção, pelo que ouvimos falar.

— Vão encontrá-los nas Casas de Cura, e vou levá-los até lá — disse

— Basta que peça para alguém nos guiar, senhor— disse Legolas. — Pois Aragorn lhe envia esta mensagem: no momento, ele não deseja entra outra vez na Cidade. Mas é preciso que os capitães se reúnan imediatamente, e ele pede que o senhor e Éomer de Rohan desçam até suas tendas o mais cedo possível. Mithrandir já está lá.

— Nós iremos — disse Imrahil; despediram-se com palavras corteses.

— Aí está um belo senhor e um grande capitão de homens — disse Legolas. — Se Gondor ainda tem homens assim atualmente, na su decadência, grande deve ter sido sua glória nos dias de ascensão.

— E sem dúvida o trabalho em pedra que é de boa qualidade é o mais antigo, e foi feito na primeira construção — disse Gimli. — É sempre assim com as coisas que os homens começam; há uma geada na primavera, ou uma praga no verão, e suas promessas fracassam.

— Mas raramente fracassa sua semente — disse Legolas. — Esta fic na poeira e na ruína, para germinar de novo em tempos e lugares inesperados. Os feitos dos homens sobreviverão a nós, Gimli. — Apesar disso, na minha opinião, no fim não sobra nada além do que "poderia ter sido" — disse o Anão.

— Para isso os elfos não têm a resposta — disse Legolas.

Nessa hora o servidor do Príncipe veio e os conduziu até as Casas d Cura; lá viram seus amigos no jardim, e foi um feliz encontro. Por un tempo, caminharam e conversaram, regozijando-se durante um breve lapso de paz e descanso matinal, lá em cima, nos círculos da Cidade batidos pelc vento. Então, quando Merry ficou cansado, foram se sentar sobre a muralha, diante do gramado das Casas de Cura; mais distante ao sul, à frente deles, Anduin brilhava ao sol, correndo para longe, fora do alcance da visão até mesmo de Legolas, entrando nas amplas planícies e na névoa verde de Lebennin e Ithilien do Sul.

Legolas estava agora em silêncio, enquanto os outros continuavam a

conversar. Olhava contra o sol, vendo os brancos pássaros marítimos subindo o Rio.

— Olhem! — gritou ele. — Gaivotas! Estão avançando para a terra São uma maravilha para os meus olhos, e um distúrbio para meu coração. Nunca as tinha visto em toda a minha vida até chegarmos a Pelargir, e lá as ouvi gritando no ar quando cavalgamos para a batalha dos navios. Então fiquei quieto, esquecendo-me da guerra na Terra-média, pois suas vozes dolentes falavam-me do Mar. O Mar! Ai de mim! Nunca o contempl ainda. Mas no fundo dos corações de todo o meu povo existe uma saudade do Mar que é perigoso despertar. Ai, as gaivotas! Nunca terei paz outra vez sob a faia ou sob o olmo.

— Não fale isso! — disse Gimli. — Ainda existem inúmeras coisas para se ver na Terra-média, e grandes trabalhos a fazer. Mas, se todo o belo povo for para os Portos, o mundo será mais monótono para aqueles fadados a ficar.

— Monótono e terrível, realmente! — disse Merry. — Não deve i para os portos, Legolas. Sempre haverá pessoas, grandes ou pequenas, e ate mesmo alguns anões sábios como Gimli, que precisam de você. Pelo menos espero que seja assim. Embora sinta de alguma forma que o pior desta guerra ainda está por vir. Como gostaria que estivesse tudo acabado, e bem acabado!

— Não seja tão melancólico! — exclamou Pippin. — O sol est brilhando, e aqui estamos nós juntos, pelo menos por um ou dois dias. Quero ouvir mais sobre todos vocês. Vamos lá, Gimli! Você e Legolas j mencionaram sua estranha viagem com Passolargo cerca de umas doze vezes esta manhã. Mas não me contaram nada sobre ela.

— O sol pode brilhar aqui — disse Gimli —, mas hà lembranças daquela estrada que não quero evocar da escuridão. Se soubesse o que me esperava, acho que por amizade alguma teria caminhado nas Sendas dos Mortos.

— As Sendas dos Mortos? — disse Pippin. — Ouvi Aragorn dizer es nome, e fiquei pensando o que poderia significar. Não vai nos contar mais um pouco?

— Não de bom grado — disse Gimli. — Pois naquela estrada fu

exposto à vergonha: Gimli, filho de Glóin, que se considerara mais corajoso que os homens, e mais resistente sob a terra que qualquer elfo. Mas não me saí nem uma coisa nem outra, e só continuei na estrada por causa da vontade de Aragorn.

— E também pelo amor que sente por ele — disse Legolas. – Poi todos aqueles que vêm a conhecê-lo acabam amando-o á sua própria maneira, até mesmo a donzela fria dos rohirrim. Foi no início da manhã anterior ao dia em que você chegou lá, Merry, que nós partimos do Templo da Colina, e todo o povo estava dominado por tamanho medo que ninguém assistiu à nossa partida, exceto a Senhora Éowyn, que agora está ferida na Casa lá embaixo. Houve tristeza na despedida, e eu fiquei pesaroso ao assistir à cena.

— Ai de mim! Só tinha pensamentos para minha própria pessoa — disse Gimli. — Não! Não vou falar daquela viagem!

Ficou em silêncio, mas Pippin e Merry estavam tão ávidos po noticias que finalmente Legolas disse:

— Vou contar-lhes o suficiente para que fiquem em paz, pois eu não senti o terror, e não temi as sombras dos homens, que considerei frágeis e desprovidas de poder.

Rapidamente o elfo contou sobre a estrada assombrada sob as montanhas, e sobre o obscuro encontro em Erech, e a grande cavalgada que partiu de lá, noventa e três léguas, até Pelargir sobre o Anduin.

— Quatro dias e quatro noites, mais o inicio de um quinto dia, cavalgamos partindo da Pedra Negra — disse ele. — E eis que na escuridão de Mordor minha esperança aumentou, pois então o exercito de Sauron tem ficado mais forte e mais terrível de se olhar. Alguns eu vi cavalgando, alguns andando a passo largo, mas todos se movendo na mesma grande velocidade. Eram silenciosos, mas tinham um brilho nos olhos. Nas terras altas de Lamedon alcançaram nossos cavalos, espalharam-se à nossa volta e nos teriam ultrapassado, se Aragorn não os tivesse proibido. — A uma ordem sua recuaram. "Até mesmo as sombras dos homens são obedientes à vontade dele", pensei eu. "Elas ainda lhe podem ser úteis!"Cavalgamos num dia de luz, e então veio a manhã sem aurora, e ainda continuamos avançando, cruzando Ciril e Ringló; no terceiro dia chegamos a Linhir, sobre a foz de

Gilrain. E lá os homens de Lamedon disputavam os vaus com o povo crue de Umbar e Harad, que tinha subido o rio navegando. Mas tanto o defensores como os inimigos desistiram da batalha e fugiram quando chegamos, gritando que o Rei dos Mortos os estava atacando. Apena Angbor, Senhor de Lamedon, teve a coragem de nos esperar; Aragorn entã pediu que ele reunisse seu povo e nos seguisse, se eles ousassem, depois que o Exército Cinzento tivesse passado. — "Em Pelargir o Herdeiro de Isildı precisará de você", disse ele. — Assim atravessamos o Gilrain, fazendo con que os aliados de Mordor fugissem em debandada à nossa frente; depois descansamos um pouco. Mas logo Aragorn levantou-se, dizendo: "Vejam Minas Tirith já está sendo atacada. Receio que caia antes que cheguemos em seu socorro." Assim montamos de novo antes que a noite tivesse passado e avançamos sobre a planície de Lebennin com toda a velocidade que nossos cavalos puderam suportar.

Legolas fez uma pausa e suspirou; voltando os olhos para o sul, cantou em voz baixa:

Em prata fluem os rios de Celos até Erui
Nos verdes campos de Lebennin!
Lá a grama cresce alta. Ao vento que vem do mar
Os brancos lírios dançam,
E os sinos dourados balançam de maílos e alflrin
Nos verdes campos de Lebennin,
Ao vento que vem do Mar

— Verdes são aqueles campos nas canções de meu povo; mas naquela hora estavam escuros, vastidões cinzentas no negrume diante de nós. E naquela imensa região, pisoteando sem qualquer cuidado a grama e as flores, caçamos nossos inimigos durante um dia e uma noite, até que a duras penas chegamos finalmente ao Grande Rio.

— Então pensei comigo mesmo que estávamos próximos do Mar, pois o rio era largo na escuridão, e inúmeros pássaros marítimos gritavam nas margens. Ai, o lamento das gaivotas! A Senhora não tinha me dito para tomar cuidado com elas? E agora não posso esquecê-las.

— De minha parte, não lhes dei atenção — disse Gimli — pois então havíamos finalmente chegado ao momento de travar uma batalha a sério. Lá em peíargir estava a principal frota de Umbar, cinquenta navios grandes e inúmeros outros barcos menores. Muitos daqueles que perseguíramos haviam chegado aos portos na nossa frente, levando consigo o medo; alguns dos navios tinham partido, procurando escapar descendo o Rio ou alcançar a margem oposta, e muitos dos barcos menores estavam em chamas.

Mas os haradrim, acossados até a margem, viraram-se contra nós furiosos em seu desespero; riram-se quando nos observaram, pois ainda formavam uma grande armada.

— Mas Aragorn parou e gritou numa voz forte: "Venham agora! Pela Pedra Negra eu os conclamo!" E de repente o Exército da Sombra, que ficara na retaguarda, no instante supremo avançou como uma onda cinzenta, varrendo tudo o que encontrava pela frente. Ouvi gritos fracos, e toques indistintos de cornetas, e o murmúrio de incontáveis vozes distantes: era como o eco de alguma batalha esquecida dos Anos Escuros de outrora. Espadas pálidas apareceram; mas não sei se as lâminas ainda mordiam, pois os Mortos não precisavam de outra arma além do medo.

Ninguém lhes ofereceu resistência. Tomaram todos os navios que estavam alinhados para a batalha, e depois passaram sobre as águas para aqueles que estavam ancorados; todos os marinheiros foram dominados por uma loucura de terror e saltaram para a água, exceto os escravos acorrentados aos remos. Avançamos impávidos em meio aos nossos inimigos em fuga, varrendo-os como folhas, até chegarmos à margem. E então Aragorn designou, para cada um dos navios que restavam, um dos dúnedain, que consolaram os cativos que estavam a bordo, ordenando-lhes que afastassem o medo e se considerassem livres.

— Antes do final do dia escuro, não restava ninguém do exército inimigo para nos oferecer resistência; todos estavam afogados, ou então fugindo para o sul na esperança de atingirem suas próprias terras a pé. Achei estranho e surpreendente o fato de que os desígnios de Mordor devessem ser frustrados por tais espectros de medo e escuridão. Com suas próprias armas o inimigo foi derrotado!

— É realmente estranho — disse Legolas. — Naquele momento, olhe

para Aragorn e pensei em que grande e terrível Senhor ele poderia ter-se tornado mediante a força de sua vontade, se tivesse tomado o Anel para si. Não é à toa que Mordor o teme. Mas seu espírito é mais nobre que o entendimento de Sauron; pois não é ele um descendente de Lúthien? Essa linhagem nunca se extinguirá, embora os anos possam se alongar além da conta.

— Essas previsões estão além do alcance dos olhos dos anões — disse Gimli. —Mas Aragorn foi realmente poderoso naquele dia. Vejam bem. Toda a frota negra estava em suas mãos, e ele escolheu para si o maior navio, e nele embarcou. Então mandou tocar um grande conjunto de trombetas, tomadas do inimigo, e o Exército de Sombra se retirou para a margem. Ali ficaram em silêncio, quase invisíveis, a não ser por um brilho vermelho nos olhos, que refletiam o clarão dos barcos em chamas.

E Aragorn dirigiu-se numa voz alta aos Homens Mortos, dizendo:

— Ouçam agora as palavras do Herdeiro de Isildur! O juramento que fizeram está cumprido. Partam então e não voltem a perturbar os vales de novo! Vão e fiquem em paz!"

E então o Rei dos Mortos apresentou-se à frente do exército, quebrou sua lança e a jogou no chão. Depois fez uma grande reverência e virou-se; rapidamente todo o exército cinzento se retirou e desapareceu como uma névoa que é varrida por um vento repentino; tive a impressão de ter acordado de um sonho.

— Naquela noite descansamos enquanto outros trabalhavam. Pois havia muitos cativos que foram libertados, e muitos escravos, agora livres, que eram pessoas de Gondor, aprisionadas em ataques; e logo também se formou um grande ajuntamento de homens de Lebennin e do Ethir, e Angbor de Lamedon veio com todos os cavaleiros que pôde reunir. Agora que o medo dos Mortos passara, vinham para nos ajudar e para ver o Herdeiro de Isildur, pois o rumor desse nome se espalhara como fogo na escuridão. E agora chegamos perto do fim da história. Durante a noite e a madrugada muitos navios foram preparados e guarnecidos com homens; pela manhã a frota partiu. Agora parece que tudo aconteceu há muito tempo, e apesar disso foi apenas na manhã do dia anterior a ontem, o sexto

desde que partimos do Templo da Colina.

Mas ainda assim Aragorn estava tomado pelo receio de que o tempo fosse curto demais.

— "São quarenta e duas léguas do Pelargir até o cais de Harlond" dizia ele. "Mesmo assim precisamos chegar ao Harlond amanhã ou teremos falhado completamente."

— Agora os remos eram empunhados por homens livres, que trabalhavam valentemente; apesar disso, subimos o Grande Rio com lentidão; lutávamos contra a corrente, e, embora ela não seja forte no sul, nós não tínhamos a ajuda do vento. Meu coração teria ficado pesado, apesar de toda a nossa vitória nos portos, se Legolas não tivesse soltado uma risada de repente.

— "Levante essa barba, filho de Durin!" — disse ele. "Pois assim diz o ditado: A esperança talvez nasça, quando tudo é desgraça."

Mas que esperança enxergava ao longe ele não disse. Quando a noite chegou, só fez aprofundar a escuridão, e nossos corações estavam fervendo, pois na distância ao norte vimos um clarão vermelho sob a nuvem, e Aragorn disse:

— "Minas Tirith está em chamas."

— Mas á meia-noite a esperança realmente renasceu. Marinheiros do Ethir, olhando para o sul, falaram de uma mudança chegando com um vento forte vindo do Mar. Muito antes de o dia raiar, os navios com mastros içaram as velas, e nossa velocidade aumentou, até que a aurora branqueasse a espuma em nossas proas. E foi assim, vocês sabem, que chegamos na terceira hora da manhã com um belo vento e o sol descoberto, e desfraldamos o grande estandarte na batalha. Foi um grande dia e uma grande hora, não importa o que possa acontecer depois.

— Venha o que vier, grandes feitos não ficam diminuídos em seu valor — disse Legolas. — Foi um grande feito a cavalgada das Sendas do Mortos, e grande continuará sendo, mesmo que não reste ninguém em Gondor para cantá-lo nos dias que virão.

— E isso pode muito bem acontecer — disse Gimli. — Pois os rostos de Aragorn e Gandalf estão graves. Penso muito em que resoluções estarão tomando nas tendas lá embaixo. De minha parte, como Merry, gostaria que

com a nossa vitória a guerra estivesse agora terminada. Mas, no que quer que ainda haja por fazer, espero ter uma parte, pela honra do povo da Montanha Solitária.

— E eu pelo povo da Grande Floresta — disse Legolas —, e por amor do Senhor da Árvore Branca.

Então os companheiros se calaram, mas por um tempo ficaram ali sentados naquele lugar alto, cada um ocupado com seus próprios pensamentos, enquanto os Capitães debatiam.

Quando o Príncipe Imrahil despediu-se de Legolas e Gimli, mandou imediatamente chamar Éomer; os dois desceram juntos da Cidade, e foram para as tendas de Aragorn que estavam armadas no campo, não muito longe do local onde o rei Théoden tombara. E ali tomaram decisões, junto com Gandalf, Aragorn e os filhos de Elrond.

— Meus senhores — disse Gandalf —, ouçam as palavras que disse o Regente de Gondor antes de morrer: Vocês podem triunfar nos campos de Pelennor por um dia, mas contra o Poder que agora surgiu não há vitória. Não estou pedindo que se desesperem, como fez ele, mas para que ponderem a verdade dessas palavras.

— Pedras-videntes não mentem, e nem mesmo o Senhor de Barad-dûr pode fazê-las mentir. Talvez ele possa, com sua vontade, escolher que coisas serão vistas por mentes mais fracas, ou fazê-las interpretar erroneamente o significado do que vêem. Não obstante, não se pode duvidar de que, quando Denethor viu grandes forças reunidas contra ele em Mordor, e mais Outras se reunindo, ele viu o que realmente é.

— Nossa força mal conseguiu vencer o primeiro grande assalto. O próximo será maior. Esta guerra não nos oferece esperança final, como Denethor percebeu. A vitória não pode ser conseguida por meio de armas. Quer vocês permaneçam aqui e suportem cerco após cerco, quer saiam em marcha para serem derrotados além do Rio. Vocês têm apenas uma escolha entre os males, e a prudência deveria aconselhá-los a reforçarem todas as fortalezas que possuírem, e lá esperarem o ataque; dessa forma, o tempo antes de seu fim poderá ficar um pouco mais longo.

— Então você aconselha que nos retiremos para Minas Tirith ou Dol Amroth ou para o Templo da Colina, e que fiquemos nesses lugares sentados

como crianças sobre castelos de areia, quando a maré está subindo? — disse Imrahil.

— Isso não seria nenhum conselho inédito disse Gandalf. — Não fo isso o que fizeram, ou pouco mais que isso, nos dias de Denethor? Mas não Eu disse que isso seria prudente. Não aconselho a prudência. Disse que vitória não poderia ser conquistada por meio de armas. Ainda alimento a esperança na vitória, mas não através de armas. Pois em meio a todas essas estratégias está o Anel de Poder, o alicerce de Barad-dûr, e a esperança d Sauron. Em relação a essa coisa, meus senhores, agora todos vocês sabem suficiente para o entendimento da nossa situação, e da de Sauron. Se ele conseguir de volta, a valentia de vocês será inútil, e a vitória dele será rápida e completa: tão completa que ninguém pode prever o fim dela enquanto durar o mundo. Se ela for destruída, então ele cairá, e sua queda será tão grande que ninguém pode prever a possibilidade de que jamais venha a ascender de novo. Pois perderá a melhor parte da força que nasceu junto com ele, e tudo o que foi feito ou começado com esse poder ruirá, e ele ficará mutilado para sempre, transformando-se num simples espírito maligno que se corrói nas sombras, mas que não pode crescer ou tomar forma outra vez. E assim desaparecerá um grande mal deste mundo.

— Outros males existem que poderão vir; pois o próprio Sauron apenas um servidor ou emissário. Todavia não é nossa função controla todas as marés do mundo, mas sim fazer o que pudermos para socorrer os tempos em que estamos inseridos, erradicando o mal dos campos que conhecemos, para que aqueles que viverem depois tenham terra limpa para cultivar. Que tempo encontrarão não é nossa função determinar. Agora Sauron sabe de tudo isso, e sabe que essa coisa preciosa que perdeu foi encontrada novamente; mas ainda não sabe onde está, ou pelo menos assim esperamos. E, portanto, agora ele está numa grande dúvida. Pois, se nós encontramos a coisa, há alguns entre nós com força suficiente para controlá-la. Isso ele também sabe. Pois não estou certo, Aragorn, quando suponho qu você se mostrou a ele na Pedra de Orthanc?

— Fiz isso antes de partir do Forte da Trombeta — respondeu Aragorn.

— Julguei que o tempo chegara, e que a Pedra viera até mim apenas

com esse propósito. Fazia então dez dias que o Portador do Anel partira de Rauros para o leste, e eu pensei que o Olho de Sauron deveria ser atraído para fora de sua própria terra. Pouquíssimas vezes ele foi desafiado depois que retornou para sua Torre. No entanto, se eu tivesse previsto a velocidade do contra-ataque, talvez não tivesse ousado me revelar. Sobrou-me pouco tempo para vir em sua ajuda.

— Mas como fica isso? — perguntou Éomer. Você diz que tudo é inútil se ele tiver o Anel. Por que não deveria ele julgar inútil nos atacar, se nós o tivermos?

— Ele ainda não tem certeza — disse Gandalf —, e não construiu seu poder esperando até que seus inimigos estivessem seguros, como fizemos nós. Além disso, nós não poderíamos aprender como controlar todo o poder num único dia. Na verdade, o Anel só pode ser usado por um único mestre e não por muitos; ele vai aguardar uma hora de discórdia, antes que um dos grandes entre nós se faça senhor e se coloque acima dos outros. Nessa hora o Anel pode ajudá-lo, se ele for rápido.

— Ele está vigiando. Vê muito e muito escuta. Seus nazgúl ainda estão à solta. Passaram sobre este campo antes de o sol nascer, embora poucos dos que estavam cansados ou dormindo se tenham dado conta disso. Ele estuda os sinais: a Espada que lhe roubou o tesouro reforjada; os ventos da fortuna virando a nosso favor, e a inesperada derrota em seu primeiro ataque, a queda de seu grande Capitão.

— Sua dúvida está crescendo, neste exato momento em que estamos falando aqui. Seu Olho está agora perscrutando em nossa direção praticamente cego para tudo o mais que se move. Assim devemos mantê-lo. Aí está toda a nossa esperança. Este, então, é o meu conselho: não possuímos o Anel. Por sabedoria, ou por uma grande loucura, nós o enviamos para longe para ser destruido, e para evitar que nos destruísse. Sem o Anel, não podemos pela força destruir a força de Sauron. Mas devemos a todo custo manter seu Olho longe do verdadeiro perigo que o ameaça. Não podemos conquistar a vitória por meio das armas, mas por meio das armas podemos dar ao Portador do Anel sua única oportunidade, por mais frágil que seja.

— Como Aragorn começou, assim devemos continuar. Devemos empurrar Sauron para seu último lance. Devemos atrair sobre nós sua força

oculta, de modo que esvazie seus domínios. Devemos marchar ao encontro dele imediatamente. Devemos transformar-nos em iscas, embora suas mandíbulas possam se fechar sobre nós. Ele aceitará essa isca, cheio de esperança e avidez, pois em tamanha audácia julgará estar vendo o orgulho do novo Senhor do Anel, e dirá: "Isso! Ele estica seu pescoço muito cedo quer chegar muito longe. Deixarei que avance, e eis que o pegarei numa armadilha da qual não poderá escapar. Ali vou esmagá-lo, e o que me tomou em sua insolência será meu outra vez, para sempre."

— Devemos caminhar de olhos abertos em direção a essa armadilha, com coragem, mas com pouca esperança para nós mesmos. Pois, meus senhores, pode muito bem acontecer que literalmente tombemos numa batalha negra longe das terras viventes, de modo que mesmo se Barad-dûr for destruída não viveremos para ver uma nova era. Mas considero que esta é nossa tarefa. E isso é melhor do que perecer, de qualquer forma — como certamente acontecerá, se ficarmos aqui parados — e saber na hora de nossa morte que não vai haver uma nova era.

Ficaram em silêncio por um tempo. Finalmente, Aragorn falou.

— Como já comecei, vou continuar. Chegamos agora exatamente à beira do abismo, onde a esperança é parente do desespero. Hesitar é cair. Que ninguém agora recuse os conselhos de Gandalf, cujos longos trabalhos contra Sauron finalmente serão testados. Se não fosse por ele, tudo estaria perdido há muito tempo. Não obstante, ainda não quero impor minha vontade a ninguém. Que os outros escolham como preferirem.

Então Elrohir disse:

— Viemos do norte com esse propósito, e de Elrond, nosso pai trouxemos exatamente esse conselho. Não recuaremos.

— Quanto a mim — disse Éomer —, tenho pouco conhecimento dessas questões profundas, mas não preciso dele. Disso eu sei, e para mim é o suficiente: da mesma forma que meu amigo Aragorn socorreu a mim e ao meu povo, agora, quando ele me chama, vou ajudá-lo. Eu irei.

— Quanto a mim — disse Imrahil —, considero o Senhor Aragorn meu rei, quer ele reivindique o título ou não. Um desejo seu é uma ordem. Também irei. Apesar disso, por um tempo ocupo o lugar do Regente de Gondor é meu dever pensar primeiro em seu povo. Devemos ainda dar

alguma itenção à prudência. Pois devemos estar preparados para todas as possibilidades, as boas e as más. Agora, pode ser que triunfemos, e enquanto houver alguma esperança nesse sentido Gondor deve ser protegida. Eu não gostaria que voltássemos vitoriosos para uma Cidade em ruínas e com uma terra devastada atrás de nós. E já sabemos pelos rohirrim que há um exército no nosso flanco norte, contra o qual ainda não se lutou.

— Isso é verdade — disse Gandalf — Não aconselho que deixem a Cidade completamente desguarnecida. Na verdade, a força que conduzirmos para o leste não precisa ser grande o suficiente para um assalto real contra Mordor, contanto que seja grande o suficiente para provocar uma batalha. deve se mover com rapidez. Portanto, pergunto aos Capitães que força poderíamos reunir e conduzir no prazo máximo de dois dias? Recomendo que essa força deve ser formada por homens corajosos que partem por sua própria vontade, conhecendo o perigo que correm.

— Todos estão cansados, e muitos têm ferimentos, leves ou graves — disse Éomer. — E sofremos muitas perdas de cavalos, e isso é difícil suportar. Se devemos partir logo, então não posso ter esperanças de liderar nem sequer dois mil homens, e deixar o mesmo número na defesa da Cidade.

— Não devemos contar apenas com aqueles que lutaram neste campo — disse Aragorn. — Novas forças dos feudos do sul estão a caminho agora que as costas foram libertadas. Enviei quatro mil homens marchando de Pelargir através de Lossarnach há dois dias; Angbor, o destemido, cavalga á frente deles. Se partirmos em dois dias, eles estarão próximos antes de nossa partida. Além disso, pedi a muitos que me seguissem subindo o Rio, em qualquer embarcação que conseguissem arranjar; com este vento, logo estarão perto; na verdade vários barcos já chegaram ao Harlond. Julgo que poderíamos partir com sete mil homens a pé e a cavalo, e ao mesmo tempo deixar a Cidade com uma defesa melhor do que a que tinha quando começou o ataque.

— O Portão está destruido — disse Imrahil —, e onde agora poderemos encontrar a habilidade para reconstruí-lo e erguê-lo novamente?

— Em Erebor, no reino de Dáin, está tal habilidade — disse Aragorn —; e, se todas as esperanças não fracassarem, então haverá tempo para que eu envie Gimli, filho de Glóin, para buscar a ajuda dos artesãos da

Montanha. Mas homens são melhores que portões, e nenhum portão resistirá ao Inimigo se for abandonado pelos homens.

Esse então foi o fim do debate dos senhores: que eles partiriam na segunda manhã após aquele dia com sete mil homens, se pudessem reuni-los; a maior parte dessa força iria a pé, por causa das terras malignas nas quais entrariam. Aragorn deveria encontrar mais dois mil homens entre aqueles que havia reunido junto a si no sul; Imrahil deveria encontrar três mil e quinhentos; Éomer reuniria quinhentos dos rohirrim que estavam desmontados mas eram competentes na guerra, e ele mesmo deveria liderar quinhentos de seus melhores Cavaleiros; haveria uma outra companhia de quinhentos cavaleiros, entre os quais estariam os filhos de Elrond com os dúnedain e os cavaleiros de Doí Amroth: no total, seis mil a pé e mil a cavalo. Mas a força principal dos rohirrim que ainda possuía montarias e era capaz de lutar, cerca de três mil homens sob o comando de Elfhelm, deveria vigiar a Estrada oeste contra o inimigo que estava em Anórien Imediatamente cavaleiros velozes com a missão de reunir todas as notícias que pudessem foram enviados para o norte, como também para o oeste, partindo de Osgiliath e da estrada de Minas Morgul. E, quando tinham calculado todas as suas forças e ponderado sobre que viagens deveriam fazer e que estradas escolheriam, Imrahil de súbito deu uma risada.

— Certamente — exclamou ele —, esta será a maior piada em toda a história de Gondor, cavalgaremos com sete mil homens, que mal somam o número da vanguarda de seu exército nos tempos de sua força, para atacarmos as montanhas e o impenetrável portão da Terra Negra! Da mesma forma uma criança poderia ameaçar um cavaleiro coberto por uma armadura com um arco feito de barbante num ramo de salgueiro verde! Se o Senhor do Escuro sabe tanto quanto você diz, Mithrandir, será que não vai sorrir ao invés de temer, e com seu dedo mínimo nos esmagar como um mosquito que tenta picá-lo?

— Não, ele vai tentar prender o mosquito e retirar-lhe o ferrão — disse Gandalf. — E há homens entre nós que valem cada um mais que mil cavaleiros vestindo armaduras. Não, ele não sorrirá.

— Nós também não — disse Aragorn. — Se isso for uma piada, então é amarga demais para causar riso. Não, é o último lance numa situação de

grande risco, que trará, para um lado ou para o outro, o fim do jogo. — Então sacou Andúril e ergueu-a faiscante ao sol. — Você não será desembainhada outra vez ate que se trave a última batalha — disse ele.

CAPÍTULO X: O PORTÃO NEGRO SE ABRE

Dois dias mais tarde o exército do oeste estava todo reunido no Pelennor. A tropa de orcs e orientais retornara de Anórien, mas acossados e dispersados pelos rohirrim eles tinham fugido, derrotados, quase sem resistir, na direção de Cair Andros; com essa ameaça afastada e com novas forças chegando do sul, a Cidade ficou tão bem guarnecida quanto possível. Batedores reportaram que não restava nenhum inimigo nas estradas do leste até a altura da Encruzilhada do Rei Caído. Tudo agora estava pronto para o último golpe. Legolas e Gimli cavalgariam juntos outra vez na companhia de Aragorn e Gandalf, que iam na vanguarda com os dúnedain e os filhos de Elrond. Mas Merry, para a sua vergonha, não deveria ir com eles.

— Você não está em condições de fazer uma viagem dessas — disse-lhe Aragorn. — Mas não tenha vergonha. Se não fizer mais nada nesta guerra, já terá conquistado uma grande honra. Peregrin irá representando o povo do Condado; não lhe inveje a oportunidade de perigo, pois, embora tenha feito o que a sorte lhe permitiu, ele ainda não realizou um feito à altura do seu. Mas, na verdade, todos correm o mesmo risco. Embora possa ser nossa função ir ao encontro de um fim mais amargo diante do Portão de Mordor, se isso acontecer, vocês também chegarão a um confronto final, seja aqui ou em qualquer lugar onde a maré negra venha a alcançá-los. Adeus!

Assim, desalentado, Merry ficou assistindo à concentração do exército. Bergil estava ao lado dele, também amuado, pois seu pai deveria marchar liderando uma companhia de homens da Cidade: porém estava impedido de retomar seu posto na Guarda até que seu caso fosse julgado. No mesmo grupo deveria partir Pippin, como um soldado de Gondor. Merry podia enxergá-lo, não muito distante: um vulto pequeno porém ereto entre os homens altos de Minas Tirith.

Finalmente as trombetas soaram e o exército começou a se mover. Tropa a tropa, companhia a companhia, faziam uma conversão e partiam para o leste. Muito tempo depois que todos tinham sumido de vista descendo a grande estrada para o Passadiço, Merry ficou ali parado. O último brilho do sol da manhã faiscara sobre lança e elmo e se perdera, e ainda ele permanecia ali, com a cabeça curvada e o coração pesado,

sentindo-se solitário e sem amigos. Todos os que lhe eram caros haviam partido para dentro da escuridão que pairava sobre o céu distante do leste, e restavam-lhe pouquíssimas esperanças de que um dia voltasse a ver qualquer um deles.

Como se despertada pelo seu estado de desespero, a dor em seu braço retornara, e ele se sentia fraco e velho, e a luz do sol parecia tênue. Acordou com o toque da mão de Bergil.

— Venha, mestre Perian! — disse o menino. — Você ainda sente dores, estou vendo. Vou acompanhá-lo de volta até os Curadores. Mas não tenha medo! Eles voltarão.

Os homens de Minas Tirith nunca serão derrotados. E agora contar com o Senhor Pedra Élfica, e também com Beregond da Guarda.

Antes do meio-dia, o exército chegou a Osgiliath. Ali os trabalhadore e operários disponíveis estavam todos ocupados. Alguns reforçavam as balsas e as pontes flutuantes que o inimigo fizera e em parte destruíra na fuga; alguns reuniam suprimentos e produtos de saques; outros, do lado leste do Rio, erguiam defesas improvisadas.

A vanguarda atravessou as ruínas da Velha Gondor e o amplo Ric subindo a longa e estreita estrada que nos dias de apogeu fora feita para conduzir da bela Torre do Sol até a alta Torre da Lua, que agora era Mina Morgul em seu vale maldito. Pararam cinco milhas além de Osgiliath terminando o primeiro dia de marcha. Mas os cavaleiros continuaram avançando, e antes do inicio da noite chegaram á Encruzilhada e ao grande circulo de árvores, onde tudo estava quieto. Não viram sinais do inimigo, nem ouviram qualquer grito ou chamado, nenhuma lança viera voando de alguma rocha ou maciço de árvores pelo caminho; apesar disso, quanto mais avançavam, mais se sentiam observados. Pedra e árvore, folha e capim pareciam estar escutando atentamente. A escuridão se dissipara, e na distância a oeste o sol se punha sobre o Vale do Anduin, e os picos brancos das montanhas se ruborizavam no ar azul; mas uma sombra e um desalento pesavam sobre os Ephel Dúath.

Aragorn postou então trombeteiros em cada uma das quatro estradas que saiam do circulo de árvores, e eles tocaram uma grande fanfarra, e os arautos gritaram em vozes imponentes:

— Os Senhores de Gondor retornaram, e estão tomando posse dest terra que lhes pertence. — A hedionda cabeça de orc que estava fincada sobre a figura esculpida foi derrubada e partida em pedaços, e a velha cabeça do rei foi erguida e colocada de volta em seu lugar, ainda coroada com as flores douradas e brancas: e os homens trabalharam lavando e raspando todos os garranchos horríveis que os orcs haviam desenhado sobre a pedra.

Agora, num debate, alguns opinaram que Minas Morgul deveria se atacada primeiro e, se conseguissem tomá-la, deveria ser completamente destruída.

— E talvez — disse Imrahil — a estrada que conduz de lá até a passagem acima seja um acesso mais fácil para atacarmos o Senhor dc Escuro do que o Portal Norte.

Mas Gandalf imediatamente reprovou a ideia, por causa do mal que morava no vale, onde as mentes dos homens vivos se voltariam para a loucura e o terror, e também por causa das notícias que Faramir trouxera. Pois, se o Portador do Anel tivesse realmente tentado aquele caminhc então, acima de tudo, deveriam desviar o Olho de Mordor de lá. Portantc no dia seguinte, após a chegada do exército principal, montaram uma forte guarda na Encruzilhada para garantir alguma defesa, no caso de Mordor enviar uma força pela passagem de Morgul, ou trazer mais homens do sul. Para essa guarda escolheram na maioria arqueiros que conheciam os caminhos de Ithilien e que ficariam escondidos nas florestas e veredas nas imediações do encontro dos caminhos. Mas Gandalf e Aragorn cavalgaran com a vanguarda até a entrada do Vale Morgul para observar a cidade maligna. Estava escura e sem vida, pois os orcs e as criaturas inferiores de Mordor que outrora moravam lá haviam sido destruídos em batalha, e os nazgúl estavam fora. Mesmo assim, o ar do vale estava carregado de medo e hostilidade. Então destruíram a ponte maligna, espalharam chamas rubras pelos campos nocivos e partiram.

No dia seguinte, o terceiro após a partida de Minas Tirith, o exércit iniciou sua marcha rumo ao norte seguindo a estrada. Por aquele caminhc era cerca de cem milhas da Encruzilhada até o Morannon, e o que lhes poderia acontecer até que chegassem lá ninguém sabia. Avançavam

abertamente, mas com cautela, com batedores montados à frente, outros a pé dos dois lados, especialmente no flanco leste, pois ali havia maciços escuros de árvores, e um terreno irregular de estreitos vales rochosos e penhascos, atrás dos quais as compridas e sinistras encostas dos Ephel Dúath se amontoavam. O clima do mundo permanecia belo, continuava a soprar o vento oeste, mas nada conseguia dispersar a melancolia e a névoa triste que pairava ao redor das Montanhas da Sombra; atrás delas, ás vezes grandes porções de fumaça subiam e ficavam suspensas nos ventos mais altos.

De quando em quando, Gandalf mandava tocar as trombetas, e os arautos gritavam:

— Os Senhores de Gondor chegaram! Que todos deixem esta terra ou se rendam!

Mas Imrahil disse:

— Não digam Os Senhores de Gondor. Digam O Rei Elessar. Pois es é uma verdade, mesmo que ele ainda não tenha assumido o trono; isso fará o Inimigo preocupar-se mais, se os arautos usarem esse nome.

E depois disso, três vezes ao dia, os arautos proclamavam a chegada do Rei Elessar. Mas ninguém respondia ao desafio. Não obstante, embor marchassem numa paz aparente, os corações de todo o exército, dos postos mais altos até os mais baixos, estavam pesados, e a cada milha que avançavam ao norte um mau presságio crescia dentro deles. Foi perto do fim do segundo dia desde que partiram em marcha da Encruzilhada que encontraram, pela primeira vez, uma ocasião de batalha. Um poderoso grupo de orcs e orientais tentou aprisionar a companhia que vinha à frente numa emboscada, exatamente no local onde Faramir tinha atocaiado os homens de Harad, no ponto em que a estrada entrava num corte profundo através de uma saliência das colinas a leste. Mas os Capitães do Oeste foram devidamente advertidos por seus batedores, homens habilidosos de Henneth Annún, liderados por Mablung; dessa forma, os que preparavam a emboscada acabaram presos nela. Cavaleiros deram uma grande volta no sentido oeste e vieram atacando o flanco do inimigo e sua retaguarda, e os orcs e orientais foram destruídos ou rechaçados para o leste, na direção das colinas. Mas a vitória pouco encorajou os corações dos capitães.

— É apenas uma simulação — disse Aragorn — e seu principal

propósito, julgo eu, foi mais nos levar a uma suposição errada sobre o ponto fraco de nosso Inimigo do que nos causar muito mal, por enquanto. — E daquela noite em diante os nazgúl vieram e passaram a seguir cada movimento do exército. Ainda voavam alto, e fora do alcance da visão, a não ser para Legolas; mesmo assim, sua presença podia ser sentida, na forma de um adensamento das sombras e um obscurecimento do sol, e, embora os Espectros do Anel ainda não estivessem dando vôos rasantes sobre seus inimigos e se mantivessem em silêncio, sem soltar nenhum grito, não se podia afastar o terror que causavam.

Assim foi passando o tempo e a viagem desesperada. No quarto dia posterior á passagem pela Encruzilhada, o sexto depois da partida de Minas Tirith, chegaram por fim ao término das terras viventes, e começaram a penetrar na desolação que se alastrava diante dos portões da Passagem de Cirith Gorgor; conseguiam divisar os pântanos e o deserto que se estendia ao norte e a oeste dos Emyn Muil. Tão desoladas eram aquelas paragens, e tão profundo o horror que pairava sobre elas, que alguns homens do exército sentiram-se acovardados, não conseguindo avançar mais, a pé ou cavalgando, em direção ao norte.

Aragorn olhou para eles, e seus olhos se encheram de pena, e não de ira, pois aqueles eram jovens de Rohan, do distante Folde Ocidental lavradores de Lossarnach, e para eles, desde a infância, Mordor tinha sido um nome maligno, e apesar disso irreal, uma lenda que não fazia parte de suas vidas simples; e eles caminhavam como homens num sonho hediondo que se tornara realidade, sem entender aquela guerra nem por que o destino os levava para tal paragem.

— Podem ir! — disse Aragorn. — Mas mantenham a honra que puderem. E não corram! Há uma tarefa que podem tentar para assim não se sentirem tão envergonhados. Façam seu caminho pelo sudoeste até chegarem a Cair Andros, e, se a ilha ainda estiver dominada pelos inimigos como eu suspeito, então reconquistem-na, se puderem, e mantenham-na até o fim em defesa de Gondor e Rohan!

Então alguns, envergonhados diante de tal demência, superaram o medo e continuaram avançando, e os outros ganharam novas esperanças, ouvindo a menção de um feito corajoso à altura deles a que podiam se

dedicar, e partiram. Dessa forma, sendo que muitos homens já haviam sido deixados na Encruzilhada, foi com menos de seis mil homens que os Capitães do Oeste chegaram finalmente para desafiar o Portão Negro e poder de Mordor.

Agora avançavam devagar, esperando a cada hora uma resposta para o seu desafio; mantinham-se juntos, já que seria desperdício de soldados enviar batedores ou grupos pequenos à frente do exército principal. Ao cair da noite do quinto dia de marcha desde o Vale Morgul acamparam pela última vez, fazendo fogueiras com a madeira morta e com as urzes secas que conseguiram encontrar. Passaram as horas da noite acordados, percebendo muitos seres parcialmente visíveis que andavam e espreitavam por toda a volta; ouviram também uivos de lobos. O vento cessara e todo o ar parecia parado. Podiam ver pouca coisa, pois, embora não houvesse nuvens e a lua crescente já tivesse quatro dias, havia fumaça e vapores que subiam da terra e o luar branco se escondia nas névoas de Mordor.

Ficou frio. Quando chegou a manhã, o vento começou a se agitar outra vez, mas agora vinha do norte, e logo se amainou numa brisa crescente. Todos os seres notívagos tinham-se ido, e a terra parecia vazia. Ao norte, em meio aos seus buracos fétidos jaziam os primeiros grandes outeiros e amontoados de escória, rocha quebrada e terra arruinada, o vômito dos vermes que habitavam Mordor; mas ao sul, agora já próxima, assomava a grande fortaleza de Cirith Gorgor, com o Portão Negro no meio, tendo a lado as duas Torres dos Dentes, altas e escuras. Pois em sua última marcha os Capitães tinham desviado da estrada principal no ponto em que ela se curvava para o leste, evitando o perigo das colinas à espreita, e agora aproximavam-se do Morannon pelo noroeste, do mesmo modo que Frodo fizera.

As duas enormes portas de ferro do Portão Negro sob seu arco sinistro estavam muito bem fechadas. Sobre a ameia nada se via. Estava tudo quieto, mas persistia a sensação de vigilância. Tinham chegado ao derradeiro estágio de sua loucura e pararam, abandonados e sentindo frio, na luz cinzenta do início do dia, diante de torres e muralhas que seu exército não podia atacar com esperanças, nem mesmo se tivessem levado até lá

máquinas muito poderosas, e se as tropas inimigas fossem para guarnecer a muralha e o portão. Mas eles sabiam que todas as colinas e rochas ao redor do Morannon estavam cheias de inimigos ocultos, e o sombrio desfiladeiro mais além era perfurado e cheio de túneis apinhados de ninhadas de seres malignos. E ali parados eles viram todos os nazgúl reunidos, pairando como abutres sobre as Torres dos Dentes, sabendo que estavam sendo vigiados. Mas ainda assim o Inimigo não dava qualquer sinal.

Não lhes restava outra escolha além de desempenhar o seu papel até o fim. Portanto Aragorn agora colocara o exército na melhor formação que pôde planejar: eles foram reunidos em dois grandes montes de pedra arruinada e terra que os orcs tinham acumulado em anos de trabalho. Diante deles, na direção de Mordor, jazia como um fosso um grande pântano de lama fétida e poças putrefatas. Quando tudo estava ordenado, os Capitães cavalgaram á frente na direção do Portão Negro com uma grande guarda de cavaleiros levando a bandeira, acompanhados dos arautos e dos trombeteiros. Lá ia Gandalf como o principal arauto, Aragorn com os filhos de Elrond, Éomer de Rohan e Imrahil; a Legolas, Gimli e Peregrin foi solicitado que também fossem, de modo que todos os inimigos de Mordor tivessem uma testemunha.

Chegaram perto do Morannon, e desfraldaram a bandeira, tocando as trombetas; os arautos avançaram e fizeram suas vozes soar por sobre a muralha de Mordor.

— Apareça! — gritaram eles. — Que o Senhor da Terra Negra apareça! Justiça será feita para com ele. Pois agiu mal travando guerra contra Gondor e roubando suas terras. Portanto o Rei de Gondor ordena que ele repare seus erros e depois parta para sempre. Apareça!

Fez-se um longo silêncio, e não se ouviu nenhum som em resposta, da muralha ou do portão. Mas Sauron já fizera seus planos, e tinha em mente primeiro brincar cruelmente com aqueles camundongos antes de iniciar a matança. Foi assim que, exatamente quando os Capitães estavam prestes a virar as costas, o silêncio foi subitamente quebrado. Veio um longo retumbar de grandes tambores, como trovões nas montanhas, e então um zurrar de cornetas que fez tremer as próprias pedras e feriu os ouvidos dos homens. E então a porta do meio do Portão Negro se abriu com um grande clangor, e

de lá saiu uma embaixada da Torre Escura. Como seu líder veio cavalgand um vulto maligno, montado num cavalo negro, se aquilo era um cavalo, pois era enorme e hediondo, e sua cara uma máscara horripilante, mais parecendo um crânio que uma cabeça viva, e das covas de seus olhos e de suas narinas saía fogo. O cavaleiro estava todo vestido de negro, e negro era seu elmo imponente; mas este não era um Espectro do Anel, e sim un homem vivo. Era o Tenente da Torre de Barad-dûr, e seu nome não lembrado em história alguma, pois ele próprio o esquecera, e ele disse: — Sou a Boca de Sauron. — Mas conta-se que ele foi um renegado, que vinha d raça daqueles que eram chamados de numenorianos negros, pois eles estabeleceram suas moradias na Terra-média durante os dias do domínio de Sauron. e o adoraram, enamorados pelo conhecimento do mal. E ele havi entrado para o serviço da Torre Escura quando esta se ergueu de novo pel primeira vez, e por causa de sua esperteza foi crescendo cada vez mais nos favores do Senhor; aprendeu grandes feitiçarias, e sabia muito da mente de Sauron; era mais cruel que qualquer orc. Era ele que agora saia pelo portão, com ele vinha apenas uma pequena companhia de soldados arreados de negro, e uma única bandeira, negra e estampada com o vermelho do Olh Maligno. Parando agora a alguns passos dos Capitães do Oeste, ele os olho de cima a baixo e riu.

— Há alguém nesse bando que tem autoridade para dirigir-se a mim? — perguntou ele. — Ou mesmo com capacidade de me entender? Não tu pelo menos! —caçoou ele, voltando-se para Aragorn com desprezo. — Par se fazer um rei, é preciso mais que um pedaço de vidro élfico, ou uma gentalha dessas. Ora, qualquer bandido das colinas pode exibir tal sequela!

Aragorn não disse nada em resposta, mas fixou os olhos do outro e sustentou o olhar, e por um momento os dois lutaram assim; mas logo, embora Aragorn não se movesse nem dirigisse a mão para qualquer arma, outro vacilou e recuou, como se tivesse sido ameaçado por um golpe.

— Sou um arauto e um embaixador, e não posso ser atacado! — gritou ele.

— Onde rezam tais leis — disse Gandalf — também é costume do embaixadores usarem menos insolência. Mas ninguém o ameaçou. Não ten nada a temer de nós, até que sua missão seja cumprida. Mas, a não ser que

seu mestre tenha adquirido mais sabedoria, então você, juntamente com todos os servidores, estará em grande perigo.

— Então! — disse o Mensageiro. — Este é o porta-voz, velho barba cinzenta? Será que não ouvimos sobre ti algumas vezes, e de tuas andanças, sempre armando planos e traições a distância? Mas desta vez esticaste o teu nariz longe demais, mestre Gandalf, e verás o que acontece para aquele que tece suas tolas teias diante dos pés de Sauron, o Grande. Tenho provas que me mandaram mostrar a ti — a ti especialmente, se tu ousasses aparecer. — Acenou para um dos guardas, e este veio à frente, carregando um pacote embrulhado em tecido negro.

O Mensageiro desembrulhou o pacote, e ali, para a surpresa e frustração de todos os Capitães, ele ergueu primeiro a pequena espada que Sam carregara, e depois uma capa cinzenta com um broche élfico, e finalmente o colete de mithril que Frodo usara, embrulhado em suas vestes rasgadas. Uma escuridão se formou diante dos olhos deles, e tiveram a impressão de que num momento o mundo se paralisara, mas seus corações estavam mortos e sua última esperança desaparecera. Pippin, que estava atrás do Príncipe Imrahil, saltou à frente com um grito de dor.

— Silêncio! — disse Gandalf num tom severo, empurrando-o para trás; o Mensageiro soltou uma alta risada.

— Então você ainda tem outro desses moleques! — exclamou ele. - Que utilidade vê neles não posso adivinhar, mas mandá-los como espiões para Mordor superou até sua costumeira loucura. De qualquer forma agradeço a ele, pois está claro que pelo menos esse pirralho já viu esses símbolos antes, e agora seria inútil você negar.

— Não desejo negar nada — disse Gandalf. — Na verdade, conheço os, e toda a sua história, e apesar de seu desdém, nojenta Boca de Sauron você não pode dizer o mesmo. Mas por que os traz aqui?

— Casaco de anão, capa de elfo, espada do oeste tombado, e espiãc daquela pequena terra-de-ratos que é o Condado — não, não se assuste! Sabemos muito bem aqui estão as marcas de uma conspiração. Agora, pode ser que aquele que carregava essas coisas fosse uma criatura que vocês não sentissem perder, ou pode ser o contrário: alguém que lhes era caro, talvez? Se for assim, tome resoluções rápidas com a pouca esperteza que lhe resta.

Pois Sauron não gosta de espiões, e o destino dessa criatura depende agora de sua escolha.

Ninguém respondeu, mas ele viu todos os rostos pálidos de medo e c horror em seus olhos, e riu outra vez, pois pareceu-lhe que sua brincadeira ia bem.

— Bem, bem! — disse ele. — Ele lhes era querido, estou vendo. Ou quem sabe sua missão era de tal ordem que vocês não queriam que fracassasse? Pois fracassou. E agora ele deverá suportar o lento tormento de anos, tão longo e lento quanto as artes da Grande Torre podem conceber nunca será libertado, a não ser talvez quando estiver mudado e destruído, de modo que possa vir até vocês, para que vejam o que fizeram. Isso certamente acontecerá — a não ser que vocês aceitem os termos de meu Senhor.

— Diga quais são os termos — disse Gandalf numa voz severa, mas os que estavam perto viram a angústia em seu rosto, e agora ele parecia um homem velho e mirrado, esmagado, finalmente vencido. Ninguém duvidava de que ele fosse aceitar.

— Os termos são estes — disse o Mensageiro, sorrindo e encarando-os um a um-: a gentalha de Gondor e seus iludidos aliados devem retirar-se imediatamente para além do Anduin, não sem primeiro prestarem juramento de nunca mais atacar Sauron, o Grande, aberta ou secretamente Todas as terras a leste do Anduin deverão pertencer a Sauron para sempre e unicamente a ele. A região a oeste do Anduin, até as Montanhas Sombria e o Desfiladeiro de Rohan, deverá pagar tributo a Mordor, e os homens de l não poderão portar armas, mas terão permissão para governar seus próprios assuntos. No entanto, deverão ajudar a reconstruir Isengard, a qua destruíram por capricho, e essa região será de Sauron, e lá seu tenente deverá morar: não Saruman, mas alguém mais digno de confiança.

Olhando nos olhos do Mensageiro, todos leram seu pensamento. Seri ele aquele tenente que reuniria tudo o que restasse do oeste sob seu controle seria tirano e eles os seus escravos.

Mas Gandalf disse:

— Isso é exigir muito pela entrega de um servidor: que seu Mestre deva receber em troca o que de outra forma lhe custaria muitas guerras! Ou

será que o campo de Gondor destruiu sua esperança na guerra, e ele agora deu para barganhar? E, se realmente déssemos tanto valor ao prisioneiro? Que garantia teremos de que Sauron, o Mestre Máximo da Traição, manter sua parte no acordo? Onde está esse prisioneiro? Que o tragam aqui para que o vejamos, e então consideraremos essas exigências.

Gandalf, atento, olhando para ele como alguém empenhado em esgrimir com um inimigo mortal, teve a impressão de que, pelo tempo de um suspiro, o Mensageiro ficou perdido; mas rapidamente ele riu outra vez.

— Não seja tão insolente a ponto de discutir com a Boca de Sauron — gritou ele. — Você pede garantias! Sauron não dá nenhuma. Se você implora por sua demência, deve primeiro fazer o que ele ordena. Estes são os seus termos. É pegar ou largar!

— Vamos pegar! — disse Gandalf de repente. Jogou para o lado a capa e uma luz branca brilhou como uma espada naquele lugar escuro.

Diante da mão erguida do mago, o Mensageiro recuou, e Gandalf avançando, agarrou e tirou dele as provas: casaco, capa e espada.

— Vamos pegar estes em memória de nosso amigo — gritou ele. — Mas, quanto aos seus termos, nós os rejeitamos completamente. Vá embora pois sua embaixada terminou e a morte se aproxima de você. Não viemos até aqui para desperdiçar palavras fazendo tratos com Sauron, traiçoeiro e maldito, e muito menos com um de seus escravos. Suma daqui! Então o Mensageiro de Mordor não voltou a rir. Seu rosto se contorcia de estupefação e ódio, semelhante ao de um animal selvagem que, ao pular sobre sua presa, é ferido no focinho por um ferrão. Tomado de raiva, a boca babando, emitiu sons estrangulados, sem nexo e cheios de fúria. Mas olhou nos rostos cruéis dos Capitães e em seus olhos fatais, e o medo que sentiu derrotou a ira.

Soltou um enorme grito e, virando-se, saltou sobre o cavalo e com sua companhia galopou alucinadamente de volta para Cirith Gorgor. Mas enquanto se distanciavam, seus soldados tocaram as cornetas num sinal há muito combinado, e mesmo antes que chegassem ao portão Sauron acionou sua armadilha.

Tambores retumbaram e fogos subiram aos ares. As grandes portas do Portão Negro se escancararam. Delas saiu como uma onda um grande

exército, com a mesma rapidez das águas rodopiantes quando uma comporta se abre.

Os Capitães montaram de novo e recuaram, e do exército de Mordo subiu um grito de escárnio. A poeira se ergueu sufocando o ar, pois de um ponto próximo dali veio marchando uma tropa de orientais que estivera esperando pelo sinal nas sombras de Ered Lithui, além da Torre mai distante. As colinas dos dois lados do Morannon despejavam inúmeros orcs Os homens do oeste estavam encurralados, e logo, por toda a volta dos montes cinzentos onde eles estavam, forças dez vezes maiores e ainda mais numerosas que isso os cercariam num mar de inimigos. Sauron tinha mordido a isca com mandíbulas de aço.

Sobrou pouco tempo para que Aragorn ordenasse a sua batalha.

Sobre um monte estavam ele e Gandalf, e ali, bela e desesperada erguia-se a bandeira da Árvore e das Estrelas. Sobre o outro monte ao lado erguiam-se as bandeiras de Rohan e Doí Amroth, Cavalo Branco e Cisne c Prata; em torno de cada monte foi formado um circulo que vigiava em todas as direções, eriçado de lanças e espadas. Mas na frente, na direção de Mordor, onde o primeiro e terrível assalto viria, estavam os filhos de Elronc à esquerda, com os dúnedain ao redor deles, e á direita o Príncipe Imrahi com os homens de Doí Amroth, altos e belos, além de soldados escolhidos da Torre da Guarda.

O vento soprou, as trombetas cantaram, flechas zuniram; mas o sol. agora subindo em direção ao sul, foi velado pelos vapores de Mordor, e através de uma névoa ameaçadora ele reluzia, remoto, num vermelho morto, como se fosse o final do dia, ou talvez o fim de todo o mundo de luz. E das trevas que se adensavam os nazgúl vieram com suas vozes frias, gritando palavras de morte; então toda esperança se extinguiu.

Pippin se curvara, esmagado pelo terror contra o chão, quando ouviu Gandalf recusar os termos e condenar Frodo ao tormento da Torre, ma conseguira controlar-se, e agora estava ao lado de Beregond, na primeira fileira de Gondor, com os homens de Imrahil. Pois parecia-lhe melhor morrer logo e deixar a amarga história de sua vida, uma vez que tudo estava arruinado.

— Gostaria que Merry estivesse aqui — ouviu sua própria voz dizer, e

pensamentos velozes passaram-lhe pela mente, no momento em que via o inimigo avançando para o ataque. — Bem, bem, agora pelo menos entendo o pobre Denethor um pouco mais. Poderíamos morrer juntos, Merry e eu, j que devemos morrer de qualquer forma, não é mesmo? Bem, como ele nãc está aqui, espero que encontre um fim mais fácil. Mas agora preciso dar c melhor de mim.

Sacou a espada e a contemplou, e as figuras entrelaçadas, vermelhas e douradas; e as letras fluentes de Númenor brilharam como fogo sobre a lâmina. "Esta espada foi feita justamente para uma hora como esta", pensou ele. "Se pelo menos eu pudesse golpear com ela o Mensageiro nojento, entãc quase empataria com o velho Merry. Bem, vou golpear alguém deste bandc de animais antes do fim. Gostaria de poder ver um sol fresco e a relva verde outra vez."

Então, no momento em que o hobbit pensava em tais coisas, c primeiro ataque chocou-se contra eles. Os orcs, impedidos pelos pântanos que se espalhavam diante dos montes, pararam e derramaram suas flechas contra as fileiras de defesa. Mas em meio a eles chegou, a largas passadas, rugindo como animais, uma grande companhia de trolls das montanhas, vinda de Gorgoroth. Eram mais altos e mais encorpados que homens, e estavam vestidos apenas com malhas justas de escamas resistentes; mas carregavam escudos redondos, enormes e negros, e brandiam pesados martelos em suas mãos encaroçadas. Temerários, mergulharam nas poças e atravessaram-nas andando, urrando enquanto se aproximavam. Como uma tempestade caíram sobre a fileira dos homens de Gondor, batendo sobre elmo e cabeça com arma e escudo, como um ferreiro que malha o ferro quente e flexível. Ao lado de Pippin, Beregond caiu, subjugado e aturdido; e grande chefe dos trolls que o derrubara debruçou-se sobre ele, esticando uma garra sufocante, pois essas cruéis criaturas costumavam morder as gargantas daqueles que derrubavam.

Então Pippin deu um golpe para cima, e a espada com as letras dc Ponente perfurou o couro e penetrou fundo nas entranhas do troll, cujc sangue negro jorrou aos borbotões. A criatura cambaleou para a frente e foi ao chão, desmoronando como uma pedra, enterrando os que estavam embaixo. Negrume, fedor e uma dor esmagadora dominaram Pippin, e sua

mente caiu numa grande escuridão. "Assim tudo termina como eu suspeitara", disse seu pensamento, no instante em que se perdia; riu um pouco ainda dentro de si mesmo antes de fugir, parecia quase alegre por estar afastando finalmente toda a dúvida, a preocupação e o medo. E então, no momento em que o pensamento voava para dentro do esquecimento, ouviu vozes, que pareciam estar gritando de algum mundo esquecido lá em cima:

— As Águias estão chegando! As Águias estão chegando!

Por mais um momento o pensamento de Pippin perdurou.

— Bilbo! — disse ele. — Mas não! Isso aconteceu na história dele, h. muito e muito tempo. Esta é minha história, e agora está terminada. Adeus — E seu pensamento voou para longe; seus olhos não viram mais nada.

SEXTA PARTE

CAPÍTULO I: A TORRE DE CIRITH UNGOL

Sam levantou-se do chão com muito esforço. Por um momento perguntou-se onde estava, e então toda a desgraça e o desespero retornaram á sua mente. Estava numa escuridão profunda do lado de fora do portão inferior da fortaleza dos orcs, as portas de bronze estavam fechadas. Certamente ele caíra sem sentidos quando arremessou o corpo contra elas, mas quanto tempo ficara ali deitado não sabia dizer.

Naquela hora estivera fervendo, desesperado e furioso; agora tremia de frio. Arrastou-se até as portas e colou o ouvido contra elas. De um ponto distante lá dentro conseguia escutar vozes de orcs gritando, mas logo cessaram ou ficaram fora do alcance de seus ouvidos, e tudo era silêncio. A cabeça lhe doía, e os olhos viam luzes fantasmagóricas na escuridão, mas ele lutava para se firmar e pensar. De qualquer maneira, estava claro que não havia esperança de entrar na fortaleza dos orcs por aquele portão; ele poderia ficar ali aguardando durante dias antes que se abrisse, e não havia tempo para esperar; o tempo era desesperadamente precioso. Sam não tinha mais dúvidas sobre o seu dever: deveria resgatar seu mestre ou perecer na tentativa.

— É mais provável que eu pereça, e de qualquer modo vai ser bem mais fácil — disse ele num ar severo para si mesmo, recolocando Ferroada na bainha e dando as costas para as portas de bronze. Devagar foi tateando o caminho de volta no escuro ao longo do túnel, sem coragem de usar a luz élfica; enquanto avançava, tentava recapitular os acontecimentos desde que Frodo e ele haviam partido da Encruzilhada. Perguntava-se que hora seriam. Algum ponto entre um dia e o próximo, supunha ele; mas até mesmo dos dias ele perdera a conta. Estava numa terra de escuridão, onde os dias do mundo pareciam esquecidos e onde todos os que entravam também eram esquecidos.

— Queria saber se em algum momento eles pensam em nós — disse ele —, e o que está acontecendo lá longe. Acenou com a mão no ar num gesto vago, mas agora na verdade estava virado para o sul, voltando ao túnel de Laracna, e não para o oeste. No mundo lá fora, no lado oeste aproximava se o meio-dia do décimo quarto dia de março, de acordo com o

Registro do Condado, e nesse momento Aragorn conduzia a frota negr saindo de Pelargir, e Merry cavalgava com os rohirrim, descendo o Vale das Carroças de Pedra, enquanto em Minas Tirith subiam as chamas e Pippi observava a loucura crescendo nos olhos de Denethor. Apesar disso, em meio a todas as preocupações e temores, os pensamentos de seus amigos voltavam-se constantemente para Frodo e Sam. Eles não tinham sid esquecidos. Mas estavam fora do alcance de qualquer ajuda, e nenhum pensamento poderia trazer qualquer socorro para Samwise, filho de Hamfast; por isso, ele estava completamente sozinho.

Por fim chegou de volta à porta de pedra do corredor dos orcs, e ainda sem poder descobrir a tranca ou o ferrolho que a mantinha fechada, arrastou-se por cima da mesma forma que antes e deixou-se cair delicadamente no chão. Então avançou furtivamente até a saída do túnel de Laracna, onde os farrapos de sua grande teia ainda balançavam no vento frio. Pois frio lhe parecia o vento, depois da escuridão desagradável que deixara para trás. Mas o seu sopro fez o hobbit reviver.

Arrastou-se com cautela para fora.

Tudo estava funestamente quieto. A luz não passava daquela que se tem no crepúsculo ao fim de um dia escuro. A enorme quantidade de vapor que subia em Mordor e ia flutuando em direção ao oeste ia passando baixo, uma grande onda de fumaça e nuvens agora iluminada outra vez embaixo por um vermelho sombrio.

Sam ergueu os olhos para a torre dos orcs, e de repente, das estreitas janelas, luzes espiaram como pequenos olhos vermelhos. Pensou se aquilo não era algum sinal. O medo que sentira dos orcs, esquecido por um tempo em sua ira e desespero, agora retornava. Pelo que podia ver, havia um único caminho possível a tomar: deveria ir em frente tentando achar a entrada principal da pavorosa torre; mas sentia os joelhos fracos, e percebeu que estava tremendo. Desviando os olhos da torre e dos chifres da fenda diante dele, forçou seus pés relutantes a lhe obedecerem e, devagar, escutando com a máxima atenção, espiando para dentro das densas sombras das rochas ao lado do caminho, refez seus passos, passando pelo lugar onde Frodo caíra, onde ainda perdurava o fedor de Laracna, e depois foi adiante e para cima, até chegar de novo exatamente na fenda onde colocara o Anel e vira passar

a companhia de Shagrat. Então parou e sentou-se. Por um momento não conseguiu forçar-se a avançar mais. Sentia que, se transpusesse o topo da passagem e se realmente desse um passo descendo e penetrando a terra de Mordor, esse passo seria irrevogável. Nunca mais poderia voltar. Sem qualquer propósito claro, puxou o Anel e colocou-o de novo no dedo. Imediatamente sentiu o grande fardo de seu peso, e sentiu de novo, agora mais forte e opressiva que nunca, a malícia do Olho de Mordor perscrutando, tentando penetrar as sombras que fizera para a própria defesa, mas que nesta hora o atrapalhavam em sua inquietude e dúvida.

Como antes, Sam sentiu sua audição aguçada, enquanto para seus olhos as coisas deste mundo pareciam tênues e vagas. As muralhas rochosas da trilha estavam pálidas, como se vistas através de uma névoa, mas ainda na distância Sam ouvia o borbulhar de Laracna em sua desgraça; e roucos e claros, parecendo estar bem próximos, ouviu o som de gritos e o entrechoque de metais. Saltou de pé e forçou o corpo contra a muralha que margeava a trilha. Estava feliz por ter o Anel, pois ali já vinha outra companhia de orcs em marcha. Ou pelo menos foi assim que pensou a princípio. Então, de súbito, percebeu que não se tratava disso, e que sua audição o enganara: os gritos dos orcs vinham da torre, cujo chifre mais alto erguia-se agora bem diante dele, do lado esquerdo da Fenda.

Sam estremeceu e tentou forçar-se a avançar. Era claro que alguma maldade estava acontecendo. Talvez, a despeito de todas as ordens, os orcs, dominados por sua crueldade, estivessem torturando Frodo, ou até mesmo partindo-o aos pedaços com selvageria. Ficou escutando, e teve um laivo de esperança. Não poderia haver muita dúvida: havia luta na torre, os orcs deviam estar lutando entre si, Shagrat e Gorbag haviam chegado ás vias de fato. Apesar de ser uma esperança fugidia a que lhe trouxera a sua suposição, foi o suficiente para despertá-lo. Só poderia haver uma chance. Seu amor por Frodo se elevou acima de todos os outros pensamentos, e esquecendo o perigo, Sam gritou:

— Estou chegando, Sr. Frodo!

Correu para o topo da trilha ascendente e foi adiante. De súbito o caminho fez uma curva para a esquerda e mergulhou vertiginosamente. Sam cruzara o limiar de Mordor. Retirou o Anel, movido talvez por algum

premonição profunda de perigo, embora consigo mesmo pensasse apenas que desejava enxergar mais claro.

— É melhor dar uma olhada no pior — murmurou ele. — Não adianta ir tropeçando na neblina!

Seu olhar deparou com uma terra dura, cruel e amarga. Diante de seus pés o maciço mais alto dos Ephel Dúath caía vertiginosamente em grandes penhascos, para dentro de uma grande vala, que do outro lado subia num outro maciço, muito mais baixo, com uma borda chanfrada e denteada, com rochedos semelhantes a presas que se sobressaíam negras contra um fundo de luz vermelha: era o sinistro Morgai, o circulo interno das fronteiras da terra. Muito além dele, mas quase em linha reta, através de um amplo lago de escuridão salpicado por pequenas fogueiras, havia um grande clarão de fogo; dele subia em enormes colunas uma fumaça em torvelinhos, de um vermelho empoeirado na parte inferior, negra na parte de cima, onde se misturava à abóbada ondulada que toldava toda aquela terra maldita.

Sam estava olhando para Orodruin, a Montanha de Fogo. De vez em quando, as fornalhas bem abaixo de seu pico de cinzas despejavam, em meio a grandes ondas e convulsões, rios de rocha fundida, saídos de fendas em suas encostas. Alguns corriam reluzindo na direção de Barad-dûr por grandes canais; outros traçavam um caminho sinuoso e entravam na planície de pedra, até se resfriarem e se deitarem como formas retorcidas de dragões, o vômito da atormentada terra. Sam avistou a Montanha da Perdição, e a sua luz, escondida pelo alto escudo dos Ephel Dúath dos olhos daqueles que subiam pela estrada do oeste, agora brilhava contra as rígidas encostas rochosas, de modo que pareciam estar banhadas de sangue.

Naquela luz aterrorizante Sam parou atônito, pois agora, olhando à esquerda, ele conseguia divisar a Torre de Cirith Ungol em toda a sua força. O chifre que vira do outro lado era apenas o torreão mais alto. Seu lado leste projetava-se em três grandes patamares sobre uma saliência na encosta da montanha lá embaixo; sua parte posterior dava para um grande penhasco, do qual saíam baluartes pontiagudos, um sobre o outro, que iam — diminuindo ao subirem, com laterais perpendiculares de habilidosa alvenaria com faces para o nordeste e o sudeste. Ao redor do patamar mais

baixo, sessenta metros abaixo de onde estava Sam, havia uma parede com ameia que contornava um pequeno pátio. Seu portão, que ficava na encosta sudeste, abria-se para uma estrada larga, cujo parapeito externo corria sobre a borda de um precipício, até virar-se para o sul e continuar numa descida sinuosa na escuridão, para unir-se à estrada que vinha da Passagem de Morgul. Por ela então atravessava uma fissura denteada no Morgai e saí para o vale de Gorgoroth e para Barad-dûr. O estreito caminho superior n qual Sam estava saltava rapidamente para baixo através de degraus e de uma trilha íngreme, até encontrar a estrada principal sob as muralhas sinistras próximas ao Portão da Torre.

Olhando tudo aquilo Sam de repente entendeu, quase tendo un choque, que aquela fortaleza não fora construída para manter os inimigos fora de Mordor, mas para prendê-los lá dentro. Na realidade era um do trabalhos realizados muito tempo atrás por Gondor, um posto avançado das defesas de Ithilien no leste, feito quando, depois da Última Aliança, o homens do Ponente passaram a vigiar a terra maligna de Sauron, onde sua criaturas ainda rondavam. Mas como aconteceu com Narchost e Carchost as Torres dos Dentes, aqui também a vigilância fracassara, e a traiçã entregara a Torre para o Senhor dos Espectros do Anel, e agora por longo anos ela estivera sob a posse de seres malignos. Desde seu retorno a Mordor Sauron a considerara útil, pois ele tinha poucos servidores mas muitos escravos do terror, e o principal escopo da torre era ainda, como sempre, evitar a fuga de Mordor. Caso um inimigo fosse tão temerário a ponto de tentar entrar naquela terra secretamente, a torre então era também um último guarda que nunca dormia, vigiando qualquer um que pudesse burlar a vigilância de Morgul e de Laracna.

Sam percebeu muito claramente como seria sem esperança a sua tentativa de se arrastar sob aquelas paredes de muitos olhos e passar pelo portão vigilante. E, mesmo que conseguisse, não poderia avançar muito na estrada vigiada: nem mesmo as sombras negras, que pairavam nas profundezas onde o brilho vermelho não alcançava, poderiam protegê-lo por muito tempo dos orcs e de seus olhos noturnos. Mas, mesmo que a estrada não oferecesse esperanças, sua tarefa agora era muito pior; não se tratava de evitar o portão e escapar, mas de entrar por ele, sozinho.

Seu pensamento voltou-se para o Anel, mas ali não havia consolo, s terror e perigo. Logo que conseguira avistar a Montanha da Perdiçã queimando na distância, Sam percebeu uma mudança em seu fardo. A medida que se aproximava das grandes fornalhas onde, nas profundezas do tempo, o Anel fora forjado e moldado, seu poder crescia e ficava mais cruel, não podendo ser controlado a não ser que houvesse alguma vontade poderosa. E no momento em que Sam parara ali, mesmo sem usar o Anel tendo-o apenas pendurado ao pescoço, ele próprio se sentiu maior, como se estivesse vestindo uma enorme sombra distorcida de si mesmo, uma ameaça enorme e ominosa parada sobre as muralhas de Mordor. O hobbit sentia qu de agora em diante só tinha duas escolhas: abster-se do Anel, embora iss pudesse torturá-lo, ou reivindicá-lo, desafiando o poder que se sentava em seu escuro domínio além do vale de sombras. O Anel já o tentava devorando sua vontade e raciocínio. Fantasias loucas despertavam em sua mente, e ele via Samwise, o Forte, Herói do seu Tempo, caminhando passos largos com uma espada flamejante através da terra escurecida, e exércitos se arrebanhando a um chamado seu, no momento em que marchava para derrotar Barad-dûr. E então todas as nuvens se dissipavam e o sol branco brilhava, e a uma ordem sua o vale de Gorgoroth se transformava num jardim de flores e árvores que davam frutos. Ele só tinha de colocar o Anel e reivindicar a sua posse, e tudo isso podia acontecer.

Naquela hora de provação, foi o amor por seu mestre que mais ajudou a manter-se firme; mas também, no fundo de seu ser, ainda vivia independente seu senso simples de hobbit: sabia em seu coração que não era grande o suficiente para carregar tal fardo, mesmo que aquelas visões não fossem apenas uma mera ilusão para atraiçoá-lo. O pequeno jardim de um jardineiro livre era tudo o que desejava e de que precisava, não um jardim expandido em um reino; queria trabalhar com as próprias mãos, e não ter as mãos dos outros para comandar.

— E de qualquer forma todas essas sensações são apenas uma armadilha — disse ele para si mesmo. — Ele me acharia e me faria morrer de medo antes que conseguisse sequer gritar. Ele me acharia bem rápido, se eu colocasse o Anel aqui em Mordor. Bem, tudo o que posso dizer é: as coisa parecem desastrosas como uma geada na primavera. Bem na hora em que

estar invisível seria realmente útil, não posso usar o Anel! E, se consegui avançar mais um pouco, ele não vai passar de um fardo e um peso a cada passo. Então, que devo fazer?

Na verdade, ele não estava em dúvida. Sabia que precisava descer até o portão e não ficar ali por mais tempo. Com um dar-de-ombros, como se quisesse afastar a sombra e livrar-se dos fantasmas, começou a descer lentamente. A cada passo tinha a impressão de que diminuía. Não tinha ido muito longe e já se via reduzido de novo ao tamanho de um hobbit bem pequeno e amedrontado. Estava agora passando sob as próprias muralhas da Torre, e os gritos e ruídos de luta podiam ser ouvidos sem a ajuda do Anel No momento, o barulho parecia estar vindo do pátio que ficava atrás da muralha externa.

Sam estava no meio de sua descida pela trilha quando do portão escuro vieram dois orcs correndo, surgindo no clarão vermelho. Não se viraram para ele. Estavam se dirigindo para a estrada principal, mas enquanto corriam tropeçaram e caíram no chão, ficando imóveis. Sam não vira flechas. mas supunha que os orcs tinham sido feridos por outros que estavam nas E ameias ou escondidos na sombra do portão. Avançou, encostando-se na muralha à esquerda. Um olhar para cima lhe revelara que não havia possibilidade de escalá-la.

O trabalho em pedra se erguia a uma altura de nove metros, sem qualquer rachadura ou patamar, até atingir saliências que pareciam degraus invertidos. O portão era o único caminho.

Para a frente, e, enquanto avançava, perguntava-se quantos orcs viviam na Torre com Shagrat, e quantos Gorbag tinha, e qual seria o motivo de sua discussão, se era isso o que estava acontecendo. Tivera a impressão de que a companhia de Shagrat era composta de quarenta elementos, e a de Gorbag lhe parecia mais de duas vezes maior; mas sem dúvida a patrulha de Shagrat representara apenas uma parte de sua guarnição. Era quase certeza que estavam discutindo sobre Frodo e o espólio. Por um segundo Sam parou pois de repente as coisas lhe pareceram claras, como se as tivesse visto com os próprios olhos. O casaco de mithril! Era claro, Frodo o estava vestindo, e eles o achariam. E, pelo que Sam pudera ouvir, Gorbag o cobiçava. Mas a ordens da Torre Escura eram agora a única proteção de Frodo, e, se fossem

ignoradas, ele poderia ser morto a qualquer momento.

— Vamos lá, seu preguiçoso miserável! exclamou Sam para si mesmo. — Agora, vamos! — Sacou Ferroada e correu na direção do portão aberto Mas, no momento em que estava prestes a passar embaixo do grande arco, sentiu um choque: como se tivesse batido contra alguma teia como a de Laracna, mas desta vez invisível. Não conseguia enxergar obstáculo algum mas algo forte demais para que pudesse superar pela força de sua vontade barrava-lhe o caminho. Olhou ao redor, e então dentro da sombra do portão viu as Duas Sentinelas.

Eram como grandes figuras sentadas em tronos. Cada uma tinha três corpos unidos, e três cabeças olhando para fora, e para dentro, e através do portão. As cabeças tinham caras de abutres, e em seus grandes joelhos descansavam mãos em forma de garras. Pareciam ter sido entalhadas em enormes blocos de pedra, imóveis, e apesar disso estavam vigilantes: algum espírito terrível de vigilância maligna morava nelas. Conheciam quem era um inimigo. Visível ou invisível, ninguém poderia passar despercebido. Proibiriam sua entrada, ou sua fuga.

Forçando sua disposição, Sam lançou o corpo outra vez para a frente e parou com um solavanco, cambaleando como se tivesse levado um murro na cabeça e no peito. Então, com enorme ousadia, porque não conseguia pensar em mais nada, respondendo a um pensamento repentino que lhe ocorreu, puxou lentamente o frasco de Galadriel e o ergueu. Rápido a luz branca ganhou vida, e as sombras sob o arco escuro fugiram. As monstruosas Sentinelas continuavam ali sentadas, frias e imóveis, reveladas em toda a sua forma hedionda. Por um momento Sam capturou um faiscar nas pedras negras de seus olhos, cuja própria malícia o fez vacilar; mas lentamente sentiu que a vontade delas titubeava e desmoronava de medo. Passou por elas num salto, mas no momento em que fazia isso, escondendo o frasco de volta em seu peito, percebeu nitidamente, como se uma barra de aço tivesse descido de súbito atrás dele, que a vigilância fora renovada. E daquelas cabeças malignas veio um grito agudo que ecoou nas altas muralhas diante dele. Lá em cima, como um sinal em resposta, um sino estridente emitiu um único toque.

— Tudo acabado! — disse Sam. — Agora toquei a campainha da

porta da frente! Bem, que alguém apareça! — gritou ele. — Digam ao Capitão Shagrat que o grande Guerreiro Élfico está aqui, e veio com sua espada élfica!

Não houve resposta. Sam avançou a passos largos. Ferroada emanava um brilho azul em sua mão. O pátio estava envolto em sombras, mas ele podia ver que a calçada estava coberta de corpos. Bem aos seus pés estavam dois arqueiros-orcs com facas enfiadas nas costas. Mais além jaziam muitas outras formas; algumas sozinhas, pois haviam sido golpeadas ou flechadas, outras em pares, uma ainda agarrada à outra, mortas em meio ao espasmo de golpear, esganar, morder. As pedras, borrifadas com sangue escuro, estavam escorregadias.

Sam notou dois uniformes, um marcado com o Olho Vermelho, o outro com uma Lua desfigurada, representando um rosto fantasmagórico de morte; mas ele não parou para olhar mais atentamente. Do outro lado do pátio, uma grande porta ao pé da Torre estava entreaberta, e uma luz vermelha escapava por ela; um grande orc jazia morto no limiar. Sam saltou por sobre o corpo e entrou; depois olhou em volta, perdido. Um corredor largo e retumbante conduzia da porta para a encosta da montanha. Estava parcamente iluminado com tochas de chamas trêmulas presas a suportes nas paredes, mas seu fim distante se perdia na escuridão. Podiam-se ver muitas portas e aberturas dos dois lados, mas o corredor estava vazio, a não ser por mais dois ou três corpos esparramados no chão. Pelo que ouvira da conversa do capitão, Sam sabia que, vivo ou morto, Frodo poderia mais provavelmente ser encontrado num cômodo bem em cima do torreão superior, mas poderia levar um dia de buscas antes que Sam achasse o caminho.

— Suponho que fique perto dos fundos — murmurou Sam. — Toda a Torre sobe inclinando-se para trás. E, de qualquer forma, é melhor que eu siga essas luzes.

Avançou pelo corredor, mas agora devagar, cada passo mais relutante que o anterior. O terror estava começando a dominá-lo outra vez. Não se ouvia qualquer som, exceto a batida de seus pés, que parecia aumentar num barulho ecoante, como o estapear de grandes mãos sobre as rochas. Os cadáveres, o vazio, a umidade das paredes negras que à luz das

tochas parecia sangue escorrendo, o medo de uma morte súbita espreitando em alguma porta ou sombra, e atrás de tudo em sua mente a malícia vigilante e atenta no portão: tudo aquilo quase ultrapassava o que ele podia forçar-se a enfrentar. Sam teria preferido uma luta — não com muitos inimigos de uma só vez àquela hedionda e crescente incerteza. Fez um esforço para pensar em Frodo, acorrentado, sofrendo ou morto em algum ponto daquele lugar aterrorizante. Continuou a avançar. Já ultrapassara além da luz das tochas, quase chegando a uma grande porta em arco no fim do corredor, o lado interno do portão inferior, como corretamente supusera, quando ouviu lá de cima um guincho horrível e estrangulado.

Parou de repente. Então ouviu passos se aproximando. Alguém estava correndo a uma grande velocidade, descendo por uma escada ecoante acima de onde Sam estava. Sua força de vontade foi muito fraca e lenta para impedir-lhe o movimento da mão, que buscou a corrente e agarrou o Anel. Mas Sam não o colocou no dedo, pois, no momento em que o agarrava junto ao peito, um orc veio descendo aos trambolhões. Saltando de um buraco escuro à direita, correu na direção de Sam. Já estava a menos de seis passos quando, erguendo a cabeça, viu o hobbit, e Sam pôde ouvir sua respiração entrecortada e ver o brilho em seus olhos injetados de sangue. A criatura parou de repente, aterrorizada, pois o que viu não foi um hobbit pequeno e amedrontado que tentava empunhar uma espada com firmeza: diante de seus olhos estava um grande vulto silencioso, coberto por uma sombra cinzenta, assomando contra a luz vacilante atrás de si; em uma mão segurava uma espada, cuja própria luz já representava uma dor terrível, e a outra estava fechada contra o peito, mas escondia alguma inominável ameaça de força e destruição.

Por um momento o orc ficou agachado, e depois, com um grito hediondo de medo, virou-se e fugiu correndo por onde viera. Diante daquela fuga inesperada, Sam sentiu-se mais encorajado do que qualquer cachorro quando vê o inimigo virar as costas e correr apavorado. Com um grito correu ao encalço dele.

— Sim, o Guerreiro Élfico está à solta! — gritou ele. — Estou chegando. você me mostra o caminho até lá em cima, ou vou arrancar-lhe a pele!

Mas o orc estava em seus próprios domínios, era ligeiro e bem-nutrido. Sam era um forasteiro, faminto e cansado. Os degraus eram muitos íngremes e sinuosos. Sam começou a ter dificuldades para respirar. O orc logo sumiu de vista, e agora mal se ouviam as fracas batidas de seus pés em fuga para o alto. As vezes dava um grito, cujo eco percorria as paredes. Mas lentamente todo o ruído silenciou.

Sam avançava a duras penas. Sentia que estava no caminho certo, e sua disposição melhorara bastante. Guardou o Anel e apertou o cinto.

— Bem, bem! — disse ele. — Se pelo menos todos eles sentirem por mim e minha Ferroada uma aversão semelhante, isso pode acabar melhor do que eu esperava. E, de qualquer forma, parece que Shagrat, Gorbag e companhia já fizeram quase todo o trabalho por mim. Com a exceção daquele pequeno rato apavorado, acho que não resta ninguém vivo no lugar! — ao dizer isso parou, de súbito, como se tivesse batido a cabeça contra a parede de pedra. O pleno significado do que dissera surpreendeu-o como um murro. Não resta ninguém vivo! De quem fora aquele horrível grito agudo de morte?

— Frodo, Frodo! Mestre! — gritou ele aos soluços. — Se eles mataram, que farei? Bem, estou chegando finalmente, exatamente ao topo, e verei o que houver para ser visto.

Foi subindo sem parar. Estava escuro, a não ser por uma tocha ocasional, bruxuleando numa curva, ou ao lado de alguma abertura que conduzia para os níveis superiores da Torre. Sam tentou contar os degraus mas depois de duzentos perdeu a conta. Agora se movia sem fazer ruido, pois tinha a impressão de poder ouvir o som de vozes conversando, ainda bem acima. Restava mais de um rato vivo, ao que parecia.

De repente, quando sentia que não poderia mais respirar, e que seus joelhos já não teriam forças para se dobrar de novo, a escada terminou.

Sam ficou imóvel. As vozes agora soavam altas e próximas. Espiou ao redor. Tinha subido direto para o teto plano do terceiro e mais alto patamar da Torre: um espaço aberto, de cerca de vinte metros de largura, com um parapeito baixo. Ali a escada era coberta por um cômodo pequeno e abobadado no meio do teto, com portas baixas que davam para o leste e para o oeste. A leste Sam conseguia enxergar a planície de Mordor, vasta e escura

lá embaixo, e a montanha incandescente na distância. Um novo tumulto estava começando em seus profundos poços, e os rios de fogo reluziam com tanta força que mesmo numa distância de muitas milhas a sua luz iluminava o topo da torre com um clarão vermelho. A oeste a visão ficava bloqueada pela base do grande torreão que se erguia atrás deste pátio superior, e projetava seu chifre bem acima da borda das colinas circundantes. Uma luz vinha da fenda de uma janela. A porta ficava a menos de dez metros de onde se encontrava Sam. Estava aberta mas escura, e de suas sombras vinham as vozes.

No inicio Sam não prestou atenção; afastou-se um passo da porta leste e olhou ao redor. Imediatamente viu que lá em cima a luta fora acirradíssima. Todo o pátio estava abarrotado de orcs mortos, ou ainda de cabeças e pernas decepadas. O lugar fedia a morte. Um rosnado seguido de um golpe e um grito mandou Sam de volta para seu esconderijo feito flecha. Uma voz de orc se ergueu furiosa, e Sam a reconheceu na hora, rouca brutal, fria. Era Shagrat, o Capitão da Torre, falando.

— Está dizendo que não vai outra vez? Maldito Snaga, seu pequeno verme! Se acha que estou tão machucado que você pode zombar de mim, está errado. Venha aqui, e vou arrancar seus olhos, como acabei de fazer com Radbug. E, quando outros rapazes vierem, vou cuidar de vocês: vou enviá-los para Laracna.

— Eles não virão, não antes que você esteja morto, de qualquer forma — respondeu Snaga zangado. — Eu lhe disse duas vezes que os porcos de Gorbag chegaram ao portão primeiro, e nenhum dos nossos voltou de lá. Lagduf e Muzgash atravessaram correndo, mas foram alvejados. Vi de uma janela, estou lhe dizendo. E eles eram os últimos.

— Então você deve ir. Eu preciso ficar aqui, de qualquer forma. Ma estou ferido. Que os Abismos Negros recebam aquele rebelde nojento de Gorbag!

— A voz de Shagrat começou a enfileirar uma série de palavrões e pragas.

— Dei-lhe mais do que recebi, mas ele me apunhalou, aquele estrume, antes que eu o estrangulasse. Você deve ir, ou vou devorá-lo. As noticias devem chegar a Lugbúrz, ou nós dois acabaremos nos Abismos

Negros. É sim, você também. Não vai escapar se escondendo aqui.

— Não vou descer esses degraus de novo — rosnou Snaga —, seja você capitão ou não. Não! Tire as mãos de sua faca, ou vou enfiar uma flecha em suas tripas. Você não será capitão por muito tempo quando Eles ouvirem sobre tudo o que aconteceu. Lutei pela Torre, contra aqueles ratos fedorentos de Morgul, mas vocês dois, os capitães, fizeram uma bela bagunça lutando pelo espólio.

— Já chega! — rosnou Shagrat. — Eu tinha ordens a cumprir. Fo Gorbag quem começou, tentando pegar aquela bela camisa. Bem, foi você quem o deixou com raiva, com esse jeito orgulhoso e superior. E ele teve mais senso que você, de qualquer forma. Ele disse mais de uma vez que o mais perigoso desses espiões ainda estava à solta, e você não quis ouvir. E não quer ouvir agora. Eu lhe digo, Gorbag estava certo. Há um grande lutador por aí, um desses elfos de mãos sanguinárias, ou um dos tarks imundos. Está vindo para cá, estou lhe dizendo. Você ouviu o sino. Ele já passou pelas Sentinelas, e isso é serviço de tark. Ele está na escada. E, até que esteja longe, não vou descer. Nem que você fosse um nazgúl eu desceria.

— Então é assim? — gritou Shagrat. Você vai fazer isso, não vai fazer aquilo? E, quando ele vier, vai sair correndo e me deixar? Ah, não vai não. Antes disso vou fazer em sua barriga uns buracos vermelhos como fazem os vermes.

O orc menor saiu correndo pela porta do torreão. Atrás dele veio Shagrat, um orc grande com braços compridos que, correndo ele agachado, alcançavam o chão. Mas um braço estava ferido e parecia sangrar; o outro segurava um grande fardo preto. No clarão vermelho Sam, encolhendo-se atrás da porta da escadaria, viu de relance seu rosto mau, quando ele passou: parecia que garras cortantes o haviam rasgado, e estava sujo de sangue; pingava baba de suas presas pontudas; rosnava como um animal.

Pelo que Sam pôde perceber, Shagrat perseguiu Soaga ao redor da cobertura, até que, agachando-se e despistando-o, o orc menor arremessou-se com um grito para dentro da torre outra vez e desapareceu. Então Shagrai parou. Da porta leste Sam podia vê-lo agora próximo ao parapeito resfolegando, sua garra esquerda abrindo-se e fechando-se sem forças.

Colocou o fardo no chão e com a garra direita sacou uma longa faca vermelha e cuspiu nela. Indo até o parapeito, debruçou-se, examinando o pátio externo lá embaixo. Gritou duas vezes, mas não veio nenhuma resposta.

De repente, no momento em que Shagrai se abaixava sobre a ameia com as costas para o topo do telhado, Sam viu surpreso que um dos corpos espalhados estava se mexendo. Arrastava-se. Esticou uma garra e pegou o fardo. Levantou-se com dificuldade. Na outra mão segurava uma lança de ponta larga e haste curta quebrada.

Estava preparado para dar um golpe certeiro. Mas nesse exato momento um chiado escapou-lhe pelos dentes, um resfolegar de dor ou ódio. Rápido como uma serpente, Shagrat deslizou para o lado, virou-se e enfiou sua faca na garganta do inimigo.

— Te peguei, Gorbag! — gritou ele. — Não está bem morto, hein? Betu agora vou terminar meu trabalho. — Saltou sobre o corpo caído e começou a pisoteá-lo e esmagá-lo em sua fúria, abaixando-se vez por outra para furar e rasgar com a faca. Finalmente satisfeito, jogou a cabeça para trás e emitiu um horrível grito gorgolejante de triunfo. Depois lambeu a faca, colocando-a em seguida entre os dentes.

Pegando então o fardo, veio mancando na direção da porta mais próxima que dava para a escadaria.

Sam não teve tempo para pensar. Poderia ter escapado pela outra porta, mas seria praticamente impossível não ser visto; por outro lado, não poderia brincar de esconde-esconde com aquele orc hediondo por muito tempo. Fez o que provavelmente foi a melhor coisa que poderia ter feito. Saltou contra Shagrat com um grito.

Não estava mais segurando o Anel, mas ele estava lá, um poder oculto, uma ameaça assustadora para os escravos de Mordor; e em sua mão levava Ferroada, cuja luz feriu os olhos do orc como o brilho das estrelas cruéis das terríveis terras dos elfos: sonhar com aquelas estrelas já incutia um gélido terror em toda a sua espécie. E Shagrat não conseguia lutar e segurar seu tesouro ao mesmo tempo. Parou, rosnando, mostrando as presas. Então mais uma vez, á maneira dos orcs, saltou de lado, e, quando Sam pulou sobre ele, o orc, usando o fardo pesado como escudo e arma, arremessou-o com

força no rosto do inimigo. Sam cambaleou e, antes que pudesse se recuperar, Shagrat passou por ele como um dardo, descendo a escada.

Sam correu atrás dele, praguejando, mas não chegou muito longe. Logo o pensamento em Frodo retornou-lhe á mente, e ele se lembrou de que o outro orc tinha voltado para dentro do torreão. Ali estava outra escolha terrível, e não restava tempo para ponderar. Se Shagrat escapasse, logo conseguiria ajuda e voltaria. Mas, se Sam o perseguisse, talvez o outro orc fizesse alguma coisa horrível lá em cima. E, de qualquer modo, Shagrat poderia escapar de Sam ou matá-lo. Virou-se depressa e subiu correndo a escada.

— Errado de novo, eu acho! — disse ele suspirando. — Mas meu serviço é ir primeiro diretamente para o topo, não importa o que aconteça depois.

Lá embaixo Shagrat continuou descendo a escada, saindo para o pátio e passando através do portão, com seu fardo precioso. Se Sam o tivesse visto e percebido a dor que tal fuga traria, poderia ter vacilado. Mas agora sua mente estava fixa na última etapa de sua procura. Chegou cautelosamente até a porta do torreão e entrou.

A porta se abria para a escuridão. Mas logo seus olhos perscrutadores perceberam uma luz fraca á direita. Vinha de uma abertura que conduzia a outra escadaria, escura e estreita: parecia ir subindo em caracol pelo torreão, ao longo do interior de sua parede externa, que era redonda. Uma tocha bruxuleava em algum ponto mais acima.

Sam começou a subir sem fazer ruido. Chegou até a tocha gotejante presa acima de uma porta à esquerda, que dava para a abertura de uma janela sobre o oeste: um dos olhos vermelhos que Frodo e ele haviam visto lá debaixo, perto da boca do túnel. Depressa Sam passou pela porta e correu para o segundo pavimento, temendo a qualquer instante ser atacado e sentir dedos estranguladores agarrarem-lhe a garganta por trás. Chegou perto de uma janela que dava para o leste e de uma outra tocha acima da porta de um corredor que passava pelo meio do torreão. A porta estava aberta e O corredor escuro, a não ser pelo brilho da tocha e o clarão vermelho lá de fora, filtrados pela fenda da janela. Mas a escada terminava ali, e não subia mais. Sam voltou para o corredor. De cada lado havia uma

porta baixa; ambas fechadas e trancadas. Não se ouvia nada.

— Beco sem saída — murmurou Sam —; e depois de tanta escalada Este não pode ser o topo da torre. Mas que posso fazer agora?

Correu de volta para o pavimento inferior e forçou a porta, que nãc cedeu. Correu para cima de novo, e o suor começou a escorrer-lhe pelc rosto. Sentia que os minutos eram preciosos, mas escapavam um a um, e nãc havia nada que pudesse fazer. Não se importava mais com Shagrat ou Snaga ou qualquer outro orc que jamais fora parido no mundo. Só pensava em seu mestre, desejando uma visão de seu rosto ou um toque de sua mão. Por fim, sentindo-se exausto e de uma vez por todas derrotado, sentou-se num degrau abaixo do nível do corredor e curvou a cabeça, apoiando-a nas mãos. Estava tudo quieto, num silêncio horrível. A tocha, que já tinha um fogo baixo quando ele chegara, crepitou e se extinguiu, e Sam sentiu a escuridão cobri-lo como uma onda.

Depois, suavemente, para a sua própria surpresa, lá no remoto fim de sua longa jornada e de sua tristeza, movido por um pensamento em seu coração que não sabia distinguir, Sam começou a cantar. Sua voz soava fraca e vacilante na torre fria e escura: a voz de um hobbit exausto e desolado que nenhum orc á escuta poderia confundir com o canto cristalino de um Senhor Élfico. Sam murmurava velhas toadas infantis do Condado, e trechos das rimas do Sr. Bilbo que lhe vinham à mente Como cena passageiras de sua terra natal. E então, de repente, uma nova força nasceu dentro dele, e sua voz soou firme, enquanto palavras de sua Própria autoria chegaram, sem terem sido chamadas, para encaixar-se na melodia simples.

Pode o oeste ao sol que brilha
em primavera estar,
no verde em flor, do rio na trilha,
o tentilhão cantar
Ou lá talvez em noites claras,
estrelas de elfos, joias raras,
exibam seus apelos.

Embora aqui, jornada finda,

tu, escuridão, me afluas,
além das altas torres ainda
e das montanhas rijas,
além das sombras vai o sol
e estrelas há nos céus.
E não direi: "Morreu o sol"
e nem direi adeus.

— Além das altas torres ainda — começou ele outra vez, e entãc parou de repente. Teve a impressão de ouvir uma voz fraca respondendo à sua. Mas agora não ouvia mais nada. Sim, podia ouvir alguma coisa, mas nãc uma voz.

Passos se aproximavam. Agora uma porta estava sendo aberta con todo o cuidado no corredor acima; as dobradiças rangeram. Sam se agachou e ficou escutando. A porta se fechou com um ruido abafado, e então soou uma voz rosnante de orc.

— Olá! Você ai em cima, seu rato estrumeiro! Pare de guinchar ou vou cuidar de você. Está ouvindo?

Não houve resposta.

— Tudo bem — rosnou Snaga. — Mas vou até ai dar uma olhada em você de qualquer jeito, e ver o que você está aprontando.

As dobradiças rangeram de novo e Sam, agora espiando por cima dc canto do limiar do corredor, viu uma faisca de luz vinda de uma porta aberta, e a forma apagada de um orc saindo por ela. Parecia estar carregando uma escada. Num lampejo, Sam percebeu a resposta: para chegar ao cômodo mais alto era necessário passar por um alçapão no teto do corredor. Snaga empurrou a escada para cima, firmou-a, e depois subiu por ela até sumir de vista. Sam ouviu um ferrolho sendo puxado. Depois ouviu a voz hedionda falando de novo.

— Deite-se ai e fique quieto, ou pagará por isso! Acho que não lhe resta muito tempo para viver em paz, mas, se não quiser que a diversão comece já, mantenha sua matraca fechada, está ouvindo? Aí vai um lembrete, para que não se esqueça!

Fez-se um ruido como o de uma chicotada.

Ao ouvir isso, o ódio ardeu no coração de Sam, transformando-se numa fúria repentina. Saltou de pé, correu e subiu pela escada como um gato. Sua cabeça surgiu no meio do chão de um grande cômodo redondo. Uma lâmpada vermelha pendia do teto; a fenda da janela que dava para o oeste era alta e escura. Alguma coisa jazia no solo perto da parede sob a janela mas sobre ela escarranchado aparecia o vulto negro de um orc.

Levantou o chicote uma segunda vez, mas o golpe nunca foi desferido. Com um grito Sam saltou cruzando o chão, empunhando Ferroada. O orc virou-Se, mas antes que pudesse fazer qualquer gesto Sam decepou-lhe a mão que segurava o chicote. Uivando de dor e medo, mas enfurecido, o orc avançou sobre ele com a cabeça baixa. O próximo golpe de Sam passou longe e, perdendo o equilíbrio, ele caiu para trás, agarrando-se no orc no momento em que este tropeçava sobre seu corpo. Antes de conseguir ficar de pé, Sam ouviu um grito e um baque. O orc, em sua pressa louca, tropeçara na ponta da escada e caíra pela abertura do alçapão. Sam deixou de pensar nele. Correu para a figura encolhida no chão. Era Frodo. Estava nu e parecia desmaiado, jazendo sobre um monte de trapos imundos: seu braço estava erguido, protegendo a cabeça, e através de seu flanco desenhava-se a feia marca de uma chicotada.

— Frodo! Sr. Frodo, meu querido! — gritou Sam, com as lágrimas quase a cegá-lo. — É Sam, eu cheguei! — Soergueu o corpo do mestre apertando-o contra o peito. Frodo abriu os olhos.

— Ainda estou sonhando? — murmurou ele. — Mas os outros sonhos foram terríveis.

— O senhor não está sonhando de jeito nenhum, Mestre — disse Sam. — É verdade. Sou eu. Eu cheguei.

— Mal posso acreditar — disse Frodo, agarrando-o. — Havia um orc com um chicote, e então ele se transforma em Sam! Então afinal de contas eu não estava sonhando quando escutei alguém cantando lá embaixo e tentei responder? Era você?

— Era sim, Sr. Frodo. Tinha perdido as esperanças, quase. Não conseguia encontrá-lo.

— Bem, agora conseguiu, Sam, querido Sam — disse Frodo recostando-se nos braços delicados do amigo, fechando os olhos, como uma

criança que descansa depois que os temores da noite são afastados por alguma voz ou mão amada.

Sam sentia que poderia ficar ali sentado numa felicidade interminável, mas isso não era permitido. Não era suficiente que encontrasse seu mestre; tinha ainda de tentar salvá-lo. Beijou a testa de Frodo.

— Vamos! Acorde, Sr. Frodo! — disse ele, tentando imprimir à voz o mesmo entusiasmo que costumava ter quando abria as cortinas em Bolsão numa manhã de verão.

Frodo suspirou e recostou-se.

— Onde estamos? Como vim parar aqui? — perguntou ele.

— Não há tempo para histórias, até chegarmos a algum outro lugar, Sr. Frodo — disse Sam. — Mas o senhor está no topo daquela torre que nós dois vimos de lá de baixo, perto do túnel, antes que orcs o capturassem. Quanto tempo faz eu não sei. Mais que um dia, eu acho.

— Só isso? — disse Frodo. — Parecem semanas. Você precisa me contar tudo, se tivermos uma chance. Alguma coisa me atingiu, não foi? E eu cai na escuridão e em sonhos ruins; depois acordei e vi que acordar foi pior. Um monte de orcs ao meu redor. Acho que tinham acabado de despejar alguma bebida horrível e ardente pela minha garganta abaixo. Minha cabeça clareou, mas eu estava cansado e sentindo dores. Despiram-me de tudo, e então dois grandes brutos vieram me interrogar, interrogaram-me até que achei que ia enlouquecer, vinham por cima de mim, olhando-me com avidez, acariciando as facas. Nunca vou esquecer aqueles olhos e aquelas garras.

— Não vai mesmo, se ficar falando neles, Sr. Frodo — disse Sam. — E se não quisermos vê-los de novo, quanto mais cedo sairmos daqui, melhor. Consegue andar?

— Consigo sim — disse Frodo, levantando-se devagar. — Não estou ferido, Sam. Só me sinto muito cansado, e tenho uma dor aqui. — Colocou a mão no pescoço, acima do ombro esquerdo. Ficou de pé, e Sam teve a impressão de que ele estava vestindo chamas: sua pele nua estava escarlate à luz da lamparina. Duas vezes cruzou o recinto.

— Assim está melhor! — disse ele, um pouco mais animado. — Eu

não ousava me mexer quando era deixado sozinho, ou um dos guardas chegava. Até que a gritaria e a luta começaram. Os dois grandes brutamontes: discutiram, eu acho. Sobre mim e meus pertences. Fiquei aqu apavorado. E então tudo ficou num silêncio mortal, e isso foi pior.

— É, eles discutiram, ao que parece — disse Sam. – Devia haver umas duzentas dessas criaturas imundas neste lugar. Uma encomenda grande demais para Sam Gamgi, como diria o senhor. Mas eles mesmos se mataram Foi um golpe de sorte, mas não há tempo para fazer uma canção sobre c acontecido, até que estejamos longe daqui. Agora, que devemos fazer"? C senhor não pode sair caminhando pela Terra Escura nu em pêlo, Sr. Frodo.

— Eles levaram tudo, Sam — disse Frodo. — Tudo o que eu tinha Você está entendendo? Tudo! — Agachou-se no chão de novo com a cabeça curvada, pois suas próprias palavras lhe trouxeram a totalidade do desastre, e o desespero o dominou. — A Demanda fracassou, Sam. Mesm que consigamos sair daqui, não poderemos escapar. Só os elfos podem escapar. Para longe, longe da Terra-média, do outro lado do Mar. Mesm assim, só se o Mar for vasto o suficiente para manter a Sombra longe.

— Não, nem tudo, Sr. Frodo. E a Demanda não fracassou, ainda nã Eu o peguei, Sr. Frodo, com as suas desculpas. E guardei-o a salvo. Esta e volta do meu pescoço agora, e é um fardo terrível, sem dúvida. — Sam tateou o peito buscando o Anel na corrente. — Mas suponho que o senho deve pegá-lo de volta. — Agora que tinha chegado a hora, Sam relutava em desfazer-se do Anel e sobrecarregar seu mestre com ele de novo.

— Você está com ele? — disse Frodo otegante. — Esta com ele aqui Sam, você é um prodígio! — Então o tom de sua voz mudou de forma rápida e estranha.

— Passe-o para mim! — gritou ele, levantando-se e estendendo uma mão trêmula. — Passe-o para cá imediatamente! Não pode ficar com ele!

— Está bem, Sr. Frodo — disse Sam, bastante surpreso. – Aqui esta! - Lentamente puxou o Anel e passou a corrente sobre a cabeça. — Mas senhor está agora na terra de Mordor e, quando sair daqui, verá a Montanha de Fogo e tudo mais. Vai perceber que o Anel ficou muito perigoso agora, muito difícil de carregar. Se for um trabalho difícil, posso dividi-lo com c senhor, quem sabe?

— Não, não! — gritou Frodo, arrebatando o Anel e a corrente da mãos de Sam. — Nada disso, seu ladrão! — Ofegante, fixava Sam com olhc esbugalhados de medo e hostilidade. Então, de repente, fechando o Ane em uma das mãos, ficou horrorizado. Uma névoa pareceu se dissipar de seus olhos, e ele passou a outra mão sobre a testa, que lhe doía. A visão hedionda lhe parecera tão real, a ele que ainda estava meio perturbado devido ao ferimento e ao medo. Sam se transformara diante de seus olhos num orc, num orc esperto que tateava seu corpo em busca de seu tesouro, uma pequena criatura suja com olhos ávidos e boca salivante. Mas agora a visãc passara. Ali estava Sam, ajoelhado diante dele, com o rosto contorcido de dor, como se tivesse sido apunhalado no coração; lágrimas brotavam-lhe dos olhos.

— Oh Sam! — exclamou Frodo. — Que foi que eu disse? Que foi qu fiz? Perdoe-me! Depois de tudo o que fez. É o poder horrível do Anel Gostaria que nunca, nunca ele tivesse sido encontrado. Mas não se importe comigo, Sam. Devo carregar o fardo até o fim. Isso não se pode mudar. Voc não pode intervir entre mim e esse destino.

— Está tudo bem, Sr. Frodo — disse Sam, limpando os olhos com manga da camisa. — Eu entendo. Mas ainda posso ajudar, não posso? Preciso tirá-lo daqui. Imediatamente! Mas primeiro o senhor precisa de umas roupas, e depois de alguma comida. As roupas serão o mais fácil. Como estamos em Mordor, é melhor nos vestirmos á maneira de Mordor; de qualquer forma não há escolha. Terá de ser coisa de orc para o senhor, Sr. Frodo, receio eu. E para mim também. Se vamos juntos, é melhor estarmo vestidos do mesmo jeito. Agora, ponha isso em volta do corpo.

Sam abriu a capa cinzenta e jogou-a sobre os ombros de Frodo. Depois, desafivelando a mochila, colocou-a no chão. Sacou Ferroada da bainha. Ma se via um faiscar em sua lâmina.

— Estava me esquecendo disso, Sr. Frodo — disse ele. — Não, ele não levaram tudo! O senhor me emprestou Ferroada, se pode se lembrar, e c cristal da Senhora. Ainda os tenho Comigo. Mas empreste-os por mais ur pouco de tempo, Sr. Frodo. Preciso ir ver o que posso encontrar. O senhc fica aqui. Caminhe um pouco pelo quarto e descance as pernas. Não vou demorar muito.

— Tome cuidado, Sam! — disse Frodo. — E seja rápido. Pode have orcs ainda vivos, esperando à espreita.

— Preciso arriscar — disse Sam. Dirigiu-se até o alçapão e começou descer a escada. Num minuto sua cabeça reapareceu. Jogou uma faca comprida no chão.

— Aí está algo que pode ser útil — disse Sam. — Ele está morto aquele que o chicoteou. Quebrou o pescoço, ao que parece, em sua pressa. Agora o senhor puxe a escada, se conseguir, Sr. Frodo; e não a desça até me ouvir dando a senha. Chamarei Elbereth. O que dizem os elfos. Nenhum orc diria isso.

Frodo ficou por um tempo sentado, tremendo; medos terríveis surgiam uns atrás dos outros em sua mente. Depois levantou-se, passou a capa élfica ao redor do corpo e, para manter a mente ocupada, começou a caminhar de um lado para o outro, esquadrinhando e espiando todos os cantos da prisão. Não demorou muito tempo, embora o medo fizesse parecer que no mínimo uma hora se passara, até que ouvisse a voz de Sam chamando baixinho lá de baixo: Elbereth, Elbereth. Frodo desceu a leve escada. Sam subiu, bufando, carregando um enorme fardo na cabeça. Deixou-o cair com um baque surdo.

— Depressa agora, Sr. Frodo! — disse ele. — Tive de procurar muit atê encontrar alguma coisa pequena o suficiente para pessoas como nós. Vamos ter de adaptar. Mas precisamos nos apressar. Não encontrei nada vivo, e também não vi nada, mas não estou tranquilo. Acho que este lugar está sendo vigiado. Não posso explicar, mas veja: tenho uma sensação de que um daqueles infames Cavaleiros voadores estava por perto, lá em cima na escuridão, onde não pode ser visto.

Abriu o fardo. Frodo olhou enojado para o conteúdo, mas não havia nada a fazer: tinha de vestir aquelas coisas, ou ir pelado. Havia culotes compridos e peludos da pele de algum animal impuro, e uma túnica de couro imundo. Vestiu-os. Sobre a túnica ia um casaco resistente de malha metálica, curto para um orc grande, mas comprido e pesado demais para Frodo. Em volta dele prendeu um cinto, do qual pendia uma bainha curta que segurava uma espada de lâmina larga. Sam trouxera vários capacetes de orcs. Um deles serviu bem na cabeça de Frodo, uma touca negra com aba de

ferro, e arcos de ferro cobertos de couro sobre os quais estava pintado em vermelho o Olho maligno, acima de uma bicuda proteção para o nariz.

— As coisas de Morgul, as roupas de Gorbag, eram melhores e mai bem feitas — disse Sam —, mas acho que não daria certo ficar andando em Mordor com os símbolos dele, depois do que aconteceu aqui. Bem, aí está, Sr Frodo. Um perfeito orczinho se me permite o atrevimento — pelo meno seria, se cobrisse o rosto com uma máscara, tivesse braços mais compridos e as pernas arqueadas. Isso vai esconder algumas marcas características. - colocou uma grande capa negra em volta dos ombros de Frodo. — Agora senhor está pronto! Pode apanhar um escudo no caminho.

— E você, Sam? — disse Frodo. — Nós não vamos nos vestir de forma parecida?

— Bem, Sr. Frodo, estive pensando — disse Sam. — É melhor que e não deixe nada de minhas coisas para trás, e não podemos destruí-las. E nãc posso usar armadura de orc em cima de todas as minhas roupas, posso? Só preciso me cobrir.

Ajoelhou-se e com cuidado dobrou sua capa élfica, que se transformou num volume surpreendentemente pequeno. Colocou-o na mochila que estava no chão. Levantando-se,ajeitou-a nas costas, e jogou outra capa negra nos ombros.

— Pronto! — disse ele. — Agora estamos vestidos de forma praticamente igual. E precisamos sair daqui!

— Não posso fazer o caminho todo correndo, Sam — disse Frodo con um sorriso forçado. — Espero que tenha tomado informações sobre estalagens ao longo da estrada! Ou você se esqueceu da comida e da bebida?

— Desculpe-me, mas realmente me esqueci — disse Sam. Soltou un assobio de desânimo. — Puxa vida, Sr. Frodo, mas agora o senhor me fe sentir uma fome e uma sede terríveis! Não sei quando foi a última vez que alguma gota ou petisco passou pelos meus lábios. Tinha esquecido, tentandc encontrá-lo. Mas deixe-me pensar! A última vez que olhei, eu tinha uma quantidade suficiente de pão de viagem, e, das coisas que o Capitão Farami nos deu, o suficiente para me manter de pé por algumas semanas, se fosse necessário. Mas não resta mais que uma gota em minha garrafa. Não vai se o suficiente para dois, de jeito nenhum. Os orcs não comem, e não bebem?

Ou será que vivem de ar sujo e veneno?

— Não, eles comem e bebem, Sam. A sombra que os criou só pode arremedar, não pode criar: nada realmente novo que se origine dela mesma. Não acho que lhes tenha dado vida, apenas os arruinou e deformou; e, se eles tiverem de viver, precisam viver como as outras criaturas. Ingerem carnes pútridas e águas sujas, se não conseguirem coisa melhor, mas veneno não. Alimentaram-me, e por isso estou em melhores condições que você. Deve haver comida e bebida por aqui em algum lugar.

— Mas não há tempo para procurar — disse Sam.

— Bem, as coisas estão um pouco melhor do que você pensa — disse Frodo. — Tive um bocado de sorte enquanto você estava longe. É verdade que não levaram tudo. Encontrei meu saco de comida em meio a uns trapos no chão. É claro que eles vasculharam tudo. Mas acho que odiaram a mera visão e o cheiro do lembas, mais ainda que Gollum. Está tudo espalhado e alguns estão pisados e quebrados, mas juntei os pedaços. Não é muito menos do que você tem. Mas levaram a comida de Faramir, e rasgaram minha garrafa de água.

— Bem, não há mais nada a dizer — disse Sam. — Temos o suficiente para começar a caminhada. Mas a água vai ser um problema. Mas venha Sr. Frodo. Vamos! Caso contrário um lago inteiro não nos adiantará de nada!

— Não até você ter comido alguma coisa, Sam — disse Frodo. — Não vou dar um passo. Aqui, pegue esse bolo élfico, e beba o último gole de sua garrafa! A coisa toda é muito desesperadora, então não adianta preocupasse com o amanhã. O amanhã provavelmente não virá.

Finalmente partiram. Desceram pela escada, que depois Sam recolheu e deitou no corredor, ao lado do corpo amontoado do orc morto. A escadaria estava escura, mas no teto ainda se podia ver o clarão da Montanha, embora estivesse morrendo num vermelho apagado. Apanharam dois escudos para completar o disfarce e depois avançaram. Foram descendo aos tropeços a grande escadaria. O alto cômodo da torre lá atrás, onde se tinham encontrado de novo, pareceu-lhes quase aconchegante: agora estavam novamente no espaço aberto, e o terror corria ao longo das paredes. Todos poderiam estar mortos na Torre de Cirith Ungol, mas ela continuava cheia de terror e maldade.

Finalmente chegaram á porta que se abria para o pátio externo, e pararam. Mesmo do ponto onde estavam podiam sentir na pele a malícia das Sentinelas, figuras negras e silenciosas dos dois lados do portão, através das quais o clarão de Mordor palidamente se mostrava. Á medida que iam fazendo o caminho em meio aos corpos hediondos dos orcs, cada passo se tornava mais dificil. Antes mesmo que atingissem o arco, fizeram uma parada. Avançar um centímetro era um sofrimento e um cansaço que lhes afetava a vontade e as pernas.

Frodo não tinha forças para aquela batalha. Caiu no chão.

— Não posso continuar, Sam — murmurou ele. — Vou desmaiar Não sei o que está acontecendo comigo.

— Eu sei, Sr. Frodo. Aguente firme agora! É o portão. Há algum feitiço ali. Mas eu entrei, e vou sair. Não pode ser mais perigoso que antes. Agora vamos.

Sam puxou o cristal élfico de Galadriel de novo. Como se para faze jus à sua coragem, e agraciar com esplendor sua fiel mão morena de hobbit que realizara tantos feitos, o cristal brilhou de repente, de forma que todo o pátio sombrio se iluminou numa irradiação ofuscante como a de um relâmpago; mas a luminosidade continuou, e não se extinguiu.

— Gilthoniel, A Elebereth! — gritou Sam. Pois, sem que el entendesse por quê, seu pensamento saltou de volta para os elfos no Condado, e para a canção que afastou o Cavaleiro Negro no bosque.

— Aiya elenion ancalima! — gritou Frodo outra vez depois dele.

A vontade das Sentinelas foi destruída repentinamente, como o romper-se de uma corda, e Frodo e Sam avançaram aos trambolhões. Depoi correram. Atravessaram o portão e passaram pelas grandes figuras sentadas com seus olhos faiscantes. Abriu-se uma fissura.

A pedra principal do arco se quebrou, quase caindo sobre seus calcanhares, e a parede acima desmoronou, caindo em ruínas. Escaparam por um triz. Um sino tocou, e das Sentinelas subiu um gemido agudo e aterrorizante. Lá em cima na escuridão ele teve resposta. Do céu negro veio descendo como um raio uma figura alada, rasgando as nuvens com um guincho pavoroso.

CAPÍTULO II: A TERRA DA SOMBRA

Restou a Sam juízo suficiente para enfiar o frasco de volta no peito.

— Corra, Sr. Frodo! — gritou ele. — Não, por ai não! Há um abismo do outro lado da parede. Siga-me!

Fugiram descendo a estrada que saía do portão. Em cinquenta passos fazendo uma curva fechada ao redor de uma saliência pontuda do penhasco, o caminho os levou para fora do campo de visão da Torre. Po enquanto, tinham escapado. Agachando-se contra a rocha, tomaram fôlego, pondo a mão no peito. Empoleirado na muralha ao lado do portão em ruínas, o nazgúl emitia seus gritos mortais, que ecoavam em todos os penhascos.

Aterrorizados, os dois avançaram aos tropeços. Logo a estrada fez uma curva fechada para o leste outra vez, e os expôs, durante um momento aterrorizante, á visão da Torre. Ao atravessarem correndo, deram uma olhada para trás e viram o grande vulto negro sobre a ameia; depois mergulharam entre duas altas muralhas de pedra, num corte que descia vertiginosamente para encontrar a estrada de Morgul. Chegaram à confluência dos caminhos. Ainda não havia sinal dos orcs, nem de uma resposta ao grito do nazgúl, mas eles sabiam que o silêncio não duraria muito. A qualquer momento, começaria a caçada.

— Isso não vai dar certo, Sam — disse Frodo. — Se fôssemos orcs d verdade, deveríamos estar correndo para a Torre, e não fugindo dela. C primeiro inimigo que encontrarmos nos reconhecerá. Precisamos sair desta estrada de algum jeito.

— Mas não podemos — disse Sam. — Não sem asas.

As encostas orientais dos Ephel Dúath eram mais íngremes, caind em penhascos e precipícios para o fosso negro que se abria entre eles e a cadeia interna.

Um pouco além da confluência de caminhos, depois de outra subida íngreme, havia uma ponte suspensa de pedra que saltava sobre o abismo e unia a estrada com o outro lado, penetrando as encostas irregulares e os vales do Morgai. Num esforço desesperado, Frodo e Sam correram pel ponte; mas mal tinham atingido o lado oposto quando ouviram a gritaria

começar. Atrás deles, agora bem lá em cima sobre a encosta da montanha, assomava a Torre de Cirith Ungol, com suas pedras de brilho baço. D repente seu sino rouco tocou outra vez, e então irrompeu num ribombar estilhaçante.

Cornetas soaram. E agora do fim da ponte chegavam gritos em resposta. Enfiados no abismo escuro, isolados do brilho decrescente dc Orodruin, Frodo e Sam não conseguiam enxergar adiante, mas já ouviam (pisar de pés de pés calçados com sola de ferro, e na estrada já soavam rápidas batidas de cascos.

— Rápido, Sam! Vamos pular! — gritou Frodo. Os dois treparam n parapeito baixo da ponte. Felizmente não houve mais nenhuma queda horrenda para dentro do abismo, pois as encostas do Morgai já tinham se elevado quase até o nível da estrada; mas estava escuro demais para que eles pudessem adivinhar a altura da queda.

— Bem, lá vou eu, Sr. Frodo — disse Sam. — Adeus!

Saltou. Frodo pulou atrás. No momento da queda, ouviram o trope dos cavaleiros velozes atravessando a ponte, e a batida dos pés dos orcs vindo logo atrás.

Mas, se ousasse tanto, Sam teria dado uma risada. Meio receosos d(estarem mergulhando em rochas que não conseguiam ver, os hobbits, depois de uma queda de menos de quatro metros, aterrissaram com um baque e um rangido sobre a última coisa que esperariam: um emaranhado de arbustos espinhosos. Ali Sam ficou deitado e quieto, chupando em silêncio o sangue da mão arranhada.

Quando o som de cascos e passos tinha cessado, aventurou-se a sussurrar algo.

— Que o senhor me perdoe, Sr. Frodo, mas não sabia que alguma coisa podia crescer em Mordor! Mas, se soubesse, era exatamente isso que teria procurado. Esses espinhos devem ter uns trinta centímetros de comprimento, a julgar pelas espetadas; perfuraram tudo o que estou vestindo. Gostaria de poder ter vestido aquela camisa de malha metálica!

— As malhas dos orcs não protegem contra esses espinhos — disse Frodo. — Nem mesmo um gibão de couro faria qualquer efeito.

Foi dificil saírem da moita. Os espinheiros eram duros como ferro, e

prendiam como garras. As capas já estavam rasgadas e estraçalhadas antes de conseguirem finalmente se libertar.

— Agora, para baixo, Sam — sussurrou Frodo. — Vamos desce depressa para o vale, e depois virar para o norte, o mais depressa possível.

O dia chegava mais uma vez no mundo lá fora, e bem distante da escuridão de Mordor o sol escalava a borda leste da Terra-média; mas ali onde estavam tudo ainda era escuro feito noite. A Montanha se apagou e suas chamas se extinguiram. O clarão desapareceu dos penhascos. O vento leste que estivera soprando desde que os dois hobbits partiram de Ithilien agora parecia morto. Com lentidão e sofrimento, foram descendo, tateando, tropeçando, cambaleando em meio a pedras, espinheiros e madeiras mortas nas sombras cegas, cada vez mais para baixo, até que não conseguiram mais avançar.

Por fim pararam,sentando-se lado a lado, recostados num bloco de pedra. Ambos estavam suando.

— Se Shagrat em pessoa me oferecesse um copo de água, eu aceitaria apertar-lhe a mão — disse Sam.

— Não mencione tais coisas! — disse Frodo. — Isso só piora tudo. – Depois espreguiçou-se, atordoado e exausto, e ficou sem dizer nada por um tempo. Finalmente, com um esforço, levantou-se de novo. Para seu espanto, viu que Sam adormecera.

— Acorde, Sam! — disse ele. — Vamos, já é hora de fazermos um outro esforço.

Sam levantou-se com dificuldade.

— Nunca me aconteceu isso! — disse ele. — Devo ter caído no sono Faz muito tempo, Sr. Frodo, que não durmo de forma adequada, e meu olhos simplesmente se fecharam sozinhos.

Agora Frodo ia na frente, tentando da melhor maneira possível adivinhar o caminho para o norte, em meio a rochas e blocos de pedra que se amontoavam no fundo do precipício. Mas de repente parou de novo.

— Não adianta, Sam — disse ele. — Não consigo. Esta camisa de malha, quero dizer. Não no meu estado atual. Até mesmo meu casaco de míthril parecia pesar quando eu estava cansado. Isto aqui é muito mais pesado. E para que serve? Não vamos conseguir abrir caminho lutando.

— Mas pode ser que precisemos lutar um pouco — disse Sam.

— E há facas e flechas perdidas. Aquele Gollum não está morto, par. começo de conversa. Não gosto de pensar no senhor sem mais nada além de um pedaço de couro entre o corpo e uma punhalada no escuro.

— Olhe aqui, Sam, meu rapaz — disse Frodo. — Estou cansad exausto e não me resta nenhuma esperança. Mas preciso continuar tentando chegar à Montanha, enquanto puder me mover. Mas não ache que sou mal-agradecido. Odeio pensar no serviço sujo que você deve ter tido em meio aos corpos para achar esta malha de orc para mim.

— Não fale nisso, Sr. Frodo. Por favor! Eu o carregaria nas costas, s pudesse. Tire então a malha. Frodo colocou de lado a capa e tirou a malha de orc, jogando-a longe. Tremeu um pouco.

— O que preciso na verdade é de alguma coisa quente — disse ele. — Ficou frio, ou então peguei um resfriado.

— Pode usar minha capa, Sr. Frodo — disse Sam. Tirou das costas mochila e puxou dela a capa élfica. — Que tal, Sr. Frodo? — disse ele. — O senhor se embrulha com o farrapo de orc e o prende com o cinto. Depois pode vestir a capa em cima de tudo. Não se parece muito com roupa de orc, mas vai mantê-lo mais aquecido, e arrisco ainda dizer que vai protegê-lo bem mais que qualquer outra coisa. Foi feito pela Senhora.

Frodo pegou a capa e fixou o broche.

— Assim está melhor! — disse ele.

— Sinto-me muito mais leve. Agora posso continuar. Mas est. escuridão cega parece estar penetrando em meu coração. Enquanto estava deitado na prisão, Sam, eu tentava me lembrar do Brandevin, e de Ponta d Bosque, e do Água passando pelo moinho na Vila dos Hobbits. Mas agor não consigo visualizá-los.

— Olhe lá, Sr. Frodo, desta vez é o senhor quem está falando em água! — disse Sam. — Se pelo menos a Senhora pudesse nos ver ou no ouvir, eu diria a ela: "Minha Senhora, tudo o que queremos é luz e água apenas água limpa e a luz de um dia claro, coisas melhores que qualquer joia, com as devidas desculpas." Mas estamos muito longe de Lórien. — San suspirou e acenou a mão na direção das alturas dos Ephel Dúath, que agora só se podiam adivinhar como um negrume mais profundo contra o céu

negro.

Partiram de novo. Não tinham ido muito longe quando Frodo parou.

— Há um Cavaleiro Negro acima de nós — disse ele. — Posso senti É melhor ficarmos parados por um tempo.

Escondendo-se sob um grande bloco de pedra, os dois se sentaram virados para o oeste, e ficaram sem falar por algum tempo. Depois Frodo deu um suspiro de alivio. — Passou — disse ele. Levantaram-se e então ambo olharam assombrados. Mais ao longe, à esquerda, ao sul, contra um céu que ia se acinzentando, os picos e as altas cadeias da grande cordilheira começavam a surgir escuros e negros em formas definidas. A luz estava crescendo atrás deles. Devagar avançava na direção do norte. Uma batalha estava acontecendo lá em cima, nos altos espaços do ar. As nuvens pesadas de Mordor estavam sendo varridas para trás, suas bordas se rasgando á medida que um vento que chegava do mundo vivo ia afastando a fumaça e o vapor na direção da terra escura de onde tinham surgido. Sob as orlas daquele dossel melancólico que se erguia, uma luz fraca se infiltrava para dentro de Mordor como uma manhã pálida através da janela encardida de uma prisão.

— Olhe, Sr. Frodo! —, disse Sam. — Olhe lá! O vento mudou. Algun coisa está acontecendo. Nem tudo está acontecendo exatamente como El quer. Sua escuridão está se rompendo no mundo lá fora. Gostaria de ver que está se passando!

Era a manhã do décimo quinto dia de março, e sobre o Vale dc Anduin o sol subia acima da sombra do leste, e o vento sudoeste soprava. Théoden jazia agonizante nos Campos do Pelennor.

Naquele momento em que Sam e Frodo pararam para observar, faixa de luz se espalhou ao longo de toda a cadeia dos Ephel Dúath, e então os dois viram uma sombra, movendo-se a uma grande velocidade e vindo do oeste, a princípio apenas um ponto negro contra a tira reluzente acima dos topos das montanhas, mas crescendo sempre, até mergulhar como um raio dentro do dossel negro e passar muito acima deles. Quando avançou, emitiu um longo grito agudo, a voz de um nazgúl; mas aquele grito não teve mais qualquer efeito de terror sobre eles: era um grito de aflição e assombro, más noticias para a Torre Escura. O Senhor dos Espectros do An

encontrara seu fim.

— Que foi que eu disse? Alguma coisa está acontecendo! – exclamou Sam. — Shagrat disse: "A guerra está indo bem"; mas Gorbag não estava tã certo. E nesse ponto ele também tinha razão. As coisas estão melhorando, Sr Frodo. Agora o senhor não tem alguma esperança?

— Bem, não muita, Sam — suspirou Frodo. — Aquilo est acontecendo lá longe, além das montanhas. Estamos indo para o leste, nãc para o oeste. E estou tão cansado! E o Anel pesa tanto, Sam. E começo a vê lo em minha mente todo o tempo, como uma grande roda de fogo.

O entusiasmo de Sam voltou a arrefecer imediatamente. Olhou par. seu mestre cheio de ansiedade, e tomou-lhe a mão.

— Vamos, Sr. Frodo — disse ele. — Consegui uma coisa que desejava um pouco de luz. O suficiente para nos ajudar, mas suponho que também seja perigosa. Tente avançar um pouco mais, e então vamos deitar perto um do outro e descansar um pouco. Mas coma alguma coisa agora, um pouco da comida dos elfos; pode trazer-lhe mais coragem.

Dividindo um bolo de lembas, e mastigando-o da melhor maneira possível com suas bocas ressecadas, Frodo e Sam continuaram aos tropeços A luz, embora fosse fraca como a de um crepúsculo cinzento, era agora suficiente para permitir que os dois vissem que estavam afundados no vale entre as montanhas. A encosta subia suavemente rumo ao norte, e no fundo passava o leito de um riacho, que agora estava seco e morto. Além de seu curso pedregoso eles viram um caminho batido que corria sinuoso sob os pés dos penhascos a oeste. Se soubessem, poderiam ter chegado até ali mais rápido, pois tratava-se de uma trilha que abandonava a estrada principal de Morgul na extremidade ocidental da ponte e ia descendo através de uma longa escada cortada na pedra até o fundo do vale. Era usada por patrulhas ou por mensageiros que precisavam chegar rápido a postos e fortalezas secundários que ficavam mais ao norte, entre Cirith Ungol e os estreitos da Boca Ferrada, as mandíbulas de ferro de Carach Angren.

Usar tal trilha era perigoso para os hobbits, mas eles precisavam de rapidez, e Frodo sentia que não conseguiria enfrentar o esforço de descer por entre os blocos de pedra ou pelos vales sem trilhas do Morgai. E ele achava que o caminho do norte era, talvez, o que os perseguidores julgariam

menos provável para eles dois. O inimigo vasculharia com todo o cuidado a estrada ao leste para a planície, ou a passagem que voltava para o Oeste. Se quando estivesse bem ao norte da Torre é que ele pretendia mudar de rumo e procurar algum caminho que os levasse para o leste, na última e mais desesperada etapa de sua jornada. Por isso, eles agora atravessaram o leito pedregoso e tomaram a trilha dos orcs, e por algum tempo avançaram ao longo dela. Os penhascos à esquerda projetavam-se para a frente, e os dois hobbits não podiam ser vistos de cima; mas a trilha fazia muitas curvas, e a cada curva eles levavam a mão até o punho de suas espadas e avançavam com toda a cautela.

A luz não ficou mais forte, pois o Orodruin ainda expelia uma grande quantidade de vapor que, chocando-se lá no alto com os ares em sentido contrário, subia cada vez mais, até atingir uma região acima do vento onde se espalhava num teto incomensurável, cujo pilar central subia das sombras além do limite da visão. Já tinham se arrastado por mais de uma hora quando ouviram um som que os fez parar. Inacreditável, mas inconfundível. Água correndo. Por uma fenda do lado esquerdo, tão profunda e estreita que parecia que o penhasco negro tinha sido partido por um enorme machado, a água pingava: as últimas sobras, talvez, de alguma chuva suave recolhida de mares ensolarados, mas que tivera o mau destino de cair finalmente sobre as muralhas da Terra Negra e de escorrer infrutífera para desaparecer em meio á poeira. Naquele ponto ela saía da rocha num pequeno filete, que depois de um salto atravessava a trilha, e virando-se para o sul fugia veloz para se perder em meio ás pedras mortas.

Sam saltou na direção da água.

— Se algum dia eu encontrar a Senhora de novo, direi a ela! — gritou ele. — Luz, e agora água! — Então parou. — Deixe-me beber primeiro, Sr Frodo — disse ele.

— Está certo, mas há espaço suficiente para os dois.

— Não quis dizer isso — disse Sam. — Quero dizer: se for venenosa ou alguma coisa que logo mostrará seu efeito maligno, bem, antes eu que o senhor, mestre, se o senhor me entende.

— Entendo. Mas acho que vamos confiar em nossa sorte juntos, Sam ou em nossa bênção. Mesmo assim, tenha cuidado agora; talvez esteja

gelada demais!

A água estava fresca, mas não fria como gelo, e tinha um gostc desagradável, ao mesmo tempo amargo e oleoso, ou pelo menos era isso que os dois teriam dito lá em casa. Aqui a água parecia estar acima de qualquer elogio, e além do medo ou da prudência. Beberam á vontade, e San reabasteceu a garrafa.

Depois disso Frodo se sentiu melhor, e eles continuaram por várias milhas, até que o alargamento da estrada e a presença de uma parede áspera ao longo da borda os advertiram de que estavam chegando perto de alguma outra fortaleza orc.

— É aqui que mudamos de rumo, Sam — disse Frodo. – E devemo virar para o leste. — Suspirou ao olhar para as cordilheiras lúgubres do outrc lado do vale. — Só me restam forças suficientes para procurar algum buracc lá em cima. Depois preciso descansar um pouco.

Agora o leito do rio estava um pouco abaixo da trilha. Desceram ate ele, e começaram a atravessar. Para a surpresa dos dois, depararam com poças escuras, alimentadas por fios de água que vinham descendo de alguma fonte nas encostas do vale. Nas bordas externas, sob as montanhas a oeste, Mordor era uma terra agonizante, mas que ainda não morrera. E ali as coisas ainda cresciam, ásperas, retorcidas, amargas, lutando pela vida. Nas fendas do Morgai, do outro lado, árvores baixas e raquíticas se penduravam à espreita, touceiras de capim grosso e cinzento lutavam com as pedras que eram cobertas de musgos esbranquiçados; por todo lado espalhavam-se grandes emaranhados de sarças retorcidas. Algumas tinham espinhos longos e cortantes, outras exibiam farpas em forma de gancho que rasgavam como facas. As folhas sombrias e murchas de um ano anterior pendiam delas, rangendo e rilhando nos ares tristes, mas seus rebentos habitados por vermes estavam apenas se abrindo. Moscas, pardas, cinzentas ou negras, marcadas como os orcs com uma mancha no formato de um olho vermelho, zumbiam e picavam; sobre os maciços de urzais, nuvens de mosquitos famintos rodopiavam e dançavam.

— Roupa de orc não adianta — disse Sam, abanando os braços. — Gostaria de ter couro de orc.

Por fim Frodo não conseguia avançar mais. Os dois tinham escalad

uma garganta estreita e inclinada, mas ainda havia um longo caminho para percorrer antes mesmo que pudessem avistar a última cordilheira escarpada.

— Preciso descansar agora, Sam, e dormir, se puder — disse Frodo.

Olhou ao redor, mas naquela terra desolada parecia não haver lugar algum onde mesmo um animal pudesse se aconchegar. Finalmente, exaustos, os dois se esconderam sob uma cortina de sarças que pendiam como um tapete por sobre uma encosta rochosa baixa. Ali se sentaram e fizeram a refeição que lhes foi possível.

Reservando o precioso lembas para os dias penosos à frente, comeram metade da provisão de Faramir que restara na mochila de Sam: um pouco de fruta seca, e uma fatia fina de carne defumada; beberam também uns goles de água. Tinham bebido outra vez a água nas poças do vale, mas estavam muito sedentos de novo. Havia um resquício amargo no ar de Mordor que ressecava a boca. Quando Sam pensava em água, até mesmo seu espírito cheio de esperança fraquejava. Além do Morgai deveriam atravessar a aterrorizante planície de Gorgoroth.

— Agora o senhor dorme primeiro, Sr. Frodo — disse ele. — Está ficando escuro de novo. Calculo que este dia esteja quase terminado.

Frodo suspirou e adormeceu quase antes de Sam terminar suas palavras. Sam lutava contra o próprio cansaço, e segurou a mão de Frodo, e assim, sentado, até que a noite profunda caiu. Então, por fim, para manter-se acordado, saiu do esconderijo e ficou observando. A região parecia cheia de estalos, rangidos e ruídos dissimulados, mas não havia som de vozes ou passos. Bem acima dos Ephel Dúath, no oeste, o céu noturno estava Pálido baço. Lá, espiando por entre os restos de nuvens sobre uma rocha pontiaguda nas montanhas, Sam viu uma estrela branca reluzir por uns momentos. Sua beleza arrebatou-lhe o coração, quando desviou os olhos da terra desolada, e ele sentiu a esperança retornar. Pois como um raio, cristalino e frio, invadiu-o o pensamento de que afinal de contas a Sombra era apenas uma coisa pequena e passageira: havia luz e uma beleza nobre que eram eternas e estavam além do alcance dela. A canção que cantara na torre fora mais um desafio que uma esperança, pois naquela hora pensara em si mesmo. Agora, por um momento, sua própria sorte, e até a de seu

mestre, deixaram de preocupá-lo. Sam voltou às sarças e se deitou ao lado de Frodo, e, deixando de lado todo o medo, mergulhou num sono profundo e despreocupado.

Acordaram juntos, de mãos dadas. Sam estava quase refeito, pronto para um outro dia, mas Frodo suspirava. Dormira um sono inquieto, cheio de sonhos com fogo, e acordar não lhe trouxe consolo algum. Mesmo assim, seu sono não deixara de ter um poder restaurador: sentia-se mais forte, mais apto a suportar seu fardo na próxima etapa. Os dois não sabiam que horas eram, nem por quanto tempo tinham dormido; mas, depois de um bocado de comida e um gole de água, continuaram subindo a garganta, até que ela terminou numa ladeira íngreme cheia de entulho e pedras escorregadias. Nesse ponto os últimos seres vivos desistiram de sua luta; os topos do Morgai eram desprovidos de vegetação, pontiagudos, nus como uma lousa.

Depois de muito vagar e procurar, encontraram um caminho pelo qual poderiam subir, e com mais uns trinta metros de escalada usando mãos e pés estavam lá em cima. Atingiram uma fenda entre dois rochedos escuros, e passando no meio viram-se exatamente na borda da última divisa de Mordor. Abaixo, no fundo de um precipício de cerca de quatrocentos e cinquenta metros, jazia a planície interna, espalhando-se numa escuridão disforme que sumia de vista. O vento do mundo soprava agora do oeste, e as grandes nuvens subiam alto, flutuando para o leste; mas mesmo assim apenas uma luz cinzenta chegava aos campos desolados de Gorgoroth.

Ali a fumaça subia do chão e espreitava nas concavidades; vapores escapavam das fissuras da terra.

Ainda distante, pelo menos a quarenta milhas, os dois viram a Montanha da Perdição, com seus pés ancorados em ruínas de cinza, seu enorme cone subindo a uma altura impressionante, onde sua cabeça estava envolta em densas nuvens. Suas chamas estavam agora enfraquecidas, e a Montanha parecia dormir num sono sem fogo, ameaçadora e perigosa como uma fera adormecida. Atrás dela pairava uma sombra vasta, ominosa como um céu de trovoada; eram os véus de Barad-dûr que agora surgia na distância, sobre um longo espinhaço das Montanhas Cinzentas que se projetava do norte. O poder Escuro estava afundado em pensamentos, e o Olho se voltava para dentro, ponderando acontecimentos que traziam

dúvida e medo: uma espada brilhante, um rosto severo de rei, eram o que ele via, e por um tempo deu pouca atenção às outras coisas; e toda a sua grande fortaleza, portão sobre portão, e torre sobre torre, estava envolta numa escuridão crescente.

Frodo e Sam observaram toda aquela terra odiosa num misto de repugnância e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e sufocado. Ficaram imaginando como o Senhor daquele reino conseguia manter e alimentar seus escravos e exércitos. Pois ele tinha exércitos. Até onde a vista alcançava, ao longo das bordas do Morgai e mais além, ao sul, havia acampamentos, alguns feitos de tendas, e outros organizados como pequenas cidades. Uma das maiores estava bem abaixo deles. A menos de uma milha de distância na planície, ela se amontoava como um enorme ninho de insetos, com ruas retas e áridas cheias de barracos e longos prédios baixos e sem cor. Pela cidade o chão estava apinhado de gente indo de um lado para o outro; uma estrada larga saía do povoado em direção ao sudeste para encontrar o caminho de Morgul, e ao longo dela corriam muitas fileiras de pequenas figuras negras.

— Não gosto nem um pouco da aparência das coisas — disse Sam. — Bastante desesperadoras, eu diria a não ser pelo fato de que um bando de gente assim deve ter poços ou água, para não falar em comida. E estes são homens, não orcs, ou meus olhos estão completamente enganados.

Nem ele nem Frodo sabiam coisa alguma sobre os grandes campos de trabalho escravo mais ao sul daquele vasto reino, além da fumaça da Montanha, próximos às águas escuras e tristes do Lago Núrnen; nem das grandes estradas que corriam para o leste e para o sul, levando a terras que pagavam tributo a Mordor, das quais os soldados da Torre traziam longos comboios de carroças com mercadorias, produtos de saques e novos escravos. Ali, nas regiões do norte, havia minas e forjas, e a concentração de tropas para uma guerra longamente planejada; ali o Poder Escuro, movendo Seus exércitos como peças num tabuleiro, os estava reunindo. Seus primeiros movimentos, seus primeiros testes de força, haviam sido feitos sobre a linha ocidental, ao norte e ao sul. Agora os retirara, trazendo novas forças, preparando ao redor de Cirith Gorgor um golpe vingador. E, se também

fosse o seu propósito defender a Montanha contra qualquer aproximação, dificilmente poderia ter feito trabalho melhor.

— Bem — continuou Sam. — O que quer que eles tenham par comer e beber, não podemos consegui-lo. Pelo que posso ver, não há caminho para descermos.

E nós não poderíamos atravessar toda aquela terra aberta infestada de inimigos, ainda que conseguíssemos descer.

— Mesmo assim precisamos tentar — disse Frodo. — Não é pior d que eu esperava. Nunca tive esperanças de atravessar. E não consigo ve qualquer esperança agora. Mas ainda preciso fazer o melhor que puder. N momento isso significa evitar ser capturado enquanto for possível. Entãc acho que ainda precisamos rumar para o norte, e ver como é ali, onde a planície aberta é mais estreita.

— Acho que sei como vai ser — disse Sam. — Onde é mais estreita o orcs e homens estarão mais amontoados. O senhor vai ver, Sr. Frodo.

— Arrisco dizer que vou, se conseguirmos ir tão longe — disse Frodo virando-se.

Logo viram que era impossível avançar por sobre a crista do Morgai ou em qualquer ponto ao longo dos níveis mais altos, que eram sem trilhas e cheios de fissuras profundas. No fim foram forçados a descer de volta para o precipício que tinham escalado e a procurar um caminho ao longo do vale. Foi uma caminhada árdua, pois eles não se arriscaram a atravessar até a trilha na encosta oeste. Depois de uma milha ou mais os dois viram, abrigada numa concavidade ao pé do penhasco, a fortaleza orc que já adivinhavam estar bem próxima: uma muralha e um aglomerado de casebres de pedra, espalhados ao redor da boca escura de uma caverna. Não se via movimentc algum, mas os hobbits passaram por ela com toda a cautela, mantendo-se o mais perto possível dos arbustos espinhosos que cresciam densos nesse ponto, ao longo dos dois lados do velho curso de água. Avançaram mais duas ou três milhas, e a fortaleza orc se escondeu atrás deles; mas mal tinham recomeçado a respirar com mais liberdade quando ouviram vozes de orcs, altas e rudes. Rapidamente se esgueiraram para um esconderijo atrás de um arbusto escuro e atrofiado. As vozes se aproximaram. De repente dois orcs surgiram. Um estava vestido em farrapos castanhos e armado com um

arco de chifre: era de uma raça pequena, tinha a pele negra e vinha farejando com as largas narinas: evidentemente algum tipo de batedor. O outro era um grande orc lutador, parecido com os da companhia de Shagrat, ostentando o símbolo do Olho. Também trazia um arco nas costas e carregava uma lança curta de cabeça larga. Como de costume, estavam discutindo, e, sendo de raças diferentes, usavam a Língua Geral à sua maneira. A menos de vinte passos de onde os hobbits estavam á espreita o orc pequeno estacou.

— Agora! — rosnou ele. — Vou para casa. — Apontou através do vale para a fortaleza orc. — Não adianta mais ficar gastando meu nariz em pedras. Não resta nenhum vestígio, estou dizendo. Perdi o rastro seguindo o que você falou. O rastro subiu pelas colinas, não foi ao longo do vale, estou dizendo.

— Vocês, farejadorezinhos, não servem para muita coisa — disse o orc grande. — Acho que olhos são melhores que seu nariz ranhento.

— Então o que você viu com eles? — rosnou o outro. — Besteira Você nem sabe o que está procurando.

— E de quem é a culpa? — disse o soldado. — Minha é que não. Isso vem Lá de Cima. Primeiro dizem que é um grande elfo vestido com armadura brilhante, depois é um tipo pequeno de homem-anão, depois deve ser um bando de uruk-hai rebelde; ou ainda pode ser tudo isso junto.

— Ah! — disse o batedor. — Eles perderam a cabeça, isso é que é. E alguns dos chefes vão perder a pele também, eu acho, se o que ouvi for verdade: Torre atacada e tudo mais, e centenas de seus rapazes assassinados, e prisioneiro que fugiu. Se é assim que vocês fazem, não me admira que haja más notícias sobre as batalhas.

— Quem disse que há más notícias? — gritou o soldado.

— E quem disse que não?

— Isso é conversa dos malditos rebeldes, e vou perfurá-lo, se não calar a boca, está entendendo?

— Está certo! Está certo! — disse o batedor. — Não vou dizer mais nada e vou continuar pensando. Mas o que o ladrão preto tem a ver com tudo isso? Aquele comilão das mãos chatas?

— Não sei. Nada, talvez. Mas ele não está metido em coisa boa

xeretando por aí, eu aposto. Maldito! Foi só ele ter escapado de nós e fugido e chegaram ordens dizendo que o querem vivo, e depressa.

— Bem, espero que o encontrem vivo, e o façam passar um mau pedaço — rosnou o batedor. — Ele confundiu o rastro lá atrás, pegando aquele casaco de malha que achou jogado no chão, e chapinhando por todo o lugar antes que eu chegasse lá.

— Isso lhe salvou a vida, de qualquer forma — disse o soldado. — Veja bem, antes de saber que o queriam eu atirei nele, um golpe certeiro, a cinquenta passos,

bem no meio das costas, e ele continuou correndo.

— Bobagem! Você errou a pontaria — disse o batedor. – Primeiro você golpeia ao léu, depois corre muito devagar, e só depois manda chamar os pobres batedores. Estou cheio de você. — Ao dizer isso, disparou a correr.

— Volte aqui — gritou o soldado—, ou vou denunciar você!

— Para quem? Não para o seu precioso Shagrat. Ele não vai mais se capitão.

— Vou dar seu nome e número para os nazgúl — disse o soldado, abaixando a voz num chiado. — Um deles é o encarregado da Torre agora.

O outro parou, e sua voz se encheu de medo e ódio.

— Seu maldito espião, delator, ladrão! — gritou ele. — Não consegue fazer o seu serviço, e nem ser leal ao seu próprio povo. Vá para os seus Guinchadores sujos, e que eles arranquem sua pele! Se o inimigo não o pegar primeiro. Ouvi dizer que assassinaram o Número Um, e espero que seja verdade!

O orc grande, de lança na mão, correu atrás dele. Mas o batedor saltando de trás de uma pedra, enterrou uma flecha no olho do soldado que vinha correndo, e que a seguir caiu com um baque. O outro fugiu através do vale e desapareceu.

Por um tempo os hobbits continuaram em silêncio. Por fim Sam se manifestou.

— Bem, isso é o que eu chamo de golpe certeiro — disse ele. — Se esse espírito de amizade se espalhasse em Mordor, metade de nossos problemas estariam terminados.

— Quieto, Sam — sussurrou Frodo. — Pode haver outros por aí. I

evidente que escapamos por pouco, e a caçada estava mais perto de nosso rastro do que imaginávamos. Mas este é o espírito de Mordor, Sam; est. espalhado em todos os seus cantos. Os orcs sempre se comportam assim quando estão sozinhos, pelo menos é o que contam as histórias. Mas você não pode alimentar muita esperança a partir desse fato. Eles nos odeiam muito mais, todos eles e o tempo todo. Se aqueles dois nos tivessem visto, teriam suspendido a discussão até estarmos mortos.

Fez-se outro longo silêncio. Sam o interrompeu de novo, desta vez com um sussurro.

— O senhor ouviu o que eles falaram sobre aquele comilão, Sr. Frodo? Eu lhe disse que Gollum ainda não estava morto, não disse?

— Sim, eu me lembro. E fiquei me perguntando como você sabia — disse Frodo.

— Bem, vamos lá! Acho que é melhor não sairmos daqui enquanto não estiver bem escuro. Então você pode me contar como é que sabe, e tudo o que aconteceu. Isso se não fizer muito barulho.

— Vou tentar — disse Sam —, mas, quando penso naquele Fedegoso fico com tanta raiva que poderia gritar.

Lá ficaram os hobbits sentados sob a proteção do arbusto espinhoso, enquanto a luz desolada de Mordor desaparecia devagar dentro de uma noite profunda e sem estrelas. Sam contou aos ouvidos de Frodo, com as melhores palavras que pôde encontrar, tudo sobre o ataque traiçoeiro de Gollum, sobre o horror de Laracna, e suas próprias aventuras com os orcs. Quando terminou, Frodo não disse nada, mas tomou-lhe a mão e a apertou. Finalmente se moveu.

— Bem, suponho que precisamos continuar outra vez — disse ele. Fico pensando quanto tempo levará até que realmente sejamos capturados e termine todo o esforço e a necessidade de nos escondermos, em vão. — Levantou-se. — Está escuro, e não podemos usar o cristal da Senhora. Guarde-o em segurança para mim, Sam. Não tenho onde guardá-lo agora, a não ser em minha mão, e vou precisar das duas mãos nesta noite cega. Quanto a Ferroada, ela é sua. Tenho uma espada de orc, mas não acho que será meu papel desferir qualquer golpe outra vez.

Foi difícil e perigoso para os dois avançar durante a noite naquela

terra sem trilhas, mas lentamente e á custa de muitos tropeços eles conseguiram prosseguir com esforço para o norte, hora após hora, ao longo da borda leste do vale pedregoso. Quando surgiu uma luz cinzenta sobre as montanhas ocidentais, muito depois de o dia se abrir nas terras distantes, esconderam-Se de novo e dormiram um pouco, revezando-se. Nas horas de vigília Sam se ocupava pensando em comida. Por fim, quando Frodo despertou e falou em comer e se preparar para mais um esforço, ele fez a pergunta que mais preocupava sua mente.

— Com as minhas desculpas, Sr. Frodo — disse ele —, mas o senhor tem alguma noção de quanto ainda teremos de caminhar?

— Não, não tenho nenhuma noção clara, Sam — respondeu Frodo — Em Valfenda, antes de partirmos, mostraram-me um mapa de Mordor que foi feito antes de o Inimigo retornar para cá, mas só me lembro dele vagamente. O que recordo com mais clareza é que havia um lugar no norte onde a cordilheira ocidental e a do norte projetavam contrafortes que quase se encontravam. Isso deve ficar no mínimo a vinte léguas da ponte lá atrás, perto da Torre. Pode ser um bom ponto para atravessarmos. Mas, é claro, se chegarmos lá, estaremos mais longe da Montanha do que estávamos, a umas sessenta milhas dela, eu acho. Suponho que já nos afastamos doze léguas da ponte, rumando para o norte. Mesmo que tudo corra bem, eu não conseguiria chegar á montanha em menos de uma semana. Temo, Sam, que o fardo fique muito pesado, e que eu avance cada vez mais devagar à medida que formos nos aproximando.

Sam suspirou.

— Era exatamente isso que eu temia — disse ele. — Para não falar em água, temos de comer menos, Sr. Frodo, ou então avançar um pouco mais rápido, pelo menos enquanto ainda estivermos aqui neste vale. Mais um bocado e a comida estará terminada, tirando o pão de viagem dos elfos.

— Vou tentar ser um pouco mais rápido, Sam — disse Frodo respirando fundo. — Vamos, então! Vamos começar uma outra marcha.

Ainda não estava bem escuro. Avançaram com dificuldade noite adentro. As horas se passaram numa marcha cansativa e penosa, com algumas poucas paradas. Aos primeiros sinais de luz cinzenta sob as bordas do dossel de sombra, eles se esconderam outra vez numa concavidade

escura, abaixo de uma saliência rochosa.

Lentamente a luz aumentou, até ficar mais clara do que nunca. Um vento forte soprava do oeste e varria dos ares mais altos a fumaça de Mordor. Não demorou muito para que os hobbits conseguissem visualizar o formato da terra no raio de algumas milhas. O fosso entre as montanhas e o Morgai diminuíra cada vez mais durante a subida, e a borda interna agora não passava de um patamar nas encostas íngremes dos Ephel Dúath; mas a leste a queda para o Gorgoroth era abrupta como sempre. À frente o curso de água terminava em degraus quebrados de pedra; da cordilheira principal lançava-se um contraforte alto e nu, que avançava para o leste como uma muralha. Para encontrá-lo ali, vindo da enevoada cordilheira norte de Erec Lirhui, um longo braço pontudo se estendia; entre as extremidades havia um desfiladeiro estreito: Carach Angren, a Boca Ferrada, além da qual ficava o profundo vale de Udún. Naquele vale atrás do Moratmon estavam os túneis e os depósitos de armas que os servidores de Mordor haviam feito para a defesa do Portão Negro; e ali agora o seu Senhor estava reunindo às pressas grandes forças para enfrentar o ataque dos Capitães do Oeste. Sobre os contrafortes salientes, fortes e torres haviam sido construídos, e ali queimavam fogueiras de acampamento; através de todo o desfiladeiro fora erguida uma muralha de terra, e fora escavada uma trincheira funda que só podia ser atravessada por uma única ponte.

Algumas milhas ao norte, lá em cima, no ângulo onde o contraforte ocidental se destacava da cordilheira principal, ficava o velho castelo de Durthang, agora transformado numa das muitas fortalezas orcs que se aglomeravam ao redor do vale de Udún. Uma estrada, já visível na luz crescente, vinha descendo dele numa trilha sinuosa, até que, a apenas uma ou duas milhas de onde os hobbits estavam, ela se virava para o leste e corria ao longo de um patamar cortado na encosta do contraforte, e assim descia até a planície, para prosseguir até a Boca Ferrada. Olhando aquilo, os hobbits tiveram a impressão de que toda a viagem para o norte fora inútil. A planície à direita era escura e esfumaçada, e ali não conseguiram ver nem acampamentos nem tropas em movimento; mas toda aquela região estava sob a vigilância dos fortes de Carach Angren.

— Chegamos a um beco sem saída, Sam — disse Frodo. — S

avançarmos, só chegaremos àquela torre orc, mas a única estrada que podemos tomar é a que desce dela — a não ser que voltemos. Não podemos escalar para o oeste, nem descer para o leste.

— Então vamos tomar a estrada, Sr. Frodo — disse Sam. — Devemo tomá-la e testar nossa sorte, se é que existe alguma sorte em Mordor. Fica vagando ou tentar voltar seria o mesmo que nos entregarmos. Nossa comida não vai durar muito. Temos de ir até lá, e rápido!

— Certo, Sam — disse Frodo. — Conduza-me! Enquanto lhe resta alguma esperança. A minha não existe mais. Mas não posso ir rápido, Sam Só vou segui-lo a passadas lentas.

— Antes que comece qualquer passada lenta, o senhor precisa dormir e comer, Sr. Frodo. Venha e faça essas duas coisas como puder!

Deu água a Frodo, e mais um naco do pão-de-viagem, e fez um travesseiro com sua capa para deitar a cabeça do mestre. Frodo estava cansado demais para discutir a questão, e Sam não lhe disse que ele bebera a última gota da água, e comera a parte da comida que cabia a Sam, além da sua própria parte. Quando Frodo adormeceu, Sam se debruçou sobre ele para escutar sua respiração e examinar-lhe o rosto. Estava fino e marcado, mas enquanto dormia parecia alegre e sem temores.

— Bem, lá vou eu, Mestre! — Sam murmurou consigo mesmo. – Preciso abandoná-lo por um tempo e confiar na sorte. Precisamos de água ou não conseguiremos ir mais longe.

Sam se arrastou para fora do esconderijo e, avançando de pedra em pedra com um cuidado que era exagerado até para um hobbit, desceu até o curso de água, chegando aos degraus de pedra onde havia muito tempo, sem dúvida, sua fonte viera jorrando numa pequena cachoeira. Tudo agora parecia seco e quieto; mas, combatendo o desespero, Sam se agachou à escuta, e para seu deleite captou o som de água correndo. Descendo alguns degraus encontrou um riacho pequeno de água escura que saía da encosta da colina, e enchia uma pequena poça exposta, da qual se derramava de novo, para desaparecer sobre as pedras nuas. Sam experimentou a água, que lhe pareceu suficientemente boa. Então bebeu bastante, reabasteceu a garrafa e virou-se para voltar. Nesse momento viu de relance uma forma negra ou uma sombra correndo por entre as pedras próximas ao esconderijo

de Frodo. Contendo um grito, saltou da fonte e correu, pulando de pedra em pedra. Era uma criatura cautelosa, difícil de enxergar, mas Sam tinha poucas dúvidas a respeito dela: desejava colocar-lhe as mãos no pescoço. Mas a criatura o ouviu chegando e fugiu depressa. Sam teve a impressão de vê-la uma última vez, espiando por sobre a borda do precipício oriental, antes de se abaixar e desaparecer.

— Bem, a sorte não me abandonou — murmurou Sam —, mas foi por pouco. Já não basta termos orcs aos milhares sem aquele vilão malcheiroso xeretando por aqui? Gostaria que tivessem atirado nele! — Sentou-se ao lado de Frodo e não o acordou, mas não ousou dormir. Por fim, quando já sentia seus olhos se fechando e percebeu que sua luta para se manter acordado não poderia prosseguir por muito tempo, acordou Frodo com delicadeza.

— Aquele Gollum está rondando de novo, receio eu, Sr. Frodo — disse ele. — Na melhor das hipóteses, se não era ele, então existem dois idênticos. Saí um pouco para procurar água e o vi farejando por aí bem na hora em que estava voltando. Acho que não é seguro nós dois dormirmos ao mesmo tempo, e, com as suas desculpas, não consigo mais manter meus olhos abertos.

— Bendito Sam! — disse Frodo. — Deite-se e aproveite bem a sua vez! Mas eu prefiro Gollum aos orcs. De qualquer jeito, ele não nos entregará a eles — a não ser que ele mesmo seja capturado.

— Mas ele pode praticar um bocado de roubos e assassinatos por conta própria — resmungou Sam. — Mantenha os olhos abertos, Sr. Frodo. Há uma garrafa cheia de água. Beba. Podemos enchê-la de novo quando partirmos.

— Dizendo isso, Sam mergulhou no sono.

A luz estava sumindo quando ele acordou. Frodo estava sentado apoiando as costas na pedra, mas adormecera. A garrafa de água estava vazia. Não havia sinal de Gollum.

A escuridão de Mordor retornara, e as fogueiras de acampamento nas montanhas queimavam fortes de novo, quando os hobbits partiram na etapa mais perigosa de sua viagem. Primeiro foram até o pequeno riacho, e depois, subindo com cautela, chegaram à estrada no ponto onde ela se virava para o leste na direção da Boca Ferrada, que ficava a vinte milhas dali. Não era

uma estrada larga, não tinha parede ou parapeito nas margens, e á medida que avançava a queda íngreme de sua borda aumentava mais e mais. Os hobbits não ouviam qualquer movimento, e, depois de ficarem escutando por um tempo, partiram rumo ao leste num passo continuo.

Depois de percorrerem cerca de doze milhas, pararam. Um pouco atrás. a estrada virara em direção ao norte, e o trecho que haviam percorrido estava agora escondido. O resultado disso foi desastroso. Descansaram por alguns minutos e então avançaram. Mas não tinham dado muitos passos quando, de repente, na quietude da noite, ouviram o som que o tempo todo haviam temido em segredo: o ruido de pés marchando. Ainda estavam a alguma distância atrás deles, mas, virando-se, os dois puderam ver o piscar de tochas fazendo a curva a cerca de uma milha de distância, e estavam se aproximando depressa: depressa demais para que Frodo pudesse escapar correndo ao longo da estrada.

— Era isso o que eu temia, Sam — disse Frodo. — Confiamos na sorte e ela nos abandonou. Estamos encurralados. — Olhou alucinado para a parede enrugada, onde os antigos construtores da estrada haviam cortado a rocha num ângulo reto por muitos metros acima de suas cabeças. Correu para o outro lado e olhou por sobre a borda num poço de escuridão. — Finalmente estamos encurralados! — disse ele. Foi se abaixando até o chão ao pé da muralha de pedra e curvou a cabeça.

— Parece que sim — disse Sam. — Bem, não há nada a fazer, exceto esperar para ver. — E com isso sentou-se ao lado de Frodo sob a sombra do penhasco.

Não tiveram de esperar muito. Os orcs vinham num passo rápido. O que estavam nas primeiras colunas traziam tochas. Vinham avançando chamas rubras no escuro, crescendo rapidamente. Agora Sam também curvara a cabeça, na esperança de esconder o rosto quando as tochas os alcançassem; colocou os escudos diante dos joelhos para esconder seus pés. "Se pelo menos estiverem com pressa e deixarem em paz um par de soldados cansados, avançando em sua marcha!", pensou ele.

E assim pareceu que fariam. Os orcs que vinham à frente avançavam num trote, ofegantes, com as cabeças baixas. Era um bando das raças menores, sendo levados contra a vontade para as guerras do Senhor do

Escuro; só se preocupavam em terminar a marcha e escapar do chicote. Ao lado, subindo e descendo a fila, iam dois da raça cruel e grande dos uruks, estalando açoites e gritando. Coluna após coluna passou, e a luz denunciadora das tochas já estava um pouco à frente. Sam segurou a respiração. Agora mais da metade da fila já tinha passado. Então, de repente, um dos condutores de escravos enxergou as duas figuras à margem da estrada. Aplicou-lhes uma chicotada e gritou:

— Ei, vocês! Levantem-se! — Eles não responderam, e com um grito ele deteve toda a companhia.

— Vamos, suas lesmas! — gritou ele. — Não é hora de vagabundear. — Deu um passo na direção deles, e mesmo no escuro reconheceu os símbolos de seus escudos.

— Desertando, hein? — rosnou ele. — Ou pensando no assunto? Todo o seu povo deveria estar dentro de Udún antes da noite de ontem. Vocês sabem disso. De pé e atrás de mim, ou vou pegar seus números e denunciá-los.

Com um esforço os dois hobbits ficaram de pé, e mantendo-se curvados, mancando como se fossem soldados de pés feridos, arrastaram-se até o fim da fila.

— Não, não lá atrás — gritou o condutor de escravos. — Três colunas á frente. E fiquem lá, ou vão se ver comigo, quando eu chegar ao fim da fila! — Lançou o longo açoite estalando sobre suas cabeças, e então com um outro estalo e um grito ordenou que a companhia continuasse marchando num trote forçado.

Foi difícil para o pobre Sam, cansado como estava; mas para Frodo foi um tormento, que logo se transformou num pesadelo. Travou os dentes e tentou deixar de pensar, esforçando-se para avançar. O fedor dos ores suados ao seu redor era sufocante, e ele começou a ofegar de sede. Foram avançando sempre, e ele colocava toda a sua determinação em respirar e manter os pés em movimento, sem ousar pensar para que final maligno se dirigia, suportando tudo aquilo. Não havia esperança de escapar sem ser visto. De vez em quando o condutor recuava e zombava deles.

— Olhem lá! — dizia ele rindo, ameaçando chicotear-lhes as pernas. — Onde há um açoite há um aceite, suas lesmas. Aguentem firmes! Eu daria

um refresco para vocês agora, mas vocês vão levar tantas chicotadas quantas suas peles puderem suportar quando chegarem atrasados ao acampamento. Vai fazer bem. Não sabem que estamos em guerra?

Tinham avançado algumas milhas, e a estrada finalmente descia uma longa ladeira para entrar na planície. quando a força de Frodo começou a desaparecer e sua vontade vacilou. Ele se arrastava e tropeçava. Desesperado, Sam tentava ajudá-lo e mantê-lo de pé, embora sentisse que ele próprio mal conseguiria aguentar aquele passo por muito mais tempo: seu mestre cairia ou desmaiaria, e tudo seria descoberto; e seus duros esforços teriam sido em vão. "Pelo menos vou pegar aquele condutor grande". pensou ele.

Então, no momento em que estava levando a mão ao punho da espada, chegou um alivio inesperado. Estavam agora na planície, chegando perto da entrada de Udún.

Um pouco à frente, antes do portão na extremidade da ponte, a estrada do oeste convergia com outras que vinham do sul e de Barad-dûr. Ao longo de todas as estradas tropas se moviam, pois os Capitães do Oeste estavam avançando e o Senhor do Escuro apressava suas forças na direção do norte. Foi assim que várias companhias se encontraram na encruzilhada, na escuridão além da luz das fogueiras de acampamento sobre as muralhas. Imediatamente houve um grande tropel e xingamentos, pois cada tropa queria chegar primeiro ao portão e terminar a marcha. Embora os condutores gritassem e aplicassem os chicotes, irromperam brigas e espadas foram sacadas. Uma tropa de uruks bem armados de Barad-dûr atacou uma fileira de Durthang, criando confusão. como estava de dor e cansaço, Sam despertou, agarrou depressa a sua chance, e jogou-se no chão, arrastando Frodo consigo. Orcs caíram sobre os dois, rosnando e xingando, até que finalmente, sem serem notados, os dois pularam por sobre a borda oposta da estrada. Ali havia um meio-fio alto pelo qual os condutores de tropas podiam se guiar na noite escura ou no nevoeiro, e que subia um pouco acima do nível da região aberta. Ficaram quietos por um tempo. Estava escuro demais para procurar um esconderijo, se é que havia algum por ali. Mas Sam sentiu que precisavam no mínimo se distanciar um pouco mais das estradas e ficar fora do alcance da luz das tochas.

— Venha, Sr. Frodo! sussurrou ele. Rasteje mais um pouco, e depois o senhor pode descansar em paz.

Num último esforço desesperado, Frodo se levantou usando as mãos e lutou por talvez mais uns vinte metros. Então mergulhou num poço rasc que se abriu inesperadamente diante deles, e lá ficou deitado feito morto.

CAPÍTULO III: A MONTANHA DA PERDIÇÃO

Sam colocou a capa esfarrapada de orc sob a cabeça do mestre, cobrindo-se com o manto cinzento de Lórien; enquanto isso acontecia, seus pensamentos fugiram para aquele belo lugar, e para os elfos, esperando que o tecido feito por aquelas mãos pudesse ter alguma virtude de mantê-los escondidos superando qualquer esperança naquele deserto de medo. Ouviu as brigas e os gritos diminuindo, enquanto as tropas avançavam através da Boca Ferrada. Parecia que na confusão e na mistura de várias companhia pão haviam dado pela falta deles, pelo menos não por enquanto. Sam tomou um gole de água, mas forçou Frodo a beber, e, quando seu mestre tinha melhorado um pouco, deu-lhe um naco inteiro do precioso pão de viagem e o fez comer. Então, exaustos demais até para sentirem muito medo, os dois se esticaram no chão. Dormiram um pouco, num sono sobressaltado, pois o suor esfriava-lhes os corpos, as pedras machucavam e eles tremiam. Lá do norte, da direção do Portão Negro através de Cirith Gorgor, vinh sussurrando junto ao chão uma aragem tênue e fria.

Pela manhã uma luz cinzenta apareceu de novo, pois nas altas regiões o Vento Oeste ainda soprava; mas lá embaixo nas pedras, atrás das fronteiras da Terra Negra, o ar parecia quase morto, frio e ao mesmo tempo sufocante. A terra ao redor era desolada, plana e pardacenta. Nada se movia agora nas estradas próximas, mas Sam temia os olhos vigilantes na muralha da Boca Ferrada, a menos de duzentos metros ao norte. No sudeste, distante como uma sombra escura e vertical, assomava a Montanha. Despejava fumaça, e, enquanto a porção que subia mais alto se distanciava para o leste, grandes nuvens pesadas flutuavam descendo pelas suas encostas e se espalhavam sobre a terra. A algumas milhas ao nordeste, os pés das Montanhas Cinzentas eram como sombrios fantasmas cor de cinza, atrás dos quais as nevoentas montanhas do norte erguiam-se como uma fileira de nuvens pouco mais escuras que o céu baixo.

Sam tentava adivinhar as distâncias e decidir que caminho deveriam tomar.

— Parecem no mínimo cinquenta milhas — murmurou ele desanimado, fitando a montanha ameaçadora —, e o que leva um dia vai

levar uma semana com o Sr. Frodo nas condições em que está. Balançou a cabeça, e, enquanto calculava, um novo pensamento escuro cresceu em sua mente. A esperança morrera por muito tempo em seu forte coração, e até agora ele Sempre conseguira pensar um pouco na volta para casa. Mas a amarga verdade chegara até ele por fim: na melhor das hipóteses, a provisão que tinham os levaria até seu objetivo, e, quando a tarefa estivesse cumprida, então eles acabariam sozinhos, sem casa e sem comida no meio de um terrível deserto. Não poderia haver volta. "Então esse era o trabalho que eu senti que precisava desempenhar quando parti", pensou Sam: "ajudar o Sr. Frodo até o último passo e depois morrer junto com ele? Bem, se esse era o trabalho, é melhor que eu o faça. Mas eu gostaria imensamente de rever Beirágua, e Rosinha Villa e seus irmãos, e o Feitor e Calêndula e todos eles. Não posso conceber a ideia de que Gandalf tenha enviado o Sr. Frodo nessa missão se não houvesse nenhum fiozinho de esperança de ele voltar algum dia. As coisas todas deram errado quando ele caiu em Moria. Gostaria que aquilo não tivesse acontecido. Ele teria feito algo."

Mas no momento em que a esperança morria em Sam, ou parecia morrer, ela se transformou em uma nova força. O rosto simples do hobbit ficou austero, quase cruel, no momento em que sua disposição se endureceu, e ele sentiu um frêmito percorrer-lhe pernas e braços, como se tivesse se transformado em alguma criatura de pedra e aço, que não poderia ser subjugada nem pelo desespero, nem pelo cansaço, nem por milhas infindáveis de terra desolada. Com um novo senso de responsabilidade, trouxe os olhos de volta para a terra que o rodeava, estudando o próximo movimento. Quando a luz aumentou um pouco ele viu, para a sua surpresa, que o que a certa distância parecera uma planície ampla e disforme era na realidade uma região irregular e esboroada. De fato, toda a superfície das planícies de Gorgoroth estava salpicada de grandes buracos, como se, quando ela ainda era uma região coberta de lama mole, tivesse sido atingida por uma chuva de raios e pedras arrojadas por enormes fundas. Os buracos maiores eram contornados por bordas de rocha quebrada, e largas fissuras corriam deles em todas as direções. Era uma região onde seria possível se esgueirarem de esconderijo em esconderijo, sem que ninguém os visse, exceto os olhos mais atentos: possível pelo menos para quem fosse forte e

não precisasse ter pressa. Para os famintos e exaustos, que tinham muito a andar antes que a vida lhes faltasse, o lugar tinha uma aparência maligna. Pensando em todas essas coisas Sam voltou para o seu mestre. Não fc preciso acordá-lo. Frodo estava deitado de costas, com os olhos abertos, fitando o céu cheio de nuvens.

— Bem, Sr. Frodo — disse Sam — estive dando uma olhada por aqu e pensando um pouco. Não há alma viva nas estradas, e é melhor nos mexermos enquanto ainda há uma chance. O senhor consegue?

— Consigo — disse Frodo. — Preciso conseguir.

Partiram mais uma vez, esgueirando-se de concavidade em concavidade, correndo atrás da proteção que conseguiam encontrar. mas sempre se movendo uma linha oblíqua na direção dos pés da cordilheira norte. Mas, à medida que avançavam, a estrada que ficava mais ao leste os seguia, até desaparecer, abraçando as fraldas das montanhas, entrando numa muralha de sombra negra bem adiante. Nem homens nem orcs se moviam agora ao longo de seus trechos planos e cinzentos, pois o Senhor dc Escuro quase completara o movimento de suas forças, e mesmo na fortaleza de seu próprio reino ele buscava o sigilo da noite, temendo os ventos do mundo que haviam se virado contra ele, rasgando seus véus, e preocupado com notícias de arrojados espiões que tinham atravessado suas fronteiras.

Os hobbits haviam caminhado algumas milhas difíceis quandc pararam. Frodo parecia quase exausto. Sam percebeu que ele nãc conseguiria avançar muito daquele modo, arrastando-se, agachando-se, por vezes tomando um caminho duvidoso com muito vagar, por vezes se apressando numa corrida aos trambolhões.

— Vou voltar para a estrada enquanto ainda perdura a luz, Sr. Frod — disse ele. — Confiemos na sorte mais uma vez! Ela quase nos abandonou da última vez, mas foi só quase. Um passo firme por mais algumas milhas, e depois descansamos.

Ele estava assumindo um risco muito maior do que imaginava, mas Frodo estava por demais ocupado com seu fardo e com a luta em sua mente para discutir, e quase desesperado demais para se preocupar. Subiram até a estrada, e avançaram com dificuldade, descendo o caminho cruel que conduzia à própria Torre Escura. Mas a sorte os acompanhou, e pelo rest

daquele dia eles não encontraram nada vivo ou em movimento; quando a noite caiu, desapareceram dentro da escuridão de Mordor.

Toda a terra parecia se preparar agora para a chegada de uma tempestade: pois os Capitães do Oeste tinham passado pela Encruzilhada e ateado fogo nos campos mortais de Imlad Morgul. Assim continuou a viagem desesperada, enquanto o Anel ia para o sul e as bandeiras dos reis cavalgavam para o norte. Para os hobbits, cada dia, cada milha, era mais amargo que o anterior, pois sua força diminuía e a terra se tornava mais maligna. Não encontraram inimigos durante o dia. As vezes, durante a noite, quando se escondiam ou cochilavam inquietos em algum esconderijo á margem da estrada, escutavam gritos e o ruido de muitos pés, ou a passagem veloz de algum cavalo conduzido impiedosamente. Mas muito pior que todos esses perigos era a ameaça cada vez mais próxima que incidia sobre eles enquanto avançavam: a ameaça terrível do Poder que esperava, concentrado em pensamentos profundos e numa malícia sempre vigilante, atrás do véu escuro que protegia seu Trono. Chegava cada vez mais perto assomando mais negra, como o avanço de uma muralha de noite na última extremidade do mundo. Finalmente chegou um anoitecer terrível; no momento em que os Capitães do Oeste se aproximavam do fim das terras viventes, os dois andarilhos depararam com uma hora de desespero cego. Já haviam se passado quatro dias desde que tinham fugido dos orcs, mas o tempo se estendia atrás deles como um sonho cada vez mais escuro. Durante todo esse último dia, Frodo não dissera uma palavra, mas caminhara meio curvado, sempre tropeçando, como se seus olhos não enxergassem mais o caminho diante de seus pés. Sam achava que em meio a todas as dores ele suportava a pior, o peso crescente do Anel, um fardo sobre o corpo e um tormento para a mente. Ansioso, Sam notara como a mão esquerda do mestre sempre se levantava, como se para desviar um golpe, ou para proteger seus olhos contrai dos do terrível Olho que procurava penetrá-los. E algumas vezes a mão direita se dirigia ao peito, agarrando, e depois devagar, quando o controle era recuperado, a mão se afastava outra vez. Agora, quando o negrume da noite retornara, Frodo sentou-se, com a cabeça entre os joelhos, os braços soltos, as mãos caídas no chão e crispando-se levemente. Sam o observou, até que a noite cobriu ambos e os ocultou um

do outro. Não conseguia mais encontrar palavra alguma para dizer, e voltou-se para os próprios pensamentos sombrios. Quanto a ele, embora estivesse exausto e sob uma sombra de medo, ainda lhe restava alguma força. O lembas tinha uma virtude sem a qual os dois teriam há muito tempo se deitado á espera da morte. Não satisfazia o desejo, e algumas vezes a mente de Sam se enchia com lembranças de comida, e o desejo de um simples pão e carnes. E, apesar disso, aquele pão-de-viagem dos elfos tinha um poder que aumentava à medida que os viajantes confiavam apenas nele, sem misturá-lo a outras comidas. Alimentava a disposição, e dava forças para resistir; e para dominar os tendões e os membros, uma capacidade que ia além da medida dos mortais. Mas agora uma nova decisão precisava ser tomada. Não podiam mais seguir por aquela estrada, pois ela prosseguia rumo ao leste e entrava na grande Sombra, e a Montanha já assomava á direita, quase na direção do sul, e eles precisavam rumar para lá Mas diante dela ainda se estendia uma ampla região de terra fumegante, desolada, coberta de cinzas.

— Água, água! — murmurou Sam. — Privara-se de beber, e em sua boca ressecada a língua parecia grossa e inchada. Apesar de todo o cuidado, agora lhes sobrava muito pouco, cerca de metade de sua garrafa, e talvez houvesse ainda dias à frente. Tudo teria terminado há muito tempo se eles não tivessem se arriscado pela estrada dos orcs. Pois, a longos intervalos na estrada, cisternas haviam sido construídas para o uso de tropas enviadas com urgência através das regiões secas. Numa delas Sam encontrara um resto de água salobra, emporcalhada pelos orcs, mas que ainda serviu para o seu caso extremo. Mas isso já fora há um dia. Não havia esperanças de encontrarem mais.

Por fim, exausto pela preocupação, Sam cochilou, deixando o amanhã para quando o amanhã chegasse; não podia fazer mais nada. Sonho e vigília se misturaram num sono sobressaltado. Sam via luzes como olhos que exultavam numa satisfação maligna, e formas escuras a espreita; ouvia ruídos de animais selvagens ou os gritos aterrorizantes de seres torturados; acordava então para ver o mundo todo escuro e apenas um negrume vazio ao redor. Apenas uma vez, quando se levantou e olhou alucinado á sua volta, pareceu-lhe que, embora estivesse acordado, ainda podia ver luzes

pálidas como olhos, mas logo elas piscaram e desapareceram.

A noite odiosa passou devagar e relutante. A luz do dia seguinte era fraca, pois ali, à medida que a Montanha se aproximava, o ar era sempre tenebroso, enquanto vindos da Torre Escura insinuavam-se os véus de Sombra que Sauron tecia ao redor de si. Frodo estava deitado de costas imóvel. Sam parou ao lado dele, relutando em falar, e ao mesmo tempo sabendo que a palavra agora era sua: precisava animar a vontade do mestre para mais um esforço. Por fim, abaixando-se e acariciando a testa de Frodo falou-lhe ao ouvido.

— Acorde, Mestre! — disse ele. — É hora de partirmos de novo.

Como se despertado de repente por uma campainha, Frodo acordou apressado e levantou-se, olhando para o sul; mas, quando seus olhos contemplaram a Montanha e o deserto, ele fraquejou de novo.

— Não consigo, Sam — disse ele. — É um peso tão grande para carregar, tão grande.

Sam já sabia antes de falar que seria em vão, e que tais palavras poderiam causar mais mal que bem, mas em sua pena não conseguiu se manter calado.

— Então deixe-me carregá-lo um pouco para o senhor, Mestre — disse ele. — O senhor sabe que eu faria isso, de bom grado, enquanto me restassem forças.

Uma luz selvagem se acendeu nos olhos de Frodo.

— Afaste-se! Não me toque! — gritou ele. — Ele é meu, estou dizendo. Saia daqui! — Sua mão procurou o punho da espada. Mas então de súbito, sua voz se alterou de novo. — Não, não, Sam — disse ele com tristeza. — Mas você precisa me entender. O fardo é meu, e ninguém mais pode carregá-lo. Agora é tarde demais, Sam, meu querido. Você não pode me ajudar dessa forma outra vez. Agora estou quase totalmente dominado pela força dele. Não conseguiria me desfazer dele, e se você tentasse tomá-lo eu enlouqueceria.

Sam concordou com a cabeça.

— Eu compreendo — disse ele. — Mas estive pensando, Sr. Frodo, há outras coisas das quais podemos nos privar. Por que não tornar o fardo um pouco mais leve? Estamos indo para lá agora, o mais direto possível. —

Apontou para a Montanha. — Não adianta levarmos coisa alguma sen termos certeza de que precisaremos dela.

Frodo olhou de novo na direção da Montanha.

— Não — disse ele —, não vamos precisar de muita coisa naquela estrada. E no fim não precisaremos de nada. — Pegando o escudo de orc jogou-o fora, e o capacete foi em seguida. Então, despindo a capa cinzenta, desafivelou o cinto pesado e o deixou cair no chão, juntamente com a espada na bainha. Rasgou os trapos da capa preta, jogando-os fora também.

— Pronto, não serei mais um orc — exclamou ele — e não carregarei mais arma alguma, fina ou feia. Que eles me peguem, se quiserem.

Sam fez a mesma coisa, e deixou de lado sua roupa de orc; tirou também todas as coisas de sua mochila. De certa forma, apegara-se a cada uma delas, mesmo que fosse apenas por tê-las carregado até agora com tanto esforço. O mais difícil foi se separar de seu equipamento de cozinha. Lágrimas minaram-lhe nos olhos quando pensou em jogá-lo fora.

— O senhor se lembra daquela porção de coelho, Sr. Frodo? — disse ele. — E do nosso lugar sob o abrigo quente do barranco na terra do Capitão Faramir, no dia em que vi um olifante?

— Não, receio que não, Sam — disse Frodo. — Pelo menos, sei qu essas coisas aconteceram, mas não consigo vê-las em minha mente. Nem sentir o gosto de comida, nem a sensação da água, nem ouvir o som do vento. nem me lembrar de árvore ou grama ou flor, nenhuma imagem de lua ou estrela me resta. Estou nu no escuro, Sam, e nenhum véu se coloca entre mim e a roda de fogo. Começo a vê-la até com os olhos despertos, e todo o resto desaparece.

Sam se aproximou e beijou-lhe a mão.

— Então, quanto mais cedo nos livrarmos dela, mais cedo descansaremos — disse ele com hesitação, sem encontrar palavras melhores. — Falar não vai melhorar nada — murmurou ele consigo mesmo, enquanto reunia todas as coisas que os dois haviam separado para jogar fora. Não estava disposto a deixá-las jazendo desprotegidas no deserto, para que quaisquer olhos as vissem. — Fedegoso pegou aquela camisa de orc, ao que parece, e não vai juntar nenhuma espada a ela. Suas mãos já são más o suficiente quando vazias. E ele não vai emporcalhar minhas panelas! —

Com isso ele carregou todo o equipamento até uma das fissuras que recortavam a paisagem e jogou-as lá dentro. A batida das preciosas panelas caindo no escuro soou como um dobre fúnebre em seu coração. Voltou para perto de Frodo, e de sua corda élfica cortou um pequeno pedaço para servir de cinto ao mestre, e amarrou a capa cinzenta firmemente em volta de sua cintura. Enrolou a sobra cuidadosamente, tornando a guardá-la. Junto com a corda guardou apenas o que restava do pão de viagem e a garrafa de água; Ferroada ainda pendia-lhe do cinto, e escondidos bolso da túnica próximo ao peito estavam o frasco de Galadriel e a pequena caixa que ela lhe dera.

Agora, por fim, viraram o rosto para a Montanha e partiram, sem mais pensarem em se esconder, concentrando o cansaço e a vontade fraquejante apenas na única tarefa de prosseguir. Naquele dia desolado e escuro, poucos seres poderiam tê-los espionado, mesmo naquela terra de vigilância, a não ser que estivessem bem próximos.

De todos os escravos do Senhor do Escuro, apenas os nazgúl poderiam tê-lo advertido do perigo, pequeno mas indomável, que se esgueirava para dentro do próprio coração de seu vigiado reino. Mas os nazgúl com suas asas negras estavam longe em outra missão. Estavam reunidos num ponto distante, cobrindo de sombras a marcha dos Capitães do Oeste, e para lá também o pensamento da Torre Escura se dirigia.

Naquele dia, Sam teve a impressão de que seu mestre encontrara alguma força nova, mais do que se poderia explicar pela pequena diminuição do peso que tinham de carregar. Nas primeiras marchas, os dois avançaram mais e com maior velocidade do que ele esperara. A terra era acidentada e hostil, e apesar disso eles fizeram muito progresso, e a Montanha se aproximava cada vez mais. Mas, quando o dia foi terminando e precocemente a luz fraca começou a se apagar, Frodo se abaixou de novo e começou a cambalear, como se o esforço renovado tivesse exaurido as forças que lhe restavam. Na última parada, ele foi ao chão e disse:

— Estou com sede, Sam — e não falou mais nada.

Sam lhe deu um gole de água; agora só restava mais um gole. Ele mesmo ficou sem, e agora, quando mais uma vez a noite de Mordor se fechava sobre eles, atravessando todos os seus pensamentos lhe chegava a lembrança de água, e cada riacho ou rio ou fonte que vira na vida, sob as

sombras verdes de salgueiros ou faiscando ao sol, dançava e se encrespava para seu tormento atrás da cegueira de seus olhos. Sentia a lama fresca nos pés que chapinhavam no lago em Beirágua, com Jolly Villa, Tom e Nibs, e irmã deles, Rosinha. — Mas isso foi há anos – suspirou ele. — E num luga muito longe. O caminho de volta, se houver algum, passa pela Montanha Não conseguiu dormir, e discutia consigo mesmo. — Bem, vamos agora fizemos melhor do que você esperava — disse ele com firmeza. — Pelc menos começamos bem. Calculo que tenhamos vencido metade da distância antes de pararmos. Mais um dia e terminaremos. — E então parou. — Não seja tolo, Sam Gamgi — chegou-lhe uma resposta na sua própria voz. — Ele não conseguirá prosseguir mais um dia desse jeito, se é que vai conseguir se mover. E você não pode continuar por muito tempo dando-lhe toda a água e a maior parte da comida.

— Ainda posso caminhar um longo trecho, e é o que vou fazer.

— Para onde?

— Para a Montanha, é claro.

— Mas e depois, Sam Gamgi, e depois? Quando você chegar lá, o qu vai fazer? Ele não vai ser capaz de fazer coisa alguma por si mesmo. Para sua decepção, Sam percebeu que não tinha uma resposta para isso. Não tinha nenhuma ideia clara. Frodo não lhe dissera muito sobre sua missão, e Sam só sabia vagamente que o Anel precisava de alguma forma ser atirado ao fogo. — As Fendas da Perdição — murmurou ele, com o velho nome surgindo em sua mente. — Bem, se o Mestre sabe como encontrá-las, eu não sei.

— Aí está! — veio a resposta. — É tudo inútil. Ele mesmo o disse Você é o tolo, continuando a ter esperanças e se esforçando. Vocês poderiam ter-se deitado e dormido juntos há muitos dias, se você não tivesse sido tão teimoso. Mas vai morrer do mesmo jeito, ou em condições piores. É melhor se deitar e desistir de tudo. Nunca vai chegar ao topo, de qualquer forma.

— Vou chegar lá, mesmo que deixe tudo, exceto meus ossos, para trás — disse Sam. — E eu mesmo vou carregar o Sr. Frodo, mesmo que iss arrebente minhas costas e meu coração. Então, pare de discutir!

Nesse momento, Sam sentiu um tremor no chão sob seus pés, e ouviu

ou sentiu um retumbar profundo e remoto, como o de um trovão aprisionado na terra. Acendeu-se uma chama breve e rubra, que faiscou sob as nuvens e se extinguiu. A Montanha também dormia um sono inquieto.

Chegou a última etapa da viagem para Orodruin, que foi um tormento maior do que Sam jamais sonhara poder suportar. Sentia dores, e sua boca estava tão ressecada que ele não conseguia sequer engolir um bocado de comida. Tudo continuava escuro, não apenas por causa da fumaça da Montanha: parecia haver uma tempestade se aproximando, e na distância a sudeste havia um faiscar de relâmpagos sob os céus negros. Pior de tudo, o ar estava cheio de vapores; respirar era difícil e doloroso, e os dois foram dominados por uma tontura, de modo que cambaleavam e frequentemente caíam. E mesmo assim sua força de vontade não cedeu, e eles avançavam com esforço.

A Montanha espreitava cada vez mais de perto até que, se eles levantassem as cabeças pesadas, ela encheria toda a sua visão, assomando vasta diante deles: uma enorme massa de cinza e lava e pedra queimada, da qual um cone de lados íngremes se erguia até as nuvens. Antes que terminasse o crepúsculo que durara todo um dia, e a verdadeira noite chegasse, eles já tinham chegado aos arrastões e tropeções aos próprios pés da Montanha.

Ofegante, Frodo se jogou no chão. Sam sentou-se ao lado dele. Para sua surpresa, sentiu-se cansado, mas mais leve, e sua cabeça pareceu desanuviar-se de novo. Já nenhum debate perturbava-lhe a mente. Ele agora conhecia todos os argumentos do desespero e não estava disposto a lhes dar ouvidos. Deixara de sentir necessidade ou vontade de dormir, e só desejava ficar acordado, vigiando. Sabia que todos os perigos e riscos convergiam agora para um mesmo ponto. O dia seguinte seria um dia decisivo, o dia do esforço ou do desastre final, do último arranque. Mas quando chegaria? A noite parecia infinita e atemporal, minuto após minuto caindo morto, sem se somar à passagem das horas, sem trazer qualquer mudança. Sam começou a se perguntar se uma segunda escuridão não começara, impedindo o reaparecimento de qualquer outro dia. Por fim tateou procurando a mão de Frodo. Estava fria e trêmula. Seu mestre estava tiritando.

— Não deveria ter deixado meu cobertor para trás — murmurou Sam; e deitando-se tentou confortar Frodo com os braços e o corpo. Então o sono o arrebatou, e a luz apagada do último dia de sua Demanda os encontrou lado a lado. O vento amainara no dia anterior ao se deslocar do oeste, e agora vinha do norte e começava a aumentar; lentamente a luz do sol invisível se infiltrava nas sombras onde estavam deitados os hobbits.

— Agora vamos! Agora, para o último arranque! — disse Sam esforçando-se para se levantar. Inclinou-se sobre Frodo, despertando-o com delicadeza. Frodo resmungou, mas com um grande esforço de vontade levantou-se vacilante; em seguida caiu sobre os joelhos outra vez. Ergueu os olhos com dificuldade até as escuras encostas da Montanha da Perdição que assomava acima dele, e então penosamente começou a avançar arrastando-se com pés e mãos.

Sam olhou para ele e chorou em seu intimo, mas nenhuma lágrima chegou-lhe aos olhos secos e ardidos.

— Eu disse que o carregaria, mesmo que arrebentasse as costas — murmurou ele —, e é isso que vou fazer!

— Venha, Sr. Frodo! — gritou ele. — Não posso carregar a coisa em seu lugar, mas posso carregá-lo junto com ela. Então vamos subir! Venha, Sr Frodo, meu querido! Sam vai lhe dar uma carona. É só dizer para onde ir, e ele irá.

Assim que Frodo agarrou-se às suas costas, deixando os braços com folga ao redor do seu pescoço, e prendendo as pernas com firmeza sob seus braços, Sam levantou-se com dificuldade; então, para seu espanto, sentiu que o fardo era leve. Temera mal ter forças para carregar apenas o mestre, e além disso esperara precisar dividir o terrível peso do maldito Anel. Mas não foi assim. Talvez porque Frodo estivesse tão exausto por suas longas dores, pelo ferimento de faca, e pelo ferrão venenoso, além da tristeza do medo e de tanto tempo vagando sem um lar, ou talvez porque algum dom de força final lhe fora concedido, Sam levantou Frodo tão facilmente como se estivesse carregando de cavalinho uma criança hobbit, em alguma brincadeira nos prados ou campos de feno do Condado. Respirou fundo e partiu.

Tinham atingido o pé da Montanha pelo seu flanco norte, um pouco

a oeste; ali suas grandes encostas cinzentas, embora irregulares, não eram íngremes. Frodo nada dizia, e assim Sam avançava lutando da melhor maneira possível, sem ter qualquer outro guia a não ser sua própria disposição de escalar até a maior altura que conseguisse, antes que sua força cedesse e sua vontade fosse destruída. Lutava e seguia em frente, subindo e subindo, tomando um ou outro caminho para suavizar a subida, várias vezes tropeçando para a frente e por fim arrastando-se como um caramujo que carrega um fardo pesado nas costas. Quando sua vontade não pôde levá-lo mais adiante, e suas pernas fraquejaram, parou e deitou o mestre no chão suavemente.

Frodo abriu os olhos e respirou fundo. Era mais fácil respirar lá em cima, sobre os vapores pestilentos que se enrolavam e flutuavam mais embaixo.

— Obrigado, Sam — disse ele num sussurro falho. — Quanto caminho ainda resta?

— Não sei — disse Sam , porque não sei para onde estamos indo.

Olhou para trás, e depois para cima; ficou espantado ao ver a distância que percorrera naquele último esforço. A Montanha, erguendo-se ominosa e solitária, parecera maior do que na verdade era. Sam via agora que era menos alta do que os altos passadiços dos Ephel Dúath, que ele e Frodo haviam escalado. As encostas confusas e irregulares de sua enorme base subiam cerca de novecentos metros acima da planície, e acima destas subia por cerca de metade dessa altura o grande cone central, como um vasto forno ou chaminé coroado por uma cratera denteada. Mas Sam já estava quase a meio caminho da base, e a planície de Gorgoroth aparecia escura lá embaixo, envolta em fumaça e sombra. Ao olhar para cima Sam poderia ter dado um grito, se sua garganta ressecada lhe permitisse, pois, em meio ás corcovas e encostas desiguais acima, ele viu claramente uma trilha ou estrada. Subia do oeste como um cinturão, e ziguezagueava ao redor da Montanha como uma cobra até que, antes de sumir de vista, atingia o pé do cone no lado leste.

Sam não conseguia ver o caminho imediatamente acima dele, na sua parte mais baixa, pois uma encosta íngreme subia de onde estava; mas ele calculava que, se conseguisse lutar e subir só um pouco mais, os dois

atingiriam a trilha. Um fulgor de esperança retornou-lhe ao coração. Ainda podiam conquistar a Montanha.

— Que coisa, deve ter sido colocada lá de propósito! — disse ele para si mesmo. — Se não estivesse lá, eu teria de dizer que fui derrotado no final.

A trilha não fora colocada lá para os propósitos de Sam. Ele não sabia mas estava olhando para a Estrada de Sauron, que ia de Barad-dûr até o Sammath Naur, as Câmaras de Fogo. Saindo do enorme portão oeste d Torre Escura, a estrada passava sobre um abismo profundo através de uma ampla ponte de ferro e depois, entrando na planície, continuava por cerca de uma légua entre duas fendas fumegantes, e assim atingia um longo passadiço inclinado que conduzia até a encosta leste da Montanha. Depois fazendo uma curva e contornando toda a circunferência de sul a norte, ela finalmente subia, alta no cone superior, mas ainda longe do topo cheio de vapores, até uma entrada escura que dava para o leste, diretamente na direção da janela do Olho na fortaleza de Sauron, envolta em sombra Frequentemente bloqueada ou destruída por tumultos nos fornos da Montanha, essa estrada era sempre consertada e limpa pelo trabalho de incontáveis orcs.

Sam respirou fundo. Havia uma trilha, mas como subir a encosta para chegar até ela ele não sabia. Primeiro precisava aliviar a dor nas costas. Estirou-se ao lado de Frodo por um tempo. Nenhum dos dois dizia palavra Devagar a luz aumentou. De repente, acometeu-o um senso de urgência que ele não entendia. Era quase como se Sam tivesse sido chamado: "Agora agora, ou será tarde demais!" Apoiou-se e se levantou. Frodo também parecia ter ouvido o chamado. Num esforço se pôs de joelhos.

— Vou rastejar, Sam — disse ele ofegante.

Assim, passo a passo, como pequenos insetos cinzentos, eles se arrastaram encosta acima. Chegaram á trilha e descobriram que era larga, pavimentada com cascalho fragmentado e cinza batida. Frodo subiu até ela e então, como se movido por alguma compulsão, virou lentamente o rosto para o leste. Distantes pairavam as sombras de Sauron mas rasgadas por alguma rajada de vento vinda do mundo, ou quem sabe impelidas por algum intenso abalo interior, as nuvens que tudo cobriam rodopiaram, e por um momento se afastaram; então ele viu, erguendo-se negros, mais negros e

escuros que as vastas sombras em meio às quais estavam, os cruéis pináculos e a corôa de ferro da torre mais alta de Barad-dôr. Durante um momento fugaz, como se emitida de alguma grande janela incomensuravelmente alta, cortou o céu ao norte uma chama vermelha, o faiscar de um olho penetrante; depois as sombras se adensaram de novo e a terrível visão foi removida. O Olho não estava voltado para eles: olhava para o norte, onde os Capitães do Oeste estavam encurralados, e para lá voltava agora toda a sua maldade, enquanto o poder se movia para desferir seu golpe mortal; mas Frodo, diante daquela rápida visão, sentiu-se como alguém golpeado mortalmente. Sua mão procurou a corrente em volta do pescoço.

Sam se ajoelhou ao lado dele. Fraco, quase inaudível, ele ouviu o sussurro de Frodo:

— Me ajude, Sam! Me ajude! Segure minha mão! Não posso detê-lo. — Sam tomou as mãos do mestre e as uniu, palma com palma, beijando-as; depois as segurou delicadamente entre as suas. De súbito lhe ocorreu o pensamento: "Ele nos achou! Está tudo acabado, ou logo estará! Agora, Sam Gamgi, este é o fim de todos os fins."

Mais uma vez levantou Frodo e puxou as mãos dele até o próprio peito, deixando que as pernas do mestre ficassem pendentes. Depois abaixou a cabeça e se esforçou ao longo da estrada que subia. Não era um caminho tão fácil como parecera a princípio. Por sorte, os fogos que se derramaram nos grandes abalos quando Sam estava sobre Cirith Ungol tinham descido principalmente pela encosta sul e pela oeste, e a estrada deste lado não estava bloqueada. Mesmo assim, em vários pontos tinha desmoronado ou era atravessada por largas fendas. Depois de escalar por algum tempo em direção ao leste, a estrada se inclinava sobre si mesma num ângulo fechado e rumava para o oeste por um trecho. Ali, naquela curva, a estrada era um corte fundo através de um velho rochedo desgastado pelo tempo, outrora vomitado dos fornos da Montanha. Ofegando sob sua carga Sam fez a curva, e no momento em que o fazia, pelo canto do olho, viu de relance alguma coisa caindo do rochedo, como um pequeno pedaço de pedra preta que se tivesse desprendido no momento em que ele passava.

Um peso súbito o golpeou e ele caiu para a frente, raspando as costas das mãos que ainda seguravam as do mestre. Então percebeu o que

acontecera, pois acima dele, enquanto estava no chão, ouviu uma voz odiada.

— Messstre malvado! — chiou a voz. — Messstre malvado nos engana; engana Sméagol, gollum Não deve ir por ali. Não deve machucar o Precioso! Dê ele para Sméagol, ssim, dê ele para nóss!

Num repelão Sam levantou-se. Imediatamente puxou a espada, mas nada pôde fazer. Gollum e Frodo estavam atracados. Gollum, furioso, estraçalhava a roupa de Frodo, tentando agarrar a corrente e o Anel. Essa era provavelmente a única coisa que teria despertado as brasas agonizantes do coração e da vontade de Frodo: um ataque, uma tentativa de arrancar-lhe o tesouro à força. Ele lutou com uma fúria súbita que assombrou Sam, e também Gollum. Mesmo assim as coisas poderiam ter acontecido de forma muito diferente, se Gollum não estivesse mudado; mas os misteriosos caminhos, aterrorizantes e solitários, que ele trilhara, sem comida e sem água, movido por um desejo devorador e um medo terrível, haviam deixado nele marcas atrozes. Gollum era agora uma criatura magra, faminta, desfigurada, feita apenas de ossos e pele esticada e embranquecida. Uma luz selvagem queimava em seus olhos, mas sua malícia já não estava associada à antiga força que tinha nas mãos. Frodo se desvencilhou dele, jogando-o de lado, e levantou-se tremendo.

— Largue-me! Largue-me! — disse ele ofegante, com a mão agarrada ao peito, de modo que debaixo da proteção de sua camisa de couro segurava o Anel. — Largue-me, sua coisa rastejante, e saia de meu caminho! Seu tempo chegou ao fim. Agora você não pode me trair ou me matar.

Então, de repente, como antes sob as bordas das Emyn Muil, Sam viu aqueles dois rivais de uma outra maneira. Uma figura humilhada, que mal passava da sombra de um ser vivo, uma criatura agora completamente arruinada e derrotada, e mesmo assim cheia de ira e de um desejo hediondo; e diante dela erguia-se austero, imune agora à compaixão, um vulto vestido de branco, mas que segurava em seu peito uma roda de fogo. Do fogo falava uma voz imperiosa.

— Vá embora, e não me perturbe mais! Se voltar a me tocar de novo você mesmo será jogado dentro do Fogo da Perdição.

A figura humilhada recuou, o terror enchendo-lhe os olhos, que ac

mesmo tempo piscavam num desejo insaciável. Então a visão passou e Sam viu Frodo de pé, com a mão no peito, respirando em grandes haustos, e Gollum aos pés dele, apoiado nos joelhos, com as largas mãos achatadas contra o chão.

— Cuidado! — gritou Sam. — Ele vai pular! — Deu um passo frente, brandindo a espada. — Rápido, Mestre! — disse ele ofegando. — Siga em frente! Siga em frente! Não há tempo a perder Eu cuido dele. Siga er frente!

Frodo olhou para ele como se olha para alguém que está distante.

— Sim, preciso continuar — disse ele. — Adeus, Sam! Chegamos a fim. Sobre a Montanha da Perdição, a perdição cairá. Adeus! — Virou-se partiu, caminhando devagar, mas ereto, subindo a trilha inclinada.

— Agora! — disse Sam. — Finalmente vou cuidar de você! — Saltou á frente, com a espada na mão, pronto para a luta. Mas Gollum não pulou Caiu no chão estatelado, choramingando.

— Não mate nóss — chorava ele. — Não machuque nóss com aço cruel e mau! Deixe nós viver, é sim, viver um pouco mais. Perdidos perdidos! Estamos perdidos. E quando o Precioso se for vamos morrer, é sim morrer na poeira ssuja. — Levantou um pouco das cinzas da trilha com os dedos longos e descarnados. — Sssuja! – chiou ele.

A mão de Sam vacilou. Sua mente fervia com o ódio e com a lembrança do mal. Seria justo matar essa criatura traiçoeira, assassina, justo e muitas vezes merecido; além disso parecia a única coisa segura a fazer Mas no fundo de seu coração havia algo que o impedia: ele não podia atacar aquela coisa caída na poeira, abandonada, arruinada, absolutamente desgraçada. Ele mesmo, embora apenas por pouco tempo, tinha carregado o Anel, e agora adivinhava vagamente a agonia da mente e do corpo murchos de Gollum, escravizados por aquele Anel, incapazes de algum dia encontrarem outra vez paz ou alívio na vida. Mas Sam não tinha palavras para explicar o que sentia.

— Oh, maldita seja, sua criatura nojenta! — disse ele. — Vá embora Fora daqui! Não confio em você, não enquanto ainda possa chutá-lo; mas fora daqui! Ou eu vou machucá-lo, vou sim, com aço cruel e mau.

Gollum ficou de quatro, recuou vários passos e então virou-se, e, no

momento em que Sam fazia menção de chutá-lo, fugiu descendo pela trilha. Sam não lhe deu mais atenção. De repente se lembrou de seu mestre Ergueu os olhos para a trilha e não conseguiu vê-lo. Na maior velocidade possível, foi subindo a estrada. Se tivesse olhado para trás, poderia ter visto Gollum se virar outra vez não muito abaixo, e, depois, vir com um brilho alucinado nos olhos, rápido mas com cautela, arrastar-se atrás dele uma sombra furtiva em meio ás pedras.

A trilha continuava subindo. Logo fazia outra curva e num último trecho ao leste entrava num corte ao longo da face do cone e chegava á porta escura na encosta da Montanha, a porta das Sammath Naur Distante, agora erguendo-se em direção ao sul, o sol, perfurando a fumaça e a névoa, queimava ominoso, um disco vermelho opaco e ofuscado; mas toda Mordor jazia ao redor da Montanha como uma terra morta, silenciosa envolta em sombras, aguardando algum golpe terrível.

Sam atingiu a boca escancarada e espiou lá dentro. Estava escuro e quente, e um ribombar profundo agitava o ar.

— Frodo! Mestre! — chamou ele.

Não houve resposta. Por um momento ficou ali parado, seu coração batendo com temores alucinados, e então mergulhou na escuridão. Uma sombra o seguiu.

Num primeiro momento, não conseguiu ver nada. Em sua extrema necessidade, puxou mais uma vez o frasco de Galadriel, mas ele estava pálido e frio em sua mão trêmula, e não jogava luz alguma naquela escuridão sufocante. Sam chegara ao coração do reino de Sauron, e ás forjas de seu antigo poder, as maiores da Terra-média; ali todos os outros poderes eram subjugados. Temeroso, ele deu alguns passos incertos no escuro, e então, de repente, veio um clarão vermelho que se ergueu nos ares, e atingiu o alto teto negro. Então Sam viu que estava numa longa caverna ou túnel que fora cavado dentro do cone fumegante da Montanha. Mas apenas um pouco adiante, seu chão e as paredes dos dois lados se abriam numa grande fissura, da qual saia o clarão vermelho, que ora se erguia e ora se extinguia na escuridão; e todo o tempo, lá embaixo, havia um rumor e uma agitação como de grandes máquinas pulsando e trabalhando.

A luz irrompeu outra vez, e lá, na borda da fissura, na própria Fenda

da Perdição, estava Frodo, negro contra o clarão, tenso, ereto, mas imóve como se tivesse sido transformado em pedra.

— Mestre! — gritou Sam.

Então Frodo se mexeu e falou com uma voz clara, na realidade com uma voz mais clara e poderosa do que Sam jamais o ouvira usar, e que se erguia acima da pulsação e dos abalos da Montanha da Perdição retumbando no teto e nas paredes.

— Cheguei — disse ele. — Mas agora minha escolha é não fazer o que vim aqui para fazer. Não vou realizar este feito. O Anel é meu! — E d repente, colocando-o no dedo, desapareceu da visão de Sam. Sam abriu a boca assombrado, mas não pôde gritar, pois naquele momento muitas coisas aconteceram.

Alguma coisa golpeou-o violentamente pelas costas, suas pernas ficaram presas por baixo e ele foi jogado de lado, batendo a cabeça contra o chão de pedra; uma sombra escura pulou sobre ele. Sam ficou deitado e imóvel, e por um tempo tudo ficou escuro.

E lá bem distante, no momento em que Frodo colocou o Anel e reivindicou para si mesmo, exatamente ali, nas Sammath Naur, o próprio coração de seu reino, o poder de Barad-dûr sofreu um abalo, e a Torre tremeu dos alicerces até o topo orgulhoso e cruel. De repente o Senhor do Escuro percebeu a presença do hobbit, e seu Olho, penetrando todas as sombras, atravessou a planície na direção da porta que ele fizera; e a magnitude de sua própria loucura revelou-se a ele num clarão cegante, e todas as estratégias de seus inimigos foram finalmente desnudadas diante de seus olhos. Então sua ira incandesceu-se numa chama devoradora, mas seu medo ergueu-se como uma vasta fumaça para sufocá-lo. Pois ele sabia do perigo mortal que estava correndo, e percebia o fio pelo qual estava agora pendurado seu destino. De todas as suas estratégias e teias de medo e traição, de todos os seus estratagemas e guerras sua mente se libertou, e todo o seu reino foi atravessado por um tremor, seus escravos vacilaram, seus exércitos pararam e seus capitães, subitamente sem liderança, desprovidos de vontade, hesitaram e se desesperaram. Pois foram esquecidos. Toda a mente e o propósito do Poder que os controlava concentravam-se agora com uma força arrasadora na Montanha. A um chamado seu, rodopiando com

um grito lancinante, numa última corrida desesperada voaram, mais rápidos que os ventos, os nazgúl, os Espectros do Anel, e com uma tempestade de asas arremessaram-se em direção ao sul para a Montanha da Perdição.

Sam levantou-se. Estava zonzo, e o sangue que jorrava de sua cabeça pingava-lhe sobre os olhos. Avançou tateando e então viu uma cena estranha e terrível.

Gollum, na beira do abismo, lutava como um ser ensandecido contra um inimigo invisível. Tombava para a frente e para trás, algumas vezes chegando tão perto da borda que quase caía lá dentro, outras recuando, caindo ao chão, levantando-se e caindo de novo. Durante todo o tempo chiava, mas não dizia palavra alguma.

Os fogos embaixo despertaram irados, o clarão vermelho incandesceu-se, e toda a caverna ficou repleta de luminosidade e calor.

De repente Sam viu as longas mãos de Gollum se erguerem até a boca; suas presas brancas brilharam, e se fecharam numa mordida. Frodo deu um grito, e lá estava ele, caído de joelhos, na beira do abismo. Mas Gollum, dançando como um louco, erguia o anel, com um dedo ainda enfiado no circulo, que agora brilhava como se realmente fosse feito de fogo vivo.

— Precioso, precioso, precioso! — gritava Gollum. — Meu Precioso! Ó, meu Precioso! — E assim, no momento em que erguia os olhos para se regozijar com sua presa, deu um passo grande demais, tropeçou, vacilou por um momento na beirada, e então com um grito agudo caiu. Das profundezas chegou seu último gemido, Precioso, e então ele se foi.

Houve um rugido e uma grande confusão de sons. Labaredas se alçavam e lambiam o teto. A pulsação cresceu num grande tumulto, e a montanha tremeu. Sam correu até Frodo, e levantando-o carregou-o até a porta. E ali, na soleira escura das Sammath Naur, bem acima das planícies de Mordor, tal estupefação e terror sobrevieram que ele ficou parado, esquecido de todo o resto, imóvel como alguém que foi transformado em pedra. Teve uma visão rápida de nuvens rodopiando, e no meio delas torres e ameias, altas como colinas, fundadas sobre um poderoso trono de montanha acima de abismos incomensuráveis; grandes pátios e calabouços, prisões sem olhos, íngremes como penhascos, e portões escancarados feitos

de ferro e pedra adamantina: e então tudo acabou. Torres caíram e montanhas deslizaram; paredes desmoronaram e derreteram, esboroando-se; enormes espirais de fumaça e jatos de vapor subiam, subiam e se espalhavam, até formarem um teto semelhante a uma onda ameaçadora, e sua crista alucinada se crispou e veio descendo e cobrindo tudo, espumando sobre a terra. E então, por fim, através das milhas da planície chegou um ribombo, crescendo até se tornar um estrondo e um rugido ensurdecedores; a terra tremeu, a planície arfou, abriu-se em brechas e o Orodruín cambalcou. Chamas se lançavam de seu topo fendido. Os céus explodiran em trovão, cortados por relâmpagos. Como chicotes açoitando caiu uma torrente de chuva negra. E no coração da tempestade, com um grito que atravessava todos os outros sons, rasgando as nuvens, os nazgúl vieram, caindo como raios em chamas, como se estivessem presos na destruição da montanha e do céu, e no fogo estalaram, murcharam e se apagaram.

Bem, este é o fim, Sam Gamgi disse uma voz ao seu lado. E ali estav Frodo, pálido e exausto, e apesar disso era Frodo novamente; agora em seu olhos só havia paz; nem luta de vontade, nem loucura, nem qualquer temor. Seu fardo fora levado. Ali estava o querido mestre dos doces dias n Condado.

— Mestre! — gritou Sam, caindo de joelhos. Em meio a toda aquel ruína do mundo, naquele momento ele só sentiu alegria, uma grande alegria.

O fardo se fora. Seu mestre se salvara; voltara a si de novo, estava livre. E então Sam viu a mão mutilada, sangrando.

— Sua pobre mão! — disse ele. E não tenho nada que sirva com atadura, ou que possa confortá-la. Eu preferiria dar-lhe uma das minhas mãos inteira. Mas agora ele se foi, e está além de qualquer alcance. Ele se fo para sempre.

— Sim — disse Frodo. Mas você se lembra das palavras de Gandal Até mesmo Gollum pode ter ainda algo afazer? Se não fosse por ele, Sam, e não poderia ter destruído o Anel. A Demanda teria sido em vão, no fim d tanta amargura. Então vamos perdoá-lo! Pois a Demanda está terminada, com sucesso, e tudo está acabado. Estou contente por tê-lo comigo. Aqui, n fim de todas as coisas, Sam.

CAPÍTULO IV: O CAMPO DE CORMALLEN

Por todos os flancos das colinas atacavam os exércitos de Mordor. O Capitães do Oeste soçobravam num mar crescente. O sol brilhava rubro, e sob as asas dos nazgúl as sombras de morte caiam escuras cobrindo a terra. Aragorn, sob a sua bandeira, estava silencioso e austero, como alguém perdido em pensamentos de coisas distantes ou há muito passadas; mas seus olhos reluziam como estrelas que ficam mais brilhantes à medida que a noite se aprofunda. No topo da colina estava Gandalf, branco e impassível, e nenhuma sombra o cobria. O ataque de Mordor explodiu como uma onda contra as colinas sitiadas, vozes rugindo como vagas em meio à destruição e ao entrechoque das armas.

Como se a seus olhos fosse concedida uma visão súbita, Gandalf se mexeu; voltou-se, olhando para o norte, onde os céus estavam pálidos e limpos. Então levantou as mãos e bradou numa voz que retumbou acima de todo o alarido: As Águias estão chegando! E muitas vozes responderam gritando: As Águias estão chegando! As Águias estão chegando! Os exército de Mordor olharam para cima, sem saber o que aquele sinal podia significar. Lá vinha Gwaihir, o Senhor dos Ventos, e Landroval, seu irmão, as maiore de todas as Águias do Norte, e os mais poderosos descendentes do velho Thorondor, que construíra seus ninhos nos picos inacessíveis das Montanhas Circundantes quando a Terra-média era jovem. Atrás deles vinham em longas e velozes fileiras todos os seus vassalos das montanhas do norte, cada vez mais rápidos num vento crescente. Caíram direto sobre os nazgúl, descendo dos altos ares num súbito mergulho, e o ruflar de suas amplas asas passou como uma rajada de vento. Mas os nazgúl se viraram e fugiram, sumindo dentro das sombras de Mordor, respondendo a um chamado súbito e terrível vindo da Torre Escura; e naquele momento todos os exércitos de Mordor estremeceram, a dúvida oprimiu-lhes os corações, seu riso falhou, suas mãos tremeram e suas pernas bambearam. O Poder que os fazia avançar e os enchia de ódio e fúria estava vacilando, sua vontade afastava-se deles; agora, olhando nos olhos do inimigo, eles viam uma luz fatal, e sentiam medo. Todos os Capitães do Oeste clamaram em altos brados, pois seus corações se encheram de uma nova esperança em meio à escuridão.

Das colinas sitiadas avançaram contra os inimigos vacilantes os soldados de Gondor, os Cavaleiros de Rohan, os dúnedain do norte, companhias em fileiras cerradas penetrando a turba com estocadas de lanças enfurecidas. Mas Gandalf ergueu os braços e chamou mais uma vez numa voz límpida:

— Parem, homens do oeste! Parem e esperem! Esta é a hora da condenação.

E, no momento em que falava, a terra tremeu sob seus pés. Então subindo depressa, bem acima das Torres do Portão Negro, muito mais alto que montanhas, uma vasta escuridão irrompeu nos céus, coruscando fogo. E a terra gemeu e estremeceu. As Torres dos Dentes balançaram, cambalearam e caíram; a poderosa fortificação desmoronou, o Portão Negro se desfez em ruínas; e de longe, às vezes fraco, às vezes crescendo, outras ainda subindo até as nuvens, vinha um retumbar como o de tambores, um rugido, um ruído longo e turbulento de destruição.

— O reino de Sauron está terminado! — disse Gandalf. — O Portador do Anel cumpriu sua Demanda. — E, quando os Capitães olharam para sul na direção da Terra de Mordor, tiveram a impressão de que, negro contra a cortina de nuvens, erguia-se um enorme vulto de sombra, impenetrável, coroado de relâmpagos, enchendo todo o céu. Enorme, levantava-se sobre o mundo, e estendia na direção deles uma grande mão ameaçadora, terrível mas impotente: pois no momento em que se debruçava sobre eles um forte vento o arrebatou, e o vulto foi completamente varrido para longe, e passou; e então um silêncio caiu.

Os Capitães curvaram as cabeças; e, quando as ergueram de novo, eis que os inimigos estavam fugindo e o poder de Mordor se dispersava como poeira no vento. Como formigas que vagam sem destino e sem propósito, para depois morrerem exauridas, quando a morte golpeia o ser inchado e incubante que habita o formigueiro e a todas mantém sob controle, da mesma maneira as criaturas de Sauron, orcs ou trolls ou animais escravizados por encantamento, corriam de um lado para o outro sem rumo; alguns se matavam ou se jogavam em abismos, ou ainda fugiam gemendo para se esconderem em buracos e lugares escuros e sem luz, distantes de qualquer esperança.

Mas os homens de Rhûn e Harad, orientais e sulistas, viram a

destruição de sua guerra e a grande majestade e glória dos Capitães do Oeste. E aqueles que havia mais tempo estavam mais envolvidos na servidão maligna, odiando o oeste, e contudo eram homens altivos e corajosos, por sua vez se ajuntaram numa resistência desesperada. Mas a maioria deles fugiu como pôde para o leste; alguns ainda jogaram suas armas ao chão e imploraram clemência.

Gandalf então, deixando todos esses assuntos de batalha e comando para Aragorn e para os outros senhores, subiu até o topo da colina e chamou; desceu até ele a grande águia, Gwaihir, o Senhor dos Ventos.

— Você me carregou duas vezes, Gwaihir, meu amigo — disse Gandalf. — Mais uma terceira e estaremos quites, se você estiver disposto Você verá que não serei um fardo muito maior do que quando você me levou de Zirakzigil, onde minha vida antiga se consumiu no fogo.

— Eu o carregaria — disse Gwaihir — para onde quisesse, mesmo que você fosse feito de pedra.

— Então venha, e permita que seu irmão nos acompanhe, e mais alguém de seu povo que seja velocíssimo! Pois necessitamos de uma velocidade maior do que a de qualquer vento, superior a das asas dos nazgúl.

— O Vento Norte está soprando, mas vamos ultrapassá-lo — disse Gwaihír. E, erguendo Gandalf, alçou num vôo rápido rumo ao sul, e com ele foram Landroval e Meneldor, jovem e veloz. Passaram sobre Udún Gorgoroth e viram toda a terra em ruína e tumulto embaixo deles, e adiante a Montanha da Perdição incandescente, derramando seu fogo.

— Estou feliz em tê-lo aqui comigo — disse Frodo. — Aqui, no fim de todas as coisas, Sam.

— Sim, estou com o senhor, Mestre — disse Sam, pousando delicadamente a mão ferida de Frodo sobre o peito. — E o senhor está comigo. E a viagem está terminada. Mas depois de ter vindo até aqui não quero desistir dela ainda. Não é do meu feitio, de certa forma, se o senhor me entende.

— Talvez não, Sam — disse Frodo —; mas é do feitio de todas as coisas que existem no mundo. As esperanças fracassam. Um fim chega Agora só temos de esperar um pouco. Estamos perdidos na ruína e na

destruição, e não há como escapar.

— Bem, Mestre, poderíamos pelo menos nos afastar deste lugar perigoso, desta Fenda da Perdição, se esse é o nome. Não poderíamos? Vamos, Sr. Frodo, pelo menos vamos descer a trilha!

— Muito bem, Sam. Se você quer ir, eu vou — disse Frodo; e os dois se levantaram e foram descendo lentamente a estrada sinuosa; no momento em que atingiam os pés da Montanha em convulsão, uma grande nuvem de fumaça e vapor foi expelida pelas Sammath Naur e a face do cone se abriu numa grande fenda, e um enorme vômito de fogo rolou numa cascata lenta e tonitruante descendo a encosta leste.

Frodo e Sam não conseguiam avançar. As últimas forças de sua mentes e corpos se extinguiam rapidamente. Tinham chegado a um montículo baixo de cinzas que se formara ao pé da Montanha; de lá não havia mais como escapar. Agora o montículo se transformara numa ilha, que não duraria muito em meio ao tormento do Orodruin.

Por toda a volta a terra se abria, e de fossos e poços profundos a fumaça e o vapor subiam. Atrás deles a Montanha tinha convulsões. Grandes brechas se abriam em seus flancos.

Lentos rios de fogo desciam as encostas na direção deles. Logo seriam engolidos. Caía uma chuva de cinza quente. Agora estavam parados, e Sam ainda segurando a mão do mestre, a acariciava. Suspirou.

— Fizemos parte de uma grande história, Sr. Frodo, não foi mesmo? — disse ele. — Gostaria de poder ouvir alguém contando! O senhor acha que eles vão dizer: Agora vem a história de Frodo dos Nove Dedos e o Anel da Perdição? E então todo mundo fará silêncio, como fizemos quando em Valfenda nos contaram a história de Beren-Maneta e a Grande Joia. Gostaria de poder escutar! E fico imaginando como a história contínua depois da nossa parte. Mas no momento em que dizia isso, para afastar o medo até o último instante, seus olhos vagaram para o norte, perscrutando o olho do vento, para onde o céu distante estava claro, enquanto o vento frio, transformando-se numa rajada, varria para longe a escuridão e a ruína das nuvens.

E foi assim que Gwaihír os viu com seus olhos penetrantes, enquanto descia em meio ao forte vento, e desafiando o grande perigo dos céus fazia

rondas no ar: dois pequenos vultos escuros, abandonados, de mãos dadas, sobre uma pequena colina, enquanto o mundo tremia embaixo delas, e arfava, e rios de fogo se aproximavam.

E, no mesmo momento em que os encontrou e desceu num mergulho, viu-os cair, exaustos, ou sufocados pela fumaça e pelo calor, ou finalmente derrubados pelo desespero, escondendo os olhos da morte. Estavam deitados lado a lado, e Gwaihir veio voando baixo, seguido por Landroval e Meneldor, o veloz; e num sonho, sem saber o que lhes estava acontecendo, os caminhantes foram erguidos e carregados para longe da escuridão e do fogo.

Quando Sam acordou, viu que estava deitado em alguma cama macia, mas sobre ele balançavam suavemente grandes ramos de faia, e através das folhas jovens o sol reluzia, verde e dourado. Todo o ar estava repleto de uma fragrância suave e adocicada. Lembrou-se daquele cheiro: a fragrância de Ithilien.

— Graças! — cismou ele. — Por quanto tempo estive dormindo? — Pois o cheiro o carregara de volta ao dia em que ele acendera sua pequena fogueira sob o barranco ensolarado, e por um momento tudo o que se passara depois se apagou da memória consciente. Espreguiçou-se e respirou fundo. — Puxa, que sonho eu tive! — murmurou ele. — Estou feliz por ter acordado! — Sentou-se e então viu que Frodo estava deitado ao lado dormindo tranquilo, com uma mão atrás da cabeça, e a outra descansando sobre a coberta. Era a mão direita e faltava-lhe o terceiro dedo. Uma lembrança completa inundou-lhe a mente, e Sam gritou: — Não foi um sonho! Então, onde estamos?

E uma voz suave falou atrás dele:

— Na terra de Ithilien, sob a proteção do Rei; e ele aguarda vocês. — Dizendo isso, Gandalf se postou diante deles, vestido de branco, sua barba agora reluzindo como neve pura no piscar da luz do sol por entre as folhas. — Bem, Mestre Samwise, como se sente? — perguntou ele.

Mas Sam caiu deitado de novo e ficou olhando de boca aberta; por um momento, dividido entre o espanto e uma grande alegria, não conseguiu responder. Por fim disse ofegante:

— Gandalf Pensei que estava morto! Mas depois pensei que eu

mesmo estava morto. Será que todas as coisas tristes vão acabar se desfazendo? O que aconteceu com o mundo?

— Uma grande Sombra partiu — disse Gandalf, e depois riu, e o som de sua risada era como música, ou como água correndo numa terra ressequida; ouvindo aquilo, Sam percebeu que perdera a conta dos dias em que não ouvira um riso, o puro som do contentamento. Chegava-lhe aos ouvidos como o eco de todas as alegrias que já conhecera. Mas ele mesmo explodiu em lágrimas. Depois, como a chuva suave passa com um vento de primavera, e o sol volta a brilhar mais forte, suas lágrimas cessaram, e o riso foi aflorando, e rindo ele saltou da cama.

— Como me sinto? — gritou ele. — Bem, não sei dizer. Eu me sinto eu me sinto — acenou com as mãos nos ares —, sinto-me como a primavera depois do inverno, com sol nas folhas, e como trombetas e harpas e todas as músicas que jamais ouvi! — Parou e olhou para seu mestre. — Mas como está o Sr. Frodo? Não é uma pena o que aconteceu com a mão dele? Ma espero que quanto ao resto esteja tudo bem. Ele passou por dias cruéis.

— Sim, quanto ao resto tudo está bem comigo — disse Frodo sentando-se e por sua vez rindo também. — Adormeci de novo esperando você, Sam, seu dorminhoco. Já estava acordado bem cedo hoje, e agora deve ser perto do meio-dia.

— Meio-dia? — disse Sam, tentando calcular. — Meio-dia de que dia? — O décimo quarto do Ano Novo — disse Gandalf—; ou, se voc preferir, o oitavo dia de abril no Registro do Condado[6]. Mas em Gondor o Ano Novo sempre começará no dia vinte e cinco de março, quando Sauron caiu, e quando vocês foram salvos do fogo e trazidos ao Rei. Ele cuidou de vocês, agora os aguarda. Vão comer e beber com ele. Quando estiverem prontos, vou conduzi-los à sua presença.

— O Rei? — disse Sam. — Que Rei, e quem é ele?

— O Rei de Gondor, e Senhor das Terras do Oeste — disse Gandalf – e ele voltou a tomar posse de todo o seu antigo reino. Logo partirá para a coroação, mas está aguardando vocês.

— O que vamos vestir? — disse Sam —; pois tudo o que conseguia ver eram as roupas velhas e rasgadas com as quais tinham viajado, que estavam dobradas no chão ao lado das camas.

— As roupas que usaram quando estavam indo para Mordor — disse Gandalf. — Até mesmo os farrapos de orc que você usou na terra negra, Frodo, serão preservados. Nenhuma seda ou linho, nem qualquer armadura ou escudo poderiam ser mais honrosos. Mas depois vou arranjar outras roupas, talvez. Então estendeu as mãos para os dois, e eles viram que uma delas brilhava com uma luz.

— O que você tem aí? — gritou Frodo. — Será...

— Sim, eu trouxe seus dois tesouros. Estavam com Sam quando você foram resgatados. Os presentes da Senhora Galadriel: seu cristal, Frodo, e sua caixa, Sam.

Vão ficar felizes em guardá-los a salvo outra vez.

Depois de se lavarem, vestirem a roupa e comerem uma refeição leve, os hobbits seguiram Gandalf. Saíram do bosque de faias onde haviam repousado, e passaram para um extenso gramado verde, que reluzia ao sol, margeado por imponentes árvores de folhas escuras, cobertas de flores escarlate. No fundo ouvia-se o som de água caindo, e um rio corria á frente deles entre margens floridas, até chegar a um bosque aos pés do gramado onde prosseguia sob um arco de árvores, através das quais se podia ver a água tremeluzindo na distância.

Chegando à entrada do bosque, ficaram surpresos ao verem cavaleiros em armaduras brilhantes e altivos guardas vestidos de prata e negro, que os saudaram com honras e lhes fizeram reverências. E então um deles tocou uma longa trombeta, e eles continuaram avançando pelo corredor de árvores ao lado do rio cantante. Assim chegaram a um lugar amplo e verde, além do qual havia um rio largo coberto de uma névoa prateada, da qual emergia uma longa ilha arborizada, com muitos navios atracados em sua costa. Mas no campo onde agora entravam havia um grande exército em formação, e suas fileiras e companhias brilhavam ao sol. E, quando os hobbits se aproximaram, espadas foram desembainhadas, lanças se agitaram, cornetas e trombetas cantaram, e os homens gritavam em muitas vozes e em muitas línguas:

"Vida longa aos Pequenos! Louvai-os com grande louvor!
Cuio i Pheriain anann! Aglar"ni Pheríannath!

Louvai-os com grande louvor, Frodo e Samwise!
Daur a Berhael, Conin en Annún! Eglerio!
Louvai-os!
Eglerio!
leita te. laita te! Andave laituvalmet!
Louvai-os!
Cormacolindor, a laita tórien na!
Louvai-os! Os Portadores do Anel, louvai-os com grande louvor!"

E assim, com o sangue quente a corar-lhes as faces e os olhos brilhando de surpresa, Frodo e Sam avançaram e viram que em meio ao exército clamante estavam três altos assentos feitos de turfa verde. Atrás do assento á direita pairava, branco sobre verde, um grande cavalo correndo solto; à esquerda havia uma bandeira, prata sobre azul, um navio com proa em cisne vagando sobre o mar; mas atrás do trono mais alto, que ficava bem ao centro, um grande estandarte se abria na brisa, e nele uma árvore branca floria sobre um campo de sable, sob uma corôa reluzente e sete estrelas brilhantes. Sentado no trono estava um homem vestido de malha metálica, com uma grande espada sobre os joelhos; mas em sua cabeça não havia elmo.

Quando os hobbits se aproximaram, ele se levantou. E então o reconheceram, mesmo mudado como estava, tão altivo e com uma expressão alegre no rosto, majestoso, senhor de homens, de cabelos escuros e olhos cinzentos.

Frodo correu ao encontro dele, e Sam foi logo atrás.

— Ora, ora, mas isso corôa tudo! — disse ele. — Passolargo, ou então ainda estou sonhando!

— Sim, Sam, Passolargo — disse Aragorn. — Estamos muito longe de Bri, onde você não gostou da minha aparência, não é mesmo? Todos nós estamos muito longe, mas a sua estrada foi a mais escura.

E então, para a surpresa e completo assombro de Sam, ele curvou os joelhos diante deles; depois tomando-os pela mão, Frodo à direita e Sam à esquerda, conduziu-os até o trono e, fazendo-os sentar, virou-se para os homens e capitães que assistiam a tudo e, numa voz que ecoou por todo o

exército, gritou:

— Louvai-os com grande louvor!

E depois que o grito alegre cresceu e foi diminuindo de novo, completando de uma vez por todas a satisfação de Sam e enchendo-o de pura alegria, um menestrel de Gondor deu um passo à frente, ajoelhou-se e pediu permissão para cantar. E eis que disse ele:

— Vejam, senhores, cavaleiros e homens de honra imaculada, reis e príncipes e belo povo de Gondor, Cavaleiros de Rohan e vós, filhos de Elrond, e dúnedain do norte, elfo e anão e valentes do Condado, e todas as pessoas livres do oeste, ouçam agora a minha balada. Pois vou cantar para todos sobre Frodo dos Nove Dedos e o Anel da Perdição.

E, quando Sam ouviu aquilo, riu alto por puro deleite; levantando-se gritou:

— Ó grande glória e esplendor! E todos os meus desejos se realizaram! – E então chorou.

E todo o exército riu e chorou, e no meio desta alegria e destas lágrimas a voz límpida do menestrel se ergueu como prata e ouro, e todos os homens silenciaram.

E ele cantou, alternando a língua do elfos e a do oeste, até que seus corações, feridos por doces palavras, transbordaram, numa alegria que se assemelhava a espadas, e eles passaram em pensamentos para regiões onde dor e prazer fluem juntos, e as lágrimas são o próprio vinho da felicidade.

Por fim, quando o sol do meio-dia foi caindo e as sombras das árvores se alongaram, o menestrel terminou.

— Louvai-os com grande louvor! — disse ele ajoelhando-se.

E então Aragorn se levantou, e depois dele todo o exército, e eles passaram para pavilhões já preparados, onde iriam comer, beber e se alegrar enquanto durasse o dia.

Frodo e Sam foram conduzidos em separado para uma tenda, onde despiram suas vestes velhas, que apesar disso foram dobradas e guardadas com honra; roupas limpas de linho foram-lhes trazidas. Então veio Gandalf tendo nos braços, para a surpresa de Frodo, a espada, a capa élfica e o casaco de mithril que lhe foram tomados em Mordor. Para Sam ele trouxe um casaco de malha dourada, e a capa élfica completamente curada dos

ferimentos e manchas que sofrera; depois colocou diante deles duas espadas.

— Não desejo espada alguma — disse Frodo.

— Pelo menos esta noite você deve usar uma — disse Gandalf.

Então Frodo pegou a pequena espada que pertencera a Sam, e for colocada ao seu lado em Cirith Ungol.

— Ferroada eu dei a você, Sam — disse ele.

— Não, mestre! O Sr. Bilbo a deu ao senhor, e ela combina com casaco prateado dele; ele não gostaria que ninguém mais a usasse agora.

Frodo concordou, e Gandalf, como se fosse o escudeiro dos hobbits ajoelhou-se e cingiu-lhes os cintos com as espadas; depois, levantando-se, colocou diademas de prata em suas cabeças. E, quando estavam paramentados, foram para o grande banquete; sentaram-se á mesa do Rei com Gandalf, o Rei Éomer de Rohan, o Príncipe Imrahil e todos os principa capitães, além de Gimli e Legolas. Mas quando, depois do Silêncio d Cerimônia, o vinho foi trazido, entraram dois escudeiros para servir os reis; pelo menos assim pareciam: um estava vestindo a prata e o negro dos guardas de Minas Tirith, e o outro trajava branco e verde. Mas Sam fico curioso, pensando o que dois meninos tão jovens estariam fazendo em meio a um exército de homens poderosos. Então, de repente, quando os dois se aproximaram e ele os pôde ver melhor, exclamou:

— Ora, ora, olhe, Sr. Frodo! Olhe aqui! Veja, se não é o Sr. Pippi Quero dizer, o Sr. Peregrin Túk, e o Sr. Merry! Como cresceram! Vejam s Aposto que há mais histórias a contar além da nossa.

— É isso mesmo — disse Pippin virando-se para ele. — E vamo começar a conta-las assim que este banquete terminar. No meio tempo vocês podem tentar com Gandalf. Ele já não é mais tão reservado com antes, embora nos últimos tempos esteja mais rindo do que falando. Po enquanto Merry e eu estamos ocupados. Somos cavaleiros da Cidade e d Rohan, como espero que você tenha observado.

Finalmente terminou o alegre dia, e, quando o sol se foi e a lua redonda subiu devagar acima das névoas do Anduin, tremeluzindo através das folhas farfalhantes, Frodo e Sam se sentaram sob árvores sussurrante em meio à fragrância da bela Ithilien; foram noite adentro conversando com

Merry, Pippin e Gandalf, e depois de um tempo Legolas e Gimli juntaram-se a eles. Então Frodo e Sam souberam grande parte do que acontecera à Comitiva depois do rompimento da sociedade, naquele dia maligno no Parth Galen, perto da Cachoeira de Rauros; mesmo assim, havia sempre mais a perguntar, e mais a contar.

Orcs, árvores falantes, léguas de relva, cavaleiros galopantes, cavernas cintilantes, torres brancas e palácios dourados, e batalhas, altos navios navegando, todas essas coisas passaram diante da mente de Sam até que ele ficou confuso. Mas, em meio a todas essas surpresas, ele sempre retornava ao assombro que sentira ao ver o tamanho de Merry e Pippin. Fez então com que cada um deles ficasse de pé e medisse sua altura com ele e com Frodo, cada um de costas para o outro. Coçou a cabeça.

— Não posso entender isso nessa idade! — disse ele. — Mas é isto mesmo: os senhores estão quase oito centímetros mais altos do que deveriam estar, ou eu sou um anão.

— Isso certamente você não é — disse Gimli. — Mas o que foi que eu disse? Os mortais não podem ficar bebendo bebida de ent e esperar apenas o mesmo efeito de uma caneca de cerveja.

— Bebida de ent? — disse Sam. — Lá vêm vocês com os ents de novo mas não consigo entender o que eles são. Acho que vai levar semanas até que tenhamos esclarecido todas essas coisas!

— Sem dúvida, semanas — disse Pippin. — E depois Frodo terá de ser trancado numa torre de Minas Tirith para escrever toda a história. Caso contrário vai esquecer metade dela, e o pobre e velho Bilbo ficará terrivelmente desapontado.

Por fim Gandalf se levantou.

— As mãos do rei são mãos que curam, queridos amigos — disse ele. — Mas vocês chegaram á beira da própria morte, antes que ele os resgatasse, usando todo o seu poder, e enviando-os para o doce esquecimento do sono. E, embora vocês tenham realmente dormido longa e tranquilamente, ainda assim é hora de dormirem outra vez.

— E não apenas para Frodo e Sam — disse Gimli —, mas voc também, Pippin. Eu te amo, mesmo que seja apenas por causa de todos os sofrimentos que me custou, dos quais nunca me esquecerei. Muito menos

esquecerei o momento em que o encontrei na colina da última batalha. Se não fosse por mim, Gimli, o anão, você se teria perdido naquela hora. Mas pelo menos agora eu conheço a aparência do pé de um hobbit, mesmo que seja a única coisa visível sob um monte de cadáveres. E, quando retirei a grande carcaça de cima de você, tinha certeza de que estava morto. Teria apostado minha barba. E só faz um dia que você se levantou pela primeira vez, completamente recuperado. Para a cama, já. E eu vou também.

— E eu — disse Legolas — vou andar na floresta desta bela terra, o que para mim é descanso suficiente. Em dias vindouros, se meu senhor élfico permitir, alguns de meu povo vão se mudar para cá; quando vierem será uma alegria completa, por um tempo. Por um tempo: um mês, uma vida, cem anos dos homens. Mas o Anduin está perto, e o Anduin leva até o Mar. Para o Mar!

Para o Mar, para o Mar! As gaivotas vão gritando,
O vento está fluindo, branca espuma levantando.
A oeste, oestembora, redondo o sol vai indo.
Barco cinza, barco cinza, o chamado estás ouvindo
Das vozes de meu povo, dos que não vejo mais?
Vou deixar vou deixar os bosques maternais;
nossos anos já vão indo, nossos dias terminando.
Amplas águas vou cruzar, sozinho navegando.
Na Praia Derradeira longas ondas vão quebrando,
Naquela Ilha Perdida doces vozes vão clamando,
Em Eresséa, em Casadelfos que mortal não viu presente,
Onde as folhas jamais caem: lá meu povo eternamente.

E, quando ficou sabendo que no cerco de Gondor houvera um grande número desses animais, mas que eles haviam sido abatidos, considerou o fato uma triste perda.

— Bem, não se pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, eu acho — disse ele. — Mas eu perdi muita coisa, ao que parece.

Enquanto isso o exército se preparava para o retorno a Minas Tirith. Os que estavam exaustos descansaram, os feridos foram curados. Pois alguns

tinham trabalhado e lutado muito com os últimos orientais e sulistas, até que todos foram subjugados. E, por último, retornaram aqueles que tinham penetrado em Mordor e destruído as fortalezas ao norte daquela região.

Mas por fim, quando o mês de maio se aproximava, os Capitães do Oeste partiram de novo; foram de navio com todos os seus homens, e navegaram de Cair Andros pelo Anduin até Osgiliath, e lá permanecerar por mais um dia; no dia seguinte chegaram aos campos verdes do Pelennor e viram outra vez as torres brancas sob a alta Mindolluin, a Cidade dos Homens de Gondor, última lembrança do Ponente, que atravessara a escuridão e o fogo para atingir um novo dia. E lá, no meio dos campos, eles montaram seus pavilhões e aguardaram a chegada da manhã, pois era Véspera de Maio, e o Rei entraria pelos seus portões com o nascer do sol. E assim, cantando, Legolas saiu, descendo a colina.

Então os outros também saíram, e Frodo e Sam foram dormir. Pel manhã acordaram outra vez em meio à paz e á esperança; passaram muitos dias em Ithilien. Pois o Campo de Cormallen, onde o exército estava agor acampado, ficava perto de Henneth Annún, e o rio que corria de sua cachoeira podia ser ouvido na noite, quando passava descendo através de seu portão de pedra, e atravessava os prados floridos, dirigindo-se para a correnteza do Anduin perto da Ilha de Cair Andros. Os hobbits andavam de um lugar para o outro, visitando outra vez os lugares pelos quais já tinham passado, e Sam sempre alimentava a esperança de ver, em alguma sombra ou clareira secreta da floresta, talvez num momento fugaz, o grande Olifante.

CAPÍTULO V: O REGENTE E O REI

Sobre a cidade de Gondor pairava dúvida e grande medo. O bon tempo e o sol claro haviam parecido apenas um arremedo aos olhos de homens cujos dias continham poucas esperanças, e que esperavam a cada manhã notícias de destruição. O senhor daquele povo estava morto e queimado, morto jazia o Rei de Rohan em sua Cidadela, e o novo rei, qu chegara até eles durante a noite, partira outra vez para uma guerra contra forças por demais escuras e terríveis para que qualquer poder ou coragem pudessem vencê-las. E nenhuma noticia chegava. Depois que o exércit partiu do Vale Morgul e tomou a estrada que conduzia ao norte, sob a sombra das montanhas, nenhum mensageiro retornara, nem tampouco houvera qualquer boato sobre o que estava se passando no leste.

Apenas dois dias após a partida dos Capitães, a Senhora Éowyn ordenou às aias que a assistiam que trouxessem suas roupas, e não se mostrou disposta a que a contradissessem: levantou-se da cama. E, quando a tinham vestido e colocado seu braço numa tipóía de linho, ela se dirigiu ao Diretor das Casas de Cura.

— Senhor — disse ela —, estou muito ansiosa, e não posso ficar mais tempo nesse repouso indolente.

— Senhora — respondeu ele —, ainda não está curada, e foi— me ordenado que lhe dispensasse cuidados especiais. Deveria repousar em sua cama por mais sete dias, ou pelo menos foi o que me recomendaram. Peço que retorne.

— Estou curada — disse ela —, pelo menos meu corpo está, a não ser apenas por meu braço esquerdo, e este está repousando. Mas vou adoecer de novo, se não houver nada que eu possa fazer. Não há noticias da guerra? As aias não me dizem nada.

— Não há notícias — disse o Diretor —, exceto a de que os Senhore cavalgaram para o Vale Morgul, e os homens dizem que o novo capitão que veio do norte os lidera. Ele é um grande senhor, e um curador; e a mim me parece estranho que uma mão que cura deva também brandir uma espada. Não é o que acontece em Gondor atualmente, embora outrora tenha sido assim, se as velhas histórias são verdadeiras. Mas por longos anos nós, os

curadores, só estamos procurando remendar os rasgos feitos pelos espadachins. Apesar disso, ainda teríamos muito a fazer sem eles: o mundo já está cheio de feridas e infortúnios mesmo sem guerras para multiplicá-los.

— Só é necessário um inimigo para preparar uma guerra, e não dois, Mestre Diretor — respondeu Éowyn —, e aqueles que não têm espadas ainda podem morrer por meio delas. O senhor gostaria que o povo de Gondor ficasse apenas ajuntando ervas, quando o Senhor do Escuro ajunta exércitos? E não é sempre bom estar com o corpo curado. Nem é sempre mau morrer em combate, mesmo com um sofrimento amargo. Se me fosse permitido, nesta hora escura eu teria escolhido a segunda opção.

O Diretor olhou para ela. Era altiva, os olhos brilhavam no rosto branco, sua mão crispou-se no momento em que se virou e olhou pela janela que se abria para o leste. Ele suspirou e balançou a cabeça. Depois de uma pausa, ela se virou para ele outra vez.

— Não há nada a fazer? — disse ela. — Quem está no comando desta Cidade?

— Não sei bem ao certo — respondeu ele. — Essas coisas não são responsabilidade minha. Há um marechal comandando os Cavaleiros de Rohan, e o Senhor Húrin, pelo que ouvi dizer, lidera os homens de Gondor. Mas o Senhor Faramir é por direito o Regente da Cidade.

— Onde posso encontrá-lo?

— Nesta casa, senhora. Ele foi seriamente ferido, mas agora já está a caminho da recuperação. Mas eu não sei...

— Pode me levar até ele? Então saberá.

O Senhor Faramir caminhava solitário no jardim das Casas de Cura; sol o aquecia, e ele sentia a vida correr renovada em suas veias; mas seu coração estava pesaroso, e ele olhava por sobre as muralhas na direção do leste. Ao chegar, o Diretor pronunciou seu nome, e ele se virou e viu a Senhora Éowyn de Rohan; ficou penalizado, pois viu que ela estava ferida, e seus olhos argutos perceberam a tristeza e a aflição que ela sentia.

— Meu senhor — disse o Diretor —, aqui está a Senhora Éowyn de Rohan. Ela cavalgou ao lado do rei e foi seriamente ferida, e agora está sob minha guarda. Mas ela não está satisfeita, e deseja falar com o Regente da Cidade.

— Não o entenda mal, senhor — disse Éowyn. — Não é a falta de cuidados que me entristece. Nenhuma casa poderia ser melhor para aqueles que desejam se curar. Mas não posso ficar indolente, ociosa, aprisionada. Na batalha, corri na direção da morte. Mas não morri, e a batalha ainda perdura.

A um aceno de Faramir, o Diretor fez uma reverência e saiu.

— O que gostaria que eu fizesse, senhora? — perguntou Faramir. — Também eu sou um prisioneiro dos curadores. — Olhou para ela, e, sendo um homem profundamente suscetível à pena, teve a impressão de que a beleza de Éowyn, combinada com a tristeza que ela sentia,poderiam partir-lhe o coração. E ela, olhando para ele, viu a grave ternura em seus olhos, e mesmo assim soube, pois fora criada entre homens guerreiros, que ali estava alguém a quem nenhum Cavaleiro de Rohan poderia superar em batalha.

— O que deseja? — disse ele outra vez. — Farei o que estiver ao meu alcance.

— Gostaria que ordenasse a esse Diretor que me desse permissão para partir — disse ela; mas, embora suas palavras ainda fossem cheias de orgulho, seu coração vacilou, e pela primeira vez ela duvidou de si mesma. Pensou que aquele homem, ao mesmo tempo austero e gentil, poderia considerá-la apenas geniosa, como uma criança que não tem a firmeza mental para executar uma tarefa enfadonha até o fim.

— Eu mesmo estou sob a guarda do Diretor — respondeu Faramir. — E também ainda não assumi minha função na Cidade. Mas, se já tivesse feito isso, ainda assim ouviria o conselho dele, e não o desautorizaria em assuntos de sua alçada, a não ser em caso de extrema necessidade.

— Mas não desejo ser curada — disse ela. — Desejo cavalgar para a guerra como meu irmão Éomer ou, melhor ainda, como o Rei Théoden, pois ele morreu, alcançando tanto a honra como a paz.

— É tarde demais, senhora, para seguir os Capitães, mesmo que lhe restassem forças — disse Faramir. — Mas a morte em batalha pode ainda nos atingir a todos, quer a desejemos ou não. Estará mais bem preparada para enfrentá-la à sua própria maneira, se fizer como o Diretor ordenou enquanto ainda há tempo. A senhora e eu, ambos devemos suportar com paciência as horas de espera.

Éowyn não respondeu, mas observando-a Faramir teve a impressão de que algo nela amoleceu, como se uma forte geada estivesse cedendo ao primeiro leve presságio de primavera. Uma lágrima surgiu em seus olhos e caiu-lhe pelas faces como uma gota cintilante de chuva. Sua cabeça altiva abaixou-se um pouco.

Então, num tom suave, como se estivesse mais falando consigo própria do que com ele, ela disse:

— Mas os curadores querem que eu fique de repouso por mais sete dias. E minha janela não dá para o leste. — Sua voz agora era a de uma donzela jovem e triste.

Faramir sorriu, embora seu coração estivesse cheio de pena. — Sua janela não dá para o leste? — disse ele. — Isso pode ser solucionado.

Nesse ponto darei ordens ao Diretor. Se ficar nesta casa sob nosso cuidados, senhora, e guardar seu repouso, então poderá caminhar neste jardim ao sol quando bem quiser; e poderá olhar para o leste, para onde todas as nossas esperanças se dirigiram. E aqui poderá me encontrar, caminhando e esperando, e também olhando para o leste. Suavizaria minha preocupação, se estivesse disposta a conversar comigo, ou às vezes caminhasse em minha companhia.

Então ela levantou a cabeça e olhou nos olhos dele de novo; um rubor tingiu-lhe o rosto pálido. — Como eu poderia suavizar sua preocupação, meu senhor? — disse ela. — Eu não desejo conversar com homens vivos.

— Aceitaria uma resposta direta? — disse ele.

— Sim.

— Então, Éowyn de Rohan, digo-lhe que é linda. Nos vales de nossa colinas há flores belas e cintilantes, e donzelas ainda mais bonitas; mas até agora não vi em Gondor flores ou mulheres tão encantadoras, nem tão cheias de tristeza. Pode ser que restem apenas alguns dias antes que a escuridão caia sobre nosso mundo, e quando chegar espero enfrentá-la com firmeza; mas aliviaria meu coração se, enquanto o sol ainda brilha, eu ainda pudesse vê-la. Pois nós dois passamos sob as asas da Sombra, e a mesma mão nos trouxe de volta.

— Não eu, infelizmente, senhor — disse ela. — A Sombra ainda paira sobre mim. Não me olhe em busca de cura! Sou uma escudeira e minhas

mãos não são delicadas.

Mas pelo menos lhe agradeço por isso, por não precisar ficar em meu quarto. Vou caminhar ao ar livre pela graça do Regente da Cidade. — Entã ela lhe fez um gesto cortês e voltou para a casa. Mas Faramir, por um longo tempo, caminhou sozinho no jardim, e seu olhar agora se voltava mais para a casa que para as muralhas ao leste.

Quando retornou ao seu quarto, mandou chamar o Diretor, e ouviu tudo o que este pôde lhe contar sobre a Senhora de Rohan.

— Não duvido, senhor — disse o Diretor —, de que teria mais informações se procurasse o Pequeno que está conosco; pois ele esteve cavalgando junto com o rei, e ao final com a Senhora, pelo que dizem.

E assim Merry foi enviado a Faramir, e enquanto o dia durou ele conversaram longamente, e Faramir soube de muita coisa, mais até do que Merry colocou em palavras; agora ele julgava entender algo da tristeza e da inquietação de Éowyn de Rohan. E no belo inicio de noite Faramir e Merr caminharam no jardim, mas ela não veio.

Mas pela manhã, quando Faramir veio das Casas, ele a viu sobre a muralhas, vestida toda de branco, reluzindo ao sol. E ele a chamou, e ela desceu, e os dois ficaram caminhando na relva ou sentados juntos sob uma árvore verde, por vezes em silêncio, por vezes conversando. E a cada dia que se seguiu fizeram a mesma coisa. E o Diretor, olhando de sua janela alegrou-se em seu coração, pois era um curador, e sua preocupação ficou menos pesada; e era certo que, por mais pesado que fossem o temor e os maus presságios nos corações dos homens naqueles dias, mesmo assim esses dois pacientes sob seus cuidados prosperavam e cresciam em força a cada dia.

Assim chegou o quinto dia desde que a Senhora Éowyn encontrou-se com Faramir pela primeira vez; e os dois estavam juntos mais uma vez, olhando por sobre as muralhas da Cidade. Ainda nenhuma notícia chegara e todos os corações estavam anuviados. Os dias também já não eram claros. Estava frio. Um vento que se erguera durante a noite soprava agora do norte, cortante, e aumentava cada vez mais; mas as terras ao redor pareciam cinzentas e desoladas.

Trajavam roupas quentes e capas pesadas, e sobre tudo a Senhora

Éowyn vestia um grande manto azul, da cor profunda de uma noite de verão, adornado com estrelas prateadas na barra e no pescoço. Faramir mandara buscar esse manto para agasalhá-la; achou que ela parecia bela e verdadeiramente majestosa ao lado dele. O manto fora confeccionado para a sua mãe, Finduilas de Amroth, que morrera precocemente, e era para ele apenas uma lembrança de encanto em dias distantes e de sua primeira tristeza: e esse manto lhe parecia uma roupa adequada á beleza e á tristeza de Éowyn.

Mas agora ela tremia sob o manto estrelado, e olhava para o norte, através das terras cinzentas que a rodeavam, dentro do olho do vento frio onde, distante, o céu estava firme e claro.

— O que está procurando, Éowyn? — perguntou Faramir.

— O Portão Negro não fica naquela direção? — disse ela. — E ele não deve ter agora chegado lá? Já faz sete dias que partiu

— Sete dias — disse Faramir. — Mas não me leve a mal, se eu lhe disser: esses dias me trouxeram ao mesmo tempo uma alegria e um sofrimento que jamais pensei conhecer. Alegria em vê-la; mas sofrimento, porque agora o medo e a dúvida destes tempos malignos realmente ficaram muito escuros. Éowyn, agora eu não gostaria que este mundo acabasse, ou que eu perdesse tão depressa o que encontrei.

— Perder o que encontrou, senhor? — respondeu ela; mas olhou para ele com um ar grave, e seus olhos eram doces. — Não consigo pensar no que tenha encontrado nestes dias que pudesse perder. Mas venha, meu amigo, não vamos falar nisso! Não vamos falar nada! Estou à beira de um abismo maligno, e está totalmente escuro diante de meus pés, mas se há alguma luz atrás de mim não posso dizer. Pois ainda não posso me virar. Aguardo algum golpe do destino.

— Sim, nós dois aguardamos o golpe do destino — disse Faramir. E não disseram mais nada, e tiveram a impressão, ali sobre a muralha onde estavam, de que o vento cessou, e a luz diminuiu e o sol foi ofuscado, e todos os sons na Cidade ou nas regiões ao redor silenciaram: nem vento, nem voz, nem canto de pássaro, nem farfalhar de folhas, nem sequer a própria respiração de ambos podia-se ouvir; a própria batida de seus corações cessou. O tempo parou.

E, enquanto ficaram assim, suas mãos se encontraram e se entrelaçaram, sem que eles se dessem conta disso. Continuavam á espera sem saber do quê. Então, de repente, tiveram a impressão de que, acima das cordilheiras das distantes montanhas, uma outra vasta montanha de escuridão se ergueu, assomando como uma onda que engoliria o mundo, e em volta dela faiscavam relâmpagos; então um tremor percorreu a terra, e eles sentiram as muralhas da Cidade estremecendo. Um som como um suspiro subiu de todas as terras ao redor, e de repente seus corações começaram de novo a bater.

— Isso me faz lembrar de Númenor — disse Faramir, surpreso ao ouvir o som da própria voz.

— De Númenor? — perguntou Éowyn.

— Sim — disse Faramir —, da terra do Ponente que soçobrou. e da grande onda escura subindo acima das terras verdes e cobrindo as colinas, e avançando, uma escuridão inescapável. Eu sempre sonho com isso.

— Então você acha que a Escuridão está chegando? — disse Éowyn — A Escuridão Inescapável? — E de repente ela se aproximou mais dele.

— Não — disse Faramir, olhando no rosto dela. — Foi apenas uma imagem em minha cabeça. Não sei o que está acontecendo. A razão de minha mente consciente me diz que um grande mal aconteceu e que estamos no fim dos dias. Mas meu coração diz o contrário, e todos os meus membros estão leves, e uma esperança e uma alegria que nenhuma razão pode negar se apoderam de mim. Éowyn, Éowyn, Senhora Branca de Rohan, nesta hora não acredito que qualquer escuridão possa perdurar! — Abaixou-se e beijou-lhe a testa.

E assim ficaram sobre as muralhas da Cidade de Gondor, e um vento forte subiu e soprou, e seus cabelos, negros e dourados, esvoaçaram e se misturaram no ar. E a Sombra partiu, e o sol foi descoberto, e a luz jorrou; e as águas do Anduin brilharam como prata, e em todas as casas da Cidade homens cantavam devido à alegria que lhes inundava os corações, vinda de uma fonte que eles não conheciam.

E, antes que o sol tivesse descido do meio-dia, do leste chegou voando uma grande Águia, trazendo notícias dos Senhores do Oeste que superavam qualquer esperança, exclamando:

Cantai, ó povo da Torre de Anor,
que o Reino de Sauron para sempre acabou,
e a Torre Escura enfim ruiu.

Cantai e jubilai, ó povo da Torre da Guarda,
que vossa vigília não foi em vão,
e o Portão Negro foi quebrado,
e vosso Rei já pôde passar em marcha triunfal.

Cantai e alegrai-vos, vós todos, filhos do oeste,
que vosso Rei há de voltar outra vez,
e ele habitará entre vós todos os dias de vossa vida.

E a Árvore que havia secado renovada será,
e será plantada nos lugares altos,
e a Cidade será abençoada.

Cantai todos, ó povo!

E o povo cantou em todos os caminhos da Cidade.

Os dias que se seguiram foram dourados, e a primavera e o verão festejaram juntos nos campos de Gondor. E agora chegavam notícias trazidas de Cair Andros por velozes cavaleiros, sobre tudo o que se passara, e a Cidade se preparava para a chegada do Rei. Merry foi convocado e partiu com as carroças que levaram suprimentos até Osgiliath, prosseguindo de lá para Cair Andros de navio; mas Faramir não foi, pois agora, estando recuperado, reassumira sua função e a Regência, embora por pouco tempo, e seu dever era preparar tudo para alguém que iria substitui-lo.

E Éowyn não foi, embora seu irmão lhe tivesse enviado um recado, pedindo que ela fosse até o campo de Cormallen. E Faramir se surpreendeu com isso, mas a via raras vezes, ocupado com muitos assuntos; ela ainda estava nas Casas de Cura, e caminhava sozinha no jardim, e seu rosto empalidecera de novo, e parecia que em toda a Cidade ela era a única

pessoa triste e doente. O Diretor das Casas ficou preocupado, e falou con Faramir.

Então Faramir foi procurá-la, e mais uma vez os dois ficaram sobre as muralhas juntos, e ele lhe disse:

— Éowyn, por que você continua aqui, e não vai aos festejos em Cormallen além de Cair Andros, onde seu irmão a aguarda?

E ela disse:

— Você não sabe?

Mas ele respondeu:

— Pode haver dois motivos, mas qual é o verdadeiro eu não sei.

E ela disse:

— Não quero brincar com enigmas. Fale mais claramente!

— Então, se é esse o seu desejo, senhora — disse ele —: você não vai porque apenas seu irmão a chamou, e contemplar o Senhor Aragorn herdeiro de Elendil, em seu triunfo não lhe traria felicidade alguma. Ou então porque eu não vou, e você deseja ficar perto de mim. E talvez seja por esses dois motivos, e você não está conseguindo escolher entre eles. Éowyn, você não me ama, ou não deseja me amar"?

— Desejava ser amada por outro, respondeu ela. — Mas não quero a comiseração de nenhum.

— Isso eu sei — disse ele. — Você desejava ter o amor do Senho Aragorn. Porque ele era nobre e pujante, e você queria ter renome e glória e ser elevada bem acima das coisas mesquinhas que se arrastam sobre a terra. E, como um grande capitão pode parecer admirável para um jovem soldado, assim ele lhe pareceu. Pois é o que ele é, um senhor entre homens, o maior que existe atualmente. Mas, quando lhe ofereceu apenas compreensão e pena, então você não desejou mais nada, exceto uma morte corajosa em batalha. Olhe para mim, Éowyn!

E Éowyn olhou para Faramir firme e longamente; Faramir disse:

— Não despreze a comiseração oferecida por um coração gentil, Éowyn! Mas eu não lhe ofereço minha comiseração. Pois você é uma senhora nobre e valorosa, e obteve um renome que não deverá ser esquecido; e você é uma senhora bela, considero eu, e sua beleza está acima até do que a língua dos elfos pode descrever. E eu a amo. Já senti pena de

sua tristeza. Mas agora, mesmo que você não sentisse tristeza alguma, nem medo, e não lhe faltasse nada; fosse você a bem-aventurada Rainha de Gondor, ainda assim eu a amaria. Éowyn, você não me ama?

Naquele momento o coração de Éowyn mudou, ou então finalmente ela percebeu a mudança. E de repente seu inverno passou e o sol brilhou para ela.

— Estou em Minas Anor, a Torre do Sol — disse ela —; e eis que Sombra partiu! Não serei mais uma escudeira, nem competirei com os grandes Cavaleiros, e deixarei de me regozijar apenas com canções de matança. Serei uma curadora, e amarei todas as coisas que crescem e não são estéreis. — Outra vez olhou para Faramir.

— Não desejo mais ser uma rainha — disse ela.

Então Faramir sorriu com alegria.

— Assim está bem — disse ele —; pois eu não sou um rei. E mesmo assim me casarei com a Senhora Branca de Rohan, se ela assim o desejar. E se ela quiser, então atravessaremos o Rio e em dias mais felizes iremos morar na bela Ithilien, e lá faremos um jardim. Todas as coisas crescerão ali com alegria, se a Senhora Branca vier.

— Então devo deixar meu próprio povo, homem de Gondor? — disse ela. — E você gostaria que seu povo orgulhoso dissesse a seu respeito: "Lá vai um senhor que domou uma intrépida escudeira do norte! Não havia uma mulher da raça de Númenor para ele escolher?"

— Gostaria — disse Faramir. E tomando-a nos braços beijou-a sob o céu ensolarado, sem se preocupar se estavam sobre a muralha, num ponto alto, à vista de muitas pessoas. E realmente muitos viram os dois e a luz que brilhava ao redor deles quando desceram das muralhas e foram de mãos dadas até as Casas de Cura.

E ao Diretor das Casas Faramir disse:

— Aqui está a Senhora Éowyn de Rohan, e agora ela está curada.

E o Diretor disse:

— Então eu a dispenso de meus cuidados e digo-lhe adeus, desejando-lhe que jamais volte a ter qualquer doença ou sofrimento. Recomendo-a aos cuidados do Regente da Cidade, até que seu irmão retorne.

Mas Éowyn disse:

— Apesar de agora eu ter permissão para partir, gostaria de ficar. Pois esta Casa se tornou para mim a mais feliz de todas as moradias. — E lá permaneceu até a chegada do Rei Éomer.

Agora todas as coisas estavam prontas na Cidade, e havia um grande afluxo de pessoas, pois as notícias tinham se espalhado por todos os cantos de Gondor, de Min-Rimmon até Pinnath Gelin e as distantes costas marítimas; todos os que puderam se apressaram em direção á Cidade. E a Cidade se encheu de novo de mulheres e lindas crianças que retornaram para seus lares carregadas de flores; e de Dol Amroth vieram os melhores harpistas de toda a região, e havia também tocadores de violas, de flautas e de cornetas de prata, e cantores de voz límpida vieram dos vales de Lebennin.

Por fim chegou o dia em que das muralhas podiam-se ver os pavilhões montados no campo, e durante toda a noite as luzes arderam, enquanto os homens aguardavam a aurora. E quando o sol surgiu na manhã clara sobre as montanhas do leste, nas quais não pairava mais sombra alguma, todos os sinos repicaram, e as bandeiras se abriram tremulando ao vento; sobre a Torre Branca da Cidadela o estandarte dos Regentes, prata brilhante como neve ao sol, não trazendo emblema ou insígnia, foi hasteado sobre Gondor pela última vez.

Agora os Capitães do Oeste conduziam seu exército em direção à Cidade, e o povo os via avançar fileira após fileira, faiscando e reluzindo ao nascer do sol, ondulando como prata. E assim eles chegaram diante do Pórtico e pararam a duzentos metros das muralhas. Até aquele momento, os portões ainda não haviam sido reconstruídos, e uma estacada fora construída atravessando a entrada da Cidade, e lá estavam homens armados vestindo prata e negro, erguendo longas espadas. À frente da estacada estavam o Regente Faramir e Húrin, o Guardião das Chaves juntamente com outros capitães de Gondor; a Senhora Éowyn de Rohan com o Marechal Ellhelm e muitos de seus cavaleiros; e dos dois lados do Portão havia uma grande multidão de gente bonita vestida de muitas cores e levando guirlandas de flores.

Havia agora um amplo espaço diante das muralhas de Minas Tirith

rodeado pelos soldados e cavaleiros de Gondor e de Rohan, como também por todo o povo da Cidade e de todas as partes da região. Um silêncio caiu sobre todos quando do exército avançaram os dúnedain em prata e cinza; e à frente veio, caminhando devagar, o Senhor Aragorn. Estava vestindo uma malha metálica preta com um cinto prateado, e usava um longo manto completamente branco, preso ao pescoço por uma joia verde que brilhava ao longe; mas em sua cabeça não havia nada, exceto uma estrela sobre a testa, presa por um fino filete de prata. Com ele vinham Éomer de Rohan, o Príncipe Imrahil e Gandalf, todo vestido de branco, além de quatro pequenas figuras que a muitos causaram surpresa.

— Não, prima! Eles não são meninos — disse Ioreth à sua parente de Imloth Melui, que estava ao seu lado. — Aqueles são Periain, vindos da distante terra dos Pequenos, onde são príncipes de grande renome, pelo que se conta. Eu sei, pois cuidei de um deles nas Casas. São pequenos, mas valorosos. Veja bem, prima, um deles foi para a Terra Negra acompanhado apenas de seu escudeiro, e lutou sozinho contra o Senhor do Escuro, e arcou fogo à Torre dele, acredite se puder. Pelo menos é isso o que se conta na Cidade. Deve ser o que caminha com o nosso Pedra Élfica. São amigos íntimos, ouvi dizer. Agora, ele é um prodígio, o Senhor Pedra Élfica: não muito gentil em sua fala, note bem, mas tem um coração de ouro, como se diz por aí; e ele tem as mãos que curam. "As mãos do rei são as mãos de um curador", disse eu; e foi assim que se descobriu tudo. E Mithrandir me disse "Ioreth, os homens se lembrarão por muito tempo de suas palavras", e...

Mas Ioreth não pôde continuar instruindo sua parente do interior pois uma única trombeta soou, e fez-se silêncio profundo. Então vieram do Portão Faramir e Húrin das Chaves, desacompanhados de outros, exceto por quatro homens que caminhavam atrás deles usando altos elmos e vestindo a armadura da Cidadela, carregando um grande cofre negro de lebethron, adornado de prata.

Faramir foi ao encontro de Aragorn no meio de todos ali reunidos, e ajoelhou-se, dizendo: — O último Regente de Gondor pede permissão para entregar seu oficio.

— E estendeu um bastão branco; mas Aragorn o tomou e o devolveu dizendo:

— Tal oficio não está terminado, e deverá ser teu e de teus herdeiros enquanto durar minha linhagem. Desempenha agora o teu oficio!

Então Faramir levantou-se e falou numa voz límpida:

— Homens de Gondor, ouçam agora o Regente deste Reino! Vejam Finalmente chegou alguém para reivindicar o trono. Aqui está Aragorn, filho de Arathorn, chefe dos dúnedain de Amor, Capitão do Exército do Oest portador da Estrela do Norte, possuidor da Espada Reforjada, vitorioso er batalha, cujas mãos trazem a cura, o Pedra Élfica, Elessar da linhagem de Valandil, filho de Isildur, filho de Elendil de Númenor. Deve ele ser rei entrar na Cidade para ali morar?

E todo o exército e todo o povo gritaram sim a uma só voz.

E Ioreth disse à sua parente:

— Isso é apenas uma cerimônia de nossa Cidade, prima; pois ele ja entrou, como eu estava lhe dizendo, e ele me disse... — então mais uma vez ela foi obrigada a se calar, pois Faramir falou outra vez.

— Homens de Gondor, os mestres na tradição dizem que, conforme costume antigo, o rei deveria receber a corôa de seu pai antes que este morresse; e, se isso não fosse possível, então ele deveria ir sozinho e tomá-la das mãos de seu pai no túmulo onde foi depositado. Mas uma vez que as coisas devem ser feitas agora de modo diferente, usando a autoridade do Regente, eu hoje trouxe até aqui de Rath Dinen a corôa de Earnur, o últim rei, cujos dias transcorreram no tempo de nossos remotos antepassados.

Então os guardas deram um passo à frente, e Faramir abriu o cofre, e ergueu uma corôa antiga. Tinha o formato dos elmos dos Guardas da Cidadela, mas era mais alta, e toda branca, e as asas dos dois lados eram feitas de pérolas e prata, a semelhança de asas de uma ave marítima, pois era o emblema dos reis que vieram pelo Mar; no aro da corôa reluziam sete pedras, e na ponta uma única joia, cuja luz subia como uma chama.

Então Aragorn pegou a corôa e a ergueu, dizendo:

— Et Lârelio Endorenna utúlien. Sinome maruvan ar HiLdinyar tenn Ambar-metta!

E essas foram as palavras que Elendil disse quando chegou do Ma nas asas do vento: "Do Grande Mar vim para a Terra-média. Neste luga vou morar, e também meus herdeiros, até o fim do mundo."

Então, para a surpresa de muitos, Aragorn não colocou a corôa sobre a própria cabeça, mas devolveu-a a Faramir, dizendo:

— Pelo trabalho e pelo valor de muitos, tomo posse do que é meu por herança. Em sinal disto gostaria que o Portador do Anel trouxesse a corôa até mim, e que Mithrandir a colocasse sobre minha cabeça, se assim desejar; pois foi ele o promotor de tudo o que foi realizado, e esta vitória lhe pertence.

Então Frodo veio à frente e tomou a corôa de Faramir e levou-a para Gandalf; Aragorn ajoelhou-se, e Gandalf colocou-lhe a corôa Branca sobre a cabeça, dizendo:

— Agora chegaram os dias do Rei, e que sejam bem-aventurados enquanto perdurarem os tronos dos Valar!

Mas quando Aragorn se levantou todos os que estavam presentes o contemplaram em silêncio, pois tiveram a impressão de que ele lhes estava sendo revelado pela primeira vez. Alto como os antigos reis dos mares, ele se ergueu acima de todos os que estavam perto; parecia velho em dias, mas na flor da virilidade; e a sabedoria ornava-lhe a fronte, e havia força e cura em suas mãos, e uma aura de luz o envolvia.

— Eis o rei!

E nesse momento todas as trombetas soaram, o Rei Elessar avançou chegando até a barreira, e Húrin das Chaves a afastou; em meio à música de harpas, violas e flautas, e do canto de vozes límpidas, o Rei passou pelas ruas cobertas de flores, chegando á Cidadela, e a adentrou; a bandeira da Arvore e das Estrelas foi desfraldada sobre o torreão mais alto, e iniciou-se o reinado do rei Elessar, do qual falaram muitas canções.

Em seu tempo a Cidade ficou mais bonita do que jamais fora, até mesmo mais do que nos dias de suas primeiras glórias; e encheu-se de árvores e fontes, e seus portões eram confeccionados em mithril e aço, e suas ruas eram pavimentadas de mármore branco, e o Povo da Montanha trabalhava nela, e o Povo da Floresta alegrava-se em visitá-la; tudo foi sanado e melhorado, e as casas se encheram de homens e mulheres e do riso das crianças; nenhuma janela ficou fechada e nenhum pátio vazio; e após o término da Terceira Era do mundo, entrando na nova era, a Cidade ainda preservava a lembrança e a glória dos anos passados.

Nos dias seguintes á sua coroação, o Rei sentou-se em seu trono no

Palácio dos Reis e pronunciou seus julgamentos. Embaixadas vieram de muitas terras e povos, do leste e do sul e das fronteiras da Floresta das Trevas, e da Terra Parda no oeste. E o rei perdoou os orientais que se haviam rendido e os mandou embora em liberdade, e fez as pazes com o povo de Harad; os escravos de Mordor ele libertou, dando-lhes todas as terras ao redor do Lago Núrnen, para que lhes pertencessem. E foram trazidas à sua presença muitas pessoas, para que recebessem seu elogio e recompensa por seu valor; por último o capitão da Guarda lhe trouxe Beregond, para que fosse julgado.

E o Rei disse a ele:

— Beregond, através de sua espada o sangue se espalhou nos Fanos onde isso não é permitido. Além disso, você abandonou seu posto sem a permissão do Senhor ou do Capitão. Por essas coisas, antigamente, a pena era a morte. Portanto agora vou pronunciar sua sentença.

— Toda a pena fica remitida devido ao seu valor em batalha, e mais ainda porque tudo o que fez foi por amor ao Senhor Faramir. Não obstante você deve deixar a Guarda da Cidadela, e deve sair da Cidade de Mina Tirith.

Então o sangue sumiu do rosto de Beregond, que recebeu um golpe no coração e baixou a cabeça. Mas o Rei disse:

— Deve ser assim, pois você foi designado para a Companhia Branca a Guarda de Faramir, Príncipe de Ithilien, e você será capitão dele e ir viver em Emyn Arnen com honra e paz, no serviço daquele por quem você arriscou tudo, para salvá-lo da morte.

E então Beregond, percebendo a justiça e a clemência do Rei, ficou feliz, e ajoelhando-se beijou-lhe a mão, e partiu alegre e satisfeito. E Aragorn deu a Faramir Ithilien, para que fosse seu principado, e pediu que ele morasse nas colinas de Emyn Arnen, à vista da Cidade.

— Pois — disse ele — Minas Ithil, no Vale Morgul, deverá ser completamente destruída, e, embora em tempos vindouros ela possa ser purificada, nenhum homem deverá morar lá antes que se passem muitos e longos anos.

E por último Aragorn cumprimentou Éomer de Rohan, e os dois se abraçaram e Aragorn disse:

— Entre nós não pode haver palavras de dar ou receber, nem de recompensa, pois somos irmãos. Foi uma hora feliz aquela na qual Eorl veio cavalgando do norte, e nunca uma aliança de povos foi mais abençoada, de modo que nenhum dos dois nunca faltou ao outro, e nem faltará. Agora, como você sabe, deitamos Théoden, o Renomado, num túmulo nos Fanos, e lá ele deverá jazer para sempre entre os Reis de Gondor, se esse for o seu desejo. Ou, se você quiser, iremos a Rohan e o levaremos de volta, para que descanse com seu próprio povo.

E Éomer respondeu:

— Desde o dia em que você surgiu diante de mim da verde relva das colinas afeiçoei-me a você, e essa afeição nunca irá se extinguir. Mas agora preciso partir por um tempo para o meu próprio reino, onde há muito a sanar e pôr em ordem. Mas, quanto ao Tombado, quando tudo estiver resolvido, retornaremos para buscá-lo; mas deixemos que durma aqui por um tempo.

E Éowyn disse a Faramir:

— Agora devo ir para minha própria terra, para contemplá-la mais uma vez, e ajudar meu irmão em seu trabalho; mas, quando aquele a quem amei tanto tempo como a um pai for depositado em seu descanso final, retornarei.

Assim se passaram os dias alegres, e no oitavo dia de maio os Cavaleiros de Rohan aprontaram-se e partiram cavalgando pela Estrada Norte, e com eles foram os Filhos de Elrond. Ao longo de toda a estrada se enfileiravam pessoas para homenageá-los e aplaudi-los, desde o Portão da Cidade até os Campos do Pelennor. Então, todos os outros que moravam longe voltaram para seus lares cheios de alegria; mas na Cidade trabalharam muitos voluntários de mãos dispostas, reconstruindo e renovando e removendo todas as cicatrizes da guerra e a lembrança da escuridão.

Os hobbits ainda permaneceram em Minas Tirith, com Legolas e Gimli, pois Aragorn relutava diante da ideia da dissolução da sociedade.

— Por fim todas essas coisas devem terminar — dizia ele —, mas eu gostaria que vocês esperassem um pouco mais: pois o fim dos feitos dos quais vocês participaram ainda não chegou. Aproxima-se um dia pelo qual esperei durante todos os anos de minha maioridade, e quando chegar eu gostaria de

ter meus amigos por perto. — Mas sobre tal dia ele não estava disposto a dizer mais nada.

Durante esse tempo, os Companheiros do Anel moraram junto numa bela casa com Gandalf, e eles iam e vinham com toda a liberdade. E Frodo disse a Gandalf:

— Você sabe que dia é esse sobre o qual Aragorn fala? Pois estamo felizes aqui, e não quero partir; mas os dias estão passando, e Bilbo está à espera, e o Condado é o meu lar.

— Quanto a Bilbo — disse Gandalf. —, ele está aguardando o mesm dia, e sabe o que o prende aqui. Quanto á passagem dos dias, estamos apenas em maio, e o alto verão ainda nem chegou, e, embora todas as coisas possam parecer mudadas, como se uma era do mundo tivesse passado, ainda assim para as árvores e a relva faz menos de um ano que você partiu.

— Pippin — disse Frodo —, você não tinha dito que Gandalf estav menos reservado que antigamente? Quando você disse isso, ele estava cansado devido aos seus trabalhos, eu acho. Agora está voltando á antiga forma.

E Gandalf disse:

— Muitas pessoas gostam de saber de antemão o que vai ser servido à mesa, mas aqueles que trabalharam preparando o banquete gostam de manter o segredo, pois a surpresa faz com que os elogios soem mais alto. E c próprio Aragorn aguarda um sinal.

Chegou um dia em que Gandalf desapareceu, e os Companheiro ficaram se perguntando o que estaria acontecendo. Mas Gandalf levou Aragorn para fora da Cidade durante a noite, e o conduziu até os pés da encosta sul do Monte Mindolluin, e lá os dois encontraram uma trilha feita em eras passadas, e que poucos agora ousavam pisar. Pois ela conduzia montanha acima, para um local alto e sagrado aonde apenas os antigos reis costumavam ir. E eles subiram por caminhos íngremes, até chegarem a um campo elevado, perto da neve que cobria os picos, que se debruçava sobre o precipício ao fundo da Cidade. Postados lá eles observaram as terras, pois a manhã chegara; e eles viram as torres da Cidade bem abaixo deles como lápis brancos tocados pela luz do sol, e todo o Vale do Anduin era como um jardim, e uma névoa dourada velava as Montanhas da Sombra. De um lado

a visão atingia as cinzentas Emyn Muil, e o brilho de Rauros era como um estrela a faiscar na distância; do outro lado viram o Rio como uma fita estendida até Pelargir, e mais além havia a luz na borda do céu que evocava o Mar.

E Gandalf disse:

— Este é o seu reino, e o coração do reino maior que haverá. A Terceira Era do mundo está terminada, e a nova era começou; é sua tarefa ordenar o início e preservar o que pode ser preservado. Pois, embora muito tenha sido salvo, muita coisa deve agora morrer, e o poder dos Três Anéis também terminou. E todas as terras que você está vendo, e aquelas que ficam em torno delas, deverão ser moradias de homens. Chegou o tempo do Domínio dos Homens, e a Gente Antiga deverá desaparecer ou partir.

— Sei muito bem disso, caro amigo — disse Aragorn —, mas ainda gostaria de contar com seus conselhos.

— Não por muito tempo agora — disse Gandalf. — A Terceira Era foi a minha. Eu era o Inimigo de Sauron e meu trabalho está terminado. Partirei em breve. E o fardo deverá ser carregado por você e pelo seu povo.

— Mas eu morrerei — disse Aragorn. — Pois sou um homem mortal e, embora seja o que sou e da raça pura do oeste, devendo ter uma vida mais longa que os outros homens, ela vai durar pouco tempo; e, depois que aqueles que agora estão nos ventres das mulheres nascerem e estiverem velhos, eu também ficarei velho. E quem então deverá governar Gondor e aqueles que consideram esta Cidade a sua rainha, se meu desejo não for satisfeito? A Árvore no Pátio da Fonte ainda está seca e estéril. Quando terei um sinal de que um dia será de outro modo?

— Desvie seu rosto do mundo verde, e olhe para onde tudo parece desolado e frio! — disse Gandalf.

Então Aragorn se virou, e havia uma ladeira de pedra atrás dele, que descia da orla da neve; e, quando olhou, percebeu que ali, solitária, em meio à desolação, estava uma coisa viva. E ele subiu até ela, e viu que exatamente da orla da neve nascia uma muda de árvore que não ultrapassava noventa centímetros em altura. Já Já exibia jovens folhas longas e belas, escuras na face superior e prateadas por baixo, e sobre sua esbelta copa carregava um pequeno cacho de flores, cujas pétalas brancas brilhavam como a neve

iluminada pelo sol.

Então Aragorn exclamou:

— Yé! utúvienyes! Encontrei-a! Veja! Aqui está uma descendente d. Mais Velha das Arvores. Mas como veio parar aqui? Pois ela mesma não ter mais de sete anos de idade.

E Gandalf, aproximando-se, olhou para a pequena árvore e disse:

— Realmente, esta é uma muda da linhagem de Nimloth, a bela, e esta foi uma semente de Galathilion, que nasceu do fruto de Telperion dos muitos nomes, a Mais Velha das Árvores. Quem poderá dizer como ela veio parar aqui na hora marcada? Mas este é um antigo local sagrado, e, antes que os reis caíssem ou a Arvore secasse no pátio, um fruto deve ter sido plantado aqui. Pois comenta-se que, embora o fruto da Árvore raramente fique maduro, mesmo assim a vida que existe dentro dele pode dormir através de muitos e muitos anos, e ninguém pode predizer o tempo em que despertará. Lembre-se disso. Pois, se algum dia um fruto amadurecer, ele deve ser plantado, para evitar que a linhagem desapareça do mundo. Aqui ele foi colocado, escondido nas montanhas, da mesma forma que a raça de Elendil ficou escondida nos ermos do norte. E apesar disso a linhagem de Nimloth é muito mais antiga do que a sua, Rei Elessar.

Aragorn encostou delicadamente sua mão á muda de árvore e ai percebeu, surpreso, que ela se prendia muito de leve á terra; retirou-a sem feri-la, e levou-a de volta à Cidadela. Então a árvore seca foi arrancada, mas com reverência; não a queimaram, mas a deitaram para que descansasse no silêncio de Rath Dinen. E Aragorn plantou a nova árvore no pátio perto d fonte, e ela começou a crescer rápida e alegremente; e, quando chegou o mês de junho, ficou carregada de flores.

— O sinal foi dado — disse Aragorn —, e o dia não está distante.

E ele colocou vigias sobre as muralhas.

Era o dia anterior ao Solstício de Verão quando chegaram à Cidade mensageiros de Amon Din, dizendo que havia uma comitiva de belas pessoas que vinham cavalgando do norte, e que se aproximavam agora das muralhas do Pelennor. E o rei disse: — Finalmente chegaram. Que toda Cidade se prepare!

Exatamente na Véspera do Solstício de Verão, quando o céu estav.

da cor da safira e estrelas brancas se abriam no leste, enquanto o oeste ainda estava dourado e o ar era fresco e fragrante os cavaleiros desceram a Estrada Norte até os Portões de Minas Tirith. Na frente cavalgavam Elrohir Elladan com a bandeira de prata, e depois vinham Glorfindel e Erestor e todos os membros da Casa de Valfenda, e depois deles a Senhora Galadriel e Celeborn, Senhor de Lothlórien, montando cavalos brancos e com eles muita gente bonita de sua terra, usando mantos cinzentos e pedras brancas nos cabelos; por último vinha Mestre Elrond, poderoso entre elfos e homens carregando o cetro de Annúminas, e ao seu lado, montando um palafrem cinzento, vinha Arwen, sua filha, Estrela Vespertina de seu povo.

E Frodo, quando a viu chegar brilhando á noitinha, com estrelas na testa e uma doce fragrância a envolvê-la, foi tocado por um profundo sentimento de admiração, e disse a Gandalf: — Finalmente entendo por que esperamos! Este é o término. Agora não só os dias serão amados, mas as noites também serão belas e bem-aventuradas e todo o medo que existe nelas se extinguirá.

Então o Rei deu boas-vindas aos convidados, que apearam das montarias; Elrond entregou o cetro, e colocou a mão da filha na mão do Rei e juntos eles subiram para a Cidade Alta, e todas as estrelas floriram no céu E Aragorn, o rei Elessar, casou-se com Arwen Undómiel na Cidade dos Re no dia do Solstício de Verão, e cumpriu-se a história de seus árduos trabalhos e de sua longa espera.

CAPÍTULO VI: MUITAS DESPEDIDAS

Quando terminaram os dias de festejos, finalmente os Companheiros pensaram em retornar para seus lares. E Frodo dirigiu-se ao Rei, que estava sentado com a Rainha Arwen perto da fonte: ela ia cantando uma canção de Valinor, enquanto a Arvore crescia e florescia. Alegraram-se com a visita de Frodo, levantando-se para cumprimentá-lo, e Aragorn disse:

— Sei o que vem me dizer, Frodo: você deseja retornar para casa. Bem, caríssimo amigo, a árvore cresce melhor na terra em que nasceu, mas para você sempre haverá boas-vindas em todas as terras do oeste. E, embora o seu povo tenha pouca fama nas lendas dos grandes, agora terá mais renome do que muitos grandes reinos que não existem mais.

— É verdade que desejo retornar ao Condado — disse Frodo. — Ma primeiro preciso ir a Valfenda. Pois, se alguma coisa pode estar faltando em dias tão abençoados, essa coisa é justamente a presença de Bilbo; fiquei triste quando vi que entre todos os da casa de Elrond ele não viera.

— Surpreende-se com isso, Portador do Anel? — disse Arwen. — Pois você conhece o poder da coisa que agora foi destruída, e sabe que tudo o que foi realizado por aquele poder agora está morrendo. Mas o seu parente a possuiu por mais tempo que você. Agora está avançado em anos, de acordo com a sua espécie, e ele o aguarda, pois não deverá mais fazer qualquer viagem longa, exceto uma.

— Então peço permissão para partir em breve — disse Frodo.

— Iremos em sete dias — disse Aragorn. — Pois vamos acompanhá-lo ao longo de um bom trecho da estrada, na verdade até Rohan. Daqui a três dias Éomer retornará para levar Théoden de volta, para que ele descanse na Terra dos Cavaleiros, e nós o acompanharemos em honra do Tombado. Ma agora, antes de você partir, confirmarei as palavras que Faramir lhe disse, e você estará livre para sempre do reino de Gondor, como também todos os seus companheiros. E se houver algum presente que eu possa lhes oferecer, que esteja à altura de seus feitos, vocês o terão; mas poderão levar qualquer coisa que desejem, e deverão cavalgar com todas as honras e pompas dos príncipes desta terra.

Mas a Rainha Arwen disse:

— Vou lhe dar um presente. Pois sou a filha de Elrond. Não vou acompanhar meu pai quando ele partir para os Portos, pois a minha escolha é a mesma de Lúthien, e como ela eu também escolhi tanto o doce como o amargo. Mas você irá em meu lugar, Portador do Anel, quando a hora chegar, se você assim quiser. Se seus ferimentos ainda lhe doerem e a lembrança do fardo for pesada, então você poderá permanecer no oeste até que todas as feridas e todo o cansaço estejam curados. Mas use isto agora, em memória de Pedra Élfica e Estrela Vespertina, cujas vidas se entrelaçaram com a sua.

E ela pegou uma pedra branca semelhante a uma estrela que estava sobre o seu peito, pendurada numa corrente de prata, e a colocou em volta do pescoço de Frodo. — Quando a lembrança do medo e da escuridão o incomodar — disse ela —, isso lhe trará ajuda.

Em três dias, conforme dissera o rei, Éomer de Rohan chegou cavalgando á Cidade, e com ele veio um éored dos mais belos cavaleiros daquela terra. Foram-lhes dadas as boas-vindas, e, quando todos estavam sentados á mesa em Merethrond, o Grande Salão de Banquetes, ele contemplou a beleza das senhoras presentes e se encheu de admiração. E antes que fosse descansar, mandou chamar Gimli, o anão, e lhe disse:

— Gimli, filho de Glóin, seu machado está pronto?

— Não, senhor — disse Gimli —, mas posso providenciar isso rapidamente, se for necessário.

— Cabe a você decidir — disse Éomer. — Pois entre nós ainda há certas palavras precipitadas a respeito da Senhora da Floresta Dourada. E agora eu a vi com meus próprios olhos.

— Bem, senhor — disse Gimli —, e o que me diz então?

— Infelizmente — disse Éomer —, não vou dizer que ela é a senhora mais bela que existe.

— Então preciso ir buscar meu machado — disse Gimli.

— Mas primeiro faço uma ressalva — disse Éomer. — Se eu a tivesse visto em outra companhia, eu teria dito tudo o que você deseja. Mas agora coloco a Rainha Arwen Estrela Vespertina em primeiro lugar, e de minha parte estou pronto a lutar com qualquer um que queira me desmentir. Devo mandar buscar minha espada?

Então Gimli fez uma grande reverência.

— Não, de minha parte está desculpado, senhor — disse ele. — Você escolheu a Tarde, mas meu amor destina-se á Manhã. E meu coração pressente que logo ela vai desaparecer para sempre.

Finalmente chegou o dia da partida, e uma comitiva numerosa e bela se preparava para deixar a Cidade rumo ao norte. Então os reis de Gondor e de Rohan foram até os Fanos e chegaram aos túmulos na Rath Dinen, e levaram embora o Rei Théoden sobre um grande esquife dourado, passando pela Cidade em silêncio. Então colocaram o esquife sobre uma grande carruagem que foi acompanhada por um cortejo de Cavaleiros de Rohan com a bandeira à frente; Merry, sendo o escudeiro de Théoden, foi na carruagem com as armas do rei.

Para os outros Companheiros foram trazidos cavalos de acordo com a sua estatura; Frodo e Samwise cavalgaram ao lado de Aragorn, Gandalf montou Scadufax, e Pippin acompanhou os cavaleiros de Gondor; Legolas e Gimli, como sempre, foram juntos montados em Arod.

Nessa comitiva foram também a Rainha Arwen, Celeborn e Galadriel com todo o seu povo, Elrond com seus filhos, assim como os príncipes de Dol Amroth e de Ithilien, e muitos capitães e cavaleiros. Nunca um rei da Terra dos Cavaleiros teve tal cortejo como o que acompanhava agora Théoden, filho de Thengel, para a sua terra natal.

Sem pressa e com tranquilidade eles entraram em Anórien e chegaram à Floresta Cinzenta sob o Amon Din, e lá ouviram um som de tambores batendo nas colinas, embora não se pudesse ver nenhum ser vivo. Então Aragorn mandou que tocassem as trombetas, e os arautos gritaram:

— Eis que o Rei Elessar chegou! A Floresta de Drúadan ele doa a Ghânburí-ghân e a seu povo, para que seja deles para sempre, e a partir de hoje nenhum homem pode entrar nela sem sua permissão!

Então os tambores retumbaram alto, e depois silenciaram.

Por fim, depois de quinze dias de viagem, a carruagem do Rei Théoden atravessou os campos verdes de Rohan e chegou a Edoras, e lá todos descansaram. O Palácio Dourado foi adornado com belas tapeçarias e ficou repleto de luz, e ali celebrou-se o banquete mais pomposo desde os dias de sua construção. Após três dias os homens da Terra dos Cavaleiros

prepararam o funeral de Théoden, que foi colocado numa casa de pedra com suas armas e muitos outros objetos belos que possuíra, e sobre ela foi erigido um grande túmulo, coberto de turfa verde e sempre-em-mentes brancas. Agora havia oito jazigos no lado leste do Campo dos Túmulos.

Então os Cavaleiros da Casa do Rei, montados em cavalos brancos cavalgaram ao redor do túmulo e cantaram juntos uma canção sobre Théoden, filho de Thengel, feita pelo menestrel Gléowine, que nunca mai compôs canção alguma. As vozes lentas dos Cavaleiros tocaram os corações até mesmo daqueles que não conheciam a língua daquele povo; mas a letra da canção trouxe uma luz aos olhos dos habitantes da Terra dos Cavaleiros quando ouviram mais uma vez, na distância, o trovão dos cascos do norte e a voz de Eorl elevando-se mais alto que o som da batalha no Campo de Celebrant, e a história dos reis prosseguiu retumbante, e a corneta de Helm ecoou alto nas montanhas, até que a Escuridão sobreveio e o Rei Théoden ergueu-se e cavalgou através da Sombra na direção do fogo, e morreu em esplendor, no momento em que o sol, retornando depois que morrera toda a esperança, brilhava sobre o Mindolluin pela manhã.

Trocando a dúvida, trocando o dúbio pelo dia raiando, veio cantando ao sol, espada a brandir Esperança reacesa, em esperança partindo; sobre a morte, sobre o medo, sobre a ruína erguido, além da perda, além da vida, para a glória subindo.

Mas Merry parou aos pés do verde túmulo e chorou; ao final da canção ele se ergueu gritando:

— Rei Théoden, Rei Théoden! Adeus! Como um pai o senhor foi para mim, por um curto período. Adeus!

Quando o funeral terminou, o choro das mulheres foi silenciando e Théoden foi deixado finalmente sozinho em seu túmulo, as pessoas se reuniram no Palácio Dourado para o grande banquete, pondo a tristeza de lado; pois Théoden vivera muitos anos e falecera gozando de uma honra que não era menor que a de nenhum de seus antepassados. E quando chegou a hora em que, segundo o hábito da Terra dos Cavaleiros, deveriam beber à memória dos reis, Éowyn, a Senhora de Rohan, ergueu-se dourada como o sol e branca como a neve, e entregou uma taça cheia a Éomer.

Então um menestrel e mestre na tradição levantou-se e pronunciou

todos os nomes dos Senhores da Terra dos Cavaleiros, em ordem: Eorl, o Jovem; Brego, construtor do Palácio; Aldor, irmão do desafortunado Baldo Fréa, Fréawine, Goldwine, Déor e Gram; Helm, que se escondeu no Abism de Helm quando a Terra dos Cavaleiros foi invadida; assim terminaram os nove túmulos do lado oeste, pois naquele tempo a linhagem foi interrompida, e depois vieram os túmulos do lado leste: Fréalaf, filho da irmã de Helm; Léofa, Walda, Folca, Folcwine, Fengel, Thengel, e por últim Théoden. E, quando foi pronunciado o nome de Théoden, Éomer esvaziou a taça. Então Éowyn pediu aos que serviam que enchessem as taças e todos os reunidos ali se levantaram e beberam à saúde do novo rei, gritando:

— Salve, Éomer, Rei da Terra dos Cavaleiros!

Por fim, quando o banquete terminou, Éomer levantou-se e disse:

— Este é o banquete do funeral do Rei Théoden; mas antes de partirmos falarei de coisas alegres, pois ele não se importaria se eu fizesse isso, uma vez que sempre foi um pai para Éowyn, minha irmã. Ouçam então, meus convidados, bela gente de muitos reinos, nunca antes aqui reunidos neste salão! Faramir, Regente de Gondor e Príncipe de Ithilien pede que Éowyn, Senhora de Rohan, seja sua esposa, e ela concorda de bom grado. Portanto eles ficarão noivos diante de todos vocês.

E Faramir e Éowyn deram um passo á frente e se deram as mãos; e todos beberam à saúde de ambos e se alegraram.

— Desse modo — disse Éomer —, a amizade entre Gondor e a Terra dos Cavaleiros fica ligada por um novo elo, e mais ainda me alegro.

— Você não é nem um pouco mesquinho, Éomer — disse Aragorn oferecendo assim a Gondor a coisa mais bela de seu reino!

Então Éowyn olhou nos olhos de Aragorn e disse:

— Deseje-me felicidades, meu soberano e curador!

E ele respondeu:

— Desejei-te felicidades desde a primeira vez em que te vi. Cura meu coração ver-te agora completamente feliz.

Quando terminou o banquete, aqueles que deveriam partir despediram-se do Rei Éomer. Aragorn e seus cavaleiros, e o povo de Lórien e de Valfenda, se aprontaram para cavalgar; mas Faramir e Imrahil permaneceram em Edoras, e Arwen Estrela Vespertina também ficou, e

disse adeus a seus irmãos. Ninguém viu o último encontro dela com seu pai, Elrond, pois eles subiram até as colinas e lá conversaram longamente; triste foi a separação, que deveria perdurar além do fim do mundo.

Por fim, antes que os convidados saíssem, Éomer e Éowyn aproximaram-se de Merry, dizendo:

— Adeus agora, Meriadoc do Condado e Holdwine da Terra dc Cavaleiros! Parta ao encontro da felicidade, e volte logo, pois será sempre bem-vindo!

E Éomer disse:

— Pelos seus feitos nos campos de Mundburg, os Reis de antigamente tê-lo-iam coberto de tantos presentes que uma carroça não poderia carregar; e apesar disso você diz que não aceita nada, a não ser as armas que lhe foram dadas. Isso vou tolerar, pois na verdade não tenho nada de valor para lhe oferecer; mas minha irmã implora que aceite esta pequena prenda, como uma lembrança de Dernhelm e das cornetas da Terra dos Cavaleiros na chegada da manhã.

Então Éowyn entregou a Merry uma corneta antiga, pequena mas habilidosamente confeccionada em fina prata e com um tiracolo verde; nela os artesãos tinham desenhado velozes cavaleiros, numa fileira que a contornava da extremidade até a boca, e gravaram também runas de grande virtude.

— Esta corneta é uma herança de nossa família — disse Éowyn. — Foi feita pelos anões, e veio do tesouro de Scatha, o Verme. Eorl, o Jovem trouxe-a do norte. Aquele que a tocar numa hora de necessidade plantará o medo no coração de seus inimigos, e alegria nos corações dos amigos, que irão ouvi-lo e virão até ele.

Então Merry aceitou a corneta, pois não poderia recusá-la, e beijou a mão de Éowyn; e eles o abraçaram, e assim se separaram naquela ocasião.

Quando os convidados estavam prontos, beberam a taça de partida, e com muitos elogios e gestos de amizade partiram, chegando finalmente ao Abismo de Helm, onde descansaram por dois dias. Então Legolas pagou a promessa que fizera a Gimli, e ambos foram até as Cavernas Cintilantes; quando voltaram o elfo ficou em silêncio, dizendo apenas que Gimli era o único que podia encontrar palavras adequadas para descrevê-las.

— E nunca antes um anão cantou vitória sobre um elfo numa competição de palavras — disse ele. — Agora então vamos até Fangorn onde acertaremos a contagem!

Da Garganta do Abismo cavalgaram até Isengard, e viram como c ents haviam-se ocupado. Todo o circulo de pedra fora derrubado e removido, e a terra dentro dele fora transformada num jardim cheio de pomares e árvores, atravessado por um rio; mas no meio de tudo havia um lago de águas límpidas, e dele surgia a Torre de Orthanc, alta e impenetrável, e sua rocha negra se espelhava no lago.

Por um tempo os viajantes sentaram-se no local onde os antigos portões de Isengard ficavam; agora havia duas árvores altas como sentinelas no início de uma trilha margeada de árvores que conduzia até Orthanc; todos olharam maravilhados para o trabalho feito, mas não se via qualquer ser vivo próximo ou distante.

De repente ouviram uma voz chamando hum-hom, hum-hom; e lá vinha Barbárvore descendo a trilha a largas passadas para cumprimentá-los, com Tronquesperto ao seu lado.

— Bem-vindos ao Jardinárvore de Orthanc! — disse ele. — Eu sabi que vocês deviam chegar, mas estava trabalhando lá em cima no vale; ainda há muito por fazer. Mas vocês também não ficaram ociosos lá no sul e nc leste, pelo que ouvi dizer; e tudo o que ouvi é bom, muito bom. — Entãc Barbárvore louvou todos os feitos deles, dos quais parecia ter plenc conhecimento; quando finalmente terminou, olhou longamente para Gandalf.

— Bem, agora vamos! — disse ele. — Você se mostrou o mais poderoso, e todos os seus trabalhos foram bem sucedidos. Aonde estaria indc agora? E por que veio até aqui?

— Para ver como vai o seu trabalho, meu amigo — disse Gandalf —, e para agradecer-lhe por toda a ajuda em tudo o que foi realizado.

— Hum, bem, isso é justo — disse Barbárvore. — Pois com certeza o ents fizeram a sua parte. E não apenas tomando conta daquele, hum, daquele maldito assassino de árvores que morava aqui. Pois houve uma grande invasão daqueles, burórum, daqueles olhos-malignos-mãos-pretas-pernas-arqueadas-coração-de-pedra-dedos-de-garra,barriga-nojenta-

sedento-de-sangue-morimaite-sincahonda, hum, bem, como vocês são pessoas apressadas e o nome inteiro deles é comprido como anos de tormento, aqueles vermes dos orcs; e eles atravessaram o Rio, e desceram do norte e da região que circunda toda a floresta de Laurelindórenan, na qual não conseguiram entrar, graças aos Grandes que estão lá. — Curvou-se diante do Senhor e da Senhora de Lórien.

— E essas mesmas criaturas fedorentas ficaram mais que surpresas que antes, embora isso também se possa dizer de pessoas melhores. E nem tantos se lembrarão de nós, pois não muitos escaparam vivos, e o Rio ficou com a maioria deles. Mas foi bom para vocês, pois, se eles não nos encontrassem, então o rei da terra verde não teria chegado muito longe, e, se tivesse, não haveria um lar para onde pudesse retornar.

— Sabemos muito bem disso — disse Aragorn —, e seus feitos nunca serão esquecidos em Minas Tirith ou em Edoras.

— Nunca é uma palavra longa demais até mesmo para mim — disse Barbárvore. — Não enquanto seus remos perdurarem, você quer dizer; mas realmente eles terão de ser bem longos para que pareçam longos aos ents.

— A Nova Era começa — disse Gandalf —, e nesta era pode muito bem acontecer de os remos dos homens durarem mais que você, Fangorn, meu amigo. Mas agora me diga: e a tarefa que lhe designei? Como está Saruman? Ainda não está cansado de Orthanc? Pois na minha opinião ele não vai achar que vocês melhoraram a vista de suas janelas.

Barbárvore dirigiu um longo olhar a Gandalf, que Merry considerou quase maroto.

— Ah! — disse ele. — Achei mesmo que chegaria a esse ponto. Cansado de Orthanc? — Muito cansado, finalmente; mas não ficou tão cansado de sua torre como de minha voz. Hum! Obriguei-o a escutar algumas histórias compridas, ou pelo menos o que pode ser considerado comprido em sua língua.

— Então por que ele ficou escutando? Você entrou em Orthanc? — perguntou Gandalf.

— Hum, não, não entrei em Orthanc! — disse Barbárvore. — Mas ele veio até a janela e escutou, pois não podia conseguir notícias de nenhum outro modo, e, embora odiando as notícias, estava ansioso por consegui-las; e

cuidei para que ele escutasse todas. Mas eu acrescentei muitas coisas às notícias sobre as quais julguei que ele devia pensar. Ele ficou muito cansado. Sempre tinha pressa. Essa foi a sua ruína.

— Observo, meu bom Fangorn — disse Gandalf —, que com muito cuidado você diz morava, tinha, foi. E o que me diz sobre o que é? Ele está morto?

— Não, morto não, pelo que sei — disse Barbárvore. — Mas ele partiu. Sim, partiu há sete dias. Deixei-o partir. Pouco restava dele quando saiu rastejando, e, quanto àquela criatura-verme que o acompanha, não passava de uma sombra pálida. Agora, não me diga, Gandalf, que eu prometi mantê-lo a salvo, pois eu sei disso. Mas as coisas mudaram desde então. E eu o mantive aqui até que ele estivesse impossibilitado, impossibilitado de fazer qualquer mal. Você deve saber que acima de tudo eu odeio prender coisas vivas, e me recuso a manter presas até mesmo criaturas como essa, a não ser que a necessidade seja extrema. Uma cobra sem presas pode rastejar para onde quiser.

— Você pode estar certo disse Gandalf —; mas a esta cobra ainda restava uma presa, eu acho. Ele tinha o veneno de sua voz, e julgo que persuadiu você, até mesmo você, Barbárvore, conhecendo o ponto fraco de seu coração. Bem, ele se foi, e não há mais nada a dizer. Mas agora a Torre de Orthanc volta para o Rei, a quem pertence. Embora talvez ele não precise dela.

— Isso veremos mais tarde — disse Aragorn. — Mas darei aos ents todo este vale para que o usem como quiserem, contanto que mantenham vigilância sobre Orthanc e cuidem para que ninguém entre nela sem minha autorização.

— A Torre está trancada — disse Barbárvore. — Obriguei Saruman a trancá-la e me entregar as chaves. Estão com Tronquesperto.

Tronquesperto curvou-se como uma árvore que se dobra ao vento, e entregou a Aragorn duas grandes chaves negras de formato intrincado, unidas por um anel de aço.

— Agora, agradeço-lhes mais uma vez — disse Aragorn —, e desejo-lhes boa sorte. Que sua floresta cresça outra vez em paz. Quando este vale estiver cheio, haverá espaço de sobra a oeste das montanhas, onde outrora

vocês caminharam.

O rosto de Barbárvore se entristeceu. — As florestas podem crescer — disse ele. — Os bosques podem se espalhar. Mas não os ents. Não existen entinhos.

— Mas agora talvez haja mais esperança em sua procura — disse Aragorn. — Terras que estiveram por muito tempo fechadas ficarão abertas para vocês na direção do leste.

Mas Barbárvore balançou a cabeça e disse: — É muito longe. E neste dias existem muitos homens. Mas estou esquecendo meus modos! Vocês não querem ficar aqui para descansar um pouco? E quem sabe haja alguém que fique satisfeito em atravessar a Floresta de Fangorn e assim encurtar seu caminho para casa? — Olhou para Celeborn e Galadriel.

Mas todos, exceto Legolas, disseram que precisavam agora despedir-se e partir para o sul ou para o oeste.

— Venha, Gimli – disse Legolas. — Agora, com a permissão de Fangorn, visitarei os recônditos da Floresta Ent e verei árvores que não existem em nenhum outro lugar da Terra-média. Você virá comigo, mantendo a sua palavra; e assim viajaremos juntos para nossas próprias terras, na Floresta das Trevas e mais além. — Com isso Gimli concordou embora sem muita satisfação, ao que pareceu.

— Aqui, então, finalmente, chegamos ao fim da Sociedade do Anel — disse Aragorn. — Mas espero que em breve vocês retornem á minha terra com a ajuda que prometeram.

— Viremos, se nossos senhores assim o permitirem — disse Gimli. — Bem, adeus, meus hobbits! Agora vocês devem ir para suas casas a salvo, e eu não ficarei acordado temendo os perigos que possam correr. Mandaremos noticias quando for possível, e alguns de nós poderão se encontrar de vez em quando; mas temo que nunca mais estaremos todos reunidos.

Então Barbárvore disse adeus a cada um deles, e curvou-se três vezes, devagar e com grande reverência, diante de Galadriel e Celeborn.

— Faz muito, muito tempo que não nos encontramos junto a árvore ou pedra, A vanimar, vanimálion nostari! — disse ele. — É triste que nos encontremos só agora, no final. Pois o mundo está mudando: sinto isso na água, sinto isso na terra, e farejo no ar. Não acho que nos encontraremos de

novo.

E Celeborn disse:

— Eu não sei, Mais velho. — Mas Galadriel falou:

— Não na Terra-média, não até que as terras que jazem sob as ondas se ergam de novo. Então, nos prados de salgueiros de Tasarinan podemos nos encontrar na primavera. Adeus!

Por último Merry e Pippin disseram adeus ao velho ent, e ele ficou mais descontraído quando olhou para eles.

— Bem, meu povo alegre — disse ele —, não vão beber mais um gole comigo antes de partirem?

— Claro que vamos — disseram eles, e Barbárvore os levou de lado entrando em uma das sombras das árvores, e eles viram que ali fora colocado um grande jarro de pedra. Barbárvore encheu três tigelas e eles beberam, vendo os estranhos olhos do ent observando-os por sobre a borda de sua tigela.

— Cuidado, cuidado! — disse ele. — Pois vocês já cresceram desde que os vi pela última vez. — E os dois riram e esvaziaram suas tigelas.

— Bem, adeus! — disse ele. — E não se esqueçam de me avisar se em sua terra ouvirem qualquer noticia sobre as entesposas. — Então acenou as mãos grandes para toda a comitiva e sumiu por entre as arvores.

Os viajantes cavalgavam agora com mais velocidade, e se dirigiam para o Desfiladeiro de Rohan, e Aragorn finalmente despediu-se deles, perto do local onde Pippin havia olhado na Pedra de Orthanc. Os hobbits se entristeceram com a separação, pois Aragorn nunca lhes faltara, e sempre fora o seu guia através de muitos perigos.

— Gostaria que houvesse uma pedra onde pudéssemos ver todos os nossos amigos — disse Pippin — e que fosse possível conversar com eles a distância!

— Agora só resta uma que você poderia usar — respondeu Aragorn —; pois você não desejaria ver o que a Pedra de Minas Tirith pode lhe mostrar. Mas o palantír de Orthanc será guardado pelo Rei, para que ele possa ver o que se passa em seu reino, e o que os servidores estão fazendo. Pois não se esqueça, Peregrin Túk, de que você é um cavaleiro de Gondor, eu não o dispenso do serviço. Agora você parte de licença, mas posso voltar

a chamá-lo. E lembrem-se, queridos amigos do Condado, que meu reino também abrange o norte, e irei até lá um dia.

Então Aragorn despediu-se de Celeborn e Galadriel, e a Senhora lhe disse:

— Pedra Élfica, através da escuridão você conquistou a esperança, e agora possui tudo o que deseja. Use bem os seus dias!

Mas Celeborn disse:

— Parente, adeus! Que seu destino seja diferente do meu, e seu tesouro permaneça com você até o fim.

Com essas palavras despediram-se, na hora do pôr-do-sol; quando, depois de um tempo, eles se viraram e olharam para trás, viram o Rei do Oeste sentado sobre o seu cavalo com os cavaleiros ao redor; e o sol poente reluzia sobre eles e fazia com que seus arreios brilhassem como ouro vermelho, e o manto branco de Aragorn transformou-se numa chama. Então Aragorn pegou a pedra verde e a ergueu, e um fogo verde emanou de sua mão.

Logo a comitiva reduzida, seguindo o Isen, dirigiu-se para o oeste e cavalgou através do Desfiladeiro, entrando nas terras desertas mais além; depois rumaram para o norte, e passaram pelas fronteiras da Terra Parda. Os habitantes de lá fugiram e se esconderam, pois tinham medo do Povo Élfico, embora na realidade poucos elfos tivessem chegado àquele lugar; mas os viajantes não lhes deram atenção, pois ainda formavam uma grande comitiva e estavam providos de tudo do que necessitavam; continuaram o seu caminho tranquilamente, montando tendas quando bem queriam.

No sexto dia após se separarem do Rei, viajaram através de uma floresta descendo das colinas aos pés das Montanhas Sombrias, que agora assomavam à sua direita.

Quando saíram para o espaço aberto de novo ao pôr-do-sol, alcançaram um velho apoiado num cajado, vestindo farrapos cinzentos e de um branco sujo, e atrás dele vinha um outro mendigo, arrastando-se e choramingando.

— Bem, Saruman! — disse Gandalf. — Aonde vai indo?

— E o que isso lhe interessa? — respondeu ele. — Quer ainda comandar meus passos, e não está satisfeito com minha ruína?

— Você conhece as respostas — disse Gandalf —: não e não. Mas de qualquer forma o tempo de meus trabalhos se aproxima de um fim. O Rei tomou para si o fardo. Se você tivesse esperado em Orthanc, poderia tê-lo visto, e ele teria demonstrado sua sabedoria e clemência.

— Isso é ainda mais um motivo para eu ter partido antes — disse Saruman —, pois não desejo dele nenhuma das duas coisas. Na verdade, se você deseja uma resposta para a sua primeira pergunta, estou procurando um caminho para fora deste reino.

— Então mais uma vez você está indo pelo caminho errado — disse Gandalf —, e não vejo esperança em sua viagem. Mas você vai desprezar nossa ajuda? Pois é isso que estamos oferecendo a você.

— A mim? — disse Saruman. — Não, por favor não me sorriam. Prefiro as suas carrancas. E, quanto à Senhora aqui, não confio nela: ela sempre me odiou, e tramou a seu favor. Não duvido de que o tenha trazido por este caminho para ter o prazer de tripudiar sobre a minha pobreza. Se soubesse da sua perseguição, eu lhes teria negado este prazer.

— Saruman — disse Galadriel —, temos outras missões e outras preocupações que nos parecem mais urgentes do que ficar caçando você. Ao invés disso, diga que você foi alcançado pela boa sorte, pois agora lhe oferecemos uma última oportunidade.

— Se for realmente a última, fico contente — disse Saruman —; pois me será poupado o trabalho de recusá-la mais uma vez. Todas as minhas esperanças estão arruinadas, mas eu não partilharia das suas. Se é que têm alguma.

Por um momento seus olhos se acenderam. — Vão embora! — disse ele.

— Não passei longos anos estudando esses assuntos para nada. Vocês se destruíram e sabem disso. E vai me trazer algum consolo, enquanto vago sem rumo, pensar que vocês derrubaram a sua única casa quando destruíram a minha. E, agora, que navio poderá levá-los através de um mar tão vasto? — zombou ele. — Será um navio cinza, e cheio de fantasmas. — Ele riu, mas sua voz era rouca e hedionda.

— Levante-se, idiota! — gritou ele para o outro mendigo, que se sentara no chão; bateu nele com o cajado. — Meia-volta! Se essas pessoas

gentis estão indo pelo nosso caminho, então vamos tomar um outro. Em frente, ou não vai ter nem uma casca de pão para o jantar.

O mendigo se levantou e foi se arrastando e choramingando:

— Pobre velho Gríma! Pobre velho Gríma! Sempre espancado amaldiçoado. Como o odeio! Gostaria de poder abandoná-lo!

— Então faça isso! — disse Gandalf.

Mas Língua de Cobra apenas desfechou um golpe de seus olho turvos e aterrorizados em Gandalf, e então apertou o passo atrás de Saruman. Quando o par miserável passou pela comitiva, aproximaram-se dos hobbits, e Saruman parou para fitá-los; mas eles o contemplaram com pena.

— Então vocês também vieram para tripudiar sobre minha desgraça, não é, meus moleques? — disse ele. — Não se preocupam com as necessidades de um mendigo, não é mesmo? Pois vocês têm tudo o que desejam, comida, e belas roupas, e o melhor fumo para seus cachimbos. É sim, eu sei! Sei de onde a erva vem. Vocês não dariam um bocado para um mendigo, dariam?

— Eu daria, se tivesse — disse Frodo.

— Você pode ficar com o que me resta — disse Merry —, se esperar um pouquinho. — Desceu do cavalo e procurou no alforje de sua sela. Então entregou a Saruman uma bolsa de couro. — Leve o que temos — disse ele — Esse fumo você conhece bem; veio dos escombros de Isengard.

— Meu, meu, é sim, e comprado a preços altíssimos! — gritou Saruman, agarrando a bolsa. — Isto é apenas uma reparação simbólica; pois vocês levaram muito mais, eu aposto. Apesar disso, um mendigo deve ficar agradecido, mesmo que um ladrão lhe devolva apenas uma parte do que lhe pertencia. Bem, vai ser bem feito para vocês quando chegarem em casa, se encontrarem na Quarta Sul as coisas piores do que desejariam. Que sua terra fique muito tempo sem fumo!

— Obrigado — disse Merry. — Nesse caso, quero de volta minha bolsa, que não é sua, e viajou muitas léguas comigo. Embrulhe o fumo num trapo seu.

— Um ladrão merece o outro — disse Saruman, dando as costas para Merry, e chutando Língua de Cobra; depois afastou-se em direção á floresta.

— Bem, gostei disso! — disse Pippin. — Ladrão, essa é boa! E de qu vamos acusá-lo por nos ter aprisionado, machucado e arrastado através das mãos de orcs por toda Rohan"?

— Ah! — disse Sam. — E ele disse comprado. Fico pensando como. I não gostei daquilo que ele disse sobre a Quarta Sul. Já é tempo d retornarmos.

— Com certeza — disse Frodo. — Mas não podemos ir mais rápido, s queremos ver Bilbo. Vou primeiro a Valfenda, aconteça o que acontecer.

— Sim, acho melhor você fazer isso — disse Gandalf — Mas sinto po Saruman! Acho que não se pode conseguir mais nada dele. Est completamente murcho. Mesmo assim, não tenho certeza de que Barbárvore esteja com a razão: imagino que ele ainda poderia fazer alguma maldade, de um modo mais mesquinho.

No dia seguinte entraram na parte norte da Terra Parda, onde nenhum homem morava agora, embora fosse um lugar verde e agradável.

Setembro chegou com dias dourados e noites de prata, e eles cavalgaram tranquilos até atingirem o rio Cisnefrota, e encontraram o antigo vau, a leste das cachoeiras onde as águas desciam abruptamente para as terras baixas. Muito mais a oeste, envoltos pela névoa, ficavam os pântanos e ilhotas através dos quais esse rio seguia até juntar-se ao Rio Cinzento: la inúmeros cisnes moravam em meio aos juncos.

Assim entraram em Eregion, e finalmente surgiu uma manhã bonita tremeluzindo sobre névoas cintilantes; olhando do acampamento que haviam feito numa colina baixa, os viajantes viram no leste o sol tocando três picos que se lançavam ao céu em meio a nuvens flutuantes: Caradhras, Celebdil e Fanuidhol. Estavam próximos dos Portões de Moria.

Detiveram-se ali por sete dias, pois aproximava-se o momento de uma nova despedida contra a qual eles relutavam. Logo Celeborn, Galadrie e seu povo rumariam para o leste, passando assim pelo Passo do Chifre Vermelho e descendo a Escada do Riacho Escuro e atingindo o Veio d Prata, prosseguindo para sua própria terra.

Até aquele ponto, haviam viajado pelos caminhos do oeste, pois tinham muitos assuntos a tratar com Elrond e Gandalf e ali ainda demoraram bastante conversando com seus amigos. Várias vezes, muito

depois de os hobbits já estarem dormindo, eles se sentavam juntos sob as estrelas, rememorando as eras passadas e todas as suas alegrias e trabalhos no mundo, ou discutindo assuntos a respeito dos dias vindouros. Se por acasc algum viajante tivesse passado, pouco teria visto ou ouvido, ficando com a impressão de que vira apenas vultos cinzentos esculpidos na pedra, monumentos em memória de coisas esquecidas, agora perdidas em terras despovoadas. Pois eles não se mexiam nem usavam as bocas para falar; olhavam de uma mente para a outra, e apenas seus olhos brilhantes se agitavam e se acendiam, enquanto trocavam pensamentos.

Por fim tudo foi dito, e eles se separaram outra vez por um tempo, até que chegasse a hora de os Três Anéis desaparecerem. Sumindo depress. dentro das pedras e sombras, o povo de mantos cinzentos de Lórien cavalgou na direção das montanhas, e aqueles que estavam indo para Valfenda se sentaram na colina e ficaram olhando, até que da névoa que se adensava surgiu um clarão, e eles não viram mais nada. Frodo sabia que Galadriel erguera o seu anel em sinal de adeus.

Sam voltou-se e suspirou:

— Gostaria de estar voltando para Lórien!

Finalmente numa noite, atravessando as altas charnecas, de repente, como sempre parecia aos viajantes, depararam com o profundo vale de Valfenda e viram lá embaixo lamparinas brilhando na casa de Elrond. Desceram, atravessaram a ponte e chegaram às portas; toda a casa estava cheia de luz e música, celebrando a alegria da volta de Elrond.

Primeiro de tudo, antes de comerem ou se banharem, antes mesmc de tirarem suas capas, os hobbits foram procurar Bilbo. Encontraram-nc sozinho em seu pequeno quarto, abarrotado de papéis, penas e lápis. Mas Bilbo estava sentado numa cadeira diante de um pequeno fogo reluzente. Parecia muito velho, mas tranquilo, e sonolento.

Abriu os olhos e olhou para cima no momento em que os hobbits entraram.

— Olá! Olá! — disse ele. — Então vocês voltaram? E além diss amanhã é meu aniversário. Que esperteza a de vocês! Sabem, vou completar cento e vinte e nove anos. E dentro de mais um ano, se eu for poupado, chegarei à idade do Velho Túk. Gostaria de derrotá-lo, mas issc

vamos ver.

Depois da comemoração do aniversário de Bilbo, os quatro hobbits permaneceram em Valfenda por mais alguns dias, sentando-se longamente na companhia do velho amigo, que agora passava a maior parte do tempo em seu quarto, exceto na hora das refeições. Para estas ele ainda era geralmente muito pontual, e raras vezes deixava de acordar em tempo para participar delas. Sentados ao redor do fogo, cada um deles contou tudo o que conseguia lembrar sobre suas viagens e aventuras. No início, Bilbo fingia tomar algumas notas, mas frequentemente adormecia; quando acordava, dizia:

— Que esplêndido! Mas onde estávamos? — Então eles continuavam a história do ponto onde ele começara a cabecear.

A única parte que realmente pareceu despertá-lo e segurar-lhe a atenção foi o relato sobre a coroação e o casamento de Aragorn.

— É claro que eu fui convidado para as bodas — disse ele. — E as aguardei durante um longo tempo. Mas, de alguma forma, quando chegou a hora, achei que tinha muitas coisas para fazer aqui, e fazer as malas é um incômodo tão grande!

Após quase uma quinzena, Frodo olhou através de sua janela e viu que geara durante a noite, e as teias de aranha pareciam redes brancas.

Então, de repente, percebeu que deveria partir e dizer adeus a Bilbo O clima ainda era bom e ameno, após um dos mais adoráveis verões de que se tinha memória; mas chegara outubro e logo começaria a chover e ventar outra vez. E ainda havia um longo caminho a percorrer. Mas não foi exatamente pensar no clima que o agitou.

Ele teve um sentimento de que era hora de voltar para o Condado Sam sentia a mesma coisa.

Apenas uma noite antes, ele dissera:

— Bem, Sr. Frodo, estivemos em muitos lugares e vimos muitas coisas mas não acho que encontramos um lugar melhor do que este. Há um pouco de tudo aqui, se o senhor me entende: do Condado e da Floresta, de Gondo e das casas dos reis, das estalagens e prados, tudo misturado. Mesmo assim, de alguma forma, sinto que devemos partir em breve. Para falar a verdade, estou preocupado com o meu feitor.

— Sim, um pouco de tudo, Sam, exceto o Mar — respondera Frodo depois repetiu para si mesmo: — Exceto o Mar.

Naquele dia Frodo falou com Elrond, e ficou acertado que deveriam partir na manhã seguinte. Para a alegria deles, Gandalf disse:

— Acho que vou também. Pelo menos até Bri. Quero ver Carrapicho.

Quando chegou a noite, foram dizer adeus a Bilbo.

— Bem, se vocês precisam ir, não há mais nada a fazer — disse ele. — Lamento. Vou sentir a falta de vocês. É bom saber que estão por perto. Mas agora estou ficando com sono. — Então deu a Frodo seu casaco de mithril e Ferroada, esquecendo-se de que já tinha feito isso antes; deu também três livros de histórias que com sua letra comprida e fina escrevera em diferentes ocasiões, em cujos dorsos vermelhos se lia: Traduções do Élfico, por B.B.

Para Sam deu um pequeno saco com ouro.

— Quase a última gota que sobrou da safra de Smaug — disse ele. — Pode vir a ser útil, se você pensa em se casar, Sam. — Sam enrubesceu.

— Não tenho nada mais para lhes oferecer, jovens companheiros — disse ele para Merry e Pippin —, exceto bons conselhos. — E, quando lhe havia dado uma bela amostra deles, acrescentou um último ítem, à moda do Condado: — Não permitam que suas cabeças fiquem grandes demais para os seus chapéus! Mas, se vocês não pararem logo de crescer, vão achar os chapéus e as roupas caros.

— Mas, se você quer superar o Velho Túk — disse Pippin —, não vejo por que não devamos tentar superar o Urratouro.

Bilbo riu, e tirou de um bolso dois belos cachimbos com embocaduras de madrepérola e adornados com prata trabalhada.

— Pensem em mim quando estiverem fumando! — disse ele. — Os elfos os fizeram para mim, mas agora deixei de fumar. — E então de repente ele cabeceou e adormeceu por uns momentos; quando acordou de novo, disse:

— Agora, onde estávamos? Sim, é claro, dando presentes. E isso me faz lembrar: O que aconteceu com o meu anel, Frodo, que você levou embora?

— Eu o perdi, Bilbo querido — disse Frodo. — Livrei-me dele, você sabe.

— Que pena! — disse Bilbo. — Gostaria de vê-lo mais uma vez. Ma não, que tolo eu sou! Foi por isso que você foi, não é? Para se livrar dele? Mas é tudo tão complicado, pois tantas outras coisas parecem ter-se misturado com isso: os afazeres de Aragorn, o Conselho Branco e Gondor, e c Cavaleiros, os sulistas, os olifantes — você realmente viu um, Sam? — e cavernas e torres e árvores douradas e sei lá mais o quê.

— Evidentemente eu voltei de minha viagem por uma estrada direta demais. Acho que Gandalf poderia ter me mostrado mais lugares. Mas nesse caso o leilão teria terminado antes do meu retorno, e eu teria mais problemas do que tive. De qualquer forma, agora é muito tarde, e eu realmente achc bem mais confortável ficar aqui sentado ouvindo falar sobre tudo. O fogc aqui é acolhedor, e a comida muito boa, e há elfos quando você quiser vê-los. Quem precisa de mais?

A Estrada em frente vai seguindo
Deixando a porta onde começa.
Agora longe já vai indo,
Que a sigam outros, nada impeça!
Que partam para a sua jornada,
Porque meus pés irão ficar
No albergue em luz no fim da Estrada;
Quero dormir e descansar

E, quando Bilbo murmurou as últimas palavras, sua cabeça caiu sobre o peito e ele adormeceu profundamente.

A noite se adensou na sala, e a luz do fogo brilhou mais forte; os hobbits observaram Bilbo dormindo e viram que seu rosto sorria. Por um tempo ficaram sentados em silêncio; depois, Sam, olhando ao redor da sala para as sombras tremendo nas paredes, disse baixinho:

— Não acho. Sr. Frodo. que ele tenha escrito muito enquant estivemos fora. Agora nunca vai escrever nossa história.

Bilbo então abriu um olho, quase como se tivesse ouvido. Então despertou. — Vocês entendem, estou ficando tão sonolento — disse ele. — E, quando tenho tempo para escrever, só gosto mesmo é de escrever poesia.

Fico pensando, Frodo, meu caro companheiro, se você não se importaria muito em organizar as coisas antes de partir. Recolha todos os meus papéis e anotações, e meu diário também, e leve-os com você, se quiser. Você entende, eu não tive muito tempo para selecionar e organizar e tudo mais. Peça que Sam o ajude, e, quando vocês tiverem organizado a coisa toda voltem, e eu dou uma examinada rápida em tudo. Não serei muito exigente.

— Claro que vou fazer isso — disse Frodo. — E é claro que voltarei logo: não haverá mais nenhum perigo. Agora existe um rei de verdade, e logo ele vai deixar as estradas em ordem.

— Obrigado, meu caro companheiro! — disse Bilbo. — Esse realmente é um grande alívio para minha cabeça. — E dizendo isso ele adormeceu profundamente outra vez.

No dia seguinte Gandalf e os hobbits se despediram de Bilbo em seu quarto, pois estava frio lá fora; depois disseram adeus a Elrond e às pessoas de sua casa.

Quando Frodo parou na soleira da porta, Elrond lhe desejou uma boa viagem e o abençoou, dizendo:

— Eu acho, Frodo, que talvez você não precise voltar, a não ser que venha muito em breve. Por volta desta época do ano, quando as folhas estão douradas e ainda não caíram, procure Bilbo nos bosques do Condado. Eu estarei com ele.

Ninguém mais ouviu essas palavras, e Frodo as guardou consigo.

CAPÍTULO VII: A CAMINHO DE CASA

Finalmente os hobbits voltavam seus rostos na direção de casa.

Estavam agora ansiosos por ver de novo o Condado, mas no início cavalgaram devagar, pois Frodo sentira-se mal. Quando chegaram ao Vau do Bruinen ele parou, relutando em atravessar a água; os outros notaram que por um tempo seus olhos pareciam alheios a eles e às coisas ao redor. Durante todo aquele dia, Frodo ficou em silêncio. Era o dia seis de outubro.

— Você está sentindo dores, Frodo? — perguntou Gandalf numa voz baixa, cavalgando ao seu lado.

— Bem, estou — disse Frodo. — É meu ombro. O ferimento dói, e a lembrança da escuridão pesa sobre mim. Está fazendo um ano hoje.

— É Lamentável, mas há certos ferimentos que não podem ser totalmente curados — disse Gandalf.

— Temo que esse possa ser o meu caso — disse Frodo. — Não existe um retorno de verdade. Embora eu possa voltar, o Condado não será o mesmo, pois eu não serei o mesmo. Fui ferido por faca, ferrão e dente, sem falar no fardo que carreguei por tanto tempo. Quando poderei descansar?

Gandalf não respondeu.

Ao fim do dia seguinte a dor e a inquietação tinham passado, e Frodo estava alegre de novo, alegre como se não se lembrasse da escuridão do dia anterior.

Depois daquilo, a viagem transcorreu bem, e os dias se passaram depressa; eles cavalgavam com tranquilidade, e frequentemente se demoravam nos belos bosques onde as folhas estavam vermelhas e amarelas ao sol do outono. Por fim atingiram o Topo do Vento; a noite se aproximava e a sombra da colina deitava-se escura sobre a estrada. Então Frodo pediu aos outros que se apressassem e, negando-se a olhar na direção da colina, atravessou sua sombra com a cabeça curvada e cobrindo-se com a capa. Naquela noite o tempo mudou, e do oeste chegou um vento carregado de chuva, que soprou ruidoso e frio, fazendo as folhas amarelas rodopiarem no ar como pássaros.

Quando chegaram à Floresta Chet os galhos já estavam quase nus, e uma grande cortina de chuva os impedia de ver a Colina Bri.

Foi assim que, quase ao final de uma noite bravia e molhada dos últimos dias de outubro, os cinco viajantes subiram a estrada íngreme e chegaram ao Portão Sul de Bri. Estava bem trancado, e a chuva batia-lhe nos rostos; no céu escuro nuvens baixas passavam correndo, e eles se sentiram um pouco frustrados, pois esperavam uma recepção mais calorosa.

Depois de muito chamarem, o porteiro saiu, e eles viram que ele trazia na mão um grande porrete. Fitou-os com medo e desconfiança, mas quando viu que Gandalf estava ali e que seus companheiros eram hobbits, apesar das estranhas vestes, alegrou-se e deu-lhes as boas-vindas.

— Entrem! — disse ele, destrancando o portão. — Não vão ficar esperando notícias aqui fora, no frio e na chuva, nesta noite tumultuada. Mas não há dúvida de que o velho Cevado vai lhes dar as boas-vindas no Pônei, e lá vocês poderão ouvir tudo o que há para ouvir.

— E lá vocês vão ouvir tudo o que vamos contar, ou mais até — disse Gandalf rindo. — Como está Harry?

O porteiro fez uma careta. — Foi embora — disse ele. — Mas é melhor perguntarem ao Cevado. Boa noite!

— Boa noite para você! — disseram eles passando pelo portão; notaram então que atrás da cerca-viva, ao lado da estrada, fora construído um barraco comprido, de onde vários homens saíram para observá-los por sobre a cerca. Quando se aproximaram da casa de Bill Samambaia, viram que a cerca-viva estava danificada e abandonada, e todas as janelas estavam lacradas com tábuas.

— Será que você o matou com aquela maçã, Sam? — disse Pippin.

— Não sou tão otimista, Sr. Pippin — disse Sam. — Mas gostaria de saber o que aconteceu àquele pobre pônei. Pensei nele muitas vezes, e nos lobos uivando e tudo mais.

Por fim chegaram ao Pônei Saltitante, que pelo menos externamente parecia o mesmo; havia luzes por trás das cortinas vermelhas nas janelas inferiores. Tocaram a campainha, e Nob veio atender a porta, abrindo apenas uma fresta e espiando por ela; quando os viu parados sob a lamparina, soltou um grito de surpresa.

— Senhor Carrapicho! Mestre! — gritou ele. — Eles voltaram!

— Ah, é, voltaram é? Já vou lhes dar uma lição — veio a voz de

Carrapicho, que saiu correndo, com um bastão na mão. Mas, quando viu quem eram, parou de repente, e a expressão carregada em seu rosto transformou-se em surpresa e alegria.

— Nob, seu miolo mole idiota! — gritou ele. — Você não consegue chamar os velhos amigos pelo nome? Não devia ficar me assustando desse jeito, nos tempos de hoje. Bem, bem! E de onde vocês vêm vindo? Jamais esperava ver qualquer um de vocês de novo, não esperava mesmo: indo para as Terras Ermas com o tal de Passolargo, e com todos aqueles Homens Negros á solta. Mas estou muito feliz em vê-los outra vez, sobretudo Gandalf Entrem! Entrem! Os mesmos quartos de antes? Estão desocupados Na verdade, a maioria dos quartos estão desocupados nos últimos tempos, e isso não vou esconder de vocês, pois logo verão com seus próprios olhos. E vou ver o que se pode fazer a respeito da ceia, o mais rápido possível; atualmente estou com falta de empregados. Ei, Nob, seu lesma! Diga ao Bob Ah, mas estou esquecendo, Bob se foi: agora ele vai embora para casa quando anoitece. Bem, leve os pôneis dos hóspedes para os estábulos, Nob! E não duvido de que você mesmo vai levar o seu cavalo, Gandalf Um belo animal, como eu disse a primeira vez que pus os olhos nele. Bem, entrem! Fiquem à vontade!

O Sr. Carrapicho não mudara absolutamente seu modo de falar, e ainda parecia continuar no mesmo corre-corre de sempre. Apesar disso, quase não se via ninguém, e tudo estava quieto; da sala de estar chegava o murmúrio baixo de no máximo duas ou três vozes. O rosto do proprietário, visto a menor distância e sob a luz de duas velas que ele acendera para iluminar-lhes o caminho, parecia bastante enrugado e marcado pela preocupação.

Conduziu-os pelo corredor até a sala que tinham usado naquela estranha noite mais de um ano atrás, e eles o seguiram um pouco ansiosos, pois parecia claro para todos que o velho Cevado estava enfrentando algum problema sério. As coisas não eram como antes. Mas não disseram nada e esperaram.

Como já adivinhavam, o Sr. Carrapicho veio até a sala após a ceia para ver se tudo estivera a contento. E realmente estivera: nenhuma mudança para pior ocorrera, pelo menos em se tratando da cerveja ou da

comida d'O Pônei.

— Não vou me atrever a sugerir que venham até a sala de estar esta noite — disse Carrapicho. — Vocês devem estar cansados, e de qualquer modo não há muita gente hoje. Mas, se puderem me conceder meia hora antes de irem dormir, eu gostaria imensamente de conversar um pouco com vocês, uma conversa só entre nós.

— É exatamente o que estamos querendo também — disse Gandalf. Não estamos cansados. Fizemos uma viagem tranquila. Estávamos molhados, com frio e fome, mas tudo isso você resolveu. Venha, sente-se! E, se tiver um pouco de fumo, ficaremos agradecidos.

— Bem, se tivessem pedido qualquer outra coisa, eu teria ficado mais contente — disse Carrapicho. — Essa é justamente uma coisa que anda escassa por aqui, uma vez que só temos o fumo que cultivamos, e isso não é suficiente. Não se consegue nem um pouco do Condado atualmente. Ma vou ver o que posso fazer.

Quando voltou trouxe-lhes fumo suficiente para um ou dois dias, um rolo de folhas inteiras.

— Borda do Sul — disse ele —, é o melhor que temos; mas não se compara ao fumo da Quarta Sul, como eu sempre digo, embora eu esteja sempre a favor de Bri na maioria das coisas, sem querer ofendê-los.

Acomodaram-no numa grande poltrona perto do fogo, e Gandalf sentou-se do outro lado da lareira, ficando os hobbits em cadeiras baixas entre os dois; então conversaram por várias meias horas, e trocaram todas as notícias que o Sr. Carrapicho quiz ouvir ou dar. A maioria das coisas que o viajantes tinham a dizer simplesmente causavam surpresa e desconcerto no anfitrião, que nem podia imaginá-las; as novidades provocavam poucos comentários além de um "Não diga!", que o Sr. Carrapicho frequentemente repetia num desafio á evidência dos seus próprios ouvidos.

— Não diga!, Sr. Bolseiro, ou será que devo chamá-lo de Sr. Monteiro? Estou ficando tão confuso. Não diga, Mestre Gandalf! Nunca imagine Quem teria pensado numa coisa dessas nos dias de hoje! Mas ele também disse muita coisa a seu respeito. As coisas não iam nada bem, dizia. O negócio não estava nem satisfatório, estava para lá de ruim. — Ninguém de Fora se aproxima de Bri — disse ele. — E as pessoas daqui ficam a maio

parte do tempo em casa, com as portas cerradas. Isso tudo por causa daqueles forasteiros e vagabundos que começaram a chegar pelo Caminho Verde no ano passado, como vocês devem se lembrar; mais deles vieram depois. Alguns não passavam de pobres coitados fugindo de problemas, mas a maior parte era de homens maus, ladrões traiçoeiros. E houve confusão bem aqui em Bri, coisa séria. É sim, tivemos um combate de verdade, e algumas pessoas foram assassinadas, assassinadas! Vocês acreditam?

— Acredito sim — disse Gandalf. — Quantas?

— Três e duas — disse Carrapicho, referindo-se às pessoas grandes e às pequenas. — O pobre Mat Urzal, e Rowlie Macieira e o pequeno Tom Espinheiro, do outro lado da Colina; e Willie Ladeira, lá de cima, e um dos Monteiros de Estrado: todos bons camaradas, dos quais sentimos a falta. E Harry Barba-de-Bode, que costumava ficar no Portão Oeste, junto com aquele Bill Samambaia, os dois passaram para o lado dos forasteiros, e foram embora com eles; e acredito que foram esses dois que deixaram os outros entrar. No dia da luta, quero dizer. E isso foi depois que nós lhes mostramos o caminho da rua e os expulsamos: antes do final do ano, foi sim; e a luta foi no início do Ano Novo, depois da forte nevasca.

— E agora se transformaram em ladrões, e moram fora, escondidos nas florestas além de Archet, e nas terras selvagens ao norte. Eu digo que até parece coisa dos maus tempos de antigamente que as histórias contam. A estrada não é segura e ninguém se afasta muito; as pessoas se fecham cedo em suas casas. Temos de manter vigias ao redor de toda a cerca e colocamos um monte de homens sobre os portões á noite.

— Bem, ninguém nos incomodou — disse Pippin —, e nós viemos devagar, sem manter vigilância. Pensamos ter deixado os problemas para trás.

— Ah, não deixaram mesmo, mestre, e é uma grande lástima — disse Carrapicho. — Mas não me admira que os deixaram em paz. Não atacariam pessoas armadas, com espadas, capacetes, escudos e tudo mais. Pensariam duas vezes, sem dúvida. E devo dizer que fiquei um pouco surpreso quando os vi.

Os hobbits então perceberam de repente que as pessoas os tinham olhado assustadas não tanto pela surpresa de sua volta, mas pelas estranhas

vestes que usavam. Eles mesmos tinham-se acostumado tanto à guerra e a cavalgarem em comitivas bem ordenadas que se tinham esquecido de que a malha brilhante aparecendo por baixo de suas capas, os capacetes de Gondor e da Terra dos Cavaleiros, e as belas insígnias em seus escudos pareceriam esquisitas em sua própria terra.

O mesmo valia para Gandalf, que agora cavalgava em seu altivo cavalo cinzento, todo vestido de branco com um grande manto azul e prateado cobrindo o corpo, trazendo consigo a longa espada Glamdring.

Gandalf riu. — Bem, bem — disse ele —; se eles têm medo de apenas cinco de nós, então encontramos inimigos piores em nossas viagens. Mas de qualquer modo vão deixá-los em paz durante a noite, enquanto ficarmos aqui.

— E por quanto tempo ficarão? — perguntou Carrapicho. — Não vou negar que ficaríamos felizes em tê-los aqui por um tempo. Você pode entender, não estamos acostumados a esse tipo de problema, e os guardiões foram todos embora, pelo que me dizem. Acho que só agora entendemos direito o que eles faziam por nós. Pois houve coisa pior que ladrões por aqui. Lobos ficaram uivando ao redor das cercas no inverno passado. E há vultos escuros nas florestas, seres terríveis que fazem o sangue congelar só de se pensar neles. Foi tudo muito perturbador, se vocês me entendem.

— Acho que foi — disse Gandalf. -Houve perturbação em toda parte ultimamente, muita perturbação. Mas alegre-se, Cevado! Você esteve à beira de problemas muito sérios, e fico feliz em saber que não se envolveu mais neles. Mas tempos melhores estão chegando. Talvez melhores do que qualquer tempo que você possa recordar. Os guardiões retornaram. Voltamos com eles. E há um rei de novo, Cevado. Logo ele estará pensando neste lugar.

— Então o Caminho Verde se abrirá de novo, e os mensageiros dele virão para o norte, e haverá idas e vindas, e os seres malignos serão expulsos das terras ermas. Na verdade, com o tempo não haverá mais terras ermas, e haverá gente e campo onde antes só havia desertos.

O Sr. Carrapicho balançou a cabeça.

— Se houver algumas pessoas decentes e respeitáveis na estrada, isso não trará mal algum — disse ele. — Mas não queremos mais gentalha e

rufiões. Não queremos forasteiros em Bri, e nem perto de Bri. Queremos ficar em paz. Não quero uma multidão de forasteiros acampando aqui e se acomodando ali e rasgando a terra virgem.

— Vocês vão ficar em paz, Cevado — disse Gandalf. — Há espaç suficiente para vários reinos entre o Isen e o rio Cinzento, ou ao longo da margem sul do Brandevin, sem que ninguém precise morar num raio de muitos dias de cavalgada de Bri. E muita gente costumava morar lá no norte, a cem milhas ou mais daqui, na outra extremidade do Caminho Verde: nas Colinas Norte, ou junto ao lago Vesperturvo.

— Lá em cima, perto do Fosso dos Mortos? — perguntou Carrapicho cada vez mais incrédulo. — Dizem que aquele lugar é assombrado. Só um ladrão iria para lá.

— Os guardiões vão lá — disse Gandalf. — Fosso dos Mortos, voc diz. Assim foi chamado por muitos anos; mas o nome verdadeiro, Cevado, é Fornost Brain, Cidadela do Norte dos Reis. E o rei irá até lá algum dia, então vocês verão belas pessoas passando por aqui.

— Bem, isso soa melhor, devo admitir — disse Carrapicho. — E ser bom para os negócios, sem dúvida. Contanto que ele deixe Bri em paz.

— Ele vai deixar sim — disse Gandalf. — O rei conhece Bri, e am este lugar.

— Ele conhece mesmo? — disse Carrapicho com uma expressão intrigada. — Embora não tenha certeza, não vejo por que ele deveria conhecer, sentado em seu trono em seu grande castelo, a centenas de milhas de distância. E bebendo vinho numa taça de ouro, não me espantaria. Que significa O Pônei para ele, ou canecas de cerveja? Não que a minha cerveja não seja boa, Gandalf Tem sido de rara qualidade desde que você veio, no outono do ano passado, e disse uma palavra boa sobre ela. E isso tem sido um consolo em meio a tantos problemas, devo admitir.

— Ah! — disse Sam. — Mas ele diz que a sua cerveja sempre foi boa.

— Ele diz?

— Claro que diz. Ele é Passolargo. O chefe dos guardiões. Isso aind não entrou em sua cabeça?

Entrou finalmente, e o rosto de Carrapicho transformou-se em espanto puro. Os olhos no seu rosto largo ficaram redondos, e sua boca

escancarada.

— Passolargo! — exclamou ele, quando recuperou o fôlego. — Ele de corôa e tudo mais com uma taça de ouro! Pois bem, aonde vamos chegar?

— A tempos melhores, para Bri de qualquer modo — disse Gandalf

— Espero que sim, com certeza — disse Carrapicho. — Bem, esta foi a melhor conversa que tive em muito e muito tempo. E não vou negar que vou dormir mais tranquilo esta noite, com o coração mais leve. Vocês me deram muita coisa em que pensar, mas vou deixar isso para amanhã. Vou dormir, e não tenho dúvida de que vocês ficarão felizes em fazer o mesmo. Ei, Nob! — chamou ele, indo até a porta. — Nob, seu lesma!

— Agora! — disse ele consigo mesmo, batendo na testa. — Agora, de que isso me faz lembrar?

— Não de outra carta que o senhor esqueceu, Sr. Carrapicho, esper eu disse Merry.

— Ora, ora, Sr. Brandebuque, não fique me fazendo lembrar disso Mas olhe só, o senhor interrompeu meu pensamento. Onde eu estava? Nob estábulos, ah!, é isso. Tenho uma coisa que pertence a vocês. Lembram-se de Bill Samambaia, e do roubo dos cavalos? O pônei que vocês compraram dele bem, ele está aqui. Voltou por conta própria. Mas onde esteve sabem melho que eu. Estava desgrenhado como um cachorro velho e magro como um varal de roupa, mas estava vivo. Nob cuidou dele.

— O quê? O meu Bill? — gritou Sam. — Bem, eu nasci com sorte, nã importa o que o meu Feitor tenha a dizer. Mais um desejo que se torna realidade! Onde está ele? — Sam recusou-se a ir dormir antes de visitar Bil em seu estábulo.

Os viajantes ficaram em Bri durante todo o dia seguinte, e o Sr Carrapicho não pôde reclamar de seu negócio, pelo menos naquela noite. A curiosidade superou todos os temores, e sua casa ficou lotada. De noite, por delicadeza, os hobbits ficaram um tempo na sala de estar, e responderam a muitas perguntas. Como as memórias de Bri eram boas, perguntaram muitas vezes a Frodo se ele havia escrito seu livro.

— Ainda não — respondia ele. — Estou indo para casa agora, para colocar minhas anotações em ordem. — Prometeu escrever sobre os estranhos eventos de Bri, e dessa forma dar um pouco de interesse a um

livro que parecia destinado a tratar principalmente dos remotos e secundários assuntos "lá do sul".

Então um dos mais novos pediu uma canção. Mas fez-se um silêncio de morte, e ele se encolheu sob olhares de censura, e o pedido não se repetiu. Evidentemente não se desejava qualquer incidente estranho na sala de estar outra vez.

Nenhum problema de dia, nem qualquer som durante a noite, incomodaram a paz de Bri enquanto os viajantes permaneceram lá; mas na manhã seguinte eles se levantaram cedo, pois o tempo ainda estava chuvoso e eles desejavam chegar ao Condado antes do cair da noite, e a cavalgada era longa. Toda a gente de Bri saiu às portas para vê-los partir, e sentiam uma alegria que havia mais de um ano não provavam; aqueles que não tinham visto antes os forasteiros com toda a sua indumentária ficaram boquiabertos à presença deles: diante de Gandalf com sua barba branca, e da luz que parecia emanar dele, como se seu manto azul fosse apenas uma nuvem cobrindo a luz do sol; e diante dos quatro hobbits, que pareciam cavaleiros errantes saídos de histórias quase esquecidas. Mesmo aqueles que tinham rido da conversa sobre o Rei começaram a achar que poderia haver alguma verdade nela.

— Bem, boa sorte em sua estrada, e boa sorte em sua volta para casa! — disse o Sr. Carrapicho. — Deveria tê-los avisado antes de que também lá nem tudo vai bem, se o que ouvimos dizer for verdade. Coisas estranhas acontecendo, dizem por aí. Mas uma coisa puxa a outra, e eu estava cheio de meus próprios problemas. Mas, se me desculpam o atrevimento, vocês voltaram mudados de suas viagens, e agora parecem pessoas que podem lidar com problemas complicados. Não duvido de que logo vão colocar tudo em ordem. Boa sorte para vocês! E quanto mais vezes voltarem, mais eu ficarei satisfeito.

Lhe desejaram boa sorte e partiram, passando pelo Portão Oeste, e avançando na direção do Condado. Bill, o pônei, foi com eles, e como antes carregando um monte de bagagens; mas trotava ao lado de Sam e parecia todo contente.

— Pergunto-me o que o velho Cevado estava querendo insinuar — disse Frodo.

— Posso adivinhar alguma coisa — disse Sam num tom tristonho. — O que eu vi no Espelho: árvores cortadas e tudo mais, e meu velho feito expulso da Rua. Deveria ter apressado minha volta para casa.

— É alguma coisa está errada com a Quarta Sul, evidentemente — disse Merry. — Há uma escassez geral de erva-de-fumo.

— O que quer que seja — disse Pippin —, Lotho deve estar por trá disso: podem ter certeza.

— Por trás, mas não no comando — disse Gandalf. — Vocês s esqueceram de Saruman. Ele começou a se interessar pelo Condado ante que Mordor o fizesse.

— Bem, temos você conosco — disse Merry. — Assim tudo será log esclarecido.

— Estou com vocês agora — disse Gandalf—, mas logo não estarei Não vou até o Condado. Vocês mesmos devem cuidar dos problemas de lá foi para isso que foram treinados. Ainda não entenderam? Meu tempo acabou: deixou de ser a minha tarefa colocar as coisas em ordem, ou ajudar as pessoas a fazerem isso. E quanto a vocês, meus caros amigos, não precisarão de ajuda. Agora estão crescidos. Na verdade cresceram muito, e estão entre os grandes, e agora deixei de temer por qualquer um de voces.

— Mas, se querem saber, vou tomar outro rumo logo. Vou ter uma longa conversa com Bombadil: uma conversa que nunca tive em todo o meu tempo. Ele é um criador de limo, e eu tenho sido uma pedra fadada a rolar. Mas meus dias de rolar estão terminando, e agora teremos muito a dizer um ao outro.

— Bem como sempre, pode ter certeza — disse Gandalf. — Bastante despreocupado. eu diria, não muito interessado em qualquer coisa que fizemos ou vimos, a não ser talvez em nossas visitas aos ents. Talvez mais tarde haja tempo para irem visitá-lo. Mas, se eu fosse vocês, iria depressa para casa, ou não chegarão à Ponte do Brandevin antes que os portões se fechem.

— Mas não há nenhum portão — disse Merry. — Não na Estrada você sabe muito bem disso. É claro que existe o Portão da Terra dos Buques mas eles me deixarão entrar a qualquer hora.

— Não havia nenhum portão, você quer dizer — disse Gandalf. —

Acho que agora vocês vão encontrar alguns. E podem ter mais problemas do que esperam, até mesmo no Portão da Terra dos Buques. Mas vão se sai bem. Adeus, caros amigos! Não pela última vez, ainda não. Adeus!

Guiou Scadufax para fora da estrada, e o grande cavalo saltou sobre o fosso verde que a margeava; então, a um grito de Gandalf, ele partiu, correndo na direção das Colinas dos Túmulos como o vento que vem do norte.

— Bem, aqui estamos, apenas os quatro que partimos juntos — disse Merry. — Deixamos os outros para trás, um a um. Parece quase um sonho que foi se desmanchando devagar.

— Não para mim — disse Frodo. — Para mim é como adormecer de novo.

Em pouco tempo chegaram ao ponto da Estrada Leste onde se haviam despedido de Bombadil, e tinham esperanças e quase uma certeza de vê-lo outra vez ali parado, esperando para cumprimentá-los quando passassem. Mas não se via sinal dele, e havia uma névoa cinzenta ao sul, encobrindo as Colinas dos Túmulos, e um véu espesso por sobre a Floresta Velha lá adiante.

Pararam e Frodo olhou para o sul pensativo.

— Gostaria muito de rever o velho camarada — disse ele. — Como será que está passando?

CAPÍTULO VIII: O EXPURGO DO CONDADO

A noite já caíra quando, molhados e exaustos, os viajantes finalmente atingiram o Brandevin, encontrando o caminho bloqueado. Em cada extremidade da Ponte havia um grande portão cheio de pontas; do outro lado do rio via-se que algumas novas casas haviam sido construídas: com dois andares e janelas retas e estreitas, sem adornos e mal iluminadas, tudo muito sombrio e nada parecido com o Condado.

Bateram com força no portão externo e chamaram, mas no início não houve resposta; depois, para a surpresa deles, alguém tocou uma corneta, e as luzes nas janelas se apagaram. Uma voz gritou no escuro:

— Quem é? Fora daqui! Vocês não podem entrar. Não estão lendo placa: Proibido entrar entre o pôr-do-sol e a aurora?

— É claro que não estamos lendo placa alguma no escuro — gritou Sam em resposta. — E, se hobbits do Condado devem ficar de fora na chuva numa noite destas, vou derrubar sua placa assim que a encontrar.

Então uma janela bateu, e uma multidão de hobbits com lamparinas irrompeu da casa á esquerda. Abriram o portão do lado oposto, e alguns vieram atravessando a ponte. Ao verem os viajantes, ficaram amedrontados.

— Venha cá! — disse Merry, reconhecendo um dos hobbits. — Se você não me conhece, Hob Guarda-cerca, deveria conhecer. Sou Merry Brandebuque, e gostaria de saber o que está acontecendo, e o que um habitante da Terra dos Buques como você está fazendo aqui. Você costumava ficar no Portão da Sebe!

— Céus! É o Sr. Merry, com certeza, e todo vestido para um combate — disse o velho Hob. — Ora, disseram que estava morto! Perdido na Floresta Velha, de acordo com a opinião geral. Fico feliz em vê-lo vivo, afinal de contas!

— Então pare de me olhar através das barras com esse jeito embasbacado e abra o portão! — disse Merry.

— Lamento, Sr. Merry, mas são as ordens.

— Ordens de quem?

— Do Chefe, lá em cima em Bolsão.

— Chefe? Chefe? Quer dizer o Sr. Lotho? — perguntou Frodo.

— Acho que sim, Sr. Bolseiro; mas atualmente só podemos dizer "C Chefe".

— É mesmo? — disse Frodo. — Bem, pelo menos me alegro por ele te abandonado o sobrenome "Bolseiro". Mas evidentemente já era hora de a família cuidar dele e colocá-lo em seu devido lugar.

Um silêncio tomou conta dos hobbits do outro lado do portão. — Não é nada bom falar desse jeito — disse um deles.

— Ele vai ficar sabendo disso. E, se fizerem tanto barulho assim, vão acabar acordando o Grande Homem do Chefe.

— Vamos acordá-lo de uma forma que irá surpreendê-lo – disse Merry. Se você está querendo dizer que o seu precioso Chefe andou contratando rufiões das terras ermas, então já era tempo de termos voltado. — Saltou do pônei e, lendo a placa na luz das lamparinas, arrancou-a e a jogou por sobre o portão. Os hobbits recuaram, sem fazer menção de abrir. — Vamos, Pippin! — disse Merry. — Bastam dois de nós.

Merry e Pippin treparam no portão, e os hobbits fugiram correndo Uma outra corneta soou. Da casa maior à direita, um vulto grande e imponente apareceu contra a luz que vinha da porta.

— O que está acontecendo? — rosnou ele vindo para fora. — Arrombamento de portão? Sumam daqui, ou vou torcer seus pescocinhos nojentos! — Então ele parou, pois percebeu o brilho de espadas.

— Bill Samambaia! — disse Merry —, se você não abrir esse portão em dez segundos, vai se arrepender. — Vou consertar você a ferro, se não obedecer. E, depois de abrir os portões, você vai passar por eles para nunca mais voltar. Você é um rufião, um ladrão de estrada. Bill Samambaia hesitou e depois arrastou-se até o portão para destrancá-lo. — Dê-me a chave! — disse Merry. Mas o rufião atirou-a contra a cabeça do hobbit e correu para a escuridão. Quando passou pelos pôneis, um deles desferiu-lhe um coice, atingindo-o em plena corrida. Bill sumiu gritando dentro da noite, e nunca mais se ouviu falar dele.

— Bom trabalho, Bill — disse Sam, dirigindo-se ao pônei.

— É o fim de seu Grande Homem — disse Merry. — Mais tard cuidaremos do Chefe. Enquanto isso, queremos pouso para a noite, e, como

parece que vocês derrubaram a Estalagem da Ponte e construíram essa coisa feia no lugar, vão ter de nos acomodar.

— Lamento, Sr. Merry — disse Hob —, mas isso não é permitido.

— Não é permitido o quê?

— Acolher pessoas de improviso, e consumir mais comida que o permitido, e tudo isso — disse Hob.

— Qual é o problema aqui? — disse Merry. — O ano foi ruim, ou qualquer coisa do tipo? Pensei que tinha sido um bom verão, com uma colheita farta.

— Bem, não, o ano foi bastante bom — disse Hob. — Produzimos um monte de alimentos, mas não sabemos exatamente o que é feito deles. Acho que são todos esses "coletores" e "distribuidores", andando por aí contando e medindo e levando para estocar. Mais coletam do que distribuem, e a maior parte dos alimentos não aparece nunca mais.

— Tenham dó! — disse Pippin bocejando. — Isso tudo é enfadonho demais para mim esta noite. Temos comida em nossas mochilas. É só nos darem um quarto em que possamos descansar. Será bem melhor do que muitos lugares que já vi.

Os hobbits no portão ainda pareciam constrangidos; com certeza uma ou outra regra havia sido quebrada; mas não havia como discutir com quatro viajantes tão imponentes, totalmente armados, ainda por cima sendo dois deles tão extraordinariamente grandes e fortes. Frodo ordenou que fechassem os portões outra vez. De qualquer forma parecia sensato manter vigilância, enquanto os rufiões estivessem à solta. Então os quatro companheiros entraram na guarita dos hobbits e se acomodaram como puderam. Era um lugar vazio e feio, com uma lareira pequena e pobre, que não dava bom fogo. Nos cômodos superiores havia pequenas fileiras de camas duras, e em cada parede via-se um quadro com uma lista de Regras. Pippin arrancou-os todos. Não havia cerveja e a comida era escassa, mas com a que os viajantes trouxeram e partilharam, todos fizeram uma bela refeição; Pippin quebrou a Regra 4, colocando no fogo a maior parte da quota de lenha reservada para o dia seguinte.

— Bem, e agora, que tal um cachimbo, enquanto vocês nos contam o que tem acontecido aqui no Condado? — disse ele.

— Atualmente não temos erva-de-fumo — disse Hob —; ou pelc menos há só para os homens do Chefe. Parece que todo o estoque fo embora. Ouvimos dizer que carroças carregadas de fumo saídas da Quarta Sul passaram descendo a estrada velha, atravessando o caminho do Vau Sam. Isso teria sido no final do ano passado, depois que vocês partiram. Ma antes houve carregamentos partindo em segredo, em quantidades menores. Aquele Lotho...

— Cale essa boca, Hob Guarda-cerca! — gritaram vários dos outros — Você sabe que esse tipo de conversa não é permitido. O Chefe vai fica sabendo, e todos nós estaremos numa enrascada.

— Ele não ficaria sabendo de nada, se alguns de vocês não fossem delatores — retorquiu Hob enfurecido.

— Tudo bem, tudo bem! — disse Sam. — Já basta. Não quero ouvi mais nada. Sem boas-vindas, sem cerveja, sem fumo, e ao invés disso um monte de regras e conversa de orc. Esperava poder descansar, mas estou vendo que há muito trabalho e muito problema à frente. Vamos dormir e esquecer tudo até amanhã.

O novo "Chefe" evidentemente tinha meios de conseguir noticias. Da Ponte até Bolsão eram bem umas quarenta milhas, mas alguém fez a viagem correndo. E logo Frodo e seus amigos ficaram sabendo disso.

Eles não tinham nenhum plano definido, mas haviam pensadc vagamente em primeiro descer até Criconcavo, para descansarem um pouco por lá. Mas agora, vendo como estavam as coisas, decidiram ir diretc para a Vila dos Hobbits. Assim, no dia seguinte, partiram pela Estrada avançaram depressa, quase sem paradas.

O vento diminuíra e o céu estava cinzento. O lugar parecia bastante triste e abandonado, mas afinal de contas era primeiro de novembro, o último suspiro do outono.

Mesmo assim, parecia haver uma quantidade incomum de queimadas, e desprendia-se fumaça de vários pontos ao redor do caminho. Formava-se uma grande nuvem que subia lá longe na direção da Ponta dc Bosque.

Quando caiu a noite, eles estavam próximos de Sapântano, uma aldeia à margem direita da Estrada, a cerca de vinte e duas milhas da Ponte.

Ali pretendiam passar a noite; O Tronco Flutuante de Sapântano era um boa estalagem. Mas, quando atingiram a extremidade leste da aldeia, encontraram uma barreira com uma enorme placa dizendo ESTRAD BLOQUEADA, e atrás dela se via um grande bando de Condestáveis c bastões nas mãos e penas nos chapéus, de aparência ao mesmo tempo arrogante e meio amedrontada.

— Que significa tudo isso? — disse Frodo, sentindo-se inclinado a rir.

— É isso mesmo, Sr. Bolseiro — disse o chefe dos Condestáveis, un hobbit de duas penas —, vocês estão presos por Arrombamento de Portão por Destruição dos Quadros de Regras e por Ataque aos Guardas do Portã e por Invasão, e por Dormir nos Prédios do Condado sem Permissão, e p Suborno de Guardas por Meio de Comida.

— E o que mais? — perguntou Frodo.

— Isso já basta por enquanto — disse o Chefe dos Condestáveis.

— Posso acrescentar mais algumas infrações, se quiserem — disse Sam.

— Xingamento de seu Chefe, Desejo de Esbofetear sua Ca Espinhenta, e Achar que Vocês Condestáveis são uns Bobalhões.

— Calma agora, Senhor, já basta. São ordens do Chefe que vocês n acompanhem em silêncio. Vamos levá-los até Beirágua e entregá-los ao Homens do Chefe; e, quando ele estiver cuidando do seu caso, terã oportunidade de falar. Mas, se eu fosse vocês, falaria o mínimo possível, a menos que queiram ficar nos Tocadeados mais que o necessário.

Para o desapontamento dos Condestáveis, Frodo e todos os seu companheiros explodiram em riso.

— Não seja absurdo! — disse Frodo. — Eu vou aonde quiser, quando bem quiser. Por acaso estou indo para Bolsão a negócios, mas, s vocês insistem em ir também, isso é da sua conta.

— Muito bem, Sr. Bolseiro — disse o líder, empurrando de lado barreira. — Mas não se esqueça de que os prendi.

— Não vou me esquecer — disse Frodo. — Nunca. Mas poss perdoá-los. Contudo, não vou viajar mais hoje e, se vocês gentilmente me escoltarem até O Tronco Flutuante, ficarei agradecido.

— Não posso fazer isso, Sr. Bolseiro. A estalagem está fechada. H

uma casa de Condestáveis do outro lado da aldeia.

— Está bem — disse Frodo. — Vá na frente.

Sam estivera examinando todos os Condestáveis, e encontrou um seu conhecido entre eles.

— Ei, venha cá, Robin Covapequena! — chamou ele. — Quero troca umas palavras com você.

Lançando um olhar humilde para o líder, que parecia irado mas nãc ousou interferir, o Condestável Covapequena atrasou o passo e aproximou-se de Sam, que desceu de seu pônei.

— Olhe aqui, Robin, seu Galinho! — disse Sam. — Você cresceu n Vila dos Hobbits, e deveria ter mais juízo, em vez de ficar tocaiando o Sı Frodo e tudo mais. E o que significa isso de a estalagem estar fechada?

— Estão todas fechadas — disse Robin. — O Chefe não tolera cerveja. Pelo menos foi assim que tudo começou. Mas agora calculo que são o: Homens dele que ficam com toda a cerveja. E ele também não tolera pessoas indo de um lado para o outro. Nesse caso, se elas quiserem ou precisarem, têm de ir até a casa dos Condestáveis para se explicar.

— Você deveria ter vergonha de estar metido num absurdo destes — disse Sam. — Você mesmo costumava gostar do interior de uma estalagem mais que do seu exterior. Você sempre dava uma passadinha por lá, mesmc quando estava trabalhando.

— E ainda continuaria fazendo a mesma coisa, se pudesse. Mas nãc seja duro comigo. O que posso fazer? Você sabe o motivo de eu ter-me transformado num Condestável há sete anos, antes que tudo istc começasse. Isso me permitia passear pelo lugar, e conhecer pessoas, e ouvir notícias, além de saber onde estava a boa cerveja. Mas agora é diferente.

— Mas você pode desistir. Deixe de ser Condestável, se o trabalho j não merece respeito — disse Sam.

— Não nos é permitido — disse Robin.

— Se eu ouvir não é permitido com mais frequência, vou ficar com raiva.

— Não posso dizer que lamentaria ver a cena — disse Robin abaixando a voz. — Se todos nós ficássemos com raiva juntos, alguma coisa se poderia fazer. Mas são estes Homens, Sam, os Homens do Chefe. Ele

manda para todos os lugares, e, se algum de nós pequenos se levanta e exige nossos direitos, eles o arrastam para os Tocadeados. Levaram primeiro o velho Bolão e o Prefeito Will Pealvo, e depois levaram muitos mais. Ultimamente a situação está pior. Agora frequentemente nos espancam.

— Então por que vocês executam o trabalho no lugar deles? — disse Sam com raiva. — Quem os mandou para Sapântano?

— Ninguém mandou. Ficamos aqui na grande casa dos Condestáveis. Agora formamos a Primeira Tropa da Quarta Leste. Ao todo há centenas de Condestáveis, e eles querem mais, com todas essas novas regras. A maioria está contra a vontade, mas não todos. Ate mesmo no Condado há alguns que gostam de se meter na vida dos outros, e de falar arrotando importância. E tem coisa pior: alguns espionam para o Chefe e seus Homens.

— Ah! Então foi assim que vocês ficaram sabendo a nosso respeito, é?

— Isso mesmo. Agora não nos permitem enviar noticias pelo velho serviço de Postagem Rápida, mas eles o usam, e mantêm mensageiros especiais em pontos diferentes. Um deles veio de Fosso Branco ontem à noite com uma "mensagem secreta", e um outro a levou daqui. E chegou uma mensagem em resposta esta tarde, dizendo que vocês deviam ser presos e levados para Beirágua, e não direto para os Tocadeados. Está claro que o Chefe quer vê-los imediatamente.

— Não estará tão ansioso depois que o Sr. Frodo tiver acabado com ele — disse Sam.

A casa dos Condestáveis em Sapântano era ruim como a casa da Ponte. Era térrea, mas tinha as mesmas janelas estreitas, e fora construída com horríveis tijolos claros, muito mal assentados. O interior era úmido e melancólico, e a ceia foi servida numa mesa comprida e sem toalha que não era esfregada havia semanas. A comida não merecia aparato melhor. Os viajantes ficaram satisfeitos em deixar o lugar. Eram cerca de dezoito milhas até Beirágua, e eles partiram às dez horas da manhã.

Teriam partido antes, se não fosse tão visível a irritação do líder diante do atraso. O vento oeste virara para o norte, e agora estava ficando mais frio, mas a chuva se fora.

Estava bem cômica a cavalgada que partiu da aldeia, embora as

poucas pessoas que saíram para observar as "fantasias" dos viajantes não parecessem bem certas de que o riso era permitido. Uma dúzia de Condestáveis foram designados para a escolta dos "prisioneiros", mas Merry fez com que fossem marchando à frente, enquanto Frodo e seus amigos cavalgavam atrás. Merry, Pippin e Sam iam tranquilos, rindo, conversando e cantando. enquanto os Condestáveis iam pisando duro, tentando parecer severos e importantes. Frodo, entretanto, ficou em silêncio, parecendo bastante triste e pensativo.

A última pessoa pela qual passaram foi um velhinho corpulento que aparava uma cerca-viva.

— Ei, ei — zombou ele. — Quem prendeu quem?

Dois dos Condestáveis imediatamente deixaram a comitiva e foram na direção dele.

— Líder! — disse Merry. — Mande seus rapazes de volta aos seus lugares imediatamente, se não quiser que eu cuide deles!

Os dois hobbits, a uma palavra ríspida do líder, voltaram cabisbaixos.

— Agora avancem — disse Merry, e depois disso os viajantes cuidaram para manter os pôneis num passo rápido, obrigando os Condestáveis a avançarem na maior velocidade que podiam. O sol apareceu, e, apesar do vento frio, eles logo começaram a bufar e suar. A altura da Pedra das Três Quartas, eles desistiram. Tinham percorrido quase catorze milhas com apenas uma parada ao meio-dia. Já eram três da tarde. Os Condestáveis estavam famintos, com os pés inchados, e não aguentavam mais aquele ritmo.

— Bem, sigam-nos no seu próprio passo! — disse Merry. — Nós vamos avançar.

— Até à vista, Galinho! — disse Sam. — Vou esperá-lo do lado de fora do Dragão Verde, se você não esqueceu onde fica a estalagem. Não fique perdendo tempo pelo caminho!

— Vocês estão infringindo a ordem de prisão, é isso que estão fazendo — disse o líder numa voz pesarosa — e eu não posso ser responsável por isto.

— Ainda vamos infringir muitas ordens, e não estamos pedindo que se responsabilize — disse Pippin. — Boa sorte a todos!

Os viajantes avançaram trotando, e, quando o sol começou a descer

na direção das Colinas Brancas, lá longe no horizonte ocidental, eles chegaram a Beirágua, pelo caminho do amplo lago, e foi ali que tiveram o primeiro choque realmente doloroso. Esta era a terra de Sam e Frodo, e os dois agora percebiam que se preocupavam mais com ela do que com qualquer outro lugar do mundo. Muitas das casas que conheciam estavam faltando. Algumas pareciam ter sido incendiadas. As belas e antigas tocas de hobbits enfileiradas na margem do lado norte do Lago estavam abandonadas, e seus pequenos jardins, que costumavam descer verdejantes até a beira da água, estavam cheios de mato. Pior ainda, havia toda uma fileira das casas novas e feias, ao longo de toda a Beira do Lago, onde a Estrada da Vila dos Hobbits passava próxima à margem. Antes houvera uma avenida de árvores naquele ponto.

Agora não restava uma sequer. E, olhando frustrados estrada acima na direção de Bolsão, eles viram a distância uma alta chaminé feita de tijolos. Derramava fumaça preta no ar da noite.

Sam ficou fora de si.

— Estou indo direto para lá, Sr. Frodo! — gritou ele. — Vou ver o que está acontecendo. Quero encontrar meu velho.

— Primeiro precisamos saber em que estamos nos metendo, Sam — disse Merry. — Calculo que o "Chefe" deve ter uma gangue de rufiões a postos. É melhor encontrarmos alguém que nos conte como estão as coisas por aqui.

Mas na aldeia de Beirágua todas as casas e tocas estavam fechadas, e ninguém os cumprimentou. Surpreenderam-se com isso, mas logo descobriram o motivo. Quando chegaram ao Dragão Verde, a última casa da Vila dos Hobbits, agora sem vida e com as janelas quebradas, ficaram perturbados ao verem meia dúzia de homens grandes e mal encarados, descansando contra a parede da estalagem; eram vesgos e amarelentos.

— Como aquele amigo de Bill Samambaia em Bri — disse Sam.

— Como muitos que vi em Isengard, murmurou Merry.

Os rufiões seguravam bastões nas mãos e traziam cornetas presas aos cintos, mas não portavam qualquer outro tipo de arma, pelo que se podia ver. A medida que os viajantes foram subindo, eles deixaram a parede vindo na direção da estrada, bloqueando o caminho.

— Aonde pensam que vão? — disse um deles, o maior e de aparência mais maligna. — Não há mais estrada para vocês. E onde estão aqueles inúteis Condestáveis?

— Estão vindo devagar disse Merry. — Com os pés um pouco inchados, talvez. Prometemos esperá-los aqui.

— Droga!, que foi que eu disse? — disse o rufião para os companheiros. — Eu disse ao Charcote que não adiantava confiar naqueles pequenos idiotas. Devíamos ter mandado alguns de nossos rapazes.

— E que diferença teria feito? — disse Merry. Não estamos acostumados a salteadores por estas bandas, mas sabemos como lidar com eles.

— Salteadores, é? — disse o homem. Então esse é o seu tom? É melhor mudá-lo, ou nós o mudaremos por você. Vocês pequenos estão ficando muito petulantes. Não confiem demais na bondade do Patrão Agora Charcote chegou, e ele fará o que Charcote mandar.

— E quais serão as ordens dele? disse Frodo calmamente.

— Esta região precisa despertar e pôr as coisas no lugar — disse o rufião e Charcote vai se encarregar disso; e vai ser duro, se for obrigado. Vocês precisam de um Patrão mais forte. E terão um antes do fim do ano, se houver mais algum problema. Então vão aprender algumas coisas, seus pequenos ratos.

— De fato, fico feliz em saber de seus planos disse Frodo. — Estou indo visitar o Sr. Lotho, e talvez ele também se interesse em tomar conhecimento deles.

O rufião riu.

— Lotho! Ele sabe de tudo. Não se preocupe. Ele fará o que Charcote mandar. Porque, se um Patrão causa problema, podemos substitui-lo entendeu? E, se pessoas pequenas tentam se meter onde não são desejadas, podemos afastá-las de qualquer confusão, entendeu?

— Entendi sim — disse Frodo. — Em primeiro lugar, percebo que vocês estão atrasados no tempo, e não sabem das novidades por aqui. Muita coisa aconteceu desde que vocês partiram do sul. Seu tempo acabou, como também o tempo de todos os outros rufiões. A Torre Escura caiu, e agora há um Rei em Gondor. E Isengard foi destruída, e o seu precioso mestre é um

mendigo no deserto. Passei por ele na estrada. Agora os mensageiros do Rei e que virão subindo pelo Caminho Verde, e não os valentões de Isengard.

O homem o fitou e sorriu. Um mendigo no deserto! zombou ele. — É mesmo? Continyue a se gabar, continnue meu pavãozinho. Mas isso não va nos impedir de viver nesta terrinha farta, onde vocês já tiveram vida mansa por tempo suficiente. E — disse ele com um gesto de desprezo para Frodo — aqui para os mensageiros do Rei! Quando deparar com um, talvez perceba a presença dele.

Aquilo foi demais para Pippin. Seus pensamentos voltaram ao Campo de Cormallen, e ali estava um vagabundo vesgo chamando o Portador do Anel de "pavãozinho".

Jogou para trás a capa, ergueu sua espada num lampejo, e as cores da prata e do sable de Gondor reluziram nele quando avançou.

— Eu sou um mensageiro do Rei — disse ele. — Você está falando com o amigo do Rei, e um dos mais renomados em todas as terras do oeste. Você é um rufião idiota. Ajoelhe-se aqui na estrada e peça perdão, ou enfio esta assassina de troll em você!

A espada reluziu ao sol poente. Merry e Sam também puxaram sua espadas e se aproximaram para ajudar Pippin, mas Frodo não se mexeu. O rufiões recuaram.

O trabalho deles era assustar os camponeses de Bri e intimidar hobbits confusos. Hobbits destemidos com espadas brilhantes e rostos severos eram uma grande surpresa.

E havia um tom nas vozes dos recém chegados que eles nunca tinham ouvido antes, e que os fez gelar de medo.

— Fora daqui! — disse Merry. E, se perturbarem esta aldeia de novo vão se arrepender. — Os três hobbits avançaram, e então os rufiões se viraram e correram, fugindo pela Estrada da Vila dos Hobbits; mas não deixaram de tocar as cornetas enquanto corriam.

— Bem, acho que nosso retorno não foi nem um pouco precoce disse Merry.

— Nem um dia. Talvez seja tarde demais, pelo menos para salvar Lotho — disse Frodo. — Tolo miserável, mas lamento por ele.

— Salvar Lotho? O que está querendo dizer? — disse Pippin. — E

diria destruí-lo.

— Acho que você não está entendendo o que se passa, Pippin — disse Frodo. — Lotho nunca quis que as coisas chegassem a este ponto Sempre foi um idiota malvado, mas agora foi pego. Os rufiões estão por cima, recolhendo, roubando, ameaçando, manipulando ou destruindo as coisas como bem desejam, em nome dele. E nem sequer em nome dele por muitc mais tempo. Agora ele é um prisioneiro em Bolsão, eu acho, e deve estar bem amedrontado. Devemos tentar resgatá-lo.

— Bem, estou abismado! — disse Pippin. — De todos os finais par. nossa viagem, este é o último que eu imaginaria: lutar com semi-orcs e rufiões no próprio Condado... para resgatar Lotho Pústula!

— Lutar? disse Frodo. — Bem, pode ser que cheguemos a isso. Ma lembrem-se: não deve haver matança de hobbits, nem mesmo se eles passarem para o outro lado. Quero dizer os que passarem realmente, e não os que estão apenas obedecendo ordens dos rufiões sob ameaça. Jamais um hobbit matou outro de propósito no Condado. E isso não deve começa agora. E ninguém deve ser morto se eu puder evitar. Mantenha a calma e controle as mãos até o último minuto possível.

— Mas, se houver muitos desses rufiões — disse Merry —, con certeza isso vai significar luta. Você não vai resgatar Lotho, ou o Condadc apenas ficando chocado e triste, meu querido Frodo.

— Não — disse Pippin. — Não será tão fácil assustá-los da próxim. vez. Eles foram pegos de surpresa. Você ouviu as cornetas soando? Evidentemente há outros rufiões aqui por perto. Ficarão muito mai valentes quando estiverem num grupo maior. Devemos pensar em nos proteger em algum lugar durante a noite. Afinal de contas, somos apenas quatro, mesmo estando armados.

— Tenho uma ideia — disse Sam. — Vamos até a casa do velho Tom Villa, lá no fim da Alameda Sul! Ele sempre foi um sujeito corajoso. E ele te um monte de rapazes que são todos amigos meus.

— Não! — disse Merry. — Não adianta "nos protegermos". É só iss que as pessoas têm feito, e exatamente o que os rufiões querem. Vão simplesmente nos atacar em grupo, nos encurralar, e então nos expulsar, ou nos queimar lá dentro. Não, precisamos fazer alguma coisa imediatamente.

— Fazer o quê? — disse Pippin.

— Sublevar o Condado! — disse Merry. — Agora! Acordar noss povo! Eles odeiam tudo isso, você pode ver: todos eles, com a exceção de um ou dois velhacos, e alguns tolos que querem ser importantes, mas que de modo algum entendem o que realmente está acontecendo. Mas o povo dc Condado tem estado tão acomodado há tanto tempo que não sabe o que fazer. Entretanto só precisam de uma fagulha para se incendiarem. Os Homens do Chefe devem saber disso. Vão tentar nos pisotear e nos apaga rápido. Temos muito pouco tempo.

— Sam, você pode dar uma corrida até a fazenda do Villa, se quiser Ele é a pessoa mais importante por aqui, e a mais corajosa. Vamos! Vou tocai a corneta de Rohan, e fazê-los todos ouvir uma música que nunca ouviram antes.

Voltaram para o centro da aldeia. De lá Sam desviou seu caminho galopou descendo a ladeira que levava até a propriedade de Villa. Não tinha ido muito longe quando ouviu um toque de corneta súbito e cristalino subindo pelos ares, ecoando longe, sobre colinas e campos. Tão imperioso era aquele chamado que o próprio Sam quase se virou e correu de volta. O pônei recuou e relinchou.

— Vamos, rapaz! Para a frente! — gritou ele. Logo voltaremos.

Depois ele ouviu Merry mudar de tom, e logo subiu o Chamado de corneta da terra dos Bosques, agitando o ar.

— Acordem! Acordem! Faca, Fogo, Fúria! Acordem! Fogo, Fúr Acordem!

Atrás de si Sam ouviu uma confusão de vozes e um grande estrondc de portas batendo. A sua frente surgiram luzes no crepúsculo; cães latiram, passos se aproximaram correndo. Antes que Sam chegasse ao fim da ladeira já lá estava o Fazendeiro Villa com três de seus rapazes, o Jovem Tom, Jolly Nick, correndo na direção dele.

Empunhavam machados e estavam bloqueando o caminho.

— Não! Não é um dos rufiões — Sam ouviu-o dizer. — Pelo tamanh é um hobbit, mas com uma roupa muito esquisita. Ei! — gritou ele. — Quem é você, e o que é todo esse barulho?

— É Sam, Sam Gamgi. Eu voltei.

Villa aproximou-se e olhou em seu rosto à luz do crepúsculo. — Bem — exclamou ele. — A voz é a mesma, e o seu rosto não está pior do que era, Sam. Mas eu não o reconheceria na rua, vestido assim. Ao que parece, voc andou por terras estrangeiras. Temíamos que estivesse morto.

— Isso eu não estou! — disse Sam. — Nem o Sr. Frodo. Ele está aq com os seus amigos. E o barulho é por causa disso. Estão sublevando Condado. Vamos expulsar esses rufiões, e o Chefe deles também. Estamo começando agora.

— Bom, bom! — exclamou Villa. — Finalmente começou! Estou louc por uma confusão desde o começo do ano, mas as pessoas daqui não queriam ajudar. E eu tinha de pensar na mulher e em Rosinha. Esses rufiõe não respeitam nada. Mas venham agora, rapazes! Beirágua está s insurgindo. Precisamos participar disso!

— E a Sra. Villa e Rosinha? — disse Sam. — Ainda não é seguro deixá-las sozinhas.

— O meu Nibs está com elas. Você pode ir ajudá-lo, se quiser — diss Villa com um sorriso. Depois correu na direção da aldeia junto com os filhos.

Sam correu para a casa. Ao lado da grande porta redonda, no topo d escada que vinha do largo pátio, estavam a Sra. Villa e Rosinha; Nibs estav na frente delas, agarrando um garfo de feno.

— Sou eu! — gritou Sam trotando no pônei —, Sam Gamgi! Não tente me cutucar, Nibs. De qualquer modo, estou vestindo uma malha metálica.

Desceu do pônei e subiu a escada. Os três o observavam em silêncio.

— Boa noite, Sra. Villa! — disse ele. — Oi, Rosinha!

— Oi, Sam! disse Rosinha. — Por onde esteve? Disseram que estav morto, mas eu estive à sua espera desde a primavera. Você não teve pressa, não é verdade?

— Talvez não — disse Sam envergonhado. Mas agora estou con pressa. Vamos atacar os rufiões, e preciso voltar para junto do Sr. Frodo. Ma pensei em vir para ver como a Sra. Villa está passando. E você também Rosinha.

— Estamos bem, obrigada — disse a Sra. Villa. — Ou deveríamc estar, se não fosse por esses rufiões ladros.

— Bem, então vá andando! — disse Rosinha. — Se você estev

cuidando do Sr. Frodo todo esse tempo, por que quereria abandoná-lo logo que as coisas ficam perigosas?

Aquilo foi demais para Sam. Ou ele ficava uma semana respondendo ou não respondia nada. Virou-se e montou no pônei. Mas, no momento em que ia partir, Rosinha desceu correndo a escada.

— Eu acho que você está muito bem, Sam— disse ela. — Agora vá. Mas cuide-se e volte direto para cá assim que tiver resolvido o problema dos rufiões!

Quando Sam retornou, encontrou toda a aldeia agitada. Além de vários rapazes mais jovens, já mais de uma centena de hobbits robustos estavam reunidos, com machados, pesados martelos, longas facas e grossos bastões; além disso, alguns levavam arcos de caça. Muitos outros estavam chegando das fazendas distantes.

Algumas pessoas da aldeia tinham acendido uma grande fogueira, só para deixar a coisa toda mais emocionante, e também porque isso era proibido pelo Chefe.

O fogo queimava forte enquanto se aproximava a noite. Outros, por ordem de Merry, estavam erguendo barreiras através da estrada nas duas extremidades da aldeia.

Quando os Condestáveis atingiram o lado mais baixo, ficaram aturdidos; mas, assim que viram como estavam as coisas, a maioria deles tirou as penas e juntou-se à revolta. Os outros se retiraram furtivamente.

Sam encontrou Frodo e seus amigos perto do fogo, conversando com o velho Tom Villa, enquanto uma multidão admirada de Beirágua se juntava ao redor para observá-los.

— Bem, qual é o próximo passo? — perguntou Villa.

— Não posso dizer até que saiba mais — disse Frodo. — Quantos são esses rufiões?

— Isso é difícil dizer — disse Villa. — Eles andam por aí, indo e vindo. Algumas vezes há cinquenta deles naqueles barracões lá em cima, no caminho da Vila dos Hobbits; mas eles saem e ficam perambulando roubando ou recolhendo, como eles dizem. Ainda assim, é raro haver menos que vinte em volta do Patrão, como eles o chamam. Ele está em Bolsão, ou estava; mas agora não sai da propriedade. Ninguém o vê, na verdade, há

uma ou duas semanas; mas os homens não deixam ninguém chegar perto.

— A Vila dos Hobbits não é o único lugar onde eles ficam, é? — disse Pippin.

— Não, e isso é que é o pior — disse Villa. — Há um bom grupo lá no sul, no Vale Comprido e perto do Vau Sam, ouvi dizer; e mais alguns rondando na Ponta do Bosque; e eles têm barracões em Encruzada. E além disso há os Tocadeados, como os chamam: os velhos túneis de estocagem em Grã Cava, transformados em prisões para aqueles que os enfrentam. Mesmo assim, calculo que não haja mais que trezentos ao todo, e talvez até menos. Podemos dominá-los, se ficarmos juntos.

— Eles têm armas? — perguntou Merry.

— Chicotes, facas e bastões, o suficiente para o trabalho sujo que fazem: é tudo o que exibiram até agora — disse Villa. — Mas arrisco dizer que eles têm outros equipamentos, se for preciso lutar. De qualquer forma, alguns têm arcos. Atingiram um ou dois de nosso pessoal.

— Aí está, Frodo! — disse Merry. — Eu sabia que íamos ter de lutar. Bem, foram eles que começaram a matança.

— Não exatamente — disse Villa. — Pelo menos, não foram eles que começaram a atirar. Os Túks começaram tudo. Compreenda, Sr. Peregrin, seu pai nunca se entendeu com esse Lotho, desde o inicio: disse que, se alguém ia bancar o chefe a essa altura das coisas, essa pessoa deveria ser o Thain do Condado e não um arrivista qualquer. E, quando Lotho mandou seus homens, não conseguiram fazê-lo mudar de ideia. Os Túks são sortudos, têm aquelas tocas profundas nas Colinas Verdes, os Grandes Smials e tudo mais; e os rufiões não conseguem atacá-los, e eles não permitem a entrada dos rufiões nas terras deles. Quando entram, os Túks os caçam. Atiraram em três por saque e roubo. Depois disso os rufiões ficaram mais cruéis. E montaram uma vigilância cerrada na Terra dos Túks. Ninguém entra ou sai de lá.

— Bom para os Túks! — exclamou Pippin. — Mas alguém vai entrar lá de novo, agora. Estou indo para os Smials. Alguém quer ir comigo para Tuqueburgo?

Pippin partiu acompanhado de meia dúzia de rapazes montados em pôneis.

— Até breve! — gritou ele. — São só catorze milhas mais ou menos, indo pelos campos. Vou trazer-lhes um exército de Túks pela manhã. — Merry fez soar a corneta, enquanto eles iam entrando na noite que se adensava. O povo aplaudia.

— Mesmo assim — disse Frodo a todos que estavam próximos — , eu não quero matança nenhuma, nem mesmo dos rufiões, a não ser que seja necessário para impedir que eles machuquem os hobbits.

— Está certo! — disse Merry. — Mas vamos ter uma visita da gangue da Vila dos Hobbits a qualquer momento, eu acho, eles não estão vindo só para conversar. Vamos tentar lidar com eles sem desordem, mas devemos estar preparados para o pior. E eu tenho um plano.

— Muito bem — disse Frodo. — Você prepara tudo.

Naquela mesma hora alguns hobbits, que tinham sido mandados para a Vila, chegaram correndo. — Eles estão chegando! — disseram eles. — Vinte ou mais. Mas dois desviaram para o oeste através do campo.

— Para Encruzada, sem dúvida disse Villa — a fim de engrossar a gangue. Bem, são quinze milhas de ida, e mais quinze de volta. Não precisamos nos preocupar com eles por enquanto.

Merry apressou-se dando ordens. Villa evacuou a rua, mandando todos para dentro de casa, com exceção dos hobbits mais velhos que tinham armas de algum tipo.

Não precisaram esperar muito. Logo já ouviam vozes gritando, e depois a batida de pés pesados no chão. De repente um esquadrão inteiro dos rufiões veio pela estrada.

Viram a barreira e começaram a rir. Não imaginavam existir qualquer coisa naquele lugarzinho que pudesse fazer frente a um grupo de vinte rufiões.

Os hobbits abriram a barreira e se puseram de lado. — Obrigado! — zombaram os homens.

— Agora vão correndo para suas casas e durmam, antes que sejam chicoteados.

— Então avançaram em marcha ao longo da rua, gritando: — Apaguem essas luzes! Entrem e fiquem em casa, ou vamos prender cinquenta de vocês nos Tocadeados por um ano. Entrem! O Patrão est

perdendo a paciência.

Ninguém deu atenção àquelas ordens; mas, quando os rufiões passaram, os hobbits fecharam o caminho atrás deles e os seguiram. Quando os homens se aproximaram da fogueira, depararam com Villa ali sozinho, esquentando as mãos.

— Quem é você, e o que pensa que está fazendo? — disse o líder dos rufiões.

Villa olhou lentamente para ele.

— Eu ia lhe perguntar exatamente isso — disse ele. — Esta não é a sua terra, e ninguém quer vocês aqui.

— Bem, de qualquer forma alguém quer você — disse o líder.

— Nós o queremos. Agarrem-no, rapazes! Tocadeado para ele, e podem aplicar-lhe um lembrete para que fique quieto!

Os homens deram um passo à frente e pararam de súbito. Ergueu-se um rugido de vozes ao redor deles, e de repente os rufiões perceberam que Villa não estava sozinho, muito pelo contrário. Estavam cercados. No escuro, no limiar da luz do fogo, havia um circulo de hobbits que surgiram das sombras. Havia quase duzentos deles, cada um segurando algum tipo de arma.

Merry deu um passo á frente.

— Já nos encontramos antes — disse ele ao líder—, e eu o avisei para não voltar aqui. Estou avisando de novo: vocês estão sob a luz e cercados por arqueiros. Se tocarem um dedo neste fazendeiro, ou em qualquer pessoa, serão imediatamente atingidos. Coloquem no chão qualquer arma que tiverem.

O líder olhou em volta. Estava encurralado. Mas não sentiu medo não agora, com vinte de seus homens na retaguarda. Sabia muito pouco sobre os hobbits para entender o perigo que estava correndo. Numa atitude tola, resolveu lutar. Julgou que seria fácil romper a barreira.

— Para cima deles, rapazes! — gritou ele. — Vamos lá!

Com uma faca comprida na mão esquerda e um bastão na outra, ele avançou para o circulo, tentando correr de volta para a Vila dos Hobbits.

Ensaiou um golpe na direção de Merry, que lhe barrava o caminho Caiu morto com quatro flechas enfiadas no corpo.

Isso bastou para os outros, que se renderam. As armas foram-lhes tomadas e eles amarrados; fizeram-nos marchar para um barracão vazio construído por eles mesmos, e ali tiveram as mãos e pés atados, e ficaram trancados sob vigia. O líder morto foi arrastado dali e enterrado.

— Até que foi fácil demais, afinal de contas, não foi? — disse Villa. — Eu disse que poderíamos dominá-los. Mas precisávamos de uma convocação. Vocês vieram na hora exata, Sr. Merry.

— Ainda há mais o que fazer — disse Merry. — Se o senhor está certo em seus cálculos, ainda não lidamos nem com um décimo deles. Mas agora está escuro. Acho que o próximo golpe pode esperar até amanhã. Depois devemos visitar o Chefe.

— Por que não agora? — disse Sam. — Não passa muito das sete horas. E eu queria ver o meu velho. O senhor sabe o que aconteceu com ele, Sr. Villa?

— Ele não está muito bem, nem muito mal, Sam — disse o fazendeiro. — Eles escavaram toda a rua do Bolsinho, e isso foi um duro golpe para ele. Agora está em uma das casas novas que os Homens do Chefe costumavam construir, no tempo em que faziam alguma coisa além de incendiar e roubar: não mais que uma milha além do fim de Beirágua. Mas ele ás vezes vem me visitar, quando tem uma oportunidade, e eu vejo que está mais bem alimentado que alguns desses pobres coitados. Tudo contra As Regras, é claro. Eu o teria acolhido em casa, mas isso não era permitido.

— Muito obrigado mesmo, Sr. Villa; nunca me esquecerei disso — disse Sam. — Mas quero vê-lo. Aquele Patrão e o tal de Charcote, do que eles falaram, podem fazer alguma maldade lá em cima antes que amanheça.

— Está bem, Sam — disse Villa. — Escolha um ou dois rapazes e vá buscá-lo; traga-o para minha casa. Não será preciso chegar perto do antigo vilarejo dos hobbits do outro lado do Água. Meu Jolly vai lhe mostrar o caminho.

Sam partiu. Merry designou vigias para ocuparem postos de observação ao redor da aldeia, e guardas para tomarem conta das barreiras durante a noite. Então ele e Frodo foram para a casa de Villa. Sentaram-se com a família na cozinha aconchegante, e os Víllas fizeram algumas perguntas educadas sobre a viagem deles, mas mal ouviram as respostas:

estavam muito mais preocupados com os acontecimentos no Condado.

— Tudo começou com Pústula, como o chamamos — disse o Sr Algodão —; e começou assim que vocês partiram, Sr. Frodo. Ele tinha ideia esquisitas, o Pústula. Parece que queria ter tudo para si mesmo, e depois ficar dando ordens para os outros. Logo descobrimos que ele já possuía uma propriedade maior do que precisava, e estava sempre agarrando mais, embora onde ele conseguia o dinheiro continuasse sendo um mistério: moinhos e maltarias, estalagens, fazendas, plantações de fumo. Já tinha comprado o moinho do Ruivão antes de vir para Bolsão, ao que parece.

— É claro que começou com uma propriedade na Quarta Sul que herdou do pai; e parece que andou vendendo uma grande porção do melhor fumo, e despachando tudo em segredo por um ou dois anos. Mas no fim do ano passado ele começou a mandar grandes quantidades de mercadorias, não só fumo. As coisas começaram a faltar, o que se agravou com a chegada do inverno. As pessoas ficavam com raiva, mas ele tinha o que responder. Um monte de homens, a maioria rufiões, chegaram com grandes carroças, alguns para levar as mercadorias para o sul, e outros para ficar. Mais e mais chegavam. E antes que nos déssemos conta foram-se instalando aqui e acolá em todo o Condado, e estavam derrubando árvores e cavando e construindo para si barracões e casas a seu bel-prazer. No inicio, as mercadorias e o prejuízo eram pagos por Pústula; mas logo eles começaram a mandar e desmandar, levando o que queriam.

— Depois houve um pouco de problemas, mas não o suficiente. O Velho Will, o Prefeito, foi até Bolsão para protestar, mas nunca chegou lá. Os rufiões botaram as mãos nele e o levaram, trancando-o numa toca em Grã Cava, onde ele está até agora. E depois disso, logo depois do Ano Novo, não havia mais Prefeito, e o Pústula autodenominou-se Condestável Chefe, ou apenas Chefe, e fez o que quis; e se alguém ficasse "petulante", como diziam eles, ia para junto de Will. Assim as coisas foram de mal a pior. Não havia mais fumo, exceto para os homens, e o Chefe não tolerava cerveja, a não ser para seus homens, e fechou todas as estalagens; e, fora as regras. tudo foi escasseando cada vez mais, a não ser que alguém conseguisse esconder um pouco do que tinha quando os rufiões passavam recolhendo mercadorias "para uma distribuição justa": o que significava que eles ficavam com tudo e

nós com nada, com exceção das sobras que se podiam conseguir nas casas dos Condestáveis, se você conseguisse comê-las. Tudo muito ruim. Mas desde a vinda de Charcote tem sido pura desgraça.

— Quem é esse Charcote"? — perguntou Merry. — Ouvi um dc rufiões falar nele.

— O maior rufião de todos, ao que parece — respondeu Villa. — Fc por volta da última colheita, talvez no fim de setembro, que ouvimos falar dele pela primeira vez. Nunca o vimos, mas ele está lá em Bolsão. E agora é o verdadeiro Chefe, eu acho. Todos os rufiões fazem o que ele manda, e o que ele manda é principalmente cortar, queimar e destruir; agora começaram a matar. O que fazem já não tem mais objetivo nenhum, por pior que seja. Derrubam árvores e as deixam no chão, queimam casas e não constroem outras.

— Veja, por exemplo, o moinho do Ruivão. Pústula o derrubou assim que chegou a Bolsão. Então trouxe um monte de homens imundos para construir um maior, cheio de rodas e geringonças esquisitas. Só aquele idiota do Ted ficou satisfeito com aquilo, e trabalha lá limpando rodas para os homens, onde seu pai era o Moleiro e proprietário. A ideia do Pústula era moer mais e mais depressa, ou pelo menos era isso o que dizia. Ele tem outros moinhos como esse. Mas você precisa conseguir grãos antes de moê-los, e para o novo moinho não havia maior quantidade do que já havia para o antigo. Mas desde que Charcote chegou eles não moem mais trigo nenhum.

Ficam só martelando e soltando uma fumaça e um cheiro ruim, e não há paz na Vila dos Hobbits nem durante a noite. E eles despejam sujeira de propósito; emporcalharam toda a parte baixa do Água, e a sujeira está chegando ao Brandevin. Se pretendem transformar o Condado num deserto, estão no caminho certo. Não acho que o idiota do Pústula esteja por trás de tudo isto. É o Charcote, estou dizendo.

— É isso mesmo! — acrescentou o Jovem Tom. — Olhe, eles até levaram a velha mãe do Pústula, a Lobélia, e ele gostava dela, mesmo que ninguém mais gostasse.

Algumas pessoas da Vila dos Hobbits viram. Ela ia descendo a ladeira com a velha sombrinha. Uns rufiões estavam subindo com uma carroça grande.

— "Aonde vão indo?", diz ela.

— "Para Bolsão", dizem eles.

— "Para quê?", diz ela.

— "Levantar uns barracões para o Charcote", dizem eles.

— "Quem disse que vocês podem?", diz ela.

— "Charcote", dizem eles. "Então saia da estrada, bruxa velha!"

— "Vão ver o Charcote, seus ladrões sujos!", diz ela, e parte com a sombrinha para cima do líder, quase duas vezes maior que ela. Então eles a levaram.

Arrastaram ela para os Tocadeados, naquela idade. Levaram outro de quem sentimos mais falta, mas não se pode negar que ela mostrou mais valentia que muitos.

No meio dessa conversa chegou Sam num atropelo, trazendo o Feitor.

— Boa noite, Sr. Bolseiro! — disse ele. Fico realmente feliz em vê-lo de volta. Mas tenho contas a ajustar com o senhor, por assim dizer, se me permite a ousadia. O senhor nunca deveria ter vendido Bolsão, como eu sempre disse. Foi aí que toda a confusão começou. E enquanto o senhor esteve perambulando por terras estrangeiras, caçando homens negros montanha acima, pelo que diz o meu Sam, embora não explique muito bem para quê, eles foram lá e escavaram a rua do Bolsinho e arruinaram minhas batatas!

— Sinto muito, Sr. Gamgi — disse Frodo. — Mas agora eu voltei, vou fazer o possível para consertar as coisas.

— Bem, o senhor não poderia ter falado mais bonito — disse o Feitor — O Sr. Frodo Bolseiro é um cavalheiro de verdade, como eu sempre disse não importa o que se possa pensar de outros que levam o mesmo nome, se me desculpa. E espero que o meu Sam tenha se comportado a contento.

— Perfeitamente a contento, Sr. Gamgi — disse Frodo. — N verdade, se o senhor me acredita, ele é uma das pessoas mais famosas em todas as terras, e estão fazendo canções sobre seus feitos, desde aqui até o Mar e além do Grande Rio. — Sam corou, mas ficou agradecido a Frodo, po os olhos de Rosinha estavam brilhando, e ela sorria para ele.

— É muito dificil acreditar — disse o Feitor —, embora eu possa perceber que ele andou se misturando a gente estranha. Que aconteceu

com o colete dele? Não posso suportar esse roupão de ferro, seja ele elegante ou não.

A gente da casa do Fazendeiro Villa e todos os seus hóspede acordaram cedo no dia seguinte. Não se ouvira nada durante a noite, mas certamente mais problemas viriam antes do final do dia.

— Até parece que não sobrou nenhum baderneiro lá em Bolsão — disse Villa. — Mas a gangue de Encruzada virá a qualquer hora.

Depois do desjejum chegou um mensageiro da Terra dos Túks. Estava animado.

— O Thain sublevou toda a nossa terra — disse ele — e a noticia est se espalhando feito fogo por todos os lados. Os rufiões que estavam vigiandc nossa terra fugiram para o sul, os que escaparam vivos. O Thain foi atrás deles, sustar o avanço da grande gangue por aquele caminho; mas enviou para cá o Sr. Peregrin, com todos os outros de que pôde dispor.

A próxima notícia não foi tão boa. Merry, que estivera fora toda a noite, chegou cavalgando por volta das dez horas.

— Há um bando enorme a umas quatro milhas daqui — disse ele. — Estão vindo pela estrada de Encruzada, mas muitos rufiões perdidos se juntaram a eles. Deve haver perto de uma centena, e eles estão ateandc fogo em tudo enquanto avançam. Malditos!

— Ah! Aqueles bandidos não param para conversar; matam se puderem — disse o Sr. Villa. — Se os Túks não chegarem antes, é melhor nc escondermos e atirarmos antes de perguntar. Será preciso alguma luta antes que tudo isto esteja terminado, Sr. Frodo.

Mas os Túks chegaram antes. Logo vieram marchando, uma centen de hobbits fortes, de Tuqueburgo e das Colinas Verdes, com Pippin à frente.

Agora Merry tinha um número suficiente de hobbits robustos para dar conta dos rufiões. Batedores reportaram que eles continuavam juntos. Sabiam que o interior se rebelara contra eles, e estava claro que pretendiam sufocar a rebelião de forma cruel na sua origem, em Beirágua. Mas, embora pudessem ter cara de malvados, não parecia haver um líder entre eles que entendesse de guerra. Avançavam sem qualquer precaução. Merry fez seus planos depressa.

Os rufiões chegaram pisando firme ao longo da Estrada Leste, e sen

parar tomaram o caminho de Beirágua, que ia subindo por um trecho entre altos barrancos cobertos de cercas-vivas baixas. Fazendo uma curva a cerca de uns duzentos metros da estrada principal, encontraram uma forte barreira, feita de velhas carroças tombadas. Isso os fez parar. No mesmo momento, perceberam que as cercas-vivas, dos dois lados, logo acima de suas cabeças, estavam cheias de hobbits enfileirados.

Atrás deles outros hobbits agora empurravam mais algumas carroças que tinham sido escondidas num campo, e assim bloquearam o caminho de volta.

Uma voz dirigiu-se a eles de cima.

— Bem, vocês caíram numa armadilha — disse Merry. — O mesmo aconteceu com seus companheiros da Vila dos Hobbits, e um deles está morto e os outros presos. Coloquem as armas no chão! Depois recuem vinte passos e sentem-se. Qualquer um que tentar fugir será alvejado.

Mas desta vez não foi tão fácil dominar os rufiões. Alguns deles obedeceram, mas foram imediatamente hostilizados por seus companheiros.

Cerca de vinte tentaram voltar e atacaram as carroças. Seis foram atingidos, mas outros romperam a barreira, matando dois hobbits, e depois se espalharam pelo campo na direção da Ponta do Bosque. Mais dois caíram enquanto corriam. Merry fez soar um poderoso toque de corneta, e ao longe se ouviram toques em resposta.

— Não vão muito longe — disse Pippin. — Todo aquele campo está agora cheio de caçadores nossos.

Atrás, os homens presos no caminho estreito, que ainda somavam cerca de oitenta, tentaram trepar na barreira e nos barrancos, e os hobbits foram obrigados a atirar em muitos ou golpeá-los com machados. Mas muitos dos mais fortes e desesperados saíram pelo lado oeste, e atacaram seus inimigos ferozmente, pensando agora mais em matar do que em escapar. Muitos hobbits tombaram e o resto estava vacilando quando Merry e Pippin, que estavam no lado leste, vieram na direção dos rufiões e os atacaram. O próprio Merry matou o líder, um brutamontes vesgo que parecia um orc grande. Então recuou suas forças e prendeu os últimos homens num largo círculo de arqueiros.

Por fim tudo terminou. Quase setenta rufiões jaziam mortos no

campo, e uns doze foram presos. Dezenove hobbits morreram, e uns trinta estavam feridos. Os rufiões mortos foram colocados em carroças e puxados para um velho poço de areia nas proximidades, e ali foram enterrados: no Poço da Batalha, como ficou sendo chamado.

Os hobbits caídos foram colocados juntos num túmulo na encosta da colina, onde mais tarde erigiu-se uma grande pedra com um jardim em volta. Assim terminou a Batalha de Beirágua, em 1419, a última batalha travada no Condado, e a única desde a dos Campos Verdes, em 1147, que ocorrera lá em cima, na Quarta Norte. Em consequência disso, embora felizmente tenha custado muito poucas vidas, a batalha tem um capítulo próprio no Livro Vermelho, e os nomes de todos os que participaram dela formaram uma Lista que os historiadores do Condado sabiam de cor. O considerável aumento da fama e da riqueza dos Villas vem dessa época, mas no topo da Lista, em todos os relatos, estão os nomes dos Capitães Meriadoc e Peregrin.

Frodo participara da batalha, mas sem sacar a espada, e sua principal tarefa fora impedir que os hobbits, em sua ira pela perda dos entes queridos, matassem aqueles inimigos que tinham deposto as armas. Depois que a luta terminou, e as tarefas ulteriores foram organizadas, Merry, Pippin e Sam juntaram-se a ele, e foram de volta para a casa dos Villas. Almoçaram tarde e então Frodo disse com um suspiro: — Bem, suponho que agora devemos cuidar do "Chefe".

— É sim, quanto mais cedo melhor — disse Merry. — E não seja bonzinho demais! Ele é o responsável pela vinda desses rufiões, e por todo o mal que eles praticaram. O Fazendeiro Villa escolheu uma escolta de uns vinte hobbits robustos. — Pois nós apenas supomos que não haja mais nenhum rufião em Bolsão — disse ele. — Não temos certeza. — Depois eles partiram a pé. Frodo, Sam, Merry e Pippin foram na frente.

Foi uma das horas mais tristes da vida deles. A grande chaminé se erguia á frente, e, quando se aproximavam da antiga aldeia do outro lado do Água, através de fileiras de novas casas miseráveis ao longo dos dois lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiura carrancuda e suja: um grande prédio de tijolos montado sobre o rio, que era emporcalhado por uma descarga fétida e fumegante. Ao longo da Estrada de Beirágua todas a

árvores tinham sido derrubadas.

Quando atravessaram a ponte e ergueram os olhos na direção da Colina, ficaram boquiabertos. Nem mesmo a visão que Sam tivera no Espelho pudera prepará-lo para aquela cena. A Granja Velha no lado leste tinha sido derrubada, e em seu lugar viam-se fileiras de barracões cobertos de piche.

Todas as castanheiras tinham-se ido. Os barrancos e cercas-vivas estavam destruídos. Grandes carroças estavam paradas em desalinho num campo batido e sem grama.

A rua do Bolsinho se transformara num enorme buraco cheio de cascalho e areia. Lá em cima não se via Bolsão, devido a um amontoado de barracões enormes.

— Eles cortaram! — gritou Sam. — Cortaram a Arvore da Festa! - disse ele apontando para o local onde estivera a árvore sob a qual Bilbo fizera o Discurso de Despedida. Estava morta, caída no campo com os galhos cortados. Como se isso fosse a gota d'água, Sam rompeu em pranto.

Um riso pôs um fim às suas lágrimas. Havia um hobbit grosseiro recostado contra o muro baixo do pátio do moinho. Tinha o rosto encardido e as mãos pretas.

— Não está gostando, Sam? — zombou ele. — Mas você sempre foi um molenga. Pensei que tivesse ido embora em algum daqueles navios sobre os quais costumava tagarelar, navegando, navegando. E por que quis voltar? Agora temos trabalho a fazer no Condado.

— Estou vendo — disse Sam. — Não há tempo para se lavar, mas há tempo para ficar escorando muros. Mas olhe aqui, Mestre Ruivão, tenho contas a acertar nesta aldeia, e não queira aumentá-las com essa zombaria, ou sua bolsa será pequena demais para o acerto.

Ted Ruivão cuspiu por sobre o muro.

— Não me faça rir! — disse ele. — Você não pode pôr as mãos em mim. Sou amigo do Patrão. E ele quem vai pôr as mãos em você, se eu tive de escutar mais alguma de suas asneiras.

— Não gaste mais palavras com esse tolo, Sam! — disse Frodo. — Espero que não haja muitos outros hobbits que ficaram assim. Seria pior do que todo o prejuízo causado pelos homens.

— Você é sujo e insolente, Ruivão — disse Merry. — E também est errado em seus cálculos. Estamos exatamente subindo a Colina para tirar de lá o seu estimado Patrão. Já cuidamos dos homens dele.

Ted perdeu o fôlego, pois naquele momento viu pela primeira vez a escolta que, a um sinal de Merry, marchava agora atravessando a ponte.

Recuando de volta para o moinho, ele correu segurando uma corneta que fazia soar forte.

— Economize o seu fôlego! — disse Merry rindo. — Tenho uma melhor.

— Então, erguendo sua corneta de prata, soprou-a, e um tom claro retumbou por sobre a Colina, e das tocas e barracões e casas miseráveis da Vila responderam os hobbits, que saíram numa enxurrada, e com aplausos e gritos fortes seguiram a comitiva, subindo a estrada de Bolsão.

No topo da ladeira a comitiva parou, e Frodo e seus amigos continuaram avançando; chegaram por fim ao lugar outrora amado. O jardim estava cheio de cabanas e barracões, alguns tão próximos às antigas janelas da face oeste que bloqueavam toda a luz. Havia pilhas de entulho por toda a parte. A porta estava arranhada, a corrente da campainha solta, e a campainha não tocava. Bater na porta não adiantou nada. Por fim eles empurraram a porta, que cedeu. Entraram. O lugar fedia e estava cheio de sujeira e bagunça: parecia abandonado havia algum tempo.

— Onde estará escondido aquele desgraçado do Lotho? — disse Merry.

Eles tinham procurado em cada sala sem encontrar qualquer ser vivo, exceto ratos e camundongos.

— Vamos chamar os outros para uma busca nos barracões?

— Isto é pior que Mordor! — disse Sam. — De certa maneira muit pior. A gente sente na própria pele, como se diz; porque aqui é nossa casa, e ficamos lembrando de como era antes de ser toda destruída.

— Sim, isto aqui é Mordor — disse Frodo. — Apenas um de seu trabalhos. Saruman esteve fazendo o trabalho de Mordor todo o tempo mesmo quando julgava estar trabalhando para si mesmo. E o mesmo vale para aqueles que Saruman enganou, como Lotho.

Merry olhou ao redor, frustrado e enojado.

— Vamos sair daqui! — disse ele. — Se tivesse sabido todo o mal feito por Saruman, eu lhe teria enfiado minha bolsa de fumo goela abaixo.

— Sem dúvida, sem dúvida! Mas você não sabia, e assim posso dar-lhe as boas-vindas em seu retorno para casa. — Ali, parado ao pé da porta, estava Saruman em pessoa, com uma aparência bem-alimentada e satisfeita; seus olhos reluziam com malícia e deleite.

Frodo teve um súbito lampejo.

— Charcote! — gritou ele.

Saruman riu.

— Então vocês ouviram o nome, não é? Todo o meu povo costumava me chamar assim em Isengard, eu acho. Um sinal de afeição, possivelmente. Mas é evidente que não esperavam me ver aqui[7].

— Eu não esperava — disse Frodo. — Mas poderia ter adivinhado. Uma maldadezinha, num estilo mais mesquinho: Gandalf me advertiu de que você era capaz disso.

— Bem capaz — disse Saruman — e posso ir além de uma maldadezinha. Vocês me fizeram rir, seus senhorinhos-hobbits, cavalgando em companhia de todas aquelas grandes pessoas, tão seguros e tão satisfeitos consigo mesmos.

Pensaram que se tinham saído muito bem da coisa toda, e agora podiam apenas cavalgar tranquilamente para casa e passar um tempo calmo no campo. A casa de Saruman podia estar toda em pedaços, e ele podia ser expulso, mas ninguém poderia tocar na de vocês. Ah, não! Gandalf cuidaria de seus interesses.

Saruman riu de novo.

— Não ele! Quando seus instrumentos já desempenharam a tarefa por ele designada, Gandalf os abandona. Mas vocês precisam ficar pendurados nele, vagabundeando e conversando, e cavalgando o dobro da distância que precisavam cavalgar. "Bem", pensei eu, "se são assim tão tolos, vou chegar na frente deles para lhes dar uma lição. O mal com o mal se paga." Teria sido uma lição mais dura, se vocês me tivessem dado um pouco mais de tempo e de homens. Mesmo assim já fiz tanta coisa que vocês terão dificuldade para consertar ou desfazer durante suas vidas. E será agradável pensar nisso, contrabalançando minhas perdas.

— Bem, se é com isso que você fica satisfeito — disse Frodo —, tenho pena de você. Será uma satisfação apenas na memória, receio eu. Saia já daqui e não volte nunca mais!

Os hobbits das aldeias tinham visto Saruman sair de uma das barracas, e imediatamente vieram se amontoar em frente à porta de Bolsão.

Quando ouviram a ordem de Frodo, murmuraram raivosos:

— Não o deixe escapar! Mate-o! Ele é um bandido, um assassino Mate-o!

Saruman olhou em volta, encarando aqueles rostos hostis, e sorriu.

— Matá-lo! — zombou ele. — Matem-no, se julgam que estão em número suficiente, meus bravos hobbits! — Empertigou-se e fitou-os com seus olhos escuros e sombrios. — Mas não pensem que porque perdi todas as minhas posses perdi também todo o meu poder! Qualquer um que me atacar será amaldiçoado. E, se meu sangue manchar o Condado, este lugar fenecerá e nunca mais poderá ser curado.

Os hobbits recuaram. Mas Frodo disse:

— Não acreditem nele. Não lhe resta nenhum poder, exceto a voz que ainda pode intimidá-los e enganá-los, se permitirem.

Mas não permitirei que ele seja morto. É inútil retribuir vingança com mais vingança: não vai sanar nada. Vá, Saruman, pelo caminho mais rápido!

— Língua! Língua! — chamou Saruman, e de uma cabana próxima saiu Língua de Cobra, arrastando-se quase como um cão. — Para a estrada de novo, Língua! — disse Saruman. — Esses gentis camaradas e senhorinhos estão nos expulsando de novo. Venha! Saruman virou-se para partir, e Língua de Cobra arrastou-se atrás dele. Mas, no momento em que Saruman passou perto de Frodo, uma faca brilhou em sua mão, e houve um golpe rápido. A lâmina foi repelida pela malha metálica sob a roupa e se partiu. Uns doze hobbits, liderados por Sam, saltaram à frente com um grito jogando o bandido no chão. Sam sacou a espada.

— Não, Sam! — disse Frodo. — Não o mate, apesar de tudo. Pois ele não me feriu. E, de qualquer forma, não quero que ele seja morto desse jeito traiçoeiro.

Saruman já foi grande, de uma espécie nobre contra a qual não deveríamos ousar levantar nossas mãos. Caiu, e sua cura está além de nosso

alcance; mas ainda assim prefiro poupá-lo, na esperança de que possa encontrá-la.

Saruman ficou de pé, e olhou para Frodo. Havia uma expressão estranha em seus olhos, um misto de surpresa, respeito e ódio.

— Você cresceu, Pequeno — disse ele. Sim, você cresceu muito. E sábio e cruel. Roubou a doçura de minha vingança, e agora parto amargurado, em divida para com a sua clemência. Odeio você e sua demência! Bem, vou embora e não o incomodarei mais. Mas não espere de mim que lhe deseje saúde e vida longa. Não terá nenhuma das duas coisas. Mas isso não será por obra minha. Estou apenas prevendo.

Afastou-se e os hobbits abriram alas para ele passar; mas os nós de seus dedos iam ficando brancos enquanto as mãos agarravam as armas.

Língua de Cobra hesitou, e depois seguiu seu mestre.

— Língua de Cobra! — chamou Frodo. — Você não precisa segui-lo. Não conheço mal algum que me tenha feito. Pode ter descanso e comida aqui por um tempo, até estar mais forte para seguir seus próprios caminhos.

Língua de Cobra parou e olhou para trás, meio propenso a ficar.

Saruman virou-se:

— Mal algum? — grasnou ele. — Ah, não! Mesmo quando ele escapa furtivamente durante a noite, é só para apreciar as estrelas. Mas ouvi alguém perguntar onde o pobre Lotho está escondido? Você sabe, não é mesmo, Língua? Vai contar a eles? Língua de Cobra se encolheu e choramingou:

— Não, não!

— Então conto eu — disse Saruman. — Língua matou o seu Chefe, pobre criatura, o seu bom Patrãozinho. Não é verdade, Língua? Apunhalou-o enquanto dormia, acho. Enterrou-o, espero; embora Língua tenha estado com muita fome ultimamente. Não, Língua não é bonzinho de verdade. É melhor que o deixem para mim.

Uma faisca de ódio alucinado brilhou nos olhos vermelhos de Língua de Cobra.

— Você me mandou fazer isso, você me obrigou — chiou ele.

Saruman riu.

— Você sempre faz o que Charcote manda, não é, Língua? Bem

agora ele diz: em frente! — Chutou Língua de Cobra no rosto no momento em que este rastejava, virou-se e partiu. Mas nesse instante algo se partiu: de súbito Língua de Cobra se levantou, sacando uma faca escondida e então, rosnando como um cachorro, saltou sobre as costas de Saruman, puxou-lhe a cabeça para trás, cortou-lhe a garganta e com um grito correu descendo a ladeira. Antes que Frodo pudesse se recuperar ou dizer alguma coisa, três arcos hobbits zuniram e Língua de Cobra caiu morto.

Frodo olhou para o corpo com pena e terror, pois enquanto olhava pareceu que de repente longos anos de morte se revelavam nele, e o corpo encolheu, e o rosto enrugado transformou-se em trapos de pele sobre um crânio hediondo.

Erguendo a barra da capa suja que estava caída ao lado dele, Frodo o cobriu, e deu-lhe as costas.

— E este é o fim dessa criatura — disse Sam. — Um fim terrível, que eu gostaria de não precisar ter assistido; mas foi melhor termo-nos livrado dele.

— E esse é o fim do fim da Guerra, eu espero — disse Merry.

— Espero que sim — disse Frodo suspirando. — O último golpe. E pensar que esse golpe deveria ser desferido aqui, bem na porta de Bolsão! Entre todas as minhas esperanças e medos, nunca imaginei isso.

— Não vou chamar isso de fim, antes de termos limpado toda a sujeira — disse Sam melancólico. — E isso exigirá um bocado de tempo e trabalho. Para o assombro dos circunstantes, ao redor do corpo de Saruman formou-se uma névoa cinzenta que, subindo lentamente a uma grande altura qual a fumaça de uma fogueira, pairou sobre a Colina como um vulto pálido e amortalhado.

Por um momento vacilou, olhando para o Oeste; mas do oeste veio um vento frio, e o vulto se curvou, e com um suspiro dissolveu-se em nada.

CAPÍTULO IX: OS PORTOS CINZENTOS

Certamente a limpeza exigiu um bocado de trabalho, mas levou menos tempo do que Sam receara. No dia após a Batalha, Frodo cavalgou até Grã Cava e libertou os prisioneiros dos Tocadeados. Um dos primeiros que encontraram foi o pobre Fredegar Bolger, que de gorducho não tinha mais nada. Fora levado para lá quando os rufiões expulsaram um grupo de rebeldes, que ele liderava, de seus esconderijos lá em cima nas Tocas dos Texugos, perto das colinas de Scary.

— Afinal de contas, teria sido melhor para você se nos tivesse acompanhado, pobre Fredegar! — disse Pippin, no momento em que o carregaram para fora, pois Fatty estava fraco demais para caminhar.

Ele abriu um olho e cavalheirescamente tentou sorrir.

— Quem é esse jovem gigante com esse vozeirão? — sussurrou ele. — Não pode ser o pequeno Pippin! Que tamanho de chapéu você usa agora?

Depois encontraram Lobélia. Pobrezinha, estava muito envelhecida e magra quando a resgataram de uma cela estreita e escura. Ela insistiu em sair mancando sem a ajuda de ninguém; teve uma recepção tão calorosa, e as pessoas tanto aplaudiram e gritaram quando ela apareceu, apoiada no braço de Frodo, porém sem deixar cair a sombrinha, que ela ficou muito emocionada, e foi embora aos prantos. Nunca antes fora uma pessoa querida. Mas ficou arrasada com a notícia do assassinato de Lotho, e recusou-se a voltar para Bolsão. Devolveu a propriedade a Frodo, e foi viver com os seus parentes, os Justa-correias de Tocadura. Na primavera seguinte, quando a pobre criatura morreu — afinal de contas, já contava com mais de cem anos — Frodo ficou surpreso e muito comovido: ela deixara todo o restante do dinheiro dela e de Lotho para que ele o usasse ajudando os hobbits que ficaram desabrigados devido às adversidades.

Assim terminou a rixa.

O velho Will Pealvo ficou mais tempo nos Tocadeados que qualquer tira, e, embora talvez tenha sido menos maltratado do que alguns, precisou de uma superalimentação antes que parecesse prefeito de novo. Por esse motivo Frodo concordou em ficar como seu Substituto, até que o Sr. Pealvo estivesse em forma outra vez. A única coisa que Frodo fez como Prefeito

Substituto foi reduzir os Condestáveis á sua função e número adequado. A tarefa de caçar os últimos remanescentes dos rufiões ficou a cargo de Merry e Pippin, que logo a concluíram. As gangues do sul, depois de ouvirem a noticia da Batalha de Beirágua, fugiram dali e ofereceram pouca resistência ao Thain. Antes do fim do ano os poucos sobreviventes foram confinados na floresta, e os que se renderam foram levados para além da fronteira.

Enquanto isso, o trabalho de reconstrução prosseguia a passos largos, e Sam ficou muito ocupado. Os hobbits sabem trabalhar como abelhas quando precisam e têm vontade. Agora havia milhares de mãos dispostas de todas as idades, desde as pequenas e ágeis dos meninos e meninas hobbits, até as calejadas dos velhos e velhas. Às vésperas do Jule já não restava de pé um só tijolo das novas casas dos Condestáveis, ou de qualquer prédio que os "Homens de Charcote" tivessem construído; mas os tijolos foram usados para consertar muitas tocas velhas, para deixá-las mais secas e aconchegantes. Encontraram-se grandes estoques de mercadorias, comida e cerveja, que haviam sido escondidos pelos rufiões em barracões, celeiros e tocas abandonadas, e especialmente nos túneis em Grã Cava, e nas velhas minas em Scary; assim, aquele Jule foi bem mais alegre do que qualquer um pudera esperar.

Uma das primeiras tarefas na Vila dos Hobbits, antes mesmo da remoção do novo moinho, foi a limpeza da Colina e de Bolsão, além da restauração da rua do Bolsinho. A frente do novo poço de areia foi toda nivelada e transformada num grande jardim cercado, e novas escavações foram abertas na face sul, avançando para dentro da Colina; foram revestidas com tijolos. O Feitor voltou à Toca Número Três, e dizia frequentemente, sem se importar com quem estivesse ouvindo:

— Vento ruim é aquele que não sopra a favor de ninguém, como eu sempre digo. E Bem está o que acaba Melhor!

Houve alguma discussão a respeito do nome que se devia dar à nova rua. Pensou-se em Jardins da Batalha e em Smials Melhores. Mas depois de um tempo, ao modo sensato dos hobbits, escolheu-se simplesmente rua Nova. Chamá-la de Passagem do Charcote foi apenas uma piada das pessoas de Beirágua.

As árvores representaram a pior perda e o maior prejuízo, pois por

uma ordem de Charcote foram derrubadas a torto e a direito por todos os cantos do Condado; Sam lamentava isso mais que qualquer outra coisa. Em primeiro lugar, essa ferida demoraria a cicatrizar, e apenas seus bisnetos, pensava ele, veriam o Condado como deveria ser de repente, num belo dia, pois ele estivera por demais ocupado durante semanas para poder pensar em suas aventuras, Sam se lembrou do presente de Galadriel.

Trouxe a caixa e a mostrou para os outros Viajantes (pois assim eles eram chamados agora por todo o mundo), e pediu o seu conselho.

— Fiquei pensando quando você se lembraria dela — disse Frodo. Abra a caixa!

Estava cheia de uma terra cinzenta, fina e macia, e no meio havia uma semente, como uma pequena castanha com casca prateada. — O que eu faço com isto? — perguntou Sam.

— Jogue para o alto num dia de brisa e deixe que ela faça seu próprio trabalho — disse Pippin.

— Que trabalho? — disse Sam.

— Escolha um lugar como viveiro, e veja o que acontece com as plantas lá dentro — disse Merry.

— Mas tenho certeza de que a Senhora não gostaria que eu guardasse a semente só para o meu jardim, depois que tanta gente sofreu — disse Sam.

— Use toda a habilidade e todo o conhecimento que tem, Sam — disse Frodo —, e use o presente para facilitar seu trabalho e melhorá-lo. E use-o com parcimônia. Não há muito aqui, e eu acho que cada grão tem o seu valor.

Assim Sam plantou mudas em todos os lugares onde árvores especialmente belas ou amadas haviam sido destruídas, e colocou um grão da preciosa terra no chão, junto à raiz de cada uma delas. Percorreu todo o Condado em seu trabalho, mas deu atenção especial á Vila dos Hobbits e à Beirágua e ninguém o culpou por isso. No fim, descobriu que ainda lhe sobrara um pouco da terra; então foi até a Pedra das Três Quartas, que ficava praticamente no centro do Condado, e a jogou no ar com suas bênçãos. A pequena castanha prateada ele plantou no Campo da Festa, no local da antiga árvore, e ficou imaginando o que nasceria dela. Durante todo o inverno, foi o mais paciente possível, e tentava conter o impulso constante

de dar uma volta para ver se alguma coisa estava acontecendo.

A primavera superou suas mais absurdas esperanças. As árvores começaram a brotar e a crescer, como se o tempo estivesse com pressa e quisesse que um ano valesse por vinte. No Campo da Festa uma bela e jovem mudinha apareceu: tinha o tronco prateado e folhas compridas, e em abril explodiu em ouro. Era de fato um mallorn, e a maravilha da vizinhança. Nos anos seguintes, á medida que foi crescendo em graça e beleza, ficou conhecido em toda parte, e vinha gente de lugares distantes para vê-lo: o único mallorn a oeste das Montanhas e a leste do Mar, e um dos mais bonitos do mundo.

Tudo somado, o ano de 1420 no Condado foi maravilhoso. Não apenas por um sol deslumbrante e uma chuva deliciosa, em períodos adequados e na medida perfeita; parecia haver algo mais: um ar de pujança e crescimento, e um brilho de beleza superior àquele dos verões mortais que reluzem e passam sobre esta Terra-média. Todas as crianças nascidas ou concebidas naquele ano, e houve muitas, eram lindas e fortes, e a maioria delas tinha belos cabelos dourados que antes eram raros entre os hobbits. Havia uma tal abundância de frutas que os pequenos hobbits quase se banhavam em morangos com creme; e mais tarde eles se sentavam nos prados sob as ameixeiras e comiam até fazerem pilhas de caroços que pareciam pequenas pirâmides, ou os crânios amontoados por um conquistador; depois as crianças partiam para outras aventuras. E ninguém ficava doente, e todo mundo estava feliz, exceto os que tinham de aparar a grama.

Na Quarta Sul as vinhas ficaram carregadas, e a produção de "fumo foi assombrosa; e por todo canto havia tanto trigo que na Colheita todos os celeiros ficaram abarrotados. A cevada da Quarta Norte foi tão boa que a cerveja produzida com o malte de 1420 foi lembrada por muito tempo, e ficou proverbial. De fato, uma geração mais tarde, nalguma estalagem ainda se podia observar algum velho que, depois de uma boa e merecida cerveja, colocava a caneca na mesa e dizia com um suspiro: "Ah! Essa foi como uma 1420!"

No inicio, Sam ficou na casa dos Villas com Frodo, mas, quando a rua Nova ficou pronta, foi morar com o Feitor. Além de todos os seus outro

trabalhos, ele estava ocupado na supervisão da limpeza e reforma de Bolsão; mas ele sempre viajava pelo Condado para acompanhar o trabalho nas florestas. Por isso, ele não estava em casa em março, e não ficou sabendo que Frodo adoeceu. No dia treze daquele mês o Fazendeiro Villa encontrou Frodo de cama; agarrava uma pedra branca pendurada em uma corrente em seu pescoço, e parecia estar numa espécie de sonho.

— Foi-se para sempre — dizia ele —, e agora tudo está escuro e vazio.

Mas o acesso passou e, quando Sam voltou no dia vinte e cinco, Frodo estava recuperado, e não disse nada sobre o que lhe acontecera.

Enquanto isso Bolsão ficou em ordem, e Merry e Pippin vieram do Cricôncavo trazendo toda a mobilia e os equipamentos antigos, de forma que a velha toca logo ficou com a aparência que sempre tivera.

Quando tudo estava pronto, Frodo disse:

— Quando é que você vai se mudar para cá e morar comigo, Sam?

Sam parecia um pouco desconcertado.

— Não precisa vir já, se não quiser — disse Frodo. — Mas você sabe que o Feitor mora aqui perto, e será muito bem cuidado pela Viúva Rumble.

— Não é isso, Sr. Frodo — disse Sam, corando muito.

— Bem, o que é então?

— É Rosinha, Rosa Villa — disse Sam. — Parece que em nada lhe agradava a minha viagem para o exterior, pobre menina; mas, como eu não havia dito nada sobre isso, ela não pôde se manifestar. E eu não comentei porque primeiro precisava fazer o trabalho. Mas agora comentei, e ela diz: "Bem, você desperdiçou um ano, então por que esperar mais?" "Desperdicei?", digo eu. "Não chamaria isso de desperdiçar." Mas, mesmo assim, entendo o que ela quer dizer; sinto-me dividido ao meio, como se diz.

— Entendo — disse Frodo —, você quer se casar, e ao mesmo tempo quer viver comigo em Bolsão? Mas, meu querido Sam, isso é fácil! Case-se mais depressa possível, e então mude para cá com Rosinha. Há lugar suficiente em Bolsão para a maior família que você possa desejar.

E assim ficou acertado. Sam Gamgi casou-se com Rosa Villa na primavera de 1420 (que ficou famosa por seus casamentos), e os dois vieram morar em Bolsão.

E, se Sam se julgava uma pessoa de sorte, Frodo sabia que tinha mais

sorte ainda, pois não havia um hobbit no Condado que fosse tratado com tanto cuidado. Quando os trabalhos de reforma estavam todos planejados e em andamento, ele se retirou para uma vida tranquila, escrevendo muito e examinando todas as suas anotações. Demitiu-se do cargo de prefeito Substituto durante a Feira Livre do Solstício de Verão, e o bom e velho Wi Pealvo continuou presidindo Banquetes por mais sete anos.

Merry e Pippin viveram juntos por algum tempo em Cricôncavo, e havia muito vaivém entre a Terra dos Buques e Bolsão. Os dois joven Viajantes faziam grande figura no Condado com suas canções e histórias e seus atavios refinados e suas festas maravilhosas. As pessoas diziam que eram "nobres", dando à palavra um significado totalmente positivo, pois alegrava a todos os corações vê-los passar cavalgando, com suas malhas metálicas brilhantes e seus escudos esplêndidos, rindo e cantando canções de lugares distantes; e, se agora eram grandes e magníficos, nos outros pontos não haviam mudado nada, exceto pelo fato de que falavam mais bonito e estavam mais joviais e alegres do que nunca.

Frodo e Sam, entretanto, voltaram às suas roupas habituais, mas quando era necessário ambos usavam longas capas cinzentas de tecido fino, presas ao pescoço com belos broches; e o Sr. Frodo sempre usava uma joia branca numa corrente, que frequentemente tocava com os dedos.

Agora todas as coisas corriam bem, com esperança de sempre melhorarem; Sam estava tão ocupado e satisfeito como um hobbit poderia desejar. Para ele, nada estragou aquele ano, a não ser uma vaga preocupação com seu mestre. Frodo foi se retirando em silêncio de todas as atividades do Condado, e Sam sofria ao ver como ele era pouco homenageado em sua própria terra. Poucas pessoas sabiam ou se interessavam em saber sobre seus feitos e aventuras— a admiração delas recaia quase exclusivamente sobre o Sr. Meriadoc e o Sr. Peregrin e (sem que Sam o soubesse) sobre ele mesmo. Além disso, no outono, apareceu uma sombra de problemas antigos.

Numa noite Sam saiu do estúdio e encontrou seu mestre com uma aparência bastante estranha. Estava muito pálido, e seus olhos pareciam ver coisas distantes.

— Qual é o problema, Sr. Frodo? — perguntou Sam.

— Estou ferido — respondeu ele — estou ferido; isso nunca vai sarar.

Mas então ele se levantou e o mal-estar passou, e no outro dia ele estava normal de novo. Foi só depois que Sam se lembrou da data de seis de outubro. Dois anos antes, naquele dia, estava escuro no vale sob o Topo do Vento.

O tempo passou, e veio 1421. Frodo adoeceu outra vez em março mas com um grande esforço escondeu a doença, pois Sam tinha outras coisas em que pensar. O primeiro filho de Sam e Rosinha nasceu no dia vinte e cinco de março, uma data que chamou a atenção de Sara.

— Bem, Sr. Frodo — disse ele. — Estou num dilema. Rosa e e tínhamos resolvido dar à criança o nome de Frodo, com a sua permissão; mas não nasceu um menino, nasceu uma menina. Mas é a menina mais bonita que alguém poderia esperar, mais parecida com Rosa do que comigo, ainda bem. Então não sabemos o que fazer.

— Bem, Sam — disse Frodo. — O que há de errado com os velho costumes? Escolha um nome de flor como Rosa. Metade das meninas do Condado têm esse tipo de nome, e o que poderia ser melhor?

— Acho que o senhor tem razão, Sr. Frodo — disse Sam. — Ouv alguns nomes bonitos em minhas viagens, mas acho que eles são meio grandes demais para o dia-a-dia, como se diz. O Feitor me disse: "Escolha um nome pequeno, para não precisar diminuí-lo antes de usá-lo." Mas, se é para ser um nome de flor, não me incomodo com o tamanho: deve ser uma flor bonita porque, o senhor entende, eu acho que ela é muito bonita, e vai ficar ainda mais bonita.

Frodo pensou um instante.

— Bem, Sam, que tal elanor, a estrela-do-sol, você se lembra da florzinha no gramado de Lothlórien?

— O senhor está certo de novo, Sr. Frodo! — disse Sam deliciado.

— Era isso o que eu queria.

A pequena Elanor estava com quase seis meses, e 1421 já atingira o outono, quando Frodo pediu que Sam fosse ao seu estúdio.

— Na quinta-feira será o Aniversário de Bilbo, Sam — disse ele. — I ele vai ultrapassar o Velho Túk. Vai completar cento e trinta e um anos!

— É isso mesmo! — disse Sam. — Ele é um prodígio!

— Bem, Sam — disse Frodo. — Quero que você fale com a Rosa e vej se ela pode dispensá-lo, para que eu e você possamos sair juntos. Você nãc pode se ausentar por muito tempo agora, é claro — disse ele um pouco ansioso.

— Bem, acho que não, Sr. Frodo.

— Claro que não. Mas não se preocupe. Você pode me acompanha no começo da viagem. Diga a Rosa que você não vai ficar fora muito tempo não mais que quinze dias, e que voltará são e salvo.

— Gostaria de poder acompanhá-lo até Valfenda, Sr. Frodo, e ver (Sr. Bilbo — disse Sam. — E apesar disso o único lugar onde realmente quer estar é aqui. Estou dividido em dois.

— Pobre Sam! Receio que é assim que vai se sentir — disse Frodo. - Mas vai se curar. Você nasceu para ser sólido e inteiro, e será.

Nos dois dias seguintes Frodo examinou seus papéis e seus escrito: com Sam, e entregou-lhe as chaves. Havia um grande livro com capa de couro vermelha e lisa; suas páginas grandes estavam agora quase totalmente preenchidas. No inicio, havia várias folhas cobertas com a caligrafia fina e trêmula de Bilbo; mas a maioria estava escrita com a letra firme e corrida de Frodo. Estava dividido em capítulos, mas o Capítulo Oitenta estav inacabado, e depois dele havia algumas folhas em branco. A página de rostc trazia vários títulos, riscados um após o outro, assim:

Meu Diário. Minha Viagem Inesperada. Lá e de Volta Outra Vez. E o Que Aconteceu Depois.

Aventuras de Cinco Hobbits. A História do Grande Anel, compilada por Bilbo Bolseiro a partir de suas próprias observações e dos relato: de

seus amigos. O que fizemos na Guerra do Anel.

Aqui terminava a letra de Bilbo e Frodo havia escrito:

A QUEDA
DO
SENHOR DOS ANÉIS

E O
RETORNO DO REI

(segundo as Pessoas Pequenas; contendo as memórias de Bilbo e Frodo do Condado, suplementadas pelos relatos de seus amigos e pelos ensinamentos dos Sábios)

Juntamente com excertos de Livros da Tradição traduzidos por Bilbo em Valfenda.

— Ora, ora, o senhor praticamente terminou o livro, Sr. Frodo! – exclamou Sam. — Bem, o senhor trabalhou com afinco, devo dizer.

— Eu quase terminei, Sam — disse Frodo. — As últimas páginas são para você.

No dia vinte e um de setembro eles partiram juntos, Frodo no pônei que o trouxera desde Minas Tirith, e que agora se chamava Passolargo, e Sam em seu adorado Bill. Era uma manhã bela e dourada, e Sam não perguntou para onde iam: achava que podia adivinhar.

Pegaram a Estrada de Tronco através das colinas e foram na direção da Ponta do Bosque, e deixaram que os pôneis avançassem tranquilos. Acamparam nas Colinas Verdes, e no dia vinte e dois de setembro desceram suavemente até o inicio das árvores, enquanto a tarde terminava.

— Ora, ora, aquela não é exatamente a árvore atrás da qual o senhor se escondeu quando o Cavaleiro Negro apareceu pela primeira vez, Sr. Frodo? — disse Sam apontando para a esquerda. — Agora parece um sonho!

Já anoitecera e as estrelas estavam faiscando no céu do leste quando eles passaram pelo carvalho apodrecido, viraram-se e desceram a colina entre os arbustos de aveleiras. Sam estava quieto, perdido em recordações. De repente percebeu que Frodo estava cantando baixinho consigo mesmo cantando a velha canção de caminhar, mas a letra não era a mesma.

Talvez me espere noutra esquina
Porta secreta ou nova sina;
Embora sempre vão passando
Virá enfim o dia quando

Sendas secretas seguirei
Sem sol, sem lua eu partirei.

E como que em resposta, lá debaixo, subindo a estrada que vinha do vale, vozes cantaram:

A! Elbereth Gilthoniel! silivren penna minel
o menel aglar elenath, Gilthoniel, A! Elbereth!
Lembramos sim nós que moramos,
Aqui distantes, na floresta, Que brilho ao
Mar a Estrela empresta.

Frodo e Sam pararam e sentaram-se em silêncio na sombra fresca, até que viram uma luz fraca no momento em que os viajantes vieram na direção deles, estava Gildor e muitos outros belos elfos; para a surpresa de Sam, também vinham a cavalo Elrond e Galadriel. Elrond estava com um manto cinza e tinha uma estrela sobre a testa; trazia na mão uma harpa de prata e no dedo um anel de ouro com uma grande pedra azul, Vilya, o mais poderoso dos Três. Mas Galadriel montava um palafrêm branco e vinha toda vestida de um branco reluzente, como as nuvens em torno da lua; pois parecia que ela mesma emanava uma luz suave. Em seu dedo estava Nenya, o anel feito de mithril, que exibia uma única pedra branca faiscante como uma gélida estrela.

Avançando lentamente logo atrás, num pequeno pônei cinzento, cabeceando de sono ao que parecia, vinha Bilbo em pessoa.

Elrond os saudou com graça e gravidade, e Galadriel sorriu para eles.

— Bem, Mestre Samwise — disse ela. — Ouvi dizer e vejo agora que você usou bem o meu presente. Agora mais que nunca o Condado será abençoado e amado. — Sam se curvou, sem saber o que dizer. Esquecera-se de como a Senhora era bela.

Então Bilbo acordou e abriu os olhos.

— Olá, Frodo! disse ele. — Bem, hoje ultrapassei o Velho Túk. Então fica tudo certo. E agora acho que estou pronto para fazer uma outra viagem. Você vem?

— Sim, eu vou — disse Frodo. — Os Portadores dos Anéis devem juntos.

— Aonde o senhor vai, Mestre? — exclamou Sam, embora finalmente percebesse o que estava se passando.

— Para os Portos, Sam — disse Frodo.

— E eu não posso ir.

— Não, Sam. Pelo menos não por enquanto, não além dos Porto Embora você também tenha sido um Portador do Anel, mesmo que po pouco tempo. O seu tempo pode chegar. Não fique muito triste, Sam. Voc não pode sempre ficar dividido em dois. Terá de ser um e inteiro, por muitos anos. Ainda tem muito para desfrutar, para ser e para fazer.

— Mas — disse Sam, com as lágrimas brotando em seus olhos ache que o senhor também ia desfrutar o Condado, por muitos e muitos anos, depois de tudo o que fez.

— Eu também já pensei desse modo. Mas meu ferimento foi muit profundo, Sam. Tentei salvar o Condado, e ele foi salvo, mas não para mim Muitas vezes precisa ser assim, Sam, quando as coisas correm perigo: alguém tem de desistir delas, perdê-las, para que outros possam tê-las. Mas você é meu herdeiro: tudo o que tive e poderia ter tido lhe deixo. E também você tem Rosa e Elanor; e o menino Frodo virá, e a menina Rosinha; e Merr Cachinhos Dourados e Pippin, e talvez ainda outros mais que eu nã consigo ver. Suas mãos e suas atenções serão necessárias em todo lugar. Você será o Prefeito, é claro, enquanto quiser ser, e o jardineiro mais famoso da história; e você lerá coisas no Livro Vermelho, e manterá viva a memória da era que se passou; assim as pessoas se lembrarão do Grande Perigo e amarã mais ainda sua terra querida. E isso o manterá tão ocupado e feliz quant alguém pode estar, enquanto prosseguir a sua parte da História.

— Venha agora, cavalgue comigo!

Então Elrond e Galadriel foram-se cavalgando, pois a Terceira Er estava terminada, e os Dias dos Anéis eram passados, chegando o fim d história e das canções daquele tempo. Com eles foram muitos elfos da Alt Linhagem que não queriam mais permanecer na Terra-média; entre eles, cheios de uma tristeza que apesar disso era abençoada e sem amargura, foram Sam, Frodo e Bilbo, com os elfos felizes em prestar-lhes homenagem.

Embora tenham cavalgado através do território do Condado durante toda a noite, ninguém os viu passar, a não ser as criaturas selvagens, ou algum andarilho aqui ou acolá, que viu um brilho rápido sob as árvores, ou uma luz e uma sombra correndo pela grama á medida que a lua rumava para o oeste. E quando tinham deixado o Condado, contornando a borda su das Colinas Brancas, chegaram às Colinas Distantes, e às Torres, contemplaram o Mar ao longe; e assim finalmente desceram até Mithlond para os Portos Cinzentos, no longo estuário de Lún.

Quando chegaram aos portões, Cirdan, o Armador, aproximou-se para cumprimentá-los. Era muito alto e tinha uma barba muito comprida, os cabelos grisalhos e um rosto velho, a não ser pelos olhos que eram brilhantes como as estrelas; olhou para eles e fez uma reverência, dizendo depois:

— Já está tudo pronto.

Então Cirdan os conduziu até os portos, e lá havia um navio branco ancorado; no cais, ao lado de um grande cavalo cinzento, via-se um vulto vestido todo de branco á espera deles. No momento em que o vulto se virou e veio ao encontro da comitiva, Frodo viu que Gandalf agora usava abertamente em sua mão o Terceiro Anel, Narya, o Grande, que ostentava uma pedra rubra como o fogo. Então aqueles que estavam de partida se alegraram, pois souberam que Gandalf também embarcaria no navio junto com eles.

Mas Sam agora tinha o coração triste, e a impressão de que, se a despedida seria amarga, mais amargo ainda seria o retorno solitário pela longa estrada de volta para casa. Mas no momento em que estavam lá, os elfos já embarcando, e tudo preparado para a partida, surgiram cavalgando numa grande velocidade Merry e Pippin.

E em meio às lágrimas Pippin riu.

— Você já tentou escapar de nós uma vez e fracassou, Frodo – disse ele.

— Desta vez você quase conseguiu, mas fracassou de novo. Mas agora não foi Sam quem deu com a língua nos dentes, mas o próprio Gandalf

— É sim — disse Gandalf —; pois será melhor cavalgar para casa com dois amigos do que sozinho. Bem, aqui finalmente, caros amigos, nas praias do Mar, chega o fim de nossa sociedade na Terra-média. Vão em paz! Não

pedirei que não chorem, pois nem todas as lágrimas são um mal.

Então Frodo beijou Merry e Pippin, e por último Sam; depo embarcou; as velas foram içadas, o vento soprou e lentamente o navio se afastou ao longo do estuário comprido e cinzento; e a luz do frasco de Galadriel que Frodo carregava faiscou e se perdeu. E o navio avançou para o Alto Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de chuva Frodo sentiu uma doce fragrância no ar e ouviu o som de um cantc chegando pela água. E então teve a mesma impressão que tivera no sonhc na casa de Bombadil; a cortina cinzenta de chuva se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa.

Mas para Sam, que permanecera no Porto, a noite se aprofundou n. escuridão; e enquanto contemplava o mar cinzento ele via apenas uma sombra sobre as águas, que logo se perdeu no oeste. Sam continuou ali ainda um bom tempo, ouvindo apenas o suspiro e o murmúrio das ondas nas praias da Terra-média, e o som delas penetrava fundo em seu coração. Ac lado dele estavam Merry e Pippin, em silêncio.

Por fim os três companheiros se voltaram, e sem olhar para trás mais nem uma vez sequer foram lentamente em direção de casa; não trocaram palavra até chegarem de volta ao Condado, mas cada um sentia um grande consolo na companhia dos amigos, naquela longa estrada cinzenta.

Finalmente atravessaram as colinas e pegaram a Estrada Leste, depois Merry e Pippin se dirigiram para a Terra dos Buques, e já estavam de novo cantando quando se despediram. Mas Sam tomou o caminho de Beirágua, e assim subiu outra vez a Colina, quando o dia terminava mais uma vez. E ele prosseguiu, e havia uma luz amarela, e fogo lá dentro; a refeição da noite estava pronta, como ele esperava. Rosa o recebeu, levou-c até a sua cadeira, colocando a pequena Elanor no colo do pai.

Sam respirou fundo.

— É, aqui estou de volta — disse ele.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ANAIS DOS REIS E GOVERNANTES

Quanto às fontes da maior parte do conteúdo dos próximos Apêndices, especialmente do A até o D, ver nota no final do Prólogo. A Seção A III, *O Povo de Dúrin*, origina-se provavelmente de Gimli, o anão, que manteve sua amizade com Peregrin e Meriadoc, e visitou-os muitas vezes em Gondor e em Rohan.

As lendas, histórias e estudos que se encontram nas fontes são muito extensos. Destes, apenas seleções, muitas vezes bastante resumidas, são apresentadas aqui. Seu principal propósito é esclarecer a Guerra do Anel e suas origens, e preencher várias lacunas da história principal. As antigas lendas da Primeira Era, nas quais residia o principal interesse de Bilbo, são tratadas muito brevemente, uma vez que dizem respeito aos antepassados de Elrond e aos reis e lideres númenorianos. Excertos genuínos de anais e histórias mais longas estão colocados entre aspas. Inserções posteriores aparecem entre colchetes. As notas entre aspas podem ser encontradas nas fontes. Outras são do editor .

As datas fornecidas são as da Terceira Era, a não ser que venham acompanhadas das siglas S.E. (Segunda Era) ou Q.E. (Quarta Era). Considera-se que a Terceira Era terminou quando os Três Anéis desapareceram em setembro de 3021 mas, para efeito dos registros de Gondor, o Ano 1 Q.E. começou no dia 25 de março de 3021. Nas listas, as datas após os nomes dos reis e governantes são as de suas mortes, se apenas uma data é fornecida. O sinal † indica uma morte prematura, em batalha ou não, embora nem sempre sejam incluídos anais sobre o evento.

I
OS REIS NÚMENORIANOS

(i)
Númenor

Fëanor foi o maior dos eldar no campo das artes e dos estudos, mas também O mais orgulhoso e obstinado. Foi ele quem trabalhou as Três Joias as *Silmarilli*, e as encheu com o fulgor das Duas Árvores, Telperion e Laurelin[8], que davam luz à terra dos valar.

As Joias eram cobiçadas por Morgoth, o Inimigo, que as roubou e depois de destruir as Árvores, levou-as para a Terra-média e as escondeu em sua grande fortaleza de Thangorodrim. Contra a vontade dos valar Fëanor abandonou o Reino Abençoado e exilou-se na Terra-média conduzindo uma grande parte de seu povo, pois em seu orgulho pretendia recuperar as Joias, tomando-as de Morgoth à força. Seguiu-se então a guerra sem esperança dos eldar e dos edain contra Thangorodrim, na qual eles foram por fim completamente derrotados. Os edain (*Atani*) eram três povos cujos membros eram homens que, chegando primeiro ao oeste da Terra-média e às praias do Grande Mar, tornaram-se aliados dos eldar contra o Inimigo.

Houve três uniões entre os eldar e os edain: Lúthien e Beren, Idril Tuor, Arwen e Aragorn. Através do último reunificaram-se ramos dos meio-elfos, separados havia muito tempo, e sua linhagem foi restaurada.

Lúthien Tinúviel era filha do rei Thingol Capa-Cinzenta, de Doriath da Primeira Era, mas sua mãe era melian, do povo dos valar. Beren era filho de Barahir, da Primeira Casa dos edain. Juntos eles arrancaram uma silmaril da Coroa de Ferro de Morgoth. Lúthien tornou-se mortal e os elfos a perderam. Dior era seu filho. Elwing era filha deste, e guardou em seu poder a *silmaril*.

Idril Celebrindal era filha de Turgon, rei da cidade oculta de Gondolin. Tuor era filho de Huor, da Casa de Hador, a Terceira Casa dos edain, e a mais renomada nas guerras contra Morgoth. Eärendil era filho deles.

Eärendil casou-se com Elwing, e com o poder da silmaril passou pelas Sombras e chegou ao Extremo Oeste, e falando como um embaixador tanto dos elfos como dos homens obteve a ajuda através da qual Morgoth foi derrotado. Eärendil foi proibido de retornar para as terras mortais, e seu navio levando a silmoril zarpou pelos céus navegando como uma estrela, e como sinal de esperança para os habitantes da Terra-média, oprimidos pelo Grande Inimigo ou por seus servidores. Apenas as *silmarilli* preservavam a antiga luz emanada pelas Duas Arvores de Valinor antes que Morgoth a envenenasse; mas as outras duas se perderam no final da Primeira Era Narra-se essa história completa, e muito mais a respeito de elfos e homens, no *Silmarillion*.

Os filhos de Eiirendil eram Elros e Elrond, os *Peredhil*, ou meio-elfos. Somente neles a linhagem dos heróicos lideres dos edain da Primeira Era foi preservada; da mesma forma, após a queda de Gil-galad, a linhagem dos altos-elfos reis só ficou representada na Terra-média por seus descendentes.

No final da Primeira Era os valar impuseram uma escolha irrevogável aos meio-elfos, ou seja, eles deveriam decidir a que raça pertenceriam. Elrond escolheu ser do Povo Élfico, e transformou-se num mestre da sabedoria. Portanto, a ele foi concedida a mesma graça recebida pelos altos-elfos que ainda permaneciam na Terra-média que, quando por fim estivessem cansados das terras mortais, eles poderiam tomar um navio e partir dos Portos Cinzentos para o Extremo Oeste; essa graça perdurou depois da mudança do mundo. Mas para os filhos de Elrond também foi indicada uma escolha: passar com o pai dos círculos do mundo ou, se permanecessem, tornarem-se mortais e morrerem na Terra-média. Em consequência disso, para Elrond, todas as possibilidades da Guerra do Anel estavam carregadas de tristeza.

Elros escolheu ser do povo dos homens e permanecer com os edain; mas foi lhe concedido um grande tempo de vida, muitas vezes maior que o dos homens inferiores.

Como recompensa por seus sofrimentos na causa contra Morgoth, os valar, Guardiões do Mundo, concederam aos edain uma terra para morarem, retirada dos perigos da Terra-média. A maioria deles, portanto, cruzou o Mar, e guiados pela Estrela de Eärendil chegaram à grande Ilha d

Elenna, no extremo oeste das Terras Mortais. Ali eles fundaram o reino de Númenor.

Havia uma alta montanha no centro da ilha, chamada Meneltarma e de seu topo os que enxergavam longe podiam divisar a torre branca do porto dos eldar em Eressea. De lá os eldar vieram para se juntar aos edain enriquecendo-os com conhecimento e muitas dádivas; mas aos númenorianos foi imposta uma ordem, a "Interdição dos Valar": ficavam proibidos de navegar para o oeste, além do campo de visão de suas próprias praias, e também de pôr os pés nas Terras Imortais. Pois embora lhes tivesse sido concedida uma grande longevidade, no inicio três vezes maior que a dos homens inferiores, eles deviam permanecer mortais, uma vez que aos valar foi permitido tomar deles a Dádiva dos Homens (ou a Destruição do Homens, como foi posteriormente denominada).

Elros foi o primeiro rei de Númenor, e depois ficou conhecido pelo nome meioálfico de Tar-Minyatur. Seus descendentes tiveram vida longa mas eram mortais.

Mais tarde, quando se tornaram poderosos, lamentaram a escolha de seu ancestral, desejando a imortalidade dentro da vida do mundo, o que era destino dos eldar, e murmurando contra a Interdição. Assim começaram a rebelião que, sob o comando maligno de Sauron, culminou com a Queda de Númenor e a ruina do antigo reino, como se conta no *Akallabêth*.

Estes são os nomes dos reis e das rainhas de Númenor: Elros Tar-Minyatur, Vardamir, Tar-Amandil, Tar-Elendil, Tar-Meneldur, Tar-Aldarion, Tar-Ancalimë (a primeira rainha governante), Tar-Anàrion, Tar-Súrion, Tar-Telperiën (a segunda rainha), Tar-Minastir, Tar-Ciryatan, Tar-Atanamir, o Grande, Tar-Ancalimon, Tar-Telemmaitë, Tar-Vanimeldë (a terceira rainha), Tar-Alcarin, Tar-Calmacil.

Depois de Calmacil, os reis ocuparam o trono assumindo nomes da língua númenoriana (ou Adûnaid): Ar-Adûnakhôr, Ar-Zimrathûn, Ar-Sakalthôr, Ar-Gimilzôr, Ar-Inziladûn. Inziladûn arrependeu-se dos procedimentos dos reis e mudou seu nome para Tar-Palantir, "que Enxerga Longe". Sua filha deveria ser a quarta rainha, Tar-Miriel, mas o sobrinho do rei usurpou o trono e tornou-se Ar-Pharazôn, o Dourado, último rei do númenonanos.

Nos dias de Tar-Elendil, os primeiros navios dos númenorianos retornaram para a Terra-média. Seu primeiro descendente foi uma filha, Silmariën. O primeiro filho dela foi Valandil, o primeiro dos senhores de Andúnië, na costa oeste, famoso por sua amizade com os eldar. Dele descenderam Amandil, o último senhor, e Elendil, o Alto.

O sexto rei deixou apenas um descendente, uma filha. Ela tornou-se a primeira rainha; pois foi nessa época que se promulgou uma lei da casa real, segundo a qual o descendente mais velho do rei, fosse ele homem ou mulher, deveria assumir o trono.

O reino de Númenor perdurou até o fim da Segunda Era, sempre crescendo em poder e esplendor; e até meados dessa Era, os númenorianos cresceram também em sabedoria e felicidade. O primeiro sinal da sombra que cairia sobre eles apareceu nos dias de Tar-Minastir, décimo primeiro rei. Foi ele quem mandou um grande exército em auxilio de Gil-galad. Ele amava os eldar, mas os invejava. Os númenorianos agora tinham-se transformado em grandes marinheiros, explorando todos os mares ao leste, e começaram a desejar o oeste e as águas proibidas; quanto mais feliz era a vida deles, mais começavam a ansiar pela imortalidade dos eldar.

Além disso, depois de Minastir, os reis se tornaram ávidos por riqueza e poder. No inicio, os númenorianos tinham vindo para a Terra-média como professores e amigos dos homens inferiores afligidos por Sauron; agora seus portos haviam-se transformado em fortalezas, mantendo amplas regiões costeiras sob seu comando. Atanamir e seus sucessores cobravam altos tributos, e os navios dos númenorianos retornavam carregados de espólios.

Foi Tar-Atanamir quem primeiro falou abertamente contra a Interdição e declarou que a vida dos eldar era dele por direito. Assim a sombra se adensou, e pensar na morte fez com que o coração do povo ficasse pesado e oprimido. Então os númenonanos se dividiram: de um lado ficaram os reis e aqueles que os seguiram, indispostos com os eldar e os valar; do outro lado estavam os poucos que chamavam a si próprios de Fiéis. Estes moravam principalmente na parte oeste do Reino.

Os reis e seus seguidores pouco a pouco deixaram de usar as línguas eldarin, e por fim o vigésimo rei assumiu seu nome real na forma númenoriana, chamando-se de Ar-Adûnakhôr, "Senhor do Oeste". Esse at

pareceu de mau agouro para os Fiéis, pois até então esse titulo só fora concedido aos valar, ou ao próprio Antigo Rei.

E de fato Ar-Adûnakhôr começou a perseguir os Fiéis e a puni aqueles que usavam abertamente as línguas élficas; os eldar cessaram de vir a Númenor.

Não obstante, o poder e a riqueza dos númenorianos continuavam a crescer; mas sua longevidade diminuía à medida que aumentava seu medo da morte, e a felicidade os abandonou. Tar-Palantir tentou reparar o mal, mas era tarde demais, e houve rebelião e contenda em Númenor. Quando ele morreu, seu sobrinho, líder da rebelião, apossou-se do trono e tornou-se Ar-Pharazôn. Ar-Pharazôn, o Dourado, foi o mais arrogante e poderoso d todos os reis, e desejava nada menos do que governar o mundo.

Ele resolveu desafiar Sauron, o Grande, pela supremacia da Terra média, e por fim ele mesmo partiu num navio com uma grande esquadra, aportando em Umbar.

Tão grandes eram o poder e o esplendor dos númenorianos que os próprios servidores de Sauron o abandonaram; Sauron se humilhou prestando honras e implorando perdão.

Então Ar-Pharazôn, na loucura de seu orgulho, levou-o como prisioneiro para Númenor. Não demorou muito para que Sauron enfeitiçasse o rei e se tornasse mestre de seu conselho; logo arrebatou o coração de todos os númenorianos, exceto aqueles que ainda eram Fiéis, de volta para a escuridão.

E Sauron mentiu para o rei, declarando que a vida eterna seria daquele que possuísse as Terras Imortais, e que a Interdição fora imposta apenas para evitar que os reis dos homens sobrepujassem os valar. "Mas grandes reis tomam o que lhes cabe de direito", dizia ele.

Por fim Ar-Pharazôn deu ouvidos ao seu conselho, pois sentia seu dias se esvairem e estava estupefato pelo medo da Morte. Preparou então o maior armamento que o mundo já vira, e, quando tudo estava pronto, mandou soarem as trombetas e fez-se à vela; e assim quebrou a Interdição dos valar, insurgindo-se em guerra para arrancar a vida eterna aos senhores do oeste. Mas, quando Ar-Pharâzon colocou os pés nas praias de Aman, Reino Abençoado, os valar rejeitaram a sua função de Guardiões e

invocaram o Um, e o mundo mudou. Númenor foi derrubada e engolida pelo Mar; as Terras Imortais foram removidas para sempre dos círculos do mundo. Assim terminou a glória de Númenor.

Os últimos líderes dos Fiéis, Elendil e seus filhos, escaparam da Queda com nove navios, levando uma muda de Nimloth, e as Sete Pedras videntes (dádivas que receberam dos eldar)"; foram carregados nas asas de uma grande tempestade e jogados nas praias da Terra-média. Ali estabeleceram no noroeste os reinos númenorianos do exílio, Amor e Gondor. Elendil tornou-se o Alto Rei e morava no norte, em Annúminas; o governo do sul foi entregue a seus filhos, Isildur e Anánon. Ali eles fundaram Osgiliath, entre Minas Ithil e Minas Anor, não muito longe das fronteiras de Mordor. Acreditavam que pelo menos uma coisa boa resultara da ruína, que Sauron também perecera.

Mas não foi assim. Sauron foi realmente apanhado pela destruição de Númenor, e assim a forma corpórea na qual por tanto tempo caminhara pereceu; mas ele fugiu de volta para a Terra-média, um espírito de ódio transportado por um vento escuro. Foi incapaz de assumir outra vez uma forma que fosse agradável aos homens, mas tornou-se negro e hediondo, e seu poder depois disso só se impôs pelo terror. Ele voltou a Mordor e se escondeu lá por um tempo, em silêncio.

Mas sua ira foi grande quando ficou sabendo que Elendil, a quem mais odiava, havia escapado de suas garras, e estava agora organizando um reino nas suas fronteiras.

Portanto, depois de um tempo, ele declarou guerra contra os Exilados, antes que estes criassem raízes. Orodrnin explodiu outra vez em chamas, e em Gondor recebeu um novo nome, *Amon Amarth,* Montanha da Perdição. Mas Sauron atacou cedo demais, antes que seu próprio poder fosse reconstruído, enquanto o poder de Gil-galad tinha aumentado em sua ausência; e, na Ultima Aliança que foi feita contra ele, Sauron foi derrotado e o Um Anel lhe foi tomado. Assim terminou a Segunda Era.

(ii)

Os Reinos no Exílio

A Linhagem do Norte
Herdeiros de Isildur

Arnor. Elendil †3441 SE., Isildur †2, Valandil 249[9], Eldacar 339, Arantar 435, Tarcil 515, Tarondor 602, Valandur †652, Elendur 777 Eärendur 861.

Arthedain. Amlaith de Fornost[10] (filho mais velho de Eärendur) 946; Beleg 1029, Mallor 1110, Celepharn 1191, Celebrindor 1272, Malveg 1349[11], Argeleb I †1356, Arveleg I 11409, Araphor 1589, Argeleb 167 Arvegil 1743, Arveleg II 1813, Araval 1891, Araphant 1964, Arvedui Ultir Rei †1975. Fim do Reino do Norte.

Lideres. Aranarth (filho mais velho de Arvedui) 2106, Arahael 2177 Aranuir 2247, Aravir 2319, Aragorn I †2327, Araglas 2455, Arahad I 252 Aragost 2588, Aravorn 2654, Arahad II 2719, Arassuil 2784, Arathorn I †2848, Argonui 2912, Arador †2930, Arathorn II †2933, Aragorn 120 Q.E.

A Linhagem do Sul
Herdeiros de Anárion

Reis de Gondor. Elendil (Isildur e) Anárion †3440 SE., Meneldil, filh de Anárion, 158, Cemendur 238, Eärendil 324, Anardil 411, Ostoher 49 Rómendacil I (Tarostar) †541, Turambar 667, Atanatar I 748, Siriondil 83 Aqui seguiram-se os quatro "Reis-navegantes":

Tarannon Falastur 913. Foi o primeiro rei sem prole, e quem o sucedeu foi o filho de seu irmão, Tarciryan. Eãrnil 17 †936, Ciryandil †1015 Hyarmendacil I (Ciryaher) 1149. Gondor agora atingia o auge de seu poder.

Atanatar II Alcarin, 16 "o Glorioso", 1226, Narmacil 11294. Foi segundo rei sem prole e quem o sucedeu foi seu irmão mais novo. Calmacil 1304, Minalcar (regente 1240-1304), coroado como Rómendacil II em 130 morto em 1366, Valacar. Em sua época o primeiro desastre de Gondo começou, a Contenda das Famílias.

Eldacar, filho de Valacar (primeiramente chamado Vinitharya) deposto em 1437 Castamir, o Usurpador, †1447. Eldacar, reentronizad morreu em 1490.

Aldamir (segundo filho de Eldacar) †1540, Hyarmendacil I (Vinyarion) 1621, Minardil t1634, Telemnar †1636. Telenmar e todos os seus filhos pereceram na peste; foi sucedido por seu sobrinho, o filho de Minastan, segundo filho de Minardil. Tarondor 1798, Telumehtar Umbardacil 1850, Narmacil II †1856, Calimehtar 1936, Ondober t194 Ondober e seus dois filhos foram mortos no campo de batalha. Depois de um ano, em 1945, a coroa foi passada ao general vitorioso Eärnil, descendente de Telumehtar Umbardacil, Eärnil II 2043, Earnur t2050. Aqui a linhagem de reis foi interrompida, até ser restaurada por Elessar Telcontar em 3019. C reino passou então a ser governado pelos regentes.

Regentes de Gondor. A Casa de Húrin; Pelendur 1998. Governou po um ano depois da queda de Ondoher, e aconselhou Gondor a rejeitar a reivindicação ao trono feita por Arvedui. Vorondil, o Caçador, 2029[12]. Mardil Voronwë, "o Constante", o primeiro dos regentes governantes. Seu sucessores deixaram de usar nomes nas formas do alto-élfico.

Regentes governantes. Mardil 2080, Eradan 2116, Herion 2148, Belegor 2204, Húrin 1 2244, Túrin 1 2278, Hador 2395, Barahir 2412, Dior 243 Denethor 1 2477, Boromir 2489, Cirion 2567. Nessa época os rohirrim vierar para Calenardhon.

Halías 2605, Húrin II 2628, Belecthor I 2655, Orodreth 2685, Ecthelion 1 2698, Egalmoth 2743, Beren 2763, Beregon 2811, Belecthor II 287 Thorondir 2882, Túrin II 2914, Turgon 2953, Echtelion II 2984, Denethor Foi o último dos regentes governantes, e foi sucedido por seu segundo filho Faramir, senhor de Emyn Arnen, regente do rei Elessar, 82 Q.E.

(iii)
Eriador, Amor e os Herdeiros de Isildur

"Eriador era antigamente o nome de todas as terras entre as Montanhas Sombrias e as Montanhas Azuis; ao sul a região fazia divisa cor o rio Cinzento e o Glanduin, que deságua nele acima de Tharbad."

"Em seu apogeu, Arnor incluía toda Eriador, com exceção das regiõe além de e as terras a leste do rio Cinzento e do Ruidoságua, nas quai ficavam Val-fenda e Azevim. Além de Lún as terras eram élficas, verdes

tranquilas, nunca visitadas por homem algum; mas os anões moravam, e ainda moram, no lado leste das Montanhas Azuis, especialmente nas regiões ao sul do golfo de Lún, onde eles têm minas ainda produtivas. Por esse motivo, eles tinham o costume de ir para o leste pela Grande Estrada, como haviam feito por longos anos, antes que chegássemos ao Condado. Nos Portos Cinzentos morava Cirdan, o Armador, e alguns dizem que ele aind mora lá, até que o Último Navio zarpe em direção ao oeste. Nos dias dos reis a maioria dos altos-elfos que ainda permaneciam na Terra-média moravam com Círdan ou nas regiões litorâneas de Lindon. Se alguns ainda restan atualmente, eles são poucos."

O Reino do Norte e os dúnedain

Após Elendil e Isíldur houve oito altos reis de Arnor. Depois d Eärendur, devido a dissensões entre seus filhos, o reino foi dividido em três: Arthedain, Rhudaur e Cardolan. Arthedain ficava no noroeste e incluída região entre o Brandevin e Lún, e também as terras ao norte da Grand Estrada, até as Colinas do Vento. Rhudaur ficava no nordeste, entre Charneca Etten, as Colinas do Vento e as Montanhas Sombrias, mas inclui também o Ângulo entre o Fontegris e o Ruidoságua. Cardolan ficava no sul sendo suas fronteiras o Baranduin, o rio Cinzento e a Grande Estrada.

Em Arthedain a linhagem de Isildur foi mantida e continuada, ma logo desapareceu em Cardolan e Rhudaur. Sempre havia desavenças entr os reinos, o que apressou o decréscimo dos dúnedain. O principal ponto de disputa era a possessão das Colinas do Vento e das terras a oeste, na direçãc de Bri. Tanto Rbudaur quanto Cardolan desejavam possuir Amon Sûl (Topo do Vento), que ficava nas fronteiras de seus reinos; pois a Torre de Amon Sûl possuía o mais importante*palantír* do norte, e os dois outros estavam em poder de Artbedain.

"Foi no início do reinado de Malvegil de Arthedain que o mal chegou a Amor. Pois naquele tempo o reino de Angmar surgiu no norte além d Charneca Etten. Suas terras compreendiam os dois lados das Montanhas, ali estavam reunidos muitos homens maus, e orcs, e outras criaturas cruéis. [O Senhor daquelas terras era conhecido como o Rei dos Bruxos, mas s

depois se soube que na verdade ele era o chefe dos Espectros do Anel, que vieram ao norte com o propósito de destruir os dúnedain de Amor, alimentando esperanças em sua desunião, enquanto Gondor era forte.]"

Nos dias de Argeleb, filho de Malvegil, uma vez que não restava nenhum descendente de Isildur nos outros reinos, os reis de Arthedain mais uma vez reivindicaram o poder sobre toda Amor. Rhudaur opôs-se à reivindicação. Ali os dúnedain eram poucos, e o poder fora tomado por um senhor maligno dos homens das Colinas, que tinha uma aliança secreta com Angmar. Argeleb portanto fortificou as Colinas do Vento, mas foi morto em combate contra Rhudaur e Angmar.

Arveleg, filho de Argeleb, com a ajuda de Cardolan e Lindon expulsou seus inimigos das Colinas, e por muitos anos Arthedain e Cardolan mantiveram sob seu comando uma fronteira ao longo das Colinas do Vento, da Grande Estrada, e do baixo Fontegrís. Conta-se que nessa época Valfenda ficou sitiada.

Um grande exército chegou de Angmar em 1409, e atravessando o rio entrou em Cardolan, cercando o Topo do Vento. Os dúnedain foram derrotados e Arveleg foi morto. A Torre de Amon 561 foi incendiada e completamente destruída; mas o *palantír* foi salvo e levado de volta na retirada para Fornost; Rhudaur foi ocupada por homens maus, súditos de Angmar, e os dúnedain que permaneceram ali foram mortos ou fugiram para o oeste. Cardolan foi saqueada. Araphor, filho de Arveleg, ainda não se tornara adulto, mas era valente, e com a ajuda de Cirdan expulsou o inimigo de Fornost e das Colinas do Norte. Alguns dos Fiéis que restaram entre os dúnedain de Cardolan também resistiram em Tyrn Gorthad (as Colinas dos Túmulos), ou procuraram refúgio na Floresta mais além.

Conta-se que Angmar ficou por um tempo controlada pelo povo élfico vindo de Lindon, e também de Valfenda, pois Elrond trouxe ajuda vindo de Lórien pelas Montanhas. Foi no tempo dele que os Grados que moravam no Ângulo (entre o Fontegris e o Ruidoságua) fugiram para o oeste e para o sul, devido às guerras e ao terror de Angmar, e também porque a região e o clima de Eriador, especialmente no leste, pioraram e se tornaram hostis. Alguns retornaram para as Terras Ermas, e passaram a morar nos Campos de Lis, transformando-se num povo ribeirinho de pescadores.

Nos dias de Argeleb II a peste chegou a Eriador pelo sudeste, e maioria do povo de Cardolan pereceu, especialmente em Minhiriath. O hobbits e a maioria dos outros povos sofreram muito, mas a peste abrandou à medida que foi se alastrando para o norte, e as partes setentrionais de Arthedain foram pouco afetadas. Foi nessa época que os dúnedain de Cardolan se extinguiram, e espíritos malignos de Angmar e Rhudau invadiram os túmulos abandonados para ali morar.

"Conta-se que os túmulos de Tyrn Gorthad, como eram antigament chamadas as Colinas dos Túmulos, são muito antigos e muitos foran construídos nos dias do mundo antigo da Primeira Era pelos antepassado dos edain, antes que atravessassem as Montanhas Azuis chegando à regiã de Beleriand, da qual apenas sobrevive Lindon atualmente. Portanto essa colinas foram reverenciadas pelos dúnedain após seu retorno, e ali muitos de seus senhores e reis foram enterrados. [Dizem alguns que o túmulo nc qual o Portador do Anel foi aprisionado fora o túmulo do último principe de Cardolan, que pereceu na guerra de 1409.]"

"Em 1974, o poder de Angmar cresceu de novo, e o Rei dos Bruxc desceu até Arthedain antes do final do inverno. Ele dominou Fornost, expulsou a maioria dos dunedain restantes sobre o Lún; entre estes estavam os filhos do rei.

Mas o rei Arvediii resistiu nas Colinas do Norte o máximo possível, depois fugiu para o norte com alguns membros de sua guarda; escaparam devido á rapidez de seus cavalos.

"Por um tempo Arvedui se escondeu nos túneis das antigas mina dos anões, próximas ao extremo oposto das Montanhas, mas por fim foi levado pela fome a procurar o auxílio dos lossoth, os Homens das Neves de Forochel[13]. Alguns destes ele encontrou acampados na praia; mas eles nãc se dispuseram a ajudar o rei, pois ele não tinha nada para lhes oferecer, exceto algumas joias às quais os Homens das Neves não davam valor; e o lossoth tinham medo do Rei dos Bruxos, que (segundo eles) podia produzi gelo ou desmanchá-lo conforme bem quisesse. Mas em parte por pena do rei esquálido, e em parte por temerem suas armas, ofereceram-lhe um pouco de comida, e construiram-lhe abrigos de neve. Ali Arvedui foi forçado a

aguardar, na esperança de alguma ajuda que viesse do sul, pois seus cavalos tinham perecido.

"Quando Círdan ficou sabendo por intermédio de Aranarth, filho de Arvedui, sobre a fuga do rei para o norte, imediatamente zarpou para Forochel em sua procura.

O navio por fim chegou lá após muitos dias, devido a ventos contrários, e os marinheiros viram de longe a pequena fogueira que os homens perdidos conseguiam manter acesa, alimentando-a com lenha trazida pela maré. Mas o inverno demorou para soltar suas garras naquele ano, e, embora a época fosse março, o gelo estava apenas começando a se quebrar, e se estendia mar adentro.

"Quando os Homens das Neves viram o navio, ficaram assustados e receosos, pois nunca tinham visto uma embarcação daquelas antes; mas agora tinham ficado mais amigáveis, e levaram o rei e aqueles de sua comitiva que haviam sobrevivido através do gelo em suas carroças deslizantes, até onde foi possível arriscar. Dessa forma um barco do navio pôde alcançá-los.

"Mas os Homens das Neves estavam inquietos, pois diziam que farejavam perigo no vento. E o chefe dos lossoth disse a Arvedui: — Não monte no monstro do mar! Se as tiverem, os homens do mar poderão nos trazer comida e outras coisas de que necessitamos, e vocês podem permanecer aqui até que o Rei dos Bruxos vá para casa. Pois no verão o poder dele míngua, mas agora seu hálito é mortal, e seu braço frio é comprido.

"Mas Arvedui não seguiu o conselho. Agradeceu ao chefe dos lossoth e na despedida deu-lhe seu anel, dizendo: — Este é um objeto que vale muito mais do que você possa imaginar. Simplesmente por ser antigo. Não tem poder algum, exceto a estima que lhe dedicam os membros de minha casa. Não vai ajudá-lo em nada, mas, se seu povo tiver qualquer necessidade, meus parentes podem resgatá-lo em troca de um grande estoque de tudo o que vocês desejarem[14].

"Apesar disso, por acaso ou devido a algum poder de previsão, o conselho dos lossoth tinha valor; pois o navio ainda não tinha alcançado o alto-mar quando uma grande tempestade de vento se ergueu, e chegou do

norte com uma nevasca que não permitia enxergar nada; o navio foi arrastado de volta na direção do gelo, que se empilhou ate cobri-lo por completo. Até os marinheiros de Cirdan ficaram sem ação, e durante a noite o gelo rompeu o casco, e o navio afundou. Assim pereceu Arvedui Último Rei, e com ele os *palantíri* foram sepultados no mar[15]. Passou muito tempo antes que os Homens das Neves tivessem noticias do naufrágio de Forochel."

O povo do Condado sobreviveu, embora tenha sofrido as consequências da guerra, tendo a maioria da população fugido para se esconder. Enviaram em auxílio do rei alguns arqueiros que nunca retornaram; outros também foram para a batalha na qual o reino de Angmar foi derrotado (sobre a qual encontram-se mais detalhes nos anais do sul). Posteriormente, com a paz que sobreveio, o povo do Condado governou a si mesmo e prosperou. Escolheram um Thain para ocupar o lugar do rei, e ficaram satisfeitos; apesar disso, durante muito tempo muitos ainda esperavam o retorno do rei. Mas por fim essa esperança foi esquecida, permanecendo apenas na frase *Quando retornar o rei*, usada no sentido de algo bom que não se podia alcançar, ou de algum mal que não se pudesse corrigir. O primeiro Thain do Condado foi um tal de Bucca do Pântano, de quem os Velhobuques afirmavam descender. Tornou-se Thain em 379 de nosso registro (1979).

Após Arvedui o Reino do Norte terminou, pois os dúnedain agora eram poucos e todos os povos de Eriador diminuíram. Apesar disso, a linhagem dos reis foi continuada pelos líderes dos dúnedain, dos quais Aranarth, filho de Arvedui, foi o primeiro. Arahael, seu filho, foi criado em Valfenda, assim como todos os filhos de líderes depois dele; ali também foram guardadas as heranças de sua casa: o anel de Barahir, os fragmentos de Narsil, a estrela de Elendil e o cetro de Annúminas[16].

Quando o reino terminou, os dúnedain entraram nas sombras e transformaram-se num povo incógnito e errante, e seus feitos e trabalhos raramente eram cantados ou registrados. Atualmente pouco se lembra deles, desde que Elrond partiu. Embora seres malignos tenham começado a atacar ou invadir secretamente Eriador, antes mesmo que a Paz Vigilante terminasse, a maioria dos líderes viveu uma longa vida até atingir a velhice.

Conta-se que Aragorn I foi morto por lobos, que depois disso continuaram a ser um perigo em Eriador, e ainda não desapareceram por completo. Nos dias de Arahad I, os orcs, que, como se soube depois, havia muito tempo vinham ocupando em segredo fortalezas nas Montanhas Sombrias, a fim de bloquear todas as passagens que davam acesso a Eriador, de repente se revelaram. Em 2509 Celebrían, esposa de Elrond, estava viajando para Lórien quando foi capturada no Passo do Chifre Vermelho; sua comitiva se dispersou devido ao súbito ataque dos orcs e ela foi presa e sequestrada. Elladan e Elrohir a seguiram e resgataram, porém só depois que ela fora atormentada e recebera um ferimento envenenado. Celebrían foi trazida de volta a Imíadris, e, embora Elrond tivesse curado seu corpo, ela perdeu todo o prazer de estar na Terra-média, e no ano seguinte dirigiu-se aos Portos e atravessou o Mar. Mais tarde, nos dias de Arassuíl, os orcs, mais uma vez multiplicando-se nas Montanhas Sombrias, começaram a devastar as terras e os dúnedain e os filhos de Elrond lutaram contra eles. Foi nessa época que um grande bando chegou ao oeste e invadiu o Condado, e foi rechaçado por Bandobras Túk.

Houve quinze líderes antes do nascimento do décimo sexto e último deles. Aragorn II, que voltou a ser rei de Gondor e Amor. "Nós o chamamos de Nosso Rei, e quando ele vem para o norte para visitar sua casa restaurada em Annúminas, e permanece um tempo na região do lago Vesperturvo, todos no Condado ficam felizes. Mas ele não entra nesta terra, e segue as próprias leis que criou, segundo as quais ninguém das Pessoas Grandes deve atravessar as fronteiras. Mas ele frequentemente cavalga com muita gente bonita até a Grande Ponte, e ali recebe os amigos e qualquer outra pessoa que deseje vê-lo; alguns o acompanham e hospedam-se em sua casa por quanto tempo quiserem. O Thain Peregrin já esteve lá muitas vezes, e também Mestre Samwise, o Prefeito. Sua filha, Elanor, a Bela, é uma da ai da Rainha Estrela Vespertina."

Era motivo de orgulho e admiração da Linhagem do Norte o fato de que, embora seu poder tivesse desaparecido e seu povo diminuído, através das muitas gerações a sucessão de pai para filho não fora interrompida. Além disso, embora a longevidade dos dúnedain estivesse sempre diminuindo na Terra-média, depois do desaparecimento de seus reis o

decréscimo foi mais acelerado em Gondor, e muitos dos líderes do norte ainda atingiam o dobro da idade dos homens, e ultrapassavam em muitos anos mesmo os mais velhos dentre nós. De fato, Aragorn viveu até os cent e noventa anos, mais que qualquer outro de sua linhagem desde o rei Arvegíl; mas em Aragorn Elessar a dignidade dos reis de antigamente fc reconquistada.

(iv)
Gondor e os Herdeiros de Anárion

Houve trinta e um reis em Gondor depois de Anárion, que foi mort diante de Bat-ad-dUr. Embora a guerra nunca cessasse em suas fronteiras durante mais de mil anos os dúnedain do sul cresceram em riqueza e poder, em terra e mar, até o reinado de Atanatar II, que era chamado de Alcarin, Glorioso. Apesar disso, os sinais da decadência já tinham começado a aparecer; os homens nobres do sul casavam-se tarde, e tinham poucos filhos. O primeiro rei sem prole foi Falastur, e o segundo Narmacil I, o filho d Atanatar Alcarin.

Foi Ostoher, o sétimo rei, quem reconstruiu Minas Anor, ond posteriormente os reis passaram a morar no verão, preferindo aquele local a Osgíiiath. Em sua época, Gondor foi pela primeira vez atacada pelos homens bárbaros vindos do leste. Mas Tarostar, seu filho, derrotou-os e os expulsou, assumindo o nome de Rómendacil: "Vencedor do Leste". Entretanto, ele fc morto depois numa batalha travada contra novas hordas de orientais. Turambar, seu filho, vingou-o, e conquistou um grande território na região leste.

Com Tarannon, o décimo segundo rei, começou a linhagem dos Reis-navegantes, que construíram esquadras e estenderam o poder de Gondor ac longo da costa a oeste e ao sul da Foz do Anduin. Para comemorar sua vitórias como Capitão dos Exércitos, Tarannon assumiu a coroa com o nome de Falastur, "Senhor das Costas".

Eärnil I, seu sobrinho, que o sucedeu, reformou o antigo porto de Pelargír e construiu uma grande esquadra. Sitiou Umbar por terra e mar conquistando e transformando o lugar num grande porto e numa fortaleza

do poder de Gondor[17]. Mas Eãrnil não sobreviveu muito tempo ao próprio triunfo.

Perdeu-se, juntamente com muitos navios e homens, numa grande tempestade na costa de Umbar.

Círyandil, seu filho, continuou com a construção de navios, mas os homens de Harad, chefiados pelos senhores que haviam sido expulsos de Umbar, insurgíram-se com muita força contra aquela fortaleza, e Ciryandil caiu na batalha em Haradwaith.

Por muitos anos Umbar foi atacada, mas não podia ser tomada devido ao poder marítimo de Gondor. Ciryaher, filho de Ciryandíi, esperou a hora certa, e por fim, quando tinha reunido forças, desceu do norte por mar e por terra e, atravessando o rio Harnen, seus exércitos derrotaram completamente os homens de Harad, e seus reis foram obrigados a reconhecer a soberania de Gondor (1050). Ciryaher assumiu então o nome de Hyarmendacil, "Vencedor do Sul".

Nenhum inimigo ousou contestar o poder de Hyarmendacíl durante o resto de seu longo reinado. Ele foi rei por cento e trinta e quatro anos, sendo o seu o segundo reinado mais longo de toda a Linhagem de Anárion. Em sua época Gondor atingiu o apogeu de seu poder. O reino se estendeu ao norte até Celebrant e as fronteiras sudoeste da Floresta das Trevas; a oeste até o rio Cinzento; a leste abarcou o Mar Interno de Rhûn; ao sul chegou até o rio Harnen, e dali prolongou-se pela costa até a península e o porto de Umbar. Os homens dos Vales do Anduín reconheceram sua autoridade, e os reis de Harad prestaram honras a Gondor, e seus filhos viveram como reféns na corte do Rei. Mordor estava em abandono, mas era vigiada pela grande fortaleza que guardava as entradas.

Assim terminou a linhagem dos Reis-navegantes. Atanatar Aicarin, filho de Hyarmendacíl, viveu com grande esplendor, tanto que os homens diziam que *em Gondor pedras preciosas são pedregulhos para as crianças brincarem*. Mas Atanatar gostava de vida mansa e não fez nada para manter o poder que herdara, e seus dois filhos tinham temperamento semelhante. O declínio de Gondor já havia começado antes de sua morte, e sem dúvida era observado pelos inimigos. A vigilância sobre Mordor foi negligenciada. Não obstante, foi só nos dias de Valacar que o primeiro grande mal se abateu

sobre Gondor: a guerra civil da Contenda das Famílias, na qual houv grande perda e destruição, que nunca foram totalmente reparadas.

Minalcar, filho de Caimacil, era um homem muito vigoroso, e em 1240 Narmacil, para se livrar de todas as suas preocupações, nomeou-c Regente. Depois disso ele governou Gondor em nome dos reis até suceder pai. Sua maior preocupaçao eram os homens do norte.

Estes últimos tinham crescido muito durante a paz trazida pelc poder de Gondor. Os reis se mostravam favoráveis a eles, já que eram entre os homens inferiores os parentes mais próximos dos dúnedain (descendendo, em sua maioria, daqueles povos que originaram os antigos edain); a eles foram concedidas grandes extensões de terra além do Anduín, ao sul da Grande Floresta Verde, para que se constituíssem numa defesa contra os homens do leste. Isso deveu-se ao fato de que, no passado os ataques dos orientais tinham vindo principalmente através da planície que fica entre o Mar Interno e as Montanhas de Cinza.

Nos dias de Narmacil I, os ataques começaram de novo, embora princípio com pouca força; mas o regente ficou sabendo que os homens do norte nem sempre permaneciam fiéis a Gondor, e alguns poderiam juntar forças com os orientais, levados pela ganância por espólios ou pelo desejo de alimentar rixas entre seus príncipes. Mínalcar, portanto, liderou em 1248 um grande exército, e entre Rhovanion e o Mar Interno derrotou uma grand força dos orientais e destruiu todos os seus acampamentos e povoados a leste do Mar. Assumiu então o nome de Rómendacil.

Ao retornar, Rómendacil fortificou a margem oeste do Anduín até foz do Límciaro, proibindo qualquer forasteiro de descer o rio além das Emyn Muíl. Foi ele quem construiu os pilares dos Argonath e a entrada para Nei Hithoei.

Mas, já que precisava de homens e queria fortalecer os laços entre Gondor e os homens do norte, tomou a seu serviço muitos destes, dando a alguns altos postos em seus exércitos.

Rómendacíl mostrava uma preferência por Vidugavia, que o ajudara durante a guerra. Ele se autodenominava Rei de Rhovanion, e de fato era mais poderoso dos príncipes do norte, embora seu reino ficasse entre a Floresta Verde e o rio Celduin[18]. Em 1250, Rómendacil mandou seu filh

Valacar como embaixador para morar um tempo com Vidugavia e se familiarizar com a língua, os costumes e as politicas dos homens do norte. Mas Valacar excedeu em muito os desígnios de seu pai. Tornou-se um apaixonado pelas terras e pelo povo do norte, e casou-se com Vidumavi, filha de Vidugavia. Demorou alguns anos para retornar. Desse casamento originou-se depois a guerra da Contenda das Famílias.

"Pois os nobres de Gondor não viam com bons olhos a presença dos homens do norte entre eles; nunca se ouvira falar antes de um herdeiro da coroa, ou qualquer filho do rei, que se tivesse casado com alguém de uma raça inferior e estranha". Já havia rebelião nas províncias do sul quando o rei Valacar ficou velho. Sua rainha fora uma senhora bela e nobre, mas de vida curta, conforme era o destino dos homens inferiores, e os dúnedain temiam que com os seus descendentes acontecesse o mesmo e que eles perdessem a majestade dos reis dos homens. Além disso, não estavam dispostos a aceitar como seu senhor o filho dela que, apesar de agora se chamar Eldacar, nascera em terras estrangeiras e em sua infância se chamara Vinitharya, um nome do povo de sua mãe.

"Portanto, quando Eldacar sucedeu o pai, houve guerra em Gondor. Mas não foi fácil afastar Eldacar de sua herança. A linhagem de Gondor ele acrescentara o espírito destemido dos homens do norte. Era belo e corajoso, e não mostrava sinais de envelhecer mais depressa que seu pai. Quando os aliados, chefiados pelos descendentes dos reis, insurgiram-se contra ele, opôs-se a eles até o esgotamento de suas forças. Por fim foi cercado em Osgiliath, mas resistiu por muito tempo, até que a fome e os exércitos mais numerosos dos rebeldes o expulsaram, deixando a cidade em chamas. Naquele cerco e naquele incêndio, a Torre da Cúpula de Osgiliath foi destruida, e o *palatír* se perdeu nas águas.

"Mas Eldacar enganou seus inimigos; veio para o norte, juntando-se aos seus parentes em Rhovaníon. Muitos ali se juntaram a ele, tanto dentre os homens do norte a serviço de Gondor quanto dentre os dúnedain das regiões setentrionais do reino. Muitos dos dúnedaín tinham aprendido a estimá-lo, e muitos outros vieram a odiar o usurpador. Este era Castamir neto de Calimehtar, irmão mais novo de Rómendacíl II. Além de ser um dos parentes mais próximos da coroa, ele era entre os rebeldes o que tinha o

maior número de seguidores, pois era o Capitão dos Navios, sendo apoiado pelo povo do litoral e dos grandes portos de Pelargir e Umbar.

"Não fazia muito tempo que Castamír fora entronizado, e já se mostrava arrogante e mesquinho. Era um homem cruel, como já demonstrara na tomada de Osgiliath. Fez com que Ornendil, filho de Eldacar, que foi capturado, fosse morto; e a matança e a destruição perpetradas na cidade sob suas ordens em muito excederam as necessidades da guerra. Isso foi lembrado em Minas Anor e em Ithílien, onde a estima por Castamir diminuiu ainda mais quando ficou visível que ele pouco se importava com a terra, pensando apenas nas esquadras, e quando propôs que o trono do rei fosse levado para Pelargir.

"Dessa forma, seu reinado contava com apenas dez anos quando Eldacar, agarrando a sua oportunidade, saiu do norte com um grande exército, e muitos outros homens de Calenardhon, Anórien e Ithilien juntaram-se a ele. Houve uma grande batalha em Lebennin e nas Travessias do Erui, na qual grande parte do melhor sangue de Gondor foi derramado. O próprio Eldacar matou Castamir em combate vingando assim a morte de Ornendil; mas os filhos de Castamir escaparam, e com outros de sua família e muita gente das esquadras resistiram por muito tempo em Pelargir.

"Quando tinham reunido ali toda a força que conseguiram (pois Eldacar não tinha frota para atacá-los pelo mar), eles partiram em seus navios, e se estabeleceram em Umbar. Ali criaram um refúgio para todos os inimigos do rei, e um governo independente da coroa. Umbar permaneceu em guerra contra Gondor durante muitas vidas de homens, sendo uma ameaça para a sua região litorânea e para todo o tráfego marítimo. Nunca mais foi completamente dominada até os dias de Elessar; e a região de Gondor do Sul tornou-se objeto de disputa entre os Corsários e os Reis."

"Gondor lamentou a perda de Umbar, não apenas porque o reino ficou menor no sul e seu controle sobre os homens de Harad enfraqueceu, mas também porque ali Ar-Pharazôn, o Dourado, último rei de Númenor desembarcara e humilhara o poder de Sauron. Embora grandes males tivessem acontecido posteriormente, mesmo os seguidores de Elendil lembravam com orgulho a chegada do grande exército de Ar-Pharazôn saindo das profundezas do Mar; e no ponto mais alto do promontório que

ficava acima do Porto eles tinham erguido um grande pilar branco à guisa de monumento. Em seu topo havia um globo de cristal que captava os raios do Sol e da Lua e brilhava como uma estrela luminosa que se podia avistar quando o tempo estava bom, mesmo da costa de Gondor ou do mar ocidental, a grande distância. O monumento permaneceu ali até que, depois da segunda ascensão de Sauron, que agora se aproximava, Umbar caiu sob a dominação de seus servidores. e o memorial da humilhação que ele sofrera foi derrubado."

Depois do retorno de Eldacar, o sangue da casa real e de outras casas dos dúnedain misturou-se mais ao sangue dos homens inferiores. Muitos foram mortos na Contenda das Famílias, e Eldacar via com bons olhos os homens do norte, que o ajudaram a recuperar a coroa; por esses motivos, ao povo de Gondor juntou-se um grande número de gente vinda de Rhovanion.

No princípio, essa miscigenação não apressou o declínio dos dúnedain como se temera; mas mesmo assim o declínio continuou, pouco a pouco, como já acontecia antes. Pois sem dúvida sua razão era acima de tudo a própria Terra-média, além da lenta retirada das dádivas dos númenorianos após a queda da Terra da Estrela. Eldacar viveu até os duzentos e trinta e cinco anos, e foi rei por cinquenta e oito, dos quais dez foram passados no exílio.

O segundo e maior mal abateu-se sobre Gondor no reinado de Telemnar, o vigésimo sexto rei, cujo pai, Minardil, filho de Eldacar, fora morto em Pelargir pelos Corsários de Umbar (estes foram comandados por Angamaitë e Sangabyando, os bisnetos de Castamir). Logo depois uma peste mortal chegou trazida por ventos escuros do leste. O rei e todos os seus filhos morreram, assim como muita gente do povo de Gondor, especialmente os moradores de Osgiliath. Então, devido ao cansaço e à escassez de homens, a vigilância sobre as fronteiras de Mordor cessou, e as rortalezas que guardavam as entradas ficaram desguarnecidas.

Mais tarde percebeu-se que essas coisas aconteceram ao mesmo tempo em que a Sombra se adensava na Floresta Verde, e muitos seres malignos reapareceram, sinais da ascensão de Sauron. É bem verdade que os inimigos de Gondor também sofreram, caso contrário poderiam tê-la

derrotado em sua fraqueza; mas Sauron podia esperar, e pode muito bem ser que a abertura de Mordor fosse o que ele mais queria.

Quando o rei Telemnar morreu, as Arvores Brancas de Minas Anc também murcharam e morreram. Mas Tarondor, seu sobrinho e sucessor, replantou uma muda na na Cidadela. Foi ele também quem transferiu a casa real definitivamente para Minas Mor, pois Osgiliath estava agor parcialmente abandonada, e começava a cair em ruínas. Poucos dos que haviam fugido da peste para Ithilien ou para os vales do leste estavam dispostos a retornar.

Tarondor, assumindo o trono em sua juventude, teve o reinado mais longo de todos os reis de Gondor, mas pouco pode realizar além dc reordenamento interno de seu reino e da lenta formação de suas forças. Mas Telumehtar, seu filho, lembrando-se da morte de Minardil, e sentindo-se incomodado pela insolência dos Corsários, que atacavam sua região costeira chegando até Anfalas, reuniu suas forças e em 1810 tomou Umbar de assalto. Nessa guerra os últimos descendentes de Castamir pereceram, e Umbar ficou outra vez sob o controle dos reis por um tempo. Telumehtar acrescentou ao seu nome o titulo de Umbardacil. Mas, com os novos males que logo se abateram sobre Gondor, Umbar foi novamente perdida, caindc nas mãos dos homens de Harad.

O terceiro mal foi a invasão dos Carroceiros, que consumiram as forças já minguadas de Gondor em guerras que duraram quase cem anos. Os Carroceiros eram um povo, ou uma confederação de muitos povos, que vinha do leste; eram mais fortes e estavam mais bem armados do que qualquer outro exército que aparecera antes. Viajavam em grandes carroças, e seus lideres lutavam em carruagens. Incitados pelos emissários de Sauron como se percebeu depois, eles atacaram Gondor de súbito, corei Narmacil I foi morto num combate contra eles além do Anduin, em 1856. O povo de Rhovanion do leste e do sul foi escravizado, e as fronteiras de Gondor foram naquela época recuadas para o Anduin e as Emyn Muil (considera-se que nessa época os Espectros do Anel reentraram em Mordor).

Calimebtar, filho de Narmacil II, ajudado por uma revolta er Rhovanion, vingou seu pai com uma grande vitória sobre os orientais em Dagorlad em 1899, e por um tempo o perigo ficou afastado. Foi durante c

reinado de Araphant, no norte, e de Ondoher, filho de Calimehtar, no sul que os dois reinos passaram a fazer planos juntos, após um longo período de estranhamento e silêncio. Perceberam finalmente que um único poder e uma única vontade estavam, de vários pontos diferentes, dirigindo os ataques contra os sobreviventes de Númenor. Foi nessa época que Arvedui herdeiro de Araphant, casou-se com Fíriel, filha de Ondoher (1940). Ma nenhum dos reinos conseguiu enviar auxílio ao outro, pois Angmar renovara seu ataque contra Arthedain ao mesmo tempo em que os Carroceiro reapareceram com grandes exércitos.

Muitos dos Carroceiros agora tinham penetrado no sul de Mordor feito aliança com homens de Khand e Harad Próximo; e, nesse grand ataque do norte e do sul, Gondor quase chegou à ruína. Em 1944, o re Ondober e seus dois filhos, Artamir e Faramir, caíram em batalha ao norte d Morannon, e o inimigo invadiu Itillien. Mas Eãmil, Capitão do Exército c Sul, obteve uma grande vitória em Ithílien do Sul e destruiu o exército d Harad que tinha cruzado o rio Poros.

Avançando rapidamente para o norte, ele arrebanhou todo o restante do Exército do Norte, que batia em retirada, e atacou o principa acampamento dos Carroceiros, enquanto estes se divertiam num banquete, na crença de que Gondor fora derrotada e de que nada restava para saquear. Eärnil tomou de assalto o acampamento e ateou fogo às carroças, expulsando o inimigo de Ithilien em meio a um grande tumulto. Boa parte daqueles que fugiram de sua perseguição pereceram nos Pântanos Mortos.

"Por ocasião da morte de Ondober e seus filhos, Arvedui, do Reino d Norte, reivindicou a coroa de Gondor, como descendente direto de Isildur e como marido de Fíriel, a única filha sobrevivente de Ondoher. A reivindicação foi rejeitada. Nisto, Pelendur, o regente do rei Ondoher desempenhou o principal papel.

"O Conselho de Gondor respondeu: — A coroa e a realeza de Gond pertencem unicamente aos herdeiros de Meneldil, filho de Anárion, a quem Isildur entregou este reino. Em Gondor essa herança só é considerad através de filhos homens, e não ouvimos falar que a lei em Amor seja diferente.

"A isso Arvedui respondeu: — Elendil teve dois filhos, dos quai

Isildur era o mais velho e herdeiro. Sabemos que o nome de Elendil está at hoje no topo da linhagem dos reis de Gondor, já que ele foi reconhecidc como alto rei de todas as terras dos dúnedain. Enquanto Elendil ainda vivia o governo conjunto do sul ficou a cargo de seus filhos; mas, quando ele morreu, Isildur partiu para tomar posse do alto trono de seu pai, deixando c governo do sul, de forma semelhante, para o filho de seu irmão. Ele nãc abdicou do trono em Gondor, nem pretendia que o reino de Elendil ficass dividido para sempre.

Além disso, na antiga Númenor, o cetro era passado ao descendent mais velho do rei, fosse homem ou mulher. É verdade que a lei não foi observada nas terras do exílio, sempre atribuladas pelas guerras; mas esta era a lei de nosso povo, à qual nos referimos agora, tendo em vista que os filhos de Ondoher morreram sem deixar prole[19].

"A isso Gondor não respondeu. A coroa foi reivindicada por Eärnil, capitão vitorioso, e a ele foi concedida com a aprovação de todos os dúnedain de Gondor, uma vez que ele fazia parte da casa real. Era filho de Siriondil, filho de Calimmacil, filho de Arciryas, irmão de Narmacil I Arvedui não insistiu em sua reivindicação, pois não tinha nem poder e nem vontade de se opor á escolha dos dúnedain de Gondor; apesar disso, a reivindicação nunca foi esquecida por seus descendentes, mesmo quando seu reino já tinha desaparecido. Pois aproximava-se então a hora em que c reino do Norte chegaria ao fim.

"Arvedui foi de fato o último rei, como diz seu próprio nome. Conta-se que esse nome foi-lhe dado assim que nasceu por Malbeíh, o Vidente, que disse ao seu pai: — Deve chamá-lo de Arvedui, pois ele será o último em Arthedain. Contudo, uma escolha deverá ser feita pelos dúnedain, e, se eles optarem pelo que parece menos promissor, então seu filho mudará de nome e tornar-se-á rei de um grande reino. Caso contrario, muita tristeza e muitas vidas de homens se passarão até que os dúnedain se levantem e se unam outra vez.

"Em Gondor também apenas um rei sucedeu a Eärnil. Pode ser que se a coroa e ocetro se tivessem unido, a soberania fosse mantida e muito mal teria sido evitado.

Mas Eärnil era um homem sábio, e não era arrogante, mesmo que, na

opinião dos homens de Gondor, o reino de Arthedain parecesse uma coisa insignificante, apesar de toda a nobreza da linhagem de seus senhores.

"Ele enviou mensagens para Arvedui anunciando que recebia a coroa de Gondor, de acordo com as leis e as necessidades do Reino do Sul, "ma não me esqueço da lealdade de Amor, nem nego nosso parentesco, e também não desejo que os reinos de Elendil fiquem distantes. Enviar-lhe-e ajuda quando for necessário, dentro de minhas possibilidades".

"Entretanto, passou-se muito tempo até que Eärnil se sentisse suficientemente seguro para realizar o que prometera. O rei Araphant continuava a se defender dos ataques de Angmar com forças cada vez mais reduzidas e Arvedui, quando o sucedeu, continuou procedendo do mesmo modo; mas finalmente, no outono de 1973, chegaram mensagens a Gondor dizendo que Arthedain estava em grandes dificuldades, e que o Rei dos Bruxos estava preparando um último golpe contra aquele reino. Então Eärnil enviou seu filho Eärnur para o norte com uma esquadra, o mais rápido possível, e com a maior força de que pôde dispor. Tarde demais. Antes que Eärnur chegasse aos portos de Lindon, o Rei dos Bruxos tinha conquistado Arthedain e Arvedui tinha perecido.

"Mas quando Eärnur chegou aos Portos Cinzentos houve grande alegria e surpresa tanto entre os elfos como entre os homens. Seus navios eram tão numerosos e de tão grande calado que foi dificil encontrar onde pudessem atracar, embora tanto o Harlond quanto o Forlond também estivessem totalmente ocupados; dos navios desembarcou um exército poderoso, com munição e provisões para uma guerra de grandes reis. Pelo menos assim pareceu ao povo do norte, embora essa fosse apenas uma pequena fração do poder de Gondor. Acima de tudo, os cavalos foram elogiados, pois muitos deles vinham dos Vales do Anduin, montados por cavaleiros altos e belos, e altivos príncipes de Rhovanion.

"Então Cirdan convocou todos os que estavam dispostos a segui-lo de Lindon Ou de Amor, e quando tudo estava pronto o exército atravessou Lûn e marchou em direção ao norte, para desafiar o Rei dos Bruxos de Angmar. Diz-se que na época este morava em Fornost, lugar que enchera de gente maligna, usurpando a casa e o governo dos reis. Em seu orgulho, ele não aguardou o ataque dos inimigos em sua fortaleza, mas saiu ao encontro

deles, com a intenção de varrê-los, como já fizera com outros, para dentro do golfo de Lún.

"Mas o Exército do Oeste atacou-o saindo das Colinas d Vesperturvo, e houve uma grande batalha na planície que fica entre Nenuial e as Colinas do None As forças de Angmarjá estavam cedendo e s retirando na direção de Foruost quando o principal grupo dos cavaleiros que contornara as colinas desceu do norte, dispersando-as em meio a um grande tumulto. Então o Rei dos Bruxos, com tudo o que conseguiu reunir de su ruína, fugiu para o norte, em busca de Angmar, sua própria terra. Antes que pudesse alcançar o abrigo de Carn Dúm, foi alcançado pela cavalaria de Gondor, liderada por Eärnur. Ao mesmo tempo, uma força sob o comand de Glorfindel, o Senhor Élfico, saiu de Valfenda. Assim Angmar fo completamente derrotada, não restando nenhum homem ou orc daquele reino a oeste das Montanhas.

"Mas conta-se que, de repente, quando tudo estava perdido, o Re dos Bruxos apareceu em pessoa, vestido de negro, com uma máscara preta e montado num cavalo também negro. O medo dominou todos os que c contemplaram, mas ele escolheu o Capitão de Gondor para descarregar todo o seu ódio, e com um grito terrível cavalgou direto contra ele. Eärnur ter-lhe-ia feito frente, mas seu cavalo não suportou o ataque, desviou e levou-o para longe antes que Eärnur pudesse dominá-lo.

"Então o Rei dos Bruxos riu, e ninguém que ouviu aquilo jamai esqueceu o horror daquele grito. Mas Glorfindel então avançou em seu cavalo branco, e, em meio ao seu riso, o Rei dos Bruxos virou-se e fugiu para dentro das sombras. Pois a noite caiu sobre o campo de batalha, ele desapareceu, e ninguém viu para onde foi.

"Nesse momento Eärnur retornou cavalgando; mas Glorfindel olhando em direção á escuridão que se adensava, disse: — Não o persigam! Ele não retornará para esta terra. Muito distante ainda está sua destruição, e ele não cairá pela mão de um homem. Essas palavras muitos guardaram na memória; mas Eärnur estava zangado, desejando apenas vingar sua desgraça.

"Assim terminou o reino maligno de Angmar, e dessa forma Eärnur Capitão de Gondor, atraiu sobre si o mais intenso ódio do Rei dos Bruxos

mas muitos anos ainda se passariam antes que isso fosse revelado."

Foi assim que, durante o reinado do rei Eärnil, como posteriormente ficou claro, o Rei dos Bruxos, escapando do norte, foi para Mordor, e lá reuniu os outros Espectros do Anel, de quem era o líder. Mas foi só em 2000 que eles saíram de Mordor pela Passagem de Cirith Ungol e fecharam cerco sobre Minas Ithil, que tomaram em 2002, roubando da torre o *palantír*. Não foram expulsos enquanto durou a Terceira Era; Minas Ithil transformou-se num lugar de terror e ganhou um novo nome, Minas Morgul. Grande parte das pessoas que ainda permaneciam em Ithilien abandonaram o lugar.

Eärnur parecia-se com o pai na coragem, mas não na sabedoria. Era um homem de corpo vigoroso e sangue quente; mas não queria se casar, pois seu único prazer residia na luta, ou no exercício com armas. Sua destreza era tanta que ninguém em Gondor podia fazer-lhe frente naqueles esportes de armas com os quais ele se deliciava, mais parecendo um campeão do que um capitão ou rei, e conservando seu vigor e habilidade até uma idade mais avançada do que era normal na época.

Quando Eärnur recebeu a coroa em 2043, o rei de Minas Morgul desafiou para um combate homem a homem, escarnecendo-se dele, dizendo que Eärnur não ousara fazer-lhe frente em batalha no norte. Daquela vez Mardil, o Regente, conteve a ira do rei. Minas Anor, que se tornara a principal cidade do reino desde os dias do rei Teleniflar, sendo a residência dos reis, recebeu então um novo nome, Minas Tiritll, como a cidade sempre alerta contra o mal de Morgul.

Eärnur detivera a coroa por apenas sete anos quando o Senhor de Morgul repetiu seu desafio, caçoando do rei e dizendo que ao coração fraco de sua juventude de ele agora acrescentara a fraqueza da idade. Então Mardil não pôde mais contê-lo, e Eärnur cavalgou com uma pequena comitiva de cavaleiros até o portão de Minas Morgul. Jamais se ouviu falar outra vez de alguém daquela comitiva. Acreditou-se em Gondor que o traiçoeiro inimigo prendera o rei, e que ele tinha morrido sofrendo torturas em Minas Morgul; mas, uma vez que não havia testemunhas de sua morte Mardil, o Bom Regente, governou Gondor em seu nome por muitos anos.

Agora os descendentes dos reis tinham rareado. Seu número diminuira muito durante a Contenda das Famílias visto que, desde aquela

época, os reis se haviam tornado ciumentos e vigiavam de perto os parentes próximos. Frequentemente aqueles sobre quem recaiu alguma suspeita fugiram para Umbar e ali se juntaram aos rebeldes, enquanto outros haviam renunciado à sua linhagem, casando-se com mulheres que não tinham sangue númenoriano.

Foi assim que não se encontrou nenhum pretendente à coroa que fosse de pura estirpe, ou cuja reivindicação todos aceitassem; além disso, todos temiam a lembrança da Contenda das Famílias, sabendo que, se uma dissensão desse tipo acontecesse de novo, certamente Gondor pereceria. Portanto, embora os anos se alongassem, o regente continuou a governar Gondor, e a coroa de Elendil ficou jazendo no colo do rei Eärnil nas Casa dos Mortos, onde Eärnur a deixara.

Os regentes

A Casa dos Regentes se chamava Casa de Húrin, pois ele descendiam do regente do rei Minardil (1621-34), Húrin de Emyn Arner um homem de nobre estirpe númenoriana.

Depois de sua época, os reis sempre escolheram seus regentes entre os descendentes dele, e após a época de Pelendur a regência tornou-se hereditária como a realeza, passando de pai para filho ou para o parente mais próximo.

De fato, cada novo regente assumia seu posto prestando o juramento de "segurar o bastão e governar em nome do rei, até o seu retorno". Mas logo essas palavras passaram a ter um sentido apenas ritual, e pouca atenção se dava a elas, pois Os regentes exerciam todo o poder dos reis. Apesar disso muitos em Gondor acreditavam que um rei realmente voltaria em alguma época futura, e alguns relembravam a antiga linhagem do norte, que, pelo que se dizia, ainda continuava a viver nas sombras.

Mas contra tais pensamentos os regentes governantes fechavam seus corações.

Não obstante, os regentes nunca tomaram assento no antigo trono, e não usavam coroa ou cetro. Tinham um bastão branco apenas como símbolo de seu posto; sua bandeira era branca e sem insígnias, ao passo que a bandeira real fora sable, exibindo uma árvore branca em flor sob sete estrelas.

Após Mardil Voronwë, que foi reconhecido como o primeiro da linhagem sucederam-se vinte e quatro regentes governantes em Gondor, até a época de Denethor II, o vigésimo sexto e último. Os primeiros tempos foram tranquilos, Pois aqueles eram os dias da Paz Vigilante, durante a qual Sauron recuou ante o Poder do Conselho Branco, e os Espectros do Anel permaneceram escondidos no Vale Morgul.

Mas, a partir da época de Denethor I, a paz nunca mais reinou completamente, e, mesmo quando em Gondor não havia grande ou declarada guerra, suas fronteiras estavam sob ameaça constante.

Nos últimos anos de Denethor I, a raça dos uruks, orcs negros de grande força, pela primeira vez apareceu, vinda de Mordor, e em 2475 eles atravessaram Ithilien e tomaram Osgiliath. Boromir, filho de Denethor (cuj

nome seria dado mais tarde a Boromir dos Nove Caminhantes), derrotou-o e reconquistou Ithilien; mas no fim Osgiliath ficou arruinada, e sua grande ponte de pedra foi destruida.

Depois disso ninguém morou lá. Boromir foi um grande capitão temido até mesmo pelo Rei dos Bruxos. Era nobre e de rosto belo, um homem de corpo e vontade fortes, mas sofreu um ferimento de Morgul naquela guerra, e isso encurtou sua vida; ficou mirrado pela dor e morreu doze anos após o pai.

Depois dele veio o longo dominio de Cirion. Esse regente era vigilante e cauteloso, mas o poderio de Gondor diminuira, e a ele restava pouco mais do que defender suas fronteiras, enquanto seus inimigos (ou o poder que os movia) preparavam golpes que ele não podia evitar. Os Corsários saquearam seu litoral, mas era no norte que residia o maior perigo. Nas amplas terras de Rhovanion, entre a Floresta das Trevas e o rio Corrente, agora morava um povo cruel, totalmente dominado pela sombra de Doí Guldur. Frequentemente eles atacavam pela floresta, até que o vale do Anduin ao sul do Rio de Lis ficou em grande parte abandonado. A esses balchoth somavam-se constantemente outros, de raças semelhantes, que chegavam do leste, enquanto o povo de Calenardhon diminuía. Cirion teve de esforçar-se ao máximo para manter a fronteira do Anduin.

"Prevendo o ataque, Cirion pediu auxílio ao norte, mas foi tarde demais; naquele ano (2510), os balchoth, tendo construído muitos navios e jangadas grandes nas margens orientais do Anduin, atacaram maciçamente pelo rio e dispersaram os defensores. Um exército que subia do sul foi interceptado e empurrado para o norte pelo Limclaro, e ali foi subitamente atacado por uma horda de orcs das Montanhas e forçado a retirar-se na direção do Anduin. Então do norte chegou uma ajuda quando já não restava qualquer esperança, e as cornetas dos rohirrim se fizeram ouvir pela primeira vez em Gondor. Eorl, o Jovem, veio com seus cavaleiros e expulsou o inimigo, perseguindo os balchoth até a morte através dos campos de Calenardhon. Cirion concedeu que Eorl morasse naquela região, e este prestou a Cirion o Juramento de Eorl, garantindo assisténcia aos senhores de Gondor em casos de necessidade ou de solicitação."

Nos dias de Beren, o décimo nono regente, um perigo ainda maior

abateu-se sobre Gondor. Três grandes frotas, preparadas por longo tempo vieram de Umbar e de Harad, e atacaram as costas de Gondor com muit violência; o inimigo desembarcou em vários lugares, chegando a alcançar ao norte a foz do Isen. Ao mesmo tempo, os rohirrim foram atacados pelo leste e pelo oeste, sua terra foi devastada e o povo foi forçado a se refugiar nos vales das Montanhas Brancas. Naquele ano o Inverno Longo começou co frio e grandes nevascas vindas do norte e do leste, prolongando-se por quase cinco meses. Helm de Rohan e seus dois filhos pereceram naquela guerra houve miséria e morte tanto em Eriador como em Rohan.

Mas em Gondor, ao sul das montanhas, as coisas não correram tã mal, e antes da chegada da primavera Beregond, filho de Beren, tinh derrotado os invasores. Imediatamente enviou auxílio a Rohan. Ele foi maior capitão que surgiu em Gondor depois de Boromir; quando sucedeu pai (2763), Gondor começou a recuperar suas forças. Mas Rohan demoro mais para se refazer dos ferimentos que sofrera. Foi por esse motivo que Beren recebeu Saruman e entregou-lhe as chaves de Orthanc; a parti daquele ano (2759), Saruman passou a morar em Isengard.

Foi na época de Beregond que a Guerra entre anões e orcs foi travad nas Montanhas Sombrias (2793-9), da qual apenas rumores chegaram ao sul até que os orcs, fugindo de Nanduhirion, tentaram atravessar Rohan e s estabelecer nas Montanhas Brancas. Houve luta por muitos anos nos vale antes que o perigo terminasse.

Quando morreu Belecthor II, o vigésimo primeiro regente, a Árvor Branca também morreu em Minas Tirith, mas foi deixada de pé "até retorno do rei", pois não se conseguiu achar uma muda.

Nos dias de Túrin II, os inimigos de Gondor começaram a se mov novamente; Sauron crescera de novo em poder e o dia de seu levante se aproximava. Todo o povo de Ithilien, com exceção dos mais corajosos abandonou a região e estabeleceu-se no oeste, do outro lado do Anduin, pois a região estava infestada de orcs de Mordor. Foi Túrin quem construiu par seus soldados refúgios secretos em Ithilien, dos quais Henneth Annún foi mais guarnecido e o que ficou por maior tempo protegido.

Ele também fortificou outra vez a ilha de Cair Andros[20] para defender Anórien. Mas seu maior perigo residia no sul, onde os haradrim

tinham ocupado Gondor do Sul, e houve muita luta ao longo do Poros Quando Ithilien foi invadida por grandes exércitos, o rei Folcwine de Rohan cumpriu o Juramento de Eorl e pagou sua dívida pela ajuda trazida por Beregond, enviando muitos homens a Gondor. Com seu auxílio, Gondor teve uma vitória no cruzamento do Poros; mas ambos os filhos de Folcwine morreram em combate.

Os Cavaleiros os enterraram à moda de seu povo, e eles foram colocados em um único túmulo, pois eram irmãos gêmeos. Por muito tempo ali permaneceu o túmulo, *Haudh in Gwanur*, erguendo-se sobre a margem do rio, e os inimigos de Gondor temiam passar por ele.

Turgon sucedeu Túrin, mas de sua época lembra-se principalmente que, dois anos antes de sua morte, Sauron levantou-se outra vez, declarando-se abertamente; adentrou outra vez em Mordor, longamente preparada para ele. Então Barad-dûr foi erguida mais uma vez, e a Montanha da Perdição explodiu em chamas; o restante do Povo de Ithilien fugiu para longe. Quando Turgon morreu, Saruman tomou Isengard Com propriedade sua, e a fortificou.

"Ecthelion II, filho de Turgon, era um homem de sabedoria. Com poder que lhe restava, começou a fortalecer seu reino contra o ataque de Mordor. Encorajou todos os homens de valor, de perto ou de longe, a entrarem para seu exército, e àqueles que provaram ser dignos de confiança garantiu posição e recompensa. Em grande parte do que realizou teve a ajuda de um grande capitão, a quem estimava acima de todos. Chamavam-no Thorongil, Águia da Estrela, pois ele era rápido e tinha olhos sagazes, e usava uma estrela de prata sobre a capa. Mas ninguém sabia seu nome verdadeiro, nem onde nascera. Para encontrar-se com Ecthelion veio de Rohan, onde servira ao rei Thengel, mas não era um dos rohirrim. Era um grande líder de homens, por terra e por mar, mas partiu para as sombras de onde viera, antes que os dias de Ecthelion tivessem findado.

"Thorongil frequentemente aconselhava Ecthelion, dizendo que o exército dos rebeldes de Umbar representava grande perigo para Gondor, e uma ameaça que poderia ser mortal para os feudos do sul, se Sauron partisse para a guerra declarada. Finalmente obteve permissão do regente e reuniu uma pequena esquadra, e deslocou-se para Umbar inesperadamente

durante a noite, e lá incendiou grande parte dos navios dos Corsários. Ele mesmo derrotou o Capitão do Porto numa batalha travada no cais, e em seguida sua frota bateu em retirada com poucas perdas. Mas quando retornou a Pelargir, para a tristeza e o espanto dos homens, recusou-se a voltar para Minas Tirith, onde grandes homenagens o aguardavam.

"Enviou uma mensagem de adeus a Ecthelion, dizendo: — Outras tarefas me chamam, senhor, e muito tempo e muitos perigos deverão passar antes que eu volte outra vez para Gondor, se esse for o meu destino. — Embora ninguém pudesse imaginar quais tarefas seriam essas, nem que chamado ele recebera, sabia-se para onde fora. Pois ele tomou um barco e atravessou o Anduin, dizendo ali adeus aos seus companheiros; prosseguiu sozinho, e quando foi visto pela última vez seu rosto olhava na direção das Montanhas da Sombra.

Houve consternação na Cidade pela partida de Thorongil considerada por todos uma grande perda; menos para Denethor, filho de Ecthelion, um homem agora maduro para a regência, na qual sucedeu o pai por ocasião de sua morte, quatro anos depois.

"Denethor II era um homem orgulhoso, alto, valente, e mais majestoso que qualquer outro homem que aparecera em Gondor por muitas vidas de homens; também era sábio, enxergava longe, além de ser versado nas tradições. De fato era semelhante a Thorongil como se fosse um parente próximo, e apesar disso sempre ficava em posição inferior ao estranho nos corações dos homens e na estima de seu pai. Na época muitos pensaram que Thorongil tinha partido antes que seu rival se tornasse senhor, embora o próprio Thorongil jamais tivesse competido com Denethor, nem se considerasse algo mais que um servidor de seu pai. E em um ponto apenas os dois aconselhavam o regente de maneira diversa: Thorongil frequentemente advertia Ecthelion a não depositar confiança em Saruman o Branco, de Isengard, mas em vez disso preferir os conselhos de Gandalf, o Cinzento. Mas havia pouca amizade entre Denethor e Gandalf depois da época de Ecthelion, o Peregrino Cinzento era menos bem-vindo em Minas Tirith. Portanto, mais tarde, quando tudo ficou claro, muitos acreditaram que Denethor, que tinha uma mente mais perspicaz e enxergava mais longe que os homens de seu tempo, descobrira quem na verdade era aquele

forasteiro de nome Thorongil, e suspeitara que ele e Mithrandir pretendiam suplantá-lo.

"Quando Denethor tornou-se regente (2984), mostrou-se um governante dominador, tomando para si o controle de todas as coisas.

Falava pouco. Ouvia conselhos e depois seguia sua própria cabeça. Casara-se tarde (2976), tomando como esposa Finduilas, filha de Adrahil, de Doí Amroth. Ela era uma senhora de grande beleza e coração bondoso, mas faleceu antes que se tivessem passado doze anos.

Denethor a amava, á sua maneira, mais que qualquer outra pessoa, exceto, talvez, pelo mais velho dos dois filhos que ela lhe dera. Mas tinha-se a impressão de que ela murchava na cidade guardada, como uma flor que, nascida nos vales próximos ao mar, é transplantada para um rochedo árido. A sombra do leste a enchia de terror, e ela sempre voltava seus olhos para o sul, na direção do saudoso mar.

"Depois da morte da esposa, Denethor tornou-se mais austero e calado do que antes, e ficava sentado sozinho em sua torre por muito tempo, perdido em pensamentos, prevendo que o ataque de Mordor viria durante sua regência. Posteriormente acreditou-se que, precisando de conhecimento, mas sendo orgulhoso e confiando em sua própria força de vontade, ele ousou olhar no palantir da Torre Branca. Nenhum dos regentes ousara fazer tal coisa, nem mesmo os reis Farnil e Eãrnur, após a queda de Minas Ithil, quando o *palantír* de Isildur caiu nas mãos do Inimigo; pois a Pedra de Minas Tirith era o *palantír* de Anárion, o que mais se acordava com aquele que Sauron possuia.

"Foi dessa forma que Denethor adquiriu seu grande conhecimento sobre as coisas que se passavam em seu reino, e muito além de suas fronteiras, o que causava o espanto dos homens; mas pagara um alto preço por esse conhecimento, ficando velho antes do tempo, devido à sua disputa com a vontade de Sauron. Assim o orgulho cresceu em Denethor junto com o desespero, até que ele viu em todos os feitos de sua época apenas um combate homem a homem entre o Senhor da Torre Branca e o Senhor de Barad-dûr, e passou a desconfiar de todos os outros que resistiam a Sauron, a não ser que servissem unicamente a ele próprio.

"Assim foi-se aproximando a época da Guerra do Anel, e os filhos de

Denethor tornaram-se adultos. Boromir cinco anos mais velho, amado po seu pai, era parecido com ele nas feições e no orgulho, mas em pouca coisa mais. Pelo contrário, era um homem que se assemelhava ao rei Eärnur de antigamente, recusando-se a se casar e divertindo-se principalmente com armas; forte e destemido, preocupava-se pouco com os estudos da tradição, exceto as histórias de antigas batalhas. Faramir, o mais novo, tinha uma aparência semelhante á do irmão, mas uma mente diferente. Decifrava os corações dos homens com a mesma perspicácia do pai, mas o que lia lhe causava antes pena do que desprezo. Tinha modos gentis e era um amante da tradição e da música; portanto, muitos daquela época o julgavam menos corajoso que o irmão. Mas isso não era verdade, a não ser pelo fato de que ele não buscava glória no perigo sem razão de ser. Acolheu Gandalf todas as vezes em que este visitou a Cidade, e aprendeu tudo o que pôde da sabedoria do mago; nesse e em muitos outros pontos desagradou a seu pai.

"Apesar disso, entre os irmãos havia um grande amor, como sempre acontecera desde a infancia, quando Boromir ajudava e protegia Faramir.

Nenhum ciúme e nenhuma rivalidade surgira entre os dois desde aquela época, pela preferência do pai ou pelo elogio dos homens. Faramir não achava possível que qualquer um em Gondor conseguisse rivalizar com Boromir, herdeiro de Denethor, Capitão da Torre Branca, e Boromir pensava do mesmo modo. No entanto, o teste provou o contrário. Mas sobre tudo o que aconteceu aos três na Guerra do Anel muito se conta em outro lugar. E depois da Guerra os dias dos regentes governantes chegaram ao fim, pois o herdeiro de Isildur e Anárion retornou, o governo dos reis foi restabelecido, e a bandeira da Árvore Branca foi mais uma vez desfraldada sobre a Torre de Ecthelion."

(v)
Aqui Segue-se uma Parte da História de Aragorn e Arwen

"Arador era o avô do rei. Seu filho Arathorn pediu em casamento Gilraen, a Bela, filha de Dírhael, que por sua vez era um descendente de Aranarth. A esse casamento Dírhael se opunha, pois Gilraen era jovem ainda não atingira a idade na qual as mulheres dos dúnedain estavam acostumadas a se casar.

Além do mais — dizia ele —, Arathorn é um homem austero e já adulto, e será líder antes do que se espera; apesar disso, meu coração pressente que sua vida será curta.

"Mas Ivorwen, sua esposa, que também tinha poderes de previsão respondeu: — Maior razão para a pressa! Os dias estão ficando escuros e trazem a tempestade, e grandes coisas acontecerão. Se esses dois se casarem agora, pode ser que a esperança nasça para o nosso povo; mas, se demorarem, a esperança não virá enquanto durar esta era.

"E aconteceu que, apenas um ano após o casamento de Arathorn e Gilrean, Arador foi capturado e morto por trolls das colinas nos Morros Frios ao norte de Valfenda; Arathorn portanto tornou-se líder dos dúnedain. No ano seguinte Gilraen lhe deu um filho, a quem foi dado o nome de Aragorn. Mas Aragorn tinha apenas dois anos quando Arathorn saiu cavalgando num ataque contra os orcs, acompanhado dos filhos de Elrond, e foi abatido por uma flecha-orc que lhe perfurou o olho, e dessa forma ele realmente viveu pouco para alguém de sua raça, tendo apenas sessenta anos quando tombou.

"Então Aragorn, sendo agora o herdeiro de Isildur, foi levado com a mãe para morar na casa de Elrond, que assumiu o lugar de seu pai e veio a amá-lo como se fosse seu próprio filho. Mas ele era chamado de Estel, que significa "Esperança", e seu verdadeiro nome e linhagem foram guardados em segredo por ordem de Elrond; os Sábios sabiam que o Inimigo estava procurando descobrir quem era o Herdeiro de Isildur, caso restasse algum na terra.

"Mas, quando Estel tinha apenas vinte anos de idade, aconteceu que

um dia retornava a Valfenda depois de ter realizado grandes feitos na companhia dos filhos de Elrond; Elrond olhou para ele e ficou satisfeito, pois viu que era belo e nobre, e precocemente atingiria a idade adulta, embora ainda fosse crescer no corpo e na mente. Naquele dia, portanto, Elrond o chamou por seu verdadeiro nome, e revelou-lhe quem era, e o nome de seu pai; entregou-lhe então os legados de sua casa.

— Aqui está o anel de Barahir — disse ele —, o sinal de nosso antigo parentesco; e aqui também estão os fragmentos de Narsil. Com eles você ainda poderá realizar grandes feitos, pois eu prevejo que sua vida será mais longa que a da maioria dos homens, a não ser que o mal o acometa ou que você falhe no teste. Mas o teste será longo e difícil. O Cetro de Annúmina eu reterei, pois você ainda deve fazer por merecê-lo.

"No dia seguinte, na hora do pôr-do-sol, Aragorn caminhava sozinho na floresta; seu coração estava leve e ele cantava, pois sentia-se cheio de esperanças e o mundo era belo. E de repente, no momento em que cantava, viu uma donzela caminhando num gramado por entre os troncos brancos das bétulas; parou então assustado, pensando que se tinha perdido num sonho, ou então que recebera a dádiva dos menestréis-élficos, capazes de fazer com que as coisas por eles cantadas apareçam diante dos olhos de quem os escuta.

"Na verdade Aragorn estivera cantando uma parte da Balada de Lúthien, que conta sobre o encontro de Lúthien e Beren na Floresta de Neldoreth. E eis que Lúthien estava ali, caminhando diante de seus olhos em Valfenda, vestindo um manto prata e azul, bela como o crepúsculo em Casadelfos; seus cabelos escuros esvoaçavam num vento repentino, e sua fronte estava cingida com pedras que pareciam estrelas.

"Por um momento Aragorn observou em silêncio, mas, temendo que ela fugisse e nunca mais aparecesse, chamou-a, gritando, *Tinúviel, Tinúviel!*, da mesma forma que Beren fizera nos Dias Antigos, muito tempo atrás.

"Então a donzela virou-se para ele e sorriu, dizendo: — Quem é você? E por que me chama por esse nome?

"E ele respondeu: — Porque achei que você fosse realmente Lúthien Tinúviel, sobre quem eu estava cantando. Mas, se você não for ela, então você caminha na imagem dela.

Muitos já disseram isso — respondeu ela num tom grave. — Mas o nome dela não é o meu. Embora talvez nossos destinos não sejam diferentes. Mas quem é você?

— Estel era meu nome — disse ele —, mas sou Aragorn, filho de Arathorn, Herdeiro de Isildur, Senhor dos Dúnedain. — Mas no momento em que falava ele sentiu que sua alta linhagem, que lhe trouxera alegria ao coração, valia agora pouca coisa, e não era nada em comparação á dignidade e beleza dela.

"Mas ela riu com alegria, e disse: — Então somos parentes distantes Pois eu sou Arwen, filha de Elrond, e também me chamo Undómiel.

— Frequentemente se observa — disse Aragorn — que em tempos perigosos os homens escondem seu principal tesouro. Mas mesmo assim surpreendo-me com Elrond e com seus irmãos, pois, embora tenha vivido nesta casa desde a infancia, nunca ouvi falar de você. Como será que nunca nos encontramos antes? Com certeza seu pai não a trancou junto com seu tesouro?

— Não — disse ela, erguendo os olhos para as Montanhas que assomavam no leste. — Morei um tempo na terra dos parentes de minha mãe, em Lothlórien. Faz pouco tempo que retornei para visitar meu pai outra vez. Já faz muitos anos que não caminho em Imíadris.

"Então Aragorn ficou surpreso, pois ela não parecia mais velha do que ele, que por sua vez ainda não vivera muito mais que vinte anos na Terra-média. Mas Arwen olhou em seus olhos e disse: — Não fique admirado! Os filhos de Elrond têm a vida dos eldar.

"Então Aragorn ficou consternado, pois viu nos olhos dela a luz élfica e a sabedoria de muitos dias; mas daquela hora em diante amou Arwen Undómiel, filha de Elrond.

"Nos dias que se seguiram, Aragorn ficou calado, e sua mãe percebeu que algo estranho lhe acontecera; por fim ele cedeu às perguntas dela e contou-lhe sobre o encontro na meia-luz do bosque.

Meu filho — disse Gilraen —, sua ambição é grande, mesmo para um descendente de muitos reis. Pois esta senhora é a mais bela e a mais nobre que agora pisa sobre a terra. E não é adequado que os mortais se casem com alguém do povo élfico.

Mesmo assim, nós temos algum parentesco — disse Aragorn —, se foi verdadeira a história que me foi contada sobre meus antepassados.

— É verdade — disse Gilraen — mas isso foi há muito tempo e numa outra era deste mundo, antes que nossa raça fosse diminuída.

Portanto sinto-me receosa, pois sem a boa vontade do mestre Elronc os herdeiros de Isildur logo chegarão ao fim. Mas não julgo que você consiga a boa vontade de Elrond nesse assunto.

— Então amargos serão meus dias, e eu caminharei nas terras ermas sozinho disse Aragorn.

— Esse realmente será o seu destino — disse Gilraen, mas, embora ela tivesse um pouco do poder de previsão de seu povo, não lhe disse mais nada sobre o seu pressentimento, nem comentou com ninguém sobre o que o filho lhe dissera.

Mas Elrond via muitas coisas e decifrava muitos corações. Um dia antes do final do ano, ele chamou Aragorn ao seu aposento e disse: — Aragorn, filho de Arathorn, Senhor dos Dúnedain, ouça-me! Um grand destino o aguarda: elevar-se acima de todos os seus antepassados desde os dias de Elendil, ou então cair na escuridão com tudo o que resta de sua estirpe. Muitos anos de provações estendem-se diante de você. Você não deve ter uma esposa, nem assumir compromisso com qualquer mulher, até que seu tempo chegue e que você seja considerado digno disso.

"Então Aragorn ficou perturbado, e disse: — Será que minha mãe mencionou algo sobre esse assunto?

— Não, não mencionou nada — disse Elrond. — Seus próprios olhos o traíram. Mas não estou falando apenas de minha filha. Você ainda não deve compromete-se com a filha de homem algum. Mas quanto a Arwen, a Bela Senhora de Imíadris e de Lórien, Estrela Vespertina de seu povo, ela é d uma linhagem superior á sua, e já viveu neste mundo tanto tempo que para ela você não passa de um tenro broto ao lado de uma bétula jovem de muitos verões. Ela está muito acima de você. E também acho provável que ela pense assim. Mas mesmo se não fosse o caso, e o coração dela se voltasse na direção do seu, eu ainda me sentiria triste por causa do destino que nos foi imposto.

"Que destino é esse? — perguntou Aragorn.

— Que, enquanto eu permanecer aqui, ela viverá com a juventude dos eldar — i.espondeu Elrond —, e quando eu partir ela irá comigo, se assim escolher.

— Estou vendo — disse Aragorn — que fixei meus olhos num tesourc não menos precioso que o de Thingol, desejado outrora por Beren. Este (meu destino.

— Então, de súbito, o poder de previsão de seu povo aflorou-lhe na mente, e ele disse: — Mas veja, mestre Elrond! Os anos de sua permanênci. estão chegando ao fim, e a escolha logo deverá ser imposta aos seus filhos, a escolha de se separarem ou do senhor ou da Terra-média.

— É verdade — disse Elrond. — Logo, pelos nossos cálculos, embora muitos anos dos homens ainda devam se passar. Mas não haverá escolha para Arwen, minha amada filha, a não ser que você, Aragorn, filho de Arathorn, se coloque entre nós e faça com que um de nós dois, você ou eu, sofra uma separação amarga, que ultrapassará o fim do mundo. Você ainda não compreende o que deseja de mim. — Elrond suspirou e depois de um tempo, olhando gravemente para o jovem, disse outra vez: — Os anos trarão o que devem trazer. Não vamos falar mais nisso até que muitos se tenham passado. Os dias estão escurecendo, e muito está por vir.

"Então Aragorn despediu-se carinhosamente de Elrond, e no di. seguinte disse adeus à mãe, e ás pessoas da casa de Elrond e a Arwen partindo para os ermos.

Por quase trinta anos trabalhou na causa contra Sauron, e tornou-se amigo de Gandalf, o Sábio, do qual ganhou muita sabedoria. Com ele fe: muitas viagens perigosas, mas enquanto os anos se passavam viajava sozinho com mais frequência.

Seus caminhos eram longos e difíceis, e ele assumiu uma aparência rústica, a não ser quando casualmente sorria; mesmo assim os homens o consideravam digno de honra, como um rei no exílio, nos momentos em que ele não escondia sua verdadeira aparência. Pois ele circulava sob muitos disfarces, e obteve fama sob muitos nomes.

Cavalgou com o exército dos rohirrim, lutou para o Senhor de Condor por terra e mar e depois, na hora da vitória, desapareceu para não ser mais visto pelos homens do oeste, e viajou pelo distante leste e pelas profundezas

do sul, explorando os corações dos homens, bons e maus, e revelando os planos e estratégias dos servidores de Sauron.

"Assim acabou se tornando o mais resistente dos homens vivos, habilidoso em seus ofícios e erudito nas suas tradições, e apesar disso era mais do que eles; pois tinha a sabedoria dos elfos, e havia uma luz em seus olhos que, quando se acendia, poucos podiam suportar. Seu rosto era triste e austero por causa do destino que lhe fora imposto, e apesar disso a esperança sempre morou nas profundezas de seu coração, do qual a alegria ás vezes jorrava como uma fonte que jorra de uma rocha.

"Veio a acontecer que, aos quarenta e nove anos de idade, Aragorn estava retornando de perigos nos escuros confins de Mordor, onde Sauron passara a morar de novo, ocupando-se do mal. Vinha cansado e desejava voltar a Valfenda para descansar um pouco, antes de viajar para terras distantes; em seu caminho passou pelas fronteiras de Lórien e foi recebido na terra oculta pela Senhora Galadriel.

"Ele não sabia, mas Arwen Undómiel também estava lá, passando outra temporada com os parentes da mãe. Mudara pouco, pois os anos mortais haviam passado por ela sem deixar marcas; mas seu rosto estava mais sério, e raramente se ouvia seu riso. Mas Aragorn crescera, atingindo a plenitude no corpo e na mente, e Galadriel pediu que tirasse suas vestes gastas pela viagem e o vestiu em prata e branco, com um manto de cinza-élfico, colocando uma pedra brilhante sobre sua testa. Então sua aparência ficou superior à de qualquer homem, e ele mais parecia um Senhor Élfico das Ilhas do Oeste. E foi assim que Arwen o contemplou pela primeira vez após a longa separação; e enquanto ele veio caminhando ao encontro dela sob as árvores de Caras Galadhon, que estavam carregadas de flores douradas, ela fez sua escolha e selou seu destino.

"Então por um tempo os dois passearam juntos nas clareiras de Lothlórien, até que chegou a hora de ele partir. E, na tardinha do Solstício de Verão, Aragorn, filho de Arathorn, e Arwen, filha de Elrond, foram até bela colina Cerin Amroth, no centro daquele lugar, e andaram descalços sobre a relva sempre verde, com elanor e niphredil ao redor de seus pés. E ali, sobre aquela colina, olharam para o leste, na direção da Sombra, e para o oeste, na direção do Crepúsculo, e comprometeram-se um com o outro e

sentiram-se felizes.

E Arwen disse:

— Escura é a Sombra, e mesmo assim meu coração se alegra; pois você, Estel, estará entre os grandes cuja coragem irá destruí-la.

Mas Aragorn respondeu: Infelizmente não posso prever esse fato, e o modo como virá a acontecer está oculto para mim. Mas com sua esperança hei de esperar. E rejeito a Sombra com todas as minhas forças. Mas da mesma forma, senhora, o Crepúsculo não é para mim; pois sou mortal, e se você ficar ao meu lado, Estrela Vespertina, deverá também renunciar ao Crepúsculo.

"Ela então ficou imóvel como uma árvore branca, olhando para o oeste; por fim, disse:

— Vou ficar ao seu lado, Dúnadan, e dar as costas para o Crepúsculo.

Apesar disso, lá fica a terra de meu povo, e a antiga casa de toda a minha família.

— Ela amava o pai intensamente.

"Quando Elrond ficou sabendo da escolha da filha, ficou em silêncio embora seu coração se tivesse entristecido, percebendo que o destino tanto tempo temido não era nada fácil de suportar. Mas, quando Aragorn chegou outra vez a Valfenda, chamou-o á parte e lhe disse: Meu filho, aproximam-se os anos em que a esperança vai desaparecer, e além deles pouco está claro para mim. E agora uma sombra paira entre nós. Talvez assim tenha sido prescrito, que por minha perda o poder dos reis dos homens possa ser restaurado. Portanto, embora o ame, digo-lhe isto: Arwen Undómiel não diminuirá a dádiva de sua vida por uma causa menor. Ela não será a noiva de ninguém que não seja o rei de Condor e de Amor. Para mim, até mesmo nossa vitória só poderá trazer tristeza e separação mas para você poderá trazer esperança de alegria por um tempo. É uma pena, meu filho! Receio que para Arwen o destino dos homens possa ser dificil no final.

"Assim ficou acertado entre Elrond e Aragorn, e eles não falaram mais desse assunto; mas Aragorn partiu outra vez na direção do perigo e do trabalho árduo.

E enquanto o mundo escurecia e o medo caía sobre a Terra-média, á medida que o poder de Sauron crescia e Barad-dûr se erguia cada vez mais

alta e forte, Arwen permaneceu em Valfenda, e, quando Aragorn estava fora, de longe ela cuidava dele em pensamento; e na esperança fez para ele um estandarte grande e majestoso, digno de ser exibido apenas por alguém que reivindicasse o trono dos númenorsanos e a herança de Elendil.

"Depois de alguns anos, Gilraen despediu-se de Elrond e retornou para o seio de seu próprio povo em Eriador, e viveu sozinha; raras vezes viu o filho de novo, pois ele passava muitos anos em terras distantes. Mas uma vez, quando Aragorn tinha retornado do norte, ele foi vê-la, e ela lhe disse antes de sua partida:

— Esta é a nossa última despedida, Estel, meu filho. Estou envelhecida pela preocupação, mesmo para uma pessoa pertencente á raça dos homens inferiores; e, agora que se aproxima, não posso enfrentar a escuridão de nosso tempo, adensando-se sobre a Terra-média. Deixarei este lugar em breve.

"Aragorn tentou consolá-la, dizendo: — Apesar disso, ainda pode haver uma luz além da escuridão; se for assim, eu gostaria que a senhora a visse e se alegrasse.

"Mas ela respondeu apenas com este *linnod*:

Onen i-Estel Edain, ú-chebin estel anim[21],

e Aragorn foi-se embora com o coração pesado. Gilraen morreu antes da primavera seguinte.

"Assim se aproximaram os anos da Guerra do Anel, sobre a qual se conta mais em outro lugar: sobre como se revelou o meio inesperado pelo qual Sauron poderia ser derrotado, e sobre como uma esperança além de qualquer esperança foi concretizada. E aconteceu que na hora da derrota Aragorn surgiu do mar e desfraldou o estandarte de Arwen na batalha dos Campos de Pelennor, e naquele dia foi pela primeira vez aclamado como rei. E por fim, quando tudo estava consumado, ele assumiu a herança de seus antepassados e recebeu a coroa de Condor e o cetro de Amor; e no Solstício de Verão do ano da Queda de Sauron ele tomou a mão de Arwen Undómiel, e os dois se casaram na cidade dos reis.

"A Terceira Era terminou em vitória e esperança; apesar disso

melancólica entre as tristezas daquela Era foi a despedida de Arwen e Elrond, pois os dois foram separados pelo Mar e por um destino que ultrapassava o fim do mundo. Quando o Grande Anel foi desfeito, e os Três foram despojados de seu poder, Elrond por fim ficou cansado e abandonou a Terra-média, para nunca mais voltar.

Arwen tornou-se uma mulher mortal, mas apesar disso não era seu destino morrer até perder tudo o que ganhara.

"Como rainha dos elfos e dos homens, ela viveu com Aragorn por cento e vinte anos em grande glória e felicidade; mas por fim ele sentiu a aproximação da velhice e sabia que seu tempo de vida estava se esgotando, por mais longo que pudesse ter sido. Então Aragorn disse a Arwen:

— Finalmente, Senhora Estrela Vespertina, belíssima neste mundo, e muitíssano amada, meu mundo está se acabando. Eis que acumulamos e gastamos, e agora a hora do pagamento se aproxima!

"Arwen sabia o que ele pretendia, tendo previsto tudo muito tempo antes; não obstante, foi derrotada pela tristeza: Então iria, meu senhor, antes de seu tempo, abandonar seu povo, que vive graças ao seu comando? — disse ela.

Não antes de meu tempo — respondeu ele. — Pois, se não for agora deverei ir em breve, á força. E Eldarion, nosso filho, é um homem maduro para o trono.

"Então, dirigindo-se para a Casa dos Reis, na rua Silenciosa, Aragorn deitou-se no longo leito que lhe fora preparado. Ali disse adeus a Eldarion, e entregou-lhe nas mãos a coroa alada de Gondor e o cetro de Amor; depois todos o deixaram, com exceção de Arwen, que ficou sozinha ao lado do leito. E, com toda a sua sabedoria e nobreza, ela não pôde evitar de implorar que ele ficasse ainda por mais um tempo. Ainda não estava cansada de seus dias, e assim provou o gosto amargo da mortalidade que assumira para si.

— Senhora Undómiel — disse Aragorn —, a hora é realmente dificil mas ela foi feita no mesmo dia em que nos encontramos sob as bétulas brancas no jardim de Elrond, por onde agora ninguém caminha. E sobre a colina de Cerin Amroth, quando rejeitamos tanto a Sombra como o Crepúsculo, foi este o destino que aceitamos. Aconselhe-se consigo mesma minha amada, e pergunte-se se realmente gostaria que eu esperasse até

mirrar e cair de meu alto trono, sem virilidade e sem razão. Não, senhora, sou o último dos númenorianos, e o último rei dos Dias Antigos; a mim fo concedida não apenas uma longevidade três vezes maior que a dos homens da Terra-média, mas também a graça de ir quando quisesse, devolvendo a dádiva. Agora, portanto, vou dormir. Não lhe direi palavras de consolo, pois não há consolo para uma dor assim nos círculos do mundo. A escolha suprema se coloca diante de você: arrepender-se e ir para os Portos, levando para o oeste a lembrança dos dias que passamos juntos, que lá serão sempre verdes, embora não passem de uma lembrança, ou então conformar-se com o Destino dos homens.

— Não, querido senhor — disse ela. — Essa escolha há muito não existe mais. Agora não há um navio que pudesse me levar para lá, e devo de fato me conformar com o Destino dos homens, quer queira quer não: a perda e o silêncio. Mas digolhe, Rei dos Númenorianos, só agora entendo a histórı de seu povo e de sua queda. Desprezei-os como tolos miseráveis, mas por fim sinto pena deles. Pois, se realmente esta for, como dizem os eldar, a dádiva do Um concedida aos homens, é uma dádiva amarga de receber.

— Assim parece disse ele. — Mas não nos deixemos derrotar no último teste, nós que há muito tempo renunciamos á Sombra e ao Anel Devemos partir com tristeza, mas não com desespero. Veja! Não estamos para sempre presos aos círculos do mundo, e além deles há mais do que lembrança. Adeus! Estel, Estel! — gritou ela, e nesse momento, na hora em que tomou sua mão e a beijou, Aragoro adormeceu. Então revelou-se nele uma grande beleza, tanto que todos os que vieram depois para vê-lo olhavam-no admirados, pois viam que a graça de sua juventude, a coragem de sua virilidade, a sabedoria e a majestade de sua velhice estavam mescladas em seu rosto. E por muito tempo ficou ali deitado, uma imagem do esplendor dos Reis dos Homens, numa glória que não se apagou antes da destruição do mundo.

"Mas, quando Arwen saiu da Casa, a luz de seus olhos se apagara, e seu povo teve a impressão de que ela se tornara fria e cinzenta como o cair de uma noite de inverno, que chega sem uma estrela. Então ela disse adeus a Eldarion e às filhas, e a todos aqueles a quem amava; partiu da cidade de Minas Tirith e passou para a terra de Lóríen; e viveu lá sozinha, sob a

árvores que iam murchando, até que o inverno chegou. Galadriel tinha-se ido, Celeborn também, e a terra estava em silêncio.

"Então, por fim, quando as folhas de maílom estavam caindo, mas a primavera ainda não chegara, ela se deitou para descansar sobre Cerin Amroth, e lá está seu túmulo verde, até que o mundo se altere, e todos os dias de sua vida sejam completamente esquecidos por homens que vierem depois, e elanor e niphredil não mais floresçam a leste do Mar.

"Aqui termina esta história, como nos chegou do sul; e com a passagem da Estrela Vespertina nada mais se lê neste livro sobre os dias de outrora."

II
A CASA DE EORL

"Eorl, o Jovem, era o senhor dos homens de Éothéod. Essa regiã ficava perto das nascentes do Anduin, entre as cadeias mais distantes das Montanhas Sombrias e as partes mais setentrionais da Floresta das Trevas Os éothéod haviam-se mudado para aquelas paragens nos dias do rei Eärni II, tendo vindo das terras nos vales do Anduin, entre o Carrock e o Rio d Lis, e eram originariamente parentes proximos dos beornings e dos homens das orlas ocidentais da floresta. Os antepassados de Eorl afirmavam se descendentes dos reis de Rhovanion, cujo reino ficava além da Floresta das Trevas antes das invasões dos Carroceiros, e dessa forma consideravam-se parentes dos reis de Gondor que descendiam de Eldacar. Davan preferência às planícies e deliciavam-se com cavalos e com todas as proezas da equitação, mas naqueles dias havia muitos homens nos vales centrais do Anduin, e além disso a sombra de Doí Guldur se alongava; portanto, quand tomaram conhecimento da derrota do Rei dos Bruxos, procuraram mai espaço no norte, e expulsaram os remanescentes do povo de Angmar dc lado leste das Montanhas. Mas nos dias de Léod, pai de Eorl, seu povo s tornara numeroso, ficando de certa forma mais uma vez comprimido na terra que era seu lar.

"No ano dois mil quinhentos e dez da Terceira Era, um novo perig ameaçou Gondor. Um grande exército de bárbaros do nordeste se espalhou em Rhovanion e, descendo das Terras Castanhas, atravessou o Anduin en jangadas. Ao mesmo tempo, por acaso ou por estratégia, os orcs (que naquela época, antes de sua guerra contra os anões, formavam um poderoso exército) desceram das Montanhas. Os invasores assolaram Calenardhon, Cirion, regente de Gondor, pediu a ajuda do norte; havia uma antig amizade entre os homens do Vale do Anduin e o povo de Gondor. Mas n Vale do Rio os homens agora eram poucos e estavam espalhados, e demoraram para prestar o auxílio possível. Por fim Eorl recebeu noticia sobre a dificuldade de Gondor e, embora parecesse muito tarde, partiu com um grande exército de cavaleiros.

"Assim chegou à batalha do Campo de Celebrant, pois esse era

nome da terra verde que ficava entre o Veio de Prata e o Limclaro. Ali o exército do norte de Gondor corria perigo. Derrotados no Descampado e isolados do sul, seus homens tinham sido forçados a atravessar o Limclaro, e foram subitamente atacados pelo exército dos orcs que os empurrava na direção do Anduin. Não havia mais esperanças quando, inesperadamente os Cavaleiros surgiram do norte e investiram contra a retaguarda do inimigo. Então as chances da batalha se inverteram, e o inimigo foi expulso através do Limclaro com muitas baixas. Eorl conduziu seus homens numa perseguição, e tão grande era o medo que precedia os cavaleiros do norte que os invasores do Descampado também ficaram em pânico, e foram perseguidos pelos homens de Eorl através das planícies de Calenardhon.

"O povo daquela região se tornara pouco numeroso desde a Peste, e os que restaram tinham sido mortos pelos selvagens orientais. Cirion, portanto, como recompensa pela ajuda recebida, doou a região de Calenardhon que fica entre o Anduin e o Isen a Eorl e seu povo; este mandaram buscar no norte suas esposas, filhos e pertences, assentando-se naquela região. Deram-lhe um novo nome, Terra dos Cavaleiros, e passaram a se autodenominar eorlingas; mas em Gondor sua terra era chamada Rohan, e seu povo os rohirrim (ou seja, Senhores dos Cavalos). Assim Eorl se tomou o primeiro rei da Terra dos Cavaleiros, e escolheu para morar uma colina verde á frente dos pés das Montanhas Brancas, que formavam a fronteira sul de sua terra.

Ali os rohirrim passaram a viver como homens livres, seguindo seu próprio rei e suas próprias leis, mas em aliança perpétua com Gondor.

"Muitos senhores e guerreiros, e muitas mulheres belas e corajosas, são mencionados nas canções de Rohan que ainda evocam o norte.

Frumgar, dizem eles, era o nome do líder que conduziu seu povo para Éothéod. Sobre seu filho, Fram, contam que matou Scatha, o grande dragão de Ered Mithrin, deixando aquela terra livre dos grandes-vermes. Dessa forma Fram adquiriu grandes riquezas, mas entrou em desentendimento com os anões, que reivindicavam o tesouro de Scatha. Fram não se mostrou disposto a lhes entregar uma única moeda, e em vez disso enviou-lhes um colar com os dentes de Scatha, acompanhado dos dizeres: "Joias como estas não têm similar em seus tesouros, pois são dificeis de se conseguir." Alguns

dizem que os anões mataram Fram por tal insulto. Não havia grande estima entre os éothéod e os anões.

"Léod era o nome do pai de Eorl. Era domador de cavalos selvagens pois na época havia muitos naquela região. Capturou um potro branco, que logo se transformou num cavalo forte, belo e altivo. Ninguém podia dominá-lo. Quando Léod tentou montá-lo, o animal carregou-o para longe, e por fim jogou-o ao chão; a cabeça de Léod bateu contra uma pedra, e assim ele morreu. Contava com apenas quarenta e dois anos de idade, e seu filho era um rapaz de dezesseis.

"Eorl jurou que vingaria o pai. Por muito tempo caçou o cavalo, e por fim o avistou; seus companheiros esperavam que ele fosse tentar se aproximar e matá-lo com uma flechada. Mas, quando se aproximaram, Eorl pôs-se de pé e chamou o animal em voz alta:

— Venha cá, Ruína do Homem, e receba um novo nome!

Para a surpresa de todos, o cavalo olhou na direção de Eorl aproximou-se a parou ao lado dele. Eorl disse:

— Eu o nomeio Felaróf. Você amava sua liberdade, e não o culpo por isso.

Mas agora você me deve uma grande compensação, e deverá entregar sua liberdade a mim até o fim de sua vida.

"Então Eorl o montou, e Felaróf se submeteu; Eorl conduziu-o para casa sem rédea ou freio, e depois disso sempre o montou dessa forma. O cavalo entendia tudo o que os homens diziam, embora não permitisse que ninguém, exceto Eorl, o montasse. Foi montado em Felaróf que Eorl cavalgou para o Campo de Celebrant, pois aquele cavalo provou ter uma vida longa como a dos homens, o mesmo sucedendo com seus descendentes. Estes eram os mearas, que não carregavam ninguém, a não ser o rei da Terra dos Cavaleiros ou seus filhos, até a época de Scadufax. A seu respeito os homens diziam que Béma (a quem os eldar chamavam de Oromé) teria trazido o pai deles do oeste, além do Mar.

"Dos reis da Terra dos Cavaleiros entre Eorl e Théoden fala-se muito em Helm Mão-de-Martelo. Era um homem austero, de grande força.

Havia naquele tempo um homem chamado Freca, que afirmava ser descendente do rei Fréawine, embora tivesse, afirmavam os homens, muito

sangue da Terra Parda, e os cabelos escuros. Ficou rico e poderoso possuindo amplas terras dos dois lados do Adorn[22]. Perto da nascente desse rio, construiu para si uma fortaleza, dando pouca atenção ao rei. Helm não confiava nele, mas o convocava para seus conselhos; Freca vinha quando queria.

"Para participar de um desses conselhos, Freca chegou cavalgando acompanhado de muitos homens, e pediu a mão da filha de Helm para seu filho Wulf. Mas Helm disse:

— Você cresceu desde que esteve aqui pela última vez; principalmente em gordura, eu acho —; os homens riram disso, pois Freca tinha uma barriga volumosa.

"Então Freca ficou furioso e insultou o rei, dizendo por fim:

— Reis velhos que recusam o bastão que lhes é oferecido podem cair de joelhos. — Helm respondeu:

— Venha! O casamento de seu filho é uma ninharia. Helm e Freca podem cuidar disso mais tarde. Enquando isso, o rei e seu conselho têm assuntos importantes a tratar.

"Quando terminou o conselho, Helm levantou-se e colocou as mãos enormes sobre os ombros de Freca, dizendo:

— O rei não permite gritarias em sua casa, mas os homens são mais livres lá fora — forçou então Freca a andar á sua frente, saindo de Edoras e entrando no campo. Aos homens de Freca que se aproximavam, ele disse:

— Fora daqui! Não precisamos de ouvintes! Vamos tratar de um assunto particular. Vão conversar com meus homens. — E eles olharam e viram que os homens e amigos do rei estavam em número muito maior que eles, e recuaram.

— Agora, terrapardense — disse o rei — você só tem de lidar com Helm, sozinho e desarmado. Mas você já disse muito, e é minha vez de falar. Freca, sua loucura cresceu com sua barriga. Você fala em um bastão! Se Helm não aprecia um bastão torto que lhe é jogado, ele o quebra. Assim! — Com essas palavras, deu um murro em Freca com tal força que ele caiu zonzo para trás, e morreu logo em seguida.

"Helm então declarou que o filho de Freca e seus parentes próximos eram inimigos do rei, e eles fugiram, pois imediatamente Helm enviou

muitos cavaleiros para as fronteiras ocidentais."

Quatro anos mais tarde (2758), grandes problemas sobrevieram a Rohan, e nenhum auxílio pôde ser enviado de Gondor, pois três esquadras dos Corsários atacaram aquele reino e havia guerra ao longo de todo o litoral. Ao mesmo tempo, Rohan foi mais uma vez invadida pelo leste, e os homens da Terra Parda, percebendo sua oportunidade, atravessaram o Isen e desceram de Isengard. Ficou-se logo sabendo que Wulf era o seu líder. Formavam um grande exército, pois juntaram-se a ele os inimigos de Gondor que desembarcaram na foz do Lefnui e na do Isen.

Os rohirrim foram derrotados e sua terra foi assolada; os que não foram mortos ou escravizados fugiram para os vales das montanhas. Helm foi expulso das Travessias do Isen com grandes perdas, refugiando-se no Forte da Trombeta e no precipício que ficava mais atrás (que depois ficou conhecido como Abismo de Helm). Ali ficou sitiado. Wulf tomou Edoras e sentou-se em Meduseld, intitulando-se rei. Ali Haleth, filho de Helm, foi o último a morrer, defendendo as portas.

"Logo em seguida começou o Inverno Longo, e Rohan ficou coberto de neve por quase cinco meses (de novembro a março, 2758-9). Tanto os rohirrim como seus inimigos sofreram enormemente com o frio, e com a escassez que se prolongou por mais tempo.

No Abismo de Helm houve muita fome depois do Iule; sentindo-se desesperado, contra o conselho do rei, Háma, seu filho mais novo, conduziu um grupo de homens numa surtida com a intenção de saquear as provisões do inimigo, mas todos se perderam na neve. Helm tornou-se feroz e sombrio devido á penúria e á tristeza, e apenas o terror que causava já valia muitos homens na defesa do Forte.

Ele saía sozinho, vestido de branco, e se esgueirava como um troll-de-neve pelos acampamentos inimigos, matando muitos homens com as próprias mãos.

Acreditava-se que, se ele não levava arma alguma, nenhuma arma poderia feri-lo. Os terrapardenses diziam que, se ele não conseguisse encontrar comida, devorava homens. A história sobreviveu por muito tempo na Terra Parda. Helm tinha uma grande trombeta, e logo notou-se que antes de investir contra o inimigo ele emitia um clangor que ecoava no

Abismo; então um pavor tão profundo dominava seus inimigos que, em vez de se reunirem para prendê-lo ou matá-lo, eles fugiam Garganta abaixo.

"Uma noite os homens ouviram a trombeta tocar, mas Helm não retornou. Na manhã seguinte surgiu um raio de sol, o primeiro depois de muitos dias, e eles viram um vulto branco parado, imóvel sobre o Dique, sozinho, pois nenhum dos terrapardenses ousava se aproximar. Ali estava Helm, morto como pedra, mas ainda ereto. Mesmo assim dizia-se que a trombeta ainda foi ouvida algumas vezes no Abismo e que o espectro de Helm caminhava em meio aos inimigos de Rohan, matando os homens de medo.

"Logo depois o inverno cedeu. Então Fréaláf, filho de Hild, a irmã de Helm, desceu do Templo da Colina, para o qual muitos haviam fugido, e com uma pequena comitiva de homens desesperados surpreendeu Wulf em Meduseld e o matou, reconquistando Edoras. Houve grandes enchentes depois da neve, e o vale do Entágua transformou-se num enorme charco. Os invasores do leste morreram ou se retiraram, e finalmente chegou ajuda de Gondor, pelas estradas a leste e a oeste das montanhas. Antes do término do ano (2759), os terrapardenses foram expulsos, até mesmo de Isengard; então Fréaláf tornou-se rei.

"Helm foi trazido do Forte da Trombeta e colocado no nono túmulo. Sempre depois disso, a branca simbelmynë cresceu ali espessa, de modo que o túmulo parecia estar coberto de neve. Quando Fréaláf morreu, iniciou-se uma outra fileira de túmulos."

O povo dos rohirrim foi dramaticamente reduzido pela guerra, pela miséria e pela perda do gado e dos cavalos, e foi bom que mais nenhum grande perigo voltasse a ameaçá-los por muitos anos, pois foi só na época do rei Folcwine que eles recuperaram a antiga força.

Foi durante a cerimônia de coroação de Fréaláf que Saruman apareceu, trazendo presentes, e elogiando muito a coragem dos rohirrim.

Foi bem recebido por todos.

Logo em seguida ele passou a morar em Isengard. Para isso, Beren, regente de Gondor, lhe deu permissão, pois Gondor ainda afirmava que Isengard era uma fortaleza de seu reino, não pertencendo a Rohan. Beren também permitiu que Saraman guardasse as chaves de Orthanc. Aquel

torre nunca fora invadida ou danificada por qualquer inimigo.

Dessa forma Saruman começou a se comportar como um senhor de homens, pois no início vigiava Isengard como um tenente do regente e um guardião da torre. Mas Fréaláf estava tão satisfeito quanto Beren em relação a isso, considerando que Isengard estava nas mãos de um amigo forte. Um amigo foi o que Saruman pareceu ser por muito tempo, e talvez no início fosse um amigo sincero. Apesar disso, posteriormente restaram poucas dúvidas nas mentes dos homens de que Saruman foi para Isengard na esperança de ainda encontrar ali a Pedra, e com o propósito de construir um poder para si próprio. Com certeza, depois do último Conselho Branco (2953), seus desígnios com relação a Rohan, embora ele os escondesse, eram malignos. Então ele tomou Isengard como se fosse propriedade sua, e começou a transformá-la num lugar de força e medo, como se pretendesse rivalizar com Barad-dûr. Conquistou amigos e servidores entre todos aqueles que odiavam Gondor e Rohan, fossem eles homens ou outras criaturas mais malignas.

Os Reis da Terra dos Cavaleiros

Primeira Linhagem

Ano[23]

2485-2545 1. *Eorl, o Jovem* Era assim chamado porque sucedeu o pai ainda na juventude e permaneceu loiro e corado até o fim de sua vida. Esta foi encurtada por um novo ataque dos orientais. Eorl morreu em combate no Descampado, e o primeiro túmulo foi erigido. Felaróf também foi colocado ali.

2512-70 2. *Brego.* Expulsou o inimigo do Descampado, e Rohan não voltou a ser atacada por muitos anos. Em 2569 ele terminou o grande palácio de Meduseld. Durante o banquete de inauguração, seu filho, Baldor, jurou que iria trilhar "as Sendas dos Mortos", e nunca mais retornou. Brego morreu de tristeza no ano seguinte.

2544-2645 3. *Aldor o Velho.* Era o segundo filho de Brego. Tornou-se conhecido como "o Velho", já que viveu até uma idade avançada, e foi rei por 75 anos. Em sua época, os rohirrim aumentaram em número, e expulsaram ou subjugaram os últimos terrapardenses que restavam a leste do Isen. O Vale Harg e outros vales foram povoados. Sobre os três reis seguintes há poucas informações, pois em sua época Rohan prosperou e teve paz.

2570-2659 4. *Erda.* Varão mais velho, mas o quarto descendente de Aldor; já estava velho quando se tornou rei.

2594-2680 5. *Fréawine.*

26 19-99 6. *Goldwine.*

2644-2718 7. *Déor.* Em sua época os terrapardenses atacaram várias vezes através do Isen. Em 2710 ocuparam o círculo abandonado de Isengard, e não foi possível expulsá-los.

2668-2741 8. *Gram.*

2691-2759 9. *Heim Mão-de-Martelo.* No final de seu reino, Rohan sofreu grandes perdas, devido a invasões e ao Inverno Longo. Helm

pereceu, bem como seus filhos Háma e Haleth. Fréaláf, filho da irmã de Helm, tornou-se rei.

2726-98 10. *Fréaláf, filho de Hild.* Em sua época Saruman chegou a Isengard, de onde os terrapardenses tinham sido expulsos. Os rohirrim no início lucraram com a amizade dele, nos dias de miséria e fraqueza que se seguiram.

2752-2842 11. *Brytta.* Seu povo o chamava de Léofa, pois era amado por todos; era generoso e ajudava a todos os necessitados. Em sua época houve uma guerra contra os orcs, que, expulsos do norte, procuraram refugio nas Montanhas Brancas. Por ocasião de sua morte, pensou-se que todos os orcs tinham sido expulsos, mas não era assim.

2780-2851 12. *Walda.* Foi rei por apenas nove anos. Foi morto com todos os seus companheiros quando foram capturados numa cilada por orcs, ao cruzarem as passagens das montanhas, vindos do Templo da Colina.

2804-64 13. *Folca.* Foi um grande caçador, mas jurou não perseguir qualquer animal selvagem enquanto restasse um orc em Rohan. Quando a última fortaleza-orc foi encontrada e destruída, ele partiu para caçar o grande javali de Everholt na Floresta Firien. Matou o javali mas morreu devido aos graves ferimentos que este lhe causou.

2830-2903 14. *Folcwine.* Quando se tornou rei, os rohirrim haviam recuperado sua força. Ele reconquistou a fronteira ocidental (entre o Adorn e o Isen) que os terrapardenses tinham ocupado. Rohan recebera um grande auxilio de Gondor nos dias funestos. Quando, portanto, ele ficou sabendo que os haradrím estavam atacando Gondor com grandes exércitos, enviou muitos homens em auxílio ao regente. Desejava conduzi-los em pessoa, mas foi dissuadido, e seus filhos gêmeos, Folcred e Fastred (nascidos em 2858) foram em seu lugar. Caíram lado a lado na batalha de Ithílien (2885). Túrin II, de Gondor, enviou a Folcwine uma grande compensação em ouro.

2870-2953 15. *Fengel.* Era o terceiro filho e quarto descendente de Folcwíne. Não é lembrado com elogios. Era ávido por comida e ouro, e não se entendia com seus marechais ou com seus filhos. Thengel, seu terceiro descendente e único varão, deixou Rohan quando se tornou adulto e viveu um longo tempo em Gondor, conquistando respeito a serviço de Turgon.

2905-80 16. *Thengel.* Só se casou bem tarde, mas em 2943 tomou como

esposa Morwen, de Lossamach, em Gondor, embora ela fosse dezessete ano mais jovem. Ela lhe deu três filhos em Gondor, dos quais Théoden, segundo, era o único varão. Quando Fengel morreu, os rohírrim convocaram, e ele retornou a contragosto. Mas mostrou-se um rei bondoso e sábio, embora a língua de Gondor fosse falada em sua casa, e nem todos os homens apreciassem esse fato. Morwen lhe deu mais duas filhas em Rohan e a última, Théodwyn, era a mais bela, embora tivesse nascido tarde (2963), a filha da velhice do rei. Seu irmão a amava muito. Foi logo depois do retorno de Thengel que Saruman se declarou Senhor de Isengard e começou a causar problemas a Rohan, invadindo suas fronteiras e apoiando seus inimigos.

2948-30 19 17. *Théoden.* É chamado Théoden Ednew na tradição de Rohan, pois começou a decair devido aos feitiços de Saruman; mas fo curado por Gandalf, e no último ano de sua vida levantou-se e conduziu seus homens para a vitória no Forte da Trombeta, e logo em seguida para os Campos de Pelennor, a maior batalha da Era. Caiu diante dos portões d Mundburg. Por um tempo descansou na terra onde nascera, entre os reis mortos de Gondor, mas foi trazido de volta e colocado no oitavo túmulo de sua linhagem em Edoras. Depois iniciou-se uma nova linhagem.

Terceira Linhagem

Em 2989, Théodwyn casou-se com Éomund, do Folde Oriental, o mais importante Marechal da Terra dos Cavaleiros. Seu filho Éomer nasceu em 2991, e sua filha Éowyn em 2995. Naquela época Sauron se insurgira de novo, e a sombra de Mordor se estendia na direção de Rohan. Orcs começaram a atacar as regiões orientais e a matar ou roubar cavalos. Outros desceram também das Montanhas Sombrias, muitos deles sendo grandes uruks a serviço de Saruman, embora muito tempo se passasse antes que alguém suspeitasse disso. A principal tarefa de Eomund estava nas fronteiras orientais; ele amava muito os cavalos, e odiava os orcs. Se chegassem noticias sobre um ataque, ele muitas vezes investia contra eles tomado pelo ódio, sem cautela e com poucos homens. Foi assim que ele foi morto em 3002, pois estava perseguindo um pequeno bando até as fronteiras dos Emyn Muil, e lá foi surpreendido por um grande exército que estava à espera escondido nas rochas.

Não muito depois Théodwyn ficou doente e morreu, para a grande tristeza do rei, que acolheu em sua casa os filhos dela, chamando-os de filho e filha. Théoden tinha apenas um filho, Théodred, que na época contava com vinte e quatro anos; a rainha Elfhild morrera no parto, e Théoden não voltou a se casar.

Eomer e Eowyn cresceram em Edoras e viram a sombra escura cai sobre o palácio de Théoden. Eomer era como seus antepassados, mas Éowyn era esguia e alta, tendo uma graça e uma altivez herdadas do sul, de Morwen de Lossarnach, a quem os rohirrim haviam chamado Brilho do Aço.

2991 QE. 63 (3084)*Éomer Éadig.* Ainda jovem tornou-se Marechal da Terra dos Cavaleiros (3017), tendo-lhe sido confiada a tarefa que anteriormente fora do pai nas fronteiras orientais. Na Guerra do Anel Théodred caiu em combate contra Saruman nas Travessias do Iser Portanto, antes de morrer nos Campos de Pelennor, Théoden nomeou Eomer seu herdeiro e chamou-o de rei. Naquele dia Eowyn também ganhou renome, pois lutou na batalha, cavalgando disfarçada; posteriormente ficou conhecida na Terra dos Cavaleiros como a Senhora do Braço do Escudo[24].

Éomer tornou-se um grande rei, e, sendo jovem quando sucedeu Théoden, reinou por sessenta e cinco anos, mais tempo que todos os reis dos rohirrim exceto Aldor, o Velho. Na Guerra do Anel, tornou-se amigo do re Elessar, e de Imrahil, de Doí Amroth; e com frequência cavalgava at Gondor. No último ano da Terceira Era casou-se com Lothíriel filha d Imrahil. Seu filho, Elfwine, o Belo, o sucedeu no trono.

Na época de Éomer, os homens da Terra dos Cavaleiros que desejavam paz a tiveram, e o povo cresceu nos vales e nas planícies, e seus cavalos se multiplicaram.

Em Gondor reinava agora o rei Elessar, que também governava Amor. Em todas as terras daqueles reinos de outrora ele era rei, exceto em Rohan pois renovou a dádiva de Cirion para com Éomer, e Éomer prestou outra vez o Juramento de Eorl.

Com frequência o cumpriu, pois, embora Sauron tivesse desaparecido, os ódios e maldades semeados por ele não haviam morrido, e o Rei do Oeste teve de subjugar muitos inimigos antes que a Arvore Branc pudesse crescer em paz. E, para onde quer que o rei Elessar conduzisse uma guerra, o rei Eomer o acompanhava; e além do Mar de Rhûn e nos distante campos do sul o trovão da cavalaria dos rohírrim foi ouvido, e o Cavalc Branco sobre Verde tremulou em muitos ventos até Éomer ficar velho.

III
O POVO DE DURIN

A respeito da origem dos anões histórias estranhas são contadas tanto pelos eldar quanto pelos próprios anões, mas, uma vez que essas coisas se situam longe no passado, pouco se fala sobre elas aqui. Durin é o nome que os anões usavam para o mais velho dos Sete País de sua raça, e o ancestral de todos os reis dos Barbaslongas. Ele dormiu sozinho até que, nas profundezas do tempo e no despertar de seu povo, veio para Azanulbízar, e fez sua morada nas cavernas acima do Kheledzâram, na parte leste das Montanhas Sombrias, onde depois se situaram as Minas de Moria celebradas nas canções.

Ali viveu por tanto tempo que ficou conhecido em toda parte como Durin, o Imortal. Apesar disso, acabou por morrer antes que os Dias Antigos se tivessem passado, e seu túmulo ficou em Khazad-dúm; mas sua linhagem sempre continuou, e cinco vezes nasceu em sua Casa um herdeiro tão parecido com seu Ancestral que recebia o nome de Durín. Na verdade, os anões achavam que era o Imortal que retornava, pois eles tinham muitas histórias e crenças estranhas a respeito de si e de seu destino no mundo.

Depois do final da Primeira Era, o poder e a riqueza de Khazad-dûm cresceram, pois a casa foi enriquecida por muitas pessoas, muita tradição e muitos ofícios quando as antigas cidades de Nogrod e Belegost, nas Montanhas Azuis, foram arruinadas na destruição de Thangorodrím. O poder de Moria resistiu através dos Anos Escuros e do domínio de Sauron pois, embora Eregíon tivesse sido destruída e os portões de Moria fechados os salões de Khazad-dûm eram por demais profundos e fortes e repletos de um povo demasiado numeroso e valente para que Sauron pudesse conquistá-los de fora. Assim sua riqueza permaneceu por muito tempo intacta, embora seu povo começasse a diminuir.

Aconteceu que, no meio da Terceira Era, mais uma vez Durin era o rei dos anões, sendo o sexto que levava aquele nome. O poder de Sauron servidor de Morgoth, estava então crescendo no mundo, embora a Sombra na Floresta que olhava na direção de Moria ainda não fosse conhecida pelo que era. Todos os seres malignos se agitavam.

Naquela época os anões faziam escavações profundas, vasculhando Barazínbar em busca de mithril, o metal de preço inestimável que a cada ano ficava mais difícil de conseguir. Assim eles despertaram de seu sono[25] uma criatura de terror que, fugindo de Thangorodrim, se escondera nos alicerces da terra desde a chegada do Exército do Oeste: um balrog de Morgoth. Durin foi morto por ele, e no ano seguinte Náin I, seu filho; então o esplendor de Moria desapareceu, e seu povo foi destruído ou fugiu para longe.

A maioria dos que escaparam seguiram para o norte, e Thráin I, filho de Náin, veio para Erebor, a Montanha Solitária, próxima ás bordas orientais da Floresta das Trevas; ali iniciou novos trabalhos, e tornou-se Rei-sob-a Montanha.

Em Erebor encontrou uma joia, a Pedra Arken, Coração da Montanha. Mas Thorin I, seu filho, mudou-se e penetrou no norte distante, chegando até as Montanhas Cinzentas, onde agora se reunia a maioria do povo de Durin, pois essas montanhas eram ricas e pouco exploradas. Mas havia dragões nas regiões ermas mais além, e depois de muitos anos eles ficaram fortes outra vez e se multiplicaram, e abriram guerra contra os anões, saqueando suas minas. Por fim, Dáin I, juntamente com Frór, seu segundo filho, foi morto ás portas de seu palácio por um grande dragão-frio.

Não muito depois, a maioria do Povo de Durin abandonou as Montanhas Cinzentas. Grór, filho de Dáin, foi embora com muitos seguidores para as Colinas de Ferro.

Mas Thrór, o herdeiro de Dáin, juntamente com Borin, o irmão de seu pai, e o restante do povo retornaram para Erebor. Thrór trouxe de volta para o Grande Palácio de Thráin a Pedra Arken, e ele e seu povo prosperaram ficaram ricos, tendo a amizade de todos os homens que moravam nas redondezas. Pois não só eles faziam objetos de extrema beleza e singularidade, como também armas e armaduras de grande valor, e havia um intenso comércio de minério entre eles e seus parentes das Colinas de Ferro. Dessa forma, os homens do norte, que viviam entre o Celduin (o rio Corrente) e o Carnen (Rubrágua), tornaram-se fortes e expulsaram os inimigos do leste; e os anões viviam com fartura, e havia banquetes e música nos Salões de Erebot.

Assim, rumores sobre a riqueza de Erebor se espalharam e atingiram os ouvidos dos dragões, e por fim Smaug, o Dourado, o maior de todos os dragões de seu tempo, ergueu-se e, sem avisar, investiu contra o rei Thrór, descendo em chamas na Montanha.

Não demorou muito para que todo aquele reino fosse destruído, e a cidade de Valle, que ficava nas imediações, ficou abandonada e em ruínas; mas Smaug entrou no Grande Salão e deitou-se ali sobre um leito de ouro.

Muita gente do povo de Thrór escapou do saque e do incêndio, e por último, saindo dos corredores por uma porta secreta, vieram o próprio Thrór e seu filho Thráin II. Dirigiram-se para o sul com sua familia[26], começando uma longa peregrinação sem destino. Com eles também foi uma pequena comitiva de parentes e seguidores fiéis.

Anos depois, Thrór, agora velho, pobre e desesperado, deu ao filho Thráin o único grande tesouro que ainda possuía, o último dos Sete Anéis, e então partiu com apenas um companheiro, de nome Nár. Na despedida ele disse a Thráin sobre o Anel: ainda pode acabar sendo o alicerce de uma nova fortuna para voce, embora isso possa parecer improvável. Mas o Anel precisa de ouro para gerar ouro.

— O senhor não estaria pensando em voltar para Erebor, estaria? — disse Thráin.

— Não na minha idade — disse Thrór. Nossa vingança contra Smaug eu a transmito para você e seus filhos. Mas estou cansado da pobreza e do desprezo dos homens. Vou para ver o que posso encontrar. — Ele não disse para onde. Estava um pouco perturbado talvez pela idade e pela tristeza, e por longos anos pensando no esplendor da Moria da época de seus antepassados; ou talvez o Anel estivesse voltando-se para o mal agora que seu mestre despertara, conduzindo Thrór para a loucura e a destruição. Da Terra Parda, onde agora estava morando, ele foi para o norte com Nár, e eles atravessaram a Passagem do Chifre Vermelho e entraram em Azanulbizar.

Quando Thrór chegou a Moria, encontrou o Portão aberto. Nár implorou que tivesse cuidado, mas ele não deu ouvidos ao companheiro, e entrou destemido como um herdeiro que retorna. Mas não voltou. Nár ficou ali perto, escondido, por muitos dias. Um dia ouviu um grito alto e o toque de uma corneta, e um corpo foi jogado através da escada. Temendo que

fosse Thrór, ele começou a se aproximar com cuidado, mas então veio uma voz de dentro do portão:

— Venha cá, barbadinho! Podemos vê-lo. Mas não precisa ficar com medo hoje. Precisamos de você como mensageiro.

Então Nár subiu e descobriu que realmente se tratava do corpo de Thrór, mas a cabeça estava decepada e com o rosto para baixo. Assim que se ajoelhou, ouviu risadas de orcs vindas das sombras, e a voz disse:

Se os mendigos não esperam na porta, e entram sorrateiramente tentando roubar, isso é o que fazemos com eles. Se qualquer um de seu povo meter sua barba suja aqui outra vez, vai ter o mesmo fim. Vá e diga isso a eles! Mas, se a família dele quiser saber quem é o rei por aqui atualmente, o nome está escrito no rosto dele. Eu escrevi. Eu o matei! Eu sou o mestre!

Então Nár virou a cabeça e viu marcado na testa de Thrór em runa dos anões, para que ele pudesse ler, o nome AZOG. O nome ficou marcado no seu coração e nos corações de todos os anões depois disso. Nár abaixou-se para pegar a cabeça, mas a voz de Azog[27] disse:

— Largue isso! Fora daqui! Aqui está a sua paga, mendigo-barbudo. – Uma pequena bolsa lhe foi atirada. Continha algumas moedas de pouco valor.

Chorando, Nár fugiu pelo Veio de Prata; mas olhou mais uma vez para trás e viu que alguns orcs tinham saido pelo portão e estavam despedaçando o corpo e jogando aspartes para os corvos negros.

Foi essa a história que Nár trouxe de volta aThráin, e, quando este já tinha chorado e arrancado muitos fios de sua barba, ficou em silêncio. Ficou sete dias sentado sem dizer palavra. Então levantou-se e disse: — Isso é intolerável! — Foi assim que começou a Guerra entre os anões e os orcs, que foi longa e mortal, travada em sua maior parte nos lugares profundos embaixo da terra.

Thráin imediatamente enviou mensageiros levando a história para o norte, o leste e o oeste, mas demorou três anos para que os anões concentrassem suas forças.

O Povo de Durin reuniu todo o seu exército, que se juntou a grande forças enviadas das Casas de outros Pais. Tal desonra para com o herdeiro do Mais Velho de sua raça os encheu de ira. Quando tudo estava pronto

eles atacaram e saquearam cada uma das fortalezas dos orcs que conseguiram, do Gundabad até o Rio de Lis. Ambos os lados foram implacáveis, e houve morte e feitos cruéis de dia e de noite. Mas os anões conquistaram a vitória por sua força, por suas armas incomparáveis e pelo fogo de sua ira, caçando Azog em cada caverna sob a montanha.

Por fim, os orcs que fugiam deles reuniram-se em Moria, e o Exército dos anões que os perseguia chegou a Azanulbizar. Este era um grande vale que ficava entre os braços das montanhas ao redor do lago de Kheled-zâram, e que fora uma parte antiga do reino de Khazad-dûm. Quando os anões viram o portão de suas antigas moradias sobre a encosta da colina, emitiram um forte grito que ecoou no vale feito trovão. Mas um grande exército de inimigos estava disposto nas encostas acima deles, e dos portões derramou-se uma multidão de orcs que haviam sido reservados por Azog para uma necessidade extrema.

No inicio, a sorte estava contra os anões, pois era um dia escuro de inverno sem sol, e os orcs, que não vacilaram, estavam em número maior que seus inimigos, e ocupavam o terreno mais alto. Assim começou a Batalha de Azanulbizar (ou Nanduhiron, na Língua Élfica), cuja lembrança ainda faz com que os orcs tremam e os anões chorem. O primeiro ataque da vanguarda liderado por Thráin foi rechaçado com baixas, e Thráin foi obrigado a se retirar para uma floresta de grandes árvores que na época ainda vicejava, não muito distante do Kheled-zâram. Ali Frerin, seu filho caiu, e Fundín, seu parente, além de vários outros, juntamente com Thráin e Thorin, ficaram feridos[28]. Em outro ponto, a batalha avançava e recuava com grande matança, até que finalmente o povo das Colinas de Ferro virou o jogo.

Chegando depois ao campo, com força total, os guerreiros de Náin filho de Grór, protegidos com malhas metálicas, perseguiram os orcs até o limiar de Moria, gritando "Azog! Azog!", enquanto derrubavam com suas picaretas todos os que barravam seu caminho.

Então Náin parou diante do Portão e gritou numa voz poderosa: – Azog! Se estiver aí dentro, saía! Ou será que o jogo no vale está duro demais?

Então Azog saiu, um grande orc com uma enorme cabeça coberta de ferro, e mesmo assim ágil e forte. Junto saíram muitos como ele, os lutadores

de sua guarda, e, à medida que avançaram contra a tropa de anões, Azog virou-se para Náin, dizendo:

— O quê? Mais um mendigo em minha porta? Será que vou precisar marcá-lo também? — Com isso avançou contra Náin e eles lutaram. Mas Náin estava meio cego pela ira, e também muito cansado da batalha, enquanto Azog estava descansado, era cruel e cheio de astúcia. Logo Náin desferiu um grande golpe com toda a força que lhe restava, mas Azog pulou de lado e chutou a perna de Náin, de modo que a picareta se estilhaçou contra a pedra onde o orc estivera, enquanto Náin caiu para a frente. Então Azog, com um golpe rápido, atingiu-lhe o pescoço. O colarinho de metal resistiu á lâmina, mas o golpe foi tão pesado que o pescoço de Náin foi quebrado e ele caiu.

Então Azog riu, ergueu a cabeça e soltou um grande grito de triunfo. Mas o grito morreu-lhe na garganta, pois ele viu que todo o seu exército no vale fugia em debandada, e os anões iam de um lado e do outro matando como bem queriam, e os que conseguiam escapar deles estavam fugindo para o sul, correndo e guinchando.

Perto de onde estava, todos os soldados de sua guarda jaziam mortos. Azog virou-se e fugiu na direção do Portão.

Subindo os degraus atrás dele veio um anão com um machado vermelho. Era Dáin Pé-de-Ferro, filho de Náin. Pegou Azog bem diante da porta, e ali o matou e decepou-lhe a cabeça. Isso foi considerado um grande feito, pois Dáin na época era apenas um rapazola para os padrões dos anões. Mas ainda havia uma vida longa e muitas batalhas diante dele, até que, velho, mas náo curvado, ele acabasse por cair na Guerra do Anel. Todavia, mesmo sendo corajoso e cheio de ira como estava, conta-se que, quando desceu os degraus do Portão, seu rosto estava cinzento, como o de alguém que acabou de passar por um grande medo.

Quando por fim a batalha foi vencida, os anões que restavam reuniram-se em Azanulbizar. Pegaram a cabeça de Azog e meteram-lhe na boca a bolsa com o dinheiro de pouco valor, e então a fincaram numa estaca. Mas naquela noite não houve banquete nem cantoria, pois o número de mortos ultrapassava o cálculo de sua tristeza.

Não mais da metade deles, conta-se, ainda conseguia ficar de pé ou

ter esperanças de cura.

Não obstante, pela manhã, Thráin estava diante deles. Um de seu olhos fora cegado para sempre, e ele mancava devido a um ferimento na perna, mas mesmo assim disse:

— Muito bem! Conquistamos a vitória! Khazad-dûm é nossa!

Mas eles responderam:

— Você pode ser herdeiro de Durin, mas mesmo com um olho você deveria enxergar com mais clareza. Lutamos nesta batalha por vingança, e nos vingamos. Mas esta vingança não é doce. Se isto for uma vitória, então nossas mãos são muito pequenas para segurá-la.

E os que não faziam parte do Povo de Durin disseram:

— Khazad-dûm não era a casa de nossos Pais. O que representa para nós, além de uma esperança de conseguirmos tesouros? Mas agora, se devemos voltar sem as recompensas e as compensações que nos são devidas, quanto mais cedo voltarmos para nossas próprias terras melhor será.

Então Thráin virou-se para Dáin e disse:

— Mas, com certeza, meus próprios parentes não vão me abandonar?

— Não — disse Dáin. — Você é o pai de nosso Povo, e derramamos nosso sangue por você, e estamos dispostos a fazê-lo de novo. Mas não vamos entrar em Khazad-dúm. Você não vai entrar em Khazad-dúm. Somente eu olhei através da sombra do Portão. Além da sombra ainda espera a Ruína de Durin. O mundo deve mudar, e algum outro poder que não é o nosso deverá vir antes que o Povo de Durin entre de novo em Moria.

Foi assim que, depois de Azanulbizar, os anões dispersaram-se mais uma vez. Mas antes disso, com grande esforço, despojaram todos os seus mortos, para evitar que os orcs viessem e conseguissem ali um estoque de armas e cotas de malha. Conta-se que cada anão que saiu do campo de batalha vinha vergado sob um grande peso.

Então construiram muitas piras e cremaram todos os corpos de seu povo.

Houve grande derrubada de árvores no vale, que depois disso ficou para sempre deserto, e de Lóríen foi possível avistar a fumaça da cremação[29].

Quando as horrendas fogueiras estavam em cinzas, os aliados foram embora para suas próprias terras, e Dáin Pé-de-Ferro conduziu o povo d seu pai de volta para as Colinas de Ferro. Então, parando ao lado da grand estaca, Thráin disse a Thorin Escudo de Carvalho:

— Alguém poderia pensar que esta cabeça foi comprada a um alt preço! Pelo menos demos o nosso reino por ela. Você voltará comigo para bigorna? Ou prefere mendigar pão em portas orgulhosas?

— Para a bigorna — respondeu Thorin. — Pelo menos o martel manterá os braços fortes, até que possam outra vez empunhar armas mais afiadas.

Então Thráin e Thorín, com o restante de seus seguidores (entre o quais estavam Balin e Glóin), voltaram para a Terra Parda, e logo apó mudaram-se para Eriador, até que por fim fizeram um lar no exílio, na parte leste das Ered Luin, além de Lún. A maioria dos objetos que forjarar naquela época era de ferro, mas eles prosperaram de certa maneira, e seu povo lentamente cresceu[30]. Mas, como Thrór dissera, o Anel precisava d ouro para gerar ouro, e eles tinham pouco ou quase nada daquele metal e de outros metais preciosos.

Sobre esse Anel pode-se dizer algo aqui. Os anões do Povo de Du acreditavam que ele era o primeiro dos Sete que foram forjados, e dizem que ele foi dado ao rei de Khazad-dûm, Dum III, pelos próprios ferreiros élfico e não por Sauron, embora sem dúvida o poder maligno deste estivesse n Anel, já que ele ajudara na forja de todos os Sete. Mas os possuidores d Anel não o exibiam nem comentavam sobre ele, e raramente o entregavam antes de estarem ás portas da morte, de modo que os outros não sabiam ao certo onde estava guardado. Alguns pensavam que tinha ficado em Khazaddúm, nas tumbas secretas dos reis, se é que estas não tivessem sid descobertas e saqueadas; mas entre o povo do Herdeiro de Durin acreditava-se (erroneamente) que Thrór o estava usando quando retornou temerariamente para lá.

O que então teria acontecido a ele não sabiam. O Anel não f encontrado junto ao corpo de Azog.

Não obstante, pode muito bem ser, como acreditam atualmente o anões, que Sauron, por suas artes, tenha descoberto quem estava com

Anel, o último a continuar livre, e que os estranhos infortúnios sofridos pelos herdeiros de Dum se tenham devido em grande parte á malícia dele. Pois os anões se revelaram indomáveis através desse meio. O único poder que o Anel tinha sobre eles era o de inflamar seus corações com uma avidez por ouro e objetos preciosos, de modo que, se eles não tivessem essas coisas, achavam que todas as outras não traziam lucro algum, e eles se enchiam de ira e de desejo de vingança contra todos os que os privavam de tais coisas.

Mas, desde o início, os anões eram feitos de uma fibra que os fazia resistir firmemente a qualquer dominação. Embora pudessem ser mortos ou destruídos, não podiam ser reduzidos a sombras escravizadas por outra vontade; e pelo mesmo motivo suas vidas não eram afetadas por qualquer Anel, não sendo prolongadas ou encurtadas por causa dele. Isso fazia com que Sauron odiasse ainda mais os seus possuidores, e desejasse despojá-los.

Portanto, foi talvez em parte pela malícia do Anel que Thráin, depois de alguns anos, foi ficando inquieto e insatisfeito. O desejo de ouro não saia de sua cabeça. Por fim, quando não conseguia mais contê-lo, voltou sua mente para Erebor, e decidiu retornar para lá. Não mencionou a Thórin nada do que estava em seu coração, mas com Balin e Dwalin e alguns outros levantou-se, disse adeus e partiu.

Pouco se sabe do que se passou com ele depois. Agora parece possível que, assim que se distanciou com poucos companheiros, ele foi perseguido pelos emissários de Sauron. Lobos o caçaram, orcs prepararam-lhe emboscadas, pássaros malignos encheram suas trilhas de sombras, e, quanto mais ele avançava a duras penas para o norte, mais numerosos eram os infortúnios que se lhe opunham. Chegou uma noite escura na qual ele e seus companheiros vagaram na região além do Anduin, foram forçados a se abrigar nas fronteiras da Floresta das Trevas devido a uma chuva negra. Pela manhã Thráin não foi encontrado no acampamento, e seus companheiros o chamaram em vão. Procuraram-no por muitos dias, até que por fim, sem mais esperanças, partiram ao encontro de Thorin. Só depois de muito tempo se soube que Thráin fora capturado e levado para os poços de Doí Guldur. Ali foi torturado e o Anel lhe foi tomado. E lá acabou por morrer.

Assim Thorin Escudo de Carvalho tornou-se o Herdeiro de Dum, mas

um herdeiro sem esperança. Quando Thráin desapareceu, ele tinha noventa e cinco anos, e era um grande anão de porte altivo, mas parecia satisfeito em permanecer em Eriador. Ali trabalhou e negociou por muito tempo, ganhando toda a riqueza possível; seu povo aumentou devido à chegada de muita gente errante do Povo de Dum que ouvia falar de sua morada no oeste e vinha até ele. Agora tinham belos palácios nas montanhas, e estoques de mercadorias, e seus dias não pareciam tão díficeis, embora suas canções sempre mencionassem a distante Montanha Solitária.

Os anos se alongaram. As cinzas no coração de Thorin se aqueceram de novo enquanto ele pensava nas iniquídades sofridas por sua Casa e na herança que recebera: a tarefa de vingar-se do Dragão. Pensava em armas e exércitos e alianças, enquanto seu grande martelo ressoava na forja; mas os exércitos estavam dispersos e as alianças rompidas e os machados de seu povo eram poucos; e um enorme ódio sem esperança queimava em seu coração enquanto ele malhava o ferro vermelho na bigorna.

Mas por fim ocorreu um encontro casual entre Thorin e Gandalf que mudou toda a sorte da Casa de Durin, além de conduzir a fins outros e mais importantes.

Uma vez[31], Thorin retornava para o oeste de uma viagem, quando passou uma noite em Bri. Ali também estava Gandalf. Ia para o Condado lugar que não visitara já havia vinte anos. Sentia-se cansado, e desejava repousar ali por um tempo.

No meio de muitas preocupações, sua mente se concentrava no estado perigoso do norte, pois ele já sabia na época que Sauron estava planejando uma guerra e pretendia, assim que se sentisse forte o suficiente, atacar Valfenda.

Mas agora, para opor resistência contra qualquer tentativa do leste de reconquistar as terras de Angmar e as passagens do norte nas montanhas, só havia os anões das Colinas de Ferro. E além destas ficava a desolação do Dragão. Sauron poderia utilizar-se do Dragão com um efeito terrível. Com então seria possível destruir Smaug?

Foi no momento em que Gandalf estava sentado ponderando sobre essas coisas que Thorin parou diante dele e disse:

— Mestre Gandalf, conheço-o apenas de vista, mas agora ficaria feliz

em conversar com você. Pois ultimamente tenho pensado em você com frequência, como se me fosse ordenado que o procurasse. De fato teria feito isso, se soubesse onde encontrá-lo.

Gandalf olhou para ele surpreso.

— Isso é estranho, Thorin Escudo de Carvalho — disse ele. — Pois também estive pensando em você, e, embora esteja a caminho do Condado, tinha em mente que este também é o caminho para os seus palácios.

— Chame-os assim, se desejar — disse Thorín. — São apenas pobres acomodações no exílio. Mas você seria bem-vindo lá, se quisesse nos visitar. Pois dizem que você é sábio e conhece melhor do que qualquer um o que acontece no mundo; há muitas coisas que me preocupam e ficaria feliz em me aconselhar com voce.

— Eu irei — disse Gandalf —, pois desconfio que temos pelo menos um problema em comum. O Dragão de Erebor me preocupa, e não acho que será esquecido pelo neto de Thrór.

Conta-se em outro lugar sobre as consequências desse encontro: sobre o estranho plano feito por Gandalf para ajudar Thorin, e sobre como Thorin e seus companheiros partiram do Condado em busca da Montanha Solitária, o que resultou em grandes feitos imprevistos. Aqui são relembradas apenas as coisas que se referem diretamente ao Povo de Durin.

O Dragão foi morto por Bard, de Esgaroth, mas houve uma batalha em Valle. Pois os orcs atacaram Erebor assim que ficaram sabendo do retorno dos anões, e eram liderados por Bolg, filho daquele Azog que Dáin matara em sua juventude. Naquela primeira batalha de Valle, Thorin Escudo de Carvalho foi mortalmente ferido; morreu e foi enterrado num túmulo sob a Montanha, com a Pedra Arken sobre o peito. Ali também caíram Fíli e Kili, os filhos de sua irmã. Mas Dáin Pé-de-Ferro, seu primo, que viera das Colinas de Ferro em seu auxilio e que também era seu herdeiro por direito, tornou-se o rei Dáin II, e o Reino-sob-a-Montanha foi restaurado, exatamente como Gandalf desejava. Dáin mostrou ser um grande e sábio rei, e os anões prosperaram e se fortaleceram outra vez em sua época.

No fim do verão do mesmo ano (2941), Gandalf conseguira por fim convencer Saruman e o Conselho Branco a atacarem Dol Guldur, e Sauron se retirou, indo para Mordor, onde poderia estar a salvo, segundo pensava,

de todos os seus inimigos. Foi assim que, quando a Guerra por fim chegou, o principal ataque foi dirigido para o sul; mas mesmo assim, com sua mão direita estendida, Sauron poderia ter feito grande mal ao norte, se o rei Daír e o rei Brand não lhe tivessem impedido o caminho.

Foi isso o que Gandalf disse a Frodo e Gimli, quando ficaram morand por um tempo em Minas Tirith. Não fazia muito tempo que tinhan chegado a Gondor notícias de eventos distantes.

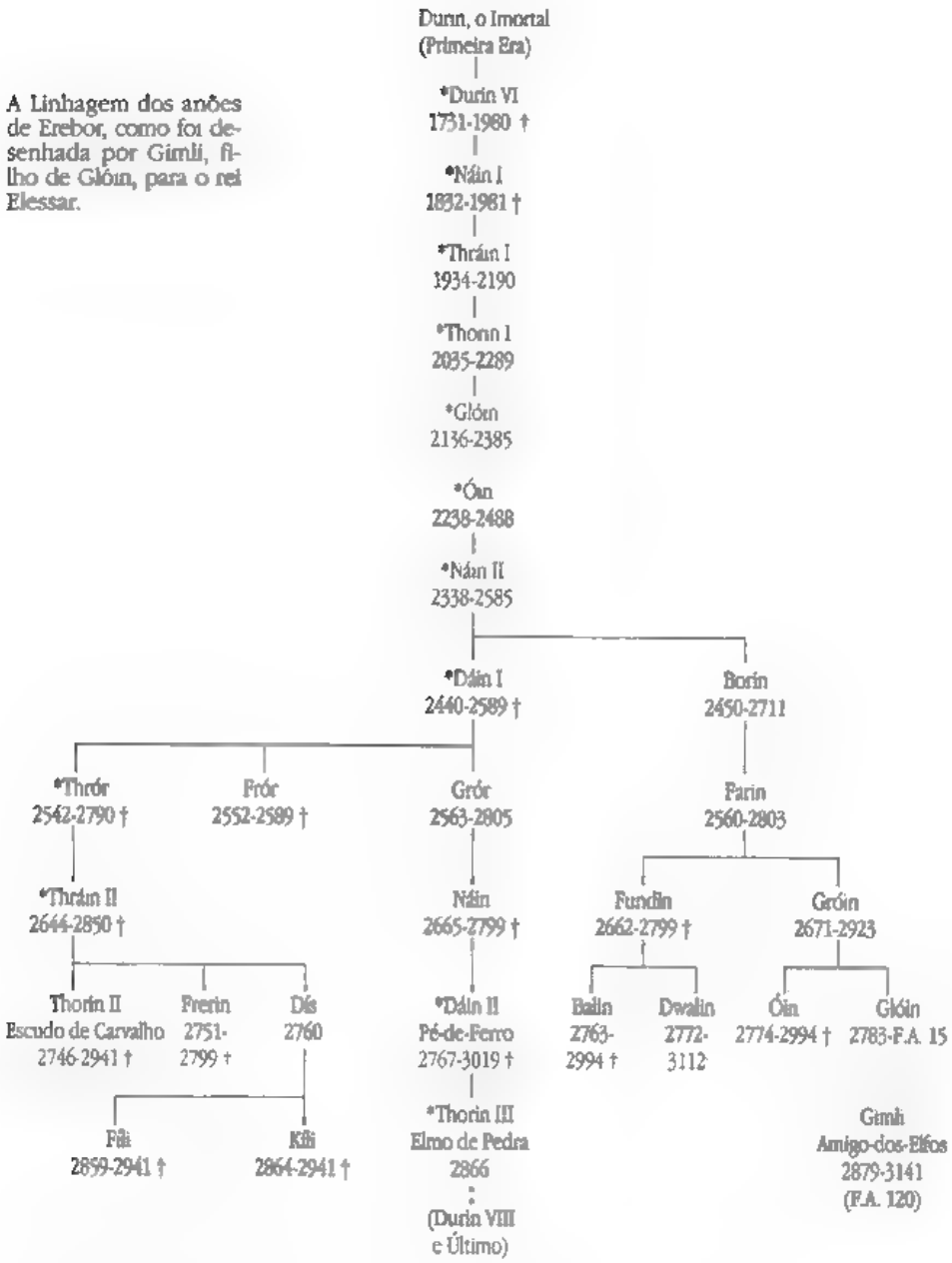
— Senti pela morte de Thorín — disse Gandalf —, e agora ficamo sabendo que Dáin morreu, lutando em Valle mais uma vez, ao mesmc tempo em que lutávamos aqui. Consideraria esta uma enorme perda, se nãc fosse um grande prodígio o fato de que, em sua idade avançada, ele ainda conseguisse brandir seu machado com a força com que dizem que o fez, de pé sobre o corpo do rei Brand diante do Portão de Erebor até o cair d. escuridão.

— Mas, apesar disso, as coisas poderiam ter sido muito diferentes, e muito piores. Quando vocês pensam na grande Batalha do Pelennor, nãı devem se esquecer das batalhas de Valle e da coragem do Povo de Durin Pensem no que poderia ter acontecido. Fogo de Dragão e espadas cruéis en Eriador, noite em Valfenda. Poderia não haver rainha em Gondoı Poderíamos agora ter esperanças de retornar da vitória para encontraı apenas cinzas e ruínas. Mas isso foi evitado — porque eu encontrei Thorir Escudo de Carvalho certa noite no início da primavera em Bri. Um encontro casual, como se diz na Terra-média.

Dis era filha de Thráin II. É a única mulher-anã mencionada nessa histórias. Gimli contou que há poucas anãs, provavelmente não mais que um terço de todo o povo. Raramente elas deixam seus lares, a não ser que haja grande necessidade. São tão semelhantes aos anões na voz e na aparência, e nas roupas que usam quando precisam viajar, que olhos e ouvidos dos outros povos não conseguem distíngui-los. Isso deu origem entre os homens á tola crença de que não há anãs, e os anões "nascem da pedra". **Continua...**

A Linhagem dos anões de Erebor, como foi desenhada por Gimil, filho a Glóin, para o rei Elessar.

A Linhagem dos anões de Erebor, como foi desenhada por Gimli, filho de Glóin, para o rei Elessar.



Fundação de Erebor, 1999.
Dáin I morto por um dragão, 2589
Retorno a Erebor, 2590.
Erebor saqueada, 2770.
Assassinato de Thrór, 2790.
Concentração dos Anões, 2790-3.
Guerra entre anões e orcs, 2793-9
Batalha de Nanduhirion, 2799
Thráin parte sem destino, 2841
Morte de Thráin e perda de seu Anel, 2850
Batalha dos Cinco Exércitos e morte de Thorin II, 2941
Balin vai para Moria, 2989

* Os nomes daqueles que foram considerados reis do Povo de Durin, no exílio ou não, estão marcados deste modo. Dos outros companheiros de Thorin Escudo de Carvalho na jornada para Erebor, Ori, Nori e Dori também eram da Casa de Durin, e parentes mais remotos de Thorin, Bifur, Bofu e Bombur descendiam dos anões de Moria mas não eram da linhagem de Durin. Para † ver p. 1095.

É por causa do reduzido número de mulheres entre eles que a espécie dos anões se multiplica lentamente, e fica ameaçada quando eles não têm uma moradia segura.

Pois os anões só se casam uma vez na vida, e são ciumentos, como em todos os seus direitos. O número de anões-varões que se casam é na verdade menos de um terço. Pois nem todas as mulheres se casam: algumas nãc desejam maridos, outras desejam algum que não podem conseguir e portanto não aceitam outro. Quanto aos homens, muitos também nãc desejam o casamento, concentrando-se em seus ofícios.

Gimli, filho de Glóin, é famoso, pois foi um dos Nove Caminhante que partiram com o Anel, e ficou na companhia do rei Elessar durante toda a Guerra. Foi chamado de Amigo-dos-elfos devido ao grande amor nascid entre ele e Legolas, filho do rei Thranduil, e por causa de sua reverência pela Senhora Galadriel.

Depois da queda de Sauron, Gimli trouxe para o sul uma parte d povo dos anões de Erebor, e tornou-se Senhor das Cavernas Cintilantes. El e seu povo realizaram grandes trabalhos em Gondor e em Rohan. Par Minas Tirith forjaram portões de mithril e aço, substituindo aqueles que foram destruidos pelo Rei dos Bruxos. Legolas, seu amigo, também troux para o sul alguns elfos da Floresta Verde, e eles moraram em Ithilien, que se tornou outra vez o lugar mais belo de todas as Terras do Oeste.

Mas, quando o rei Elessar entregou sua vida, Legolas seguiu por fim desejo de seu coração, e navegou atravessando o Mar.

Segue-se aqui uma das últimas notas do Livro Vermelho

Ouvimos dizer que Legolas levou consigo Gimli, filho de Glóin, pc causa de sua grande amizade, maior do que qualquer uma que já houve entre um elfo e um anão. Se isto for verdade, então é realmente estranho: que um anão estivesse disposto a deixar a Terra-média por qualquer amor, e que os eldar o recebessem, ou que os Senhores do Oeste permitissem ta coisa. Mas conta-se que Gimli partiu também movido pelo desejo de rever a beleza de Galadriel; pode ser que ela, sendo poderosa entre os eldar, tenha conseguido tal graça para ele. Não se pode dizer mais nada sobre esse

assunto.

APÊNDICE B

O CONTO DOS ANOS
(Cronologia das Terras do Oeste)

A Primeira Era terminou com a Grande Batalha, na qual o Exército de Valínor destruiu Thangorodrim e derrotou Morgoth. Então a maior part dos noldor retornou para o Extremo Oeste e passou a morar em Eressêa perto de Valínor, e muitos dos sindar também atravessaram o Mar.

A Segunda Era terminou com a primeira derrota de Sauron, servidc de Morgoth, e com a tomada do Um Anel.

A Terceira Era chegou ao fim com a Guerra do Anel; entretanto, só s considera que a Quarta Era teve início com a partida de Mestre Elronc quando chegou a época do domínio dos homens e do declínio de todos os outros "povos falantes" na Terra-média.

Na Quarta Era, todas as eras anteriores eram frequentement chamadas de Dias Antigos, mas esse nome fica mais adequado se fo aplicado somente aos dias anteriores ao banimento de Morgoth. As histórias dessa época não estão registradas aqui.

A Segunda Era

Estes foram os tempos sombrios para os homens da Terra-média mas os anos de glória de Númenor. Sobre eventos na Terra-média os registros sãc raros e breves, e as datas são frequentemente duvidosas.

No início dessa era, muitos dos altos elfos ainda permaneciam. A maioria deles morava em Lindon, a oeste das Ered Lúin; mas antes d construção de Baraddor muitos dos sindar foram para o leste, e alguns estabeleceram reinos nas florestas distantes, onde a maior parte do povo se compunha de elfos da Floresta. Thranduil, rei no norte da Grande Florest Verde, era um destes. Em Lindon, a norte de Lún, morava Gil-galad, último herdeiro dos reis dos noldor no exílio. Era reconhecido como alto rei dos elfos do oeste. Em Lindon, ao sul de Lún, morou por um temp Celeborn, parente de Thíngol; sua mulher era Galadriel, a maior da mulheres élficas.

Ela era irmã de Finrod Felagund, Amigo-dos-Homens, outrora rei d Nargothrond, que deu sua vida para salvar Beren, filho de Barahir.

Posteriormente, alguns dos noldor foram para Eregion, no lad ocidental das Montanhas Sombrias, próximo ao Portão Oeste de Mori Fizeram isto porque souberam que se descobrira *mithril* em Moria. Os noldo eram grandes artesãos e menos hostis aos anões do que os sindar; mas a amizade que cresceu entre o povo de Durio e os ferreiros élficos de Eregior foi a mais estreita que já houve entre as duas raças. Celebrimbor era Senho de Eregion e o maior dos artesàos; era descendente de Fëanor.

Ano

1 Fundação dos Portos Cinzentos e de Lindon.

32 Os edain chegam a Númenor.

c. 40 Muitos anões, deixando suas antigas cidades nas Ered Luin, vã para Moria aumentando a população local.

442 Morte de Elros Tar-Minyatur.

c. 500 Sauron começa outra vez a agitar-se na Terra-média.

548 Nasce Silmariën em Númenor.

600 Os primeiros navios dos númenorianos aparecem próximos ac litoral. 750 Fundação de Eregion, pelos noldor.

c. 1000 Sauron, alarmado com o crescimento do poder dos númenorianos, escolhe Mordor como o local para transformar numa fortaleza. Começa a construção de Barad-dûr.

1075 Tar-Ancalimë torna-se a primeira rainha governante de Númenor.

1200 Sauron tenta seduzir os eldar. Gil-galad se recusa a fazer acord com ele, mas os ferreiros de Eregion passam para o seu lado. O número nianos começam a construir portos permanentes.

c. 1500 Os ferreiros élficos, orientados por Sauron, alcançam o apogeu de sua habilidade. Começam a forja dos Anéis de Poder.

c. 1590 São completados os Três Anéis em Eregion.

c. 1600 Sauron forja o Um Anel em Orodruin. Finaliza a construção de Baraddúr. Celebrimbor percebe as intenções de Sauron.

1693 Começa a guerra entre os elfos e Sauron. Os Três Anéis sã

escondidos.

1695 As forças de Sauron invadem Eriador. Gil-galad envia Elron para Eregion.

1697 Eregion é devastada. Morte de Celebrimbor. Os portões d Moria são fechados. Elrond retira-se com os remanescentes dos noldor e funda o refúgio de Imíadris.

1699 Sauron invade Eriador.

1700 Tar-Minastir envia uma grande esquadra de Númenor para Lindon. Sauron é derrotado.

1701 Sauron é expulso de Eriador. As Terras do Oeste têm paz por um longo tempo.

c. 1800 Por volta dessa época os númenorianos começam a estabelecer dominios nas costas. Sauron estende seu poder na direção do leste. A sombra cai sobre Númenor.

2251 Tar-Atanamir toma o cetro. Começa a rebelião e a divisão dos númenorianos. Por volta dessa época os nazgúl ou Espectros do Anel escravos dos Nove Anéis, aparecem pela primeira vez.

2280 Umbar se transforma numa grande fortaleza de Númenor.

2350 Pelargir é construído. Torna-se o principal porto dos númenorianos Fiéis.

2899 Ar-Adûnakhôr toma o cetro.

3175 Arrependimento de Tar-Palantir. Guerra civil em Númenor.

3255 Ar-Pharazôn, o Dourado, toma o cetro.

3261 Ar-Pharazôn zarpa e aporta em Umbar.

3262 Sauron é levado para Númenor como prisioneiro; 3262-

3310 Sauron seduz o rei e corrompe os númenorianos.

3310 Ar-Pharazôn inicia a construção do Grande Armamento.

3319 Ar-Pharazõn ataca Valinor. Queda de Númenor. Elendil e seu filhos escapam.

3320 Fundação dos Reinos no Exílio: Amor e Gondor. As Pedras s divididas. Sauron retorna a Mordor.

3429 Sauron ataca Gondor, toma Minas Ithil e queima a Árvor Branca. Isildur escapa pelo Anduin e vai ao encontro de Elendil no norte Anárion defen de Minas Anor e Osgiliath.

3430 Forma-se a Última Aliança entre elfos e homens.

3431 Gil-galad e Elendil marcham para o leste na direção de Imíadris.

3434 O exército da Aliança atravessa as Montanhas Sombrias. Batalh de Dagorlad e derrota de Sauron. Começa o cerco de Barad-dûr.

3440 Anárion é assassinado.

3441 Sauron derrubado por Elendil e Gil-galad, que morrem. Isildu toma o Um Anel. Sauron desaparece e os Espectros do Anel entram na sombras. Termina a Segunda Era.

A Terceira Era

Estes foram os últimos anos dos eldar. Viveram em paz por um longo tempo, controlando os Três Anéis, enquanto Sauron dormia e o Um Anel estava perdido; mas não tentaram nada de novo, vivendo de recordações do passado. Os anões se esconderam em lugares profundos, guardando seus tesouros; mas, quando o mal começou a se manifestar de novo e os dragões reapareceram, seus antigos tesouros foram saqueados um a um, e eles se transformaram num povo errante. Por muito tempo Moria permaneceu um lugar seguro, mas a população diminuía até que muitos de seus vastos salões se tornaram escuros e vazios. A sabedoria e a longevidade dos númenorianos também foram minguando, à medida que eles se miscigenaram com homens inferiores.

Quando cerca de mil anos haviam passado, e a primeira sombra cobriu a Grande Floresta Verde, os istari ou magos apareceram na Terra-média. Posteriormente comentou-se que eles tinham vindo do Extremo Oeste e eram mensageiros enviados para fazer frente ao poder de Sauron, e para unir todos aqueles que tinham vontade de resistir a ele; mas os magos estavam proibidos de enfrentar o poder dele com o seu poder, ou de procurar dominar os elfos ou os homens usando de força ou medo.

Portanto vieram na forma de homens, embora nunca fossem jovens e envelhecessem vagarosamente, e detinham muitos poderes na mente e nas mãos. Revelavam seus verdadeiros nomes a poucos, mas usavam os nomes que lhes eram dados. Os dois maiores dessa ordem (da qual se diz que era composta de cinco) eram chamados pelos eldar de Curunir, "o Homem

Habilidoso", e Mithrandir, "o Peregrino Cinzento", mas os homens do nort chamavam-nos respectivamente de Saruman e Gandalf. Curunir viajav frequentemente para o leste, mas por fim passou a morar em Isengard. Mithrandir tinha uma amizade mais estreita com os eldar, e vagava principalmente no oeste, nunca fixando uma residência permanente.

Ao longo de toda a Terceira Era, a guarda dos Três Anéis só er conhecida daqueles que os possuiam. Mas finalmente se ficou sabendo que no início eles estiveram sob a posse dos três maiores entre os eldar: Gil-galad, Galadriel e Círdan. Gil-galad, antes de morrer, entregou seu anel a Elronc Cirdan mais tarde entregou o seu a Mithrandir. Cirdan enxergava mai longe e mais fundo que qualquer outro na Terra-média, e assim recebeu Mithrandir nos Portos Cinzentos, sabendo de onde ele viera e para ond retornaria.

— Tome este anel, Mestre — disse ele —, pois seus trabalhos serã árduos; mas ele irá ajudá-lo na cansativa missão que você tomou para si. Pois este é o Anel de Fogo, e com ele você poderá reacender corações nun mundo que se esfria. Mas, quanto a mim, meu coração está com o Mar, vou morar nas praias cinzentas até que zarpe o último navio. Vou aguardar você.

Ano

1 Fundação dos Portos Cinzentos e de Lindon.

2 Isildur planta uma muda da Arvore Branca em Minas Ano Entrega o Reino do Sul para Meneldil. Desastre dos Campos de Lis; Isildu seus três filhos mais velhos são mortos.

3 Ohtar traz os fragmentos de Narsil a Imíadris.

10 Valandil torna-se rei de Amor.

109 Elrond casa-se com Celebrían, filha de Celeborn.

130 Nascem Elladan e Elrobir, filhos de Elrond.

241 Nasce Arwen Undómiel.

420 O rei Ostoher reconstrói Minas Anor.

490 Primeira invasão dos orientais.

500 Rómendacil I derrota os orientais.

541 Rómendacil é morto em batalha.

830 Falastur começa a linhagem dos reis navegantes de Gondor.

861 Morte de Eärendur e divisão de Amor.

933 O rei Eärnil I conquista Umbar, que se transforma numa fortalez de Gondor.

936 Eãrnil se perde no mar.

1015 O rei Ciryandil é morto no cerco de Umbar.

1050 Hyarmendacíl conquista Harad. Gondor alcança o apogeu d seu poder. Por volta dessa época uma sombra cai sobre a Floresta Verde, e o homens começam a chamá-la de Floresta das Trevas. Os Periannath sã mencionados pela primeira vez nos registros, com a chegada dos Péspeludos a Eriador.

c. 1100 Os sábios (os istari e os principais eldar) descobrem que um poder maligno construiu uma fortaleza em Doí Guldur. Há desconfiança d que se trata de um dos nazgúl.

1149 Começa o Reinado de Atanatar Alcarin.

c. 1150 Os Cascalvas chegam a Eriador. Os Grados chegam pelo Pas do Chifre Vermelho e mudam-se para o Ângulo, ou para a Terra Parda.

c. 1300 Seres malignos começam a se multiplicar outra vez. Os orc proliferam

nas Montanhas Sombrias e atacam os anões. Os nazgúl reaparecem. O chefe deles vem ao norte para Angmar. Os Periannath migram para o oeste muitos se fixam em Bri.

1356 Orei Argeleb í é morto em batalha contra Rhudaur. Por volt dessa época

os Grados deixam o Angulo e alguns deles retornam para as Terra Ermas.

1409 O Rei dos Bruxos de Angmar invade Amor. O rei Arveleg I morto.

Fornost e Tyrn Gorthad são defendidos. A Torre de Amon Súl destruida.

1432 Morre o rei Valacar de Gondor e começa a guerra civil e Contenda das Famílias.

1437 Incêndio de Osgiliath e extravio dopalantír. Eldacar foge par Rhovanion; seu filho Omendil é assassinado.

1447 Eldacar retorna e expulsa o usurpador Castamir. Batalha da Travessias de Frui. Cerco de Pelargir.

1448 Rebeldes escapam e sitiam Umbar.

1540 Rei Aldamir morto na guerra contra Harad e os Corsários d Umbar.

1551 Hyarmendacil II derrota os homens de Harad.

1601 Muitos Periannath migram de Bri, e Argeleb II lhes doa terr além do Baranduin.

c. 1630 Juntam-se a eles os Grados, vindos da Terra Parda.

1634 Os Corsários assolam Pelargir e matam o rei Minardil.

1636 A Grande Peste devasta Gondor. Morte do rei Telemnar e d seus filhos. A Árvore Branca morre em Minas Anor. A peste se alastra para norte e para o oeste, e muitas partes de Eríador ficam desoladas. Além d Baranduin os Periannath sobrevivem, mas sofrem grandes perdas.

1640 Orei Tarondor remove a Casa Real para Minas Anor e plant uma muda da Árvore Branca. Osgiliath começa a cair em ruínas. Mordo fica desguarnecida.

1810 O rei Telumehtar Umbardacil reconquista Umbar e expulsa o Corsários.

1851 Começam os ataques dos Carroceiros contra Gondor.

1856 Gondor perde seus territórios orientais e Narmacil II cai er batalha.

1899 O rei Calimehtar derrota os Carroceiros em Dagorlad.

1900 Calimehtar constrói a Torre Branca em Minas Anor.

1940 Gondor e Amor renovam suas relações e formam uma aliança Arvedui casa-se com Firiel, filha de Ondoher de Gondor.

1944 Ondoher cai em batalha. Eãmil derrota o inimigo em Ithilien d Sul. Vence então a Batalha do Acampamento e expulsa os Carroceiros par os Pântanos Mortos. Arveduí reivindica a coroa de Gondor.

1945 Fárnil II recebe a coroa.

1974 Fim do Reino do Norte. O Rei dos Bruxos invade Arthedain toma Fornost.

1975 Arvedui morre afogado na Baía de Forochel. Ospalantiri d Annúminas e de Amon Súl são perdidos. Farnur traz uma frota par

Lindon. O Rei dos Bruxos é derrotado na Batalha de Fornost e perseguic até a Charneca Etten. Desaparece do norte.

1976 Aranarth recebe o titulo de Líder dos Dúnedain. As heranças d Amor são confiadas à custódia de Elrond.

1977 Frumgar conduz os éothéod para o norte.

1979 Bucca do Pântano torna-se o primeiro Thain do Condado.

1980 O Rei dos Bruxos vem para Mordor e ali reúne os nazgúl. U balrog aparece em Moria e mata Durin VI.

1981 Assassinado Náin I. Os anões fogem de Moria. Muitos dos elf da Floresta de Lórien fogem para o sul. Desaparecem Amroth e Nimrodel.

1999 Thráin I vem para Erebor e funda um Reino de Anões "sob- Montanha".

2000 Os nazgúl saem de Mordor e sitiam Minas Ithil.

2002 Queda de Minas Ithil, posteriormente conhecida como Mina Morgul. O palantir é capturado.

2043 Eärnur torna-se rei de Gondor. É desafiado pelo Rei dos Bruxos.

2050 O desafio é repetido. Eärnur cavalga para Minas Morgul desaparece. Mardil torna-se o primeiro regente governante.

2060 Cresce o poder de Doí Guldur. Os sábios temem que possa se Sauron manifestando-se de novo.

2063 Gandalf vai para Doí Guldur. Sauron se retira e se esconde n leste. Começa a Paz Vigilante. Os nazgúl permanecem quietos em Min Morgul.

2210 Thorin I deixa Erebor e vai para o norte rumo às Montanha Cinzentas, onde a maior parte dos remanescentes do Povo de Durin est agora reunida.

2340 Isumbras I toma-se o décimo terceiro Thain, e o primeiro d linhagem dos Túks. Os Velhobuques ocupam a Terra dos Buques.

2460 Termina a Paz Vigilante. Sauron retorna a Doí Guldur co maior força.

2463 Forma-se o Conselho Branco. Por volta dessa época, Déagol, Grado, encontra o Um Anel e é morto por Sméagol.

2470 Por volta dessa época, Sméagol-Gollum se esconde na Montanhas Sombrias.

2475 Renova-se o ataque a Gondor. Osgiliath finalmente é arruinad. e sua ponte pedra destruída.

c. 2480 Orcs começam a construir fortalezas secretas nas Montanha: Sombrias, com o intuito de barrar todas as passagens para Eriador. Sauro começa a povoar Moria com suas criaturas.

2509 Celebrian, viajando para Lónien, é vitima de uma emboscada no Passo do Chifre Vermelho e sofre um ferimento envenenado.

2510 Celebrian parte para além-Mar. Orcs e orientais assolan Calenardhon. Eorl, o Jovem, obtém a vitória do Campo de Celebrant. C rohirrím se estabelecem em Calenardhon.

2545 Eorl cai em batalha no Descampado.

2569 Brego, filho de Eorl, termina o Palácio Dourado.

2570 Baldor, filho de Brego, entra pela Porta Proibida e desaparece Por vol ta dessa época, dragões voltam a aparecer no extremo norte e começam a atormentar os anões.

2589 Dáin i é morto por um dragão.

2590 Thrór retorna para Erebor. Grór, seu irmão, vai para as Colina de Ferro.

c. 2670 Tobold planta "erva-de-fumo" na Quarta Sul.

2683 Isengrim II toma-se o décimo Thain e começa a escavação dc Grandes Smlals.

2698 Ecthelion II reconstrói a Torre Branca em Minas Tirith.

2740 Orcs voltam a invadir Eriador.

2747 Bandobras Túk derrota um bando de orcs na Quarta Norte.

2758 Rohan atacada pelo leste e pelo oeste é invadida. Gondo atacada por esquadras dos Corsários. Heim de Rohan refugia-se no Abism de Heim. Wulf sitia Edoras.

2758-9 Segue-se o Inverno Longo. Grande sofrimen-to e perdas d vidas em Eriador e em Rohan. Gandalf vem em socorro do povo d Condado.

2759 Morte de Heim. Fréaláf expulsa Wulf e começa a segund linhagem de reis da Terra dos Cavaleiros. Saruman fixa residência en Isengard.

2770 Smaug, o dragão, desce sobre Erebor. Vaile é destruída. Thró

escapa com Thráin II e Thonin II.

2790 Thrór morto por um orc em Moria. Os anões se reúnem par uma guerra de vingança. Nascimento de Gerontius, mais tarde conhecid como Velho Túk.

2793 Começa a Guerra entre orcs e anoes.

2799 Batalha de Nanduhinion diante do Portão Leste de Moria. Dái Pé-de-Ferro retorna para as Colinas de Ferro. Thráin II e seu filho Thon vagam na direção do oeste. Assentam-se no sul das Ered Luin, além d Condado (2802).

2800-64 Orcs do norte perturbam Rohan. Rei Walda morto por ele (2861).

2841 Thráin II parte para revisitar Erebor, mas é perseguido pelc servidores de Sauron.

2845 Thráin, o anão, é aprisionado em Doí Guldur; o último dos Set Anéis lhe é tomado.

2850 Gandalf entra mais uma vez em Doí Guldur, e descobre que mestre ali é realmente Sauron, que está reunindo todos os Anéis procurando notícias do Um e do Herdeiro de Isildur. Gandalf encontr Thráin e recebe a chave de Erebor. Thráin morre em Doí Guldur.

2851 O Conselho Branco se reúne. Gandalf insiste num ataque contr Dol Guldur. Saruman prevalece[32]. Saruman começa a vasculhar perto dos Campos de Lis.

2852 Morre Belecthor II, de Gondor. A Árvore Branca morre e não encontra mais nenhuma muda. A Arvore Morta é deixada de pé.

2885 Insuflados por emissários de Sauron, os haradrim atravessam Poros e atacam Gondor. Os filhos de Folcwine de Rohan são mortos a serviç de Gondor.

2890 Nasce Bilbo, no Condado.

2901 A maior parte dos habitantes que restam em Ithilien abandonam devido aos ataques os uruks de Mordor. E construído o refúgi secreto de Henneth Annún.

2907 Nasce Gilraen, mãe de Aragorn II.

2911 O Inverno Mortal. O Baranduin e outros rios ficam congelado Lobos brancos invadem Eriador pelo norte.

2912 Grandes enchentes devastam Enedwaith e Minhiriath Tharbad fica arruinada e deserta.

2920 Morre o Velho Túk.

2929 Arathorn, filho de Arador dos dúnedaín, casa-se com Gilraen.

2930 Arador morto por trolls. Nasce Denethor II, filho de Ecthelion II, em Minas Tirith.

2931 Aragorn II, filho de Arathorn, nasce no dia primeiro de março.

2933 Arathorn II é morto. Gilraen leva Aragorn para Imíadris. Elror o recebe como um filho adotivo e lhe dá o nome de Estel (Esperança); seus antepassados não lhe são revelados.

2939 Saruman descobre que os servidores de Sauron estão vasculhando o Andum, perto dos Campos de Lis, e que Sauron, portanto, j sabe do fim de Isildur. Saruman fica alarmado, mas não conta nada ac Conselho.

2941 Thonn Escudo de Carvalho e Gandalf visitam Bilbo n Condado. Bilbo encontra Sméagol-Gollum e acha o Anel. O Conselho Branco se reúne; Saruman concorda em atacar Doí Guldur,já que agora que impedir que Sauron vasculhe o Rio. Sauron, já tendo feito seus planos abandona Dol Guldur. Batalha dos Cinco Exércitos em Valle. Morte c Thorin II. Bard de Esgaroth mata Smaug. Dáin, das Colinas de Ferro, torr se Rei-sob-a-Montanha (Dáin II).

2942 Bilbo retorna para o Condado com o Anel. Sauron retorna er segredo para Mordor.

2944 Bard reconstrói Valle e torna-se rei. Gollum deixa as Montanha e começa sua procura pelo "ladrão" do Anel.

2948 Nasce Théoden, filho de Thengel, rei de Rohan.

2949 Gandalf e Balin visitam Bilbo no Condado.

2950 Nasce Finduilas, filha de Adrabil de Doí Amroth.

2951 Sauron declara-se abertamente e concentra seu poder em Mordor. Come ça a reconstrução de Barad-dûr. Gollum volta-se na direçã de Mordor. Sauron envia três dos nazgúl para que reocuperem Dol Guldu Elrond revela a "Estel" seu verdadeiro nome e linhagem, e lhe entrega o fragmentos de Narsil. Arwen, recém-chegada de Lórien, encontra Aragor na floresta de Imíadris. Aragorn parte para as Terras Ermas.

2953 Última reunião do Conselho Branco. Debatem sobre os Anéis Saruman finge que descobriu que o Um Anel desceu pelo Anduin n direção do Mar. Saruman se retira para Isengard, que toma como sua fortifica. Sentindo ciúme e medo de Gandalf, coloca espiões para vigia todos os seus movimentos, e percebe o seu interesse pelo Condado. Log começa a manter agentes em Bri e na Quarta Sul.

2954 A Montanha da Perdição volta a explodir em chamas. O últimos habitantes de Ithilien fogem pelo Anduín.

2956 Aragorn encontra Gandalf e começa a amizade entre os dois.

2957-80 Aragorn empreende as longas jornadas de sua vida errante. Sob o disfarce de Thorongil, serve tanto a Thengel de Rohan como Ecthelíon II de Gondor.

2968 Nasce Frodo.

2976 Denethor casa-se com Finduilas, de Doí Amroth.

2977 Bain, filho de Bard, torna-se rei de Valle.

2978 Nasce Boromir, filho de Denethor II.

2980 Aragorn entra em Lórien e lá encontra outra vez Arwe Undómiel. Aragorn lhe dá o Anel de Barahir e eles se comprometem sobre colina de Cem Amroth. Por volta dessa época Gollum chega aos confins d Mordor e trava conhecimento com Laracna. Théoden torna-se rei d Rohan.

2983 Nasce Faramir, filho de Denethor. Nasce Samwíse.

2984 Morre Ecthelion II. Denethor II torna-se regente de Gondor.

2988 Morre precocemente Finduilas.

2989 Balin deixa Erebor e entra em Moria.

2991 Nasce Éomer, filho de Éomund, em Rohan.

2994 Balin morre e a colónia dos anões é destruida.

2995 Nasce Éowyn, irmã de Eomer.

c. 3000 A sombra de Mordor se expande. Saruman se arrisca a usar palantir de Orthanc, mas é iludido por Sauron, que tem a Pedra de Ithí Saruman trai o Conselho. Seus espiões reportam que o Condado está send fortemente protegido pelos guardiões.

3001 Festa de Despedida de Bilbo. Gandalf suspeita que o anel dele o Um Anel. A vigilância do Condado é redobrada. Gandalf procura noticia

de Gollum e pede a ajuda de Aragorn.

3002 Bílbo torna-se um hóspede de Elrond, e passa a morar em Valfenda.

3004 Gandalf visita Frodo no Condado, e continua fazendo o mesmo em intervalos durante os quatro anos seguintes.

3007 Brand, filho de Bain, torna-se rei de Valle. Morre Gilraen.

3008 No outono, Gandalf faz sua última visita a Frodo.

3009 Gandalf e Aragorn retomam, de tempo em tempo, sua caça a Gollum durante os oito anos seguintes, procurando nos vales do Anduin, na Floresta das Trevas, em Rhovanion e indo até os confins de Mordor. Em algum período durante esses anos o próprio Gollum se aventurou a entrar em Mordor e foi capturado por Sauron. Elrond manda buscar Arwen e ela retorna para Imíadris; as Montanhas e toda a região oriental estão ficando perigosas.

3017 Gollum é libertado em Mordor. É capturado por Aragorn nos Pântanos Mortos e trazido para Thranduil, na Floresta das Trevas. Gandalf visita Minas Tirith e lê o pergaminho de Isíldur.

OS GRANDES ANOS

3018

Abril

Ano

12 Gandalf chega á Vila dos Hobbits.

Junho

20 Sauron ataca Osgiliath. Por volta da mesma época, Thranduil é atacado e Gollum escapa.

Julho

4 Boromir parte de Minas Tirith.

10 Gandalf aprisionado em Orthanc.

Agosto

Desaparecem todos os rastros de Gollum. Considera-se que, por volt dessa época, sendo caçado tanto pelos elfos quanto pelos servidores de Sauron, ele se tenha refugiado em Moria, mas, quando finalmente descobri o caminho para o Portão Oeste, ele não conseguiu sair.

Setembro

18 Gandalf escapa de Orthanc nas primeiras horas do dia. O Cavaleiros Negros atravessam os Vaus do Isen.

19 Gandalf vai para Edoras como um mendigo, e sua entrada não e permitida.

20 Gandalf consegue entrar em Edoras. Théoden ordena que parta "Escolha qualquer cavalo, mas parta antes do fim do dia de amanhã!"

21 Gandalf encontra Scadufax, mas o cavalo não permite que ele se aproxime. Gandalf persegue Scadufax por um longo trecho através do campos.

22 Os Cavaleiros Negros chegam ao Vau Saro ao cair da noite afugentam os guardiões. Gandalf alcança Scadufax.

23 Quatro Cavaleiros entram no Condado antes da aurora. Os outro perseguem os guardiões na direção do leste e depois retornam para vigiar o Caminho Verde. Um Cavaleiro Negro chega à Vila dos Hobbits ao cair c noite. Frodo deixa Bolsão. Gandalf tendo domado Scadufax, parte de Rohan.

24 Gandalf atravessa o Isen.

26 A Floresta Velha. Frodo encontra Bombadíl.

27 Gandalf atravessa o rio Cinzento. Segunda noite com Bombadil.

28 Os hobbits são capturados por uma Criatura Tumular. Gandal chega ao Vau Sam.

29 Frodo chega a Bri de noite. Gandalf visita o Feitor.

30 Cricôncavo e a Estalagem em Bri são atacadas nas primeiras hora

do dia. Frodo deixa Bri. Gandalf dirige-se para Cricôncavo e chega a Bri a anoitecer.

Outubro

1 Gandalf deixa Bri.

3 Gandalf é atacado durante a noite no Topo do Vento.

6 O acampamento sob o Topo do Vento é atacado durante a noite Frodo é ferido.

9 Glorfindel deixa Valfenda.

11 Glorfindel expulsa os Cavaleiros da Ponte de Mitheithel.

13 Frodo atravessa a ponte.

18 Glorfindel encontra Frodo ao cair da tarde. Gandalf chega a Valfenda.

20 Fuga através do Vau do Bruinen.

24 Frodo recupera-se e acorda. Boromir chega a Valfenda de noite.

25 Conselho de Elrond.

Dezembro

25 A Comitiva do Anel deixa Valfenda ao cair da noite.

3019

Janeiro

8 A Comitiva chega a Azevim.

11,12 Neve sobre Caradhras.

13 Ataque de lobos nas primeiras horas do dia. A Comitiva atinge o Portão Leste de Moria ao cair da noite. Gollum começa a seguir os rastros do Portador do Anel.

14 Noite no Salão Vinte e Um.

15 A Ponte de Khazad-dûm e queda de Gandalf. A Comitiva chega a Nimrodel tarde da noite.

17 A Comitiva chega a Caras Galadhon no inicio da noite

23 Gandalf persegue o balrog até o pico de Zirak-zigil.

25 Gandalf derruba o balrog e morre. Seu corpo jaz no pico.

Fevereiro

14 O Espelho de Galadriel. Gandalf volta à vida e jaz em um transe.

16 Adeus a Lórien. Gollum, escondido na margem ocidental, observ. a partida.

17 Gwaihir transporta Gandalf até Lórien.

23 Os barcos são atacados de noite perto do Saro Gebir.

25 A Comitiva passa pelos Argonath e acampa no Parth Galer Primeira Batalha dos Vaus do Isen; Théodred, filho de Théoden, é morto.

26 Rompimento da Sociedade do Anel. Morte de Boromir; su corneta é ouvida em Minas Tirith. Meriadoc e Peregrin são capturado Frodo e Samwise penetram a parte leste das Emyn Muil. Aragorn parte er perseguição aos orcs no início da noite. Éomer fica sabendo da descida do bando de orcs das Emyn Muil.

27 Aragorn atinge o penhasco oeste ao nascer do dia. Éomer, contra as ordens de Théoden, parte do Folde Oriental por volta da meia-noite en perseguição aos orcs.

28 Éomer alcança os orcs nas bordas da Floresta de Fangorn.

29 Meriadoc e Pippin escapam e encontram Barbárvore. Os rohirrir atacam ao nascer do dia e destroem os orcs. Frodo desce das Emyn Muil e encontra Gollum. Faramir vê o barco funerário de Boromir.

30 Começa o Entebate. Éomer, retornando de Edoras, encontr. Aragorn.

Março

1 Frodo começa a atravessar os Pântanos Mortos ao nascer do dia Continua o Entebate. Aragorn encontra Gandalf, o Branco. Eles parte para Edoras. Faramir deixa Minas Tirith e vai para Ithilien numa missão.

2 Frodo chega ao fim dos Pântanos. Gandalf chega a Edoras e cur

Théoden. Os rohirrim cavalgam para o oeste e avançam contra Saruman Segunda Batalha dos Vaus do Isen. Erkenbrand derrotado. Termina Entebate durante a tarde. Os ents marcham na direção de Isengard chegando lá de noite.

3 Théoden se retira para o Abismo de Helm. Começa a Batalha d Forte da Trombeta. Os ents completam a destruição de Isengard.

4 Théoden e Gandalf partem do Abismo de Helm na direção d Isengard. Frodo atinge os morros de lava nas fronteiras da Desolação d Morannon.

5 Théoden chega a Isengard ao meio-dia. Parlamentação con Saruman em Orthanc. Um nazgúl alado sobrevoa o acampamento em D Baran. Gandalf parte com Peregrin para Minas Tirith. Frodo se esconc perto do Morannon, e parte na hora do crepúsculo.

6 Aragorn alcançado pelos dúnedain nas primeiras horas do dia. Théoden parte do Forte da Trombeta para o Vale Harg. Aragorn parte ma tarde.

7 Frodo é levado por Faramir para Henneth Annún. Aragorn che ao Templo da Colina ao cair da noite.

8 Aragorn toma as "Sendas dos Mortos" ao nascer do dia; chega Erech á meia-noite. Frodo parte de Henneth Annún.

9 Gandalf chega a Minas Tirith. Faramir parte de Henneth Annú Aragorn parte de Erech e chega a Calembel. No crepúsculo Frodo atinge Estrada de Morgul. Théoden chega ao Templo da Colina. A Escuridão c Mordor começa a se espalhar.

10 O Dia sem Aurora. A Concentração das Tropas de Rohan: rohirrim partem do Templo da Colina. Faramir resgatado por Gandalf d lado de fora dos Portões da Cidade. Aragorn atravessa o Ringló. Um exércit do Morannon toma Cair Andros e invade Anórien. Frodo atravessa Encruzilhada e assiste à partida do Exército de Morgul.

11 Gollum visita Laracna, mas, vendo Frodo adormecido, quase s arrepende. Denethor manda Faramir para Osgiliath. Aragorn chega a Linh e entra em Lebennin. Rohan Oriental é invadida pelo norte. Primeiro ataque contra Lórien.

12 Gollum leva Frodo para a Toca de Laracna. Faramir se retira par

os Fortes do Passadiço. Théoden acampa sob Minrimmon. Aragorn acossa o inimigos na direção de Pelargir. Os ents derrotam os invasores de Rohan.

13 Frodo capturado pelos orcs de Cirith Ungol. Os Campos d Pelennor são invadidos. Faramir é ferido. Aragorn chega a Pelargir e captur a esquadra. Théoden na Floresta Drúadan.

14 Samwise encontra Frodo na Torre. Minas Tirith é cercada. C rohirrim, conduzidos pelos homens selvagens, chegam á Floresta Cinzenta.

15 Nas primeiras horas do dia, o Rei dos Bruxos destrói os Portões d Cidade. Denethor crema-se numa pira. As cornetas dos rohirrim são ouvidas ao cantar do galo. Batalha dos Campos de Peleonor. Théoden é morto Aragorn levanta o estandarte de Arwen. Frodo e Samwise escapam começam sua viagem para o norte ao longo do Morgai. Batalha sob as árvores da Floresta das Trevas; Thranduil repele as forças de Doí Guldu Segundo ataque contra Lórien.

16 Debate dos comandantes. Frodo, do Morgai, observa a Montanh da Perdição por sobre o acampamento.

17 Batalha de Valle. Caem o rei Brand corei Dáin Pé-de-Ferro. Muit anões e homens refugiam-se em Erebor e são cercados. Shagrat leva a capa a cota de malha e a espada de Frodo para Barad-dûr.

18 O Exército do Oeste parte em marcha de Minas Tirith. Frodo s aproxima da Boca Ferrada; é alcançado por orcs na estrada que vai de Durthang para Udún.

19 O Exército chega ao Vale Morgul. Frodo e Samwise escapam começam sua jornada ao longo da estrada que conduz a Barad-dûr.

22 O crepúsculo terrível. Frodo e Samwise abandonam a estrada e dirigem-se para a Montanha da Perdição pelo sul. Terceiro ataque contra Lórien.

23 O Exército deixa Ithilien. Aragorn dispensa os covardes. Frodo Samwise livram-se de suas armas e indumentárias.

24 Frodo e Samwise fazem sua última jornada para os pés da Montanha da Perdição. O Exército acampa na Desolação do Morannon.

25 O Exército é cercado nas Colinas de Lava. Frodo e Samwis chegam ás Sammath Naur. Gollum agarra o Anel e cai nas Fendas d Perdição. Queda de Barad-dûr e desaparecimento de Sauron.

Depois da queda da Torre Escura e do desaparecimento de Sauron, Sombra foi retirada de todos os corações dos que se opunham a ele, mas c medo e o desespero tomaram seus servidores e aliados. Três vezes Lórier fora atacada por Dol Guldur, mas, além da coragem dos elfos daquela região o poder que lá morava era forte demais para ser derrotado por quem quer que fosse, a não ser que o próprio Sauron atacasse Lórien. Embora as orlas d. bela floresta tenham sido seriamente danificadas, os ataques foram repelidos; quando Sauron desapareceu, Celebom avançou e conduziu c exército de Lórien pelo Anduin em muitos barcos. Tomaram Dol Guldur, Galadriel derrubou suas muralhas e pôs a descoberto suas cavidades; a floresta foi purificada.

No norte também houvera guerra e maldade. O reino de Thrandui foi invadido, e houve uma longa batalha sob as árvores e uma grande devastação causada pelo fogo; mas no fim Thranduil conquistou a vitória. E no dia do Ano Novo dos elfos, Celebom e Thranduil encontraram-se n meio da floresta; deram então um novo nome à Floresta das Trevas, Eryı Las galen , A Floresta das Folhas Verdes.

Thranduil tomou toda a região norte até as montanhas que nascem na floresta como seu reino; Celebom tomou toda a floresta do sul abaixo dos Estreitos, dando-lhe o nome de Lórien Oriental; toda a ampla florest. intermediária foi doada aos beornings e aos homens da Floresta. Mas, após a passagem de Galadriel, dentro de alguns anos Celeborn ficou cansado de seu reino e foi para Imíadris morar com os filhos de Elrond.

Na Floresta Verde os elfos da Floresta não foram mais molestados, mas em Lórien melancolicamente sobreviveram apenas alguns do antigo povo, e já não havia mais luz ou música em Caras Galadon.

Ao mesmo tempo em que grandes exércitos cercavam Minas Tirith um exército dos aliados de Sauron, que por muito tempo ameaçara as fronteiras do rei Brand, atravessou o rio Camen, e Brand foi expulso de volta para Valle. Ali teve o auxílio dos anões de Erebor, e houve uma grande batalha aos pés da Montanha. Durou três dias, e no final o rei Brand e o re Dáin Pé-de-Ferro foram ambos mortos, ficando a vitória para os orientais Mas eles não puderam tomar o Portão, e muitos, tanto homens quant anões, refugiraram-se em Erebor, onde resistiram a um cerco.

Quando chegou a notícia das grandes vitórias no sul, o exército do norte de Sauron se encheu de desânimo; os sitiados irromperam e os expulsaram, e uma parte deles fugiu para o leste e deixou de molestar Valle. Então Bard II, filho de Brand, tornou-se rei de Valle; Thorin III, Elmo Pedra, filho de Dáin, tornou-se rei-sob-amontanha. Ambos enviaram embaixadores para a cerimônia de coroação do rei Elessar, e seus reinos permaneceram, enquanto duraram, amigos de Gondor, ficando sob a coroa e sob a proteção do Rei do Oeste.

OS DIAS MAIS IMPORTANTES DA QUEDA DE BARAD-DÛR ATÉ O FINAL DA TERCEIRA ERA[33]

3019

1419 R.C.

27 de março. Bard III e Thorin II, Elmo de Pedra, expulsam o inimi de Valle. 28 Celebom atravessa o Anduin; começa a destruição de Dc Guldur.

7. Os dias e meses são dados de acordo com o Calendário dc Condado.

6 de abril. Encontro de Celebom e Thranduil.

8 Os Portadores do Anel são homenageados no Campo de Cormallen.

1 de maio. Coroação do rei Elessar. Elrond e Arwen partem d Valfenda.

8 Éomer e Éowyn partem de Rohan com os filhos de Elrond.

20 Elrond e Arwen chegam a Lórien.

27 A Comitiva de Arwen deixa Lórien.

14 de junho. Os filhos de Elrond encontram a comitiva e levan Arwen a Edoras.

16 Eles partem para Gondor.

25 O rei Elessar encontra a muda da Árvore Branca.

1 Lite. Arwen chega à Cidade.

Dia do Meio do Ano. Casamento de Elessar e Arwen.

18 de julho. Eomer retorna a Minas Tirith.

19 Parte a comitiva do funeral do rei Théoden.

7 de agosto. A comitiva chega a Edoras.

10 Funeral do rei Théoden.

14 Os hóspedes se despedem do rei Éomer.

18 Chegam ao Abismo de Helm.

22 Chegam a Isengard; despedem-se do Rei do Oeste ao pôr-do-sol.

28 Alcançam Saruman; Saruman dirige-se para o Condado.

6 de setembro. Eles param ao avistarem as Montanhas de Moria.

13 Celeborn e Galadriel partem, os outros vão para Valfenda.

21 Retorno a Valfenda.

22 Centésimo vigésimo novo aniversário de Bilbo. Saruman chega a Condado.

5 de outubro. Gandalf e os hobbits partem de Valfenda.

6 Atravessam o Vau do Bruinen; Frodo sente pela primeira vez a do retornar. 28 Chegam a Bri ao cair da noite.

30 Deixam Bri. Os "Viajantes" atingem a Ponte do Brandevin durant a noite.

10de novembro. São presos em Sapántano.

2 Chegam a Beirágua e sublevam o povo do Condado.

3 Batalha de Beirágua, e Desaparecimento de Saruman. Fim d Guerra do Anel.

3020 1420 R.C.: O Grande Ano de Fartura

13 de março. Frodo adoece (no aniversário de seu envenenamento por Laracna).

6 de abril. O pé de mallorn floresce no Campo da Festa.

1? de maio. Samwise casa-se com Rosa.

Dia do Meio do Ano. Frodo demite-se do cargo de prefeito, e Wi Pealvo reassume.

22 de setembro. Centésimo trigésimo aniversário de Bilbo.

6 de outubro. Frodo adoece outra vez.

3021 1421 R.C.: O Ultimo Ano da Terceira Era

13 de março. Frodo adoece de novo.

25 Nascimento de Elanor, a Bela[34], filha de Samwise. Neste dia começou a Quarta Era, segundo o Registro de Gondor.

21 de setembro. Frodo e Samwise partem da Vila dos Hobbits.

22 Encontram a Última Cavalgada dos Guardiões dos Anéis em Ponta do Bosque.

29 Chegam aos Portos Cinzentos. Frodo e Bilbo partem através d Mar com os Três Guardiões. Fim da Terceira Era.

6 de outubro. Samwise retorna a Bolsão.

ACONTECIMENTOS ULTERIORES RELACIONADOS AOS MEMBROS DA SOCIEDADE DO ANEL

R.C.

1422 Com o início deste ano começa a Quarta Era na contagem d anos do Condado; mas se deu continuidade à numeração dos anos dc Registro do Condado.

1427 Will Pealvo demite-se. Samwise é eleito Prefeito do Condad Peregrin Túk casa-se com Diamantina, de Frincha Longa. O rei Eless promulga um edito proibindo que os homens entrem no Condado, o qual se torna uma Terra Livre sob a proteção do Cetro do Norte.

1430 Nasce Faramir, filho de Peregrin.

1431 Nasce Cachinhos Dourados, filha de Samwise.

1432 Meriadoc, chamado de O Magnífico, torna-se Senhor da Terr dos Buques. Grandes presentes lhe são enviados pelo rei Éomer e pel senhora Éowyn de Ithilien.

1434 Peregrin se torna "O Túk" e Thain. Orei Elessar nomeia o Thai o Senhor e o Prefeito como Conselheiros do Reino do Norte. Mestre Samwise é eleito prefeito pela segunda vez.

1436 O rei Elessar viaja para o norte e mora por um tempo ao lado dc lago Vesperturvo. Chega à Ponte do Brandevin, e ali saúda seus amigos Outorga a Estrela dos Dúnedain ao Mestre Samwise, e Elanor torna-s dama-de-honra da senhora Arwen.

1441 Mestre Samwise torna-se prefeito pela terceira vez.

1442 Mestre Samwise, sua mulher e Elanor vão para Gondor e l passam um ano. Mestre Tolman Villa atua como prefeito interino.

1448 Mestre Samwise torna-se prefeito pela quarta vez.

1451 Elanor, a Bela, casa-se com Fastred de Ilhaverde, nas Colin Distantes.

1452 O Marco Ocidental, das Colinas Distantes até as Colinas d Torres (Emyn Beraid), é anexado ao Condado mediante uma doação do re Muitos hobbits mudam-se para lá.

1454 Nasce Elfostan Lindofilho, filho de Fastred e Elanor

1455 Mestre Samwise torna-se prefeito pela quinta vez. Mediante um pedido seu, o Thain nomeia Fastred Diretor do Marco Ocidental. Fastred e Elanor passam a morar em Sob-as-Torres, nas Colinas das Torres, onde seus descendentes, os Lindofilhos das Torres, moraram por muitas gerações.

1463 Faramir Túk casa-se com Cachinhos Dourados, filha de Samwise.

1469 Mestre Samwise torna-se prefeito pela sétima e última vez estando em

1476, no final de seu mandato, com noventa e seis anos de idade.

1482 Morte da senhora Rosa, mulher de Mestre Samwise, no Dia do Meio do Ano. Em 22 de setembro, Mestre Samwise parte de Bolsão. Vai para as Colinas das Torres e é visto pela última vez por Elanor, a quem dá o Livro Vermelho, que posteriormente foi guardado pelos Lindofilhos. Entre eles mantém-se a crença, que se iniciou com Elanor, segundo a qual Samwise passou pelas Torres, chegou aos Portos Cinzentos e atravessou o Mar, sendo o último dos Portadores do Anel.

1484 Na primavera deste ano chegou à Terra dos Buques uma mensagem de Rohan dizendo que o rei Éomer desejava ver Mestre Holdwine mais uma vez. Meriadoc estava então velho (102), mais ainda forte. Aconselhou-se com seu amigo, o Thain, e logo em seguida ambos transmitiram bens e ofícios aos seus filhos e partiram através do Vau Sam, e não foram mais vistos no Condado. Conta-se que Mestre Meriadoc foi a Edoras e esteve com o rei Éomer antes da morte deste, no outono. Então ele e o Thain Peregrin foram para Gondor, onde passaram os poucos anos que lhes restavam, até morrerem e serem enterrados na Rath Dinen, entre os grandes de Gondor.

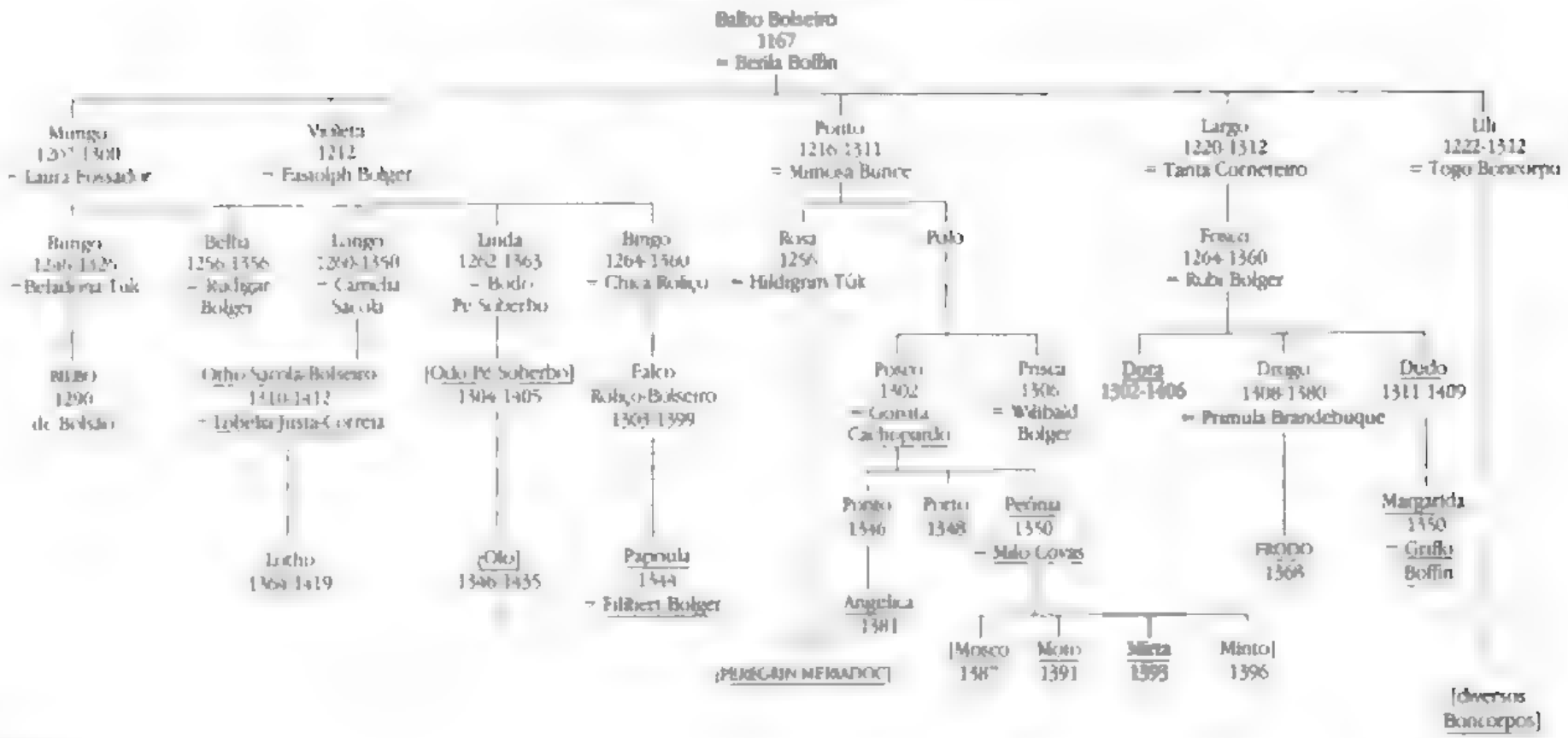
1541 Neste ano[35], em primeiro de março, finalmente se deu o Passamento do rei Elessar. Conta-se que os leitos de Meriadoc e Peregrin foram colocados junto ao leito do grande rei. Então Legolas construiu um navio cinzento em Ithilien, desceu navegando pelo Anduin, e depois através do Mar; com ele, conta-se, foi Gimli, o anão. E, quando aquele navio desapareceu, terminou a Sociedade do Anel na Terra-média.

APÊNDICE C
ÁRVORES GENEALÓGICAS

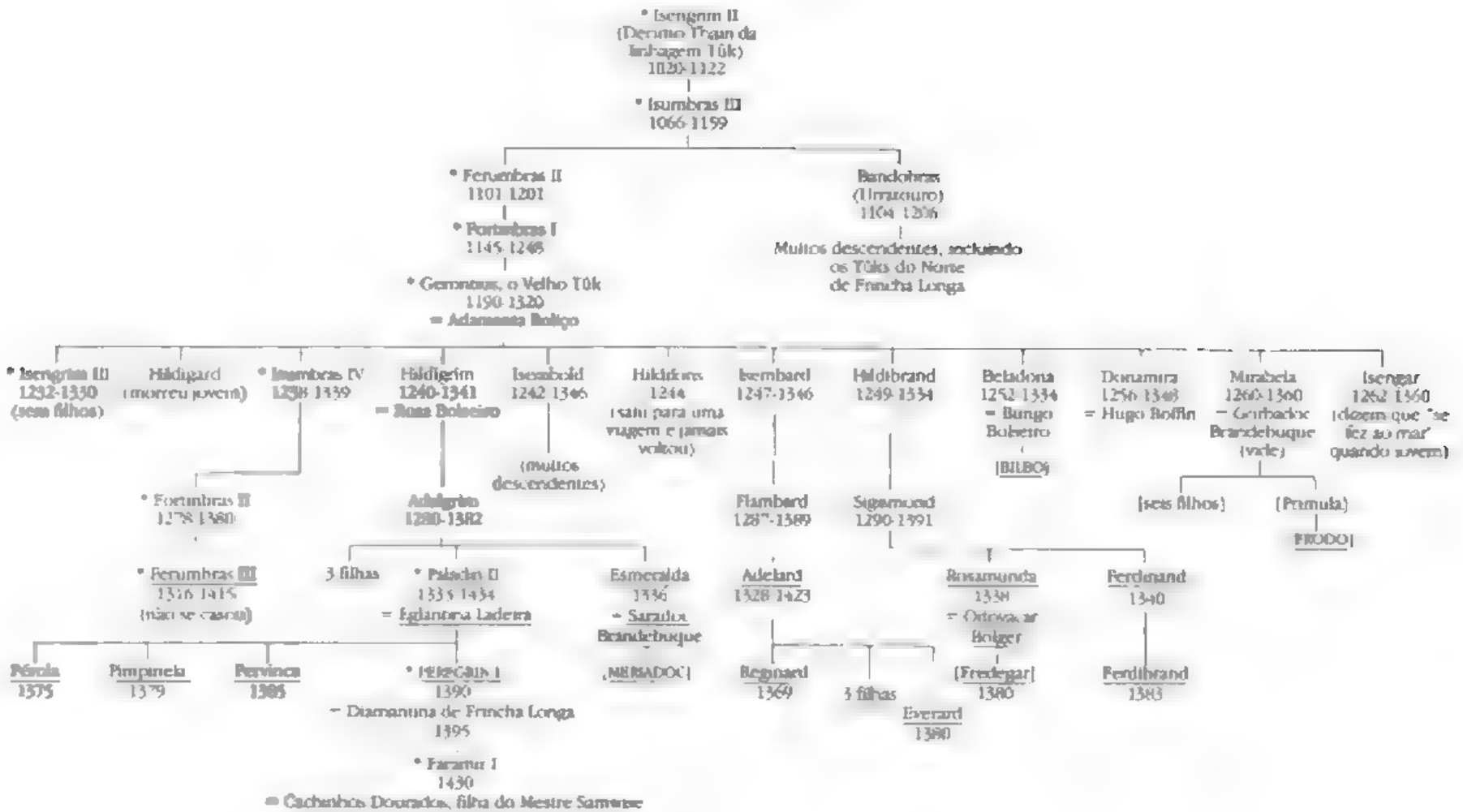
Os nomes nestas árvores são apenas uma seleção dentre muitos nomes. A maioria é de convidados da Festa de Despedida de Bilbo ou d seus antepassados diretos. Os nomes dos convidados da Festa estão sublinhados. Também se dão alguns outros nomes de pessoas envolvidas nos acontecimentos relatados. Além disso, são oferecidas algumas informações genealógicas a respeito de Samwise, o fundador da família *Jardineiro*, mais tarde famosa e influente.

Os números após os nomes são os do ano de nascimento (e de morte, se estiver registrada). Todas as datas estão dadas de acordo com o Registro do Condado, calculado desde a travessia do Brandevin pelos irmãos Marcho e Blanco no Ano 1 do Condado (1601 Terceira Era).

BOLSEIRO DA VILA DOS HOBBITS

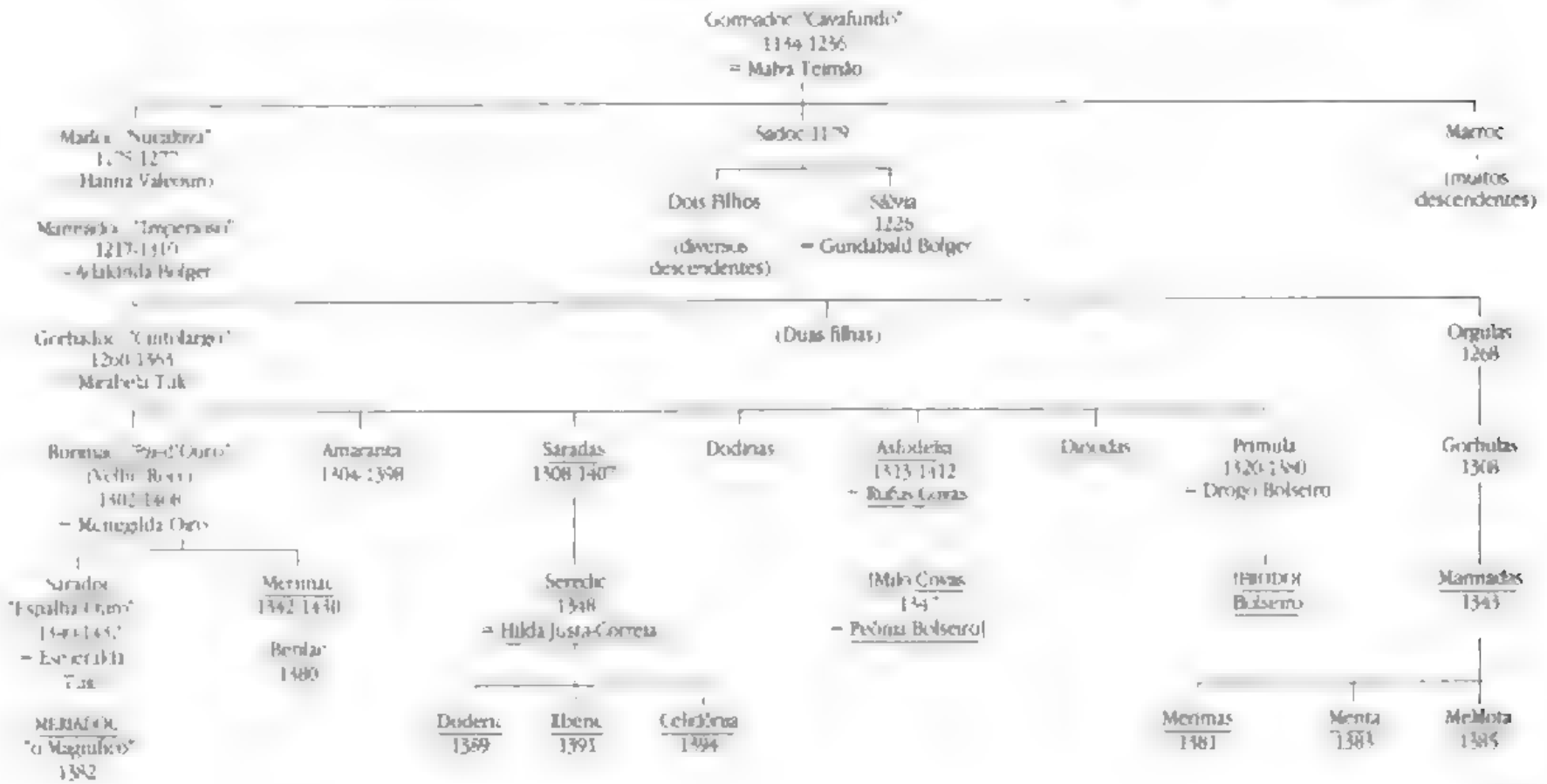


TÛK DE GRANDES SMIALS



BRANDEBUQUE DA TERRA DOS BUQUES

Gotheodad Velhobuque do Pântano iniciou por volta de 790 a construção da *Sede do Brandeem* e mudou o nome da família para Brandebuque



A ÁRVORE DOS PAIS DOS PAIS DO MESTRE SAMWISE

(mostrando também a ascensão das famílias Jardineiro da Colina e Lindofilho das Torres)

Hamfast de Gildas 1141
|
Wiseman Gamgee 1200
(mudou-se para o Campo da Grafia)

Holman "a mão verde", da Vila dos Hobbits 1210
|
Sorveira 1249 | Halfred Mão-Verde 1251 (jardineiro) | Erling 1254 | Herding 1259 | Rosa 1262 = Cotman 1260 | Carl 1263

Cotar 1220

Hobi Campo (o ordinário "Netto Gamgi") 1246

Hobson (Cordeiro Gamgi) 1285-1384

Holman Mão-Verde 1292

Holman Villa ("Homem Comprido") de Beragua 1302
|
Tolman Villa ("Tom") 1341-1440 = Lili Castanho | Wilcome ("Will") 1346

Andwise Cordeiro (o Campeiro Conta) ("Arado") 1323 | HAMFAST (Ham Gamgi) 1335-1428 = Sineta Bolsilho | Por trabalhar como jardineiro em seu "Primo Holman" na Vila dos Hobbits | Maia 1328 | Halfred de Sobremonte 1332

Halfast 1372

Anson 1361 | Harrison 1365 (quando se casou, mudou-se para o Quarto Norte) | Halfred 1369 (mudou-se para a Quarta Norte) | Margarida 1372 | Maia 1376 | SAMWISE 1380 (jardineiro) = Rosa Villa | Calêndula 1383

Tolman (Tom) 1380 | ROSA 1384 = Sam Gamgi | Wilcome (Jolly) 1384 | Bowman (Nick) 1386 | Carl (Nibs) 1389

ELANOR a Bela 1421 = Fastred de Eltavarde | FRODO Jardineiro 1423 = Holfast Jardineiro 1462 | Rosa 1425 | Merry 1427 | Pippin 1429 | CALÊNDULA DOURADOS 1431 = Paramir I, filho do Tham Peregrin I | Hamfast 1432 | Margarida 1433 | Primavera 1435 | Bilbo 1436 | Rubi 1438 | Robin 1440 | Tolman (Tom) 1442

Harding da Colina 1501

Mudaram-se para o *Marco Ocidental*, uma região recém-colonizada nessa época e doada pelo rei Elessar entre as Colinas Distantes e as das Torres. Descendem deles os *Lindofilhos das Torres*, Diretores do Marco Ocidental, que herdaram o Livro Vermelho e fizeram diversas cópias com várias notas e adições posteriores.

APÊNDICE D

CALENDÁRIO DO CONDADO

(Para uso em todos os anos)

(1) *Afteryule*	(4) *Astron*	(7) *Afterlithe*	(10) *Winterfilth*
YULE 7 14 21 28	1 8 15 22 29	LITHE 7 14 21 28	1 8 15 22 29
1 8 15 22 29	2 9 16 23 30	1 8 15 22 29	2 9 16 23 30
2 9 16 23 30	3 10 17 24 –	2 9 16 23 30	3 10 17 24 –
3 10 17 24 –	4 11 18 25 –	3 10 17 24 –	4 11 18 25 –
4 11 18 25 –	5 12 19 26 –	4 11 18 25 –	5 12 19 26 –
5 12 19 26 –	6 13 20 27 –	5 12 19 26 –	6 13 20 27 –
6 13 20 27 –	7 14 21 28 –	6 13 20 27 –	7 14 21 28 –
(2) *Solmath*	(5) *Thrimidge*	(8) *Wedmath*	(11) *Blotmath*
– 5 12 19 26	– 6 13 20 27	– 5 12 19 26	– 6 13 20 27
– 6 13 20 27	– 7 14 21 28	– 6 13 20 27	– 7 14 21 28
– 7 14 21 28	1 8 15 22 29	– 7 14 21 28	1 8 15 22 29
1 8 15 22 29	2 9 16 23 30	1 8 15 22 29	2 9 16 23 30
2 9 16 23 30	3 10 17 24 –	2 9 16 23 30	3 10 17 24 –
3 10 17 24 –	4 11 18 25 –	3 10 17 24 –	4 11 18 25 –
4 11 18 25 –	5 12 19 26 –	4 11 18 25 –	5 12 19 26 –
(3) *Rethe*	(6) *Forelithe*	(9) *Halimath*	(12) *Foreyule*
– 3 10 17 24	– 4 11 18 25	– 3 10 17 24	– 4 11 18 25
– 4 11 18 25	– 5 12 19 26	– 4 11 18 25	– 5 12 19 26
– 5 12 19 26	– 6 13 20 27	– 5 12 19 26	– 6 13 20 27
– 6 13 20 27	– 7 14 21 28	– 6 13 20 27	– 7 14 21 28
– 7 14 21 28	1 8 15 22 29	– 7 14 21 28	1 8 15 22 29
1 8 15 22 29	2 9 16 23 30	1 8 15 22 29	2 9 16 23 30
2 9 16 23 30	3 10 17 24 LITHE	2 9 16 23 30	3 10 17 24 YULE
	Midyear's Day (Overlithe)		

Cada ano começava no primeiro dia da semana, sábado, e terminava no último dia da semana, sexta-feira. O Dia do Meio do Ano e o Sobrelite nos anos bissextos não tinham o nome de nenhum dia da semana. O Lite anterior ao Dia do Meio do Ano era chamado de 1° Lite, e o posterior de 2° Lite. O Iule no fim do ano era o 1° Iule, e o do começo o 2° Iule. O Sobrelite era um feriado especial, mas não ocorreu em nenhum dos anos importantes na história do Grande Anel. Ocorreu em 1420, o ano da famosa colheita e do verão maravilhoso, e diz-se que os festejos daquele ano foram os maiores da lembrança ou do registro.

OS CALENDÁRIOS

O Calendário do Condado divergia do nosso em várias características. O ano tinha sem dúvida a mesma duração[36], já que, por muito longínquos que sejam aqueles tempos pela contagem dos anos e das vidas dos homens, não eram muito remotos segundo a memória da Terra. Os hobbits registram que não tinham "semana" quando eram ainda um povo nômade, e apesar de terem "meses", regulados aproximadamente pela Lua, seus apontamentos de datas e cálculos do tempo eram vagos e imprecisos. Nas terras ocidentais de Eriador, quando haviam começado a se estabelecer, adotaram dos dúnedain o registro do Rei, que era, em última análise, de origem eldarin; mas os hobbits do Condado introduziram várias alterações menores. Este calendário, ou "Registro do Condado", como era chamado acabou sendo adotado também em Bri, exceto pelo costume do Condado de considerar como Ano 1 o da colonização do Condado.

Frequentemente é difícil descobrir nas histórias e tradições antigas dados exatos sobre coisas que as pessoas conheciam bem e tinham como certas em sua própria época (tais como os nomes das letras, dos dias da semana, ou os nomes e a duração dos meses). Mas, devido ao seu interesse geral pela genealogia, e ao interesse pela história antiga que os eruditos entre eles adquiriram após a Guerra do Anel, os hobbits do Condado parecem ter se ocupado bastante com datas; e chegaram a montar tabelas complicadas que demonstravam as relações de seu próprio sistema com outros. Não tenho habilidade nesses assuntos, e posso ter cometido muitos erros; mas, seja como for, a cronologia dos anos cruciais, 1418, 1419, R.C., está exposta no Livro Vermelho com tanto cuidado que não pode haver muitas dúvidas sobre dias e tempos daquela época.

Parece claro que os eldar da Terra-média, que, como observou Samwise, dispunham de mais tempo, calculavam em períodos longos, e a palavra em quenya *yén*, muitas vezes traduzida por "ano", significa na verdade 144 de nossos anos. Os eldar preferiam calcular em grupos de seis e doze quando era possível. Um "dia" do sol era por eles chamado *ré* e considerado de um pôr-do-sol a outro. O *yén* continha 52.596 dias. Para fins rituais, e não práticos, os eldar observavam uma semana ou *enquiê* de seis dias; e o *yén* continha 8.766 desses *enquier*, contados continuamente por todo o período.

Na Terra-média os eldar observavam também um período curto ou ano solar, chamado *coranar* ou "ronda do sol", quando considerado sob um ponto de vista mais ou menos astronômico, mas normalmente chamado *loa*, "crescimento" (em especial nas terras do noroeste), quando se consideravam principalmente as mudanças sazonais da vegetação, como era costume ocorrer com os elfos em geral. O *loa* era subdividido em períodos que poderiam ser considerados meses longos ou estações curtas. Sem dúvida eles variavam de região para região; mas os hobbits fornecem informações apenas a respeito do Calendário de Imladris. Nesse calendário, havia seis dessas "estações", cujos nomes em quenya eram *tuile, lairë, yáviê, quelle, hrivë, coirë*, que podem ser traduzidos como "primavera, verão, outono, dissipação, inverno, agitação". Os nomes em sindarin eram *ethuil, laer, iavas, firith, rhíw,*

echuir. A "dissipação" era também chamada *lasse-lanta,* "queda das folhas", ou em sindarin *narbeleth,* "declínio do sol".

O *lairë* e *hrivë* continham 72 dias cada um, e os demais, 54 dias cada. O *loa* começava com o *yestarë,* o dia imediatamente anterior ao *tuile,* e terminava com o *mettarë,* o dia imediatamente posterior ao *coirë.* Entre c *yáviê* e o *quellë* inseriam- se três *enderi* ou "dias médios". Isso perfazia um anc de 365 dias, que era suplementado duplicando-se os *enderi* (acrescentando 3 dias) a cada doze anos.

Não se sabe como eram tratadas as eventuais imprecisões. Se naquel época o ano tinha a mesma duração que hoje, o *yén* teria tido um dia a mais. O fato de existir imprecisão é demonstrado por uma nota nos Calendários do Livro Vermelho, afirmando que no "Registro de Valfenda" o último ano de cada terceiro *yén* era reduzido em três dias: a duplicação dos três *enderi* que deveria ocorrer nesse ano era omitida; "mas isso não ocorreu em nosso tempo". Não há registro quanto ao ajuste de quaisquer imprecisões remanescentes.

Os númenorianos alteraram esses arranjos. Dividiram o *loa* em períodos mais curtos, de duração mais regular; e adotaram o costume de começar o ano no meio do inverno, que fora usado pelos homens do noroeste, de quem descendiam, na Primeira Era. Mais tarde também fizeram com que su semana tivesse 7 dias, e passaram a calcular o dia de um nascer do sol (emergindo do mar a leste) a outro.

O sistema númenoriano, tal como usado em Númenor, e em Arnor Gondor até o fim dos reis, era chamado Registro do Rei. O ano normal tinh 365 dias. Era dividido em doze *astar* ou meses, sendo que dez tinham 30 dias e dois tinham 31. Os *astar* longos ladeavam o Meio do Ano, mais ou meno como nossos junho e julho. O primeiro dia de cada ano era chamado *yestarë,* o dia médio (o 183?) *loëndë,* e o último *mettarë;* estes 3 dias não pertenciam a nenhum mês. A cada quatro anos, exceto no último ano do século (*haranyë*), dois *enderi* ou "dias médios" tomavam o lugar do *loëndë.*

Em Númenor o cálculo começava em 1 S.E. O *déficit* causado pela subtração de 1 dia do último ano do século não era ajustado até o último ano do milênio, deixando um *déficit milenar* de 4 horas, 46 minutos e 40 segundos. Esta adição foi feita em Númenor em 1000, 2000, 3000 S.E. Após a Queda em 3319 S.E., o sistema foi mantido pelos exilados, mas no início da Terceira Er foi bastante deslocado com uma nova numeração: 3442 S.E. tornou-se 1 T.E Fazendo com que 4 T.E. fosse um ano bissexto, em vez de 3 T.E. (3444 S.E introduziu-se mais 1 ano curto de apenas 365 dias, causando um *déficit* de 5 horas, 48 minutos e 46 segundos. Os acréscimos milenares foram feitos com 441 anos de atraso: em 1000 T.E. (4441 S.E.) e 2000 T.E. (5441 S.E.). Pa reduzir os erros assim causados e o acúmulo dos *déficits* milenares, Mardil, c Regente, publicou um calendário revisto que entraria em vigor em 2060 T.E., após um acréscimo especial de 2 dias a 2059 (5500 S.E.), o que concluiu 5'½ milênios desde o começo do sistema númenoriano. Mas, ainda assim, permanecia um *déficit* de cerca de 8 horas. Hador acrescentou 1 dia a 2360, embora a deficiência ainda não tivesse chegado a tal número. Depois dissc não foram feitos mais ajustes (em 3000 T.E., com a ameaça de guerra iminente, tais assuntos foram negligenciados). Ao final da Terceira Era, apó

mais 660 anos, o déficit ainda não chegava a 1 dia.

O Calendário Revisto introduzido por Mardil foi chamado Registro do Regentes e acabou sendo adotado pela maioria dos usuários da língua westron, exceto pelos hobbits. Os meses eram todos de 30 dias, e foram introduzidos 2 dias fora dos meses: 1 entre o terceiro e o quarto mês (março, abril) e 1 entre o nono e o décimo mês (setembro, outubro). Estes 5 dias exteriores aos meses, *yestarè, tuilérê, loêndê, yáviérê* e *mettarê*, eram feriados.

Os hobbits eram conservadores e continuaram usando uma forma do Registro do Rei adaptada para se adequar aos seus próprios costumes. Seu meses eram todos iguais e tinham 30 dias cada um; mas eles tinham 3 Dias Estivais, chamados, no Condado, Lite ou Dias de Lite, entre junho e julho. O último dia do ano e o primeiro do ano seguinte eram chamados Dias de Iule Os Dias de Iule e de Lite eram exteriores aos meses, de modo que 1? d janeiro era o segundo, não o primeiro dia do ano. A cada quatro anos, exceto no último ano do século[37], havia quatro Dias de Lite. Os Dias de Lite e d Iule eram os principais feriados e épocas de festividades. O Dia de Lit adicional era acrescentado após o Dia do Meio do Ano, e assim o 184? dia dos anos bissextos era chamado de Sobrelite, um dia de festejos especiais. No total, a Época de Iule compreendia seis dias, incluindo os últimos três e os primeiros três dias de cada ano.

A gente do Condado introduziu uma pequena inovação (que acabou sendo adotada também em Bri), a que chamaram Reforma do Condado Achavam desordenada e inconveniente a oscilação dos nornes dos dias da semana em relação às datas, de um ano para outro. Assim, no tempo de Isengrim II, estipularam que o dia extra que desalinhava a sucessão não deveria ter o nome de nenhum dia da semana. A partir daí, o Dia do Meio do Ano (e o Sobrelite) era conhecido apenas pelo nome, sem pertencer a nenhuma semana (p. 176). Em consequência desta reforma, o ano começava sempre no Primeiro Dia da semana e terminava no Ultimo Dia; o mesmo dia, em qualquer ano, tinha o mesmo nome em todos os demais anos, de modo que a gente do Condado não se preocupava mais em escrever o dia da semana em suas cartas ou diários[38]. Consideravam isso muito conveniente em sua própria terra, mas nem tanto quando viajavam além de Bri.

Nestas notas, assim como na narrativa, usei nossos nomes modernos tanto para os meses quanto para os dias da semana, apesar de, naturalmente, nem os eldar, nem os dúnedain, nem os hobbits assim fazerem. A tradução dos nomes em westron pareceu essencial para evitar confusões, ao passo que as implicações sazonais de nossos nomes são mais ou menos as mesmas, pelo menos no Condado. Parece, no entanto, que se pretendia que o Dia do Meio do Ano correspondesse tanto quanto possível ao solstício de verão. Nesse caso, as datas do Condado na verdade estavam adiantadas em relação às nossas em uns dez dias, e nosso Dia de Ano Novo correspondia mais ou menos ao 9 de janeiro do Condado.

Em westron, foram normalmente mantidos os nomes em quenya dos meses, assim como hoje em dia os nomes latinos são amplamente empregados em outras línguas. Eram: *Narvinyê, Nénimè, Súlimê, Víressê Lótessê, Náriê, Cermiê, Urimê, Yavanniê, Narqueliè, Hísimè, Ringarê.* Os nomes em sindarin (usados apenas pelos dúnedain) eram: *Narwain, Nínui, Gwaeron Gwiríth, Lothron, Nórui, Cerveth, Urui, Ivanneth, Narbeleth, Hithui, Girithron.*

Nesta nomenclatura, no entanto, os hobbits, quer do Condado, que de Bri, divergiam do uso em westron e mantinham nomes arcaicos locais, que parecem ter adotado dos homens dos vales do Anduin na antiguidade; seja como for, nomes semelhantes eram encontrados em Valle e Rohan (cf. as observações sobre as línguas, pp. 1199/200). Os significados desses nomes, inventados pelos homens, em geral haviam sido esquecidos pelos hobbits fazia muito tempo, mesmo nos casos cujo significado haviam conhecido originariamente; consequentemente, as formas dos nomes foram muito obscurecidas.

Os nomes do Condado estão demonstrados no Calendário. Pode-se observar que *Lamamês* era normalmente pronunciado, e às vezes escrito, *Lamês; Tremunge* era frequentemente escrito *Tremunche* (o arcaico *Trimiinge);* e *Libamês* era pronunciado *Libemês* ou *Libmês.* Em Bri os nomes eram diferentes, a saber, *Gélido, Lamamês, Lou- voso, Brotai, Tremunge, Lit Diasdestio, Prado, Ervamês, Ceifamês, Hibernal, Libaè lulemês. Gélido, Brotai* e *Iidemês* eram também usados na Quarta Leste[39].

A semana dos hobbits foi adotada dos dúnedain, e os nomes eram traduções dos que se davam aos dias no antigo Reino do Norte, que, por sua vez, derivavam dos eldar. Os seis dias da semana dos eldar eram dedicados às Estrelas, ao Sol, à Lua, às Duas Árvores, aos Céus e aos Valar ou Poderes nessa ordem, ou recebiam destes o seu nome, sendo que o último dia era o mais importante da semana. Seus nomes em quenya eram *Elenya, Anarya Isilya, Aldúya, Menelya, Valanya* (ou *Tárion);* os nomes em sindarin eram *Orgilion, Oranor, Orithil, Orgaladhad, Ormenel, Orbelain* (ou *Rodyri).*

Os númenorianos mantiveram as dedicatórias e a ordem, mas alteraram o quarto dia para *Aidê.a (Orgaladh)* com referência à Árvore Branca apenas, da qual se acreditava que descendesse Nimloth, que crescia no Pátio do Rei em Númenor. Como também desejassem um sétimo dia fossem grandes marinheiros, inseriram um "Dia do Mar", *Eãrenya {Ornearem),* depois do Dia dos Céus.

Os hobbits adotaram esse arranjo, mas os significados dos nomes traduzidos logo foram esquecidos, ou não se dava mais importância a eles, e as formas foram muito reduzidas, especialmente na pronúncia cotidiana. A primeira tradução dos nomes númenorianos foi feita provavelmente dois mil anos ou mais antes do fim da Terceira Era, quando a semana dos dúnedain (o item do seu registro que outros povos primeiro adotaram) passou a ser usada pelos homens do norte. Como nos casos dos nomes dos seus meses, os hobbits mantiveram essas traduções, apesar de serem usados os nomes em quenya no restante da área que falava westron.

Não se preservaram no Condado muitos documentos antigos. Ao fim da Terceira Era, o remanescente mais notável era a Pele Amarela, ou Anuário de Tuque- burgo[40]. Seus primeiros registros parecem ter começado pelo menos novecentos anos antes da época de Frodo; e muitos são citados nos anais e nas genealogias do Livro Vermelho. Lá, os nomes dos dias da semana aparecem nas suas formas arcaicas, sendo as mais antigas as seguintes: (1) *Astrodia,* (2) *Soldia,* (3) *Liindia,* (4) *Arbordia,* (5) *Ceudia,* (6) *Mardia,* (7) *Altodia.* Na linguagem da época da Guerra do Anel, ha- viam-se transformado em *Trodia, Sodia, Ludia, Bordia, Cèdia, Madia, Aldia.*

Traduzi esses nomes também pelos nossos, começando naturalmente

pelo domingo e pela segunda-feira. Deve-se observar, no entanto, que as associações dos nomes eram bem diversas no Condado. O último dia da semana, a sexta-feira (Aldia), era o mais importante, e também dia feriado (após o meio-dia) e de banquetes à noitinha. Assim, o sábado corresponde melhor à nossa segunda-feira, e a quinta-feira ao nosso sábado[41].

Podem ser mencionados alguns outros nomes que se referem ao tempo, apesar de não serem usados em cálculos precisos. As estações que normalmente se nomeavam eram *tuilê*, primavera, *lairê*, verão, *yáviê*, outono (ou colheita), *hrivè*, inverno; mas elas não tinham definições exatas, e *quellê* (ou *lasselantá)* empregava-se também para o final do outono e início do inverno.

Os eldar davam atenção especial ao "crepúsculo" (nas regiões setentrionais), especialmente na condição de tempo de desaparecimento e de surgimento das estrelas. Possuíam muitos nomes para esses períodos, os mais comuns dos quais eram *tin- dómê* e *undómê*, sendo que aquele referia-se mais frequentemente ao período próximo do amanhecer, e *undómê* ao entardecer. O nome em sindarin era *uial*, que podia ser definido como *minuial* e *aduial*. Estes muitas vezes eram chamados no Condado *matinturvo* e *vesperturvo*. Cf. Lago Vesperturvo como tradução de Nenuial.

O Registro do Condado e suas datas são os únicos que importam na narrativa da Guerra do Anel. Todos os dias, meses e datas são no Livro Vermelho traduzidos

em termos do Condado, ou identificados com eles em notas. Portanto os meses e dias em todo *O Senhor dos Anéis* referem-se ao Calendário do Condado. Os únicos pontos nos quais as diferenças entre ele e o nosso calendário têm importância para a história do período crucial, o final de 3018 e o início de 3019 (1418, 1419 R.C.), são estes: outubro de 1418 tem apenas 30 dias, 1? de janeiro é o segundo dia de 1419, e fevereiro tem 30 dias; de modo que 25 de março, a data da queda de Barad-dûr, corresponderia ao nosso 27 de março, se nossos anos começassem no mesmo ponto sazonal. A data era, porém, 25 de março tanto no Registro dos Reis como no dos Regentes.

O Novo Registro foi iniciado, no Reino restaurado, em 3019 T.I. Representou um retorno ao Registro dos Reis, adaptado para se adequar a um começo na primavera semelhante ao *loa* eldarin[42].

No Novo Registro o ano começava em 25 de março, à maneira antiga, comemorando a queda de Sauron e os feitos dos Portadores do Anel. Os meses mantiveram seus nomes antigos, começando agora por *Víressê* (abril), mas referiam-se a períodos que iniciavam em geral cinco dias mais cedo que os do calendário anterior. Todos os meses tinham 30 dias. Havia 3 *Enderi* ou Dias Médios (dos quais o segundo era chamado *Loëndë)* entre *Yavannië* (setembro) e *Narquelië* (outubro), que correspondiam a 23, 24 e 25 de setembro pela contagem antiga. Mas, em homenagem a Frodo, 30 de *Yavannië*, que correspondia ao antigo 22 de setembro, seu aniversário, foi transformado em festival, e os anos bissextos eram caracterizados pela duplicação dessa festa, chamada *Cormarë* ou Dia do Anel.

Considerou-se que a Quarta Era começou com a partida de Mestre Elrond, que se deu em setembro de 3021; mas para os fins dos anais do Reino

o ano 1 da Quarta Era foi aquele que começou, de acordo com o Nov Registro, em 25 de março de 3021 pela contagem antiga.

Esse Registro, no decurso do reinado do rei Elessar, foi adotado en todas as suas terras, exceto no Condado, onde o calendário antigo foi mantido e se deu continuidade ao Registro do Condado. O ano 1 da Quart Era foi, portanto, chamado 1422; e, na medida em que levaram em consideração a mudança de Era, os hobbits afirmavam que ela teve inícic em 2 Iule de 1422, e não no mês de março anterior.

Não há registro de que a gente do Condado comemorasse o 25 de março ou o 22 de setembro, mas na Quarta Oeste, especialmente nas terras ao redor da Colina da Vila dos Hobbits, estabeleceu-se o costume de declarar feriado e dançar no Campo da Festa, quando o tempo o permitisse, em 6 de abril. Alguns diziam que era o aniversário do velho Sam Jardineiro, outro que era o dia em que a Arvore Dourada floresceu pela primeira vez em 1420, e outros ainda que era o Ano Novo dos elfos. Na Terra dos Buques a Corneta da Terra dos Cavaleiros era tocada ao pôr-do-sol todos os dias 2 de novembro, e seguiam-se fogueiras e festejos[43].

APÊNDICE E

ESCRITA E ORTOGRAFIA

I
PRONÚNCIA DE PALAVRAS E NOMES

O westron, ou Língua Geral, foi inteiramente traduzida par: equivalentes ingleses. Todos os nomes de hobbits e palavras especiais deverão ser pronunciados de acordo: por exemplo, *Bolger* tem o *g* de *bulge,* e *mathom* rima com *fathom.*

Na transcrição das escritas antigas, tentei representar os sons originais (na medida em que podem ser determinados) com razoável precisão e produzir ao mesmo tempo palavras e nomes que não pareçam desajeitados em letras modernas. O alto-élfico quenya foi grafado tão próximo ao latim quanto seus sons o permitiram. Por esse motivo preferiu-se o *c* ao *k* em ambas as línguas eldarin.

Os pontos seguintes devem ser observados por aqueles que se interessam por tais detalhes.

Consoantes

C tem sempre o valor de *k,* mesmo antes de *e* e *i*: *celeb* "prata" deve ser pronunciado *keleb.*

CH usa-se apenas para representar o som ouvido em *bach* (em alemão ou galês), não o do inglês *church.* Exceto no final das palavras e antes de *t,* este som enfraquecia-se e tornava-se *h* na fala de Gondor, e essa mudança foi respeitada em alguns nomes, tais como *Rohan, rohirrim (Imrahil é* um nome númenoriano).

DH representa *oth* sonoro do inglês *these clothes.* Está normalmente relacionado com *d,* como no S.*galadh* "árvore", comparado com o Q.*aida;* mas às vezes deriva de *n + r,* como em *Caradhras* "Chifre Vermelho", de *caran-rass.*

F representa *f,* exceto no final das palavras, nas quais se usa para representar o som de v: *Nindalf, Fladrif.*

G tem apenas o som de *g* em *give, get: gil* "estrela", em *Gildor, Gilraen Osgiliath,* começa como no inglês *gild.*

H sozinho, sem outras consoantes, tem o som de *h* em *house, behold.* A combinação *ht* em quenya tem o som de *cht,* como no alemão *echt, achf.* e.g. no nome *Telumehtar* "Órion"[44]. Ver também CH, DH, L, R, TH, W, Y.

I em posição inicial, antes de outra vogal, tem o som consonantal de *y* em *you,*

yore apenas em sindarin: assim em *Ioreth, Iarwain.* Ver Y.

K usa-se em nomes tirados de línguas não-élficas, com o mesmo valor de *c;* assim, *kh* representa o mesmo som que *ch* em *Grishnákh* na língua dos ores, ou *Adunakhor* em adünaico (númenoriano). Sobre a língua dos anões

(khuzdul) ver nota na página anterior.

L representa aproximadamente o som do / inicial, como em *let*. No entanto, era, até certo ponto, "palatalizado" entre *e, i* e uma consoante, ou em posição final após *e, i* (os eldar provavelmente transcreveriam as palavras inglesas *bell, fill* como *beol,fioI*). LH representa a forma surda deste som (normalmente derivada de *sl-* inicial). Em quenya (arcaico) isso se escrevia *hl*, mas na Terceira Era costumava ser pronunciado como *l*.

NG representa *ng* em *finger*, exceto em posição final, onde se pronunciava como no inglês *sing*. Este último som também ocorria em posição inicial em quenya, mas foi transcrito como *n* (como em *Noldo*), de acordo com a pronúncia da Terceira Era.

PH tem o mesmo som de *f*. Usa-se (a) quando o som de/ocorre no final de uma palavra, como em *alph* "cisne"; (b) quando o som de /se relaciona com *p* ou dele deriva, como em *i-Pheriannath* "os Pequenos" (*perian*); (c) no meio de algumas poucas palavras nas quais representa um /f longo (derivado de *pp*), como em *Ephel* "cerca exterior"; e (d) em adünaico e westron, como em *Ar-Pharazôn* (*pharaz*, "ouro").

QU foi usado em lugar de *cw*, uma combinação muito frequente em quenya, apesar de não ocorrer em sindarin.

R representa um *r* vibrante em todas as posições; o som não se perdia diante de consoantes (como no inglês *pari*). Consta que os ores e alguns anões usavam um *r* posterior ou uvular, som que os eldar consideravam desagradável. RH representa um *r* surdo (normalmente derivado de um *sr-* inicial mais antigo). Escrevia-se *hr* em quenya. Cf. L.

S é sempre surdo, como no inglês *so, geese;* o som de z não ocorria no quenya ou sindarin contemporâneos. SH, que ocorria em westron e nas línguas dos anões e dos ores, representa sons semelhantes ao *sh* de *English*.

TH representa o *th* surdo do inglês *thin cloth*. No quenya falado, este som se tornara *s*, apesar de ainda se escrever com uma letra diferente; como em Q. *Isil*, S. *Ithil*, "Lua".

TY representa um som provavelmente semelhante ao *t* de *tune*. Derivava principalmente de *c* ou de / + *y*. Os falantes de westron costumavam substituí-lo pelo som de *ch* inglês, frequente naquela língua. Cf. HY em Y.

V tem o som de nosso *v*, mas não se usa em posição final. Ver F.

W tem o som do *w* inglês. HW é um *w* surdo, como no inglês *white* (na pronúncia do norte). Não era um som inicial incomum em quenya, apesar de aparentemente não ocorrerem exemplos neste livro. Tanto v como w são usados na transcrição do quenya, a despeito da assimilação de sua grafia ao latim, pois ambos os sons, de origens distintas, ocorriam naquela língua.

Y usa-se em quenya para a consoante *y*, como no inglês *you*. Em sindarin o *y* é vogal (ver abaixo). HY guarda a mesma relação com v que HW com *w*, e representa um som semelhante ao que frequentemente se ouve em inglês em *hew, huge;* o *h* de *eht, iht* em quenya tinha o mesmo som. O som de *sh* inglês, comum em westron, muitas vezes tomava seu lugar na linguagem falada. Cf. TY. HY normalmente derivava de *sy-* e *khy-*, em ambos os casos as palavras cognatas em sindarin têm *h* inicial, como em Q.

Hyarmen "sul", S. *Harad.*

Note-se que consoantes de grafia dobrada, tais como *tt, 11, ss, nn,* representam consoantes longas ou "duplas". No final de palavras de mais de uma sílaba, costumavam ser reduzidas: como em *Rohan,* derivado de *Rochann (Rochand* arcaico).

Em sindarin, as combinações *ng, nd, mb,* que eram bastante usuais na fase primitiva das línguas eldarin, sofreram várias mudanças, *mb* tornou-se *m* em todos os casos, mas continuou valendo como consoante longa para fins de tonicidade (ver abaixo), e, assim, escreve-se *mm* nos casos em que, de outra forma, poderia haver dúvida quanto ao acento[45], *ng* permaneceu sem alteração exceto em posição inicial ou final, em que se transformou na nasal simples (como no inglês *sing). nd* normalmente transformou-se em *nn,* como em *Ennor* "Terra-média", Q. *Endóre;* mas permaneceu como *nd* no final de monossílabos com acento pleno, tais como *thond* "raiz" (cf. *Morthond,* "Raiz Negra"), e também antes de *r,* como em *Andros* "espu- ma-longa". Este *nd* também se vê em alguns nomes antigos derivados de um período anterior, tais como *Nargothrond, Gondolin, Beleriand.* Na Terceira Era *ond* final em palavras longas tornara-se *n* derivado de *nn,* como em *Ithilien, Rohan, Anórien.*

Vogais

Usam-se para as vogais as letras *i, e, a, o, u* e (apenas em sindarin) *y.* Até onde podemos determinar, os sons representados por essas letras (exceto por eram de caráter normal, apesar de indubitavelmente muitas variedades locais escaparem ao nosso conhecimento[46]. Isto é, os sons eram aproximadamente aqueles representados por *i, e, a, o, u* em *machine, were,father,for, brute,* sem considerar a quantidade.

Em sindarin, *e, a, o* longos possuíam a mesma qualidade das vogais curtas, já que haviam derivado destas em épocas relativamente recentes (os antigos *é, á, ó* haviam sido alterados). Em quenya *é e ó* longos eram, quando corretamente[47] pronunciados, como pelos eldar, mais tensos e "fechados" que as vogais curtas.

Somente o sindarin, dentre as línguas contemporâneas, possuía o *u* "modificado" ou anterior, mais ou menos como o *u* francês em *lime.* Era em parte uma modificação de *o* e *u,* e em parte derivado dos antigos ditongos *eu, iu.* Usou-se *y* para esse som (como em anglo-saxão): assim em *Ivg,* "serpente", Q. *leïica,* ou *emyn,* plural de *amou* "colina". Em Gondor esse *y* era normalmente pronunciado como *i.*

As vogais longas são normalmente marcadas com um acento agudo, como em algumas variedades da escrita féanoriana. Em sindarin, as vogais longas de monossílabos tônicos são marcadas com um circunflexo, visto que em tais casos tendiam a ser especialmente prolongadas[48]; assim em *dîtn* comparado com *Dúnadan.* O circunflexo em outras línguas, tais como adünaico ou a dos anões, não tem significado especial e é usado apenas para diferenciá-las como línguas estrangeiras (como no caso do *k).*

O *e* final nunca é mudo ou, como em inglês, um mero indicativo de duração. Para marcar este *e* final, cie é muitas vezes (porém sem consistência) escrito como ê.

Os grupos *er, ir, ur* (em posição final ou antes de consoante) não devem ser pronunciados como em inglês *fern, fir, fur,* mas sim como em *air, eer, oor.*

Em quenya, *ui, oi, ai* c *iu, eu, au* são ditongos (isto é, pronunciam-se na mesma sílaba). Todos os demais pares de vogais são dissilábicos. Isto ε frequentemente indicado escrevendo-se *êa (Ea), êo, oê.*

Em sindarin, os ditongos se escrevem *ae, ai, ei, oe, ui* e *au.* As demais combinações não formam ditongos. A grafia do *au* final como *aw* está de acordo com o costume inglês, mas na verdade não é incomum em grafias fëanorianas.

Todos estes ditongos[49] eram "decrescentes", isto é, tinham acento no primeiro elemento, e compunham-se de uma fusão das vogais simples. Assim, *ai, ei, oi, ui* devem ser pronunciados respectivamente como os ditongos de *rye* (não *ray), grey, boy, ruin; au (aw)* como em *loud, how;* e não como *laud.*

Não há nada em inglês que corresponda exatamente a *ae, oe, eu; ae* e *oe* podem ser pronunciados como *ai, oi.*

Acento tônico

A posição do "acento" não está marcada, já que nas línguas eldarin em questão seu lugar é determinado pela forma da palavra. Em palavras dissílabas, ele recai na primeira sílaba em praticamente todos os casos. Em palavras mais longas, recai na penúltima sílaba se esta contém uma vogal longa, um ditongo ou uma vogal seguida de duas (ou mais) consoantes. Quando a penúltima sílaba contiver (como acontece frequentemente) uma vogal curta seguida de apenas uma (ou nenhuma) consoante, o acento recairá na sílaba anterior a ela, ou seja, na antepenúltima. Palavras desta forma são usuais nas línguas eldarin, especialmente em quenya.

Nos exemplos seguintes, a vogal tônica está destacada em maiúscula: *islldur, Orome, erEssea, {Eanor, ancAlima, elentAri, dEnethor, periAnnath ecthElion, pelArgir, sillvren.* Palavras do tipo de *elentÁri,* "rainha das estrelas", raramente ocorrem em quenya onde a vogal é *é, á, ó,* a não ser que (como neste caso) se trate de compostos; são mais comuns com as vogais *í, ú,* como *andUne* "pôr-do-sol, oeste". Não ocorrem em sindarin, exceto em compostos. Deve ser notado que em sindarin *dh, th, ch* são consoantes simples e representam uma única letra nas escritas originais.

Nota

Em nomes derivados de línguas não-eldarin, devem ser atribuídos às letras os mesmos valores caso não haja uma descrição especial para elas, exceto no caso do idioma dos anões. Nessa língua, que não possuía os sons representados por *th* e *ch (,kh), th* e /</; são aspirados, isto é, *t* ou *k* seguidos de *h,* mais ou menos como nas palavras inglesas *hackhand, outhouse.*

Onde ocorrer *z,* é o som do z inglês que se pretende, *gh,* na Língua

Negra e na língua dos ores, representa uma "fricativa posterior" (relacionada com *g* como *dh* se relaciona com *d):* como em *ghâsh* e *agh.*

Os nomes "externos" ou humanos dos anões receberam formas nórdicas, mas os valores das letras são conforme descrito. É esse também o caso dos antropônimos e topónimos de Rohan (quando não foram modernizados), exceto pelo fato de que *éa* e *èo* são ditongos, que podem ser representados por *ea* de *bear* e *eo* de *Theobald; y* é o *ti* modificado. As formas modernizadas são facilmente reconhecíveis e devem ser pronunciadas como em inglês. Trata-se, em sua maioria, de topónimos.

	I	II	III	IV
1	1	2	3	4
2	5	6	7	8
3	9	10	11	12
4	13	14	15	16
5	17	18	19	20
6	21	22	23	24
	25	26	27	28
	29	30	31	32
	33	34	35	36

II
ESCRITA

As leiras e formas cursivas usadas na Terceira Era eram todas essencialmente de origem eldarin, e já naquela época, extremamente antigas. Haviam alcançado a etapa do total desenvolvimento alfabético, porém ainda estavam em uso modos mais antigos nos quais apenas as consoantes eram denotadas por letras plenas.

Os alfabetos eram de dois tipos principais, de origens independentes: os *Tengwar* ou *Ttw,* aqui traduzidos como "letras"; e os *Certar* ou *Cirth,* traduzidos como "runas". Os *Tengwar* foram criados para serem escritos com pincel ou pena, e as formas angulosas das inscrições eram, no caso, derivadas das formas escritas. Os *Certar* foram criados e mormente usados apenas para inscrições gravadas ou entalhadas.

Os *Tengwar* eram mais antigos, pois foram desenvolvidos pelos noldor, a estirpe dos eldar mais habilidosa em tais assuntos, muito tempo antes do seu exílio. As mais antigas letras eldarin, os Tengwar de Rúmil, não eram usadas na Terra-mé- dia. As letras posteriores, os Tengwar de Fëanor, eram em grande parte uma invenção nova, apesar de deverem algo às letras de Rúmil. Foram trazidas para a Terra- média pelos noldor exilados, e assim tornaram-se conhecidas dos edain e dos nú- menorianos. Na Terceira Era seu uso havia se espalhado por uma área em grande parte coincidente com aquela onde se conhecia a Língua Geral.

Os Cirth foram criados inicialmente em Beleriand, pelos sindar, e por muito tempo foram usados apenas para inscrever nomes e breves textos comemorativos sobre madeira ou pedra. Devem a essa origem suas formas angulosas, muito semelhantes às runas de nossos tempos, apesar de diferirem destas em detalhes e serem totalmente diversas no arranjo. Os Cirth, na sua forma mais antiga e simples, espalharam-se para o leste na Segunda Era, e tornaram-se conhecidos por muitos povos, pelos homens e pelos anões, e até pelos ores, e todos os alteraram de acordo com suas necessidades e com a habilidade que tivessem ou não. Uma dessas formas simples era ainda usada pelos homens de Valle, e outra semelhante pelos rohirrim.

Mas em Beleriand, antes do fim da Primeira Era, os Cirth, em parte devido à influência dos Tengwar dos noldor, foram rearranjados e desenvolvidos. Sua forma mais rica e ordenada era conhecida como o Alfabeto de Daeron, pois na tradição élfica dizia-se que fora criado por Daeron, menestrel e mestre da tradição do rei Thingol de Doriath. Entre os eldar o Alfabeto de Daeron não desenvolveu formas genuinamente cursivas, pois na sua escrita os elfos adotaram as letras fëanorianas. Na verdade, os elfos do Ocidente, em geral, abandonaram de vez o uso das runas. Na terra de Eregion, no entanto, o Alfabeto de Daeron foi mantido passou para Mo- ria, onde se tornou o alfabeto preferido pelos anões. Permaneceu em uso entre eles daí em diante, passando com eles ao norte. Por isso, mais tarde, foi muitas vezes chamado *Angerthas Moria* ou Longas Fileiras de Runas de Moria. Assim como faziam com sua fala, os anões utilizavam as escritas que estivessem em uso, e muitos eram habilidosos na escrita das letras fëanorianas; mas, para sua própria língua, atinham-se aos Cirth, e desenvolveram formas escritas com a pena a partir deles.

As letras fëanorianas

A tabela 1 mostra, no desenho formal da caligrafia usada em livros, todas as letras que eram comumente usadas nas Terras do Oeste na Terceira Era. O arranjo é o usual na época, aquele em que então se costumavam recitar as letras.

Esta escrita não era originariamente um "alfabeto", isto é, uma série fortuita de letras, cada uma com um valor independente, recitadas em uma ordem tradicional sem ligação com suas formas ou funções[50]. Tratava-se antes de um sistema de sinais consonantais, de formas e estilo semelhantes, que podia ser adaptado conforme a vontade ou a conveniência para representar as consoantes de línguas observadas (ou criadas) pelos eldar. Nenhuma das letras tinha valor fixo por si só, mas certas relações entre elas foram sendo gradativamente reconhecidas.

O sistema continha vinte e quatro letras primárias, 1-24, ordenadas em quatro *témar* (séries), cada uma com seis *tyeller* (graus). Havia também "letras adicionais", exemplificadas pelos números 25-36. Destas, a 27 e a 29 são as únicas letras estritamente independentes; as restantes são modificações das demais letras. Havia também certo número de *tehtar* (sinais) de usos variados. Estes não constam da tabela[51].

As *letras primárias* compunham-se cada uma de um *telco* (haste) e um *lúva* (arco). As formas vistas em 1-4 eram consideradas normais. A haste podia ser elevada, como em 9-16; ou reduzida, como em 17-24. O arco podia ser aberto, como nas Séries I e III, ou fechado, como em II e IV, e em cada um dos casos podia ser duplo, como e.g. em 5-8.

Na Terceira Era, a liberdade teórica de aplicação havia sido modificada pelo costume, ao ponto de a Série I ser em geral aplicada às dentais ou série do *t* (*tinco- téma)*, e a II às labiais ou série do *p* (*parmatéma*). A aplicação das Séries III e IV variava de acordo com as exigências das diferentes línguas.

Em línguas como o westron, que fazia uso frequente de consoantes[52] como os nossos *ch,j, sh*, a Série III era normalmente aplicada a estas; nesse caso a Série IV era aplicada à série normal do *k (calmatéma)*. Em quenya, que além da *calmatéma* possuía tanto uma série palatal (*tyelpetéma*) como uma labializada *(quessetéma)*, as palatais eram representadas por um sinal diacrítico féanoriano que denotava "y subsequente" (normalmente dois pontos sotopostos), ao passo que a Série IV era a série do *kw*.

No âmbito destas aplicações gerais, observavam-se em geral também as seguintes relações. As letras normais, Grau 1, eram aplicadas às "oclusivas surdas": *t, p, k*, etc. A duplicação do arco indicava a adição de "sonoridade": assim, se 1, 2, 3, 4 – *t, p, ch, k* (ou *t, p, k, kw)*, então 5, 6, 7, 8 = *d, b,j, g* (ou *d, b, g, gw)*. A elevação da haste indicava a abertura da consoante em "fricativa": presumindo, assim, os valores acima para o Grau 1, Grau 3 (9-12) – *th,f, sh, kh* (ou *th,f, Ich, khw/hw)*, e Grau 4 (13-16) – *dh, v, zh, gh* (ou *dh, v, gh, ghw/w)*.

O sistema Fëanoriano original possuía também um grau com hastes expandidas, tanto acima quanto abaixo da linha. Estas normalmente representavam consoantes aspiradas (e.g., *t+h,p + h,k+h)*, mas podiam

representar outras variações consonantais exigidas. Não eram necessárias nas línguas da Terceira Era que adotavam essa escrita, mas as formas expandidas eram muito usadas como variantes dos Graus 3 e 4 (mais claramente distinguíveis do Grau 1).

O Grau 5 (17-20) era normalmente aplicado às consoantes nasais assim, 17 e 18 eram os sinais mais comuns para *n* e *m*. De acordo com o princípio observado acima, o Grau 6 deveria então representar as nasais surdas, mas, como tais sons (exemplificados pelo *nh* galês ou pelo *hn* anglo-saxão) ocorriam muito raramente nas línguas em questão, o Grau 6 (21 -24) era mais frequentemente usado para as consoantes mais fracas ou "semivocálicas" de cada série. Ele consistia nas formas menores e mais simples dentre as letras primárias. Assim, 21 era muitas vezes usada para um *r* fraco (sem vibração), que originariamente ocorrera em quenya e era considerado, no sistema dessa língua, como a consoante mais fraca da *tincoté- ma;* 22 era amplamente usada para *w;* onde a Série III era usad como série palatal, 23 era comumente usada como *y* consonantal[53].

Como algumas das consoantes do Grau 4 tendiam a se enfraquecer na pronúncia e a se aproximar ou se fundir com as do Grau 6 (conforme descrito acima), muitas destas últimas deixaram de ter função clara nas línguas eldarin, e foi dessas letras que normalmente derivaram as letras que expressavam vogais.

Nota

A ortografia padrão do quenya divergia das aplicações das letras descritas acima. O Grau 2 era usado para *nd, mb, ng, ngw,* que eram todas frequentes, já que *b, g, gw* apareciam apenas nessas combinações, enquanto para *rd, ld* eram usadas as letras especiais 26, 28 (para *lv,* não para *lw,* muitos falantes de quenya, especialmente os elfos, usavam *lb*: isto se escrevia com 27 + 6, pois *hnb* não podia ocorrer). Da mesma forma, o Grau 4 era usad para as combinações extremamente frequentes, *nt, mp, nk. nqu,* já que o quenya não possuía *dh, gh, ghw,* e para v usava- se a letra 22. Ver os nomes das letras em quenya nas pp. 1185-6.

As letras adicionais. O n° 27 era usado universalmente para *l*. O n° 25 (na origem uma modificação do 21) era usado para o *r* vibrante "pleno". Os n" 26, 28 eram modificações destes. Eram usados com frequência para *r* surdo *(rh)* e *l* surdo *(Ih)* respectivamente. Mas em quenya eram usados para *rd* e *ld*. O 29 representava *s*, e o 31 (com curva dupla) representava z nas línguas que o exigiam. As formas invertidas, 30 e 32, apesar de disponíveis para uso como sinais separados, eram empregadas na maioria das vezes como simples variantes de 29 e 31, de acordo com a conveniência da escrita; e.g., usavam-se muito quando acompanhadas de *tehtar* sobrepostos.

O n° 33 era na origem uma forma alternativa que representava alguma variedade (mais fraca) do 11; seu uso mais frequente na Terceira Era era *h*. O 34 geralmente era usado (se é que o era) para *w* surdo *(hw)*. O 35 e o 36, quando usados como consoantes, aplicavam-se em geral a *y* e *w*, respectivamente.

As vogais eram, em muitos modos, representadas por *tehtar*, normalmente colocados acima das letras consonantais. Em línguas como o quenya, em que a maioria das palavras terminavam em vogal, o *tehta* era colocado acima da consoante precedente; em línguas como o sindarin, em que a maioria das palavras terminavam em consoante, era colocado acima da consoante subseqüente. Quando não havia consoante na posição requerida, o *tehta* era colocado sobre o "suporte curto", do qual uma das formas comuns era um *i* sem ponto. Os *tehtar* efetivamente usados por diferentes línguas como sinais vocálicos eram numerosos. Os mais comuns, normalmente aplicados a (variedades de) *e, i, a, o, u,* estão demonstrados nos exemplos dados. Os três pontos, mais usualmente denotando *a* em escrita formal, eram escritos de maneiras variadas em estilos mais rápidos, sendo empregada muitas vezes uma forma semelhante a um circunflexo[54]. O ponto isolado e o "acento agudo" eram frequentemente usados para *i* e *e* (mas, em alguns modos, para *e* e *i).* As curvas eram usadas para *o* e *u.* Na inscrição do Anel, a curva aberta à direita é usada para *u;* mas na página de rosto representa *o,* e a curva aberta à esquerda representa *u.* A curva à direita era preferida, e sua aplicação dependia da língua em questão: na Língua Negra o *o* era raro.

As vogais longas eram normalmente representadas colocando-se o *tehta* sobre o "suporte longo", do qual uma das formas comuns era semelhante a um *j* sem ponto. Mas, com essa mesma finalidade, os *tehtar* podiam ser duplicados. Isto, no entanto, só costumava ser feito com as curvas e às vezes com o "acento". Dois pontos eram usados com mais frequência como sinal de *y* subseqüente.

A inscrição do Portão Oeste ilustra um modo de "escrita plena" com vogais representadas por letras individuais. Todas as letras vocálicas usadas em sindarin estão demonstradas. O uso do nº 30 como sinal de *y* vocálico pode ser observado e também a expressão dos ditongos pela colocação do *tehta* de *y* subseqüente sobre a letra vocálica. O sinal de *w* subseqüente (necessário para expressar *au, aw)* era nesse modo a curva do *u* ou uma modificação desta: Mas os ditongos eram frequentemente grafados por extenso, como na transcrição. Neste modo, a duração da vogal era normalmente indicada pelo "acento agudo", chamado nesse caso *andaith* "marca longa".

Havia, além dos *tehtar* já mencionados, vários outros, usados em geral para abreviar a grafia, especialmente para expressar combinações consonantais freqüentes sem escrevê-las por extenso. Entre estas, uma barra (ou um sinal semelhante ao til espanhol) sobre uma consoante era muitas vezes usada para indicar que esta era precedida pela nasal da mesma série (como em *nt, mp* ou *nk)*\ um sinal semelhante colocado abaixo, porém, costumava ser usado para indicar consoante longa ou dupla. Um gancho voltado para baixo, ligado ao arco (como em *hobbits,* a última palavra da página de rosto), era usado para indicar um 5 subseqüente, especialmente nas combinações *ts, ps, ks* (x), que eram preferidas em quenya.

Naturalmente não havia "modo" para a representação do inglês. Poder-se-ia criar, a partir do sistema féanoriano, algum que fosse foneticamente adequado. O breve exemplo da página de rosto não tenta

demonstrar isto. É antes um exemplo do que um homem de Gondor poderia ter produzido, hesitando entre os valores familiares das letras em seu "modo" e a ortografia tradicional do inglês. Pode-se notar que um ponto sotoposto (que tinha como um de seus usos a representação de vogais fracas e obscuras) emprega-se ali representando o *and* átono, mas usa-se também em *here* para representar o e final mudo; *the, of* e *of the* são expressados por abreviaturas (*dh* expandido, v expandido, este último com um traço inferior).

Os nomes das letras. Em todos os modos, cada letra e sinal tinha um nome, mas estes foram criados para se adequarem ou descreverem o uso fonético em cada um dos modos. Muitas vezes, porém, especialmente ao descrever os usos das letras em outros modos, sentia-se a necessidade de um nome para cada letra considerada como forma em si. Para esta finalidade, empregavam-se comumente os "nomes plenos" em quenya, mesmo quando se referiam a usos peculiares em quenya. Cada "nome pleno" era uma palavra em quenya que continha a letra em questão. Quando possível, era o primeiro som da palavra, mas, nos casos em que o som ou a combinação expressada não ocorria em posição inicial, esse som era imediatamente seguido por uma vogal inicial. Os nomes das letras da tabela eram (1) *tinco* metal, *parma* livro, *calma* lâmpada, *quesse* pena [de ave]; (2) *ando* portão, *umbar* destino, *anga* ferro, *ungwe* teia de aranha; (3) *thúle (súle)* espírito, *formen* norte, *harma* tesouro (ou *aha* furor), *hwesta* brisa; (4) *anto* boca, *ampa* gancho, *anca* mandíbulas, *anque* concavidade; (5) *númen* oeste, *malta* ouro, *noldo* (antigo *ngoldo)* alguém da estirpe dos noldor, *nwalme* (antigo *ngwalme)* tormento; (6) *óre* coração (mente interior), *vala* poder angelical, *anna* dádiva, *vilya* ar, firmamento (antigo *wilya)* \ *rómen* leste, *arda* região, *lambe* língua [órgão], *alda* árvore; *silme* luz das estrelas, *silme nuquerna (s* invertido), *áre* luz do sol (ou *esse* nome), *áre nuquerna', hyarmen* sul, *hwesta sindarinwa, yanta* ponte, *úre* calor. Quando existem variantes, isso se deve ao fato de os nomes terem sido atribuídos antes de certas mudanças que afetaram o quenya falado pelos Exilados. Assim, o n? 11 era chamado*harma* quando representava a fricativa *ch* em todas as posições, mas quando esse som se tornou um *h* aspirado em posição inicial[55] (apesar de permanecer em posição medial) criou-se o nome *aha. áre* era originariamente *áze,* mas quando este z se fundiu com 21 o sinal foi usado, em quenya, para o *ss,* muito freqüente nessa língua, e recebeu o nome *esse. hwesta sindarinwa* ou *"hw* dos elfos- cinzentos" assim se chamava porque em quenya 12 tinha o som de *hw,* e sinais diversos para *chw* e *hw* não eram necessários. Os nomes de letras mais amplamente conhecidos e usados eram 17«, 33 *hy, 25 r, 9f. númen, hyarmen, rómen,formen* = oeste, sul, leste, norte (cf. em sindarin *dün* ou *annún, harad, rhün* ou *amrún, forod*). Estas letras comumente indicavam os pontos cardeais O, S, L, N, até mesmo em línguas que usavam termos bem diferentes. Nas Terras do Oeste, eram nomeadas nesta ordem, começando com o oeste e de frente para ele; *hyarmen* e *formen,* na verdade, significavam região da esquerda e região da direita (o oposto do arranjo de muitas línguas humanas).

Os Cirth

O *Certhas Daeron* foi originalmente criado para representar apenas os sons do sindarin. Os *cirth* mais antigos eram os n!* 1, 2, 5, 6; 8, 9, 12; 18, 19, 22; 29, 31; 35, 36; 39, 42, 46, 50; e um *certh* variando entre 13 e 15. A atribuiçãc de valores não era sistemática. Os nos 39, 42, 46, 50 eram vogais e assim permaneceram em todas as evoluções posteriores. Os nos 13, 15 eram usados para *h* ou *s,* conforme o 35 fosse usado para 5 ou *h.* Essa tendência a hesitar na atribuição de valores para *sth* continuou nos arranjos posteriores. Nos caracteres constituídos de uma "haste" e um "ramo", 1-31, a junção do ramo, se fosse de um lado apenas, geralmente ocorria do lado direito. O inversc não era incomum, mas não tinha significado fonético.

A expansão e elaboração deste *certhas* chamava-se, em sua forma mais antiga, *Angerthas Daeron,* pois as adições aos antigos *cirth* e sua reorganização foram atribuídas a Daeron. Contudo, a adição principal, a introdução de duas novas séries, 13-17 e 23-28, foi muito provavelmente invenção dos noldor de Eregion, já que eram usadas para representar sons nãc encontrados em sindarin.

Na organização do *Angerthas* podem ser observados os seguintes princípios (evidentemente inspirados pelo sistema féanoriano): (1) a adição de um traço a um ramo conferia "sonoridade"; (2) a inversão do *certh* indicava abertura em direção a uma "fricativa"; (3) a colocação do ramo em ambos os lados da haste conferia sonoridade e nasalidade. Estes princípios foram seguidos com regularidade, exceto por um ponto. Para o sindarin (arcaico) era necessário um sinal para m aspirado (ou v nasal) e, como a melhor maneira de fazê-lo era por uma inversão do sinal de m, o no 6, reversível, recebeu o valor de *m,* mas o no 5 recebeu o de *hw.*

O n° 36, com valor teórico z, era usado para ss na grafia de sindarin ou quenya: cf. o 31 féanoriano. O n° 39 era usado para i ou para v (consoante); 34, 35 eram usados indiferentemente para s; e 38 era usado para a frequente sequência nd, apesar de não ter uma forma claramente relacionada com as dentais.

1	p	16	zh	31	l	46	e
2	b	17	nj—z	32	lh	47	ē
3	f	18	k	33	ng—nd	48	a
4	v	19	g	34	s—h	49	ā
5	hw	20	kh	35	s—'	50	o
6	m	21	gh	36	z—ŋ	51	ō
7	(mh) mb	22	ŋ—n	37	ng*	52	ö
8	t	23	kw	38	nd—nj	53	n*
9	d	24	gw	39	i (y)	54	h—s
10	th	25	khw	40	y*	55	*
11	dh	26	ghw,w	41	hy*	56	*
12	n—r	27	ngw	42	u	57	ps*
13	ch	28	nw	43	ū	58	ts*
14	j	29	r—j	44	w		+h
15	sh	30	rh—zh	45	ü		&

Na Tabela de Valores, os da esquerda, quando separados por -, são os valores do *Angerthas* primitivo. Os da direita são os valores do *Angerthas Moria* dos anões[56]. Os anões de Moria, como se pode ver, introduziram certo número de alterações de valor assistemáticas, bem como certos *cirth* novos: 37, 40, 41, 53, 55, 56. O deslocamento dos valores deveu-se principalmente a duas causas: (1) a alteração dos valores de 34, 35, 54, respectivamente a *h* (o início livre ou glotal de palavras começadas por vogal que aparecia em khuzdul) e *s*; (2) o abandono dos nos 14, 16, em cujos lugares os anões colocaram 29, 30. O conseqüente uso de 12 para *r*, a invenção de 53 para *n* (e sua confusão com 22); o uso de 17 como z, para acompanhar 54 com o valor de í, e o conseqüente uso de 36 como *n* e do novo *certh* 37 para *ng* também podem ser observados. Os novos 55, 56 eram originariamente metade de 46, e usados para vogais como a que se ouve no inglês *butter*, que eram frequentes na língua dos anões e em westron. Quando eram fracas ou evanescentes, muitas vezes se reduziam a um simples traço sem haste. Este *Angerthas Moria* está representado na inscrição tumular.

Os anões de Erebor usavam uma modificação deste sistema, conhecida como modo de Erebor e exemplificada no Livro de Mazarbul. Sua principais características eram: o uso de 43 como z; de 17 como *ks* (*x*); e a invenção de dois novos *cirth*, 57, 58, para *ps* e *ts*. Também reintroduziram 14, 16 para os valores *j*, *zh*; mas usavam 29, 30 para *g*, *gh*, ou como simples variantes de 19, 21. Essas peculiaridades não estão incluídas na tabela, exceto pelos *cirth* ereborianos especiais 57, 58.

APÊNDICE F

I
AS LÍNGUAS E OS POVOS DA TERCEIRA ERA

A língua representada nesta história pela nossa era o *westron* ou "Língua Geral" do oeste da Terra-média na Terceira Era. No decorrer dess era, tornara-se a língua nativa de quase todos os povos falantes (exceto pelos elfos) que habitavam dentro dos limites dos antigos reinos de Arnor e Gondor, isto é, ao longo de toda a costa, desde Umbar até a Baía da Foroche ao norte, e as Montanhas Sombrias e o Ephel Dúath, no interior. Propagara se também para o norte, subindo o Anduin, ocupando as terras a oeste dc Rio e a leste das montanhas, até os Campos de Lis.

A época da Guerra do Anel, no final da era, esses eram ainda os seu limites como língua nativa, embora grandes extensões de Eriador estivessem então desertas e poucos homens vivessem às margens do Anduin entre c Rio de Lis e Rauros.

Alguns dos primitivos homens selvagens ainda se ocultavam na Floresta de Drúadan em Anórien; e nas colinas da Terra Parda subsistia ur remanescente de um antigo povo, os primitivos habitantes de boa parte de Gondor. Esses mantinham-se fiéis às suas próprias línguas, enquanto as planícies de Rohan eram agora habitadas por um povo do norte, os rohirrim, que haviam chegado à terra uns quinhentos anos antes. Mas o westron era usado como uma segunda língua de comunicação por todos os que ainda mantinham um idioma próprio, até mesmo pelos elfos, não apenas em Arnor e Gondor, mas em todos os vales do Anduin, e, a leste, até as mais distantes orlas da Floresta das Trevas. Até entre os homens selvagens e os da Terra Parda, que evitavam outros povos, havia alguns que eram capazes de falá-lo, ainda que mal.

Dos elfos

Há muito tempo, nos Dias Antigos, os elfos dividiram-se em dois ramo principais: os elfos do oeste (os *eldar)* e os elfos do leste. A esta última estirpe pertencia a maioria dos habitantes da Floresta das Trevas e de Lórien, ma suas línguas não aparecem nesta história, em que todas as palavras e nomes élficos são de forma *eldarin*[57].

Das línguas *eldarin,* duas encontram-se neste livro: o alto-élfico ou *quenya* e o élfico-cinzento ou *sindarin.* O alto-élfico era uma antiga língua de Eldamar além do Mar, a primeira a ser registrada por escrito. Não era mai uma língua nativa, mas tornara-se, por assim dizer, um "latim élfico", ainda empregado em cerimônias e assuntos elevados, de tradição e canções, pelos altos-elfos, que haviam retornado em exílio à Terra-média no fim da Primeira Era.

O élfico-cinzento era na sua origem aparentado com o *quenya,* pois era a língua dos eldar que, chegando às margens da Terra-média, não haviam atravessado o Mar, detendo-se nas costas do país de Beleriand. Lá, Thingc

Manto-Cinzento de Doriath era seu rei, e, no longo crepúsculo, sua língua mudara com a mutabilidade das terras dos mortais e se alheara muito da fala dos eldar de além do Mar.

Os Exilados, morando entre os elfos-cinzentos, mais numerosos haviam adotado o *sindarin* no uso diário; dessa forma ele se tornou a língua de todos os elfos e senhores élficos que aparecem nesta história. Pois eram todos da raça eldarin, mesmo quando a gente que governavam era das estirpes menos elevadas. A mais nobre de todas era a Senhora Galadriel, da casa real de Finarfin, irmã de Finrod Felagund, rei de Nargothrond. Nos corações dos Exilados o anseio pelo Mar era uma inquietação que jamais podia ser acalmada; nos corações dos elfos-cinzentos ele dormitava, mas uma vez despertado não se podia apaziguar.

Dos homens

O *westron* era uma fala humana, apesar de enriquecida e suavizada sob influência élfica. Era originariamente a língua daqueles a quem os eldar chamavam *Atani* ou *Edain*, "Pais dos Homens", especialmente a gente das Três Casas dos amigos-dos-elfos, que chegou ao oeste, em Beleriand, na Primeira Era, e auxiliou os eldar na Guerra das Grandes Joias contra o Poder Escuro do norte.

Após a derrota do Poder Escuro, quando Beleriand foi em sua maior parte submersa ou destruída, concedeu-se aos amigos-dos-elfos a recompensa de poder, assim como os eldar, atravessar o Mar ramo ao oeste. Mas, como o Reino Imortal era-lhes proibido, foi-lhes reservada uma grande ilha, a mais ocidental de todas as terras mortais. O nome dessa ilha era *Númenor* (Ponente). A maioria dos amigos-dos-elfos, portanto, partiu e foi morar em Númenor, e lá tornaram-se grandes e poderosos, marinheiros de renome e senhores de muitos navios. Eram altos e belos de rosto, e a duração de sua vida era o triplo da vida dos homens da Terra-média. Eram os númenorianos, os reis dos homens, a quem os elfos chamavam os *dúnedain*.

Somente os *dúnedain*, dentre todas as raças dos homens, conheciam e falavam uma língua élfica, pois seus ancestrais haviam aprendido a língua sindarin e a passaram a seus filhos como um tema da tradição, quase imutável com o passar dos anos. Seus homens sábios aprendiam também o alto-élfico, o quenya, e o estimavam acima do todas as outras línguas, e nele fizeram nomes para muitos lugares de fama e reverência, e para muitos homens de realeza e grande renome[58].

Mas a fala nativa dos númenorianos continuou a ser, principalmente, a língua humana ancestral, o adünaico, e a ela retornaram seus reis e senhores nos dias ulteriores de seu orgulho, abandonando a fala dos elfos, exceto os poucos que ainda se atinham à antiga amizade com os eldar. Nos anos de seu poderio, os númenorianos haviam mantido muitos fortes e portos nas costas ocidentais da Terra-média para auxiliar seus navios; um dos principais ficava em Pelargir, perto da Foz do Anduin. Lá se falava adünaico, que, misturado a muitas palavras das línguas de homens inferiores, se transformou numa Língua Geral que se espalhou ao longo da costa, entre todos os que mantinham contato com o Ponente.

Após a Queda de Númenor, Elendil conduziu os sobreviventes do

amigos- dos-elfos de volta à costa noroeste da Terra-média. Lá já viviam muitos que, totalmente ou em parte, eram de sangue númenoriano; mas poucos recordavam a fala élfica. Assim, em geral, os dúnedain eram desde o princípio muito menos numerosos que os homens inferiores entre os quais viviam e a quem governavam, visto que eram senhores de longa vida e grande poderio e sabedoria. Portanto, usavam a Língua Geral no trato com outras gentes e no governo de seus amplos reinos, mas ampliaram a língua e a enriqueceram com muitas palavras retiradas dos idiomas élficos.

Nos dias dos reis númenorianos essa língua westron enobrecida espalhou-se por toda a parte, mesmo entre seus inimigos, e foi sendo cada vez mais usada pelos próprios dúnedain, de modo que na época da Guerra do Anel a língua élfica era conhecida apenas por uma pequena parcela dos povos de Gondor e falada diariamente por menos pessoas ainda. Estas eram principalmente as que habitavam Minas Tirith e as regiões povoadas adjacentes, bem como a terra dos príncipes tributários de Dol Amroth. Contudo, os nomes de quase todos os lugares e pessoas no reino de Gondor possuíam formas e significados élficos. A origem de alguns fora esquecida, mas, sem dúvida, provinham dos dias anteriores à época em que os navios dos númenorianos navegavam no Mar; entre esses estavam *Umbar, Arnach* e *Erech,* e os nomes de montanhas *Eilenach* e *Rimmon. Forlong* era também um nome da mesma espécie.

A maioria dos homens das regiões setentrionais das Terras do Oeste descendia dos *edain* da Primeira Era ou de seus parentes próximos. Suas línguas eram, portanto, aparentadas com o adünaico, e algumas ainda guardavam semelhança com a Língua Geral. Eram dessa espécie os povos dos vales superiores do Anduin: os beornings e os homens da Floresta das Trevas Ocidental, e, mais ao norte e a leste, os homens do Lago Comprido de Valle. Veio das terras entre o Rio de Lis e o Carrock o povo conhecido em Gondor como os rohirrim, Senhores dos Cavalos. Falavam ainda sua língua ancestral e nela deram novos nomes a quase todos os locais de seu novo reino; chamavam a si mesmos eorlings, ou Homens da Terra dos Cavaleiros. Mas os senhores desse povo usavam livremente a Língua Geral, e a falavam com nobreza, à maneira de seus aliados em Gondor; pois em Gondor, de onde provinha, o westron mantinha ainda um estilo mais gracioso e arcaico.

Era totalmente estranha a fala dos homens bárbaros da Floresta de Drúadan. Também estranha, ou apenas remotamente aparentada, era a língua dos habitantes da Terra Parda. Estes eram remanescentes dos povos que haviam habitado os vales das Montanhas Brancas em épocas passadas. Os Mortos do Templo da Colina eram da sua estirpe. Mas nos Anos Escuros outros se haviam mudado para os vales meridionais das Montanhas Sombrias, e de lá alguns haviam migrado para as terras vazias ao norte, até as Colinas dos Túmulos. Deles descendiam os homens de Bri, mas havia muito tempo eles se tinham sujeitado ao Reino do Norte de Arnor, adotando a língua westron. Somente na Terra Parda os homens dessa raça se ativeram à sua antiga fala e costumes: um povo reservado, hostil aos dúnedain, que odiava os rohirrim.

Da sua língua nada aparece neste livro, a não ser o nome *Forgoil* que davam aos rohirrim (e que significava, dizia-se, Cabeças de Palha). *Terra Parda* era o nome que os rohirrim davam à região porque seus habitantes

tinham pele e cabelo escuros; assim, não há nenhuma conexão entre a palavra *dunn* no topónimo usado pelos rohirrim (*Dunland)* e a palavra *Dün* "oeste" em élfico-cinzento.

Dos hobbits

Os hobbits do Condado e de Bri tinham nessa época adotado a Língu Geral havia provavelmente mil anos. Usavam-na a seu próprio modo, livre e descuidadamente, embora os mais eruditos entre eles ainda tivessem o domínio de uma língua mais formal, quando a ocasião a exigia.

Não há registro de qualquer língua peculiar aos hobbits. Nos dia: antigos, parece que sempre usavam as línguas dos homens perto dos quais ou entre os quais viviam. Assim, adotaram rapidamente a Língua Gera depois de entrarem em Eria- dor, e, na época de seu estabelecimento em Bri, já haviam começado a esquecer seu idioma anterior. Este era evidentemente uma língua humana do alto Anduin, aparentada com a dos rohirrim, apesar de os Grados, no sul, aparentemente terem adotado uma língua semelhante à da Terra Parda antes de se dirigirem ao norte, para c Condado[59].

Na época de Frodo, ainda restavam alguns vestígios desses fatos em palavras e nomes locais, muitos dos quais se assemelhavam bastante aos encontrados em Valle ou em Rohan. Os mais notáveis eram os nomes do: dias, meses e estações do ano; diversas outras palavras da mesma espécie (tais como *mathom* e *smial)* também eram ainda de uso comum, enquanto outras estavam preservadas nos topónimos de Bri e do Condado. Os nome pessoais dos hobbits eram também peculiares e muitos provinham dos dias antigos.

Hobbit era o nome normalmente dado pela gente do Condado a toda a sua espécie. Os homens chamavam-nos *Pequenos* e os elfos, *Periannath.* A origem da palavra *hobbit* fora esquecida pela maioria. Parece, no entanto, que inicialmente fora um nome dado aos Pés-peludos pelos Cascalvas e Grados, e que era a forma deturpada de uma palavra mais plenamente preservada em Rohan: *holbytla,* "construtor de tocas".

De outras raças

Ents. O povo mais antigo que sobrevivia na Terceira Era eram o: *onodrim* ou *enyd. Ent* era a forma de seu nome na língua de Rohan. Eran conhecidos pelos eídar nos dias de outrora, e, na verdade, os ents atribuíam aos eldar, não sua própria língua, mas o desejo da fala. A língua que haviam feito era diferente de todas as outras: lenta, sonora, aglomerada, repetitiva - prolixa, na verdade formada de uma multiplicidade de tonalidades vocálicas e distinções de tom e quantidade que os próprios mestres da tradição entre os eldar não haviam tentado representar por escrito. Usavam-na apenas entre si, mas não tinham nenhuma necessidade de mantê-la secreta, pois ninguém mais era capaz de aprendê-la.

Os próprios ents, no entanto, eram versados em línguas, aprendendo-as rapidamente sem jamais as esquecer. Mas preferiam os idiomas dos eldar, e apreciavam acima de todas a antiga língua alto-élfica. As estranhas palavras e os nomes que, como os hobbits registram, eram usados por

Barbárvore e outros ents são, portanto, élficos, ou fragmentos da fala dos elfos alinhavados à moda dos ents[60]. Alguns são quenya, como *Taurelilómèa-tumbalemorna Tumbaletaurêa Lómêanor*, que pode ser traduzido como "Floresta-muitasombra-profundovalenegro Profundovalefloresta Terraobscura", e com o qual Barbárvore queria dizer, mais ou menos: "há uma sombra negra nos vales profundos da floresta". Alguns são sindarin, como *Fangorn* "barba-(de)-árvore", ou *Fimbrethil* "faia-esbelta".

Os orcs e a Língua Negra. Orc é a forma do nome que as demais raças usavam para esse povo imundo, tal como na língua de Rohan. Em sindarin era *orch*. Sem dúvida a palavra *uruk* na Língua Negra era aparentada com essa, apesar de normalmente ser aplicada apenas aos grandes orcs-soldados procedentes de Mordor e Isengard naquela época. As espécies menores eram chamadas, especialmente pelos uruk-hai, *snaga*, "escravo".

Os orcs foram inicialmente engendrados pelo Poder Escuro do norte nos Dias Antigos. Dizem que não tinham idioma próprio, mas adotavam o que podiam das outras línguas e o pervertiam ao seu gosto; produziram, porém, somente jargões grosseiros, insuficientes até mesmo para as suas próprias necessidades, a não ser quando usados em pragas e ofensas. E essas criaturas, cheias que eram de maldade, odiando até mesmo sua própria espécie, rapidamente desenvolveram tantos dialetos bárbaros quanto existiam grupos ou povoações da sua raça, de modo que sua fala pouco lhes servia no intercâmbio entre tribos diferentes.

Assim foi que na Terceira Era os orcs usavam o idioma westron para a comunicação entre uma espécie e outra; na verdade muitas das tribos mais antigas, como as que ainda persistiam no norte e nas Montanhas Sombrias havia muito usavam o westron como língua nativa, mas de tal forma que parecia pouco menos detestável que seu idioma. Nesse jargão, *tark*, "homem de Gondor", era uma forma corrompida de *tarkil*, uma palavra quenya usada em westron para designar alguém de ascendência númenoriana; ver p. 959.

Diz-se que a Língua Negra foi inventada por Sauron nos Anos Escuros, e que ele desejara torná-la a linguagem de todos os que o serviam, mas fracassou nesse propósito. Da Língua Negra, no entanto, derivavam muitas das palavras que estavam em uso entre os orcs na Terceira Era, tais como *ghâsh*, "fogo"; mas, após a primeira deposição de Sauron, essa linguagem em sua forma antiga foi esquecida por todos, exceto os nazgül. Quando Sauron se reergueu, ela se tornou mais uma vez a língua de Barad-dür e dos capitães de Mordor. A inscrição do Anel encontrava-se na antiga Língua Negra, enquanto a praga do orc de Mordor na p. 465 está na forma mais corrompida usada pelos soldados da Torre Escura, cujo capitão era Grishnâkh. *Sharku* nessa língua significa *homem velho*.

Trolls. Troll foi usado para traduzir o sindarin *Torog*. Nos seus primórdios, no crepúsculo dos Dias Antigos, eram criaturas de natureza obtusa e bruta, sem outra linguagem que não a dos animais. Mas Sauron fizera uso deles, ensinando-lhes o pouco que eram capazes de aprender e aumentando sua inteligência com maldade. Portanto, os trolls adotaram dos ores tanta linguagem quanto eram capazes de dominar, e, nas Terras do Oeste, os trolls de pedra falavam uma forma corrompida da Língua Geral.

Ao final da Terceira Era, porém, uma raça de trolls nunca antes vista apareceu no sul da Floresta das Trevas e nos limites montanhosos de Mordor. Eram chamados olog-hai na Língua Negra. Ninguém duvidava que tivessem sido engendrados por Sauron, mas não se sabia a partir de que linhagem. Alguns afirmavam que não eram trolls, e sim ores gigantes; mas os olog-hai eram, na conformação do corpo e da mente, bem diversos até mesmo dos maiores ores, a quem sobrepujavam amplamente em tamanho e força. Eram, sim, trolls, mas imbuídos da vontade malévola de seu mestre: uma raça cruel, forte, ágil, feroz e ardilosa, porém mais rija que pedra. Ao contrário da raça do Crepúsculo, mais antiga, eram capazes de resistir ao Sol enquanto a vontade de Sauron mantivesse o domínio sobre eles. Pouco falavam, e a única linguagem que conheciam era a Língua Negra de Barad-dûr.

Anões. Os anões são uma raça à parte. O Silmarillion relata sua estranha origem e a razão pela qual são semelhantes aos elfos e aos homens, e, ao mesmo tempo, diferentes deles; mas os elfos menores da Terra-média não tinham conhecimento dessa história, ao passo que os relatos posteriores dos homens se confundem com memórias de outras raças. São em geral uma raça resistente e obstinada, reservada, laboriosa, que conserva a lembrança de injúrias (e de benefícios), amante da pedra, das gemas, das coisas que adquirem forma nas mãos dos artesãos mais do que daquelas que vivem por si mesmas. Mas não são maus por natureza, e poucos serviram ao Inimigo de livre vontade, não importa o que possam ter alegado os relatos dos homens. Pois os homens de outrora cobiçavam suas riquezas e as obras de suas mãos, e houve inimizade entre as raças.

Mas na Terceira Era, contudo, ainda se encontrava em muitos lugares uma profunda amizade entre homens e anões; e era compatível com a natureza dos anões o fato de, viajando, trabalhando e comerciando pelas terras afora, como fizeram depois da destruição de suas antigas mansões, usarem as línguas dos homens entre os quais habitavam. Em segredo, porém (um segredo que, ao contrário dos elfos, não revelavam voluntariamente, nem aos seus amigos), usavam sua estranha língua, pouco mudada pelos anos; pois tornara-se uma língua de tradição, e não de berço, e eles a cultivavam e guardavam como um tesouro do passado. Poucos membros de outras raças conseguiram aprendê-la. Nesta história ela aparece somente nos topónimos que Gimli revelou aos companheiros e no seu grito de batalha no cerco do Forte da Trombeta. Esse, pelo menos, não era secreto, e foi ouvido em muitos campos desde que o mundo era jovem. *Baruk Khazâd! Khazâd aimênu!* "Machados dos anões! Os anões estão sobre vós!"

O próprio nome de Gimli, porém, e os nomes de toda a sua gente são de origem setentrional (humana). Seus nomes secretos e "interiores", seus nomes verdadeiros, jamais foram revelados pelos anões a quem fosse de raça alheia. Nem mesmo em seus túmulos eles os inscrevem.

II
DA TRADUÇÃO

Ao apresentar a matéria do Livro Vermelho como história para ser lida por pessoas da atualidade, a totalidade do ambiente linguístico foi

traduzida, até onde isso era possível, em termos de nossos tempos. Apenas os idiomas alheios à Língua Geral foram mantidos em suas formas originais mas essas aparecem principalmente em antropônimos e topónimos.

A Língua Geral, como linguagem dos hobbits e de suas narrativas, fc inevitavelmente vertida para o nosso idioma. Nesse processo, a diferença entre as variedades observáveis no uso do westron foi reduzida. Fizeram-se algumas tentativas de representar essas variedades por variações na espécie de linguagem usada; mas a divergência entre as pronúncias e os vernáculos do Condado e da língua westron falada pelos elfos ou pelos altivos homens de Gondor era maior do que se mostra neste livro. A maioria dos hobbits, na verdade, falava um dialeto rústico, enquanto em Gondor e Rohan se usava uma linguagem mais arcaica, mais formal e mais concisa.

Pode-se destacar aqui uma particularidade dessa divergência, pois, embora muitas vezes importante, sua representação provou ser impossível. A língua westron fazia uma distinção nos pronomes da segunda pessoa (e muitas vezes também nos da terceira), independente de número, entre formas "familiares" e "respeitosas". No entanto, uma das peculiaridades dc uso do Condado era o fato de as formas respeitosas terem desaparecido nc uso coloquial. Persistiam apenas entre os aldeões, especialmente da Quarta Oeste, que as usavam como termos carinhosos. Esta era uma das coisas a que a gente de Gondor se referia quando falava da estranheza da fala dos hobbits. Peregrin Tük, por exemplo, em seus primeiros dias em Minas Tirith usava as formas familiares diante de pessoas de todas as classes, inclusive o próprio Senhor Denethor. Isto pode ter divertido o idoso Regente, mas dev ter espantado seus serviçais. Sem dúvida esse uso liberal das formas familiares ajudou a espalhar o boato popular de que Peregrin era uma pessoa de altíssima classe em seu país{61}.

Ver-se-á que hobbits como Frodo, e outras pessoas como Gandalf e Aragorn, nem sempre empregam o mesmo estilo. Isso é proposital. Os mai eruditos e capazes dentre os hobbits tinham alguns conhecimentos de "linguagem livresca", como se dizia no Condado, e rapidamente percebiam e adotavam o estilo daqueles com quem topavam. De qualquer forma, era natural que pessoas viajadas falassem mais ou menos à maneira daqueles entre os quais se achavam, especialmente no caso de homens que, como Aragorn, muitas vezes se esforçavam por ocultar suas origens e seus afazeres. Porém, naqueles dias todos os inimigos do Inimigo reverenciavam o que era antigo, na linguagem não menos que em outros assuntos, e compraziam-se nessas coisas conforme seu conhecimento. Os eldar, que eram, acima de tudo, hábeis com as palavras, possuíam o domínio de muitos estilos, apesar de falarem mais naturalmente na forma que mais se assemelhasse com seu próprio idioma, ainda mais arcaico que o de Gondor. Também os anões falavam com habilidade, adaptando-se prontamente à sua companhia, apesar de sua elocução parecer um tanto rude e gutural para alguns. Mas os orcs e trolls falavam de qualquer maneira, sem amor pelas palavras ou pelas coisas; e sua língua era na verdade mais degradada e imunda do que a representei. Não acho que alguém deseje uma descrição mais próxima, embora seja fácil encontrar modelos. Em geral, pode-se ainda ouvir o mesmo tipo de fala entre os que têm mentes de orcs; enfadonha e repetitiva, cheia de ódio e desprezo, há demasiado tempo afastada do bem para manter até mesmo o vigor verbal, exceto aos ouvidos daqueles para quem somente o sórdido soa vigoroso.

Uma tradução dessa espécie é naturalmente costumeira, pois é inevitável em qualquer narrativa que trata do passado. Raras vezes passa desse ponto. Mas fui ainda além. Também traduzi todos os nomes em westron de acordo com seus significados. Quando, neste livro, aparecem nomes ou títulos em nossa língua, trata-se de uma indicação de que nomes na Língua Geral estavam em uso na época, além ou em vez daqueles em outras línguas (normalmente élficas).

Os nomes em westron eram, em regra, traduções de nomes mais antigos, como Valfenda, Fontegris, Veio de Prata, Praia Comprida, (Inimigo, a Torre Escura. Alguns tinham significados diferentes, com Montanha da Perdição para *Orodruin* "montanha ardente", ou Floresta das Trevas para *Taur e-Ndaedelos* "floresta do grande medo". Alguns eram alterações de nomes élficos, como Lün e Brandevin, derivados de *Lhün* e *Baranduin.*

Este procedimento talvez necessite ser defendido. Pareceu-me que a apresentação de todos os nomes nas formas originais obscureceria uma característica essencial da época, tal como era percebida pelos hobbits (cujo ponto de vista procurei principalmente manter): o contraste entre uma língua difundida, tão comum e habitual para eles como a nossa para nós, e os restos vivos de idiomas muito mais antigos e veneráveis. Todos os nomes, se fossem meramente transcritos, pareceriam igualmente remotos aos leitores modernos: por exemplo, se o nome élfico *Imladris* e a tradução em westron *Karningul* tivessem ambos permanecido inalterados. Mas referir-se a Valfenda como Imladris seria como se hoje se falasse de Winchester como Camelot, exceto que a identidade era certa, ao passo que em Valfenda vivia ainda um senhor de renome muito mais antigo do que seria Artur, se ainda fosse em nossos dias rei em Winchester.

O nome do Condado (*Sûza*) e os de todos os demais lugares dos hobbits foram, portanto, vertidos para nossa língua. Isso raramente apresentou dificuldades, pois tais nomes eram comumente compostos de elementos semelhantes aos usados em nossos topónimos mais simples: palavras ainda em uso como *colina* ou *campo* ou um tanto particulares como *burgo.* Mas alguns derivavam, como já foi observado, de antigas palavras dos hobbits caídas em desuso, e essas foram representadas por similares em nossa língua, tais como *grã.*

No caso de pessoas, porém, os nomes de hobbits no Condado e em Bri eram peculiares para a época, notadamente pelo hábito que se estabelecera, alguns séculos antes, de possuírem as famílias nomes hereditários. A maior parte desses sobrenomes tinha significados óbvios (no idioma corrente, pois provinham de apelidos jocosos, topónimos, ou, especialmente em Bri, dos nomes de plantas e árvores). A sua tradução apresentou poucas dificuldades, mas restaram um ou dois nomes mais antigos de significado esquecido, cuja grafia me limitei a adaptar, como Boffin por *Bophin.*

Tratei os prenomes dos hobbits, tanto quanto possível, da mesma forma. Às meninas os hobbits costumavam dar nomes de flores ou joias. Aos garotos davam normalmente nomes que nenhum significado tinham em sua língua cotidiana; e alguns dos nomes femininos eram semelhantes. São dessa espécie Bilbo, Bungo, Polo, Lotho, Tanta, Nina e assim por diante. Há muitas semelhanças, inevitáveis porém acidentais, com nomes que possuímos ou conhecemos hoje em dia: por exemplo, Otho, Odo, Drogo, Dora, Cora

outros mais. Mantive esses nomes, apesar de normalmente tê-los adaptadc alterando-lhes as terminações, pois nos nomes dos hobbits *a* era uma terminação masculina, e *oe* e eram femininas.

Contudo, em algumas famílias antigas, especialmente as de origem Cascalva, como os Tüks e os Bolgers, havia o costume de dar prenome altissonantes. Como a maioria deles parece ter sido recolhida em lendas dc passado, dos hobbits e também dos homens, e como muitos, apesar de nada mais significarem para os hobbits, assemelhavam-se bastante aos nomes dos homens do Vale do Anduin, ou de Valle, ou da Terra dos Cavaleiros transformei-os nos nomes antigos, mormente de origem frâncica e gótica, que ainda usamos ou encontramos em nossas histórias. Assim, de qualquer maneira, preservei o contraste, frequentemente cômico, entre prenomes e sobrenomes, do qual os próprios hobbits tinham muita consciência. Nomes de origem clássica raramente foram empregados, pois os equivalentes mais próximos do latim e do grego, na tradição do Condado, eram as línguas élficas, e os hobbits raramente as usavam na nomenclatura. Em qualquer época, poucos deles conheciam as "línguas dos reis", como as chamavam.

Os nomes dos habitantes da Terra dos Buques eram diferentes daqueles do resto do Condado. As pessoas do Pântano e seus descendente na margem oposta do Brandevin eram estranhos em vários sentidos, comc se disse. Foi sem dúvida do antigo idioma dos Grados do sul que herdaram muitos de seus estranhíssimos nomes. Normalmente deixei-os inalterados, pois, se agora são esquisitos, já eram esquisitos em sua própria época. Possuíam um estilo que talvez devamos, vagamente, considerar comc "céltico".

Como a sobrevivência de vestígios da antiga língua dos Grados e dos homens de Bri se assemelhava à sobrevivência de elementos célticos na Inglaterra, minha tradução ás vezes imita estes últimos. Assim, Bri, Archet a Floresta Chet são baseados em relíquias da nomenclatura britânica escolhidos de acordo com o sentido: *bree* "colina", *chet* "floresta". Mas somente um nome de pessoa foi assim alterado. Meriadoc foi escolhido para refletir o fato de que o nome abreviado desse personagem, Kali, significava em westron "alegre, jovial"[62], apesar de ser na verdade uma contração do nome Kalimac, da Terra dos Buques, sem significado na época.

Não usei nomes de origem hebraica ou similar em minhas versões. Nada que se refira aos nomes dos hobbits corresponde a esse elemento de nossos nomes. Nomes curtos como Sam, Tom, Tim, Mat eram abreviatura comuns de nomes legítimos de hobbits, como Tomba, Tolma, Matta e semelhantes. Mas Sam e seu pai Ham chamavam-se na verdade Ban e Ran Essas eram contrações de *Banazir* e *Ramigad*, originariamente apelidos, que significavam "semi-sábio, simplório" e "fica-em-casa"; mas, como eram palavras que haviam desaparecido no uso coloquial, permaneceram como nomes tradicionais em determinadas famílias. Portanto, tentei preservar essas características usando Samwise e Hamfast, modernizações das palavras anglo-saxãs *samwis* e *hámfcest*, que tinham significados próximos.

Tendo ido tão longe na tentativa de modernizar e tornar familiares a língua e os nomes dos hobbits, achei-me envolvido em outro processo. As línguas humanas aparentadas com o westron deveriam, assim me pareceu, ser vertidas para formas aparentadas com as nossas. Assim, fiz com que c idioma de Rohan se assemelhasse ao anglo-saxão, pois tinha uma relaçãc

tanto com a Língua Geral (mais distante) como com a antiga língua dos hobbits do norte (muito próxima), e era arcaica comparada com o westron. No Livro Vermelho observa-se em diversos trechos que, quando os hobbits ouviram a fala de Rohan, reconheceram muitas palavras e sentiram que a língua era aparentada à sua, de modo que pareceu absurdo manter os nomes e as palavras registradas dos rohirrim em um estilo totalmente diverso.

Em diversos casos modernizei as formas e as grafias de topónimos de Rohan, como em *Templo da Colina* ou *Riacho de Neve*; mas não fui coerente, pois guiei- me pelos hobbits. Eles alteravam da mesma forma os nomes que ouviam, se fossem compostos de elementos que reconhecessem ou parecidos com topónimos do Condado; muitos, porém, eles não alteraram assim como fiz, por exemplo, em *Edoras* "as cortes". Pelos mesmos motivos, também foram modernizados alguns poucos nomes de pessoas, como Língua de Cobra{63}.

Essa assimilação constituiu também um modo conveniente de representar palavras locais peculiares aos hobbits que eram originárias do norte. Elas receberam as formas que palavras inglesas perdidas poderiam muito bem ter adquirido, caso tivessem perdurado até nossos dias. Assim, *mathom* pretende lembrar a palavra *máthm* do antigo inglês, representando assim a relação de *kast*, na língua real dos hobbits, com o R. *kastu*. Da mesma forma, *smial* (ou *smilé*), "toca", é uma forma provável para uma descendente de *smygel*, e representa bem a relação de *trân*, na língua dos hobbits, com o R. *trahan*. *Sméagol* e *Déagol* são equivalentes, construídos da mesma maneira, dos nomes *Trahald*, "entocador, insinuador", e *Nahald*, "secreto", nas línguas do norte.

A língua de Valle, ainda mais setentrional, é vista neste livro apenas nos nomes dos anões que vinham daquela região e que, portanto, usavam a língua dos homens de lá, assumindo nesse idioma seus nomes "externos". Pode-se observar que neste livro, assim como em *O Hobbit*, usa-se a forma *dwarves*, embora os dicionários digam que o plural de *dwarf* [anão] é *dwarfs*. Devia ser *dwarrows* (ou *dwerrows*), se singular e plural tivessem seguido seu caminho ao longo dos anos, como o fizeram *man* e *men* [homem, homens] ou *goose* e *geese* [ganso, gansos], Mas já não falamos de um anão com a mesma frequência com que falamos de um homem, ou mesmo de um ganso, e a memória não foi nítida o suficiente entre os homens para que se preservasse um plural especial para uma raça que foi hoje confinada aos contos folclóricos, em que pelo menos se conserva uma sombra de verdade, e, por fim, a histórias tolas, nas quais se transformou em mero objeto de ridículo. Porém na Terceira Era ainda se entrevê um pouco do seu antigo caráter e poder, se bem que já,um tanto apagados: são os descendentes dos naugrim dos Dias Antigos, em cujos corações arde ainda o velho fogo de Aulê, o Ferreiro, e dormitam as brasas de seu longo rancor contra os elfos, e em cujas mãos vive ainda a habilidade de trabalhar a pedra, que ninguém excedeu.

Foi para destacar isto que me arrisquei a distanciá-los um pouco, talvez, das histórias mais tolas dos dias atuais. O termo *Mina dos Anões* representa o nome de Moria na Língua Geral: *Phurunargian*. Esta palavra significava "escavação dos anões", e sua forma era já arcaica. Mas Moria e

um nome élfico, conferido sem amor, pois os eldar, apesar de serem capazes de criar fortalezas subterrâneas quando fosse necessário, como em suas amargas guerras contra o Poder Escuro e seus servidores, não habitavam tais lugares voluntariamente. Eram apreciadores da terra verde e das luzes do firmamento, e Moria, em sua língua, significa o Abismo Negro. Mas os próprios anões, e esse nome ao menos jamais era mantido em segredo, chamavam-na *Khazad-düm,* a Mansão dos Khazad, pois é esse o nome que dão à sua própria raça, e assim tem sido desde que Aulé o conferiu quando de sua criação nas profundezas do tempo.

Elfos foi empregado para traduzir tanto *Quendi,* "os falantes", o nome alto- élfico de toda a sua espécie, como *Eldar,* o nome das Três Famílias que buscaram o Reino Imortal e lá chegaram no princípio dos Dias (excetuando apenas os *Sindar).* Essa antiga palavra era, na verdade, a única disponível, e foi outrora adequada às lembranças desse povo que os homens conservavam, ou a produtos da mente humana não totalmente diversos. Mas foi diminuída, e para muitos pode hoje sugerir fantasias afetadas ou tolas, tão diferentes dos quendi de outrora quanto as borboletas são diferentes do falcão veloz não que algum dentre os quendi tenha jamais possuído asas no corpo, tão pouco naturais para eles quanto para os homens. Eram uma raça elevada e bela, os Filhos mais velhos do mundo, e entre eles os eldar eram como reis, que agora se foram; o Povo da Grande Jornada, o Povo das Estrelas. Eram altos, de pele clara e olhos cinzentos, porém seus cabelos eram escuros, exceto na casa dourada de Finurfin; e suas vozes tinham mais melodias que qualquer voz mortal que agora se ouça. Eram valorosos, mas a história dos que retornaram em exílio à Terra- média foi dolorosa; e, apesar de ter-se cruzado, em dias longínquos, com o destino dos Pais, seu destino não é o dos homens. Seu domínio terminou há muito tempo, e agora habitam além dos círculos do mundo, e não retornarão.

Notas sobre três nomes: *Hobbit, Gamgi* e *Brandevin*

Hobbit é uma invenção. Em westron a palavra empregada, nas raras ocasiões em que se fazia referência a esse povo, era *banakil,* "Pequeno". Mas nessa época a gente do Condado e de Bri usava a palavra *kuduk,* que não se achava em outra parte. Meriadoc, no entanto, registra efetivamente que o Rei de Rohan usou a palavra *küd-dükan,* "habitante de toca". Visto que, como já se observou, os hobbits haviam outrora falado uma língua aparentada à dos rohirrim, parece provável que *kuduk* fosse uma forma corrompida de *kud-dükan.* Traduzi esta última, por razões já explicadas, por *holbytla;* e *hobbit* é uma palavra que bem poderia ser uma forma corrompida de *holbytla,* se esse nome tivesse outrora ocorrido.

Gamgi. De acordo com uma tradição familiar exposta no Livro Vermelho, o sobrenome *Galbasi,* ou *Galpsi* em forma reduzida, provinha da aldeia de *Galabas,* que, popularmente, se supunha que fosse derivado de *galab-,* "caça", e de um antigo elemento *bas-,* mais ou menos equivalente ao *wick, wich* inglês[64]. *Gamwich* (pronunciado *Gámidj)* pareceu, portanto, uma versão bastante razoável. No entanto, ao reduzir *Gammidgy* a *Gamgi,*

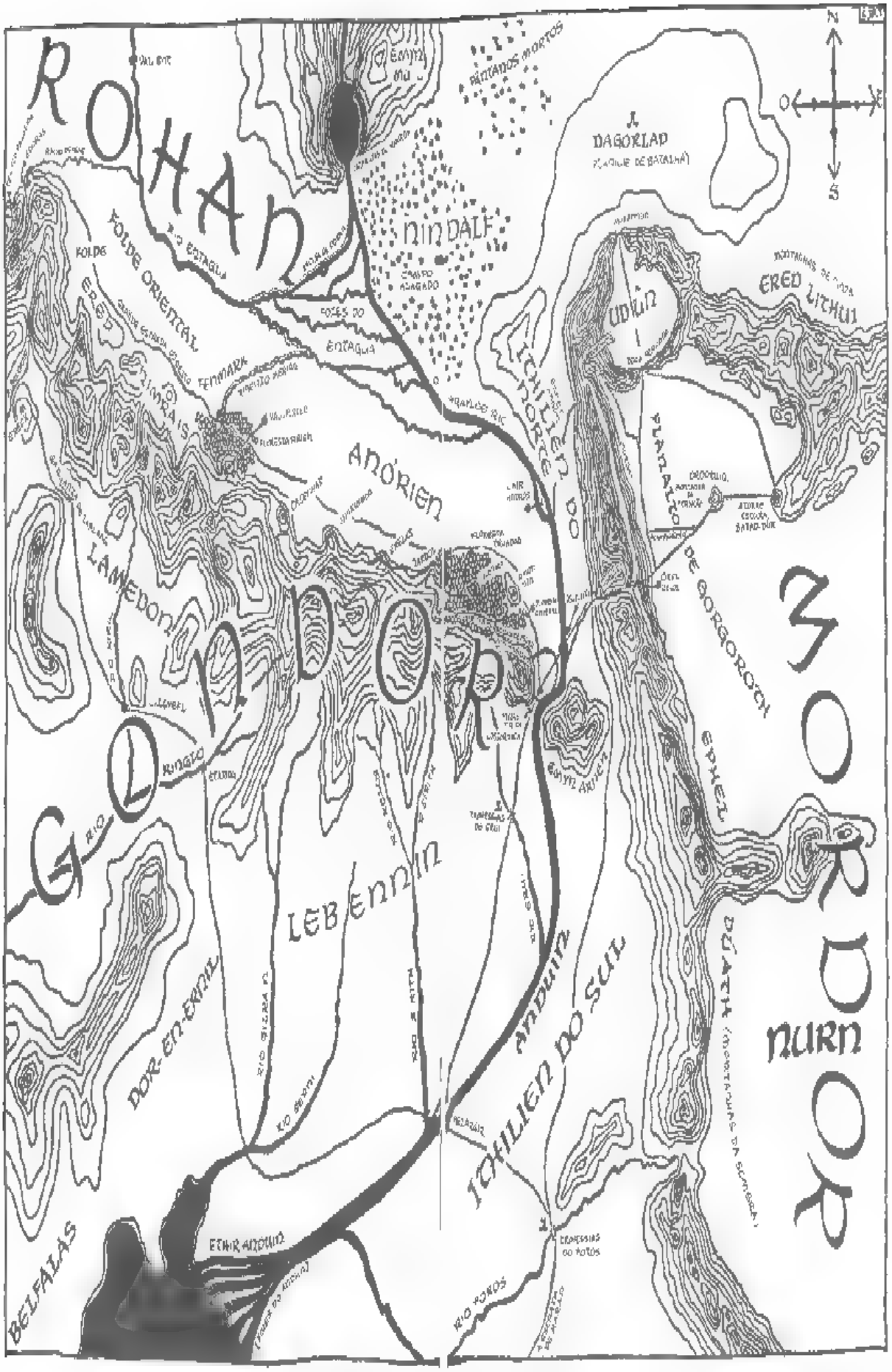
para representar *Galpsi*, não se pretendia fazer referência à conexão de Samwise com a família Villa[65], se bem que uma piada desse tipo seria bem típica dos hobbits, se houvesse alguma justificativa para tal na sua língua.

Villa, na verdade, representa *Hlothran*, um nome de aldeia bastante comum no Condado, derivado de *hloth*, "habitação ou toca de dois cômodos", e *ran(u)*, um pequeno grupo de tais habitações na encosta de uma colina. Como sobrenome, pode ser uma alteração de *hlothram(à)*, "morador de chalé". *Hlothram*, que verti como Cotman, era o nome do avô do fazendeiro Villa.

Brandevin. Os nomes que os hobbits davam a este rio eram alterações do élfico *Baranduin* (cuja sílaba tónica é *and)*, derivado de *baran*, "marrom-dourado", e *dain* "(grande) rio". Brandevin pareceu uma corruptela natural de *Baranduin* em tempos modernos. Na verdade o nome mais antigo usado pelos hobbits era *Branda- nîn* "água limítrofe", que teria sido vertido mais aproximadamente por Riacho da Fronteira; mas, devido a uma piada que se tornara habitual, referindo-se mais uma vez à sua cor, o rio nessa época costumava ser chamado de *Bralda-hîm*, "cerveja forte".

É preciso observar, porém, que, quando a família Velhobuque (*Zaragamba)* alterou seu nome para Brandebuque (*Brandagamba*), o primeiro elemento significava "terra fronteiriça", e Marcobuque teria sido mais próximo. Somente um hobbit muito atrevido ousaria chamar o Mestre da Terra dos Buques de *Braldagamba* onde este pudesse ouvi-lo.

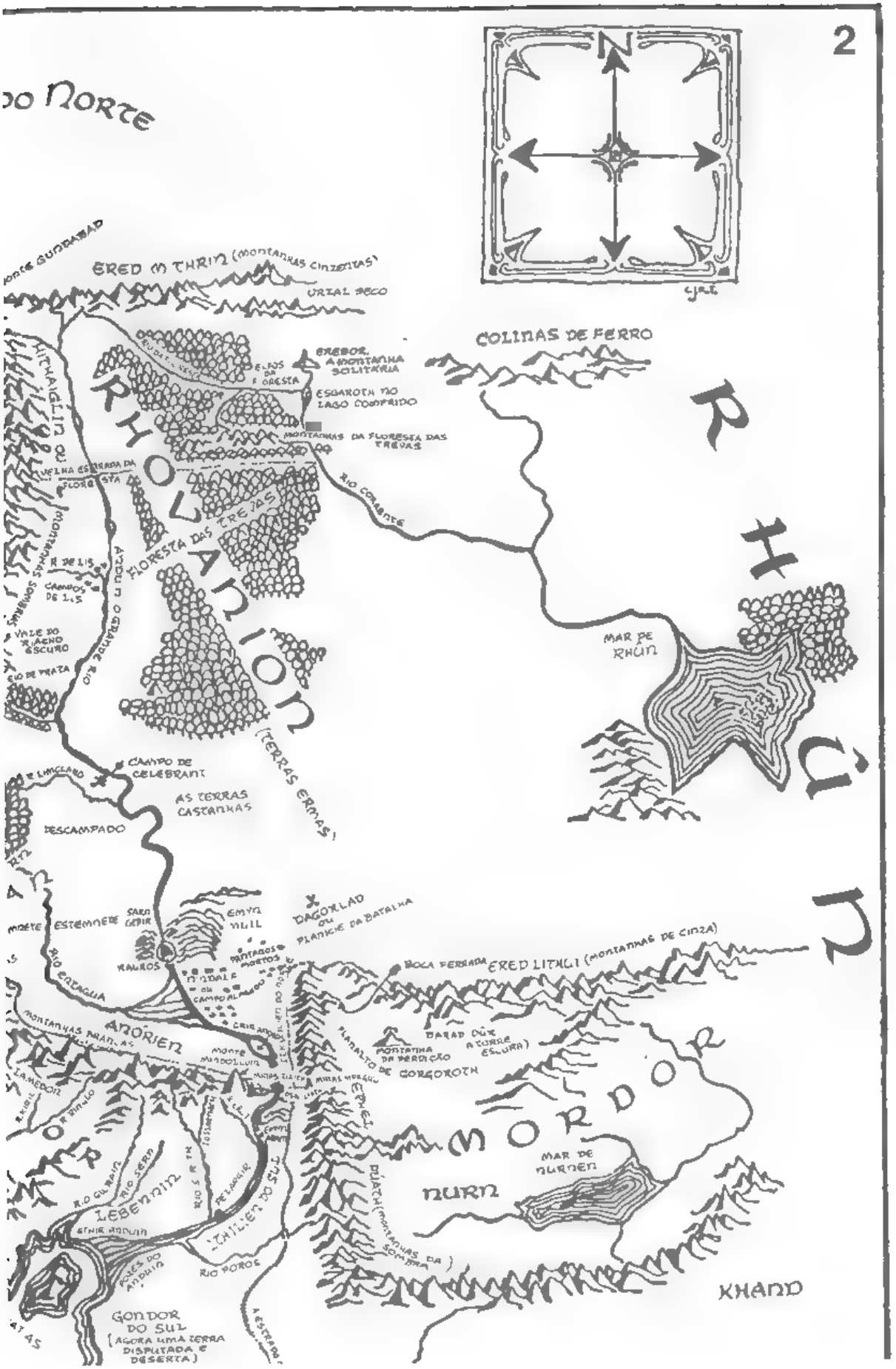
MAPAS

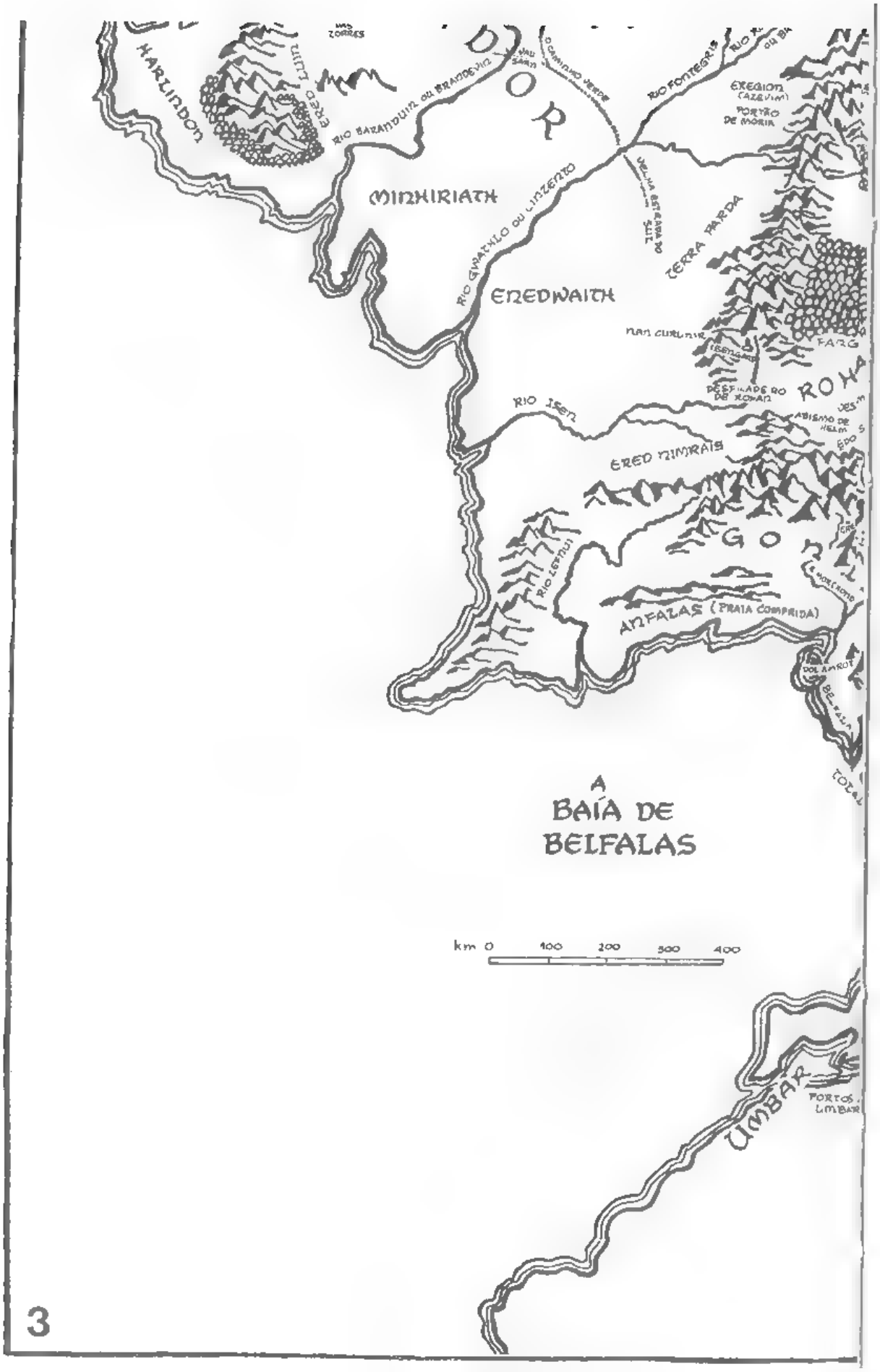

ROHAN
GONDOR
MORDOR
DAGORLAD
(PLANÍCIE DE BATALHA)
N
O
E
S
PÂNTANOS MORTOS
EMYN MUIL
NINDALF
CAMPO ALAGADO
FOLDE ORIENTAL
FOLDE
RIO ENTAGLA
FOSSES DO ENTAGLA
FENDIMARK
ANÓRIEN
LAMEDON
LEBENNIN
DOR-EN-ERNIL
ANDUIN
ITHILIEN DO SUL
ETHIR ANDUIN
BELFALAS
RIO ROHOS
EMYN ARNEN
EPHEL DÚATH
NURN
PLANALTO DE GORGOROTH
UDÛN
ERED LITHUI
MONTANHAS DE FOGO
ÓSTIAS DE GONDOR
ÓSTIAS DE ANDUIN
TRAVESSIAS DO ROHOS
TRAVESSIAS DO ÉTHIR

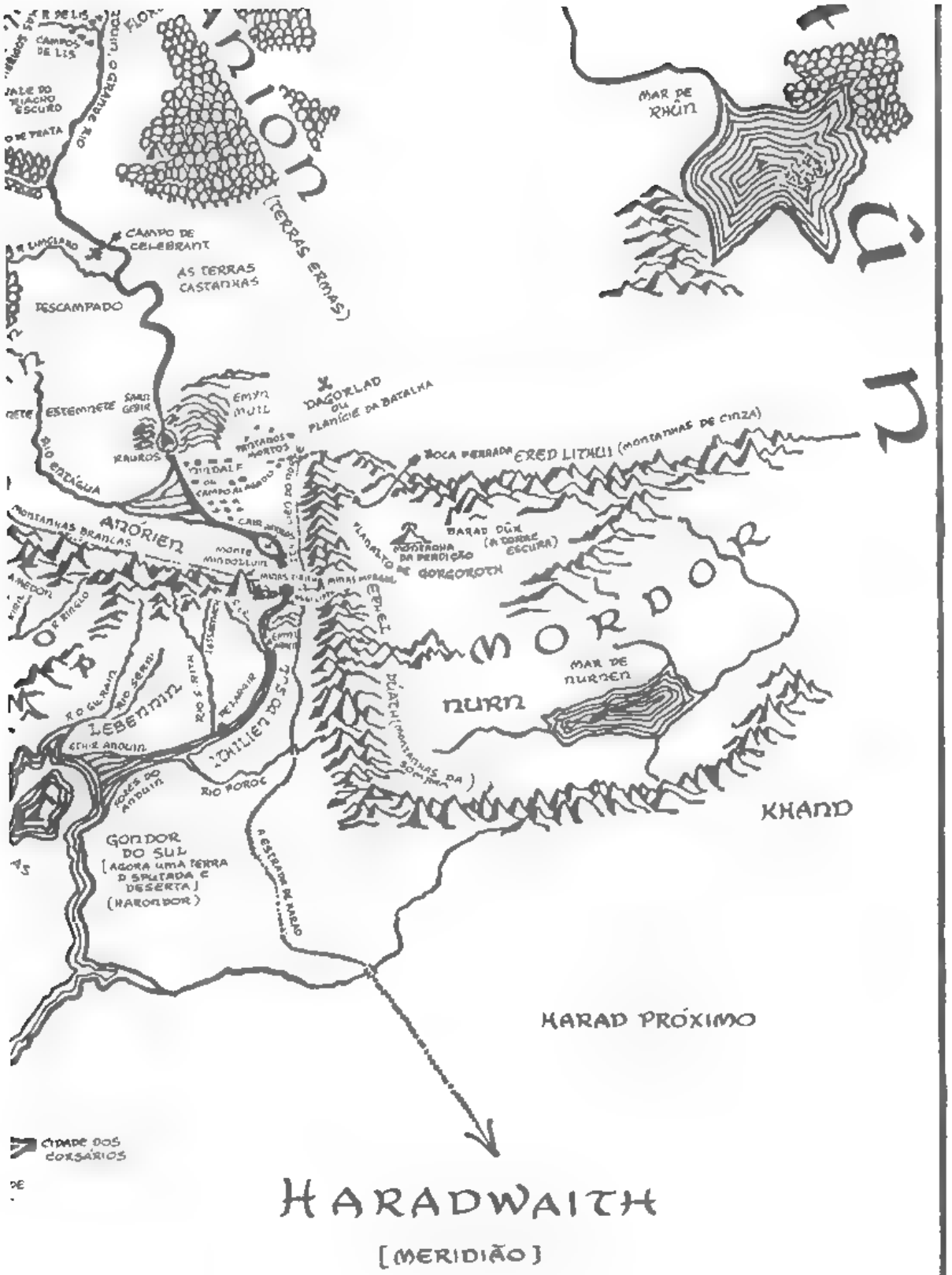
1
2
3
4
ERMOS DO NORTE
FORODWAITH
EREG MITHRIN
COLINAS DE FERRO
O REINO DE ARNOR
FORLINDON
ARNOR
RHOVANION
RHÛN
MIDHIRIATH
ENEDWAITH
ROHAN
ANDÚRIEN
GONDOR
MORDOR
ANFALAS
LEBENNIN
NURN
KHAND
A BAÍA DE BELFALAS
HARAD PROXIMO
HARADWAITH
[MERDÃO]
EXTREMO HARAD

1

ERMOS
FORODWAITH
CARN DÛM
BAIA DE GELO DE FORQUEL
O REINO DE ARNOR PERDIDO
AQUI FOI OUTRORA O REINO DOS BRUXOS DE ANGMAR
COLINAS DE VESPERTURNO
COLINAS DO NORTE
LAGO VESPERTURNO OU GENUAL
CHARNECA ETTEN
FORLINDON
EREG LUIN
RIO LUIN (LUN)
GRÃ CAVA NAS COLINAS BRANCAS
PONTE DO BRANDEVIN
FLORESTA DE TOPO DO VENTO
COLINAS DO VENTO
TOPO DO VENTO
MATAS DOS TROLIS
DAUR
VALFENDA
RHU
GRANDE ESTRADA DO LESTE
A ÚLTIMA PONTE
COLINAS DO SUL
PORTOS CINZENTOS
COLINAS DISTANTES
COLINAS DAS TORRES
O CONDADO
GOLFO DE LÛN
RIO RUDOSAGUA OU BRUINEN
RIO FONTEGRIS
O CAMINHO VERDE
EREGION (ARNEDAIN)
PORTÃO DE MORIA
HARLINDON
EREG LUIN
RIO BARANDUIN OU BRANDEVIN
MINHIRIATH
RIO GRÁTHLO OU CINZENTO
VELHA ESTRADA DO SUL
TERRA PARDA
ENEDWAITH
RIO ISEN
DESF. LADEIRO DE ROHAN
ABISMO DE HELM
EREG NIMRAIS
RIO LEFNUI
ANFALAS (PRAIA COMPRIDA)


do Norte
N
ERED MITHRIN (MONTANHAS CINZENTAS)
URZAL SECO
COLINAS DE FERRO
EREBOR, A MONTANHA SOLITÁRIA
ESGAROTH NO LAGO COMPRIDO
MONTANHAS DA FLORESTA DAS TREVAS
RIO CORANTE
RHOVANION
FLORESTA DAS TREVAS
(TERRAS ERMAS)
MAR DE RHÛN
RHÛN
CAMPO DE CELEBRANT
AS TERRAS CASTANHAS
DESCAMPADO
DAGORLAD OU PLANÍCIE DA BATALHA
ESTEMNIETE
RIO ENTAGULA
BOCA FERRADA
ERED LITHUI (MONTANHAS DE CINZA)
ANORIEN
MONTANHAS NIMBAS
PLANALTO DE GORGOROTH
MONTANHA DA PERDIÇÃO
MORDOR
MAR DE NURNEN
NURN
LEBENNIN
RIO POROS
GONDOR DO SUL
(AGORA UMA TERRA DISPUTADA E DESERTA)
KHAND


HARLINDON
EREDLUIN
RIO BRANDÓVIA OU BRANDÓVIA
O CAMINHO VERDE
RIO FONTEGRIS
EREGION (LAZEVIM)
PORTÃO DE MÓRIA
MINHIRIATH
RIO GWATHLÓ OU LINZENTO
ESTRADA DO SUL
TERRA PARDA
ENEDWAITH
FARG
ROHAN
DESFILADEIRO DE ROHAN
RIO ISEN
ABISMO DE HELM
EREDNIMRAIS
GONDOR
RIO LEFNUI
ANFALAS (PRAIA COMPRIDA)
DOL AMROTH
BELFALAS
A BAÍA DE BELFALAS
km 0 100 200 300 400
UMBAR
PORTOS DE UMBAR



HARADWAITH

[MERIDIÃO]

EXTREMO HARAD

{1} Conforme os relatos de Gondor, este rei era Argeleb II, o vigésimo da linhagem do Norte, que terminou com Arvedui, três séculos depois.

{2} Dessa forma, os anos da Terceira Era no registro dos elfos e dos Dúnedain podem ser achados somando-se 1.600 às datas do Registro do Condado.

{3} Representado de forma bastante reduzida no Apêndice B, até o final da Terceira Era.

{4} *Nome que os hobbits dão à Ursa maior.*

{5} *Todos os meses no calendário do Condado tinham trinta dias.*

{6} Havia trinta dias em março (ou Louvoso) no calendário do Condado.

{7} *Provavelmente o nome é de origem orc: charkú, "velho".*

{8} na Terra-média não restou nenhuma imagem de Laurelin, a Dourada.

{9} Ele era o quarto filho de Isildur, nascido em Imíadris. Seus irmãc foram mortos nos Campos de Lis.

{10} Após Eärendur, os reis deixaram de assumir nomes na forma do alto-élfico.

{11} Após Malvegil, os reis de Fomost mais uma vez reivindicaram (governo de toda Amor, e assumiram nomes com o prefixo ar(a) em sinal disso.

{12} O gado branco selvagem que ainda se podia encontrar peno do Mar de Rhún, pelo que contam as lendas, descendia do Gado de Araw, o caçador dos valar, o único dos valar que frequentemente vinha para a Terra-média nos Dias Antigos. Oromê é o seu nome emalto-élfico.

{13} Este é um povo estranho e hostil, remanescente dos forodwaith, homens de tempos muito distantes, acostumados ao frio rigoroso do reino de Morgoth. De fato, esse clima persiste ainda na região, embora se situe a pouco mais de cem léguas ao norte do Condado. Os lossoth constroem suas casas na neve, e conta-se que eles podem correr no gelo com os pés apoiados em ossos, e têm carroças sem rodas. Em sua maioria vivem, inacessíveis aos seus inimigos, no grande Cabo de Forochel, que isola a noroeste a imensa baia que leva o mesmo nome; mas eles frequentemente acampam nas praias do sul da baia, aos pés das Montanhas.

{14} Dessa forma foi salvo o anel da Casa de Isildur, já que depois ele foi

resgatado pelos dúnedain. Conta-se que era nada menos que o anel que Felagungo de Nargothrond deu a Barabir, e que Beren recuperou correndo grandes riscos.

{15} Estas eram as Pedras de Annúminas e Amon Súl. A única pedra que restou no norte era a que estava na Torre sobre Emyn Beraid, que dá para o Golfo de Lún. Ela foi guardada pelos elfos, e, embora nunca tenhamos sabido, permaneceu lá, até que Cirdan a colocou a bordo do navio de Elrond quando ele partiu. Mas conta-se que era diferente das outras e não estava em acordo com elas; a pedra só olhava para o mar. Elendil a colocou lá para que pudesse olhar para trás com uma "visão direta", e ver Eresséa no oeste desaparecido; mas os mares encurvados lá embaixo cobriam Númenor para sempre.

{16} Conta-nos o Rei que o cetro era o principal símbolo de realeza em Númenor; o mesmo acontecia em Amor, cujos reis não usavam coroa, mas traziam na testa uma única pedra, chamada Elendilnijr, Estrela de Elendil, presa por um filete de prata. Falando em uma coroa , Bilbo sem dúvida estava se referindo a Gondor; ao que parece, ele se inteirou dos assuntos concernentes á linhagem de Aragorn. Comenta-se que o cetro de Númenor desapareceu com Ar-Pharazôn. O de Annúminas era o bastão de prata dos Senhores de Andúnië, e talvez seja atualmente o mais antigo trabalho feito por homens Preservado na Terra-média. Já tinha mais de cinco mil anos quando Elrond o entregou a Aragorn. A coroa de Gondor derivou do formato de um capacete de guerra númenoriano. De fato, no inicio era apenas um elmo sem adornos; e comenta-se que foi o elmo usado por Isildur na Batalha de Dagorlad (pois o elmo de Anárion foi esmagado pela pedra desferida por Barad-dûr que o matou). Mas nos dias de Atanatar Alcarin esse elmo foi substituído por um outro adornado de jóias, que foi usado na coroação de Aragorn.

{17} Tanto o grande cabo como o porto de Umbar, todo bloqueado por terras, foram propriedade númenoriana desde os Dias Antigos, mas tratava-se de uma fortaleza dos homens do Rei, que posteriormente foram chamados de númenorianos negros, corrompidos por Sauron, e que Odiavam acima de tudo os seguidores de Elendil. Depois da queda de Sauron, sua raça minguou depressa, ou misturou-se com a dos homens da Terra-média, mas eles herdaram com a mesma intensidade o ódio por Gondor. Umbar, portanto, só foi tomada a um alto custo.

{18} Rio Corrente.

{19} Essa lei foi feita em Númenor (como nos contou o Rei) quando Tar-Aldarion, o sexto rei, deixou apenas um descendente, uma filha. Ela se tornou a primeira rainha governante, TarAncalimé. Mas a lei era diferente antes de sua época. Tar-Elendil, o quarto rei, foi sucedido por seu filho Tar-Meneldur, embora sua filha Silmarien fosse a mais velha. Entretanto, foi de Silmarien que Elendil descendeu.

{20} *E*sse nome significa Navio da Espuma Longa, pois a ilha tinha o formato de um grande navio com uma proa alta apontando para o norte, contra a qual a espuma branca do Anduin se quebrava sobre rochas pontiagudas.

{21} "Dei Esperança aos dúnedain, não guardei nenhuma esperança para mim".

{22} Este rio vem do oeste das Ered Nimrais e desemboca no Isen.

{23} As datas são dadas de acordo com o Registro de Gondor (Terceira Era). As que estão na margem referem-se ao nascimento e à morte.

{24} Isso se deve ao fato de que o seu braço que carregava o escudo foi quebrado pela maça do Rei dos Bruxos; mas este ficou reduzido a nada, e assim se cumpriram as palavras ditas por Glorfindel ao rei Eãmur muito tempo antes, de que o Rei dos Bruxos não cairia pela mão de um homem. Pois conta-se nas canções da Terra dos Cavaleiros que, nesse feito, Éowyn teve a ajuda do escudeiro de Théoden, que também não era um homem, mas um Pequeno, vindo de uma terra distante, embora tenha sido homenageado por Eomer, que lhe deu o nome de Holdwine.

(Esse Holdwine não era ninguém menos que Meriadoc, o Magnifico, Senhor da Terra dos Buques.)

{25} Ou a libertaram da prisão; pode muito bem ser que a criatura já tivesse sido despertada pela malícia de Sauron.

{26} Entre os quais estavam os filhos de Thráin II: Thorin (Escudo de Carvalho), Frerin e Dis. Thorin na época era um jovem pela contagem dos anões. Depois ficou-se sabendo que haviam escapado mais pessoas do Povo-sob-a-Montanha do que a principio se imaginara; mas a maioria deles dirigiu-se para as Colinas de Ferro.

{27} Azog era o pai de Bolg.

{28} Conta-se que o escudo de Thorin foi partido, e ele o jogou fora. Cortou então com seu machado um ramo de um carvalho e o segurava com a mão esquerda para se proteger dos golpes dos inimigos, ou para brandi-lo como um porrete. Dessa forma, ganhou seu nome (Thorin Escudo de Carvalho).

{29} Foi triste para os anões dispensar aos seus mortos tal tratamento, que era contra os seus hábitos; mas fazer os túmulos que estavam acostumados a construir (uma vez que eles depositam seus mortos na rocha, e não na terra) levaria muitos anos. Portanto, os anões recorreram ao fogo, preferindo isto a expor seu povo a animais, aves ou orcs carniceiros. Mas aqueles que caíram em Azanulbizar eram homenageados na lembrança, e até hoje um anão se refere com orgulho a um de seus antepassados: "ele foi um anão cremado", e isso é o suficiente.

{30} Eles tinham muito poucas mulheres. Dis, filha de Thráin, estava lá. Era a mãe de Fili e Kili, que nasceram nos Ered Luin. Thorin não era casado.

{31} 15 de março de 2941.

{32} Posteriormente ficou claro que Saruman começara então a desejar o Um Anel para si próprio, e esperava que ele pudesse se revelar, procurando seu mestre, se Sauron fosse deixado em paz por um tempo.

{33} Os dias e meses são dados de acordo com o calendário do Condado.

{34} Ela ficou conhecida como "a Bela" por causa de sua beleza; muitos diziam que ela mais parecia uma donzela élfica que uma hobbit. Tinha cabelos dourados, o que outrora era raro no Condado; mas duas outras filhas de Samwise também eram loiras, assim como muitas outras crianças nascidas nessa época.

{35} 120 da Quarta Era (Gondor)

{36} 365 dias, 5 horas, 48 horas e 46 segundos.

{37} No Condado, onde o Ano 1 correspondia a 1601 T.E. Em Bri, onde o Ano 1 correspondia a 1300 T.E., era o primeiro ano do século.

{38} Pode-se observar, olhando um Calendário do Condado, que a sexta-feira era o único dia em que nenhum mês começava. Assim, surgiu no Condado a expressão jocosa que consistia em falar "na sexta-feira, dia primeiro" ao designar um dia que não existia ou um dia em que poderiam ocorrer acontecimentos muito improváveis, como porcos voando ou (no Condado) árvores caminhando. A expressão completa era "na sexta-feira, dia primeiro de Cerrestio".

{39} Em Bri, era uma piada falar do "Cerrinverno no Condado (lamacento)", mas, segundo a gente do Condado, Hibernal era uma alteração, oriunda de Bri, do nome antigo, que originariamente se referia ao encerramento ou término do

ano antes do inverno, e descendia dos tempos anteriores à adoção plena do Registro dos Reis, quando para eles o novo ano começava após a colheita.

{40} Registrando nascimentos, casamentos e mortes nas famílias Tük, além de outros assuntos, tais como vendas de terras e vários acontecimentos do Condado.

{41} Portanto, na canção de Bilbo, usei sábado e domingo em vez de quinta-feira e sexta-feira.

{42} Na verdade, porém, o *yestarë* do Novo Registro ocorria mais cedo que no Calendário de Imladris, correspondendo neste último aproximadamente ao 6 de abril do Condado.

{43} Aniversário da primeira vez em que foi tocada no Condado, em 3019.

{44} Usualmente chamado em sindarin *Menelvagor, Q. Menelmacar.*

{45} Como em *galadhremmin ennorath* "regiões da Terra-média enredadas em árvores". *Remmirath* contém *rem* "malha", Q. *rembe,* + *mir* "jóia".

{46} Uma pronúncia bastante difundida de *é* e *ó* longos como *ei* e *ou,* mais ou menos como no inglês *say no,* tanto em westron como nas pronúncias de nomes em quenya por falantes de westron, é demonstrada por grafias como *ei, ou* (ou suas equivalentes nas escritas contemporâneas). Mas tais pronúncias eram consideradas incorretas ou rústicas. Naturalmente eram comuns no Condado. Portanto, aqueles que pronunciarem *yeni unotime* "anos-longos incontáveis" da forma que seria natural em inglês (isto é, mais ou menos como *yeyni unoutimi)* errarão pouco mais que Bilbo, Meriadoc ou Peregrin. Diz-se que Frodo tinha grande "habilidade com sons estrangeiros".

{47} Ver nota 2, p. anterior.

{48} Assim também em *Annün* "pôr-do-sol", *Amrün* "nascer do sol", sob a influência dos cognatos *dún* "oeste" e *rhún* "leste".

{49} Originariamente. Mas *iu* em quenya, na Terceira Era, pronunciava-se em geral como ditongo crescente, como *o yu* do inglês *yule.*

{50} A única relação em nosso alfabeto que pareceria compreensível aos eldar é a que existe entre P e B, e sua separação, tanto entre si como de F, M, V ter-lhes-ia parecido absurda.

{51} Muitos deles aparecem nos exemplos da página de rosto, bem como na inscrição da p. 51, transcrita nas pp. 263-4. Eram usados principalmente para exprimir sons vocálicos, em quenya geralmente considerados como modificações da consoante que os acompanhava, ou para exprimir com maior brevidade algumas das combinações consonantais mais frequentes.

{52} A representação dos sons, aqui, é a mesma usada nas transcrições descritas acima, exceto pelo fato de que o *ch* representa *ch* inglês em *church j* o som do *j* inglês é *zh* o som ouvido em *azure* e *occasion.*

{53} A inscrição do Portão Oeste de Moria dá o exemplo de um modo, usado na grafia do sindarin, em que o Grau 6 representava as nasais simples, mas o Grau 5 representava às nasais duplas ou longas muito usadas em sindarin: 17 = *nn,* mas 21 = *n.*

{54} Em quenya, em que o *a* era muito freqüente, seu sinal vocálico era muitas vezes omitido por completo. Assim, para *calma* "lâmpada", podia-se escrever *clm.* Isto seria naturalmente lido como *calma,* pois *cl* não era uma combinação inicial possível em quenya, e *m* nunca ocorria em posição final. Uma leitura possível era *calama,* mas não existia tal palavra.

{55} Para o *h* aspirado, usava-se originariamente em quenya uma simples haste elevada sem arco, chamada *halla* "alto". Ela podia ser colocada antes de uma consoante para indicar que esta era surda e aspirada; o r e o l surdos eram geralmente assim expressados, e são transcritos como *hr, hl.* Mais tarde, 33 passou a ser usado para *h* independente, e o valor de *hy* (seu antigo valor) foi representado pelo acréscimo do *tehta* de*y* subseqüente.

{56} Os valores entre ( ) são valores encontrados em uso apenas entre os elfos; *

marca cirth usados apenas pelos anões.

{57} Em Lórien nesse período falava-se sindarin, se bem que com "sotaque", pois a maior parte de sua gente era de origem Silvestre. Esse "sotaque" e seu limitado conhecimento de sindarin induziram Frodo a erro (como é destacado em *O Livro do Thain* por um comentarista de Gondor). Todas as palavras élficas citadas no Livro I, ii, caps. 6, 7, 8, são na verdade sindarin, assim como a maioria dos topónimos e antropônimos. Mas *Lórien, Caras Galadhon, Amroth, Nimrodel* são provavelmente nomes de origem Silvestre, adaptados ao sindarin.

{58} São palavras quenya, por exemplo, os nomes *Númenor* (ou, na forma plena, *Numenóre), e Elendil, Isildur e Anárion, e* todos os nomes reais de *Gondor,* incluindo *Elessar* "Pedra Élfica".
A maior parte dos nomes dos demais homens e mulheres dos dúnedain, tais como *Aragorn, Denethor, Gilraen,* são de forma sindarin, sendo muitas vezes os nomes de elfos ou homens relembrados nas canções e histórias da Primeira Era (como *Beren, Húrin).* Alguns poucos são de forma mista, como *Boromir.*

{59} Os Grados do Ângulo, que retornaram às Terras Ermas, já haviam adotado a Língua Geral, mas Déagol e Smeagol são nomes na língua humana da região próxima ao Rio de Lis.

{60} Exceto quando os hobbits aparentemente tentaram representar os murmúrios e chamados mais breves pronunciados pelos ents; *a-lalla-laUa-ritmba-kamanda-lindor-bwúme* também não é élfico, e é o único remanescente de uma tentativa (provavelmente muito imprecisa) de representar um fragmento de entês autêntico.

{61} Em alguns poucos lugares tentou-se sugerir essas distinções por meio de um uso as- sistemático de *tu.* Por ser este pronome atualmente incomum e arcaico, ele é empregado principalmente para representar o uso da linguagem cerimoniosa; mas uma substituição de *você* por *tu, ti* tem às vezes a intenção de mostrar, já que não existe outro modo de fazê-lo, uma mudança significativa das formas respeitosas, ou, entre homens e mulheres, das formas normais para as familiares.

{62} Em inglês, *Merry* significa "alegre, jovial". (N. doT.)

{63} Este processo linguístico não implica que os rohirrim se assemelhassem muito aos antigos ingleses sob outros aspectos, na cultura ou na arte, nas armas ou nos modos de guerrear, mas apenas de maneira geral, em função das circunstâncias: um povo mais simples e primitivo vivendo em contato com uma cultura mais elevada e venerável, ocupando terras que outrora haviam sido parte do seu domínio.

{64} "Caça" é game em inglês, e *wick, wich* são sufixos comuns de nomes de cidades ou aldeias, compondo *Gamwich,* "aldeia da caça". (N. Do T.)

{65} Em inglês, *Gamgee* é (fibra de) algodão, e a família Villa chama-se no original *Cotton,* que tanto pode significar *cottage-town,* "aldeia de chalés" como "algodão". (N. do T.)